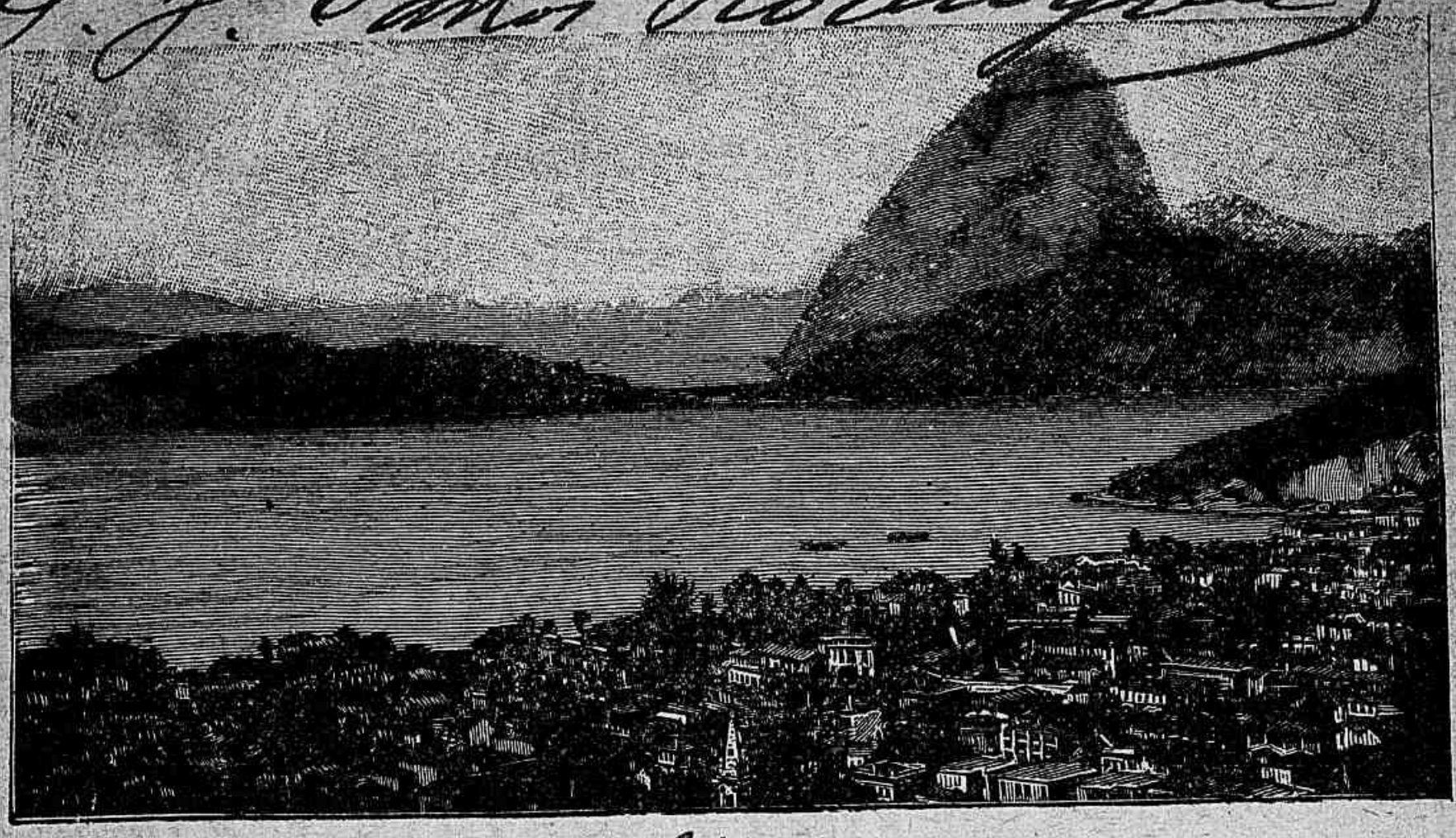
Rio de Ja

109, Rua do Ouv



Almanaque

Brasileiro

Garnier

HOMENAGEM DO EDITOR

para o anno de

— 1910 —

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

JOÃO RIBEIRO

Anno

GOTTA, CALCULOS
RHEUMATISMO

são **COMBATIDOS**

com bom **RESULTADO** pelos

Saes de Lithina Effervescentes

LE PERDRIEL

(Carbonato - Benzoato - Salicylato - Citrato - Glycerophosphato - Bromhydrato).

Superior a todos os outros dissolventes do acido urico, pela sua acção curativa sobre a propria diathese arthritica.

O acido carbonico **NASCENTES** que d'elle se desinvolve e se combina molecularmente com a Lithina e assegura a efficacia d'esta.

ESPECIFICAR o Nome "**LE PERDRIEL**" *para evitar a substituição de similares inactivos, impuros ou mal dosados.*

LE PERDRIEL, 11, Rue Milton, PARIS

E TODAS AS PHARMACIAS

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

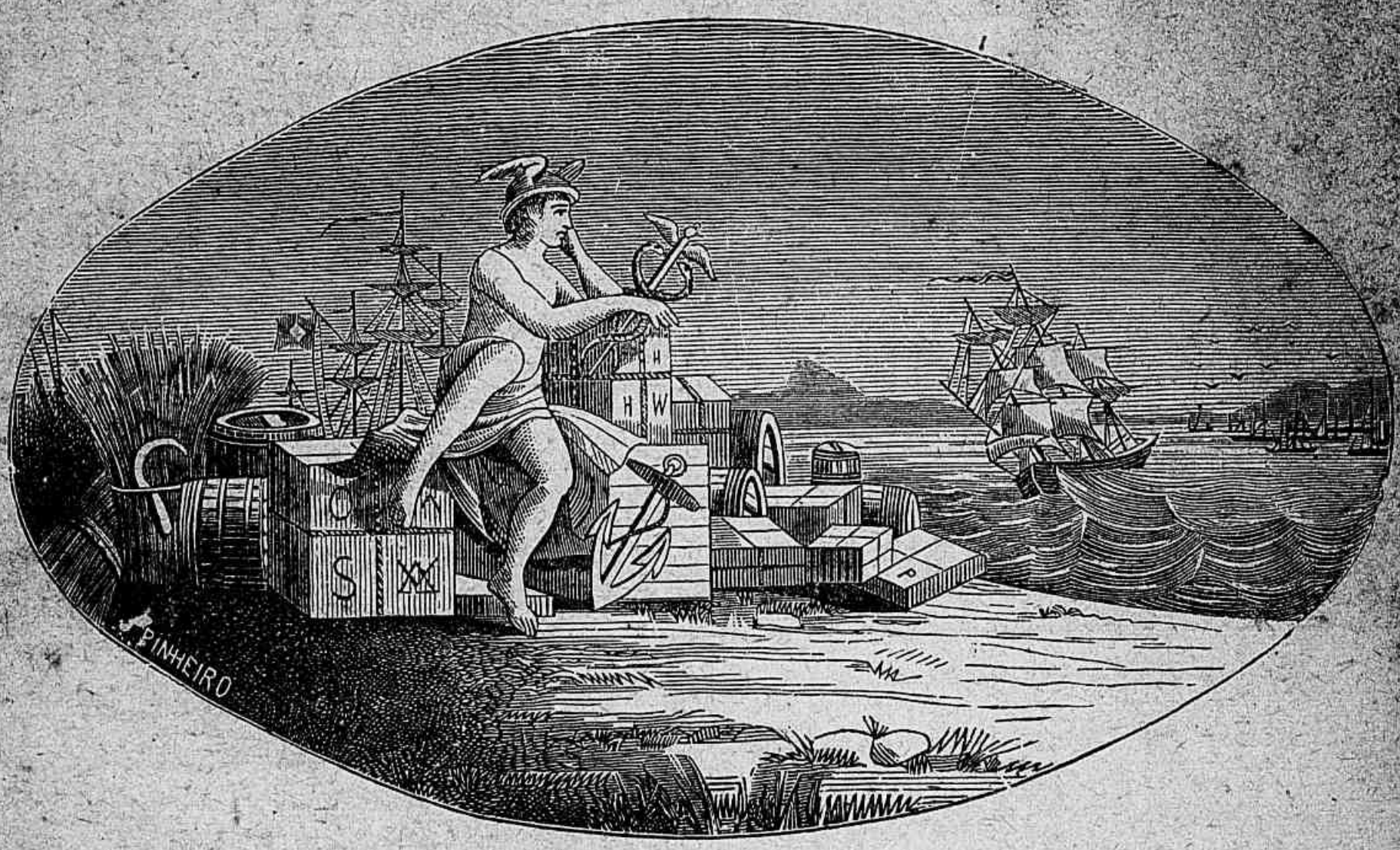
PREVIDENTE

Fundada em 1872

SÉDE NO RIO DE JANEIRO : Becco das Cancellas, nº 8, antigo nº 2

(1º Andar esquina da rua do Ouvidor)

Agencias em S. PAULO e SANTOS



Balanço de 31 de Dezembro de 1908 :

Capital emittido	2.500.000$000
Capital realizado	1.000.000$000
Fundo de reserva, lucros ao semestre seguinte e fundos disponiveis	961.968$496
Apolices de sua propriedade, valor nominal	2.000.000$000
Deposito no Thesouro	200.000$000

Valores segurados desde a fundação	3.282.661.414$404
Imdemnisações pagas	6.725.477$930
Dividendos distribuidos	3.469.500$000
Levou a credito do capital social	750.000$000

DIRECTORIA :

Commendador JOÃO ALVES AFFONSO ;
Conselheiro CAETANO PINHEIRO DA FONSECA;
BERNARDO PIRES VELLOSO SOBRINHO.

CONSELHO FISCAL :

CONDE DE VILLELA;
Commendador CARLOS ANTONIO D'ARAUJO E SILVA;
JOSÉ ANTONIO SOARES PEREIRA.

ANIODOL

Antiseptico Geral

SEM MERCURIO NEM COBRE.— Não tem cheiro, não faz nodoas.— Inalteravel.

Desodorifero universal

OBSTETRICIA — CIRURGIA — MOLESTIAS VENEREAS

SOLUÇÃO COMMERCIAL ao 1/100. (Uma colherada n'um litro d'agua para uso corrente).

SABÃO BACTERICIDO a base de ANIODOL 2%

Antisepsia das Mãos do Operador, das Partes operatorias. - DENTIFRICIO MODELO.

PÓ DE ANIODOL substitue e supprime o IODOFORMO

POR ATACADO: **Sociedade do ANIODOL, 32, Rue des Mathurins, Paris, e em todas as bóas casas.**

"LE MESSAGER DE S. PAULO"

10° ANNÉE

Organe défenseur des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud

Directeur-propriétaire

E. HOLLENDER

Rua Senador Feijó, 27

S. PAULO-BRASIL

Prix de l'abonnement : **12$000 rs.**

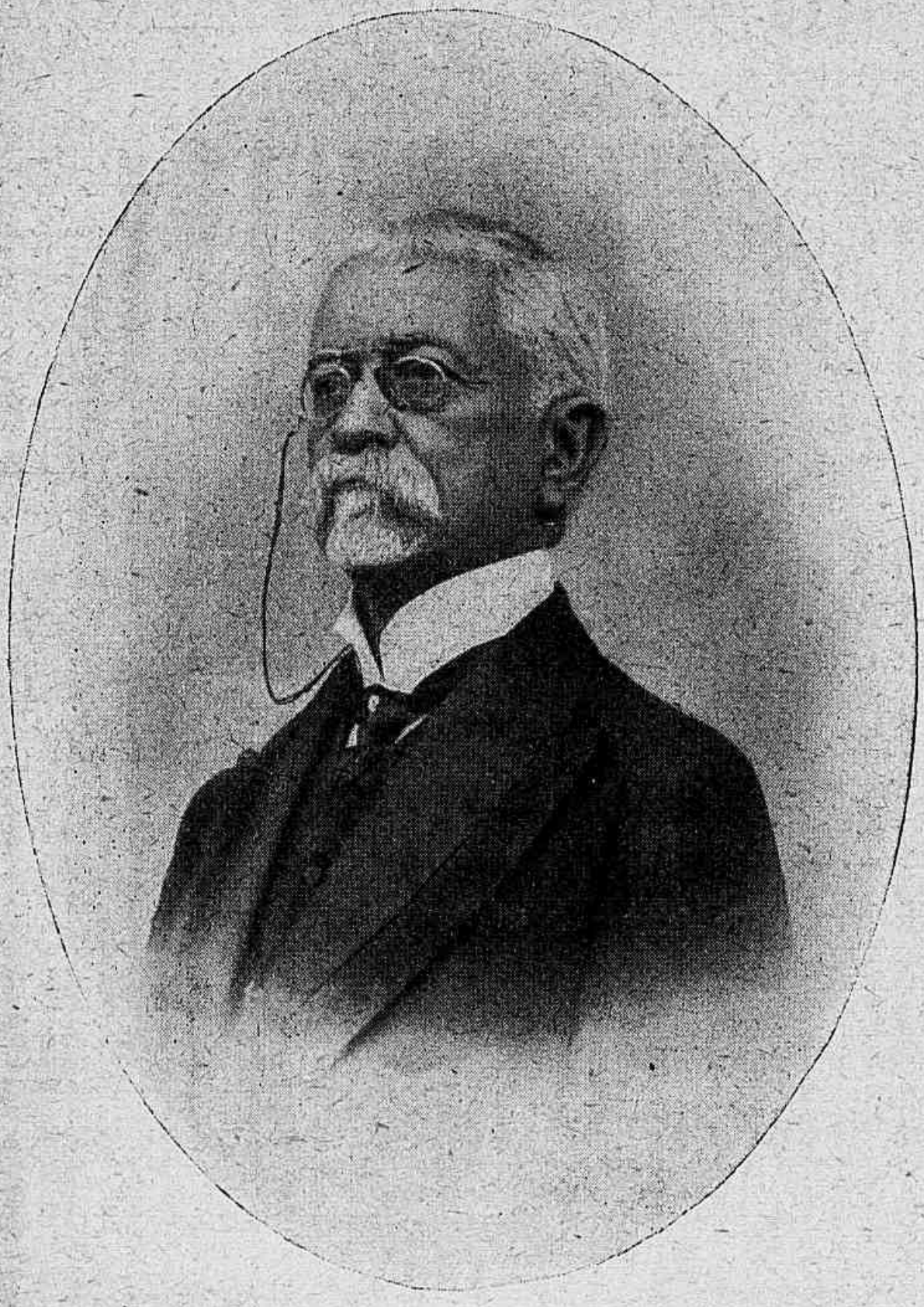
Etranger : **24$000 rs.**

5185
52

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

Dr. Affonso Penna

Falleceu no dia 14 de Junho de 1909, o Presidente da Republica brazileira, o Dr. Affonso Penna. Victima de molestia quazi fulminante, no momento em que no paiz se agitava a questão das candidaturas á successão na Presidencia, a sua morte foi um golpe inesperado e que produziu consternação profunda por todo o Brazil. Toda a nação chorou a sua morte como a de um dos maiores dos seus filhos. O Dr. Affonso Penna nasceu em Santa Barbara, Sabará, no Estado de Minas Geraes em 30 de novembro de 1847. Apoz um curso brilhante conquistou a carta de doutor parante a Faculdade de Direito de S. Paulo em 1871. Alistado no partido liberal da monarchia foi ministro da Guerra no ministerio Martinho Campos (1882) e n'esse tempo recebeu o titulo de conselheiro de Estado. Fez parte do ministerio Lafayette, cabendo lhe a pasta da Agricultura (1883) e no gabinete Dantas, foi ainda ministro da Justiça (1885). Sempre eleito das seus concidadãos foi parlamentar ininterruptamente de 1874 a 1889. anno em que desappareceu o antigo regimen. Na republica, foi eleito á constituinte mineira e afinal presidente do seu Estado natal em 1893.



No seu governo fundou a nova capital Bello-Horizonte, a cidade mais moderna, do Brazil, sumptuoza pelo seu traçado; criou a faculdade livre de Direito de Minas da qual foi director até que foi eleito vice presidente da Republica (1902). Em 1895 recuzou os cargos de Ministro no Uruguay e de Presidente do Supremo Tribunal, aceitando o de director do Banco da Republica (na presidencia de P. de Moraes). Afinal foi em 1905 eleito Presidente da Republica, tendo tomado posse do cargo no dia 15 de novembro do mesmo anno. Os seus serviços a patria ahi se augmentaram com a reorganização da marinha e do exercito, a viação ferrea, a Exposição nacional, a propaganda do Brazil no exterior, e outros trabalhos fecundos de paz e progresso. E por isso a sua memoria no coração do povo será sempe querida e abençoada.

Dr NILO PEÇANHA

Com o inesperado e sentidissimo fallecimento do Dr Affonso Penna, Presidente da Republica, tomou posse desse alto cargo o seu substituto legal, Dr NILO PEÇANHA eleito Vice-Presidente da Republica para a quatriennio de 1906 a 1910.

Bem moço ainda, ja tem entretanto, o chefe actual do governo um passado que offerece as melhores garantias de ordem, paz e prosperidade ao paiz na successão que lhe coube por força das prescripções constitucionaes.

Nascido em 1867, na cidade de Campos, Estado do Rio, o Dr Nilo Peçanha, ainda academico, ja fazia um nome brilhante como tribuno e publicista na campanha da abolição e logo após na propaganda republicana, de modo a impôr-se victoriosamente as suffragio das urnas na primeira eleição que se realisou sob o novo regimen, tendo recebido o mandato de deputado á Constituinte pouco depois de se graduar em direito na faculdade do Recife.

Iniciada assim a sua carreira politica, elle galgou rapidamente, como poucos dos seus contemporaneos, degráo a degráo, as posições que o levaram afinal á Vice-Presidencia da Republica.

Eleito Senador em 1903, achava-se no desempenho dessa alta deputação, quando, por voto instante dos seus correligionarios, diante das mais difficeis emergencias administrativas com que lutava o Estado de que era filho e representante, resolveu-se a aceitar o seu governo, resignando a Senatoria cujos deveres não exigiam o dispendio de forças e não representava o risco que essa nova posição lhe impunha. Nella, inilludivelmente, o joven politico ia dar as mais decisivas provas de si; ou salvava o Estado ou com elle afundaria numa funesta catastrophe, que o houvera annullado de então por diante aos olhos de todo o paiz.

Ainda hoje ecoôam os applausos unisonos com que o Brasil coroôu os ingentes e efficazes esforços, o poder de vontade excepcional e o engenho incontestavel com que elle metteu mãos a essa obra até vel-a traduzida em factos, de que resultou a reconstituição, o reequilibrio e a prosperidade do Estado fluminense. O nome do Dr Nilo Peçanha tornou-se assim um nome nacional, e foi isso que serviu de justo fundamento para sua eleição ao cargo que diante da imprevista fatalidade lamentada por todos, quasi ainda em meio do quatriennio, dá-lhe agora as responsabilidades supremas de Chefe do Estado, num momento bem sério para a vida da Republica.

O paiz inteiro espera e confia que elle se mostrará á altura da situação, como aconteceu com os outros estadistas republicanos a que até agora têm sido confiados os destinos das instituições que fundaram.

Chronologia=Calendario

FESTAS DA EGREJA CATHOLICA

Festas fixas.

Circumcisão do Senhor ..	1º de Jan.
Epiphania ou Reis	6 Jan.
S. Sebastião.....	20 Jan.
Purificação de N. S.ª.....	2 Fev.
Annunciação de N. S.ª...	25 Março.
S. João Baptista	24 Junho.
S. Pedro e S. Paulo (Apost.)	29 Junho.
Assumpção de N. S.ª.....	15 Agosto.
Natividade de N. S.ª.....	8 Sept.
Todos os Sanctos.....	1º Nov.
Imm. Conceição de N. S.ª.	8 Dez.
Nascimento de N. S.....	25 Dez.

Para ás festas moveis, póde-se de modo geral estabelecer a seguinte relação:

Conhecido o dia da Paschoa, 63 dias antes é a *Septuagesima;* 49 dias antes é o *Domingo gordo;* 7 dias antes, o *Domingo de Ramos;* 40 dias depois é a 5.ª feira da *Ascensão;* 50 dias depois é o *Domingo do Espirito Sancto* ou *de-Pentecoste;* 61 depois é *Corpo de Deus* (5.ª feira).

QUADRO DAS DATAS DA FESTA DA PASCHOA DESDE 1910 ATÉ AO ANNO 2000

ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA	
1910	Março	27	1933	Abril	16	1956	Abril	1	1980	Abril	6
1911	Abril	16	1934	»	1	1957	»	21	1981	»	19
1912	»	7	1935	Abril	21	1958	»	6	1982	»	11
1913	Março	23	1936	»	12	1959	Março	29	1983	»	3
1914	Abril	12	1937	Março	28	1960	Abril	17	1984	»	22
1915	»	4	1938	Abril	17	1961	»	2	1985	»	7
1916	»	23	1939	»	9	1962	»	22	1986	Março	30
1917	»	8				1963	»	14	1987	Abril	19
1918	Março	31	1940	Março	24	1964	Março	29	1988	»	3
1919	Abril	20	1941	Abril	13	1965	Abril	18	1989	Março	26
			1942	»	5	1966	»	10			
1920	Abril	4	1943	»	25	1967	Março	26	1990	Abril	15
1921	Março	27	1944	»	9	1968	Abril	14	1991	Março	31
1922	Abril	16	1945	»	1	1969	»	6	1992	Abril	19
1923	»	1	1946	»	21				1993	»	11
1924	»	20	1947	»	6	1970	Março	29	1994	»	3
1925	»	12	1948	Março	28	1971	Abril	11	1995	»	16
1926	»	4	1949	Abril	17	1972	»	2	1996	»	7
1927	»	17				1973	»	22	1997	Março	30
1928	»	8	1950	»	9	1974	»	14	1998	Abril	12
1929	Março	31	1951	Março	25	1975	Março	30	1999	»	4
			1952	Abril	13	1976	Abril	18	2000	»	23
1930	Abril	20	1953	»	5	1977	»	10			
1931	»	5	1954	»	18	1978	Março	26			
1932	Março	27	1955	»	10	1979	Abril	15			

QUADRO DAS FESTAS MOVEIS (1910 a 1912)

Annos.	Letra dominical.	Aureo numero.	Epacta.	Indicção romana.	Septuagesima.	Sexagesima.	Quinquagesima.	Dia de cinzas.	Paixão de N. S.	Paschoa.	Ascensão de N. S.	Pentecoste.	SS. Trindade.	Corpo de Deus.	1º Domingo do Advento.
1910	B	11	XIX	8	9 Jan.	16 Jan.	23 Jan.	9 Fev.	20 Março	27 Março	5 Maio	15 Maio	22 Maio	26 Maio	27 Nov.
1911	A	12	XXX	9	12 Fev.	19 Fev.	26 Fev.	1 Março	2 Abr.	16 Abr.	25 Maio	4 Junho	11 Junho	15 Junho	3 Dez.
1912	GF	13	XI	10	4 Fev.	11 Fev.	18 Fev.	21 Fev.	24 Março	7 Abr.	16 Maio	26 Maio	2 Junho	6 Junho	1 Dez.

O Calendario Gregoriano

A correcção Juliana feita aos calendarios antigos não foi sufficiente, porque deu ao anno tropico exactamente 365 dias e 6 horas, quando em verdade elle só tem 365 dias 5 horas e 49 minutos. Havia portanto um êrro de 11 minutos para mais em cada anno; este êrro accumulado produziu um dia em 129 annos, 2 em 258 e assim por deante. Em 1582 esses 11 minutos excedentes haviam produzido 10 dias de mais.

Para corrigir o êrro, o papa Gregorio XIII, auxiliado pelo astronomo Luiz Lilio, ordenou que se supprimissem dez dias no mez de Outubro de 1582, passando-se de 4 para 15. Assim, no anno seguinte, já o equinoccio da primavera caïu a 21 de Março, e ficou remediado o êrro que até então se commettera.

Para prevenir o êrro futuro, que havia de provir da successiva accumulação dos 11 minutos, ordenou egualmente que se fizessem tres equações solares ou se supprimissem tres dias nos tres primeiros annos centesimos de cada cyclo de 400 annos, a começar em 1700.

Assim 1700 e 1800 que deviam ser bissextos deixaram de sê-lo; 1900 tambem o não foi, e só 2000 ficará bissexto.

Tal é a reforma gregoriana acceita hoje quasi geralmente pelos povos civilizados. Na Europa só os Gregos e Russos não a abraçaram; seguem ainda o calendario juliano, contando actualmente mais 13 dias do que nós: 10 que se omittiram em Outubro de 1582 e mais 3 dos annos centesimos — 1700, 1800 e 1900, — que para elles fôram bissextos.

A maneira de contar pelo calendario juliano diz-se *estylo velho*, e o do calendario gregoriano *estylo novo*.

Na correspondencia usam escrever as duas datas á maneira de quebrado, ficando a do estylo velho em numerador, ex.:

$\frac{17}{30}$ de Janeiro de 1906.

A reforma gregoriana foi adoptada em França no mesmo anno de 1582, na Allemanha catholica em 1584, na Polonia em 1586, na Allemanha protestante em fins do seculo XVII e na Inglaterra só em 1752.

Augusto Comte, fundador do Positivismo, propoz um calendario novo, que é acceito pelos sectarios da doutrina. Segundo elle, o anno é dividido em 13 mezes eguaes, de 28 dias ou quatro semanas cada um, tendo mais um dia complementar, o ultimo do anno, que é consagrado á commemoração geral dos mortos. Nos annos bissextos junta-se a este dia complementar mais outro, que Comte consagrou ás mulheres sanctas.

Cada mez é dedicado a um dos seguintes grandes vultos na historia da civilização:

Moisés, Homero, Aristoteles, Archimedes, Cesar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichat.

A era positivista adoptada começa a 1º de Janeiro de 1789.

O Calendario Ecclesiastico

O fim unico do calendario ecclesiastico é determinar a primeira lua cheia do outomno, visto como todas as festas moveis do anno dependem da Paschoa, que deve celebrar-se no primeiro domingo seguinte á lua cheia depois do dia 21 de Março.

Para determinar o dia da Paschoa empregam-se os seguintes meios: *cyclo lunar*, *aureo numero*, *epacta*, *edade da lua*, *cyclo solar*, *letra dominical* e *determinação do dia da semana*.

Cyclo lunar. — É o periodo de 19 annos solares ou de 235 lunações synodicas. O 1.º anno da era vulgar foi o 2.º d'um cyclo lunar.

Novo cyclo lunar. — É o periodo de 2.500 annos, durante os quaes se fazem 8 equações lunares, para fazer desapparecer o excesso de 8 dias que haveria no fim d'esse tempo. Estas equações fazem-se, as sete primeiras do 300 em 300 annos, e a ultima, a 8.ª, depois de 400 annos. Assentado que um dos cyclos de 2.500 annos acabasse em 1.500 da era vulgar, e principiasse outro cyclo em 1501, a 1.ª equação lunar fez-se em 1800, a 2.ª se fará em 2100 e assim por deante.

Aureo numero. — É o numero que indica o anno, em que se está, do cyclo lunar.

Epacta. — É o numero de dias que tem a lua, ou a edade d'ella, no principio do anno civil.

Cyclo solar. — É o periodo de 28 annos, decorridos os quaes, os dias dos mezes tornam a caïr nos mesmos dias da semana. O 1.º anno da era vulgar, foi o 10.º d'um cyclo solar.

Letra dominical. — É a letra que corresponde ás datas dos domingos d'um anno qualquer. Fôram para isto adoptadas as sete primeiras letras do alphabeto, as quaes, escriptas invariavelmente na ordem alphabetica desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro representam os sete dias da semana.

Supponha-se que o anno começa numa quinta-feira. Sendo *A* a letra do dia 1.º de Janeiro, á sexta-feira corresponde *B*, ao sabbado *C* e ao domingo *D*; logo *D* será a letra dominical d'esse anno.

Seculo XX

N'este seculo haverá 1.000 eclipses — 650 do sol e 350 da lua.

Terá 25 annos bissextos e o mez de Fevereiro terá, por tres vezes, cinco domingos: em 1920, em 1948 e em 1986.

Um presunto pode ser coberto de louros nunca, porém, de gloria.

O anno bissexto tem duas letras dominicaes.

Cyclo da indicção romana. — É um periodo de 15 annos, adoptado pelo Concilio de Nicéa desde o anno 325 da nossa era, para substituir a notação das olympiades. É usado nas datas dos Concilios, e os pontifices ainda hoje o empregam nas datas dos seus diplomas.

Como determinar o aureo numero?

Junta-se 1 ao anno dado, e divide-se a somma por 19. O resto da divisão é o numero, que se procura.

Como determinar a epacta?

Multiplica-se o aureo numero do anno dado por 11; ao producto tiram-se 10 unidades e mais tantas unidades quantas equações solares tiver havido desde 1700 *inclusive;* ao resto juntam-se tantas unidades quantas equações lunares tiver havido desde 1500. Si o resultado fôr inferior a 30, é essa a epacta; si fôr superior, divide-se por 30, e o resto é a epacta pedida.

Como determinar a edade da lua?

Junta-se á data do mez a epacta do anno e mais tantas unidades quantos mezes tiverem decorrido desde Março inclusive. Si o mez dado fôr Janeiro ou Fevereiro, procede-se como si Janeiro fôsse Março, e Fevereiro fôsse Abril. Si a somma fôr inferior a 29 ou 30, dá a edade da lua; si fôr superior, tiram-se d'ella 30, e o resto é o numero que se procura. Ex.: A edade da lua no dia 12 de Julho de 1889 foi de 14 dias (lua cheia), porque: $12 + 28 + 4 = 44$, $44 - 30 = 14$.

Como determinar que anno é do cyclo solar um anno qualquer?

Juntem-se 9 ao anno dado, e divida-se a somma por 28; o resto é o numero pedido.

Como determinar a letra dominical d'um anno qualquer da nossa era?

1.º caso. Anno anterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se o quociente ao anno dado, e juntam-se a esta somma mais 12 unida-

AGUA INGLEZA DE GRANADO

Approvada pela Directoria Geral de Saúde publica

TONICA, ANTI-FEBRIL E APERITIVA

Receitada pela maioria dos Snrs Medicos

GRANADO & Cia

Rua 1º de Março nº 12

RIO DE JANEIRO

des; divide-se a somma total por 7. O resto indica a letra dominical na tabella seguinte

G	F	E	D	C	B	A
1	2	3	4	5	6	0

contando-se pela ordem retrograda do alphabeto e directa dos numeros. Si o resto é 0, a letra dominical é A.

2.º caso. Anno posterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se ao quociente o anno proposto; juntam-se mais a esta somma 12 unidades; tiram-se 10 unidades (correcção gregoriana) e mais tantas unidades quantas equações solares tiverem decorrido desde 1601. A differença divide-se por 7, e o resto mostrará a letra dominical na tabella.

N. B. Si se trata de anno bissexto, o resto da divisão por 7 indica a segunda das duas dominicaes, e a primeira (a que regula até 24 de Fevereiro) é a que se segue áquella na ordem directa do alphabeto. Si o resto da divisão indica *B*, as letras dominicaes são *CB*.

Como determinar a indicção romana?

Junte-se 3 ao anno dado, e divida-se a somma por 15. O resto, si o ha, mostra a indicção; si não ha resto, isso indica que o anno dado é o ultimo do cyclo de 15 annos.

Como determinar a data da Paschoa em um anno dado?

O meio mais expedito é o que se segue: 1.º Divida-se por 19 o millesimo dado acrescentado de 1 unidade. 2.º Achado assim pelo resto da divisão o *aureo numero*, tire-se-lhe 1 unidade, multiplique-se por 11 e do producto tirem-se todos os multiplos de 30; o resto é a *epacta*. 3.º Subtraia-se de 44 o numero da epacta. Si ella fôr menor que 24, tereis a data do mez de Março em que cae a lua cheia da Paschoa. Si a epacta fôr de 25 a 30, subtraia-se de 43, e o resto dar-nos-ha a data do mez de Abril em que cae a lua cheia. Si a epacta fôr exactamente 24, a lua cheia caírá a 19 de Abril. A Paschoa é o domingo que se segue a esta lua cheia, e o domingo se acha por meio da *letra dominical*.

Ex.:

Em que data caïu a Paschoa de 1898?

1.º Dividamos (1898 + 1) 1899 por 19; o resto 18 é o *aureo numero*. 2.º Multiplicando (18 — 1) 17 × 11, teremos 187, dos quaes subtrahidos (180) todos os multiplos de 30, teremos 7, que é a *epacta*. 3.º Subtrahindo 7 de 44 =37. Portanto o 37 de Março ou 6 de Abril será a data da lua cheia.

Ora, sendo *B* a letra dominical do anno proposto, segue-se que o 1.º de Janeiro caïu em sabbado (A), e portanto 6 de Abril será quarta-feira. Logo o domingo seguinte, que é o da Paschoa, caïu em 10 de Abril. E' esta a solução do problema.

N. B. Para facilitar-se o cálculo, são muito uteis o calendario (A) e a Tabella (B) que se seguem:

A. Calendario perpetuo, ou Tabella que dá o nome de qualquer dia do mez, desde que se sabe o nome do primeiro dia do mesmo mez.

Dias do mez	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado	Domingo
1	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
2	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
3	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
4	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
5	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
6	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
7	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
8	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
9	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
10	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
11	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
12	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
13	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
14	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
15	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
16	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
17	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
18	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
19	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
20	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
21	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
22	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
23	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
24	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
25	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
26	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
27	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
28	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
29	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
30	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
31	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que 1.º de Janeiro foi um sabbado?

Tome-se a columna — Sabbado — e desça-se até 31, em que se lê *Segunda-feira* na casa correspondente ; tome-se o 1.º de Fevereiro na columna — Terça-feira, — vá até 28 (porque 1898 não é bissexto, onde se lê *Segunda-feira;* tome-se o 1.º de Março na columna — Terça-feira, — desça-se até 31 onde se lê *Quinta-feira;* tome-se finalmente o 1.º de Abril na columna *Sexta-feira*, e em frente ao n. 10 encontra-se *Domingo*, que é o que procuramos. Logo 10 de Abril de 1898 caïu em domingo.

A tabella seguinte ainda mais abrevia este trabalho. Effectivamente o algarismo indicado nas columnas Fevereiro, Março, Abril, etc. é o numero de dias que se deve acrescentar ao dia do 1.º de Janeiro para ter o 1.º de Feve-

reiro, o 1.º de Março, o 1.º de Abril, etc. Conhecido o dia da semana do 1.º do mez, facil é achar o dia da semana de qualquer data do mez.

B. Tabella que dá o nome do 1.º de cada mez, quando se sabe o dia da semana em que caïu o 1.º de Janeiro.

ANNOS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Não-bissextos.....	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
Bissextos.....	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que o 1.º de Janeiro foi um Sabbado ?

Na columna — Abril — temos para 1.º de Abril o algarismo 6, o qual significa que se deve acrescentar 6 dias ao dia da semana do 1.º de Janeiro para termos o dia da semana do 1.º de Abril. Ora sabbado + 6 dias = sexta-feira. Recorrendo então á tabua A, desce-se pela columna Sexta-feira até 10, e acha-se *Domingo*. Logo caïu em domingo o 10 de Abril de 1898.

A tabella seguinte *C* dá a solução de outro problema, que muitas vezes na vida se precisa resolver com presteza, isto é : saber o numero de dias que decorrem entre duas datas.

C. Tabella, pela qual se calcula o numero de dias decorridos entre um dia dado e um dia de outro mez.

MOLESTIAS DO PEITO

Tosses, bronchites, asthmas, rouquidões, coqueluches, constipações, etc. Curam-se com o antigo e afamado

XAROPE PEITORAL de ANGICO COMPOSTO

O grande numero de attestados de distinctos clinicos e de innumeros doentes que têm achado neste xarope a cura das suas doenças, incitam-nos a recommendal-o ao publico como o mais efficaz dos medicamentos na cura de todas as molestias do peito.

Prepara-se na

PHARMACIA BRAGANTINA

105, Rua Uruguayana, 105 — RIO DE JANEIRO

Vende-se em qualquer pharmacia e drogaria

DE	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Janeiro.....	365	334	306	275	245	214	184	153	122	92	61	31
Fevereiro.....	31	365	337	306	276	245	215	184	153	123	92	62
Março.....	59	28	365	334	304	273	243	212	181	151	120	90
Abril.....	90	59	31	365	335	304	274	243	212	182	151	121
Maio.....	120	89	61	30	365	334	304	273	242	212	181	151
Junho.....	151	120	92	61	31	365	335	304	273	242	212	182
Julho.....	181	150	122	91	61	30	365	334	308	273	242	212
Agosto.....	212	181	153	122	92	61	31	365	334	304	273	243
Septembro.....	243	222	184	153	123	92	62	31	365	335	304	274
Outubro.....	273	242	214	181	153	122	92	61	30	365	334	304
Novembro.....	304	273	245	214	184	153	123	92	61	31	365	335
Dezembro.....	334	308	275	244	214	183	153	122	91	61	30	365

N. B. Para os annos bissextos, acrescente-se 1 aos numeros da tabella.

Exemplos : 1.º Quantos dias decorrem entre 16 de Outubro e 16 de Julho seguinte?

Procure-se a columna vertical — Outubro, — e desça-se até chegar á linha horizontal correspondente a Julho : achar-se-ha 273, que é o numero de dias procurado.

2.º Quantos dias vão de 16 de Fevereiro a 18 de Agosto?

Entre 16 e 18 ha 2 dias. Na columna — Fevereiro, — em face de Agosto, acha-se o algarismo 181. Entre as datas propostas ha portanto (181 + 2) 183 dias.

Bençãos matrimoniaes

Prohibem-se as bençãos matrimoniaes desde quarta-feira de Cinzas até o primeiro domingo depois da Paschoa, e desde o primeiro domingo do Advento até o dia Reis.

Ferias forenses

Além dos domingos e dias de festa nacional, são feriados na Justiça Federal e no Districto Federal os dias 1º de Fevereiro a 31 de Março.

AS CRIANÇAS,

MAES, amas de leite, convalescentes e velhos devem usar o **Myosthenio Macedo Soares**. Elle reune elementos tonicos consideraveis, que o recommendam em todos os casos em que a economia reclama o emprego de um reconstituinte geral do organismo.

Para as **crianças** no periodo do crescimento, tem a vantagem de o auxiliar e prevenir o **rachitismo**; é superior ao **oleo de figado de bacahau e suas emulsões, aos vinhos e aos elixires**. **A'S MÃES**, durante a gravidez, sustenta as forças, durante a amamentação favorece a lactação tornando o leite abundante de phosphatado. Nas **convalescenças**, é util para a reparação rapida das forças, fornecendo ao organismo uma consideravel quantitade de principios tonicos, o que se verifica pelo rapido augmento do peso, emfim, é util aos **velhos**, porque neste periodo da vida as funcções organicas resentem-se do enfraquecimento dos orgams, consequencia natural da edade e do trabalho, e só no **Myosthenio** encontram o salutar recurso para se revigorar. Os seus effeitos admiraveis são comprovados pelos seguintes documentos de dois provectos clinicos:

« Attesto que o **Myosthenio,** preparação liquida do sr, pharmaceutico Samuel de Macedo Soares, é um poderoso tonico nervino, cuja administração deve ser aconselhada aos **esgotados, aos convalescentes, ás crianças debeis** e em todos os casos em que ha necessidade do levantamento de forças. Não irrita a mucosa do estomago, por ter como vehiculo a **glycerina** e não o alcool.

O referido é verdade, o que attesto « in-fide gradus medici ».

Dr. João José Ribeiro Junior. »

«Illmo sr. Samuel de Macedo Soares — Com satisfação communico-vos que tenho usado em minha clinica, obtendo resultados animadores, o vosso **Myosthenio** excellente preparado, de segura efficacia nos casos de **lymphatismo e perda de forças.**

Dr. Xavier da Silveira. »

O **Myosthenio** encontra-se em S. Paulo na **Pharmacia Aurora,** rua Aurora, 57.

A's Exmas. Sras. mães de familia

exhortamos a que nunca deixem de ter em casa um vidro do XAROPE DE GRINDELIA COMPOSTO.

Com este medicamento podem facilmente combater, logo em principio, toda *bronchite, asthma* e *influenza*, tão frequentes nesta capital. Para que se certifiquem da efficacia deste medicamento, basta que leiam os documentos infra, dos venerandos clinicos e tres dos medicos mais eminentes do Brazil;

« Attesto que o **xarope de Grindelia composto,** do pharmaceutico **Samuel de Macedo Soares**, é preparado com medicamentos de acção therapeutica, efficaz contra as affecções catharrhaes das vias respiratorias.

Empregando-o na *bronchite asthmatica*, obtive bom effeito. E, como a preparação é muito bem feita, parece-me poder este xarope substituir com vantagem os preparados estrangeiros congeneres.

Isso affirmo *in fide gradus.*

Dr. Antonio Felicio dos Santos. »

Attesto que, a pedido de um distincto collega, empreguei em um doente da Liga contra a tuberculose — o **xarope de Grindelia composto**, preparado pelo pharmaceutico Samuel de Macedo Soares; e que esse doente accusou effeito sedativo sobre a sua tosse, que muito o incommodava.

O referido é verdade, o que affirmo sob o juramento de meu gráo.

Dr Bento Maria da Costa.

Attesto que tenho empregado com resultados vantajosos o **Xarope de Grindelia Composto,** habilmente preparado pelo pharmaceutico Samuel de Macedo Soares, nas affecções bronchiaes das crianças, de forma sub-aguda e chronica.

O referido é verdade e eu o affirmo,

Dr C. Barata Ribeiro.

Um vidro 2$500 e pelo correio custa 3$000. Deposido geral: *Pharmacia Aurora*, rua Aurora, 55. S. Paulo.

O PHILODERMA

approvado pela Directoria Geral de Saúde Publica Federal, é um preparado especial do pharmaceutico Samuel de Macedo Soares, efficaz nas dermatoses chronicas, como SARDAS, ESPINHAS, CRAVOS e PANNOS. O *Philoderma* tem sido empregado entre nós, com bons resultados, pelos especialistas, que o consideram um especifico de todas as dermatoses. Seu uso é tão vantajoso que quem uma vez se serviu deste util preparado, o prefere depois a todos os congeneres. Encontra se em S. Paulo na *Pharmacia Aurora*, rua Aurora, 55.

O ANNO DE 1910

Anno de 1910 dos Calendarios Juliano e Gregoriano começando o Juliano a 14 de Janeiro.

6623 do periodo Juliano.

5670 da era hebraica, começa a 9 de Setembro de 1909 e o anno 5671 começa a 26 de Setembro de 1910.

2663 da fundação de Roma, segundo Varron.

1327 da hejira, calendario Turco, começa n'uma quinta-feira 14 de Fevereiro de 1909 e o anno 1328 começa a 4 de Fevereiro de 1910.

118 do calendario republicano francez, começa n'uma terça-feira 24 de Setembro de 1909 e o anno 119 começa a 23 de Setembro de 1910.

46 de 76º cyclo do calendario chinez, começa a 13 de Fevereiro de 1909, e o anno 47 começa 2 de Fevereiro de 1910.

21º anno da Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

22º da extincção da escravidão do Brasil.

88º da Independencia Nacional.

408º do descobrimento do Rio de Janeiro.

410º do descobrimento do Brasil.

418º do descobrimento da America.

Computo ecclesiastico.

Aureo numero	II
Epacta	XIX
Indicção	8
Letra dominical	B

Temporas

11, 13 e 14 de Março.
10, 12 e 13 de Junho.
16, 18 e 19 de Setembro.
16, 18 e 19 de Dezembro.

Festas religiosas moveis.

Carnaval	6 Fev.
Cinzas	9 Fev.
Domingo de Paschoa	27 Março
Ascensão	5 Maio
Espirito-Sancto	15 Maio
Trindade	22 Maio
Corpo de Deus	26 Maio
Domingo do Advento	27 Nov.

Festas religiosas fixas.

1º Jan. — Circ. de N.-S.
6 » — Epiphania (Reis).
20 » — S. Sebastião (no arceb. do Rio de Janeiro).
25 Jan. — Conv. de S. Paulo (no bisp. de S. Paulo).
2 Fev. — Purificação de Nª. S.ª.
25 Mar. — Annunciação de Nª. S.ª.
24 Jun. — S. João Baptista.
29 » — S. Pedro e S. Paulo.
15 Ag. — Assumpção de N.ª S.ª.
8 Set. — Natividade de N.ª S.ª.
1º Nov. — Todos os Sanctos.
2 Nov. — Finados.
8 Dez. — Immaculada Conceição de N.ª S.ª.
25 » — Nascimento de N. S. Jesus Christo.

Os eclipses do sol

Os futuros eclipses do sol realisam-se nas seguintes datas, sendo visiveis nos pontos abaixo indicados.

Em 9 de Maio de 1910 — Nas regiões antarcticas.

Em 28 de Abril de 1911 — Na Australia.

Em 17 de Abril de 1912 — No sudoeste de Paris (pequena duração).

Em 21 de Agosto de 1914 — Noruega, Russia e Indias.

Em 3 de Novembro de 1916 — Na America do Sul e Açores.

Em 8 de Junho de 1918 — Nos Estados Unidos da America do Norte.

Em 29 de Maio de 1919 — Na America do Sul e Africa.

Em 1 de Outubro de 1921 — Nas regiões antarcticas.

Em 31 de Setembro de 1922 — Na Australia.

Em 16 de Setembro de 1923 — No estado do Texas (America do Norte).

Em 24 de Janeiro de 1925 — Nos Estados Unidos (Oceano Atlantico).

Em 14 de Janeiro de 1926 — Na Africa, Oceano Indico e em Bornéo.

Em 3 de Janeiro de 1927 — No Oceano Atlantico.

Em 29 de Junho de 1927 — Na Inglaterra e Noruega.

FESTAS NACIONAES BRASILEIRAS

1.º Jan. — Confraternização da humanidade.
24 Fever. — Promulgação da Constituição federal, em 1891.
21 Abril — Execução de Tiradentes, em 1792.
3 Maio — Descobrimento do Brasil, em 1500.
13 Maio — Extincção da escravatura, em 1888.
14 Julho — Commemoração da Republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.
7 Set. — Independencia do Brasil, em 1822.
12 Out. — Descobrimento da America, em 1492.
2 Nov. — Commemoração geral dos mortos.
15 Nov. — Proclamação da Republica, em 1889.

FESTAS ESTADUAES

Amazonas — 13 Mar. — Promulgação da Constituição estadual.
1º Jul. — Installação do Congresso Constituinte.
10 Jul. — Libertação dos escravos.
5 Set. — Creação da provincia do Amazonas.
21 Nov. — Adhesão á Republica.

Pará	— 22	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Ag.	— Adhesão á independencia (1823).
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
Maranhão	— 28	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	18	Nov.	— Adhesão á Republica.
Piauhi	— 24	Jan.	— Adhesão á independencia do Brasil (1823).
	13	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
Ceará	— 25	Mar.	— Redempção dos captivos no Ceará.
	12	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
R. G. Norte	— 19	Mar.	— Installação do governo republicano em 1817.
	7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	12	Jun.	— Execução de frei Miguelinho, em 1817.
Parahiba	— 20	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	5	Ag.	— N. Sra. das Neves, padroeira do Estado.
Pernambuco	— 27	Jan.	— Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654.
	6	Mar.	— Revolução republicana de 1817.
	17	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	24	Jul.	— Proclamação da republica do Equador, em 1824.
	10	Nov.	— 1° brado da republica por Bernardo V. de Mello, 1710.
Alagôas	— 15	Mar.	— Installação da 1ª assembléa provincial.
	11	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Sept.	— Creação da provincia de Alagôas.
Sergipe	— 18	Maio	— Promulgação da Constituição estadual.
Bahia	— 2	Jul.	— » » » »
	7	Nov.	— Revolução de 1837 (Sabinada).
Esp.-Sancto	— 2	Maio	— Promulgação da Constituição do Estado.
	23	Maio	— Povoamento do territorio do Estado.
	12	Jun.	— Execução de Domingos José Martins, em 1817.
	25	Ag.	— Festa de N. Sra. da Penha.
	25	Dez.	— Natal.
R. Janeiro	— 9	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
Dist.Feder.	— 20	Jan.	— Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
S. Paulo	— 8	Jul.	— Installação do Congresso Constituinte.
	14	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Dez.	— Restauração da legalidade.
Paraná	— 7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	19	Dez.	— Installação da provincia em 1853.

S.Catharina — 11 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
17 Nov. — Adhesão á Republica.
R.G.doSul — 14 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
20 Set. — Revolução de 1835.
Minas — 15 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
Goiaz — 1° Jun. — » » » »
13 Jul. — Reforma constitucional.
16 Dez. — Adhesão á independencia.
Mat. Grosso — 15 Ag. — Promulgação da Constituição estadual.
9 Dez. — Adhesão á Republica.

São ainda feriados : no municipio do Rio de Janeiro — o dia 20 de Setembro em commemoração da primeira lei de organização municipal ; e no municipio de S. Paulo — 25 de Janeiro, data da fundação da cidade.

FESTAS NACIONAES DOS PRINCIPAES PAIZES ESTRANGEIROS

Allemanha — 27 Jan. (ann. natalicio do imperador) ; 2 Set. (ann. de Sédan).
Argentina (Rep.) — 25 Maio. (dia da Constituição ; 9 Jul. (juramento da Constituição).
Austria-Hungria — 18 Ag. (ann. natal. do imperador).
Belgica — 21, 22 e 23 Jun. (ann. da ascenção de Leopoldo I ao throno e da proclamação da independencia) ; 15 Nov. (ann. natal. de Leopoldo II).
Bolivia — 6 Ag. (primeiro Congresso — 1825 —, e proclamação da independencia).
Chile — 18 Set. (proclamação da independencia).
China — Anno Bom — O deus da cozinha (7 dias antes de Anno Bom — Festas das lanternas (15 do 1° mez) — Festa dos dragões (5 do 5° mez) — Festa do outomno (15 do 8° mez).
Colombia — 27 Jul. (independencia) ; 28 Out. (ann. de Bolivar).
Costa-Rica — 15 Set. (independencia) ; 12 Out. (descobrimento da America).
Dinamarca — 8 Abr. (ann. natal. do rei) ; 5 Jun. (Constituição — 1849).
Equador — 10 Ag. (independencia) ; 9 Out. (independencia de Guaiaquil).

Estados-Unidos — 22 Fev. (ann. natal. de Washington); 4 Março. (posse do presidente, de 4 em 4 annos); 30 Maio. (decoração dos tumulos); 4 Jul. (independencia); 1ª segunda-feira de Set. (*labor-day*); um dia de Nov. (acção de graças).

França — 14 Jul. (tomada da Bastilha).

Grã-Bretanha — 9 Nov. (ann. natal. de Eduardo VII).

Grecia — 25 Março./6 Abr. (independencia).

Guatemala — 15 Março. (posse do presidente); 30 Jun. (revolução liberal); 15 Sept. (independencia).

Haiti — 1 Jan. (independencia); 1 Maio. (Festa da lavoura).

Hespanha — 2 Maio. (ann. de 1808); 17 Maio. (ann. natal. de Affonso XIII); 21 Jul. (ann. natal. da rainha Maria Christina); 12 Out. (ann. do descobrimento da America).

Honduras — 15 Set. (independencia — 1821).

Italia — 1º domingo de Jun. (dia da Constituição); 20 Sept. (entrada das tropas em Roma); 11 Nov. (ann. natal. de Victor-Manuel III).

Japão — 11 Fev. (ascensão ao throno do primeiro imperador Jimmu); 3 Nov. (ann. natal. do imperador Mutsuhito).

Mexico — 5 Fev. (publicação da Constituição); 5 Maio. (ann. da batalha de Puebla); 16 Set. (independencia — 1810).

Montenegro — 23 Abr./6 Mai. (festa de S. Jorge); 25 Set./8 Out. (ann. natal. do principe Nicolau).

Nicaragua — 11 Jun. (começo da guerra civil — 1893); 15 Sept. (proclamação da independencia).

Paizes-Baixos — 31 Ag. (ann. natal. da rainha); 2 Ag. (ann. natal. da rainha-mãe).

Paraguai — 15 Maio. (dia da independencia); 25 Nov. (dia da Constituição).

Perú — 28 Jul. (ann. da independencia — 1821).

Portugal — 2 Jan. (abertura do Parlamento); 21 Março. (ann. do principe herdeiro); 29 Abr. (festa da Constituição); 31 Jul. (juramento da Constituição); 24 Set. (ann. da morte de D. Pedro IV); 16 Out. (ann. natal. da rainha-mãe).

Rumania — 14/27 Março. (ann. da proclamação do reino); 10/23 Maio. (ann. da corôação do rei Carlos).

Russia	— 6/19 Maio. (ann. natal. do imperador) ; 14 Maio. (ann. da sagração do soberano) ; 25 Maio. (ann. natal. da imperatriz Alexandra) ; 21 Out. (ascensão ao throno do imperador Nicolau).
Salvador	— 29 Abr. (ann. da revolução de Gutierrez — 1894) ; 15 Set. (ann. da independencia — 1821).
São Marinho	— 5 Fev. (independencia) ; 3 Sept. (festa de S. Marino, padroeiro da Republica).
Serbia	— 15/28 Jul. (festa commemorativa dos guerreiros mortos pela Fé e pela Patria).
Suecia-Noruega	— 21 Jan. (ann. natal. do rei) ; 17 Mai. (festa da independencia e da Constituição — 1814).
Suissa	— O 3º domingo de Setembro (dia da prece publica).
Turquia	— 16 Chaban (8 Dez., ann. natal. do sultão) ; 1 Moharram (30 Abr., festa de Anno Bom) ; 11 Djumadi-el-auual (31 Ag., ann. natal. do principe).
Uruguai	— 3 Fev. (ann. da batalha de Montecaseros) ; 18 Jul. (juramento da Constituição) ; 25 Ag. (proclamação da independencia da Republica).
Venezuela	— 5 Jul. (ann. da independencia).

— O que é que se deixa queimar para guardar os nossos segredos?
— O lacre.

CASA PIERRE DUCHEN

70, Rua de São Bento, 70

CAIXA 497 — SÃO PAULO — TELEPH. 429

IMPORTAÇÃO DE VINHOS, MOLHADOS FINOS E AGUAS MINERAES

Deposito dos excellentes biscoutos da fabrica
ANCIENS ÉTABLISSEMENTS DUCHEN

ECLIPSES EM 1910.

Haverá no anno de 1910 dois eclipses do sol e dois da lua.

I. Eclipse total do sol em 8 de Maio de 1910 invisivel no Brasil, visivel na Australia e no Pacifico.

II. Eclipse total da lua em 23 de Maio (t. m. Astro).

1ª contacto com a sombra 24 de Maio á	0 h. 55m 8 M.
Começo da phase total	2 16 4 M.
Meio do eclipse.	2 41 7 M.
Fim da phase total	3 7 0 M.
Ultimo contacto com a sombra.	4 29 6 M.

A grandeza do eclipse é igual a 1.099 sendo o diametro da lua igual a 1.

O 1º contacto com a sombra far-se-ha a 80º do ponto N. do limbo lunar contados para E.

O ultimo contacto a 311º contados para E. deitando-se a lua no dia 24 ás 6 h. 40m da M. todas as phases serão visiveis.

III. Eclipse parcial do sol em 1 de Novembro de 1910, invisivel no Brasil.

IV. Eclipse total da lua em 16 de Novembro de 1910.

1º contacto com a sombra dia 16 ás . .	7 h. 51m 4 T.
Começo da phase total	9 2 3 T.
Meio do eclipse	9 28 2 S.
Fim da phase total	9 54 1 T.
Ultimo contacto com a sombra	11 5 0 T.

A grandeza do eclipse é igual a 1.131 sendo o diametro da lua igual a 1.

O primero contacto com a sombra far-se-ha a 94º do ponto N. do limbo lunar contados para E. O ultimo contacto a 227º contados para E.

A lua nosce nasse dia ás 6 h. 10m da tarde, portanto todas as phases podem ser observadas.

J. AUMAITRE

Pannos, Casimiras, Fórros, etc.

PARIZ — LONDRES

DEPOSITO

Nº 4 — Rua da Quitanda — Nº 4

= S. PAULO =

Caixa do Correio, 632

FESTAS OFFICIAES OBSERVADAS NAS LEGAÇÕES E NOS CONSULADOS ESTRANGEIROS

Jan.	21	— Suecia e Noruega — Anniversario do rei Oscar II.
»	27	— Allemanha — Anniversario do imperador Guilherme II.
Fev.	7	— Rep. de S. Domingos — Anniversario da independencia.
Abril	6	— Grecia — Anniversario da independencia.
»	8	— Dinamarça — Anniversario do rei Christiano IX.
Maio	15	— Paraguai — Anniversario da independencia.
»	17	— Hespanha — Anniversario do rei Affonso XIII.
»	19	— Russia — Anniversario do tsar Nicolau II.
»	25	— Rep. Argentina — Anniversario da independencia.
Julho	4	— E. U. da America do Norte — Anniversario da independencia.
»	5	— Venezuela — Anniversario da independencia.
»	14	— França — Festa nacional da Republica.
»	27	— Colombia — Anniversario da independencia.
»	28	— Perú — Idem.
Agosto	1	— Suissa — Anniversario da fundação da Confederação.
»	6	— Bolivia — Anniversario da independencia.
»	10	— Equador — Idem.
»	18	— Austria-Hungria — Anniversario do imperador Francisco José.
»	25	— Uruguai — Anniversario da independencia.
»	31	— Hollanda — Anniversario da rainha Guilhermina.
Set.	18	— Chile — Anniversario da independencia.
Set.	28	— Portugal — Anniversario dos reis D. Carlos e D. Maria Amelia.
Nov.	9	— Grã-Bretanha — Anniversario do rei Eduardo VII.
»	11	— Italia — Anniversario do rei Victor Manuel III.
»	15	— Belgica — Anniversario do rei Leopoldo.

COMBRETINA

Contra a Entero-Colita — Extracto fluido, Granulados, Pildoras

PHARMACIA LIMOUSIN

PARIS

CALENDARIO PERPETUO

Válido desde sexta-feira 15 de Outubro de 1582 até domingo 31 de Dezembro de 2000

O quadro AA indica os *seculos*. Os quadros CC: os *annos correntes*, de 1 a 50 á esqeurda, ede 51 a 100 á direita. Assim, para termos 1926, tomamos 1900, em AA, e 26 na 5.ª columna do quadro C. Seguindo perpendicularmente a columna que contém 1900 e horizontalmente a que contém 26, vamos encontrar, no quadro B, e na interseçcão d'ellas, a letra R. Querendo saber que dia da semana será 25 de Maio de 1926, procure-se, no quadro de Maio, o numero 25, e siga-se horizontalmente a columna até ao encontro da columna vertical R, no quadro emmoldurado de preto, e encimado pelo nome de **Christo**. Na intersecção destas duas columnas encontra-se a designação 3.ª, que quer dizer *terça-feira*. O dia 25 de Maio de 1926 será, por conseguinte, terça-feira.

Para os annos bissextos, as letras do quadro B não servem senão a partir do 1º de Março. Para Janeiro e Fevereiro, toma-se a letra á direita da que é encontrada pelo methodo que fica dito. Exemplo: «Achar o dia, que corresponde a 12 de Fevereiro de 1896».

O quadro B dá a letra I na intersecção da columna vertical 1800 com a columna horizontal 96. Como o anno é bissexto, e o mez o de Fevereiro, entrar-se-ha no quadro **Christo** com a letra S, que fica immediatamente á direita. E assim, achar-se-ha, que o dia 12 de Fevereiro de 1896 foi uma *quarta-feira*.

A	= SECULOS =					A
1600	—	1700	B	1800	—	1900 1500
C H R I S T O						

C								
	6	—	17	23	28	34	—	45
1	7	12	18	—	29	35	40	46
2	—	13	19	24	30	—	41	47
3	8	14	—	25	31	36	42	—
—	9	15	20	26	—	37	43	48
4	10	—	21	27	32	38	—	49
5	11	16	22	—	33	39	44	50

51	56	62	—	73	79	84	90	C
—	57	63	68	74	—	85	91	96
52	58	—	69	75	80	86	—	97
53	59	64	70	—	81	87	92	98
54	—	65	71	76	82	—	93	99
55	60	66	—	77	83	88	94	—
—	61	67	72	78	—	89	95	100

JANEIRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	—
5	12	19	26	—
6	13	20	27	—
7	14	21	28	—

FEVEREIRO				
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	—
3	10	17	24	—
4	11	18	25	—

C	H	R	I	S	T	O
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

MARÇO				
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	—

ABRIL				
30	2	9	16	23
—	3	10	17	24
—	4	11	18	25
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29

MAIO				
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	—
5	12	19	26	—
6	13	20	27	—

JUNHO				
—	4	11	18	25
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	—

C	H	R	I	S	T	O
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

JULHO				
30	2	9	16	23
31	3	10	17	24
—	4	11	18	25
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29

AGOSTO				
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	—
5	12	19	26	—

SETEMBRO				
—	3	10	17	24
—	4	11	18	25
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

OUTUBRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	—
5	12	19	26	—
6	13	20	27	—
7	14	21	28	—

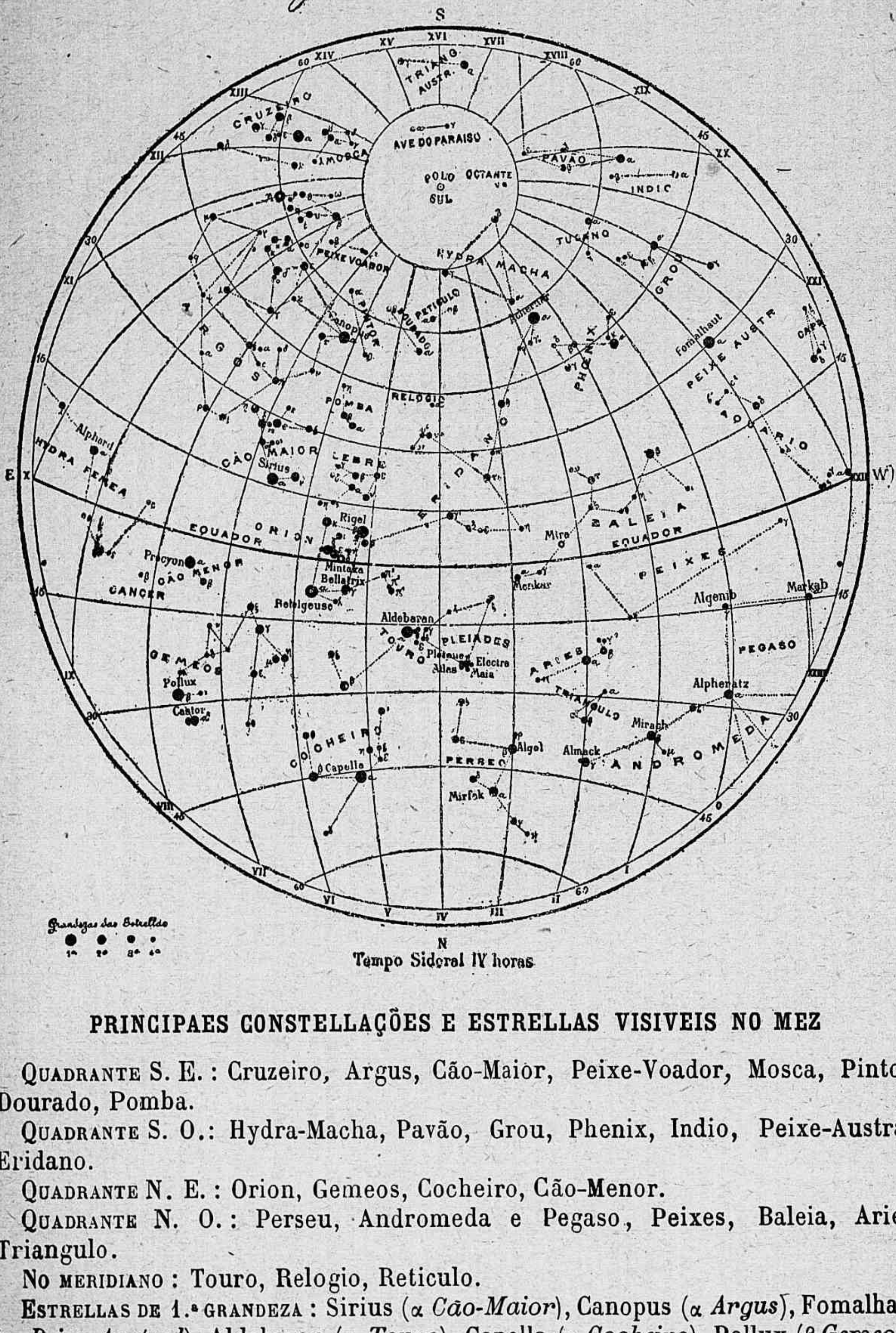
C	H	R	I	S	T	O
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3 ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4 ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

NOVEMBRO				
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	—
4	11	18	25	—

DEZEMBRO				
31	3	10	17	24
—	4	11	18	25
—	5	12	19	26
—	6	13	20	27
—	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

ASPECTO DO CÉU

15 de Janeiro ás 8.h 20.m da noite



Tempo Sideral IV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Argus, Cão-Maior, Peixe-Voador, Mosca, Pintor, Dourado, Pomba.

QUADRANTE S. O.: Hydra-Macha, Pavão, Grou, Phenix, Indio, Peixe-Austral, Eridano.

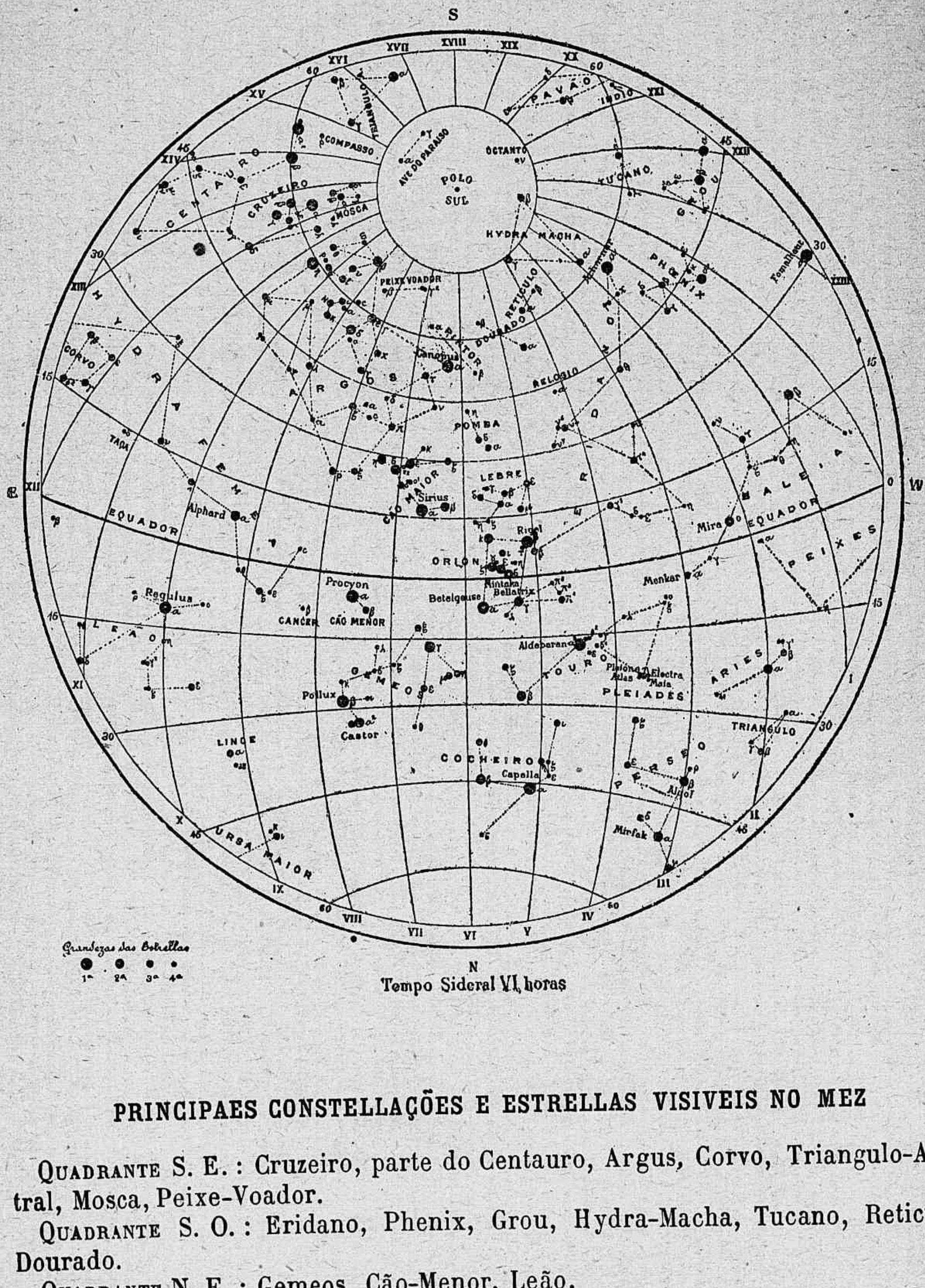
QUADRANTE N. E. : Orion, Gemeos, Cocheiro, Cão-Menor.

QUADRANTE N. O. : Perseu, Andromeda e Pegaso, Peixes, Baleia, Aries, Triangulo.

NO MERIDIANO : Touro, Relogio, Reticulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*), Pollux (β *Gemeos*), α *Cruzeiro*, Rigel (β *Orion*) Procyon (α *Cão-Menor*). — L. CRULS.

15 de Fevereiro ás 8.h 15.m da noite



Tempo Sideral VI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Cruzeiro, parte do Centauro, Argus, Corvo, Triangulo-Austral, Mosca, Peixe-Voador.

Quadrante S. O.: Eridano, Phenix, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo, Dourado.

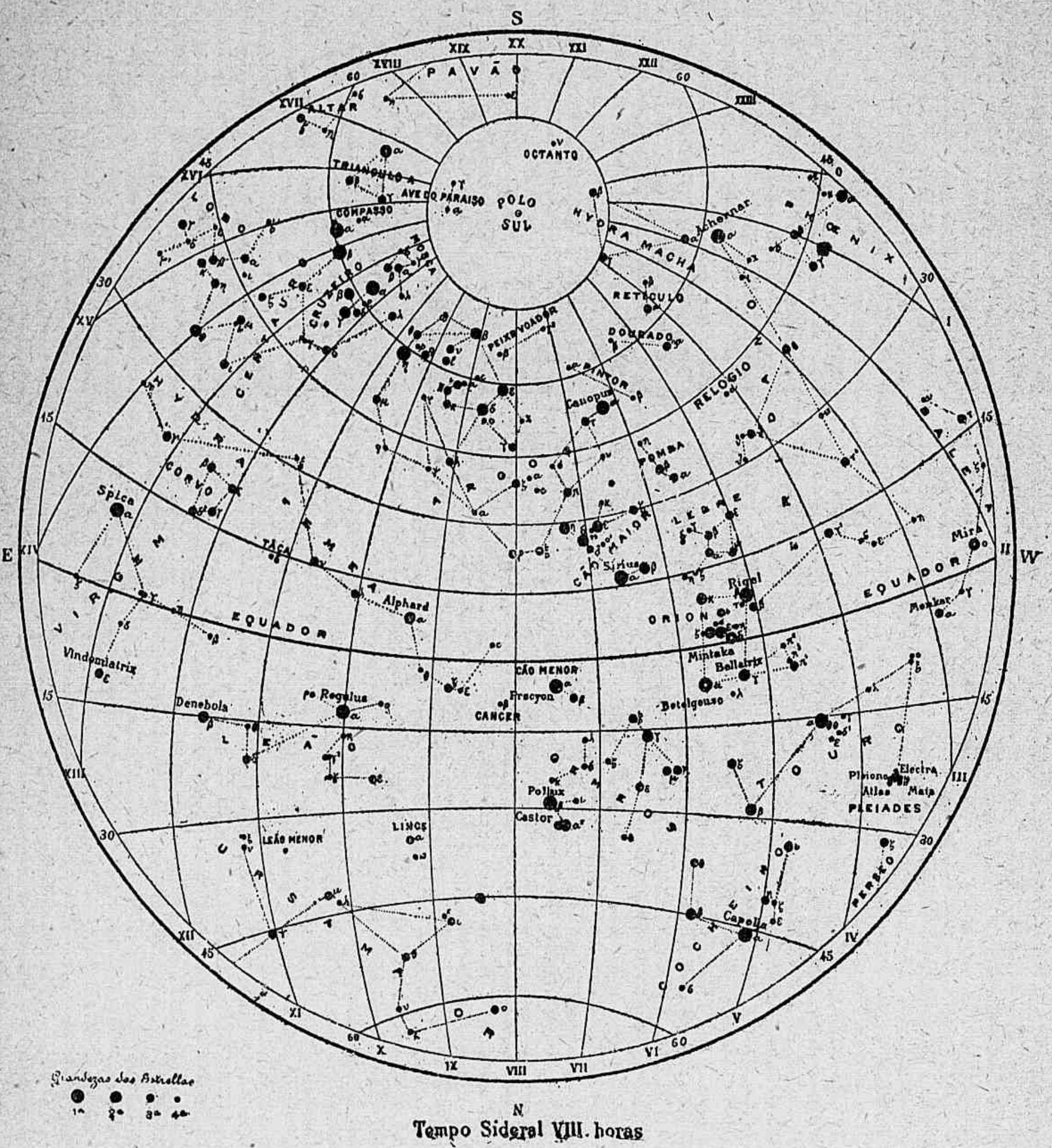
Quadrante N. E.: Gemeos, Cão-Menor, Leão.

Quadrante N. O.: Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Aries.

No meridiano: Pintor, Pomba.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β do Centauro, α Cruzeiro, Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*), Sirius (α *Cão-Maior*), Achernar (α *Eridano*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Procyon (α *Cão-Menor*). — L. Cruls.

15 de Março ás 8h.25m. da noite



Tempo Sideral VIII. horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Lobo, Corvo, Ave do Paraiso.

QUADRANTE S. O. : Eridano, Hydra-Macha, Cão-Maior, Phenix, Pomba.

QUADRANTE N. E. : Leão, Ursa-Maior, Leão-Menor, Lynce.

QUADRANTE N. O. : Touro, Gemeos, Cocheiro, Leão-Menor.

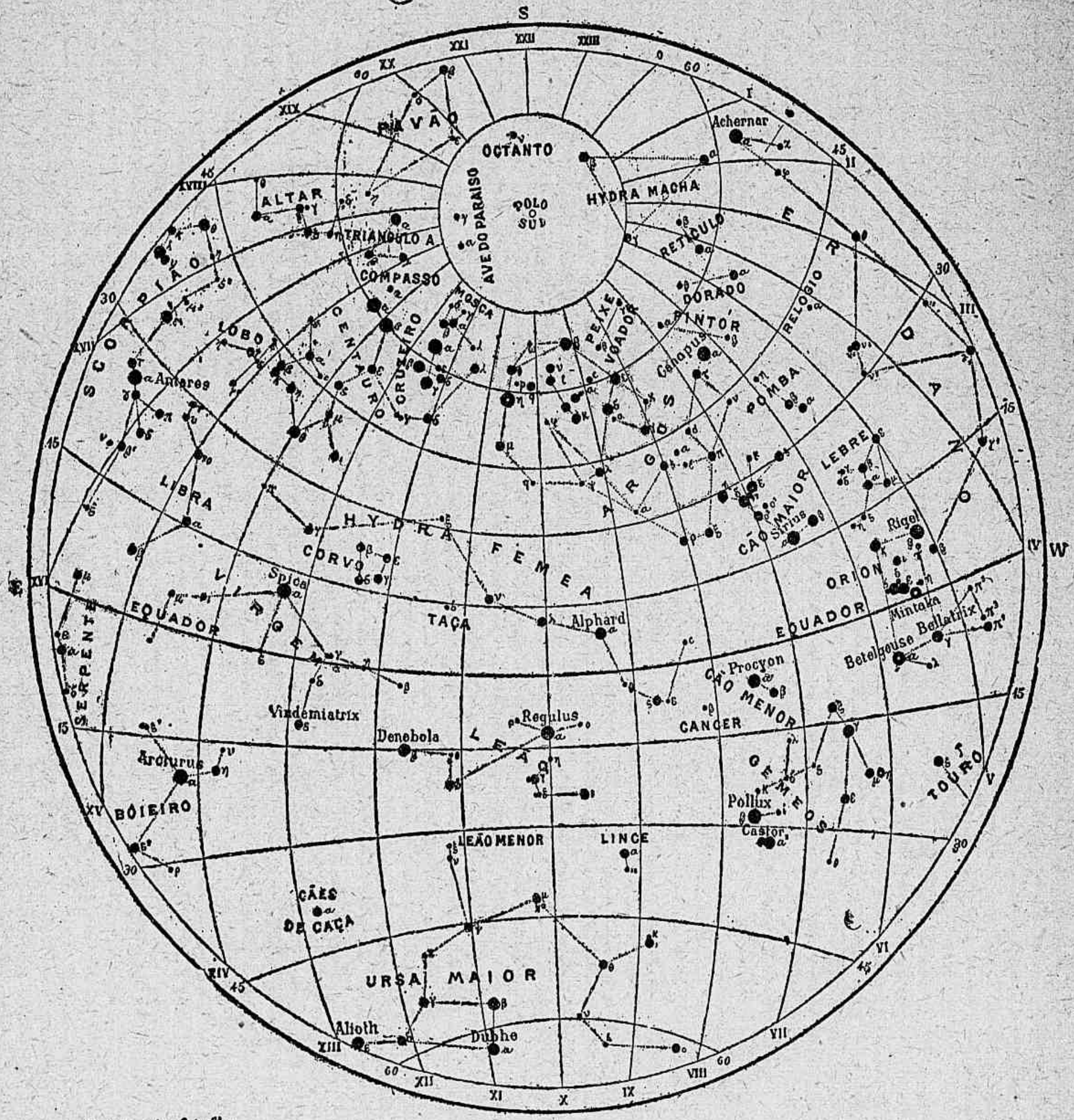
NO MERIDIANO: Argus, Peixe-Voador.

A Oeste : Orion.

A Leste : Virgem.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Canopus (α *Argus*), Pollux (β *Gemeos*), Rigel (β *Orion*), Espiga (α *Virgem*), Procyon (α *Cão-Menor*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*). — L. CRULS.

15 de Abril ás 8.h 25 da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Altar, Pavão, Escorpião, Lobo, Libra.

QUADRANTE S. O. : Argus, Cão-Maior, Eridano, Pomba, Lebre, Pintor, Dourado, Reticulo, Hydra-Macha.

QUADRANTE N. E. : Ursa-Maior, Leão-Menor, Cães de caça, Boieiro.

QUADRANTE N. O. : Gemeos, Cão-Menor.

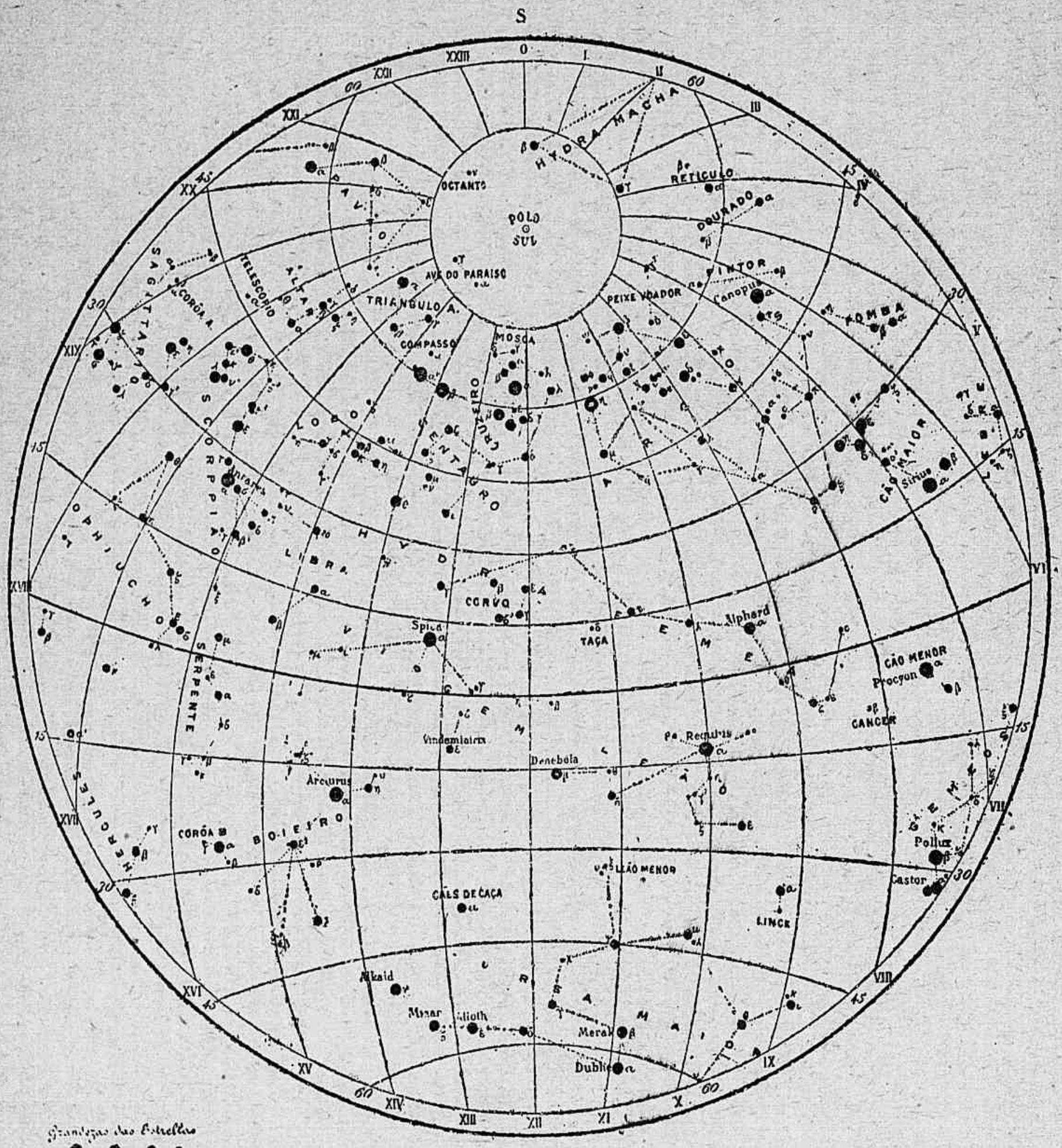
A Leste: Orion.

A Oeste: Virgem.

NO MERIDIANO : Leão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Procyon (α *Cão-Menor*), Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Sirius (α *Cão-Maior*), Regulus (α *Leão*). — L. CRULS.

15 de Maio ás 8h 25m da noite



Tempo Sideral XII horas.

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Centauro, Escorpião, Triangulo-Austral, Pavão, Sagittario, Altar, Lobo.

Quadrante S. O.: Argus, Cão-Maior, Pomba, Peixe-Voador, Dourado, Pintor, Reticulo.

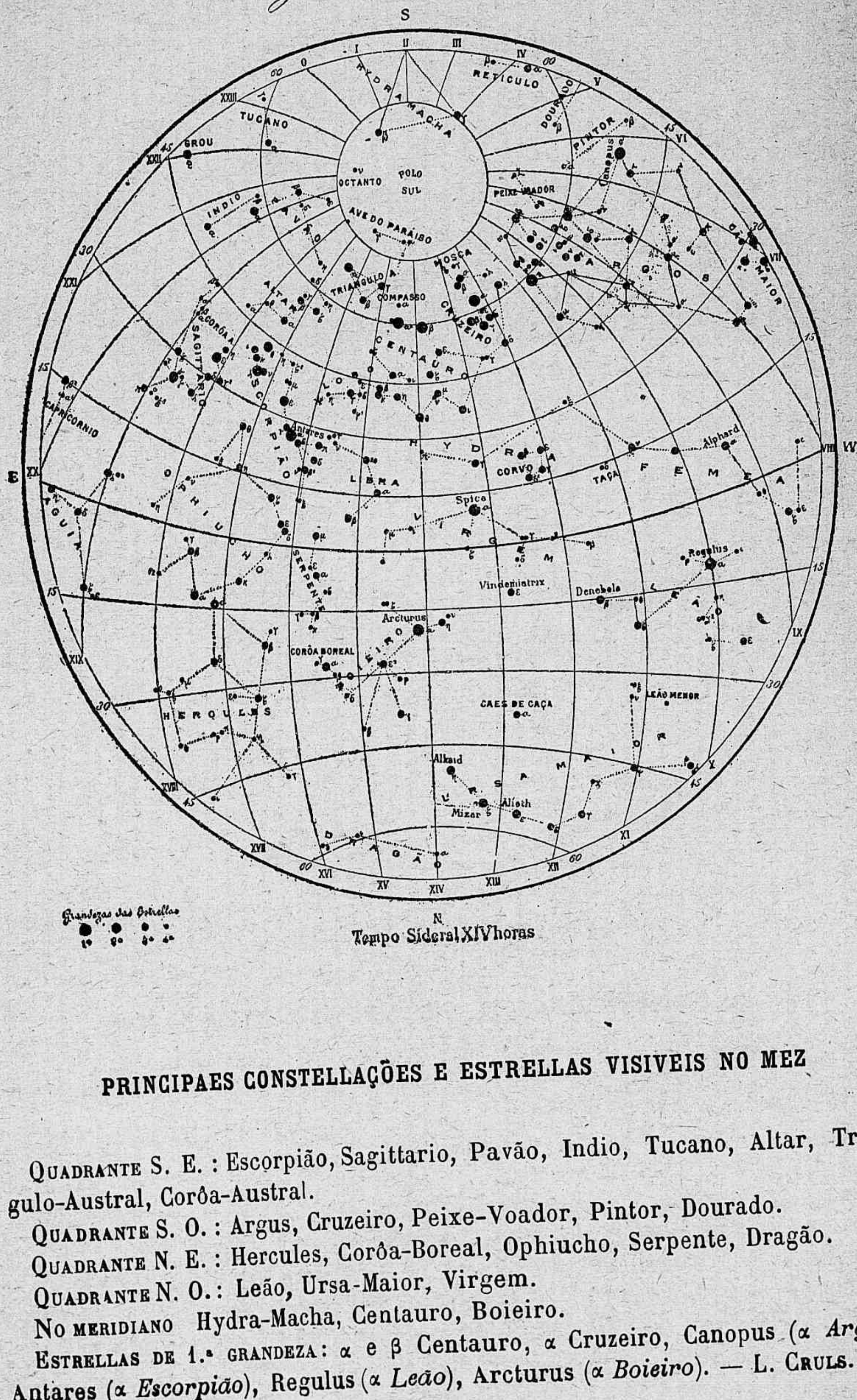
Quadrante N. E.: Boieiro, Virgem, Serpente.

Quadrante N. O.: Leão, Cão-Menor.

No meridiano: Cruzeiro, Ursa-Maior, Corvo.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Espiga (α *Virgem*), Regulus (α *Leão*), Procyon (α *Cão-Menor*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Pollux (β *Gemeos*). — L. Cruls.

15 de Junho ás 8.h 25.m da noite



Tempo Sideral XIV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Escorpião, Sagittario, Pavão, Indio, Tucano, Altar, Triangulo-Austral, Corôa-Austral.

QUADRANTE S. O. : Argus, Cruzeiro, Peixe-Voador, Pintor, Dourado.

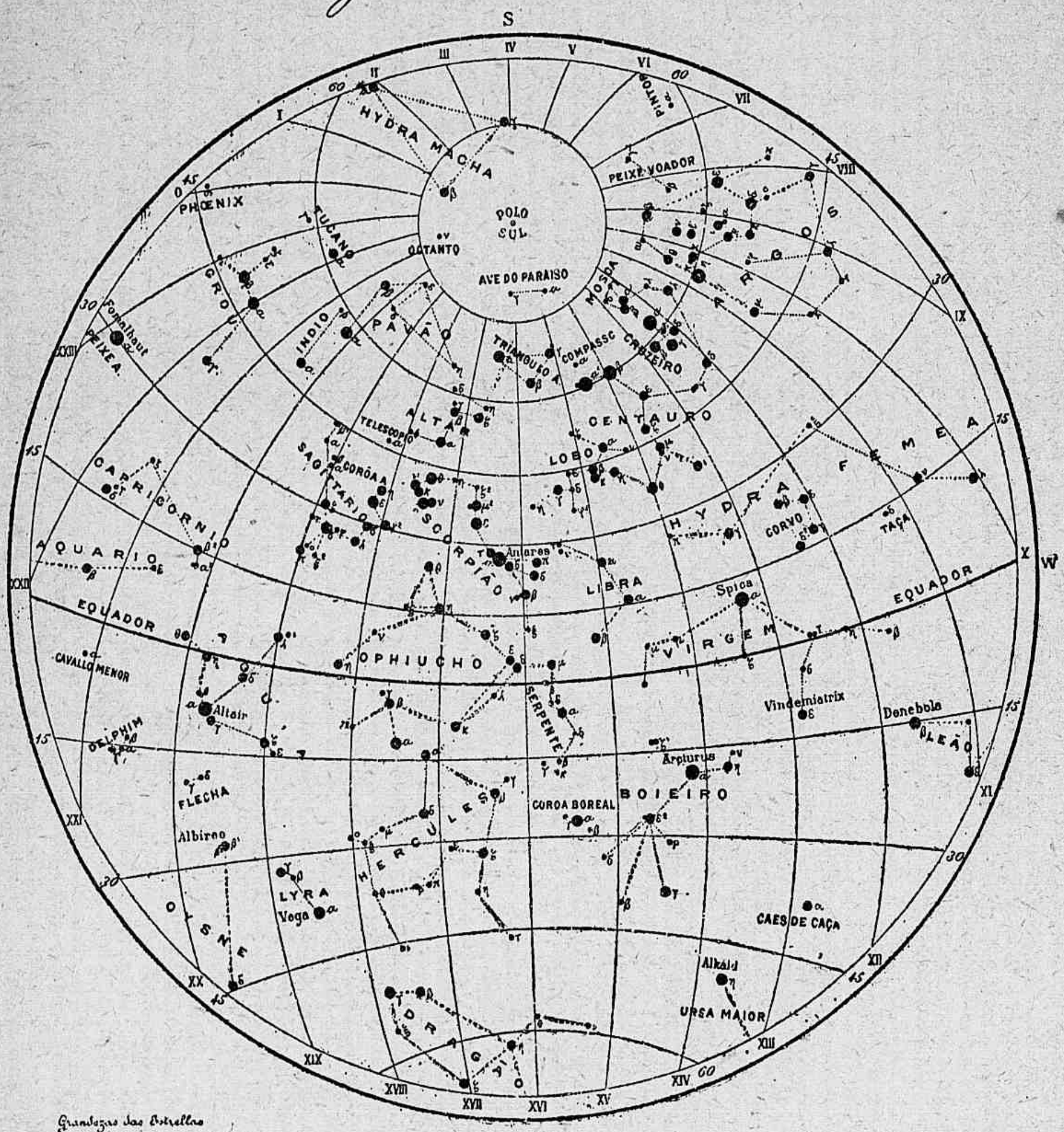
QUADRANTE N. E. : Hercules, Corôa-Boreal, Ophiucho, Serpente, Dragão.

QUADRANTE N. O. : Leão, Ursa-Maior, Virgem.

NO MERIDIANO Hydra-Macha, Centauro, Boieiro.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Regulus (α *Leão*), Arcturus (α *Boieiro*). — L. CRULS.

15 de Julho ás 8 h. 25 da noite.



Tempo Sidéral XVI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Sagittario, Pavão, Grou, India, Hydra-Macha, Altar, Telescopio, Corôa-Austral.

Quadrante S. O.: Argus, Centauro, Cruzeiro, Peixe-Voador, Corvo, Libra.

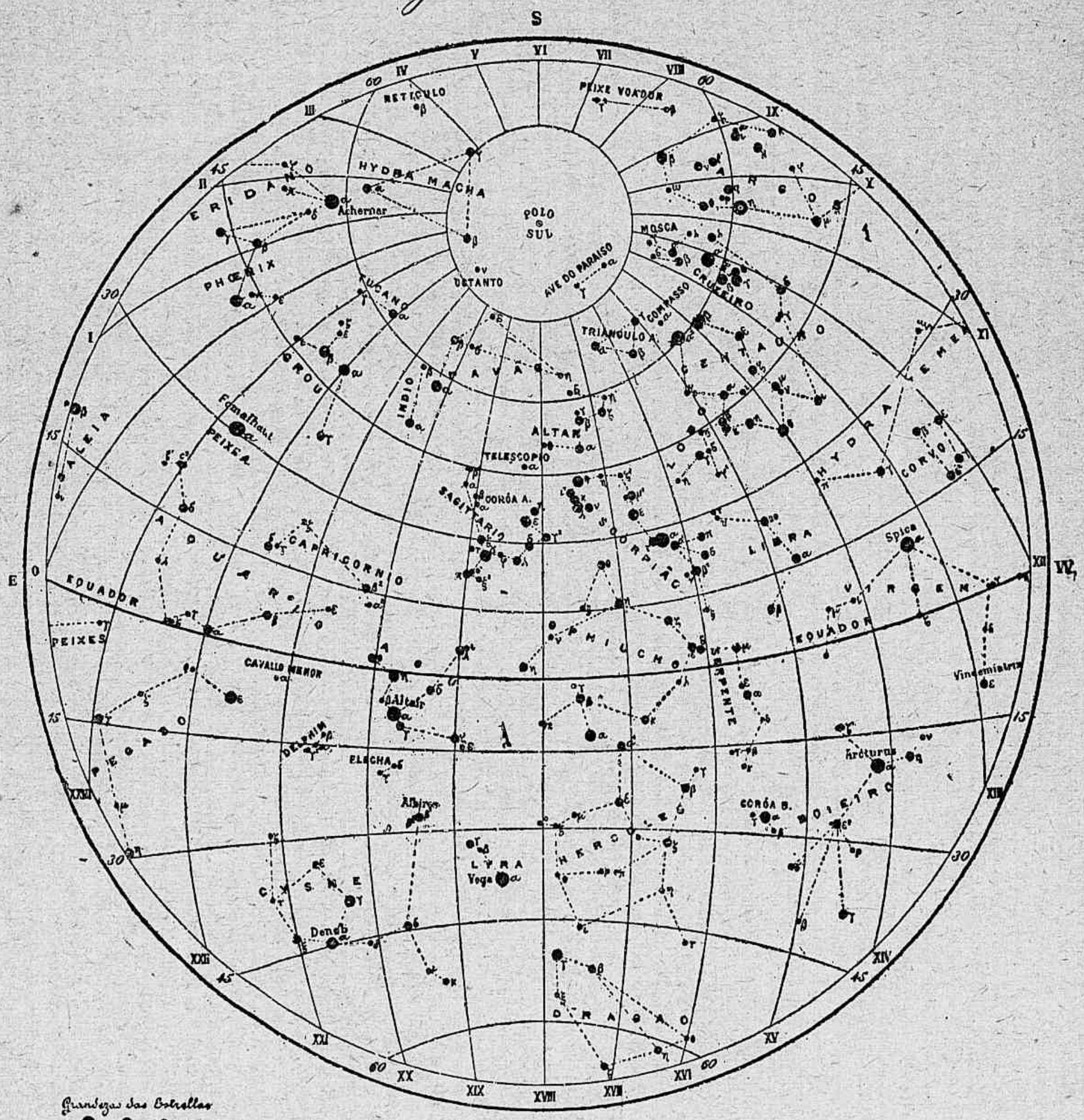
Quadrante N. E.: Hercules, Ophiucho, Aguia, Lyra, Flecha, Cavallo-Menor.

Quadrante N. O.: Boieiro, Cães de caça, Leão, Virgem, Corôa-Boreal.

No meridiano: Triangulo-Austral, Escorpião, Serpente, Dragão.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*) Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*). — L. Cruls.

15 de Agosto ás 8h 25m da noite



Tempo Sideral XVIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Pavão, Grou, Tucano, Hydra-Macha, Eridano (parte), Phenix, Peixe-Austral.

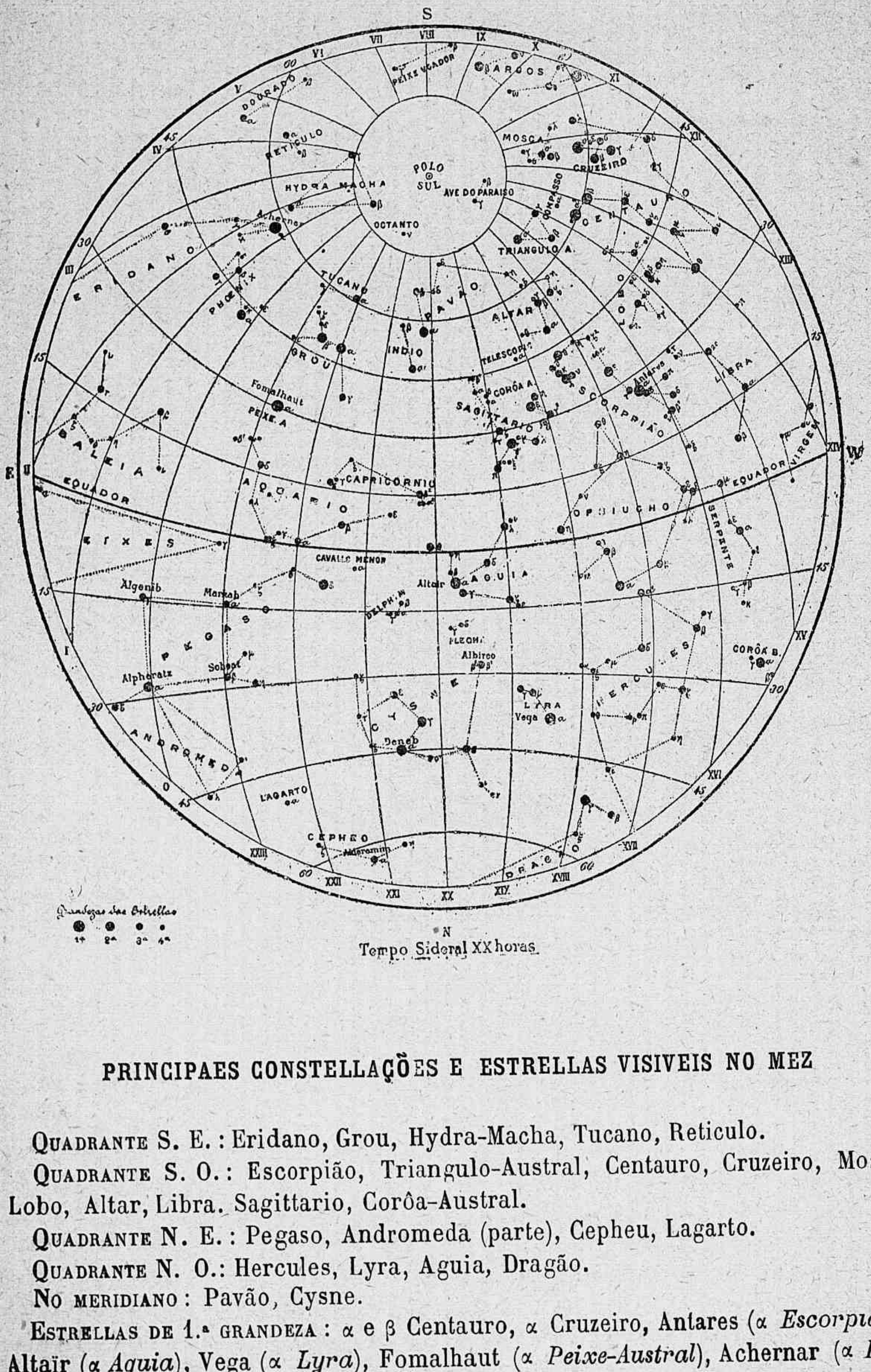
QUADRANTE S. O.: Centauro, Cruzeiro, Argus (parte), Lobo, Corvo, Escorpião, Triangulo-Austral, Altar, Mosca.

QUADRANTE N. E.: Cysne, Aguia, Lyra, Flecha, Pegaso (parte).

QUADRANTE N. O.: Boieiro, Ophiucho, Serpente, Hercules, Corôa-Boreal, Dragão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Espiga (α *Virgem*), Arcturus (α *Boieiro*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. CRULS.

15 de Setembro ás 8h. 20m. da noite



Tempo Sideral XX horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Eridano, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo.

Quadrante S. O.: Escorpião, Triangulo-Austral, Centauro, Cruzeiro, Mosca, Lobo, Altar, Libra. Sagittario, Corôa-Austral.

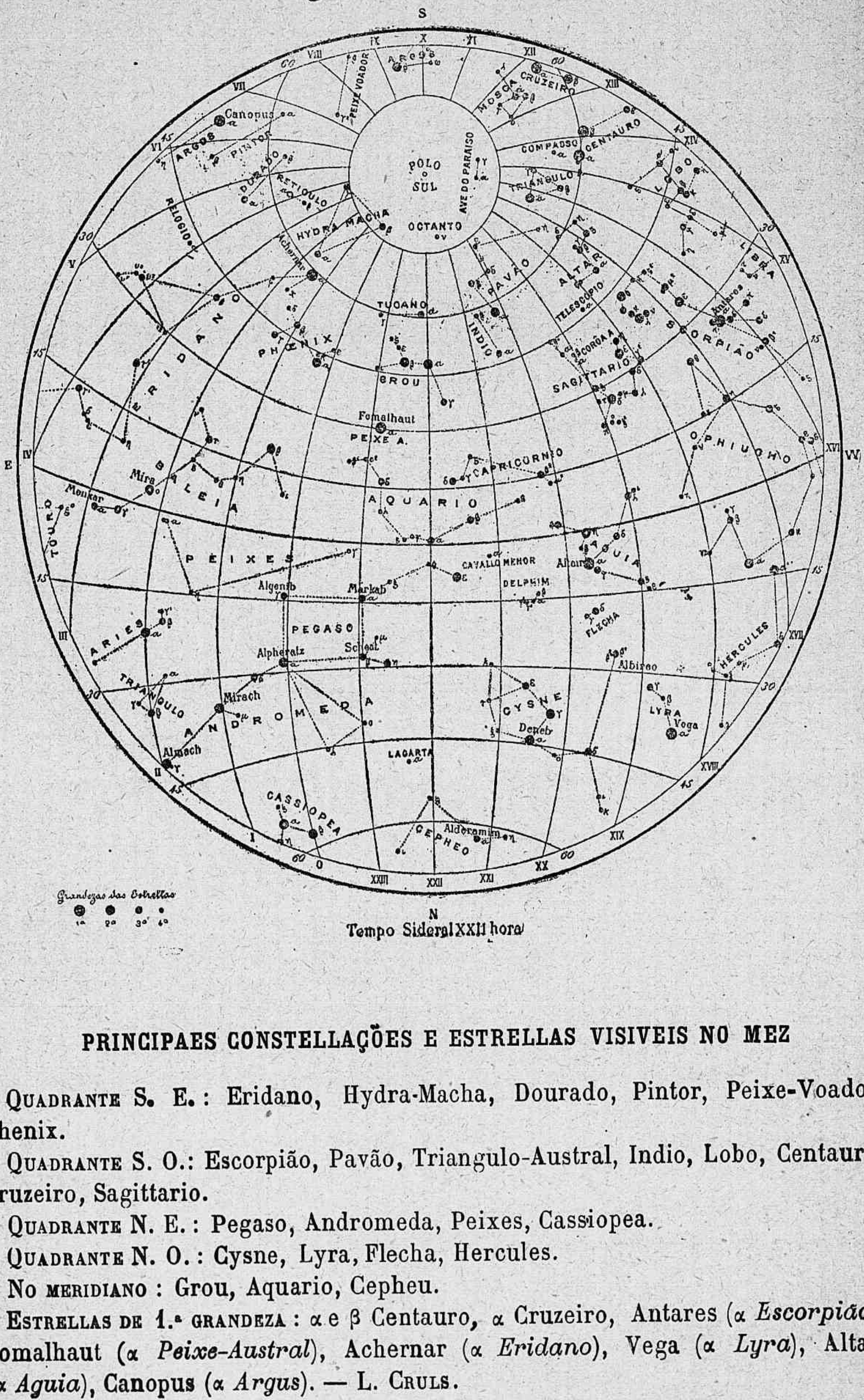
Quadrante N. E.: Pegaso, Andromeda (parte), Cepheu, Lagarto.

Quadrante N. O.: Hercules, Lyra, Aguia, Dragão.

No meridiano: Pavão, Cysne.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Altaïr (α *Aguia*), Vega (α *Lyra*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. Cruls.

15 de Outubro ás 8.h 25.m da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Pintor, Peixe-Voador, Phenix.

Quadrante S. O.: Escorpião, Pavão, Triangulo-Austral, Indio, Lobo, Centauro, Cruzeiro, Sagittario.

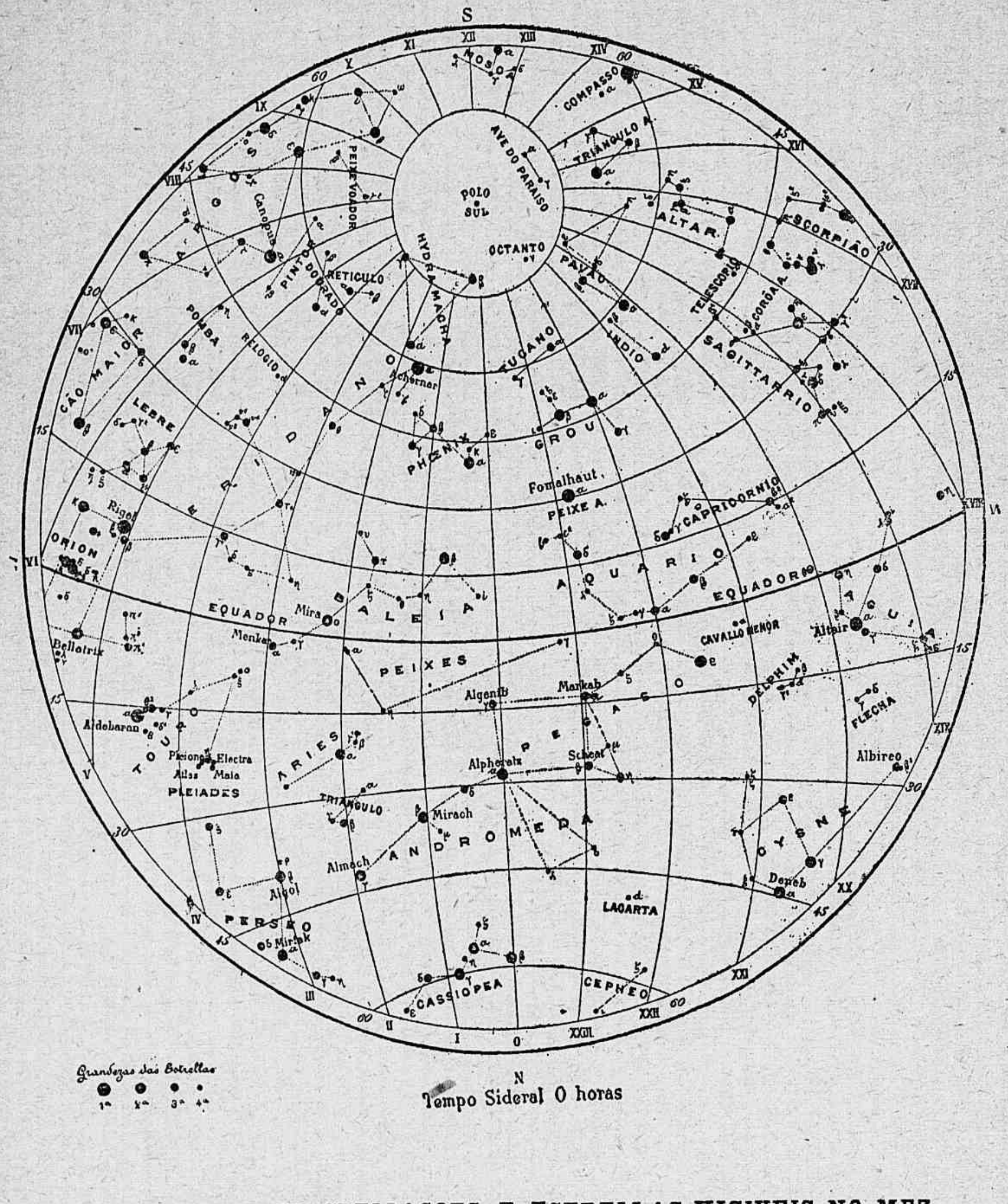
Quadrante N. E.: Pegaso, Andromeda, Peixes, Cassiopea.

Quadrante N. O.: Cysne, Lyra, Flecha, Hercules.

No meridiano: Grou, Aquario, Cepheu.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Canopus (α *Argus*). — L. Cruls.

15 de Novembro ás 8.h 20.m da noite



Tempo Sideral 0 horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇOES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Reticulo, Peixe-Voador, Argus, Pomba, Relogio, Cão-Maior.

Quadrante S. O. : Escorpião, Sagittario, Altar, Triangulo-Austral, Indio, Pavão, Grou, Peixe-Austral, Tucano.

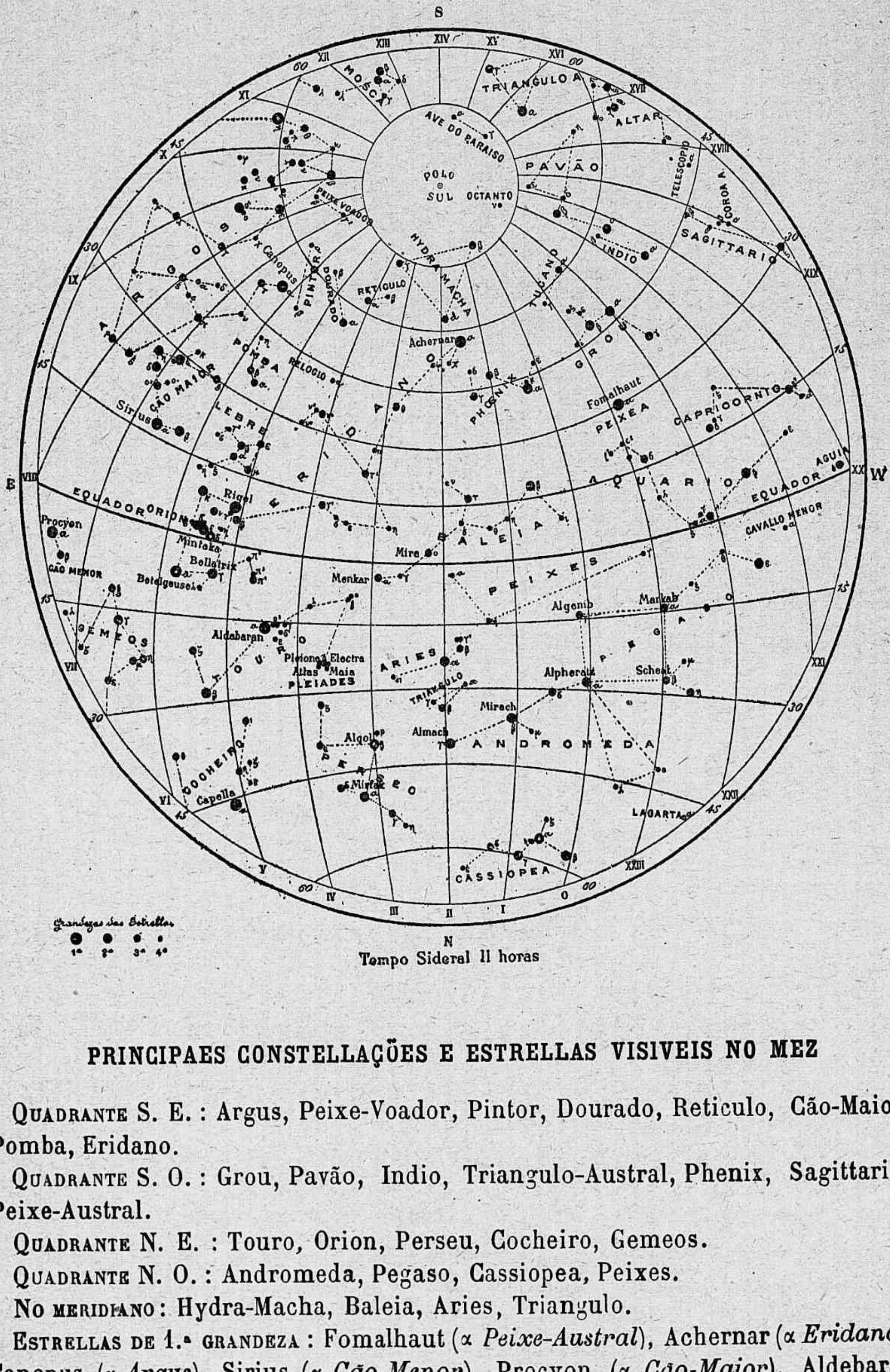
Quadrante N. E. : Andromeda, Peixes, Touro, Aries, Perseu, Triangulo.

Quadrante N. O. : Cysne, Lagarto, Cepheu.

No meridiano : Phenix, Pegaso.

Estrellas de 1.ª grandeza : α Centauro, Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Rigel (β *Orion*), Aldebaran (α *Touro*), Altaïr (α *Aguia*). — L. Cruls.

15 de Dezembro ás 8h 20m da noite



Tempo Sideral 11 horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Argus, Peixe-Voador, Pintor, Dourado, Reticulo, Cão-Maior, Pomba, Eridano.

Quadrante S. O. : Grou, Pavão, Indio, Triangulo-Austral, Phenix, Sagittario, Peixe-Austral.

Quadrante N. E. : Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Gemeos.

Quadrante N. O. : Andromeda, Pegaso, Cassiopea, Peixes.

No meridiano: Hydra-Macha, Baleia, Aries, Triangulo.

Estrellas de 1.ª grandeza : Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Sirius (α *Cão-Menor*), Procyon (α *Cão-Maior*), Aldebaran α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*). — L. Cruls.

Dia 3 Q. M. ás 10 h. 31′ 1″ M.
» 11 L. N. » 8 h. 58′ 5″ M.
» 18 Q. C. » 7 h. 27′ 9″ M.
» 25 L. C. » 8 h. 57′ 9″ M.

Dia 3 Apogeo ás 15 h. 5′
» 16 Perigeo » 22 h. 6′
» 31 Apogeo » 12 h. 8′

Janeiro

PRIMEIRO MEZ — 31 DIAS — Aquarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	† *Circumcisão* (FERIADO). Fulgencio.
2	**DOMINGO**	Isidoro. Macario.
3	Seg.	Antero. Genoveva.
4	Terç.	Gregorio. Rigoberto. Tito.
5	Quart.	Simeão. Estelita. Apollinaria.
6	Quint.	† *Reis,* ou *Epiphania*. André.
7	Sext.	Theodoro.
8	Sabb.	Lourenço. Justiniano.
9	**DOMINGO**	Julião. Marciana.
10	Seg.	Paulo. Gonçalo d'Amarante.
11	Terç.	Hygino. Honorata.
12	Quart.	Satyro. Taciana.
13	Quint.	Veronica.
14	Sext.	Hilario. Felix de Nole.
15	Sabb.	Amaro. Bonito.
16	**DOMINGO**	Marcello. Estephania.
17	Seg.	Antão. Servula.
18	Terç.	Prisca. Margarida d'Hungria.
19	Quart.	Canuto. Ponciano. Germana.
20	Quint.	† (na Cap. Fed.) Sebastião.
21	Sext.	*SS. Nome de Jesus*. Ignez. Patroclo.
22	Sabb.	Vicente. Anastasio.
23	**DOMINGO**	*Septuagesima*. Emerenciana.
24	Seg.	Timotheo. Marcolino.
25	Terç.	Conv. de S. Paulo. Ananias.
26	Quart.	Polycarpo. Paula.
27	Quint.	João Chrysostomo.
28	Sext.	*Sagr. Familia*. Cyrillo. Herminia.
29	Sabb.	Francisco de Sales.
30	**DOMINGO**	Martinha. Matilde.
31	Seg.	*Sexagesima*. Pedro Nolasco. Cyro.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 2 Q. M. ás 8 h. 34′ 4″ M.
» 9 L. N. » 10 h. 20′ 3′ T.
» 16 Q. C. » 3 h. 39′ 8″ T.
» 24 L. C. » 0 h. 43′ 1″ M.

Dia 12 Perigeo ás 7 h. 1′
» 28 Apogeo » 7 h. 7′

Fevereiro

SEGUNDO MEZ — 28 DIAS — Pisces

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Ignacio. Brigida.
2	Quart.	† *Purif. de N. S.*
3	Quint.	Braz. Odorico.
4	Sext.	João de Britto. Gilberto.
5	Sabb.	Agueda. Pedro Baptista.
6	**DOMINGO**	Antonio de Amandula.
7	Seg.	Ricardo. *Carnaval.*
8	Terç.	João de Matha.
9	Quart.	*Dia de cinzas.* Apollonia.
10	Quint.	Escholastica.
11	Sext.	Lazaro. Severino.
12	Sabb.	Lucio. Eulalia.
13	**DOMINGO**	Catharina de Ricci.
14	Seg.	Jovita.
15	Terç.	Faustino.
16	Quart.	Samuel. Porphyrio.
17	Quint.	Philippe de Jesus. Silvano.
18	Sext.	Theotonio. Simeão.
19	Sabb.	Conrado. Ernestina.
20	**DOMINGO**	Eleutherio. Nilo.
21	Seg.	Vitalina. Leonor.
22	Terç.	Papias. Abilio.
23	Quart.	Pedro Damião. Milburges.
24	Quint.	Mathias.
25	Sext.	Margarida de Cortona.
26	Sabb.	Nestor. Torquato.
27	**DOMINGO**	Leandro. Honorina.
28	Seg.	Romão. Thomaz de Coria.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

Dia 4 Q. M. ás 4 h. 59′ 5″ M.
» 11 L. N. » 9 h. 19′ 7″ M.
» 18 Q. C. » 0 h. 44′ 6″ M.
» 25 L. C. » 5 h. 28′ 0″ T.

Dia 12 Perigeo ás 8 h. 3′
« 27 Apogeo » 20 h. 3′

Março

TERCEIRO MEZ — 31 DIAS — Aries

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Eudoxia.
2	Quart.	Simplicio. Camilla.
3	Quint.	Hemeterio. Cunegundes.
4	Sext.	Lucio.
5	Sabb.	Theophilo. Rogerio.
6	**DOMINGO**	Perpétua. Felicidade.
7	Seg.	Thomaz de Aquino.
8	Terç.	João de Deus. Pelagia.
9	Quart.	Francisca. Gregorio de Nyssa.
10	Quint.	Militão.
11	Sext.	Candido. Constantino. Rosa.
12	Sabb.	Gregorio Magno.
13	**DOMINGO**	Euphrasia. Ernesto.
14	Seg.	Boaventura. Matilde.
15	Terç.	Christovão. Longino.
16	Quart.	Cyriaco. Abrahão.
17	Quint.	Patricio. Agricola.
18	Sext.	Gabriel. Anselmo.
19	Sabb.	José (protector da Egreja).
20	**DOMINGO**	*Ramos*. Cyrillo.
21	Seg.	Bento.
22	Terç.	Benevenuto. Cilecina.
23	Quart.	Felix. Victoriano.
24	Quint.	Agapito.
25	Sext.	† *Annunc. de N. Sª.*
26	Sabb.	Ludgero. Braulio.
27	**DOMINGO**	*Pascoa*. Lydia.
28	Seg.	Alexandre. Dorothéa.
29	Terç.	Bertholdo. Eustasia.
30	Quart.	Clineu. Regulo.
31	Quint.	Benjamim.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 2 Q. M. ás 9 h. 54′ 7 T.
» 9 L. N. » 6 h. 32′ 4 T.
» 16 Q. C. » 11 h. 11′ 3 M.
» 24 L. C. » 10 h. 30′ 0 M.

Dia 9 Perigeo ás 17 h. 8′
» 23 Apogeo » 23 h. 3′

Abril

QUARTO MEZ — 30 DIAS — Taurus

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Catharina de Sena.
2	Sabb.	Francisco de Paula. Maria Egypciaca.
3	**DOMINGO**	Ricardo. Irene.
4	Seg.	Vicente Ferrer. Isidoro.
5	Terç.	Iria.
6	Quart.	Marcellino. Catharina de Pallencia.
7	Quint.	Epiphanio. Valtrudes.
8	Sext.	Amancio.
9	Sabb.	Demetrio.
10	**DOMINGO**	Ezequiel.
11	Seg.	Pompeu.
12	Terç.	Julio. Victor.
13	Quart.	Hermenegildo.
14	Quint.	Justino.
15	Sext.	Lucio. Anastasia.
16	Sabb.	Engracia. Fructuoso.
17	**DOMINGO**	Rodolfo. Aniceto.
18	Seg.	Galdino. Valeriano.
19	Terç.	Hermogenes.
20	Quart.	Timotheo. Accindino.
21	Quint.	Anselmo. Silvino.
22	Sext.	Sotero. Senhorinha.
23	Sabb.	Jorge. Adalberto.
24	**DOMINGO**	Honorio. Roberto.
25	Seg.	Marcos Ev.
26	Terç.	Cleto. Marcellino.
27	Quart.	Tertulliano. Zita. Thuribio.
28	Quint.	Paulo da Cruz.
29	Sext.	Pedro. Hugo.
30	Sabb.	Eutropio. Sophia.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia	2	Q. M. ás	10 h. 36′ 9″ M.
»	9	L. N. »	2 h. 40′ 2″ M.
«	15	Q. C. »	11 h. 20′ 4″ T.
»	24	L. C. »	2 h. 46′ 4″ M.
»	31	Q. M. »	7 h. 31′ 8″ T.

Dia 8 Perigeo ás 4 h. 5′
» 21 Apogeo » 3 h. 7′

Maio

QUINTO MEZ — 31 DIAS — Gemini

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	Philippe. Jacob.
2	Seg.	Athanasio. Mafalda.
3	Terç.	FERIADO. Alexandre. Juvenal.
4	Quart.	Monica. Floriano.
5	Quint.	*Ascenção de N. S.* Angelo.
6	Sext.	*Maternidade de N. S.* João Damasceno.
7	Sabb.	Estanislau. Gisela.
8	**DOMINGO**	Miguel Arch. Victor.
9	Seg.	Greg. Nazianzeno. Trasl. de S^to André.
10	Terç.	Antonino.
11	Quart.	Athanasio. Palmyra.
12	Quint.	Joanna.
13	Sext.	FERIADO. Pio. Glyceria.
14	Sabb.	Bonifacio. Justa.
15	**DOMINGO**	*Pentecostes.*
16	Seg.	João Nepom. Maxima.
17	Terç.	Paschoal Bailão. Restituta.
18	Quart.	Venancio. Liborio.
19	Quint.	Ivo.
20	Sext.	Bernardino de Sena.
21	Sabb.	Pedro Celestino.
22	**DOMINGO**	*S. S. Trindade.* Helena.
23	Seg.	Desiderio. Basileu.
24	Terç.	Afra. João do Prado.
25	Quart.	Urbano. Maria Magd. de Pazzi.
26	Quint.	*Corpo de Deus.*
27	Sext.	Agostinho de Cantuaria.
28	Sabb.	Emilio.
29	**DOMINGO**	Maximo. Theodosia.
30	Seg.	Emilia.
31	Terç.	Petronilha.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 7 L. N. ás 10 h. 23′ 7″ M.
» 14 Q. C. » 1 h. 26′ 7″ T.
« 22 L. C. » 5 h. 19′ 2″ T.
» 30 Q.M. » 1 h. 46′ 2″ M.

Dia 5 Perigeo ás 12 h. 7′
» 17 Apogeo » 16 h. 2′

Junho

Cancer

SEXTO MEZ — 30 DIAS

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Pamphilo. Ubaldo.
2	Quint.	Marcellino. Eugenio.
3	Sext.	Clotilde. Paula. Ovidio.
4	Sabb.	Quirino. Saturnina.
5	**DOMINGO**	Bonifacio. Valeria.
6	Seg.	Paulina.
7	Terç.	Roberto.
8	Quart.	Salustiano. Calliopa.
9	Quint.	Primo. Melania.
10	Sext.	Mauricio.
11	Sabb.	Felix. Barnabé.
12	**DOMINGO**	Onofre. Antonina.
13	Seg.	Antonio, de Lisboa.
14	Terç.	Basilio o Magno.
15	Quart.	Modesto. Crescencia.
16	Quint.	João Francisco Regis. Germana.
17	Sext.	Thereza. Manuel.
18	Sabb.	Marina.
19	**DOMINGO**	Gervasio.
20	Seg.	Silverio. Prudenciana.
21	Terç.	Luiz de Gonzaga. Demetria.
22	Quart.	*S. Coração de Jesus.* Paulino.
23	Quint.	Edeltrudes.
24	Sext.	† *João Baptista.*
25	Sabb.	Guilherme. Febronia.
26	**DOMINGO**	João e Paulo. Perseveranda.
27	Seg.	Ladislau de Hungria.
28	Terç.	Marcella.
29	Quart.	† *Pedro e Paulo.*
30	Quint.	Lucia. Marçal.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 6 L. N. ás 6 h. 27′ 1″ T.
» 14 Q. C. » 5 h. 31′ 7″ M.
» 22 L. C. » 5 h. 44′ 3″ M.
» 29 Q. M. » 6 h. 41′ 8″ M.

Dia 3 Perigeo ás 12 h. 2′
» 15 Apogeo » 9 h. 1′
» 30 Perigeo » 7 h. 5′

Julho

SEPTIMO MEZ — 31 DIAS — Leo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Domiciano. Theodorico.
2	Sabb.	*Visitação de N. Sª*. Processo.
3	**DOMINGO**	Anatolio. Jacintho.
4	Seg.	Isabel, de Portugal. Bertha.
5	Terç.	Philomena. Zoé.
6	Quart.	Tranquillino. Isaïas.
7	Quint.	Pulcheria.
8	Sext.	Procopio. Methodio. Priscillia.
9	Sabb.	Nicolau. Anathalia.
10	**DOMINGO**	Januario. Rufina.
11	Seg.	Pio. Sabino.
12	Terç.	João Gualberto. Marciana.
13	Quart.	Anacleto. Eugenio.
14	Quint.	FERIADO. Boaventura.
15	Sext.	Henrique. Rosalia.
16	Sabb.	Ceslau. Reinalda.
17	**DOMINGO**	Acylino. Marcellina.
18	Seg.	Camillo de Lellis.
19	Terç.	Vicente de Paulo. Justa.
20	Quart.	Margarida. Jeronymo Emiliano.
21	Quint.	Praxedes. Victor.
22	Sext.	Maria Magdalena.
23	Sabb.	Liborio. Brigida.
24	**DOMINGO**	Christina. Vicente.
25	Seg.	Christovão. Valentina.
26	Terç.	Olympio.
27	Quart.	Pantaleão. Natalia.
28	Quint.	Innocencio. Celso.
29	Sext.	*Stª Anna*. Olavo. Beatriz. Martha.
30	Sabb.	Julieta. Rufino.
31	**DOMINGO**	Ignacio de Loyola. Germano.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 5 L. N. ás 3 h. 44′ 1″ M.
» 12 Q. C. » 11 h. 8′ 4″ T.
» 20 L. C. » 4 h. 21′ 4″ T.
» 27 Q. M. » 11 h. 40′ 5″ M.

Dia 12 Apogeo ás 3 h. 9′
» 24 Perigeo » 10 h. 3′

Agosto

OITAVO MEZ — 31 DIAS — Virgo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Pedro nos vinculos.
2	Terç.	Affonso de Ligorio. Estevão.
3	Quart.	Lydia. Hermilio.
4	Quint.	Domingos. Perpétua.
5	Sext.	Cantidiano. Afra.
6	Sabb.	Thiago. Xisto.
7	**DOMINGO**	Caetano. Donato.
8	Seg.	Cyriaco. Esmeralda.
9	Terç.	Romão. Sabina.
10	Quart.	Lourenço. Philomena.
11	Quint.	Tiburcio. Susanna.
12	Sext.	Clara. Cassiano.
13	Sabb.	Hippolyto.
14	**DOMINGO**	Eusebio. Athanasia.
15	Seg.	† *Assumpção de N. Sª.* Alipio.
16	Terç.	Roque. Sirena.
17	Quart.	Mamede. Paulina.
18	Quint.	Agapito. Helena.
19	Sext.	*S. Joaquim.* Jacintho. Tecla.
20	Sabb.	Bernardo. Samuel.
21	**DOMINGO**	Umbelina.
22	Seg.	Felisberto. Antusa.
23	Terç.	Liberato. Davina. Graça.
24	Quart.	Bartholomeu. Aurea.
25	Quint.	Luiz. Patricia.
26	Sext.	*S. Coração de Maria.* Zephyrino. Rosa.
27	Sabb.	José Calasans. Cesario.
28	**DOMINGO**	Agostinho. Alexandre.
29	Seg.	Candida. Adolfo.
30	Terç.	Rosa de Lima.
31	Quart.	Raimundo Nonnato.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 3 L. N. ás 3 h. 13′ 0″ T.
» 11 Q. C. » 5 h. 17′ 9″ T.
» 19 L. C. » 1 h. 59′ 6″ M.
» 25 Q. M. » 6 h. 1′ 0′ T.

Dia 8 Apogeo ás 22 h. 9′
» 20 Perigeo » 19 h. 5′

Setembro

NONO MEZ — 30 DIAS — Libra

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Egydio. Gedeão.
2	Sext.	Estevão. Maxima.
3	Sabb.	Aristeu. Euphemia.
4	**DOMINGO**	Rosa de Viterbo. Candida.
5	Seg.	Lourenço Justiniano. Gentil.
6	Terç.	Libania. Zacharias.
7	Quart.	FERIADO. Regina. Athanagildo.
8	Quint.	† *Natividade de N. Sª*. Adriano.
9	Sext.	*O Stº Nome de Maria*. Serafina.
10	Sabb.	Nicolau Tolentino.
11	**DOMINGO**	Theodora. Jacintho.
12	Seg.	Auta. Juvencio.
13	Terç.	Eulogio. Maurilio.
14	Quart.	*Exaltação da SS. Cruz*. Cornelio. Crescencio.
15	Quint.	Nicomedes. Melitina.
16	Sext.	*Dôres de N. Sª*. Cypriano. Luiza.
17	Sabb.	Pedro de Arbues. Comba.
18	**DOMINGO**	Thomaz. Sophia.
19	Seg.	Januario. Constança.
20	Terç.	Philippa.
21	Quart.	Matheus. Iphigenia.
22	Quint.	Mauricio.
23	Sext.	Lino. Tecla.
24	Sabb.	Geraldo.
25	**DOMINGO**	Firmino. Pacifico.
26	Seg.	Justina. Callistrato.
27	Terç.	Cosme. Damião. Delphina.
28	Quart.	Wenceslau. Lioba.
29	Quint.	Miguel Archanjo. Fraterno.
30	Sext.	Jeronymo. Sophia.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 3 L. N. ás 5 h. 39′ 3″ M.
» 11 Q. C. » 10 h. 47′ 3″ M.
» 18 L. C. » 11 h. 31′ 7″ M.
» 25 Q. M. » 2 h. 55′ 2″ M.

Dia 6 Apogéo ás 16 h. 3′
» 19 Perigéo » 0 h. 3′

Outubro

DECIMO MEZ — 31 DIAS — Scorpius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	Remigio. Julia.
2	**DOMINGO**	Nilo. Ludgero.
3	Seg.	Candido. Emilia.
4	Terç.	Franc. de Assis.
5	Quart.	Placido. Flaviana.
6	Quint.	Bruno.
7	Sext.	*N. Sª. do Rosario.* Marcos. Sergio.
8	Sabb.	Pelagia. Reparata.
9	**DOMINGO**	Dionysio. Andronico.
10	Seg.	Eulampia. Luiz Beltrão.
11	Terç.	Nicacio. Genoveva.
12	Quart.	FERIADO. Wilfrido. Serafina.
13	Quint.	Daniel. Eduardo.
14	Sext.	Calixto. Gaudencio.
15	Sabb.	Theresa de Jesus.
16	**DOMINGO**	Gallo. Lullo.
17	Seg.	Heduviges. Mariano.
18	Terç.	Lucas. Athenodoro.
19	Quart.	Pedro d'Alcantara.
20	Quint.	João Cancio. Iria.
21	Sext.	*N. Sª. dos Remedios.* Ursula. Celina.
22	Sabb.	Maria Salomé. Alodia.
23	**DOMINGO**	Domicio. Hilarião.
24	Seg.	Rafael Archanjo. Evergisto.
25	Terç.	Crispim. Daria.
26	Quart.	Evaristo. Luciano.
27	Quint.	Elesbão. Capitolina.
28	Sext.	Simão. Judas Thadeu. Cyrilla.
29	Sabb	Narciso. Benvinda.
30	**DOMINGO**	Serapião. Eutropia.
31	Seg.	Quintino. Wolfgango.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 1 L. N. ás 11 h. 3′ 4″ T.
» 10 Q. C. » 2 h. 36′ 7″ M.
» 16 L. C. » 9 h. 32′ 3″ T.
» 23 Q. M. » 3 h. 20′ 7″ T.

Dia 3 Apogeo ás 3 h. 3′
» 16 Perigeo » 11 h. 9′
» 30 Apogeo » 4 h. 1′

Novembro

UNDECIMO MEZ — 30 DIAS — Sagittarius.

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	† *Todos os Sanctos.* Cesario.
2	Quart.	FERIADO. *Finados.* Tobias.
3	Quint.	Malachias. Silvia.
4	Sext.	Carlos Borromeu. Agricola.
5	Sabb.	Zacharias. Berthilde.
6	**DOMINGO**	Leonardo. Severo.
7	Seg.	Herculano. Nicandro.
8	Terç.	Severiano.
9	Quart.	Theodoro. Mathurino.
10	Quint.	André Avellino. Nympha.
11	Sext.	*Patrocinio de N. Sª.* Martinho. Renato.
12	Sabb.	Diogo. Levino.
13	**DOMINGO**	Eugenio. Zebina.
14	Seg.	Clementino. Philomena.
15	Terç.	FERIADO. Gertrudes. Leopoldo.
16	Quart.	Valerio. Ignez.
17	Quint.	Alpheu. Zacheu.
18	Sext.	Romão. Astrogilda.
19	Sabb.	Isabel. Ponciano.
20	**DOMINGO**	Felix. Octavio. Maxencio.
21	Seg.	Demetrio. Honorio.
22	Terç.	Cecilia. Amphiloquio.
23	Quart.	Clemente. Felicidade.
24	Quint.	Estanislau. Chrysogono.
25	Sext.	Catharina. Alfredo.
26	Sabb.	Belmiro. Genoveva.
27	**DOMINGO**	*1.º Domingo do Advento.* Maximo.
28	Seg.	Jacob da Marca.
29	Terç.	Saturnino.
30	Quart.	André. Maura.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 1 L. N. ás 6 h. 18′ 0″ T.
» 9 Q. C. » 4 h. 12′ 7″ M.
» 16 L. C. » 8 h. 12′ 4″ M.
» 23 Q.M. » 7 h. 42′ 9″ T.
« 31 L. N. » 1 h. 28′ 5″ T.

Dia 15 Perigeo ás 0 h. 8′
» 27 Apogeo » 11 h. 4′.

Dezembro

DUODECIMO MEZ — 31 DIAS — Capricornius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Eloi. Agerico.
2	Sext.	Bibiana. Aurelio.
3	Sabb.	Francisco Xavier. Sofonia.
4	**DOMINGO**	Barbara. Osmundo.
5	Seg.	Geraldo. Sabas.
6	Terç.	Nicolau. Leoncia.
7	Quart.	Ambrosio. Fara.
8	Quint.	† *Conceição de N. Sª*. Romarico.
9	Sext.	Leocadia. Proculo.
10	Sabb.	Melchiades. Eulalia.
11	**DOMINGO**	Damaso. Pretextato.
12	Seg.	Justino. Dionysia.
13	Terç.	Luzia. Otilia. Orestes.
14	Quart.	Agnello. Eutropia.
15	Quint.	Eusebio. Irineu.
16	Sext.	Adelaide. Mizael.
17	Sabb.	Martha. Lazaro.
18	**DOMINGO**	Espiridião. Basiliano.
19	Seg.	Fausta. Dario.
20	Terç.	Philogonio. Domingos.
21	Quart.	Thomé. Themistocles.
22	Quint.	Honorato. Angelina.
23	Sext.	Servulo. Victoria.
24	Sabb.	Gregoriano. Delphino.
25	**DOMINGO**	† *Natal*. Eugenia.
26	Seg.	Estevão. Archelau.
27	Terç.	João Evang.
28	Quart.	Eutychio. Theophila.
29	Quint.	Thomaz. Melania.
30	Sext.	Sabino. Colomba.
31	Sabb.	Silvestre. Nominando.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

CAMISARIA ESPECIAL

Rua do Ouvidor nº 108

ARTIGOS PARA HOMENS

E MENINOS

Secção d'Alfaiataria

ROUPAS SOB MEDIDA

E ROUPAS FEITAS

Unicos recebedores do

CALÇADO AMERICANO FLORSHEIM

RIO DE JANEIRO

Geographia - Estatistica

BRASIL

Republica federativa composta de 20 Estados e um Districto Federal. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. O Senado compõe-se de 63 representantes, sendo 3 por cada Estado e outros 3 pelo Districto Federal, renovando-se o Senado pelo terço triennalmente. A Camara dos Deputados compõe-se de 212 representantes (um por 70.000 hab.), eleitos mediante suffragio directo por tres annos. O presidente e o vice-presidente da Republica são eleitos por 4 annos e tambem por suffragio directo. É eleitor todo o Brasileiro maior de 21 annos que se alistar na forma da lei.

Aos 20 Estados acima referidos accresce o chamado territorio do Acre, que pelo decreto n. 5188, de 7 de Abril de 1904, foi dividido em tres zonas ou departamentos administrativos com estas denominações : *Alto Acre*, *Alto Purús* e *Alto Juruá*. Cada um d'elles é administrado por um prefeito de nomeação do presidente da Republica, havendo em Manaus um delegado do Governo Federal para centro de informações e transmissão de ordens. Todo esse territorio constitue uma comarca com um juiz de direito e trez juizes de districto.

— Area, 8.525.055 kls. qs., comprehendida a permuta de territorios estipulada pelo recente tractado de Petropolis. — População (segundo o recenseamento de 1890) 14.333.915 hab.; presume-se que a actual não seja inferior a 18.000.000 e ha quem com boas razões a eleve a 21.000.000. Um estudioso de estatisticas faz os calculos seguintes a respeito da população :

Nem tudo o que luz é ouro. Veja-se a graxa.

O amor aos 50 annos é como o rheumatismo. Nada o cura.

Hezitar-se-ia sempre em dar a primeira bofetada, se houvesse a certeza de receber a segunda.

A população do Brasil em 1906

(Estimativa exagerada).

	ESTADOS	AREA EM klms. QUADRADOS	POPULAÇÃO	HABTS. por KLM. Q.
1	Alagôas	58.491	937.920	16,03
2	Amazonas	1.897.020	288.000	0,15
3	Bahia	426.427	2.802.000	6,57
4	Ceará	104.250	1.200.000	11,41
5	Districto Federal	1.394	876.000	62,80
6	Espirito-Sancto	44.839	241.920	5,39
7	Goyaz	747.311	408.000	0,54
8	Maranhão	459.884	792.000	1,72
9	Matto-Grosso	1.379.651	188.400	0,13
10	Minas-Geraes	574.885	5.132.880	8,05
11	Pará	1.149.712	782.880	0,69
12	Parahyba	74.731	716.200	9,59
13	Paraná	221.319	432.000	1,95
14	Pernambuco	128.395	2.507.400	19,50
15	Piauhy	301.797	510.000	1,68
16	Rio Grande do Norte	57.485	488.640	8,51
17	Rio Grande do Sul	236.553	1.620.000	6,84
18	Rio de Janeiro	68.972	1.560.000	22,60
19	Santa Catharina	74.156	486.960	6,86
20	São Paulo	290.876	3.024.000	10,39
21	Sergipe	39.090	540.000	13,81
	Total	8.337.218	25.534.200	3,85

Para o calculo do presente quadro serviu de base o organisado pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, para 1900, admittindo-se augmento de 20 °/° nos seis annos desde então decorridos, acrescimo correspondente á duplicação observada do numero de habitantes em trinta annos. Comtudo, a população mais provavel para 1910 será de 18 a 20 milhões de habitantes.

Limites. — Confina ao *Norte* com as Guianas Franceza, Hollandeza e Ingleza, e as republicas de Venezuela e Estados-Unidos da Colombia; a Oeste e SO. com as republicas do Perú, da Bolivia, do Paraguai e Argentina; ao S. com a Republica do Uruguai; a SE, E.e NE. com o Oceano Atlantico, tendo por pontos extremos:

Ao *Norte*, na serra Roruima, a nascente do rio Cotingo, aos 5° — 9′ — 40″ lat. N. e 17° — 34′ — 20″ long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 60° 44′ — 41, 15 O. de Greenwich.

A *Leste*, Ponta de Pedras, na costa de Pernambuco, aos 7° — 37′ — 30″ lat. S. e 8° — 22′ — 01″,15 long. E. do Obs. do Rio de Janeiro ou 34° — 48′ — 02″ O. de Greenwich.

Ao *Sul*, a barra do arroio Chui, no Oceano Atlantico, aos 33° — 45′ — ″00 lat. S. e 10° — 21′ — 27″,10 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 53° — 31′ — 48″,25 O. de Greenwich.

A *Oeste* (actualmente) a nascente do Rio Jaquirana, aos 7° — 11′ — 48″,10 lat. S. e 30° — 37′ — 23″,35 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 73° — 47′ — 44″,50 O. de Greenwich, ponto commum ao Brasil, Perú e Bolivia

A sua maior extensão entre os pontos terminaes, na linha *Norte-Sul*, é de 4.310 kilometros, e na linha *Este-Oeste* de 4.300 kilometros.

Aspecto physico, serras e chapadões. — A maior parte do paiz consta de um planalto de 300 a 1000 metros de altura, limitado ao N. e a O. pelas grandes depressões continentaes do Amazonas e do Paraguai, quasi unidas por meio do valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé. Comprehende tambem parte do planalto da Guiana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da do Paraguai. A estas quatro divisões ainda ha que juntar uma região maritima, que occupa uma estreita facha entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro.

Embora representem-n'o geralmente como montanhoso, o planalto brasileiro consta em grande parte de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. As verdadeiras montanhas, — as que são devidas ao soleva-mento — existem principalmente a Leste e no centro, e podem considerar-se como constituindo duas cadeias quasi separadas pelos altos chapadões da bacia do S. Francisco e da do Paraná.

A cadeia oriental ou maritima acompanha a costa do Atlantico a pequena distancia do littoral, desde as proximidades do cabo de S. Roque, e vai quasi até aos limites meridionaes do paiz.

A cadeia central ou goiana occupa uma parte do Sul de Goiaz, parte do Estado de Minas a Oeste do S. Francisco, e junta-se á cadeia oriental por uma lom-bada transversal que se extende para Oeste atravez do Sul de Minas. Esta lom-bada transversal faz parte da grande divisoria das aguas do continente, exten-dendo-se na direcção E. O., e á qual geralmente chamam Serra das Vertentes, denominação impropria, porque uma parte consideravel da divisoria das aguas não é precisamente montanhosa.

As montanhas do systema oriental formam uma zona longa e comparativa-mente estreita, de cêrca de vinte leguas na sua maior largura, nos Estados ao Sul do Rio de Janeiro, de quatro ou cinco vezes mais no Sul de Minas-Geraes, de cincoenta ou sessenta leguas a Leste do rio S. Francisco.

Nos Estados do Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Espirito-Sancto e no S. E. de Minas-Geraes, onde esta cadeia chega ao seu maior desenvolvimento, ha duas divisões parallelas bem definidas : a serra do Mar e a serra da Mantiqueira, que se extendem de S. O. para N. E. Os pontos culminantes são : os picos dos Orgãos deante da bahia do Rio de Janeiro (2232 m.), na serra do Mar; e o Itatiaia (2994 m.), o mais elevado do Brasil, na serra da Mantiqueira, no angulo dos tres Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Ao Norte do parallelo do Rio de Janeiro, a linha culminante da cadeia passa da serra da Mantiqueira, que continúa na direcção de N. E., para um ramal que, sob o nome de serra do Espinhaço, encaminha-se para o Norte ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco. Os pontos mais elevados d'esta serra

são os picos de Itacolumi (1750 m.), e Caraça (1955 m.), proximo a Ouro-Preto, Piedade (1787 m.) junto a Sabará, e Itambé (1817 m.) na região de Diamantina. As montanhas d'esta cadeia oriental tornam-se mais baixas ao Norte e ao Sul dos Estados mencionados, e ao Norte do S. Francisco são representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central ou goiana consta pelo menos de duas divisões distinctas : a das serras da Canastra e Matta da Corda, que se extendem em direcção geralmente septentrional desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional da bacia do grande affluente occidental, o Paracatú, e a das montanhas do Sul de Goiaz, que se extendem na direcção de N. E. entre as cabeceiras das bacias do Tocantins-Araguaia e do Paraná.

A primeira destaca-se da lombada mencionada, que da serra da Mantiqueira se extende atravez do Sul de Minas-Geraes. Seu ponto culminante é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco, com a elevação de 1282 metros.

Da segunda ainda não se póde traçar com precisão nem a extensão, nem os limites, pois os conhecimentos que se possúem da geologia e topographia d'aquella região não permittem distinguir as verdadeiras montanhas, devidas a solevamento, das que são devidas á denudação de estratos horizontaes. E' assim impossivel estabelecer até que ponto as várias divisorias das aguas que irradiam de Goiaz devem classificar-se com as suas montanhas, e determinar se formam ou não um systema distincto. (*Orv. Derby*).

Altitude dos principaes pontos culminantes do Brasil

	Metros
Amazonas	
Pico de Roraima	2.600
Maranhão	
Mangabeiras	720
Ceará	
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Maruóca	850
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620
Parahiba	
Cordilheira de Borborema	900
Pernambuco	
Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exú	631
Alagôas	
Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	299
Sergipe	
Serra de Itabaiana	660
Bahia	
Pico das Almas	1.300
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra-Grande	500
Serra de Itiúba	436
Espirito-Sancto	
Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre-Alvares	980
Rio de Janeiro	
Serra dos Orgãos, Pedra Assú	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, tres Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400

DISTRICTO FEDERAL

	Metros
Pico do Andarahi	1.025
Pico do Corcovado	702
Paineiras (Corcovado)	464
Pão de Assucar	385
Antiga Caixa da Carioca	209

MINAS-GERAES

Itatiaia (Agulhas Negras)	2.994
Itatiaia (Pyramides)	2.500
Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiqueira)	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará	1.787
Pico de Itacolomi (Ouro-Preto)	1.750
Pedra-Branca, junto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena	1.288
Serra do Ouro-Branco, ao Sul de Ouro-Preto	1.260

S. PAULO

Lapa do Picú (Mantiqueira)	2.200
Pico do Tembé	2.000
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900

PARANÁ

Paranápiacaba	1.668
Serra da Ribeira	1.000

SANCTA-CATHARINA

Serra do mar	1.232
Serra do Mirador	492

RIO-GRANDE DO SUL

Serra do mar	990
Aceguá	621
Sancta-Tecla	573
Herval	500
Sanct'Anna	490

MATTO-GROSSO

Serra dos Parecis	900
Serra de Maracajú	618
Nioac	220

GOIAZ

Chapada dos Veadeiros	1.600
Serra dos Pyreneus	1.385
Serra da Tabatinga	880

Rios principaes, com a sua extensão approximada:

Bacia do Amazonas

	Kms
Amazonas	5.400
Madeira	3.240
Purús	3.000
Tocantins	2.640
Araguaia	2.627
Tapajoz	1.992
Xingú	1.980
Juruá	1.980
Japurá	1.848
Guaporé	1.716
Negro	1.551
Içá	1.452
Jutahi	1.056
Teffé	990
Javari	660
Coari	594
Branco	560

Bacia do Rio da Prata

	Kms
Paraná	4.390
Paraguai	2.078
Uruguai	1.650
Grande (Minas)	1.353
Iguassú	1.320
Tieté	1.122
Paranahiba	957
Paranapanema	660

Bacia do S. Francisco

	Kms		Kms
S. Francisco (Liais).	2.900	Paracatú.	627
Rio das Velhas (navegavel) . .	1.135	Preto (affl. do Paracatú). . . .	528
Verde Grande (40 kms., navegavel)	792	Urucuia	501

Bacias secundarias

	Kms		Kms
Parnahiba (do Piauhi, navegavel até á foz do Canindé). .	1.716	Gurupi.	800
Itapicurú (do Maranhão). . . .	1.650	Parahiba do Sul	792
Mearim (do Maranhão)	1.095	Pardo (Bahia)	792
Jequitinhonha	1.082	Rio de Contas (Bahia).	550
Doce.	977	Vasa-Barris (Sergipe).	530
Canindé	858	Mucuri.	528
		Paraguassú (Bahia).	520

Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto-Alegre

Para o Norte

	Milhas
Rio de Janeiro a Bahia	734
Bahia a Maceió	270
Maceió a Recife.	120
Recife a Parahiba.	70
Parahiba a Natal	78
Natal a Fortaleza	260
Fortaleza a S. Luiz	360
S. Luiz a Belém.	250
Belém a Breves.	146
Breves a Gurupá	123
Gurupá a Porto de Móz	48
Porto de Móz a Prainha. . . .	96
Prainha a Montalegre.	41
Montalegre a Santarem	60
Santarem a Obidos	68
Obidos a Villa-Bella.	95
Villa-Bella a Itacoatiara . . .	137
Itacoatiara a Manaus	110

Rio de Janeiro a Bahia	734
Rio de Janeiro a Recife	1.124
Rio de Janeiro a Fortaleza. . .	1.532
Rio de Janeiro a S. Luiz. . . .	1.892

	Milhas
Rio de Janeiro a Belém	2.142
Rio de Janeiro a Manaus . . .	3.066

Para o Sul

Rio de Janeiro a Sanctos . . .	202
Sanctos a Paranaguá	142
Paranaguá a Antonina	15
Antonina a S. Francisco . . .	29
S. Francisco a Florianopolis. .	65
Florianopolis a Rio-Grande . .	349
Rio-Grande a Pelotas	27
Pelotas a Porto-Alegre	106

Rio de Janeiro a Sanctos . . .	202
Rio de Janeiro a Paranaguá . .	344
Rio de Janeiro a Antonina . .	359
Rio de Janeiro a S. Francisco .	388
Rio de Janeiro a Florianopolis.	453
Rio de Janeiro a Rio-Grande. .	802
Rio de Janeiro a Pelotas. . . .	829
Rio de Janeiro a Porto-Alegre.	935

De Montevidéu a Cuiabá. . . .	2.091

Administração, Presidentes, Governadores, Prefeitos

O Brasil divide-se em 20 estados, um Districto Federal e um territorio — o do Acre.

Os estados são administrados por *governadores* eleitos pelo povo, sendo que nos estados de Amazonas, S. Paulo, Minas-Geraes, Matto Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, o poder executivo é desempenhado por um *presidente*, tambem eleito pelo povo.

O Districto Federal é governado por um *Prefeito*, nomeado pelo Presidente da Republica, mediante approvação do Senado; e por autoridades municipaes.

O governo do territorio do Acre é exercido por *Prefeitos* designados pelo Presidente da Republica.

Os estados, segundo as leis que os regem, estão divididos en municipios autonomos entre si, os quaes são administrados respectivamente por um *Intendente* ou *Prefeito*, eleito pelo povo.

Forças militares

Segundo a ultima reorganisação do Exercito e lei do serviço militar obrigatorio (Janeiro de 1908), a força publica compõe-se de :

Arma de infantaria :

15 regimentos ou 45 batalhões de linha; 12 batalhões e 13 companhias de caçadores; 5 companhias de tres secções de tres metralhadoras e 12 secções de tres metralhadoras.

Arma de cavallaria :

9 regimentos de linha de quatro esquadrões; 3 regimentos independentes de quatro esquadrões; 5 regimentos, para serviço das brigadas de infantaria, de dous esquadrões; 5 pelotões de estafetas e exploradores das brigadas de infanteria; e 7 pelotões de estafetas e exploradores para outras unidades.

Arma de artilharia :

5 regimentos de tres grupos de tres baterias de quatro peças de artilharia montada; 5 baterias de obuzeiros de seis peças cada uma; 3 grupos de artilharia a cavallo de tres baterias de quatro peças; 2 grupos de artilharia de montanha de tres baterias de quatro peças; 3 batalhões de artilharia de posição de seis baterias; 6 batalhões de artilharia de posição de duas baterias; 6 baterias de artilharia de posição independentes; 5 parques, e 15 columnas de munição.

Arma de engenharia :

5 batalhões de quatro companhias das brigadas de infantaria e 17 pelotões de engenharia.

E o trem composto de

5 esquadrões, sem constituirem arma especial; seus officiaes e praças pertencem á cavallaria;

Creando 13 regiões de inspecção, assim destribuidas :

« 1ª. Amazonas e Territorio do Acre; 2ª. Pará e Aricary; 3ª. Maranhão e Piauhy; 4ª. Ceará e Rio Grande do Norte; 5ª. Parahyba e Pernambuco; 6ª. Alagôas e Sergipe, 7ª. Bahia e Espirito Santo; 8ª. Rio de Janeiro e Minas; 9ª. Districto Federal; 10ª. S. Paulo e Goyaz; 11ª. Paraná e Santa Catharina; 12ª. Rio Grande do Sul; 13ª. Matto Grosso »;

Dividindo o territorio brasileiro em 21 regiões de alistamento, correspondentes aos Estados e ao Districto Federal, subordinadas a inspectores permanentes;

Estabelecendo o serviço militar obrigatorio, conforme os artigos abaixo :

« Art. 1º. Todo o cidadão brasileiro, desde a idade de 21 á de 44 annos completos, é obrigado ao serviço militar, na fórma do art. 86 da Constituição da Republica e de accôrdo com as prescripções desta lei.

Art. 2º. Não podem servir no exercito :

a) Os individuos que, antes da data legal de sua incorporação ao serviço, hajam soffrido condemnação por crime previsto no paragrapho unico do art. 46 do codigo penal da armada;

b) Os que forem privados dos direitos de cidadão brasileiro, na fórma das leis em vigor. (Constituição da Republica, art. 71.)

Navegação

Várias companhias de navegação fazem o serviço costeiro, umas subvencionadas pelo Estado, outras com recursos exclusivamente seus, a saber entre as mais importantes :

Lloyd Brasileiro, que mantem as seguintes :

Linhas de navegação. — Entre o Rio de Janeiro e Manaus, com escalas pelos portos de Victoria, Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahiba, Natal, Ceará, Maranhão, Pará, Obidos e Santarém.

Entre o Rio de Janeiro e New-York (Est. Unidos).

Entre o Rio de Janeiro e Rosario de Sancta Fé, com escalas por Sanctos, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande, Montevidéu, e Buenos-Aires.

Entre o Rio de Janeiro e Porto-Alegre, com escalas por Sanctos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande e Pelotas.

Entre o Rio de Janeiro e Maceió, com escalas por Ponta d'Arêa, Caravellas, Bahia, Estancia, Aracajú e Penedo.

Entre o Rio de Janeiro e a Bahia, com escalas por Cabo-Frio, Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapari, Victoria, Sancta-Cruz (Espirito-Sancto), Barra e Cidade de S. Matheus, Viçosa, Caravellas, Alcobaça, Prado, Porto-Seguro, Sancta-Cruz (Bahia), Canavieiras e Ilhéos.

Entre o Rosario de Sancta Fé e Cuiabá, com escalas por Paraná, La Paz, Goyaz, Bella Vista, Corrientes, Cerrito, Humaitá, Pilar, Villa Franca, Assumpção, Rosario, Conceição, Foz do Apa, Olympo, Coimbra, Albuquerque, e Corumbá.

Entre os portos de Sancta-Catharina.

Entre os portos da Bahia e entre o Rio-Grande e Porto-Alegre.

Existe mais uma linha especial para cargas entre o Rio de Janeiro, Porto-Alegre e o Pará.

Companhia Nacional de Navegação Costeira (do Rio de Janeiro a Pernambuco e a Porto-Alegre);

Empresa Esperança Maritima (do Rio de Janeiro a Manau e a Porto-Alegre;

Empresa de Navegação (do Rio a Caravellas).

Empresa de Sal e Navegação (Norte e Sul).

Navegação do Alto Uruguai, R. Argentina e R. G. do Sul (Oeste).

— As communicações maritimas internacionaes são feitas pelas seguintes companhias de paquetes:

Messageries Maritimes, Rio de Janeiro a Bordéus	5139	milhas
Transports Maritimes, — — a Marselha	5384	—
Chargeurs Réunis, de Sanctos ao Havre	5289	—
Royal Mail, do Rio a Southampton	5313	—
Pacific Steam Navigation, do Rio a Liverpool	5671	—
Liverpool-Brasil and River-Plate Steamers, do Rio de Janeiro a Liverpool	5671	—
Prince Line, de Sanctos a Nova-York e Nova-Orleans	4146	—
La Veloce, do Rio a Genova	4991	—
Navigazione Generale Italiana, do Rio a Genova	4991	—
La Ligure Brasiliana (Santos-Genova).		
Hamburg-America Linie.		
Hamburg-Südamerikanische Dampfschifffahrts-Gesellschaft, de Sanctos a Hamburgo	5719	—
Robert M. Sloman et Cº (Hamburgo-Nova-York-Brasil).		
Norddeutscher Lloyd Bremen, de Porto-Alegre a Bremen	6673	—
Lloyd Austr. e Real Hung. Adria, de Sanctos a Trieste	6600	—
Lloyd italiano, Rio a Naples	5100	—
Società di Navegazione a Genova	4991	—
Companhia Real Ungara (Rio e Fiume	5700	—
Lamport Holt, N. York Buenos-Aires	4800	—
Companhiâ Italia, Genova-Santos	5450	—
Penyllos Esquierdo e Cª, Genova-Buenos-Aires	5600	—

As Estações.

Verão..... de 21 de Dezembro a 20 de Março.
Outomno..... de 20 de Março a 21 de Junho.
Inverno..... de 21 de Junho a 23 de Septembro.
Primavera..... de 23 de Setembro a 21 de Dezembro.

— Qual é o homem que vive mais contente, o que tem cem contos de reis ou o que tem uma duzia de filhos?

— E' com certeza o que tem uma duzia de filhos, pois que o outro deseja mais, emquanto que este ja tem bastante.

A Hora no Brasil.

Quando na Capital Federal é meio-dia :

Differença de hora entre cidades do Brasil

	H.	M.	S.
Rio de Janeiro	12	0	0
Manaus	10	52	41
Belém	11	38	45
S. Luiz	11	55	34
Therezina	12	1	56
Fortaleza	12	18	29
Natal	12	31	28
Parahiba	12	33	16
Recife	12	33	7
Olinda	12	33	13
Maceió	12	29	51
Aracajú	12	24	12
S. Salvador	12	18	36
Victoria	12	11	34
Petropolis	12	0	0
Parahiba do Sul	11	58	30
Nicteroi	12	1	1
Campos	12	7	4
S. Paulo	11	46	8
Sanctos	11	47	25
Campinas	11	44	12
Amparo	11	45	16
Rio-Claro	11	42	4
Casa-Branca	11	43	36
Piracicaba	11	41	52
Sorocaba	11	42	48
Taubaté	11	50	20

	H.	M.	S.
Curitiba	11	34	52
Paranaguá	11	38	40
Antonina	11	37	24
Florianopolis	11	38	36
S. Francisco	11	38	0
Porto-Alegre	11	27	40
Pelotas	11	22	44
Rio-Grande	11	23	48
Bagé	11	15	56
Uruguaiana	11	4	36
Alegrete	11	9	8
Itaqui	11	6	52
Jaguarão	11	18	52
Livramento	11	10	36
S. Gabriel	11	14	28
Ouro-Preto	11	56	32
Barbacena	11	56	44
Juiz de Fóra	11	58	48
Leopoldina	11	58	20
S. João d'El-Rei	11	54	52
Campanha	11	51	8
Marianna	11	57	0
Uberaba	11	40	12
Goiaz	11	32	12
Cuiabá	11	8	16
Corumbá	11	2	8

DUPRAT & C^IA

Casa fundada em 1850

Fabrica de Livros em branco e de Carimbos de borracha.
Secção especial de Clichés em Zincographia, Autotypia, Stereotypia e Galvanosplastia.
Trabalhos em Trichromia, etc., etc.
Artigos para Escriptorio.
Dezenho, Pintura e fantasia, Carteiras e Cadernos escolares.
Importação directa de todos os artigos concernentes ao nosso ramo de negocio.

o o o o PAPELARIA
o o TYPOGRAPHIA
o o o DOURAÇÃO
o o o o PAUTAÇÃO
ENCADERNAÇÃO

OFFICINAS E DEPOSITO : Rua 25 de Março, 40
PAPELARIA : Rua Direita, 14

Telephone, 78* SÃO PAULO *Caixa Postal, 52

Endr. Telegr. : ***" INDUSTRIAL "***

Climas do Brasil

Altura de chuva, temperaturas média, maxima e minima de varios pontos do Brasil.

(Dr H. Moritze).

LOCALIDADES	Latitude Sul	Altitude	Temperat. media annual	Temperat. maxima observada	Temperat. minima observada	Altura de chuva
		m	c	c	c	mm
S. Luiz do Maranhão	2° 31	43	27° 4	33° 8	21° 1	2455
Belém do Pará	1 27		27 36	34 5	22 0	3087
Manáos	3 8	40	26 53	35 0	19 8	2229
Fortaleza (Ceará)	3 44		26 60	30 6	23 1	1500
Quixeramobim	5 16		29 3	33 6	24 8	
Amarante	6 13		26 2	35 5	18 0	790
Recife	8 4	3	26 2	37 3	16 3	2970
Colonia da Victoria	8 9	161	25 1	39 0	11 6	1050
Colonia Isabel	8 45	229	23 7	35 5	11 5	1037
S. Bento das Lages	12 37	30	24 8	35 0		2053
Bahia	12 58	64	26 0	31 5	21 0	2163
Cuyabá	14 48	205	26 25			1166
Queluz (Minas)	20 40		19 9	32 4	1,0	1461
Barbacena	21 10	1000	17 9	30 2	4,0	1342
Ribeirão Preto	21 10	520	20 0	34 0	0,0	600
Casa Branca	21 47	740	23 5	36 0	9,0	1000
Nova Friburgo	22 19	876	17 2	29 0	1,0	1314
Rio de Janeiro	22 54	66	23 5	37 5	10,2	1126
Sancta Cruz	22 56	26	22 45	36 6	10,2	1700
S. Paulo	23 33	730	16 8	33 1	—1,0	1500
Tatuhy	23 34		19 0	42 5	+1,0	1376
Curytiba	25 27	900	17 9	38 0	—4,4	
Colonia Blumenau	26 55		21 4			1542
St. Ant. da Palmeira	27 54	578	18 0	34 0	—1,0	
Passo Fundo	28 28	628	17 1	34 4	0,0	
Pelotas	31 16		17 2	37 5	—0,5	1066
Rio Grande do Sul	32 0	16	18 8	32 4	1,0	912

Vias de communicação. — A mais importante — constituida pela viação ferrea, consta de 75 estradas pertencentes ao governo federal, ao governo estadoal e áparticulares, sendo dignas de mensão a *Leopoldina Railway* com 2.260 kilometros em trafego, a *Central do Brazil* com 1.742, a *Sorocabana* com 1.121, a *Paulista* com 1.058, a *Mogyana* com 1.034, a *Oeste de Minas* com 848, a rêde hoje arrendada a *Great Western* a *Bahia ao S. Francisco* com 668, a *Porto Alegre a Uruguayana* com 582 kilometros, etc., todas emfim, prefazendo mais de 18,000 kilometros em trafego. Em construcção existem cerca de 3.000 e com estudos approvados cerca de 7.000 kilometros.

A navegação maritima de cabotagem é feita por varias companhias nacionaes, e a de longo curso ou transcontinental, por diversas companhias estrangeiras e pelo *Lloyd Brasileiro*.

A marinha mercante brasileira consta de cerca de 400 vapores e 600 navios a vela, além de innumeras embarcações pequenas.

A rêde de navegação fluvial é actualmente bastante importante.

Innumeras estradas de rodagem ligam os municipios entre si e entre as interestadoaes destacam-se a da Capital Federal a São Paulo, a de Petropolis ao Districto Federal e a da *União e Industria* em Minas Geraes, etc.

Os serviços telegraphico, cuja rêde brasileira attinge a mais de 30.000 kilometros e o postal, feito de accôrdo com as ultimas resoluções da União Postal Universal.

Receita e despeza das Provincias do Imperio do Brasil em 1889

PROVINCIAS	RECEITA	DESPEZA
1 Amazonas	1.802:921$600	1.480:847$000
2 Pará	3.073:672$383	3.995:131$000
3 Maranhão	767:142$892	715:906$099
4 Piauhy	244:410$091	236:579$093
5 Ceará	1.103:551$483	1.062:993$566
6 Rio Grande do Norte	434:575$418	398:520$481
7 Parahyba	524:857$396	524:857$396
8 Pernambuco	3.577:870$950	2.822:269$120
9 Alagôas	819:432$516	674:101$334
10 Sergipe	673:964$932	800:000$000
11 Bahia	3.345:101$171	3.213:726$396
12 Espirito Sancto	646:849$500	903:300$851
13 Rio de Janeiro	4.399:256$284	4.399:256$284
14 Minas Geraes	3.474:000$000	3.474:000$000
15 Paraná	922:671$369	922:671$369
16 S. Paulo	4.089:318$200	4.149:000$000
17 Sancta Catharina	365:974$000	365:974$000
18 Goyaz	225:330$982	191:373$372
19 Rio Grande do Sul	2.843:345$409	2.834:200$000
20 Matto Grosso	230:126$464	246:269$502
	32.890:414$108	33.110:876$863

Receita e despeza dos Estados da Republica em 1904

ESTADOS	RECEITA — ARRECADADA	DESPEZA — EFFECTUADA
Amazonas	20.470:919$	20.461:674$
Pará	16.922:133$	16.889:821$
Maranhão	2.098:987$	1.512:648$
Piauhy	998:825$	894:551$
Ceará	3.827:381$	3.153:925$
Rio Grande do Norte	1.274:840$	1.289:502$
Parahyba	1.604:582$	1.612:354$
Pernambuco	8.116:225$	7.876:618$
Alagôas	2.238:806$	2.119:965$
Sergipe	1.459:687$	1.416:185$
Bahia	10.418:289$	12.557:294$
Espirito Sancto	3.192:572$	2.992:210$
Rio de Janeiro	8.231:277$	6.757:324$
Districto Federal	22.255:088$	23.852:874$
Minas Geraes	16.951:701$	15.833:183$
S. Paulo	42.603:824$	35.872:996$
Goyaz	710:260$	780:597$
Paraná	3.452:446$	2.920:654$
Sancta Catharina	1.173:700$	1.471:177$
Rio Grande do Sul	9.663:059$	9.159:545$
Total	177.664:606$	169.425:097$

NOTA. — Faltam os dados relativos ao Estado de Matto Grosso.

Exportação de productos mineraes do Brasil

(Valor em mil réis ouro)

	1903	1904	1905
Areias monaziticas	659.000$	967.337$	889.231$
Manganez	2.204.000$	2.727.102$	2.958.462$
Ouro em barra	4.165.000$	3.718.306$	3.734.469$
Pedras preciosas	1.014.000$	592.535$	639.389$
Platina	1.100$	1.953$	73.318$
Minerio de cobre	18.870$	50.721$	89.609$
Outros productos	254.030$	279.692$	369.368$
Total	8.316.000$	8.337.646$	8.753.846$

A produção de assucar do Brasil

Estatistica organisada pelo " Boletim do Comité Central dos Syndicatos Agricolas dos Estados assucareiros ", do Rio de Janeiro.

ESTADOS	NUMERO DE USINAS	PRODUCÇÃO EM KILOS	VALOR DA PRODUCÇÃO
Serpipe	41	1.925.000	—
Alagôas	7	15.312.400	—
Rio de Janeiro	25	425.303	—
Pernambuco	47	75.473.077	26.954.216$
Bahia	23	8.889.760	2.366.928$
S. Paulo	11	14.041.000	5.831.028$
Piauhy	1	180.000	54.000$
Minas Geraes	5	784.900	343.960$
Parahyba do Norte	2	3.391.200	15.000$
Ceará	1	240.000	151.560$
Districto Federal	1	4.112.500	1.432.952$
Maranhão	3	1.621.037	257.388$
Sancta Catharina	1	125.200	45.000$
Pernambuco (Banguês)	1.500	97.000.000	—
Total	1.668	223.621.377	37.452.032$

Nosso commercio internacional

Está publicado o Boletim da Estatistica do Commercio do Brasil no anno de 1907. O seu resultado geral, com arado com o do anno anterior, foi este, em papel, e no seu equivalente em esterlino.

	Mil réis, papel	
	1906	1907
Importação	499.286:976$	644.937:744$
Exportação	799.670:295$	860.890:882$
Total	1.298.957:271$	1.505.828:626$

	Equivalente em mil réis, ouro	
	1906	1907
Importação	295.147:033$	360.245:363$
Exportação	471.639:822$	481.572:426$
Total,	766.786:855$	841.817:789$

Assim durante 1907 a importação foi maior por 145.6.0.768$, papel, ou 29,2 0/0 do que a do anno anterior, ou 22 0/0 no valor ouro, que não mostra a pequena differança no cambio.

O movimento da exportação foi este :

	Mil réis papel	*Equivalente em mil réis ouro*
1906	799.670.297$	471.639.82 $
1907	860.890.882$	481.572.426$
Differença para mais em 1907	61.220.587$	9.932.064$

Vé-se, pois, que, ao passo que as importações augmentaram por 22 0/0 ouro, o valor da nossa exportação apenas augmentou 2,1 0/0 em valor, sobre o de 1906 — resultado devéras muito pouco satisfactorio.

Entre os generos de importação notam-se, entre 1906 e 1907, augmentos consideraveis nos valores dos seguintes :

	1906	1907
Algodão em fio, pasta, etc.	6.962:042$	8.868:752$
Chumbo, estanho, zinco	1.840:921$	2.269:357$
Cobre e suas ligas	1.823:010$	2.355:522$
Juta em fio para tecelagem	8.190:469$	12.695:265$
Lã em fio para tecelagem	1.631:236$	3.081:774$
Pinho em tóros e pranchas	4.983:937$	7.538:494$
Materias primas para perfumaria, pintura e tinturaria	5.797:757$	7.045:147$
Prata em barra	1.284:486$	4.476:602$
Plantas, fructos, sementes, etc.	2.732:719$	3.838:617$
Carvão de pedra	25.520:662$	32.800:698$
Brichets	2.428:619$	3.732:085$
Cimento	7.026:479$	8.620:323$
Pelles e couros preparados	7.260:380$	8.309:429$
Sumos e succos vegetaes	3.754:588$	5.924:669$
Manufacturas de algodão	53.949:561$	67.499;817$
Automoveis	1.193:926$	2.524:644$
Vagões de E. de F.	1.425:215$	4.197:100$
Arame de ferro e aço	3.530:931$	6.167:830$
Chapas galvanisadas	2.211:655$	3.4274:74$
Grampos, parafusca e peças para construcções	7.987:790$	11.038:303$
Trilhos	10.750:000$	14.336:406$

	1906	1907
Tubos, carros e juncções	4.415:603$	11.819:710$
Lã manufacturada	9.255:411$	12.069:790$
Louça, porcellana, vidro e crystal	8.466:060$	10.586:287$
Apparelhos de electricidade e illuminação electrica	4.344:823$	11.255:862$
Ferramentas o utensilias	5.139:796$	7.089:480$
Locomotivas	3.439:126$	5.124;463$
Machinas de costura	2.803:078$	5.181:534$
Ditas para industria	4.396:868$	7.749:970$
Ditas para lavoura	723: 70$	1.371:235$
Outras machinas não especificadas	8.727:830$	12.052:904$
Madeiras, traveis, palitos de mesa, etc.	2.407: 02$	3.788:391$
Livros impressos, mappas, etc	1.737:582$	2.067:735$
Papel para impressão	3.015:967$	4.035:695$
Perfumarias e artigos para pintura	4.287:521$	5.356:292$
Productos chimicos	11.224:652$	14.109:194$
Ditos de sêda	3.575:30 $	4.681:942$
Botões	1.068:396$	1.531:697$
Artigos de fumantes	1.043:653$	1.526:986$
Chapéos de cabeça	1.388.238$	1.948:539$
Kerozene e gavelina	10.105:03 $	11.440:517$
Embarcações	1.691:975$	3.304:395$
Oleos minerales	1.670:789$	2.425:016$
Azeite de oliveira	2.620:085$	4.388:2 9$
Bacalháo	12.274:412$	13.976:541$
Farinha de trigo	22.748:146$	31.696:204$
Leite em conserva	1.751:249$	2.345:706$
Manteiga	4.453;391$	5.221:512$
Sal commum	397:262$	1.697:172$
Trigo em grão	23.450:199$	26.686:512$
Vinhos nã espumosos	24.719:393$	29.861:240$
Xarque	16.515:317$	17.345:162$
Libras esterlimas	44.477:634$	63.108:945$
Francos	334:740$	6.523:865$

Ha dous artigos na importação que soffreram grande baixa em 1907 : o arroz e o milho. Em 1906 importamos 7.052:224$ de arroz; no anno proximo passado sómente 2.632:500$; e a differença no valor do milho foi entre 2.131:218$ e 950:826$. Do outro lado nota-se o augmento de 500:000$ no das frutas e legumes verdes, o que é desagradavel.

Do valor total de 360.245:363$ da importação, 140.059:389$ foi pelo porto do Rio de Janeiro; 75.210:200$ pelo de Sanctos; 28.157:434$ pelo do Pará; 27.212:576$ pelas estações fiscaes do Rio Grande do Sul; 23.922:655$ pelo Recife; 23.254:073$ pela Bahia, e valores menores por outros portos.

Segundo as procedencias, esses valores vieram em 1907 :

Da Grã-Bretanha (sem colonias)	108.045:423$
Allemanha	55.274:201$
Estados Unidos	45.979:278$
Argentina	32.272:965$
França	31.109:866$
Portugal	20.937:150$
Belgica	14.306:604$
Italia	12.753:969$

E de outros paizes em valores menores.

Agora, quanto á exportação, os principaes productos deram, nos valores, estes resultados em 1906 e 1907 :

	1906	1907
Animaes e seus productos	40.954:608$	41.619:928$
Couros salgados	16.273:897$	18.428:854$
Pelles de cabra	6.824:474$	9.200:892$
Areias monaziticas	1.488:960$	1.598:088$
Manganez	2.676:357$	8.009:785$
Algodão em rama	25.013:425$	27.499:019$
Borracha segunda	195.559:125$	203.784:873$
Cacáo	20.728:207$	32.043:979$
Café	418.399:742$	453.764:571$
Caroço de algodão	1.835:705$	2.188:053$
Castanhas	2.017:643$	3.999:271$
Fumo em folha	17.595:963$	20.050:817$

Deu-se grande baixa em 1907 nos valores do assucar, maniçoba e herva-matte : no assucar, mais de 6.000 contos, na maniçoba 880 contos e na herva-matte de 2.300 contos. Tambem se nota a baixa de 4.000 contos nos couros seccos e 800 contos no ouro em barra.

Nada menos de 39.77 0/0 da exportação vão de S. Paulo; 13.62 0/0 do Rio de Janeiro; 13.36 0/0 do Amazonas; 11.14 0/0 do Pará; 7.86 0/0 da Bahia; 2.59 0/0 do Rio Grande do Sul; 2.27 0/0 de Pernambuco, etc.

Do total de 860.890:882$, papel, do valor total da nossa exportação em 1907, os Estados Unidos receberam 276.768:750$; a Allemanha, 147.373:165; a Grã-Bretanha, 137.527: 27$; a França 114.505:459$; a Belgica (extraordinariamente, em consequencia das remessas de café pelo Convenio) 46.740:774$; a Hollanda, 33.974:393$; a Argentina, 27.995:738$, etc.

Taes são os principaes dados que nos são fornecidos promptamento pela Repartição da Estatistica Commercial.

Importação e exportação

Em Janeiro de 1909 foram apurados os seguintes dados relativos a *onze mezes* do anno de 1908.

De Janeiro a Novembro do corrente anno, a importação do Brasil attingiu a

somma de £ 32.720.379 e a sua exportação subiu á quantia de £ 38.963.423, resultando, portanto, um saldo a favor da exportação na importancia de £ 6 243.044.

Esse resultado póde ser assim discriminado :

A exportação, só de Novembro, ultimo, é de £ 4.700.000 e a dos dez mezes anteriores de £ 34.263.423.

A importação, só de Novembro citado, é de £ 2.914.000 e a dos dez mezes anteriores é de £ 29.806.379.

Do confronto dos algarismos da importação e da exportação no mez de Novembro findo, verifica-se um saldo de £ 1.786.000, a favor da exportação.

OURO

Não ha estatisticas bastante seguras para se avaliar a producção do ouro no Brasil, desde as primeiras explorações. Tomando, porém, por base os impostos arrecadados pela administração colonial, calcula-se que do anno de 1700 até 1820, foram extrahidas das minas brasileiras 524.094 kilogrammas de ouro.

Do anno de 1820 até 1860, foram extrahidos mais 63.783 kilogrammas, e póde-se, sob essa base, calcular que, dos tempos coloniaes até hoje tem o Brasil produzido mais de 700.000 kilogrammas de ouro.

E' o Estado de Minas Geraes quasi o unico a produzir esse metal actualmente; as pequenas explorações de Goyaz, Matto Grosso e Bahia não têm figurado nas ultimas estatisticas.

A producção ou exportação de ouro, do Estado de Minas, sujeito a imposto, desde o anno de 1896, foi a seguinte, de accôrdo com os dados officiaes :

Exportação do ouro do Estado de Minas Geraes no decennio de 1896-1905 :

ANNO	QUANTIDADE (GRAMMAS)	VALOR OFFICIAL	IMPOSTO MINEIRO
1896	2.030.142	5.493:600$252	136:883$621
1897	2.153.035	6 743:321$280	338:354$033
1898	3.272.795	10.958:957$951	548:042$180
1899	3.974.273	12.999:846$983	650:018$431
1900	4.420.422	13.804:977$906	473:081$040
1901	4.045.802	10.986:375$361	375:001$195
1902	3.813.793,8	9.591:091$407	310:137$312
1903	3.970.945,2	9.923:221$640	347:312$732
1904	4.081.109	10.203:189$713	356:080$184
1905	3.644.534	9.111:335$000	318:903$325

A exportação de ouro em barra do Brasil foi a seguinte nos ultimos seis annos :

1901	4.151.010	grammas
1902	4.001.555	»
1903	4.322.043	»
1904	3.870.426	»
1905	3.878.698	»
1906	4.547.940	»

Brasileiros na Republica do Uruguay.

A zona da Republica Oriental mais proxima da fronteira do Rio Grande do Sul é occupada por grande numero de propriedades brasileiras, quer do lado da terra, quer dos rios Urugay e Jaguarão.

Essas propriedades estão assim distribuidas :

Rocha	313
Paysandú	623
Salto	791
Artigas	484
Rivera	1.271
Cerro Largo	764
Taquarembó	916
Trinta y Tres	303
Total	5.465

São 5.465 brasileiros, proprietarios na porção mais rica da campanha oriental, emquanto que nesses mesmos departamentos sómente existem 5.413 proprietarios de vinte outras nacionalidades.

Consumo annual do café em diversos paizes (1908).

	Numero de habitantes	Total em saccas	Consumo de café por cabeça em kil
França	39.252.800	1.630.850	2.493
Allemanha	60.641.278	3.055.000	3.023
Austr.-Hung	49.091.530	869.850	1.063
Grã-Bretanha	44.146.100	218.850	0.297
Belgica	7.160.547	562.500	4.713
Paizes Baixos	5.509.660	675.000	7.350
Noruega	2.300.000	213.600	5.671
Suecia	5.337.100	614.150	6.904
Dinamarca	2.446.540	235.400	5.766
Russia	123.600.000	291.650	0.139
Suissa	3.327.336	186.350	3.300
Portugal	5.423.132	44.250	0.489
Hespanha	18.736.910	215.000	0.688
Italia	33.603.600	350.000	0.624
Grecia	2.434.000	25.000	0.616
Rumania	6.392.273	40.000	0.375
Servia	2.688.965	12.900	0.288
Bulgaria	3.744.283	12.900	0.200
Turquia d'Europa e Asia	23.029.200	222.900	0.580
Egypto e Tripolitania	20.833.185	133.350	0.384
Africa Merid. Britannica	7.818.825	270.850	2.078
Est. Unidos	90.356.345	6.939.350	4.607
Canadá	5.831.000	62.500	0.643
Argentina e Uruguay	6.781.237	191.650	1.695
Amer.ª : Costa do Pacifico	6.000.000	254.150	2.541
Australia	4.052.570	62.500	0.925

ANNO FINANCEIRO — EXERCICIO DE 1909

A receita está orçada em 79.694 :197$544 ouro, e 264.233 :000$ papel.

A despeza total dos seis Ministerios está fixada em 57.916 :938$572, ouro, e réis 318.065 :280$513, papel.

Ha, por conseguinte, um *deficit* de 43.832 :280$513, e um *saldo* de 21.777 :258$972, ouro.

Reduzido este saldo ouro a papel, teremos 39 mil contos approximadamente do saldo ouro contra os 43.832 :280$513 do *deficit* papel.

Fica o *deficit* reduzido, para 1909, a menos de 5 mil contos.

A despeza dos diversos Ministerios em 1909 está fixada do seguinte modo: Interior 36.315:661$750 papel e réis 12:350$ ouro; Exterior, 2.062:800$ papel e 2.159 :592$764 ouro; Marinha, 38.044 :488$745 papel e 9.441 :153$320 ouro; Guerra, 62.466 :027$241 papel e 110 :000$ ouro; Industria e Viação, réis 89.621 :369$024 papel e 9.039 :914$516 ouro; Fazenda, 89.554 :938$753 papel e réis 37.153 :927$957 ouro, com applicação ordinaria, e mais 12.287 :500$ papel e réis 17.473 :333$342 ouro, com applicação especial.

IMMIGRAÇÃO EM 1908

Attingiu a 94.695 o numero de immigrantes entrados no Brasil durante o anno passado, ou mais 26.908 do que no anno anterior.

Houve o augmento de 15.060 no porto do Rio de Janeiro, 8.735 no de Santos, e 3.113 nos demais portos brasileiros.

Cabe salientar que a sahida de emigrantes da Europa em 1908 decresceu consideravelmente.

Dos paizes da America, parece que o Brasil foi o unico em que se verificou crescimento da corrente immigratoria.

O Chile havia recebido de Janeiro a Outubro de 1908 apenas 4.379 immigrantes, ou menos 37 por cento do que em igual periodo do anno anterior.

Na Argentina entraram em 1908 menos 41.432 do que em 1907.

Nos Estados Unidos houve notavel decrescimo do movimento immigratorio.

E' significativo, portanto, o facto de ter augmentado de 39 por cento a entrada de immigrantes em nosso paiz durante o anno ultimo.

Durante o anno de 1908 foram effectuados os seguintes trabalhos preparatorios para a fundação de nucleos coloniaes:

Levantamentos topographicos, em onze nucleos fundados pelo Governo Federal, 1.898.038 m.

Lotes ruraes, de 20 a 50 hectares cada um, preparados 2.744, sendo inteiramente medidos e demarcados 854, por conta da União e 582 em nucleos estadoaes ; e parcialmente medidos e demarcados 359 á custa da União e 949 em nucleos estadoaes.

Lotes urbanos, com a área maxima de 3.000 metros quadrados, medidos e demarcados por conta da União 706 e dos Estados 647.

Casas construidas em lotes ruraes : por conta da União 689 com a área total de 22.838m2,90, e em nucleos estadoaes 381, mais 363 provisorias, afóra ranchos e elevado uumero de casas construidas pelos colonos.

Casas construidas em lotes urbanos : por conta da União 171, com a área total de 5.402 metros quadrados.

Galpões assoalhados, construidos para hospedagem provisoria de immigrantes, ao chegarem aos nucleos coloniaes, 33, com a área de 2.119 m2.

Estudo de estradas carroçaveis ou de rodagem, obedecendo a condições technicas, 360.803 metros.

Traçado de caminhos vicinaes, 122.473 metros.

Estradas carroçaveis construidas, 142.679 metros.

Caminhos vicinaes construidos, 101.973 metros.

Picadas de communicação abertas e caminhos provisorios construidos, 78.011 metros.

Obras de arte construidas : 38 pontes com o comprimento total de 332 metros ; 58 pontilhões com o comprimento total de 177 m. 50, 128 boeiros, além de outras provisorias.

Foram effectuados outros trabalhos preparatorios para o estabelecimento de nucleos coloniaes : roçada e derribada de matas, explanada para casas, limpa e preparo do terreno nas sédes dos nucleos e nos lotes ruraes, ranchos para operarios, paredões de pedra secca, estacadas, estivados, etc.

Em nucleos coloniaes mantidos pelos Estados realizaram-se tambem consideraveis trabalhos preparatorios.

— Quando é que um soldado arranja uma nova pelle ?
— Quando muda de *corpo*.

* * *

— Qual é a differença entre um padre e um gatuno ?
— O padre *honra a Deus*, emquanto que o gatuno diz *adeus á honra*.

* * *

Aviso collocado n'uma praia :
São prevenidos os snrs. banhista que só podem estacionar na praia se o seu estado de nudez for decente.

O BRASIL NO SECULO XX

O Brasil, ainda hoje pobre quanto a recursos realizados, é todavia um dos paizes a quem sorriem as mais extraordinarias esperanças e possibilidades.

Não convem que por falso patriotismo nos deixemos enlevar por uma riqueza que é virtual e hypothetica, mas é segura quanto o podem ser as melhores probabilidades humanas.

O que é e será o Brasil dil-o o director da Secretaria Internacional das republicas americanas, John Barrett, ex-ministro dos Estados Unidos no Panamá, Colombia e Argentina e ainda ha pouco tempo nosso hospede.

« O Brasil, diz-elle, antes do fim do seculo, será uma das maiores fontes de abastecimento alimentar, de todo o mundo. Mais ainda: essa Republica da America do Sul servirá de habitação a uma raça activa e industriosa, attingindo a cifra de 150 milhões de individuos, desenvolvendo uma energia productiva igual á que apresentam hoje os Estados Unidos, mas temperada por um sentimento latino que exclue a febrilidade da nossa vida, deixando, porém, resultados que demonstrarão igual dominio da civilização material e intellectual.

Estas palavras são uma prophecia, mas o exame attento das condições que hoje existem na grande Republica do Brasil provará que a prophecia tem fundamento e que a imaginação não póde em relação ao Brasil prever futuro que não seja uma justificação desta affirmativa.

A área do Brasil é de 3.218.130 milhas quadradas; excedendo, pela área da Allemanha, a superficie dos Estados Unidos, excluidos o Alaska e as possessões insulares. A população approxima-se do algarismo de 20 milhões, maior do que a que tinham os Estados Unidos em principios do seculo actual. Esse territorio póde dividir-se em quatro partes, mas os proprios Brasileiros preferem considerar o seu paiz como composto pela natureza de tres grandes subdivisões, considerando-as mais como zonas de diversas producções, do que como entidades geographicas.

A primeira póde denominar-se a zona tropical; abrange todo o systema fluvial do poderoso Amazonas, duas vezes maior que o do Mississipi, com affluentes que correm dos Andes Bolivianos, Peruanos, Equatorianos e Colombianos; essa região estende-se tambem para sudoeste, abrangendo trechos do mysterioso Estado de Matto-Grosso, no interior do continente, e unindo-se á parte norte das vertentes do Rio da Prata. A segunda é sub-tropical e temperada ao mesmo tempo; fica toda ella acima do Tropico de Capricornio e comprehende os Estados da Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, sobre a costa, e tambem os planaltos internos do prospero Minas Geraes, com Goyaz, Estado menos conhecido, mas igualmente rico, e onde talvez algum dia venha a ser localizada a Ca-

pital da Republica. A terceira é inteiramente temperada e comprehende os tres Estados mais meridionaes do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Examinemos agora detalhadamente estas tres grande zonas de producção. A primeira é o valle do Amazonas. Deve-se ter em mente que por assim dizer a área inteira é um systema de cursos fluviales que todos tendem para a bôca aberta sobre o Ecuador. Entretanto, não é de fórma alguma uma região inexplorada, como o eram os nossos Estados do Oeste ha cem annos. Hoje, cruzam regularmente os transatlanticos entre Nova York e Manáos, a mil milhas da desembocadura do Amazonas e alguns proseguem ainda em sua derrota até ao porto peruano de Iquitos, 1.300 milhas mais longe.

Manáos é uma cidade de 50.000 habitantes com carros electricos e todas as commodidades de luxo de uma Capital européa. E' de facto o centro de um commercio que se estende numa distancia de mais de 30.000 milhas de agua no interior do Estado. Através esse vasto interior fazem vapores carreiras regulares, conduzindo um commercio tão activo como o Mississipi ha cincoenta annos. A ambição dos pioneiros modernos é alargar cada vez mais as possibilidades desse commercio de modo a attingir a região andina da Bolivia e do Perú.

Os engenheiros têm feito repetidos estudos de uma estrada de ferro que contorne as cachoeiras do rio Madeira e estão certos de que ao fim vencerão todos os obstaculos que a natureza póde collocar no caminho do homem. Os desertos apregoados pela tradicção vão desapparecendo ante a energia da moderna vida industrial e nem uma geração precisará passar para que o Amazonas venha a ser tão util á humanidade como a fronteira norte dos Estados Unidos.

Dous grandes factores cooperam, estimulando a energia humana. Um é o clima. E não vai nisto um inadvertido paradoxo: é theoria já decadente a de que a raça humana não póde medrar, physica nem intellectualmente, nos tropicos. E' tão facil habituar-nos a viver num clima quente como num clima frio e o calor é o unico problema essencial com que teremos de lutar. Entretanto, o calor não é um agente tão destruidor como o frio, e as suas consequencias destruidoras são mais facilmente vencidas. A sciencia poderá descobrir algum meio, á parte o carvão, para nos aquecer, mas até agora não o fez. As faltas de carvão no noroeste apenas apontam a probabilidade ao cabo de cincoenta annos. A Islandia vai-se despovoando, ao passo que o Amazonas offerece o refugio conveniente. As febres tropicaes são um « papão » do passado. Provam-no bem as experiencias que o canal do Panamá veio proporcionar; a mortalidade decrescente no Rio de Janeiro, em Santos e no Pará, mais o accentuam. Não se póde contestar que as febres dos pantanos atacam o explorador dos nossos tempos, mas um systema moderno de colonização dissipará esse perigo. A estrada de ferro Madeira-Mamoré está iniciando o seu trabalho de construcção com a destruição da causa de infecção, isto é, estabelecendo meios de garantir ao pessoal que ella emprega um ambiente de vida hygienico. Poderão e hão de certamente apparecer outras emprezas industriaes e assim irá desapparecendo o perigo de molestia.

O outro factor é a capacidade productiva da região. Os seus recursos naturaes são inesgotaveis; as madeiras, os legumes de alimentação e as fructas

terão procura cada vez maior; o assucar e o tabaco não podem encontrar terreno de cultura mais adequado; de Matto-Grosso, nas aguas mais altas do rio Paraguay, podem-se exportar « stocks » alimentares sufficientes para satisfazer metade do continente.

Mas os productos apparentemente indigenas da região do Amazonas são a borracha e o cacáo. O mundo consumidor ainda não começou a comprehender quanto depende desses dous generos para manter a industria e a vida. Sem a borracha, as rodas sobre que se move o commercio não poderiam gyrar nem mais uma hora; sem a borracha nove decimos de prazer que o mundo offerece teriam de ser distrahidos em outras direcções. E tres quartos da nossa borracha vêm do Brasil; a região do Amazonas exportou em 1907 setenta milhões de dollars de borracha de cuja quantidade absorveram os Estados Unidos trinta e tres milhões.

A industria da borracha apenas agora começa a ser assentada em bases scientificas, mas quando ella fôr cultivada com o mesmo resultado com que o é o café, o Brasil será ainda a principal fonte de abastecimento dos mercados do mundo. Esta terça parte superior do Brasil é ainda o maior fornecedor de cacáo para o mundo; a safra de 1907 foi de 60.000 000 de libras, avaliadas em 10.000.000$, somma de que correspondem quasi 3.000.000$ aos Estados Unidos, e apezar disso, a procura de chocolate e cacáo ainda excede a producção.

Eu não ignoro a producção de assucar do norte do Brasil que vai em augmento, mas que mal chega para as necessidades locaes, nem as suas plantações de tabaco que em 1907 exportaram seis milhões de dollars em excesso da procura local; essas são, porém, safras que tambem florescem em outra parte.

Considerem agora a grande divisão central do Brasil. Póde-se dizer que ella se estende da Bahia no norte a Santos no sul e abrange os Estados do Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, todos conhecidos pelo seu café. Dos quinze milhões de saccas de café que constituem o supprimento visivel do mundo, 11.000.000 vêm do Brasil e hoje esse genero representa sem contestação a maior fonte de riqueza. No interior de S. Paulo e em quasi todo o enorme Estado de Minas Geraes — 221.894 milhas quadradas — embora sem costa maritima, existe um planalto que abrange parte da terra mais fertil que existe em toda a America do Sul. De ha trezentos annos que ella é visitada e estudada, pelo Imperio e pela Republica, mas póde-se dizer que o seu sólo ainda não foi tocado em beneficio do homem. Possue poderosos rios que têm agua sufficiente para proporcionar toda a força e irrigação preciza; terras altas como o centro do Mexico, mas a diminuta raça indigena que o occupava quando vieram os Europeos quasi desappareceu e até hoje não foi ainda substituida por um grande affluxo de industriaes extrangeiros.

Essa região, como diz Burton, está fadada para ser "um dos grandes celleiros do mundo, capaz de sustentar incontaveis milhões de individuos".

Nas areias mais baixas podem cultivar-se o algodão e o tabaco; nas mais altas o trigo, e em quasi toda a sua superficie interna se póde fazer criação de gado.

A terceira parte mais meridional é a mais pequena, abrangendo uma parte do Estado de S. Paulo, todo o Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Actualmente os seus principaes produc-

tos são o chá paraguayo, que póde rivalizar com o café, o chá e o cacáo, no consumo popular, e o gado. As possibilidades desta região são, porém, comparaveis ás das Carolinas, Kentucky e Tennessee.

A superficie dos Estados Unidos do Brasil fica á margem do Atlantico. A sua linha de costa é quasi tão grande como a nossa sobre ambos os oceanos. E' accessivel a qualquer pessoa que deseje passar alguns dias no mar. Ha vapores que fazem viagens regulares de Nova York e outros portos para todos os portos brasileiros mais conhecidos. Dessos portos alcança-se o interior por meio de estradas de ferro que constituem grandes avenidas de trafico e de viajantes, tendendo todas para o lado da agua salgada, mas, entre certos pontos desse interior, os unicos meios de communicação são apenas o atalho que seguem os animaes de carga e as estradas que percorrem as diligencias. Ao longo da costa ha cidades tão bem construidas, tão bem fornecidas das facilidades de vida confortavel como qualquer dos nossos centros de civilização americana, mas as vastas extensões de Goyaz, Minas Geraes e Paraná precizam tanto ser objecto de desenvolvimento como o nosso proprio grande Sudoeste.

As possibilidades, aqui, não têm limite. O sólo promette dar tudo, uma vez que seja applicada a agricultura scientifica e que haja mercados de consumo. Ora, essa existencia de mercados de consumo não constitue uma questão no Brasil, porque apezar de paiz essencialmente agricola, elle continúa a ser um importador de generos alimenticios com que sustenta a sua população crescente, convindo, porém, meditar que o mercado consumidor da Europa está por assim dizer á sua porta. A totalidade do commercio externo do Brasil já em 1907 attingio cêrca de 500 milhões de dollars, sendo 202 milhões de importação e 270 milhões de exportação. As safras, portanto, acharão mercado desde que sejam produzidas. Essas safras são, actualmente: café $ 142.000.000; borracha, $ 70.000.000; cacáo, $ 10.000.000; algodão, $ 8.000.000; herva matte, dollars 8.000.000; tabaco, $ 6.000.000.

Não se comprehendem aqui os couros e carnes seccas do sul do Brasil que, quando não são consumidos dentro do paiz, apparecem muitas vezes figurando como productos desta especie do contiguo Uruguay.

Ha uma feição especial dos recursos naturaes do Brasil que merece attenção especial. E' a abundancia de agua em todas as regiões da Republica. Talvez se devesse exceptuar desta generalisação o extremo sul, no Estado do Rio Grande do Sul, mas ainda ahi a agua se encontra tão perto da superficie do sólo que não ha que temer a secca.

A' parte esse excepção, o viajante que atravessa o paiz não poderá deixar de sentir admiração ante a prodigalidade desse grande e inesgotavel recurso. Agua por toda a parte, desde as massas oceanicas do Amazonas até o imponente S. Francisco, que corre através a Bahia e Minas Geraes, o Paraná na fronteira occidental, o Tieté e innumeros outros que correm através o *plateau*. Muitos desses rios têm cataratas e um volume de agua bastante para fazer gyrar as rodas da industria, facultando emprego e lar a milhões de homens do futuro.

A imaginação ante tal quadro só póde deixar-se arrastar. Elle apresenta não só possibilidades como opportunidades ao homem cuja energia e ambição o levam a novas iniciativas. E' um campo

fascinante para o Americano, porque é campo onde só um republicanismo governamental e uma democracia de esforço podem dominar. E os Brasileiros são um povo amavel. Têm a cordialidade, o sentimento dos latinos : a sua doçura de trato e os seus sentimentos hospitaleiros são insuperaveis; acolhem no seu paiz e aceitam com cortezia e generosidade de espirito todos os que vêm a elles com sincero proposito de fazer o melhor, em todo o sentido da palavra.

Entretanto, que não se considere o Brasil como a Mecca dos desoccupados. A nação anima a immigração, mas alli a immigração, como em qualquer outra parte deste mundo activo, significa trabalho, labuta e difficuldade, não se vá pensar que "para alêm da linha" está logo o El-Dorado. Ha muitas condições a que attender antes de se attingir o exito material. Vejamos quaes são as probabilidades para as diversas classes de homens que vêem a vida por angulos diversos, ou para as diversas forças encaminhadas para o successo.

Antes de mais nada, o viajante que se destina ao Brasil deve aprender o portuguez. E' a lingua do paiz, e está tão enraizada nelles como o inglez entre nós. Imagine-se um extrangeiro que viesse para os Estados Unidos ignorando a lingua de que nos servimos quotidianamente e resolvido a não aprendel-a.

Riem-se delle na rua, difficilmente acha um interprete num hotel ou numa estrada de ferro e não póde tratar negocio algum porque elle e o seu cliente não têm vernaculo commun. Os Brasileiros são por demais educados para que riam de um extrangeiro, mas apreciam muito qualquer esforço feito no intuito de se aprender a sua lingua e a sua litteratura. Sob esse e sob outros respeitos, elles preservam o seu sentimento nacional mais do que nós. A phrase "em negocio não ha sentimento" não tem applicação na America latina. Pelo contrario, póde-se affirmar que o sentimento governa o negocio e outras actividades da vida em gráo muito apreciavel.

O Brasil preciza de immigração e anima-a. As leis de immigração são liberaes e vizam dar ao individuo um quinhão gratuito da terra, tempo e opportunidade em abundancia para que elle desenvolva as suas probabilidades de exito e uma promessa sincera de melhora futura. A nação em si mesma não faz, entretanto, mais do que convidar o immigrante e garantir-lhe desembarque seguro e transporte a uma localidade escolhida; depois desse auxilio, passa elle a ser um tutellado de algum Estado, em especial S. Paulo, por exemplo, ou Minas Geraes, em que tem de passar-se a sua vida futura. A immigração é, pois, mais attrahente para o Europeo do sul do que para o Americano do Norte, que está habituado a agir de modo mais individual. O Brasil necessita de mão de obra; o trabalhador é alli tão precizo como a mão de obra em massa. Por esse motivo a politica da Republica tem seguida até aqui a do Imperio, convidando a mão de obra a penetrar no paiz, sob a fórma de colonias. O systema colonial teve exito emquanto os immigrantes tinham de ficar isolados, mas hoje em dia a estrada de ferro está operando um contacto mais intimo entre todo o mundo e as colonias já não se fazem mais necessarias. Foi apenas ha pouco tempo que as estradas de ferro começaram a promover o adiantamento da civilização; a politica das estradas de ferro até então, era meramente acompanhar-lhe a marcha. Dahi resultava

que as terras, pedra angular da vida do colono, mal se podiam obter. A estrada de ferro vai, porém, transpondo os limites de uma estreita circumferencia; brevemente, como acabamos fazendo nós nos Estados Unidos, se abrirão novas superficies á colonização e as estradas de ferro, alli como aqui, terão terrenos para vender no Brasil em condições favoraveis. Então se promoverá um novo movimento de immigração.

Actualmente, porém, o immigrante que para alli siga, individualmente, sentir-se-ha um pouco solitario. Melhor irão para o Brasil dez familias, ou, melhor ainda, cincoenta familias, em procura de lar. Se ellas estiverem dispostas a arcar com as difficuldades de uma terra nova, de um clima novo e de um ambiente desacostumado, essa unidade encontrará opportunidades. Encontrarão vizinhos Allemães, Italianos, Portuguezes, um ou outro vizinho das raças que fallam o inglez; e, em definitiva, serão animadoras as suas probabilidades de exito.

Se o individuo que parte sózinho, em procura de lar, não póde esperar encontrar o seu Paraizo no Brasil, identica regra se applica ao individuo que tem de ganhar o seu pão mediante salario diario ou mensal. Os graduados pelas escolas do paiz têm condições para preencher e preenchem, de facto, condignamente os cargos que reclamam os talentos cultivados nos collegios. Tem a mesma vivacidade de espirito e a mesma boa educação que os seus camaradas anglo-saxões e têm toda a vantagem de estar familiarizados com a arena em que lhes cumpre trahalhar. Se o estudioso, com qualquer inclinação scientifica, almeja a actividade da vida no extrangeiro, deve procural-a, não como ganhador de dinhero, mas como um investigador ambicioso de contribuir para a sabedoria da sua geração. Para os botanicos, para os zoologos, etc., o Brasil é uma verdadeira Mecca. As suas florestas, os valles dos seus rios, nem semi-explorados estão; a sua fauna e a sua flora não estão de fórma alguma classificadas e as raças aborigenes requerem ser estudadas. Que a nossa activa mocidade americana siga o exemplo de exploradores europeos, que abriram trilhas novas através a Africa e a Asia e desse modo descobriram muita cousa de interesse e de valor.

Perspectiva diversa aguarda, por certo, o homem que os seus patrões mandem ao Brasil, ou que alli seja chamado para algum fim em especial. Essa classe de joven ganhador, educado para trabalho technico, tem perspectivas differentes. Se fôr amparado por capital, não poderá haver hesitações quanto ás suas opportunidades. Ha outra classe que representa capital: é a industria nacional que não deve por mais tempo perder as opportunidades que o Brasil offerece.

Refiro-me aos viajantes commerciaes, a esses enviados da vida commercial de um paiz. Neste ponto tambem se devem seguir os conselhos dos funccionarios consulares americanos, residentes no paiz. Os rapazes americanos não comprehendem como estão perdendo por não investirem audaciosamente contra esses mercados, que gostam dos artigos americanos; através desse paiz ha escoadouros que encheriam de admiração os commerciantes daqui, os quaes bem pagos seriam de quaesquer despezas que a principio tivessem de fazer. Ferramentas agricolas, todos os typos de machinismos modernos, moveis para escriptorios e habitações, certas especies de comestiveis, artigos de joalheiro e de modista, de

edificação e materiaes de construcção, são alli vendidos hoje pelos commerciantes fabricantes europeus, mas ha tambem lugar para nós naquelle grande commercio.

Se, porém, o nosso commercio externo tem de ser estendido naquella direcção, devem empregar-se processos aceitaveis. Os Brasileiros são cordiaes, não têm receio do sentimento, e a boa amizade com elles é meio caminho, ganho no que diz respeito a commercio. *Paciencia* é tambem um habito gracioso que muito convém adquirir. O que nos Estados Unidos é considerado como actividade e' energia, é traduzido no Brasil por precipitação e leviandade. Estudar a lingua, o povo e os mercados, — é um motte que muito convém não seja desprezado.

Ainda mais largo campo para o capital existe se passarmos a considerar o futuro do Brasil. Para lhe desenvolver os recursos é precizo dinheiro e, portanto, necessario vai ser tambem offerecer emprego á mão de obra que, sem duvida, para alli vai ser attrahida. Considerem esta opportunidade de emprego de capital. Ao fim, ella ha de ser fatalmente remunerativa. Que esplendido campo para o moço apparelhado de dinheiro e que tem predilecção por ver as cousas crescerem! As novas superficies têm de se tornar accessiveis por meio de estradas de ferro; têm de ser criados ranchos para criação do gado e cultura do trigo; as plantações de borracha precizam ser desenvolvidas e extendidos os campos de algodão e de tabaco. O Brasil tem feito cousas extraordinarias com os seus portos: o Rio de Janeiro, a Bahia, o Recife, o Rio Grande do Sul, têm já contratada a construcção de docas modernas para navios de grande calado, que agora não precizarão mais estar ancorados; mas não são estes de modo algum os unicos portos onde a navegação extrangeira preciza ter entrada e todos elles precizam de capital para que os planos de construcção possam ser levados ao seu fim.

Além disso, ha as proprias cidades. Muitas precizam de capital para installações de luz electrica, para linhas de transporte, para serviço de aguas; as regiões situadas nas proximidades precizam de fabricas, de moinhos e de emprezas industriaes. Todos estes négocios, bem dirigidos na parte financeira, serão remunerativos e o povo, como o paiz, demonstrarão a sua hospitalidade e gratidão pela confiança nelles depositada. A Inglaterra tem invertido milhões em negocios precizamente desse genero; a Allemanha e a França estão lhe seguindo o exemplo, mas o trabalho ainda não está acabado; pelo contrario, ainda agora começou, pois que o Brasil é ambicioso, sociavel e a sua politica é uma esplendida politica de americanismo progressivo.»

CUMULOS

Estar contente no Beco dos Aflictos.

***

Estar triste na Rua da Alegria.

***

Aborrecer-se na Rua Aprazivel.

***

Prophetizar na Rua Accidental.

GUERRA DO PARAGUAY

Carta de B. Mitre ao Marquez de Caxias.

Buenos Aires, 17 de abril de 1867. — Illmo. e Exmo. Sr. marquez de Caxias. — As attenções do serviço publico impediram-me de enviar a V. Ex. a memoria sobre o plano de operações que combinámos em Tuyuty, e com o qual V. Ex. estava de accôrdo, depois das conferencias que tivemos sobre esse particular e que ao despedir-me fiquei de mandar de Buenos-Aires.

Sabendo hoje, pelo general Gelly y Obes que V. Ex. acredita contar já com os sufficientes elementos para operar, apresso-me em cumprir o que offereci, embora sem a minuciosidade com que desejava; mas dirigindo-me a um general tão entendido como V. Ex., espero que saberá com a sua intelligencia militar e conhecimento do terreno, supprir as deficencias dos meus apontamentos.

Dispensar-me-hei de entrar em considerações sobre a nossa posição actual e sobre o que antes se poderia ter feito, pois a experiencia demonstrou que a invasão se effectuou pelo unico ponto em que podia ter dado resultados decisivos e sómente por onde era possivel, dadas as condições do paiz invadido, as posições occupadas pelo inimigo, os pontos objectivos que deviam determinar as operações e os recursos que necessariamente tinhamos que assegurar para não nos vermos no caso de retroceder.

Tomando, pois, por ponto de partida da nossa situação actual, repetirei, a V. Ex. o que antes manifestei e é que um ataque de frente sobre as linhas inimigas seria ou muito custoso ou de resultados duvidosos, e hoje mais do que nunca, que o inimigo augmentou as suas fortificações.

A operação indicada é, portanto, rodear as posições do inimigo.

Isto foi o que se concordou antes do ataque de Curupaity e o que, depois do malogro desse ataque, se combinou fazer, assim que se reunissem os elementos necessarios.

Quando V. Ex. assumiu o commando do exercito imperial, manifestei-lhe as minhas idéas sobre isso, e V. Ex. fez-me a honra de

aceital-as, adiando a sua execução para quando se recebessem os reforços que esperavamos então.

Considerando, pois, que hoje contamos com os elementos suffi-cientes para operar, passo a expender as minhas idéas sobre o assumpto.

Forças necessarias. — Para execução do plano que combinámos, são precisos 45.000 homens, sem contar com as forças que operam no Alto Paraná.

Distribução das forças. — Os 45.000 homens de que se fala acima devem ser distribuidos do seguinte modo :

Em Curuzú, 4.000 homens, dos quaes 2.000 promptos para o embarque na esquadra. No Paso da Patria, 1.000 homens. Nas linhas de Tuyuty, 15.000 homens. Para rodear as posições do inimigo, uma columna expedicionaria de 25.000 homens das tres armas. A columna que operar no Alto Paraná não deve ser menor de 8.000 homens,

Pontos de apoio. — Pelo exposto vê-se que a execução deste plano requer dois pontos de apoio :

1° Em Curuzú, para se dar base ás operações da esquadra; e 2° Em Tuyuty, para dar base ás operações da columna expedicionaria, manter as communicações, tornar a victoria mais fecunda e prevenir qualquer eventualidade.

Pelo que respeita a Curuzú, já combinámos construir ali uma cidadella que, sob os fogos da esquadra, possa sustentar-se com 2.000 homens, e creio que nesta data já estará terminada.

Sobre Tuyuty combinámos tambem avançar as parallelas da nossa esquerda sobre as fortificações do inimigo, tanto para fortificarmos mais o nosso campo, como para concorrermos a um ataque em um momento dado, trabalho que á minha vinda estava muito adiantado e que já supponho concluido.

Discuti com V. Ex. a conveniencia de manter a posição de Tuyuty como base de operações e ponto de apoio, e assim dispenso-me de me alongar em considerações, desde que estamos de perfeito accôrdo.

Columna expedicionaria. — Admittidos estes pontos de partida, não sendo conveniente o ataque de frente sobre as posições inimigas, nem prudente repetir o ataque de Curupayty, só resta o movimento de flanco, que a columna expedicionaria deve effectuar e a qual, dadas as posições do inimigo e o conhecimento que temos do terreno, não se póde operar por outro ponto senão á nossa direita, de modo a

rodear a esquerda do inimigo, tomar suas linhas de Rojas pela rectaguarda e interpormo-nos, se é possivel, entre ellas e Humaytá. Quando combinámos este plano, sua execução era mais facil do que hoje; e a não terem sido os esteros crescidos e os reforços que esperavamos, aquella teria sido a melhor opportunidade para leval-a a cabo. Hoje, entretanto, con mais trabalho, póde-se executal-o com os mesmos resultados. Digo isto porque, segundo as noticias dos ultimos dias passados, parece que o inimigo, querendo resguardar seu flanco esquerdo, fechou o que chamaremos o seu quadrilatero, desde as linhas de Rojas até Humaytá; mas, segundo as mesmas noticias, a trincheira que fez não é muito forte, e sómente collocou sete peças de artilheira; não é, portanto, difficil arrebatal-a, tanto mais que sua longa extenção torna-a muito fraca. Assim, pois, persisto em crêr que uma columna expedicionaria de 25.000 homens bastará para executar a operação. Esta columna deverá compôr-se de 20.000 infantes, 4.000 homens de cavallaria, 1.000 artilheiros e engenheiros, com 48 peças de artilheria.

Se a columna expedicionaria pudesse elevar-se a 30.000 homens, o movimento seria mais seguro. Isso V. Ex. verá, conforme a força de que possa dispôr.

Movimentos previos. — A guarnição de Curuzú deve permanecer ali até o ultimo momento, desde que pelo caminho da Lagôa Pires possam incorporar-se ao exercito em uma noite, as forças, que concorrerão ás operações, como combinámos.

Quando se realizar essa concentração, tanto de Curuzú como de Tuyuty, deve-se atacar as posições do inimigo, chamando fortemente sua attenção sobre a nossa esquerda, e ao mesmo tempo avançar a nossa cavallaria pela nossa direita, reconhecendo as passagens do Estero, desde o Timbó, por onde passou o general Flôres até mais adiante. (Lembrarei a V. Ex. que pelo que respeita a nomes de logares, caminhos e distancias, refiro-me ao *canevas* de que lhe deixei cópia ao despedir-me).

Preparado tudo para executar o movimento, este deverá ser precedido de um reconhecimento geral pela nossa cavallaria, que passe os esteros pela nossa direita e dê aviso, tanto das posições do inimigo como do estado das passagens e caminhos pelos quaes deve marchar a columna expedicionaria.

Ataque de flanco. — A columna expedicionaria deverá iniciar o

movimento fazendo demonstrações de concorrer ao ataque, com que se ameaçará, das posições de Tuyuty, e deixando alguma força no ponto por onde se dê o falso ataque, para cobrir seu movimento, continuar marchando ao longo do Estero, no prolongamento da nossa direita, occultando tanto quanto possivel a marcha.

O ponto pelo qual esta columna vadeará os esteros, será determinado por V. Ex. com os melhores reconhecimentos.

Temos bons vaqueanos e na occasião em que o general Flôres os atravessou, inteirámo-nos perfeitamente da natureza e dos obstaculos do terreno.

Conforme esses reconhecimentos a columna expedicionaria tem que atravessar um estero e dois banhados, depois do que se encontram algumas ilhotas de bosque, em um terreno que é alagadiço em tempo de chuvas, mas que é excellente para marchar quando os esteros descem, ficando algumas lagunas muito convenientes para acampar. Depois, vencidos o estero que cobre a esquerda do inimigo e o que está em frente a Humaytá, todo o terreno é alto e bom para marchar.

Vencidos aquelles obstaculos a columna expedicionaria deve marchar rapidamente e sem perda de tempo sobre a esquerda do inimigo. Se encontrar por ali facilidade para o ataque, deve executal-o; no caso contrario, inclinar-se-ha sobre a sua direita, de modo a castigar mais a rectaguarda do inimigo e obrigal-o a reconcentrar-se. Chegada a columna a uma altura conveniente em que se ache a igual distancia de Humaytá e das linhas de Rojas, estará apta a emprehender movimentos decisivos, desenvolvendo-se então o plano geral combinado.

Movimentos decisivos. — Collocada a columna expedicionaria na situação anteriormente explicada, póde-se optar por uma destas duas manobras : 1° golpe de mão sobre Humaytá ; 2° ataque de flanco ou de retaguarda sobre as posições do inimigo; 3° interceptar o inimigo de Humaytá, se fôr possivel obrigando-o a uma batalha, tomando-lhe as posições conseguintemente.

A primeira é fortuita, mas deve ser tentada. A segunda será determinada pelas circumstancias e os conhecimentos que V. Ex. adquirir. A terceira é segura, se V. Ex. conseguir o fim indicado.

Creio que o golpe de mão sobre Humaytá deve ser tentado, e que nesse sentido deve ser calculada a marcha da columna expedicionaria,

ganhando esta terreno sobre a sua direita, ao mesmo tempo que ameace atacar a esquerda do inimigo.

Deste modo, collocando-se em posição conveniente para este effeito, obrigará o inimigo a reconcentrar-se nas linhas de Rojas e deixar fraca ou descuidada a posição de Humaytá.

E se o inimigo se aperceber da manobra, terá que optar entre dois extremos que nos são igualmente favoraveis, que seriam, ou dividir suas forças para attender a ambos os pontos ou evacuar as posições de Rojas, se aquelle não fôr possivel, o que importaria em victoria para nós.

Portanto, o que se deve fazer primeiramente para esse fim é destacar uma columna sobre San Solano, que rompa a vanguarda e procure tomar alguns prisioneiros para obter noticias. Immediatamente, e sem perda de tempo, deverá dirigir-se a marcha para Humaytá com o fim de surprehendel-a, se fôr possivel, o que não é impossivel conseguir, se o inimigo concentrado em Rojas não se aperceber dos nossos movimentos e deixar Humaytá desguarnecida ou enfraquecida.

Para concorrer a esta operação sobre Humaytá, a esquadra deverá mover-se ao mesmo tempo de Curuzú, recebendo ahi 2.000 dos 4.000 homens que, conforme a distribuição da força, ficarão nesse ponto, depois do que, ameaçando atacar Curupayti, deverá dirigir-se para Humaytá de combinação com a columna expedicionaria, em hora e fórma previamente fixadas. Esta manobra, que póde ser corôada de exito brilhante e dar em resultado terminar a guerra em um dia, se conseguisse, não é, segundo o plano que combinámos, o principal objecto da expedição, mas um acaso que se deve aproveitar e tentar. Se não se conseguir isto, dever-se-ha optar por uma das duas manobras : ou atacar o inimigo pela rectaguarda ou pelo flanco, ou obrigal-o a uma batalha, tomando-se posições convenientes, depois de rodeadas as suas fortificações, dependendo a execução do general, no campo da acção.

Linha de communicações. — Esqueci de dizer, ao tratar dos movimentos preparatorios, que tanto para manter a nossa linha de communicações, como para ligar as operações com as forças que ficarem nas linhas de Tuyuty, dever-se-ha deixar uma forte columna de cavallaria em prolongamento á nossa direita, cobrindo-a e observando as passagens do estero e ao mesmo tempo apoiando as forças que tenham de guarnecer o campo entrincheirado de Tuyuty.

Operações de Tuyuty. — Além dos fins indicados, as forças que ficarem no campo entrincheirado de Tuyuty, devem estar prevenidas para concorrer a um ataque pela frente, no caso em que a columna expedicionaria o effectue pelo flanco ou pela rectaguarda do inimigo, reservando para este caso desmascarar as baterias que se pôde dispôr para tal fim, desde as parallelas da nossa esquerda. Este duplo ataque assegura o exito do que a columna expedicionaria obtiver, e embora não seja o principal, póde acontecer, como succedeu em varias guerras, que dê um grande resultado.

E' por isto que me empenho que em Tuyuty fiquem pelo menos 15.000 homens, pois só com estas forças podemos conseguir vantagens decisivas, não se esquecendo que estas forças deverão agir muito efficazmente no caso do inimigo abandonar as suas posições e não poder sustental-as ao ser atacado pela rectaguarda.

Operações da esquadra. — Estas devem concorrer com as do exercito de terra. O seu objectivo deve ser Humaytá.

Em primeiro logar, de combinação com o plano de surpresa sobre essa posição; em segundo logar para a hostilizar emquanto as forças de terra executarem seus movimentos decisivos.

As demonstrações devem tender a persuadir o inimigo de um ataque sobre Curupayty. As demais operações serão determinadas pelas circumstancias.

Se não se conseguir surprehender a posição de Humaytá e a esquadra puder forçar a passagem, a columna de 2.000 homens que deve accompanhal-a seria muito util para occupar qualquer ponto mais acima, o qual convenientemente fortificado, servirá de ponto de apoio para isolar o inimigo nas suas posições, no caso de se prolongarem as operações.

Columna do Alto Paraná. — Dado que as operações se prolonguem, a columna do Alto Paraná entrará a desempenhar o importante papel que lhe corresponde.

A columna do Alto Paraná deverá effectuar a passagem por um ponto mais abaixo de Apepé, não devendo ser em caso algum mais abaixo do Yahapé, ficando de observação em frente a Itapúa uma columna ligeira. Realizada a passagem mais abaixo do Apepé, fará um reducto no ponto de desembarque, onde permanecerá uma estação naval. D'ahi partirão columnas ligeiras para varias direcções, estendendo-se sobre a sua direita, e procurando communicar-se pela nossa

esquerda com a columna expedicionaria. Se esta alcançar qualquer dos seus fins deverá dirigir-se para Missiones, pelo caminho dos Laureles; mas, se as operações se prolongarem, deverá reenceta-se sobre a columna expedicionaria pelo caminho de Pedro Gonzalez, o qual isolará mais o inimigo das suas posições, se não puder forçar qualquer dellas. Tambem póde-se fazer concorrer essa columna desde os primeiros passos do movimento geral, embora no meu parecer isto só se deva fazer no caso de tornar-se absolutamente indispensavel a concurrencia dessas forças para os resultados que se têm em vista.

Tal é, em grandes traços, o plano que opportunamente convencionámos, e que V. Ex. achou, como eu, que era o unico aceitavel, e que a todo o custo deve ser posto em pratica para se obter um resultavo decisivo. Como temos conferenciado por varias vezes sobre o particular e estamos de accôrdo sobre muitos meios de execução e pontos de detalhe, dispenso-me de occupar-me delles, por estar V. Ex. mais apto do que eu para resolver o que fôr conveniente.

Ao communicar a V. Ex. as minhas idéas, como tinha offerecido, acompanha-me o pesar de não poder compartilhar dos perigos e das glorias da sua execução, embora me seja grato pensar que, obtidos os resultados que são de esperar, a honra redundará para um companheiro tão distincto como V. Ex. e para o bem da causa que os alliados sustentam.

Desejando a V. Ex. toda a felicidade e gloria, e esperando que a victoria corôe os nobres esforços das armas alliadas, sou, etc.

BARTOLOMÉ MITRE.

Ultimas trincheiras

Torva noite de horror! Cançadas dos combates,
Repousam as legiões em suas tendas brancas.
Só lhes resta este posto; em todos os embates
Tiveram de bater em retiradas francas...

Do exercito inimigo os multiplos rebates
Fizeram-nas recuar atropelladas, mancas,
Sob um fogo vivaz de clarões escarlates
Por invios tremedaes, escarpas e barrancas.

E' dia. Vae ser dado um novo assalto ; enorme
Reboliço se vê no acampamento todo;
Rompe o fogo afinal, horrendo, desconforme...

Concentram-se os heróes em torno das bandeiras
— O symbolo da Patria — e fazem com denodo
A defesa brutal das ultimas trincheiras !

EDGAR ROMÉRO.

O RIO XINGÚ

(AS SUAS NASCENTES)

E' conhecido o interesse geographico que apresenta o grupo central brasileiro : o planalto de Mato Grosso e os seus prolongamentos, de onde desce toda uma série de rios importantes, ao norte o Madeira, o Tapajoz, o Xingú, o Tocantins, o Araguaya, cujas aguas vão reunir-se á arteria maior do Amazonas; ao sul o Paraguay que se une ao Paraná, o grande rio argentino.

Entre as explorações que tiverão por theatro esta parte da America, as do Dr. Hermann Meyer em 1896-1897 e 1898-1899 contão-se entre as mais fructuosas. Elle chegou a Mato Grosse pelo Paraná e o Paraguay, atravessou a linha que separa o systema hydrographico do Prata ao de Amazonas e levantou a planta de todas as regiõe de Mato Grosso e das nascentes do Xingú.

A rêde dos componentes do Xingú assemelha-se mais ou menos a uma mão aberta.

Sua bacia comprehende uma parte relativamente estreita do declive septentrional do grande planalto que separa os dous poderosos rios—o Amazonas do Prata. Mas a massa liquida que delles desce causa estupefacção e apenas se comprehende como as linguas de terra, de largura de algumas leguas sómente, que a desenvolvem do sul ao norte sobre varios gráos de latitude, possão dar tanta cópia de agua de modo que as correntes se transformem, depois de algumas centenas de kilometros, em rios magestosos, cuja largura chega ás vezes a 30 metros e mais.

O planalto desce em declive relativamente doce.

Em geral são os rios mais occidentaes que apresentão maiores difficuldades para a navegação; o Jatobá, situado a oeste, e que o Sr. Meyer desceu desde a sua primeira expedição, apresenta cachoeiras e quédas numerosas; esta differença entre os cursos de agua orientaes e occidentaes deriva do nivel do planalto que se vai elevando de leste para oeste.

Descendo o Jatobá, o que já fizera na sua primeira viagem, o explorador chegou ao confluente com o Ronuro, grande rio que vem do sudoeste e que embaixo recebe um affluente tão poderoso quanto elle, o Atelchú.

A origem do Ronuro e do Atelchú constituia até agora uma questão im-

portante para a geographia do Xingú.

O Sr. Meyer, bastante inclinado a crer que o Ronuro não fosse outro que o curso superior do Xingú, tomou a peito achar a solução de tal questão. Este foi o scopo geographico principal de sua nova expedição : resolveu descer o rio Formoso, na esperança de encontrar mais tarde o Ronuro e, por consequencia, ligar por esta via o Xingú.

Foi nos ultimos dias do mez de Março de 1898 que o Sr. H. Meyer deixou Cuyabá (Mato Grosso), com 62 mulas, das quaes 51 chegárão a Rosario sobre o rio Cuyabá. Naquella época surgirão perturbações no paiz, assim, Rosario que, por causa do commercio de borracha, tem um aspecto habitualmente animado, estava como ferido de morte : por esse motivo a expedição não conseguio prover-se de viveres.

Se bem que a estação enxuta não tivesse ainda começado, o Sr. Meyer continuou a sua marcha para diante. No seu resumo elle se enthusiasma pelas paysagens que encontra; todas as especies de palmeiras de Mato-Grosso, diz, alli estão representadas ; e a longo descreve a flora exuberante deste paiz, a potente vegetação tropical.

Durante uma excursão conseguio determinar a acompanhal-o dous indigenas dos Bakairys ; estes indigenas vinhão de uma aldeia, e o chefe delles maravilhou o explorador com a sua memoria; elle tinha conservado a lembrança de uma série de palavras allemãs que ouvira pronunciar dezeseis annos antes por Karl von den Stein. Ahi a expedição pôde procurar viveres ; depois atravessou o Paranatinga (curso superior do rio S. Manoel, affluente do Tapajós) e, tomando a direcção do norte, avançou para as alturas que formão o limite meridional da bacia do Xingú.

Primeiramente a expedição chegára ao morro do Signal, cimo que domina todo o paiz. « Achámo-nos, diz o Sr. Meyer, diante de um panorama encantador; no meio de hervosas collinas correm numerosos rios sobre cujas margens erguem-se arvores de alto tronco.

A Paranatinga, que pertence ao sudoeste, lembra pela sinuosidade de suas aguas de um verde escuro, os anneis de uma comprida serpente; desenvolve-se assim sobre uma grande extensão, depois se esconde detraz de pequenas collinas.

Da outra banda do rio se divisão seis cadeias de montanhas, sensivelmente parallelas, de tintas violaceas; diante de nós se estendem as montanhas, que nos separão ainda das aguas do Xingú.

Um pouco mais longe fiz parar a caravana sobre a margem de um grande circo. Diante de nós se abria uma paysagem que já me tinha impressionado na minha primeira expedição e foi com alegria que tornei a vêr os cumes e os valles, que já me erão conhecidos, como os milhares de regatos, que descem das vertentes das montanhas mais septentrionaes, se reunem e correm em uma galeria de espessas florestas. Esses riachos devião conduzir as minhas canôas nas paragens desconhecidas de Mato-Grosso septentrional até o Xingú. »

O Sr. H. Meyer desceu em seguida o mais importante daquelles riachos, o rio Formoso, que corre do sul ao norte e vai juntar suas aguas ao Pombas.

Dentro em pouco chegou a um lugar onde o rio continha bastante agua para que se podesse navegar : teve que construir embarcações e alguns dias depois, a 23 de Maio, uma flotilha de 10 canôas se preparava para descer o rio.

« Não é sem razão que o rio Formoso tem este nome; nada, com effeito, de mais pittoresco do que suas verdejantes

margens, onde a vegetação tropical ostenta todo o seu esplendor. Mas a navegação ahi é perigosa : ora as aguas se precipitão contra paredes rochosas, ora a sua superficie calma esconde numerosos galhos de arvores, que parão as canôas. O rio parece lutar contra a intrincada vegetação que o circunda; os altos troncos de arvores, que jazem amontoados nas margens, testemunhão a violencia da correnteza em certas partes do curso do rio. »

O viajante verifica que, precedentemente, este rio jámais fôra sulcado por alguma barca : teve que fazer trabalhos longos e difficeis para abrir através de verdadeiras florestas que se movião, que embaraçavão a correnteza.

Depois de oito dias desta navegação, a paysagem veio a modificar-se; nenhuma floresta cobria as margens, que estavão atapetadas de hervas seccas.

Neste ponto o rio penetra em uma garganta estreita, as margens tornão-se ingremes e a corrente mais rapida; dentro em pouco um fragor se faz ouvir ao longe : é a região das cachoeiras e das cascatas que principia. « Por milagre, diz o explorador, podemos atravessar essa *caldeira* maldita, onde não ha menos de 150 pontos perigosos. As aguas se precipitão com uma violencia extraordinaria contra a massa rochosa que embarga a corrente; desgraçada da canôa que ahi for presa; se não se esfrangalha contra os rochedos, é precipitada em uma voragem, em uma profundidade de 40 metros e não apparece mais.

Mais de trinta e cinco vezes tivemos de lutar debalde contra as ondas furiosas; a metade do nosso equipamento desappareceu nesta luta e mais de quatorze vezes as nossas canôas, despedaçadas ou engulidas, tiverão que ser substituidas.

A falta de arvores convenientes, que não encontrámos senão em alguma rara parte arborisada, augmentava a difficuldade que tinhamos para renovar as canôas.

Muitas vezes tive de mandar os meus homens caminhar pela margem e descarregar as canôas: mas as sebes erão tão intrincadas, que elles percorrião apenas um ou dous kilometros por dia; tive tambem de mandar transportar as minhas canôas por terra. Os obstaculos do caminho exhaurião os meus homens, que não podião supportar por longo tempo estas fadigas por causa de uma nutrição deficiente. Os viveres, que tinhamos, forão consumidos e uma boa parte foi engulida pelas aguas; nem se podia pensar em procurar viveres com a pesca : o rio não tem peixe na parte superior. E por esse motivo não se encontrão indigenas naquellas regiões. Encontrámos alguns vestigios de cabanas no valle; mas elles devião ser descendentes da raça dos caçadores do Cayapó, cuja aldeia está escondida nas montanhas, bastante longe do rio.

Não era preciso pensar em caçar muito : no cerrado bosque mal se teria sentido uma ave. Muitas vezes sentiamos fome; então comiamos tudo o que se apresentava : jaquarys, cobra, etc. Em fim, por cumulo de desventura fomos atacados de dysenteria!

Dahi a pouco a floresta deixou de flanqueiar o rio e descortinámos os rochedos que parecia não deixarem á agua senão uma estreita passagem.

Um rumor surdo, cuja origem não podiamos induzir, ferio nossos ouvidos.

Parámos, escalámos os rochedos e chegámos a um outeiro bastante longe do rio : ahi gosamos de um golpe de vista magnifico; depois de ter descido um terraço, as aguas do rio se precipitavão umas contra as outras em dous

braços poderosos e fazião uma quéda de 15 metros.

Depois de haver caminhado tão longo tempo á sombra das arvores, fui feliz com chegar ao pé da catarata. Encontrámos ainda alguma quéda menor, mas nenhuma tão importante quanto a primeira : a que é considerada como pertencente ao Xingú e se chama « Cascata Bastian ».

O rio Formoso adquire em seguida uma largura de 100 a 200 metros e torna-se bastante profundo : recebe á direita dous poderosos affluentes, um dos quaes, quasi tão consideravel como elle proprio, não póde ser senão o rio Profundo.

Das medidas e calculos feitos pelo Sr. Meyer, o rio Formoso, que elle desceu da sua nascente, não é outro senão o proprio Ronuro. Diante do confluente do Jatobá adquirio a convicção de que o Formoso-Ronuro é o ramo *mãi* do Xingú, o grande rio explorado em 1843, em uma extensão de 421 kilometros pelo Principe A. da Prussia, accompanhado pelos Condes de Oriolla e de Bismarck e mais recentemente por Karl G. von den Stein e por O. Clauss.

O Sr. Hermann Meyer foi, pois, o primeiro que visitou a verdadeira nascente do Xingú.

De um poeta Japonez

Tarde... bem tarde... quando
Elle volveu ao lar.
E, a porta descerrando,
Eis lhe feriu o olhar :

No berço, dormitando,
O filho... A trabalhar,
A esposa, o modo brando
Cançado de esperar...

Tudo em silencio deixa.
Mas sente que uma queixa
De tudo sai... Então,

No fundo da sua alma,
Que se embebeu de calma,
Elle pediu perdão.

AFFONSO CELSO.

PSYCHOLOGIA DO BACHARELISMO

Quando o brasileiro enfia o pescoço pela gola e, logo depois, os dous braços pelas mangas da béca doutoral, satisfaz na vida um grande idéal.

O seu prazer, que dir-se-ia o fructo de um grande e systematico esforço pessoal é comparavel, pela medida de utilidade real por que se afere, á satisfação orgulhosa de um americano de Chicago ou á de um australiano das Nova-Galles, ao conseguirem realisar um milhão na industria das carnes congeladas ou no commercio das lãs de carneiro.

Elle exulta nesse dia. E, numa alegria enorme, palavrosa, excessiva e absorvente, espeta o dedo num annel abrilhantado, na exhibição de uma pedra symbolica : talisman para os empregos publicos, para os cumprimentos de chapéo mais respeitosos, para o casamento, mesmo.

Sente-se numa exuberancia indescriptivel, num contentamento inenarravel. A sua vaidade como que lhe augmenta a estatura; adelgaça-lhe a cintura e enche-lhe os hombros, avultando-lhe o thorax.

Abraçando, na fórma do estylo, a familia e as amizades, o Lar e a Sociedade, os progenitores, a parentéla, a preta velha da casa, e os innumeros amigos e admiradores, de que fallam frequentes vezes os noticiarios mundanos, o nosso compatriota recem-formado desejaria abraçar o mundo inteiro, affirmando perante o universo a sua gloria estupenda de estar doutor, de estar outro, differente por completo do que ainda era vinte e quatro horas antes.

A estabilidade da casa paterna parece ficar tendo mais um esteio. Todos confiam agora, sem vacillações, no valor moral e na energia inquebrantavel do Chiquinho, do Nheco ou do Quincas, de merecimentos centuplicados pelo pergaminho official.

O bacharel foi creado, aliás, na preoccupação exclusiva da formatura. Os paes, desde o periodo unicamente lacteo do futuro diplomado, até á época em que o rapaz, que está para doutor, perde as suas primeiras noites no Cassino e alvorece as suas primeiras madrugadas de vigilia nas salas de jogo dos clubs carnavalescos, só pensavam nisto : formar o nosso homem, fazendo delle « gente », encaminhal-o para os privilegios quasi feudaes da « carta », para os bons quinhões na distribuição inexgottavel das graças do governo.

No meio social brasileiro, em que deviam predominar as inicialivas fecundas da industria e do commercio, o aproveitamento de todas as capacidades nas profissões realmente productivas e engrandecedoras do paiz, patrocinamos o triumpho permanente dos doutores, que se permittem dirigir a lavoura, o commercio, as grandes e pequenas indus-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

trias, e isto ineptamente, comprometendo todas as fontes de riqueza nacional...

O curso de estudos do novo doutor não foi um longo preparo pratico e intelligente para a vida diaria. Foi, antes de tudo, a satisfação manhosa da vaidade paterna, na filança mensal da mezada familiar, na ociosidade domestica, sem livros de cultura geral, sem gymnastica, sem moral religiosa, sem vida universitaria que lhe desenvolvesse no cerebro, atrophiado para a vida social pelo sentimentalismo esteril dominante nas nossas familias do sertão ao littoral, um boccado de solidariedade humana, um pouco de interesse directo pelas questões e problemas do seu paiz e do mundo, nesta época.

Durante alguns annos frequentou a Faculdade, com a mesma hypocrisia desmoralisadora do caracter e o mesmo enervamento anniquilador da vontade e do espirito de iniciativa, com que outros brasileiros frequentam as secretarias de Estado, como amanuenses, escripturarios e escreventes de toda a especie.

A Escola foi apenas o comprido corredor por onde, aos empurrões dos trotes e ás sessões de colla á prova escripta, embarafustou á porta larga do dia da formatura.

Na occasião do gráo, ella se lhe assemelha a uma fortaleza rendida, em que entra, na hora da solemnidade da béca e da borla, vencedor e acclamado.

A sua turma é uma legião invencivel que se vai atirar com elle ao mundo, numa carga irresistivel ao dinheiro, ao casamento, á posição eminente.

Nesse momento inesquecivel, se a sua tendencia é para o bem, julga-se possuidor de todas as virtudes; se a sua inclinação é para o mal, tem o prurido de todos os vicios e o instincto de todos os crimes, no direito de invadir todas as propriedades, de violar os direitos alheios. Falla, então, nesse ultimo caso, na sua alma decidida a vencer, como a de um Rastignac balzaquiano, modernisado ainda mais por dous ou tres volumes de Nietzsche, o enigmatico Zarathustra, a lhe infiltrar um violento pessimismo de acção, utilitario, egoista, forte, intransigente.

Reveste-se de aço para os actos de força necessarios aos seus interesses, quaesquer que sejam. Cobre-se de macio arminho, empellica as mãos, calça velludo, para as subtilezas imprescindiveis, para a diplomacia dos salões, em que se solicitam e se obtêm as nomeações mais inesperadas. Quando é medianamente culto, através de algum commentario sobre Machiavel, ganha dismulação. Napoleão, chrismado « professor de energia » pelo *barrésismo* dos *déracinés* de toda a parte, dá-lhe a coragem indomita. E outros, muitos outros exemplos sem conta, de refinamento no *arrivismo* invencivel.

O diploma lhe servirá de carta de corso na pirataria da vida. Se é rachitico e molle, tolo e esquerdo, julga-se todo musculos e actividade, intelligencia e espirito, graça nativa e desenvoltura amestrada, capaz de dominar a sua provincia natal em dous annos e de levar á igreja, em casamento, a herdeira mais rica e bonita do seu bairro, em seis mezes.

A sua vida se enche de horizontes risonhos. Vai raiar para elle uma eterna primavera, cheia de flores e encantos.

Numa estrada ampla e ensolarada os seus passos trilharão sobre ouro. Passaram os longos dias de espera. A bolsa paterna, quando se não trata de algum abominavel e excepcional avarento, desaperta-se generosa e recompensadora. A familia o apoia, como póde, na caça á

promotoria, ao juizado, ao secretariado de legação, ao logar nas camaras estaduaes. Chegou emfim o seu dia; vai alcançar as ultimas etapas da victoria. Dentro em pouco casa-se. Será inteiramente feliz, está claro. Na sua existencia nova fará mesmo o impossivel. Todas as outras gerações de doutores que o precederam na vida publica fizeram caminho facil. Quem se negará a fazer subir um pouco um doutor joven e esperançoso? A sua carta não é tradicionalmente uma presumpção de competencia incontestavel? Desde o portuguez ao latim, da arithmetica ao calculo, desde a astronomia á sociologia, em toda a seriação das sciencias, elle reina como soberano. Suppõe-se que saiba tudo, que de tudo entenda e de tudo falle como um livro aberto. Fica sendo uma especie de Larousse ambulante, que todos consultam pressurosos e admirativos, confiantes na sua palavra decisiva. Far-lhe-ão perguntas sobre os assumptos mais encyclopedicos, certos da sua inerrancia absoluta, da sua sagacidade inexcedivel, da sua competencia universal. E' doutor—como disse Voltaire dum sabichão do seu tempo—em todas as cousas conhecidas e em mais algumas.

Para que estudou elle, então, neste paiz de analphabetos, senão para isso? O doutor ha de pensar pelo resto da nação, que nem frequenta as escolas primarias, quando elle, doutor, estudou profundamente o *a-b-c*, varou pelos preparatorios promptamente e cursou cinco ou seis annos um instituto de ensino superior. A sua missão é esta: substituir com a sua meia sciencia e a sua perfeita audacia a instrucção e educação das massas. Eis a sua fatalidade historica, determinada pelo meio: é doutor por atavismo, por uma questão rara, pelas condições sociaes da sua nacionalidade latino-iberica, suggestionado por velleidades de intellectualismo, incapaz commercialmente de conquistar mercados mundiaes, aspirando sómente á gloria victor-hugoana —de encher o mundo de phrases sonoras e de fazer pasmar o universo com gestos heroicos.

Emquanto os hispano-americanos, descendentes dos Cids campeadores, dos ferocissimos guerrilheiros ibericos, faziam-se todos, aqui pela America, generaes sem soldados, — nós outros faziamo-nos bachareis e medicos, sem clientes, e isto ás duzias, ás centenas por anno, talvez na supposição de podermos exportar o que nos sobrasse de consumo interno, para além-mar, como estamos acostumados a fazer com o café que não bebemos.

As duas raças co-irmãs na peninsula européa reflorescêram na Sul-America em novos florões de aventureirismo militar e de anafada sapiencia. Os prejuizos ethnicos hereditarios aggravaram-se sob a pressão destes nossos climas cálidos.

Insistindo sobre o bacharel, digamos que elle è susceptivel até das metamorphoses mais pittorescas. Affirmou o Sr. capitão Tasso Fragoso, do estado-maior do exercito brasileiro, num artigo da extincta revista de José Verissimo—a *Revista Brasileira*, a que as recentes e excellentes reformas de ensino militar dão um singular relevo, que os officiaes que formavam as nossas antigas e revolucionarias escolas militares eram sim-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

ples « bachareis de espada ». O termo « bacharelismo » cahiu da penna, tambem, do actual ministro do exercito. E' decididamente para desesperar ! O bacharelismo envergando uma farda e empunhando um sabre ou engatilhando uma « comblain », não ha então quem possa com elle. E' eternamente indestructivel, impermeavel aos pamphletos, inattingivel ás satyras, invulneravel aos folhetins humoristicos, inalcançavel á critica furibunda dum reformador social.

Treguas, por um instante a este nosso figarismo innocente, pobre espingardinha de chumbo, de tostão, incapaz de por si botar em terra este colosso : o Bacharel.

Fallemos serio, não obstante nos dar ganas o assumpto de preferir o franco riso gavrochiano e pasquineiro. Constatemos que o bacharel é demasiadamente feliz no Brasil para pensar seriamente na sua defesa. E, gravemente, com firmeza, com uma *toilette* impressionadora de carrasco, executemos o nosso plano bemfazejo.

Ataquemol-o, pois, com energia, se ainda é tempo de sanearmos a nossa atmosphera escolar do devastador preconceito de se formar os proprios filhos, netos, sobrinhos, afilhados, ajudando-se ainda por cima a se formarem os moços amigos desprotegidos, que se nos revelam intelligentes em balbuciar banalidades em algum brinde de sobremesa ou em destrinçar charadas do Almanak de Lembranças e de outras publicações do genero. Arrastemos essas sobrecasacas immemoriaes dos doutores e as suas cartolas hediondas e os seus oculos e barbas veneraveis, como despojos do carnaval, pelas avenidas da galhofa, ao estridulo dos guizos, ao latego da critica implacavel como a justiça.

Ou, então, que aproveitem a monção do cambio alto e do preço da libra baixo e se embarquem para os *boulevards* da Europa. E' verdade que acabarão talvez por desvalorisar por completo o Brasil no exterior e estragar a campanha do café, de cambulhada. Mas ficaremos livres do bacharelismo. O diabo é que elles se comportam horrivelmente na Europa, os nossos doutores. As suas viagens não são meios de instrucção. Não obedecem áquelle luminoso conselho de Hyppolito Taine a Paulo Bourget sobre o viajar. Vão a passeio ; não lucram nada com isso. Chegando a um logar, não vão deixar o seu cartão de visita na legação ou no consulado, seguindo essa linda formula de patriotismo, em vigor pela convenção internacional, de que os edificios das legações são territorios dos respectivos paizes que representam. Mas, perde-se-lhe uma mala num caminho de ferro, um guarda aduaneiro faz-lhe uma chicana, o « sergent de ville » leva-o ao posto, uma cortezã devalisa-o, — eis o nosso doutor brasileiro que recorre á legação.

Elle não procura o consul, não quer conversar com os secretarios, não solicita a intervenção dos addidos : quer se entender pessoalmente com o ministro do Brasil. O representante do Brasil, seja elle um homem de grande valor, como o Sr. Nabuco, ou seja apenas como o Sr. Piza, é o seu creado. Irá por elle questionar na *gare*, pedinchar na Alfandega, informar ao prefeito de policia ou ao chefe de Segurança, indicar ao commissario o endereço da *cocotte* que fez mais uma *entôlage*.

O diplomata brasileiro é, aliás, apezar de todos os serviços subalternos que certos compatriotas se acham no direito de exigir d'elle, mal visto pelos seus patricios mais ou menos doutores,

que o consideram parasita da nação, mesmo snob, exhibicionista de gravatas que, na orgia dos prazeres europeos, ignora a geographia, na verdade pouco certa, do seu « terrão natal ».

Nas conversas, na Europa, falam os doutores levianamente das nossas serpentes que fazem todos as tardes a avenida, de massacres praticados por indios em plena rua de Ouvidor, das tabas de anthropophagos nas cercanias das cidades; assalariam-se talvez ao Rio da Prata para desviarem para lá as correntes emigratorias.

O seu impatriotismo é revoltante. Um conhecemos que traduzio o Gonçalves Dias, por troça, não para vulgarisal-o d'esta maneira:

Mon pays a des palmiers
Où chantent les sábiás;
Les oiseaux qui chantent ici
Ne chantent pas comme lá-bas.

Ao voltarem d'essas viagens, muitos se fazem deportar, algumas vezes somente para reviajarem commodamente á custa do governo.

Ha, entretanto, um paiz de que parece que só conhecem as chaminés das fabricas, o Covent Garden, Piccadily, ou as florestas da mastreação dos navios nas dokas: a Inglaterra. Fossem á Camara dos Communs e verificariam o que demonstrou o autor d'esse admiravel grito de renascimento intitulado *Em que consiste a superioridade dos Anglo-Saxões?*

Veriam que o povo inglez sabe escolher os seus governantes. Os seus dirigentes não são somente os doutores. Os representantes dos interesses nacionaes saem proporcionalmente de todas as classes, segundo a importancia social de cada uma.

A agricultura, o commercio e a industria occupam a maioria dos logares do Parlamento.

E sentiriam o nosso disparate neo-latino-brasileiro que são as camaras constituidas por doutores que começaram fazendo versos sentimentalmente infantis e que acabam fazendo, para desgraça nossa, pessimas leis que nos embrutecem a nação n'um atrós pessimismo sem escolas, deixando-a sempre sem capitaes proprios accumulados, sem agricultura scientifica, completamente desaparelhada para a vida economica do mundo actual.

No meio do silencio dos verdadeiros interesses nacionaes, calados pela consciencia do desastre, ao que parece, definitivo em que se acham, o bacharel, a entidade falante e escrevente no meio brasileiro, na phrase de Eduardo Prado, vence todos os ultimos pleitos eleitoraes, sem programmas definidos, sem idéas, sem grandes aspirações nacionaes, sem patriotismo pratico, sem vontade de fazer cousa alguma.

JOAQUIM VIANNA.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

De Marco Aurelio

Quem é que se afeiçôa
Ao passarinho esquivo
Que, sempre fugitivo,
Si pousa, logo vôa?!

Passa, a girar á tôa;
Ninguem o apanha vivo.
Do rapido atractivo
Breve a impressão se escôa.

Amal-o?... Que loucura!...
No emtanto, ha quem procura
Votar-se, com ardor,

A umas visões aladas,
Traiçoeiras, vans, — chamadas
Fortuna, Gloria, Amor...

AFFONSO CELSO.

LIVRARIA GARNIER

Em seus interessantes estudos sobre o commercio de Rio de Janeiro escreveu Ernesto Sena as seguintes paginas sobre a livraria Garnier:

« A 24 de Junho de 1844 chegou da Europa, a bordo da galera *Le Stanislas*, Baptista Luiz Garnier, nascido em Quetreville, departamento da Mancha, em 4 de Março de 1823, tendo por companheiro de viagem Camilli Cleou, depois Frei Camillo de Montserrat.

Tendo feito seus primeiros estudos no Collegio de Coutances, dedicou-se o joven Baptista ao commercio de livros, empregando-se no estabelecimento que seus irmãos possuiam em Pariz.

Uma vez chegado a esta Capital, montou Baptista Luiz, em 1846, uma modesta livraria, filial á de seus irmãos, no predio da rua do Ouvidor n. 69, que mais tarde passou a 65 e depois a 71. A sua livraria tinha a firma commercial de *B. L. Garnier*, pilhericamente conhecida entre a estudantada da época pela livraria do Bernardo Lopez, ou *Bom Ladrão Garnier*.

Raras eram nesse tempo as livrarias particulares nesta Capital e o novel livreiro, além de negociar em livros, vendia no seu estabelecimento chapéos de sol, bengalas, pilulas, pomadas, charutos, etc.

As ferias regulavam neste tempo de 14$ a 20$ diarios.

Moldando o seu estabelecimento pela feição dos grandes livreiros europeus, nunca quiz montar officinas proprias, porque julgava não poder repartir a sua actividade e vigilancia entre a loja de livros e a typographia, mandando imprimir as suas edições dentro e fóra do paiz. Muito censuravam Baptista Luiz, por não proteger a industria nacional, preferindo as impressões extrangeiras o que não era completa verdade, porque em parte tinha elle razão e da sua livraria sahiram primorosas edições, algumas das quaes verdadeiros specimens, merecendo por isso a sua casa a preferencia de muitos escriptores para a publicação de suas locubrações.

Baptista Luiz não sympathisava muito com os nomes novos de litteratos, nem tão pouco podia admittir a duplicidade de direcção no seu estabelecimento, pelo que nunca associou pessoa alguma á sua firma commercial.

A elle se deve a creação no Brasil do formato 8º e 12 alongado, iniciado em França por Calmon Levy.

Em 1873, mais ou menos, mandou Baptista Luiz vir da Europa grande cópia de material de composição e machinas aperfeiçoadas e, contando com a actividade de um seu patricio bastante intelligente, de nome Charles Berry, estabeleceu para este a typographia Franco-Americana, editando desde logo a *Bibliotheca Universal*, em 8º, e a *Bibliotheca de Algibeira*, em 12, vulgarizando em lingua portugueza as producções de Musset, Droz, Gauthier, Sardou, Julio Verne, ganhando com essas publicações cerca de trinta contos de réis.

Para a publicação das obras que editava, reunio então Baptista Luiz, como traductores de sua casa, Salvador de Mendonça, Fernandes Reis, Jacintho Cardoso, Abranches Gallo e outros, pagando 400 réis por milheiro de lettras, o que regulava 250$ e 280$ por volume de Verne, Montepin e Gaboriau, os autores mais procurados de então.

Charles Berry dirigia a typographia, mas, dominado pela febre do jogo, a elle se entregava durante a noite desesperadamente, enfraquecendo assim a actividade durante o dia, de maneira que os negocios da typographia iam em uma crescente decahida, multiplicando-se o numero de credores, sendo Baptista Luiz o principal, pelo que acabou com o estabelecimento.

Charles Berry, por muito tempo editou e redigio o *Bataclan*, jornal francez illustrado, e collaborou efficazmente na *Folha Nova* e outros jornaes, escrevendo os seus artigos em máo portuguez, que eram revistos, e em francez, depois vertidos para portuguez. Intelligente, bonanchão e trabalhador, tinha Berry o triste estygma de *jettatore* para todas as emprezas em que se envol-

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

via. Pauperrimo e já muito avançado em annos, falleceu nesta Capital, esquecido por muitos dos que se serviram de seu talento para figurarem como summidades jornalisticas.

Abandonando as traducções pelo fechamento da typographia, Baptista Luiz prejudicou seriamente os seus traductores. Apezar de seu espirito atilado para o commercio de livros, possuia-se de desanimo em qualquer negocio onde surgisse uma contrariedade por mais pequena que fosse ou falta de compensação immediata.

Para dar expansão ao seu estabelecimento, imitava tudo quanto faziam os seus collegas de Pariz, até mesmo o engodo do jogo loterico, e assim, em 1855 ou 1856, a exemplo de alguns livreiros daquella capital franceza, creou aqui uma loteria, cujos bilhetes distribuio gratuitamente na razão de um por 20$ de obras que o freguez adquirisse por compra na livraria. O premio constituia de 500$, metade á escolha do premiado e outra parte do premiador.

Não posso affirmar que fosse Garnier o primeiro introductor deste genero loterico nesta Capital, pois ha quem diga que esse engodo fôra iniciado annos antes por Bernardo Xavier Pinto de Souza, estabelecido com livraria na rua da Constituição.

Em 1859 tambem publicou Garnier a *Revista Popular*, que durou alguns annos, e depois o *Jornal das Familias*, tentativas que não foram bem compensadas.

Perseverante, o seu estabelecimento de livreiro foi conquistando grande nomeada, pois era certo o seu monopolio no commercio de livros, e obra que na sua casa não fosse encontrada ninguem a teria. O preço das suas edições era fixo e não admittia abatimento.

Um freguez constante de sua casa, conversando a resqeito de um livro que fôra publicado e que não teve a aceitação esperada, lembrou-lhe a diminuição do preço da venda.

« E' um engano », disse o velho livreiro, ha livros que, qualquer que seja o seu preço, sendo bem aceitos, não podem ter mais de 300 a 400 compradores, e outros até menos; dos populares só se póde vender no primeiro anno 600 a 800; conheço bem o mercado do Brasil. »

Baptista Luiz chegava á loja ás 5 1/2 da manhã e batia fortemente com a chave na porta de entrada, para acordar os empregados. De pé no fundo da loja, tendo na cabeça um gorro de velludo preto com borla de ouro, apoiava-se a uma alta escrevaninha e dahi dirigia o estabelecimento, fazia a escripturação e preparava a correspondencia, quasi sempre fumando « charutos da Bahia » mandados por elle fabricar na casa Faria e Rocha, da rua da Alfandega. Não acabava os charutos, deixando-os sempre pela metade.

Methodico e economico, Garnier quando recebia do Correio a correspondencia, abria pacientemente as sobrecartas com uma faca de marfim, empi-

lhando cuidadosamente a parte em que estava lançado o sobrescripto, para em tempo aproveitar as costas em branco para notas dos catalogos que publicava annualmente, em brochura de mais de 64 paginas, redigidas com cuidado e organizadas bibliographicamente pelo methodo Brunet.

Lia as cartas, depois os jornaes, examinando os maços antes de abrir, afim de encontrar algum sello sem o carimbo do Correio, e se o encontrava, guardava-o numa caixa de charutos.

Nesta Capital o velho Garnier nunca frequentou theatro, apenas os conhecia exteriormente.

Não admittia entre os seus empregados o uso de phosphoros de cêra, fornecendo a casa phosphoros de madeira a todos. Um dia, encontrando debaixo do travesseiro de um empregado uma caixa de phosphoros de cêra, reprehendeu-o amavelmente, dizendo que a casa fornecia phosphoros de madeira, visto que os de cêra eram causa de incendios.

O empregado desculpou-se, declarando que os tinha comprado irreflectidamente e que restituisse a caixa para elle pôl-a fóra. — " Não, não, diz Garnier, *eu confisca*, *confisca*, vai no escriptorio buscar uma caixa de páo " e, dirigindo-se para o lugar onde estava um copo, encheu-o de agua e atirou dentro a caixa dos phosphoros de cêra.

Era-lhe habitual cochilar junto da escrivaninha e não gostava que o acordassem. Um dia, alongou por tal fórma o somno, que os empregados, que nunca se atreviam a despertal-o, deixaram que a praça de policia que rondava a rua fosse interr omper o cochilo, pois já haviam dado 10 horas da noute e o estabelecimento achava-se aberto.

Teve elle em tempo por caixa um Sr. Valladão, a quem muito ouvia nos negocios da casa e, para lhe ser agradavel, editou a *Cornucopia dos Salões* e o *Manual de Dansa*, locubrações daquelle empregado, preparadas nas horas vagas do serviço diario.

Tanto elle como os empregados, em numero de 14, tinham almoço e jantar no estabelecimento, para que Garnier dava ao cozinheiro 8$ a 10$ por dia para as despezas : augmentando, porém, os preços dos generos, resolveu acabar com a cozinha. Na sua adega, na loja, figuravam finos e velhos vinhos de Bordeaux, de que elle era muito apreciador.

Baptista Luiz usava sempre chapéo preto de castor, redondo, e só sahia á rua de chapéo de pello alto, conhecido por cartola, quando ia ao palacio da Conceição entender-se com o Bispo sobre qualquer publicação. Na loja, o seu vestuario indefectivel era o paletot de alpaca preta, collete e calças largas de brim branco. Quasi sempre deixava o gorro sobre o cofre da casa e pela manhã

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

quando chegava á loja e encontrava a dormir o gatinho preto que existia no estabelecimento, deitado sobre o gorro, dava-lhe leves pancadas còm uma folha de papel, achando muita graça nesse habito do felino. Caso deveras curioso : Garnier admittia que todos os empregados fumassem no estabelecimento, comtanto que não fizessem uso dos taes phosphoros de cêra.

Fornecedor da Casa Imperial e por serviços prestados ás lettras brasileiras, foi agraciado pelo Imperador Pedro II com a commenda da Ordem da Rosa, mas não gostava que o chamassem « Commendador ». Se alguem lhe dava este tratamento, elle retribuia tratando-o por Visconde, Barão, Conselheiro, etc.

Amavel sempre para com todos e principalmente para com os seus empregados, era incapaz de ter uma palavra aspera .ou uma explosão de raiva. Quando tinha de despedir qualquer empregado, fazia-o por intermedio do Caixa da casa, recommendando que cumprisse a sua ordem delicadamente para que o empregado não ficasse zangado ou offendido.

Em certa occasião, um dos seus empregados, muito joven, altercando com um dos carregadores do estabelecimento, mandou-o a lugar pouco asseiado. Garnier soube, chamou o joven e, depois de reprehendel-o delicadamente por ter *injuriado um homem velho*, o despedio.

Outra occasião, dous dos seus empregados de nomes Alexandre de tal e Henrique Puyssegur (hoje o conhecido caricaturista Byby) achavam-se no balcão quando Garnier entrou. Notando que este havia aparado a barba muito rente, apresentando uma physionomia engraçada, agacharam-se junto ao balcão e proromperam em gargalhadas. O velho livreiro observou o facto e dirigio-se calmamente para a escrivaninha. Dias depois foram successivamente despedidos do estabelecimento.

Garnier inspeccionava diariamente todas as dependencias inferiores da livraria e, quando encontrava algum pedaço de lacre no chão mandava-o guardar e se notava accesas as lampadas de kerozene que serviam para os trabalhos de empacotamento de livros, apagava as que julgava não serem necessarias na occasião.

Ao entrar no estabelecimento pela manhã a todos saudava com a seguinte e invariavel fórma : *Bom dia, senhô*.

Morava Garnier em Santa Thereza e dirigia-se para a residencia das 7 para as 8 horas da noite.

Quando se sentio, porém, cançado pela muita actividade que havia empregado durante tantos annos de pesados trabalhos, chegava ao estabelecimento ás 8 horas da manhã e retirava-se ás 6 da tarde.

Aos domingos e dias feriados jogava o bilhar com alguns amigos na sua residencia, mostrando-se contrariado quando perdia, e, quando ganhava, possuido de grande contentamento, offerecia então capitosos vinhos aos parceiros.

Uma occasião encontrou um dos empregados da casa trabalhando e alegremente cantando. Dirigindo-se a elle, disse-lhe : « Então estás a cantar? » —

« Que quer, senhor, quando a gente trabalha com gosto, vive alegre », respondeu. Desde esse dia, Garnier, todos os mezes, gratificava esse empregado com a quantia de 10$, que mais tarde foi elevada a 20$ e depois a 30$000.

Em 1891, já tendo completado 68 annos, o velho Garnier, um tanto cançado para o trabalho activo, e, sentindo-se alquebrado pela idade, pensou em vender o seu estabelecimento.

Foi-lhe então offerecida a quantia de 2.500:000$ pela livraria direitos de edições, clichés, etc., sendo 1.500:000$ em dinheiro e 1.000:000$ em titulo de uma companhia que se organizaria para exploração do negocio. Discordando nas condições da proposta, não foi levada a effeito a venda.

Comprado o prédio n. 69 da rua do Ouvidor para o estabelecimento do jornal *O Cruzeiro*, mudou-se a livraria para a mesma rua n. 71, onde depois Hyppolito Garnier mandou construir o magnifico e imponente edificio actual, especialmente para a livraria, segundo os planos dos architectos Bellissine e Pédarrieu, sob a direcção do gerente da livraria, Sr. Julião Lansac, e que foi inaugurado em 19 de Janeiro de 1901.

Sentindo Baptista Garnier nos ultimos tempos de sua vida faltas de forças, principiou a medicar-se, sem comtudo deixar de comparecer ao seu estabelecimento, onde todos os dias se pesava e tomava apontamentos do peso. Quando subia por qualquer motivo ao pavimento superior, cruzava as mãos sobre o ventre e, fazendo gyrar os dedos pollegares, transpunha os degráos da escada, pronunciando sempre : « *Si j'étais riche comme mon frère !* »

Jámais Garnier deixava no cofre da casa quantia superior a 1:000$ ou 2:000$, pois diariamente fazia depositos no Banco.

Enfermando gravemente, Garnier, que vivia maritalmente ha longos annos com uma dedicada senhora, com ella casou-se, dotando-a em 80:000$ e dando como garantia um predio que possuia na rua do Ouvidor, proximo da rua dos Ourives.

A sua fortuna foi avaliada em seis a sete mil contos de reis, sendo herdeiro principal seu irmão, livreiro em Pariz, Hyppolito Garnier, que hoje conta 93 annos de idade e é o unico proprietario da livraria e alguns sobrinhos que já não existem.

Seria curioso conhecer-se hoje ao certo o numero de exemplares de obras que editou e dos volumes impressos por conta do seu estabelecimento, que devem attingir a milhões, ficando não poucas edições por avultadas sommas, notando-se entre ellas a *Biblia Sagrada*, traduzida por Antonio Pereira de Figueiredo, e notas do Conego Delaunay, illustrada com 30 gravuras sobre aço abertas por Williams, segundo os grandes mestres Leonardo de Vinci,

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Raphael, Ticiano, Vernet, Murillo, Poursein e Vanloo, primorosamente impressa pelo conhecido artista Blot, em Paris.

O *Codigo Philipino* e a collecção dos arrestos do antigo Tribunal da Relação, coodificados e annotados por Candido Mendes de Almeida, as obras juridicas de A. J. Ribas, a *Historia do Brasil*, de Roberto Southey, traduzida pelo finado Dr. Luiz de Castro, — *Formulario Universal* do Dr. Pires de Almeida, foram trabalhos editados na sua casa e que mereceram geral aceitação e procura.

Figuram tambem muitas edições de grande nitidez e elegancia, e entre outras a *Livraria Classica* portugueza, annotada pelos irmãos Antonio e José Castilho; a *Brasilia Bibliotheca*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva; *Colombo*, de Araujo Porto Alegre; o *Theatro*, de Joaquim Manuel de Macedo, e varias obras de José de Alencar, Bruno Seabra, Bernardo Guimarães, Alvares de Azevedo e outros.

De grande relevancia foram os serviços prestados por Garnier á litteratura brasileira, editando grande numero de obras de autores nacionaes, muito embora fosse avaro na recompensa. Por um ligeiro calculo, ascendem a 665 as obras de escriptores brasileiros publicadas pela antiga livraria, não contando o avultado numero de traducções feitas tambem por escriptores nacionaes.

Em 1 de Outubro de 1893, falleceu em sua residencia, na ladeira do Meirelles n. 4, o velho livreiro, a quem as lettras brasileiras tanto devem pelo muito que por ellas fez na divulgação de trabalhos dos nossos mais festejados e apreciados escriptores.

Não pequenos foram estes serviços, repetimos, pois ninguem como elle, com tanto ardor e boa vontade, aventurou-se a arriscada empreza de editar trabalhos litterarios de autores nacionaes.

Longa seria a enumeração de autores de obras editadas pela Livraria Garnier; entretanto convem assignalar as dos seguintes:

Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya; Manuel de Araujo Porto Alegre, depois Barão de Santo Angelo; Joaquim Manuel de Macedo, José Martiniano de Alencar, Bernardo Guimarães, Manuel de Almeida, J. M. Pereira da Silva, Conego Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Mello Moraes Pai, Rozendo Moniz, Escragnole Taunay, Luiz Guimarães, Dr. J. M. de Lacerda, Emilio Zaluar, Joaquim Maria Serra, Moreira de Azevedo, Luiz José Pereira da Silva, J. A. Pimenta Bueno, Ramiz Galvão, F. L. Bittencourt Sampaio, Dr. Candido Tavares Bastos, Augusto Teixeira de Freitas, Visconde de Uruguay, Candido Mendes de Almeida, Machado de Assis, Mello Moraes Filho, Sylvio Romero, Aluisio de Azevedo, Joaquim Nabuco, A. Varella, Arthur Azevedo, Lucio de Mendonça, Alberto de Oliveira, José Verissimo, Medeiros e Albuquerque, Nestor Victor, Affonso Celso, Olavo Bilac, Clovis Bevilacqua, Domicio da Gama, Graça Aranha, João do Rio (Paulo Barreto), João Luzo (Armando Erse), Laudelino Freire, João

Ribeiro, Antonio Salles, Monsenhor Vicente Lustoza, Julia Lopes de Almeida e tantos e tantos outros.

Entre os muitos homens conhecidos que trabalharam para a livraria Garnier conta-se tambem Lopes Trovão, que, para viver, depois do desapparecimento do *Globo*, de que era correspondente em Paris, foi obrigado a dar lições de portuguez a um filho do Visconde de Albuquerque (já fallecido) e a outro do nosso Ministro Regis de Oliveira, a traduzir rotulos e reclamos de novos preparados pharmaceuticos e a corrigir as provas das obras que aquelle livreiro mandava imprimir no Havre ».

ERNESTO SENNA.

O IDEAL AMERICANO

Unificar sómente algumas leis? Não basta!
A nossa obra é maior, mais fecunda, mais vasta :
A Cathedral erguer, de amplas aspirações,
Sobre a montanha ideal dos nossos corações.
Seja o culto aos heróes de aureo passado — o guia
A luz, a aurora, o sol desse estupendo dia
De concordia, no céo do mundo a palpitar
Como o azul de outro céo na vastidão do mar!
Tu, que has de ter do mando o sceptro, ás mãos, em breve,
— America formosa! — a historia de ouro escreve
Das conquistas da Paz, dos milagres do Amor!
A existencia é uma doce, uma sensivel flor,
Cujo perfume nós, almas frageis e doentes,
Matamos á pressão dos dedos imprudentes...
Que esmeralda sem fim é esta terra taful!
Que infinita turqueza o immenso céo azul!
Por que não ha de ser como o céo, como a terra,
Lindo assim, tudo que a alma americana encerra?
Não póde ser eterno o serão secular
Da Civilização em terras de além-mar;
Já sôam os clarins, e põe-se em marcha a tropa
Que acampou tanto tempo entre as glorias da Europa,
— Glorias cheias de sangue, em dias em que heróe
Era saber matar. A doutrina Monroe,
Da qual devemos nós sentirmo-nos ufanos,

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

E' o Evangelho da Fé para os americanos..
Confraternização continental! serás
O triumpho bemdito e sereno da Paz,
Da Concordia, do Amor, do Direito e Justiça,
— Combatentes da mais bella e radiosa liça!
Cada um saiba, orgulhoso, o seu dever cumprir.
E nosso será todo o esplendor do Porvir:
— Cidades tumultuando, o riso se expandindo
Da choupana mais pobre ao palacio mais lindo;
Numa vegetação, o mar, de mastaréos
Florindo — braços em supplica para os céos;
Uma vida febril desabrochando em festas
Na humildade aldeã, nos campos, nas florestas;
Uma visão perfeita, astral, superior,
Pairando em tudo num vôo de aguia ou condor;
Sem funestos atheus o culto do Alphabeto,
E uma colmeia a Escola, e a cadeia sem tecto;
As creanças, pelas mãos, guiadas, de Jesus,
— Sagrado batalhão da Innocencia e da Luz; —
Uma excepção o Crime, o Egoismo solitario,
E, malhando, a cantar, na officina, o operario;
A Industria victoriosa; a Sciencia, como o sol,
Pondo em cada consciencia um perpetuo arrebol;
O Commercio sem par; sem par a Agricultura,
E por tudo o hymno augusto e santo da Fartura;
Adorada a Mulher no rito espiritual,
De profundo respeito e elevada moral;
E — assombro militar! — com o seu poder fecundo
A Ordem, o Amor, a Paz dictando a todo o mundo!

LEONCIO CORREIA.

S. CHRISTOVÃO

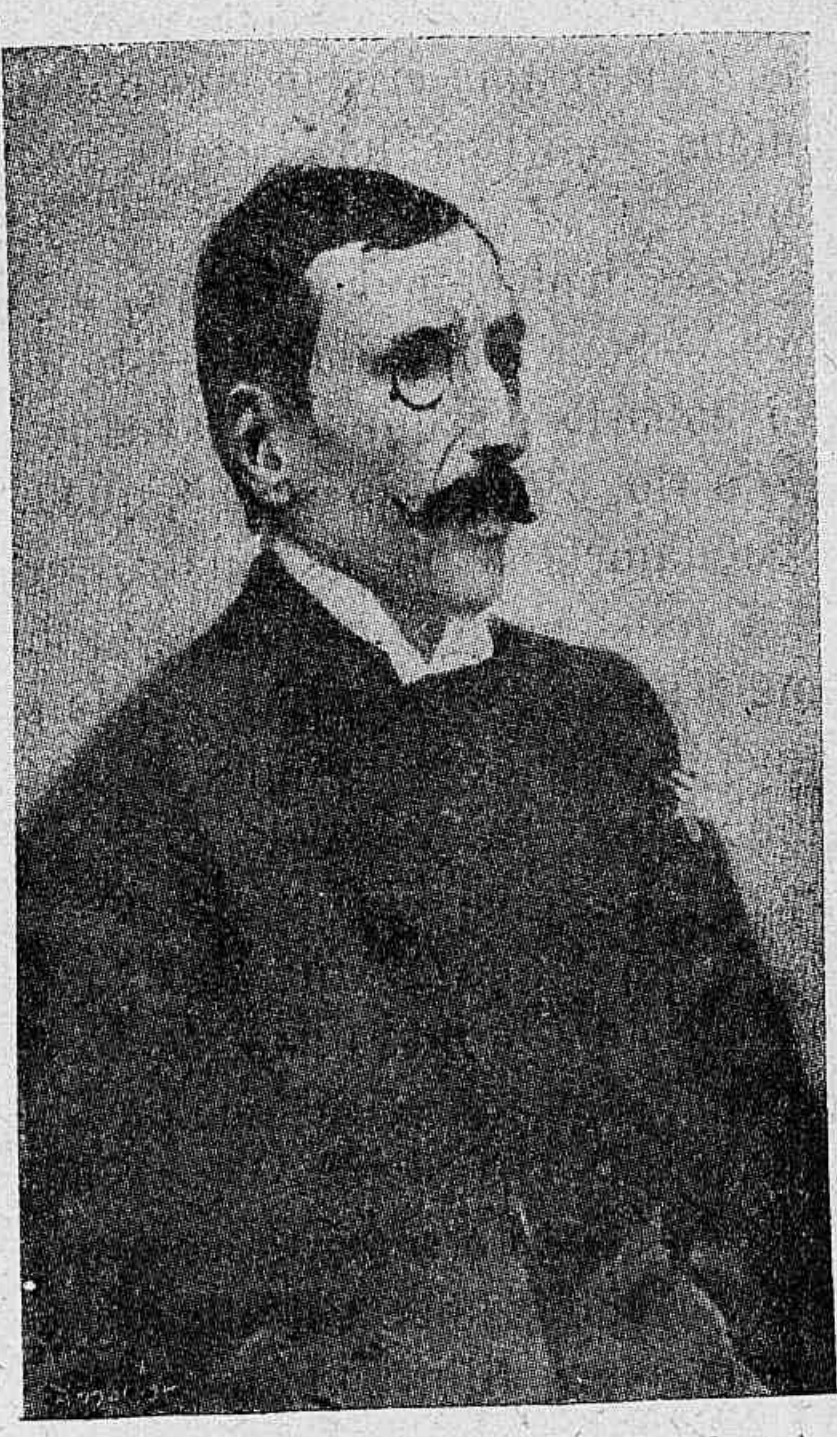
Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sobre as frondes resoavam as buzinas dos porqueiros e lentamente, na copa alta dos carvalhos, se calavam as gralhas, um lenhador, de surrão de estamenha, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e com a sua egua carregada de lenha recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castello de seu senhor.

Deante de cada cruz, pregada nos troncos da matta, tirava o seu barrete de pelle de coelho, rezava uma Ave-Maria. Ao passar na lagôa, mais reluzente sob a amarellidão da tarde, entre os seus altos cannaviaes, que uma moeda de ouro nova, deixou um molho

de carqueja e d'achas para o Eremita que alli erguera a sua choça de rama. E adeante, num pinheiral, apezar de já luzir no alto a estrelinha da tarde e o bom trabalhador ter fome, parou, até encher o saco duma velhinha que, tremendo e arrimada a um bordão, apanhava agulhas e pinhas. A velha murmurou : — « Deus te dê alegria em tua casa. »

Longamente ainda, ora por caminhos claros que soavam como lages, ora sob a ramaria alta, por veredas fofas de musgo, tilintaram no silencio e na penumbra os guizos da egua. E á noite cerrada, quando para além duma ponte de taboa, que tremia sobre uma torrente secca por aquelle lento agosto, o povoado appareceu, entre o arvoredo do valle, com a capella branca e toda nova que o Senhor do Castello andava erguendo a São Cosme.

O lenhador, com a sua egua, metteu por uma longa alameda de faias, atrás dum carro que rodava, carregado de matto. A estacada que outrora cercava a aldeia apodrecera, sob os sóes, sob as chuvas, ao abandono, durante os longos fartos annos de paz; e as cabanas repousavam entre os pomares, em segurança e fartura. Dos tectos, bem cobertos de colmo seguro por lascas de lousa, subia o fumo lento e cheiroso das pinhas e das agulhas, ardendo com abundancia nas lareiras. Em todas as córtes grunhiam porcos. Pelas quelhas mais escuras, as raparigas passavam para os serões, sem temor, com sua roca á cintura. Por detraz dos muros d'adobe, morria um murmurio dormente dos Terços e das Coroas rezadas em côro, nas contas. Raramente latia um rafeiro por detráz da cancella ou das sébes. No adro, o forno senhorial ainda ardia, tanta era a fartura do pão a cozer. E junto á fonte, toldada pelas ramagens dum olmeiro, no banco de pedra onde aos domingos os velhos vinham julgar os pleitos de gados ou de eguas, os dois archeiros do Castello, que todas as



Eça de Queiroz (Quadro de Columbano).

noites rondavam a aldeia, dormiam, sem cuidados, como frades, com os seus arcos caidos no chão.

Lentamente, ao rumor lento dos guisos, o bom lenhador e sua egua passavam, ao fim do povoado, a alta taberna do «Gallo Preto », que estendia através da estrada a sua comprida vara infestada de louro. Dois romeiros, com vieiras e conchas na murça de burel, bebiam á porta, por grossos picheis de

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

estanho. Dentro, um pobre menestrel de longa guedelha caida sobre o gibão em farrapos, tangia a sua viola de tres cordas : e um frade mendicante, com a sacola sobre os joelhos, um caldereiro com os tachos de latão e a ferramenta pousada ao lado, no chão da terra negra, jogavam os dados sobre um banco, na penumbra das pipas bojudas, que todas tinham uma cruz branca para que os máos espiritos não azedassem o vinho.

O bom lenhador apressava a sua egua : e bem depressa, do alto dum cerro coberto d'azinheiras, avistou em baixo o rio, o largo rio escuro, que corria mudamente sob os quatro arcos d'uma velha ponte romana, que tinha ao meio uma capelinha nova, onde pallidamente, na nevoa humida, bruxoleava uma lampada. Para além, na outra margem, era uma longa collina suave, onde se erguia, acompanhado d'arvoredos e cercado de muralhas, como uma cidadella, um mosteiro rico de Dominicanos.

Mas, descendo o cerro, o caminho estreito por onde, sob a estrellada mudez da noite, iam tilintando os guisos da egua, corria, fundo e negro, entre altos barrancos. E como ahi, por vezes, de noite, apparecia um estranho pastor, de cabellos côr de fogo, e seguido por dois lobos familiares, o bom lenhador murmurou, voltando para o santo logar onde nasce a estrella d'alva, o nome do anjo Gabriel. Depois, sem temor, atravessou o pinheiral. Já então trilhava as terras do solar do seu senhor. Vastos pastos de gado, campos onde se fizera a ceifa, desciam até o rio, que um choupal bordava, escuro e cheio de rouxinoes. E sobre um forte outeiro, logo o castello appareceu, negro, formidavel, com altas muralhas, os grandes catavantos em fórma de dragões e de aves heraldicas no cimo de cada torre, e na mais alta a chamma clara do seu alto pharol.

Uma calçada, de grossas lages, orlada de faias, conduzia ao terreiro, para onde abria, sob a torre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça que, sempre descida, naquelles doces annos de paz, tinha as cadeias de ferro enferrujadas. Dum lado do terreiro havia um pequeno alpendre, coberto de rama, onde se vendia á vasilha o bom vinho branco das vinhas senhoriaes. Do outro lado, negrejavam os grossos barrotes das forcas seculares. Um velho olmo assombreava o banco de pedra, onde, pelas tardes de verão, o senhor vinha julgar os delictos, receber vassallagens, ou marcar as portagens devidas pelos mercadores que, com longas récuas de machos carregados, passavam por dentro das suas terras. Nenhuma claridade saía das janellas das torres, esguias como fendas. As rãs coaxavam na agua negra dos fossos.

O bom lenhador costeou as compridas muralhas, onde por vezes uma mancha mais clara, na pedra negra, era como uma cicatriz de batalha numa face requeimada, e, passando pela alta cancella duma sebe, que ao longe se perdia nos prados escuros, penetrou por uma estreita portola aberta na muralha e guardada por um cão enorme, cujas correntes de ferro arrastavam nas lages.

Dentro, no vasto recinto murado, para além d'um poço de bordas baixas, encimado por um pombal. a casa senhorial erguia a sua fachada simples e severa, donde saía, através dos vidros miudos encaixilhados em chumbo, a claridade pallida dos brandões. Um torreão redondo, com balcão, erguia a uma esquina o seu agudo tecto de escamas de louza, encimado por um catavento em fórma de bandeira desdobra-

da. Aos cantos da casa, esguios dragões alados voltavam para o pateo as guellas escancaradas, por onde as chuvas se escoavam nos regueiros da cisterna. E a lanterna dum servo, que passava sobre o terraço, allumiava extensas filas de aboboras pousadas no parapeito, para seccar ao sol d'agosto.

O bom lenhador descarregou a egua na tercena da lenha. Depois, tirando o seu barrete de pello de coelho, foi empurrar a grossa porta da cozinha, armada de puas de ferro. Sob a chaminé, enfeitada de resteas de cebola e de ramos de louro secco, tão vasta que abrigava de cada lado da ladeira um longo banco de carvalho, uma chamma clara de troncos, ardendo sobre o brazido, allumiava as paredes caiadas, onde pendiam de ganchos de ferro odres de vinho, caldeirões reluzentes e os saccos de especiarias. Com o seu largo avental de couro, e um barrete na cabeça rapada, o mestre cortava, sobre um cepo immenso um anho esfollado. Um servente, de braços nús, regava de molho, com uma longa colhér de ferro, as peças de carne que assavam nos espetos, mais compridos que lanças de guerra. Dois lebreus, enroscados, dormiam deante do lume. E rente ao muro, sentados em tripeças, já os moços das abegoarias, os pastores, os cordoeiros esperavam a ceia, calados, com os seus gorros na mão.

Mas um pagem de longos cabellos encaracolados e trazendo um jarro lavrado ergueu ao fundo a aspera cortina de estamenha, que tapava uma immensa porta em arco, ornada de cabeças de lobos.

E o bom lenhador dobrou humildemente o joelho, entrevendo para além, já allumiada para a ceia por tochas de cêra, a sala senhorial, a vasta mesa tapetada de hervas frescas, as duas lanças transversaes por cima, suspensas do tecto por correntes de ferro, carregadas de pães de sêmea, a nobre cadeira de espaldar, no topo encimada por um alto brazão, tendo ao lado um poleiro onde dormiam dois falcões; a immensa chaminé de pedra, ao fundo, com figuras em relevo, que agitavam armas. Todos os servos se tinham erguido. E quasi immediatamente, arrastando os seus sapatos de panno amarello, o dispenseiro appareceu, calvo e gordo, com o seu molho de chaves. Era elle quem distribuia as rações aos pastores, aos cordoeiros, aos tosqueadores, aos forneiros e aos outros servos do dominio que não ceavam nas cozinhas do solar e bem depressa o bom lenhador recebeu no seu sacco de estopa o pão de sêmea, o pichel de vinho e a posta de carne salgada devida nos dias de grande córte.

De novo o bom lenhador empurrou, sem ruido, e humildemente, a porta da cozinha. Passou a portella da muralha, que abria para os jardins e para o jogo da bola. Atravessou a rua de limoeiros que dividia os jardins e o pomar, onde docemente cantavam na sombra os repuxos e agua das regas; redeou a casa do cabanal e a eira que alvejava, toda caiada de fresco, sob a claridade das estrellas; e passando entre as abegoarias e a liça dos pagens, que desenrolava entre mastros enfeitados de bandeirolas a sua pista areada de saibro, saiu por uma porta de alta estacada, que circumdava a quinta senhoril. Para

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

além, eram vastos prados, pastagens descendo até ao rio, onde uma larga avenida d'olmos abrigava a cordoaria do castello. Um outro cerrado de sebe espinhosa cercava estas fartas dependencias ruraes, defendidas ainda por armadilhas para os lobos, vallas eriçadas de puas e pequenas torres d'adobe onde ardia uma lanterna.

O bom lenhador passou esta sebe e metteu pelas azinhagas, a caminho de sua cabana, aninhada entre os pinheiros e faias á orla da floresta, que, desde os soutos onde elle todo o dia trabalhara, vinha pelo interior das terras vestindo valle e monte.

Por entre os troncos dos pinheiros mansos, o largo rio alvejava em baixo, á claridade das estrellas. Os pyrilampos faiscavam na crista das sebes. Um aroma de madresilva adoçava o ar.

O bom lenhador atravessou, sobre uma ponte feita de troncos, um riacho que saltava entre rochas, onde os pagens da castellania vinham pescar as trutas. Um rouxinol cantava em baixo, entre a ramada dos choupos. Ainda havia uma cruz de pedra, coberta de hera, que tinha um braço partido. Piedosamente o bom lenhador tirou o barrete. O seu coração simples, n'essa noite, sentia como um contentamento desacostumado. Ouvindo o sino do mosteiro, que nas colinas além do rio tocava a vesperas, murmurou uma Salve-Rainha, com uma devoção maior, certo que a virgem o escutava, debruçada do céo, toucando a todas aquellas estrellas que rebrilhavam mais que o ouro.

Já á distancia, sob o céo pallido, se arredondavam os cimos dos arvoredos, onde se escondia a sua cabana. A mulher, a boa companheira, esperava por elle, fiando. Estucou o passo — e subitamente, da sombra de um chorão debruçado á beira de caminho, um moço d'olhos brilhantes como lume, coberto com uma tunica branca, encostado a uma vara branca, parou deante delle e disse sorrindo :

—Entra contente na tua morada, que teu filho ha de ser um grande Santo.

EÇA DE QUEIROZ.

NOCTURNO

Nós gozavamos preguiçosamente o tepido conforto da minha sala. Carlos, estendido no divan, os olhos fitos numa *pointe-sèche* de Helleu que desmaia entre a Desdemona de Joana Romini e um carregado retrato de Eça de Queiroz, terminava a confidencia de uns recatados amores que tivera. Do jardim, vinha um debil cheiro de acacias. Eram onze horas da noite.

Eu invejava no meu amigo a sua paixão e a sua gravata de um pérola-rosa, da côr das luvas que ella trazia da sexta-feira.

— Mas, nunca se falaram?

— Nunca. Eu só a vi nesse ultimo concerto de julho. Ah ! quando ella

surgiu no estrado, a arrastar com lenta magestade a pesada cauda daquelle vestido de escamas escuras e vermelhas que scintillavam diabolicamente como agitados desejos, e toda banhada de uma luz tão farta que parecia vir dos seus cabellos de ouro novo, pelo salão houve deslumbramentos ineditos.

Alta e serena, com um curto sorriso nos labios pequenos, Elisa, pelo seu porte heril, os gestos esplendidos e magnificos, era bem a resurreição de edades cavalheirescas, e, certo, seria a dama por cujo nome eu deixaria voar em estilhas a armadura forte que me protegesse, si ainda estivessemos nesses tempos rudes em que por um nome, a gente se deixava morrer, com elle nos labios...

Após um leve meneio de cabeça, pousou no teclado as suas finas mãos de princeza. Os seus braços eram muito alvos, e o collo amplo e cheio. Soaram em surdina as primeiras notas, e tão leves e tenues que pareciam vir dos longes céos de onde Elisa viera. Olhei o programma — era um algido preludio de Rachmaninoff, cheio de poentes de outomno e das folhas mortas que se despedem do outomno... Seguiram-se, uma sonata de Beethoven, Rubinstein e a rapsodia hungara de Liszt. Eu estava mudamente arrebatado; aquellas musicas que muitas vezes ouvira em dissimulados bocejos, mas que só agora comprehendia, eram como novas cadeias a prender-me a ella, tão grande na sua alma, tão forte na sua belleza! E abençoava, reconhecido, o acaso amavel que nessa manhã puzera no meu caminho, o viscoso, o sordido Hildebrando, seriamente alarmado com aquella poltrona de vinte mil réis, vinda do alto — das mãos mesquinhas do seu chefe, na secção...

Elisa acabara, e de pé, agradecia os applausos com mesuras frias e impeccaveis como se estivesse no Palacio de Inverno, em Moscow, rodeiada de etiquetas e grãos-duques. A mirrada figurinha de um senhor que manquejava em disfarces, adiantou-se, acanhada, e offereceu-lhe um braço timido.

Mas as palmas irrompiam quentes, insistindo; flores tombavam no tapete róseo do estrado... O delirio compromettia já uns tantos detalhes, umas certas minucias de *toilette*. Elisa volveu, e em requintada remerce um sentido nocturno de Chopin soluçou em notas apaixonadas...

Eu não sei bem se Carlos continuou a falar no seu amor, porque, sem mesmo o sentir, eu vi, ó minha eterna ausente, eu vi o teu olhar nos olhos da condessa Mathieu de Noailles — a *pointe-sèche* de Helleu...

E como foi que só então eu dèscobri nos olhos da condessa, que ha tanto se desfaz entre dois quadros fortes, o teu quieto olhar de scismodora encantada?

Carlos narrava coisas pomposas como a sua ambição, e daquelle duro

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

rumor de recontros, de embates cavalheirescos, e da luz de ouro dos flavos cabellos de Elisa, do brilho satanico do seu vestido, dos applausos e dos grãos-duques é que me vieste em inesperada apparição, claro luar da minh'alma, visitante amavel ao socegado retiro donde sempre és lembrada.

Tu, meiga e rara, é que só me podias surgir cercada de tanta côr e de tanta luz como a *pointe-sèche* entre os dois vivos quadros, na minha parede. Porque esse teu ar de avesinha assustada, e a tua elegancia fina e simples, e o teu luxo tão leve que nem chega a fazer inveja aos desgraçados, são para mim forças mais suaves e poderosas a prender-me do que todas as grandezas esmagadoras e formidaveis.

O apaixonado rendido ás graças de Elisa confessou mais intensa a sua paixão depois de ouvil-a ao piano, em silenciosos transportes...

Oh! o falso amor que se completa com artificios... Ha para mim mais encanto no corado enleio de uma mocinha linda e vergonhosa num vestidinho novo que todos olham, do que nos faceis desembaraços em modos e palavras de sabidas meninas prendadas. Eu sou daquelles que se não deixam seduzir pelas coisas que aos outros fascinam ; vejo da alma, e por isso, quando me appareces — evocação ou imagemreal — todos os meus sentidos se despertam, apuram-se, e tão puros e espiritualizados, que eu chego a sentir, no meu extase, o casto beijo que nunca me deste.,.

— Bôa-noite.

Contive o meu espanto. Carlos, de pé, enluvava-se com um sorriso vago e triste. Lá fóra, as acacias rescendiam mais, e da *pointe-sèche* eu via apenas, com esforço, o emmaranhamento dos traços castanhos que lhe fazem os cabellos assim... Era meia noite.

GUSTAVO DE AGUILAR PANTOJA.

Livraria GARNIER

Albuns e Livros

para premios

Enviam-se Catalogos a todas as pessoas que os requisitarem.

Notas sobre os Estados

ESTADO DE MARANHÃO

Faltam dados positivos a respeito da vida economica e civil d'esse glorioso estado desde, algum tempo em crise ou em decadencia.

Os *principais productos* que o Maranhão exporta são : algodão em pluma, caroço de algodão, couros de boi e veado, farinha de mandioca, arroz, milho carrapato, tecidos, etc.

As relações commerciais são feitas entre a Europa, duas vezes por mez, em vapores da Booth Line e da Hamburg Sudamerikanische, e entre os Estados Unidos, tambem duas vezes por mez, em paquetes do Lloyd Brasileiro e da Booth Line. Entre os Estados do norte, o commercio é servido pelos vapores da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, (da costa de Pernambuco á do Pará) e os do Lloyd (do Amazonas ao Rio de Janeiro), além dos vapores da Companhia Comercio e Navegação que, nas suas viagens ao norte, tem escala pelo porto de S. Luiz.

São muito estreitas as relações commerciaes entre o Maranhão e o Estado do Piauhy, exportando o Maranhão para o vizinho Estado, por via Parnahyba ou Caxias, pelo Itapicurú, com transporte na Estrada de Ferro de Caxias a Flores.

Essas relações se estreitarão mais ainda com a construcção da Estrada de S. Luiz a Caxias, que, ligada áquelle traçado, trará grandioso impulso ao Maranhão, tornando-o um mundo essencialmente agricola — commercial — industrial.

Immigração. — Ultimamente começaram arabes, turcos, gregos ou *syrios*, como em geral são chamados, a affluir para o Maranhão.

« Os syrios, cujo estabelecimento se ramificou por todo o Estado,

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

teem abalado deveras a praça, afectando-a com constantes e ininterruptos insuccessos nas transações, constituindo, portanto, sério atropêlo á fixação cada vez mais alastrada, dessa nacionalidade no commercio maranhense, maximé no de quinquilharias, que já é quasi todo seu, exclusivamente. »

Telegraphos. — O districto do Maranhão é constituido por toda a rede telegraphica existente nos Estados do Maranhão e Piauhy, comprehendendo as linhas do tronco desde a estação de Maracassumé (inclusive), até S. Pedro de Ibiapina, no Ceará (exclusive), e pelos ramaes de Maracassumé a Turyassú, de Engenho Central a Presidio, de Engenho Central á Pinheiro, com o sub-ramal de S. Bento a Macapá; de Bacabal a Grajahú, de São Luiz a S. José de Ribamar, com o sub-ramal de Anil a S. Marcos, de Caxias a Picos, de Therezina a Amarração, com os sub-ramaes de Livramento a União, Parnahyba a Tutoya; e de Therezina a Jaicóz. Esta rede attinge a 3.045.212 metros de linha de postes, com o desenvolvimento de 5.787.915, sendo :

	Exten.	Desenvol.
No tronco.....	1.100.841	3.668.112
Nos Ramaes.....	1.944.371	2.119.803
Totaes.....	3.045.212	5.787.915

« Ao Maranhão pertencem, 1.900.828 metros de extensão com 3.796.759 de desenvolvimento; — ao Piauhy, 1.090.384 metros de extensão, com 1.831.166 de desenvolvimento; ao Ceará, 54.000 metros de extensão com 162.000 de desenvolvimento. Com a proxima inauguração das estações de Brejo de Anapurús e Boa Vista, essa rede ficará accrescida de mais 246.000 metros. »

— Na cidade de S. Luiz publicam-se as seguintes folhas :

A "Pacothilha", o "Diario do Maranhão", o "Diario Official", orgam que publica apenas o serviço official do Estado, o "Maranhão" e a "Patria", todos diarios de bom formato; a "Revista Typographica", algumas revistas literarias, entre as quaes avulta a "Revista do Norte", brilhantemente dirigida por Antonio Lobo.

Ha, como sempre houve, brilhante intellectualidade no Maranhão. Infelizmente, porem, não prospéra nem melhora senão lentamente o serviço da Instrucção. O *Lyceu Maranhense*, a *Escola Normal* são os dois institutos mais notaveis; ha uma escola modelo na capital. A crise economica que ainda perdura é o obice mais consideravel ao progresso do Estado.

A POEZIA NO JAPÃO

Na poezia, os insulares do Dai Nippon quazi não cultivam senão o *utá*, cuja compozição é de rigor não permittir o emprego de nenhuma palavra estrangeira. O *utá* deve encerrar uma idéa completa dentro de trinta e uma syllabas.

O *utá* comprehende dous versos : o primeiro, de dezesete syllabas; o segundo, de quatorze. O mecanismo da poezia japoneza é simples ao extremo. Mas certo ainda possue outra forma que não o *utá*, a que venho de fazer referencia. Quero aqui alludir ao *tanka*, que se compõe do mesmo numero de syllabas do *utá*, mas cujos versos se dispõem de tal natureza que assim se succedem alternadamente : versos de 5, de 7, de 5, de 7 e de 7 syllabas.

E que delicadeza de sentir revela a poesia do Yamato!...

Poezia sabia, poezia scientifica, coiza é que se não conhece no Japão.

E, se com essas trinta e uma syllabas, se admira que os japonezes possam elaborar todo um poema lyrico, — a admiração ha de subir de ponto em examinando-lhes os seus versos de apenas dezesete syllabas, versos que receberam a denominação de *hokku*. Porque nesses versos ha pintura de uma payzagem, ha dezenhos nitidos, bem acabados, ha psycologia, ha mesmo vida, porque ha movimentos e sombra e luz, ou alegria e dôres.

Mas a poezia japoneza, como toda a arte autochtone em terras do archipelago, é mais emocional do que intellectual. E á intelligencia ella fala pelo seu adoravel symbolismo...

Aqui transcrevo de Motoori Morinaga (1730-1801) os seguintes versos :

Shikishima no
Yamato-gokoro no
Shito towaba
Asahi ni ni-u
Yama-zakura-bana...

« Perguntaram-me : que é a alma do nosso velho Yamato? Ah! vêde as flôres da selvagem cerejeira derramando perfume á luz do sol nascente!... »

E o symbolismo desses versos é verdadeiro. Porque (*) « debaixo dos affagos imperiozos do sol da primavera », essas flores « mais discretas no seu brilho e mais odoriferas que as das orgulhosas cerejeiras de jardins, se abrem de todo em todo aos raios do sol, e pouco afastam as suas petalas, e se amplificam em circulos graciozos, e, crescendo mais e mais em suas bellezas, desprendem-se de suas hastes e cahem, deixando a arvore já revestida dos enfeites, dos adornos do verão. » Depois os japonezes, pelo shinthoismo, estão convencidos de que, morrendo, ainda assim não dezamparam a cauza da patria. Deixam as paixões humanas. Dezapparecem objectivamente. Mas, fazem-se deuzes protectores do archipelago...

Porém, de symbolismo que não é o de Matoori Morinaga, são os versos do

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Tenno-heika, que sabe poetar como todos os seus subditos. Escreveu S. M. o Imperador :

Yomo no umi
Mina harakarato
Omu yo ni
Nado nami-kaze no
Tatchi-sawaguran...

« Na altura a que chegamos, nessa edade do mundo em que por toda a parte nos julgamos irmãos, — porque vem até nós a furioza tempestade? »

Ahi se affirmam os sentimentos generozos do grande monarcha. Mas a ironia contra os brutaes processos da conquista á ferro e á fogo, o sarcasmo que se joga de encontro á fementida fraternidade pelo universo afóra, a nobre revolta de um nobre coração, — tudo ahi está dentro no symbolismo dos versos do chefe de uma nação cujo povo ainda chama de barbaros a todos os povos da civilização européa.

Povo de artistas e philozophos...

E lá é a philozophia estoica e audacioza. E a arte está sempre repassada de amor, sem o contacto de sensualidade...

MOREIRA GUIMARÃES (1).

(1) O dr. Moreira Guimarães, o autor do precioso livro *No Extremo Oriente*, e Japão, onde esteve como addido militar durante a ultima guerra.

ESTADO DA ALAGÔAS

Da mensagem do Governador, em abril de 1908, são os seguintes dados financeiros :

Pela lei n. 484, a 22 de junho de 1906 foi a receita do Estado orçada em 2.483:554$860 e a despeza em 2.474:458$416.

Por occasião do fecho da escripturação do exercicío verificou-se que a receita arrecadada foi de 3.318:725$150.

Esta receita, porém, não exprime exactamente a arrecadação orçamentaria do Estado, porquanto, além das operações de credito e movimento de fundos, nella está incluida a importancia de 701:170$160, recebida de parte da segunda prestação e da terceira do emprestimo externo contraido pelo Estado.

Em todo o caso se verifica que arrecadámos de fontes orçamentarias 2.614:554$990.

Esta cifra, apraz-me tambem deixar em destaque, jámais foi attingida no Estado, apesar da exiguidade de nossa ultima safra e da demora da exportação dos productos respectivos. Se essa tivesse sido em tempo effectuada, a nossa receita certamente teria attingido a 3.000:000$000.

A nossa despeza, que pela lei orçamentaria para o exercicio de 1907, foi orçada em 2.474:458$416, foi realizada, conforme se verificou por occasião do remate da escripturação do exercicio, em 2.717:597$148, excluindo as operações de credito, movimento de fundos e despezas das caixas especiaes.

Na cifra, porém, de 2.717:597$148, estão incluidos não só a importancia de 378:839$674, de divida passiva, mas tambem as quantias despendidas com as despezas extraordinarias.

— Na *Instrucção publica* não pudemos notar progresso assignavel.

O GENERAL OSORIO

Osorio não foi sómente o valoroso cabo de guerra que conhecemos, sinão tambem um cultor da poesia.

Publicamos abaixo algumas de suas innumeras producções poeticas, que se resentem da influencia que Gonzaga, o genial cantor de Marilia de Dirceu, exerceu sobre o seu espirito.

Em 1835, no momento de partir para a guerra, o nosso heroe enviou as suas despedidas á sua amada, nos seguintes versos :

ADEUS...

Já sôa o clarim de Marte!
Vou deixar-te, minha amada!
Suspirando corro ás armas,
Adeus, mulher adorada.

Baixando á campa,
Frio jazigo,
A tua imagem
Irá commigo.

Se fôr em árduo combate
Minha vida arrebatada,
Se perder-te para sempre...
Adeus, mulher adorada...

Baixando á campa,
Frio jazigo,
A tua imagem
Irá commigo.

Mas, se corôado de louros
Voltar a vêr-te engraçada,
Até tão doces momentos...
Adeus, mulher adorada.

Teus lindos labios
Beijando entao,
Doces prazeres
Renovarão.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Dos seus improvisos, ficou celebre o seguinte, feito em sua terra natal :

MOTTE

Nada do que vejo quero.

GLOSA

Mostrou-me a Fortuna abertas
As portas dos seus thesouros;
Mostrou-me palmas e louros;
Fez-me mil milhões de offertas :

— « Fortuna! tu não acértas,
(Lhe respondo em tom sevéro)
« Os dons que do céo espero
« Tu nunca me pódes dar,
« Torna as portas a fechar;
« Nada do que vejo quero. »

Dentre os versos soltos que escreveu e publicou em jornaes do Rio Grande do Sul, destacamos os seguintes :

Só vivo quando te vejo,
Dia e noite penso em ti,
Se nascestes para amar-me,
Eu para te amar nasci.

***

Ausente dos teus encantos,
Sem teus lindos olhos vêr,
Tudo me causa desgosto
Nada me causa prazer.

***

O tempo curar não póde
As chagas que amor abriu;
Separar só póde a morte
Corações que amor uniu.

***

Pavorosas, negras sombras
Escondem o meu penar;
Em silencio a dôr me opprime
Meu allivio é suspirar.

Dos seus sonetos, destacamos o seguinte, dedicado á uma joven de nome Anna, que era, na epoca em que elle o escreveu, o objecto de seu amor e de seus cuidados :

Em desejos ardendo o teu amante
Oh! Lilia! o triste humano que te adora,
Por gozar-te suspira, geme e chora
Sem que possa beijar-te um doce instante.

Que vale o meu amor se delirante
Entre a chamma fatal que me devora
Não me conto ditoso uma só hora,
O premio não me dás de ser constante?

O' Lilia bella, o meu queixume escuta,
Tem dó deste infeliz que é todo teu
E a gloria de adorar-te só disputa.

Céde o que a natureza te cedeu,
Dá-me a palma do amor na doce luta.
Dá-me os mimos que o Céo te concedeu!

Em 1863, espirituosa dama, amante de cantar modinhas, possuindo uns versos cuja terminação era :

« Nos arroja no abysmo da dôr, »

pediu-lhe que fizesse outro com o mesmo estribilho. Osorio fez os seguintes :

Os prazeres mais puros da vida
Que gozamos com ancia e fervor,
Degeneram no mal que mais tarde
Nos arrôja no abysmo da dôr.

Insensato é o homem que pensa
Gozar vida sem ter dissabor,
O prazer a que amor nos convida
Nos arrója no abysmo da dôr.

Da mulher um carinho, um sorriso
Nos eleva a um Céo de primor,
Da mulher um olhar de desprezo,
Nos arrója no abysmo da dôr.

Se os carinhos do bem que adoramos
Um instante nos dão de favor,
Noutro instante o ciume do inferno
Nos arrója no abysmo da dôr.

RAPTO

Ia já em meio o leilão de prendas, mercadejado com muitas facecias e allusões aos namorados que se esforçavam por fazer lances maiores do que os dos rivaes, encarregando o prégoeiro de levar a prenda á amada gentil e toda ruborisada, quando Julião *esbarrou* o bonito cavallo castanho, cujas crinas ondeadas o vento agitava, e leste saltou em terra.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas; uma maior, outra *mais* menor. Não ha quem arremate?..... guinchava o leiloeiro.

— Olá, mestre. Que é isto?

— Um bello casal de rolas, Sinhôsinho, offertado pela bonita sra d. Lydia.

— Cinco mil reis.

— Upa! Bravos ao sr. Julião Fortuna! Isso é que é lance! Affronto o passo e mais não acho... Duas rolinhas offertadas ao Gloriso S. José.

— Cinco e quinhentos...

— Ora, seu Zéca, só quinhentos?

— Seis mil reis.

— Seis me dão; seis... seis.

— Seis *man* reis. Entrego, se não avançam mais. Oh! que tristeza! Que miseria! Seis *man* reis por tão bonitas rolinhas. Aqui tem, sr. Julião.

— Obrigado.

— A quem entrego? disse confidencialmente o leiloeiro.

— A mim, está bem visto. Não preciso de intermediarios.

E Julião, recebendo o casal de rolas, mansinhas e pipilantes, atravessou o espaço livre em torno á grande mesa onde se accumulavam as prendas offerecidas, e fazendo resoar as rosetas das espóras de prata e com muito desembaraço dirigiu-se ao grupo formado por duas gentis maçoilas, de dezoito annos mais ou menos, enlaçadas e bellas, e offereceu, com uma profunda cortezia, á mais clara o casal de pombos, segredando umas palavrinhas dulçorosas e estudadas. Ella, apertando-lhe a mão com desembaraço e muito corada, disse:

— Como chegou tarde! Pensei que não viesse.

— Tinha promettido, Sylvia.

— Chi! Tio Jesuino nos está devorando com os olhos. Que raiva!

— Bôas tardes, sr. Jesuino; como vai? disse Julião fazendo com o chapéu profunda barretada.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

O outro correspondeu tirando o chapéu e soprando de envolta com o fumo do cigarro um arrastado e aborrecido :

— Bem, obrigado.

Esses incidentes deram mais animação á festa. Começaram os commentarios áquelle namoro audaz e contrariado pelos parentes, mantido sempre naquellas bellas linhas de cavalheirismo, de audacia e cortezia de parte á parte. Julião era pretendente á mão de Sylvia desde dous annos; e a pretenção fora sempre repellida pelos parentes della, os quaes allegavam ter elle *casta*.

Julião era entretanto branco de lei, e outra era com certeza a causa. Rico, adquirira uma fazenda de cacáo em Taperóa, e em um baile na Camara Municipal conhecera Sylvia, e por ella se apaixonara.

Sylvia era filha de uma das melhores familias dalí e de uma belleza deslumbrante. Face pallida de madona, enquadrada por bastos cabellos negros, de estatura mediana, de perfil elegante, tinha uns olhos matadores, de uma languidez entontecedora.

Sylvia amou Julião e depois de algum tempo o autorizou a pedil-a em casamento.

Tudo parecia indicar um assentimento pleno e um *não* redondo foi a resposta obtida.

Todos perguntavam :

Porque?

— Alegaram mulatice, dizia o Josué, escrivão do Jury. Mas parece incrivel. O dr. Julião é filho de um negociante rico da capital e a familia delle muito conhecida lá. Ahi, seu mano, anda dente de coelho. Não gosto de charadas, e não me metto onde não sou chamado, mas o Jesuino não faz bem em regeitar tão bom partido para a sobrinha. Parece que ahi anda negocio de inventario e tutela mal dirigida.

— Ora, compadre; o Jesuino ainda é muito rico.

— Uhm! Quem sabe?

Ninguem conhecia de facto as razões da recusa.

Em virtude do pedido de casamento, começou para Sylvia uma vida de repressão; espionada sempre, impedida de sahir sem a companhia do tio, soffrendo vexações e apouquentações. Então elles se vingavam nas festas publicas; davam toda a sorte de escandalos, conversavam em voz alta, não deixavam um instante de se olhar, e, em alguma reunião familiar onde se dançava, dançavam a noite inteira juntos, para desespero do tio Jesuino... Já se fallava em diversas tentativas de uma sova de páu, que o Jesuino estava preparando. Mas Julião estava de atalaia.

Constava, e se dizia de bocca pequena, que o Julião levaria ao extremo a sua paixão e não recuaria diante de um rapto. Ballelas?... Talvez.

A menina morena que estava abraçada a Sylvia era uma sua prima e intima confidente.

— De que lado assistirão á comedia?

— Do lado do rio, no alto. Não vê ali aquella elevação?

— Sim.

— Tio Jesuino já mandou aviso para lhe reservarem aquelle ponto.

— Pois do lado de lá ao primeiro signal, sim?

— Não, Julião. Tenho medo.

Julião, cumprimentando muito gentilmente, como se estivesse dirigindo uma galantaria á joven, disse com voz firme e baixa :

— Hoje ou nunca.

Sylvia empallideceu e quasi desmaiou.

— Vamos á novena, Sylvia.

São horas.

A pequenina igreja de S. José de Maricoabo começou a encher-se de fieis, que a voz do sino alegremente bimbalhando e reboando pelos campos, em uma plangencia de Angelus, convidava a entrar.

II

Lá fóra ia em andamento a construcção do palco.

Pregavam-se os ultimos caibros; e o tablado estava quasi collocado no logar conveniente.

Pelo campo, em diversos pontos, homens ajoelhados retíravam terra dos buracos que iam cavando com fortes cavadores, emquanto em outros já se firmavam postes que deviam sustentar os pratos de barro cheios de azeite de peixe embebidos em estopas, as, quaes, queimadas, illuminariam a platéa. E que platéa bella e original!

A meia laranja, em cujo cimo estava a igreja, coberta de um gramado verde e macio, limitada pelos cercados de jasmineiros e roseiras, separando-o dos cacáoaes viçosos, era a platéa. Preguiçosamente recostados na alfombra humida da campina, iriam os espectadores apreciar o baile pastoril cantado por negros-a comedia.

Lá em baixo, ao sopé do morro, tomava fórma o barracão, que seria palco. Chegavam já as vélas dos barcos, cujos mastros se avistavam abaixo da ponte do rio Maricoabo : com ellas se arranjava a coberta do *palanque* e se cobriam as armações lateraes e os camarins. Uma véla menor serviria de *panno de bocca*.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

De um para outro lado corriam os encarregados da ornamentação interna, pregando com taxas, colchas encarnadas e deixando no encontro dellas aberturas regaçadas, figurando cortinas. Tudo se fazia com afan e atropelladamente.

Os canticos dentro do templo indicavam que estava a terminar a novena, e a *musica* tocando no fim poz tudo em alvoroço. Felizmente as tigelas já poderiam funccionar, e, emquanto se queimasse um pequeno fogo de artificio, os ultimos preparos estariam feitos.

As festas da Cajahyba eram concorridissimas. Desde a vespera pela madrugada, familias e familias em ranchos garrulos de moças e creanças, de velhos e de escravos, levando bahús de *folha* e cestas de roupas, passavam farfalhando saias gommadas e estalando gargalhadas.

Iam para os parentes, compadres e, conhecidos, que os hospédavam com a sã alegria de campezinos felizes.

Na tarde do dia festivo ficavam na cidade os doentes, os tristes e os gatos.

Os ranchos lá iam pela Aguasinha a fóra, ao som da viola e cavaquinho, ruidosos e cantantes.

As mulatas dengosas, as pretas envoltas nos seus pannos da Costa, com alvos torços rendados, e os trovadores, alegravam as estradas com seus descantes e faziam o trajecto de mais de legua em incessante algazarra, assaltando os laranjaes, colhendo cheirosos bugaris nas cercas dos cacáoeiraes, enfeitando os chapéus com vistosas folhas de crótono e activando a alegria, o bom humor e a veia da trova com repetidas dózes de *canninha*.

E o adro da igrejinha repleto de gente alegre e folgazã. Longa fila de animaes, presos pelos cabrestos ás cercas, á sombra das copadas laranjeiras e o verde-escuro dos quintaes de cacáo serviam de fundo á paizagem.

O campanario branco de cal alegremente soltava aos quatro ventos os sons festivos dos sinos, que cada romeiro tinha o direito de repicar, quando quizesse.

A' sombra das arvores, nas margens da estrada de barro vermelho, sobre o gramado verde e macio faziam-se refeições ás margens dos corregos.

Sobre as folhas seccas dos quintaes de cacáo ficavam muitos romeiros *cozinhando a mona*.

Batuques e *sambas* pelas estradas, junto á igreja e nos laranjaes. Pequenos ambulantes vendiam doces e bolos, mercadejando com descantes e trovas.

E a alegria sã, e a exuberancia de vida se manifestavam em tudo; no roceiro mal amanhado e desgracioso, na *tabarôa* acanhada e gentil, de cujas faces parecia verter o sangue, nos velhos influentes politicos, de rodaques amarrotados e cartolas ancestraes.

III

Pela verde pastagem formaram-se os grupos, pelo chão, em esteiras, sendo raras as cadeiras e os tamboretes.

Um zumbido forte de enorme colmeia andava no ar, cortado ás vezes de descantes ao longe, de rufar de pandeiros, de risos frescos e risadas grossas. Começaram a arder as estopas, espalhando no ar tepido da noite estrellada um cheiro acre de azeite. As labaredas vermelhas traçavam discos mais claros na massa do povo, acamado pelo gramado, e uma aureola de fumaça plainava no ar, librava-se e desapparecia, oscillando ao sopro tenue do vento da noite para ser substituida por outra. Luzes appareciam já por detrás dos pannos da barraca, correndo de um para outro lado, e com uma escada de mão um negro alto dependurava lanternas de papeis multicores com letreiros allusivos á festa, na testada do barracão. Os musicos accenderam as vélas de sebo nas estantes tropegas e atacaram uma marcha desafinada. Chalaças se trocavam de lado a lado, e os vendelores de doces cantavam alto o seu prégão.

Ia começar o baile.

Os ultimos sons dos ruidosos instrumentos da *banda* de quatro figuras se tinham apenas perdido no ar em extremas dissonancias, e no proscenio, á luz daquella *ribalta* primitiva, de luzes tremulas e agitadas pelo vento, appareceu um negro forte, espadaúdo e lepido, saudado pela platéa com uma gritaria que tanto tinha de applausos como de vaia.

Feitos rasgados comprimentos ao *respeitavel publico*, começou de recitar em voz alta, clara e cantante, declamando muito e gesticulando desordenadamente, o prologo em verso, ou antes o programma da festa, e a explicação do entrecho da peça que ia ser exhibida.

Frequentes eram as interrupções e os ditos chistosos.

Elle entretanto não se perdia e recitava desassombradamente o seu recado.

Uma nova gritaria o saudou no fim.

Depois subiu o panno.

Appareceram duas figuras de branco, e começaram a declamar longas tiradas, com prolongadas pausas para que tivesse tempo o *ponto* de fazer o trajecto de um lado para o outro, afim de *soprar* a cada actor a sua parte no dialago.

De fóra os espectadores acompanhavam as evoluções do ponto, que, de véla em punho, corria por detrás das *cobertas* de chita transparente servindo de *vistas*.

Estavam todos attentos ás peripecias do bailado, e ninguem percebeu o

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

movimento de uma cavalgata que sorrateiramente se dirigiu para a ponte e estacou alí.

Da cavalgata partiu um cavalleiro, que subiu pela encosta á sombra das arvores, cujos cabeços a lua surgindo ia esclarecendo.

De repente, a um signal dado, um vulto atravessando a multidão foi direito ao ponto onde estava Sylvia, e arrebatou-a correndo, indo depôl-a nos braços do cavalleiro que estava proximo, e que ferrando os acicates desceu em galope phantastico a rampa. Dado o alarma, alguns tiros de garrucha se ouviram e ao longe o tropear precipitado pelo madeiramento da ponte. Um grupo de cavalleiros, a trote largo, se encubriu na curva da estrada marginada de arvores, cujas sombras o clarão da lua começava de recortar em caprichosos arabescos pelo chão poeirento.

FABIO LUZ.

Rio 1902.

MUNICIPIO DE ARAGUARY

(ESTADO DE MINAS)

Jazida carbonifera.

ARAGUARY é um dos mais ricos municipios do triangulo Mineiro — nome por que é conhecida a parte do est. de Minas sita entre os rios *Grande* e *Paranahyba* e desde a *Serra da Canastra* até a barra dos mesmos rios e que forma um verdadeiro triangulo. E' rico não só pela fertilidade do solo como em riquezas mineraes, encontrando-se nelle cobre, ferro, ouro, diamantes, mercurio, carvão de pedra, etc.

Não queremos, porém, nesta breve noticia, descrever todas essas riquezas naturaes que possue este municipio : vamos apenas falar sobre o carvão de pedra, de que faremos um breve historico. Ha cerca de 28 annos, isto é, em 1881, Francisco Machado, aqui residente, encontrara por acaso, *afflorada* á superficie do solo, uma camada de pedras pretas, relativamente leves, com pronunciado cheiro de kerozene; e, comquanto não conhecesse positivamente o que aquillo era, suppoz que fosse carvão de pedra por vaga descripção que desse mineral ouvira fazer.

Não sendo seu o terreno onde fizera a preciosa descoberta, tratou de occultar do melhor modo que poude os vestigios do carvão, tendo tirado alguns pedaços, que trouxe á então povação do Brejo Alegre (hoje cidade de Araguary) para mostrar ás pessoas mais entendidas; e estas manifestando grande interesse na descoberta, despertou-se a cubiça no coração de Francisco

Machado, que logo deliberou não descobrir o sitio da jazida carbonifera sinão a troco de boa gratificação; mas pouco tempo depois morria repentivamente levando comsigo o segredo da sua descoberta, de que só restaram os blocos por elle trazidos á povoação, sendo baldados todos os esforços empregados para descobrir a jazida. Ainda existe aqui um ferreiro, cap. Joaquim Bernardes de Mello, que trabalhou em sua forja com alguns daquelles blocos.

Em Julho de 1898 o coronel Theophilo Perfeito, que para aqui se havia mudado e adquirido um sitio na fazenda do *Jordão*, onde ouvira dizer que tambem foram encontrados, tempos depois da descoberta de Francisco Machado, alguns pedaços de carvão, encetou algumas explorações no intuito de descobrir aquelle minereo, conseguindo, em Setembro daquelle anno, encontrar diversos blocos, entre os quaes um pesando 12 kilogrammas.

Por esse tempo aqui chegara o dr. J. Back, medico argentino e conhecido explorador scientifico, e explorando os terrenos no sitio do *Jordão* constatou a existencia de carvão de pedra naquelles terrenos; e de accôrdo com o coronel Perfeito encetou uma nova serie de experiencias, que custaram ao mesmo coronel muitos contos de réis em pura perda, porque não tendo instrumento algum que facilitasse os trabalhos tiveram de suspendel-os apezar dos vehementes vestigios encontrados da existencia do precioso combustivel. De nada valeu-lhes terem recorrido aos governos do estado e da União : como não se tratava de *politica*, fizeram ouvidos de mercador e nenhum auxilio se dignaram prestar para a consecução de tão util descoberta, que viria engrandecer não só o estado de Minas mas todo o Brasil.

Cerca de dous annos decorreram depois do malogro dessas experiencias, quando em 1801 o dr. J. R. Lunn, de nacionalidade ingleza e engenheiro civil, examinando os terrenos do *Jordão* e as diversas pedras em poder do coronel Th. Perfeito, affirmou por sua vez que ha indicios vehementes, sinão provas inconcussas da existencia de uma jazida carbonifera; e promptificou-se a encetar nova serie de experiencias, fornecendo-lhe o coronel Perfeito alimento e dous camaradas para auxiliarem-no no trabalho.

Com effeito começou-se logo a exploração, que durou 16 mezes, trabalhando com suas proprias mãos o dr. Lunn e furando diversos poços, sendo um da profundidade de 33 metros, cada vez mais animado e convicto da existencia do carvão á medida que aprofundava as excavações; mas teve afinal de abandonar o serviço porque a agua, que não tinha meios adequados para ser extrahida da fundo dos poços, o impossibilitava de proseguir.

Exhausto de meios, o coronel Th. Perfeito, apezar de seu caracter de rija tempera, de sua força de vontade inquebrantavel, teve de ceder ás circum-

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

stancias e cessar as pesquizas para a descoberta da jazida carbonifera, até que a Providencia Divina lhe proporcione meios de conseguir o seu intento.

Para os que se curvam á evidencia dos factos, não ha a menor duvida sobre a existencia do carvão de pedra neste municipio. Deixando mesmo de parte as affirmações cathegoricas dos drs. Back e Lunn, tres são as provas a favor desta verdade : 1ª. o terem sido encontrados vestigios de carvão em diversas epochas e logares, pois além das descobertas de que acima falámos, outros blocos, embora pequenos, têm sido encontrados casualmente, como em excavações de tatús, etc.; 2ª. a persistencia daquelles dous homens, maxime do dr. Lunn, que com tanto afan trabalharam sem outra esperança de recompensa alem da porcentagem que aufeririam nos rendimentos da mina, depois de descoberta ; 3ª. e a mais importante, o terem sido mandadas para Ingleterra, por intermedio dum amigo do coronel Perfeito, algumas amostras das pedras encontradas nas minas (digamos assim) do *Jordão* e, examinadas alli por scientistas competentes, foram dadas como provas concludentes da existencia de carvão de pedra.

Assim pois somos do numero dos que crêem piamente que no municipio de Araguary existe uma enorme jazida da preciosa ulha, que fará a felicidade de muitos e dará gloria ao nosso estado quando os homens de dinheiro, ou mesmo o governo, quer de Minas, quer da União, resolverem contribuir para que a sua descoberta se torne uma realidade.

Araguary, Novembro 1908. Ch. Santos.

PAISAGENS DO SUL

Ninhos ermados.

Lenta e lenta, n'este lindo paiz do meiodia, a santa mansuetude languorosa do outomno desce. Prestes será tudo dominio do flavo esmaecido, das diluencias magoadas, das espiritualisações serenas. Crepusculos amarellos debuxando-se na téla do poente; folhagens doiradas a cahir em turbilhão das arvores hecticas; trigaes maduros extendendo-se adoravelmente monotonos, em mésses planturosas. Ao longe, espectral, no seu branco e talar albornós envolto, o hynverno, labios chloroticos arregaçando n'um sorriso que congela implacável, contrahida careta para deixar transparecer a dentadura alva, que é neve, neve em frocas-ao longe, elle espia sinistramente, espia e adeanta-se. Cautéla com elle, desamparados e tristes, muita cautéla! O outomno ahi está, o outomno, essa aurea transição para o niveo que chega sob infenitesimaes esbatimentos suaves. Das caprichosas vertebras do colossal e gebo espinhaço

andino, qual proteiforme condor phantastico, o minuano ensaia as asas diaphanipennes, fitando longamente os pradarios verdes e as verdes coxilhas que se vam tornando jaldes. A santa melancholia dos dias autumnaes, como um brando nevoeiro de magoa, desce aos poucos do céo : e penso nos que soffrem, nos derelictos, nos fracos... E contemplando, os olhos merejados de tristeza, os platanos e os alamos do meu jardim que esfolham, as casuarinas melindrosas, scismo no destino dos ninhos, esses baloiçantes thalamos suspensos, personificação de meiguices, feitos de gorgeios e cuidados, de caricias e zelos porque ai, sempre ao pé da tranquilla flôr de sorriso ha de desbrochar a atormentada flôr de amargura. Penso nos ninhos ermos, commovo-me, e aquelles versos doces de Coppée me vêm insensivelmente á memoria, e da memoria defluem-me na bocca, e os socino, o olhar erguido para o firmamento, onde a desabusada graça estival se vae dilindo, dilindo, como a se esfarrapar :

Pendant les tristes jours de l'hiver monotone,
Les pauvres nids déserts, les nids qu'on abandonne,
Se balancent au vent sous le ciel gris de fer.

Oh! os pobres ninhos desertos, como exara o grande poeta dos humildes; elles sam para mim, um exul inexpugavel dos mysticismos, um rebellado sympathista, tam sublimes e veneraveis como a imagem d'uma Nossa Senhora que repoisa sobre o eburneo superaltare d'um templo. Elles dizem-me que no seu seio se produsio um mysterio incessantemente esco : a ecclosão da vida, da vida que emana do placido simplismo da cellula para a nervosidade extrema dos sères complexos, que deriva do segundo musical d'um beijo para uma vesana eternidade de martyrio. E respeito a Vida como a soberana deosa magnifica, a imperecivel divindade omnipotente que gera e anniquila, ergue e fulmina as abstracções exalçadas pelas crenças ancestraes; amo a Vida, que estremece no ventre da rocha, titila no ambito da plantula, se palea medrosamente na obscuridade do infusorio e grita a sua pompa avassallante no tumultuar das humanidades universaes; idolatro a Vida, mesmo quando ella me acalcanha, mesmo quando me apunhala, mesmo quando afivéla á face a intimidante mascara da Morte! No meu coração sentindo o crebro latejar d'esse fervoroso culto innato da Vida, adoro os ninhos, como ás coisas mais pequeninas e imbelles, porque sam materialisadas preces soltas á sua magestade inexcedivel. Entretecidos de macios albafares, usneas aromaes e leves painas, duram um nychtemeron e basta uma aspera rajada hyemal para desmanchal-os... Mas, amanhã, ao retorno fecundante do Sol, na idade das amplas sementeiras, das canções ruraes, dos beijos quentes e das volupias insurrectas, elles

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

voltarão ás ramarias verdes, tenras, repletos de carinhos, pipilos e garrulices. E isto para sempre, n'uma série harmonica, n'um rhythmo igual, e para « além do tempo eterno », evocando as trefegas alegrias e as magoas reconcentradas, mudas... Hontem : era apenas uma fugidia indecisão; hoje : é uma encantadora realidade ; amanhã : será uma saudade que chora. E' essa saudade, pendurada dos ramos anemicos, sochiada em escusos anfractos, que eu considero, varrido de agrestes melancholias, lembrando-me que é ella o cadaver da illusão d'um dia que passou. *De um dia que passou*! Ah! que amarissima expressão!... E, todavia, sómente ella não traduz engano. Pobres ninhos desertos : não demora a hynvernia, não tarda a desolação, lestes se approxima o perecimento. Sereis então o que d'antes ereis : nada porque tudo descreve uma curva oriunda do nada para emerger dentro do nada, tudo, por mais que nos agitemos e debatamos. Revolta vã : mais acertado é crusar os braços e receber as coisas como ellas chegam, risonhamente as risonhas, torvamente as torvas, apathicamente as inoffensivas... Crusar os braços?... Acceital-as?... Nem eu mesmo sei : é tam arteiro, labrusco e transcendente tudo!... Eu vos estremeço e, por isso, vos lamento, ó ninhos mimosos. Sois uma palpitante evidencia da versatilidade que entre as creaturas reina : acalentastes o amor implume, e, quando aprendeo a voar, partio o amor sem uma mirada ao menos para a vossa dôr solitaria. Das feituras naturaes é esta a rude sina : servirem um momento, alquebrarem-se na servidão e serem esputados a um canto, trambolhos caducos, para a aguarda da morte... Ninhos! ninhos! recordações de caricias findas, moradia suavissíma dos beijos na primavera trocados, thebaidas nupciaes, a languorosa nostalgia autumnal desce,—gase de magoa velando resplendores—, acerca-se a estação dos rijos pampeiros, dos minuanos gelidos, das inclemencias, tremei nas ramarias esgaivotadas, tremulas, tremei...

*
* *

E dizer-se que ha corações a morrer, assim como vós, espedaçados pela bruta, esfusiante, doida pampeirada do Desespero!

Cesar de Castro.

Porto-Alegre, 1908-III.

O lisonjeiro é um mentiroso aprazivel e mercenario.

Alguns homens ganham por tolos o que autros não alcançam por avisados.

Marquez de Maricá.

FERRI : SUA CONSTRUCÇÃO SCIENTIFICA

Conferencia realisada no Cabinete Portuguez de Leitura, em 28 de Novembro de 1908, pelo Dr. CARLOS DE LAET.

Exmo. Sr. Presidente.

Minhas senhoras,

Meus senhores,

Se não fôra convicção minha, intima, a existencia de um livre arbitrio, isto é, de uma faculdade pela qual, precedendo deliberação, o homem póde *querer*, ou escolher pensadamente entre diversos alvitres que se lhe proponham — agora teria eu ensejo de reconhecer que realmente possuo esta faculdade.

Com effeito, todas as razões, todas as circumstancias determinantes de um acto humano; aqui me induzem a não fallar. A illustração e celebridade da personagem cujas idéas vou combater, o sentimento da popularidade que official e officiosamente a circumda, a consciencia da minha exiguidade scientifica, e a preferencia que hoje, mais do que nunca, dou ao meu socego pessoal, reconhecendo que já é tempo de ceder o posto de luta a outros mais novos e vigorosos,— tudo me dizia que declinasse do convite, aliás honrosissimo, que me foi feito para occupar esta tribuna: e todavia nella me acho, unicamente porque entendo cumprir um dever, e porque acima de todas as injuncções do retrahimento e da fadiga ponho a deliberada vontade de servir á causa da verdade e do bem.

Que irei, porém, dizer? Estas conferencias não têm sido, como talvez devêram ser, uma cruzada, uma *batida* em regra contra o invasor que á mentalidade nacional vem trazer a conturbação de suas fallaciosas utopias. São, antes, protestos parciaes contra varias doutrinas de que Ferri se tem constituido pregoeiro. Deante desse arauto do darwinismo, do spencerismo, do socialismo, é preciso que se ergam oradores catholicos, sustentando as immorredouras verdades da sciencia que se abraça com a fé christan, e fazendo ver que, nessa religião que tantas vezes se pretende inculcar como já morta e enterrada, é que precisamente se acha, para os individuos bem como para os povos, o segredo, a solução de todos os problemas vitaes.

Occupando-se com os typos de criminosos imaginados e descriptos em obras de phantasia, o professor Ferri publicou um livro, em cujo anteloquio dá de si mesmo uma informação preciosa. Elle diz que prefere fazer dez conferencias discursadas a escrever uma só. O scenario da sessão ou do espectaculo, o influxo dos vastos auditorios, o calor dos applausos são para o illustre propagandista como que aperitivos da sua loquella; e, ao envez disso, mettem-lhe medo, causam-lhe frio, os gabinetes si-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

lenciosos em que se encerram mais modestos pensadores, proseguindo laboriosos nas pesquizas de suas idéas. Senhores, natureza diversamente conformada, commigo se dá exactamente o contrario. Sinto-me bem no meu quarto só povoado de livros. Os auditorios, quanto mais numerosos e illustrados, mais me intimidam e embaraçam. Peço, pois, excusa para a minha timidez; e isto assim dito deixa de ser velha rhetorica para assumir o tom sympathico e moderno da physio-psychologia.

Um dos livros mais conhecidos do Sr. Ferri, e delle existem varias edições francezas, intitula-se na que possuo — *Socialisme et science positive*. E' de todas as suas obras a que melhor desenha a physionomia do autor, dando-nos a linhagem da sua filiação intellectual. Ler esse livro é, portanto, remontar ás fontes em que originariamente bebeu o Ferri, e assim melhor comprehender a sua propaganda. O livro tem como sub-titulo — DARWIN, SPENCER — MARX. Eis os tres inspiradores do nosso egregio itinerante, e aquelles em cujo estudo elle se formou, limitando-se a reproduzil-os com o augmento de uns corollarios que diz logicamente desentranhados daquelles seus progenitores. E, se licito fosse accrescentar um quarto pae espiritual, e assim quadrar aquella trindade, eu lembraria o Sr. Lombroso. O Sr. Ferri darwinista, spencerista e marxista mostraria então a sua quarta e não menos brilhante faceta: negaria o livre arbitrio e escreveria sobre o direito penal.

Filho de um seculo que, despenhado da aresta positivista, precipite deslisou para o materialismo, Ferri, que aliás parece não ter feito especiaes estudos de sciencias physicas e naturaes, deixou-se embeber da idéa darwinica. Para elle é um dogma que toda a natureza se evolve de algumas poucas fórmas primitivas. As leis, sub-leis, quasi-leis, speudo-leis do darwinismo, elle não as discute, sobre ellas não admitte duvida.

Depois Ferri leu Spencer, cujas doutrinas em geral decorrem do evolucionismo darwinico e abeberou-se tambem do Spencer. Quanto ao Marx, sua grande razão, para elle Ferri, de acceital-o sem discrepancia, foi apenas uma razão de autoridade:

« O dogmatismo de Karl Marx (diz-nos Ferri) é intransigente e reveste fórma algum tanto secca e aspera, mas o conteudo geral é irresistivel, porque se acha em completo accôrdo com toda a corrente do pensamento scientifico moderno. » (*Socialisme et science positive*, Paris, 1896, p. 37, note).

Já pelo que summariamente fica exposto, começaes, senhores, a comprehender a configuração geral do arcabouço scientifico de Ferri. Suas bases estão em sciencias que elle especialmente não cultivou, e que considera como definitivas conquistas da philosophia positiva, quando realmente não é licito dal-as senão como simples hypotheses, impotentes para explicar grande numero de factos. As deducções que das sciencias naturaes applicou á sociologia, padecem todas da illegitimidade das primeiras hypotheses. E, por fim, quando tratou de corôar o seu edificio com o lanternim do socialismo, outra razão nos não dá senão a da conformidade de Marx com o movimento scientifico moderno, isto é, com o darwinismo e o spencerismo supposlos incontestaveis.

A imaginação dos gregos, confirmando num engenhoso mytho a construcção babelica, representa-nos uns gigantes que, collocando montes sobre montes, pretendiam escalar o céo. Ferri e outros philosophos egualmente nutrem a audaciosa pretenção; mas em vez de

penhascos são nuvens de hypotheses, são montanhas de fumaça os materiaes que elles accumulam ; nem é, pois, de admirar que para os subverter não mais seja preciso que uma aragem do bom senso.

A construcção, aliás, da famosa torre do nosso Ferri não se fez sem os inconvenientes assignalados pela Biblia na gigantesca fabrica de Babel. Os operarios nem sempre se entenderam, ou antes maravilhosamente se desentenderam.

O citado livro é uma tentativa para conciliar os ferozes consectarios da luta pela vida, do *struggle for life* (que é o *Deus ex machina* do darwinismo) com o suavissimo rosicler das utopias socialistas... Mas quando o Ferri, com a maior ingenuidade possivel, ia assentando sobre o segundo o terceiro andar do seu monumento, surgiram reclamações energicas e de fontes competentissimas.

Darwin já tinha morrido, ao se estampar a obra ; não podia protestar ; mas sem hesitar o fez Spencer — « admirando-se (textualmente) da audacia com que do seu nome se tinha alguem servido para defender o socialismo ».

Passava-se isto em 1895 ; e já em 1879, respondendo a Virchow (de quem partira essa idéa, que o darwinismo conduzia directamente ao socialismo) Haeckel, a quem de certo ninguem refusará competencia em materia de evolução, assignalava que, muito ao contrario das pretenções do Virchow, mais tarde adoptadas e desenvolvidas pelo Ferri, tudo ao darwinismo se poderia exprobrar, menos o encerrar no seu bojo o socialismo.

« Se quizermos attribuir uma tendencia politica a essa theoria ingleza (dizia elle) — o que aliás é permittido — essa tendencia não poderia ser senão aristocratica, e de modo nenhum democratica ou muito menos ser socialista. » (*Les preuves du transformisme*, Paris, 1879, pag. 110).

Notae, pois, senhores, que, quando ao serviço das suas idéas politicas Ferri põe o que elle chama a *corrente da moderna sciencia*, elle tem contra si os mesmos scientistas fundadores das suas doutrinas basicas. Elle é evolucionista contra o Hackel e spencerista contra Spencer.

Garofalo, outrosim, que até certo ponto entrara tambem no levantamento do edificio de bases evolucionistas, posteriormente discordou do Ferri e com elle manteve uma celebre polemica. A situação, portanto, do Sr. Ferri e daquelles a quem foi pedir idéas ou de quem mais se approxima no terreno do transformismo, é uma hostilidade que se affigura tanto mais inconciliavel quanto, como é sabido, não ha guerras tão crueis como sejam as intestinas. E quando, no campo dos nossos adversarios, assim vemos que não se logram entender, sem excesso de maligno regosijo logo nos acodem aquellas narrativas biblicas que nos pintam as hostes dos infieis umas contra as outras volvendo as armas, e poupando aos filhos de Israel a tarefa de as trucidar.

Todos os espiritos meditativos são lentos nas conclusões. Chumbo e não azas mandava Bacon que se oppuzessem ao espirito humano. « Evitae a precipitação no concluir » — repetia sem cessar o grande preconizador do me-

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

thodo inductivo. Já vos disse, porém, que o nosso illustre itinerante antipathisa com a meditação silenciosa. Sua obra, portanto, apresentando, (o que talvez lhe seja util) a superficie iriada da producção puramente litteraria, carece da profundeza que sómente lhe podéra dar uma demorada reflexão. Mais ainda: agindo (como elle proprio o declarou) sob o influxo inebriante e entontecedor dos applausos publicos, Ferri procura sempre lançar a barra, como vulgarmente se diz, adeante dos predecessores a quem imita.

Darwin, por exemplo, nunca declaradamente professou o atheismo, e mais de uma vez procurou salvaguardar contra possiveis ataques o dogma da creação; nem será de mais uma citação que o comprove.

« Ha certa grandeza (disse elle) em considerar a vida, com todas as suas propriedades, como tendo sido primitivamente dada pelo Creador a um pequeno numero de fórmas, ou mesmo a uma fórma unica: e no pensar que, emquanto o nosso planeta descrevia suas revoluções ao redor do sol, em virtude da lei immutavel da gravidade, um começo tão simples dava e dá ainda origem, mediante a evolução, a uma série infinita de fórmas tão bellas e tão admiraveis. »

Não se póde ser mais explicitamente conciliador do evolucionismo e do theismo. No congresso de Elisenach Haeckel repetia, em 1882, que Darwin nunca fôra atheu: e, todavia, quando estas eram as asseverações publicas dos seus amigos e mestres. Ferri proclama o atheismo de Darwin, baseando-se para tal numa carta particular que este houvera dirigido a Buchner. (*Socialisme et science positive*, ed. cit., 56, nota).

Spencer, por outro lado, é accusado de parar a meio caminho. (*Op. cit.*, pag. 161). Nem é tudo: quando o philosopho inglez, no seu livro *Justiça*, oppoz serios argumentos ao socialismo, Ferri deixa de ser o discipulo respeitoso e faz sentir a *involução senil* do mestre, periphrase meio-cortez de que se serviu para o dar como *caduco* (*Op. cit.*, pag. 98, nota.) Sómente elle, Ferri, vê direito e vae ao fim, não trepidando entre os maiores obstaculos.

Isto, senhores, é a historia de todas as fundações do erro. Só ha uma doutrina em que os executores estão abaixo do fundador e não poderam dar nenhum desenvolvimento doutrinal que já não estivesse incluso no ensinamento primitivo. E' o christianismo. Em todas as demais escolas os discipulos, querendo augmentar, exaggeram e pela amplificação dos corollarios demonstram a inexactidão das premissas. Ferri, transportando o transformismo para o terreno juridico e sociologico, prestou á verdade um bom serviço: mostrou as enormidades do philosophismo, desde que este, pela negação do Deus pessoal, é induzido á negação da liberdade humana, e sob um céo despovoado de Deus architecta um mundo povoado de automatos. (*Applausos.*)

Senhores, combater o transformismo darwinico, ou antes lamarckiano, poderá parecer tentame absurdo para um *homem do seu seculo*; mas desde já vos previno que para mim esta expressão não tem o sentido altamente honroso que se lhe costuma ligar. Se *homem do seu seculo* é aquelle que, sob a pressão do meio, vae acceitando todas as idéas dominantes, só porque sejam, como lá disse o Ferri, a *corrente da sciencia actual*, então, confiadamente o digo, eu não sou homem do meu seculo. Em sciencia reservo-me o direito de só adherir depois de convencido.

As sciencias naturaes nos ensinam que os organismos superiores se nutrem pela elaboração dos principios que tiram de vegetaes ou de outros animaes. Comem, digerem, absorvem, assimilam, rejeitam o inutil e o nocivo. Os zoophytos, porém, e outros animalculos ainda mais em baixo na escala zoologica, nutrem-se por simples *imbibição*. Mergulhados em um liquido, este os penetra: tudo nelles esponjosamente se apodera do liquido ambiente. E', evidentemente uma organização mui rudimentar. Por isto folgo de sentir que ainda me reputo no topo da escala zoologica. Reservo-me o direito de digerir e, do meio que me cerca, apenas tiro o que bom me parece para a minha nutrição intellectual. Nestas condições, senhores e senhoras, não me estranheis declarar-vos que para mim o darwinismo não passa de uma hypothese, contra a qual militam formidaveis objecções, que jámais foram resolvidas.

« Julgo que todos os animaes (disse Darwin) descendem de quatro ou cinco especies primitivas, quando muito; e todas as plantas de um numero egual, ou ainda menor. » (*Origine des espéces, Conclusions*, trad. de Ed. Barbier.)

Ora, esta asseveração para ser uma theoria devêra satisfazer a todas as objecções, explicar todos os factos. Desde que não o faça (haveis de conceder-m'o) é uma hypothese imprestavel. O dizer-se que responde a umas e não a outras objecções, que explica uns e não outros factos, é a sua negação como these definitivamente adquirida para a sciencia, e até mesmo como hypothese decorosamente acceitavel.

E tal, senhores, é precisamente o caso da concepção darwinica, que melhor se diria lamarckiana.

Se lançarmos um lance de olhos á estructura statigraphica do nosso planeta, na qual a sagacidade do geologo vae perscrutar a successão dos cataclysmos que trabalharam a crosta terrestre, veremos, com o testemunho dos mais escrupulosos observadores, a contestação formal da hypothese evolucionista.

« Ha vinte e cinco annos que estudo os horizontes fossiliferos da bacia belga (diz Gosselet) isolando-os cuidadosamente uns dos outros; e ainda não achei, nem no tempo nem na fórma, a passagem de dous typos bem determinados. »

« De um lado (pondera outro emerito geologo, Grand Eury) todos os factos são em favor da creação independente: de outro são não menos contrarios á transmutação das especies. »

« Uma cousa é certa (adjectiva Carruthers) e é que o conjuncto do testemunho das floras fosseis se oppõe á doutrina do desenvolvimento devido á evolução por filiação. »

Declarações são estas de competentissimos especialistas, e que com menosprezo não podem ser tomadas por quem quer que seriamente se interesse na questão.

A repentina apparição dos trilobitas, que, sem fórmas ancestraes conhecidas, logo se mostram bem organizados na fauna primordial; a dos cephalopodes, cuja irrupção, por assim dizer, inopinada, se patenteia na fauna secundaria; a dos peixes ganoides e placoides na terciaria — são factos que impres-

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

sionam e que ainda estão por explicar pelos evolucionistas.

Em trezentas e cincoenta fórmas de trilobitas pacientemente estudadas pelo geologo Barrande, dez sómente deparam vestigios de algumas variações; as restantes, trezentas e quarenta, não padeceram variação alguma no immenso decurso da sua existencia especifica. Durante o prazo enormissimo dos tempos silurianos nenhuma dessas especies produziu, no planalto da Bohemia, campo dos estudos do citado geologo, nenhuma fórma especifica, distincta e permanente.

Ouvi, senhoras e senhores, o *veredicto* que nesta materia proferiu Contejean, illustre professor do Museu e da faculdade de Poitiers:

« Devo (disse elle) pôr o leitor de prevenção contra illusões que á doutrina do transformismo converteram o maior numero de seus adeptos, mesmo entre sabios e naturalistas de profissão. Que pudera haver mais seductor e, apparentemente, mais significativo, do que essas descobertas de typos fosseis, realmente intermediarias entre os typos actuaes, e tendentes a approximal-os, direi mais, a confundil-os num conjuncto unico?... E como taes descobertas a cada instante se produzem, parece que um momento devêra chegar em que todos os vazios se enchessem, e onde nem mais um annel faltaria á cadeia continua dos seres.

« Mas infelizmente essas esplendidas perspectivas apenas são, no fundo, enganadoras miragens...

« Com alguma attenção não tardamos a nos convencer de que os intermediarios entre classes, ordens, generos e mesmo especies, não têm significação alguma, porque deixam subsistir enormes hiatos. As descobertas incessantes da paleontologia sómente provam que os quadros do mundo organico, encarado no seu conjuncto, são infinitamente mais completos que os da natureza viva. As familias, os generos, as especies fosseis vêm intercalar-se entre outras familias, outros generos, outras especies, sem que a distancia que separa os typos especificos tenha jámais diminuido.... E' entre as especies que importaria descobrir meios termos. Mas confiadamente se póde affirmar que esses meios termos não existem. »

(*Revue Scientifique*, 30 de Abril de 1881.)

A ordem theoricamente estatuida pela doutrina evolucionista não se combina, outrosim, com a verificada na serie chronologica dos terrenos. Notavel, a discordancia entre a hypothese e os factos. As fórmas de transição não apparecem e têm de ser suppridas pelas imaginações dos darwinistas em apuros.

Um exemplo desta sua facilidade eu vol-o posso dar relendo comvosco na obra de Haeckel o quadro de todos os gráos pelos quaes, em sua opinião, tiveram de passar os nossos maiores, desde a monera primordial até ao homem. O quadro está dividido em duas partes: os invertebrados (*prochordata*) e os vertebrados. A primeira parte conta 8 gráos: a segunda não menos de 22. Muito interessante, porém, é que dessas formas não poucas são imaginarias, nunca ninguem as viu, e Haeckel só as admitte por considerações de ordem theorica.

Tal é, *verbi gratia*, o 7.º gráo da primeira parte, que se diz dos *Scolecidos*: fórma *hypothetica* (diz elle) e que teve de servir como transição entre os turbellariados e os tunicarios.

Na classe 2.ª os *Protamniotes* (15.º gráo) são *uma fórma extincta* e *hypothetica*, que teve de provir dos ba-

tracios urodelos. Os *Promammalios* (gráo 16.º) tambem *só por hypothese* existiram, devendo ter-se parecido com os actuaes monotremos (ornithonhyncho e echidna) menos pela existencia do bico. Os *homens-simios* (gráo 21.º) são egualmente *hypotheticos*. A existencia desses *homens* primitivos *sem uso de palavra — deduz-se* da comparação das linguas e sobretudo da historia da linguagem... De sorte que do estudo comparado das linguas, foi que elle Haeckel (que jámais foi um glottologo) deduziu a existencia de um animal não existente na fauna actual e jamais encontrado pela paleontologia! (*Approvações.*)

A cada passo na historia do planeta, assás nitidamente desenhada no schema geognostico, o evolucionismo depara positivos desmentidos. Acabo de mostrar-vos a lacuna das fórmas intermedias; porém, licito me seja ainda fallar da negação do *struggle for life*. Devêra este sem duvida terminar pela victoria dos mais fortes e bem construidos... Pois bem! a paleontologia é a historia em que succumbem os monstros e sobrevivem os fracos; o que ao Gaudry fazia dizer que a força de longevidade dos seres inferiores reside em parte na sua fraqueza.

E, finalmente, senhoras e senhores, se a evolução fosse uma lei geral da natureza, eu vos pergunto porque, no momento actual da vida no planeta, ella teria deixado de existir e trabalhar no mecanismo do universo.

Concedido, por amor da argumentação, que muitas especies intermediarias cuja ausencia se nota na serie geologica, houvessem desgraçadamente desapparecido, sem deixar o menor vestigio da sua existencia, muito é de ponderar que o mesmo não se deveria dar agora, na época em que vivemos e para nós, ante cujos olhos se estende o infinito painel da creação.

Verdade fôra o transformismo, e deveria este mundo apresentar-nos um quadro da evolução em todas as suas phases. O que devêramos contemplar, seria o espectaculo de innumeras modalidades morphologicas, a explicarem o transito de uma para outra especie. Se da especie A foi que se evolveu a proxima especie B, eu não sei porque esse processo evolutivo tenha agora terminado ou esteja suspenso. Deveria, pois, existir, entre A e B, uma infinita serie de fórmas intermedias. O que, porém, ao envez disso ainda vemos, são as especies bem determinadas, os claros bem patentes entre umas e outras. E esta observação bastaria para demonstrar o caracter puramente conjectural do transformismo. (*Muito bem!*)

Accresce senhores, a consideração da fixidade das especies pela quasi total impossibilidade da reproducção dos hybridos.

A questão da invariabilidade da especie travada entre Cuvier e Geoffroy, — luta de gigantes e que pelo Goethe foi considerada mais importante do que os mais graves acontecimentos politicos, — ainda até nossos dias se tem prolongado.

Com razão observa Quatrefages que ha nessa disputa uma confusão de vocabulos. Ninguem absolutamente contesta que, sob a influencia natural ou provocada do meio, as especies sejam susceptiveis de alterações, que consti-

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

tuem as *variedades* e, quando transmittidas hereditariamente, tomam o nome de *raças*. O que muitos contestam, e eu com elles, é que a especie seja não sómente *variavel* mas *transmutavel*; que os typos especificos não sómente se modifiquem, mas cedam logar a typos novos; e que a *variação*, numa palavra, termine em transmutação. (QUATREFAGES, *L'espéce humaine*, liv. I, cap. III, p. 27 da ed. de 1879.)

Numerosos, quotidianos factos dão razão aos sustentadores da variabilidade limitada.

Quatrefages cita o caso occorrido em 1805 com um Sr. Decemet, que no seu viveiro de plantas, na cidade de Saint-Denis, descobriu no meio das suas acacias (*Robinia pseudo-acacia*) um individuo vegetal sem espinhos, que elle descreveu sob o epitheto de *speciabilis*. Multiplicado pelos processos da arte do jardineiro, produziu esse pé de acacia todas as acacias sem espinhos que hoje se espalham pelo mundo inteiro. Ora esses individuos vegetaes produzem sementes; mas estas, lançadas á terra, apenas dão origem a umas *acacias* espinhosas. (*Op, cit,, ibidem.*)

Sabeis todos que a rosa, bemquerida das senhoritas e cantada pelos poetas, é, scientificamente, um caso teratologico, é um monstro. A rosácea primitiva e natural tem apenas cinco petalas. E' a arte do jardineiro, são os processos artificiaes que têm conseguido mudar em petalas, diversamente coloridas, os orgãos reproductores da flor. Pois bem! abandonae o artificialismo desses processos, consegui pela semente (que é meio natural de reproducção) um exemplar da roseira, e logo vereis que as flores desta volvem ao typo primordial das cinco petalas.

As plantas fructiferas, entregues aos cuidados da jardinagem, produzem fructos cheios de succos adocicados e que bem sabem ao paladar do guloso. Reproduzida, porém, não já pela enxertia, mas por semente, a planta dá fructos amargos ou acres. *Degenerou*, diz o jardineiro... — Não, *regenerou-se*; volveu ao typo natural, proclamando a fixidade da especie. (*Muito bem!*)

Tal o testemunho constante de todos os observadores e scientistas. Ouçamos um botanico qualquer, por exemplo Duchartre:

« Sabe-se (diz elle) que diversos hybridos são estereis, ou não produzem boas sementes, e não podem portanto reproduzir-se por meio da sementeira; mas tambem se tem verificado que outros dão sementes bem constituidas. Ora, se destas sementes nascessem plantas semelhantes áquella que as produziu, e se tal facto se repetisse de geração em geração, a fecundação cruzada daria origem a fórmas novas e permanentes, que por isto mesmo teriam o direito de collocar-se entre as especies. Foi o que com effeito pensaram alguns botanicos; mas Naudin estabeleceu experimentalmente que a descendencia de um hybrido, longe de permanecer constante, se compõe de individuos que cada vez mais se assemelham aos progenitores e que, ao cabo de um pequeno numero de gerações, finalmente se fundem, quer em um dos typos originariamente unidos pela fecundação cruzada, quer em ambos elles. Assim (conclue) se esboroam as doutrinas dos hybridos permanentes. » (DUCHARTRE, *Botanique*, Livro II, cap. IX, art. III paragrapho 2°.)

O mesmo se nota na serie animal. O mu, que ordinariamente aqui no Brasil chamamos *besta*, — um bom animal — é, como todos sabem, o producto hybrido, das especies *equus caballus* e *equus asinus*. Não ha tentativa mais antiga nem mais repetida de hybrida-

ção : Os muares já eram conhecidos dos Hebreus anteriormente aos tempos de David, e dos Gregos na época de Homero. Logo no 1º canto da *Iliada*, o poeta assignala que a peste começou a manifestar seus estragos entre os muares e os cães. Foram estes os que, na sua vingança, Apollo preferiu para primeiras victimas, e como que para acertar os tiros, antes de ferir os homens :

« *Ouréas mén prôton epócheto kai kunas argous.* » (*I*, 50.)

Pois bem, senhores, desde essa altissima antiguidade, isto é, depois de experiencias repetidas no decurso de mais de tres mil annos, a hybridação dessas especies não produz especie nova.

A fecundidade de um desses hybridos é cousa tão espantosa que em 1838, havendo-se annunciado que em Birkra, na Argelia, um exemplar hybrido, um muar do sexo feminino, havia concebido, amotinaram-se as populações argelinas, acreditando no fim do mundo e entregando-se a longos jejuns. O factor recolhido por Gratiolet foi registrado pelo sisudo Quatrefages. (*L'espéce humaine*, p. 54.)

Em outras especies tentativas tambem se tem realizado. Sabe-se com que pertinacia pachorrentos experimentadores têm procurado obter hybridos permanentes pela mescla do coelho e da lebre. As experiencias de Gayot neste assumpto são conhecidas dos estudiosos. Mas de todas essas... direi? de todos esses *casamentos civis* (*riso*), nenhum resultado se obteve no sentido de confundir os limites da especie. A ultima palavra sobre o assumpto foi proferida por Sanson e permitti que vol-a cite :

« Das duas especies de hybridos obtidos por Gayot, uma é absolutamente identica ao coelho por todos os seus caracteres especificos; e a outra approxima-se da lebre, sem que comtudo inteiramente a attinja, porém menos pela fórma do craneo do que pelos attributos externos. A primeira, na serie das gerações, resoluta e sem parar se approxima do typo *coelho;* a segunda, menos numerosa, tende para a lebre, á qual experimenta alguma difficuldade em regressar. » (Sanson, *Mémoire sur les métis du liévre et du lapin.* Annales. Sc. Nat. Zoologie, t. XV.) Apud Claus. *Zoologie générale*, nota de Moquin-Tandon.

Perdoae-me, senhores, perdoae-me, sobretudo, minhas senhoras, estas minucias talvez enfadonhas; mas ellas eram necessarias. Nós aqui funccionamos como peritos no exame da segurança que depara a construcção scientifica de Ferri. Justo era e razoavel que principiassemos a vistoria inquirindo da solidez dos alicerces, que são a hypothese transformista; e, como acabaes de vêr, elles bem longe estão de ser solidos. Todo o resto do edificio está por conseguinte compromettido, e tanto nos andares superiores, onde se destróe a sociedade actual para reconstruil-a socialista, como no lanternim, onde se nega o livre arbitrio e o fundamento da lei penal.

Todo o edificio scientifico de Ferri assenta sobre uma hypothese não demonstrada, e logicamente repellida, desde que não explica todos os factos. A hypothese newtoniana de emissão da luz deixou de ser aproveitavel, e respeitosamente foi archivada entre as velha-

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

rias sem prestimo, logo que não pôde explicar phenomenos que, como o das interferencias, dos anneis coloridos, etc., só pela hypothese das ondulações podem ter explicação. E, pensando ás vezes porque ainda tanto se falla de darwinismo ou transformismo, outra razão não acho senão as consequencias irreligiosas que de tal doutrina tiraram atrevidos sequazes. Está-lhes custando a despegarem-se de um erro que geralmente ha servido ás suas paixões irreligiosas e aos seus intuitos demolidores (*Applausos.*)

Disse-vos eu, senhores, que o 4º. pae intellectual de Ferri é Lombroso, que ainda ha dias o proclamava seu *alter ego*, em carta enviada á Republica Argentina. Pois bem, senhores, Lombroso não é menos imaginoso nem está menos desmoralisado pelos factos do que os autores e os seguidores do transformismo.

Sabe-se que para Lombroso o crime é um phenomeno natural e tão necessariamente ligado á natureza humana quanto a concepção, o nascimento e a morte. Induzido, assim, a fazer a historia natural do delinquente, Lombroso começou a organizar estatisticas e a registrar aquillo que elle chamou *caracteres degenerativos*, taes como assymetrias, zygomas, maxillares volumosos, ausencia de barba, pallidez, fronte fugidia, dentes anormaes e até narizes torcidos, etc., etc.

Em vão se lhe tem objectado que muitos de taes caracteres se notam em pessoas normaes e perfeitamente honestas. Elle responde que são excepções, — e está tudo acabado.

Por outro lado, em suas pesquizas atravéz das prisões, elle tambem reconhece que se lhe têm deparado ladrões e assassinos perfeitamente conformados.

« E' verdade (confessa) que ha criminosos de capacidade craneana notavel, com admiraveis conformações de craneo, physionomia perfeitamenle regular, sobretudo entre os larapios habeis e os chefes de bandidos. Tal era (continua Lombroso) o assassino de que falla Lavater e que se assemelhava a um dos anjos do Guido. Taes eram Holland, Lacenaire, Bouchet, Lemaire, Sutler e o chefe de salteadores Carbone, uma das mais graciosas figuras napolitanas que se possam ver. *Mas isto são excepções...* (*Actes du premier Congrès d'Anthropologie criminelle*, p. 81.)

Lombroso, para evitar que de prompto se desvendasse a falsidade dos seus methodos, exige a reunião de todos os caracteres no typo criminal :

« E' preciso (diz) que nos lembremos não ser a existencia de um ou de dous desses caracteres, *e sim o conjuncto delles*, que póde revelar as tendencias criminaes. » (*Op. cit.*, p. 231.)

E logo, adiante :

« Os mesmos caracteres isolados tanto se podem achar entre pessoas honestas como entre criminosos. » (*Ibidem*, p. 242.)

O typo do criminoso nato, Lombroso declara que jamais o encontrou, na realidade, senão 40 vezes em 100; e esse mesmo typo elle tambem o confessa « deve ser acolhido com a mesma reserva que se emprega em apreciar as médias na estatistica. » (*L'homme criminel*, prefacio, p. 13.)

Isto diz o Lombroso a respeito da sua these : e quando assim elle mesmo a reduz ás mesquinhas proporções de simples conjecturas, não nos deverá espantar o conceito de Garofalo :

« Não conhecemos um só caracter physico, que constantemente distinga os criminosos dos não-criminosos. Apenas havemos podido notar certo numero

de anomalias physicas, que tambem se encontram nas pessoas honestas, e que ora uma, ora outra, ora reunidas, com mais frequencia apparecem nos criminosos. » (*Anomalie du criminel, Revue philosophique*, mars. 1887, p. 226.)

Depois disto, senhores, parece que a conclusão a tirar seria que, se a deformação no orgão pôde influir na funcção, errado é suppor que toda a funcção deve necessariamente depender do orgão. Sem violino não ha violinista que toque uma peça de musica : mas um bom violinista póde tocar bem num máo violino, assim como com um violino bom um inhabil arranhador nada poderá obter. O defeito dos materialistas, senhores, é só attenderem ao instrumento e systematicamente supprimirem o artista.

As illações, portanto, que das *descobertas* de Lombroso tem tirado o Ferri, procurando revolucionar o direito penal, oscillam sobre a base movediça dessas pretensas certezas que se computam em 40 por cento; e se a mesma porcentagem fôr guardada nas illações de Ferri, bem se póde dizer que sessenta vezes em cem ellas estão erradas.

Pontos são estes de direito criminal que nesta serie de conferencias, devidamente hão de ser ventilados por pessoas competentes, mestres laureados nas sciencias juridicas; permitti, porém, que, hospede na materia, eu antes de a deixar aqui assignale curiosas observações feitas em nossa terra por um illustrado medico, que é tambem advogado.

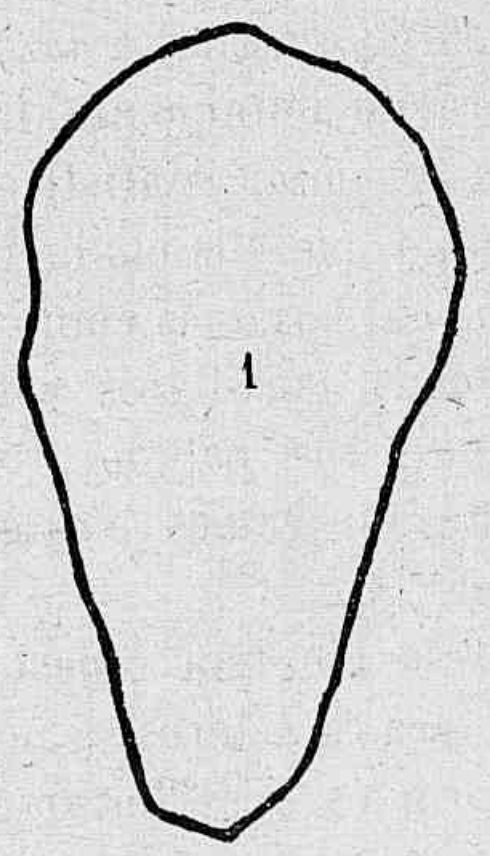
Quero fallar do Sr. Dr. Maximino de Araujo Maciel, que na sua *These* inaugural, apresentada á Faculdade de Medicina do Rio do Janeiro, em 1901, publicou interessantissimas figuras, fazendo sobre o caso as necessarias ponderações.

« Para patentearmos (diz elle) a inanidade da maior parte das inducções anthropometricas nesse sentido (da opinião de Lombroso) estampamos circumferencias cephalicas de differentes cidadãos illustres em nosso meio social nos varios ramos da actividade publica.

« Se qualquer dessas circumferencias submettessemos á apreciação dos proselytos da escola lombrosiana ou ao criterio dos psychiatras, julgariam as signalassem ellas indices de criminalidade ou alienação mental, tão grandemente nellas se manifestam irregularidades e dyssymetrias nos contornos das ovaes cephalicas e na avaliação comparativa dos arcos homologos. » (Pg. 72.)

Trago aqui, senhores, essas differentes figuras, para as quaes chamo a vossa attenção.

Vamos á primeira. (*Mostrando no quadro preto.*)



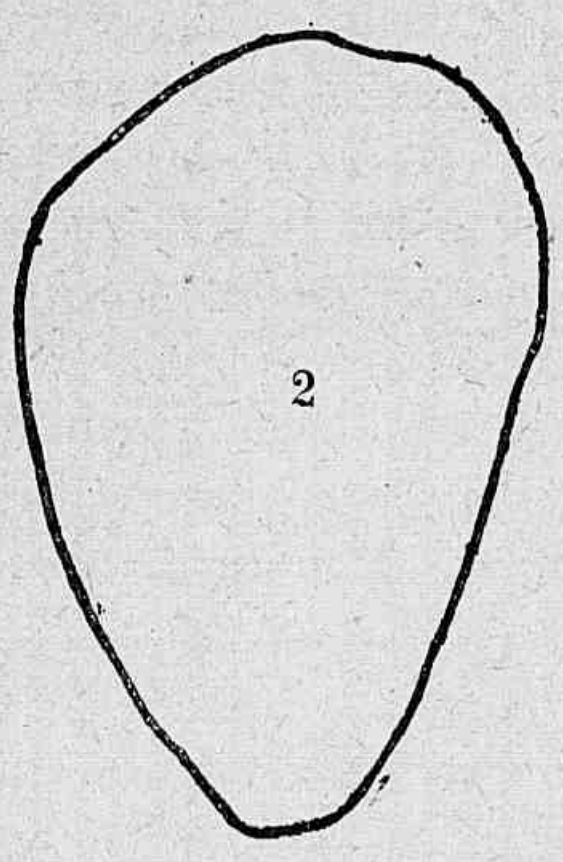
Que vos parece esta figura?

E' a da cabeça anormal de algum

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

criminoso? Não, senhores, é a de um cidadão de quem não sou correligionario, mas a quem não refuso a devida justiça. E' a de um ex-presidente da republica, é a do Sr. Campos Salles (*Hilaridade.*)

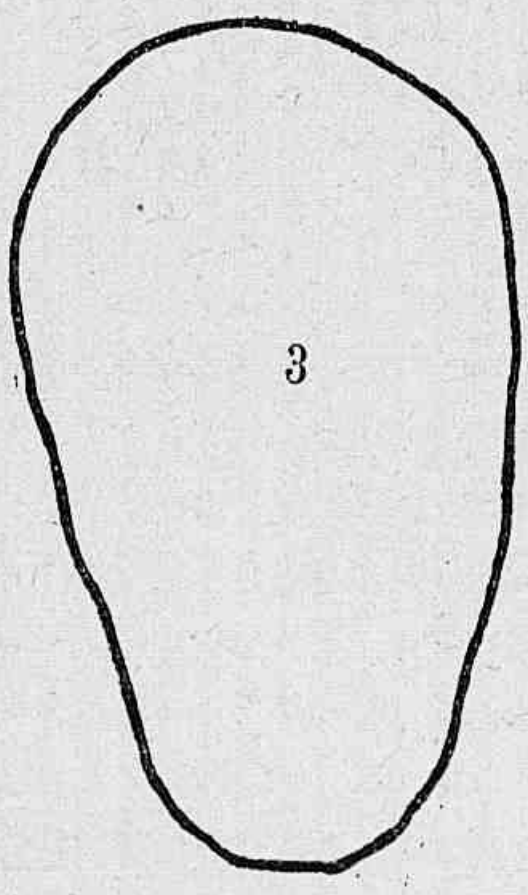
E esta?



2

Não menos exquisita e muita mais torta, é a de outro procere republicano: é a do Sr. Rodrigues Alves.

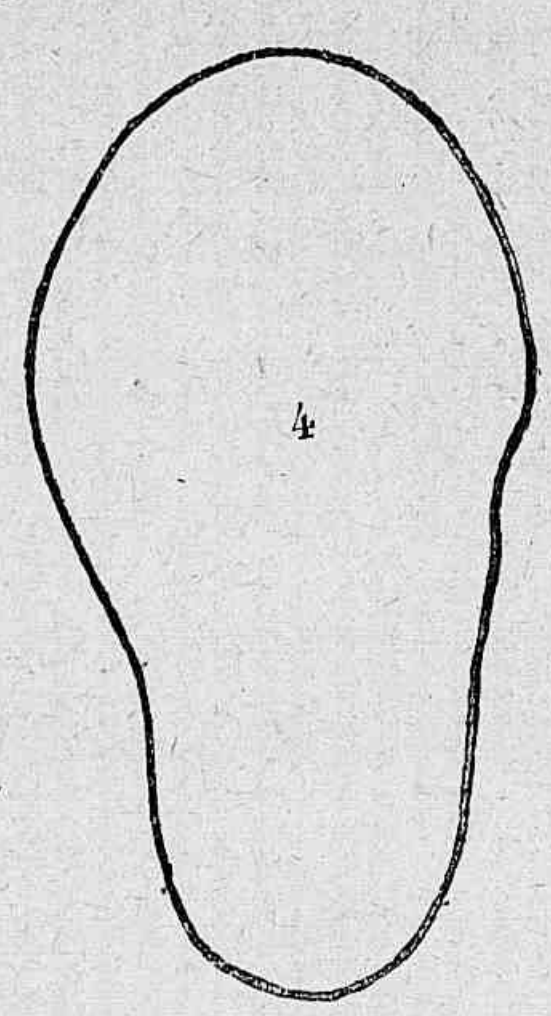
Mais anormal, ainda, é esta.



3

A notavel dyssemetria talvez vos faça acreditar que estaes em frente do craneo de um criminoso celebre... Mas não ha tal. Trata-se do Exmo. Sr. Dr. Affonso de Miranda, illustrado membro da alta magistratura em nossa patria.

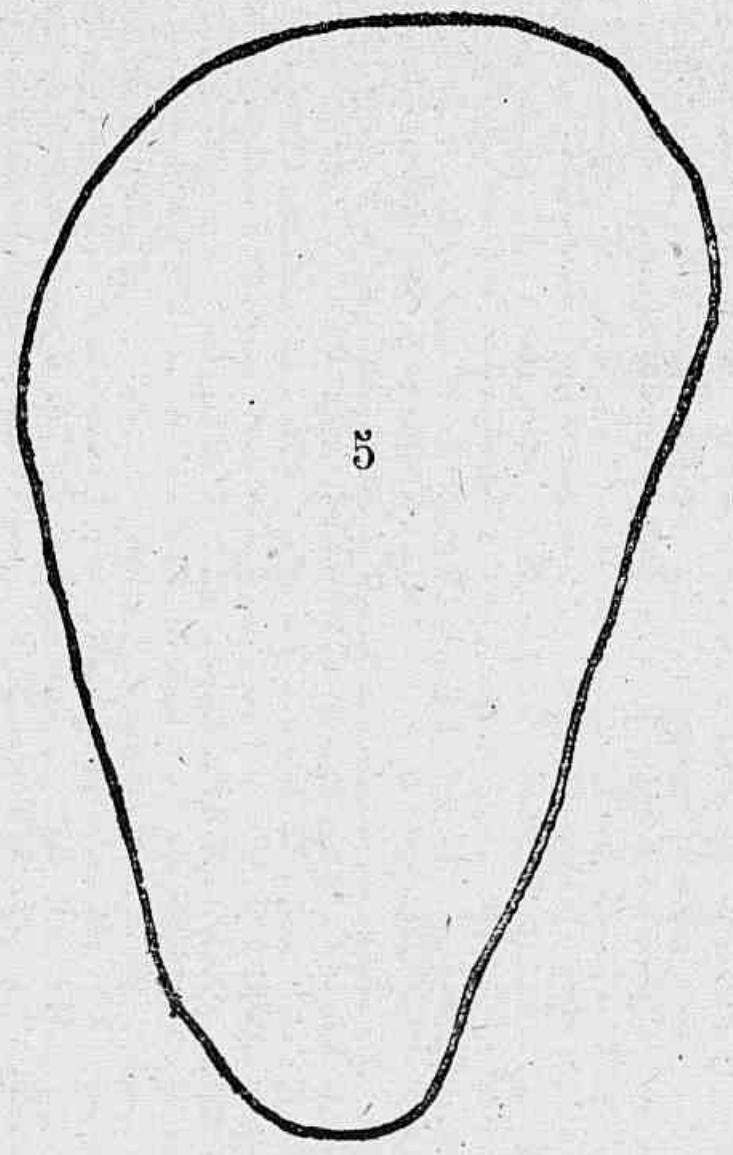
E esta?



4

Que não diria, ao contemplal-a, o Sr. Ferri ou qualquer outro saturado dos preconceitos lombrosianos! Mas enganar-se-iam. A figura representa o corte horizontal cephalico do Exmo. Sr. Lauro Sodré, gran-mestre da maçonaria brasileira, e que só por um accidente de combate deixou de ser o chefe dictatorial da Repubica a 14 de Novembro de 1904. (*Hilaridade.*)

Por ultimo, senhores, esta figura anormalissima:



5

Tranquilizae-vos : não é a de nenhum malvado; é a de uma das mais lucidas intelligencias, ao serviço de um dos mais nobres corações... Trata-se do nosso eminente poeta Alberto de Oliveira.

Eis, portanto, no que deram estas imaginações do Lombroso, base scientifica dos corollarios de Ferri ! O mesmo, ou quasi o mesmo, se tem observado no tocante aos demais elementos somaticos; e com toda razão pôde concluir o Sr. Dr. Maximino Maciel :

« Assim, pois, as doutrinas de Lombroso, na sua maioria, não passam de uma fugaz visualidade em que nos seduzimos ao primeiro aspecto, com a exterioridade dos factos, das conclusões e na congerie apparatosa de dados estatisticos desordenados. » (*Op. cit.*, p. 79.)

Pois bem, senhores! Sobre esta base tão incerta, tão fallivel, tão hypothetica, tão problematica, tão phantasiosa, tão pouco scientifica das pesquizas lombrosianas, é que assenta a construcção juridica do Ferri (*Sensação.*)

E notae : elle supprime o direito de punir, porque supprime o livre arbitrio; mas em parte alguma de seus escriptos, nem mesmo em nenhum de seus actos, vejo a confirmação de taes idéas, habilitando-nos a crer numa convicção sincera.

« Supprimi a liberdade, opinava Diderot, e toda a sociedade vem abaixo ».

Não é só o codigo penal : são tambem as constituições politicas que desabam.

Liberdade politica, formoso ideal, pelo qual tantos heróes têm derramado o seu sangue, tu tambem te esvaeces : — porque com effeito, senhores, que é a liberdade politica se não o livre arbitrio em exercicio para a governação dos povos? (*Applausos.*)

Demais, se não ha demerito no criminoso, tambem não ha merito partilar ou civico digno de recompensa.

Rocca e Carletto, victimas ambos de suas fatalidades organicas e das influencias mesologicas, não devem ser punidos; mas por outro lado eu não vejo por que se erijam estatuas ou se decretem recompensas a cidadãos eminentes. Nem é logico deplorar os erros do *velho* direito penal, e campear ostentoso como um triumphador do dia!

Se realmente se achara Ferri convicto das doutrinas que sustenta, elle comprehenderia o ridiculo das ovações que se lhe decretam e, em nome da sua coherencia, teria dito ao honrado Barão do Rio Branco, ao Sr. Esmeraldino Bandeira e aos Srs. academicos que o victoriam : — « Suspendei, senhores, os vossos applausos; elles são absurdos, porque eu não posso ter merito. O livre arbitrio é uma illusão... Eu sou um producto tão fatal como o assucar e o vitriolo de que fallava o Taine... » (*Approvações.*)

Prosigamos, porém.

A escola de Ferri, na sua phantasia de direito penal, só justifica a intervenção dos poderes publicos pela consideração da *temibilidade* (temibilitá) do criminoso. Quer isto dizer que o poder social baixa da sua cathedra de governo ou de judicatura para apenas ser uma entidade que se defende. Reflecti, porém, nos consectarios desta opinião.

A *temibilidade* é uma noção de mero

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

interesse e, portanto, inteiramente reciproca. Se o criminoso é temivel para a sociedade, a sociedade é temivel para o criminoso. Deixa, pois, de haver juiz e réo, e sómente haverá dous lutadores em campo, dous antagonistas que um ao outro se temem e tratam de aniquilar. A moral eliminada pelo mesmo *ukase* que acabou com o livre arbitrio, não preside a esse combate, não regula as condições desse duello selvagem. O temor, erigido em unica norma de conducta, nobilitará qualquer dos vencedores.

Hoje a sociedade, tal qual a concebemos, parece a mais forte; amanhã póde ser o contrario. E quando ao carcere ou ao patibulo pelo ladrão ou pelo assassino fôr enviado o homem de bem, só porque se tornou *temivel* ao scelerado, a escola criminal de Ferri nada terá que objectar. (*Muito bem!*)

Senhores, se ha verdade philosophica que se possa estear com o apoio dos homens mais competentes e sabios no longuissimo decurso de muitos seculos, é certamente a liberdade moral ou livre arbitrio.

Nas paginas de Xenophonte, registrando os ensinamentos de Socrates, em Platão e Aristoteles, no tragico Eschylo, em Cicero e em Seneca encontrareis o echo do ensinamento que já fôra dado no Pentateucho e repetido no Ecclesiastico. Todos os Santos Padres, e notadamente S. Agostinho, S. Boaventura e S. Thomaz de Aquino, todos os theologos, os concilios da nossa Egreja, innumeros philosophos e juristas têm, atravez dos tempos, repetido e consolidado esse principio basico, essencial, e que, na phrase profunda de Tiberghien, é a propria fórma da causalidade espiritual, assim como a fatalidade é a fórma da causalidade physica. (*Science de l'âme dans les limites de l'observation*, Bruxelles, 1862, p. 605.)

A esta voz secular e unanime, que bem se podéra dizer o consenso universal, *consensus nationum omnium*, Ferri, como vos acabo de provar, só tem para oppor a inconsistencia de umas conjecturas mal apoiadas em factos e de umas phrases que disfarçam idéas. Seria pois o caso de dizer-lhe : E' demasiado se apenas quereis divertir-nos; mas é muito pouco, se pretendeis convencer-nos.

Na tarefa de insufflar os seus erros por sobre as platéas desprevenidas, encontram os demolidores dous obstaculos sérios, — o padre e o soldado : — o padre que sustenta, inflexivel, a doutrina do respeito á autoridade, porque ella vem de Deu; e o soldado que, leal ao seu juramento, defende a ordem constituida.

Quando pretendem achar, em craneos humanos, indicios comprobativos da criminalidade, os demolidores sociaes de preferencia os vão procurar no exercito, entre os homens que empunham armas e nobremente arriscam a vida para a defesa da Patria e para e manutenção da paz publica.

O soldado, que para todo espirito ponderado é uma entidade respeitavel por isso que garantidora do bem commum — o soldado é para os agitadores um ser execravel, menos quando, pelo perjurio e pela felonia, pactua com o crime e serve á anarchia.

Mas ha outra milicia, e esta já sem armas materiaes, especialmente é odiosa ao agitador : — a milicia do Christo.

Notae-o bem : Ferri vem ao nosso paiz e nelle o recebem de braços abertos. Sahem-lhe ao encontro as autoridades, multiplicam-se-lhe as provas de affecto. E elle, apparentemente commovido por taes demonstrações, encarece a *hospilidade* brasileira...

A hospitalidade? Oh! não vos enganeis sobre o sentido que Ferri attribue a este vocabulo. A *hospilidade* não é para elle uma virtude que geralmente se applique a todo estrangeiro... Não, porque elle a quer só para si e para outros da sua grei. Ferri, effectivamente, em S. Paulo, denunciou o perigo do advento e da acceitação de padres, frades e religiosos. Elle não os quer no Brasil; elle de boamente os veria profugos, repellidos, perseguidos, escorraçados, por toda a face do planeta. E' assim que elle entende a egualdade, a fraternidade, a liberdade de consciencia, o direito de asylo, a livre propaganda. Para elle todo soldado é um facinora: todo padre é um reprobo... (*Applauso prolongado.*)

Senhoras e senhores! — Eu não vos tenho fallado do socialismo, de que Ferri é activo propagandista e continuador de Karl Marx. Já a feição socialista do nosso illustre visitante foi objecto de uma conferencia especial, e inutil seria repetir, em phrase desornada, os conceitos e lições do brilhante iniciador desta série de conferencias. A'quelles porém, que tanto assoalham pela imprensa a inocuidade das doutrinas de Ferri, peço licença para ligeira observação.

Chamemos a depor o mesmo Sr. Ferri:

« Os processos de transformação social (diz-nos elle) assim como, aliás, sob denominações differentes os de toda transformação nos seres vivos, são: — a *evolução*, a *revolução*, a *revoltà* a *violencia individual*. »

Depois elle define esses quatro processos:

« Por *evolução* é preciso entender a transformação quotidiana, quasi despercebida, mas continua e inevitavel: *revolução* é o periodo critico e decisivo, mais ou menos prolongado, de uma evolução chegada ao seu termo; *revolta* é a violencia parcialmente collectiva que rebenta, por occasião de tal ou tal circumstancia particular, em um ponto e momento dado; e por *violencia individual* deve-se entender a acção de um individuo contra um ou varios outros individuos, o que póde ser o effeito da explosão de uma paixão fanatica ou de instinctos criminosos, ou a manifestação de uma falta de equilibrio mental, e que se liga ás idéas mais correntes em um dado momento politico ou religioso. » (*Socialisme et science positive*, p. 127 e seguintes.)

Desses quatro processos Ferri em seguida declara que a *revolta* e a *violençia individual* dependem de *pathologia social*, mas que a *evolução* e a *revolução* dependem da *physiologia social*. (*Ibidem.*)

A revolução é, pois, para o Ferri um processo normal ou physiologico. Um povo em revolução está de saude. Póde mesmo prolongar-se esse estado *mais ou menos* sem que por isto elle julgue compromettida a saude do povo ou nação revolucionada.

Quanto á *violencia individual*, Ferri a condemna, mas — vêde-o bem — não porque ella seja em si uma cousa má, mas porque, em primeiro logar, é *inutil* e depois porque suscita uma reacção no espirito publico em sentido contrario ás *novas idéas*.

« A explosão de uma bomba (explica o Ferri) pôde, sim, fazer nascer uma

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

emoção momentanea, mas não adianta de um millimetro a evolução das consciencias para o socialismo, ao passo que determina uma reacção sentimental, reacção sincera em parte, mas habilmente fomentada, e explorada como pretexto para repressão.» (*Op. cit.*, p. 139.)

Entretanto, quando um desses *incidentes* se produz, Ferri tem a sua maneira especial de os considerar. Todas as suas sympathias são para os autores dos attentados.

A 14 de Janeiro de 1858, senhoras e senhores, Paris estremecia de espanto e de horror. O prestito imperial de Napoleão III, a caminho para a Opera, fôra acomettido de malfeitores que fizeram explodir muitas bombas. O imperador escapou, mas no theatro do crime ficaram estendidas, feridas ou mortas, cento e cincoenta e seis creaturas humanas... Planeador e executor desse attentado fôra Felix Orsini, revolucionario italiano e advogado de certa notoriedade, já em sua terra condemnado ás galés de Civitá Castellana. Pois bem, senhores, nesse crime formidavel, nessa enorme sangueira, nesse medonho acervo de corpos mutilados, nesse circulo dantesco de uivos e lamentos — Ferri não descobre uma victima... A victima, elle a vae buscar além : o assassino, Felix Orsini, Este foi (diz-nos elle á pag. 136 do *Socialismo* e sciencia positiva) Orsini foi um dos *martyres* da liberdade italiana.

No Arsenal de Guerra do Rio estivesse elle a 5 de Novembro de 1897 — e, se em frente do cadaver do heroico Carlos Bittencourt e da maca ensanguentada do bravo Mendes de Moraes, lhe perguntassem quaes as victimas, elle apontaria para Marcellino Bispo! Em Portugal, todas as suas condolencias seriam, não para o Rei Martyr e seu filho innocente, mas para o hediondo Buica e seus torvos companheiros.... (*Sensação*).

Eis o homem, senhores, a quem o Governo do nosso paiz confere honras publicas. Eis os principios que o Governo suffraga. Eis as doutrinas que acoroçôa!

Ferri, em assembléas numerosas em S. Paulo e aqui, invectivou, achincalhou o Summo Pontifice Pio X. Quem é Pio X? Para nós é o representante de Christo na terra, é o Pae inerravel, o mestre no dogma e nos costumes. Concedamos que para o Governo não o seja; mas pelo menos este o reconhece como potestade soberana, tanto que junto á Santa Sé mantém uma legação. Mas então como é que Ferri, depois de injuriar o Papa, é amistosamente recebido e afagado pelo Governo? Como é que assim se trata o insultador de um soberano amigo?

Imaginae que um socialista allemão, em conferencia publica, aqui se mettesse a diffamar o Kaiser; egualmente, como o Ferri, o receberia o Governo em palacio, e lhe tributára solemnes provas de apreço?

O Sr. Felicio dos Santos :

Mas o Papa não tem esquadra nem canhões...

O orador : — Por esta objecção já esperava eu; mas então responderei que, se apenas por taes considerações se dirige o governo da republica, então elle abate a dignidade nacional, porque posterga os dictames da justiça para sómente obedecer aos do mêdo : é um governo cobarde! (*Sensação.*)

Senhores, quando uma bella intelligencia, qual a do Ferri, chega ás aberrações que deixei assignaladas, eu estaria no meu direito, se usasse dos mesmos processos da *nuova scuola* inquirindo da sanidade mental de Ferri e procurando nos seus proprios depoimentos a classificação da anomalia que lhe conturba as funcções psychicas.

E' preciso ter presente — como já vos disse no principio desta conferencia — que elle é o homem cuja loquella só se ateia nos palcos, sob a incitação dos auditorios apaixonados. Elle se excita com os applausos, assim como outros pelas bebidas alcoolicas. Elle, para manter a sua producção cerebral, precisa desse excitante em alta dose, e o absorve a larguissimos tragos.

Tudo em Ferri o torna, não direi suspeito, mas interessante aos pyschiatras.

A extravagancia dos seus sonhos e a prosecução dos seus projectos através dos obstaculos, são, aliás, caracteristicas.

« Taes individuos (diz uma autoridade em medicina) ficam effectivamente surdos ao entendimento, e desde que se apoderam de alguma idéa, ou antes, desde que alguma idéa delles se apodera, nunca mais repousam até o dia em que a executem.

« Obstinam-se a todo transe, até que o projecto haja nascido e cumprida esteja a sua obra. Procurae, muito embora, reconduzil-os á razão, tentae demonstrar-lhes a estranheza da sua idéa e a extravagancia da sua concepção, fallae-lhes da surpresa que vão excitar, do prejuizo que vão causar — hão de rir-vos á cara levantando os hombros, assegurando que não gosaes do vosso bom-senso habitual, e se insistirdes, hão de invectivar-vos ou enfurecer-se...

« Nenhuma consciencia têm do estado anormal do seu espirito, nenhum sentimento desse desvio accidental das suas faculdades no sentido da irresponsabilidade. Elles ficam *fechados*, durante toda a duração da crise, e mesmo depois desta haver passado, a toda observação desinteressada, a todo raciocinio judicioso. »

Palavras são estas, senhoras e senhores, não minhas para as applicar ao nosso illustre hospede, mas do Dr. Piéchaud, quando no seu livro *Misères du Siècle* se occupa dos *cerebraes*.

Ferri, observae ainda, sendo, como dizem, bom chefe de familia, tem eclipses de sensibilidade. Elle mesmo é quem nol-o revela.

Temos aqui fidedigno extracto da sua conferencia realizada no domingo, 23 de Novembro de 1908, no theatro S. Pedro de Alcantara. Sirvo-me do resumo do *Jornal do Commercio* :

« Referindo-se ao caso da sua propria filha disse o professor Ferri que a recebeu sem emoção, sem um grande sentimento, emquanto que para sua esposa a emoção era immensa. E' que o sentimento da paternidade só se releva quando a criança começa a balbuciar. »

Senhores, aqui bastaria endereçar-me a todos os que têm sido paes ; e estes, evocando a dulcissima impressão do primeiro momento em que o foram, talvez chegariam para registrar essa anormalidade nas funcções emotivas... Mas eu vou adiante e dirijo-me aos medicos presentes.

Estudando as perturbações emocionaes nos hystericos, Pedro Janet, em conhecido livro, recommendado por Charcot, claramente se exprime a tal respeito.

Janet apresenta o caso de uma enferma que ora se mostrava indifferente ao marido e aos filhos, ora se demasiava exhibindo excessiva ternura. Soube da morte do marido e com maxima indifferença recebeu a noticia. « E' singular (disse), isso absolutamente me não

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

contristou, nem tampouco me encheu de alegria : foi-me indifferente. » Pouco depois, mediante repouso, alimentação, somno prolongado, a enferma perdeu os seus estigmas, recuperou a sensibilidade, e deu então um espectaculo, uma crise sentimental, como a do Ferri aos primeiros balbucios da filha. *État mental des hystériques; les stigmates mentaux*, Paris, s. d., p. 216). Ora, a hysteria, bem o sabeis, senhores, não constitue molestia privativa do sexo que nós chamavamos *bello* e que Ferri considera inferior; ha hysteria nos homens, e mórmente nos intellectuaes. (*Riso*).

O famoso conferencista é, além disto, um enthusiastico admirador de Zola e da sua obra litteraria. Ora, Zola é o coprolalista por excellencia (e só o póde admirar e bemquerer quem se compraza na mesma ordem de idéas. Max Nordau, em seu livro sobre a *Degenerescencia*, estudou o caso pathologico de Zola e na sua tendencia para a sujidade, bem como na sua *mania blasphematoria*, já bem descripta pelo Andréas Verga, descobriu e assignalou uma tara psychopathica. Elle chega mesmo a admirar-se de como é que — « debaixo do sol radioso e do céo eternamente azul da Italia, no meio de um povo bello, alegre e que mesmo a fallar está cantando, pódem os italianos admittir lubricidades de alienados ». (*Dégénérescence*, trad. de A. Dietrich, Paris, 1894, II vol., p. 454 e 466). Bem, senhores : mas que ajuizar dos que sobre-exaltam o famoso pornographo? E como tambem não reconhecer um symptoma nas tendencias blasphemas de Ferri? (*Approvações*).

Mais ainda : — a inconsequencia de sequencia de seus juizos e o flagrante desaccordo das suas palavras de agora com as de pouco antes.

Hoje, elle vos diz que o livre arbitrio é pura illusão, que fatalmente haveis de agir obedecendo a impulsões do meio e da raça; — e amanhã, com egual seriedade, elle vos fallará de *virtude* e *dever*...

— Tratae, antes de tudo, de ser um *bom animal!* aconselhou elle aos seus ouvintes (*Riso*). E logo em seguida, ensinando-lhes como educassem os filhos, desentranhou-se em conselhos que repetem os de Simão de Nantua.

A's vezes elle se assusta com a progressão pavorosa dos delictos e exige a applicação de penas rigorosas; outras, acha as penas inefficazes e insurge-se contra a autoridade que as gradua e applica. — *Não diz cousa com cousa* — observa o povo a respeito de alguem quando quer assignalar uma crise mental... E nisto, como em muitos outros factos, a sagacidade popular precedeu a analyse scientifica.

Nestas condições, senhores, eu que admitto o livre arbitrio, e a responsabilidade dos actos humanos, mas que, todavia, não contesto possa ella attenuar-se ou mesmo desapparecer por deficiencia ou desvio pathologico, — nestas condições eu teria o direito de, pelo menos, dar como enfermo e morbidamente irresponsavel o nosso illustre visitante... Mas não o farei por não lhe perturbar o transito ao Capitolio, quero dizer ao palacete do fim da Avenida.

Alli está sendo ou já foi hoje corôado o atheismo, a suppressão da liberdade moral, a eliminação da propriedade — neste paiz onde nunca houve conflicto entre operario e burguez, e onde a maior transformação social e economica, — a abolição do captiveiro — foi feita entre sorrisos e flores, por uma Princeza catholica e sob as bençams do Papa. (*Applausos.*)

Não sei não, vejo bem, senhores, que influxo poderão exercer na obra progressiva da perversão nacional as estron-

dosas ovações do professor Ferri. Ainda quando, porém, todos os governos conspirassem para derribar a Cruz; ainda quando nesse proposito empregassem todo o producto dos impostos que nos arrancam, todos os prestigios, todas as fanfarras, todas as gyrandolas, todas as farandulagens do officialismo; ainda que elles sejam potentados, e nós, catholicos, pouco melhor estivessemos do que nos tempos da Roma pagã — mesmo assim não seria o caso para desanimo.

Ha, senhoras e senhores, um esplendido quadro de Gerôme, representando os martyres no Circo. Um grupo de christãos óra em commum no centro da arena. Entre elles ha velhos, ha mulheres, ha crianças. De um lado, no primeiro plano, escancára-se a abertura por onde sahiam as féras. Um leão enorme, monstruoso, soberbo de força e de audacia, sedento de carniça e sangue humano, apparece, fronte erguida, coleando a cauda, como que prelibando facil triumpho... E após elle adivinham-se outros monstros.

A multidão, innumeravel, que enche o theatro, sauda o pujante animal...

Se naquelle momento a qualquer perguntasseis para que lado penderia a victoria, todos indicariam a alimária de cortadores dentes e garras dilacerantes.

E comtudo, meus senhores e senhoras, foram os martyres que venceram: e só porque elles venceram é que nós estamos aqui, reunidos no mesmo pensamento, congraçados na mesma fé, commungantes no mesmo ideal. (*Muito bem!*)

Esperemos em Deus, catholicos: e contra as doutrinas que nos trazem a morte, invoquemos, o Verbo que nos dá vida! (*Applausos repetidos; o orador é felicitado.*)

Cancioneiro de Leão XIII

A SANTO HERCULANO

O' tu que a dôce patria
Proteges com teu manto,
Salve, Herculano, acceita-nos
Este solemne canto,
Preito annual gratissimo
De filhos a seu pae.

Lobo das serras algidas
Só respirando guerra,
Estende as garras Potila
A' Perusina terra,
E sobre os seus alcaçares
Com feras hostes cáe.

Já impendia aos miseros
Da guerra a extrema sorte:
Aos golpes cáe do ariete
O torreão mais forte,
E voz de intima angustia
Na praça resoou.

Mas tu, pastor intrepido,
Persistes, Herculano,
E, acudindo próvido,
Alento sobrehumano
N'aquelles peitos timidos
Com tua voz entrou.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

« Armas na mão, bradaste-lhes;
A Fé vos chama, ó filhos.
Segui na lucta impavidos
Do Pastor vosso os trilhos.
Sede campeões da patria
E martyres do altar. »

Animo novo, insolito
Vigor adormecido
Surgindo á voz energica
Do seu Pastor querido,
Bradam n'um côro unisono .
« A'vante, a triumphar. »

Referem fastos bellicos
Passára setes vezes
Do inverno a bruma gelida
Sobre os hostis arnezes,
Sentindo as tropas geticas
Teu brio e teu poder.

Primeiro á lucta fervida,
Primeiro illustre morte,
Deixaste exemplo altissimo
E a inveja de egual sorte
Aos filhos, para em jubilo
Por sua fé morrer.

E á guerra hoje satanica
Que á fé medita o damno
Oppõe-te, erguendo um labaro
A crença de Herculano,
E tem por gloria maxima.
Manteres-te fiel.

Não foi, não Marte horrisono
Que subjugou Perusa :
Foi tolo, e contra o perfido
Todo o valor se escusa;
Mas palma em campos celicos
Tens de perenne abril.

E já que reinas inclyto
Na divinal esphera
Perusa a amada patria
Bemdiz, mantem, prospera,
Pois foste-lhe solicito
Pastor, Pae, Adail.

E tu que ergues na Etruria
As torres por emblema,
Porque cem torres formam-te
Belligero diadema,
Perusa, agora ufana-te
Do martyr no laurel.

ESTADO DO RIO

A cidade de Niterohy nos ultimos annos tem realizado melhoramentos consideraveis. Um bello caes arborisado hoje circumda a faixa litoranea da capital e as ruas de novo alinhadas ostentam bellas construcções modernas.

A via-ferrea de Teresopolis.

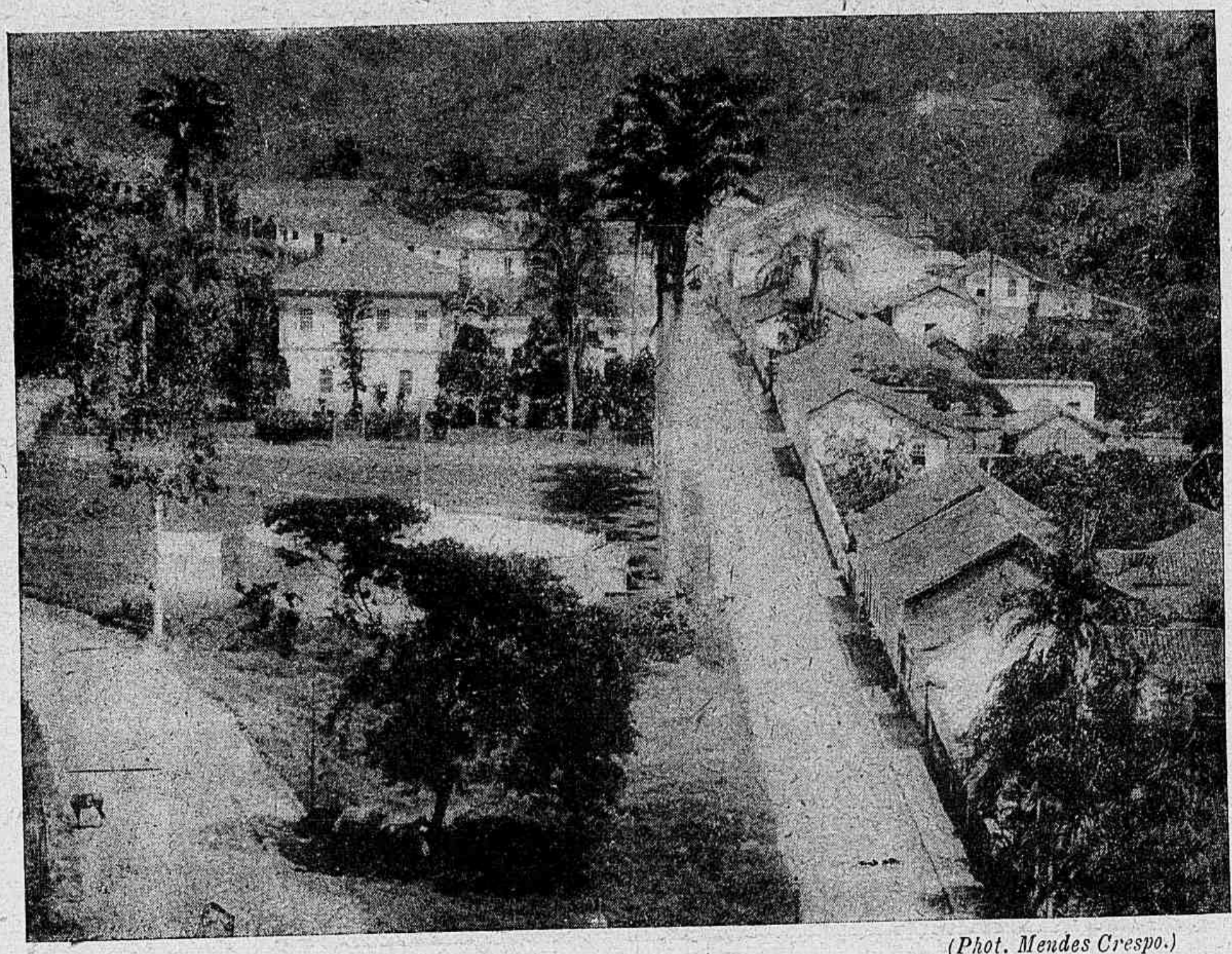
Ha treze annos que o Sr. José Augusto Vieira iniciou os trabalhos da Estrada de Ferro Theresopolis, cuja estação terminal o Sr. Dr. Alfredo Backer, Presidente de Estado do Rio, vai inaugurar, no meio de festas promovidas pelo povo daquella terra e por iniciativa do "Theresopolitano".

E' um dia de festa para o municipio e de justa alegria para o Sr. Vieira, a cujo espirito resoluto e pertinaz deve Theresopolis o melhoramento que hoje se inaugura.

Vem de molde recordar que o primeiro trecho foi inaugurado a 1 de Novembro de 1896.

Esse trecho comprehende a linha da Piedade á Raiz da Serra "Guararema", attravessando uma zona baixa, pantanosa, como se observa em quasi toda a baixada do territorio fluminense.

A extensão desse trecho é de 21.620 metros. A primeira estação, Piedade, é no kilometro 0, seguindo-se Magé, no kilometro 5, Santo



(*Phot. Mendes Crespo.*)

PIRAHY.

Aleixo, no kilometro 11 e Raiz da Serra, no kilometro 22. Encontram-se as seguintes obras de arte : duas pontes metallicas de 15 metros de vão livre; tres de 10 metros, sendo uma de superstructura metallica, e uma de 13 metros; das duas primeiras, uma é sobre o rio Magé e a outra sobre o rio Bananal; as de 10 metros são sobre os ribeirões Taboão e Catinguento, onde existem dous extensos brejos, a de 13 metros é sobre o ribeirão Roncador Grande. Além dessas pontes encontram-se mais 10 pontilhões de 2^{m}50 de vão com vigas

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL

Planta indicativa dos calçamentos aperfeiçoados

executados na administracção do

PREFEITO-DR. F. P. PASSOS

1903 – 1906

BAHIA DE GUANABARA

LEGENDA

Calçamentos aperfeiçoados a asphalto

" " " parallelipipedos e tijolos vidrados

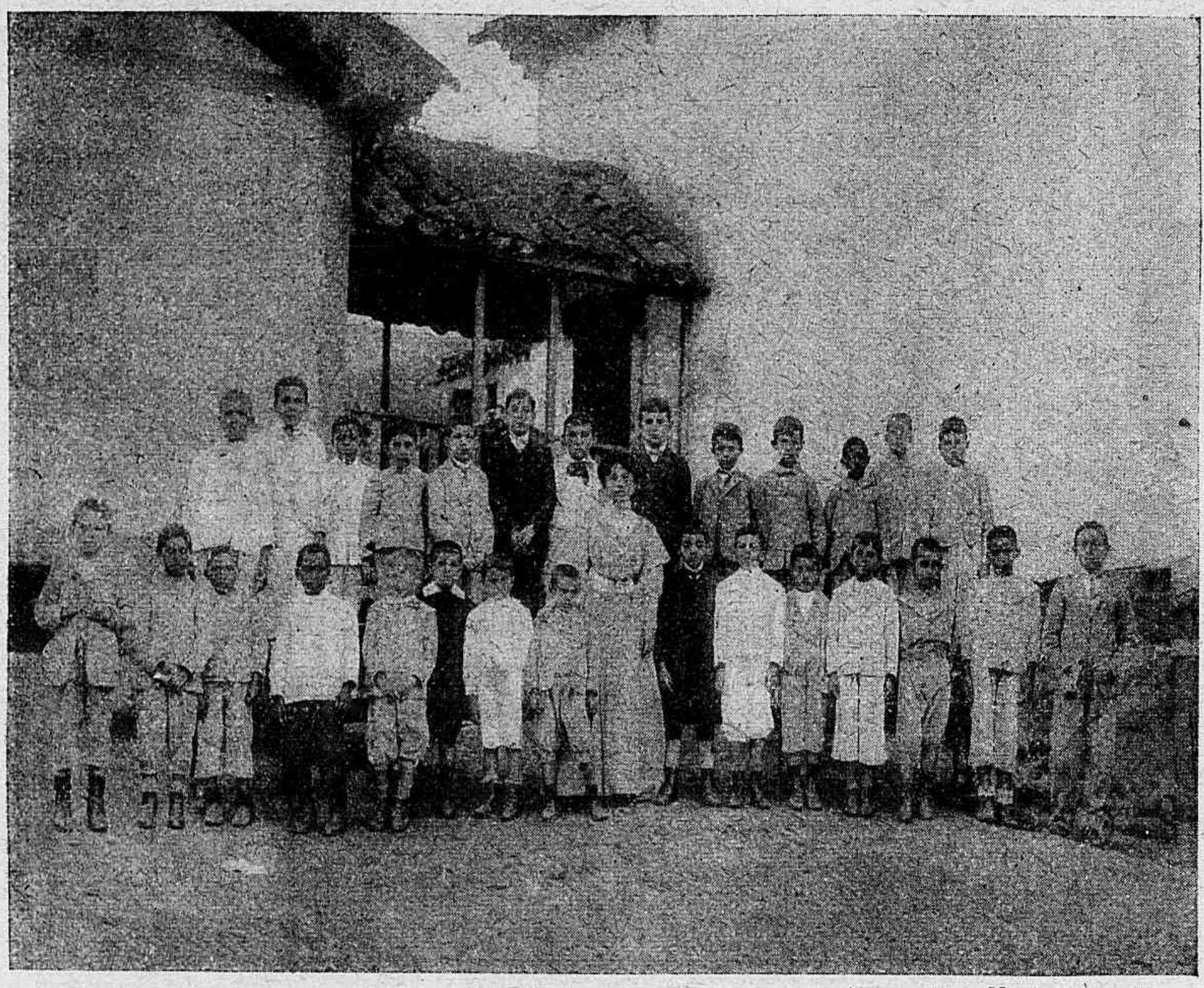
Áreas destinadas a mercados

Escala 1 : 0 50 100 200 300 400 500 1000 metros

formadas com trilhos de tres em tres metros, além de diversos boeiros abertos capeados.

Da Raiz da Serra por diante começa a linha da cremalheira, com a extensão de 9.300 metros, trabalhos que começaram em 1902.

Extensão em rectas, 2.583 metros; extensão em curvas, 6.717 metros; declive maximo, 15 por cento; declive minimo, 4,5 por cento;



(Phot. Mendes Cruz, o.)

1.ª Escola masculina da cidade de Pirahy.

raio maximo das curvas, 200 metros, raio minimo das curvas 115 metros.

O typo da cremalheira é o "Riggenbach".

E percorrendo os trabalhos na montanha e na rocha, os aterros colossaes, as obras de arte, que afinal nesse trecho, são todas, o viaducto imponente, junto á phalange do "Dedo de Deus", patentea-se aos olhos do viajante um panorama extenso, variado, sumptuoso, que é renovado sempre, como uma sorpreza de kaleidoscopio, até o Alto, a 980 metros do nivel do mar, e o mar ao longe e a casaria polychroma da Capital, quadro que tem no primeiro plano a cadeia gigantesca dos Orgãos, deixando perceber nos contrafortes, as escoriações

e derrubadas feitas pela tão apregoada "picareta do progresso".

Do Alto a Theresopolis a extensão é de 2.600 metros; em rectas 1.836 metros, em curvas 764; raio maximo 200 metros, raio minimo 150 metros, declive maximo 2 por cento, peso do trilho, por metro corrente, 20 kil. 5.

Em qualquer tempo e mormente na quadra estival anceiavam os veranistas do Rio pelas altitudes do Theresopolis.

(Phot. Mendes Crespo.)

2.ª Escola feminina da cidade de Pirahy.

Dez leguas apenas separam Theresopolis da Capital da União, mas para chegar até lá, o excursionista, outr'ora, enchia-se de coragem como se tivesse de emprehender uma viagem ao sertão; a lancha e ás vezes como accessorio o cahique, quando a maré não permittia atracar a embarcação á ponte da Piedade; o trem até á Raiz da Serra, e dahi a liteira.

O percurso na serra em pessimos caminhos sem conservação,

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

beirando precipicios, afugentava do doente a preoccupação dos panoramas para attender á imminencia do perigo.

Era um supplicio para os nervosos; um regalo para os viajantes extrangeiros, homens de sciencia, maravilhados e satisfeitos.

Ao termo da viagem, o excursionista ou enfermo, cançado, tinha um primeiro movimento de protesto e indignação, pensando em regressar no dia seguinte. Mas o clima, a agua, a belleza da terra, o somno reparador sob uma temperatura que é o melhor medicamento, a quietação da aldeia, affrouxavam a irritação nervosa e o protestante da vespera começava a fazer côro com os que lamentavam tanta incuria e o abandono do torrão abençoado.

O clima é na verdade excepcional.

Todo o sacrificio que era feito para alli chegar tinha franca compensação para o enfermo.

— Ha um anno o Sr. Ministro da Industria encarregou o engenheiro João Carlos Greenhalg de examinar os terrenos de propriedade do Sr. José Augusto Vieira e offerecidos por intermedio do Governo Fluminense para serem colonizados por conta da União.

O parecer do Sr. engenheiro Greenhalg foi favoravel e accrescentou que a altitude dessas terras, que deve oscillar entre 800 e mais de mil metros sobre o nivel do mar, não é exagerada na latitude que occupam, mais ou menos de 23° Sul e por esse lado se prestam á polycultura. Essas terras acham-se situadas na extremidade da Estrada de Ferro Theresopolis, a cuja estação terminal ligam-se por bons caminhos e estradas de rodagem.

EM NOME DA DISCIPLINA (1)

(GUERRA DE CANUDOS)

O sargento José Seabra, do 36 de infantaria, não era qualquer caipira que se amedrontasse com qualquer coisa.

Nascera em Camelá, a pittoresca cidadesinha paraense. O pae, fôra *cabano*, e elle proprio assistira á guerra contra o Paraguay, ficara ferido no assalto de Curupaity e durante a revolta da armada guarnecêra a Ponta da Armação, no

(1) Este curioso artigo appareceu no *Almanaque da Ilha da Madeira*, 1908.

periodo agudo da lucta, quando os couraçados *Aquidaban* e *Jaary* e os cruzadores *Trajano* e *Almirante Tamandaré* aravam com os seus *shrapnells* e obuzes o territorio da cidade de Nicteroy.

Ultimamente estivéra na guerra de Canudos.

De nenhuma d'ellas conservava recordações tão vivas como d'esta.

Nas outras, que diabo! Aquillo era homem contra homem, duellos collectivos em que se mata ou morre-se...

Mas d'esta ultima, guardava elle qualquer recordação penosa que o fazia avincar a testa...

Recrudescia a fuzilaria em torno de Canudos.

As hordas de *jagunços* fanaticos, alentados pelo *Messias* Antonio Conselheiro, apezar de dizimadas pelas balas do exercito legal, batiam-se ainda num ultimo esforço, com um heroismo inutil de predestinados a morrer.

Choviam quasi ininterruptamente as granadas sobre as casas da povoação que já não eram mais do que montões de barro e adôbes, d'onde irrompiam os vigamentos semelhantes a vertebras d'um cetaceo derribado.

Por entre aquellas ruinas, cada tronco d'arvore, cada pedra, cada moita abrigava atiradores *jagunços* incommodando as tropas governamentaes que respondiam aos tiros isolados dos rebeldes com o constante troar dos seus canhões Canet.

E aquella terra, aquella maldita terra amarellenta cavada pelos projecteis e erriçada de espaço de coqueiros e carnaubas, continuava a beber sangue numa avidez crescente.

Só a noite trazia uma trégua momentanea aos combatentes.

Então, quando tudo ficava calmo e apenas o coaxar dos *cururús* e os brados gutturaes das vedêtas, quebravam o silencio, ouvido attento poderia perceber conversas e cantos a meia voz nos abarracamentos dos diversos batalhões.

Todos se regosijavam antevendo proximo o fim da guerra.

O regresso, a marcha sobre a Bahia seria um passeio triumphal pelas estradas do sertão e atravéz das viellas orladas de *dendês* e laranjeiras em flôr, dos arraiaes em festa para os receber.

Depois, o acampar nos risonhos povoados dos chapadões bahianos, dançando ao som de *harmoniuns* com as creoulas, junto dos casalejos branquejantes que rutilam ao sol na mancha verde-negra das plantações de tabaco e cacauzeiros.

E' á sua chegada á cidade da Bahia, o carrilhão dos sinos annunciaria a sua passagem pelas ruas enramadas de galhardêtes e empavezadas de bandeiras, e o velho forte de São Marcello saudaria pela bôcca dos seus canhões os vencedores.

E ao evocar estas risonhas esperanças, renascia a alegria no acampamento.

Soldados de cavallaria do Rio Grande do Sul contavam « partidas » de *gauchos*, episodios da vida nas *xarqueadas*, phantasticas corridas atravéz das « coxilhas » de « ponche » fluctuante e cabellos ao vento.

Num grupo de pernambucanos ouviam-se canções melancólicas, monotona-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

como a uniforme atoárda dos engenhos, e bahianos folgazões garganteavam modinhas dengueiras, « maxixes » requebrados.

Mais ao longe, praças do 15 de infantaria, caboclos marajoáras, conversavam tristemente acampados n'aquella amaldiçoada terra ensopada de sangue de irmãos, lembrando-se com saudade das ferteis planicies das ilhas onde os nateiros e alluviões do Amazonas alimentam a eterna verdura d'aquella terra abençoada.

Como os fanaticos por varias vezes houvessem armado ciladas aos soldados do exercito legal, o general Arthur Oscar dera ordem terminante de fazer fogo sobre qualquer *jagunço* que se approximasse do acampamento.

O sargento Seabra commandava um destacamento que fazia parte da guarda avançada, postado junto d'um carreiro que sulcava com a sua linha amarellada, em zig-zag, a devastada planicie do catingal bravio.

Como a fome apertava os sitiados, muitas vezes haviam elles vindo roubar a boiada dos assediantes.

Eram uns valentes, aquelles tresloucados visionarios!

Por isso o sargento Seabra redobrava de vigilancia.

Era de manhã.

Um sol esplendido vinha afagar a vegetação farta já da abundante réga de sangue humano.

Sentado n'um tronco derribado de taperebá, o sargento com a espingarda junto de si, apreciava com summa delicia um *puro* bahiano, contemplando as caprichosas trajectorias dos vôos dos bandos negros de *urubús* que o cheiro de carniça attrahia.

De subito, por entre uma moita de *chique-chique* appareceu qualquer coisa de esfarrapado, uma physionomia bronzeada e uns andrajos...

Era *jagunço* pela certa... O instincto inveterado da disciplina sobrepujou a natural curiosidade. Levou a arma á cara, visou rapidamente e disparou.

Ao estrondo da detonação accudiram os soldados.

— « Ora vamos lá vêr que tal foi a caça que matei », dizia alegremente o sargento, fazendo saltar fóra o involucro metalico do cartucho detonado.

Sobre o capim resequido dos lados do carreiro, revolvia-se um vulto esqueletico de mulher, varado por uma bala, salpicando de vermelho a herva amarellada, e tentando cobrir com o pobre corpo magro e definhado uma creancinha de alguns mezes apenas.

Alguma infeliz que talvez se tivesse vindo arrastando até alli para mendigar da piedade dos inimigos alguns sobejos de rancho, esquecidos pelos soldados no fundo das marmitas, para sustentar o entezinho que chorava esfomeado sugando-lhe em vão os seios magros.

Do pequeno botequim á praça Saldanha Marinho onde nós estavamos, via-se scintillar á luz do gaz a bayoneta da sentinella do 4 d'artilharia.

Um dos circnmstantes ajuntou com emphase á laia de epilogo :

— « Ora! Se aquillo foi feito em nome do dever!... »

O Seabra acabava de esgotar o « martello » de *canninha*. Limpou vagarosamente com a manga da fardeta uma lagrima que lhe deslisára para o *cavaignac* grisalho, e respondeu vagarosamente com um doloroso franzir dos cantos da bôcca :

— Em nome do dever, não; em nome da disciplina, sim...

E contava ellê que o atormentava como constante pezadêllo a visão d'aquelle espectro envolto em farrapos e inteiriçando nas vascas da agonia as pernas esqueleticas e com o magro corpo ensanguentado onde as saliencias dos ossos quasi perfuravam os andrajos, tentando ainda defender o filhinho num ultimo instincto de mãe.

COSTA DIAS.

Funchal (Ilha da Madeira.)

IDEAL

Doce imagem de um sonho erguendo-se das brumas,
Das terras onde o sol doura a floresta e os rios,
— Venus serena e altiva a resurgir de espumas,
Espalhando em redor volupias e amavios;

Ave do azul da Helenia, espamejaste as plumas
E recortando os ceus, nos asperos estios,
Vieste me desvendar os ádytos de Cumas,
Os traços do destino escuros e sombrios.

E hoje interrogo a terra, e hoje interrogo os astros,
E a trama da existencia em fios de ouro tece-a
O indomito desejo, a te seguir os rastos...

Mulher! no meu querer o teu sentir assoma,
Tendo a excelsa grandesa espiritual da Grecia
Envôlta no esplendor das purpuras de Romas.

Recife. TEOTONIO FREIRE.

Subindo o Paraguay

De pé, sobre o convéz, encarando o horizonte,
Olho do ouro do sól o clarão que se apaga;
E embalde anceio ver um cabeço de monte,
Nestas margens, sem fim, que o Paraguay alaga.

E o abafado rumor das aguas se propaga
Pela enórme extensão das planicies, defronte:
E lá vae, a rolar! lá vae, de vaga em vaga!
E o que é o grande rio esta cheia que o conte!

Vencendo barrocaes, fundos grotões, a tudo
Oppondo o seu poder, destemido e bravio,
Desce dos Parecis, no seu percurso vario.

E sob o tecto azul do céo, tranquillo e mudo,
Passa, grosso e minaz, o caudaloso rio,
Buscando o Paraná, de que elle é tributario.

Matto Grosso — 1908. ANNIBAL AMORIM.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

SEPARAÇÃO DOS SEXOS

Segundo refere a historia, Noé fez recolher á arca um casal de cada vivente, para que não se anniquillasse no diluvio toda a creação. Ora, diz o rifão que *muita gente junta não se salva*, e na arca não só havia muita gente, como muito bicho e *muita cousa*, e tudo se salvou, affirma a tal historia, mas o dito popular nem por isso ficou mentiroso, porque materialmente tudo se salvou : moralmente é que muita cousa se perdeu.

Perdeu-se, primeiro que tudo, a paz e a harmonia que devião reinar entre os passageiros, isto logo ao terceiro dia da borrasca.

De tal sorte começarão a ferver a intriga, os enredos e os mexericos, que ao quinto dia o patriarcha exclamou angustiado :

« A mão do Senhor pesou com mais severidade sobre seu humilde servo do que sobre aquelles para os quaes fez chover as aguas do diluvio! Quanto me fôra melhor ter perecido na conflagração geral com o resto da humanidade! Senhor! Senhor! porque me collocaste nesta penosa situação, como chefe de uma liga democratica, sem norte e sem bandeira? »

Mas o Senhor assim o determinara e a sua vontade devia cumprir-se; e as intrigas continuárão a crescer por dentro como as aguas crescião por fóra.

Ao quadragesimo dia, quando a arca pousou no monte Ararat, e que a pomba trouxe, com o ramo de oliveira, a grata noticia de que já se podia pôr pé em secco, Noé, antes de soltar aquella bicharia, sóltou primeiro a bilis e disse-lh'as todas; e, si não soffreu então um processo em regra, foi porque no auditorio não havia quinze pessoas entre as quaes se espalhasse a injuria, como exige o codigo.

As descomposturas e invectivas produzem ás vezes (ao menos em certos individuos) os melhores resultados; muitos daquelles casaes que vinhão de estica durante o diluvio, e só esperavão o termo da viagem para pedirem a eterna separação de corpo e bens, dobrarão-se ás admoestações do patriarcha, ou antes á sua virulenta linguagem, e conciliarão-se, o que tanto lisongeou o amor proprio do bom velho, que a todos convidou para uma succulenta feijoada com focinheira e lombo de porco e na qual ferrou elle aquelle tremendo *pifão*, que conscienciosamente narra a historia.

Mas nem todos os casaes, como disse, se conciliarão; muitos persistirão no *dize tu direi eu*; espalharão-se ahi pelo mundo vivendo o macho em pleno divorcio da femea; e desde então :

O *cavallo* deitou a correr pelos campos e a *cavalla* atirou-se, de cabeça para baixo, nas ondas do oceano e por lá ficou.

O *bôto*, que durante o diluvio andava a atirar a este seus significativos

olhares de peixe pôdre, seguiu ao salseo elemento, — onde vira e revira em cata do objecto de seus sonhos, a admittir-se o sonho em um cerebro de *bôto*, deixando a *bota*, que se lançou aos pés dos homens implorando justiça e reparação.

O *arco* tendo provado, na succulenta feijoada, do licôr inventado por Noé, tanto delle gostou que metteu-se com a pipa, com a qual vive estreitamente abraçado, não se lhe dando que a *arca* ficasse encalhada na serra da Armenia, onde se conservará *per omnia secula*.

O *cigarro* fumega constantemente e arde n'um fogo interno que o consome, vendo a *cigarra* levar uma vida de pandega e de ocio.

O *meio* para conservar a sua autonomia, colloca-se entre dois extremos; por um extremo enfia-se a *meia* para cumprir seus deveres.

O *rotulo*, obsequioso ciceroni, indica aos amadores as preciosidades que encerra : por espirito de contradicção a *rotula*, argos rabugenta, occulta aos transeuntes as bellezas que guarda.

O *taxo* está sempre de orelha em pé e queima-se diabolicamente com as tratantadas que a *taxa* lá anda a fazer pelo thesouro.

O *fúzo*, em commercio illicito com a róca, vive no mundo a torcer em quanto que entre linhas se pavonêa a *fuza*, que lá tem seus encontros com a semibreve, do que já murmurão os maldizentes.

Emquanto ao *rôlo* nas eleições, no jogo, nos lupanares e nas tavernas põe em movimento o cacete, a faca, a testa, o pé e o apito, a *rôla* geme isolada no bosque, lamentando tantos desregramentos.

O *sello*, á maneira de salteador, com uma pistola em punho, nos impõe a bolsa ou a vida; a *sella* gira descuidada pela cidade e seus arredores a cavallo; ou, mudando de inicial, mette-se pelos conventos a fazer causa commum com os frades.

O *tiro* é um assassino, a *tira* uma casquilha.

O *sol* nos domina pela cabeça; nós dominamos a *sola* pelos pés.

O *milho* ficou brotando nos campos onde produz para sustento dos cavallos; a *milha* estende-se pelas estradas, onde se multiplica para estafa das bestas.

O *sino* atordôa-nos a cabeça com o badallo, a *sina* inquieta-nos o espirito com apprehensões.

O *terço*, transformado em carolla, consome a existencia a engrolar padres-nossos; a *terça*, por solicitude do direito romano, fez-se uma casquilha constantemente requestada pelos collateraes.

O *fardo* dedicou-se á carreira commercial e emprega-se em embrulhar

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

fazendas, a *farda* seguiu a carreira militar e occupa-se em embrulhar soldados.

O *luto* fez-se corrector de novas funerarias, a *luta* é uma promotora de brigas e desordens.

O *becco* é a communicação entre duas ruas e abrevia-nos o caminho, a *bécca* a intervenção entre dois litigantes para multiplicar-lhe os passos.

O *tino* dedicou-se a guiar os cégos, a *tina* presta-se a engordar os porcos.

O *Japão* retirou-se com Sem para os confins da Asia, onde se occupa em fabricar louça fina e mulheres feias, vendo-se abandonada a *japoneza*, abrio os braços á maruja, com a qual vive em perfeito communismo.

O *cano* deixa correr liquido que empesta, a *canna* distilla liquido que embebeda.

O *conto* é a cifra redonda que arrota o potentado, a *conta* o phantasma de papel quadrado que assombra e persegue o proletario.

E, como estes, muitos outros, que seria longo enumerar, como dizem os catalogos e annuncios de leilão.

Comtudo, é para notar que alguns desses dissidentes tivessem feito sómente a sua separação individual, pois socialmente se reunem e contribuem para algum serviço hamanitario.

Quatro dedicão-se a Noé, e, aperfeiçoados por Japhet ou por elle e seus descendentes dirigidos, prestão nos seus serviços : o *tecto* dando-nos abrigo, a *têta* alimento, o *velo* roupa, a *vela* luz.

Dois espavesados ricaços, o *Thesouro* e o *Banco* na altura de sua grandeza e orgulho não puderão prescindir dos serviços da *thesoura* e da *banca*, e ellas lá vão indistinctamente prestar seus serviços communs e triviaes. Para moralidade da historia deve-se assegurar que em seus fortuitos encontros nem se falla.

ARTHUR AZEVEDO.

CONSTANTINOPLA

Constantinopla, 12 de outubro.

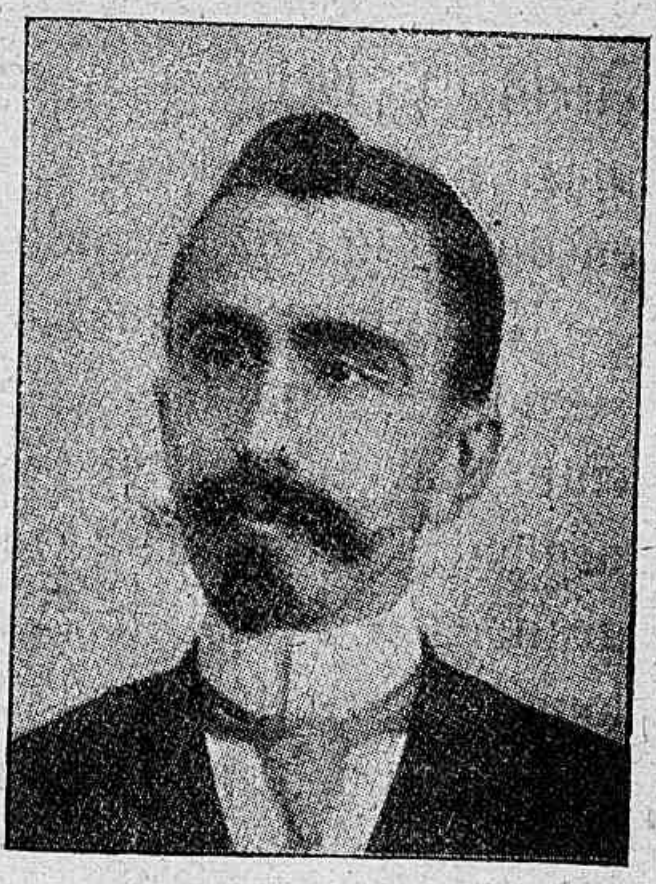
Esta é bem *de lonje*. De lonje, no espaço — porque vai para o meu distante Brazil ; de lonje, no tempo, porque esta é das cidades em que, quando se entra, parece que se entra no passado. E' a velha, a celebre, a lendaria Bysancio...

Ha cazas, ha quarteirões inteiros, que têm mais de mil e quinhentos anos. A arquitetura não mudou, não mudou o aspeto. São tipos igualmente trajados os que passam pelas mesmas vielas tortuozas. E isto não é a singulari-

dade de algum pequeno ponto. Constantinopla tem fama de ser a maior cidade do mundo: a que ocupa uma área mais extensa. Os bairros antigos, estagnados num passado que chega a parecer fabulozo, são por si só tão grandes como muitas das grandes cidades do mundo.

Descrevel-a seria uma pretenção tola. Theophilo Gautier e Edmundo de Amicis vieram aqui e fizeram volumes a respeito della. E' verdade que eu não lí esses volumes. Não li, porque não queria entrar com idéas preconcebidas. Quem informa deforma. A vizão dos artistas é maravilhoza, mas é sempre falsificadora da realidade. Em todo cazo, seria ridiculo pensar em re-descobrir a prestijioza cidade a que Constantino deu o nome...

Seja, porém, qual for a noticia que della se tenha, é impossivel deixar de sentir um movimento de surpreza e admiração ante a sua beleza. O *Guide Joanne* cita um periodo de Edmundo About, em que esse escritor diz que um viajante capaz de chegar até Constantinopla, olhar o seu conjunto maravilhozo e voltar sem ter pizado as suas ruas, ajiria acertadamente. Guardaria, desse rapido volver de olhos, uma vizão encantada. E isso compensaria a viajem.



Medeiros Albuquerque.

Abóut exajera. E' verdade que Constantinopla é uma cidade de cazas feias e ruas tortuozas, ingremes e sujas. Mas não basta um volver de olhos para se ter a noção de toda a sua belleza.

Desde que se chega a uma eminencia qualquer, descobre-se um novo panorama e sempre magnifico. Lembrem-se de que se trata de uma cidade descamada por uma superficie montanhoza enorme. Lembrem-se de que ella está separada da Asia por um estreito que se transpõe em dez minutos — tão perto que Scutári parece sero seu natural prolongamento. Lembrem-se de que, por toda parte, ha o arredondamento harmoniozo e alvo das cúpulas, das mesquitas e a floresta esguia dos minaretes brancos. Lembrem por fim que a cada instante se encontram ruinas admiraveis.

E forçozamente, e irresistivelmente, a contemplação desse espetaculo inigualavel nos faz esquecer as ruas sordidas, os cãis vagabundos que as infestam e tudo emfim que o detalhe tem de feio, tanto o conjunto é estupendo!

Ligando duas partes de Constantinopla, de um lado Stambul e do outro Pera e Galata, ha duas pontes. Ambas são de madeira, ambas são insignifi-

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

cantes do ponto de vista de construção. Pela ponte velha poucos passam. Pela nova é uma torrente constante.

Seria exajero dizer que a sua circulação é igual á das maiores ruas de Londres ou Paris — mas exajêro não muito grande, porque essa ponte, em que se cobra um imposto insignificante por cada pessoa que passa, rende, por dia, mais de *sete mil francos*!

Mas o que a sua circulação tem de admiravel é a variedade dos tipos que a compõem. E' nella que se vê bem a situação especial de Constantinopla, onde se reunem povos de trez partes do mundo. Paiz da Europa, está, entretanto, a dois passos da Asia, a algumas horas da Africa. E para aqui confluem povos de todas essas partes. Mesmo quando se está habituado a ver os grandes boulevards de Paris ou as ruas de Londres, não se tem idéa do que é a circulação dessa ponte de Constantinopla. E' um tumulto indescritivel de formas, e côres, e tipos e raças, como não se póde achar sinão nesse ponto de encontro de trez mundos diferentes.

E são turcos, croatas, bulgaros, europeus do occidente, arabes, ejipcios — —cada um com o seu vestuario especial. Os croatas, com grandes pistolas á cinta, parecem salteadores de opera lirica. São padres armenios catolicos ou armenios ortodoxos, graves, de preto, com altos chapéus, os primeiros com grandes véus, os outros sem véus... São popes gregos com bastas cabeleiras e longas barbas negras. São derviches rodadores e derviches uivadores, com capacetes de estranha forma. E' um pululamento de mendigos... São carregadores, dobrados, levando pezos estupendos, que em outros logares demandariam quatro homens... São mulheres turcas, todas de preto, entrouxadas sem nenhuma idéa de elegancia, mulheres de que se não podem adivinhar as formas, umas veladas, outras de rosto descoberto, outras apenas mostrando um triangulo de face, da ponta do nariz á linha das sonbracelhas... E são beduinos, com os amplos trajos, bons para o dezerto... E são europeus, vestidos como em qualquer cidade da França, da Inglaterra ou da Allemanha... E tudo isso sempre em movimento vai, vem, passa, agita-se, atropela-se, acotovela-se... A ponte de madeira faz um estrepito enorme sob as rodas dos carros. Ha mendigos cegos e mendigos sacudidos de um tremor convulso, acocorados dos lados da ponte, cantando uma melopéa gutural... E vêem-se todos os tipos: o judeu classico, que parece ter saido de uma caricatura de Frain; o judeo solene, velhissimo, apoiado a um bastão, com as grandes barbas brancas que lembram o Ashavero da lenda cristã e fazem tambem pensar nos versos celebres: « as suas barbas de monje — têm cem mil anos de dôr. » E ha o albanez, o turco, o arabe, o circassiano... O mendigo, que nos solicita e importuna, pede esmola em duas ou tres linguas, nunca sabendo o que póde ser aquelle a quem se dirije... E passam uniformes vistozos, espalhafatozos, de côres claras e profuzão de dourados... E passam negrões altos, gordos, gigantescos, com a fizionomia bestial absolutamente glabra, sem nem um pêlo em

todo o rosto : são eunucos... E, de repente, irrompe um grupo de tipos do povo, correndo freneticamente, carregando como um andor um pequeno aparelho, que mal se tem tempo de vêr o que seja : são bombeiros. Uma das distracções populares é vêr qual delles corre mais do que os outros, distracção que a todos é dada varias vezes por dia, porque em Constantinopla, cidade em grande parte de madeira. ha sempre varios incendios... E para aumentar a confuzão, ha cachorros em bandos, a cada canto, a cada passo... Vendedores apregoam jornais turcos, russos, gregos, italianos, francezes, alemãis...

Em qualquer boulevard pariziense. qualquer grande rua das capitais européas ver um tipo como os que se encontram em Constantinopla não é uma raridade extraordinaria, mas tambem não é coiza que suceda a todo momento. Aqui o cazo é diverso : ha sempre passando, sempre figurando no cortejo interminavel, figuras de todas essas especies. E' um tumulto, um pandemonio, um encachoeiramento humano de todos os tipos, e raças, e formas, e côres — tão forte, que não chega a ser dominado pelo ôco rebôo dos carros a rodarem sobre as taboas sonoras da ponte. — E toda essa onda de homens, animais e coizas vai, vem, ajita-se, atropela-se, acotovela-se...

Ha, entretanto, uma nota de côr que domina as outras : a nota vermelha das carapuças uzadas na Turquia. Todos as conhecem. Têm a forma de cores truncadas e são sempre enfeitadas com uma borla preta pendente. Chamam-se *féss* (os francezes escrevem *fez*). Quasi todos andam com ellas. E' o chapéu do sultão, do padre, do soldado, do oficial, do carregador, do mendigo, do funcionario, do cocheiro, do negociante... O *féss* nunca se tira da cabeça, mesmo perante o sultão, mesmo nos templos. E' leve, simples e comodo. Uza-se com a sobrecazaca européa e com qualquer outro vestuario turco. Assim, não admira que seja a nota predominante.

E quando se entra na ponte, de carro, dominando um pouco a multidão, o que primeiro se vê é aquella ajitação de chapéos vermelhos, de uma tonalidade intensa, movendo-se em todos os sentidos.

Apezar das cores claras dos turbantes, apezar dos chapéus europeus e dos chapéus pretos dos padres armenios e gregos, os *fess* estão sempre, em toda parte, em immensa maioria.

Vendo essa ponte fantastica, por onde passam todos os espécimens de humanos. a primeira pessoa em que eu pensei foi em Coelho Netto : era o homem proprio para descrevel-a. E aqui elle se sentiria bem á vontade para se entregar a uma daquellas orjias de vocabulos raros, vocabulos peregrinos, que elle tanto apetece. E só mesmo com essa riqueza de terminologia se poderia tentar qualquer evocação da velha, estranha e prestijiosa cidade...

MEDEIROS ALBUQUERQUE.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

CARTAN DE GONÇALVES DIAS

I

Interessante para jornalistas é quasi tudo o que constitue a correspondencia de um grande homem, ainda no que ella tenha de banal ácerca de factos domesticos.

Das cartas que nos foram confiadas, a mais antiga é escripta de Lisboa á esposa de G. Dias em 12 de Maio de 1853. Vê-se que ella andava com o pai, viajando na Europa, emquanto o poeta iniciava em Portugal os trabalhos da commissão que no anno anterior lhe confiara o Governo. Ha muita minucia nos conselhos que elle lhe dá ácerca da vinda para Lisboa, e certa ironia no conceito de que um homem só vê Paris melhor, em oito dias, que um homem com familia em dous mezes. No mais uma grande confiança na innocencia das suas cartas do Brazil, que elle autoriza a mulher a abrir.

« Olympia — Parte hoje o *Isabel* para Ruão. Não sei que dias elle terá de demora; não sei se V. poderá vir nelle. Se fosse possivel seria bom. Concebo que seu pai, visto ter ido á França, se queira demorar mais tempo, e tem razão; porque eu faria o mesmo. Mas para V. — mesmo vindo só, é tão commoda ou parece-me que deverá ser a viagem, que julgo não a deve fazer só no caso de que seu pai mostre alguma difficuldade em a deixar vir sem elle. Assim não teria V. incommodos de procurar casa; porque, segundo me dice a proprietaria, essa em que está acha-se alugada para o principio de junho. Quando seu pai quisesse vir tomava qualquer outro vapor, — o de Inglaterra, p.r exemplo, — viagem que V. se arrependeria de fazer; e tanto o penso, que para V. a não fazer, estimaria mais, ou antes sentiria menos que se demorasse mais um ou dois meses, á espera do de Nantes, ou que o *Isabel* faça nova viagem.

Mas ja lhe digo, — faça V. o que entender, resolva como lhe parecer melhor.

Como porem é bom prevenir, no caso de vir V. só tome o dinheiro que lhe for preciso para a passagem, e alg.as libras mais de precaução; e o resto dê a seu pai; e cá tomaremos medidas para qu'elle não soffra faltas.

Agora, se seu pai quiser vir sem ver Paris, si a quizer acompanhar por formalide; se não julgar como estou persuadido qua elle ficando só, passa melhor, e ve mais de Paris em oito dias do que em dois meses com fam.a — não careço de lhe dizer que a deixo inteiramente livre de fazer o q'lhe parecer melhor.

Abra as cartas que me chegarem do Brazil, — mas ainda que se demore, não é preciso mandal-as. Digo que as abra, para que quando vier não haja na alfandega algum embaraço. Quero ver si mando por este paquete ao Odorico alguma noticias das occorrencias da terra; mas faltão-me ainda algumas informações que só posso ter amanhã.

Escrevo a seu pai, que ja deverá estar em Paris, quando V. receber esta; mas não lhe fallo na sua viagem, por-

que não sei o q'V. resolverá. Se sim, pode mostrar-lhe esta carta. Adeus, mil beijos á nossa filhinha, etc. »

A outra carta dirigida ainda á esposa, já então no Brasil, é datada de 10 de Julho de 1856 e escripta de Evora, em Portugal. Por ella se vê que a vida da familia não era folgada. O seu espirito, porém, revela-se forte ante essas provações, que elle não chega a considerar infelicidades, nem sequer desgostos.

« Sinto mais que tudo a escassez dos meios, com que V. vive e tanto mais que o não posso remediar; veremos como nos arranjamos com a minha ida, ainda que com pouco mais do que isso podemos contar de certo; os nossos ordenados regulão a 300$ por mez pouco mais pouco menos, e com isso espero em Deus que havemos de passar, extreitamente sem duvida mas sem dever m^tos. favores, — e até me parece que com hum pouco de boa vontade da nossa parte ainda nos chegará para fasermos algum bem. Deus é grande, e essas não são as infelecidades nem os desgostos que eu temo. »

A segunda carta já é escripta de Basel, na Suissa, em 2 de Agosto de 1857, e, como as que se seguem, ao seu sogro, Dr. Claudio Luiz da Costa, então director de Instituto dos Cégos, a quem substituio ao mesmo cargo o Dr. Benjamin Constant, como Gonçalves Dias tambem seu genro. O poeta chama-o sempre de pai e amigo: « meu bom pai e amigo ».

Ahi refere-se o poeta á commissão que desdc 1854 desempenhava na Europa, que era, como se sabe, estudar o desenvolvimento da instrucção publica nos diversos paizes do velho mundo. Em virtude dessa commissão era Gonçalves Dias obrigado a fazer compras, cuja natureza não transparece dessa correspondencia. E' grande a sua preoccupação de ser bem guardado o « canudo » contendo a sua carta de bacharel e « os papeis de Odorico » que naturalmente é o seu comprovinciano, o poeta Odorico Mendes, fallecido em Londres no anno de 1864.

Gonçalves Dias.

« Grande parte das encommendas que o Gov^o me mandou comprar estão ja promptas e as mais estarão no fim do mez; mas faltam ainda algumas outras, não poucas, para cuja compra me falta dinheiro; mas o peior é que não sei quanto heide pedir. Não sei os preços: mandei-os perguntar a Londres e a Paris, mas como até agora não me dão noticias delle, não tenho remedio senão passar-me a Paris e a Londres por estes dias, donde lhe escreverei com mais vagar.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Não tenho ha bastante tempo noticia sua, nem da nossa familia, porque andando nestes ultimos tempos como uma ave de arribação, e desconfiando, como vai acontecer, que tivesse de ir a Londres, pedi que me não remettessem carta que me viesse dirigida, temendo algum desencontro.

Assim, pois, se por infelicidade V. me escreve de alguma cousa que devesse ter prompta resposta, tenha paciencia por mais alguns dias.

E' provavel que entre os meos livros se encontrasse uma lata (canudo) a que V. não terá dado muita attenção. Dentro della está a minha Carta de Bacharel assim como os papeis de Odorico.

Se essa lata não se encontrou, pergunte por ella ao Macedo, a quem eu talvez a confiasse.

De resto é bem possivel que o João tenha melhor memoria do que eu. Lembra-me que arrumando os meos papeis na minha partida eu lhe fiz observar essa lata, e lhe disse que dentro della estavão os papeis do Odorico com a minha carta. Talvez mesmo eu lha desse para guardar. Se elle não a tem, veja nos meos papeis que ficarão no Rio. Se não está entre os meos papeis, pergunte ao Macedo. Não sei se os meos livros já terão chegado ao Rio. Os outros irão breve. »

Vamos depois encontrar o poeta em Dresda, de onde escreve ao sogro a 4 de Março de 1858, referindo-se á segunda edição dos seus *Cantos*, que no anno anterior tinha sido concluida em Leipzig, e ao seu diccionario da lingua tupy, impresso na mesma cidade em 1858.

« Quanto á remessa do meo Poema, peço-lhe desculpa: mas eu nada lhe podia communicar. Eu tinha deixado essa ordem em Leipzig, e me achava então em Paris.

Apromptou-se o volume, foi expedido, e eu de nada soube. A saber disso, teria eu feito demorar a remessa até se concluir o volume de S. M. que se estava encadernando, e só foi remettido pelo paquete de Dezembro, creio eu.

Quanto á venda desse folheto, não conto muito com ella. Conheço a nossa gente e sei que elles andão procurando pretextos para não lerem. O não estar a cousa completa, será para elles boa desculpa. Como elles quiserem, que tambem não se me dá muito disso. Que me dê para a impressão é o que basta, pois bem sei que a litteratura no Brasil está longe de grangear meios de vida: é um vicio e quando Deus quer, um vicio caro.

O meo Diccionario acabou de sahir ha uma semana do encadernador. E' offerecido ao Instituto. Assim, quando estiverem encadernados os dous exemplares para S. M. e o Instituto, eu lh'os remetterei, por via de Londres, para que Vmcê, me faça o favor de os entregar. Convem porem notar que pelo ultimo paquete remetti a S. M., mas ainda em folhas soltas, taes quaes me vinhão chegando da Typographia.

Nos dois mezes em que lhe não escrevi, passei mal, do estomago complicado de não sei que mais. Curei-me pela minha cabeça...; hoje mesmo ainda me sinto fraco, ainda que restabelecido. Um mez mais de convalescença e estou prompto.

Quanto á minha partida, saio de Dresda apenas tiver expedido estas cartas; pretendia-o fazer, já do mez passado, mas sentia-me tão fraco e tão sensivel ao frio, que tive medo de 24 horas em caminho de ferro. Daqui se não vier o Segundino, sigo para Belgica, onde estarei uma semana, depois para Londres, onde vou esperar as ordens do Governo, relativamente a credito para

as compras que faltam; e só depois dellas feitas poderei partir; mas tenho todo o empenho em fazer embarcar tudo antes de mim para não termos faltas, que se não poderão reparar depois senão com muito tempo de demora, e cartas etc. »

A carta que se segue já é escripta do Brasil, mas não tem data completa. O poeta acha-se no Maranhão a 2 de Novembro. E' curioso que essa data, tão caracteristica por ser dia de finados, esteja emendada.

Como se sabe, de regresso ao Brazil, em 1858, foi Gonçalves Dias, nesse mesmo anno, nomeado para fazer parte de uma commissão scientifica exploradora nas provincias do norte, como chefe e director da secção ethnographica. Vê-se dessa carta que houve divergencias com o Presidente do Ceará, que era a esse tempo o Dr. João Silveira de Souza, depois Ministro de Estado e lente da Faculdade do Recife. Dessa commissão tambem eram membros Capanema, Silva Coutinho e Gabaglia. O Ministro a quem se refere Gonçalves Dias era o Conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, que servio na pasta da Justiça desde Maio de 1857 até Dezembro de 1858.

O mais curioso que ella nos revela é que o poeta esteve em risco de ser deputado pelo Maranhão. Nessa época ainda o finado Conselheiro José Bento não tinha attribuido á Providencia a tarefa de governar o Brazil; entretanto nessa carta já G. Dias proclamava que assim era. Não sabemos se lhe cabe a primazia da revelação.

« Meu bom pai e amigo — Chegando do Mearim, donde voltei por falta de recursos, além de outras circunstancia igualmente imperiosas, acho as duas cartas que Vm. me escreveu a 23 de Agosto e 6 de 7bro a que respondo.

Ao que mais importa.

Não tive parte no annuncio feito pelo Correio Mercantil acêrca da nova Edição dos meus Cantos, excepto se foi algum amigo meo, a quem eu tivesse mandado communicar o facto. No mais, o annuncio é vicioso. Creio ter-lhe mandado dizer que o meu livreiro me

aconselhava mandar fazer uma edição dos meus cantos para serem vendidos na Europa, ainda quando me restassem exemplares no Brazil. Propunha-me tão bem fazer a edição por sua conta e dividirmos os lucros, — o que eu aceitei. E' provavel que se esteja imprimindo o livro em Leipsig, mas essa edição ficará toda na Europa e não poderá influir na extracção dos exemplares existentes, aliás em pequeno numero.

Assim pois aquelle annuncio era antes de tudo uma noticia litteraria. Se

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

todavia, puder haver nisso algum equivoco, peço-lhe que rectifique o facto, se lhe parecer conveniente.

Uma cousa assim neste sentido pouco mais ou menos.

« Publicou-se no seo Jornal o annuncio de se estar impremindo na Allemanha uma nova edição dos Cantos do Sr. G. D.

« O facto é verdadeiro; mas neste sentido :

« O livreiro do Sr. G. D. na Allemanha apostou com elle, sob certas condições, a reimpressão dos seos Cantos, mas edição exclusivamente europea, isto é — para ser unicamente vendida na Europa.

« Para o Brazil consta que o Sr. G. D. prepara uma edição, mais expurgada e accrescentada, que será publicada mais tarde. »

Isto ou cousa semilhante, supponho que será bastante. Quanto ao Presidente do Ceará, esse homem tem mandado publicar muita cousa em muita parte, mas sempre de modo que eu só tarde posso ter conhecimento dos seus escriptos. Mente quando D^{s}. quer e calumnia miseravelmente, ou adopta que elle não póde deixar de reconhecer como calumnia, — e a cataplasma do M. da Justiça (dignos um do outro) foi somente o que poderão fazer apezar da melhor boa vontade.

Consta-me agora que S. M. se acha sentido com o andamento deste negocio. Eu tambem o sinto, mas por elle. Na posição infinitamente subalterna em que Deos me poz neste mundo, não conheço allegações, respeitos, nem motivos que me tenhão feito faltar á justiça, quando a devo a terceiro, e todavia, estou bem longe de ser algum Catão. E' verdade que a justiça parece ser uma cousa relativa : Entre iguaes é politica, para os grandes é dever, para os menores favor e graça, que é facultativo fazer-se sem que devão nascer queixas da sua denegação.

Tambem enjoei-me tanto de taes miserias, que já me não lembra, nem me quero lembrar mais de semilhante cousa.

Apesar de se terem votado fundos para a continuação dos trabalhos da Commissão, não me parece que tão cedo possamos começar com elles por falta de meios. Ao menos até agora ainda não ha dinheiro.

Queixe-se quem quizer, que eu não me importo muito com isso, ainda que não considerei bem os meios que tenho para sahir de difficuldades. Estou porem tranquillo, porque, segundo parece a questão é de tempo.

Passando a eleições. A minha candidatura não encontraria nenhuma difficuldade, a se fazerem ainda as eleições por circulos. No de Caxias poderia ter votos dos saquaremas e dos liberaes em maioria mais que bastante,—e votos não de partido mas de affeição ou de sympathia. Não julgo mesmo que eu tivesse de despender grande cousa com isso. Os *triangulos* porem *talvez* me desmanchem a Igrejinha. Não me apresentei ainda de modo definitivo, mas um dos meos irmãos, foi, por amisade, um pouco alem das minhas insinuações e propoz-me em uma reunião de saquaremas que me aceitarão, « ainda que se disia ter eu mudado de partido ». Não sei bem a que ponto chegarão as cousas, nem se me será dado recuar ainda. Verei isso em indo a Caxias.

Mas aqui para nós: não se me dá de ser eleito, e quasi estou arrependido de me haver mettido em semilhante alhada. O Brazil parece-em que se approxima de uma crise, e muito breve e eu não lhe vejo remedio. Que vou faser ás Camaras?

E' certo que até hoje é a Providencia que nos tem governado, só ella, apesar do nosso governo. Continua ella a proteger-nos ou já se aborreceu de se... (palavra inintelligivel) de gente que não vale dez réis de cominhos? Eis ahi a questão.

Emfim, somente de Caxias é que lhe poderei diser alguma cousa de mais terminante.

O meu bom amigo Theophilo acabou de soffrer uma perda-a de uma cunhada que era tudo para a sua familia. Como elle se achasse montando uma maquina a vapor para a moagem de cana e antes de lá se saber que a cunhada estava morta, mas somente enferma, pediome, que de sua Fazenda, onde eu me achava, viesse acompanhar para o Maranhão sua mulher e filhos. Esta a rasão porque aqui me acho.

Além disso, tambem não podia continuar na minha excursão por falta de fundos.

Meos companheiros se achão no Ceara, e parece que vão bons, excepto o Conselheiro, e Coutinho, moço que comecei a apreciar durante a nossa excursão pelo Ceará. »

Em 23 de Novembro do anno seguinte estava o poeta em Baturité, no Ceará. Dahi se queixa elle dos que o suppoem no gozo de uma sinecura. Sempre a mesma critica e a mesma defesa de todas as commissões congeneres.

« Recebi a carta em que Vm. communica o vexame em que estava por occasião dos exames do seu Instituto, na esperança em que estava de que as Princezas assistissem a esse acto. Isso já estará concluido, quando V. receber esta e felizmente estará Vm. em férias, gozando do descanço, de que já vai precizando, principalmente depois de alguns mezes de massadas, como V. as tem.

Da commissão não lhe posso dizer nada; os meos companheiros estão todos desgarrados, e nem sei mesmo o que consta officialmente acerca da commissão. Corre por aqui que ella terá de cessar em fins deste anno ou começo do proximo. Se assim for, melhor. Aquelles que se persuadem que andamos por aqui em vida de rosas, desejão que se acabe a *sinecura* e eu de accordo com elles nessa parte, metteria empenhos podendo ou sabendo como, para que taes desejos se realisassem.

Em fevereiro estaremos de volta no Cea.á para arranjar as collecções e preparar os nossos trabalhos. Então saberemos o que se pode fazer para continuar ou acabar com ella. »

A commissão de Gonçalves Dias estendia-se do Ceará ao Amazonas. Em 1861, ultimo anno dos trabalhos communs, estava elle no extremo norte, de onde a 8 de Abril escrevia ao sogro exclusivamente ácerca dos seus livros.

« Recebi neste momento a sua de 6 de Março, repondo-lhe já, porque não sei que demora terá depois. Sinto que Vm. tenha soffrido dos incommodos da quadra; mas felizmente nem Olympia nem Nhanhan soffrerão com isso.

Quanto a mim vou bem, excepto da engorgitação, que tenho a tanto tempo, o que com immensa facilidade se transforma em escrophula. A minha já veio á furo. Agora que isso deixe, como é certo, costuras e cicatrizes já não estou em idade de me importar com isso.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Quanto ao annuncio, relativo a reimpressão de minha obra, vejo que Vm. o mandou publicar, o que muito lhe agradeço; lá se é util ou inutil, isso fica por minha conta. Se a condição de não ser vendida uma obra no Brazil, é pueril e se mais convinha outra cousa, é negocio que o Sr. Brandão, ou quem quer que seja que os venda no Rio, não decide por si.

Que elle os comprasse a este ou aquelle, tanto melhor: prova que elle os não furtou. Se foi fulano quem os imprimio, ainda m.^{mo} quer isso dizer que elles não cahirão do céo.

Mas quando o Governo apanha um contrabando, não vai perguntar ao contrabandista se elle comprou ou furtou os objectos da presa.

Tira-lhos e multa-o.

No meo caso, qualquer livreiro da Allemanha póde imprimir as minhas obras.

Moré compra-lh'as em Paris, e esse vem vendel-as no Brazil, onde ha uma lei de propriedade litteraria?!

E diz que as vende, porque as comprou! E esta?

Nada tenho com Brockãns, porque não ha convenção litteraria com o Brazil. Quando a houvesse, isso ainda não me tirava a minha propriedade.

Nada tenho com Moré, que negocia em França; mas, no Brazil, sou o dono do que produzi, isso é meu, faz parte da minha herança, ninguem m'o tira.

E note mais, esse condição que lhe parece pueril, era absolutamente encerrada. O livreiro da Allemanha póde imprimir o que quizer, do Brazil, com quem não ha convenção. Se um delles, se Brockãns, por ex. me pedio licença para fazer uma edição, que só fosse e podesse ser vendida, na Europa — isso não quiz dizer, que elle não podesse espensar a minha permissão.

Supponha que elle fisesse tal edição sem minha permissão, no Rio a podia vender a pretexto de que a comprou a Moré? A alguem, sem duvida, o havia de ter comprado, senão é dono de uma typographia.

Brockãns pedio-me essa permissão, porque é meu impressor, e eu lhe tenho dado bastante a ganhar, e elle espera ainda mais: é livreiro do Instituto Historico e do Imperador, e deve-me elle isso, por linhas tortas ou direitas. Podia despensar a permissão; não o quer por conveniencia.

Eu lh'a concedi, por que lh'a não podia negar; mas a condicção de que taes exemplares não poderião ser vendidos no Brazil, quér dizer, que lhe neguei aquillo que lhe podia conceder a introducção de exemplares no Brazil.

Todavia, como Vm. pensa diversamente, ao que transluz da sua carta; como outras occupações lhe podem obstar a se occupar deste negocio, peço-lhe que confie esta carta ao Dr. Macedo, para que elle consulte e veja o que ha a faser-se. Litterato tambem, este negocio não é meo, é de ambos, é de todos. Tinha-lhe eu escripto esta carta, na incerteza da partida do vapor-agora a releio, e si me sobrasse tempo, escrevia-lhe outra em vez dessa. Peço-lhe pois que no que dis respeito « á nova Edicção », considero como nulla esta carta, nem falle nisso a Macedo.

Quanto a commissão, Coutinho sabia que eu estava nella como um *forçado*. Compromettemo-nos por estes dois annos; findos elles, a continuação depende da força de vontade, da robustez da saude, da necessidade de concluir certos trabalhos, e tambem da coadjuvação do Governo.

O Conselheiro quer dar por finda, pelo que lhe toca, ou o Governo lhe permitte que venha até ao Amasonas,

onde tem decerto muito que fazer. Gabaglia pretende ir á côrte, representar acerca do estado dos seus trabalhos, da necessidade de os continuar, e a nova tabella *ferraz* corta as mãos, e as vezes os pés á Commissão. Lagos e Capanema, não sei o que pensão. Por mim não quero dar exemplo, mas logo que sahir um dos chefes adeos-sou o segundo. »

Poucos dias depois da ultima carta, a 20 de Abril escreveu de novo Gonçalves Dias ao « seu bom pai e amigo ». Toda essa carta é cheia de queixas do que aqui se passava na sua ausencia em torno dos negocios da commissão. Parece transpirar de suas palavras que o acharam responsavel pela morte de um ou dous camellos de que a commissão, particularmente o Sr. Capanema, se servio no Ceará. Alem disso havia alguma cousa que o contrariava quanto ao seu lugar de official de secretaria de Extrangeiros. A sua allusão a « Peçanha » é evidentemente ao fallecido José Pedro de Azevedo Peçanha, que foi director de secção e official de gabinete naquella secretaria. O poeta revela uma grande altivez e mostra-se disposto a não supportar nada « que lhe cheire a desaforo ».

« Escrevi-lhe por este paquete, mas com data bem atrazada porque as mandei lançar no correio na vespera da minha partida para Aratanha, onde fui agradecer á familia Costa o ebsequio que por nossa conta prestou ao pobre Assis. Agora, isto é, neste mesmo momento recebo a sua de 6 de Abril, a que respondo, um pouco ás carreiras.

O negocio dos Camellos não o soube somente pela sua carta, meia duzia de pessoas me escreverão a esse respeito. prova de que realmente elles entendem que o negocio me diz respeito. Ainda mais. Esse officio foi publicado, mas truncado, callando-se a parte que se referia a morte do animal, prova de que o Sr. Ministro entendeo elle proprio que havia desaforo, pois que não consentio na sua publicação. Ainda mais — Allega-se como um serviço prestado a mim o ter-se abafado esse negocio. Vê Vm· que ha nisso tanto desaforo como cobardia.

O Cap. os requisitou para os estudar, vêr as materias mais proprias de seu sustento, meio de os tratar nas enfermidades, etc. Nada tive com isso ; em quanto elle podia e devia tomar a parte que tomou. Fomos nelle d'aqui a Paratuba (5 legoas), mas tem o andar encommodo — deixei-os. Elles com os guias chegarão a Baturité e voltarão sem novidade. Mezes depois forão enviados de novo com carga e foi então que se quebrou a perna a um. O Presidente defendeo o seu acto perante o Mº. e eis tudo. Dá o cavaco porque seria leviandᵉ. do Ministro fallar em mim, quando não tinha que vêr com isso.

Agora nova complicação. O Presidente com qᵐ. parecia que podiamos viver na melhor intelligencia, fez-me um desaforo, quando eu menos esperava. Era uma tolice delle, nem eu me teria importado com isso, se elle tivesse ao menos o machiavelismo do Ferraz, não fallar em mim, em causa em que eu nada tinha que vêr.

Escrevi-lhe um officio, que o deve deve ter consolado, e o negocio foi affecto ao Governo.

Decidão elles como quizerem, que eu

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

supporto tudo, excepto que me cheire a desaforo.

Quanto ao meo logar da Secretaria, eu tinha-me procurado entender com S. M. antes da m.ª vinda.

Não dei demissão, por que se entendeo não ser então conveniente. Sou obrigado ao Imperador, e não queria que elle se persuadisse que ha nesse negocio mais despeito do que sentimento de dignidade; mas o que é facto, é que eu considero vago esse logar, e não vejo possibilidade, ou antes não me persuado que haja consideração alguma de interesse, posição, futuro, ou quer que seja, que me obrigue a servir debaixo das ordens de um Peçanha.

S. M. não terá de se zangar com isso, por que tão longe está da minha intenção queixar-me, como pedir. Quanto a esses meos pequenos interesses faça Vm. o que entender melhor, que tudo será bom.

O livreiro da Europa diz-me que eu tenho por lá uns 700$000 da venda de livros e pede-me para fazer uma edição européa das minhas obras, correndo elle com as despezas, e repartindo comigo os lucros.

Disse lhe que sim.

Lembrança á Olympia, a quem não posso escrever outra vez. Vou bom dos olhos, e no mais sem novidade. O Gabaglia chegou da Serra Grande e aqui se demora apenas 4 dias.

Pode ajustar contas com o Cezar — do tempo do Capenema — isto é — receber a conta antiga que haja em ser. Não sei se lhe respondi tambem pelo Laemmert, nem se este me está devendo ainda.

II

Esta foi a carta escripta ao Dr Theophilo Leal.

Amigo Theophilo — Vou para a Europa e parto no proximo paquete, qualquer que elle seja, excepto talvez se fôr da linha de Southampton: tenciono visitar Inglaterra e França, Belgica, Hollanda, Austria e Prussia, Italia e Hespanha, e algum tempo me demoro na volta, se voltar, em Portugal, onde agora na minha ida talves fique um mez ou dous, tres quando muito.

Estou muito doente, meu Theophilo; ás vezes me passa pela cabeça a fantasia do que posso fazer, e do que projecto fazer na Europa; mas, reflectindo melhor, vejo que me é precizo ir dando de mão a esses pensamentos. Nada farei talvez! Não importa isso, que só lastimarei o que tenho publicado, se não tinha de ver concluido o que eu meditava. Sinto-me fraco, abatido, sem energia, sem força, e bem cansado já.

Minha mulher vai doente, e bastante; os medicos prohibem-lhe entrar em carro.

Um outro em quem eu e ella mais confiança temos, me disse que ella estava com tuberculos, e gravida. Gravida, creio que não; mas se estiver, teria ella esses mezes de Oratorio, se a bondade de Deus não tivesse tornado mais supportavel semelhante molestia, illudindo a imaginação do enfermo. Em todo o caso está mal.

Quem te disser que estas molestias não são contagiosas, mente. Sabes se sou bem constituido; já passei dos 30 annos, que é a idade critica para essas enfermidades; a minha estatura mesmo é das que menos se prestam ao contagio; pois has bastante tempo soffro do peito, comecei a soffrer logo depois de casado, e somente appello para a mudança de clima.

Meu sogro me tem illudido de um modo um pouco barbaro, e um pouco estupidamente tambem. Perguntei-lhe se minha mulher soffria do peito; disse-

me que não, reiterou-me esta asserção por differentes vezes e sem que eu lh'o tivesse perguntado. No emtanto o remedio que hoje lhe vou procurar na Europa, podia-o ter ido buscar mais cedo, e em tempo de, porventura, lhe poder aproveitar. E tanta confiança tinha nelle, e lhe mostrava que elle não devêra abusar da minha boa fé! Dias antes, eu lhe tinha pedido com instancia que me deixasse levar para Europa, uma filha mais nova que elle tem, de seis annos de idade, para a fazer educar lá! E depois de tudo, em attenção á minha mulher, contra a minha vontade, contra os meus projectos, só para os ver satisfeitos, instei com elle como não faria com meu proprio pai, e consegui á força de rogos e esforços que elle me acompanhasse com a sua familia para Portugal ou Italia, fazendo-lhe eu todas as despezas de estada, emquanto lá nós demorassemos:

Quero acreditar que quando elle me encobrio o estado da filha, nada sabia; porque o cegava o amor de pai, e o desejo que elle podesse ter de que ella vivesse; mas porque nenhuma só palavra tem soltado depois que o seu collega a examinou e conferenciou com elle? Queres saber porque?

Receiou o bom do homem que eu não me separassè da convivencia da filha, como a prudencia me aconselharia; no emtanto sei, ha bastantes dias do seu estado, — ha bastantes mezes; — ha tres ao menos que o desconfio; e vivo com ella sem resguardo algum, durmo na mesma cama, e nenhuma só palavra tenho dito que lhe possa dar a suspeitar alguma cousa, do que ella, a pobre moça, não tem culpa. Mas se não me importa morrer, é cousa que em supremo gráo me irrita e indigna nas pessoas que commigo vivem, que em vez de attribuirem o meu procedimento para com ellas a alguma bondade da minha parte, julgam que o conseguem, e que unicamente o devem — a artimanhas, a sagacidades ridiculas, a espertezas de pobrissimos espiritos; — têas de aranha que eu romperia com um sopro, se eu não estivesse tão aborrecido de tudo e de todos elles. Nem isso vale a pena.

Deixa-me escrever-te tudo, — e conversar largamente comtigo, porque me transborda o coração.

A's vezes, quando eu era ainda solteiro, sentia um sentimento de profunda tristeza, quando me via só; e considerava que estava a chegar ao meio-dia da vida — aos 30 annos — e que morreria talvez sem que tivesse uma mão amiga que me cerrasse os olhos. Tu estavas longe de mim.

No *Paraiso*, em um baile *campestre*, vi essa moça. Pallida, desfallecida, arrastando-se a custo, sem quasi animação, quasi sem vida, contrastava com o arruido, com a alegria do baile. Sou triste nessas reuniões: ao vêl-a passar senti por ella uma piedade, uma commiseração inexprimiveis: murmurei, sem o querer, irreflectida, expontaneamente o "Pallida mortis imago" de Horacio; e essas palavras não me puderam mais sahir da lembrança em toda essa noite; e vi-a muitas vezes, porque ella procurava avistar-se commigo, que a não conhecia.

Ultimamente me tenho recordado dessas palavras, como de um presenti-

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

mento. E não ! — Queres saber mais?

No dia em que me casei, pouco antes de sahir de casa do Segundino, onde eu morava, inquieto por falta de um colete do casamento que me tardava de casa do alfaiate, nada podia fazer com o desassocego de espirito de quem vai dar um passo tão arriscado, e passeiava na minha saleta, até que, emfim, deparei com um volume de Ducis e Chenier, da edição panteonica, de que em Pernambuco me tinha feito presente o nosso comprovinciano Marques Rodrigues. Quiz ler para distrahir-me, e por *casualidade* abri-o, e foi logo em uns versos feitos a *la Palliére* em que eu nunca dantes tinha reparado. Vê se nesse *acaso*, em que me parece descobrir hoje uma revelação, não ha alguma cousa lá de cima. Dizem assim :

Ah! lorsqu'un jeune couple à l'autel se présente
Brillant d'attraits, d'amour, et d'espoir, et de [fleurs,]
Et que l'amour sacré d'un nœud qui les en- [chante]
Va serrer les deux cœurs ;
Pallière, à cet objet (car ce sort fut le nôtre)
Malgré moi je soupire, et je me dis tout bas :
Qui des deux doit survivre, et vêtir avant l'au- [tre]
Le linceul du trépas?

Hoje, relendo esses versos, acho que Ducis fes bem em accrescentar-lhes :

Oui, le triste avenir, si Dieu le cache au monde
C'est par pitié pour nous.
C'est de lui que nos biens et que nos maux nous [viennent.]
Ses desseins sont couverts d'une profonde nuit.

E por fim remata :

Tout finit ici bas, et tout s'immortalise
Au delà du tombeau!

Ter-me-hia encontrado mais vezes com ella; mas não reparei nisso. Emfim, apresentaram-m'a em um baile. Natureza delicada, constituição fragil, eminentemente nervosa, excessivamente impressionavel, — romantica, com a leitura de poesias e romances, — com as contemplações de uma vida quasi solitaria,—com o excessivo abuso do chá, persuadia-se de boa fé que era um infortunio vivo, o resumo de todas as dores da humanidade; nem que ella adivinhasse que para com ella o sentimento da commiseração era o que convinha fortalecer em minha alma.

Othello diz de sua mulher, — que ella o amara a elle pelas suas desgraças; e elle a ella porque delle se apiedava.

Creio que entre nós se trocaram as partes.

Compadeci-me: todos os esforços que era possivel fazer para me agradar, ella os fez : todas as considerações, todas as attenções, condescendencias e extremos, eu os tive.

Ia para o Norte, e não me tinha despedido della : o vapor voltou depois de ter largado, e foi precizo isso para que eu lhe fosse dizer adeus. Fui para o Norte, e tive cartas della; não lhe respondi, e ella, constante, em escrever-me : voltando, não a visitei, e ella continuou na sua porfia. Acreditarias que era amor? — ou não queria a pobre provinciana se não escrever ás suas amigas : "Casei-me com um poeta", como se isso fosse alguma cousa.

Outras razões, tu as sabes, me aconselharam que casasse : de mais, — era moça de educação, podiamos ser amigos; todos me fallavam bem do pai, e eu acreditei que poderiamos ser amigos tambem. Casei-me resolvido a fazer, no que eu pudesse, a felicidade de minha mulher; — a sacrificar-lhe tudo, até os meus projectos, as minhas aspirações a um nome nas lettras, só para vel-a satisfeita; até a minha vida, emfim, se ella não pudesse ser feliz commigo.

Disse-lhe isso, meu Theophilo; e seja-me Deus testemunha em como es-

tava bem decidido a cumprir a minha promessa.

Para viver bem, tudo quanto um homem prudente pôde nestes casos prever eu o executei : revelei-me a ella tal qual eu me conhecia : exaggerei-lhe os meus defeitos, para que ella os não extranhasse ; dei-lhe todos os dados para viver bem commigo, para conseguir tudo de mim, — e era isso bem facil, quando eu nada lhe queria negar, e nem quero ainda. — Então por vontade, hoje um pouco por aborrecimento.

Sobretudo, disse-lhe eu, precizo de franqueza : aborreço o disfarce e o fingimento : em querendo alguma cousa diga : "Eu quero" — basta-me isso ; nada lhe negarei, absolutamente nada.

Precizo tambem que V. supponha bem de mim; porque sabendo que é esse o conceito que V. de mim faz, não quererei desmerecer.

Precizo emfim de toda a sua confiança em tudo e por tudo : nunca abusei da confiança de ninguem (ao menos não me recordo disso) não abusarei tambem da sua.

Que fez ella? — Principiou por me suppor interesseiro. Julgou que algum cousa que ella pudesse ter poderia influir na minha resolução ; augmentou o numero dos escravos do pai, occultou-me a existencia de um outro irmão, além da irmã : e, note, nunca lhe havia perguntado pelos seus teres, — não quiz ouvir ao pai quando elle me começou a fallar nisso, — e não sei o que delle recebi, a não ser o enxoval da filha. Já não era suppor bem de mim ; não gostei, mas desculpei-a, attribuindo a desejo de me ver seu marido.

Fallo-te em bagatellas, porque são ellas o que constituem a vida domestica; e nisso se revela melhor o caracter.

Em Agosto do anno em que me casei, fallava-lhe eu com pezar de já nos não podermos casar no dia dos meus annos. Perguntei-lhe, pois, quando fazia annos, a ver se seria possivel então. Disse-me já os ter feito, quando ella nasceu em Outubro, e lembrou-me o dia dos annos do pai — a 26 de Setembro! Se queria casar-se mais cedo, não bastava dizel-o ? Não o tomaria eu como uma desmonstração de amor? — Era, pois, um habito, que lhe não pude tirar de querer conseguir as cousas, não francamente, mas por meio de finuras e espertezas.

Depois de casada, alterou-se-lhe o genio, se é que já não era o começo da molestia, que se vai manifestando agora. Julgou-me por si, entendeu que os meus conselhos eram artificios, que lhe pedia confiança por astucia ; — que a queria fazer tola, quando ella campava de esperta.

Callo-te as ninherias, — em formigueiro de *cousinhas*, não tem outro nome, que me tem atormentado mais do que uma qualidade má, um vicio, um defeito, grande, enorme, mas que fosse um, e franco. Qnando se sabe onde alguem tem chaga, não se lhe toca, e não ha queixa ; mas quando todo o corpo dóe, todo o contacto offende.

Minha mulher crê no fundo d'alma, com a melhor boa fé do mundo, que não tem defeitos. E' esse o peior de todos os defeitos, diz Byron : eu vou além, — esse é o pai e a mãi de todos elles. Em these, ella poderá admittir

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

que não ha ninguem que não os tenha; mas particularisa, especifica-os a respeito della, — desapparecem todos! — não digo bem, convertem-se em outras tantas virtudes; por exemplo, a teima chama-se caracter, — a vaidade e o orgulho e um pouco de soberbia, isso é dignidade, — o animo suspeitoso e desconfiado é penetração, — e a irreflexão e desaforo nas palavras é franqueza!

Trato só do que foi grande infelicidade para ambos.

A minha vida tem sido em casa, — e em casa mesmo é no meu quarto com os meus livros. Minha mulher começou a suspeitar de tudo, a ter ciumes tolos e ridiculos de todas as escravas estuporadas de seu pai, quando de facto nem o meu procedimento, nem os meus modos em casa a autorizavam a isso. Aborreço a espionagem e a desconfiança: disse-lh'o sério, e comtudo dei-lhe um anno para que visse, expreitasse e examinasse, e espiasse á sua vontade; mas que, findo elle, acabasse tambem; porque nem eu sabia viver com ciumes, nem queria aprender como passa a vida fóra de casa. Assim passei um anno, tão longo e cheio de tormentos como os não tenho tido em minha vida, nem Deus m'o dê mais. Dia ou noite, em cada acto meu, em qualquer teia de aranha que o vento desarranjava descobria minha mulher uma trahição.

Disse-lhe que governasse a sua casa como entendesse; despedisse a quem lhe desagradasse, chamasse para a servir a quem lhe conviesse; que a isso eu nada tinha que dizer. Sómente lhe puz uma condição: — fizesse tudo isso, mas sem me tocar em ninguem com um dedo que fosse por minha causa; porque isso — e só isso — lhe não tolerava.

Passei esse anno no meio de uma desconfiança eterna; via a cada hora minha mulher a interromper-me nos meus trabalhos, espiando-me (ao menos nunca pude suppôr outra cousa) a pretexto de me render serviços, sempre cheia de suspeitas, e revelando-as nos modos, no olhar, nos gestos e em tudo, — em casa, e fóra, diante de Deus e de todos: e além de tudo, contrariando o meu teôr de vida, o meu modo de pensar de que não é decente nem de boa educação occupar a attenção de extranhos com desgostos particulares, e contando, supponho, com a minha discreção — dava a entender, e dá ainda, ao primeiro que a quer ouvir, — homem ou mulher — onde quer que seja — as suas infelicidades, devidas só a ser ella o modelo das casadas, e eu o peior dos homens. A isso chama ella franqueza! Supportei-o; mas a bem custo. Em todo esse tempo nada pude escrever de imaginação, — estudar muito pouco, — porque a mim, que sempre antes disso tinha achado uma distracção no estudo, um esquecimento de tudo quanto me incommodava, aconteceu-me um sem numero de vezes estar olhando estupidamente para o papel ou livro, sem me occorrer idéa alguma, sem comprehender o que lia.

Alguma cousa me desagrada: concentro, rumino essa idéa, fica-me uma impressão desagradavel por muito tempo; antes que isso passasse vinha logo um novo objecto de quisilia, que eu curtia silenciosamente. E' misericordia uma boa punhalada, logo de uma vez, profunda, direita ao coração, em vez do martyrio lento de uma carta de alfinetes, que se sentem por todo o corpo, constantemente, ainda que arranham só, sem fazer sangue.

Queres saber? Suspeita que os seus incommodos — sou eu que lh'os communico, — que a envenenam, e eu tolero e encubro o crime, — que a quero

levar para a Europa para a maltratar por lá! Emfim, como seu pai me deu razão uma vez (tratava-se de uns pós de dentes, que ella chamava veneno) disse: — que eu tinha ganhado fama... querendo sem duvida accrescentar que era para commetter depois toda a casta de malvadeza.

Que farias tu?

Alguns motivos de queixa me parece que tenho de meu sogro: graves ou futeis, — pouco importa isso, quando não ha necessidade de que uma pessoa viva constrangida; mas minha mulher, se eu lh'os dissesse, entenderia que era isso por vontade de contradizel-a e de affligil-a.

Por fim deixei-me vencer pelo tédio e aborrecimento de tudo quanto me cercava. Esperava sómente, e esperava como uma grande felicidade, o momento em que os medicos me dissessem: V. não póde mais viver!

Então estava resolvido: mettia-me eu só no vapor, ia para o Maranhão, rever o rio Mearim, e acabar ao menos entre amigos, sem maldizer a ninguem.

Isso, porém, demorou-se muito, — demorar-se-hia ainda muito mais; porque nem o bem, nem o mal, nem a morte vem quando a gente os deseja.

Vamos á Europa, pensei eu: alli talvez possa fazer alguma cousa, — conseguirei talvez que minha mulher aprenda a viver commigo, quando estiver fóra dos seus! Para não lhe tornar muito sensivel a separação, pretendia, como pretendo, levar-lhe a irmã que ella criou. Não a satisfez isso. Além disso percebi então a sua suspeita de que eu a queria levar para a Europa com a intenção de a maltratar por lá! Instei e muito, com meu sogro, para que elle nos acompanhasse. Meu sogro tambem não póde ir só: tem em sua companhia, ou antes na nossa, uma rapariga que passa por sua afilhada. Vexo-me de que minha mulher a acompanhe na rua; minha mulher é filha de seu pai, que para ella é tudo, — entende, e entende muito bem, que pai na vida é um, e marido vem um atraz do outro: não o quer desagradar, embora descontente e me escandalize a mim.

Como meu sogro não póde ir sem essa rapariga, — vá a rapariga tambem! Não o consentiria se achasse mais condescendencia em minha mulher; ou antes não o permittiria, se eu a não considerasse hoje como uma mulher com quem posso ter relações, mas que no fundo d'alma deixou de pertencer-me.

Assim, pois, não posso viver com ella sem torcel-a: seria cousa facil, trabalho de um mez quando muito; mas não o quero nem posso, porque para isso seria precizo empregar meios que repugnam ao meu genio e a minha educação; porque ella está doente; porque, emfim, não vale isso a pena. Se eu não a offendendo, nada lhe recusando, não a desejando senão ver satisfeita, — não lhe tendo pedido senão que não abandonasse o seu piano (o que de nada servio) ainda assim acha ella motivos, para, indirectamente, a todos os momentos, na presença de quem quer que seja, e onde estiver, equiparar-me aos que ella reputa máos ou contrapor-me aos que ella julga bons, vê o que seria se eu mudasse de teôr para com ella! — Não vale isso a pena.

O pai prometteu ir ter a Lisboa commigo; espero-o dous ou tres mezes, —

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

por mais tempo não posso. Em elle lá chegando entrego-lhe a filha, dou-lhes quanto puder, — digo-lhes adeus, — e parto. Terei diante de mim dous ou tres annos; preciso delles, — posso fazer alguma cousa, posso morrer tambem; mas ao menos terei a consolação de os não ter separado nunca, — e morrerei como devera ter vivido, — solitario, e por ventura tranquillo. No fim desse tempo voltarão, mas sem mim ; sejam felizes, — não lhes desejo mal.

Se elle não fôr, o que farei é leval-a para França ou Italia : hei de envidar todos os esforços e esmerar-me por tratal-a bem; empregarei todos os sacrificios, todos os meios para vel-a boa. Conseguindo isto, voltará ella sem mim ou eu estarei louco. Restituo a filha a seu pai só com a differença que a recebo doente e entregar-lha-hei com saude. Não quero a infelicidade de ninguem : seja feliz; e a nossa sociedade, como está, só offerece um meio de se romper o casamento sem escandalo.

Não deveria escrever esta carta; mas parte disso que ahi vai escripto, disse-o ha dous dias ao Segundino e D. Victoria, não o quero esconder de ti; depois, com a certeza de que sabes quanto soffro, talvez me venha o animo de continuar a soffrer ainda mais.

Ainda te escreverei talvez antes da minha partida; no emtanto aceita um abraço de coração e muitas saudades do sempre e cada vez mais — teu mano e amigo do c. — *A. Gonçalves Dias.*

Rio, 19 de Maio de 1854. » (1).

(1) Este documento interessantissimo, diz M. Mello, foi doado pelo Sr. Ferdinand Denis á nossa Bibliotheca Nacional, onde se acha na secção de manuscriptos.

UMA POESIA ANTIGA

Esta poesia foi encontrada no archivo da Ajuda, por Alexandre Herculano, que não poude descobrir o nome do seu autor, mas que a caracterizou como do fim do seculo XVII ou principios do XVIII. Vejam que doce galanteria e delicadeza de expressão :

MOTE

Eu os beijei, eu os vi
Os peitos da minha amada,
Eram de neve coalhada,
Nem sei como os não bebi.

GLOSA

— Sabes, Nerino, o que vae
De novo na nossa aldêa ?
— Que vae, Fabio? — Vae que Altêa
Já com seus peitinhos sae!
— Amigo Fabio, deixae

De mentir-me vir aqui :
Altêa, que eu conheci
Inda ha dois dias mamando?!
— Não tens que estar duvidando,
Eu os beijei, eu os vi.

— Pois sendo Altêa donzella
Deixa-os beijar, deixa-os ver?
— Foi por mais não poder ser.
— Não dou cinco réis por ella!
— Amigo, a muita cautella
A's vezes não prova nada.
— Eu perca toda a manada
Ou della não veja cria,
Si tu vires, algum dia,
Os peitos da minha amada.

— Pois, Nerino, os taes de Altêa
Eu os vi, eu os beijei;
Outros eguaes não verei,
Inda que os busque á candeia.
— Não gabes tanto essa estreia
Que a póde haver melhorada!
— Amigo, não viste nada!
— Nem que o visse consentira.
— Pois, Nerino, sem mentira,
Eram de neve coalhada.

— Devias ficar gelado
Quando os beijaste, tão frios!
— Fiquei cheio de arrepios,
E pateta confirmado!
— Não merece acreditado
Quem ficou fóra de si!
— Nerino, juro que os vi,
Tão de neve a branquejar,
Que quando os fui a beijar,
Nem sei como os não bebi.

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

VERSOS CASTELHANOS

Na primorosa revista *Ideales*, de Caraças (cuja visita é sempre para nós angradevel e lisonjeira) deparam-se entre outros estes dois originaes e bellissimos sonetos. O primeiro.

POBRES OJOS AZULES

(Leoncio Martinez y Martinez)

Pobres ojos azules! que tristeza infinita
su tristeza, que dice de un imposible anhelo
Fragmentos que padecen nostalgias de su cielo.
Faustos que siempre sueñan con una Margarita.

Pobres ojos azules! en su fondo palpita
la ambición de lo etéreo con las ansias del vuelo.
Ojos que exteriorizan la falta del consuelo
que un alma enamorada de un sueño necesita.

Pobres ojos azules! de color de mañana!
Finjen estar oyendo una orquesta lejana
que preludia en el fondo de los celestes tules.

¿Quien supiera lo vago que esos ojos anhelan?
¿Quien volara con ellos al jardin donde vuelan?
¿Quien besara sus párpados?... ¡ Pobres ojos azules!

O segundo é um *Requiem* inspirados nas formulas do decadismo contemporane o

REQUIEM DE OTOÑO

(Jorge Schmidtke)

Cierzo automnal en la hora sensitiva :
el violín de tu trémulo concierto
trueca mi corazón en sangre viva
y en mi torre interior tocan á muerto.

Y la tristeza, inmovil *siempreviva*,
florece en la amargura de mi huerto,
tristeza de crepúsculo y de riva,
de lontananza y de paraje incierto.

Tristeza del festín hosco y desierto
que en la oscura cisterna de la ojiva
deja colgar el floripondio abierto;

tristeza sideral y pensativa
del luto de mi alma sensitiva
por la ilusión qu'en la alborada ha muerto.

PECCAVI

Furtei-te um beijo?!
Pois tú me accusas?!
Justificar-me desejo,
De vituperio tão crú.
Inspirem-me as nove Musas...
As dez, que a decima és tú!

Fiquei possesso
Quando me olhaste...
Eu dei-te um beijo, confesso
Mas si fui eu que t'o dei,
Si foste tú que o tomaste
Como fui eu que o furtei?

Teus labios falam,
Teus labios gritam!
Aquelles sempre se callam,
Mas estes dizem de mais;
E se um beijo solicitam,
Não lhes resisto jamais.

Cumplices foram
Do negro crime!
Quando os miseros imploram
Nada lhes posso negar...
Agora dize : perdi-me?
Não! Perdeu-me o teu olhar!

Elle pediu-me
Sem mais refolhos,
Sem mostrar sombras de ciume,
O beijo que aos labios dei;
Vinguem-se os labios dos olhos :
Mandem que os beije : fal-o-ei!

Muita cautélla
E' necessario
Com os olhos ter, minha bella;
A experiencia já fiz
De que estão sempre o contrario
Dizendo do que se diz.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Arthur Azevedo.

Papas na lingua —
Diz o vulgacho
(Um rifão nunca faz mingua) —
Ha muita gente que as tem;
Porém nos olhos eu acho
Que papas não tem ninguem.

Si ainda persistes
Me criminando,
Si os argumentos resistes
Que em versos desenrolei,
Manda dizer onde é quando,
Que o beijo restituirei.

E depois desse
Terno colloquio,
E' natural tudo cesse :
« Ladrão que furta a ladrão
(Vá lá mais este proloquio)
Tem cem annos de perdão. »

ARTHUR AZEVEDO.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

A barra do Rio Grande.

O *Times* de 15 de Julho de 1908 publicou o seguinte artigo do Engenheiro E. L. Corthell :

« A construcção das obras do porto e da barra do Rio Grande do Sul é de ha 50 annos um desideratum do povo do Brasil. A barra maritima deste Estado do Brasil, o mais meridional de todos, tem até hoje sido um estorvo ao livre movimento do commercio : ao mesmo tempo, nas condições actuaes, sem grandes difficuldades e avultada despeza, não podem os productos deste rico Estado de 1.400.000 habitantes chegar aos mercados do mundo, nem dar entrada nelle os productos dos outros paizes.

Pelo lado de dentro da barra, numa distancia de muitas milhas, fica um dos ancorador os melhor protegidos; com uma profundidade minima de 36 pés, e um canal de consideravel largura. Perto deste ancoradouro e ligado a elle por um canal dragado de cerca de quinze pés de profundidade está o porto e cidade do Rio Grande do Sul, com uma população de cerca de 45.000 habitantes.

Estendendo-se, para nordeste, fica uma superficie de agua interna — a Lagôa dos Patos — de cerca de 200 milhas de extensão, das quaes cem com trinta pés de profundidade e 20 a 30 milhas de largura. Vindo de leste dirige-se até ella o rio Gonçalo, passagem de outra grande superficie de agua interna — a Lagôa Mirim — e neste rio, perto da Lagôa dos Patos, fica a cidade de Pelôtas que tem mais ou menos o tamanho da cidade do Rio Grande. Conduz a ella um canal dragado de cerca de 12 pés de profundidade. Perto do fundo da Lagôa dos Patos, fica Porto Alegre, a Capital do Estado, cidade de cerca de 75.000 habitantes. Os canaes de accesso de Porto Alegre para a Lagôa são

Rio Grande. — Trecho da cidade.

muito baixos e tortuosos; com agua baixa só o podem atravessar navios do calado de oito pés, mas o Estado, por meio de dragagem, está-os levando á profundidade de 10 pés.

O Estado do Rio Grande do Sul cobre cerca de 100.000 milhas quadradas e tem quasi o duplo de tamanho do Estado de Nova York. Desde 1876, isto é, ha mais de trinta annos, o problema da barra do Rio Grande absorve a attenção do povo do Brasil e o Imperador D. Pedro II envidou energicos esforços no intuito de resolvel-o. O Governo da Republica jámais deixou tambem de se interessar pela obra projectada, e ha muitos annos, por assim dizer desde que o regimen republicano foi inaugurado, se applica em fazer as combinações preliminares.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

INTENDENCIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

COMMISSÃO DE ESTUDOS DE AGUAS E ESGOTOS

PLANTA DA CIDADE

1900

ESCALA 1:10000

CAMPO DA REDEMPÇÃO

RIO GUAHYBA

Têm estes principalmente consistido em proteger contra os inconvenientes de desabamento e movimento a margem concava ou occidental do canal de passagem da Lagôa dos Patos, Canal do Norte. As aguas de drenagem, vindas de uma área de 63.000 milhas quadradas e entrando na Lagôa em diversos pontos, unem-se com grande volume no Canal do Norte, passando dahi para o mar. Quando sahem da linha de costa espalham-se em fórma de leque sobre uma barra onde existe uma profundidade minima de 11 a 18 pés, como tem sido verificado pelos estudos a que se procede todos os annos desde 1883.

A barra compõe-se de areia com uma leve mistura de barro. A direcção do canal de navegação que atravessa esta barra varia um pouco todos os annos, oscillando lentamente como um longo pendulo de sudoeste para o este e vice-versa, movimento que em geral se executa no periodo de um certo numero de annos. A' semelhança das barras na bocca de outros grandes rios, o canal póde ser aprofundado extendendo-se artificialmente as margens naturaes do rio, barra em fóra, até ao mar franco. A bocca do rio não tem delta; entra no mar num volume compacto, sem canaes subsidiarios. Concentra a drenagem de uma grande área e envia-a para o mar por essa abertura unica; as aguas descarregadas são relativamente claras, pois que os sedimentos carriados pelos rios ficam depositados na Lagôa em pontos que muito distam da barra.

A altura média das marés é de cerca de dous pés e a altura extrema, de cerca de oito pés, em parte devido aos ventos. A direcção geral da Lagôa dos Patos é nordeste-sudoeste. Os ventos dominantes são de nordeste e tendem a arrastar as aguas da Lagôa para a sua sahida do Canal do Norte, abaixando o plano da superficie da agua e até deprimindo-o no oceano, perto da costa. Os ventos do sul têm um effeito opposto que se faz sentir no momento em que elles apparecem, ou mesmo antes delles apparecerem. Sempre que os ventos de nordeste cessam de soprar a superficie do oceano eleva-se e produz immediatamente uma differença de nivel entre o Oceano e a Lagoa, occasionando um declive descendente para a Lagoa e uma corrente que, vinda do mar, afflue para ella.

As correntes do canal do Norte e do Oceano têm sido cuidadosamente medidas; aquella regula cêrca de uma milha por hora, correndo para o sul ao longo da costa e estas variam com as condições de drenagem que dependem da quéda pluvial de cêrca de 46 pollegadas por anno e dos ventos que elevam e abaixam a superficie das aguas, variando a corrente de duas a quatro milhas por hora.

A descarga das aguas do canal do Norte, devido ao volume fluvial que passa para o mar, regula cêrca de 175.000 pés cubicos por segundo durante todo o anno — não sendo raro haver 250.000 pés e até 500.000 pés como maximo — igual á metade da descarga do rio Mississippi na sua boca.

Pelo lado de dentro da barra, no canal do Norte, fica um profundo e amplo

canal de quatorze milhas de extensão, com uma passagem de trinta e tres pés de fundo e uma largura de tres quartos de milha. Esse esplendido canal prova a existencia de fortes correntes persistentes de que se póde lançar mão para aprofundar o canal através da barra oceanica e leval-o á profundidade existente no canal do Norte.

As condições hydraulicas e por assim dizer todas as condições physicas são muito favoraveis aos melhoramentos projectados, que consistem principalmente de dous diques ou molhes parallelos estendendo-se da costa maritima, na boca do rio, até fóra da barra, com uma profundidade de 31 pés no mar. A largura entre os molhes, na barra, será de 2.460 pés, um pouco menos do que a largura do canal hydraulico dentro das linhas de costa. Esses molhes serão construidos de pedra bruta commum; as suas paredes serão bem protegidas por grandes pedras do peso de cinco a dez toneladas; quanto ás partes mais expostas, a sua protecção consistirá em blocks de pedra ou concreto de 20 toneladas de peso. A parte central dos molhes será feita de cascalho, afim de que elles offereçam penetração á agua. Quando necessario, a base dos diques será feita de colchões formados por feixes de troncos de salgueiro. Os diques ficarão muito acima da linha da maré alta e a sua altura augmentará á medida que se approximarem do mar, sendo que a elevação gradual começará da costa e terminará aos extremos no mar onde, sobre uma base ampla e estavel, serão construidos pharóes para marcar a entrada do canal, pelo lado do mar.

Afim de que os diques sejam construidos com rapidez, o que é ponto essencial neste genero de obras, será construida a partir da praia uma estrada de ferro de linha dupla para o transporte da pedra aos extremos sobre o mar, onde os carros, carregados com pesos de 25 toneladas, serão suspensos por guindastes Titam ou Golias de 50 toneladas, despejando-se a pedra dos carros para o mar á frente dos diques, ou sobre as suas muralhas. Desde que se saiba que em certas occasiões têm de ser depositadas diariamente tres a quatro mil toneladas de pedra, comprehender-se-ha por que motivo se tem de preparar installações especiaes e attender a essas facilidades extraordinarias. A obra toda deve necessitar cêrca de tres milhões de toneladas de pedra. Esse material virá de pedreiras que ficam a cêrca de cincoenta milhas das obras, e para o seu transporte se construirá uma estrada de ferro especial de 4 pés e 8 1/2 pollegadas de largura, partindo da Barra até Monte Bonito, cêrca de doze milhas ao norte de Pelotas. Essa estrada de ferro terá trilhos de 75 libras e será provida de poderosas locomotivas e de um grande numero de carros para conducção de pedra, de modo que dia e noite se possa constantemente fazer o transporte de material entre as pedreiras e os obras.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

A pedra para o molhe de Léste, que será o maior dos dous e o mais exposto ás ondas, será transportada através do canal do Norte num trem-ferry, ficando a pedra depositada pelo modo que acima dissemos.

Projectam-se algumas obras auxiliares como, por exemplo, a terminação das obras de protecção da margem occidental do canal do Norte, iniciadas pelo Governo, consistindo na formação de colchões de ramos de salgueiro, carregados de cascalho e na plantação de « tamaracks » na ponta arenosa do lado de léste, para impedir a suspensão das areias em consequencia do vento.

O Governo já fez quasi todo o trabalho necessario deste genero. Talvez, porém, se faça alguma dragagem na Barra para apressar o desenvolvimento do canal. Como já dissemos, o volume de agua utilizavel para o aprofundamento do canal é muito grande e as correntes creadas na barra pelos trabalhos de concentração facilmente excavarão e conduzirão a pontos muito distantes do mar as areias que constituem a barra.

E' factor muito importante na marcha dos trabalhos a existencia de correntes de littoral ou correntes da costa. Estas correntes, na situação normal da barra, têm sido sufficientes para impedir que ella avance para o alto mar. As obras augmentar-lhes-hão a velocidade e varrerão as areias que de outro modo poderiam vir a depositar-se defronte das obras. Agirão continuamente como um alisador para destruir o avanço da barra que do contrario occorreria. O seu effeito será precizamente observado nos ultimos doze mezes na boca do rio Panuco em Tampico, no Mexico, onde quem este escreve projectou e construio obras analogas em condições physicas mais difficeis; ahi se manteve desde 1893, sem auxilio de nenhum meio artificial, um canal de mais de 28 pés de profundidade (sendo 24 o maximo exigido), havendo hoje nelle mais agua e mais profundidade de agua defronte das obras do que em 1889, quando foram feitos os estudos preliminares para as obras nesta barra tempestuosa e movediça, ao tempo com 8 1/2 pés de agua sómente. As forças hydraulicas de que se póde lançar mão no Rio Grande são tres vezes maiores que as de Tampico. Os engenheiros e os contratantes emprehenderam levar a bom termo dentro de cinco annos essas grandes obras.

Essas obras de porto seriam, porém, do pouco valor commercial sem o auxilio de facilidades de porto no ancoradouro a que antes nos referimos. O Governo tambem confiou essas obras ao autor do presente e aos que lhe estão associados. A concessão comprehende ambas as obras e o seu prazo estende-se até 1973 ou 1975, conforme fôr ou não feita a segunda secção do porto.

Num lugar chamado « Ladino », que tira o seu nome de uma ilha sobre as margens do Canal do Norte, a cêrca de nove milhas de distancia das extremidades dos molhes sobre o mar, e immediatamente ao longo do porto existente do Rio Grande, será construido um porto moderno com uma profundidade de 34 pés na baixamar, em frente de uma muralha de cáes feita de alvenaria, com um pouco menos de uma milha de comprimento.

Nesta muralha e por trás della, sobre cêrca de dez milhões de jardas cubicas de aterro de areia dragada do canal e do porto, serão installados guinchos electricos da capacidade de 2 1/2 toneladas a trinta toneladas, linhas de estrada de ferro, cabrestantes electricos, armazens, camaras frigorificas, um curral para embarque de gado, um deposito de carvão funccionando pela electricidade, um deposito de inflammaveis e todos os outros melhoramentos destinados a attender ao movimento rapido e economico de cargas, bem como ao armazenamento e exportação dos variados productos do paiz, trazidos ao porto por estrada de ferro e agua e dos diversos artigos de importação, extrangeiros ou costeiros, de que necessita a grande população.

A companhia da estrada de ferro belga, cujo ponto terminal será a cidade do Rio Grande, arrendou ao Governo Federal cêrca de 900 milhas de estrada de ferro e está agora tratando de construir mais seiscentas milhas para ligar e estender a sua rêde que alcança a Argentina pelo lado do Occidente e o Uruguay pelo Sul; ao mesmo tempo está construindo ramal para o norte até ás fronteiras do Estado vizinho de Santa Catharina, onde se ligará á rêde da S. Paulo-Rio Grande, pondo assim em ligação nos proximos tres annos, por estrada de ferro, o Rio de Janeiro e o Rio Grande. Os variados productos do Estado alcançarão tambem o porto pela costa e pela navegação da Lagôa, que offerece accesso aos varios rios numa grande distancia, acima e a oeste de Porto-Alegre. Os productos serão trazidos ao novo porto por barcas, pequenos vapores e navios a vela, sendo a importação distribuida por fórma identica.

A base financeira das obras da barra é um contrato com o Governo Federal, que pagará o canal a ser feito, devendo os pagamentos totaes attingir a 18.000 contos ouro em dinheiro, ou sejam 2.025.000 libras dinheiro esterlino. O Governo reterá um decimo desta somma — metade durante dez annos depois de haver sido obtido o canal, maximo, metade durante vinte annos, prazo durante o qual essa somma será considerada como ganha e o Governo pagará á companhia cinco por cento de juros sobre as sommas retidas. Quando se obtiver um canal de seis metros de profundidade serão pagos 5.400 contos, ou 607.500 libras; sete metros, 3.600 contos ou 405.000 libras; oito metros, 1.800 contos ou 202.500 libras; nove metros, 1.800 contos ou 202.500 libras; dez metros, 3.600 contos ou 405.000 libras; 1.800 contos serão retidos como acima explicámos para garantia do canal.

As investigações commerciaes feitas com o maior cuidado mostram que os resultados financeiros da exploração do porto serão inteiramente satisfactorios. Não só o volume do commercio existente é já sufficiente, como o desenvolvimento normal, embora na vigencia das onerosas condições materiaes

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

existentes e com uma barra que torna difficeis as operações commerciaes, claramente aponta a probabilidade de um commercio muitissimo maior na época em que as obras estiverem promptas a funccionar e existir um canal para navios do calado de 10 metros (32.8 pés). E' cousa sabida que o augmento de facilidades concorre para o augmento do commercio e certamente assim succederá neste caso, em que as barras que hoje constituem um obstaculo ao commercio serão franqueadas de sorte a deixal-o passar livremente.

O custo das obras do porto será mais ou menos o mesmo que o das obras da barra. Foi organizada a companhia franceza — « Compagnie du Port du Rio Grande du Sud » — que tomará a si a concessão do Governo Federal do Brasil. As negociações foram concluidas com a « Banque de Paris et des Pays-Bas » e com a « Société Générale de Paris ».

O contrato foi feito com uma forte companhia franceza, comprehendendo os conhecidos contratantes Srs. Daydé et Pillé e Fougerolles Fréres et Groselier, que em commum uns com os outros e separadamente construiram os portos de Pauillac, Cherburgo, Havre, Bizerta, Madagascar, Guinea, Molhe da Bocca, Panamá e muitos outros portos, estradas de ferro, pontes e obras de construcção em varias partes do mundo. O seu pessoal está agóra em viagem para o Rio Grande e vai immediatamente tomar conta da obra por conta dos contratantes.

A construcção começou em Dezembro do anno passado e desde essa data têm proseguido os trabalhos : extracção e transporte da pedra da pedreira da Lagôa; construcção de um aterro para a estrada de ferro desde o extremo do dique de oeste, na costa, em direcção á pedreira do Monte Bonito; outras obras de engenharia e de construcção necessarias. Ha excellente material utilizavel nas obras, — pesado granito porphyrico, boa areia, bons salgueiros em abundancia para o trabalho dos diques do porto, revestimento, protecção das margens e diques maritimos. Encontra-se pessoal em abundancia e a preço barato. O clima é tal que se póde proseguir com as obras durante todo o anno. Um dia de trabalho num clima desses representa mais do que em alguns climas onde o calor é extenuante e a humidade exerce um effeito deprimente.

Um estudo cuidadoso de todas as condições — physicas, industriaes e commerciaes — confirma a opinião geral de que a mudança da barra do Rio Grande e a construcção de um porto moderno nas proximidades do Canal do Norte, revolucionarão o sul do Brasil e em grande escala promoverão o bem estar da sua população. O porto do Rio Grande do Sul tornar-se-he um dos mais importantes da America do Sul e converter-se-ha um entreposto dos navios de melhor classe que visitam os paizes desta região do mundo — o Brasil, o Uruguay, a Argentina e o Chile.

COLONIAS ITALIANAS

« O Rio Grande do Sul (diz um escriptor italiano) é um vasto e fertilissimo Estado do Brasil, onde os Italianos são numerosissimos, especialmente nas colonias agricolas disseminadas por toda parte. Pouca gente conhece, provavelmente, as esplendidas residencias desses nossos compatriotas, nem ninguem imagina que tanto sangue italiano trabalhe e viva naquellas terras. Não me demorarei aqui em descripções ; limito-me a mencionar os lugares, villas e cidades onde os Italianos se encontram em maior numero. Esta rapida excursão através do Estado do Rio Grande parece-me offerecer algum interesse.

Depois de um percurso de treze kilometros de Porto Alegre, a estrada de Ferro chega a *Tristera*, localidade alegre e cheia de vida. Uma commoda estrada de rodagem leva a Villanova de Italia : terra fertilissima que está fazendo progressos maravilhosos devido ao trabalho intelligente dos colonos italianos.

A colonia de Villanova de Italia foi fundada em 1904 por um grupo de emigrantes triestinos e mantuanos. Em dezesete annos prosperou extraordinariamente e hoje em dia abastece de toda especie de frutas o mercado da Capital. Tambem a praça do Rio de Janeiro está começando a ser-lhe bom mercado consumidor. A producção do vinho é alli das mais auspiciosas. Villanova augmenta constantemente de numero de habitantes e de extensão de territorio.

Nos arredores de Porto Alegre encontram-se muitas fazendas de propriedade de italianos. Proxima de *Passo da Areia* está a do Sr. Giacomo Bernardi de Marostica (Vicenza), que faz grande commercio de leite. E' um criador de gado modelo, e muitos, seguindo o seu exemplo, poderiam conseguir depressa uma posição segura.

Marianna Pimentel é uma colonia do suburbio, rica de agua e fertil, onde, em trezentos lotes, vivem mil e quinhentos Italianos, na maioria proprietarios em condições muito prosperas.

Adiantando-nos pelo rio Cahy, encontramos S. João Montenegro, com trinta mil habitantes, porto fluvial activissimo e muito industrial. Os italianos aqui são antes em numero reduzido, mas esses poucos occupam todos excellente situação. Tambem S. Sebastião, localidade proxima, conta uma pequena colonia italiana que promette muito e que saberá certamente aproveitar as enormes riquezas do sólo fertilissimo.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Tomemos novamente a estrada de rodagem, e estamos em Caxias, onde, dado o grande numero de Italianos ahi estabelecidos, á praça principal se deu o nome de Dante. Caxias foi fundada em 1870 por algumas familias italianas: os diversos nucleos do municipio são *Nuova Trento*, *Nuova Milano* e *Nuova Padova;* tem quarenta mil habitantes, dos quaes nove decimos são italianos.

Está situada em posição amena, com clima salubre, sólo fertil e adequado á cultura de plantas de toda especie.

Existem ahi moinhos de agua e a vapor, fabricas de tecidos de lã e seda, sessenta serrarias, distillações de alcool e muitas outras industrias lucrativas.

Desçamos agora em *Bento Gonçalves*, communa autonoma, fundada em 1875, com vinte mil habitantes, dos quaes sete mil são italianos. A influencia dos nossos patricios é alli consideravel; uma importante secção chama-se *Nuova Pompei*, outra *Caravaggio;* um districto tem o nome de *Mombello*. Os principaes productos locaes são: banha de porco, cereaes, cordagem, linho, assucar, carne de porco, cera, mel, queijo, forragem, ovos, etc.

Continuando para o norte encontramos *Alfredo Chaves*, onde em 1884 chegaram os primeiros colonos italianos. Hoje em dia são tão numerosos, que os dous districtos têm os nomes de *Monte Veneto e Nuova Bassano*. São proprietarios de bellisimos lotes coloniaes, que já estão quasi todos pagos, e sorri-lhes um futuro feliz e seguro. O territorio de *Alfredo Chaves* é dos mais ferteis do Estado. A agricultura é alli exercida em larga escala. Os productos mais remuneradores são: vinho, cereaes, laranjas, bananas, café, algodão, assucar, e toda especie de frutas.

Localidade que podemos dizer italiana e que confina com *Antonio Chaves*, é *Antonio Prado*, fundada em 1886 por colonos italianos vindos de Vicenza, Treviso, Mantua e Padua. A população é de dez mil habitantes; os Italianos figuram nella na proporção de 85 por cento.

As condições economicas de *Antonio Prado* são optimas porque é ahi que vão vender e comprar todos os habitantes das numerosas fazendas e estancias circumvizinhas.

No meio desses extensos e uberrimos campos ha uma cidade que se chama *Garibaldi*. Sabieis? Certamente é uma gloria italiana e digna do nosso orgulho. Desde 1902, é *Garibaldi* communa autonoma, conta quatorze mil habitantes, dos quaes cinco mil italianos. Estes cultivam as melhores terras e o seu trabalho produz a maior parte dos generos agricolas que constituem o commercio principal do lugar. As industrias mais activas são a da madeira e a do vinho, que deram grande reputação aos nossos patricios.

Colonias das mais recentes é *Guassoré*, á margem do rio do mesmo nome. A sua colonização foi iniciada em 1892; actualmente conta vinte e cinco mil habitantes, com dezesete mil Italianos. A exportação é consideravel, especial-

mente de herva mate, de que se exportam cerca de quarenta mil kilos por anno.

As industrias estão começando a tomar grande incremento e já se contam algumas fabricas de chapéos de palha, moinhos a vapor, cortumes, etc. A colonia está situada em amena collina ; tem jardins publicos, igrejas, escolas, associações, etc. As ruas medem vinte e cinco metros de largo.

Navegando em rapidas lanchas a vapor, encontramos *S. Jeronymo*, localidade industrial e rica.

A cultura da herva mate e do arroz é a principal occupação dos habitantes. Muitos trabalham tambem na extracção de mineraes. Dos desoito mil habitantes que conta a localidade muitissimos são italianos. Nas proximidades, em 1880, fundou o Governo uma colonia a que deu o nome de *Barão de Triumpho* e foi confiada a colonos italianos, qué alli deram optima prova, e certamente continuará a prosperar de modo animador.

Demos um pulo a *Santa Maria*, bella cidadezinha, centro importantissimo de movimento ferro-viario, por ser ponto de partida de duas linhas. A população de Santa Maria é de trinta e cinco mil habitantes, sendo que oito mil são italianos.

A luxuriante collina de *Arroio Grande* é a predilecta dos nossos patricios, que alli são todos bons proprietarios, gozando de muita estima e occupando cargos importantes na administração publica. Os principaes productos são: cereaes, vinho, seda, artigos de ceramica e gado.

Proximo de *Santa Maria* ha duas outras pequenas colonias italianas, que vão sempre progredindo e desenvolvendo o seu commercio.

Na serra do Pintaol, situação encantadora de uma fertilidade rara, encontramos uma colonia italiana de oitenta familias, para alli chamadas pelo benemerito Antonio Alves Ramos. Os nossos patricios prosperam alli admiravelmente, podendo-se dizer que lançaram as bases de uma futura proxima cidade.

Mais um pulo e estamos em Cruz Alta : cidade pequena, rica, de arte religiosa, porque deve a sua fundação aos jesuitas. Está destinada a grande futuro logo que a estrada de ferro a puzer em communicação com as outras colonias da região.

Perto de Cruz Alta fica a colonia de Jsyuschf: centro importante que deve a sua prosperidade aos italianos, que alli se acham estabelecidos ha annos e em numero assás consideravel.

Corramos agora a Pelotas, uma das cidades mais bonitas do Brasil. Aqui encontramos os italianos, especialmente no porto, entre os commerciantes, e

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

no mercado, onde vendem artigos de todos os generos. A Italia está tambem representada nas numerosas colonias que existem nos arredores. Em Pelotas os nossos patricios occupam uma posição segura e não inferior á de outras nações.

Finalizaremos esta representação cinematographica no Rio Grande : cidade formosa e pittoresca, a mais antiga do Estado. As suas riquezas são a industria e commercio. O ponto principal é o porto, onde estão estabelecidos numerosos italianos. Muitos possuem casas de negocio em excellente pé de prosperidade. Os operarios occupam-se de industrias mecanicas, textis e alimenticias. Em todas as casas de negocio encontram-se italianos ; o mercado e as ruas estão cheias de uma infinidade de vendedores ambulantes e todos trabalham com bom proveito.

Está terminada a minha corrida vertiginosa. Fui certamente demasiado breve ; mas consola-me a esperança de ter despertado em algum leitor estudioso o desejo de consagrar algumas horas a ler e meditar os brilhantes volumes recentemente vindos a lume ácerca da fertilidade, belleza e riqueza do Rio Grande do Sul.

ESTADO DO SÃO PAULO

A proposito da Exposição Nacional foram divulgadas as notas seguintes.

— S. Paulo contava 1.039 *escolas* primarias com 24.732 alumnos. Vinte annos depois, o Estado e os seus municipios mantinham 1.473 escolas, inclusive os grupos escolares com um total de 70.336 alumnos.

— A diffusão da cultura attesta-se pelo desenvolvimento de serviços especiaes como por exemplo o serviço postal. Em 1886, não excedia o *movimento postal* de uma media de 5,1 por habitante. Em 1907 o movimento era de 174.577.120 objectos, ou 68,26 por individuo, coefficiente, segundo dados officiaes, superior aos registrados na França, Italia, Hespanha.

— Com o *telegrapho* a mesma cousa se dá, pois se ha vinte annos S. Paulo só tinha as estações federaes, é hoje possuidora de 23 estações ligadas por uma rêde de 1.054 kilometros de extensão e com um movimento que foi em 1907 de 600.726 telegrammas.

— A VIAÇÃO FERREA duplicou tambem no mesmo espaço de tempo. Hoje é de 4.082 kilometros de extensão. E os resultados financeiros que em 1886, em oito linhas ferreo-viarias, eram de 15.412:099$570 contra uma despeza de réis 7.822:479$999, o que deixa um saldo de réis 7.589:619$531, estavam multiplicados por sete em 1907, pois as receitas eram em 15 linhas de réis 84.862:201$510, as despezas de 45.037:527$514 e o saldo de 39.860:668$797.

— A NAVEGAÇÃO FLUVIAL tambem augmentou e as entradas e sahidas pelo porto de Santos fizeram desse porto o segundo da União, passando Recife e Bahia, pois em 1900 registravam-se 2.714 embarcações entradas e sahidas com 5.401.087 toneladas.

O *desenvolvimento* agricola nós o estudamos. Ha o café, com a producção triplicada no periodo de vinte annos, mas ha tambem o assucar, o arroz, que nos ultimos tres annos adquiriu grande força, multiplicando-se por vinte, e a polycultura iniciada pelo governo para amparar a « crise » da superproducção do café. Da producção total foram exportadas por via maritima e terrestre as seguintes quantidades dos productos em confronto :

Productos	1887	1907
Café, kilos	161.654.199	674.863.571
Arroz, kilos	83.832.030	7.081.614
Algodão, kilos	315.620	45.387
Fumo, kilos	94.121	483.087
Assucar, kilos	25.592	47.711
Feijão, kilos	40.625	1.757.431
Milho, kilos	47.940	2.044.929
Cereaes diversos, kilos	—	7.539.247
Bananas, kilos	—	3.255.661

A area cultivada nos dois annos, com todos os productos agricolas, progredio deste modo :

Em 1887	539.379 hectares
Em 1907	1.338.788 —
Augmento	799.409 hectares

Se a agricultura assim floresceu, a industria espanta pelo seu incremento. Os dados officiaes dão provas estatisticas. Basta começar pela importação de carvão de pedra :

Em 1887	2.594 toneladas
Em 1907	220.705 —

A exportação do Estado evoluio assim :

Em 1887	1.266.193 kilos
Em 1907	15.078.698 —

Os dados officiaes são curiosissimos no descriminar dessa exportação. Em tecidos de algodão S. Paulo mandava ha vinte annos apenas 274 contos. O

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

anno passado mandou 15.847 contos. Em couro e solas o valor passava de 164 contos a 1.773 contos. Em sabão, cerveja, aniagem, calçado e outros artigos, as quantias de insignificantes estavam englobadas na somma de 234 contos, e em 1907 já se separavam com os seguintes resultados:

Calçados.....	5.508 contos
Aniagem.....	2.389 —
Cerveja.....	1.270 —
Garrafas, vidro e louça.....	774 —
Impressos e papel.....	1.048 —
Phosphoros.....	423 —
Outros.....	2.234 —

De chapéos que em 1887 só se tinha exportado um conto de réis, sairam em 1907 2.414 contos de réis e a industria de tecidos de algodão, por ser a mais prospera, tem estes esclarecimentos:

	1887	1907
Fabricas.....	12	25
Operarios.....	1.600	7.000
Producção (metros).....	12.000.000	40.000.000
Capital (contos).....	4.000	30.000

O Centro Industrial do Rio de Janeiro representou S. Paulo industrial pelos seguintes algarismos:

Estabelecimentos fabris — 323.
Numero de operarios — 23.007.
Capital empregado — 114.822:000$000.
Valor da producção — 117.377:000$000.

Mas isso está muito longe da realidade, porque a recebedoria de Rendas do Estado collectou em 1906 de 693 emprezas industriaes com um capital realizado de 244.387:744$000.

O resultado desse desenvolvimento agricola e industrial foi a expansão commercial. E' esse o quadro comparativo em vinte annos do movimento para o Exterior ou para os Estados.

Em 1887.

Exportação.....	85.106:441$831
Importação.....	33.247:205$178
Total.....	108.453:650$009

Em 1907.

Exportação.....	353.919:960$161
Importação.....	188.409:260$420
Total.....	542.329:240$581

Estes dados, que o Estado distribue largamente e só não sabe quem não quer, dizem apenas isso : houve em 20 annos um accrescimo de 400 0/0.

Em 1887 cada habitante de territorio paulista importava e exportava a quota de 88$887. Vinte annos depois, é quasi o tripulo : 212$678 por cabeça. E a exportação sempre foi maior que a importação.

No que respeita particularmente ao café ha as seguintes notas :

Em 1877 Santos exportava 998.952 saccas. Em 1906 exportou 15.392.170. E' a plethora. Vale compulsar o quadro estatistico abaixo :

ANNOS	SANTOS	RIO	VICTORIA, BAHIA e outros PORTOS NACIONAES	OUTROS PAIZES
1877—8	998.952	2.676.724	—	4.270.000
1878—9	1.210.164	3.729.522	—	4.277.000
1879—0	1.012.139	2.996.981	—	4.090.000
1880—1	1.125.915	4.521.093	135.945	4.192.000
1881—2	1.723.332	3.811.000	126.477	4.113.000
1882—3	1.967.881	4.736.899	147.235	4.944.000
1883—4	1.871.516	3.185.823	108.569	3.979.000
1884—5	2.001.721	4.276.428	121.000	4.149.000
1885—6	1.668.980	3.779.218	208.000	3.566.000
1886—7	2.583.458	3.499.099	150.000	4.195.000
1887—8	1.220.145	1.910.829	106.000	4.070.000
1888—9	2.634.990	4.188.669	191.000	3.819.000
1889—0	1.870.202	2.427.673	184.000	4.215.000
1890—1	2.952.322	2.421.824	218.000	4.790.000
1891—2	3.386.084	3.718.899	400.000	4.437.000
1892—3	3.206.333	3.112.476	342.000	4.574.000
1893—4	1.685.055	3.856.304	728.000	4.311.000
1894—5	4.007.376	2.693.001	512.000	4.257.000
1895—6	3.093.548	2.398.988	514.000	4.546.000
1896—7	5.104.486	3.578.782	614.702	4.651.000
1897—8	6.152.591	4.304.638	755.778	4.840.000
1898—9	5.589.650	3.323.160	556.637	4.405.000
1899—0	5.711.732	2.395.337	456.385	4.320.000
1900—1	7.973.148	3.015.968	384.255	3.785.000
1901—2	10.171.916	5.371.775	709.365	3.643.000
1902—3	8 357 449	4.002.984	612.065	3.752.000
1903—4	6.402.477	4.056.587	709.191	4.628.000
1904—5	7.423.002	2.591.567	568.731	3.820.000
1905—6	6.982.885	3.406.035	626.353	3.480.000
1906—7	15.396.170	4.439.963	559.965	3.475.000

Em 54 annos, os pés plantados em Jundiahy davam esse resultado !

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

A CIGARRA, A FORMIGA E A ABELHA

APOLOGO EM TRES SCENAS

A' senhorita Margarida de Queiroz.

INTERLOCUTORAS.

A CIGARRA, mendiga.
D. FORMIGA, orgulhosa dama.
D. ABELHA, rica proprietaria.

ACTO UNICO.

A scena representa um campo verde, em plena manhã de inverno. Passaros cantam nas mattas, longe. Ha perfumes no ambiente. D. Formiga entra, atarefada, como quem volta para um trabalho ingente.

SCENA PRIMEIRA.

D. FORMIGA, D. CIGARRA.

D. FORMIGA, *só, cheia de si.*

Ora, cansada me vejo... Mas não devo descansar... Dos ventos ao forte beijo, ha sempre opportuno ensejo para o *pão nosso* ganhar... Assim trabalho o anno inteiro, e um labor vem de outro após...

Não fosse aquelle traiçoeiro tamanduá, nosso altaneiro, nosso inimigo feroz... (*Pausa*) Em casa, porém, marchando nos dictames do labor, de formigas lindo bando sempre obedece a meu mando, sem repouso e com temor. Por mais que a Abelha me diga que muito ambiciosa sou, desta lei não me desliga... Quem, mais que Dona Formiga, pelo trabalho se alçou?! Dirão que não tenho juizo; mas não perco a minha lei. O trabalho é um bem preciso. E apenas quem não tem sizo negar pode o que affirmei...

A CIGARRA, *entrando, humilde.*

Senhora Dona Formiga, tenho o prazer de a saudar...

D. FORMIGA, *com desdem.*

E's tu? (*A' parte*) Preguiçosa antiga, que só vive de cantiga e em nada quer se occupar...

A CIGARRA, *triste.*

Senhora, em magua sem nome eu, do inverno, sinto o horror... Meu corpo o frio consome; e, estando cheia de fome, venho pedir-lhe um favor; dê-me um pão... que sua amiga hoje lhe jura pagar, senhora Dona Formiga, um dia a divida antiga, e os juros que acarretar...

D. FORMIGA, *ironica.*

E' a tal historia! Entretanto, que fizeste no verão?

A CIGARRA, *acanhada.*

Apaixonada do canto, cantei muito, e tanto, e tanto, que até me esqueci... do pão! (*Lyrica*) Sempre, á beira dos caminhos, desde o matineo arrebol, saudava, junto dos ninhos, os implumes passarinhos e o fulvo nascer do sol... Nas madrugadas formosas, trillava então, sem cessar, vendo as flores olorosas e as borboletas nas rosas...

D. FORMIGA, *orgulhosa.*

E hoje?

A CIGARRA, *melancolica.*

Um pão venho implorar...

D. FORMIGA, *rancorosa.*

Pois, permitte que te diga, bem punida ficarás... Sabe que Dona Formiga nunca viveu de cantiga e odeia a quem nada faz...

A CIGARRA, *supplicante.*

Assim, logo, não tem pena desta magua a me pungir, da angustia que me envenena?

D. FORMIGA, *implacavel.*

Ha de servir-te, pequena, de lição para o porvir... (*Com muita ironia*) Então sempre, nos caminhos, saudavas o claro sol, e as flores e os passarinhos inda implumes em seus ninhos, — desde o matineo arrebol? Tens o premio do vadio... — Eu não gosto de emprestar... Tu sentes pezar sombrio? pois quem cantava no estio, deve no inverno dançar!

(*Sae orgulhosamente.*)

SCENA II.

A CIGARRA, D. ABELHA.

A CIGARRA, *só, com desespero.*

E vae seguindo, sem caridade! Desta mendiga que bate á porta não tem piedade! não tem piedade, e a esmola julga ser letra morta! (*Religiosa, ajoelhando-se*) Senhor dos campos verdes, suaves, onde, passando, soluça o vento: ás pequeninas, implumes aves que não trabalham vós daes sustento! (*Com expressão*) Senhor, lembrae-vos que promettia Jesus em sua santa oração — dar-nos sobre a terra o pão de cada dia! Dae-me esse pão!

D. ABELHA, *entrando e ouvindo.*

Aos céus quem pede sustento? Quem pede esmola? (*A' Cigarra*) Sois vós?

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro **1º** premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

A CIGARRA, *chorosa.*

Não tendo lar, sigo ao vento, da fome ao negro tormento, do frio ao martyrio atroz...

D. ABELHA, *compassiva.*

Pois, vinde... Em minha colmeia, eu vos offereço um lar, quente abrigo e lauta eeia... E que do cantar descreia quem nada obteve a cantar...

(*As duas vão a sair, quando Dona Formiga entra apresadamente, desvairada, de azas batidas. em gritos*).

SCENA III.

A CIGARRA, DONA ABELHA, DONA FORMIGA.

D. FORMIGA, *aterrada.*

O' desespero medonho! Perdi todo o meu labor! Nem sei onde os passos ponho! Durmo? acaso sonho? Acaso sonho? Horror! Tres vezes horror!

D. ABELHA, *intervindo.*

Que sombrio soffrimento tão grandes maguas vos dá?

D. FORMIGA, *mais calma.*

Um tamanduá, bicho odiento, tomou nosso acampamento... O' medonho tamanduá! Sem saber que rumo siga, tendo além perdido os seus, eis a misera Formiga... (*Mostrando a Cigarra*) Eu fui má para esta amiga... Castigada sou por Deus!

(*Vae sair, e Dona Abelha a detem*).

A CIGARRA, *a Dona Abelha.*

Senhora, dae-lhe sustento...

DONA ABELHA.

Era essa a minha intenção. (*A' Formiga*) Contra o frio e contra o vento tambem tereis aposento, lá na minha habitação. E ouvi, Cigarra e Formiga, o conselho que vou dar: quem não trabalha, mendiga; mas quem os pobres profliga ha de um dia mendigar... Ora, na santa harmonia dos santos dictames seus, Deus quer trabalho e alegria, mas cada qual no seu dia... Não seguis a lei de Deus! Sim... nosso viver tristonho diversas partes contèm: uma, do canto, do sonho; a do labor, não me opponho... Mas haja a parte do Bem! O trabalho deve, entanto, preceder sempre a canção.., Porém, nem muito, nem tanto... Nem tudo, Cigarra, ao canto! Formiga, nem tudo ao pão! Vinde commigo, Formiga; vinde, Cigarra, com os meus... E que nossa voz bemdiga Aquelle que os máos castiga, e os miseraveis abriga!

A CIGARRA, DONA FORMIGA E DONA ABELHA, *erguendo as mãos aos céus.*

Bemdigamos, pois, a Deus!

(*Exeunt*).

22-10-1902.

BENEDICTO OCTAVIO.

ESTADO DO PERNAMBUCO

A facto mais consideravel é a construcção do porto da capital.

Depois de antigos projectos, adoptou-se definitivamente o que pareceu o melhor.

« Cogita o novo plano de obras de duas naturezas, isto é, de melhoramentos cuja execução não póde ser adiada sem prejuizo do projecto e melhoramentos de menos urgencia, cuja realização será objecto de futuras deliberações.

A concurrencia aberta versou exclusivamente sobre aquelles, como se vê da parte do edital que reproduzimos e nos parece sufficiente para dar idéa exacta e preciza da grandiosidade do emprehendimento que vai abrir á formosa Veneza Americana uma nova éra de brilho e opulencia :

« As obras a executar são as seguintes :

1.º — Um quebra-mar enraizado na extremidade norte dos recifes emergentes, proximo do pharol do Picão, e construido por sobre as linhas de recifes submersos e avançando para o mar até a profundidade de 9 metros sob aguas minimas, com a extensão total de 1.147 metros.

2.º — Um molhe de pedra jogada, partindo normalmente do isthmo de Olinda, em direcção ao mar, e terminando em quebramar na mesma profundidade que a obra precedente, com a extensão total de 798 metros.

3.º — Cáes para atracação, carga e descarga de navios, sendo :

a) Um cáes para 10 metros de profundidade em aguas minimas, na extensão de 574 metros, entre a extremidade do cáes do norte e um ponto fronteiro á fortaleza do Brum.

b) Um cáes para 9 metros de profundidade em aguas minimas, com 60 metros de desenvolvimento em alinhamento curvo, em seguimento ao de 10 metros.

c) Um cáes para 8 metros de profundidade em aguas minimas, com 60 metros, em continuação aos precedentes, com 1.311 metros de extensão até o extremo sul do bairro do Recife.

d) Um cáes de 2m,5 de profundidade com 153 metros até a Guarda-Moria da Alfandega.

4.º — O alteamento e regularisação da antiga muralha sobre os recifes emergentes, e a construcção da nova muralha até a casa de banhos.

5.º — A dragagem geral no porto para o seu aprofundamento a 9 metros,

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes

sob aguas minimas, desde a nova entrada do porto entre os braços dos quebra-mares até o começo dos cáes de oito metros de agua, dahi em diante a oito metros sob o mesmo nivel até a distancia de 200 metros do extremo sul dos mesmos cáes.

6.º — O aterro comprehendido entre os novos cáes e o actual littoral.

7.º — O arrazamento do baixio rochoso que obstrue em parte a entrada do porto e alcançando ahi a profundidade de 10 metros sob aguas minimas, e a destruição de pontas de pedras em outros lugares, onde se torne necessario, dos limites da dragagem a nove metros marcados na planta geral.

8.º — Construcção na faixa de 60 metros dos cáes de sete armazens completamente apparelhados, a partir do extremo norte dos cáes, dos edificios para a administração e para a Saude do Porto, assim como a construcção de armazens exteriores em superficie não excedente de 4.356 metros quadrados.

9.º — Apparelhamento dos cáes com linhas ferreas de bitola de um metro, linhas de guindastes de portal electricos, calçamento e drenagem das ruas ».

Se quizessemos fazer, como complemento do nosso estudo, succinta resenha dos trabalhos até hoje executados no porto de Pernambuco, algumas linhas seriam bastantes. De facto, embora tenha existido por muitos annos uma Repartição Geral das Obras do Melhoramento daquelle porto, quasi nada foi nelle melhorado.

Attribuida aos Hollandezes ha a muralha construida sobre os arrecifes, mais de uma vez reparada, o que não impede que reclame novos reparos. De data posterior consta a limpeza feita no ancoradouro em 1816 e a construcção de um pharol em 1819, sob o Governo de Luiz do Rego, que fez construir na mesma época alguns trechos de cáes.

Novos cáes têm sido construidos de então para cá, mas, segundo justissimo reparo do Dr. Alfredo Lisboa, não sómente não foram assentes sobre alicerces sufficientemente profundos, como os materiaes nelles empregados foram em quasi toda parte de pessima qualidade, sendo, além disso, a mão de obra conduzida com extremo desleixo, o que os torna bastante prejudiciaes á escavação do ancoradouro.

Verdadeiramente util só se póde dizer o dique do Nogueira, feito de alvenaria, no intuito de conter as areias da ilha do seu nome e impedir que a mareta penetrasse pelo sul no estuario do ancoradouro.

Da dragagem feita por muitos annos na bacia dos rios e do porto, pouco resultado foi tirado talvez, sendo hoje mais ou menos a mesma de época muito anterior a profundidade do estuario.

Attendendo-se a que nessa época era Pernambuco a provincia que mais concorria para a renda publica, devemos convir que muito pouco se fez então para satisfazer a sua necessidade capital.

Se o empenho e carinho que sempre manifestou pelo seu porto valessem como titulo de recommendação em favor de suas pretenções, ha muito devia

ter sido attendido, assumindo na vida commercial do paiz a brilhante e excepcional situação que lhe reserva a sua proximidade relativa dos centros productores da culta Europa.

Não é tarde entretanto para a justa reivindicação do seu privilegio e o melhoramento de que vai ser dotado será, dentro de poucos annos, a porta aberta que franqueará o passo ao seu progresso, derramando no seu uberrimo sólo a animação e a vida que irão movimentar as suas forças, illuminando a sua historia com o brilho fecundo dos seus grandes dias de prosperidade e de gloria. »

O LUGAR DE CAMÕES NA LITTERATURA

Conferencia pronunciada pelo sr. Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil, nos Estados Unidos, perante os alumnos da universidade de Yale, em 14 de Maio de 1908.

Quando li os *Lusiadas* pela primeira vez, escrevi immediatamente um livro em que fiz sentir o encanto que a obra me causara, e só dei ao meu acto a excusa de que é sempre aceitavel para um poeta um tributo de amor. Não me arrependo de haver registrado em lettra impressa essa primeira impressão que no correr dos annos se tornou uma fiel admiração e através a vida foi companheira do meu espirito.

Sempre foi meu proposito, entretanto, renovar a Camões na minha madureza o voto da minha mocidade, e é fortuna que eu estava longe de esperar, esta de me ser permittido fazel-o perante uma grande Universidade americana.

Emquanto a cultura litteraria esteve principalmente sob a influencia latina, os *Lusiadas* podiam estar seguros do lugar que para elles reclamava a raça portugueza.

Hoje a cultura vai-se, porém, tornando mais geralmente anglo-allemã e todos os symptomas indicam que, tanto nos paizes anglo-saxões como nos paizes allemães, a grande fama do poema subsistirá sem quebra alguma.

Os tempos que correm, são, porém, duros para os classicos, mesmo para os predilectos, e parece necessario recordar um pouco Camões aos homens de estudo americanos, para quem elle sempre foi mais ou menos um extrangeiro, embora apresentado pelo proprio Longfellow.

E' facil mostrar que grande poeta é Camões.

E' pegar nos *Lusiadas* e lêr o episodio de Ignez de Castro, do Adamastor ou da Ilha dos Amores; para isso é necessario, porém, que o auditorio comprehenda portuguez. Não se podendo dar essa condição, tem-se que recorrer ao traductor, ao auxilio externo. Privar um poeta da sua lingua é tirar-lhe metade da sua alma. Quem poderia traduzir para francez ou italiano o *Allegro*, de Milton. ou *To a*

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Skylark, de Shelley, sem perda do mais precioso que existe em qualquer delles? Todos os grandes poetas são grandes em qualquer lingua, mas nemhum é tão grande em outra como na sua, e a perda que elles soffrem na traducção póde chegar a ser tão importante que venha a ficar prejudicada a posição que elles occupam na litteratura. E' esse o caso de Camões.

Referindo-me a elle especialmente direi que, em competencia com outros poetas, Camões soffre grandes desvantagens perante um auditorio a quem seja extranha a lingua portugueza.

Acima de tudo, Camões é o poeta da sua nação; era esse não só o seu destino como tambem a sua ambição e, como poeta de Portugal, soffre da falta de interesse geral pela raça portugueza, pelo papel que ella representou na historia, pela sua individualidade. Sempre causam no mundo grande encanto os nomes da Grecia, de Roma, das Republicas italianas da idade-média, e essa circumstancia empresta um novo brilho á *Iliada*, á *Eneida*, á *Divina Comedia*. Em tudo tem a fortuna a sua parte, nas nações como nos homens, e na fama tem-n-a mais do que em qualquer outra cousa. Quando pois se trata de apreciar o valor de um poeta, deve-se considerar o attractivo que a sua raça exerce.

Só um verdadeiro Romano poderia dizer com verdadeiro conhecimento em que gráo cada uma das tres linguas — italiana, hespanhola e portugueza — se parece com o seu latim; certamente da lingua mãi muito foi conservado em cada uma dellas e veio a desapparecer pelo uso ou desuso das outras duas: entretanto o portuguez é a irmã desprezada. Deve ser uma questão de prestigio historico. Além disso, o assumpto dos *Lusiadas*, a descoberta do Oriente, appella mais para a imaginação européa do que para a americana.

Para os Americanos Vasco da Gama é uma figura secundaria em relação a Colombo.

O verdadeiro interesse da Descoberta, a nosso vêr, converge para a travessia do Atlantico para o encontro da America.

Resumindo as circumstancias que no extrangeiro militam contra Camões, temos: a geral ignorancia da lingua em que elle escreveu: o muitissimo que elle perdeu nas traducções; o lugar inferior que Portugal occupa na imaginação do mundo: o interesse limitado da lingua portugueza por esse motivo; e, finalmente, a sombra que Colombo projecta, principalmente no espirito americano, sobre Vasco da Gama, quando os considera a ambos como heróes da época dos descobrimentos. Não pensem que deste modo accumulo as circumstancias contrarias ao meu predilecto para o retirar da competencia. Pelo contrario, aferro-me á sua bandeira. Apenas lhes quero explicar a indifferença que se tem pelos Lusiadas fóra da esphera que a lingua portugueza abrange.

Já que fallei nos traductores, quero declarar-lhes que não pretendo apoucal-os. Camões se sentiria orgulhoso da homenagem que elles lhe prestaram. Todos lhe fizeram um grande serviço. A traducção de Richard Fanshaw, publicada em 1655, popularizou os Lusiadas entre os homens de lettras da Restauração. Foi a traducção que Miton provavelmente leu. A de Mickle foi reeditada varias vezes a partir de 1776 e tanto Southey como Walter Scott chamaram a Camões um poeta e um homem de genio. O que elles fizeram em beneficio do 17º e 18º seculos. Quillinan, só em parte infelizmente, Aubertin e Richard F. Burton, fizeram pelo seculo 19º. Apezar disso, não devemos ler nenhum delles com a convicção de estarmos a ler o proprio Camões. Não ha que fiar em nenhum; todos põem no poema muito do seu. Faz-se necessario outro traductor que nada empreste ao poeta e que o deixe apparecer inteiramente só, sem por elle receiar. Onde quer que a traducção de um traductor anterior se verifique ser um perfeito equivalente do original, deve a sua traducção ser conservada. Uma vez attingida a perfeição, o que se deve é simplesmente copial-a. A perfeição é um objectivo final. Uma traducção de Camões, nessas condições, revelaria um Camões muito maior ás raças que fallam a lingua ingleza. Por que não ha de sahir da Universidade de Yale essa

versão em prosa? Homem para isso, tem-n-o ella : — o Professor Henry R. Lang. O portuguez tem, porém, tanta semelhança com o hespanhol e mesmo com o italiano que uma pessoa que leia Cervantes ou Dante no original facilmente verificará por meio de comparação qualquer differença sensivel entre o texto portuguez e a traducção.

Citarei uma estancia dos Lusiadas em portuguez e no italiano para mostrar a semelhança entre as duas linguas e a de ambas com o latim. Camões explica o amor de Venus pelos Portuguezes, que Baccho deseja destruir. Vou lel-a primeiro em inglez : « Against Bacchus stands the beautiful Venus, attached to the Lusitan race for the many qualities she found in it of her own beloved Romans : the stout hearts; the brilliant star, showed on the lands of Tanger : and the language, which, the more she thinks, the more appears to her, with slight change, te be the Latin. » (I, 33.)

Sustentava contra elle Venus bella
Sosteneva contro di lui Venere bella
Affeiçoada á gente lusitana
Affeizionata alla gente lusitana
Por quantas qualidades via nella
Per (tutte) quante (le) qualitá vedeva in essa
Da antiga tão amada sua Romana;
Della antica tanto amata sua (gente) Romana;
Nos fortes corações, na grande estrella,
Nei forti cuori, nella grande stella,
Que mostraram na terra Tingitana,
Que (essa) avea mostrato sulla terra Tingitana;
E na lingua na qual quando imagina,
E nella lingua che piú vi pensa (quando imagina)
Com pouca corrupção crê que é a latina.
Com poca (corruzione) differenza crede che sia la latin a.]

Deixem-me agora dizer algumas palavras sobre Portugal. Portugal foi uma das nações que reprensentaram papel saliente na historia, isto é, uma daquellas graças a cuja iniciativa se cumprio algum destino da humanidade. De certo modo póde-se dizer que todos os navegadores modernos pertencem á escola de Sagres e tiveram como seu mestre o Principe Henrique, o Navegador. Sem fallar nas primeiras descobertas, como as da Madeira, dos Açores, das ilhas de Cabo Verde, foi um Portuguez. Bartholomeu Dias, que converteu o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança; foi outro Portuguez, Vasco da Gama, que primeiro alcançou a India; outro Portuguez, Pedro Alvares Cabral, descobrio o Brasil, e ainda a um Portuguez, Magalhães, pertence a grande gloria da circumnavegação do globo. Sem as grandes descobertas portuguezas, não se poderia explicar Colombo. A influencia dos novegadores portuguezes foi certamente a que mais nelle actuou ; foram elles sem duvida que lhe ensinaram a vida do mar ; casou-se com a filha de um dos capitães do Principe Henrique, viveu por algum tempo em Lisboa e só por algum mysterio, até hoje inexplicado, a honra de auxiliar na realização do seu sonho foi transferida do Rei D. João II de Portugal a Fernando e Isabel. Em 1580, entretanto, tal era então a força do princípio dynastico, Felippe II de Hespanha succedeu ao throno de Portugal e a nação desappareceu.

Foi um accidente providencial o da publicação dos Lusiadas nas proprias vesperas da morte da nação. Dahi resultou, sessenta annos mais tarde, a resurreição da nacionalidade, em todos os mares, quasi intacta, e em certas partes, como no Brasil, mesmo engrandecida. Entre 1572, o anno do nascimento do Poema, e 1640, quando se verificou a Restauração, tinham sido publicadas em Lisboa não menos de treze edições, O nome de per si era como um brado de armas. A obra prima levantou entre as duas raças da fronteira uma barreira intellectual, como a teria levantado « Don Quijote » em favor da Hespanha, se Portugal tivesse sido a nação vencedora. Não ha duvida que o espirito de nacionalidade foi tambem mantido pela lenda de D. Sebastião, cuja volta a Nação Portugueza esperou durante seculos, mas o Se-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

bastianismo, em grande parte, foi uma creação, senão a primeira creação, dos Lusiadas.

A viagem de Vasco da Gama é sómente o episodio do Poema: a divindade a quem elle é consagrado, o seu heroe collectivo é « the noble Lusitan brest whom both Neptune and Mars obeyed. »

« ..... o peito illustre Luzitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram. »

O poeta canta todos aquelles que por valorosos feitos se libertam da Lei da Morte;

« Aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando. »

Como todo o verdadeiro poema nacional, os Lusiadas são divididos em cyclos. Os seus fragmentos são as lendas da Nação, cada uma das quaes apparece como principal emquanto é thema do poeta. O sentimente nacional era tão forte em Camões que tanto ao principiar como ao concluir elle já medita em outro grande acontecimento que cantar. O titulo comportaria tantos cantos quantos porventura fossem os heroicos commettimentos portuguezes. Mesmo qualquer outra pessoa poderia continuar o poema se pudesse encontrar-se alguem que igualasse o poeta.

E' essa a primeira grande impressão dos Lusiadas: o amor da patria. A obra é planejada como para servir de monumento nacional. Os homens e as mulheres da historia portugueza são as estatuas ou medalhões; as batalhas do paiz são as grandes pinturas a fresco: a viagem à India o friso circumdante; os mares e terras descobertas o mosaico do chão. Para comprehender o espaço que nelle se consagra tão sómente á historia portugueza, deve-se considerar que o Poema é ao mesmo tempo a capella e o relicario nacional. Camões, acima de poeta era portuguez, como Dante foi italiano e Milton inglez. Grande parte da sua obra está pois fadada a ser indifferente aos extrangeiros, e outro não foi o seu objectivo. Grandes trechos da obra só podem ser apreciados pela alma portugueza. Em todas as grandes obras litterarias ha tambem, fatalmente, uma grande parte que apenas forma a structura, a massa, o volume da obra. Não precisais aperceber-vos disso; é como a folhagem escura através da qual apparecem espalhadas as flôres: o sólo esteril que fórma o calice do lago de esmeralda. A quantidade da historia portugueza que elle por assim dizer deixa em estado de minerio bruto é muito inferior á que o Poeta converte em perfeita poesia com um simples toque de lenda ou de ideal. Nos Lusiadas, que é senão poesia a viagem dos navios de Vasco de Gama India? a sua exposição das origens da Nação Portugueza? as suas batalhas contra a Hespanha e os Mouros? o encontro da Rainha Maria de Hespanha e de seu pai Dom Affonso IV? a historia de Dona Ignez de Castro? o que são senão poesia os muitos epitaphios que elle consagra aos que morreram em guerra em remotas regiões pelo Rei e pela patria? o itinerario dos enviados de D. João II em busca do caminho para a India? as figuras que elle esculpio em tamanho natural? Que é senão poesia cada um dos seus pequenos desenhos da paisagem portugueza ou de qualquer dos remotos dominios « da pequena casa Lusitana »?

« De Africa tem maritimos assentos;
E' na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera lá chegara. »
(VII.—14).

A outra grande impressão causada pelos Lusiadas é que elles são o Poema do Mar. Camões passou annos da sua vida no mar, numa época em que a navegação á vela creava uma intimidade com elle, tanto na calma como na tempestade, sentimento esse inteiramente desconhecido agora que teve seu termo o reinado dos ventos. Aquella communhão longa, silenciosa e profunda trahe-se em cada uma das suas estancias. Os Lusiadas são um poema para ser lido sobre o convez de um navio á sombra das vélas. A sua acção passa-se a bordo. Camões bebeu no oceano toda a inspiração que elle contém e transmittio-a aos seus leitores. Alexandre von Humboldt diz a seu respeito: « Camões abunda em

inimitaveis descripções do incessante convivio entre o ar e o mar, entre as fórmas variantes das nuvens, a tranformação do céo e os differentes estados que atravessa a superficie do oceano. Elle é, no mais stricto sentido da palavra, um grande pintor de marinhas. » Deve merecer a vossa leitura todo o trecho do *Cosmos* de Humboldt. O que mais impressiona em Camões não são tanto, porém, as descripções, em que se compraz o naturalista, notaveis, embora pela sua exactidão e poder introspectivo da Natureza, como os toques, os versos isolados que contêm toda a poesia do mar. A pessoa que o lê tem a impressão de estar ella propria no mar e de tal modo que lel-o é realmente como navegar no que diz respeito aos deleites da imaginação. Entretanto difficilmente se poderia encontrar estylo mais simples do que o seu. Vejam se descobrem algum artificio nestes versos, recordando, entretanto, que os velhos mythos vivem no coração do Poeta e são as suas exclamações naturaes :

« Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,

Das náos as vélas concavas inchando ;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas. »
(I.—19).

E aqui :

« Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céo tinha por amigo ;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo,
O promontorio Prasso já passavam
Na costa da Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas que em torno cerca e lava ».
(I.—43)

Em poema algum encontrareis quadros mais perfeitos feitos com alguns toques apenas, do nascer e pôr do sol, do luar, de todos os aspectos do mar, da partida e da volta de tudo quanto constitue a vida do marinheiro até o seu enterro numa onda.

« Quam facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar..... »

Os navios, chama-os elle, *swimming birds, nadantes aves.* (IV. — 49)

Que Portuguezes póde jámais ver desapparecer a margem do Tejo sem lhe acudir ao espirito a impressão fixada por Camões ?

« Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Cintra e nella os olhos se alongavam ;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração qve as maguas lá deixavam,
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim que mar e céo.
(V. —3)

Da Africa Equatorial diz elle :

Passámos o limite aonde chega
O Sol que para o Norte os carros gira,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
(V. — 7)

Alguns quadros agora do amanhecer e de pôr do sol! « Apenas a aurora de varias côres (para empregar as palavras de Milton) espalha sobre os tranquillos céos o seu adoravel cãbello e abre o roxo ingresso ao brilhante Hyperion erguendo-se do seu somno... »

Agora a musica do proprio poeta :

« Mas asi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou
No céo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou... »
(I. —59)

Ainda :

« Mas já a armorosa estrella scintillava
Diante do sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar, com leda fronte. «
(VI. — 85)

Vejam o effeito da reproducção italiana :

« *Ma gia l'amorosa stella scintillava*
Dinnanzi al chiaro sol nell'orizzonte
Messagera del di, e visitava
La terra e il largo mar con lieta fronte. »

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Os versos dão a mesma impressão fresca e luminosa que as palavras de Shakespeare nos labios de Romeu :

« ..... jocund day
Stands tiptoe on the misty mountain tops. »

Outra descripção da manhã, na inimitavel belleza que ella attinge na lingua portugueza :

« Iam-se sombras lentas desfazendo
Sobre as flôres da terra em frio orvalho «.
(II. — 1)

Em outro lugar, outra descripção do crepusculo da tarde :

« Mas já a luz se mostrava duvidosa
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa,
Levava aos antipodas o dia. »

A terceira grande impressão que o poema deixa é a de um Imperio em creação e do poder do mar Camões fez por Portugal o que nunca fizeram pela Inglaterra os seus poetas, mas fazendo-o pela sua Nação elle celebrou toda a expansão colonial da Europa. Os *Lusiadas* são o poema da colonização, das emprezas em terras remotas, e por isso o poema da creação do Novo Mundo. Elles exprimem, em um unico verso, toda a lei da immigração, o maior de todos os acontecimentos da moderna historia :

« Que toda terra é patria para o forte. «

Edgar Quinet, no seu *Génie des Religions*, diz que os *Lusiadas* são um poema de alliança entre o Occidente e o Oriente... « Em todo elle, escreve Quinet, encontrareis uma alma tão profunda como o oceano e que, como o occano, reune as duas margens oppostas. » Não ha duvida que existe nos *Lusiadas* uma poderosa evocação do Oriente que acabava de ser descoberto, mas o espirito do Occidente permanece no poeta livre de toda a sua influencia, não soffre a sua penetração nem se rende, como Alexandre, ao seu encanto. O Oriente só lhe apparece como um campo de iniciativa e de acção. As duas margens que os *Lusiadas* parecem destinados a reunir não são tanto as da Europa e da Asia como as da Europa e da America, porque, como já tantas vezes foi dito, os *Lusiadas* são o poema do commercio e da industria, o poema da idade moderna e em tudo isto o papel da America é e será muito maior do que o da Asia.

A quarta grande impressão do poema é a do poder creador da imaginação. Nada o demonstra melhor do que o modo como Camões converte um árido diario de derrota em um obra de grande poesia. A transformação começa com o sonho do Rei D. Manoel, a quem apparecem os espiritos do Ganges e dos Hindús para annunciar que Portugal dominará a India. Segue-se a partida da frota de Lisboa, um quadro em que Camões personifica o Passado na pessoa de um velho dotado de uma sabedoria toda feita de experiencia, reprovando toda a politica de remotas conquistas, com a qual a velho Reino será despovoado, enfraquecido e transplantado :

« Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe... »
(IV. — 101)

Depois de fazer a condemnação da politica nacional seguida pelos Reis Portuguezes, em uma investida contra todas as audacias humanas, Camões renova os brandos reproches de Horacio na sua Ode ao navio que conduz Virgilio a Athenas...

..... qui fragi'em truci
Commisit pelago ratem
Primus..... »

« Maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho! »
(IV. — 112)

Vem depois o Adamastor, mytho vivo, creação que não tem nenhuma outra que se lhe avantaje na litteratura moderna. Ouçam como o gigante narra a sua propria historia quando vê que as suas prophecias não farão voltar os navios portuguezes. Não ha uma só palavra que nãs pertença ao poeta naquillo que se vos vai ler. Os oradores gregos paravam para que os decretos de Athenas lhes fossem lidos pelos arautos. Pedirei que um dos senhores se faça arauto de Camões :

« Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamaes vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Strabo,
Plinio e quantos passaram foi notorio :
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o Polo Antarctico se estende ;
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano,
Não que pozesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza,
Todas as deusas desprezei no céo
Só por amar das aguas a princeza,
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo
Sahir nua na praia, e logo presa
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

Como fosse impossivel alcançal-a
Pela grandeza fea do meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto.
De medo então a Deusa por mi lhe falla!
Mas ella c'hum formoso riso honesto
Respondeu : « Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica, despida.
Como doudo corri, de longe abria
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos della
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

O' que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte,
De aspero mato e de espessura brava,
E tando c'hum penedo fronte a fronte
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E junto d'hum penedo outro penedo.

O' nympha a mais formosa do Oceano,
Já que a minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da magua e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo onde não visse
Quem do meu pranto e do meu mal se risse.

Eram já neste campo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E por mais segurar-se os deuses vãos
Alguns a varios montes sotopostos :
E como contra o céo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura.
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que vès e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam ;
Os deoses, e por mais dobradas maguas
Me anda Thetis cercando destas aguas. »

Tal é o poderoso espirito do Cabo, que viverá emquanto apparecer ante os olhos dos homens a Montanha da Mesa.

« Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Colos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão gigante.
(V. — 61.)

O ultimo dos grandes frescos dignosda Renascença é a ilha dos Amores, que Venus lança e move sobre o Oceano em frente dos novos Argonautas que acabam de descobrir « o Novo Mundo » para lhes dar todos os deleites da Natureza e do Amor. A Ilha dos Amores é de per si um poema. Será uma allegoria como o poeta diz? Dil-o-hia elle sómente para escapar aos Cerberos da Inquisição? O sensualismo da composição é tão ingenuo como o do Eden antes de se fazer sentir a nudez. A belleza do scenario iguala a de qualquer outra paizagem que exista em poesia. Toda essa tapeçaria poderia servir de modelo para

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

muitos quadros. A Caça de Diana do Domenichino parece copiada della.

Esta digressão leva-me a outra grande impressão causada pelos *Lusiadas* : a Renascença. Os *Lusiadas* são o unico poema que a reflecte e resume, o unico poema escripto debaixo de sua inspiração. Ha em Lisboa um interessantissimo manuscripto de 1549, de um pintor portuguez, Francisso de Hollanda, contando as suas conversas com Miguel Angelo em Roma. Apenas conheço a traducção franceza de um fragmento. Camões nunca sahio de Portugal a não ser para guerrear na Africa e guerrear na India. Tinha, entretanto, a íntuição da Renascença tão perfeita como se tivesse estado, como Francisco de Hollanda, na companhia de Miguel Angelo, Baccio Baudinelli, Perino del Vaga, Sebastiano del Piombo e, por ultimo, de Vittoria Colonna, Marchesa di Pescara. Isso mostra que um espirito novo é uma onda que tudo abraça. Perino, por exemplo, terá pintado os navios de Enéas e a luta entre os gigantes e Jupiter na Villa Doria em Genova, debaixo da mesma influencia que Camões pintou os navios de Vasco da Gama e a sorte de Adamastor. A obra de Camões tem precizamente o mesmo caracter que a obra de Raphael, feita ulteriormente. Entre a sua Venus, a sua Galatéa, o seu Cupido e a Venus, a Galatéa, e o Cupido de Raphael, não pude eu pelo menos distinguir differença. Nunca fui à Farnesina que não tivesse a impressão de que Camões e Raphael são pintores gemeos e dentro dos meus *Lusiadas* guardo como sua melhor illustração os quadros da Farnesina.

A mythologia dos *Lusiadas* parece uma evolução da velha mythologia, tal como talvez se tivesse verificado se o Paganismo houvesse durado dez seculos mais apezar do do Christianismo. E' uma mythologia que vive. Como Poetica, conservou toda a sua força plastica. Não é um *pastiche*, é uma sobrevivencia perfeita. Camões na sua inventiva — não digo na sua critica porque elle nunca explicou as suas creações — é muito mais um polytheista do que Goethe. Já uma vez se disse que só os Gregos e os Allemães heberam no calice das musas. Não ha nada entretanto na litteratura allemã que se compare com os mythos dos *Lusiadas*. Em parte alguma as musas são tão visiveis como aqui. O reino de Neptuno, por exemplo, jámais teve tamanho esplendor ; nunca se reuniram no Oceano tão brilhantes côrtes ; nunca rasgaram os mares tão formosas nymphas. Os *Lusiadas* são verdadeiramente o poema de Venus. E' um incensorio em que se queimam em sua honra todos os perfumes do Oriente recem-descoberto.

A sexta grande impressão produzida pelo poema é a do encaminhamento da vida para os mais altos ideaes. Nos *Lusiadas*, Camões satisfez as quatro grandes paixões da sua alma, Patria, Amor, Poesia e Acção. Em nenhum outro campo elle lhes poderia ter dado uma tal immensidade de expansão e um esplendor tão intenso. E' isso que constitue a superioridade dos *Lusiadas* sobre qualquer poema epico puramente litterario, como orientador da vida. O Poeta viveu a sua inspiração ; a sua obra simultaneamente comprehende poesia e acção da mais sublime.

O espirito de acção apparece em todas as estancias com o espirito de majestade que o eleva. Em toda a esphera humana estão definidas as linhas que dividem as mais altas e as mais baixas regiões da acção. Elle dirá, por exemplo, do amor : O « amor de especie inferior enfraquece os fortes » ou « o amor mal empregado é o mais exigente ». Se por um lado em admiraveis versos elle nos Cantos V e X nos pinta a fidelidade e dedicação do povo portuguez ao seu monarcha, por outro lado tambem diz com franqueza que o Reino não tolerará um Rei que não exceda todos os outros.

« A Rei não obedece nem consente,
Que não fôr mais que todos excellente »
(II. — 93).

Porque um Rei fraco torna fraca uma raça forte:
« Que um fraco Rei faz fraca a forte gente. »
(III. — 138).

De D. João I diz que do peito lhe nascia a força como do cabello a Samsão, o hebreu :

« Joanne a quem do peito o exforço cresce,
Como a Samsão hebreu da guedelha »
(IV. — 12).

Põe a coragem mais alto do que a força quando diz que « não é proprio dos Lusitanos receiar um grande poder por serem os mais pequenos. »

Por que não é das forças Lusitanas
Temer poder maior por mais pequeno, »
(III. — 99)

Promette que nunca cantará

« Nenhum ambicioso que quizesse
Subir a grandes cargos.....
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente dos seus vicios. »
(VII. — 81)

nem tão pouco aquelle

« ... que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteo. »
(VII. — 85)

Não cantará quem

« ..... não acha que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente. »
(VII. — 86)

nem o que aprende

« Para taxar com mão rapace e escassa
Os trabalhos alheios que não passa. »
(VII. — 33)

Condemna nestes termos os malignos e cobardes abusos de poder :

« Quem faz injuria vil e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto
Não vence; que a victoria verdadeira,
E' saber ter justiça núa e inteira. »
(X. — 58)

Denuncia a Christandade por abandonar o tumulo de Christo e exalta a liberdade dos Gregos, Thracios, Armenios e Georgios com maior eloquencia do que Gladstone :

« O' miseros christãos ! pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos ?
(VII. — 9)

« Se cubiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias
Não vedes que Pactollo e Hermo rios
Ambos volvem auriferas areas ?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas;
Mova-vos já se quer riqueza tanta
Pois mover-vos não póde a Casa santa. »
(VII. — XI

Ao liberal poeta-rei D. Diniz presta Camões o maior tributo pela creação da Universidade de Coimbra :

« Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se
Todo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo e de sempre verde louro.
(IIII. — 79)

Mas o Evangelho do verdadeiro sentimento americano, do que se denomina a « vida strenua » está nos versos em que elle exalta os feitos dos descobridores portuguezes á sua chegada á India. Que o leia um de vós e reconhecereis o vosso proprio ideal :

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que sâo de fama amigos
As honras immortaes e gráos maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

Não co'os manjares, novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos.
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude;

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras que elle chame proprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas crúas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo núas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento ;

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

E com forçar o rosto, que se enfia
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria.
Desprezador das honras e dinheiro.
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.
(VI. — 95 a 109)

Desejo ainda apontar mais um grande aspecto do poema. O mais levantado genio poetico póde não exigir necessariamente a adversidade como seu ambiente, mas a relação entre o genio e adversidade é certamente impressionante nos tres exemplos de Dante, Camões e Milton. Se a prosperidade o houvesse favorecido, Camões não teria ido á India e sem a viagem á India é impossivel imaginar os *Lusiadas*. Poderia Camões ter produzido um poema igualmente bello, mas nenhum poderia ter produzido tão enthusiasmante : talvez houvesse sido mais o poeta da Renascença se em vez da India tivesse visto a Italia, mas não teria sido o poeta nacional que elle é. E' esta a ultima impressão a que alludi : que se vê, através a obra, a figura do Poeta obedecendo ao destino na creação dos *Lusiadas*.

Camões — começa logo cheio de enthusiasmo, certo dos louros de que será coroado !

« Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno ;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
(I. 10)

E a lua de mel da creação intellectual, do noivado entre o genio e a sua obra, dura através quasi toda a composição do poema. Aqui e alli percebem-se signaes do desanimo do poeta ante a indifferença e a ingratidão de que é victima. No fim do quinto canto elle dirá que só o seu proprio amor pelo seu paiz está obrigando as musas a dar renome na sua lyra ao seu heroe, pois que Calliope não é sua amiga nem as Tagides deixariam as suas teias de ouro para cantal-o. Esta recordação vem-lhe por vezes e elle a sente, sentindo porém tambem que estará completamente vingado quando no seu poema epico, houver exposto no pelourinho os vicios e os abusos da India Combate com bravura e só dá mostras do cançaço quando a tarefa está quasi terminada. No principio do ultimo canto depois de dizer que está perdendo o gosto por escrever, solta este queixume solitario que faz lembrar Milton na sua cegueira :

« Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outomno ;
A fortuna me faz o engenho frio,
Da qual já não me jacto nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno :
Mas, tú me dá que cumpra, ó gran rainha
Das Musas, o'o que quero á nação minha !
(X. — 9)

Ou como diz Mickle :

« *Yet let me live to crown the song*
That boasts my nation proud renown. »

Entretento o Poema estará agora completo e Camões podia já ver no seu manuscripto a enorme riqueza que accumulara durante esses longos annos de paciente soffrimento; elle dera azas á gloria de Castanheda e de João de Barros, de modo que a gloria de Portugal já não ficaria enterrada para o mundo na lingua portugueza, e ao embarcar para Lisbôa depois de um exilio de 16 annos na Asia, a esperança de uma gratidão nacional sorri-lhe de novo se bem que não mais lhe abrazasse o coração como na sua mocidade. Que desapontamento ! A nação já estava no seu leito de morte. Não podia sentir a mensagem de immortalidade que elle lhe trazia : não a tomava sympathia alguma pelos que haviam tentado attrahil-a para feitos heroicos e fama immortal. E é então que elle pronuncia o seu « Não mais ! Não mais ! »

« No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.

O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça e da rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza.
(X. — 145)

Vejam entretanto que incorrigivel automaton o poeta é como creador da inspiração que jámais cogita da sua tristeza. Ainda as ultimas palavras dos *Lusiadas* serão de novo um appello ao Rei jovem e demente, D. Sebastião, para que vá á Africa e desbarate os mouros, de modo a que a sua musa « já estimada e leda possa de novo cantar », e o mundo no monarcha veja

» ..... Alexandro....
Sem á gloria de Achilles ter inveja »
(X. — 156)

A Musa estava satisfeita, mas o instrumento estava despedaçado. E' essa tambem uma das grandes impressões dos *Lusiadas*: a tragedia do genio perseguido, em acção.

Senhores, apenas quiz fazer-vos ter mais curiosidade pelos *Lusiadas* e espero tel-o conseguido. Não vim aqui submetter a critica a que acima della está collocado por uma proscripção immemoravel. Ha um motivo pelo qual o genio só deveria ser reconhecido pelas multidões e é porque dellas elle tira a inspiração que nos restitue ao espirito em poesia, como a nuvem restitue á terra em chuva fertilizadora a agua que bebeu do oceano. Estou assim recordando a observação de Camões de que a chuva restitue a agua do mar « mas o sabor do sal lhe tira e tolhe ». (V. — 22) O genio tambem guarda para si toda a amargura da inspiração que bebe no oceano da vida.

Camões não nos faz receiar por elle. Apenas appareceram os *Lusiadas*, Torquato Tasso constituio-se o paranympho « *del colto buon Luigi* » que desde então sembre occupou um lugar ao lado de:

« Esse que bebeu tanto da agua Aonia »
(V. — 87)

e — para citai-o de novo — de ·

Ess'outro que esclarece toda Ausonia
A cuja voz altivola e divina,
Ouvindo. o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre c'o som se ensoberbece ».
(V. — 87)

Elle realizou, como elles, pela poesia, uma aspiração superior aos estadistas e reis: — a de infundir vida immortal á sua raça. Não comparem os *Lusiadas* com a *Divina Comedia* ou o *Paraiso Perdido* nem com o *Orlando Furioso* ou a *Jerusalem Libertada*; comparem-nos com a *Iliada* e com a *Eneida*. Dante dá-nos o espirito da Idade Média; Ariosto e Tasso inspiraram-se numa época que já não era a sua; Milton escolheu o seu assumpto além da esphera da imaginação humana onde, pelo menos, ella se não podia elevar pelos nossos sentidos; Camões é o unico poeta que ficou no mesmo terreno de Homero e Virgilio para mostrar esse terreno que é eterno como aquelle em que o Parthenon foi erigido.

Não ha duvida que Camões se inspirou em Virgilio, como por exemplo quando fez Venus protectora dos Portuguezes e dos seus navios, mas tudo quanto pede do alheio renova-o Camões como um grande pintor ao tratar o assumpto em que outro já o precedeu. Não houve jámais espirito humano sufficientemente grande para tudo dever a si mesmo. Virgilio tirou de Homero muito mais do que Camões tirou d'elle. A lei do genio é a de Molière « *Je prends mon bien où je le trouve* »; sómente o que ao poeta cumpre é tornar verdadeiramente seu o pedido a outrem, por uma qualidade differente e superior, como muitas vezes fez Shakespeare.

Quem poderia dizer qual é mais bello: o templo grego ou a cathedral gothica? E' como perguntar qual é o espectaculo mais bello: se o mar em calma se o mar tempestuoso. Podemos amar acima de tudo a figura de Prometheu: somos levados a isso porque somos seus filhos intellectuaes, mas

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever: ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

se considerarmos o espirito e não o coração, o poder e não o beneficio, não podemos collocar o Prometheu de Eschylo acima do Satan de Milton. Ninguem sabe qual dos dous é maior : se Newton que fundou a lei do Universo, se Rapael que recebeu o condão da belleza. As medidas intellectuaes precizam ser tomadas em profundidade, em largura e em altura e devemos considera-lhes o desenho, a côr a musica, não somente as palavras.

Ao vir aqui, senhores, não vim com o proposito de fazer quaesquer comparações invejosas. Em parte alguma ellas são tão odiosas como no goso da Natureza e da Poesia. Espero que não acreditareis nellas. A verdadeira tehoria da critica encontra-se na Genese : «E Deus vio que era bom». E' igualmente bom tudo o que é realmente creado. Não se póde graduar a perfeição. Quando tomei por assumpto o *lugar de Camões na litteratura* não pretendi pôl-o em linha com os outros grandes poetas e medir-lhes as alturas respectivas.

UM POUCO DE FILOLOJIA COMPARADA

Depois que as instituições americanas passaram a ser o nosso figurino politico, a atenção dos publicistas brazileiros se tem constantemente aplicado ao estudo da Constituição da grande Republica, das leis della decorrentes, e da vasta jurisprudencia ali reinante, a qual, seja dito de passagem, orça mais pela cazuistica das decizões e precedentes, do que pelo dezenvolvimento de principios racionais de direito.

Os constitucionalistas americanos são familiares aos nossos jurisconsultos, os precedentes da historia constitucional da União são constantemente aplicados aos cazos da nossa vida constitucional, e as decizões dos tribunais de lá vem sempre citadas com relação ás nossas hipotezes identicas.

Em suma, toda a materia que o constitucionalista americano Woodrow Wilson chama *a teoria literaria da Constituição*, é perfeitamente conhecida dos nossos sabedores de tais coizas, para quem o estudo comparativo entre as leis americanas e as nossas está, desde muito, esgotado.

Ao lado disso, ha, porém, o estudo comparativo entre a verdadeira vida constitucional do povo americano e a nossa, independentemente dos textos secos das leis, que as queiram por ventura dominar ou dirijir. A imensa vitalidade do povo americano, apezar de quaisquer defeitos de orijem, sobrepuja todos os obstaculos, para permitir que se realize o destino manifesto da grande nação atravez *da tirania das maiorias e do fatalismo das multidões,* segundo a curioza teoria de Bryce. O dezenvolvimento pratico da democracia infiltrado na vida nacional, traduz-se em geande numero de *frazes feitas*, como lhes chamaria João Ribeiro, onde bem se percebe a influencia do elemento popular na vida politica. São locuções de *slang*, o calão americano,

ditos historicos, ou aluzões a acontecimentos passados, que, aplicadas a situações especiais da vida publica, formam comentarios vivos da Constituição, mais eficazes, muitas vezes, do que as mais solenes decizões da Côrte Suprema ou do que as mais sabias dissertações de Story, Kent, Blake ou Cooley.

Seria curiozo confrontar este comentario filolojico da politica americana com o que realmente é a nossa propria vida, e procurar na nossa linguajem as locuções que poderiam corresponder áquellas com que o povo americano exprime os seus sentimentos em relação aos fatos da sua terra. Afim de que se pronunciem os competentes, quer em linguistica, quer em politica, formulo aqui uma especie de vocabulario, com algumas das palavras mais empregadas.

— *Machine*, cuja tradução literal seria maquina, é, em linguagem politica, uma agremiação hierarquica de profissionais da politica, ligados entre si por afeições pessoais e por interesses comuns, explorando cada um em seu proveito a fortuna de um partido politico. Está claro que esta palavra, empregada no sentido pejorativo, não é aceita pelos que pertencem a cada *machine,* os quais se chamam organização politica, partidos, ou outros nomes mais eufonicos. Entretanto, toda a organização politica dos Estados Unidos é uma vasta engrenajem de *machines,* que vai desde os pequenos grupos de boemios eleitorais, que vendem os seus votos ao chefe politico de quarteirão (*ward leader*), até aos grandes agrupamentos partidarios que escolhem nas Convenções o candidato á prezidencia.

Não sei nome que se poderia dar entre nós a estes sindicatos que esploram os partidos. A espressão *oligarquia*, consagrada na politica indigena, como que atenúa a violencia da organização americana, pois os interesses crús dos muitos associados são entre nós carinhozamente substituidos pelo amor da familia e pelo natural dezejo de colocar os parentes.

— *Spoils*. E' inutil recordar a famoza e conhecidissima teoria do prezidente Jackson, em virtude da qual, ao partido que vencesse deviam pertencer os despojos. A principio, consistiam estes, injenuamente, nos cargos publicos. Pouco a pouco, o apetite dos vencedores foi aumentando, a politica foi tomando a feição enerjicamente *yankee* de *business*, e cada partido que chegava ao poder, tratava logo de obter para os seus as gordas concessões, os bons contratos, os grandes fornecimentos, os mil negocios, enfim, que levam rapidamente um homem, do nada ás belas fortunas de *Wall Street*.

Entre nós, guardadas naturalmente as proporções, houve a mesma evolução. A principio os despojos tomavam o modesto nome de *derruba*. Agora, poder-se-á talvez empregar o plebeismo *avança*. Cumpre notar que os americanos tambem adotaram a palavra *grab*, verbo substantivado, a que bem qua-

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

draria á nossa *cavação*. A differença é apenas de intensidade, pois, inegavelmente, ha muito menos corrução entre os nossos politicos do que entre os americanos.

— *Ring*. Uma das fórmas especiais do *grab* é a organização dos *rings*, agremiações de homens dezhonestos, que tomam conta de uma administração para exploral-a em seu proveito, como uma repartição publica, uma empreza de serviços publicos, uma Municipalidade, ou um Estado. O mais famozo foi o celebre *Tammany Ring*, de Nova York, seguindo-se o *Gas Ring*, de Philadelphia, e o recentissimo de S. Francisco da California. E' uma interessante aplicação do sistema dos *trusts* comerciais ao funcionamento das *machines* politicas. Hezito em achar o equivalente para esta palavra, e creio mesmo que até este ponto não chegou a americanização dos nossos costumes.

— *Lobby*. Em linguajem vulgar quer dizer inocentemente, *corredor*, *ante camara*. Depois, porém, que tais dependencias da caza do Capitolio, onde funciona o Congresso, se enchem de pessoas interessadas na passajem das leis, amaveis intermediarios entre os reprezentantes da nação e os grupos financeiros, as palavras *to lobby*, *lobbying*, *lobbier* (nos Estados Unidos formam-se rapidamente verbos substantivos e adjetivos), exprimem a ação, o objeto e o sujeito de obter, por argumentos traduzidos em cheques, as medidas lejislativas de que necessitam para os seus negocios os grandes bilionarios.

Si bem que entre nós se fale tambem em *corredores* do Congresso, não ha palavra que exprima o fato, o que quer dizer, para honra nossa, que elle não existe.

— *Pivotal State*. Da palavra franceza *pivot*, que, inglezada, tambem significa *eixo*, formou-se este interessante adjetivo, que exprime o Estado momentaneamente influente na Federação, de onde saem os prezidentes, e em torno do qual se fazem as combinações politicas, reduzidos os demais á pozição de satelites, tal e qual já foi aqui S. Paulo e hoje é Minas. Caberá ao cazo o plebeismo *Estado da ponta?*

— *Pull*. Outro plebeismo, a que entre nós corresponde tambem um equivalente. E' em vernaculo a ação de *puxar*. Em *slang* politico, indica a personajem que pelo seu prestijio, relações, pozição especial, constitue o empenho decizivo para obter um lugar, um negocio, um voto, um despacho. Exactamente o que o nosso povo chama *pistolão*.

— *Logrolling*. Uma das fórmas de *cavação* parlamentar, assim definida por Bryce : « Dois membros do Congresso, um dos quais tem uma lei para fazer passar, ou um dos quais dezeja evitar a concurrencia para a sua estrada de ferro, emquanto o outro pretende que se mantenha a tarifa para os artigos da sua manufatura, formam um liga de auxilio mutuo. E' o *logrolling* : ajudai-me a rolar a minha lenha (*to roll my log*), que é pezada demais para a minha força sem auxilio, e eu vos ajudarei a rolar a vossa. »

— *Strike*. Outra fórma de *cavação* politica, que consiste em aprezentar no Congresso, nas lejislaturas dos Estados, e nas Municipalidades, projectos de lei contra as grandes companhias que tem contratos com a administração publica. Tais projetos são depois retirados pelos seus autores, mediante um preço estipulado.

— *Salary grabers* ou *back pay grabbers*. Assim chamou o povo, segundo conta Benjamin Harrison, antigo prezidente da União, os membros de certa lejislatura federal, que aumentaram o seu proprio subsidio, e o receberam, dando á lei efeito retroativo, donde a expressão *back pay*. Acrescenta, porém, Harrison, que a opinião publica se indignou com o facto, o prezidente de então interveiu, e na proxima lejislatura foi revogada a lei. Entre nós, já houve coiza parecida com isto, mas não consta que a opinião publica tenha intervindo, nem para se indignar nem para comentar o cazo com qualquer denominação burlesca.

— *Tider*. Assim se diz de uma folha inserida ou interpolada, entre outras, num livro, e no Congresso dá-se este nome ás providencias de interesse individual, que á ultima hora se enxertam na lei do orçamento, para forçar a sanção prezidencial. E' o que chamamos a *cauda do orçamento*. Afirma Harrison que para tais cazos o prezidente tem uzado do recurso de deixar passar o prazo legal, sem vetar, nem sancionar, o que se chama *pocket veto*.

— *Brains and Brahmins*. Cerebros e bramánes, diria a tradução literal. Esta locução exprime um trocadilho, logo popularizado, de um deputado do Oéste, para mostrar como as grandes comissões do Congresso absorvem por tal fórma o trabalho lejislativo, que nada deixam á ação individual dos deputados izolados. E acrescentava o deputado que os mandarins da comissão estavam lonje de reprezentar o elemento intelectual do Congresso. Aproveitando-se da pronuncia quazi identica das duas palavras, dizia o deputado que nas comissões estavam os bramánes e não os cerebros do Congresso. (*Brahmins not brains.*)

Este vocabulario poderia ainda ser aumentado com grande quantidade de palavras creadas pela geringonça especial do povo, para exprimir a complicada organização das manobras eleitorais. Tais são *canvass*, cabala; *boss*, *lenchman* e *heiler*, tipos que formam a lejião eleitoral desde o *boss* (o nosso *cabo de eleições*), até os mais humildes soldados razos, sem esquecer os *Pinkerton men*, que correspondem aos nossos *capangas; gerrymander*, especie de divizão dos districtos eleitorais, devida a um famozo politico chamado Gerry, onde se atendeu mais ao quociente de votos do que á regularidade topografica, tal qual se fez aqui com o celebre e extinto *triangulo;* as chapas

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

de caixão (*staright tickets*) e as chapas furadas (*eplit tickets* e *scratched tickets*, etc., etc.)

Não falo dos grandes processos eleitorais para mover as massas e ajitar a opinião, como a eloquencia especial dos comicios, conhecida por *stump*, e os meios de propaganda externos e viziveis do *boom*, com as bandeiras ambulantes, as procissões, os banquetes ao ar livre, os grandes cartazes, as canções populares. Esta preocupação de arrastar o eleitorado, pela convicção ou pelo entuziasmo, é um pouco diferente dos nossos processos, onde domina mais o rejimen do *caucus*, palavra tomada ao idioma dos Peles Vermelhas, para exprimir a dezignação prévia, que fazem os chefes politicos, antes da eleição.

Respondendo a este indianismo por outro indianismo, formou-se nos Estados Unidos o grupo dos *mugwumps*, homens honestos de todos os partidos, que reajem contra a corrução e os baixos manejos, procurando separar dos negocios a politica, e tentando implantar a seriedade nas organizações partidarias. Depois da ação enerjica, neste sentido, de Roosevelt, os *mugwumps* tambem se chamam *rough riders*.

No nosso *slang* politico não ha denominações equivalentes a estas duas ultimas.

SOUZA BANDEIRA.

MODELO PAGÃO

Ao conde Affonso Celso.

Um virtuoso sacerdote catholico, o reverendo Almeida e Silva, reeditou em 1908, para fim puramente caritativo, o POEMA DA PAIXÃO DE JESUS CHRISTO, « vasado nos moldes de Virgilio. »

Embora ampliada no prefacio, lavra de monsenhor Sousa Breves, que em 1884 tomou a si o encargo de traduzir do latim essa obra, a referencia apposta ao titulo não excusa commentos elucidativos.

Mas, assignalemos primeiro que, reduzido a prosa vernacula, esse trabalho do padre Angelo Spera, executado com singular paciencia no seculo XVI, perdeu o interesse literario, aliás de méra curiosidade.

Isto, porquanto seu texto primitivo era uma *colcha de retalhos*, como dizemos hoje do que os nossos avós chavamam *centão :* no caso vertente, agglutinado de metros das BUCOLICAS, GEORGICAS e ENEIDA servindo á narrativa dos soffrimentos do Homem-Deus.

Pondo hombros a similhante empresa, não se revelou o italiano apenas

desejoso de patentear habilidade, qual o brasileiro Castro Lopes ao descrever a locomotiva, pelo concerto de trechos de poetas do Lacio.

Agiu antes de accordo com uma velha tradição da Igreja, tanto que S. Donato, no ensino da metrica latina, já aconselhava os discipulos a imitarem alguns dos vates christãos, cujo empenho fôra cantar os mysterios do Salvador nos rythmos de Virgilio.

Expondo a maneira por que as letras entraram no christianismo, Frederico Ozanam, em sua nona lição do curso de literatura estrangeira, na Faculdade de Letras de Paris, ventilou bem o assumpto.

Traslademos parte da mesma, constante das OEuvres complètes, t. I, pag. 310-12, ed. de 1856 :

. . . . . .

Resta-me mostrar-vos como Virgilio, divinisado pela sciencia pagã, erguido a pontifice, herdeiro da tradição sacerdotal, tambem se torna o representante da religião do porvir, e como, para o salvar, os seculos barbaros lhe lançaram uma ponta do manto de propheta.

Graças á sua ecloga IV, foi considerado, em o novo mundo moral, como um dos que annunciaram o christianismo, e esta interpretação, que começa em Euzebio, atravessa a Idade Média; assim, incluido na fila dos predictores do Messias, as respectivas obras lograram desde o seculo IV a maior estima.

Conta-se que S. Paulo, grandemente desdenhoso das sciencias profanas, indo a Napoles, correu logo a visitar o tumulo de Virgilio, e que, lendo junto ao mesmo a ecloga IV, derramou abundantes lagrimas.

A lembrança disto conservou-se longo tempo, em *cantos de sequencia* no templo de Mantua, conforme nôl-o avivam os termos encantadores da legenda :

Ad Maronis mausoleam
Ductus, fudit super eum
Piæ rorem labrymæ,
Quem te, inquit, reddissem
Si te vivum invedissem
Pœtarum maxime.

. . . . . .

Assim, não pereceu toda a civilisação pagã, nem era justo que perecesse; uma parte devia conservar-se pelo christianismo...

. . . . . .

De facto, a composição, apocalyptica a certo prisma, celebrando o desarmamento de Octavio e Antonio, deu enorme prestigio ao glorioso man-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

tuano, entre os propagandistas da fé, depois do natal do Redemptor, por se acreditar ser este o « nascenti puero » do v.º 8, quando o mais provavel é que fosse Asinus Gallus, filho do consul Pollion, si se não trata de uma simples allegoria.

Numerosos exegetas de polpa, verdadeiras summidades philologicas, maiormente da Allemanha e da Inglaterra, divergem até agora a tal respeito, achando-se bastas opinões antagonicas compendiadas por A. Cartault, professor de poesia latina da Universidade de Paris, no E'TUDE SUR LES « BUCOLIQUES » DE VIRGILE, *La quatrième éclogue*, pag. 210-50, ed. de 1897.

Tres exemplos justificam a condicional acima : W. H. Kolster entende que a criança immortal é a propria paz de Brindisi; O. Grupper vê nella um producto de Jupiter e uma deusa, ou heroina, destinado a reinar sobre a terra emquanto Chronos reger o céo; Ruggero della Torre identifica-a com a poesia de Virgilio, particularmente a da ENEIDA.

Grammatici certant, pois.

Na ecloga IV, em que o autor entrelaça noções de Hesiodo e Arato, sob a invocada fórma de Theocrito, — já perito na arte de verso, mas ainda carecente de forte inspiração, — apresenta-se-nos elle como *um estilo á cata de uma idéa* (phrase applicada a Latino Coelho, que, contrariamente, não chegou a Coryntho, i, é., jamais elaborou nenhuma ENEIDA).

Tudo quanto affirmamos no periodo anterior se antolha aos espiritos cultos nos primeiros hexametros, vertidos nestes pallidos alexandrinos :

O' Musa siciliana, em tom mais alto canta,
Nem sempre a tamargueira humilde, o arbusto, encanta.
Si cantamos a selva, ella ao consul agrade.
Da cuméa prophecia — eis que chega a idade :
Dos seculos já decorre ordem nova, e a seu turno
A Virgem torna e volta o reino de Saturno.

Tendo em consideração o v.º 3 :

Si canimus silvas, silvæ sint consule dignæ,

que carecteriza, pelo intuito, a peça de transição do lyrico para o épico, preceituou o Horacio francez no ART POETIQUE, c. II, vºs. 35-6

.....l'éclogue quelquefois
Rend dignes d'un consul la campagne et les bois.

E G. B. Rousseau, que tambem comprehendeu valer tal ecloga, pelo estilo elevado, uma ode, na composição desta especie sob a titlo *Naissance du duc de Bretagne*, paraphraseou-lhe os versos « Magnus ab integro », etc., como o fez mais tarde o nosso Bernardo Guimarães, no canto épico *A Bahia de Botafogo*.

Porem, tornemos ao passado remoto, do qual nos iamos afastando.

Dante Alighieri, o percursor da literatura moderna, tomando a Virgilio como guia seguro, na romagem assombrosa da DIVINA COMEDIA, não se limitou a dizer-lhe no *Inferno*, c. I, v^os^. 85-87 :

Tu se' lo mio maestro e il mio autore :
Tu se' solo colui, da cui io tolsi
Lo bello stile, che m'a fatto onore;

escreveu ainda no *Purgatorio*, c. XXII, v^os^. 70-2 :

.....Secol si rinnova;
Torna giustizia, e primo tempo umano,
E progenie discende dal ciel nuova.

que traduzem os seus :

Magnus ab integro sæculorum nascitur ordo :
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
Jam nova progenies cœlo demittitur alto,

rendendo preito de especial admiração á ecloga que o celebrizou na Idade Média, quer entre os doutos, quer entre os ignorantes.

Em Portugal, ao manifestar-se a Renascença, observamos frequentes copias de todas as bucolicas virgilianas, alem de allusões particulares á quarta, nas poesias de Sá de Miranda, Antonio Ferreira e Luiz de Camões, afóra outros menores, o que se póde attribuir tam sómente ao novo espirito literario, — a volta aos modelos da antiguidade.

Mas o quinhentista Antonío Prestes, que, como Gil Vicente, reflecte as tradições do vulgo, lançou no *Auto da Ave Maria* (AUTOS, ed. de 1871, pag. 80) :

O delicto tão nefando,
tão molesto;
abominavel doesto
que póde estar afrontando
Mais a Virgilio num cêsto.

Ahi temos referencia á prisão de Virgilio, consoante a um romance popular, diffundido na Peninsula Iberica após a dominação hespanhola em Napoles.

Os habitantes desta cidade, — cujos arredores o poeta decantara com extraordinario carinho, donde o emprestarem-lhe a phrase : *Mantua me*

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

genuit, Calabria rapuere, tenet nunc Parthenope, etc. — tornaram-n'o uma figura de varias phantasias heroicas.

Foi elle considerado protector da republica napolitana, reputando-se o seu tumulo, que já vimos orvalhado com os prantos do apostolo, como um palladio.

E porque gozou fóros de magico, ainda lhe commetteram a construcção dos muros da *urbs*, com pedras maravilhosas, que guardavam o segredo da inexpugnabilidade.

A Napoles chamou Corrado — *operosus opus Virgilii*, registrando a lenda.

Anecdotas ha graciosas, que sentimos não caberem na estreiteza de um folhetim, traçado á ligeira, sem o escopo de instruir a ninguem, mas sim recrear aos pouco lidos.

Daremos uma apenas, cheia de ingenuidade, como remate menos mau a estas linhas.

Por largos annos um pastor, que mostrava aos viajantes o tumulo do vate pagão, conduzia-os logo depois para junto de uma ermida, braquejando em verde collina.

Apontando-a, dizia o *cicerone* rustico, cheio de convicção erudita:

Eis aqui a capellinha onde Virgilio ouvia missa.

E... *ite missa est!*

ALBERTO FARIA.

Campinas (Est. de S. Paulo).

LIVRARIA GARNIER

DICCIONARIOS:

portuguezes, francezes, hespanhoes,

allemães, inglezes,

italianos, latinos, etc.

DICCIONARIOS EM DUAS LINGUAS

EXEGESE DOS PSALMOS

PSALMO IX

O texto hebraico divide em dois psalmos IX—X, o psalmo IX da Vulgata. Os motivos de rejeitar essa divisão, são : 1.° A unidade de pensamento, de estylo e até de expressões nas duas partes. 2.° As versões antiquissimas dos LXX, de Aquila, de Simmaco, de S. Jeronymo não admittem essa divisão. 3.° O psalmo X não teria titulo, caso rarissimo no primeiro livro do psalterio. 4.° O psalmo IX é alphabetico, i. é cada estrophe começa com uma das 22 lettras do alphabeto hebraico; ora, o psalmo X segundo os hebreus é a continuação do ps. IX da Vulgata, como é facil verificar.

O titulo d'esse cantico é de significação obscura; a interpretação mais clara é : « Ao mestre do côro sobre « *muthlabben* » — morte do filho —, primeiras palavras d'uma melodia conhecida.

A forma alphabetica, ou acrostica do ps. IX é incompleta no texto hebraico actual; a ordem está interrompida desde a terceira lettra — continua depois e interrompe-se ainda. Qual será a causa d'essa solução de continuidade? O poeta sagrado não se quiz sujeitar a uma ordem absoluta, dizem alguns. Mutilações, erros de copistas dizem outros. Mutilações e interpolações, pensam muitos. O facto é que estas hypotheses são possiveis, que a ordem está interrompida, que de quando em vez o sentido do texto hebraico torna-se tão difficil, que realmente parece ter sido mutilado pelos copistas.

Na nossa traducção está entre parenthesis a lettra das estrophes que não seguem a ordem alphabetica. As estrophes completas são de quatro versos octosyllabicos.

Este psalmo é uma oração a Deus em favor dos afflictos e perseguidos, inspirada ao poeta sagrado pela eterna luta do mal contra o bem — da força contra o direito. O Eterno, presenciando esse com-

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

bate travado entre a luz e as trevas, deixa ás vezes o mal triumphar por um tempo, parece esquecer-se dos afflictos : « *Ut quid Domine recessisti longe?* » Mas virá o tempo da justiça definitiva : coragem, afflictos, vossa paciencia não perecerá eternamente : « *patientia pauperum non peribit in finem.* »

Este cantico pode applicar-se ao pé da lettra á Egreja catholica sempre perseguida, sempre invencivel e cheia de confiança no resultado final, no auxilio de seu divino fundador.

1. **Ao mestre do coro sobre : „Muth-Labben“, psalmo de David.**

Aleph

2. Louvarei ao Eterno com todo meu coração,
   Narrarei todas as suas maravilhas,
3. Alegrar-me-ei e me glorificarei em ti,
   Cantarei o teu nome, ó Altissimo!

Beth

4. Porque recuam meus inimigos, cahem
   E perecem diante de tua face:
5. Porque julgaste meu juizo e minha causa,
   Assentaste sobre (teu) tribunal julgando [com justiça;

Ghimel

6. Castigaste as nações, destruiste o impio,
   O nome d'elles apagaste para sempre e eter- [namente;
7. O inimigo, suas ruinas estão completas para [sempre,
   E (suas) cidades destruiste!

(Daleth)

Pereceu a memoria d'elles,
8. E Yahve permanece eternamente,
   Prepara seu tribunal para exercer o juizo;

(He)

9. Porque elle julga o mundo com justiça,
   Julga os povos com equidade.

Vaw

10. Sim, o Eterno é uma cidadella para o [misero,
    Um refugio nos tempos da tribulação;
11. Por isso, confiam em ti os que conhecem [teu nome,
    Porque tu não abandonas os que te buscam, [ó Eterno!

Zaïn

12. Cantae ao Eterno que habita em Sião;
    Publicae entre os povos suas façanhas,
13. (Annunciae) que o vingador do sangue [(derramado) lembra-se d'elles;
    Não se esquece do clamor dos pobres.

1. **In finem, pro occultis filii, psalmus David.**

Aleph

2. Confitebor tibi Domine, in toto corde meo;
   Narrabo omnia mirabilia tua.
3. Loetabor et exultabo in te;
   Psallam nomini tuo Altissime.

Beth

4. In convertendo inimicum meum retrorsum [infirmabuntur
   Et peribunt a facie tua.
5. Quoniam, fecisti judicium et causam meam;
   Sedisti super thronum qui judicas justiam.

Ghimel

6. Increpasti gentes et periit impius.
   Nomen eorum delesti in æternum, et in sæ [culum sæculi.
7. Inimici defecerunt frameæ in finem,
   Et civitates eorum destruxisti.

(Daleth)

Periit memoria eorum com sonitu,
8. Et Dominus in æternum permanet.
   Paravit in judicio thronum suum;

(He)

9. Et ipse judicabit orbem terræ in æquitate,
   Judicabit populos in justitia.

Vaw

10. Et factus est Dominus refugium pauperi;
    Adjutor in opportunitatibus in tribulatione.
11. Et sperent in te qui noverunt nomen tuum;
    Quoniam non dereliquisti quœrentes te, [Domine.

Zaïn

12. Psallite Domino, qui habitat in Sion;
    Annuntiate inter gentes studia ejus;
13. Quoniam requirens sanguinem eorum recor- [datus est;
    Non est oblitus clamorem pauperum.

Heth

14. Tem compaixão de mim, ó Eterno, vê a
[afflicção que me causaram meus inimigos,
15. Tu, que me salvas das portas da morte!
Para qne eu publique todos os teus louvores
[nas portas da filha de Sião,
16. E me regosije da Salvação!

Teth

Cahiram as nações na cova que fizeram,
17. No laço que esconderam ficou preso o pé del-
[las:
O Eterno se manifesta, faz justiça;
Na obra de suas mãos foi preso o impio.
(Selah hyggayôn).
(Pausa. — Côro de instrumentos.)

Jod

18. Serão precipitados os impios no scheol
E as nações que se esquecem de Deus,
19. Porque nem para sempre será esquecido o
[afflicto,
E a esperança do pobre não perecerá eterna-
[mente.

(Caph)

20. Levanta-te, ó Eterno, não prevaleça o
[homem,
Sejam julgadas as nações diante de tua
[face!
21. Incute, ó Eterno, o terror nelles,
Saibam os povos que são homens.
(Selah — Pausa.)

Heth

14. Miserere mei, Domine; vide humilitatem
[meam de inimicis meis.
15. Qui exaltas me de portis mortis,
Ut annuntiem omnes laudationes tuas in
[portis filiæ Sion.
16. Exultabo in salutari tuo;

Teth

Infixæ sunt gentes in interitu quem fece-
[runt.
In lagueo isto, quem absconderunt, com-
[prehensus est pes eorum.
17. Cognoscetur Dominus judicia faciens;
In operibus manuum suarum comprehensus
[est peccator.

Jod

18. Convertantur peccatores in infernum,
Omnes gentes quæ obliviscuntur Deum.
19. Quoniam non in finem oblivio erit pauperis;
Patientia pauperum non peribit in finem.

(Caph)

20. Exurge Domine, non confortetur homo;
Judicentur gentes in conspectu tuo,
21. Constitue Domine, legislatorem super eos,
Ut sciant gentes quoniam homines sunt.

Psalmo X segundo o hebraico

Lamed

1. Porque, ó Eterno, te apartar para longe,
E te esconder nos tempos da tribulação?
2. Pela soberba do impio está consumido o
[misero.
Sejam (elles mesmos) presos nas intrigas
[que meditaram.

(Mem)

3. Porque glorifica-se o impio da cubiça de
[sua alma,
E o avarento louva-se,
4. E zomba do Eterno.

(Nun)

O impio segundo a grandeza do seu orgulho,
[(diz): „Não ha vingador,
5. Não ha Deus."
Esses são todos seus pensamentos.

Psalmus X secundum Hebraeos

Lamed

1. Utquid Domine, recessisti longe,
Despicis in opportunitatibus in tribulatione?
2. Dum superbit impius incenditur pauper;
Comprehenduntur in consiliis quibus cogi-
[tant.

(Mem)

3. Quoniam laudatur peccator in desideriis
[animæ suæ,
Et iniquus benedicitur,
4. Exacerbavit Dominum.

(Nun)

Peccator secundum multitudinem iræ suæ
[non quæret,
5. Non est Deus
In conspectu ejus.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

(*Samech*)

5. Prosperos são seus caminhos em todo o [tempo,
A elevação de teus juizos supera sua vista,
Todos seus adversarios, assopra contra elles [(em signal de desprezo).

(*Aïn*)

6. Elle diz no seu coração : "nada me abalará,
De geração em geração,
Eu não estarei na adversidade."

(*Phe*)

7. Sua bocca está cheia de impreçações,
De astucias e violencias,
Debaixo de sua lingua, ha perversidade e [injustiça.

(*Sâdê*)

8. Está armando ciladas nas aldeias,
Em logares escondidos assassina o inno- [cente.
9. Seus olhos espiam o misero.
Está de emboscada como o leão na sua [cova,
Está de emboscada para arrebatar o pobre :
10. Arrebata o misero attrahindo-o no seulaço
Inclina-se, agacha-sè
E (de repente) cahem nas suas garras os [miseros!
11. Diz no seu coração; „ Deus esquece,
Aparta sua face,
Não olha jámais."

Koph

12. Levanta-te, ó Eterno; ó Deus, eleva a tua [mão,
Não te esqueças dos pobres.
13. Por que razão o impio zombaria de Deus,
Diria no seu coração : „Não vingarás."?

Rech

14. Tu vés, porque a violencia e a colera tu [consideras,
Para pôl-as na tua mão;
Em ti confia o misero,
Do orphão tu és o defensor.

Chin

15. Quebra o braço do impio,
E quanto ao malvado, castiga sua iniquidade, [não appareça mais!
16. O Eterno reina para sempre e eternamente,
Desappareceram as nações da terra d'elle.

Thaw

17. As supplicas dos miseros ouvirás, ó Eterno,
Fortalecerás seus corações, prestarás ouvido,
18. Para fazer justiça ao orphão e ao oppri- [mido,
Afim de que o homem tirado da terra deixe [de incutir terror.

(*Samech*)

5. Inquinatæ sunt viæ ejus in omnipotempore
Auferuntur judicia tua a facie ejus;
Omnium inimicorum suorum dominabitur.

(*Aïn*)

6. Dixit enim in corde suo : „Non movebor
A generatione in generationem
Sine malo.

(*Phe*)

7. Cujus maledictione os plenum est,
Et amaritudine et dolo;
Sub lingua ejus labor et dolor.

(*Sâdê*)

8. Sedet in insidiis cum divitibus
In occultis ut interficiat innocentem.
9. Oculi ejus in pauperem respiciunt;
Insidiatur in abscondito quasi leo in spe- [lunca sua,
Insidiatur ut rapiat pauperem,
10. Rapere pauperem dum attrahit eum in [laqueo suo,
Humiliabit eum, inclinabit-se,
Et cade cum dominatus fuerit Pauperum.

11. Dixit enim in corde suo : oblitus est Deus,
Avertit fàciem suam
Ne videat in finem.

Koph

12. Exurge Domine Deus, exaltetur manus tua;
Ne obliviscaris [pauperum.
13. Propter quid irritavit impius Deum?
Dixit enim in corde suo : non requiret.

Rech

14. Vides, quoniam tu laborem et dolorem con- [sideras,
Ut tradas eos in manus tuas.
Tibi derelictus est pauper ;
Orphano tu eris adjutor.

Chin

15. Contere brachium peccatoris,
Et maligni quæretur peccatum illius, et non [invenietur.
16. Dominus regnabit in æternum, et in sæcu- [lum sæculi;
Peribitis gentes de terra illius.

Thaw

17. Desiderium pauperum exaudivit Dominus;
Præparationem cordis eorum audivit auris [tua.
18. Judicare pupillo et humili,
Ut non apponat ultra magnificare se homo [super terram.

NOTAS

I Estrophes regulares : Aleph-Beth-Ghimel. versiculos 2—7. O psalmista dá graças á Deus, que derrotou seus inimigos.

V. 4 « *In convertendo inimicum meum retrorsum* — Hebr. : no recuar meus inimigos para traz. »

V. 7 « *Inimici defecerunt frameae in finem* etc. grammaticalmente se pode traduzir por : Do inimigo as ruinas estão, etc.; ou ainda : Não ha mais inimigo, mas ruinas para sempre. » Os LXX consideram : *charabot* como derivado de : *chereb* — gladio, instrumento cortante e traduziram por : αἱ ῥομφαῖαι = *frameae*. Mas *charabot* é derivado de *chorbah*, plur. *charabot :* logar arruinado — devastado = arido.

II Estrophes irregulares, correspondentes á : Daleth-He, versiculos 7—9. V. 7 « *Periit memoria eorum cum sonitu* = Hebr. : a memoria d'elles (dos inimigos) desappareceu com elles. *Heimah*, traduzido por μετ' ἤχου pelos LXX não é derivado de *hamah* = fazer estrepido, mas é terceira pessoa plural do pronome pessoal : *huh* plur. *hémah* = elles.

III Estrophes regulares : Waw - Zaïn - Chet - Teth - Yod, versiculos 10—19. Yahwe é o amparo dos afflictos.

V. 10 « *Refugium pauperi* = Hebr. : logar alto, cidadella para os afflictos.

V. 12 « *Studia ejus* = Hebr. : *halilotaiw* = maravilhas, façanhas d'elle.

V. 13 « *Requirens sanguinem* = Hebr. : *Dôrechdamim* = *requirens sanguinum ;* sangue no plural. Deus pedirá conta do sangue injustamente derramado, nem uma gotta será esquecida.

V. 15 « *De portis-mortis - In portis filiae Sion.* » Metaphora oriental, as portas designam o poder.

V. 17 « *Cognoscetur Dominus* » O Eterno se faz conhecer pelas suas obras, fazendo justiça.

No texto hebraico, fim do versiculo 17, lê-se : *Higgaïon-selah,* quer dizer provavelmente : musica, jogo de instrumentos, e pausa.

IV Estrophe irregular corresponde á Caph. Versiculos 20—21.

V. 21 «*Constitue Domine legislatorem*, etc. » Os LXX parecem ter lido : *moreh* doutor, em vez de *morah* — terror. Os antigos já traduziam por : φόβον Theodotion, φόβημα Aquila, *pone Domine terrorem eis*, S. Jeronymo. *Selah* = pausa.

Psalmo X segundo os Hebreos.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

V Estrophe regular : Lamed, versiculos 1—2.

V. 1 « *Despicis in opportunitatibus* = Hebr. : porque estás longe, e te escondes nos tempos da tribulação ?

VI Estrophes irregulares correspondentes á : Mêm-Num-Samech-Aïn-Phe-Sade, versiculos 3—11. Esses versiculos, nos quaes o poeta sagrado nos pinta admiravelmente a viva imagem do impio, parecem realmente mutilados, por isso o sentido torna-se de vez em quando muito obscuro.

V. 3 « *Quoniam laudatur*, etc. » Verso difficil, ao pé da lettra o sentido seria : Porque louva o peccador sobre a cubiça de sua alma, e o iniquo bemdiz ; despreza a Yahwe ? = i. é : o peccador glorifica-se de suas maldades e despreza a Deus.

V. 4 « *Exacerbavit Dominum*, etc. » = Hebr. : o máo, segundo a altura de seu rosto (diz) : não indagará — não ha Deus — todos seus pensamentos, i. é : o máo, na sua soberba, diz não haverá castigo, não ha Deus, estes são seus pensamentos.

V. 5 « *Auferantur judicia tua*, etc. = Hebr. : Altura teus juizos para o alcance d'elle, todos seus inimigos assopra n'elles, i. é : obcecado pela sua soberba, o impio nada intende das coisas divinas, professa um grande desprezo para com seus adversarios.

V. 7 « *Labor et dolor* = pena e injustiça ».

V. 8 « *Cum divitibus*, Hebr. : *Chasserîm* = logar cercado ».

V. 9 « *Dum attrahit eum*, Hebr. : attrahindo-o na sua rêde, laço. *Rêchêt* — rede.

VII Estrophes regulares : Koph-Rech-Sin-Thaw, versiculos 12—18. Ultima invocação a Deus em favor dos perseguidos.

V. 14 « *Ut tradas eos in manus tuas* = Hebr. : para pôr na tua mão = i. é para não esquecer o perseguido, nem o perseguidor.

V. 17 « *Praeparationem cordis* = *tackîn* — *libam* = tu amparas o coração d'elles.

V. 18 « *Ut non apponat ultra magnificare se homo super terram* » ; dois modos de traduzir : 1.º Para que o homem de terra, (i. é feito de barro) não cause mais terror. 2.º Para que não aterrorizem, tyrannisem mais o homem da terra, i. é do paiz.

F. P. (1)

---

(1) Erudito collaborador do *Boletim eccl. da Diocese de S. Pedro do R. G. do Sul*, publicação muito notavel e digna de ser melhor conhecida.

O PLANO DOS LUSIADAS

I

A acção dos *Lusiadas* é muito simples. Camões, depois de dizer vagamente que os Argonautas portugueses vão pelo mar alto, apresenta-os de subito no Canal de Moçambique (1). *O regedor* das ilhas de Moçambique, ou xeque, apesar de bem tratado pelos nossos, atraiçoa-os : e estes vingam-se. De Moçambique seguem os Barões viagem por Mombaça, onde evitam tambem os enganos do senhor da terra, e por Melinde, cujo rei os agasalha e conforta. De Melinde partem para a India (Malabar), sem outro incidente que uma tempestade. O samorim (2), ou imperador de Calecut, recebe affavelmente os Portugueses, mas para logo Vasco da Gama, que commandava a expedição, se vê em difficuldades, deixa o Malabar, e volta para o reino, tendo tido durante o regresso, no Oceano Indico, a fantastica apparição da Ilha dos Amores (3). — Serviu de base a Camões a narrativa que da viagem de Vasco da Gama (1497-1499) constava da historia : Castanheda, *Descobrimento e conquista da India* (1.ª ed. : 1551), liv. I, cap, II-XXIX, e João de Barros,

(1) O termo da expedição de Bartholomeu Dias, em 1487, foi no Rio do Infante, já na Africa Oriental, como se diz no *Roteiro de Vasco da Gama*, 2.ª ed., pag. 16. Entre o Rio do Infante e o Canal de Moçambique (*Monçobiquy* e *Moçombiquy* é o que se lê no *Roteiro*, com *c* porém por *ç*), o *Roteiro*, seguido por Castanheda, *Historia do descobrimento*, I III-IV, só menciona a Terra da Boa Gente (com o Rio do Cobre), perto da entrada do Canal; por isso Camões, que, seguindo as pisadas de outros epicos (por exemplo Vergilio), não desejava que o inicio da narração do poema e o da acção coincidissem um com o outro, mas queria, ao que se vê, começar com a menção das paragens onde principiavam os novos feitos do Gama, e que desde o Rio do Infante até ao Canal não tinha coisa de vulto que mencionasse, começou pois por este.

(2) Castanheda, *Hist. dos descobrimentos*, ed. de 1551, I, 14, escreve *çamorim* ; Barros, *Asia*, ed. de 1552, L, IV, escreve *çamorij*. No *Roteiro de Vasco da Gama*, que é mais antigo, vem *camolim*, i. é, *çamolim*. Nos *Lusiadas* porém, nas duas ed. de 1572, lê-se *s*, e não *ç* : *samori* (VI, 59).

(3) Muitos AA pretenderam provar que Camões, ao descrever a Ilha dos Amores, teve em mente uma ilha determinada : vid. *Carta a Thomas Norton* por Gomes Monteiro, Porto 1849. O mais que póde affirmar-se é que o poeta imaginou a ilha no Oriental, no Oceano Indico : vid. a *Carta* citada, pag. 23 e 43, onde Gomes Monteiro se apoia nos *Lusiadas*, x, 53, 95 e 96. Que a ilha era porém fantastica, resulta de varias circumstancias (o Conde de Ficalho, *Flora dos Lusiadas*, Lisboa 1880, pag. 33-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

Asia (1.ª ed. : 1552), decada I, liv. IV, — um e outro apoiados no *Roteiro de Vasco da Gama*, obra escrita por um dos expedicionarios, a qual esteve inedita até 1838 (teve 2.ª ed. em 1861).

A' volta d'este nucleo fundamental condensam-se, em fórma de episodios e accessorios, distribuidos com excellente arte por todo o poema, os principaes acontecimentos da historia militar (terrestre e maritima), — *sanguinosa guerra* (III, 5) —, correlacionados com a geographia e ethnographia portuguesas, e com a historia, geographia e ethnographia universaes, e ora apresentados directamente pelo poeta, ora postos narrativamente na bocca de alguns dos seus heroes, e na de entidades mythicas : o poeta, além da indicação geral que faz da geographia e historia de Portugal na dedicatoria a el-rei D. Sebastião, descreve a viagem desde o Canal de Moçambique até Calecut, e a volta pela Ilha dos Amores a Lisboa ; Vasco da Gama, Velloso e Paulo da Gama referem em várias situações o que succedeu desde a origem de Portugal até o momento em que a expedição aportou a Melinde (1) ; a nympha Thetis, na Ilha dos Amores, vaticina acontecimentos comprehendidos entre o momento em que falla e o tempo de Camões ; Jupiter prediz a Venus, numa synthese, as façanhas dos Portugueses no Oriente ; o gigante Adamastor annuncia alguns naufragios do tempo de D. Manoel e de D. João III.

A maior parte das vezes não assistimos, pois, por assim dizer, a um drama em que actores executem uma acção num palco, nem vemos diante de nós um quadro de acontecimentos ao vivo; em compensação escutamos uma toada de musica longinqua, que, tornando-nos completamente senhores de tudo o que se passa, nos commove até o mais intimo de nosso ser. Neste andamento narrativo dá-se mesmo ás vezes o caso de, como nos contos orientaes, umas narrações se intercalarem noutras : assim varios naufragios succedidos no Cabo das Tormentas são declarados propheticamente aos nautas por Adamastor, ao tempo que a historia d'este gigante está sendo relatada por Vasco da Cama, ao rei de Melinde.

Disponhamos agora por ordem chronogica a historia portuguesa, tal como ella apparece nos *Lusiadas* (2).

47, mostrou que a flora attribuida por Camões á ilha não pertence ao Oriente) e d'este passo em que Venus, com relação á nossa gente, determinou (x, 21) :

> De ter-lhe apparelhada lá no meio
> Das aguas *alguma insula divina*.

O caracter symbolico da ilha é tambem claramente expresso em IX, 88-89, e em X, 73.

(1) O que succedeu em Moçambique e Mombaça, já contado pelo poeta nos cantos I e II, é agora mencionado succintamente, só de relance.

(2) Para as citações e transcripções não me sirvo de nenhuma edição determinada. Infelizmente faltam-nos ainda quatro livros fundamentaes : uma edição dos *Lusiadas*, verdadeiramente critica; um Diccionario da nossa lingoa, que satisfaça ás exigencias da sciencia; um Historia de Portugal, e uma Historia da Litteratura nacional, ambas

Descripção geral da Europa; III, 6-80.
Peninsula hispanica; III, 17-19.
Portugal em especial; III, 20.

...quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino luzitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no Oceano.

Origens fabulosas (Luso e Lusitania; Ulysses e Lisboa); III, 21; VII, 77: VIII, 1-5.

Lusitania protohistorica, e historica ou romana (Viriato, e Sertorio com a cerva): III, 22; VIII, 6-8.

Sarracenos: III, 23.

Tronco da casa real portugueza (D. Henrique): III, 25-28; VIII, 9.

I°. *Periodo da historia de Portugal. Organisação do estado (do sec° XII á victoria de Aljubarrota).*

D. Affonso Henriques: III, 28-33, guerra com a mãe em 1128; III, 34-42; e VIII, 13-15, guerra com Lião, e episodio de Egas Moniz; III, 42-54, guerra com os Mouros e batalha de Ourique; III, 54-84, conquistas na Extremadura Cistagana e no Sul do Tejo, de 1145 em diante, cujo relato o poeta acompanha com a indicação dos caracteres zoologicos, botanicos, geographicos e historicos das povoações (piscosa Cezimbra; fria Cintra; Alemquer, "por onde soa o tom das frescas agoas entre as pedras,,; terras Transtaganas, "affamadas co'o dom da flava Ceres"; Evora, cidade de Geraldo); III, 83-84, e VIII, 10-12, morte do rei, em 1185, e apreciação geral do seu reinado.

Outros barões notaveis d'este tempo, alem de Egas Moniz, já citado. D. Fuas, "que na terra e no mar resplandece juntamente,, (VIII, 16-17); Cruzados que vem do N. da Europa ajudar D. Affonso na expugnação de Lisboa, e entre elles o cavalleiro Henrique, em cujo tumulo brotou uma palma

em português, que contenham as materias necessarias, e sejam facilmente manuseaveis. Com relação á primeira lacuna, ella será em breve annulada, pois consta-me que o sr. Epiphanio Dias já tem no prélo o começo do seu trabalho sobre os *Lusiadas*. Para se preencher a ultima, bastava que a Sr.ª D. Carolina Michaelis traduzisse em português o estudo que inseriu no *Grundriss der romanischen Philologie*, II-2, e condensasse e lhe addicionasse os artigos que tem publicado dispersamente. As outras duas é que talvez não sejam preenchidas tão cedo, e comtudo, com relação á Historia de Portugal, a empresa não era difficil: assim houvesse quem pudesse ou quisesse trabalhar!

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

(VIII, 18); o prior D. Theotonio e Mem Moniz (VIII, 19-20); Geraldo Sem Pavor, " que desce pela lança com as duas cabeças dos vigias,, (VIII, 21).

Reinados subsequentes até o do *remisso, e sem cuidado algum, Fernando*. Dilatação das conquistas portuguesas pelo Sul : tomada de Silves em 1189 com o auxilio de uma armada germanica que se dirigia para a Terra Santa (III, 86-88), e tomada de Alcacer do Sal (III, 90; VIII, 23-24) em 1217. Expulsão dos Mouros do Algarve (III, 95). Govêrno pacifico de D. Diniz, de 1279 a 1325 (III, 96-98), rei que fez boas leis, protegeu as lettras e

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros.

Auxilio pedido por Affonso VI de Castella a Affonso IV de Portugal pela voz da *formosissima Maria* (III, 99-108); batalha do Salado (III, 109-18) em 1340; lagrimas que provoca o assassinio de D. Ignez (III, 118-135) em 1355. Caracter energico de D. Pedro o Justiceiro (III, 136-137). Fatalidades do tempo de D. Fernando (III, 138-139), de 1367 a 1383.

Heroes de todos estes reinados : Martim Lopes, que desbarata um fidalgo castelhano alliado com os Mouros (VIII, 22-23), allianças frequentes nas guerras medievaes da Peninsula; o bispo D. Matheus,

Que em lança de aço torna o bago de ouro,

e a quem appareceu no ceu um sinal (VIII, 23-24); D. Paio Peres Correia, conquistador do Algarve (UIII, 25-26). Lenda de tres aventureiros que em França e Hespanha se fazem conhecidos para sempre (VIII, 26-27).

Das alterações do reino resultou em 1385 a acclamação de D. João I, a quem uma menina em Evora, *ante tempo fallando*, acclamou (IV, 2-3). Morte do conde Andeiro (IV, 4-5). Guerras com Castella (IV, 6-46, e VIII, 28-36). Expedição e batalha de Aljubarrota, contadas com todas as côres da eloquencia : tropeiam os cavallos, tinem os ferros que se cruzam uns nos outros, vozeia confusamente a soldadesca em tumulto. Usos guerreiros : antes da batalha (IV, 22).

Huns as armas alimpão e renovão,
Que e ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofão, peitos provão :
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com lettras e tenções de seus amores.

Costumes populares : promessas de jejuns e romarias, se a batalha se ganhasse (IV, 26); cumprimento de tudo isso, depois que foi ganha (IV, 45). Varios personagens que se salientam nas guerras com Castella : Pero Rodri-

gues do Landroal (VIII, 33); Gil Fernandes, de Elvas (VIII, 34); Rui Pereira (VIII, 34).

Depois de terminada a guerra com os Castelhanos (IV, 47; VI, 43), e como consequencia da alliança de D. João I com o duque de Lancastro (VI, 47), com cuja filha, chamada D. Felippa, era casada o nosso rei (VI, 47), succedeu a proesa dos Doze de Inglaterra (VI, 43-69), que constitue como que um romance da Tavola Redonda, genero litterario muito em voga no seculo XV.

II.

2º *Periodo da historia de Portugal, ou expansão colonial (dos começos do sec.* XV *aos meados do sec.* XVI).

De D. Joâo I diz o poeta (IV, 48):

Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

A conquista de Ceuta, realizada por D. João I em 1415, fórma effectivamente o inicio da nossa expansão colonial e poder maritimo. *Progenie generosa* de el-rei (IV, 50-53; VIII, 37): D. Pedro, que *faz que fama illustre fique d'elle em Germania*, e que por essa e outras viagens se tornou conhecido pela historia adiante, lembrando-se d'elle ainda hoje o povo na litteratura de cordel, pois ahi se diz que « correu as sete partidas do mundo »; D. Henrique, a fama immortaliza como *descrobidor dos mares*, e que foi o primeiro que entrou as portas de Ceuta; D. Duarte, successor na corôa; o infante santo,

Que, por salvar o povo miserando,
Cercado, ao Serraceno se entregava,

em 1437. A par d'estes memora-se (VIII, 38) o conde D. Pedro, que sustenta dois cercos contra a Barbaria em peso.

Seguem-se as conquistas que D. Affonso V levou a cabo no N. d'Africa (IV, 54-56): Alcacer, *villa forte*; Tanger *populosa;* a *dura* Arzilla. Numa das expedições africanas o conde D. Duarte de Menezes (VIII, 38) defende a vida d'el-rei,

Pondo por muro a sua, alli perdida,

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

em 1464. Guerra com Castella, e batalha de Toro em 1476, cujo resultado Camões attenua com tanta habilidade (IV, 57-60), que a derrota parece victoria.

Chegada de Bartholomeu Dias ao ilheo da Cruz (e rio do Infante) em 1487 (V, 65). Viagens de Affonso de Paiva e Pero da Covilhã, no mesmo anno, á procura do prestes João (IV, 60-65), o que dá aso ao epico para fazer, como de costume, considerações historicas e geographicas.

Sobe ao throno em 1495 D. Manoel, que (IV, 66).

> Logo como tomou do reino cargo,
> Tomou mais a conquista do mar largo.

O poeta, adoptando tradições antigas, persistentes ainda no seu tempo (e conservadas mesmo até agora!), segundo as quaes o destino ou os deuses inspiram os homens quando dormem, finge que o Ganges e o Indo apparecem em sonhos a D. Manoel, e o mandam descobrir e conquistar o Oriente, (IV, 67-75). Por um lado Camões aproveita as suas reminiscencias classicas para dar aos dois rios indianos feições que a mythologia e a arte deram geralmente ás divindades fluviaes: dois anciãos, com o cabello gottejante, longa barba hirsuta, a fronte coroada de ramos e hervas. Por outro lado impressionou-se um pouco diante das paisagens do Oriente, pois diz que os ramos que coroam os rios são de aspecto desconhecido, e descreve d'este modo uma montanha da India, povoada de florestas virgens:

> Aves agrestes, feras e alimarias
> Pelo monte selvatico habitavão;
> Mil arvores sylvestres e hervas várias
> O passo e o trato ás gentes atalhavão (1).

Enthusiasmado com o sonho, el-rei D. Manoel convoca um conselho d'estado (IV, 76), e nelle se resolve mandar uma expedição maritima ao Oriente, cuja organização e commando se entregam a Vasco da Gama (IV, 77-80). A este são aggregados seu *caro irmão* Paulo da Gama (IV, 81), Nicolao Coelho, *de trabalhos mui grande soffredor* (IV, 82), e muitos outros guerreiros, *todos de grande esforço* (IV, 82).

Prepara-se a expedição em 1497 no porto de Lisboa, a *inclyta Ulyssea* (IV, 84). Está tudo nobremente alvoroçado no momento da partida, e os soldados, possuidos do desejo de buscarem *novas partes do mundo*, ostentam

(1) Cfr. Gomes Monteiro, *Carta a Thomaz Norton*, Porto 1849, pag. 70-71. Com razão diz Silvestre Ribeiro, *Os Lusiadas e o Cosmos* Lisboa 1858, pag. 38: « A descripção dos dois rios, o Indo e o Ganges.., tão imaginosa, tão brilhantemente poetica, faz lamentar a falta das bellezas que o Poeta derramaria no seu Poema, se porventura, menos dominado pela sua profunda erudição classica, houvesse exercido o divino pincel no debuxo das radiantes scenas das regiões do Oriente ».

pelas praias os seus trajos guerreiros, *de várias cores e várias artes*, ao mesmo tempo que nos navios de guerra, surtos no Tejo, os estandartes ondeiam ao vento (IV, 85). Na ermida do Rastello preparam Vasco da Gama e os seus as almas para a morte, pois esta *sempre aos nautás ante os olhos anda* (IV, 86). Por fim partem do templo para as náos, acompanhados de solemne procissão de *mil religiosos* que fazem orações a Deus por elles (IV, 87-88). Nisto começa a gritaria das familias dos expedicionarios:

As mulheres c'hum chôro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavão...

lamentando já os filhos, já os esposos, já os irmãos, que iam para tão longe, por *caminhos incertos e duvidosos* (IV, 89-92). Mas Vasco da Gama, para evitar mágoas ou desanimos, ordena immediatamente o embarque (IV, 93); e emquanto um Velho, *d'aspecto venerando*, symbolo da prudencia e da duvida, ficava na praia entre as gentes a apostrophar os destinos e a vociferar contra a expedição, o que fórma um dos quadros melhor imaginados e mais emocionantes dos *Lusiadas* (IV, 94-99) posto que baseado, como penso, num passo da *Asia* de João de Barros (1), desfraldam-se as velas, e os marinheiros clamam (V, 1): — boa viagem!

Na descripção d'esta viagem nada se cala que possa esclarecer ou prender o animo do leitor. Alem do saber prático, adquirido por Camões ao tambem passar pelos lugares que pinta, elle possuia a leitura dos chronistas que trataram do assumpto. A poesia ganha extraordinaria côr de realidade.

Os nautas deixam *o caro Tejo*, e alongam sandosamente os olhos pela *fresca serra de bintra* (V, 3); passam a Madeira, assim denominada *do muito arvoredo* (V, 5), e costeiam toda a Africa Occidental. No seu longo percurso, presenceiam varios phenomenos naturaes.

... que os rudes marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia
Contão por certos sempre e verdadeiros

(V, 17), taes como o fogo electrico que chamam de Santelmo (V, 18), e a tromba maritima (V, 18-22). Passado o tropico de Capricornio, entre este e o Circulo antarctico, desembarcam e acham-se em terra de Negros, na angra ou

(1) Fallando da partida da expedição, diz o nosso historiador: « Todolos que estavão promptos na vista d'elles (dos expedicionarios).. começárão de.. lançar juizos, segundo o que cada hum sentia d'aquella partida ». — Decada I, liv. IV, cap. 2 Camões passou tudo isto para as vozes do Velho.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

bahia de Santa Helena, onde aconteceu a aventura de Velloso (V, 30-36), que, com quanto jocosa em parte, se ajusta convenientemente á severa gravidade da narração epica, pois indica a boa disposição de animo dos soldados, e dá ao mesmo tempo a mostra do genio dos Portugueses, sempre promptos para a zombaria, mesmo nos trances mais difficeis, como nesta viagem. Vem logo o episodio do Gigante Adamastor (V, 37-60), com o qual o poeta, em arrojada concepção artistica, eterniza a grandeza das expedições maritimas dos Portugueses, que na passagem do Cabo Tormentorio se expunham a perigos desmarcados: o poeta entrelaça maravilhosamente factos historicos com lendas mythologicas e observações reaes.

Dobra a armada o Cabo (V, 61), e continúa até Melinde a sua rota. Apontam-se os costumes dos povos encontrados na passagem (ethnographia local); danças (V, 62), cantigas pastoris (V, 62), uso de troca de mercadorias em vez de moeda (V, 64), lingoas indigenas (V, 64, 69, 76), trajos (V, 76). Encarecem-se as difficuldades e os accidentes da viagem: corrupção dos mantimentos (V, 71), escorbuto na tripulação (V, 81-82). Quando a armada chega ao rio dos Bons Signaes, Vasco da Gama implanta ahi um padrão commemorativo (V, 78).

O rei de Melinde entretem os Portuguezes com jogos, danças e outros divertimentos (VI, 2). Apesar d'isso o Gama, notando que o vento estava fresco e convidava a navegar, e que a Asia ficava ainda longe, despede-se do seu hospedeiro, a levanta ferro (VI, 3-5). Para espalharem o somno e passarem docemente o tempo por vezes fastidioso da viagem, os marinheiros *contam historias* (VI, 39), uma das quaes constitue o episodio dos Doze de Inglaterra, (3) que já alludi. Neste entrementes salteia-os furiosa tempestade, pintada com os respectivos termos technicos (VI, 70-76). Por fim porém (VI, 92)

> Já a manhã clara dava nos outeiros
> Por onde o Ganges murmurando soa,

e Vasco da Gama, á vista da India, termo dos seus longos desejos, rende, como bom christão, as graças a Deus pelo que lhe succedêra (VI, 94).

Chegados ao Malabar, de que o poeta faz a historia e esboça a religião e costumes (VII, 32-41), o que é precedido de uma noticia geographica e ethnographica da India em geral (VIII, 17-22), Vasco da Gama vae ao palacio do samorim ou imperador de Calecut, acompanhado de um regedor d'este, ou *catual*. Após varias negociações, peripecias e revézes (cant. VII et VIII), Vasco da Gama deixa o Malabar (IX, 12) em 1498, e volta ao Tejo (X, 144) em 1499.

A' expedição do Vasco da Gama seguiram-se outras, cujo intuito era subir as ribeiras

> Por onde o Oceano Indico suspira

(X, 10). A primeira foi a de Pedro Alvarez Cabral em 1500, o qual, embora se dirigisse á India, se afastou todavia da costa africana para o Poente, e descobriu o Brasil (X, 140).

Duarte Pacheco, o *Achilles lusitano*, ataca e destroe em 1504 o samorim de Calecut, e torna-se notavel em todo o Malabar (X, 12-15).

Glorias da Africa e da India, desde 1505 até 1522. D. Francisco d'Almeida, 1.º governador da India com o titulo de vice-rei, castiga Quiloa, e incendeia Mombaça (X, 26-27), toma Dabul (X, 34), combate nas aguas de Dio (1) contra a armada do Egypto e de Cambaia (X, 35-36), e morre nos Cafres (X, 38). Tristão da Cunha arrasa a costa d'Africa, no mar de Melinde (X, 39). Affonso de Albuquerque, 2.º governador da India, toma Ormuz (X, 40-41), Goa (X, 40-42) e Malaca (X, 44). Outros governadores: Lopo Soares de Albergaria (X, 50-51); Diogo Lopes de Sequeira, em 1518-1522 (X, 52).

Em 1520 aporta á America o navegador Fernão de Magalhães, portuguêz *no feito*, embora *não na lealdade* (X, 140), e descobre o estreito que tem o seu nome.

Continuação dos governadores da India, desde o 5º, em 1522-1524, até o 13.º, em 1548. O ultimo d'estes é D. João de Castro,

> ..... que o estandarte
> Portuguêz terá sempre levantado

(X, 67), e cujos filhos se notabilizam e lhe morrem no segundo cêrco de Dio (X, 69-70), em 1546.

A taes barões succedem ainda outros, *dignos de fama e maravilha* (X, 73), ainda que o poeta os não especifica.

Esta brilhante história das armas portuguezas alem-mar (2), onde a pequena nação (VII, 14)

> De Africa tem maritimos assentos
> E' na Asia mais que todas soberana,
> Na quarta parte nova os campos ara,
> E se mais mundo houvera, lá chegára,

história tambem summariada em H, 45-55, no que toca ao Oriente, e comple-

(1) Escrevo *Dio* para adoptar a orthographia de Camões (X, 35, 61, 62, 64, 67). Sobre esta palavra haveria algo mais que notar, se aqui fosse lugar apropriado para isso.

(2) Digo *brilhante*, para me não afastar da ordem de ideias que estou expondo; mas tambem ha nella muitos negrumes.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

tada em X, 93-141, no que toca á Africa Austral e Oriental, á Asia, ao Extremo-Oriente e á America, é porém enlutada por vezes com horrorosos naufragios (V, 44), e particularmente com o de Bartholomeu Dias (V, 44), em 1500, o de D. Francisco d'Almeida (V, 45), em 1510, o de Sepulveda (V, 46-48) em 1522.

A descripção das terras afastadas e a narrativa dos factos ahi passados tornam-se mais vivas ao espirito do leitor com a menção de costumes caracteristicos e de lendas tradicionaes dos respectivos povos, por exemplo: as casas dos Negros (X, 94), os milagres de S. Thomé (X, 108-118), o banho no Ganges (X, 121), as origens mythicas do Pegú (X, 122), a anthropophagia e tatuagem nos Gueos (X, 126,) a convicção dos povos de Camboja de que os animaes, depois de morrerem, tem outra vida em que recebem castigos ou gloria (X, 127), a crença na transformação do pão em pedra num rio da Sunda (X, 134), a pégada mystica em Ceilão (X, 136).

Para que na exposição da longa historia de Portugal não se omittisse a de um dos maiores Portuguezes que jamais houve, Camões teve artes de ahi intercalar tambem, por fragmentos, e como que aos relampagos, e sua autobiographia (1). Nasce junto do Tejo (I. 4), e começando por cultivar na poesia o genero lyrico, passa a cultivar o epico, e emprehende a composição dos *Lusiadas* (I, 4-5). Suas viagens e desgraças (VII, 78-82). Naufraga no rio Mecom, na costa de Camboja (X, 127-128). Continúa a escrever o poema, o que lhe acarreta difficuldades, mas elle só cantará a honra e a gloria (VII, 83-87). Epoca em que o conclue (X, 8-9). Desanimos ao terminá-lo (X, 145). Synthetiza os factos capitaes da sua vida, e prontifica-se ainda a combater ás ordens de el-rei D. Sebastião, e a celebrar-lhe as futuras glórias (X, 154-156):

> Para servir-vos, braço ás armas feito;
> Para cantar-vos, mente ás Musas dada.

Camões alliava ao grande talento artistico muita erudição, principalmente historica e litteraria; possuia além d'isso poderosa memoria, que o fazia utilisar no acto e fervor da inspiração poetica as noções mais variadas: por isso as suas narrações e descripções não se apresentam sêccas, e pelo contrário são sempre vivificadas com comparações historicas e mythologicas, e matizadas de considerações politicas, moraes e poeticas, o que se observa com especialidade nos epiphonemas que rematam os cantos. D'esta sorte a materia mais aspera, ao calor da sua tuba epica, torna-se eminentemente deleitavel.

(1) Esta autobiographia foi por mim traduzida em mirandês, em prosa, nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, 125-131.

III.

Pela precedente resenha comprehende-se bem o que Camões quiz dizer nas duas oitavas preliminares dos *Lusiadas*. Vejamos a 1.ª:

As armas e o barões assinalados
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca deantes navegados,
Passárão ainda alem da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificárão
Novo reino que tanto sublimárão.

Ella refere-se ás navegações e conquistas portuguezas no Oriente, no tempo de D. Manoel e D. João III, especificadas sobretudo no canto X. Só forçando o sentido das palavras, se poderia crer que Camões quizesse tambem alludir á America. Na 2ª, oitava os versos

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis que forão dilatando
A fé, o imperio, e as terras viciosas
De Africa e de Asia andárão devastando

referem-se a D. João I e seus successores até D. Manoel, a história dos quaes se conta no canto IV. Na mesma oitava 2.ª, os versos

E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando

isto é « e em fim, todos aquell'outros que por obras valerosas etc. » applicam-se aos heroes mencionados em VIII, 1-43, e aos reis da primeira dynastia, ennumerados no canto III: a todos aquelles que, illustrando-se por varios feitos, não foram porém *pelos mares nunca de antes navegados*, e só tiveram por campo de acção o continente e a visinha costa do Norte d'Africa (1).

Embora na realidade Vasco da Gama seja o heroe dos *Lusiadas*, no sentido em que esse termo se toma ao fallar-se de uma epopeia, Camões não o exprime, porém, como vimos, quando na proposição diz *as armas e os*

(1) E' natural que a proposição dos *Lusiadas* fosse escripta depois de composto o resto do poema.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Barões... que passárão ainda alem da Taprobana.. e entre gente remota edificárão novo reino, porque Vasco da Gama nem sequer tocou em Ceilão (Taprobana), e muito menos fundou um reino. Tão pouco a 2.ª estancia declara alguma cousa. O verdadeiro assumpto é, como já alguns criticos ponderaram,

..... o peito illustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedêcerão,

— assunto manifestamente expresso na est. 3.ª, que é uma especie de synthese das estancias anteriores, e desenvolvido um pouco mais nas est. 9. 14 da dedicatoria. Por isso o poema adquiriu maior magestade: commemorou-se ahi um povo inteiro!

Durante e elaboração da sua obra, várias ideias agitam violentamente o espirito do poeta, e o dominam de modo especial:

1) *O amor da patria*, logo enunciado em I, 10,

..... não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno

e tantas vezes exaltado por todo o livro, que não posso aqui singularizar os lugares. Sem embargo, este amor não é tão cego, que o poeta, quando a occasião se offereça, deixe de estigmatizar procedimentos que julgue condemnaveis.

2) *A gloria de Portugal*, a que tambem se refere no principio (I, 3), no célebre verso

Cesse tudo o que a Musa antiga canta

e constantemente apregoada depois.

3) *A intensa fé catholica*, — outra ideia do comêço (I, 2), tratada muitas vezes, e pormenorizada com grande emphase em V, 2-14, para a contrapôr ás dissenções religiosas que lavravam na Europa nos seculos XV e XVI.

4) *O odio ao Mouro*, como consequencia d'essa fé, — ideia igualmente expressa em I, 2, e repizada, em seguida por exemplo: *torpe Ismaelita*, I, 8; *Mouro frio*, I, 16; *falso Mouro*, I, 99; *malvado Mouro*, I, 101; *Mouros enganosos* (de Mombaça), II, 7; *torpe Mauritano*, III, 81; *juliana, má e desleal manha*, IV, 49; *torpe Mahometa*, IV, 49; *povo immundo*, VII, 2; *torpe Ismaelita*, VII, 5; *cães*, VII, 9; *viciosa Mafoma*, VII, 17, *maligna gente Sarracena* IX, 6.

5) *A novidade das viagens longinquas*, que tanto impressionaram o poeta. Esta ideia, contida no v. 3 da estancia 1.ª,

Por mares nunca de antes navegados,

repete-se com frequencia :

Por vias nunca usadas, I, 27;

..... o mar remoto navegamos
Que só dos feios Phocas se navega, I, 52;

Novos mundos ao mundo irão mostrando, II, 45;

Para buscar do mundo novas partes, IV, 85;

..... mares
Que geração alguma não abrio, V, 4;

..... o Zaire.....
Rios pelos antigos nunca vistos, V, 13;

Da terra que outro povo não pisou, V, 26;

Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista d'outra gente, V, 14;

Os mares nunca de outrem navegados, V, 37;

..... longos mares.....
.....
Nunca arados de estranho ou proprio lenho, V, 41;

..... segredos escondidos
.....
A nemhum grande humano conhecidos, V, 42;

Neste meu nunca visto promontorio, V, 50;

Por climas e por mares não sabidos, V, 70;

..... se houve no mundo
Gentes que taes caminhos commettessem, V, 86;

..... mar profundo
Por onde nunca veio gente humana, VII, 25;

Por mares nunca de outro lenho arados, VII, 30;

... gente nunca d'antes d'elle (samorim) vista, VII, 50;

..... venturoso rei que arou primeiro
O mar (D. João I), VIII, 71.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Tamanho enthusiasmo pela heroicidade dos Portugueses; a nitida comprehensão da historia patria em seu pleno desenvolvimento; o tom de dôce melancolia que por toda a parte se revela, mesmo nos mais graves momentos; a erudição scientifica e historico-litteraria vinda prestemente quantas vezes é precisa; a perfeita congruencia com o ambiente social em que Camões viveu e com as circumstancias geraes da época; a versificação fluente, a linguagem castiça; tudo torna os *Lusiadas* verdadeira epopeia nacional, e obra prima entre as congeneres.

J. Leite de Vasconcellos (1).

Campolide, 7 de julho de 1908.

O NOME MARANHÃO

Na interessante sessão intitulada *A Lingua Portugueza* de collaboração no *Jornal do Commercio* do erudito lexicographo portuguez Candido de Figueiredo, vem, em 19 de Fevereiro de 1908, uma gentil resposta á pergunta que lhe dirigi a proposito de uma hypothese que aventurei relativa á origem do nome *Maranhão*, num escripto de collaboração no « Livro do Tricentenario do Ceará ».

Neste escripto, intitulado « A Costa Nordeste do Brasil na Cartographia antiga », tratei incidentemente deste nome apresentando certos factos relativos a seu primeiro apparecimento na cartographia brasileira e apresentando a referida hypothese para os explicar.

Estes factos, supplementados por alguns outros que não foram alli mencionados, que teem de ser tomados em consideração em qualquer discussão relativa ao nome, são os seguintes:

1.º O nome (na fórma hespanhola de *Marañon* apparece primeiro na historia escripta na segunda edição das Decadas de Pedro Martyr de Angleria, publicada em 1516; não sendo mencionada na primeira edição de 1511, na qual as informações relativas a esta parte da costa foram fornecidas pelo proprio Vicente Pinzon, o primeiro europeu que por alli passou; não sendo tambem citado na acta de concessão a Pinzon das terras por elle descobertas em que veem mencionados diversos nomes que evidentemente eram fornecidos por elle como caracteristicos das mesmas terras.

O seu apparecimento na edição de 1516 vem logo em seguida ao famoso processo de Diego Columbo, em 1513, que indubitavelmente forneceu muitos dados a Pedro Martyr para a redacção das suas decadas. Neste processo dous companheiros de Diego de Lepe, o segundo navegante desta costa, empregaram o nome, porém de um modo que deixa em duvida se este se originou com

(2) O doutor José Leite de Vasconcellos goza a reputação bem merecida de uma das maiores autoridades contemporaneas na filolojia, etnografia e prehistoria portugueza.

a expedição de Lepe em 1500 ou com alguma posterior. Infelizmente o documento que devia ser decisivo sobre este ponto, o famoso mappa de Juan de La Cosa, que dá a nomenclatura das expedições de Pinzon e Lepe, está roto na parte correspondente a este trecho da costa.

2.º Tendo desapparecido diversos mappas hespanhóes, cuja existencia a historia escripta registra, que succederam ao de Juan de La Cosa, o primeiro apparecimento do nome *Maranhão* na cartographia hespanhola é nos mappas de 1527 e 1529, onde é applicado á foz meridional do Amazonas, estabelecendo assim o uso hespanhol do termo, que persistio por muito tempo e introduzio enorme confusão na cartographia americana. No primeiro destes mappas a graphia é *Maranhom*, sendo o *h* suggestivo de uma adaptação á lingua portugueza; no segundo é *Marañon*, que se tornou corrente na cartographia e litteratura hespanhola.

No segundo destes mappas o hydrographo real da Hespanha, Diego Ribeiro declarou expressamente que depois de duas viagens, nos primeiros tempos, não se voltou mais a esta costa. Esta declaração significa que até 1529 não se conheciam officialmente na Hespanha viagens ao longo da costa nordéste do Brasil, posteriores á de Pinzon e Lepe.

3.º Entretanto neste mesmo interim, de 1500 a 1529, appareceram diversos mappas italianos (Freducci 1514? Maiollo, 1519 e 1527, e o denominado mappa de Turim, 1523?) que representam este trecho da costa com configuração e nomenclatura que indicam outras fontes de informação; e os dous primeiros trazem o nome *Maranhão* (*Maranon*, no mappa de Freducci, *Maralion*, no primeiro mappa de Maiollo e *Maranon* no segundo) empregado segundo o uso portuguez, isto é, applicado ao golpho que ainda hoje o conserva. Este facto indica que a costa tinha sido corrida por outros navegantes depois de Pinzon e Lepe e estes navegantes eram presumivelmente portuguezes.

4.º A historia escripta tem conservado o nome de um destes navegantes (Estevão Froes) e a data, 1513, da sua viagem, com referencias a dous antecessores, ambos de nacionalidade portugueza. O nome « Cabo Corso » dado no mappa de Maiollo de 1519 coincide com o de dous companheiros de Estevão Froes (Francisco e Pero Corso) e presumivelmente indica que o cartographo registrou informações obtidas directa ou indirectamente desta expedição de 1513. A differença na configuração e nomenclatura entre os mappas de Freducci e Maiollo indica, presumivelmente, que o primeiro obteve a sua informação de outra fonte.

5.º Nos mappas confeccionados antes de qualquer tentativa de posse effectiva os nomes são applicados a *cabos*, *bahias*, *rios* ou outras feições topographicas e veem precedidos por estes termos escriptos por extenso ou abreviados. As poucas excepções a esta regra são termos descriptivos, como *El Farallon*, que apparece em alguns mappas hespanhóes, e que geralmente vem precedido pelo artigo, mas ás vezes sem elle.

Entre as excepções figura o nome aqui discutido, que nos primeiros mappas, anteriores a 1530, vem sem qualificativo algum (*Maranon*, Freducci, 1514;

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Maralion, Maiolo, 1519; *Maranon*, 1527; *Maranhon*, mappa official hespanhol de 1527; *Maranhom*, Diogo Ribeiro, 1529); e depois desta data com o artigo o (*Ho Maranha*, mappa Ricardiano cerca de 1523; *O Maranham* Diogo Homem, 1558; André Homem, 1559; Bartholomeu Velho, 1561; *O Maranhon*, Vaz Dourado, 1568); bem que outros cartographos (*Maranhã*, Gaspar Viegas, 1534; *Marañon*, Alonzo de Chaves, 1536; *Maragnon*, Sebastião Cabotto, 1544; *Marignan*, Pierre Desceliers, 1550; *Maranhão*, Lazaro Luiz, 1563), dispensavam o artigo. Sómente os Hespanhóes Alonzo de Santa Cruz, 1542 (*R. Marañon*) e Diego Gutierrez, 1562 (*Rio de Marañon*, mas *Maranõn* no de 1550) accrescentaram o qualificativo « rio ». E' digno de nota que no primeiro apparecimento do nome num mappa hespanhol (o de 1527) a terminação *hom* parece *mais portugueza do que hespanhola*. Este modo de escrever é muito suggestivo de um termo topographico descriptivo como os que se veem tão frequentes na nomenclatura geographica hespanhola e portugueza, como, por exemplo, o *El Farallon*, ja citado, *O Porto*, *A Bahia*, etc.

Resulta desta historia que o nome appareceu demasiado cedo para que lhe possa ser attribuida uma origem indigena (corruptella de *Paraná*, que tem sido frequentemente lembrada). Os primeiros navegantes, permanecendo algumas horas ou dias em cada localidade, só podiam communicar-se livremente com os indios, ao ponto de colher e perpetuar termos de sua nomenclatura geographica, depois de ter levado alguns captivos comsigo, ou de ter deixado, propositalmente ou por causa de naufragios ou deserções, alguns brancos entre os indigenas.

Assim os primeiros nomes inquestionavelmente indigenas (Paracura e Camamora communicados por Pinson a Pedro Martyr) applicados ao territorio brasileiro só apparecem depois de uma segunda viagem. O segundo exemplo — Pernambuco — data de um mappa de 1518 (?) e os que em seguida vieram em grande cópia só começaram a apparecer depois das expedições de Sebastião Cabotto em 1526 e de Martim Affonso de Souza em 1531. E' para notar que os nomes indigenas da costa nordéste colhidos por esta ultima expedição se achem localizados na vizinhança (até cabo S. Roque) de Pernambuco, onde havia uma feitoria, e em redor do golpho de Maranhão, onde Estevão Fróes encontrou, em 1513, um certo Pero Gallego domiciliado entre os indios.

A forte presumpção acima indicada de que o primeiro emprego do nome foi feito por Portuguezes e não Hespanhóes torna tambem extremamente problematica a hypothese que tambem tem sido aventada, que elle perpetua o nome de uma familia existente na Hespanha, hypothese, aliás, pouco provavel, por ser contraria ao uso dos navegantes daquella época, que limitavam as suas nomenclaturas quasi exclusivamente ao calendario ou a termos descriptivos.

Afastadas assim as duas hypotheses mais plausiveis que teem sido apresentadas para explicar o nome, procurei no referido escripto chegar a outra, que estaria livre destas objecções e em accordo com o apparente uso da palavra como termo topographico.

O termo *Marachão* (represa natural ou artificial formada de areias, cascalho, etc.) pareceu-me muito applicavel a esse trecho da costa e devido á semelhança em *som* suggeri que esta palavra podia ter sido transformada em *Maranhão* entre gente inculta, como eram presumivelmente os primeiros navegantes portuguezes que percor-

reram esta costa. Em apparente confirmação desta hypothese encontrei no diccionario de Moraes uma referencia ao « Elogio de D. João III », por A. Castilho, em que *Maranhões* apparece no sentido de *Marachões*. E' verdade que o lexicographo attribue isto a um erro de composição no livro, mas achei possivel que o erro fosse da parte do lexicographo e que o autor talvez houvese empregado propositalmente a fórma impugnada.

São estes os precedentes da questão que o illustre Candido de Figueiredo discute, opinando que normalmente não se daria nas linguas romanicas a transformação de *ch* em *nh* e que, portanto, *Maranhão* nenhum parentesco tem com *Marachão*. Esta valiosa opinião, porém, que se refere á lingua culta não exclue a hypothese que entre o povo menos culto, de algum districto ou aldea de Portugal, não houvesse anormalmente esta transformação e que fosse perpetuada na costa do Brasil por algum navegante natural desse districto, tendo desapparecido de Portugal, sem ter entrado na lingua culta, a não ser que o seu apparecimento no escripto de Castilho seja proposital e não devido a um lapso de composição e revisão, como julga o lexicographo Moraes.

Uma comparação das tres edições deste escripto existentes na Bibliotheca Nacional mostra que a fórma « *Maranhões* » vem nas duas edições de 1650 e 1740 das *Noticias de Portugal* por Manoel Severino de Faria; e « *Marachões* » na segunda edição, 1791, dos « Panegyricos » de João de Barros que se diz ser « fielmente impressos conforme a sua antiga orthographia — anno 1533 ». Sendo de presumir que o Elogio foi copiado por Severino de Faria desta mesma edição de 1533 dos Panegyricos de João de Barros, parece que effectivamente houve erro de composição que escapou á revisão da primeira, como da segunda edição das *Noticias de Portugal*.

Regeitando a hypothese da derivação de *Maranhão* de *Marachão*, o Sr. Candido de Figueiredo discute duas outras. A primeira da derivação de *Maranhão* significando grande *mentira, patranha, boato falso* é criteriosamente posta ao lado por lhe parecer duvidoso que a palavra com esta significação fosse corrente na época da descoberta. A este argumento podemos accrescentar que a hypothese envolve um certo lapso de tempo em que as noticias dadas pelos navegantes fossem discutidas por estranhos incredulos, ao passo que a historia escripta acima citada o dá como corrente entre gente maritima (o pessoal da expedição de Lepe), pouco inclinada á incredulidade, logo em seguida á sua primeira applicação á costa.

A segunda hypothese, originaria com o illustre philologo de Lisboa, merece séria consideração por preencher o requisito de um termo descriptivo que podia, com muita propriedade, ter sido applicado topographicamente.

Maranhão, augmentativo de *maranha* (*matagal cousa enredada, teia de lã já tecida*) seria applicavel ao local em questão e o facto de ser commum ás duas linguas explicaria a sua prompta e facil explicação por Hespanhóes e Portuguezes. E' perfeitamente plausivel presumir que os navegantes que primeiro empregaram o nome depois de percorrer o grande trecho monotono e esteril da costa que se estende desde

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Pernambuco até á borda da grande selva amazonica, ficassem impressionados, ao chegar na vizinhança do ponto em questão, com o apparecimento de mattas (o sentido *matagal*, bem que perfeitamente natural, não figura nos diccionarios portuguezes consultados, inclusive o do proprio Candido de Figueiredo, mas sim nos hespanhóes; ou com a navegação emmaranhada que caracteriza o golpho de Maranhão, extremamente recortado e sujeito a enormes oscillações da maré. Traduzindo esta impressão, a applicação do nome *Maranhão* em qualquer dos dous sentidos acima indicados seria tão natural como seria a de *Marachão* referente aos innumeros baixios, restingas e outras feições da topographia maritima produzidas por altas marés em costa recortada.

Do ponto de vista topographico não ha motivos apparentes para preferencia a qualquer uma das tres hypotheses (grande matagal, lugar de navegação emmaranhada, lugar de um grande marachão) sobre as outras; e tanto topographica como historicamente qualquer solução que os philologos entenderem dar será aceitavel por estes lados.

Com relação ao uso popular da palavra *Maranhão* em sentido que parece não ter ainda entrado nos diccionarios convém registrar a que me refere um amigo maranhense. Entre as crianças, de quarenta annos atrás, eram correntes naquella cidade uns versos com o estribilho : « Mil maraninhas, mil maranhões ». Talvez os folkloristas do Brasil e Portugal possam trazer alguma luz para a solução desta interessante questão do emprego geographico da palavra.

ORVILL A. DERBY.

Fabrica de Moveis e Serraria

AULER & C.IA

PREMIADA COM MEDALHAS DE OURO NAS
Exposições artistica industrial fluminense
•••••••• de 1900 ••••••••
•• Internacional de S. Luiz de 1904 ••

FABRICA E SERRARIA
92, rua dos Invalidos
Telephone 472

DEPOSITO
Rua Uruguayana, 63
Telephone 476

FABRICAÇÃO DE MOVEIS DE ESTYLO E FANTASIA
TRABALHO DE ESCULTURA
INSTALLAÇÃO DE LUXO EM ESCRIPTORIOS
E CASAS COMMERCIAES

RIO DE JANEIRO

FORMULAS MILITARES

O joven e illustrado escriptor AUGUSTO DE SÁ no seu originalissimo romance de costumes militares *Intruso* inclue a seguinte e curiosa nota, que para aqui transcrevemos, a proposito de expressão cuja origem poucos devidamente conhecem :

Como é sabido, todos os exercitos têm uma fórmula de apresentação e retirada para ser recitada, sempre, entre os seus indivíduos quando se communicam. É uma phrase ou palavra que deve de ser proferida, em caracter de « attenção », antes de ser feita qualquer communicação.

Assim, por exemplo, no nosso antigo exercito (outr'ora) usava-se a expressão — « Prompto! » para todo o subordinado, praça ou official que, apresentando-se a outrem, seu superior, até ao posto de general, tivesse de lhe fazer qualquer communicação. De accordo com tal praxe, diria, portanto, o major apresentando-se ao commandante para abrir o expediente : — « *Prompto, sr. Coronel.* SABERÁ VOSSA SENHORIA *que não houve novidade nas 24 horas de serviço de Estado Maior do sr. capitão F.* »

Tal era a fórmula com que um major communicava a um coronel o estado do dia, no regimento ou no batalhão, ANTIGAMENTE.

Do mesmo modo, qualquer praça, a qualquer official ou a qualquer inferior ou cabo...

A palavra « PROMPTO! » era obrigatoria e sacramental.

Para os generaes e para os ministros, como para S. M. Imperial, a fórmula era : — « ÁS ORDENS DE V. Ex. » ou — « ÁS ORDENS DE V. M. » — tanto á apresentação, como á retirada. Para todos, porem, a resposta sacramental, obrigatoria, á despedida, era o VIVA ! pronunciado militarmente, com sobriedade, sem entoação emphática.

Essa tradição durou algum tempo. A guerra com o Paraguay, porem, entre outras cousas com que *acabou* no nosso meio militar, acabou com uma parte destas formulas. Os officiaes começaram a se apresentar sem a phrase « PROMPTO... » Depois, entre outras peiores, tem vindo mais, a falta absoluta de apresentação e outras e outras...

Hoje, é raro o batalhão em que as praças digam : « *Prompto!* », antes de começarem o seu recado. Quanto á palavra : « *Viva!* » nem é bom falar. Essa dissonancia foi usada pelos antigos... e pelo Imperador que a não dispensava aos militares : — « VIVA ! »

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

Publicações da Livraria Francisco Alves

Rua do Ouvidor, 166, RIO DE JANEIRO

THIRÉ (Arthur)

Cartilha Infantil.....	$500
Arithmetica dos principiantes	1$500
Geographia.....	2$000
Trigonometria.....	3$000

SYLVIO ROMÉRO

Historia da Literatura Brasileira em colaboração com João Ribeiro.....	5$000
Philosofia do Direito.....	5$000
Contos Populares do Brazil, br. 3$000, cart.....	4$000
Contos Populares do Brazil, cart.....	2$500
Historia do Brazil para as escolas primarias.....	1$000
Doutrina contra Doutrina (O Evolucionismo e o Positivismo no Brazil), br. 2$000; enc.....	3$500

Verdade e Vida. — Leituras a todos proveitosas e a muitos neeessarias, distribuidas pelos dias da semana e seguidas da Imitação de Cristo pelo reverendissimo padre L. G. B., 1 vol. de 1157 pags. papel finissimo, encadernação simples..... 4$500

RIBAS

Direito Civil, br. 20$000 enc.	23$000
Posse e Acções possessorias, br. 7$000, enc.....	10$000

LACERDA (Dr. Paulo de)

Contas Correntes, br. 15$000 enc.....	18$000
Contrato de Abertura de Credito, br. 15$000.....	18$000

LAET (Dr. Carlos de)

Minha 1.ª Viagem á Volta do Mundo.....	3$000
Minha Historia Sagrada...	3$000

KOPKE (João)

1º Livro de Leitura.....	1$500
2º — —	2$000
3º — —	2$000
4º — —	3$000
5º — —	4$000

KOPKE (João)

Leituras Praticas.....	1$500
Fabulas em Verso.....	1$500
Lingua Materna.....	$

IHERING

Interditos Possessorios, br. 7$000, enc.....	10$000

INGLEZ DE SOUSA

Direito Commercial, br...	7$000
Titulos ao Portador no Direito Brasileiro, br.....	12$000

BARRETO (Arnaldo)

Cartilha Analitica (methodo de palavração).....	1$500
Cartilha das Mães.....	1$000
Primeiras Leituras.....	2$000
Leituras Moraes	1$500

Theoria geral do Direito Civil, pelo Dr. Clovis Bevilaqua. 1 vol. in-8, enc. 20$000

PUIGGARI-BARRETO

1º Livro de Leitura.....	1$500
2º — —	2$000
3º — —	2$500
4º — —	2$000

PUIGGARI

Cousas Brasileiras.....	1$500
Album de Gravuras (Ensino de Linguagem).....	3$000

Auxiliar do Constructor, pelo Exmo. Sr. General Cornelio de Barros, 3ª edição, augmentada sobre applicações de cimento armado, etc. cart..... 12$000

Codigo Commercial do Brazil, pelo Conselheiro Orlando, 6ª edição, completamente refundida e augmentada até aos nossos dias, 2 bellos volumes in-8 francez, impressos em typos novos e bom papel..... $

PINHEIRO BITTENCOURT (Dr)

Compendio de Pedagogia e Psicologia.....	2$500
Historia do Brasil.....	2$000
Corographia do Brazil.....	3$000

ORTOGRAFIA DA ACADEMIA

A simplificação da *Ortografia*, conforme o voto da Academia de Letras foi ainda ha pouco adoptada pelo distincto poeta Vicente de Carvalho no seu ultimo livro *Poemas e Canções*.

Foi adoptada, porem, com algumas restricções, principalmente quanto á suppressão de algumas letras que nem todos consideram mudas.

« Ha, sem duvida, diz elle, inumeras palavras em que o uso tem tornado mudas consoantes que na ortografia de taes palavras apenas figuram por tradição etimologica. Mas, a adoptar o uso como arbitro, arriscava-se muitissimo um autor provinciano, como é o deste livro, a empregar com relação a boa parte de taes palavras uma detestavel ortografia provinciana. A referida regra só poderá ser aplicada com segurança depois de contemplada em dicionario da lingua, cuja autoridade faça fé.

« Tambem recalcitrou o autor em aceitar a substituição de *ch* com o som duro de *q*, por *qu*. antes das vogaes *e* e *i*, como em *quelonio*, por *chelonio*, e *quimica*, por *chimica*. Equivaleria isso a trocar uma complicação por outra, sem ganhar cousa que se veja, e perdendo assim sem vantagem o que o uso conquistou. No sentido de uma aproximação fonética, si á grafia *chimica* devia corresponder a pronuncia *ximica*, a grafia *quimica* deve corresponder á pronuncia *q-u-imica*. Entre as duas complicações, não ha razão de escolha ; ou antes é preferivel ficarmos com o uso tradicional, que sempre é ficar com alguma cousa. Era sem duvida preferivel, como simplificação, adoptar *ke* e *ki* por *che* ou *chi* com som duro. Depreende-se do que aí fica — que o autor não aceitou tambem a eliminação absoluta da letra *k*, condemnada pela Academia ; e que prefere continuar a escrever *kilo*, e seus derivados, a a mudar para *quilo*, *quilometro*, etc.

« Outra regra, que se não impõe como de facil aceitação, é a que prescreve a substituição de *g* por *j* antes de *e* e *i* no meio das palavras; conservando-se, entretanto, o uso corrente, quando o *g* é inicial. De tal feitio, prescreve a Academia que se escreva, como até aqui, *genealogia*, e se passe a escrever *ajir*, *lejislativo*, *cojitar*. O que parece curial é que, concedendo-se em certos casos ao *g* antes de *e* e *i* a representação do som *je*, *ji*, não se o desaproprie arbitrariamente, em outros casos, dessa representação que o uso lhe tem consagrado; e que, a tirar-lh'a, como não seria mal entendido, se lh'a cortasse cerce, simplesmente, para todos os efeitos. Nesse ponto, e com a devida venia, a

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes

regra da Academia é apenas meia regra. E não é aplicavel á hipótese o classico

La parfaite raison fuit toute extrémité.

« Nem sempre deixou o autor de empregar o *s* entre duas vogais com som de *z*. Pensa ele que é a Academia quem ai tem inteira razão; e que o uso do *s* com som de *z* mantém na ortografia da nossa lingua uma complicação bem grande e bem inutil. Mas o habito é uma força a que dificilmente se resiste; e as palavras em que o *s* tem aquela função exorbitante, mas tradicional, são tão comuns, por numerosas e frequentes, que, no emprego de tais palavras, o autor sentiu quasi sempre a sua vontade arrastada pelo instincto. Instincto da pena, ou instincto dos olhos, ou ambos ajustados. E não lhe pareceu tão importante o caso que merecesse uma atenção determinada. Nesse particular, sem impugnar a regra formulada pela Academia, regra que julga excelente, e que acredita acabará vingando com a colaboração do tempo, não a seguiu com fidelidade o autor deste livro; mas apenas em raras sortidas, aqui e ali, algum tanto ao acaso. E' claro que isso não tem desculpa que valha; nem o autor se defende com outra que não seja a sua fraqueza confessa.

« Quanto ao mais, foram em geral aplicadas na ortogrofia deste livro as prescripções da Academia Brasileira — muitos das quais não se distinguem por inovações, mas eram já adoptadas de escriptores da lingua e recomendadas de gramaticos dela, uns e outros de nota. No que sobretudo o autor se autorisou com a autoridade da Academia foi :

— em abolir o uso das consoantes geminadas, com excepção de *ss* e *rr*, e de *cç* quando, com relação a estas, a primeira sôa com som proprio, como em *succção*. Nesse ponto, o autor tomou a liberdade de ir um pouquinho alem do que prescreve a Academia, a qual conservou os *ll* nas palavras *ele*, *ela*, *aquela*, *aquilo;* sem que a excepção feita a tais vocabulos se justifique por algum fundamento plausivel;

— em eliminar o *h* no meio das palavras, escrevendo *tesouro*, e não *thesouro*, *filosofia*, e não *philosophia*, *postumo*, e não *posthumo*, excepto : quando se trata dos grupos *ch*, *lh*, *nh*, nos quais o *h* exerce uma função; ou no caso de palavra composta de outra que tenha o *h* inicial, como *deshonra*, *deshabitado*.

— em suprimir de todo as letras *y* e *w* nas palavras da lingua ;

— em empregar sistematicamente a grafia *ai* e *ãi*, e seus plurais, para os finais de palavras nas quais geralmente se usa *ae* e *ãe* e seus plurais, como *cai*, *pai*, *mãi*, *ideais*, *quais*, *normais*, em vez de : cae, pae, mãe, ideaes, quaes, normaes; bem assim em preferir sempre o *i* inicial para as palavras que é costume escrever indiferentemente com *i* ou *e*, como *igreja*, *idade*. »

Outra adhesão notavel á orthographia simplificada foi a dos escriptores da *Academia Maranhense*, e é o que se deduz das obras recentemente publicadas por aquella illustre sociedade.

CARTAS FILOLOJICAS

Meu caro amigo. — E' coisa de meter dó, e confessada por sabedores, filólogos e escritores de todo o genero, que teem dado atenção ao assunto, a babel que reina na ortografia portuguesa. A nossa ortografia anda efetivamente num caos, e gramáticos e literatos, sentindo a necessidade de se por ponto na vergonhosa anarquia em que a êste respeito laboramos, várias tentativas teem feito com o nobre empenho de assentar as suspiradas, e tardias pazes entre os ortógrafos portugueses. Mas até agora o fruto de todos êsses tentames tem sido, em verdade, nenhum, porque não se tem querido adoptar o único processo sólido e lójico: — o de conformar os hábitos com os principios históricos. Gonçálvez Viana, que é, nos tempos correntes, um dos mestres incontestados da ciéncia romana em Portugal, viu que a base para a regularização da ortografia portuguesa não podia ser senão a história da língua, as suas tradições, e estudo consciencioso da evolução do nosso belo idioma. O respeitável filólogo compreendeu que fora da etimolojia, no sentido exacto desta expressão, e da tradição histórica não seria possível nem sensata uma reforma ortográfica. E justamente por se ter estribado nas prescrições filolójicas, na história e nas tradições da língua é que o autor do majistral tratado *Ortografia Nacional* apresentou ao Público um sistema de escritura uniforme e consequente, onde a verdade científica se combina com a mássima simplicidade, e que todos os espíritos judiciosos, e não pirrónicos, hão de aceitar e agradecer ao copioso saber, ao longo estudo e ao enorme trabalho do douto e competentíssimo filólogo.

Na ortografia portuguesa corrente, — ilójica, caprichosa, contraditória; nessa escrita absurda, incoerente, que é em realidade uma cacografia alabirintada e o flajelo das crianças das escolas (a simplificação ortográfica facilitaráimensamente o estudo das primeiras letras, como em Espanha, nação dotada de uma das mais perfeitas ortografias que se conhecem, — límpida, transparente, sincerá), na anárquica e irracional ortografia actual, como diziamos, muitos erros se devem á convenção: — « ez » por « ês » em « inglês », « francês », « português », etc. e « es » por « ez » em « Mendes », « Nunes », « Lopes », « Gomes », « Marques », etc.

E' curioso e notável o trecho, que vou trasladar, de certo gramático muito conhecido: « As palavras *portuguez*, *cortez*, *mez*, etc., etc., escrevo-as com *z*, como até hoje estava em uso, e não com s final; porque, neste caso, teríamos de empregar o acento, o que seria um contrapeso contra o qual protestam os tipógrafos, e sem utilidade alguma prática, porquanto, por convenção, o *z* final indica que a última sílaba é a tónica. Não há vantajem alguma em seguir, neste caso, a opinião de Candido de Figueiredo. »

Em primeiro lugar, a opinião não é

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

só de Candido de Figueiredo : é de filólogos eminentes, como José Leite de Vasconcelos e A. R. Gonçálvez Viana. Em segundo lugar escrever *portuguez* com *ez* e não com *ês*, para os tipógrafos não protestarem contra o acento circunflecso que cobre o *e*, é comodo, mas não é lejítimo : é cortejar escreventes incónscios e coadjuvá-los na propagação de uma prática incorrecta, sôbre ser um voluntário e consciente desacato dos mais correntes princípios da ciéncia da linguajem. A ignoráncia — disse um escritor em caso semelhante — póde desculpar-se : o disparate nunca se defende, se o conhecemos.

A nossa Academia de Letras tambem prefere a escrita com *z* dos nomes gentílicos em *ês : japonez*, *cartaginez*, *milanez*, sancionando o êrro generalizado. Nessa preferéncia e em outros pontos da sua reforma, como, por exemplo, a eliminação dos intervocálicos, substituido por *z* (*roza*, *meza*, *espôzo*, *tezo* em vez de *rosa*, *mesa*, *espôso*, *teso*), a douta companhia desatermou do critério histórico e cientifico, o que é verdadeiramente de pasmar em uma corporação que conta em seu seio filólogos dotados de preclaros méritos como João Ribeiro, Heráclito Graça e Rui Rarbosa. O dr. Rui Rarbosa, porém, escreve sempre « português », « francês », « inglês » com s final (veja a sua famosa *Réplica*, *passim*) como escrevia o egréjio historiador Alexandre Herculano e todos os nossos mestres antigos.

A Academia não foi feliz no decretar a substituição geral da sibilante fraca por *z* : caza, fraze, roza, fuzo, pauza, dioceze, confuzo, tranzigir, êxtaze, etc. E' muito *z* : o italiano é capaz de entrar-se de ciumes. Os filólogos portugueses que teem trabalhado para esclarecer o facto e manter a distinção de *z* e *s* vêem assim em parte anulado o seu trabalho.

Oiçamos o voto de Gonçálvez Viana : « Devemos restabelecer a antiga escrita dos patronímicos em *ez* átono, que antes era usada, fazendo que regressem á sua antiga fórma todos aqueles em que modernamente se tem substituído por *es* aquela caracteristica terminação... Parece que a defeituosa escrita com *es* foi devida á dilijéncia de se distinguir esta terminação de outra acentuada, escrita com *ez*, que se estabeleceu ha dois séculos, para denotar « ês », com acento na última sílaba, cometendo-se assim dois erros. Com efeito, pelos fins do séc. XVII começou-se a dar ao *z* final valor de posição, denotando que a vogal precedente é acentuada, o que proveio de na realidade haver muitos vocábulos nessas circunstáncias, em que êle era etimológico, como *feliz*, *arroz*, *feroz*, *capaz*, *surdez*, *alcaçuz*, etc, Daí procede a escrita há muito introduzida *ez* por « ês », de « francês », « cortês », etc., que é êrro etimolójico, e contribuiu não pouco para deformar a escrita dos vocábulos portugueses. »

A convenção de se escrever *ez* por « ês » em « português », « holandês », « inglês », « leonês » e outros agudos ou ocsítonos em « ês », significativos de nação ou país, — convenção infelizmente muito arraigada — como a de *es* por *ez* átono em *Méndez*, *López*, é puramente empírica e errónea, por isso que o étimo daquele sufícso é o lat. *ense* e o desta terminação é *ici*, *iz*. *Pérez*, *Martinez* com *z* final escrevem os nossos irmãos latinos, — os Espanhóis.

« Há uma regra geral de pronúncia — escreve o erudito romanista dr. J. Leite de Vasconcelos — que diz que o *e* átono final, quando está antes de *s*, se pronuncia surdo ; por isso acentuo o *e* de « português. » No feminino

« portuguesa » e no plural « portugueses » não é preciso acentuar o *e*, pois que não tem aqui aplicação aquela regra, nem as palavras podem pronunciar-se de outro modo : os que, escrevendo « português » com *ê*, escrevem também « portuguêsa » e portuguêses com *ê*, procedem por tanto menos lójicamente. »

Adoptada, como cumpre, a escrita com *es* que, em « português » e semelhantes adjetivos geográficos, é a boa e exata, porque a dita terminação é a forma evolutiva de suficso *ense*, que em latim tem *s*, não se póde deixar de pintar sôbre o *e* o acento circunflecso que faz dois oficios: mostra que o *e* é a vogal tónica, e mostra que ela é fechada.

Nos patronímicos como *Bernárdez*, *Dominguez*, *Antunez*, *Márquez*, *Soárez*, *Rodriguez* etc., que teem átono o *e* da sua terminação, convém assinalar com o acento agudo, que é o indice acentual por exceléncia, a vogal predominante ou tónica para que os referidos nomes se não leiam como « avidez, gravidez, robustez, embriaguez, talvez, etc. Em geral são predominantes as sílabas finais das palavras acabadas em *r*, *l*, *z*, — consoantes, que, além do *s*, e de *m*, *n*, acusando nasalização da vogal precedente, podem terminar os vocábulos nacionais : catedral, madrigal, canal, painel, fusil, crisol, altar, mulher, partir, calor, rapaz, lapuz. Os nomes que se encontram na língua portuguesa acabados em outras consoantes, são vocábulos estranjeiros, que ainda o uso não tem nacionalizado : « club, schelling whist, pret, etc ».

Para cerrar esta série de cartas em que nos temos ocupado de acentuação tónica e dos vícios de acentuação que afeiam a nossa prosódia, indicaremos aos leitores estudiosos algumas obras notáveis onde podem beber uteis ensinamentos sôbre esta intrincada matéria : — Diez, GRAMM., tomo I, p. 464 (trad. franç.); Littré, HISTOIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, t. I, p. 31 (Paris, 1873); Meyer-Lubke, GRAMM. DES LANGUES ROMANES, t. I, p. 522; A. R. Gonçálvez Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, *passim*; João [illegible]ro na sua formosa e excelente SELECTA CLASSICA, notas 160 e 187; Candido Lusitano, REFL. SÔBRE A LING. PORTUG., parte II, refl. 8; A. A. Cortesão, NOVA GRAM. PORTUG., p. 141 (Coimbra, 1907).

O sr. dr. J. Leite de Vasconcelos, em uma das interessantissimas preleções que sôbre filolojia portuguesa tem feito na Biblioteca Nacional de Lisboa, indicou e corrijiu vários erros prosódicos ou de pronúncia. (Veja o resumo da lição do illustre professor no jornal lisbonense NOTICIAS DE LISBOA de 19 de fevereiro de 1909.)

O insigne filólogo colombiano dom Rufino José Cuervo nas suas APUNTACIONES CRITICAS, livro de oiro, para o qual é título excessivamente modesto êste de « apuntaciones », recolheu curiosos exemplos de palavras falsamente acentuadas no falar de Santa Fé de Bogotá, e dom Miguel Luís Amunátegui, escritor chileno colhido pela morte em hora aziaga para as letras de sua pátria, escreveu um grosso volume, intitulado ACENTUACIONES VICIOSAS (Santiago, 1887). Tambem se consultará com proveito a obra do professor italiano, G. Malagoli. TEORICA E PRATICA DELL'ACCENTO TONICO

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

NELLE PAROLE ITALIANE (Firenze, 1899).

Apresentamos em seguida uma lista de alguns nomes próprios com a recta acentuação com que os colijimos nas nossas leituras de poetas latinos e portugueses. Nomes com a antepenúltima predominante, isto é proparocsítonos, esdrúxulos ou dactílicos: — Andrómaca, Antístenes, Antímaco, A'tropos, A'tila, Agátocles, Areópago, Antíoco, Aristófanes, Anaxímenes Aristócrates, Arquíloco, Andrómeda, Aristóteles, Antígone, Cécrope,. Cérbero, Calíope, Cánace, Cassíope, Cíclades, Calígula, Calícrates, Cleómenes, Clímene, Calístenes, Calístrato, Demóstenes, Diójenes, Dámocles, Dálila, Demódoco, E'rebo, Esténelo, Encélado, Empédocles, Euménides, Espártaco, Eróstrato, Eratóstenes, Eurípides, Erígone, Euríalo, Eurídice, E'feso, E'squilo, Etéocles, Górgonas, Hesíodo, Heródoto, Híadas, Hécate, I'taca, I'caro, Isócrates, Lápitas, Láquesis, Líbano, Mégara, Ménades, Mérope, Melpómene, Mnemósina, Nínive, Mémesis, Níobe, Neoptólemo, Númidas, O'rcadas, Pégaso, Parténope, Pérgamo, Pisístrato, Praxíteles, Pílades, Polícrates, Príamo, Prosérpina, Píramo, Penélope, Perséfone, Péricles, Pátroclo, Ródano, Ródope, Sármata, Semíramis, Sócrates, Simónides, Sófocles, Sísifo, Síbaris, Séneca, Segóvia, Ténedo, Tisífone, Temístocles, Triptólemo, Telémaco, U'tica, Xenófanes, Xenócrates, etc.

Nomes próprios acentuados na penúltima, isto é parocsítonos ou graves: — Adonis, Alarico, Anfitrite, Alcides, Andronico, Admeto, Arquimedes, Aristides, Aristobulo, Abdera, Berenice, Cirene, Citera, Cocito, Cleobulo, Diomedes, Dario, Euclides, Eufrates, Eurotas, Epicteto (não confundir com o n. comum *epiteto*, que é esdrúxulo, *te* breve), Gargano, Ganimedes, Latona, Leucipo, Mausolo, Messala, Mileto, Mitridates, Nasica, Nicetas, Pandora, Policleto, Polinice, Pactolo, Priapo (o Madureira deu erradamente a êste nome a penúltima breve), Serápis, Sinope, Samaria, Sardanapalo, Trogloditas, Tessalonica, Trasibulo, Verona, Veronica, etc.

A nossa pronúncia regula-se em geral pela latina, pois que o português não é mais do que o latim numa de suas formas modernas. A escassez de acentos escritos torna frequentíssimos entre nós os erros de pronúncia, alguns dêles verdadeiramente grosseiros, e outros que já se não podem emendar por serem adoptados por todos. Convém regularizar a acentuação gráfica para opor-se um dique á enxurrada dos barbarismos prosódicos. Gonçálvez Viana organizou um código de acentuação simples, claro, perfeito e de facílima aplicação, observado o qual será difícil haver hesitação ou dúvida sôbre a acentuação pronunciada de qualquer vocábulo. Em castelhano, graças ao sistema que nessa língua se adoptou para a notação do acento, tais vacilações raramente ocorrem, e a língua é facílima de aprender pela leitura. Numa língua, como a portuguesa, em que a acentuação é vária, ora sôbre a última sílaba (palavras, agudas), ora sôbre a penúltima (graves), ora sôbre a antepenúltima (esdrúxulas) e até sôbre a preantepenúltima (biesdrúxulas), os erros de pronúncia fácilmente e frequentemente se cometem; e se isto sucede entre os naturais, que não será para os forasteiros? Porque não havemos de querer, como os outros povos civilizados, que a nossa linguajem se torne acessivel a todos além dos dois países onde ela se fala? Toda a gente compreende que, havendo várias pronúncias, vários acentos, e não outras tantas várias letras, seja necessário qualquer sinal na escritura que aussilie a distinção.

Seria vantajoso que, á imitação dos Espanhóis, ao menos assinalássemos o acento sôbre os esdrúxulos. Na Itália, onde, no tempo presente, se reavivou a tendencia a dar maior uniformidade e certeza á pronúncia e á ortografia italiana, literatos e filólogos reclamam o estabelecimento da acentuação escrita. E' sabido que em italiano não se marca senão a última vogal acentuada, servindo, para êsse fim o acento grave se a vogal é aberta (Giosuè, andò), e o agudo se é fechada (virtú, perché, poiché). Nas palavras agudas acabadas em consoante, nas graves, esdrúxulas e biesdrúxulas não se pinta ordináriamente o acento, salvo nos casos em que só o acento distingue palavras escritas com as mesmas letras (homónimas): « áncora » (nome) e « ancóra » (adv.), « Cupído » (n. próprio) e « cúpido » (adj.) etc. Mas, um autor de trabalhos conhecidos e prezados no campo da gramática e da lecsicografia, e propugnador intrépido de innovações ortográficas, — PETROCCHI, propõe que se marquem com o acento todos os esdrúxulos. Não é de razão que o acento seja priviléjio das palavras agudas. Acentuar-se-ão umas e outras, e aquelas sem acento tomar-se-ão como graves, as quais constituem a maioria dos vocábulos italianos.

Mário BARRETO.

O SAN JOÃO

(*FÒLK-LORE*)

Ha nas sociedades humanas forças que conservam pela estabilidade dos costumes, e forças que impulsionam pelo desenvolvimento das idéas ou concepções. O Costume fica e a Idéa avança, separando-se, desconhecendo-se, tornando-se antinomicos; e á medida que as sociedades se elevam na civilisação, os Costumes transmittem-se automaticamente sem sentido, e as Concepções pela profundidade synthetica tornam-se do dominio restricto dos pensadores. Tal é a situação da edade moderna, em que um grande numero de Costumes se praticam, mesmo como acto religioso e official, sem um pensamento de intuito consciente.

A sciencia da Ethnologia, colligindo e comparando os Costumes das differentes raças e epocas, é que conseguiu descobrir o valor scientifico d'esses actos automaticos, remontando a um passado, em que elles se praticaram como expressão de Concepções dominantes, que actuavam nas sociedades primitivas. As Festas populares, nas suas formas liturgicas, locaes e domesticas, são vestigios d'essas Concepções, que na sua persistencia se ligaram aos cultos orientaes e hellenicos, aos polytheismos celtico, germanico, scandinavo, christão medieval e catholico moderno. Chegou-se pelo estudo comparativo a determinar a Concepção fundamental, que elles

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

ainda hoje inconscientemente representam, e que está fóra do nosso estado mental. Na antiga Concepção humana, o Anno solar era dividido em duas Estações : o *Solsticio do Verão* (quatro dias antes do S. João) e o *Solsticio do Inverno* (quatro dias antes do Natal). A antiguidade d'esta concepção astronomica estabelece-se pelo phenomeno da precessão dos Equinocios, que sendo de *cinco seguidos annualmente*, os quatro dias de afastamento entre os Solsticios e as datas do Natal e do San Juan, correspondem a um periodo de *sete mil annos* aproximadamente. Por isso não admira que elementos pittorescos e representativos da Festa de S. João, communs a todos os povos catholicos, que os tinham nos seus Costumes quando ainda eram polytheistas, appareçam mais claramente representados nos cultos helleno-áricos. Os Padres da Egreja conheceram estas relações primordiaes, e conservando as fórmas consuetudinarias procuraram apagar-lhes o sentido originario. Em um sermão dizia Santo Eloy, no seculo VII : « Que na festa de S. João ou outra solemnidade dos Santos, *se não faça caso do Solsticio;* que se não entreguem a Danças e Jogos, a Corridas, a Coros diabolicos, etc. » Essa Concepção astronomica da Entrada do Verão no Solsticio estival deu logar ás Canções das *Reverdes* e *Maierolles*, ás Dansas ao redor, ás Cavalhadas, Procissões, chegando tambem ás creações artisticas e litterarias.

Transcrevemos do nosso estudo *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* alguns factos, que recebem um vivo interesse a esta luz ethnologica : « A festa de S. João Baptista, em todos os povos europeus, está ligada a um phenomeno astronomico — o *Solsticio de Verão*, em 24 de junho. O celebre ritualista Durandus, interpretando allegoricamente a festa do Precursor, não pôde occultar o seu sentido mythico : « Em certas localidades fazem em geral uma roda, para assim designar que *o Sol não se póde elevar mais*, mas tarda a descer no seu circulo, assim tambem a fama de S. João, que era olhado como um Christo diminuido quando este appareceu. — Alguns dizem que é porque *n'este tempo os dias minguam e que crescem de novo no Natal* de Jesus Christo... » A Concepção primitiva fazendo com que a festa do Solsticio de Verão seja commum a todos os povos indo-europeus e semitas, é o phenomeno diversamente dramatisado. Entre os povos europeus, toma a representação de *um Combate do Verão expulsando o Inverno* (24 de junho) ou a sua inversa, o *Triumpho do Inverno sobre o Verão* (24 de dezembro). O sentido astronomico ainda prevaleceu como indicação chronologica; nos antigos prazos portuguezes notou João Pedro Ribeiro que o anno era sempre contado de *San João a San João*, e no alvará de 1 de julho de 1774 chamou-se-lhe *anno irregular*. Em alguns povos da Europa este drama festival do Combate do Verão e do Inverno está mais ou menos fragmentado pelo apagamento da concepção; entre os slavos é onde se apresenta mais completo, correspondendo muitas das suas particularidades a costumes portuguezes, profundamente enraizados pela vitalidade das tradições na nossa raça lusa, suscitadas pela revivescencia germanica e arabe. A *Cavalgáda* ou Cavalhada é a fórma solemne, que em alguns povos ficou apenas lendaria ou simples superstição popular, como a *Mesnie furieuse* que apparece ao *pino do meio dia*, ou o solsticio diurno (*circa*) *horam meridianam*). O Verão que expulsa o Inverno é um mancebo, Wodan, o deus germanico tambem advo-

gado do amor, é Adonis, Athys, Gines (Johanes) S. João, S. Jorge, e rei Arthur, o nosso D. Sebastião, conforme o mytho primitivo se dissolveu em lenda agiologica ou historica, conservando sempre o caracter da sua morte prematura. Por um documento da camara de Coimbra, de 1464, citado no Elucidario de Viterbo, nota-se a fórma do combate : « *Cavalhada na vespera do San João com sina* (insignia) *e bestas muares.* » O porco ou javali, que personifica o Inverno, que se persegue na *Meznie Hellequin*, era tambem perseguido nas festas de S. João Baptista, em Braga, com o nome de *Corrida do Porco preto;* as cavalhadas dirigiam-se para além do rio Deste, em cuja ponte estava uma capelinha de S. João, que tinha irmandade, a qual organisava a festa, sendo o mordomo obrigado a criar durante o anno um porco para a montaria d'esse dia.

Na alvorada de S. João iam soltar o porco, depois das Cavalhadas, do alto da Picota, correndo atraz d'elle, e se passava á ponte, pertencia á gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros. Em Chaves conservou-se o antigo caracter agonistico, em que as pessoas de qualidade formavam a *Congregação da nobre Cavalleria de San João Baptista;* iam em duas alas acompanhando a bandeira até ao convento de S. Francisco, onde ouviam missa, e depois faziam dentro dos muros da villa escaramuças, corridas, jogos de canas, forquilha, e outros jogos, entregando o Alferes da bandeira uma tocha lavrada ao guardião do convento.

Na antiga Villa de Pedrogam-Pequeno, na margem do Zezere, celebra-se o San João com um antigo bailado de *Moirisca*, de sete figuras, que paramentadas com fitas, sapato e meia, jaqueta apertada e largo cinturão, com violas, pandeiros e ramalhetes de cravos vão á egreja, dansando ali diante do Santo, no adro da egreja e na procissão.

A festa dos *Cavalleiros de Obidos* é semelhante á de Chaves, sendo o estandarte levado pela camara, indo todos os vereadores a cavallo com flores, canas verdes e ramos de freixo nas mãos, dando depois tres voltas pela villa. Nas Côrtes de Almeirim, de 1544, os procuradores de Obidos representaram ácerca d'este costume : « no dia de San João todo antes de ser manhã cavalgam e se vão a pescado juiz, e com a bandeira dravil a andam por ella e de redor com toda a festa de escaramuça e canas com muito alvoroço, e se vão ouvir missa á casa de S João Baptista : faz-se sempre por este dia um almoço que se dá aos que cavalgam, á custa do concelho... » Em Elvas é ligada a uma tradição historica, em que se reflecte a antinomia entre hespanhoes e portuguezes na façanha memorisada de Gil Fernandes. No *San João d'Elvas* o estandarte portuguez salvo por Gil Fernandes era acompanhado por todos os Cavalleiros da Cidade, que o iam plantar no outeiro proximo da praça, chamado monte do Siso; levava-o o vereador mais novo, que jurava defendel-o e restituil-o á Camara. Nos Açôres, o Combate de Verão e de Inverno é a *Mouriscada* dramatisada, ou como a *Cavalhada de S. Pedro*, da Ribeira Seca (ilha de San Miguel) sáem bandos com instrumentos musicos avisando para a grande cavalhada que dura do dia 24 até o 29, dia

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

de San Pedro, que tambem nos costumes germanicos representa Donar.

N'esta festa solar as *Fogueiras* conservam a mais pittoresca expressão symbolica do sentido naturalista; escreve Baudry, no resumo critico da obra capital de Kuku sobre o Mytho de Fogo : « A *Fogueira* de S. João, sobretudo tem um caracter bem accentuadamente solar. » E sobre o interesse social d'este rito que decahiu, diz o mesmo ethnologo : « liga-se a uma antiga festa pagã, que parece ter tido por objecto conjurar a estiagem; representando o disco de Çushua precipitado nas aguas. »

As fogueiras de S. João em França são chamadas *Chalibaudes* (Poitou), *Jananneás* (Touraine), *Burés* (Commercy). Na Beira Alta accende-se um facho (o *galheiro*) no cimo dos montes, ou na ceira das azenhas (a roda, que ainda na Allemanha se deixa rolar dos montes). O rapazio vae em grande algazarra incendiar o galheiro, entre musica de tamboril e pifanos, coroando o monte de pinhas accesas.

Em Nisa, nas fogueiras queimam alecrim e rosmaninho, dando-se saltos, e dansando rapazes e raparigas em redor, entre cantigas amorosas, que constituem o lyrismo das *Reverdies*. A estas cerimonias seguem a de irem ás *fontes* de madrugada, ou a do *banho*, a de ir colher as ervas magicas, como a marcella, a salva, o sabugueiro, a cidreira, ou ainda a planta mysteriosa que dá o amor e a felicidade, o *Feto real*, a que na Allemanha se chama o *Springwenzel*. Muitos d'estes costumes persistentes, mas já sem sentido, foram considerados como Superstições, que a Egreja entendeu combater, prohibindo-as nas Constituções dos Bispados. Ainda em uma Egloga de Sá de Miranda se encontra o costume poetico :

Manana de San Juan *quando a las fiores*
Y al agua todos salem...

Mas já nas Constituições do Bispado de Lamego se prohibe : « que se *colham as hervas* e *levem a agua da fonte para casa*, ou se lave a gente e os animaes n'ella, antes do Sol nascer... » As Concepções que se atrazam chegam a perder no processo da sua decadencia o conhecimento de que só subsistem pelo automatismo dos Costumes, e em vez de os systematisarem combatem-os.

Hoje, prevalecendo no espirito moderno a Concepção scientifica da sociedade, os seus Costumes são illuminados pelo restabelecimento do pensamento primitivo que os motivou, e por isso tornam-se o elemento vivo para a idealisação de uma nova Arte, de uma mais humana Poesia.

THEOPHILO BRAGA.

ÉMILE OLLIVIER

de l'Académie Française

L'Empire libéral. 14 volumes in-18.
Marie-Magdeleine (récits de jeunesse). 1 volume.
La Révolution. 1 volume.
Michel-Ange. 1 volume.
L'Église et l'État au Concile du Vatican. 1 volume.

Á VENDA NA LIVRARIA GARNIER

O NATAL

(*FOLK-LORE*)

Na ilha da Madeira a festa do Natal tem muita coisa em commum com as que se fazem no Brasil.

Representa-se uma especie de auto religioso :

Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lo gallo cantava,
Chorava o menino.
E la mãe lhe disse
Mui cheia de dor :
— « Calae-vos, meu filho,
Jesus, meu amor;
Dormide no feno,
N'esta laja fria,
Qu'eu não tenho berço
Nem no furtaria » —
Ai, Senhor do Mundo,
Tão pobre que estaes,
Deitado no feno
E entre animaes.

N'um dia de Natal folga-se, dança-se, canta-se e principalmente, bebe-se...

Deixei em casa as cuécas,
Venho de calças compridas :
Compadre, guarde o dinheiro
Que eu pago agora bubidas.
Compadre, não se arrenegue;
Quem fala aqui em dinheiro?
As bubidas são de graça
Quando canta um caniceiro.

O illustre escriptor João Gouveia assim narra uma impressão da meia noite do grande dia :

É a hora de visitar as Lapinhas.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.

CLUBS CASA STANDARD.

Organisa-se uma *companhia*, formada de dois comicos, um *villão* e um *preto*.

Trazem cabaças a tiracollo e um pequeno saco para donativos.

Entram em scena :

Villão : (avançando).

Eu venho da serra, de longe, cança lo,
Por vel'o Menino deixei o meu gado.

Preto :

Tambem ió lá deixei tudo o que la tinha,
Só por vir agora ver esta Lapinha.

Villão :

Eu venho da serra, d'alem do penedo
Com meu machetinho folgar no folguedo.

Preto : (apontando o villão).

O bruto dos campos, olha a fidarguia
Que vem da cidade trajando cerguia

Villão :

Sou branco de raça, geração limpinha,
Vim vel'o Deus nado que está na Lapinha.

Preto :

Tu diz vens ver nado lo Deus na Lapinha,
Tu vens p'ra comer bacalhau e sardinha.

Villão :

Cal'te lá mau preto; tu m'o pagarás,
No anno que vem tu não falarás.

Em coro :

Meu menino Deus do meu coração,
Amar-te sim sim, deixar-te não não.

Assim termina a ingenua *comedia*, que apenas por curiosidade pinturesca apontamos.

O dono da casa offerece a lobata pela distincção e amabilidade da visita, e enche seguidamente os copos grossissimos d'um vinho topaziado e fino.

Deixando e levando votos de ventura, partem os *actores*, seguidos do rapazio pelas estradas terreas, entre vinhas ou pinhaes, sob um ceo claro, escorrendo sonhos e mais sonhos, pelo crivo luminoso das estrellas que picam o azul. »

M. R.

FOLK-LORE INFANTIL

« ANTES MAGRO NO MATTO... » (MINAS).

Era um rato da cidade e um rato da roça. O rato da cidade foi passear, encontrou o rato da roça caçando e disse : (1)

« Chi! Como V. está magro!

E o outro : — E você que é que faz p'ra ficar tão gordo assim?

« Eu, não faço nada; moro numa casa de gente rica; como bons queijos e, até, quando quero, durmo nuns tapetes muito bonitos.

E você que é que faz?

— Eu caço p'ra arranjar que comer. Ás vezes não arranjo nada e passo fome.

« Pois então vem morar commigo ».

O rato da roça foi.

Chegaram na casa da gente rica, subiram umas escadas de marmore e entraram num buraco.

Quando a familia acabou de jantar já era noite. Os criados deixaram as cousas finas sobre a mesa e foram jantar.

O rato que tinha convidado o outro disse : « Agora é a nossa hora. »

Quando iam saindo do buraco ouviram um barulho e tiveram de voltar.

O rato da cidade explicou : « São os passos da dona da casa. »

Dalli a pouco tudo socegou.

Elles sairam, treparam á mesa.

Estavam muito entretidos a comer um queijo do reino, quando um gato muito grande deu um salto sobre a mesa, mesmo pertinho delles.

Tiveram ambos de sair ás carreiras.

O rato da cidade achou depressa o buraco; mas o rato da roça ficou atrapalhado; custou a achar aonde pudesse entrar.

O gato chegou mesmo a passar a mão pelo rabinho delle.

Raspou um susto medonho e disse : « Nada! — Sabe que mais? — eu vou m'embora.

Antes magro no mato, que gordo na bocca do gato. »

ICKS (2).

(1) Orig : « foi disse. »

(2) Ouvida de uma menina de 9 annos em Minas; aprendeu-a de um fazendeiro sem preparatorios.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

FOLK-LORE INFANTIL

O Afilhado do Diabo (Minas).

Um pae não sabia a quem convidar para padrinho do filho.

Pensou... pensou... disse: « Eu nem sei mesmo quem ha de ser... Pois seja o diabo. ».

O Diabo ouviu; appareceu e disse: « Eu só acceito o afilhado depois que elle fizer sete annos; depois que fôr peccador. »

O pae disse: « Pois sim. » Concordou.

Quando o menino completou sete annos, veio o Diabo, reclamou o afilhado, e (1) o levou para o inferno.

O inferno era uma casa muito grande; muito grande mesmo; — o Diabo era muito rico.

Uma vez o Diabo precisou de passar dous dias fora; foi buscar a cambada de chaves; veio; disse assim: « Meu afilhado, você póde percorrer toda a casa, entrar em todos os quartos, menos nos dous que se abrem com estas duas chavinhas. » Mostrou bem quaes eram as chavinhas, e sahiu.

Apenas o Diabo foi sahindo, o menino foi levando a cambada, e toca a andar: andou, andou; abriu d'aqui, abriu d'alli... Quando acabou de correr a casa inteira ficou com uma vontade doida de saber o que tinha dentro d'aquelles dous quartos.

Tomando uma das chavinhas pol-*a* (1) na fechadura; deu-*lhe* (1) uma volta; a porta abriu-*se* (1). O menino entrou; ficou horrorizado: — um tacho de cobre muito grande, cheio de prata derretida a ferver... e dentro delle uma porção de almas, de pernas, de braços, de corpos de todos os tamanhos!

Sahiu depressa. Quiz fechar a porta... não achou a chave. Procura d'aqui, procura d'alli... Procura, procura!... Afinal foi achal-*a* (1) no chão perto ao tacho. Apanhou-*a* (1); introduziu-*a* (1) na fechadura; fechou a porta, e sahiu a correr...

Foi direitinho ao outro quarto, poz a outra chave na fechadura, fel-*a* (1) gyrar; a porta abriu-*se* (1).

E o que havia o menino de vêr?

— Um tacho de ouro liquido borbulhando; e dentro do ouro uma porção de gente a ferver... E aquella gente toda gritava *mesmo* (2).

O menino ficou apavorado. Sahiu depressa do quarto; quiz fechar a porta: que é della a chave?

Procurou, procurou... Viu uma chavinha no chão, perto do tacho: apanhou; foi experimentar si era mesmo aquella; era. Fechou depressa a porta e sahiu a correr... Depois sentou-*se* (1) para descansar; começou a reparar nas chaves; viu que uma estava respingada de prata, limpou, limpou; esfre-

gou, esfregou : as outras sahiam, mas uma não quiz sahir ; por mais que esfregasse ficou de um lado uma pequenina mancha de prata.

Foi reparar na chave do quarto do tacho de ouro, e viu qne tambem ella estava toda respingadinha.

Limpou, limpou : esfregou, esfregou; as outras manchinhas de ouro todas sahiram ; mas uma não houve meios de sahir.

A principio o menino estava com muito medo : — esfregava, esfregava ; afinal cansou de tanto esfregar e disse : « Tambem essas manchinhas são tão pequenas que meu padrinho, com certeza, nem dá por ellas. »

O Diabo foi chegando e pedindo as chaves. O menino ficou, tremendo de medo ; mas não teve outro remedio sinão dar ; deu-lh'*as* (1).

O Diabo era muito esperto ; foi olhando, vendo as manchinhas e dizendo : « Ah ! *seu* tratante !... Então você foi entrar nos dous quartos... não é? Pois venha cá. »

Pegou o menino pelas pernas e mergulhou todo no tacho de prata. (E o menino gritava, esperneava mesmo ; mas o Diabo não fazia caso.) Quando elle tirou o menino do tacho, o menino estava com a pelle toda prateadinha.

Depois abriu o outro quarto e mergulhou o menino no tacho de ouro.

E o menino ficou com a pelle toda douradinha.

Então o Diabo soltou o afilhado ; e elle, sem roupa, fugiu ; sahiu correndo pelo mundo afóra.

Mas estava com um medo doido de que toda a gente conhecesse que elle tinha estado no inferno. Como havia de ser? Como é que elle havia de arranjar-*se* (1) uma roupa?

Ia em taes apuros quando avistou lá longe na estrada um preto velho. Chegando perto é que viu que o preto estava com uma roupa muito rasgada.

Mas o preto mirando-*o* (1), disse : « Nhozinho, que pelle tão bonita essa de Você ! »

— Você quer esta pelle, pr'a você, pae João ?

— O pae João disse : « *Yo qué.* »

— O menino : « Pois então vamos trocar. Você m'empresta a sua faca, eu tiro a sua pelle ; depois você fica com a minha, a eu fico com a sua.

O pae João disse : « Pois sim. » E despio-se. E o menino começou a tirar a pelle do pae João. E o pae João a gritar : « Ai ! ai ! ai !... »

E o menino a dizer : « Olha, pae João, tem paciencia... quem quer ficar bonito padece. »

E o pae João : « Ai ! ai ! ai que me dóe !... »

E o menino : « E' pr'a você ficar bonito, pae João. » E ia tirando, ia

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

tirando... Quando elle acabou de tirar toda a pelle do pae João enrolou-se nella; deixou o pae João cahido na estrada, e safou-se com a pelle e a roupa do pae João.

Foi andando, foi andando... viu um palacio muito bonito.

Indagando soube que era alli a casa do rei; pediu para ser jardineiro do palacio.

Trabalhava, trabalhava o dia inteiro; de manhã muito cedo, costumava tirar a pelle preta e tomar banho num tanque do jardim.

Um dia aconteceu que a filha do rei levantou-se de madrugadinha... foi chegar á jamella e deu com aquelle mocinho todo douradinho a tomar banho no tanque. Achou-*o* (1) lindo; quiz casar com elle.

Ora o rei seu pae já tinha dito que a princeza, sua filha, só havia de casar com o homem que adivinhasse de que couro era feito um tamborete que elle tinha em casa.

Aquelle tamborete tinha uma historia.

Quando a princeza era pequenininha o rei achára um piolho na sua cabelleira loura e ficara horrorizado!

« Ora, senhores, um piolho na cabeça de minha filha!! » E não deixou ninguem matar o tal piolho; o piolho que ousára beber o sangue real; guardou-o bem guardadinho dentro de uma caixinha de phosphoros *vazia* (3).

D'alli a poucos dias o piolho tinha crescido tanto, que já estava do tamanho da caixinha.

O rei tiou-o e o pôz numa outra caixinha maior. Dalli a poucos dias o bichinho já tinha crescido tanto que não cabia mais dentro da outra caixinha.

O rei, então, resolveu matar o piolho, elle mesmo. Morto, mandou fazer da pelle um tamborete, e disse: «Minha filha só ha de casar com quem adivinhar a pelle deste tamborete de que bicho é. »

A menina *tornou-se* (4) uma moça muito bonita. Vinha um, vinha outro... nenhum acertava de que pelle era o tamborete: um dizia que era de sapo; outro de cobra; outro de carneiro... Acertar, ninguem acertava.

Tinham vindo já uma porção de pretendentes e falado que era de uma porção de bichos differentes... e nada!

Uma manhã, cançada de esperar, a moça escreveu num pedacinho de papel que o tamborete era feito de pelle de piolho e jogou o papellinho prô jardineiro.

Dalli a um nadinha sóbe elle, e vem dizer ao rei que tambem elle queria ver si adivinhava de que couro era o tamborete.

O rei achou graça: « Ora, pae João, até você quer advinhar? Si tanta gente que sabe mais não adivinhou, você mesmo é que ha de adivinhar?!... E' o que faltava!...

O mocinho, fazendo-se (1) de velho e imitando a voz do pae João, insistia: « *Iô qué, iô qué*, Nhonhô. Pae João tambem é gente. »

O rei tinha promettido mostrar o tamborete a quem lh'*o* (1) pedisse. Riose ; mandou buscal-*o* (1). Quando veio, o pae João de mentira lh'*o* (1) pedio, motou-*o* (1), olhou, mirou, mirou, e disse: *Êh-êh... pr'a sê di pelle de proco* (5) *num* é não.

Iô acha que é di pelle di piôio. » (5).

O rei ficou muito admirado... mas disse : « *Que hei de eu fazer?* (6) Palavra de rei não volta atraz.

Mandou chamar a filha ; contou-*lhe*(1) o que succedera. Sentia muito, mas não tinha remedio sinão cumprir a sua palavra, casal-a com o pae João.

E alli mesmo marcaram o dia do casamento.

Quando estava tudo preparado, justamente na hora em que o padre ia para o altar, o mocinho tirou a pelle de pae João, virou um principe lindo, todo douradinho.

O rei *alegrou-se* (7). Houve uma festa de arromba.

Toda a gente foi convidada ; até eu que aqui estou a lhes contar essa historia tambem fui. Vinha trazendo da festa uma porção de doces para vocês todos ; mas no caminho uma porção de formigas me atacarám, atacarám os cargueiros, deram-me com os burros n'agua.

E fiquei eu e agora ficam vocês todos a ver navios ; sem os doces e no « ora veja... »

E entrou por uma porta, saiu pela outra, quem ouvio esta que conte outra.

(Das « Nossas historias » da Collecção Icks).

(1) Pronomes complementos não existentes no original.
(2) Mesmo-usado como intensivo.
(3) E' a bolsa do pobre, no interior do Brazil.
(4) Original : — ficou.
(5) Porco ; piolho.
(6) Orig. pop. : « Quê qu'eu hei de fazê,
(7) Orig. : « ficou muito alegre.

AUGUSTO LIMA

" POESIAS "

Edicão da Casa Garnier, 1 vol. com uma linda Capa illustrada.

Á VENDA EM TODAS LIVRARIAS.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Cervejaria

Germania

REICHERT IRMÃOS

Fabrica de gelo, licores,
vinagre, aguas mineraes, sabão,
sabonetes, doces, confeitos, biscoutos
e das CERVEJAS

PILSEN
MÜNCHEN
TIRA PROSA
AMOR
MORAVIA
BADENIA

Rua dos Italianos Nos 24, 26, 28

Endereço telegr. : *REICHERT* — SÃO PAULO — Caixa Postal, 119 *Telephone 591*

GRAND PRIX EXPOSIÇÃO ST. LOUIS

Poesias populares

I

(Minas).

Pastor que veio do campo
Á minha porta bateu
Veio-me dar a noticia
Que a minha Lyria morreu.

Como as flores nascem,
A minha Lyria nasceu,
Como as flores morrem
A minha Lyria morreu.

O céo cobriu-se de nuvens
A terra toda tremeu
Quando me deram noticia
Que a minha Lyria morreu.

II

Quadrinha de offerta de presentes.

(Minas).

Aceita o pouco
Que amor t'envia,
Si mais tivesse
Mais te daria.

III

Offerta de creança á lua.

(Minas).

Lua, luar
Toma teu andar,
Toma este menino
E me ajuda a criar
Depois de creado
Torna a me dar.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

IV

Quando eu quiz.

(Minas).

Quando eu quiz
Tu não quizeste
Tiveste opinião
Agora queres
Eu não quero
Tenho a minha presumpção.

Icks (1).

FOLK-LORE DO NORTE

Peleja do « Bem-te-vi » com o « Madapolão » (2).

Bem-te-vi.

Eu estando em Campina-Rasa
Me chegou um portador,
Um filho de um coronél.
Era este môço inspector,
Bem-te-vi, vim lhe chamar
Meu pae foi quem me mandou.

Môço, estou ás suas ordens.
Seguimos logo a caminho,
Eu commigo ia pensando
Que será do passarinho ?

Fomos chegando, na casa
Ouvi palavras em vozes ;
Era um preto moreno
Dando lapadas ferozes.

Aqui eu fui apeando
Botaram a ceia, eu ceei.
Me deram uma viola,
Fui aos bordões, afinei.
Ao cabo de tudo isto,
Metti os dedos, toquei.

(1) *Icks* é o pseudonymo que adoptou a insigne cultora do *folk-lore* infantil, de que falamos no *Almanaque* de 1909.

(2) *Peleja*, é a expressão popular desses curiosos duellos de cantoria entre os trovadores populares, quando se encontrão.

Bem-te-vi e *Madapolão* erão famosos cantadores do sertão do Ceará. Bem-te-vi, mistiço, éra pernambucano e Madapolão, negro, era cearense.

Madapolão.

O batuque está fechado,
Quem diz é Madapolão:
Eu te suspendo no ar,
Trez dias não vaes ao chão.

Bem-te-vi.

Meu velho Madapolão,
Meu velho não faças isto,
Que nós, pegando irmanados,
Faremos melhor serviço.

Madapolão.

Bem-te-vi, eu com você
Não quero accommodação,
Só quero é deixar-te o corpo
Como renda em papelão.

Bem-te-vi.

Você para fazer isto
Perde o salto e a carreira,
Com homem que tem caracter
Negro não pode, é asneira.

Madapolão.

Bem-te-vi, olhe para mim:
Me chamam Madapolão.
Arranco-te as pennas todas
Não te deixo um só canhão.

Bem-te-vi.

Pr'a isto não vejo homem
Meu velho Madapolão,
Vejo aqui um negro preto
Mais preto do que carvão.

Madapolão.

No alicerce tem pedra
E na parede o tijôlo
Se eu mando a mão vejo a queda
Se eu mando o pé, vejo o rôlo.
Na ponta da lingua trago
Noventa mil desafôros.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Bem-te-vi.

Eu sou brando como cêra,
Sou mole como molambo
Nas unhas eu tiro unheiro
No joêlho tiro *catombo*.
Caio-te neste espinhaço
Tiro-te carne do lombo.

Madapolão.

Bem-te-vi, boles commigo,
Bolisses com o tigre macho
Eu urro em cima da serra
Estremece o lagedo em baixo.
Caçador que anda caçando,
Fica tonto e perde o facho.

Bem-te-vi.

Si tu bolires commigo,
Bolisses com uma piranha
Fecho o dente no cangote
Abro fistula nas entranhas.

Madapolão.

Bem-te-vi, boles commigo
Bolisses com cascavel,
Toro beiço, aparo lingua,
Quebro braço, alejo pé
Dou talhos de legua e meia
Dou baques de estourar fel.

Bem-te-vi.

Eu sou a tyranna boia
Bizouro do Piauhy
A maior graça que eu faço
Não é p'ra negro sorrir
Célto meu corpo para traz
Mando a mão vejo cahir.

Madapolão.

E' verdade, Bem-te-vi,
Que tu és bom cantador,
Mas é se tu me disseres
A maré com quem casou.

Bem-te-vi.

A maré casou com o mangue
O mangue casou com o cisco
A mulher casou com o homem
O homem com seu serviço.

Madapolão.

E' verdade, Bem-te-vi,
Que como tu não ha outro
Quaes são os passaros do mundo
Que têm o bico *revolto* (1).

Bem-te-vi.

E' papagaio e jandaia,
Periquito e maraçanã
E' arara e canindé,
A malvada da acanhã
E todos são passaros nobres
Que só cantam de manhã.

Madapolão.

E' verdade, Bem-te-vi
O teu cantar tem despacho
Mas é se tu me disseres
Que carne eu como de um passaro.

Bem-te-vi.

Como pés, pernas e coixa
Pescôço, encontro e titella,
Sobrecú, aza e espinhaço
Coração, *figo* e moélla.

Madapolão.

E' verdade, Bem-te-vi
Que teu cantar tem talento
Mas é se tu me disseres
O que se criou com o vento?

(1) Quer dizer: bico recurvado.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

Bem-te-vi.

Este bicho é muito feio
Tem um grande rabalhão
Serra do rabo a cabeça
E se chama camaleão
Mora nos olhos dos páos,
Toma fresco no sertão (1).

Madapolão.

Bem-te-vi, tu me résponde
O que te vou perguntar,
O que é que os olhos vêm
Que a mão não pode pegar?

Bem-te-vi.

São tantas as tuas perguntas,
Que por uma a outra passa,
Ou é o sól ou a lua
Ou fôgo, ou neve, ou fumaça.
Meu velho, vossê responda
Uma pergunta tão besta:
Quem tem as mãos na barriga
E o fato tem na cabeça? (2).

Madapolão.

A tua pergunta é dura
De um poéta advinhar,
Ou é a lesma de páo
Carangueijo ou *aruá* (3).

Bem-te-vi.

Esse bicho mora n'agua
Bem em cima do torrão
Engancha-me na tarrafa
Dá um grande trabalhão,
Tem um esporão na cabeça
Chama-se elle camarão.

(1) E' o camaleão um lagarto verde que ás vezes faz bater o papo, fingindo que engole o ar. D'ahi suppor o vulgo que elle se *alimenta de vento*.

(2) Fato, significa intestinos.

(3) *Aruá*: mollusco abundante nas primeiras aguas da estação invernosa, nos rios e lagôas de alguns Estados do Norte.

Meu velho Madapolão
Ainda te vou perguntar
O que é que ha no mundo
Que anda por terra e por mar
Tudo come e nada bebe
Tem medo de se afogar?

Madapolão.

Bem-te-vi, tua pergunta
Eu não sei explicar
Pode ser homem ou barcaça
Que anda nas costas do mar.

Bem-te-vi.

Meu velho Madapolão
Não pareces cantador
E' um bicho muito quente
Que Deus no mundo deixou
Tudo come e nada bebe
Cahiu nagua se apagou.

RODRIGUES DE CARVALHO (1).

Linguagem popular

(*NORTE DO BRAZIL*)

Do « *Vocabulario Popular* » que oportunamente virá á luz, a titulo de modesta contribuição pera o estudo das transformações porque vae passando a lingua portugueza no Brazil, extraímos a lista que adiante se publica e que dá uma palida amostra do nosso incompleto trabalho.

Todos os vocabulos que ali figuram, muitos dos quaes completamente desconhecidos no Sul, são de uso corrente nos Estados do Norte e especialmente no Ceará, onde os colhemos das nossas relações diretas com o povo, cuja pitoresca linguagem, eriçada de barbarismos, não foi ainda desfigurada pela macaqueação do estrangeiro.

(1) Estes interessantes versos populares foram colhidos pelo notavel *folk-lorista* Dr Rodrigues de Carvalho autor do *Cancioneiro do Norte* e de quem damos no lugar proprio o retrato neste *Almanaque*. São ineditos e fazem parte d'outro *Cancioneiro* que pretende publicar brevemente este nosso distinctissimo collaborador.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

Ninguem, mais do que nós, está convencido de que é esse trabalho superior ás nossas forças, e se o tomamos sobre os ombros não nos move o desejo de ostentar envergadura de heróe. Bem sabemos que a tarefa de expurgar a lingua dos « brazileirismos » e « plebeismos » que a afeiam, ou — se quizerem por outro modo — o patriotico labôr de colecionar esses vocabulos que hão de servir de base á sonhada « lingua brazilica », compete aos homens de ciencia, aos doutos e eruditos, a todos quantos pelo seu saber se acham obrigados a trabalhar pelo progresso e engrandecimento das letras. Sendo, porém, certo que os competentes abandonam estudos tão interessantes e proveitosos e deixam o campo livre á invasão dos simples amadores, parece-nos perdoavel o pecado de lesaciencia que vamos cometer com a publicação do nosso « Vocabulario ».

Deixando de alongar-nos nestas considerações, que ja se vão tornando fatigantes, chamamos a atenção dos benevolos leitores para a prometida.

Aviamento, s. m. Engenho para fazer farinha, movido a mão, tambem chamado « Caititú » e « Rodête ».

Azular, v. n. Fugir, correr.

Abodegar, v. a. Causar raiva, aborrecimento.

Babado, s. m. Folhos usados nos vestidos de mulheres.

Bico, s. m. Certa renda que termina em ponto.

Bicó, adj. c. Sem rabo.

Baé, adj. c. Baixo e grosso.

Batoré, adj. c. O mesmo que *baé*.

Baita, adj. c. Superlativo de *Grande*.

Broco, a, adj. Diz-se das rezes que tem um dos chifres pequeno e cheio de rugas. Usa-se raramente com a significação de *Gordo*.

Borós, s. m. Dinheiro.

Bacalháu, s. m. Chicote de couro crú usado pelos vaqueiros.

Bahiana, s. f. Capa de couro que se usa sobre a sela e que serve para conduzir roupa e outros objetos.

Branco, a. s. Senhôr, patrão.

Biqueiro, a, adj. Sem apetite, que come pouco.

Catinga (Caatinga), s. f. Mato alto. Mau cheiro, fedôr.

Catingoso, a, adj. Fedorento, que exala mau cheiro.

Caipora, adj. c. Infeliz, desastrado. *S.* — O mesmo que *Curupira*.

Cambito, s. m. Gancho de pau. Emprega-se geralmente como sinonimo de *Cambado*.

Carão, s. m. Repreensão, descompostura.

Canudo, s. m. Logro, calote, « Meter o canudo » — vender caro.

Cão, s. m. O diabo. Só as pessôas mais ou menos cultas empregam esta palavra na sua verdadeira acepção.

Empambado, a, adj. Opilado, anemico, palido.

Estrada, s. f. Certo passo das cavalgaduras.

Estradeiro, a, adj., Trapaceiro. Que anda de estrada (cavalo.)

Empereirado, a, adj. Rachitico.
Fute, s. m. O diabo.
Fubana, s. f. Meretriz.
Furdunço, s. m. Barulho, desordem.
Guabirú, s. m. Rato de casa.
Grajáu, s. m. Mala feita de cipós.
Ginête, s. m. Sela usada pelos vaqueiros.
Morrinha, s. f. Morte natural do gado.
Mogango, s. m. Trejeitos.
Moganguista, adj. c. Que faz trejeitos.
Nambi, adj. c. Sem uma ou ambas as orelhas.
Pabular, v. n. Vangloriar-se, gabar-se.
Pábulo, adj. Gabarola.
Pabulagem, s. f. Vangloria, ostentação.
Papista, s. c. Pessôa que tem o vicio de comer terra.
Pai-de-chiqueiro, s. m. Chibato, o bode macho das cabras.
Perú, s. c. Espectador de fogos.
Pato, s. m. Mau jogador. Jogar a lei de — gratuitamente, por brincadeira.
Sitio, s. m. Fazenda agricola, quinta.
Sununga, s. f. Plantação de mandioca feita durante o verão.
Serenar, v. n. Choviscar.
Tibira, s. m. Mau tirador de leite. S. f. Vaca que dá pouco leite.
Tibirar, v. n. Não espumar (o leite).
Tabóca, s. f. Logro, calote. Vide *Canudo*.
Taboqueiro, a, adj. Que vende caro.
Taxa, s. f. Defeito, balda.
Tassurú, s. m. Pulga de pé, pulga penetrante.
Tanajura, s. f. Formiga de asas.
Viçar, v. n. Estar ao cio (o gado). Comer terra.
Viçoso, a, adj. Pessôa que tem o vicio de comer terra. Opilado.
Zarolho, adj. Diz-se do milho no começo da maturação.
(Ceará).

RAYMUNDO MAGALHÃES.

Locuções populares — Brasileiras

Puxar braza para a sua sardinha.
Chover no roçado.
Meter agulhas por alfinetes.
De botas sem espóras. (Mal vestido).
Botar a carga abaixo. (Narrar um facto sem rodeios).
Colhér de festa. (Pessôa que em tudo se mete).

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Pau de mexer castanhas.
Quebrar-lhe a castanha.
Esperar por sapato de defunto.
Formiga sabe que folha córta.
Macaco velho não mete a mão em combuca.
Andar o carro adiante dos bois.
Não entender do riscado.
Enganar-se com a côr da chita.
Este pau tem formiga.
Eu lhe ensino com quantos paus se faz uma cangalha.
Muita tripa por vintem.
Sêbo nas canelas.
Papagaio velho não aprende a falar.
Contar historia fiada (mentir).
Historia de onça.
Metido ao cêbo.
V. não se enxerga.
Escovar urubú.
Vá pentear macaco.
Andar enfiando agua. (Não ter vintem).
Não ter onde caír morto. (Idem).
Tanto me rende seis como meia duzia.
Eu te conheço, larangeira!
Ficar com cara de André. (Envergonhar-se).
Cara de bóde amarrado. (Pessôa de má catadura).
Pintar o bode, a manta, o sete.
Falar de papo cheio.
Como Deus creou batatas.
Vá enganar o diabo com rezas.
Bóde quando não salta, berra.
Fazer azia.
Pernas para que *te* quero!
Emquanto corro meu pae tem filho.
Nunca se viu rua de valenlões.
Abrir a boca no mundo.
Gritar por rei de França.
Dar murro em faca de ponta.
Vá dar no boi.
Apanhou do boi. (Diz-se de pessôas feias).
Diga la que estou bom.
Nunca o vi... mais gordo.
Morreu na beira virada.
Amarrar o bóde. (Zangar-se).
Para macaco só lhe falta o rabo.
Falar em combuca. (Dizer mal em segredo, medrosamente).
Aqui morreu o Neves.

E'uma dor de barríga. (Pessôa maçante, importuna).
Alegre como barata em bico de galinha.
V. não está na casa de seu sogro.
Nem mel, nem cabaça.
Não engulo essa pilula.
Isto não é sangria desatada.
Não é unha de sauto.
Enganchar o carro.
Ahi é que a porca torce o rabo.
Se quizer pegal-o não lhe mostre o cabresto.
Quem anda aos porcos tudo lhe ronca.
V. pensa que babado (1) é bico (2).
V. pensa quo o céo é perto.
Quem tem pena de angú não engorda cachorro.
Contar brócas. (Mentir).
Isso é historia. (E'mentira).
Meter o dedo no fogo por alguem. (Defendel-o).
Andar com uma mão no fecho e outra no cano.

RAYMUNDO MAGALHÃES.

NO DOMINIO DE FOLK-LORE, O CEARÁ

Quando, no futuro, o estudo do folk-lore, ou tradições populares do Brasil, for uma realidade e se achar consolidado num seguro exame, verificado de sul a norte, e, então, se possa, com segurança, julgar do grau de intelligencia ou de espirito do povo, nessas diversas provincias em que se subdivide a raça, estamos certos de que, no interessante estudo, caberá ao Ceará o primeiro ou o mais conspicuo logar.

Não nos move, neste conceito, nenhum estreito sentimento de barrismo, por sermos cearense; mas, é que, conhecendo esse heroico povo desde as mais remotas e incultas camadas sertanejas, sabemos a fundo das bellas e ingenitas qualidades de sua intelligencia e de seu caracter. Vimol-o de perto nos sertões nataes e de perto, tambem, o contemplamos na conquista da Amasonia — essa epopéa de esforço e de coragem — que, um dia, terá o seu cantor e o seu poema.

O estudo, de que acima fallámos e que está por faser, deve ser um apanhado complexo de todas as manifestações espirituaes do povo, em toda pura simplicidade ou verdade, e excluida qualquer participação erudita.

E' costume de alguns, que, no Brasil, tem cultivado o assumpto, corrigir as quadras populares, emprestando-lhes não só idéas, como linguagem mais ou menos correcta.

(1) Babado-folhos; (2) bico-certa especie de renda.

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa esta habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

Outro abuso que deve ser banido ou expurgado é o de serem chamadas *quadras populares* (do povo) a versos que, em verdade, não o são e nos quaes logo se conhece a origem culta dos autores anonymos.

E para ser complexo o estudo, nelle, não somente os quadros e trovas, festas e tradições, usos e costumes, lendas e novellas, como tambem a anecdota deve ser, com criterio estudada e catalogada. A nosso ver, a anecdota, simples, natural, espontanea, espirituosa, cheia de verve ou graça, é uma preciosa fonte de observação para se conhecerem as qualidades de espirito, de cultura, de intelligencia, de virtudes, e até de defeitos, do caracter de um povo. Um povo que produz a anecdota e que sabe rir é relativamente intelligente e feliz, tornando-se susceptivel de apèrfeiçoamento e progresso.

Outro curioso estudo que nos fornece o povo sertanejo, é, com certeza, o da novellistica, que, ora é original, ora adulterada, adptada ou assimilada ao meio.

Muitas historias da novellistica oriental ou indiana são conhecidas do povo e, então, para quem as conhece na forma primitiva, é interessante ver as modificações que nellas introduz o espirito popular.

Lembramo-nos, ainda, da forma por que, em creança, ouvimos contar a historia de ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES, e que só posteriormente a reconhecemos.

E a a historia do COMPADRE RICO e do COMPADRE POBRE! (A's veses ha variante, para Irmão rico e Irmão pobre).

Que delicia! que commoção electrisante não era então ouvil-a contar, nos serões, por um bom narrador!!

Entre muitas differenças ou variantes a notar, citaremos, aqui, apenas, a das palavras magicas, sob cuja influencia, mysteriosamente, se abria a porta da caverna.

Em vêz do: — CEZAMO, ABRE-TE! — dezia-se: — ABRE-TE, PORTA PRINCIPAL!

Que houve de logico, de natural, por que lei ou porque rasão modificou o povo a phrase primitiva? Seria pela difficuldade de pronuncia da palavra *Cezamo*, a rásão porque foi ella transformada em: *Porta principal?* Ou ainda (quem sabe? o povo tem conhecimentos admiraveis!) a phrase primitiva implicará a idéa da segunda?

São causas estas que, para um especialista de taes estudos, constituiriam um vastissimo campo de investigação.

Não pretendemos, nestas linhas, senão lembrar o assumpto.

Para este annuario que, no seu intelligente programma, escolheu taes ordens de estudo, queremos, desta vêz, transplantar, sómente, com toda verdade, sem nada lhes acrescentar ou corrigir, os casos anecdoticos que se vão ler e que, como os quadros, tambem, aqui incluidos são genuinamente do povo, e pelos quaes se pode ajuisar da finura e agudeza do seu espirito.

***

Nos sertões, outr'ora, muitos casamentos se fasiam sem que os noivos se conhecessem reciprocamente. Dada a obdiencia e passividade dos filhos para com os paes, era de uso, muitos vezes, — uso patriarchal e ingenuo — serem estes que escolhiam noivos para os filhos, ao chegarem elles á idade propria, e que era de 25 a 30 annos, pelo menos! A filha de um fasendeiro abastado, que morava, mesmo muito distante, era escolhida por outro de igual condição, para, com o filho, constituir nova familia. Bastava que a causa fosse para ambos conveniente, sendo desnecessario ou superfluo o conhecimento reciproco dos pretendentes e mais directamente interessados.

Este costume que é geralmente conhecido e que hoje commentamos achando atrasado e pittoresco, era, noutros tempos, muito natural e até, ás veses, necessario e util.

Um desses casamentos foi, numa dada familia, sertaneja, entabolado ou contractado.

O rapaz, obdiente sem restricções ao soberano poder paterno, acceitando a noiva que lhe foi imposta sem a conhecer, era, como se vae ver, um idealista e um poeta.

Assim, muito naturalmente, pensou ou idealisou que sua noiva era uma sertaneja mimosa, de formas e de gestos seductores como são, em geral, os filhos do sertão.

Neste enlevo, viveu as noites e os dias do noivado, e, como a escolhida morava a mais de uma desena de leguas e para ir vel-a não tinha a licença paterna, esperava com ancia o dia do casamento.

Este chegou. Foi uma grande comitiva da parentella, uma longa cavalgada alegre e ruidosa de mais de um dia de viagem.

Coração e alma exultantes de commoção, e de alegria chegou alfim á casa onde vivia o seu sonho.

O padre já o esperava e a cerimonia não devia tardar. Elle desejava ardentemente ver a noiva e, emfim, a viu : era horrorosamente feia!

Que amarga, que profundissima desillusão!

O nosso heroe traduzia sua situação afflictiva nestes versos :

Quando eu pensei que te via
Para meu contentamento,
Achei-te tão differente,
Tão fóra do pensamento,
Que penso neste soffrer
Ou ir me embora, ou morrer!

Verá aqui o leitor si o sertanejo era ou não um grande poeta, que com tanta eloquencia soube diser o caso e o seu excepcional estado de alma. Toda a sextilha é de uma verdade admiravel e o verso sobre a noiva que elle encontrava « tão fóra do pensamento » não vacillamos affirmar poderia figurar sem desdouro num drama de Shakespeare!

***

Quadros populares.

O zelo dos sertanejos pela honra, boa fama e futuro da familia, é proverbial e conhecido em todo o Brasil. Este facto, levado ao maior grau de estima entre elles, faz com que seja certa a recusa do chefe de familia ao pretendente que não tiver as qualidades moraes, os precedentes de honra, de côr, de bem de fortuna, equivalentes aos seus.

Dessa recusa, que tem originado tremendas luctas em que, ás veses, perecem assassinadas familias inteiras, resulta, tambem, uma causa muito commum nos sertões : o rapto da moça. E tão commum se tornou este facto, muitos dos quaes heroicos e cavalheirescos; que para elle já ha normas estabellecidas e consagradas que fasem lei.

O raptor, por exemplo, vae acompanhado de dois homens casados — testemunhas ou garantias de sua conducta honesta para com a moça.

A casa em que deve ser depositada a raptada deve ser, não só de pessoas casadas, como de maior consideração do logar, se tornando inviolavel; é de praxe, tambem não se recusar o deposito. Esse costume provocou a musa popular e não só ha rimances inteiros, narrando essas aventuras como ha, tambem, muitas quadras espirituosas :

Menina diz a teu pae,
Teu pae diz a quem quiser
Que elle ha de ser meu sogro,
Tu has de ser minha mulher.

Menina diz a teu pae
Que mude de opinião,
Sinão eu vou te furtar
Na anca do meu lasão!

Ou ainda noutra variante :

Menina diz a teu pae
Que não seja malcreado
Sinão eu vou de raptor
Na anca do meu melado!

Ou ainda :

Menina diz a teu pae
Que si quer ser meu amigo :
Ou me pague o meu dinheiro
Ou case você commigo!

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

E mais :

Inda que teu pae não queira
Tua mãe diga que não,
Eu querendo, tu querendo,
S'tá tudo na nossa mão!

Menina por teu respeito
Vivo dormindo no matto,
Todo coberto de cisco
Todo roido de rato!

Menina teu pae é pobre
Tua mãe veste algodão,
Menina casa commigo
Qu'eu te dou mandapolão!

Menina por teu respeito
Fui preso p'ra Maranhão.
Com a farda do Rei nas costas
E a granadeira na mão!

Quando de ti despedi-me
No riacho da Alegria
Tanto os meus olhos choravam
Como o riacho corria!

Quadra episodica: —

Senhora, dona dos ovos,
Ou me venda, ou me dê um;
Que sou doente do peito
Não posso andar em jejum.

Quadras philosophicas :

O ovo têm duas gemmas
Uma branca outra amarella :
A pinta que o gallo tem
O pinto nasce com ella!

De Salomão a sciencia
Eu *seia* toda de cór :
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor!

Vê-se, assim, pelo cunho especial das trovas, pela originalidade do assumpto, revelado com toda clareza e simplicidade rustica que taes versos são genuinamente do povo.

Não ha mister alterar, modificar ou corrigir, são completos em si e reveladores da musa que os inspirou.

***

Si passarmos dessa manifestação de intelligencia e de espirito do povo (as quadras populares) a qual se acha, entre todas, mais divulgada, pela recolta feita até, hoje, ao terreno da ANECDOTA, de que acima fallamos, veremos que não ha no Brasil (sem desdouro para outros Estados) povo mais intelligente, mais espirituoso, de mais agudo engenho, do que o povo cearense. A satyra, a resposta prompta, o conceito chistoso, cheio de observação, de ironia, de graça espontanea, são-lhe familiares e communs como um dom para o qual não é preciso empregar esforço.

Lembramo-nos, agora, por exemplo, do DR BOCCARIO, velho ex-professor primario, mentecapto, ou tido como tal, que vivia nos CAFÉS da Praça do Ferreira, em Fortaleza, enfarpellado em velhos jaquetões, os dedos cheios de annéis, e que, já pela miseria em que vivia, já por servir de alvo aos motejos irreverentes do molecario, era um revoltado contra todos e contra tudo no Ceará.

As instituições, os governantes, os homens e as causas, todo o Ceará, emfim, era o alvo constante do seu odio, dos mais ferinos conceitos e dos mais pessimistas e acerbos commentarios. E como resumo de toda sua amarga observação, como synthese de todas suas revoltadas objurgatorias, elle bradava, indignado e sentencioso :

— Ah! terra bôa p'ra gente ruim!

Dr Boccario! Quantas veses ao vel-o dormindo ao relento nos bancos dos CAFÉS, ou parolando sobre os defeitos da terra, não reflectimos que igual, talvez, a elle foi esse philosopho cynico, cujo nome a historia recolheu, que dormia numa pipa e que á luz do sol, com uma lanterna accesa, procurava um homem em Athenas! O seu conceito : — TERRA BÔA P'RA GENIE RUIM, vale bem o acto de Diogenes a procurar com uma lanterna um homem na sua patria, que era, no entanto, a patria de Pericles, de Socrates e de Platão.

Entre as camadas inferiores do povo, vê-se a mesma facilidade espirituosa do conceito, a mesma finura, a graça da ob-

servação, do dicto, da pilheria, da chalaça innocente ou licenciosa.

Em tudo isto, é bem de ver (e não pode ser de outra fórma) nota-se a feição de rusticidade propria á vida e ao meio do sertanejo. Não poderemos, de facto, encontrar a graça e o dicto parisiense num caboclo do sertão, ignorante e grosseiro. Tudo é relativo. Nessa ordem de estudos, pois, nem se inventa e nem se pode diser a cousa differente do que ella seja; do contrario seria perder todo o merecimento.

***

A emigração para a Amasonia — essa caudal maravilhosa de acção e de energia — que creou, em pouco tempo, a extraordinaria grandeza de dois Estados, que fêz o Acre e a as grandes fortunas de mais de um aventureiro, é uma preciosa fonte para se estudar e conhecer, não só, até que ponto chega a energia viril desse povo, como a veia inesgotavel de sua verve e de sua alegria espirituosa.

Os vapores do Lloyd e os *gaiólas* que sulcam, apinhados de emigrantes, as grandes arterias da vastissima bahia do Amasonas, são testemunhas diarias de milhares de casos pittorescos, de pilherias esfusiantes, de anecdotas de todo o genero.

A uma cidadesinha da margem do Amasonas atracava, um dia, o vapor *da linha*, (Como é conhecido o que faz as costumeiras viagens do interior.) Houve, como é natural, a aproximação de muitas canôas; são negociantes que chegam; são vendedores de peixes, de aves, de fructas, verduras, doces, etc., numa asafama incessante e borborinho ensurdecedor.

No meio dos que chegam, ha, sem discrepancia de um só logar, o judeu e o cearense; o primeiro explorando o commercio, num trafico pouco limpo, como sua pessôa, e o segundo explorando a terra e os seus fructos.

Um cearense, nesse dia, no meio do atropellamento de queixas, chamadas, offertas, perguntas, vendia uma partida de melancias. Terminada a venda, tendo ido a bordo a effectuar, sem duvida, alguma compra, ao voltar á canôa, encontrou-a meio alagada e perguntou furioso :

— *Qui* diabo foi que alagou minha canôa?!

Uma vóz respondeu :

— Foi aquelle judeu, que vai acolá!

O cearense firmando-se nas duas bordas da canôa e olhando o vulto que em direcção á cidade caminhava, á distancia, gritou dando á vóz a cadencia conhecida e peculiar á raça :

— Deixa-te *está*, judeu do diabo, *qui* quando tua mãe morrer minha rêde bóta lucto!

Foi uma gargalhada em todo o vapor, emquanto o cearense, indifferente, com uma cuia esgotava a canôa.

De outra vêz, o vapor se aproximava de um porto-era um barracão, á margem do rio, Havia um grupo de pessoas a contemplal-o. Uma vóz, de bordo, de entre os passageiros de segunda classe gritou para terra :

— Adeus! Chiquinho!

Um de terra respondeu :

— Adeus! Você me conhece?

— Conheço muito! Lembrança de sua mãe que ficou no Ceará!

— Obrigado! Você conhece *ella?*

— Conheço! — E'uma vélha baixinha, com duas carreiras de mamas!

Houve uma pausa, depois da qual explodiu esta resposta :

— Cachôrra é sua mãe! *seu* desgraçado!

A replica foi uma risada estrepitosa.

E, assím, são por milhares as pilherias desse povo heroico que sabe rir no meio da desventura : — a fome na sua terra e o exodo para a Amasonia.

Pará, 1908. José Carvalho.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Commissão em Livraria para o estrangeiro

H. MELLIER

2, rue Mignon (7, rue Danton)

✻ PARIS (VIe ARROND.) ✻

SERVIÇO RAPIDO DE TODAS AS OBRAS FRANCEZAS E ESTRANGEIRAS

ASSIGNATURAS EM TODOS OS JORNAES E PERIODICOS

Correspondentes em todos os grandes centros da America do Sul

FOLK-LORISTAS BRASILEIROS

O nosso *folk-lore* ainda reclama a attenção dos nossos estudiosos.

O primeiro dos nossos *folk-loristas* foi Silvio Romero que colheu da tradição antes de todos, e como fundamento dos seus estudos ethnographicos em que devia assentar a *Historia da Literatura*, immenso numero de factos da vida popular indigena, mormente da camada mais estavel das populações brazileiras, do nortista e do habitante do interior muito mais coheso e nacionalizado que o irrequieto formigueiro das cidades litoraneas, hoje quasi todas cosmopolitas.

Silvio Romero.

A obra de Silvio Romero neste ramo ficou immortalizada pelo seus *Cantos populares* (2 vols) e *Cantos populares* (2 vols) que constituem a collectanea melhor e mais completa que possuimos, alem de outros opusculos e estudos avulsos sobre a poesia popular.

Pouco depois de Silvio, muito se occupou do *folk-lore*, sob especial face de estudo, o do *tradicionalismo*, o nosso primoroso poeta Mello Moraes, que desde annos juvenis sempre se inspirara na vida e nas lendas do nosso povo, como o attesta toda a sua lyra, verdadeira e genuinamente nacional, sem resaibo de emprestimo estranjeiro.

C. von Koseritz no Rio Grande du Sal, certamente por influxo de S. Romero, trouxe algumas contribuições ao monumento do nosso *folk-lore*, reunindo alguns fragmentos da musa popular. Ainda sob o mesmo influxo do erudito mestre e fundador da nossa historia literaria, contribuiram n'este sentido Valle Cabral na *Gazeta literaria*, Macedo Soares, Felix Ferreira (como é sabido) no resumo do Perié, e José Verissimo em seus primeiros ensaios, F. Caminha e outros.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.

CLUBS CASA STANDARD.

Ultimamente publicaram fragmentos do nosso *folk-lore* na imprensa ou em livros Osorio Duque Estrada (capital) A. Geddes (?) no Estado do Rio, e *Icks* (pseudonymo da illustre professora D. Alexina de Magalhães) em bellos livros escolares, etc.

De todos estes nomes dos ultimos annos convem apontar os de Rodrigues de Carvalho e Alberto de Faria.

R. de Carvalho desde algum tempo com verdadeiro amor e perspicua intelligencia tem estudado a poesia popular brazileira, colhendo-a no seio da tradição oral. Dos seus estudos temos a prova no magnifico livro — o *Cancioneiro do Nòrte*, cuja excellencia é escusado proclamar n'este breve escorço. E ainda trabalha no seu *Novo Cancioneiro do Norte* de que demos ainda n'este numero do *Almanaque* uma linda e preciosa amostra.

Dr. Rodrigues de Carvalho (Parahyba do Norte).

O trabalho de R. de Carvalho completa-se com o do erudito Alberto de Faria, instruido na erudição comparativa dos *folk-lores* de outras origens.

De Alberto Faria um dos mais primorosos talentos do Brazil contemporaneo, fino erudito e conhecedor de varias literaturas e da literatura, portugueza principalmente no que ella contem do elemento tradicional e intimo, falam as seguintes linhas de J. Vieira de Almeida, que com Antonio Lobo abrilhantam a *Cidade de Campinas*:

O fundador do brilhante orgam, que é actualmente a folha que tira o seu nome da cidade em que vê a luz, merece, de certo, as mais calorosas sympathias e as mais sinceras homenagens.

Ainda moço, e ostentando já na fronte despovoada de cabellos, e

« esses poucos que alvejam, vão cahindo
e poucos já lhe restam »,

ostentando, digo, as provas de um labutar incessante; Alberto Faria póde ser comparado ao filho de Alcmena, pela execução, não de doze, mas de innumeros trabalhos.

Nascido á margem de Guanabara, em mui tenros annos, foi, em companhia da familia, residir na terra de Barreto Leme.

Tendo recebido nos collegios que frequentou a parca instrucção que similhantes estabelecimentos lhe podiam ministrar e que a sua novel intelligencia mal podia comprehender, entrou logo na renhida lucta pela busca do pão.

Este, muitas vezes, lhe soube a fel, conservando delle ainda o travo envenenado...

Foi isso no tempo em que começou a mourejar na imprensa.

Uma vez envergada essa tunica de Nesso, jamais a pôde abandonar.

Nas tentativas que fez para despir o funesto presente da moderna *Dejanira*, fartos boccados de sua carne jovem nella ficaram, adherentes; porém esta, na intensidade da sua teimosia, ficou-lhe eternamente collada aos ossos.

Mello Moraes.

Por isso é que a feição principal do omnimodo talento de Alberto Faria é o jornalismo, mas o jornalismo em todas a suas variadas modalidades.

A chronica ligeira e, por vezes, mordente, ou a profunda e erudita critica literaria, são os marcos miliarios de sua brilhante carreira jornalistica.

Deixo já, propositalmente, de parte outros generos, inclusivé *ohimé!* até a traducção em verso (*excusez du peu...*) do roseo ponto no *i* do verbo *aimer*...

Não hesito, portanto, em affirmar que talento assim brilhante só conheci o de Julio Ribeiro.

E este juizo assenta em base, muito solida, porque conheci bem de perto a este, como conheço perfeitamente áquelle.

Critica literaria disse, e disse muito bem: as suas elucubrações, aliás bem recentes, a respeito das famosas *Cartas chilenas* o alcandoraram ás culminancias de um Gustavo Planche, abrindo-lhe, de par em par, as columnas do grande orgam de José Carlos Rodrigues assumpto correlato—a analyse de uma lyra apocrypha de Gonzaga.

E para bem accentuada ficar sendo a paridade que estabeleci com Julio Ribeiro, Alberto Faria enveredou, e com resultados apreciaveis, pelo terreno da linguistica, traçando artigos e fazendo investigações, que muito honram a sua tenacidade.

E para nada ficar devendo ao incomparavel philologo mineiro, ainda Alberto Faria exerce o magisterio, na mesma cidade em que o atrabilario autor das *Car-*

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

tas sertanejas rasgou sulco luminoso, nas cathedras magisteriaes em que dignamente preleccionou a gerações que lá existem.

Além de tudo isto, Alberto Faria fez concursos e fez conferencias...

Alberto Faria.

Neste assumpto, divergiu um pouco do prototypo, a que o approximei; por que concurso, Julio Ribeiro fez um, e brilhantissimo: o de latim, na Faculdade de Direito de S. Paulo.

Mas, conferencias e ainda sobre. . o nariz .. não, isso não!

Para tanto o incompatabilisariam as suas inclinações accentuadamente... naturalistas; e... aquelle appendice facial á Cyrano de Bergerac!?...

Merecida é, portanto, a homenagem, que, hoje, lhe rende a redacção da *Cidade de Campinas*.

Com que saudades não voltaria Achilles para sua tenda, depois de ter vingado a morte de Patroclo?

Ahi o esperavam, mais do que as caricias de cem captivas, os suavissimos perfumes, a evolarem-se das opulentas caçoulas, que são todos os corações da redacção e corpo typographico da *Cidade*.

Tambem eu quero juntar-me a esse côro, que vae entôar hymnos harmoniosos, em homenagem ao fundador da folha onde trabalham, no auspicioso dia em que levantam mais um marco na longa estrada percorrida »...

A CIDADE

No momento em que escrevemos estas linhas ainda não chegaram ao conhecimento do publico os dados da administração municipal que mais interessariam registrar n'este annuario.

Continua firme e alheia ás paixões politicas tão intensas n'este districto a honesta e patriotica administração do nosso Prefeito que surdo, ao alarido venal dos agitadores, prefere servir aos verdadeiros interesses da cidade que ainda agora regulariza as suas forças economicas, combalidas pelas extraordinarias despezas da sua remodelação.

Proseguem, sem azafama, os melhoramentos iniciados, realizam-se outros, funda-se a confiança e o respeito á lei, aos contractos e deveres da administração.

A nova avenida que resultará da rectificação e asfaltamento das ruas Haddock Lobo e Conde do Bonifim, agora aformoseadas, ligará o centro da cidade a serra da Tijuca, constituindo um dos mais bellos passeios.

A receita arrecadada em 1907 foi de 27:215:000$. Ajardinou-se toda a Avenida Beira-Mar, a qual foi ainda prolongada até o extremo da praia de Santa Luzia, no Arsenal da Guerra. Construcções e obras novas. *Pavilhão* do districto na Exposição, a conclusão do *Theatro Municipal*, as escolas *Barth* e *Affonso Penna*, *Menezes Vieira* (na Tijuca) e a monumental *Escola da Gloria*. Calçadas a asphalto as Avenidas *Mem de Sá*, *Gomes Freire* : *Paysandú*. A estrada ou *Praia da Saudade* que liga a Avenida Beira-mar á Exposição, foi refeita e melhorada.

E' sobre maneira notavel o progresso em materia de *Instrucção Publica*.

Diz, com razão, a Mensagem do Prefeito em 1908 :

Rua da Assemblea e Avenida.

« De uma cousa se póde ufanar a Municipalidade. As suas escolas primarias tíveram nestes ultimos dez annos um progresso crescente e constante: em 1896 havia no Districto Federal 240 escolas, com 17.917 alumnos, em 1906, as escolas eram 282, e tinham 37.890 alumnos matriculados. Nos ultimos quatro annos a progressão tem sido notavel: em 1904, 32.079 alumnos; em 1905, 32.223; em 1906, 37.890; e em 1907, em novembro, a matricula attingiu o numero de 44.414 alumnos. E' indispensavel manter esse progresso, desenvolvendo cada vez mais a acção municipal em favor da instrucção, disseminando as escolas, installando-as em predios apropriados, e tornando-as ainda mais attractivas e uteis. »

— Plantaram-se na arborisação das ruas cerca de 6000 arvores. Existem nos viveiros municipaes 15.000 arvores e 21.000 arbustos e plantas de jardins.

— A renda predial no primeiro *semestre* de 1908 foi de 6.118:000$.

— A receita arrecadada no mesmo semestre attingiu a 16:000:000$ ou seja 15:952:247$ réis.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

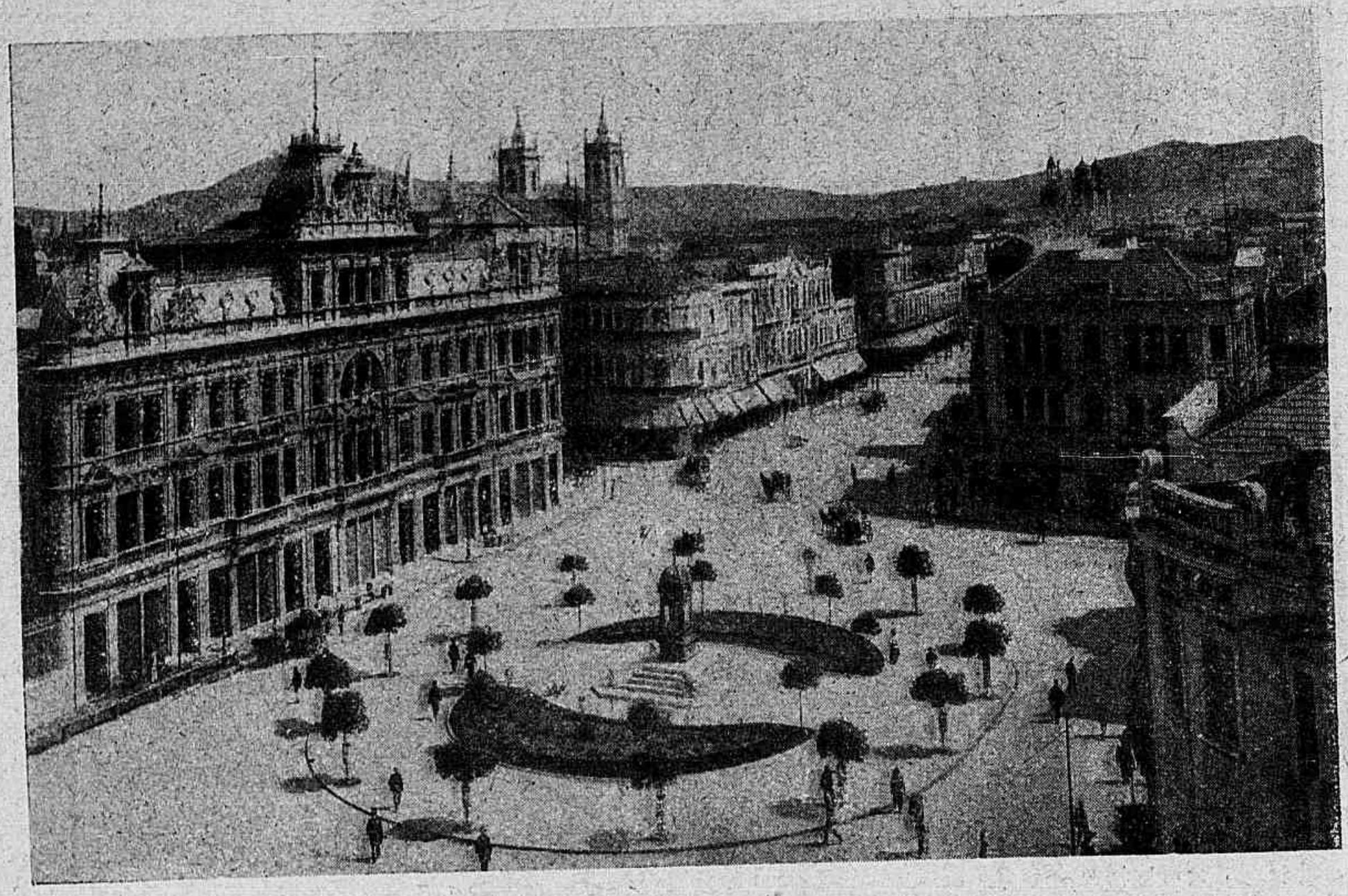
A CIDADE

(Congresso dos Americanistas)

Sobre a evolução de uma cidade do novo mundo do XVI ao XX seculo, a proposito da recente transformaçao do Rio de Janeiro.

« Repetia-se correntemente, ha uns vinte annos, no nosso mundo estudioso um postulado que uma escola philosophica havia estabelecido como um dos seus principios, de resto, ao que parece, muito discutido desde então, e mesmo ulteriormente desmentido. Affirmava ella que a ontogenese, a saber, o desenvolvimento do individuo, offerecia um resumo da philogenese, a saber, do desenvolvimento da especie, com a differença evidentemente do tempo a menos. Poder-se-hia assim assistir num perido curto a um processo da natureza que exige, para sua realização completa e ordinaria, uma successão indefinida de seculos.

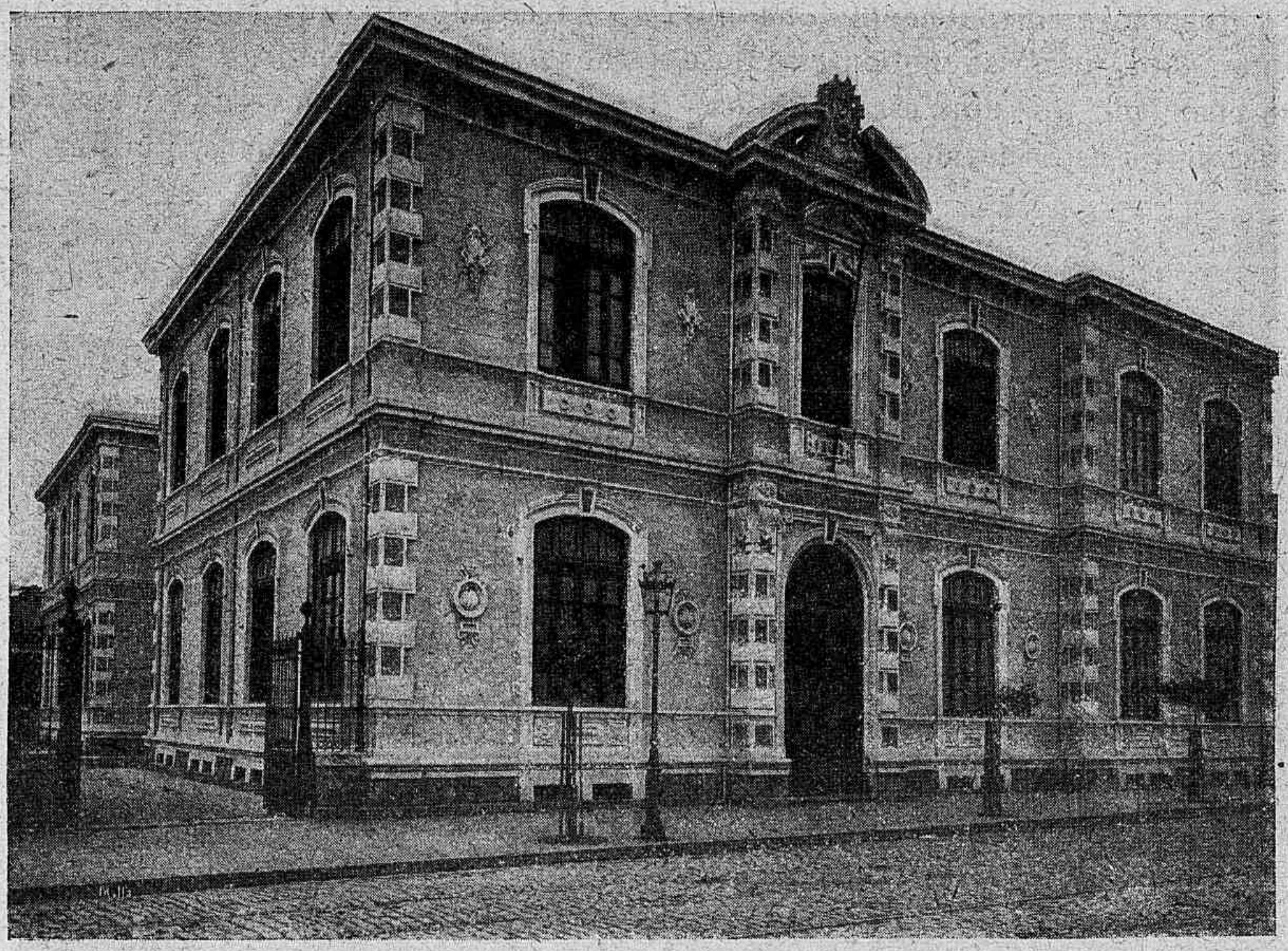
As cidades do Novo Mundo, consideradas sob este ponto de vista, offerecem um exemplo notavel no seu escorço, da longa evolução humana. Em tres ou quatro seculos, ellas passam do estado de natureza ao estado de cultura, da animalidade completa a uma civilização refinada. Não fallo dessas cidades americanas, muito typicas, de resto que nascem já crescidas e até ostentando os artificios modernos. São casos de geração espontanea, e algumas vezes de maturidade precoce, que nem são exclusivos dos Estados Unidos. A nossa cidade de Bello Horizonte, no Brasil, a nova capital de Minas Geraes, nasceu em condições semelhantes. A cidade do Rio de



Largo da Carioca.

Janeiro, a capital do Brasil, fornece, pelo contrario, um bello exemplo de uma cidade que passou por todas as phases, soffrendo todas as fortunas, passou, successivamente, em tres seculos e meio por todas as transformações que Roma atravessou em vinte seculos.

Apparição inesperada e encantadora,



Escola Estacio de Sá.

bahia de aguada para primeiras navegações de simples exploração ao longo da costa ou em pesquiza da passagem para o Oriente maravilhoso, o Rio de Janeiro deve, como cidade, sua origem á expedição da Bahia contra os Francezes. Bahia era o centro da autoridade real portugueza no Brasil muito feudal de então; os Francezes tinham prolongado suas discussões theologicas, azedando-se ainda mais seus rancores, esses rancores terriveis entre catholicos e calvinistas, no ilhote onde Villegaignon, cavalheiro de Malta e ousado aventureiro, lançara os fundamentos da França Antarctica.

Os indios eram decididamente a favor dos Francezes — uma sympathia que se repetio na America do Norte — e os Portuguezes tiveram que empregar a violencia e a astucia, a força e a diplomacia, para vencerem sua resistencia e poderem levantar seus primeiros abrigos de taipa, recobertos de ramagem. A moldura era soberba: montes de granito, densas florestas, praias douradas, nada faltava e em proporções gigantescas, esmagando com sua grandeza esse punhado de homens que queriam avassalar essas regiões novamente desco-

CHRONOMETRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

bertas, e tinham que combater os elementos e os selvagens, a natureza e o homem, uma e outro igualmente hostis.

Não se julgando em bastante segurança na Praia Vermelha, onde tinham desembarcado e acampado, e onde se realiza neste momento a Exposição Nacional commemorativa da abertura dos portos brasileiros ao commercio universal, os novos senhores avançaram mais na immensa bahia e escolheram, segundo a tradição mourisca e christã da Peninsula Iberica, uma eminencia sobre a qual levantaram seu primeiro forte e sua primeira ermida. Foi essa o chamado morro do Castello, hoje meio arrazado para abrir caminho á formosa Avenida Central, que exigio a demolição de mais de 600 casas, e que, cortando todo o bairro commercial, segue á beira mar num passeio unico até á praia, mesmo onde se effectuou a posse desta parte de uma região disputada por soberanos longinquos.

Os primeiros tempos foram difficeis. Os colonos agrupavam-se por trás da palissada que circumdava e defendia o seu burgozinho europeu. Aos poucos, pelo auxilio dos jesuitas, que foram nessia occasião os melhores agentes de civilização da America portugueza, começaram a aventurar-se fóra. As terras das cercanias foram distribuidas em sesmarias, iniciaram-se as culturas da canna de assucar e da mandioca, entraram a ser exercidos todos os misteres pacificos e bellicosos, buscou-se ouro, escravizaram-se indios, pensou-se até nas cousas permanentes, erguendo-se conventos.

As casas desceram até á planicie e o Rio de ruas compridas e estreitas, em fórma de xadrez, onde o sol difficilmente penetra, e por onde passaria a custo um coche, esse Rio que apenas agora se transformou, começou a desenhar-se perto do porto, no qual as embarcações portuguezas se habituaram cada dia mais a vir ancorar. A existencia não era muito alegre, nessa cidade em embryão; faltava toda e qualquer distracção, excepção feita de algumas pobres festas de igreja. Os escravos, importados em numero sempre crescente da Africa, faziam uma mancha negra e mais se ouviam suas cantigas monotonas acompanhadas de dansas tristes, do que as queixas melancolicas e os cantos suggestivos dos Portuguezes, raça com a qual não tardaram aquelles a fundir-se.

Até o seculo XVIII, o Rio quasi não conta. As lutas com os Hollandezes, nascidas da passageira união de Portugal e da Hespanha, que durou de 1580 a 1640, não perturbaram a sua existencia humilde e timida. Entretanto essas lutas foram longas e tenazes : estenderam-se desde o Maranhão até á Bahia, e convulsionaram os dous terços do Brasil de então, um Brasil de fachada, pois que o interior conservava ainda quasi toda a seducção do mysterioso e do desconhecido. O Rio não foi tomado de assalto e posto a resgate senão mais tarde, pelo famoso corsario bretão Duguay-Trouin, para vingar a morte do seu camarada Duclerc, que os azares da guerra de Successão tinham levado até á America do Sul. Justamente a cidade dava mostras de crescer, graças ás jazidas de ouro descobertas e exploradas em Minas Geraes, desde o começo do seculo. A essa região devia, aliás, o Rio forçosamente servir de sahida e passagem economica e commercial. Se o Rio se não expandia em florescencias architecturaes, era porque fazia falta o gosto. Este recolhera-se em Portugal, depois das exuberancias do estylo manuelino, desse gothico ultra-trabalhado com reminiscencias arabes, e o chato estava na ordem do dia. O Marquez de Pombal re-

reconstruio Lisboa, tornando-a regular, mas afeiando-a, depois do terrivel terremoto de 1755, e as construcções sem elegancia que datam desse periodo, mostram-se bem afastadas de todos os estylos que em França e noutros lugares engendraram por esse tempo verdadeiras obras primas.

cação alli fosse admittida e bem acolhida, a administração portugueza procurando, dir-se-hia, não ser excedida pela hespanhola em materia de fiscalização e de ciume. Entretanto varios viajantes extrangeiros ahi fizeram curtas estadas, de que nos deixaram suas impressões, e o porto depressa se tornou conhecido

Avenida Central.

Nada que relembre o ar majestoso do Luiz XIV, que denuncie as curvas graciosas de Luiz XV, ou annuncie a harmonia de linhas do Luiz XVI.

Pouco numerosos eram, de resto, os que podiam verificar além mar tal ausencia. Não se entrava facilmente no seculo XVIII na bahia do Rio, ou, melhor, não desembarcava quem queria. Fazia-se mister uma razão séria, grandes avarias a reparar ou uma missão autorizada a cumprir, para que uma embar-

como o melhor dessas paragens para interromper uma navegação e renovarem-se os viveres. A agua, sobretudo — uma agua de uma pureza e de uma excellencia proverbiaes — era um recurso e devia ser um chamariz nessas interminaveis travessias, tanto para os navios que se dirigiam para o mar do Sul, como para os que tinham a dobrar o cabo da Boa Esperança, a caminho das ilhas orientaes e da China.

Lord Anson — ou melhor o capellão

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Walter, que foi o seu chronista, por occasião da famosa viagem em redor do globo — não poupou seus elogios ao Rio de Janeiro, gabando até a abundancia dos abastecimentos : o que os outros negam, por exemplo, o capellão do « Conde » de São-Malo, não obstante seus gabos á cidade que ainda não era capital e a lisonjeira comparação estabelecida entre a colonia portugueza do Atlantico e as colonias hespanholas do Pacifico, com relação á boa ordem no Governo e ao volume de trafico com a metropole.

O abastecimento melhor ou peior dependia seguramente da occasião. Os recursos do Rio eram forçosamente modestos e as provisões não deviam ser em excesso quando havia ancorados, como no momento da passagem do « Conde », em 1749, — não faltando o lugar — 70 navios mercantes portuguezes, dos quaes alguns de grande tonelagem. Tratava-se do chamado comboio do Brasil, que vinha cada anno de Portugal trazer suas mercadorias e levar nossos productos, navegando de parceria e sob a protecção de dous ou tres vasos de guerra.

Os ultimos vice-reis do Brasil trataram de aformosear a cidade do Rio de Janeiro, de accôrdo com seu gosto, ou melhor, com bem raras excepções, de accôrdo com o seu máo gosto. O exemplo partia de cima, e estavam na moda as construcções monumentaes e os jardins decorados de obras de arte. Devem-se-lhes, entre outras cousas, o aqueducto, de arcos romanos, que apparece na maior parte das vistas desde então desenhadas da Capital brasileira, e o Passeio Publico, de sombrio arvoredo, escondendo repuxos de conchas e figuras de bronze. John Barrow, a caminho da Cochinchina com a embaixada ingleza, teve ensejo de escrever nos primeiros annos do seculo XIX, que os Portuguezes do Rio, se pouco tinham feito para embellezar a natureza, pelo menos se lhes devia attribuir o merito negativo de não terem feito muito para afeil-a. A tonalidade da cidade era, porventura, mais sacra que profana, posto que o amor nella desempenhasse um papel dos mais importantes. A licença, mesmo ecclesiastica, não era, todavia, tanta quanto a suppuzeram certos viajores de passagem antes da abertura dos portos e que, tendo durante todo o dia um soldado na sua pista, eram forçados, quando chegava o anoitecer e tocavam as Ave-Marias, a voltar para bordo, sendo-lhes strictamente vedado pernoitar em terra.

Fachada posterior do Corpo de Bombeiros.

As casas todas eram protegidas, como acontecia em tempos antigos com os deuses lares, por imagens da Virgem ou dos Santos, frequentemente collocadas

na parte de fóra, debaixo de vidro, em nichos, diante dos quaes ardia o azeite classico das devoções. Procissões percorriam a cada instante as ruas com grande estrepito de musica militar e grande fartura de irmandades e de crianças vestidas de anjinhos com saiotes entufados e azas de gaze, emquanto os foguetes estalavam no ar e os sinos faziam ouvir seus alegres carrilhões ou seu triste dobre.

Rua da Carioca.

A Côrte portugueza tendo-se estabelecido no Rio de Janeiro ha justamente um seculo, havendo-se a familia real trasladado inteira, por motivo da invasão de Portugal pelos soldados de Napoleão, a cidade augmentou consideravelmente e lucrou debaixo de todos os pontos de vista. Seu perimetro alargou-se muito, estendendo-se os bairros em differentes direcções; os negocios tomaram um novo desenvolvimento; os extrangeiros entraram a fornecer uma nova e importante parcella da população; o theatro juntou-se á igreja para distrahirem o publico, e os espectaculos da realeza alliaram-se com as ceremonias religiosas, rivalizando com estas em esplendor.

O grupo, o que se denominou a colonia de artistas francezes, tendo á sua frente o Le Breton, ex-secretario perpetuo (nada mais era perpetuo na Europa depois da revolução franceza) da Academia de Bellas Artes de Pariz, a qual El-Rei D. João VI mandou buscar e que abrangia, entre outros, os pintores Debret e Taunay, o esculptor Taunay, irmão do precedente, o architecto Granjean de Montigny e o gravador Pradier, educou o gosto nacional e o revestio, relevai-me a expressão, do verniz euro-

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

peu que lhe faltava. E vemos no Rio edificios no estylo greco-romano posto em voga pelo imperio ; arcos de triumpho em téla pintada, levantados para festas dynasticas ; bailados allegoricos na Opera, repletos de recordações mythologicas, exactamente como nas margens do Sena. Os cortejos e mascaradas, de que houve com abundancia, foram dispostos por aquelles Parizienses e mais agradaram a população do Rio, que desde então deu prova da sua grande jovialidade, do que as touradas, introduzidas pelos fidalgos portuguezes, dos quaes eram o principal desporto, do que as corridas de cavallos, importadas pelos negociantes inglezes estabelecidos á sombra do regimen de favor que lhes fôra outorgado pelo reconhecimento do mais fiel dos alliados.

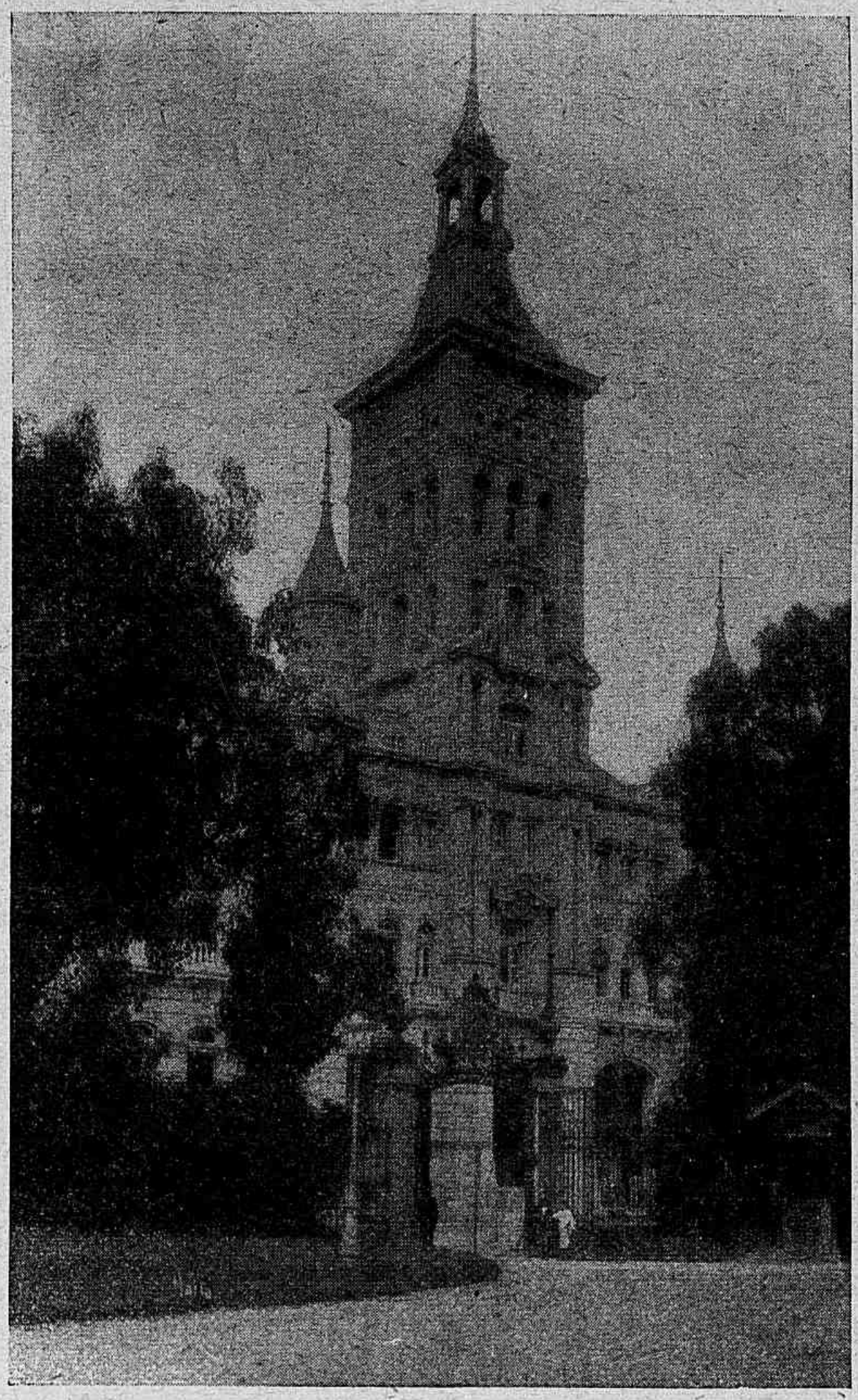
Após ter sido durante treze annos a séde da realeza portugueza, foi o Rio de Janeiro durante 67 annos a séde do Imperio brasileiro. Dous soberanos e, a separal-os, uma regencia democratica de nove annos ahi viveram. Assistio-se a baptizados reaes, a consortes principescos e a funeraes imperiaes ; assistio-se ao desfilar victorioso das tropas que voltavam do Paraguay, e ao desfilar menos triumphal das que voltavam da Cisplatina; assistio-se a revoluções pacificas, como a de 1831, que determinou a abdicação de D. Pedro I, e a de 1889, que fez exilar D. Pedro II, e a mudanças, verdadeiras subversões na economia do paiz, como a abolição da escravatura em 1888, livremente votada por um Parlamento, sob a acção de um gabinete reformador adrede chamado ao poder pela Princeza Regente.

No systema politico a Capital exerce as mesmas funcções que o coração no apparelho circulatorio, por esse orgão passando todo o sangue e delle dependendo toda a vida. Quer isto dizer que á vida no Rio de Janeiro não podia faltar nem movimento nem interesse. Por vezes lhe faltaria alegria. A partir do anno de 1849, um verdadeiro flagello tinha-se sobrepticiamente introduzido alli : a febre amarella, importada de Nova Orleans, revelando-se logo de começo por violentas epidemias, tornando-se em seguida endemica e lançando sobre todo o paiz uma sombra de tristeza, ao mesmo tempo que emprestava uma das peiores reputações a um clima até ahi julgado excellente.

Avalia-se em perto de 60.000 o numero das victimas do terrivel mal, sómente no Rio de Janeiro. A primeira epidemia custou a vida a mais de 4.000 pessoas. Todo o progresso do Rio resentio-se naturalmente disso. Era como se uma crise repentina e grave invadisse um organismo em pleno vigor e ameaçasse sustar-lhe a florescencia. As grandes obras que acabam de ser executadas ou que ainda estão em via de execução no Rio, realçando por tal fórma um scenario natural da maior belleza, teriam sido, pelo menos em parte, realizadas, se a presença dessa cruel inimiga de todos os instantes não houvesse paralysado a nossa energia.

Estudou-se e discutio-se muito a febre amarella, mas só nestes ultimos annos se chegou a combatel-a efficazmente, e o Brasil não descurou interessar-se pelas novas theorias scientificas e applical-as. A sciencia medica, em grande honra no Brasil, não póde adduzir um testemunho mais valioso do seu merito do que a extincção quasi absoluta dessa tremenda enfermidade, e nenhum titulo mais justo póde allegar á estima publica : o anno passado o numero total dos casos foi de 43, numa população de perto de 900.000 almas. Em Santos, que era seu peior refugio, ha annos que a febre amarella desappareceu. Assim se pro-

duzio a rehabilitação de todo um paiz pela certeza de que sua Capital, ataviada como cada dia se mostra mais, com todas as graças da arte, não esconde agora sob suas seducções um veneno mortal. A cidade do Rio de Janeiro é reconhecida ao grande homem de trabalho que se chama Dr. Oswaldo Cruz, por havel-a saneado, e orgulha-se da sua feliz transformação. Como vos disse, mais de 600 casas, pela maior parte da época colonial, foram demolidas só no bairro commercial, para abrir lugar a uma das mais bellas avenidas do mundo, bordada de edificios sumptuosos e indo de mar a mar, emquanto a outra avenida acompanha numa enorme extensão as sinuosidades das praias, deixando admirar de um lado a bahia magnifica e do outro o esplendido scenario de montanhas e de florestas. (Congresso dos Americanistas.) OLIVEIRA LIMA.



Corpo de Bombeiros.

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

LIVRARIA de H. GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109

LIVROS PORTUGUEZES, FRANCEZES,

INGLEZES, ALLEMÃES, HESPANHOES,

ITALIANOS, LATINOS, ETC.

Endereço telegraphico: HERMANOS

CAIXA DO CORREIO : 618

Telephone 1068

GLOBOS

Atlas e Mappas geographicos

LIVROS COLLEGIAES

Compendios adoptados e de accoado

com o programma de exames

ENCARREGA-SE

De quaesquer commissões em

livraria, seja qual fôr o paiz da Europa

O novo abastecimento de agua da cidade

E'já uma realidade a adducção do rio Xerem, cujas aguas vêm reforçar a contribuição que ora recebe o reservatorio do Pedregulho, chave principal da distribuição á zona baixa da cidade, de altitude inferior a 55 metros.

Foi o Dr. Paulo de Frontin quem, pela primeira vez, lembrou ao Governo a captação deste grande manancial, cujo volume diario é de 50.000.000 de litros, havendo apresentado o projecto de sua adducção para o reservatorio citado; de accôrdo com esse projecto, a linha adductora deveria acompanhar o leito da antiga Estrada de Ferro do Norte, hoje Leopoldina.

Mais tarde foi modificado o projecto geral, sendo adoptado outro traçado, o que exigio a construcção de um ramal da Estrada de Ferro do Rio de Ouro, especialmente destinado a permittir a execução das obras de captação e adducção.

A 29 de Dezembro de 1906 resolveu o Governo approvar, pelo decreto n. 6.297, o projecto elaborado pela Inspecção Geral das Obras publicas da Capital Federal, para aproveitamento das aguas daquelle e de outros rios, visto que se tornavam cada vez mais precarias as condições do nosso abastecimento.

As aguas que o reservatorio do Pedregulho recebia diariamente não bastavam ás necessidades do consumo, o que exigia uma nociva descontinuidade do serviço de distribuição; os encanamentos antigos, em numero de 3, de 0m,80 de diametro cada um, entregavam ao reservatorio volume muito inferior ao que era indispensavel, sendo precizo, para manter o serviço de abastecimento, não distribuir á noite e fazer com que os registros trabalhassem graduados desde as 12 horas do dia.

A adducção do Xerem, que hoje se inaugura, trazendo ao reservatorio um volume de 50.000.000 de litros por dia, quando, até agora, elle só recebia 52.000.000, modifica por completo aquelle regimen, permittindo obter um serviço permanente de distribuição continua.

Não foi facil a execução da obra a que nos referimos e cuja descripção fazemos nas linhas que se seguem.

O rio Xerem é formado por dous outros, o Registro e o João Pinto, que descem das vertentes da serra de Petropolis, o primeiro fornecendo um volume diario minimo de 30.000.000 de litros e o segundo de 20.000.000 de litros.

Para captal-os foi precizo construir préviamente um ramal de estrada de ferro para o João Pinto até á barragem e um sub-ramal para o Registro. A linha ferrea construida, sob a actual administração, tem uma extensão total de 5.851 metros sendo 5.667 do ramal e 1.184 do sub-ramal.

Quanto ao ramal do João Pinto, a extensão em tangente é de 2,517m,050, a extensão em curvas de 3.149m,950, a extensão em rampas de 5,330m,0, a extensão em nivel de 337m,0, não havendo tangentes inferiores a 20 metros e sendo de

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes

3,5 por cento a declividade maxima; quanto ao sub-ramal, a extensão em alinhamentos rectos é de 484,200, a extensão em curvas de 690m,800, a extensão em rampa de 1.005m,714, a extensão em declives de 55m,0, a extensão em nivel de 125m,286, sendo igualmente 20 metros o comprimento das tangentes minimas e 3,5 por cento a rampa maxima. O raio minimo adoptado foi o de 82m,060.

As duas linhas, de bitola de 1 metro, foram construidas para servirem exclusivamente ao serviço de construcção e de conservação das obras do abastecimento, razão pela qual, por ser mui pouco intenso o trafego de pequena velocidade, as suas condições technicas não obedeceram ás condições geraes impostas pelos regulamentos em vigor.

O movimento de terra effectuado para a sua construcção foi de cerca de 26 metros cubicos por metro corrente; as obras deste construidas foram: uma ponte sobre o rio Registro, com 20 metros de raio, base total, de madeira e com encontros e pegão de alvenaria de pedra, 9 boeiros abertos, 10 capeados simples, 5 capeados duplos e 1 triplo de tubos; entre esses boeiros um, duplo, de 0,8 x 1,20, tem 50m,980 de comprimento, outro simples, de 0,5 x 0,9, tem 45m,672 de comprimento.

Além da estrada, obra preparatoria indispensavel á construcção das do abastecimento, outras do mesmo genero foram igualmente construidas: uma estrada de rodagem, de 4m,50 de plataforma, com 535m,0 de extensão, desde o extremo da linha-ferrea até á barragem do João Pinto; outra estrada de rodagem, com a mesma largura de plataforma e 3.420m,0 de extensão, desde o extremo do sub-ramal do Registro até o local da captação. Em ambas as estradas de rodagem, que foram construidas com o objectivo de evitar o prolongamento do ramal e do sub-ramal ferreos, que, por causa da grande accidentação do terreno, seriam de elevado custo, foram assentadas linhas Decauville de 0m,60 de bitola, destinadas ao transporte de material.

Por serem grandes as differenças de nivel entre os extremos das linhas ferreas e os das estradas de rodagem, foi mister construir dous planos inclinados com pesado movimento de terra; um, o do rio João Pinto, tem 38m,55 de extensão em planta, declividade uniforme e uma differença de nivel de 18m,504; outro, do Registro, tem 184m,0 de extensão em planta e 84m,272 de differença de nivel, sendo igualmente uniforme a sua declividade.

A captação do rio João Pinto, fez-se com uma barragem de alvenaria, fundada em rocha, com 46m,50 de comprimento, paramento de montante vertical e curvo o do lado de jusante, e com 6m,50 de largura na base; a altura maxima desse corrego é de 5m,50, a profundidade de agua abaixo da soleira do vestidor, de 26m,50 de comprimento, é de 3m,70; a fundação desceu 9m,0 abaixo do leito do rio, para poder ser feita sobre rocha.

Da barragem a agua é conduzida ao clarificador do typo Duech, em um canal, de secção rectangular, de cimento armado, com uma secção de vasão de 3m 002 por 1m,0 e 104m,0 de comprimento; do clarificador passa a agua para um canal coberto, de cimento armado tambem, com 310 metros de extensão, perfil transversal ovoide, com 1m,05 de altura e 0m,84 de largura.

Termina o canal em um poço circular, de cimento armado, construido no alto do plano inclinado, partindo desse poço o encanamento adductor.

No local da captação do registro, juntam-se tres rios que o forman : o Cové, o Paraiso e o Itapicú. O primeiro foi captado isoladamente, com uma barragem em 1m,0 de altura, sendo as suas aguas lançadas a montante da barragem commun do Paraiso e do Itapicú, logo abaixo da confluencia destes, por uma linha de encanamentos, de 0m,45 de diametro e 180m,50 de comprimento ; a barragem construida a jusante da confluencia dos dous ultimos rios tem apenas 0m,88 de altura.

Dessa ultima represa parte um canal, de cimento armado e secção transversal igual ao do João Pinto, com 72m,87 de extensão, terminando em 6 degráos de 0m,60 de altura cada um ; depois de cahirem as aguas em uma caixa circular, de 6m,0 de diametro, 2m,50 de profundidade, em tudo igual á do João Pinto, passam ellas para um outro canal, do mesmo typo, com 555m,340 de extensão e 0m,0001 de declividade ; em seguida ha tres syphons de 331m,380 de comprimento total e flechas de 17m,772, 5m,700 e 11 m,200, respectivamente; aos syphons succedem-se outro trecho de canal, de 182m,769 de comprimento, outro syphon com 181m,622 de extensão em planta e 28m,224 de flecha, ainda outro canal com 641m,760 de comprimento, um quinto syphon, de 56m,405 de comprimento e 14m,401 de flecha e, finalmente, um ultimo canal, que termina no clarificador, no alto do plano inclinado, com 556m,650.

Ha varias obras de arte correntes em todo o trecho acima descripto e mais duas pontes canaes, de cimento armado ; a primeira, com 15 metros de comprimento, 9 metros de vão livre total, dividido em 3 vãos, sendo de 4m,260 a sua altura maxima e elliptica a fórma dos arcos; a segunda, de viga recta, em curva, com 29 metros de comprimento, 24 metros de vão livre total, dividida em 8 vãos com altura maxima de 4m,50, passeios lateraes e pegões resados.

Os encanamentos adductores, de 0m,80 de diametro, partem dos pontos extremos de canal e vão-se sumir em uma peça especial, em fórma de Y, o de João Pinto com 2.904m,250 de comprimento e o do Registro com 1.331m,170; do ponto de juncção em diante tem a linha 22.060m,0 com diametro de 0m,80 e 20.000m,0 com diametro de 0m,90.

A linha adductora atravessa, desde a estação de Belfort Roxo até a juncção dos dous ramos Registro e João Pinto, grande extensão de pantanos, tendo sido necessario construir nesse trecho 2.433 pilares de concreto e cravar 1.158 estacas de 0.30 X 0,30 com um comprimento médio de 7 metros cada uma.

Além destes, outros muitos pilares de concreto foram construidos nos demais trechos da linha adductora.

As obras de arte mais importantes foram as seguintes pontes : 1 sobre o rio Registro, 1 sobre o rio Xérem, 1 sobre o Iguassú, estas ultimas de cimento armado, com 20 a 40 de vão livre total, respectivamente, 1 sobre o rio das Velhas, 1 sobre o Guimbú, 1 sobre o Pavuna, 1 sobre o Acary, 1 sobre o Timbó, 1 sobre o Faria e 1 sobre o rio Manguinhos.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

A chegada da agua no reservatorio do Pedregulho fez-se em um poço rectangular, ora tambem construido.

De todas essas obras, restam concluir a barragem do João Pinto, que hoje é captado com a barragem provisoria que servio para o desvio das aguas, necessario á construcção da definitiva e os dous clarificadores.

O material metallico foi fornecido pelas fabricas Compagnie Générale des Conduites d'Eau, de Liége, Crockrane C., Stanley C., e D. Y. Stewart C., de Inglaterra.

O primeiro vapor de tubos chegou ao Rio de Janeiro em 27 de Maio de 1907 e o assentamento da linha adductora começou a ser feito a 20 de Junho do mesmo anno.

Os trabalhos preparatorios, de construcção dos ramaes ferreos, tiveram inicio em Março, quando ficaram concluidos os estudos, começados em Fevereiro.

Foram engenheiros da nova linha de encanamentos: chefe de secção, Luiz de Andrade Sobrinho, e os ajudantes Antonio Gonçalves Neves, Carlos Leandro Moreira Machado, Jayme Lopes do Couto, João Francisco de Lacerda Coutinho, Manoel Luiz Martins, Firmino Ancon Lins de Vasconcellos, Paulo de Lima e Silva e Pedro Cavalcanti de Albuquerque, engenheiro militar. Durante alguns mezes trabalharam nos estudos os engenheiros Manoel Marques Rodrigues, João Evangelista de Lima e o engenheiro militar Borges Fortes. A recepção dos tubos foi dirigida pelo engenheiro Eduardo da Rocha Dias.

As pontes sobre os rios Iguassú e Xerém e os canaes cobertos de cimento armado, foram projectados pelo chefe de secção Henrique de Novaes.

É de maxima importancia dizer que os trabalhos talvez não pudessem ser levados a termo, pelo menos em tão curto prazo, se não houvesse sido organizado um serviço permanente de prophylaxia contra o paludismo, serviço esse que foi estabelecido de accôrdo com as instrucções do Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz, que, logo em começo, destacou para o Xérem dous medicos, os Drs. Carlos Chagas e Arthur Neiva; hoje o serviço prophylatico é feito pelos Drs. Ruy Pinheiro Ladisláo e Faria. O clinico da 3ª Divisão foi o Dr. Theodureto Nascimento.

Foram auxiliares dos engenheiros os Quint annistas da Escola Polytechnica, Virgilio Alves Corrêa Filho, Gaston Sarahyba de Athayde e Mattos Travassos.

O Governo que decretou a realização deste grande e notavel melhoramento, os engenheiros e operarios que executaram a obra, todos aquelles que directa o indirectamente concorreram para dotar o Rio de Janeiro, devem sentir-se hoje jubilosos e recompensados das fadigas soffridas nessa ardua e penosa tarefa.

A VARIOLA

A irracional e absurda opposição feita aos esforços da hygiene pública que procurava generalizar o preventivo da vaccinação ante a imminencia de uma epidemia de variola, fez com que perdessemos milhares de vidas que seriam poupadas no anno de 1908.

Temos a seguinte estatistica funebre e desesperadora, que registramos ao menos como exemplo.

Os obitos de variola occorridos em 1908 tiveram lugar nos seguintes mezes:

Janeiro	64
Fevereiro	70
Março	147
Abril	231
Maio	316
Junho	610
Julho	1.103
Agosto	1.685
Setembro	1.850
Outubro	1.490
Novembro	807
Dezembro	421
Total	8.799

HERMES FONTES

Apotheóses, o livro de versos que em 1908 grangeiou mais ferventes applausos, foi a revelação de um poeta realmente superior, de imaginação opulenta e de verdeira inspiração.

Pele vigor das idéas, por certa independencia da forma e pelo calor da imaginação, lembra-nos Hugo e Guerra Junqueiro que parecem ser os seus mais immediatos antecedentes.

Os parnasianos notar-lhe-ão algum desalinho ou negligencia do verso; para os lyricos parecerá demasiado rude e exuberante. A verdade é que o exacto molde da poesia de H. Fontes é a epopeia; sente-se no seu estro amplo folego, vigor e alento proprio da... tuba sonorosa de que fala o poeta dos *Lusiadas*.

Apraz-nos repetir aqui as palavras de outro poeta, como elle, Olavo Bilac:

« Cada poeta — verdadeiro poeta — que apparece na terra é um rebento novo da velha arvore sagrada do Ideal.

O acontecimento passa despercebido, — porque não estamos no doce tempo

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa esta habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

fabuloso dos milagres, em que os deuses andavam pela terra confundidos com os homens: nesse tempo, todas as vozes da natureza se uniam em côro para anunciar e celebrar o natal do novo tangedor de lyra, e havia festa nos bosques, nas aguas e no céo; foi assim que nasceu Orpheu, enlouquecendo de fervor amoroso todas as gentes e todas as coisas.

Hoje, os poetas nascem como o commum dos homens, — soffrendo e fazendo soffrer, e obedecendo logo ás exigencias da animalidade, pedindo ar e alimento, sem causar abalo aos homens, aos outros animaes, ás arvores e ás estrellas. E a terra só percebe a existencia delles, quando começam a publicar os seus primeiros versos, — a publical-os em edições mais ou menos bonitas, em vez de cantal-os, como os aédos antigos, ás napéas, ás dryadas e ás náiades.

Hermes Fontes (nasceu no Buquim, Sergipe, em Agosto de 1888).

Pois assim acaba de apparecer, para consolo dos homens, um verdadeiro poeta: é Hermes Fontes, um moço, quasi um menino, cujo livro *Apotheóses* é uma revelação de força lyrica. Força brilhante que se revela no calor da inspiração, na belleza dos versos, na riqueza dos vocabulos e das rimas, e até nos exaggeros de idéa e de fórma, porque o exaggero, que na edade madura é charlatanice ou desequilibrio mental, é na mocidade virtude, vibração natural e graça espontanea.

O livro de Hermes Fontes justifica o titulo que traz. E' uma vasta série de apotheóses, — da luz, da noite, da vida, da morte, do céo, do inferno, do som, da côr, das azas, — e do amor.

O amor é a apotheóse suprema, — a que corôa e remata o fulgente edificio,

— « O Amor, o protoplasma espiritual da Vida! »

Poeta amoroso, como todos os da nossa raça, este menino, que, em obediencia ás ordenanças, não póde entrar no sorteio militar, porque tem muito menos de um metro e setenta de altura, — é um gigante no amor. A sua inspiração é potente, e a sua sêde de amar é infinita. E o seu lyrismo é ardente como o inferno e immenso como o céo. Physicamente, é pequenino. Mas é tão eloquente e tão exigente, quando falla de amor, que a « Branca Thetis » si o ouvisse sem o ver, tambem lhe perguntaria, como perguntou ao formidavel e colossal Adamastor:

« ... Qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o de um gigante? »

Esse admiravel e fogoso lyrismo se reveste, nas *Apotheóses*, de um magnifico luxo de roupagens metricas. O livro já não é uma radiante promessa: é uma esplendida realidade.

Nasceu um verdadeiro poeta. Si ainda houvesse nymphas na casca das arvores, nas folhagens dos arbustos, e nas aguas de Guanabara, — todas ellas estariam a esta hora celebrando o venturoso acontecimento. »

Dois neologismos de Coelho Neto

As vezes supõe-se erradamente que uma certa palavra é derivada e procura-se obter o vocabulo de que deve ter resultado a derivação. Chega-se d'este modo a uma fórma que se imagina primitiva, mas que na realidade nunca existira até então. Citemos como exemplo, entre outros, o termo *rosmano*, que em Trás-os-Montes se usa em vez de *rosmaninho*, e que se formou d'esta palavra, em que se viu, por causa da sua terminação, um derivado diminutivo, quando é certo que não passa de uma forma primitiva, que representa o latim *rosmarinus*. Mencionemos tambem o substantivo *aço*, que resultou de se julgar que era um derivado do antigo *aceiro*, correspondente ao castelhano *acero*, formas que procedem ambas, como o francês *acier*, do baixo latim *aciarium*.

Agora darei noticia de outra palavra, que me parece devida ao mesmo processo de derivação. No Fabulario, livro do escriptor brasileiro Coelho Neto, p. 101, encontra-se a seguinte frase: — « saiam, aos trissos, *révoas* de morcegos ». Os dicionarios não consignam o vocabulo *révoa*, ao passo que registam o substantivo *revoada*.

Este procede do verbo *revoar*, e designa « um bando de aves que *revoam* (para o sitio d'onde partiram) » ou simplesmente « um bando de aves a voar », « um bando de aves em vôo ». Depois, julgando-se que *revoada* fosse um derivado de um substantivo, conjecturou-se que esse substantivo seria *révoa*, e para isso influiria talvez outro colectivo de sentido e de aspecto semelhantes, *récua*.

A palavra *trissos*, que se lê na frase citada, tambem não ocorre nos léxicos, mas o *Novo Diccionario* regista o verbo *trissar*, como empregado pelo mesmo autor e define-o de seguinte modo: — « Diz-se do canto ou voz da calhandra e da andorinha, « ... a andorinha

---

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

nos telhados *trissa* », C. Netto, *Saldunes* ». Em castelhano ha *trisar*, resultante do latim *trissare*.

Do verbo *trissar* formou-se o substantivo *trisso*.

Trissare, que tinha a mesma significação é mais provavelmente o grego *trizare*, do que uma forma primitivamente connexa com *strideo*, como tinha proposto Vanicek, (cfr. Walde, *Lateinisches etymologisches Wörterburch*).

JULIO MOREIRA (1).

(Inedito.)

PRESENÇA DE ESPIRITO

Passeava Thomaz Moore num terraço vizinho do hospital dos doidos, de Londres, quando subitamente viu junto de si um alienado, que se havia escapado, não se sabe como :

— Deita-te daqui abaixo — diz-lhe o doido apontando para a altura do terraço. — Anda, deita-te já : ha de ser bonito.

O chanceller viu logo que não levava a melhor nesta contenda com um doido, e valendo-se da presença de espirito, disse-lhe sem hesitar.

— Oh! meu amigo, olha que não é coisa muito custosa, nem muito divertida, vêr saltar um homem de cima para baixo. Si tu queres, faço mais ainda. Vou descer e depois num pulo, sem auxilio de ninguem, saltarei cá para cima, e tu verás como ficas maravilhado com tanta ligeireza. Vá feito?

— Vá! — diz o doido, que fica como espantado da proposta.

O chanceller desceu mais que depressa, e mandou tomar conta do desgraçado, que os guardas encontraram enthusiasmado com a expectativa do extraordinario salto.

---

(1) Philologo portuguez, de vasta reputação, autor dos excellentes *Estudos da lingua portagueza*, 1907.

BRAZIL

Nota optimista.

Um collaborador da *Grande Revue* de Paris, e ex-governador das colonias francezas, o Sr. Gerville-Réache, escreveu a respeito do Brazil um artigo cujos topicos principaes aqui extractamos com fidelidade:

« Uma superficie de 8.528.218 kilometros quadrados, quasi 16 vezes a França! Rios, entre os quaes o mais volumoso da terra; 6.000 kilometros de costa, onde existem espaçados portos e ancoradouros, que dão accesso aos navios de maior calado e tonelagem; todas as riquezas tropicaes; todos os productos mineraes do Novo Mundo; territorios immensos propicios a todas as culturas da Europa, á criação do gado; uma constituição liberal, garantindo ao extrangeiro o melhor acolhimento; um Governo firme e pacifico; finanças sábiamente administradas; zonas de temperatura completamente favoraveis ao europeu.

E uma população de 22 milhões de habitantes! »

« O Brasil representa a terça parte dos latinos do Novo Mundo. Por sua extensão, é inferior apenas a tres grandes Estados do globo: a Russia, a China e os Estados Unidos. Rivaliza em poder com o Canadá ».

Depois de fazer um rapido historico da nossa formação politica e social, o Sr. Réache pondera:

« Tem-se censurado a esse paiz não haver ainda produzido cerebros scientificos.

Seria precizo começar por lastimar que elle não seja bastante povoado. A densidade da população é verdadeiramente infima, na verdade: menos de dous homens por kilometro quadrado. Não se deveria perder de vista que, se o Brasil fosse tão povoado como a Inglaterra, poderia receber mais de um milhão de habitantes.

Mas de resto seria injusto julgal-o desprovido de illustrações... Grandes admiradores das lettras, das sciencias, das artes, têm uma litteratura especial, seus poetas e seus historiadores. Contam-se alli pintores, esculptores e musicistas de grande talento. Elles se orgulham de haver dado a luz ao primeiro dos aeronautas, Bartholomeu de Gusmão, que, 80 annos antes dos irmãos Montgolfier, se teria elevado nos ares, em Lisboa. »

« Fizemos presentir pelo movimento ascensional da exportação, a importancia sempre crescente da industria dos transportes, da viabilidade, e emfim do apparelho nacional reclamado pelas necessidades da producção e do commercio.
desenvol-vimento que foi precizo dar ás vias de communicação: 18.500 kilometros de estrada de ferro estão actualmete em exploração, 3.043 kilometros se constróem e 6,683 kilometros estão em projecto. Havia apenas 350 kilometros em 1860 e 1.000 em 1870 ».

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

O Sr. Gerville-Réache conclue:

Não faremos, pois, admirar os nossos leitores, assignalando o extraordinario

« Que falta, pois, a esse prodigioso esforço para que o Brasil chegue ao gráo de expansão dos Estados Unidos do Norte, á sua incommensuravel fortuna?

Apenas uma corrente immigratoria constante e progressiva, e um mais largo concurso dos capitaes que adormecem na velha Europa. No que diz respeito á immigração, não se ignoram as medidas tomadas no Brasil e que permittem aos extrangeiros estabelecer-se alli, naturalisar-se em caso de necessidade e mesmo attingirem ás mais altas situações, excepto as duas magistraturas supremas.

Vir-lhe-hão ao mesmo tempo os capitaes e em numero bastante grande?

Ha todas as razões para suppol-o.

A opulencia das riquezas naturaes do paiz, sua facil exploração, o desenvolvimento ininterrupto do credito publico, são penhores seguros de successo para um povo calmo, honesto e laborioso, que quer assumir o seu lugar no concerto das grandes nações mundiaes.

Não resta duvida que o Brasil justificará em dias as previsões optimistas dos Humboldt, dos Agassiz e de Elyseo Reclus. E que tranquillamente assente em sua prosperidade moral e material elle prolongará mais tarde os seus olhares sobre o Pacifico e o Atlantico, exigindo sua participação na regulamentação dos destinos do planeta ».

ESCOLA DE COMMERCIO ALVARES PENTEADO

A *Escola do Commercio* de S. Paulo foi una magnifica doação do generoso e opulento industrial o *Conde Alvares Penteado*, que assim perpetúa o seu nome com verdadeira nobreza n'um monumento civico, cujo exemplo será apontado a todas

Exm.ª Snr.ª D. Antonietta Penteado Prado, digna paranympha da Escola de Commercio « Alvares Penteado ».

ao gerações presentes e vindouras.

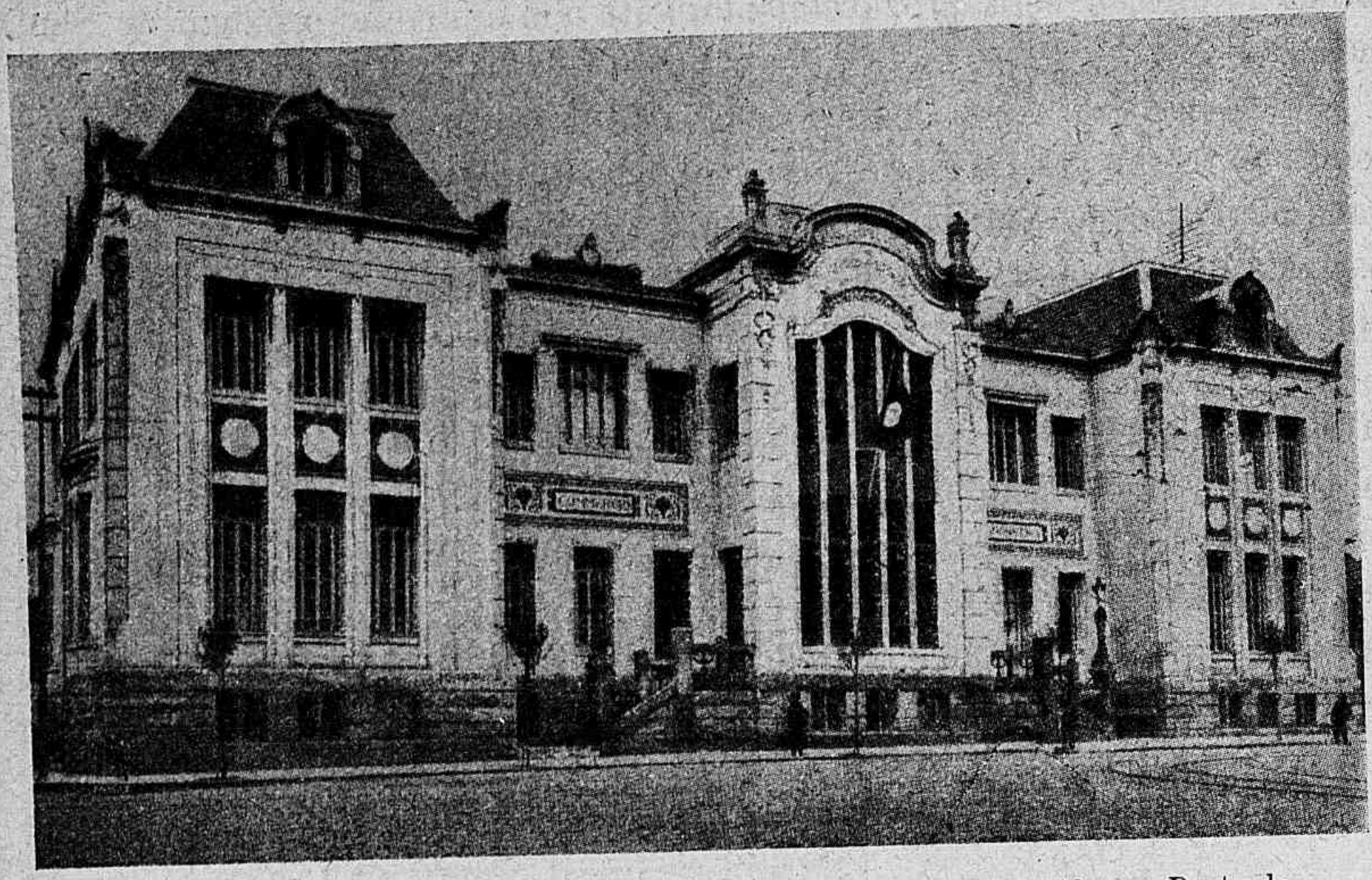
O novo instituto de ensino profissional com que o Estado e a nação foram dotados pela liberalidade do operoso paulista apresenta, no seu conjucto, um aspecto imponente de que se destaca o grande conforto bem como a belleza e a graciosidade do estylo de suas linhas, não tendo uma frontaria pesada e sombria como a do commum das construcções que se destinam ao ensino superior.

Estatua do Conde de Alvares Penteado.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.

CLUBS CASA STANDARD.

Tudo neste edificio se reveste de harmonia e da correcção necessarias ás escolas modernas e capazes de corresponderem aos nobres intuitos que determinaram a sua creação.



S. Paulo. — A Escola de Commercio, creada e doada pelo Conde de Alvares Penteado.

A Escola de Commercio Alvares Penteado é incontestavelmente uma das edificações que mais concorrem para o embellezamento material de S. Paulo.

ESTRADAS DE FERRO

Em fins de Dezembre de 1908 escreveu o *Times* de Londres:

« Segundo um relatorio consular recente, a Repartição de Obras Publicas approvou os planos para a construcção de 4.148 milhas de estradas de ferro a construir no Brasil e na data em que o relatorio foi compilado estavam em via de construcção 2.057 milhas, perfazendo um total de 17.138 milhas construidas, em construcção e a construir.

« Os estudos e orçamentos apresentados pela Leopoldina Railway Company para a construcção de ultimo trecho de 37 milhas entre Moniz Freire, no rio Itapemirim, e Mathilde foram approvados por decreto presidencial. Está a construir, a partir de Moniz Freire, outra linha que se ligará perto de Ponte Nova com a estrada de ferro do Rio de Janeiro a Sande, em Minas Geraes. Com relação á Estrada de Ferro Central do Brasil, o ramal de Caethé e Santa

Barbara será prolongado até Itabira e dahi se irá ligar á Estrada de Ferro Victoria-Diamantina, em Ferros. Essa obra tem, porém, como condição a extensão da linha da Leopoldina até Itabira, e se esse projecto não fôr executado a juncção será provavelmente feita em um ponto proximo de Santa Barbara.

« A Estrada de Ferro Central está sendo tambem prolongada e os estudos do ultimo trecho até Pirapora já se acham terminados. Os estudos para a Estrada de Ferro do Sul da Bahia, com a qual se projecta ligar a rede ferroviaria da Bahia á Estrada de Ferro Victoria e Diamantina, estavam quasi terminados, ao que se dizia.

« E' provavel que seja aberta concurrencia para a Estrada de Ferro do Sul da Bahia, nos fins deste anno ou no principio de 1909. Foi revisto o contrato feito entre o Governo a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil para a construcção de uma linha para Cuyabá. O objectivo agora é Corumbá, e em Setembro de 1910 deve ser aberto o trecho até Porto Esperança, sobre o rio Paraguay. A linha, partindo de Bahuru', segue o rio Tieté na direcção noroeste até Itapura, atravessa o rio Paraná, passa em Aquidauana e Miranda e dahi vai a Porto Esperança e Corumbá. »

PEREGRINAÇÕES

E' este o titudo do ultimo volume de versos de Candido de Figueiredo que não é só philologo e essa é a sua maior reputação no Brazil, mas é tambem poeta e excellente poeta.

As *Peregrinações* formam definitiva escolha da sua producção de quarenta annos (1868-1908) : quasi meio seculo parece tempo demasiado para uma *Peregrinação*, mas o peregrino soube semeiar de flores o caminho e cada jornada é um encanto.

A proposito d'esse lindo livro, escreveu Jayme de Seguier, ainda ha pouco :

« Candido de Figueiredo, que o publico brasileiro conhece, sobretudo como grammatico e philologo, e que ha muitos annos se especializou com effeito na tarefa ingrata de ensinar publicamente a fallar e escrever portuguez, a não poucos que, illusoriamente, suppõem saber uma e outra cousa, é tambem um excel-

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

lente poeta, de inspiração abundante e facil, que, sem esforço, no decurso de uma existencia repartida entre variados e laboriosos deveres, produzio não menos de sete volumes de versos, sem fallar de um grande numero de composições dispersas aos quatro ventos da publicidade.

« Teve o autor agora a boa idéa de reunir num forte e nitido volume, de perto de quinhentas paginas, o que lhe pareceu melhor de toda essa copiosa producção poetica e assim formou, com excellente criterio a sua propria anthologia. Intitula-se *Peregrinações* o livro e recommendo-o sinceramente áquelles dos meus leitores que, através da evolução das idéas e das fórmas litterarias, permaneceram fieis á poesia que visa mais a commover e sensibilizar pela justeza da expressão e pela sinceridade do sentimento do que a deslumbrar e sorprender pelo explendor das galas que reveste, pela raridade das rimas e pela truculencia das imagens.

« Isto não quer dizer que os versos de Candido de Figueiredo sejam descurados e pobres, mas tão sómente que elle nunca sacrificou a idéa á fórma; esta ultima é, porém, sempre correcta e esmerada, como não podia deixar de ser um escriptor tão meticuloso e attento. »

Dr. Candido de Figueiredo.

A sua poesia tem feições multiplas, cambiantes, varias e distinctas. A's vezes pelo conceito e brevidade lembra Campoamor, e assim é que abre o livro com as *Mariposas* que são duas quadrinhas cheias de serena e doce philosophia.

Do seu poema de *Tasso* que foi o primeiro que seguiu a formula gœthiana do poema dialogado ou dramatico, na literatura portugueza, disse Anthero do Quental que fora produzido com altos conceitos e em versos impeccaveis.

Não são raras as poesias em que se respira a atmosphera silvestre da vida pastoril. *No Campo* lembra uma bucolica vergiliana pela simplicidade descriptiva, pelo perfume e frescura do ambiente :

— Bom dia, Jacques ; estás hoje triste !
— É fruto do trabalho, meus vizinhos ;
cansa-se a gente a desbravar maninhos
e nem a planta nem o grão resiste
á aridez do terreno.
— Ainda assim,
tu amanhaste os campos do morgado ;
deram boas searas, e por fim,
salva a renda, terias compensado
a despesa, as fadigas e o cuidado.

— Graças a Deus, o trigo nasceu bem ;
correu-lhe favoravel a estação ;
porém a aveia amesquinhou-lhe o grão,
e, como aos pobres um só mal não vem,
rebentou uma negra tempestade
e das espigas rechaçou metade.
Quando nas eiras se mediu o pão,
correu-me pelo corpo um calefrio
e a tristeza cobriu-me o coração :
é que eu tinha de dar ao senhorio
um moio e dez alqueires de pensão,
e, depois mesmo de estremado o joio,
vi que, joeirado, apenas tinha um moio.
Procurei o morgado. Dizem dele
que tem nobreza na alma e nos brasões ;
expus-lhe as minhas tristes condições,
e pedi-lhe que ao menos, por piedade,
só me exigisse o pão que deu a herdade.
Não quis ouvir-me. Quando entrei em casa,
meus filhos dormitavam na soleira,
cansados já de trabalhar na eira.
Despertei-os. Tomaram sôbre os ombros
o pão que êles haviam joeirado ;
levaram-no aos celeiros do morgado,
e uns miseros lençóis dei á pinhora,
por completar a renda espoliadora...
Na primavera e no verão calmoso,
trabalhei, dia a dia, mas, ao fim,
não há para o trabalho, para mim,
uma hora sequer de paz e gôzo.
Por isso eu entristeço. A fome e o frio
vão sentar-se comigo no meu lar ;
e quando vir meus filhos esfomeados,
eu, triste pai, só poderei... chorar !

Livro de Corina, já em genero diverso, é uma pequenino tratado de ternura paternal. Para nós outros brasileiros desfigura-o a insoffrivel rima (*bem-mãe*) que os portuguezes de hoje adoptam contra a boa prosodia antiga classica e tambem, felizmente, brazileira.

Os versos de Candido de Figueiredo foram consagrados pelo saber e competencia de criticos e de outros poetas que lhes teceram for-

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

mosos elogios : Castilho, Thomas Ribeiro, Mendes Leal, Camillo, Theophilo Braga, Quental, Pinheiro Chagas, e outros. Wilhelm Storck, Ruscalla, etc., fizeram varias traducções transcriptas n'esta edição cuja leitura aconselhamos aos nossos leitores.

THERMOMETROS

1.º Converter Centigrado em Fahrenheit.

Fórmula: $\frac{\text{Centigrado} \times 9}{5} + 32 = \text{Fahrenheit.}$

Exemplo : converter 25º Cent. em Fahrenheit :

Resposta: $\frac{25 \times 9}{5} + 32 = 77º$ Fahr.

2.º Converter Centigrado en Réaumur.

Fórmula: $\frac{\text{Centigrado} \times 4}{5} = \text{Réaumur.}$

Exemplo : converter 30º Cent. en Réaumur :

Resposta : $\frac{30 \times 4}{5} = 24º$ R.

3.º Converter Fahrenheit em Centigrado.

Fórmula: $\frac{(\text{Fahrenheit} - 32) \times 5}{9} = \text{Centigrado.}$

Exemplo : Converter 25 Fahr. em Centigrado :

Resposta: $\frac{(25-32) \times 5}{9} = \frac{-35}{9} = -3º8$ Cent.

4.º Converter Fahrenheit em Reaumur.

Fórmula: $\frac{(\text{Fahrenheit} - 32) \times 4}{9} = \text{Réaumur.}$

Exemplo: converter 52º Fahr. em Réaumur :

Resposta : $\frac{(52-32) \times 4}{9} = \frac{80}{9} = 8.8$ Réaumur.

5.º Converter Réaumur em Centigrado.

Fórmula: $\frac{\text{Réaumur} \times 5}{4} = \text{Centigrado.}$

Exemplo : converter 37 R. em Centigrado :

Resposta : $\frac{37 \times 5}{4} = 46º2$ C.

6.º Converter Réaumur em Fahrenheit.

Fórmula: $\frac{\text{Réaumur} \times 9}{4} + 32 = \text{Fahrenheit.}$

Exemplo : converter 40 R. em Fahrenheit :

Resposta: $\frac{40 \times 9}{4} + 32 = 122º$ Fahrenheit.

ESTADO DE MINAS GERAES

Faltam dados positivos e numericos sobre as varias industrias de Minas Geraes.

Minas tem uma das suas forças na criação. De 65.185 cabeças de gado vaccum que em 1860 exportava foi na progressão seguinte :

1880	76.186	cabeças
1900	199.649	—
1906	337.174	—

O movimento ascendente foi para todos os productos de lacticinios. Só a manteiga subio de 85.003 kilos em 1899 a 945.421 kilos em 1906 e a mais, muito mais o anno passado. E assim com os queijos.

— Da industria de tecidos Minas tem hoje cerca de 40 fabricas. A exportação que era em 1894 de 849.261 kilogrammas, elevou-se em 1906 a 1.111.865 kilogrammas. E essas fabricas criam mesmo especialidades de tecidos, como o brim mineiro e outros e servem o nosso mercado de collarinhos, punhos, meias, etc.

As outras industrias seguem a mesma linha progressiva. O commercio que se desenvolve na razão directa das industrias é disso uma prova, apezar de Minas lutar ainda com a falta de vias ferreas. Em 1863 o valor da porção exportavel era de 10.000:000$000. Em 1905 era de 125.534:755$000.

— Na instrucção primaria, a matricula se elevou de 54.825 a 95.574 alumnos e a despeza, que era de 1.948:546$761, só se elevou a 2.436:217$847, tendo, por conseguinte, o accrescimo apenas de 487:671$086;

A venda de machinas, que fôra, em 1904, de 169, em 1905, de 110, e, em 1906, de 160, foi, da fundação da primeira fazenda modelo até agora, em um espaço de 16 mezes, de 1.161;

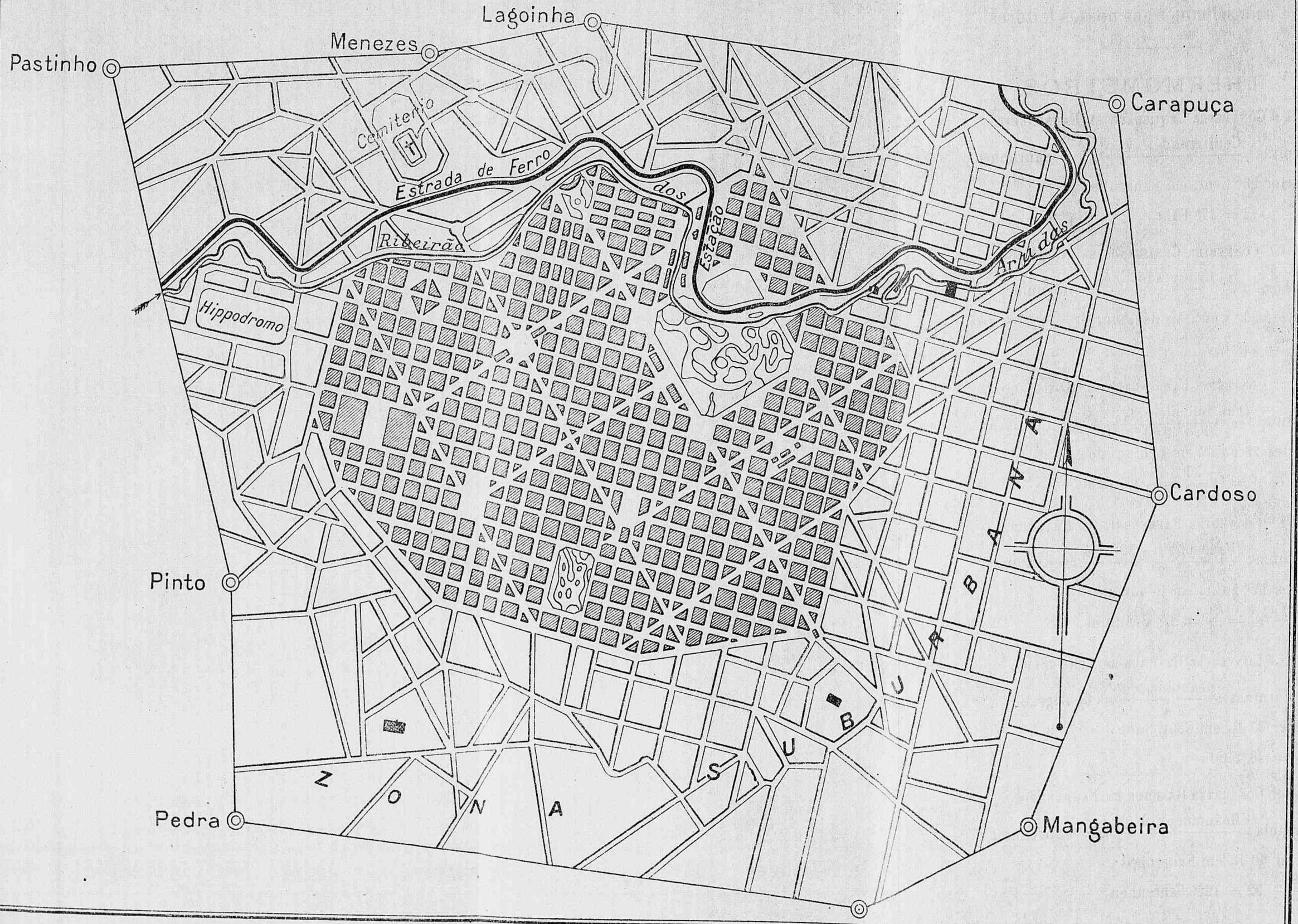
— Relativamente á importação de animaes reproductores, o movimento foi : de 1904 a 1906, 53 e, em 1907, 421.

— E' porem, coisa desanimadora lembrar que esse verdadeiramente *riquissimo* Estado tem quasi a mesma população da Republica Argentina mas, economicamente vale como um centesimo d'esta.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

BELLO HORIZONTE

Escala 1:35000



Obras de Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES

HELENA

HISTORIAS DA MEIA NOITE

HISTORIAS SEM DATA

MEMORIAS POSTHUMAS DE BRAZ CUBAS

RESURREIÇÃO

QUINCAS BORBA

YÁYÁ GARCIA

PAGINAS RECOLHIDAS

DOM CASMURRO

POESIAS COMPLETAS

VARIAS HISTORIAS

ESAÚ E JACOB

RELIQUIAS DE CASA VELHA

MÃO (A) E A LUVA

MEMORIAL DE AYRES

Versão de um epigrama de Sannazzaro

(*Candido de Figueiredo*).

Tal ardor o meu peito por ti sente,
que os olhos suam liquidas centelhas!
— Sou um Nilo de lágrimas, em quanto
no peito sinto um Etna encandescente!
O pranto! apaga-me este fogo ardente!
Ó fogo! enxuga meu contínuo pranto!

(*Peregrinações*).

MACHADO DE ASSIS

« Acabara o supplicio e acabara o homem », — escreveu alguem, no fecho de um severo soneto, em que se descreve a ultima hora de Prometheu, libertado pela Morte piedosa. Esse alguem tambem acabou ha poucos dias, e acabou o seu supplicio.

Todo o homem de pensamento é filho e herdeiro do soffrimento de Prometheu. Porém raros terão sabido soffrer tanto e tão nobremente como Machado de Assis, auctor desse soneto severo.

Ninguem como elle estudou, sondou, analysou, comprehendeu essa

« ... creatura antiga e formidavel,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a soffreguidão da fome insaciavel, »

— A Vida fria, impassivel, imperturbavel, que é fonte de todo o bem e de todo o mal. Desse estudo e dessa analyse, outro qualquer homem sahiria desesperado e inutil para qualquer trabalho. Machado de Assis sahiu delle desenganado, mas sereno. E fez do seu desengano uma serie de obras primas, em que o scepticismo, pela graça de que se veste, chega a ser consolador como uma crença.

A tristeza endurece, irrita, encolerisa o commum dos homens. O analysta das « Memorias Posthumas de Braz Cubas », que foi sempre um triste, um opprimido de afflicções physicas e moraes, não foi nisso, como não foi em tudo mais, um homem vulgar : da sua tristeza nasceu a sua bondade, uma bon-

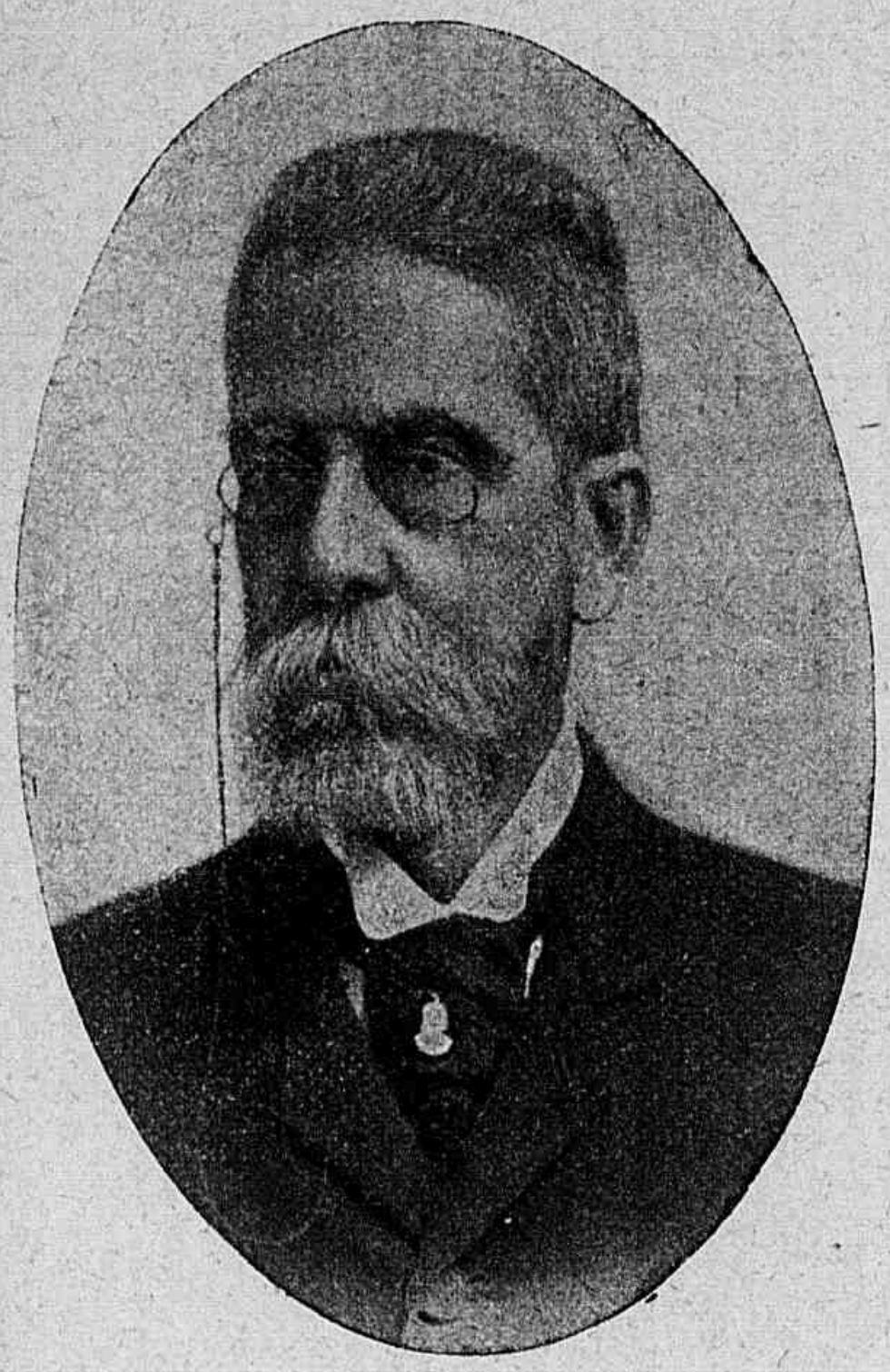
CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

dade larga de compassivo; Machado de Assis não odiou os homens : teve pena de todos elles, porque teve pena de si mesmo.

Dentro do eterno « circulo vicioso » que é a Vida, — em que o vagalume inveja a estrella, em que a estrella inveja a lua, em que a lua inveja o sol, e em que o sol pergunta com desespero

« Por que não nasci eu um simples vagalume? »,

— a alma desse homem raro comprehendeu que todos os homens, todas as cousas, todo o Universo merecem apenas compaixão. Nunca em seus versos e em sua prosa houve um grito de raiva nem um movimento de asco. A sua ironia foi mansa: não feria, — perdoava. Alguns dos typos das suas novellas são modelos de egoismo, de maldade fria, de dureza de alma; parece, porém, que ao accentuar esses defeitos, o novellista está dizendo nas entrelinhas da narração : « coitados! são o que tinham de ser; não são o que desejariam ser, se lhes fosse permittido o desejo de melhorar... »



Machado de Assis.

Pudesse elle, e fecharia aos olhos e á alma de todos os seus semelhantes o arcano triste dos segredos da vida, que os seus olhos e a sua alma haviam sondado.

Em sua opinião, perder as illusões era a peior das desgraças.

Foi elle mesmo quem contou, em versos immortaes, a historia daquelle triste poleá que encontrou um dia uma mosca azul,

« Que zumbia e voava, e voava e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua. — melhor do que refulgiria
Um diamante do Grão-Mogol. »

Essa mosca era a Vida, a flor das graças, o padrão da eterna meninice, a gloria e o amor. O poleá captivou-a; mas, em vez de conserval-a intacta,

« Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu; e com isto, esvaiu-se-lhe aquella
Visão fantastica e subtil... »

O poeta, que tinha imitado o poléa, estimaria que nenhum outro homem o imitasse, e que cada um guardasse inviolavel a sua mosca azul...

A' porta dos setenta annos, o Mestre sentiu que a amargura da sua existencia era demasiada. O calice transbordava. Mas o seu grande espirito ainda encontrou forças para supportar com tranquillidade o ultimo golpe. Ninguem ouviu da bocca desse homem superior uma blasphemia, no transe acerbo. Tinha a dignidade de uma velha e nobre aguia, ferida de morte; e nessa dignidade morreu.

Delle, nos ultimos dias da existencia, outro poeta poderia dizer o que elle disse de Arthur de Oliveira enfermo :

. . . . . .

« Verás num largo rosto humano
Teu proprio rosto;

E has-de rir, não do riso antigo
Potente e largo,
Riso de eterno moço amigo
Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus Enfermo,
Que se aborrece
Da divindade e que apetece
Tambem um termo... »

Só um adjectivo dos que ha nesses versos, não poderia ser conservado : « amargo ». O riso com que o Mestre morreu foi suave, de repouso e alegria. A sua morte epilogou dignamente a sua vida. Foi tranquilla como um crepusculo de inverno...

Ha um soneto seu, « No alto », que synthetisa numa bella ficção a tragedia do passo tremendo que separa a virilidade da velhice :

« O poeta chegára ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viu uma cousa extranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao subtil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta.
Para descer a encosta
O outro estendeu-lhe a mão... »

O « outro », quem? Caliban, a revolta, o desespero, a maldade... Mais feliz, porém, do que esse poeta, Machado de Assis não teve ao « outro » como socio e companheiro na lugubre descida.

Ariel, compassivo, não o abandonou. Foi com elle até ao ultimo declive, até ao fundo do valle sombrio...

OLAVO BILAC.

Extr.

Machado de Assis

Alma grega exilada em nossos lares,
Trazendo a luz da perfeição divina,
Na inspiração dos teus gentis cantares,
Na arte subtil que em teu labor domina!

Tu nos deixaste em fórmas lapidares,
Intangiveis do seculo á ruina,
Monumentos de graça singulares,
Maravilhas de idéa peregrina.

Foste feliz... Na humana trajectoria
Não te faltou o pabulo da gloria,
Nem do carinho o tépido conforto...

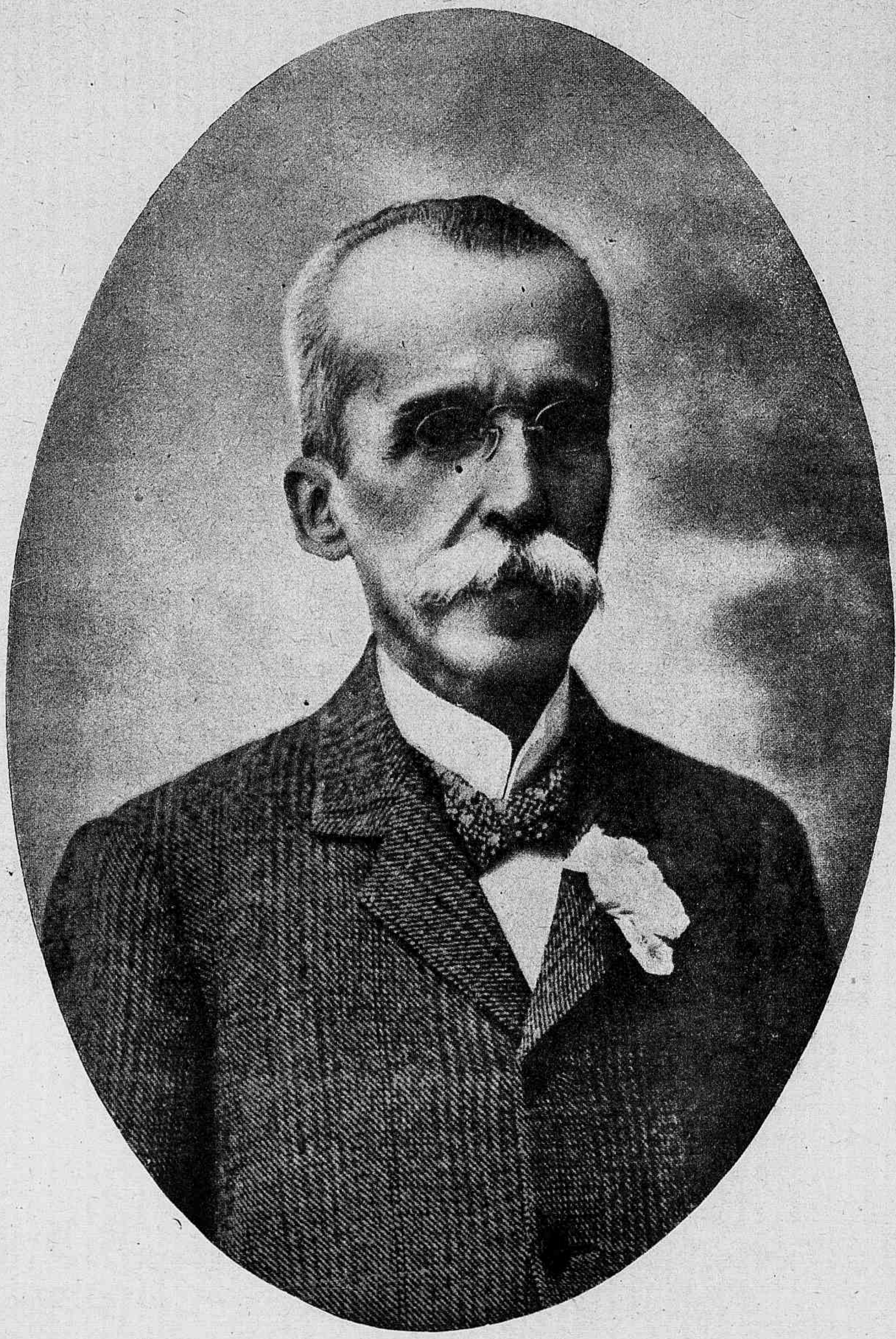
Não conheceste os odios e os revezes,
E, si dos máus sorriste algumas vezes,
Só fizeste chorar depois de morto.

ANTONIO SALLES.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

ACADEMIA BRASILEIRA

Foi eleito Presidente da Academia de Letras pelo voto unanime dos academicos o Conselheiro Ruy Barbosa. E' inutil aqui louvar a excellencia d'essa escolha imposta pelo prestigio intellectual do grande brazileiro.



Conselheiro Ruy Barbosa, o actual Presidente da Academia de Letras.

Alberto de Oliveira e Augusto de Lima

Por uma das mais bellas tardes de dezembro de 1908 realizou a Academia de Letras uma festa literaria do mais fino quilate: Alberto de Oliveira? o nosso grande poeta, lia para um publico de escol algumas poesias de outro notavel poeta Augusto de Lima.

Augusto de Lima é um poeta philosopho como Sully Prudhomme ou Wordsworth, e a philosophia dos seus pensamentos na voz grave e sonora de A. de Oliveira ganhou fascinador realce que lhe dera o interprete.

Alberto de Oliveira.

A festa terminou sob applausos e saudações do auditorio composto de academicos, escriptores e jornalistas, que alli haviam acorrido para ouvir essa primeira leitura dos versos que Augusto de Lima vae reunir em novo livro.

Alberto de Oliveira leu "Nostalgia pantheista", "Lagrimas de regato", "O abysmo", "Almas parallelas", "Poemas intimos" (extractos), "Correspondencia", "Latet anguis", "Noite de estio", "Collisão", "Serenata", "Estancias philosophicas", "Echos e reflexos" e "Epilogo", o soneto chave de ouro do livro que se imprime.

Seria para desejar que festas d'esta natureza se repetissem na *Academia*, que poucas vezes se reune, mórmente em sessões publicas. Verdade é que a excellencia d'esta foi um prazer verdadeiramente raro e que não é facil repetir-se.

Um dos maiores encantos dessa conferencia foi a prseença de exmas senhoras e senhoritas.

Publicamos o "Epilogo" e as "Estancias philosophicas"...

EPILOGO

Idéal tão sonhado, sonho puro,
Inaccessivel á miseria humana,
Tenue vapor da aspiração insana,
Tanto me foges quanto te procuro!

Sonho o bem immortal; mas o futuro
— Frio estuario — ao lago do Nirvana
Leva os sêres ephemeros, que irmana,
No mesmo nada eternamente obscuro...

Impetuoso coração, que esperas?
Basta! Que esperas através de escolhos,
De diluvios, vulcões e terremotos?

Sangrei meus labios de beijar chimeras;
Cegos de ver miragens — tenho os olhos,
E de abraçar o vacuo — os braços rotos

ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

I

Ha muito que folheio o livro do Destino,
Roteiro que de Ahasvero ha seculos herdámos:
Leitor e peregrino,
Busco a palavra — "fim" — e acho a palavra — "vamos"!

.....

IV

Vai sepultar-se alguem: — ao feretro que encerra
Seus restos, rola o pó no derradeiro abrigo.
Os amigos chorando exclamam: — "Pobre amigo,
Seja-te leve a terra!"
E atiram-lhe mais terra...

.....

VIII

No derradeiro olhar do moribundo
Aos amigos em roda de seu leito,
Ha uma ameaça de feroz despeito:
"Cá vos espero a todos no outro mundo!"

No rosto a piedade, e nos refolhos
Da alma um terror que as carnes arrepia,
Aproximam-se todos e á porfia

Todos se apressam em fechar-lhe os olhos.

.....

XIV

A treva me asphixia, a plena luz me alu mbra,
Dá-me tédio a penumbra;
Onde hei de o gozo achar?
A ignorancia é cegueira, as sciencias — atheismo,
A indifferença — morte, a alma humana — um abysmo
Mysterioso, profundo e amargo como o mar.

.....

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

XVI

Por uma lei funesta, existe em toda a parte
O sello de uma eterna antithese irrisoria;
Com o "sim" e o "não" em lucta o mundo se reparte,
Elevando a Babel universal da historia.
O canto da ave sae do bico com que fere,
No interior de um beijo occultam-se incisivos,
Junto do seio que ama ha o ventre que digere,
E, afinal, a existencia é um tumulo de vivos.

.....

XIX

Natureza assassina, é sempre teu processo
Formar na destruição o universal progresso,
Para a planta crescer —tens o humus e o calor,
Para que ella floresça —inspiras-lhe o carbono,
E, finda a primavera, ao lourejar do outono,
Para tornar-se em fructo, ha de morrer a flor.

Alberto de Oliveira, que é ao mesmo tempo poeta e erudito, anda agora a concluir um *Curso de Literatura portugueza;* fóra do circulo de sua intimidade sabem talvez poucas pessoas que é elle um dos maiores conhecedores da literatura da nossa lingua, ainda no que ella tem de mais recondito, abstruso ou desconhecido, pois que o nosso poeta é tambem um distincto bibliographo e consome nobremente o seu tempo entre as preciosas raridades de sua escolhida bibliotheca. O seu conhecimento dos autores é pois directo e não de simples referencias quando não do acaso, como succede ao juizo de alguns dos nossos criticos, propensos a depreciar os haveres alheios para de caminho valorizar algumas miseras migalhas proprias.

Lirios brancos

Em pleno Azul do Sonho e da Alegria,
Musa eternal! faz-se mister que esvoaces
— Azas soltas ao céo que te inebria!

— Canta, murmura e sonha e ri, portanto,
Antes que as magoas possam vir, fallaces,
Trocar essa Alegria pelo Pranto.

AVELLAR E SILVA.

A Madrugada

A Natureza dorme. E'noite; e sussurrante
Passa a brisa levando a delicada essencia
Dos lirios... Tudo é paz, tudo é calma e dormencia
Dos ninhos na maciez dulcissima e odorante.

Lento e lento um clarão de etherea transparencia
Tinge de oiro e de jalde as barras do Levante :
— Já se escuta vibrar nas campinas, distante,
Do dia a orchestração de magica imponencia.

A estrella d'Alva, no alto, a pouco e pouco afasta
A cortina da treva. E' madrugada. Os valles
Estremecem de amor, de musicas e falas...

E pela immensidão do Azul, serena e casta,
A luz do Sol, que se ergue, ás flores beija o calix
Numa explosão lustral de púrpuras e opalas!

SABINO MAGALHÃES.

Consolatus afflitorum

Sempre que passo, vejo-te chorando,
Entregue á dor, á magua entregue; emquanto
Eu rio e folgo, me distraio e canto;
E minha vida assim quero ir levando.

E vives a chorar de quando em quando...
E estas bagas ardentes do teu pranto
São tão sincéras, me compungem tanto,
Que o coração me fica amargurando.

E mesmo assim, inda és feliz — te digo :
— Uma angustia cruel trago commigo
Que me vae pouco a pouco definhando.

Sei que vertido tens um pranto immenso,
Porém mais do que tu, mulher — eu penso —
Tenho chorado, assim sempre cantado!

GENUINO DE CASTRO.

Ceará, 1909.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Os Melhores Relogios do Mundo

são incontestavelmente os **RELOGIOS PATEK-PHILIPPE & Cª**

Avessos aos annuncios pomposos, nos limitamos a plublicar a serie das mais altas recompensas obtidas pela muito afamada **CASA PATEK-PHILIPPE & Cª.**

A seguinte discriminação dispensa qualquer commentario :

Resultado dos concursos no observatorio astronomico de Genebra

1901/2 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1902/3 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1903/4 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1904/5 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1905/6 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1906/7 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1907/8 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.
1908/9 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe & Cª.

EXPOSIÇÕES UNIVERSAES :

1844 — Paris — Medalha de Ouro.
1851 — Londres — Medalha de Ouro.
1855 — Paris — Medalha de Ouro.
1867 — Paris — Medalha de Ouro.
1873 — Vienna — Medalha de Ouro.
1878 — Paris — Medalha de Ouro.
1880 — Gronningue — Medalha de Ouro.
1883 — Zurich — Hors-Concours e Membro do Jury.
1883/4 — Calcutta — Medalha de Ouro.
1883/4 — Nice — Hors-Concours e Diploma de Honra.
1885 — Anvers — Hors-Concours e Membro do Jury.
1885 — Londres (Grandes Invenções) — Medalha de Ouro.
1889 — Paris — Hors-Concours e Membro do Jury.
1900 — Paris — Hors-Concours e Membro do Jury.
1904 — São Luiz — Hors-Concours e Membro do Jury.
1906 — Milano — Hors-Concours e Membro do Jury.
1908 — Observatorio de Kew (Inglaterra) — Primeiro Premio.
1909 — Observatorio de Kew (Inglaterra) — Primeiro Premio.

Os RELOGIOS PATEK-PHILIPPE podem ser adquiridos por meio de prestações semanaes de **dez francos,** *ao cambio do dia,* **sem augmento de preço** *na RELOJOARIA GONDOLO.*

GONDOLO E LABOURIAU

Relojoeiros

Unicos Agentes e Representantes de PATEK-PHILIPPE & Cº, em todo o territorio do Brazil

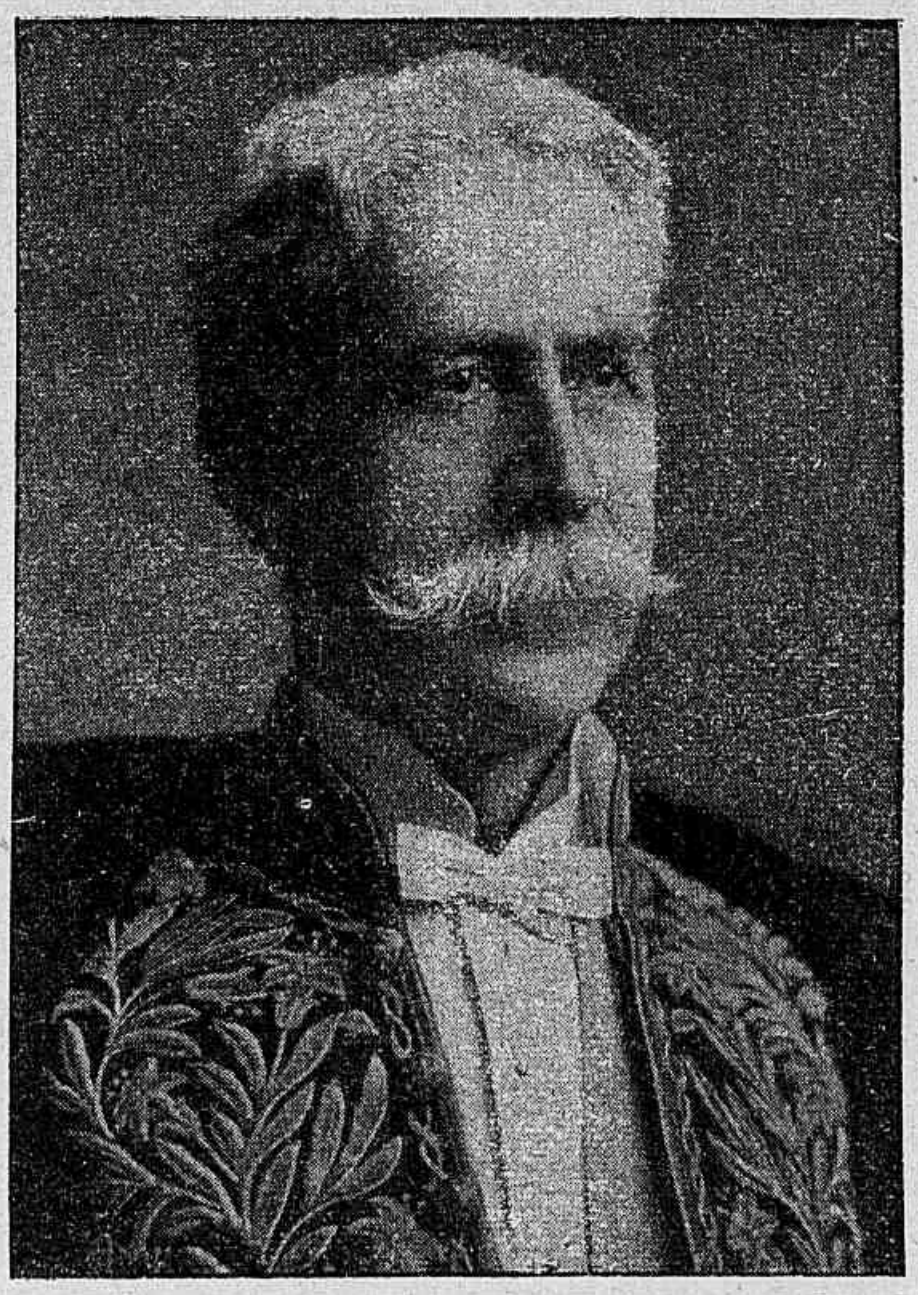
Rua da Quitanda, 81, antigo 71 — RIO DE JANEIRO

JOAQUIM NABUCO

A 15 de dezembro de 1908 sob os auspicios da sociedade Americana de Architectos a obra do famoso esculptor Saint-Gaudens, na Corcoran Gallery de New-York, alli reunida, era exposta apoz uma festa de arte a que concorrera a sociedade intellectual, artistica e diplomatica.

Falaram, commemorando o successo, o presidente Roosevelt, E. Root, Jusserand, o embaixador de França (Augusto S. Gaudens, era de sangue francez) Joaquim Nabuco, o embaixador de Inglaterra James Bryce, e outros menos notaveis.

Presidia a festa E. Root e foi uma surpreza agradavel a presença inesperada do presidente Roosevelt, que veio na companhia dos embaixadores brazileiro, inglez e francez.



Joaquim Nabuco.

Joaquim Nabuco, que é sempre orador quer falem a nossa lingua, em francez ou inglez, disse as seguintes nobres palavras onde, como em todos os fragmentos seus, se revelam as suas faculdades essenciaes, a do philosopho, do artista e a do homem religioso.

« I can well understand why no American genius ever dreams of another immortality than that which his own country could assure to his name. » But, like science, art is one, and a name to live forever in art is bound to conquer the world. I believe Saint Gaudens will live forever, and that his conquest has already begun.

« It is not difficult to recognize immortality at first sight. From Plato and Phidias to Emerson and Saint Gaudens every immortal mind caused that impression from the first. I recollect the first time I came in contact with Saint Gaudens, the day I landed in New York, when I saw his Sherman. I did not even know by whom the statue was, but I at once realized that I was in face of one of the most inspiring symbols of triumph that art had ever conceived. I had again the feeling which one always experiences at the sight of an unexpected masterpiece, when I found myself in a drawing room of this city before the Wayne Mac Veagh tablet. It was so simple, yet never to be forgotten. Going later to the Rock Creek cemetery, I went sure that I would meet an immortal work; but how could I have expected that apparition? No doubt was any longer possible.

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa esta habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

« Only genius can express eternity. Of all modern creations that is the one to be associated with the Night of Michelangelo. They are very different in form, but both are reflections of the same dark ray of mystery, which borders and, for the mind, outglares, the whole light of creation. Here, however, the impression hight have been a suggestion : the first two were direct revelations.

« Do not believe that glory is in the dispensation of the critics. It existed long before them. It flows from its own source. Glory is chiefly distributed by the emulation and the despair of men of the same craft struggling in vain to reach the perfection another has attained. The « Lives of Painters » of Vasari tell how fame is awarded in the profession, sometimes by generous rivalry, other times by envy, even by hatred. The artists, however, would be impotent by themselves to consecrate the work of genius : it is necessary that their knowledge be completed by the emotion of the masses, whose heart pulsates in it. We are drops in the ocean; nevertheless we all try to have the conscience of the ocean, and not only that of the drop. In each of us here, amid these glorious surroundings of his, that conscience reflects the image of the great American sculptor. This is glory; this is immortality ».

A "SUL AMERICA"

Companhia Nacional de Seguros de Vida

Séde social : Rua do Ouvidor, 80 e 82

RIO DE JANEIRO

Succursaes em todos os Estados da União e em varios paizes Sul Americanos

FUNDOS DE GARANTIA :

Mais de 22 mil contos de reis

SINISTROS PAGOS EM 13 ANNOS :

Mais de 13 mil contos de reis

Importantes garantias. — Grandes vantagens
Encontram-se sómente na Sul America

PEÇAM PROSPECTOS

Duas Irmãs

(*No album de um medico*).

Encontraram-se, um dia, á porta de um Casebre :
Eram duas Irmãs. Ahi, ardendo em febre,
Prestes a succumbir, jazia um proletario.
Vinham a soccorrel-o, abrindo-lhe o sacrario
Dos grandes corações. Uma tinha, na fronte,
Esse nimbo ideal que brilha no horisonte
De immaculada vida; a outra concentrava,
No olhar perscrutador, a coruscante lava
Do pensamento audaz, a inteira consciencia
De uma nobre missão, dilecta da sciencia.

. . . . . .

Com mais ardente afã, das duas, qual seria
A primeira a cercar o catre onde gemia
A victima do mal, oppressa pela sina?
Dirão : *a Caridade*. Eu digo : *a Medicina*.

« Lyra de hontem ».

A. C. Chichorro da Gama.

Pyramide

Só, no meio do areal do deserto maldicto
Onde a Nilo não corre e onde a planta não medra,
Aprumado o perfil, se ergue ao longe do Egypto
O vulto colossal de figura polyédra.

Foi um túmulo real, imponente e exquisito
E hoje é ainda do rei da humanidade vedra
Que orgulhoso o eregiu, do podêr infinito
Testemunha immortal de tijôlo e de pedra!

E, na eterna mudêz do seu vulto gigante,
Só, no meio do areal onde a planta não nasce,
Relembra a Arte de um povo e uma edade distante!...

Foi, de certo, o maior dos esforços humanos
E é um sarcasmo de pedra atirado na face
Dessa estúpida leï destruidora dos annos!

Raúl Machado.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança póde tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

CANINDÉ

(*Impressões de viagem*).

Em Setembro do anno proximo findo, percorri em parte a zona-norte do Ceará, numa viagem de recreio; foi quando tive occasião de visitar o municipio e a cidade de Canindé, pittoresca localidade central, encravada ao centro do vasto e plano sertão que se extende entre as serras do Machado, Mariana, Baturité e Uruburetama, no territorio occupado pela bacia do Curú.

Após algumas horas de fatigante jornada, sob um sol africano e atravéz duma região uniforme e monotona, desde a estação do Castro, meus olhos, fatigados da horisontalidade da perspectiva, vislumbraram, ao longe, num fundo vaporoso de paysagem limitado pelo recórte de serras distantes, dum azul tão vago que se esbate no azul do céo límpido, os vultos immoveis das torres do Santuario de S. Francisco e de outros edificios da cidade sertaneja.

Essa vista que, como as mutações dum kaleidoscopio gigantesco, desdobrou-se á minha retina cansada, causou-me a impressão dum oasis na funerea vastidez do Sahára, — tal o estado de meu espirito de touriste despreoccupado, affeito a viagens faceis e pittorescas, á mercê das aguas ou das locomotivas, transpondo, ao passo tardo dum cavallo indisciplinado, essa região árida e combusta, por onde dir-se-ia ter passado um vento de maldição divina, esterilisando o sólo.

O sertão de Canindé, como quasi todo o sertão cearense, é uniforme e secco, ondulado a espaços por pequenos outeiros e serrotes; o aspecto principal, porém, é a horisontalidade. Cortam essa região, em diversas direcções, sargetas pouco profundas por onde se escôam as aguas na épocha invernosa, que vão confluir a outros cursos mais caudalosos, que formam a bacia hydrographica.

Na épocha chuvosa, transforma-se por completo todo esse territorio, que atravessei em pleno estio, sob a inclemencia da canicula; essa região combusta e morta, donde parece impossivel uma resurreição, ao cahír das primeiras chuvas de Janeiro, muda-se num tapiz verde e velludoso. As arvores e os arbustos, apparentemente mortos, adornam-se de tunicas sumptuosas; o passarêdo reapparece como por encanto e as festas da nidificação começam...

E' esse estupendo milagre da Natureza que ainda conserva povoado esse territorio sáfaro, que, como a região maldíta da Palestína, segundo Ernesto Renan, abate e fatiga o espirito do viajante que se aventura a transpôl-o. Toda a campina, então, disfarçadas as rugosidades e depressões da superficie pelo tapéte da relva, recórda as terras do sul do Paíz, onde as estaçôes são normaes.

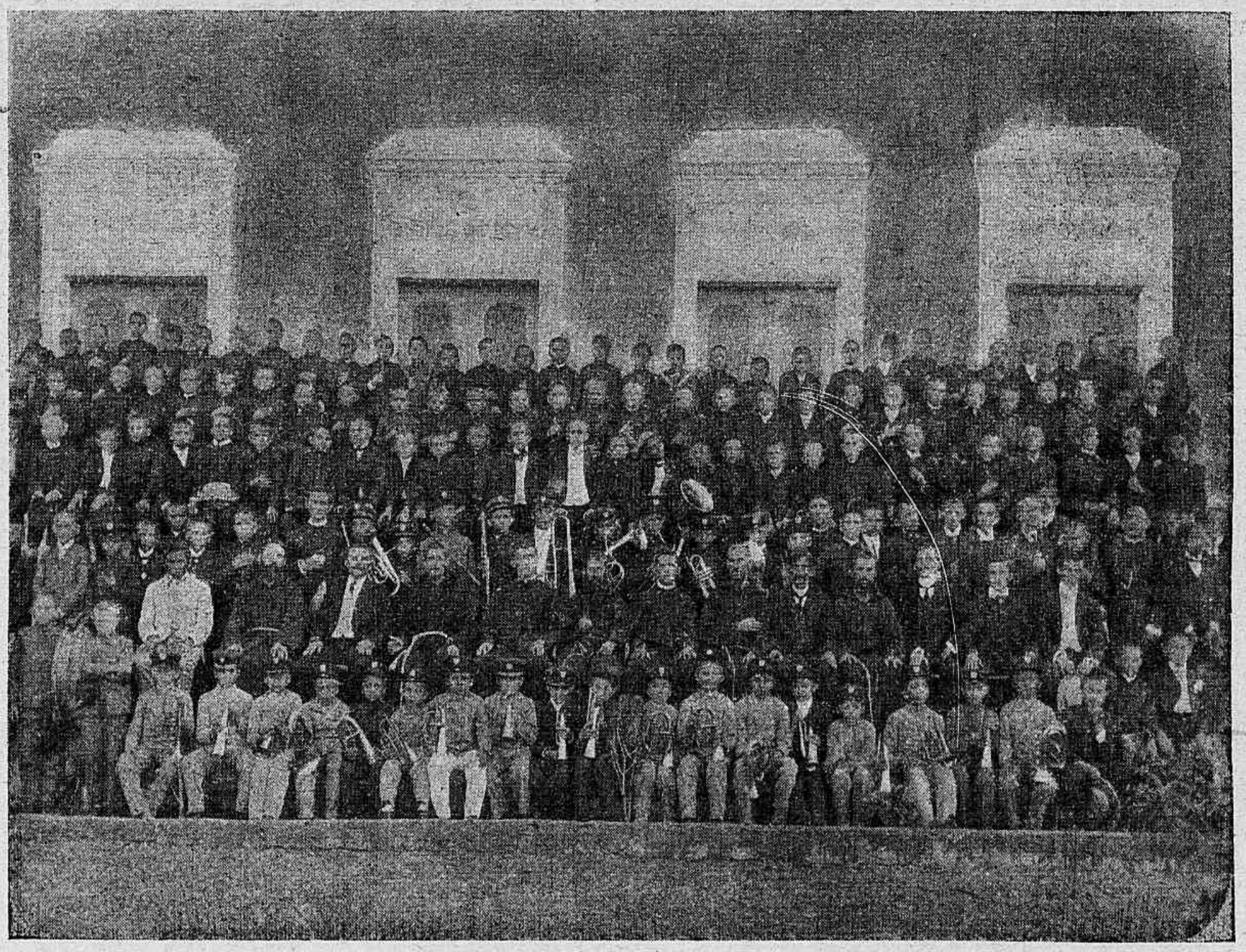
O homem dessas regiões desoladoras, « esse homem singular, que as condições mesologicas têm levado a um quasi paroxismo de impaciencia e audacia », na phrase de Virgilio Brigido, vive em constante e renhida lucta com as alternativas da Natureza. E' um heróe anonymo e só se compulsando as paginas trágicas que compõem a obra litteraria de Rodolpho Theophilo poder-se-á fazer uma idéa nítida do que é, na realidade, a vida angustiosa do rude sertanejo cearense.

A sua percepção psychica é estreita e vaga, francamente aberta a toda a sorte

de crendice, secundada pelo mysticismo inconsciente e idiosynciarico que caracteriza o mestiço brazileiro.

Canindé é uma cidade pequena, cortada pelo rio do mesmo nome, um dos principaes tributarios do Curú; o seu conjuncto, observado de certa distancia, apparenta-se ainda menor, devído ao agrupamento compacto das suas casas.

Situada num pequeno valle, formado pela bacia do rio, a cidade sertanêja, que já se vae extendendo pelas encostas dos outeiros adjacentes, tem um aspecto pittoresco e seductor, encantando a vista exhausta do viajante que alli chega, após longa jornada por caminhos infindaveis e tristes.



Corpos docente e discente do Collegio de San Francisco·

Ao vêl-a apparecer no occidente, por uma manhã de ouro de Setembro, veiu-me á mente toda essa dolorosa perspectiva da Palestina. A' vista bemvinda dos seus edificios, emergindo da terrivel assolação da zona sertaneja — patria do sol e da melancolia, — a lembrança dessa poetica e biblica Nazareth recreiou por instantes o meu pensamento,

— Como em carcassa vil, inestimavel prenda,
Parenthesis de amôr em satyra tremenda,
. . . . . .

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio.

Doce favo de mel em roble sêcco e annoso,
. . . . . .
Palavras de perdão entre um côro de pragas
. . . . . .
Sorriso meigo e bom entre gritos de dores,

na lyra de ouro do poeta, e eu penetiei, sentindo n'alma um allivio feliz, a terra tradicional dos milagres de S. Francisco das Chagas...

Não vá agora pensar o leitor que um embaraço dramatico, como aquelle que empolgou Ramalho Ortigão ao penetrar as ruas de Amsterdam, me empolgasse ao chegar a Canindé... Não! Alli, a hospitalidade é accessivel a todo e qualquer viajante.

Em poucos momentos estava alojado confortavelmente, amaldiçoando o calor e as canceiras tremendas da longa jornada.

A cidade possúe trez praças bastante largas e diversas ruas, constituídas de edificios elegantes e bem acabados, havendo, comtudo entre estes, vestigios da edificação antiga.

A fundação de Canindé data do meiado do seculo XVIII; nessa épocha o portuguez Francisco Xavier de Medeiros chegou áquelle local, iniciando a construcção de uma capella consagrada a S. Francisco das Chagas, obra que, suspensa em virtude duma secca, só foi terminada em 1796. Datam precisamente dessa épocha remota os favores e graças prodigalisados pelo Santo, cuja reputação já percorreu todo o Paiz.

Refére a tradição que um pedreiro, desprendendo-se dum andaime da capella em construcção, invocou, em desespero, o nome do Santo. A queda sería fatal ao pobre homem, mas, milagrosamente, sentiu-se preso pela camísa á ponta duma taboa, suspenso sobre o abysmo... Retirado d'allí pelos outros operarios, proseguiu no seu piedoso trabalho...

Vem d'ahi a celebridade sempre crescente dos milagres de S. Francisco de Canindé. « O echo desses primeiros acontecimentos prodigiosos repercutiu ao longe, e, desde então, uma corrente continua de romeiros entra constantemente as portas do magnifico templo, que se ergue, magestoso e severo, escarnecendo, na sua estructura basaltica, dos seculos ephemeros, e traduzindo, no idioma mudo da sua consistencia petrea, — a estabilidade perpetua da Egreja de Roma... » (1).

O santuario de S. Francisco, presentemente, é o templo mais sumptuoso do Ceará, apesar das suas pequenas dimensões. Na épocha em que o visitei, celebrara-se a tradicional festa de S. Francisco, que póde ser considerada a mais notavel do Estado, tal o numero de romeiros que invadem a cidade por esse tempo, rendendo o cofre do templo, durante os dez dias festivas, somma superior a 10:000$000. Cerca de dez mil pessôas moviam-se, então, em todo o perimetro urbano, dando á pacata cidade sertaneja um aspecto novo, recordando os grandes centros populosos.

Visitei a *casa dos ex-votos*, vasto edificio onde se guardam cerca de 15 mil *symbolos* em barro, cêra, gesso e madeira, representando braços, pernas, cabe-

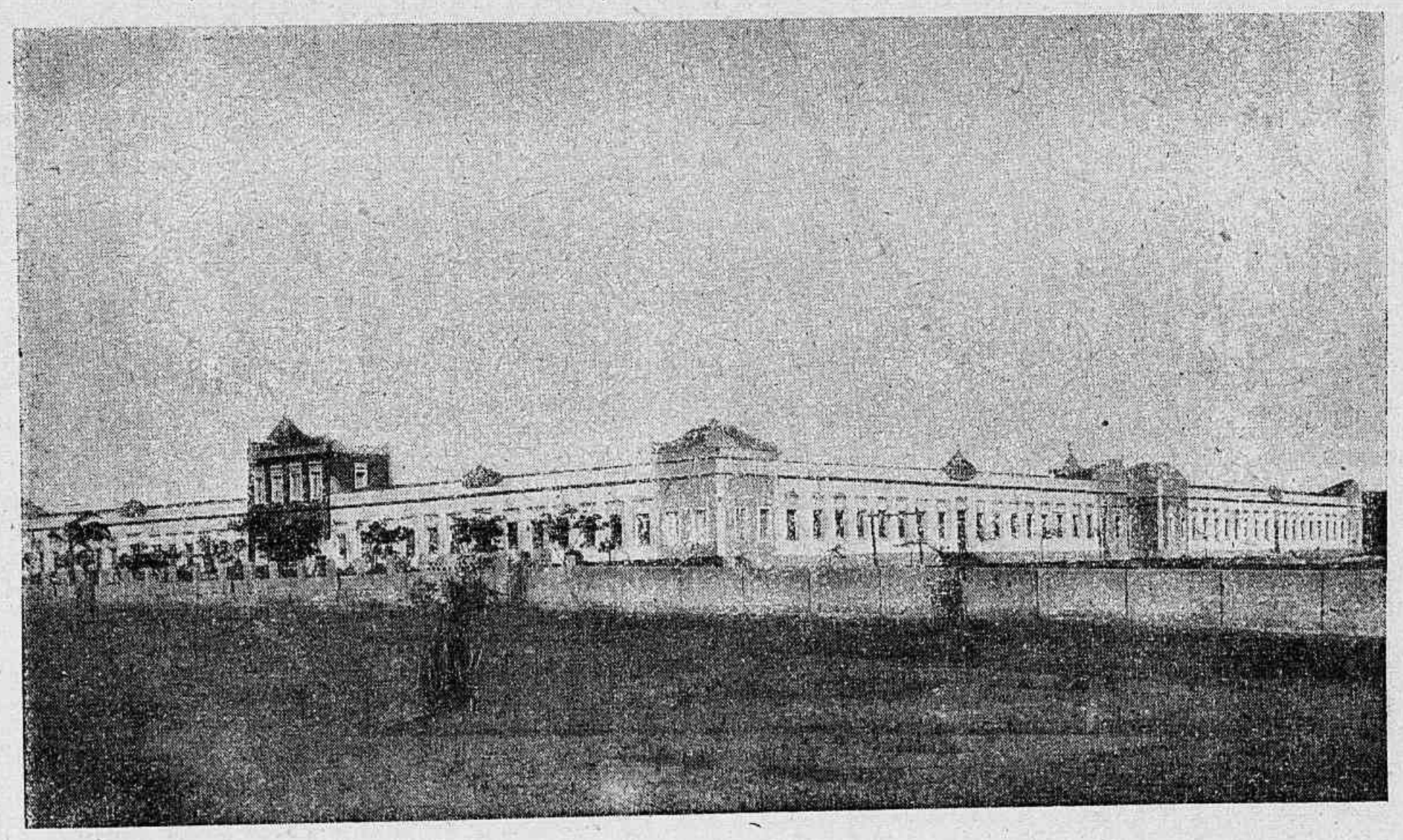
(1) A. Rocha. — *Santuario de S. Francisco de Canindé.*

ças, troncos, visceras, em horriveis chagas, em sinistras dilacerações, « especie de museu horripilante, tenebroso, inexplicavel, que impressiona e commove » (1).

O que maior attenção me mereceu, todavía, foi a Casa de S. Francisco, sólido edificio de 135 metros de comprimento e 95 de largura, situado numa pequena eminencia, donde se descortina um vasto e bellissimo panorama.

Essa casa, ainda em construcção, é dirigida ha alguns annos pelos Frades Capuchinhos da Missão do Norte domiciliados allí, que incalculavel somma de beneficios trouxéram a Canindé, desenvolvendo o progrésso moral e material nas maximas proporções.

Esse edificio se divíde em trez repartimentos, sendo o primeiro occupado pelos religiosos e mais pessoal de estabelecimento, pela capella do *Collegio*, rouparia,



Casa de São Francisco.

refeitorio e cosinha; méde 1.242 metros quadrados; o segundo é destinado exclusivamente ao funccionamento do *Collegio de S. Francisco*, que abriga cerca de duzentos orphãos além de muitos pensionistas; possúe uma area de 1.600 metros quadrados; no terceiro e ultimo funccionam as officinas, destinadas ao ensino de diversas artes uteis, taes como marcenaria, sapataria, alvenaria, ferraria, funilaria, assím como alguns rudimentos das bellas-artes (desenho, pintura, musica e photographia), havendo projectos para a installação de officinas typographicas e de encadernação; tem esse departamento da casa uma area de 3.720 metros quadrados.

Ha tambem no estabelecimento uma excellente bibliotheca e um importante

(1) A. Rocha. — *Obr. cit.*

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.

CLUBS CASA STANDARD.

gabinete de Physica, dirigido por Frei Marcellino de Milão, — um Pascal em miniatura, — que leccionou por algum tempo essa materia no estabelecimento.

Ao longo das paredes do Collegio vêm-se mappas colorídos, representando as artes, a caça, a pesca, a fauna, a flóra, a industria, a vida domestica, a navegação, a cirurgia, as raças, etc., das diversas regiões da Terra, — proprios para o ensino intuitivo e pratico.

O ensino de musica abrange o vocal, o instrumental de sopro, de cordas e de piano, e é dirigido por um habil professor italiano.

Possúe ainda a casa de S. Francisco um elegante theatrinho, artisticamente

Trecho da Praça do Capitão Cruz.

pintado, com 25 metros de comprimento sobre 7, onde são levados dramas e comedias moraes, e funccionam lanternas magicas, cynematographos, etc.

Existem no centro do estabelecimento duas cisternas, destinadas a recolher a agua das chuvas, sendo uma abobadada, da capacidade de 500 mil litros, e a outra de 260 mil.

A agua para os banheiros, lavagens e regação dos jardins é fornecida por trez cataventos americanos, collocados á margem do rio que córta a cidade, os quaes conduzem a agua ao deposito que se acha no edificio, a 20 metros do nivel do rio.

A Casa de S. Francisco é mantida ás expensas do Santo, cujo cofre, nos annos normaes, rende annualmente cerca de...

Em virtude da crise climaterica por que passou o Ceará durante o anno findo, foi suspenso o curso secundario, cujo programma se cingía ao do Seminario Episcopal, de Fortaleza.

E' director geral da casa Frei Mathias de Panteronica, sob cuja direcção têm sido feitos todos os trabalhos do edificio.

Possúe ainda o Canindé outros edificios importantes, taes como a Intendencia, Telegrapho Nacional, o templo de Nossa Senhora das Dôres, etc.; num planalto proximo á cidade, está em construcção a ermida do Sagrado Coração de Jesus, obra elegante, construída pelos preceitos architectonicos modernos.

A população é, em geral, hospitaleira e polída, accentuadamente religiosa, em virtude, talvez, da imminencia dos milagres do Santo e da propaganda tenaz feita pelos missionarios capuchinhos...

Resente-se o Canindé em absoluto da falta de meios de transporte, já tendo feito a população um appello justissimo ao actual Presidente da Republica, pessoalmente, não tendo obtído, porém, esse favor nacional...

Uma semana depois, na nuvem de poeira que os pés dos romeiros, de regrésso da festa, deixam pelas estradas, atravessei novamente a árida região sertanêja, trazendo ainda na mente, nitidamente desenhadas, as impressões compléxas dessa viagem de recreio, — em que o pó das ruas festivas, as notas evocativas dos orgãos, o borborinho da população em actividade, o movimento intenso das ruas, o pregão monotono dos vendedores de medalhas e imagens de Santos, todo esse concerto heterogeneo e exdruxulo — redemoinhava como naquelle sonho trágico e retrospectivo em que se debateu e se desolou o artista incomparavel d'*Os Maias* nas terras legendarias do Oriente...

AMADEU GALLIS.

Pará, 1908.

BACCALAUREATO

Esta palavra não deriva immediatamente do francez *baccalauréat*, como alguns philólogos pretendem, recommendando que se lhe substitua *bacharelato*.

Significa o grau de bacharel, originariamente de intrancia na cavallaria; depois na hierarchia ecclesiastica; e, por ultimo, o grau inicial universitario, que confere o titulo de bacharel. Significa, tambem, o curso de estudos para ser admittido a este grau e, bem assim, o acto das provas e investidura d'elle.

Vâmos dizer, agora, a razão da palavra não ter sido apropriada da fórma franceza.

Os nossos eruditos do seculo XVI, derivavam-na do latim *bacca* (baga) e de *laureatus* (laureado). Camões, nos *Lusiadas*, C. III, est. XCVII, disse :

... Em Coimbra...
.....
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva :
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do *báccharo* e do sempre verde *louro*.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

No baixo latim dizia-se *bachalariatus,* e esta é a verdadeira origem da palavra, que foi primitivamente *bachalariato*, e que tinha não só o sentido de graduação universitaria, senão tambem os demais acima referidos. Assim o explica Littré; porém, muito antes d'elle, o nosso Viterbo, no seu *Elucidario*, artigo : *Bacharel.*

A etymologia que lhe attribuiam os nossos humanistas do decimo sexto seculo, influiu seguramente na alteração por que o termo passou, de *bachalariato* para *baccalaureato.*

ESPIRITO SANTO

A instrucção progrediu sobre os annos anteriores por um pequenino augmento de frequencia nas escolas.

— Continuam sempre em desordem as finanças, com orçamentos que não correspondem á arrecadação nem á despeza.

Para o exercicio de 1907 a receita orçada em 3.001:519$825, apenas attingiu a réis 2.444:862$272, apresentando uma diminuição de mais de 20 por cento.

No exercicio de 1908, a julgar pelos recebimentos do 1º semestre, no total de réis 1.365:488$999, a cifra arrecadada ficará ainda longe da orçada, a despeito da activa fiscalização, mantida na arrecadação das rendas.

Ao passo que se faz essa observação na columna da receita, verifica-se que, na da despeza, os algarismos abundam num crescendo enorme, formando uma proporção de ordem inversa.

No exercicio ultimo as depezas orçadas em.....	2.938:117$651
subiram a.....	3.908:432$916

demonstrando um excesso de mais de 30 por cento.

São dignos de nota os seguintes dados officiaes :

Exercicios	Receita orçada	Arrecadada
1903.....	2.990:176$000	2.214:985$541
1904.....	2.860:000$000	2.365:464$414
1905.....	2.966:000$000	2.471:968$185
1906.....	2.966:000$000	2.442:779$407
1907.....	3.001:519$825	5.160:985$262

A divida do Estado *fundada* e *fluctuante interna* eleva-se á quantia de réis 429:382$041, e a *externa toda consolidada* a frs. 13.628.500, discriminadas da fórma seguinte :

Emprestimo externo.....	frs.	13.628.500
Cofre de orphãos.....		187:739$405
Saldos e titulos a favor de diversos.....		191:242$636
Divida interna consolidada.....		4.550:300$000

A divida activa do Estado sóbe á consideravel cifra de 1.998:891$174.

Manto de Stella

Ao Carlos de Araujo.

E' um manto imperial de purpura e escarlata,
Com nuances e iriações de mansas alvoradas,
O que nos hombros trago ornado de oiro e prata
Resplandecendo como espelhações doiradas.

Quando o carrego assim parece uma cascata
De perlas e ouropeis e folhas orvalhadas
Onde refulge o sol, que alacre se desata
Numa caudal de luz e petalas rosadas.

Esse manto de luxo e pompas que eu arrasto,
O manto deste grande amor que a alma me inflamma,
Do meu amor sem termo e estranhamente vasto,

Fil-o com essa maciez do arminho e do velludo
Para Stella, que é a minha imperatriz e dama
E tudo e meu carinho e minha vida e tudo!...

Curityba Paraná.

C. R. Teixeira de Freitas.

No Golgotha

Ao João Soares Neiva.

Meu coração é triste como o enfermo
Que ouve resarem por su'alma, em choro,
— Como um triste signal ou negro agouro
Que da vida lhe está marcado o termo.

Eu soffro muito. Hoje minha alma é um ermo,
Onde não fulgem mais os sonhos de ouro,
Nem mais cantam os beijos do anjo louro
Que o Destino não quiz — gosando ver-m'o...

Invejoso e brutal, qual novo Othelo,
Arrebatou-m'o impetuosamente,
Partiu do nosso amor o tão forte elo...

E eis-me agora veneido, torturado
No Golgotha cruel, e eternamente
Neste martyrio atroz crucificado!

Alagôa de Baixo. Pernambuco.

Ulysses de Albuquerque.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 106, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Dolce Ricordo

(A Lydia M. do Prado, fal. en 1908).

Giovane bella che mirando il cielo
Al cielo ti volgesti, — pellerina,
Come bella, innocente fanciullina
Cinta dalla ghirlanda e bianco velo;

Come rosa nell'ora mattutina;
Caduta dal suo frale ramicello,
Tu sei morta; — e l'Eterno pien di zelo
Abbració la tu'anima divina.

Lasciando questa vita amara e mesta,
Per nel cielo, gentil, viver in festa,
Al cielo ti elevasti in dolce riso.

Lasciati padre, madre, una sorella,
Fratelli nella terra; — e tu, piú bella,
Domandasti, felice, — il Paradiso!

Januaria, 18 Febbraio, 1908.

POSSIDONIO CALAÇA DO E. SANTO SANTO.

A Parasita

Foi semente a principio. O vento, acaso, um dia,
Num vórtice a levou atravéz do deserto :
E entre folhas e pó a semente erradía,
Anonima, seguíu o seu destino incerto,

De alto jacarandá, que na floresta abría,
Gigante, a cópa ao sol, d'outros gigantes perto,
Pousou, um dia após, entre a cópa sombria,
E á corcha presa, emfim, grelou como um enxerto.

Grelou, cresceu alli, — rendada trama impléxa,
A' ramagem se alonga, agora désce, enlaça
O tronco, as inflexões da fronde circumfléxa.

Haure a seiva nutríz, sórve o rócio celeste,
E, á luz do grande sol, cheia de amôr e graça,
A impudíca nudez do annoso tronco veste...

Ceará.

CRUZ FILHO.

Nupcias

N'essas tardes, amor, tão brandas e tão finas,
De lyrios estrellando os valles e as collinas
E occasos a lembrar pástores e balladas
Nas biblicas regiões das conquistas sagradas;
De um mysterio sem sombra, um mysterio inaudito,
Feito de aroma e luz, descendo do infinito
E derramando n'alma, em placido abandono,
O vinho da saudade e a embriaguez do somno;
— Branco, d'esse pallor purissimo da neve,
Teu vulto de Madona, aromatico e leve,
Vem das espheras de ouro e aos meus olhos resvala
Sobre a flórea maciez da senda côr de opala,
Em cujo extremo, sob um velario de estrellas,
Resistindo á batalha infrene das procellas,
Com doçuras na voz ergo um culto risonho
A' imagem da Belleza, ao symbolo do Sonho.
Passas, branca e subtil, na aureola soberana,
Mais santa que mulher, mais divina que humana
E a essencia do meu ser se evapora a teu lado,
Como um beijo immortal, em fogo e sem peccado...

Visionario. MATHEUS DE ALBUQUERQUE.

A GARANTIA DA AMAZONIA

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

SUCCURSAES E AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

No balanço de 1908 as reservas elevam-se a Rs. **7:210$000$000,**
os lucros para segurados e outros fundos de reserva a Rs. **3:622$000$000**
SINISTROS PAGOS : **Mais de sete mil contos (7:500$000$000)**

INTEIRAMENTE MUTUA

DEPARTAMENTO DOS ESTADOS DO SUL :

Avenida Central, nº 85, RIO DE JANEIRO

ALVES DE AMORIM

« Um cadaver de mais... um sonhador de menos. »

BILAC.

O 1º de Novembro de 1907, ás suas horas derradeiras arrebatou-o, quando Janeiros 21 contava. Nos, os amigos, andavamos apavorados havia duas semanas com o que o illustre medico assistente, á puridade, nos dissera do enfermo, prevenindo-nos do breve e inevitavel desenlace.

Nosso terror, porém, se mudava em estupefacção e em desalento, quando, aos já proximos dias daquella data, virámos descerrarem-se os seus labios por vezes trez, com intermittencias de 24 horas, para darem passagem á rubra, horrivel flôr das hemoptises. Ao ultimo dia seu hecticismo crescera e sua vóz vibrara desagradavel e aspera, por ser emittida por dilacerados pulmões. A's 11 da noite, sem palavra nem gemido, cerraram-se-lhe as palpebras e os olhos se lhe apagaram, que já de ha muito se embaciando vinham, com reflectirem sem treguas a immensa angustia, a amarissima tristeza, em que o amoroso coração do poeta se morria.

* * *

No recapitularem-se peripecias e miudezas da vida physica e da litteraria de Heitor Alves de Amorim, o investigador, sobre deparar connexões inallienaveis e affinidades logicas entre uma e outra, fica-se a pensar em como se fez, por ultimo, esta inconsequencia admiravel entre as duas, isto é, como, aos tempos que ao poeta corriam derradeiros, emquanto o seu physico se definhava ás soltas, sua intelligencia cantava num tom grave e majestoso, porventura o mais solemne dos quantos até hi o houveram sido.

Aos, porém, que de perto ao poeta viam, nenhum esforço é mister para chegarem á comprehensão desse proposto. Que elles de sobejo sabem, o Alves de Amorim, no atravessar seu ultimo anno de vida, afanoso se apercebia de sãos conhecimentos philosophicos, guardando para o estudo as horas todas, que do exercicio da burocracia lhe eram sobras. Foi assim, talvez a mal de seu grado, que o dôce lyrismo dos seus primeiros vôos lhe fugiu ás producções, das quaes manava agora, como leite salutar e confortante, estranho fluido bom, laivado a uma psicologia distinguida e sincera.

Dahi para o futuro é que se o seu talento definiria, desabrochando vigoroso e forte, havendo, em fim, tocado á modalidade sua mais pujante e, quiçá, mais segura e mais proficua.

Nesse periodo, quando as do seu sêr interior, agitadas moleculas se concentravam para a criação de obras mais fortes e duradoiras, Alves de Amorim

escreveu os extraordinarios, palpitantes de luz, de harmonia e de verdade, versos que são estes :

PSYCHICOS

Como o passsaro ao sol percorre, palma a palma.
O burity potente, eu prescruto a minha alma,
Vezes, prêsa do tedio. Entro, auscultando-a toda.
Os contrastes lhe sinto ahi : — trevosa a enlôda
— Parasita do bem, vasta, medonha, bruta,
— Santa irmã de Caim, que os corações enluta —
A maldade fatal que á humanidade empolga :
Destruir, devastar, é o desejo que folga
Então no intimo negro e feio da minha alma;
— Anjo de maldição que a todo o bem ensalma.
Sí uma esperança nasce, eil-a morta a esperança:
Como vezes, um broto á mingua de agua mança;
E até um cheiro màо a sangue velho sinto,
Como si alli houvesse um corpo ha tempo extincto
Num assassinio cruel, cuja historia se vela

Vezes outras tambem a alma reentro e nella
Sinto o amollecimento, o desanimo, o luto.
Prescruto-a então com calma e com vagar ; prescruto :
Por tudo anda um bailar de sombras pavorasas ;
« *De profundi clamavi* »... — em notas dolorosas,
Cantam... E eu triste escuto o som do *De profundis*
Prolongado e sem fim...
— Então eis me confundes,
Alma! E eu não comprehendo os teus muitos contrastes;
Quer um sonho te encante ou um desgosto arrastes,
Deixas-te chafurdar das tristezas no lodo;
Vence-te em luta ingente o desespero, e todo
O teu ser se conturba e se estorce e esmorece.

— Alma, dentro de ti, porém, tal uma prece
Sôlta em labios de mãe, alguma coisa existe,
Grandemente sublime e meigamente triste,
— Algo da natureza excelsa de Jesus —
Que, inda mesmo quando és toda negra, transluz
Em ti, quer seja o mal ou o bem comtigo seja :
Como ás vezes penetra á torre da uma egreja
Branco raio de lua. Alguma coisa, é certo,
Que alumbra em tua alma, assim como bem perto,
Vezes, de um êrmo enorme, um cristalino veio
Passa clareando ao sol que n'agua bate em cheio.
— Revifica-te, pois, á vibração sublime
Que te manda esquecer e perdoar o crime...
Conforta-te na Dôr e á luz que a Dôr expande
Emerge então divina, immensamente grande.

Nesse poema vive intensamente uma grande affirmação esthetica, porque ahi cstá a revelação suprema da alma do homem.

Que obras não ha mais bellas, que as feitas de trapos d'alma, á guisa de sentimentos e de paixões.

Um dia, após leitura da *Oração á Luz*, de Guerra Junqueiro, escreveu esta poesia que transcrevo :

GRAÇA

Dubia e serena
Visão que esvoaça!
Alva açucena!
Graça!

Lume dos votos,
Raro e sem jaça!
Estranho lotus!
Graça!

Vinho sorvido
De fina taça!
Luz do remido,
Graça!

« Deus nos proteja »
Que ás preces passa!
Meigo « Assim seja »!
Graça!

Saber perdoar,
E' saber esquecer e muito amar.

O mais ferrenho coração de Herodes,
Tu, pelo amor, Graça, domal-o pódes.

Sim, que é do amor que em nós nasce o perdão,
— Sol, cujos raios 'té dos máos serão.

O teu almo poder, Graça, transluz
Dês a justiça da figueira á cruz;

Surge por toda parte, paira em tudo :
— Na ave que canta no rochedo mudo;

— No veio puro que, si engrossa, é rio;
— No raio bom do sól, fulvo, erradio,

Entrando as portas com a alegria d'Alva,
Com perfumes subtis de rosa e malva.

Em mais linda visão tu te revelas,
Graça, si vens nas coisas mais singelas;

Quando, em candura, vens nos nenuphares;
Na alva esteira das aguas aos luares;

Quando, erradia, surges nalgum bando
De azas brancas, no espaço tatalando ;

Ou si em flócos de arminho te avolumas
No mar, de sob um céo claro e sem brumas;

E és como o luar pelo deserto assyrio,
Quando no alvo botão surges dum lirio.

E mais excelsa-tal de mãe num voto —
Quando, de rasto, vais poisar num broto

Que, emergido da terra, vive e sente,
— Transmudação sublime da semente.

Flor de esperança!
E's tu que alumbras o sorrir da criança!

És tu que ateias a divina chamma,
Quando, á primeira vez, a virgem ama.

Lirio banhado ás aguas do Jordão,
Brotas até das grades da prisão.

Graça! Em tudo te vejo e te bemdigo!
Alma visão, dubia, erradia!
Nas horas brancas da alegria,
Nas horas negras do perigo!
Quando as azas espalmas, luminosas,
Por sobre as almas lacrimosas!

Ficha do amor e da bondade,
Canto de paz! hymno de luz!
Os corações todos invade
Transforma Judas em Jesus!

Eu officio em teu altar
Para mais esquecer e mais amar.

Si nesses versos não se encontra a majestade que transluz nos poemas do lusitano vate, ha sem duvida a revelação de um genio que se atira a largos vôos, para o futuro realisar de magnos commetimentos.

O trabalho ahi transcripto, que a muitos parecerá incongruente e sem nexo pelo encontrarem-se nelle algumas formulas cujo sentido á prima vista escapa, é, muito ao contrario, excellente mostra da sensibilidade polymorpha e estranha de que o poeta dispunha. Porque o singelo nome *Graça* não no encarou o autor do poema por um exclusivo e unico aspecto, sinão pelos quantos e classicos em si mesmo o vocabulo contem, refulgindo entre a farta e copioso mésse dos synonimos seus. Dahi, o variar dos conceitos e o differenciar das idéas, as quaes se tópam multiformes e versateis em quasi cada estrophe.

E nesse constante mudar, se vão gravando modalidades multiplices do bello, impregnadas todas dum nobre ethicismo e de extraordinarios symbolos, com, ainda mais, possuirem uma rara compleição de synthese.

A constituição debilissima do poeta, agravada pelas interminas augustias que o aureolaram, como espinhos a um Christo, lhe deu assombrosa sensibilidade ao systema nervoso. Noites havia em que ficara com os olhos abertos, extranha contracção nas faces pallidas e descarnadas, cabeça levemente erguida, fitando o vasio dos intermundios e a luminosidade palpebrante dos astros que luciferavam lá cima. Dessas contemplações mais agitado vinha; porém, talvez por encobrir sua tristura, mais loquaz e risonho.

Deixava-se ás vezes ficar sósinho á janella de sua casa, ao tempo em que os outros dormiam, para escutar os vagos, leves murmurios indecisos da noite alta,

estendida, assombrando a terra, em quanto no espaço a lua desabotoara como enorme camelia.

E sahia sempre d'alli para a mesa onde escrevia, pequenina e pobre. Deixava num retalho de papel o que lhe andava no cerebro, e, só então, repousava.

Num desses momentos alguns mezes antes de morrer-escreveu a.

VISÃO DO LUAR

Não sei porque, mas a esta luz algente,
(Por uma força involuntaria)
Experimento uma visão de doente,
— Visão confusa, e mesmo, varia.

Algo, de certo, em ti ha de mysterios,
Clarão de luar dorido e enfermo,
Que a paz lembrando vens dos cemiterios,
Nesta serena mansuetude de êrmo.

Lua, tu lembras, pelo azul perdida,
Uma de monja cela triste accesa;
E, talvez, Soror Martha em ti resida,
Orando, com Santa Thereza.

Talvez... e mesmo até eu julgo vêl-as,
A'doce luz transfiguradas..,
Vejo-as, postas as mãos, resando pelas
Dos céos interminas estradas.

Sei bem que não és mais que um astro morto
Mas em te vendo, nego a sciencia,
Porque me dás um dulcido conforto,
Um *não que sei*, de uma esquisita essencia.

Então me volto aos velhos tempos; muda
Minh'alma reviver-te o culto sente,
Tal, vendo a imagem divinal de Budha,
Um bonzo mudo e reverente.

E algo de assombro, se me affasto
Desta visão, tristonho sinto :
E' que, inda assim levo commigo um rasto
De teu clarão, dubio, indistincto.

Ninguem, depois de os ler, esses versos esquece, que elles lembram algum sentimento que tambem é nosso, algo que a nós tambem pertence.

Quando a atroz molestia que o venceu, começou de se manifestar, foi elle para longes terras sertanejas, com enorme esforço a ver si volvia são. Estava, porém, escripto que voltaria para morrer.

Dalli, mandou a quem escreve estas annotações, a ballada :

VOZ REMOTA

Coração meu, porque murmuras
Em tão longinqua solidão?
Para que avivas amarguras,
Quando por si jà vivas são?!
Sempre lembrar triste procuras
— A mal de ti, a mal de nós —
Esse que ouvi som de canduras,
Mas... tão remoto som de voz!...

Chagas, eu sei, agras e duras
Em ti pungindo fundo estão...
Mas proprio é mesmo ás criaturas
Em tudo haver consolação.
Si taes os males, taes as curas,
Mata este mal que é tão feroz!
Dá-lhe de fortes ligaduras ;
— Abafa o som áquella voz.

... Mas, ai de mim, digo loucuras,
Que louco eu sou, tendo razão!
Coração meu, si me torturas,
E' minha a culpa, coração..
A causa eu sou das desventuras
De que padeces... e inda empós,
Clamo que és tu que te descuras,
Eu, que te fiz guardar-lhe a voz!

Não direi mais que me amarguras,
Que eu mal mereço mais atroz...
— Ai, som que ouvi, todo tremuras,
E hoje remoto som de voz!...

Esses versos são como que a final renuncia, o desprezo ao que a vida mais pudesse dar-lhe. Conheceu que ia morrer em breve, e se acastellou numa resignação dolorosamente sublime, e se abroquelou d'uma extraordinaria indifferença. A *Voz Remota* é o seu cauto do cysne. Escreveu-a, fechou-a com o mais verdadeiro e amargo suspiro de sua alma :

— Ai, som que ouvi, todo tremuras,
E hoje remoto som de voz!... —

e as circumvoluções de seu cerebro deixaram de trabalhar pelo Ideal.

Da lingua em que escrevia cultivador foi sincero.

Mais não trabalhou por seu beneficio della por insignificantes haverem sido os meios de que se poude soccorrer para isso, que miseraveis seus salarios eram, pequeno o tempo de que dispunha, e grandes o odio e inveja que o seguiam.

Mesmo assim, não é difficil o apontarem-se os seus serviços que por ella fez para engrandecê-la.

Foi *Lauro Victor* pseudonymo com que escreveu diversas cartas quando a reforma orthographica se discutia, nas quaes, em primoroso estylo, tratou com segurança variados pontos da philosophia do vernaculo. A 13ª edição do curso

superior de grammatica do erudito philologo João Ribeiro, traz, em suas *Notas*, uma carta de Alves de Amorim, em que este analysa e discute varios casos do pronome *se*.

Nem mesmo no manejar difficil das rimas deixou de tratar carinhoso o idioma patrio. O soneto abaixo transcripto, prova é disso exuberante, o qual possue o perfeito organismo d'um camoneano.

BEM DAS LAGRIMAS

Leiam-me agora os que soffrendo amaram,
Que com os males do amor hoje reluto :
— Ninguem julgue dos males que o magoaram,
Que mais á prova mais dá gosto o fructo.

Nescio, cuidei, por maguas que passaram,
Que me o pranto dos olhos fosse enxuto...
Hoje, e inda ha pouco, os vi que se molharam
De novo em choro descabido e bruto!

De alguem eu sei, alguem que já su'alma
A'minh'alma irmanára; carinhosa,
Estes meus versos, ler-me-os-á sem calma...

Que chore... e as bagas do seu pranto, ságre-m'as!
— Que é fortuna a quem vida houver cuidosa.
Si os males póde inda lenir com as lagrimas.

A desventura de Alves de Amorim crescia ao par e passo dos dias que atravessava o poeta. Quem quer que lhe examime as diversas phases da existencia, hade as encontrar progressivamente dolorosas, que sua agonia augmentava incessante, na ancia de aniquilar ao desgraçado. Affirmativas haverá de que lhe foi ventura seu noivado. Engano puro. Desse sonho que era o seu, e ao qual felicidade chamarão, o que o infeliz sorvia sempre e sempre, era ao amargor do meimendro, era a essa angustia enorme, lacerante, diabolica, de não poder sentir pulsando junto ao seu, o coração da amada criatura.

E, ainda, talvez porque esse padecer immenso lhe não bastasse aos vinte e um annos, nessa época lhe despertou no organismo a tuberculose, que num mez lhe devorou os pulmões e o levou á derradeira morada.

E ficámos nós outros, recordando o fulgôr antigo desse astro que morreu, e immensamente compungidos murmurando o *æternum vale*.

PAULINO SANTIAGO.

PERGUNTAS AO SR. MACEDO

— Espere, sr. Macedo, e ouça! O sr. disse ou não disse, o que eu disse que o sr. disse? Porque os meus leitores dizem que o sr. disse, que nunca disse que disse o que eu disse que disse. Ora, se diz que não disse o que dizem que eu disse que disse, então para que diz que disse o que dizem que eu disse?

O sr. Macedo (*muito tranquillamente*) : — Não sei.

Notas meteorologicas de varios lugares do Brasil

Este quadro completa o da observação annual que se encontra nas paginas preliminares do *Almanaque*.

LUGARES	LATITUDE	LONGITUDE DO R. JANEIRO	ALTITUDE	PRESSÃO	TEMP. MAX.	TEMP. MIN.	EVAPORAÇÃO	HUMIDADE	CHUVA	NO. DE ANNOS DE OBSERVAÇÃO	OBSERVATORIOS
Belem	1.27	5.19 W	7.11	760.4	33.3	19.2	21.4	88.0	2,482	12	Museo Goeld.
S. Luiz	2.31	1.6 W	30	—	33.8	21.1	—	—	2,455	2	Moraes Rego.
Fortaleza,	3.43	4.37 E	1.2	761.6	31.6	20.2	20.1	69.22	998	2	Est. Meteor. de Fortaleza.
Manaos	3.8	16.50 W	—	756.7	37.5	18.8	—	77.6	2,229	5	Tapajoz etc.
Quixeramobim	5.16	3.55 E	198	743.4	36.3	18.8	16.7	65.3	608	9	O. Weber.
Natal	5.46	7.57 E	7.8	762.4	30.3	19.6	19.4	73.4	1,265	2	C. Melh. do Porto.
Parahiba	7.6	8.19 E	4.4	—	34.0	17.7	—	79.6	1,206	2	Raposo e Oliveira.
Recife	8.3	8.16 E	3	760.5	37.3	16.3	19.77	70.0	1,930	16	Draennert e C. M. do Porto.
Joazeiro	9.24	2.53 E	372	730.3	40.8	15.0	14.1	54.0	286	4	Secretaria da Agricultura.
Aracajú	10.55	6.6 E	4 3	763.0	30.9	19.2	19.4	76.8	1,017	4	Est. de Meteor A. Silvado.
Bahia	13.0	4.39 E	45	758 5	34.8	17.0	19.2	83.2	1,329	4	Secretaria da Agricultnra
Ilheos	14.47	4.7 E	3	764.5	34.7	19.5	22.0	84.7	1,896	3	— —
Cuyabá	15.38	12.50 W	235	745.4	41.0	4.0	—	74.7	1,600	5	Morsback e Ob. D. Bosco.
Cannavieiras	15.41	5.3 E	4	759.8	30.8	18.2	22.8	89.9	1,708	1	Secretaria da Agricultura.
Theop. Ottoni	15.54	1.47 E	287	735.7	35.4	9.5	18.7	90.1	1,727	2	C. Geogr. e Geol. de Minas.
Diamantina	18.18	0.18 W	1.210	662.1	25.2	9.0	13.2	78.8	4,644	1	C. Geogr. e Geol. de Minas.
Uberaba	19.45	4.45 W	760	703.3	38.0	0.0	14.0	72.0	1,884	6	Borges Sampaio.
S. C. de Pinhal	21.1	3 8 W	842	692.0	35.0	-2.2	12.0	70.0	1,301	15	C. Geogr. e Geol. S. Paulo.
S. João d'El-Rey.	21.8	4.20 W	880	687.3	33.7	0.5	12.9	80.9	1,371	4	C. Geogr. e Geol. de Minas.
Ribeirão Preto	21.10	4.39 W	560	716.9	40.0	-1.5	12.9	69.0	1,433	15	C. Geogr. e Geol. S. Paulo.
Barbacena	21.14	2.24 W	1.143	667.2	30.2	2.3	12.5	81.1	1,766	5	C. Geogr. e Geol. de Minas.
Nova Friburgo	21.19	4 39 W	876	689.0	30.2	1.0	10.9	78.8	1,380	5	Engert e Padre Prosperi.
Juiz de Fora	22.45	0.10 W	690	729.0	36.3	2.5	14.3	77.2	1,424	11	Creuzol e C, G. G. Minas.
Rio de Janeiro	22.54	0.0	66	757.3	39.0	10.2	16.1	78.4	1,091	50	Observatorio Astronomico
Campinas	22.58	3.54 W	660	705.2	36.7	0.2	13.2	77.0	1.444	15	C. Geogr. e Geol. S. Paulo.
S. Paulo	23.36	3.28 W	761	698.4	38.5	-2.5	13.1	83.0	1,342	15	— —
Santos	23.56	3.8 W	5	762.7	38.5	5.0	16.2	81.0	1,342	15	— —
Curytiba	25.25	6.5 W	908	686.9	37.4	-8.2	11.6	81.0	1,481	23	Observatorio de Curityba.
Blumenau	25.56	3.7 W	28.6	759.7	37.4	3.2	—	85.0	1,651	16	Lange e Scheidemantel.
Florianopolis	27.35	5.2 W	4	762.4	32.0	5.0	15.5	77.5	1,382	3	Est. Met. de Florianopolis
Pelotas	31.47	9.19 W	875	760.6	40.8	-3.5	—	74.0	1,238	14	Minssen e Wetzel.
Rio Grande	32.19	9.3 W	16	762.0	32.4	1.0	13.64	76.56	992	9	L. Netto e E. M. R. Grande

NOTA SOBRE A REPRESENTAÇÃO POLITICA

Assim se distribuem os representantes do povo e dos estados:

ESTADOS	SENADORES	DEPUTADOS	ESTADOS	SENADORES	DEPUTADOS
Amazonas	3	4	*Transporte*	33	90
Pará	3	7	Espirito Santo	3	4
Maranhão	3	7	Rio de Janeiro (Estado)	3	17
Piauhy	3	4	Rio de Janeiro (Capital)	3	10
Ceará	3	10	São Paulo	3	22
Rio Grande do Norte	3	4	Paraná	3	4
Parahyba	3	5	Santa Catharina	3	4
Pernambuco	3	17	Rio Grande do Sul	3	16
Alagoas	3	6	Minas Geraes	3	37
Sergipe	3	4	Goyaz	3	4
Bahia	3	22	Matto Grosso	3	4
A trasladar	33	90	TOTAL	63	212

Essa distribuição parece imperfeita. O numero de representantes da Bahia é excessivo comparado ao de S. Paulo, como é diminuto o do Capital Federal. Tambem não deveria o Paraná ter o mesmo de representantes que tem Goyaz R. G. do Norte ou Sergipe.

MATANÇA DO GADO NO RIO GRANDE

Parece que dentro em pouco deixaremos de ser tributarios da Republica Argentina, quanto á importação da carne secca, genero essencial a otod o paiz que d'ella se alimenta.

Registramos os dados que se deparam no exacto e excellente *Annuario* de Graciano de Azambuja :

Na safra de 1907 a 1908 as xarqueadas do Estado abateram as seguintes quantidades de gado vaccum (para fabricação de xarque, extracto de carne e conservas alimenticias);

Pelotas	142.214 cabeças	
Bagé	149.966 "	
S. Gabriel e Sodré	43.141 "	
Tupaceretan	16.846 "	
Santa Maria	25.500 "	
Paredão	14.000 "	
Porto Alegre	9.000 "	
Camaquam	1.500 "	
Rio Grande	8.200 "	
Jaguarão	14.600 "	
Livramento (Anaya e Irigoyen)	59.997 "	
" (Pastoril)	15.453 "	
Novo Quarahy (E. I. Calo e Comp.)	54.000 "	
Barra do Quarahy (João Peró e Comp.)	38.142 "	592.559 cab.
A matança no Rio da Prata (Estado Oriental e Republica Argen-Argentina) foi de		936.000 "
Total		1.528.559 "

As estatisticas do Uruguay costumam comprehender o gado abatido nas xarqueadas do Livramento e de Quarahy.

De 1891 para cá o movimento das nossas xarqueadas tem sido o seguinte:

					cabeças
Em	1891—1892	a safra	foi	de	502.181
”	1892—1893	”	”	”	428.295
”	1893—1894	”	”	”	536.552
”	1894—1895	”	”	”	295.467
”	1895—1896	”	”	”	211.111
”	1896—1897	”	”	”	350.759
”	1897-1898	”	”	”	374.901
”	1898—1899	”	”	”	287.366
”	1899—1900	”	”	”	297.690
Em	1900—1901	a safra	foi	de	264.902
”	1901—1902	”	”	”	472.378
”	1902—1903	”	”	”	472.554
”	1903—1904	”	”	”	481.506
”	1904—1905	”	”	”	412.347
”	1905—1906	”	”	”	548.177
”	1906—1907	”	”	”	661.768
”	1907—1908	”	”	”	592.559

Nos balanços da receita e despeza do Estado — os algarismos das quantidades de gado abatido nas xarqueadas são dados por annos civis e não por safras. Delles consta que se abateram em

	cabeças		*cabeças*
1898	362.033	1903	471.355
1899	276.440	1904	440.848
1900	283.079	1905	456.044
1901	300.376	1906	530.475
1902	398.807	1907	598.080

Estes numeros, porém, não representam a realidade. Para comproval-o basta dizer que, havendo em Pedras Brancas, municipio de Porto Alegre, trez xarqueadas em actividade, não consta nos quadros officiaes que ahi se tenha abatido uma unica rez. O mesmo com relação á xarqueada dos Tapes, no municipio das Dôres de Camaquam.

POPULAÇÃO

São sempre incompletos os dados que possuimos da nossa população, mal recenseada, apesar das tentativas feitas e dos calculos de mera approximação.

Aqui damos uma avaliação relativa ao Rio Grande do Sul, e tomada ao *Annuario* de Graciano de Azambuja:

“ Com os elementos deficientes em que vive a nossa administração, e na falta de recenseamentos regulares e periodicos, só ás apalpadellas e por meio de cálculos, muitas vezes enganadores, é que se póde avaliar a popu'açio do Estado. A repartição de Estatistica, servindo-se, com a necessaria cautela, dos resultados dos censos realisados em 1890 e 1900, dos coefficientes que tem obtido pelo registro civil (nos annos mais completos) e das entradas de immigrantes, apresentou para os ultimos dez annos a população calculada seguinte:

Annos	*Habitantes*
1898	1.233.995
1899	1.258.163
1900	1.282.312
1901	1.306.649
1902	1.331.016
1903	1.355.717
1904	1.380.954
1905	1.406.774
1906	1.433.109
1907	1.459.659

A differença entre a cifra calculada para o anno de 1900 com a apurada no recenseamento de mesmo anno é apenas de 133.242 ou 11,6 0/0, erro esse que parece ser inferior ao real.

O coefficiente de crescimento, que se empregou no calculo, foi o de 18 por mil, sem duvida muita moderado, podendo-se por isso admittir como muito approximados os algarismos acima apresentados. ”

Homens de côr no Brasil

Em o nº 5 do anno 1908 do *Globus*, (vol. XCIII), importante revista illustrada de Geographia e Ethnographia, editada, na Allemanha sob a direcção do notavel geographo professor Dr. Richard Andree, foi publicado um artigo assignado pela Sra. D. Augusta P. Moreira e que por seu interesse sociologico julgamos digno de ser traduzido :

"Logo após a descoberta do Brasil por P. A. Cabral em 1500, o Governo portuguez começou a remetter para os seus novos dominios as sobras de sua população. Assim, ao lado de alguns membros de familias fidalgas e de alguns jovens desejosos de fazer fortuna, as prisões da Metropole forneceram grande parte do elemento que começou a colonizar o novo territorio. Ahi encontraram, é certo, o elemento indigena. Pequenas tentativas foram feitas de aproveital-o, mas tão desastradamente o fizeram que dentro de pouco tempo não era mais possivel contar com elle. O Europeu em geral entendia reduzir o indigena á condição de escravo, não procurando jámais eleval-o á categoria de trabalhador intelligente. Certamente da ausencia completa de qualquer disposição legal que lhe limitasse as ambições, o Europeu deixava expandir livremente todas as suas más qualidades. E muitos delles tendo vindo das prisões, facil é imaginar a força destas más qualidades. Uma cousa, porém, é evidente : se porventura os indigenas resistiram muitas vezes á escravisação européa, as mulheres nem sempre conseguiram fugir á concupiscencia do colonisador. Os filhos destas primeiras ligações foram os primeiros exemplares da parte colorida mestiça da população do Brasil.

Logo no correr do primeiro seculo da colonisação resolveu o Portuguez importar da Africa pretos para trabalhar nas terras do novo dominio. Da quantidade de pretos transportados ninguem sabe ao certo, nem mesmo do numero dos que tenham vindo em navios que depois foram apprehendidos (ficando por conseguinte livres os infelizes transportados) não ha documente exacto. Parece certo que da India portugueza tambem foram transportados para o Brasil alguns escravos. Depois de abolido o trafego tambem é certo que diversos Africanos foram para o Brasil nos diversos navios de vela que até recentemente mantinham o commercio de productos africanos com o porto da Bahia. Ahi temos portanto os tres grupos ethnicos coloridos primordiaes no Brasil: os pretos de diversas regiões da Africa, os indigenas brasileiros e alguns filhos da India asiatica portugueza.

Mais tarde veio ainda um pequeno numero de Chinezes que em parte se incorporaram na população total. A população colorida actual é a resultante da mistura mais ou menos intensa destes grupos ethnicos entre si e com o branco europeu a principio exclusivamente portuguez, depois tornou-se mais complexo com a vinda dos Hespanhóes, Francezes, Italianos, Allemães, Polacos, Hollandezes, Suissos, etc.

Antes de tratar do resultado da mistura dos Europeus com os tres grupos ethnicos fundamentaes, digamos rapidamente alguma cousa sobre os caracteres geraes dos representantes do elemento verdadeiramente preto, isto é, oriundo do negro africano sem mescla de outros typos. E' evidente que a origem africana de um preto não dá a absoluta certeza de que elle não tenha nenhuma mistura com outros typos ethnicos, por isso que são bem sabidos os resultados das migrações dos diversos povos do Norte da Africa e da Arabia através o continente africano. Dahi provém por certo as grandes differenças entre os pretos africanos transportados para o Brasil.

Como quer que seja, o que é certo é que os pretos brasileiros, filhos de dois pretos africanos comparados com os seus progenitores, demonstram as mais das vezes quanto ganharam em seu contacto com povos mais adiantados. Sempre que se lhes offereceu a opportunidade para adquirir a devida educação, tem elles chegado a supportar a concurrencia com os brancos. E' assim que no Brasil se tem visto individuos pretos filhos de dois Africanos que se têm distinguido nos varios ramos da actividade humana, medicos, advogados, sacerdotes, pharmaceuticos, preceptores, negociantes, agricultores, etc. Existem no Brasil pretos tão bons como os brancos.

Apezar dos preconceitos de côr, muitos delles têm conseguido attingir boas posições. E' certo que para os cargos publicos ha para elles sempre a maior difficuldade em conseguir attingil-os. Onde quer porém que não sejam necessarias nomeações, elles têm conseguido o maximo possivel. No Estado da Bahia, por exemplo, entre os educadores de mais renome cita-se sempre o professor Florencio, que por suas qualidades especiaes de pedagogo tinha em seu collegio particular os filhos das familias brancas mais distinctas, muitos dos quaes occupam hoje posições invejaveis no mundo das lettras e das sciencias.

Entre medicos e advogados varios têm chegado a adquirir boa clientella, mesmo nas grandes cidades do paiz. Entre os sacerdotes alguns chegaram a boas posições de sua classe, levados por suas virtudes ou seu valor intellectual. Entre negociantes e agricultores tem-se visto prosperar os negocios e as terras de muitos pretos ao lado dos negocios e das terras dos brancos e mestiços.

Nas artes : pintura, musica e esculptura, têm elles dado diversos representantes dignos de nota. De igual modo nas artes chamadas menores, como joalharia, ourivesaria, etc., tenho visto manifestações da capacidade desta gente para esta ordem de trabalhos.

E' certo que em nenhuma das manifestações do espirito humano deram elles qualquer exemplar de reputação universal. Devemos meditar porém em que o numero dos individuos que possuem fama mundial, mesmo entre os brancos de todas as terras civilisadas, é relativamente pequeno.

Alguns Norte-Americanos que estudaram a questão negra naquelle paiz têm attribuido tres defeitos graves ao negro : imprevidencia, immoralidade e improbidade. Ainda que esta opinião tenha sido alli mesmo contestada por outros, vejamos no Brasil como se passam as cousas.

Imprevidencia — Apezar de ser este um defeito que com a indolencia tem sido assignalado em todos os povos nos primeiros degráos de desenvolvimento, admira que ella não seja ainda maior entre os negros, quando meditamos

nas consequencias dos máos tempos da escravidão. Ainda en 1852 escreveu o inglez Dundas em seu *Sketches of Brasil* : "A escravidão é uma fonte de males tanto physicos como moraes. O branco que consegue meios para adquirir um ou dois escravos abandona-se á indolencia por ser de uma raça superior e confia na sua subsistencia. Taes condições de viver e a falta de qualquer estimulo para prover a propria pessoa e o proprio futuro esclarecem muita cousa. Apezar disso sabe-se que muitos pretos ao mesmo tempo que trabalhavam para seus senhores chegaram a accumular quantia sufficiente para pagar a conquista da sua liberdade. A's mais das vezes porém o seu trabalho, não servia se não para augmentar a prosperidade do senhor, prosperidade da qual não podia por conseguinte educal-os nos bons principios de previdencia e economia. »

Proclamada a emancipação foram os pretos em sua maioria lançados a um outro genero de vida depois de uma existencia com trabalhos quasi forçados.

A vida anterior quasi os convenceu que o trabalho era synonimo de escravidão, tanto mais quanto os senhores, deshabituados a repartir com o trabalhador mesmo a minima parte do producto resultante das culturas, com difficuldade se dispunham a remunerar seus antigos escravos de modo um pouco razoavel, donde a difficuldade de se entenderem antigos servos e antigos senhores. Onde quer porém que o proprietario, prevendo a lei geral da emancipação, tratou de entrar em accôrdo com seus captivos transformando-os em trabalhadores remunerados, as cousas foram outras.

Pouco a pouco porém, á medida que o paiz se affasta daquelle periodo nefasto, os progressos entre os pretos se vão augmentando e a prova é que atravéz do paiz encontram-se hoje proprietarios pretos, tendo chegado a este resultado, não por acaso, mas por força de economia e portanto de previdencia. De tudo isso se conclue que a economia e a previdencia não são privilegios de nenhuma raça, mas sim o producto natural de uma cultura mais ou menos paciente, bom exemplo e o estimulo proveniente do meio em que se vive.

Immoralidade — O segundo defeito attribuido aos pretos é a immoralidade.

No Brasil até hoje não se referem casos analogos áquelles que na America do Norte têm dado lugar aos tão fallados lynchamentos. Nos tempos da escravidão muitas vezes ficaram as mulheres e filhas dos senhores muito ao alcance dos escravos e apezar disso não ha exemplo de nenhum facto em que este tenha abusado das circumstancias. Causa aliás admiração que com o regimen daquelles tempos, as mais das vezes não ficava ao escravo nem o direito de ter mulher legal e filhos e, muito menos, o direito de protestar contra a cupidez dos senhores em frente de suas companheiras e filhas. Admira que a moralidade daquelles que foram criados debaixo de tal regimen não chegasse ao mais baixo nivel. A vida dos senhores não era de ordem a dar melhor exemplo aos escravos. Até hoje no rosto dos milhões de mulatos no Brasil como na America do Norte está em sua maioria inapagavel a prova do nenhum escrupulo com que os brancos dominadores tratavam as mulheres pretas naquelles tempos. Mais forte portanto é a injustiça dos que pretendem estigmatizar no producto da concupicencia do branco com a submissão da preta, defeitos mais derivados daquella cupidez do que do pigmento desta. Culpas ana-

logas, se perpetradas por individuos brancos sendo as victimas as pretas, ficavam as mais das vezes impunes. Já se viu mesmo em paizes em que é habitual a justiça de Lynch contra os negros, um celebre cantor offender grosseiramente a moral publica e ser depois mais applaudido. Se com um preto tivesse occorrido facto identico, por certo uma pena exemplar ter-lhe-hia summariamente sido inflingida. Que a moralidade dos pretos em nada é inferior á dos brancos, ha entre outras a seguinte prova cabal : por occasião de uma revolta da guarnição de uma das fortalezas do porto do Rio de Janeiro contra um official instructor branco que inflingia máos tratos aos soldados, o primeiro cuidado dos revoltosos pretos e coloridos foi fazer retirar do interior das dependencias da fortaleza as familias dos officiaes, pondo-as assim ao abrigo de qualquer perigo. Nenhum attentado foi feito a nenhuma daquellas mulheres indefesas. A historia das revoluções nos paizes de população branca mostra que não foi este as mais das vezes o procedimento dos brancos diante das mulheres indefesas.

A influencia da educação sobre a moralidade dos individuos tem no Brasil uma prova cabal no facto de que pretos convertidos ao protestantismo, praticando os actos da nova religião com o rigor que lhes ensinam os pastores preoccupados em adquerir novos adeptos, são evidentemente de um nivel de moralidade digno de nota, por isso que com a conversão consciente á nova religião lhes penetraram no espirito beneficos preceitos de boa conducta. Se fôr aproveitado o exemplo na educação da gente que fôr surgindo, por certo dentro em pouco não se fallará mais na immoralidode dos pretos.

Emfim, em terceiro lugar a improbidade. Em Norte-America muito se tem fallado na falta de probidade dos negros em negocios. Dizem que ha entre elles uma tendencia a commetter pequenos latrocinios. Lá mesmo já se explicou o facto pela circumstancia da vida nas plantações ser a da quasi communidade, onde as distincções de propriedade não eram bem definidas, onde a differença entre meu e teu mal podia ser apreciada. No Brasil porém se verifica que entre os pretos o numero dos deshonestos não é absolutamente maior que entre os brancos nacionaes e extrangeiros. Os Europeus mesmo, que as mais das vezes quasi monopolizam o commercio a retalho das grandes cidades, enganam muito mais vezes o comprador preto do que este tenta enganar aquelles.

Em varios portos do Brasil o serviço de carga e descarga dos navios está a cargo de carregadores pretos chefiados por pretos. As companhias de navegação nacionaes e extrangeiras, assim como as grandes casas exportadoras, não têm contra esse pessoal maiores queixas do que nos portos em que o serviço é feito por brancos. Os pretos chefes daquelles serviços ha pouco citados, por sua probidade têm merecido a estima dos Europeus proprietarios das grandes casas exportadoras. Do mesmo modo se conhecem empregados inferiores de bancos, repartições publicas e grandes casas de negocio, não havendo queixa contra a probidade delles. E se uma vez succedeu que um empregado do Thesouro desappareceu com avultada quantia, não ere elle um preto nem mestiço delle : era até filho de dois Europeus. Reduzidas ás suas verdadeiras proporções os defeitos de que se tem feito maior carga aos pretos, não esqueçamos referir que no Brasil, como na America do Norte, uma

grande qualidade sempre se lhes notou : a fidelidade. Do mesmo modo que na America do Norte, durante a guerra de Successão, as mulheres e filhos dos senhores ficaram entregues á guarda dos escravos emquanto aquelles combatiam contra a liberdade destes, do mesmo modo no Brasil durante as guerras com os paizes extrangeiros muitas vezes ficaram as familias dos senhores em meio de seus escravos, sem que elles abusassem da ausencia do senhor. Esse modo de proceder é sem duvida uma prova em favor do seu bom caracter.

Numerosos são os casos em que pretos emancipados á propria custa continuaram a dedicar aos seus senhores a mais illimitada estima e fidelidade. Sei mesmo de casos em que reduzidos á pobreza os senhores tornaram-se pensionistas dos seus antigos servos. Em um destes casos contrastava de modo digno de nota a previdencia do preto com a imprevidencia de seu antigo senhor. Nesse caso nenhuma mistura havia com branco. E' evidente, pois, que os defeitos dos pretos não são maiores que os dos brancos e que por intermedio da progressiva influencia da educação elles desapparecerão : como elles têm qualidades boas, devem est as er approveitadas de modo a tornal-os membros uteis do agrupamento humano.

Occupemo-nos agora, ainda que superficialmente, do producto do cruzamento do branco com o preto, isto é, dos mulatos. Muito se tem discutido sobre a questão dos bons ou máos resultados deste cruzamento; mas aquelles que opinam que os resultados são máos, estudaram a questão muito unilateralmente e nunca verificaram as boas ou más qualidades dos pais. O Dr. Jul. Moreira, por exemplo, aproveitando duas longas estadias na Europa, procurou saber da sorte do ramo europeu não cruzado das familias de mulatos citados no Brasil como exemplos de degeneração mais ou menos accentuada. Entre outros verificou que no ramo europeu dos ascendentes de um mulato paranoico existia nada menos que diversos casos de imbecilidade e idiotia, sem que nenhum vestigio de cruzamento existisse em tal gente. Se não fosse essa e outras verificações, muitos casos continuariam a figurar na lista dos exemplos confirmadores da influencia degenerativa do cruzamento. Não citarei outros casos para não alongar demasiado este artigo.

A proposito desta especie de mestiços tem-se feito grandes generalizações, tão apressadas quanto erroneas, sobretudo depois que Gobineau publicou seus volumes sobre as inconveniencias do cruzamento. Encaremos porém a questão no Brasil e imparcialmente.

E' certo que o mulato sob o ponto de vista intellectual nada perde em geral confrontado com o branco. No Brasil, como aliás em outras partes do mundo, o numero de mulatos que se têm distinguido da massa geral dos seus compatriotas é muito grande para ser citada aqui por extenso : desde Gonçalves Dias, um dos maiores poetas brasileiros, e Rebouças, celebre advogado, Rebouças filho, notavel engenheiro e professor na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, Jequetinhonha, notavel estadista que mereceu de D. Pedro o titulo de Visconde daquelle nome, até Tobias Barreto, notavel jurista, philosopho, poeta e escriptor, autor dos *Estudos allemães*, dos *Estudos de direito*, etc., desde Tavares, medico da Côrte portugueza e de D. Pedro, depois honrado com titulo de Visconde de Ponte Ferreira, até Patrocinio, um dos melhores jornalistas da America do Sul, demons-

tram que a mestiçagem não é impecilio aos surtos da intelligencia. Aliás Alexandre Dumas senior, Lislet Geoffroy em França, Puschkin na Russia, du Bois em Norte-America e muitos outros homens notaveis já deviam ter convencido o mundo de tão evidente verdade.

No Brasil alguns dos colonizadores europeus, tendo reconhecido seus filhos mestiços, enviaram-nos ás melhores escolas do paiz e do extrangeiro. Assim Gonçalves Dias frequentou as melhores escolas de seu tempo e a somma de conhecimentos por elle domonstrados nas obras que deixou, evidenciam que assimilou o ensino recebido. Gonçalves Crespo, enviado ainda joven para Portugal, frequentou a Universidade de Coimbra, cujo diploma recebeu, tendo-se manifestado um dos melhores discipulos de seu tempo. Por seu grande merecimento chegou a ser eleito deputado ás Côrtes portuguezas. Tão grande é o valor de suas obras poeticas que a litteratura portugueza orgulha-se de possuil-as. Em todo os ramos de saber humano têm no Brasil os mulatos attingido lugar de valia. Nem se póde affirmar que depois de uma certa idade nota-se nelles uma certa parada de desenvolvimento intellectual. Se alguns delles, attingida certa categoria, não produzem mais quanto delles se esperava é pela mesma razão que faz com que os brancos em identicas circumstancias deixem de produzir. As condições de meio, estimulos attenuados, concurrencia menos forte ou falta della explicam o facto. Se nas Faculdades superiores, por exemplo, em vez do regimen do concurso houvesse o regimen allemão que obriga a estar sempre na brecha, por certo não succederia que chegado ao lugar de substituto quasi ninguem mais se esforce por dar cousa alguma de si.

Nos campos os mestiços não mostram o mesmo gráo de intelligencia que nas cidades; mas alli a instrucção é das mais rudimentares e o estimulo é nullo. Quem quer, porém, que tenha observado um europeu por vezes instruido diminuir a olhos vistos até nivelar-se aos naturaes convencer-se ha que circumstancias mui independentes da questão de raça occasiona o phenomeno.

Além disto, quem como eu tiver conhecimento do camponez em diversos paizes da Europa, verá, que o camponez branco e europeu em nada é superior ao camponez mulato brasileiro. A faculdade de assimilação no mulato para o que se chama progresso é accentuada: a adopção do melhor não é nelles demorada como em geral entre o europeu, as mais das vezes conservador em excesso.

As faltas notadas entre os mulatos na America do Norte, certamente já foram apontadas como existentes tambem no Brasil. A razão dellas quando existem estará na educação insufficiente da grande massa de tal gente. Uma prova evidente disso está em que filhos de europeus educados em identicas circumstancias são portadores dos mesmos defeitos. Tive occasião de observar um pequeno allemão, filho de dois allemães, que, tendo perdido o pai, foi educado entre gente mestiça de classe baixa. Em seu comportamento, em seus habitos não se differençava elle dos seus máos companheiros.

Em contraposição mulatos educados em meios melhores não se differençam dos brancos educados. Se alguma vez um mulato tiver descido ao mais baixo gráo de decadencia moral é precizo não esquecer que isso occorre não raramente entre brancos. Em ambos os casos deve-se muitas vezes procurar nos

antecedentes hereditarios do individuo as razões que preparavam o terreno para explosão dos máos instinctos. Já acima fallamos de que não sómente ao facto de mestiçagem se deve attribuir o apparecimento daquellas más qualidades. Os caracteres moraes do progenitor branco tem de por força entrar no balanço das responsabilidades.

Antes de passar a outra ordem de considerações devo eu ainda dizer que entre os mulatos ha toda uma gradação de côres e de caracteres anthropologicos resultantes das côres e dos caracteres anthropologicos dos progenitores. Do mesmo modo que estes factores variam de individuo a individuo é justo que variem os caracteres moraes, sendo herdadas ora de um ora de outro dos progenitores as boas e as más qualidades. Já que fallamos naquellas gradações de côres, devemos dizer que ao lado dos verdadeiros mulatos, filhos de pretos com brancos, ha uma serie enorme de productos de cruzamento de mulatos com mulatos, de mulatos com brancos, de mulatos com pretos, de mulatos com indigenas, de indigenas com pretos, de brancos com indigenas e de mulatos com os filhos destes dois ultimos grupos. A todos estes mestiços tem-se indevidamente chamado mulatos se são claros e se escuros pretos. Não ha razão para crear theorias a respeito da maior ou menor vitalidade destes productos, nem tão pouco da força degenerativa da mestiçagem. Que ha entre elles muitos typos evidentemente degenerados ninguem contesta, porém, que as mais das vezes o progenitor branco é o causador desta degeneração demonstram as observações do Dr. Jul. Moreira acima citadas. E' real que no periodo da importação de escravos o alcool representou um alto papel como elemento de troca e de suborno. E' assim que a esse tempo em Nova York existiram vinte e duas distillarias de Rhum cujo producto depois transportado para a Africa servira para ser trocado por escravos. E' evidente, portanto, que este alcool lá ingerido havia de representar mais tarde algum papel como productor de caracteres degenerativos nos descendentes de tal gente, tanto mais quanto além disso é sabido que nas fazendas de plantações nunca faltou na ração diaria do escravo a dose de alcool de cujo effeito estimulante estava convencido o senhor. Do mesmo modo explica-se tambem que as familias brancas dos senhores começaram igualmente a degenerar. Lancemos ainda uma curta vista sobre os caracteres do indigena brasileiro impropriamente chamado raça vermelha.

Quando o indiano encontrou-se com brancos possuidores de boas qualidades, mostrou-se muito accessivel e submetteu-se aos seus ensinamentos.

Desastrada foi em geral a maneira pela qual se tentou catechizar tal gente. Muitas vezes o missionario limitou-se a baptizar e casar os indigenas. Preenchidas estas formalidades, recebidas do indigena provas de mansidão, parecia ao missionario realizada a sua missão. Outr'ora os jesuitas fizeram aldeiamentos nos quaes ensinavam a cultura da terra aos indigenas aldeiados. Ha provas evidentes de que não foram, porém, muito largas as preoccupações de instruir tal gente. Nem ao menos se lhes procurou incutir a noção elementar da casa com o mais rudimentar conforto. Além disso, a tendencia que elles teem a se alcoolizarem não foi de modo algum contrariada. Nos aldeiamentos mesmo dirigidos por padres havia a nefasta ração de aguardente.

Sob o ponto de vista dos caracteres moraes uma cousa se verifica entre os

descendentes actuaes dos antigos indigenas aldeiados pelos jesuitas: é' um accentuado espirito de hypocrisia. Nunca se obtem delles respostas claras; o receio de fallar demais, o medo de comprometter-se domina-lhes o espirito. Tambem são desconfiados em excesso. Que estas qualidades provém dos seus antigos educadores temos a prova no facto de que os indigenas retirados em crianças do meio de seus pais e educados longe delles não apresentam aquelles caracteres.

Entre os defeitos attribuidos aos indigenas o mais forte é a preguiça. Mas, como já dissemos, a proposito dos pretos entre todos os povos naturaes têm-se observado o mesmo phenomeno. E' justo, por conseguinte, que elles tenham de passar por um longo trenamento através gerações e em condições favoraveis á modificação de suas qualidades innatas para que estes e outros defeitos desappareçam. Tambem aos mestiços do aborigene com os outros grupos ethnicos não se póde attribuir caracteres particulares: elles são sempre o producto das boas ou más particularidades dos seus progenitores. Naturalmente aqui podem predominar as boas ou más qualidades. Infelizmente os males que os descobridores introduziram no paiz descoberto, como o alcool, a syphilis, a tuberculose, etc., estão sempre produzindo a maior frequencia do predominio das más qualidades. Pertenço, porém, ac numero daquelles que tem esperança de que as forças regeneradoras hão de por certo attenuar os máos effeitos das forças degenerativas.

Finalmente ainda uma palavra sôbre os Asiaticos indianos ou Chinezes que vieram ter ao Brasil. Aquelles, porém, que por ventura se misturaram com os outros elementos da população, de tal modo se amalgamaram com estes que hoje muito longe se póde com grande esforço de argucia anthropologica descobrir traços destes antecedentes. Não vem, portanto, ao caso tratarmos delles em especial.

A parte colorida da população brasileira é, pois, recapitulando, um producto da mistura de: 1º indigenas brasileiros, 2º pretos de diversas regiões da Africa, em parte puros, em parte misturados com elementos asiaticos, arabes ou outros, 3º alguns indianos asiaticos e chinezes, 4º os cruzados destes tres grupos com os brancos europeus ou brasileiros. Os defeitos de alguns membros destes diversos grupos não são maiores do que os das classes menos educadas da Europa. As qualidades dos individuos estão sempre em relação com o meio no qual elles se desenvolvem, e aqui como em todos os povos ha uma infinita escala de typos e caracteres, e no Brasil como em toda a parte deve partir das classes mais abastadas o bom exemplo e um impulso salvador em prol da educação das classes ditas inferiores.

Extr.

Alberto de OLIVEIRA

POESIAS

1ª e 2ª series, edições da Casa Garnier.

A venda em todas as livrarias.

Passeio em rikishá.

Escada de pedra que vac ao tumulo do templo Shinto-Nikko

Gravuras extrahidas do livro de Mgr. Vicente Lustoza "Viagem ao Japão"

A CIDADE DE S. PAULO

SEGUNDA CIDADE DO BRAZIL — QUARTA DA AMERICA DO SUL.

Segundo um estudo publicado no *Estado de S. Paulo*, de 13 do corrente, pelo seu assiduo colloborador Sr. Paulo Rangel Pestana, cuja competencia neste assumpto está sobejamente provada, a capital de S. Paulo devia ter em fins de 1907 nada menos de 348.865 habitantes, tendo assim subido á posição de segunda cidade do Brazil e quarta da America do Sul, vindo logo após a de Santiago do Chile, como segue:

Buenos Aires	1.050.000
Rio de Janeiro	850.000
Santiago do Chile	360.000
S. Paulo	348.865
Montevidéo	305.000

Segundo os dados fornecidos pela Recebedoria de Rendas, o numero de predios da adiantada capital paulista tem tido o seguinte desenvolvimento:

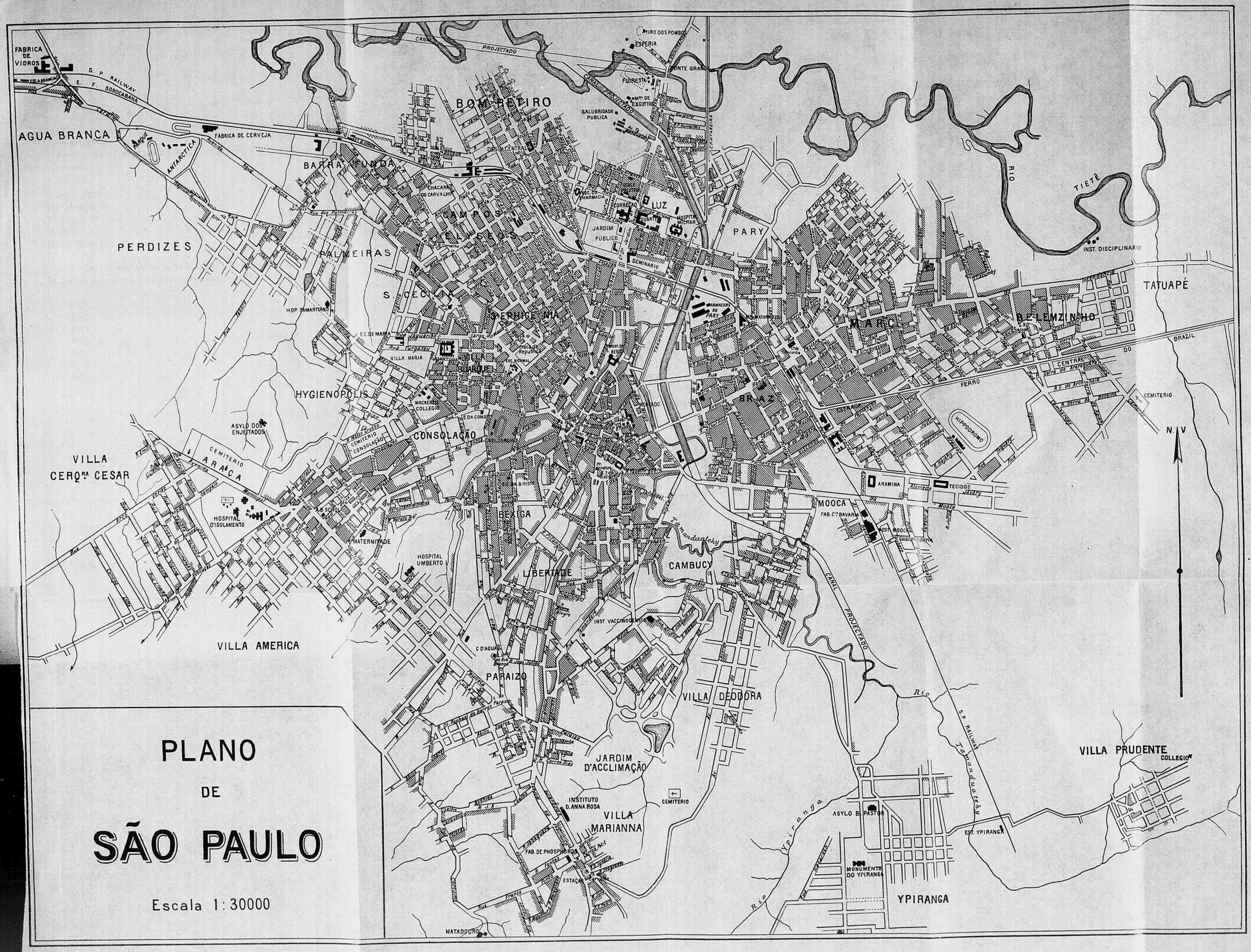
1900	21.656
1901	21.723
1902	23.089
1903	23.949
1904	24.665
1905	25.976
1906	26.786
1907	28.031

E' interessante notar que S. Paulo tinha em 1883 sómente 35.000 habitantes, pelo que se vê que a população decuplicou em 24 annos, tendo concorrido grandemente para isso a immigração de todos os paizes da Europa, notadamente da Italia, pois que é calculada a população italiana da cidade de S. Paulo em 130.000, a allemã em 10.000, a portugueza em 10.000, a ingleza e a franceza em outros 10.000, além da população de origem hespanhola, syria, etc.

Os que melhor dissertam sobre a virtude não são ordinariamente os mais virtuosos.

E' mais facil inculcar boas doutrinas que instruir com bons exemplos.

MARQUEZ DE MARICÁ.


PLANO
DE
SÃO PAULO
Escala 1:30000
AGUA BRANCA
FABRICA DE VIDROS
S. P. RAILWAY
E. F. SOROCABANA
FABRICA DE CERVEJA
PARQUE ANTARCTICA
BARRA FUNDA
BOM RETIRO
CHACARA DO CARVALHO
CAMPOS ELYSEOS
PERDIZES
PALMEIRAS
S. CECILIA
S. ERHIGENIA
HOP. SAMARITANO
VILLA MARIA
VILLA BUARQUE
HYGIENOPOLIS
MACKENZIE COLLEGIO
ASYLO DOS ENJEITADOS
CONSOLAÇÃO
CEMITERIO CONSOLAÇÃO
VILLA CERQ.ra CESAR
ARAÇA
CEMITERIO
HOSPITAL D'ISOLAMENTO
MATERNIDADE
HOSPITAL UMBERTO I
VILLA AMERICA
BEXIGA
LIBERDADE
INST. VACCINOGENICO
PARAIZO
JARDIM D'ACCLIMAÇÃO
INSTITUTO D. ANNA ROSA
VILLA MARIANNA
FAB. DE PHOSPHOROS
ESTAÇÃO
MATADOURO
CEMITERIO
VILLA DEODORA
CAMBUCY
MOOCA
FAB. C.ia BAVARIA
EST. MOOCA
ARAMINA
TECIDOS
HIPPODROMO
BRAZ
MARCO
BELEMZINHO
PARY
LUZ
JARDIM PUBLICO
SEMINARIO
HOSPITAL MILITAR
SALUBRIDADE PUBLICA
FLORESTA
ESPERIA
TIRO DOS POMBOS
PONTE GRANDE
CANAL PROJECTADO
RIO TIETÊ
INST. DISCIPLINARIO
TATUAPÉ
CENTRAL DO BRAZIL
FERRO
CEMITERIO
N. V
VILLA PRUDENTE
COLLEGIO
EST. YPIRANGA
ASYLO B. PASTOR
MONUMENTO DO YPIRANGA
YPIRANGA
Rio Ypiranga
Rio Tamanduatehy
S.P. RAILWAY
CANAL PROJECTADO

A LINHA TELEGRAPHICA DE MATO-GROSSO AO ACRE

São interessantes os seguintes despachos de dezembro de 1908, janeiro de 1909, do Tenente coronel Rondon, chefe da comissão construidora, endereçados ao ministro da Viação:

Conforme vos communiquei, em data de 5 de Outubro, da margem do rio Camaré, regressei ao acampamento da construcção para attender á administração da Commissão.

Encontrei a construcção á margem do rio do Sangue, que dista da ultima estação inaugurada em Ponte de Pedras apenas 17 kilometros.

Tenho esperança e muita confiança de, auxiliado pelos meus distinctos e esforçados companheiros de trabalhos, reanimar a construcção imprimindo-lhe nova vida, novas energias, dentro de breve tempo. Suspendi o serviço de reconhecimento que deixei no kilometro 795 a partir de Cuyabá, ou 129 se se contar do Juruena, para retomar o que no anno passado deixara á margem direita do rio Juruena, na latitude sul, 12 gráos, 50 minutos e 8 segundos, longitude oéste do Rio de Janeiro de 15 gráos, 57 minutos e 20 segundos. Aproveitei a opportunidade para lá chegar por novo rumo, traçando um novo caminho pelas cabeceiras dos rios que no anno passado atravessei já volumosos. Assim ficarão elles bem determinados e nova zona geographica bem explorada.

Além do Juruena, em reconhecimento atravessei o rio Zocozocoreza ou Formiga, na latitude 12 gráos, 51 minutos e 10 segundos e longitude oéste do Rio de Janeiro, de 16 gráos, 8 minutos e 48 segundos; o rio Juhina, na latitude sul de 12 gráos, 52 minutos e 10 segundos e longitude de 16 gráos, 11 minutos e 51 segundos; rio Primavera, na latitude de 12 gráos, 52 minutos e 31 segundos e longitude de 16 gráos, 24 minutos e 20 segundos; o rio Camararesinho, na latitude de 12 gráos, 54 minutos e 14 segundos e longitude de 16 gráos, 30 minutos e 12 segundos; o rio Camararéna, latitude de 12 gráos, 54 minutos e 14 segundos e longitude de 16 gráos, 41 minutos; rio Nhambiquaras, na latitude de 12 gráos, 42 minutos e 24 segundos e longitude de 16 gráos, 45 minutos e 46 segundos; Serra do Norte, ultimo acampamento, na latitude de 12 gráos, 46 minutos e 42 segundos e longitude oéste do Rio, de 16 gráos, 47 minutos e 12 segundos, kilometro 795, além do rio 12 de Outubro, na latitude de 12 gráos, 43 mimutos e 34 segundos e longitude de 16 gráos, 55 minutos e 2 segundos.

A expedição teve a maxima felicidade e exito completo até onde chegou.

Os indios Nhambiquaras, que habitam o valle do rio Juruena, fazem excursões frequentes até a Serra do Norte, onde encontrámos os seus vestigios. Já não nos atacam e resolveram aceitar os presentes que lhes deixámos na ida e na volta, em quatro das suas aldeias. Esses presentes constavam principalmente de machados, foices, enxadas, facões e facas, por ter eu notado que elles apreciam muito as ferramentas de mato, de que se utilizam nas roçadas, muito bem feitas e grandes, onde o machado de ferro, principalmente, foi applicado com muito proveito.

Penso, como já vos informei, que os primeiros machados foram adquiridos nos seringaes, nas frequentes sortidas

que elles por alli fazem por occasião das safras da borracha.

Supponho ter iniciado proveitosa negociação de paz com aquelles selvicolas, pois nenhum mal têm elles feito aos nossos animaes e soldados, quando são estes obrigados isoladamente a differentes serviços que lhes são confiados.

Se assim succeder sempre terá a commissão prestado o melhor serviço que se poderia desejar a esta zona, impenetravel até hoje, devido, especialmente, á opposição tenaz que aquelles indios até agora apresentaram aos exploradores que por alli tentaram enveredar.

Nas nossas pesquizas reconheci posteriormente ao telegramma que vos transmitti de Camararé, que os seringaes não apresentam nenhuma descontinuidade como eu suppunha, por me parecer que do Juhina para frente os seringueiros rareavam.

Descobrimos, marginalmente, á directriz da nossa exploração, abundancia desse precioso vegetal, sendo que na Serra do Norte, elle se apresenta em grande densidade em todas as matas que frequentamos.

Cousa curiosa, a Serra do Norte, sendo coberta de excellentes campos de criar, foi alli onde encontrámos os mais ricos seringaes que habitam as matas de todas as cabeceiras, grotas e quebradas existentes na mesma Serra.

Seringueiros.

Supponho ter transposto o divisor das aguas do Juruena e do Gy Paraná e Jamary, porque ao mesmo parallelo em que cortamos os rios todos, além do Juruena, o ultimo que atravessamos, isto é, o Doze de Outubro apresentou um valle muito mais baixo do que os anteriores, que são tributarios conhecidos do Juhina.

Essa duvida, porém, só poderá ser

ESTADO
de
MATTO-GROSSO

Escala de 1:11.572.500

Estado do Amazonas

Estado do Pará

Rio Madeira

Rio Gipurará

Rio Jamary

Cordilheira do Norte

R. S. Martinho

Rio Tapajoz

Rio das Tres Barras

Rio Cairary

Rio Fresco

Rio Xingú

Rio Araguaya

Rio Guaporé

Cordilheira dos Parecis

Rio Jurueña

Rio Arinos

Serra Azul

Rio Sumidouro

Diamantino

Rozario

Rio Manso

Rio Manso ou das Mortes

Serra dos Parecis

Matto Grosso

Rio Cabaçal

Rio Jauru

Livramento

CUIABA

S. Antonio do Rio Abaixo

S. Luiz de Caceres

Pocone

Rio Paraguay

Rio Guyabá

Rio S. Lourenço

Republica da Bolivia

L. Uberaba

L. Guahyba

L. Mandioré

L. de Caceres

R. Taquary

Estado de Goyaz

Rio Aporé

Corumbá

Bahia Negra

S. Anna do Paranahyba

Miranda

Rio Miranda

Serra de Amambahy

Rio Paraguay

Rio Apa

Serra de Maracajú

R. Iguiry

Rio Paraná

Estado de Paraná

Republica do Paraguai

Ilha das 7 Quedas

20°

15°

10°

resolvida, quando puder traçar completamente uma secção transversal no grande divisor existente sobre a Serra dos Parecis, segundo aquelle parallelo.

A interrupção do reconhecimento não permitte completar o estudo do traçado dessa parte interessante da grande zona desconhecida até ao Valle do Juruena.

A partir de Diamantino, a zona atravessada pela exploração é constituida por chapadões largos, que vão formando os degráos successivos do grande massiço denominado planalto dos Parecis de Juruena.

Para o poente encontramos tres zonas de vegetações differentes; a primeira constituida por grandes cerrados que se estendem até ao rio Primavera, a segunda constituida de uma vegetação média muito densa, impenetravel, conhecida vulgarmente na technica sertaneja pelo nome de Charravascal e que deverá ser em ponto maior semelhante a caatinga do norte, se estende do rio Primavera, á Serra do Norte, e finalmente, a terceira, na zona que avança dessa Serra para frente, é composta de grandes campos essencialmente appropriados á criação de gado, por ser toda formada de forrageiras especiaes e de primeira ordem, como não se encontram em outra zona do planalto matogrossense, e só excedidas pelas gramineas dos pantanaes do meio do charravascal.

Surge a fioresta que cobre as cabeceiras do rio Camararé num arco maior de 50 kilometros, que começa nas cabeceiras do Primavera até ás dos Inhambiquaras, todas constituintes daquelle rio sub-tributario do Juruena.

A zona geologica atravessada, segundo opinião do geologo Carnier, parece ser uma continuação das camadas da Serra da Chapada e por isso pertencer ao periodo devoniano, sem que todavia pudesse elle bem precizar o assumpto por falta dos fosseis, apezar da potographia local corroborar com abundancia de dados aquella asserção.

Barão de Capanema, 2 — Tenho a satisfação de vos participar a inauguração, hoje, da estação de Barão de Capanema, homenagem que esta Commissão presta ao primeiro Director dos Telegraphos. Esta estação ficou estabelecida á margem esquerda do rio Cravary, sub-tributario do Jurema. distante de Cuyabá 420 kilometros e da ultima estação inaugurada a 62 kilometros. A Commissão, de 15 de Maio de 1907, em que começou seus trabalhos em Cuyabá e Caceres até hoje, isto é, em 20 mezes de serviço que effectuou de campo, executou 2.084 kilometros de reconhecimentos na região Parecys e Nhambiquaras, na Planalto de Parecys e Serra do Norte, para escolha do melhor traçado da linha-tronco, que se dirige para o Madeira com rumo á capital do Acre; explorou e levantou 750 kilometros de estrada; determinou 40 posições geographicas de pontos importantes, sendo em sete estações a latitude obtida pelo telegrapho electrico; executou 720 kilometros de nivelamento normal da directriz da linha tronco e ramal, de 725 kilometros de linha tronco e ramal, solidamente assentada em diversas regiões, muitas das quaes consideradas pestilentas e inhabitaveis; abrio em mattas e outros terrenos adjacentes do valle do rio Sepetuba estrada de 171 kilometros, com córte da serra dos Parecys, para accesso ao grande planalto, serviço preliminar que teve de executar para o estabelecimento do trafego de caminhões, automoveis, em cima da serra, na zona entre a aldeia Queimada e Juruena, onde está empregada, para esse fim, uma estrada de

rodagem de 464 kilometros, que visa substituir a tracção animal na zona em que a forragem local, além de pessima, é difficil. Construio-se sobre o rio Guaporé uma ponte de aroeira lavrada com ferragens solidas e encontros de alvenaria, tendo 25 metros de vão; construiram-se tres casas para estações do Porto Esperidião Pontes e Lacerda e Parecys, além dos ranchos provisorios para as installações nas estações Ponte de Pedra e Barão de Capanema; reconstruio-se o palacio em ruinas dos Capitães Generaes da cidade de Matorosso, para a installação telegraphica daquella cidade; construiram-se 9.600 metros quadrados de estirados e pontilhões para transpor riachos, que a linha atravessou; estabeleceram-se duas duas balsas com cabo de aço para passagens dos rios Sepetuba e Sacre, na linha tronco, além de um numero consideravel de varadouros, e foi-se obrigado a abrir para retirar postes, mattas em redor; estabeleceram-se tres grandes depositos de viveres e material em seis galpões, que se reconstruiram em Uatepirapuam, Aldeia Queimada e Juruena; construi-se, finalmente, a secção de Diamantino a esta estação inaugural.

A Commissão considera perdido o tempo que decorreu de Agosto a Novembro de 1908, por ter a peste aphtosa atacado o gado do municipio e por contaminação ao do acampamento, o que determinou a suspensão dos trabalhos nesses mezes. Embora a fome, que pela cessação brusca de meios de transporte bateu á nossa porta, continuando a lutar não só com os elementos como principalmente com a antipathia dos homens, mais perigosos do que os miasmas que vão envenenando o nosso organismo, dia a dia, a Commissão se considera, entretanto, feliz e recompensada de todos os soffrimentos que tem experimentado no cumprimento do dever, por ter conseguido estabelecer um *modus-vivendi* com os audazes indios Nhambiquaras, que até hoje foram tidos injustamente como anthropophagos, resultado obtido sem perseguição, e, o que é mais, sem a profanação brutal das suas aldeias, como nestes ultimos tempos tem sido commum em diversas explorações no interior do paiz.

A Commissão congratula-se comvosco por esse auspicioso motivo e vos apresenta respeitosos cumprimentos de bons annos no dia da consagração da nossa patria á confraternização universal.

Livraria GARNIER

LIVROS DE JURISPRUDENCIA

Annotados pelas maiores glorias da magistratura brasileira.

Idolo Santo

Idolo casto e santo de bonança
A quem consagro todo o meu affecto,
Por quem minh'álma vive na esperança
De ter o seio de illusões replecto...

Em troca apenas do teu grande affecto
Tudo logo se faz, tudo se alcança,
Sim, só por ti, meu coração inquieto
Vive sonhando um sonho que não cança...

Idolo casto, idolo casto e santo,
Que suavisas os meus males eternos
Dando-me a olhar as dobras do teu manto;

— Eu... entre os homens, tu... junto de Deos, —
E' como si, do fundo dos Infernos,
Eu te visse pairando sob os Ceos...

Rio — 1 1908. PORFIRIO SOOARES NETO.

O REFEM

Passára-se numa dessas pittorescas fazendas dos sertões do norte.

Havia dias que o Ferreira, — José Ferreira de Castro Gomes — proprietario da fazenda, não logrova pregar olhos. Uma coisa lhe trazia os miólos em desordem — romper-se o seu açude. Ah! o seu soberbo açude, que estava aquelle mar, largamente cheio, represando agua por lugares nunca attingidos em epochas anteriores. Corria o mez de março, e o inverno chegava ao seu auge; era chuva e mais chuva, vazando de qualquer nuvem e cachoeirando por todas aquellas grótas. E o Ferreira via com assombro a crescente da cheia de seu açude, cujo sangradouro não bastava ja para lhe esgotar o immenso accumulo d'agua, tão escassa em outras eras. E a idêa de se lhe romper o açude, aquelle açude que lhe engulira tantos dias de trabalho de sol a sol e mais uns poucos de contécos, trazia-o realmente de caldos. Todos os que conhecem os nossos calcinados sertões, não ignoram a *cachacha* que têm os nossos fazendeiros pelos seus açudes — especie de seguro contra seccas. Abalançam-se ás maiores despesas para os construir, envidam os mais pesados esforços para os conservar; vestem-lhes as parêdes de capim, folleiam impiedosamente as formigas que tenham o atrevimento de abrir subterraneos por ali em roda; os acautelam de qualquer perigo. O do Ferreira era servido de um grande sangradouro e por ali vomitava agua aos borbotões; mas o corrego que lhe abastecia d'agua, não *apartava*, reforçando as cheias, e cobrindo com immensa superioridade as aguas que se lançavam pelo sangradouro. E a agua, ameaçadora, frangida de leve pela brisa, ia, a cada dia, ganhando mais terreno pela parêde acima...

*
* *

Ennoiteceu naquelle dia numa perspectiva medonha de aguaceiro, Relampagos flexando a caligem em jactos de luz vermelha; deflagrações ruidosas em seguida; barravam o nascente nuvens grossas e escuras, movendo-se pesadamente, tomando as linhas do horisonte. A lua, empolgada de instante a instante, de blocos errantes de nuvens, em avalanches, rolando pelo espaço deixava tudo ás escuras.

Um vento enregelador, em sôpros rijos, ia sacudindo os arvoredos, retorcendo-lhes os ramos. O Ferreira, acolá para um canto, macambusio, apprehensivo, physionomia amarrada, previa — coitado! — que si viésse *aquella*, com todo aquelle apparato, não eram cá quatro pingos, e seu açude... era uma vez. E as nuvens se acastellavam para todas as direcções, e os relampagos espirravam em caraçóes caprichosos... De repente, o Ferreira, como si fosse sacudido por uma móla, apanhou o chapéo, levantou-se bruscamente da sala, e mergulhou numa *camarinha*, donde sahiu logo, portas fóra, muito apressado, vista pregada no chão, com um objecto resguardado nas mãos, e enfiou pela vereda, marginada de capim, que ia dar ao açude.

D. Candinha, sua esposa, muito afflicta, o coração a bater, vendo-o aventurar-se por aquelle escuridão, quando — ave Maria! — as serpentes jogavam bótes nas veredas, espirrou pela porta do oitão, muito apprehensiva, chamando:

— Zesinho! Zesinho! por caridade volte p'ra casa! pois você, não vê, *home*, a noite como está?

Mas o Ferreira ja não a ouvia. Volvidos alguns minutos, esturrou pelos ares um ruidoso trovão, e logo uma grossa carga d'agua, aos repuchões violentos da ventania, estallou no telhado, alagando-o. O Ferreira voltou offegante, escorrendo agua, e D. Candinha acercou-se logo delle, muito cuidadosa, exprobrando-lhe o ter sahido a semelhantes horas, com aquelle tempo; que não acontecesse outra — Virgem Maria! — que ainda estou com um *baticum* no coração! em risco de morrer dum raio!... Entretanto, o Ferreira, aborrecido, com infinita tristesa, recolheu-se á cama, e naquella noite não mais sahiu.

A chuva redobrou de intensidade; as biqueiras parecia não comportarem o volume d'agua, que abria gotteiras, esguichando pelas frestas do telhado, e escorrendo pelo interior da casa, abrindo listrões de nodoa pelas paredes abaixo. Só alta noite a chuva foi escasseando. Pelas quebradas em roda roncavam as cachoeiras. Rezes urravam e chocalhavam pelo pateo; grillos, pelos pés das paredes, arranhavam o silencio num piado agúdo e insistente; o Carão furava os ares com o seu grasnado de taboca rachada, resfestelado muito a seu commodo, no olho duma veneranda barahúna; gallos *amiudavam*; sapos coaxavam ao longe pelos paúes. Uma ligeira brisa agitava as arvores, que salpicavam o chão de pingos grossos. O Ferreira, porém, mal dormitava. A cada momento como que passava-lhe pelos ouvidos um estrondo medonho, o desmoronar pavoroso de seu bello açude. Mas, logo tranquillisava-se, pois que não estava na parêde S. Benedicto, como um dique potente diante de todo aquelle mar? Porque era S. Benedicto o objecto que o Ferreira levava, quando sahiu. Elle, em sua simplicidade de matuto credulo e supersticioso, *pegára-se* com S. Benedicto, para lhe con-

servar o açude que talvez não suportasse mais aquelle *pe d'agua*. E o poséra ali na parêde, mastigando uma ameaça. — Ou vossemecê faz com que o açude se sustente, ou tem que quebrar os ossos pelos páus, na primeira *cabeçada* d'agua. — E deixou-o como refem no lugar da parêde, mais ameaçado de arrombar-se.

* * *

Vinha clareando o dia, quando em casa todos foram sacudidos por um pavoroso ruido, o sussurro gigantesco duma massa collossal que rolava com fragor. Era o açude. Partiu-se de meio a meio. A agua, em jacto cyclopico, levantára uma onda formidavel que rolava em turbilhão immenso, fazendo transbordar rios, corregos, regatos e outros açudes que ia apanhando em seu percurso victorioso. Atraz, ia ficando a desolação: roças devastadas, legûmes arrancados, capinzal acamado, animaes engulidos, pedras deslocadas, tudo dolorosamente esfolado! O Ferreira, passado o primeiro momento, praguejava com furia, maldizendo-se, espetando a gaforina com os dedos nodosos, coçando a cabeça com frenesi. Correu ao açude, que se evasiava ás carreiras, e, ali, surpreso, avistou S. Benedicto, que, muito impassivel, *encarapitado* num pequeno cocurúto de terra, ás bordas do boqueirão que se abriu na parêde, contemplava o espectaculo magnifico da ruptura do açude. O Ferreira desapontou. E achegando-se do santo, que reluzia, preto, retinto, invectivou-o — Negro! Negro, sempre é negro! E atirou com a imagem para a corrente, que galopava vertiginosa, pelos *baixios* a fóra...

Crato — Ceará. JOSÉ BENEVENUTO.

Sonho desfeito

Nao avalias, certo, que tormento
Soffri, quando perdi o teu amor:
Era (martyrio atroz!) cada momento
Um infinito seculo de dôr.
Nao achava repouso em parte alguma;
Sempre, ó céos! a tristeza dentro em mim...
Sempre o luto, a miseria, o inferno em summa!...
Ai! porque foste, cruel, ingrata assim?!

E comtudo eras só meu doce encanto;
Em te amar eu cifrava o meu viver;
A tu alma celeste, lirio santo,
Inundava de luz todo o meu sêr.
No céo, no mar, na terra, em qualquer par
Em que eu fitasse distrahido o olhar,
Havia de te vêr, de contemplar-te,
Adorada visão feita de luar.

Que delicias então me promettia
O nosso amor eterno e grande e puro!
Pensando sempre em ti, quanta alegria!
Quanto prazer, pensando em meu futuro!
E tudo se acabou, ligeiro sonho...
E tudo como a nevoa se perdeu...
E desse amor tão bello, tão risonho,
Só resta amargo fel no peito meu!...

Ai! continua alegre o teu caminho,
Voejando, a pousar de flôr em flôr;
Vae noutros corações fazer teu ninho,
Fique o meu a sangrar de intensa dôr.
Que te importa que eu soffra, si é florida
A tua estrada, alegre o teu viver?
Mas... nunca saibas o que é sêr trahida!
Ah! não saibas jámais o que é soffrer!

Fortaleza, 20 — 6 — 1908. LEAL JUNIOR.

MACHADO DE ASSIS

Carta a Fabio.

Amigo Fabio Luz.

Quando estive nos primeiros dias de Outubro conversando no Café-logeo sobre o valor de Machado de Assis, notei na roda dous rubros fanaticos, e logo vi de boa gentileza não fundamentar o juizo que, sinceramente, fiz e faço, do poeta, do romancista e do escriptor, mestre official dos artistas, dos artezãos da palavra, fóra e dentro da Academia Brasileira.

Guardei silencio de honesto commedimento, como de costume, quando vejo paradoxaes as minhas asserções; você insistiu em saber a causa intima do meu proceder, e eu dei de hombros, num mutismo desconsolado e triste. E todos me tiveram por um sujeito de idêas irreverentes e exoticas.

A' noite, por occasião de rezar o decorrido durante o dia, vi a necessidade de uma explicação, não já perante os nossos companheiros de ágape, no Café-logeo, mas diante de todos os que vivem de letras, por amal-as carinhosamente, ou por prostituil-as, ordenhando-as com brutalidade e impericia.

Adiei a explicação, que hoje venho dar.

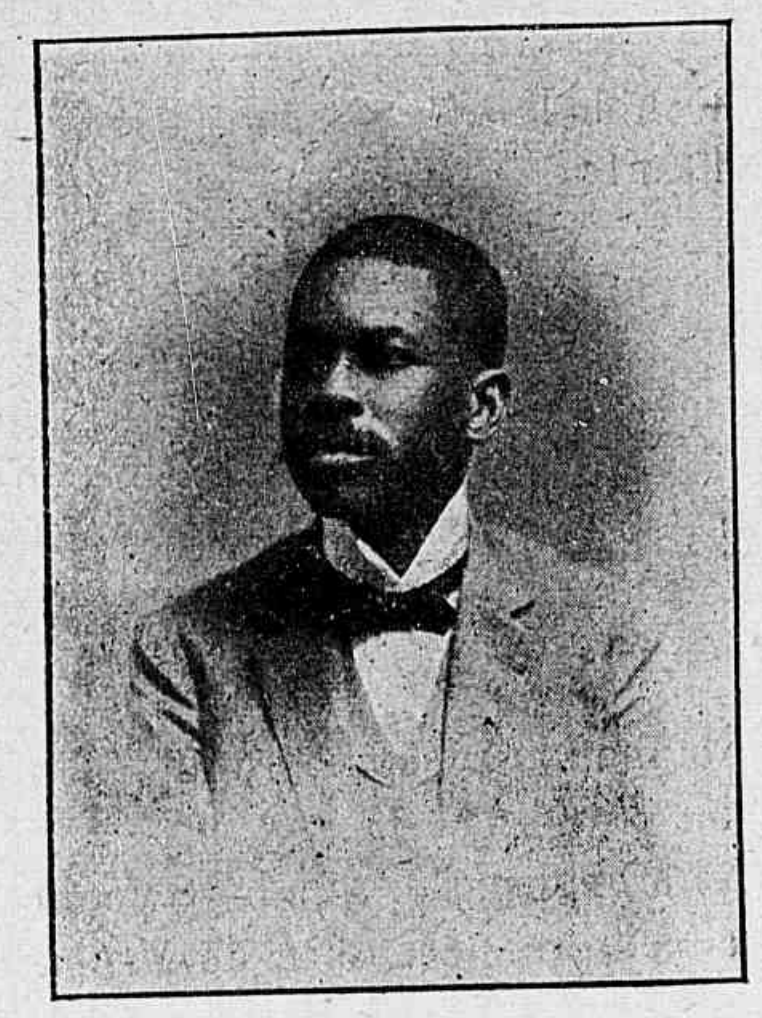
Tive sempre pela obra do Machado de Assis o sentimento que desperta o trabalho chinez de acurada paciencia em papelão, lata ou chumbo derretido: ephemero, porque a ausencia de fundo que se lhe nota não tem força de eternisar a fórma; passageiro, porque essa mesma fórma não se estima, e não se valorisa pela excellencia da construcção e pela variedade dos materiaes.

Machado de Assis não foi um observador fiel do nosso modo de ser, um psychologo, mesmo no corrente sentido desta palavra, durante a sua vida muito alongada, e sempre bafejada pelo carinho dos seus e pelo aconchego que sempre teve de estranhos, o que o elevou ás posições culminantes do nosso mundo burocratico e literario.

Nascido em junho de 1839, sendo pois mais moço de que Gonçalves Dias, apenas de 16 annos, com identica força que o preconceito dá para lutar; em um « meio

mais culto e tolerante, e tendo sobrevivido ao poeta brasileiro 44 annos, a bagagem que nos deixa é relativamente apoucada e pequena.

O problema do « negro » que assumiu em nossa vida de nação talvez um fulgor de bondade unico, sem igual, nem nos tempos antigos, pelos captiveiros de guerra, nem nos tempos modernos, pela escravidão colonial, não mereceu do romancista e do poeta senão pallidas e aguareladas pinturas tão timidas que claramente revelam que do artista primeiro partiam as



Hemeterio dos Santos.

idéas preconcebidas contra a sua côr e procedencia.

Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Gonçalves Dias, logo nos verdes annos, nas suas « Meditações », Manoel de Almeida, Agrario de Menezes, Trajano Galvão, Castro Alves, de tuba tronisonante, e tantos e tantos outros, não deixaram de molhar a penna nesse tinteiro de dôr e de vergonha nossa, sem fallar daquelles que, como o Vísconde do Rio Branco, Patrocinio. Arthur e Aluizio Azevedo, Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, Ruy Barbosa e varios em legião, juntaram a mente ás musas dada, ao braço ás armas feito.

As nossas guerras e as nossas questões externas resolvidas pela lutas pacificas e remansadas do talento e da diplomacia, não existem, para quem as procurar, nos livros de Machado, ou se existem, são simples episodios tenues e fugitivos de uma sociedade que morreu nascendo, ás mãos das Virgilias e Capitu's, e outras hetairas tolhidas de sua desenvoltura pelos casamentos interesseiros e sordidos.

E, no emtanto, bom foi de virtudes o lar em que Machado passou os primeiros annos da sua juventude.

Seu pae, o pintor e dourador Francisco José de Assis, era um artista intelligente e de alguma leitura.

Vendo que a carreira das letras podia retardar a collocação do filho em posto que lhe assegurasse a subsistencia antes de sua morte, era com viva dôr contrario á inclinação pronunciada de Joaquim Maria.

Sua mulher, D. Maria Ignez de Assis, não concordava; e, acompanhando a applicação apaixonada e teimosa do enteado, ensinava-lhe todas as noites, e ás escondidas, o pouco de suas letras, quando o marido ia discretear com o vigario de S. Christovão, onde moravam, ou ia com os companheiros jogar as cartas em familia e á puridade, conforme o costume daquelles tempos.

Bem depressa a bôa e inquieta madrasta, antes mãe cuidosa e caroavel, já nada mais tinha a transmittir ao menino; foi então que pediu ao forneiro de Madame Gallot, com padaria á rua de S. Luiz Gonzaga, que lhe ensinasse o francez, que depressa aprendeu a lêr, traduzir e falar regularmente, porque em dedicação o mestre corria parelhas com o discipulo.

Eu conheci essa bôa mulata velha, comendo de estranhos, com amor, e conforto maximo, chorando, porém, pelo abandono nojoso em que a lançara o enteado de outr' ora, nunca mais a procurando desde a sua mudança de S. Christovão, logarejo de operarios, para o opulento nicho de gloria nas Larangeiras.

Quatorze annos de paz a retiveram na casa de Eduardo Marcellino da Paixão, onde morreu, abençoada de todos, pela grandeza do seu coração, e por ter sido o anjo tutellar de Machado de Assis.

Pelo francez, se lhe abriram todas as portas literarias, e na casa de Paula Brito foi então recebido no convivio dos grandes

homens do tempo, — politicos, poetas, romancistas e jornalistas.

Viu tudo, e sentiu todo o passado nas palestras diarias da loja do « Canto »; foi collaborador da « Marmota » e de outras Revistas e producções que alli se editaram.

A sua poesia foi tão incolor, como os seus trabalhos ulteriores : desde o titulo chinez, até ao fundo, que sinceramente não lhe traduziu esse estado d'alma punjente e dilacerado, como se nos mostra, no juizo de todos os seus criticos e companheiros de arte.

Póde-se dizer que, exceptuado o admirado soneto á « Carolina », posto á frente das « Reliquias da Casa Velha » :

« Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia appetecida
E num recanto poz um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos da vida formulados,
São pensamentos idos e vividos, »

todas as suas producções foram um bello exercicio para formar o estimado prosador, de maneiras unctuosas e de uma « preciosidade » colleante e serpentina, que foi, em tão grande e tão comprido desenrolar de annos socegados e tranquillos, como não ha egual, nem nos tempos antigos, nem nos modernos, quer em Portugal, quer no Brasil.

Para no verso produzir poemas que os de sua raça — portuguezes, negros e mestiços — haviam traçado com o coração e o braço, teve exemplos desde o raiar da nossa vida para a arte da palavra, até aos nossos dias.

Em 26 de Março de 1535, um belga, Nicolau Clenardo, escrevendo ao seu amigo Latomus, notou admirado que em Portugal, e sobretudo em Lisboa e Evora, havia muitos negros que em numero excediam á população branca.

« Os escravos pullulam por todos os lados. Todo o serviço é feito por negros e mouros captivos. Ha em Lisboa uma tal quantidade dessa fazenda, que se acreditaria que excede em numero os portuguezes livres... Mas apenas puz pé em Evora, julguei-me transportado a uma cidade do inferno : por toda a parte via negros, raça que me inspira uma tal aversão que isso bastaria para me fazer abalar. »

Gil Vicente não desprezou o facto, e o poz de mil modos nas suas farças. E como o preto era o roubado, era sempre o expoliado, até na producção, porque os filhos logo na segunda geração lhe sahiam louros, isto é, já lhe não pertenciam, Gil Vicente tinha em cada negro um comparsa ladrão!

Ainda até mesmo nos romances populares, a musa do povo não se esquivou, não se vilipendiou de tratar do negro :

« Deu sete voltas a cerca,
Sem nada poder encontrar ;
Viu là entrar uma " preta ",
Que se estava a pentear. »

Oliveira Martins, na Historia de Portugal, não deixou de mencionar que, no reinado de D. Manoel, crescido e espantoso era o numero de negros no reino, conforme a estatistica do tempo; e as Ordenações tambem o registram pela maneira cuidosa de regular as reuniões dessa gente, que se incorporava á soeiedade pelo serviço que lhe prestava.

E porque Machado não quiz, dando lenitivo á dôr que o acabrunhava, levantar com os seus talentos a pedra que injustamente esmagou os seus irmãos de côr e de soffrer ?

Porque não teve, seguindo o exemplo do padre Antonio Vieira, o desassombro de dizer ao Sr. Graça Aranha, o pai infeliz do aborto « Chanaan », e de provar com os factos que a obra do portuguez e do negro, na America, é sem par no mundo, pela bondade e pela candura que ambos derramaram por toda a parte, nessa con-

strucção de amor e de tolerancia que se chama o Brasil?

A sociedade brasileira é sem modelo na historia pelos exemplos de altas virtudes constantes, multiplas e variadas desses tres typos que se irmanaram pelo sentimento, tornando-se um só espirito para a cultura do bem, desde os tempos de Vieira e de Gregorio.

Por que o inglez que tem largos dominios na America do Sul não faz um Brasil?

Por que se não impoz o hollandez á obra final da formação da nossa nacionalidade?

Por que não faz surgir das suas Guyanas, opulentas de vida natural, uma nova Hollanda que seja a supplantadora do Brasil — Norte?

Por que não faz a França uma Republica que seja a incarnação de todas as virtudes que prega, de toda a sua humana sciencia, e que traduza o idéal dos seus filhos nas uberrimas e auriferas terras do Orenoco?

Onde está a obra de aggremiação humana, bondosamente feita pela nebulosa Allemanha?...

Só imaginariamente na « Chanaan», que ficará como um thema certo de collegial experto e applicado.

A arte de Machado de Assis esgota as energias, não tem ella nem uma relação com o sentimento nacional que, apezar dos prismas pigmentaes, já se impõe naturalmente ao observador, porque primeiro não o excita e não o satisfaz.

E' uma arte doentia, de uma perversidade fria, não sentida directamente do meio, mas copiada de leituras pacientemente ruminadas, de romances francezes e inglezes, de almanacks que representam, para a vida dos amores e das conquistas, o mesmo papel que faz e fez, para a economia domestica, a vida do Bom Homem Ricardo de Benjamin Franklin.

Por ser mulato, Machado não tinha razão plausivel para desfigurar a nossa moral, simples e tradicional.

Um Calabar litterato, contorcido e fugitivo nos seus meandros enigmaticos, não é menos criminoso do que um Calabar que deserta dos seus pela porta da traição e do suborno.

O elogio exaggerado, que vai além do valor real, é um philtro tão subtil como o mel de abelha: empolga e envenena.

Mulatos outros o foram; e antes de os haver no Brasil, houve muitos algures e em Portugal; e por emulo de Gil Vicente se notabilisou o mulato Affonso Alvares que primeiro teve, na nossa raça, a verdadeira intuição artistica, vivendo e vibrando com os typos verdadeiros, e apanhados da massa popular, e não com os typos imaginarios, e não encontrados pelo ledor, ao descançar nos finaes dos capitulos e dos episodios de qualquer composição de folego.

O segredo da arte de Machado de Assis é primario e rudimentar: está num vocabulario minguado e pobre, repetido tão a miude, indo e tornando, passando incessantemente sobre uma mesma tonica, que o leitor acaba por adormecer.

Quem ler duas ou tres paginas de « D. Casmurro », « Braz Cubas » e « Memorial de Ayres », tem lido toda sua obra.

Esse odio disfarçado e felino que Machado teve para com todos, parentes e intimos, amigos e patricios, revelando-o, ora pelo silencio, que esmaga e annulla, ora pela creação de hetairas em época em que não as tinhamos em familia, porque a escravidão era o trabalho que conforta e a luxuria que allivia, teve-o elle sinceramente, ou foi uma simples e innocente ficção nevrotica?

Nas sociedades em desequilibrio, e em que a moral, de facto, ainda não igualou os typos varios que a compõem, já, porém, igualados pelas leis e pelos conceitos, as ligações de amor ou casamento obedecem a uma corrente uniforme, como as que, por impulso, se estabelecem maravilhosas na grande massa d'agua dos oceanos.

Machado assim não procedeu. Não cobriu e não amparou com a reputação do seu nome uma que fosse do mesmo cyclo de sua dôr, nem elegeu por companheira qualquer da roda aristocratica por educação, onde teve assento e carinhos singula-

res, e posição de mando, de director e chefe.

Para evitar encontros de Capitús' e Virgilias, Machado teve por consorte uma portugueza que puramente lhe foi pela vida inteira um clarão de singulares virtudes domesticas.

Ainda bem que foi uma portugueza, porque se houve, consoante com a sua obra, alguma offensa, esta não chegou a ser profunda e lacerante, por ter sido dos nossos o coração que o acolheu.

Muito tem sido gabada a fórma de Machado; e, no emtanto, nada talvez haja mais acoimado de imperfeições. E' banal — que as cousas nos ferem sómente pelo modo por que são ditas; pois o estylo está antes no valor das palavras, e nas suas relações orchestraes do que em qualquer outro artificio; não ha literatura sem lingua, como não ha estylo sem grammatica.

O nosso lexico é o mais rico de todos os dos povos civilisados. Elle se compõe de todas as palavras da baixa latinidade, accrescidas dos termos eruditos da alta litteratura latina, dos vocabulos asiaticos, porque nós fomos os primeiros a auscultar as civilisações e as religiões do Oriente pela penna observadora e assombrosa de Fernão Mendes Pinto e pela piedade e submissão de Francisco Xavier; de vocabulos germanicos e arabes que comnosco commungaram na Peninsula; pelos dizeres regionaes da Africa que foi lavrar primeiro o solo europeu e veiu depois desbravar a luxuriosa vegetação da America; dos vocabulos dos nossos indigenas e dos novos termos creados na sua convivencia pelos padres que primeiro os chamaram á civilisação; e finalmente pelos termos e expressões scientificas creados aqui e alli que immediatamente se ageitam e se accommodam, assimilados ao nosso diccionario.

Com estes elementos, o escriptor « cria novas palavras », usando as mesmas do fundo da lingua, infiltrando-lhes, porém, novos aspectos nas relações que entre ellas deve estabelecer.

Machado não o consegue: o seu vocabuario tem o resumido numero do de escriptor que começa, e a sua syntaxe geralmente se insubordina ás leis surprehendidas.

Por vezes parece um artista novel que se queixa dos instrumentos, torcendo-os e conformando-os a seu talante.

V. sabe, meu caro Fabio, que eu não aprecio exoticos que toquem flauta com o nariz, nem prodigiosos que, com os artelhos, corram o teclado do piano.

O abuso do pronome, á franceza, e á ingleza, e as repetições de um mesmo termo duas e mais vezes na mesma pagina, e outros descuidos serios, eu não os trasladarei para aqui, pois seria copiar qualquer dos livros de Machado.

Vc. sabe que não fui eu o inventor da grammatica que, por si só, é bastante, segundo Erasmo, para a tortura lançar na vida inteira de um homem, não deixando, entretanto de ser o desenho linear do litterato.

Não fui eu tão pouco quem primeiro viu que uma lingua sem disciplina denuncia, em geral, um povo sem cultura, e revela, na arte, um escriptor sem visão propria, falando sempre sob a infiuencia de emoções de outrem, já velhas, já sediças já banaes.

O « Braz Cubas » e « D. Casmurro », tanta vezes lidos e relidos, pelo autor, seriam um bello tratado das miserias humanas; um « a b c » doirado para os mancebos libertinos, se não tivessem tantas e tão variadas incorrecções de fórma e de estylo.

Em summa, meu Fabio, como Vc. vê, o Machado não é um classico, porque não se inspirou directamente nos antigos; não é um romantico á provençalesca, porque lhe falta a bondade que é o amor para com os seus e um culto para as cousas do Além; nem ao modo da escola mineira dos Inconfidentes, porque não nos fez vêr, por um prisma todo seu, completamente novo, os successos que presenciou na sua longa vida de calma e socego sempre remunerados; nem na bitola dos de 1830, na phase de Porto Alegre, ou na de Gonçalves Dias, porque não soube aproveitar o grande arsenal de materias pacientemente accumulados por mais de uma geração, que

honrou a lingua, eternisando as cousas boas do seu tempo e da sua patria.

Adeus; Machado de Assis ficará na historia litteraria do nosso paiz ao lado de Magalhães que, apezar de branco, foi tambem roido pelas miserias da vida, pelos preconceitos vesgos e zarolhos que tambem roeram o creador de « Quincas Borba. »

Rua Barão de Ubá, 21
16 de Novembro de 1908.

HEMETERIO DOS SANTOS.

A CENSURA

... Uma das mais difficeis tarefas que se póde apresentar a desenvolver ao calculo e raciocinio do homens é, indubitavelmente, a de julgar a obra creada e as acções praticadas pelos outros.

Raro é o homem que, tendo em vista o valor do *raciocinio* e o poder de uma *consciencia* pura e inalteravel, póde affirmar da *consciencia alheia* sem vacillar em um ou outro ponto da thése que se incumbiu de defender. Tantos homens ha que tendo em vista tão magnifico sentimento de *consciencia*, resvalam num acto que póde ser julgado intoleravel perante a *sociedade*, mas sabemos que ha certas occasiões em que o homem, molestado, aborrecido, indisposto, póde commetter uma grande falta por se achar em pleno estado de inconsciencia, automatico mesmo, mas que, acordado o *sentimento puro seu*, vem-lhe o arrependimento : eis a razão porque se considera a obra da *censura* como uma das mais difficeis affirmações, que sómente se podem fundar, não na realidade dos factos (pois que nem sempre são a copia viva do que se sente), mas em hypotheses extrahidas de alguns actos do proprio sujeito, a quem se pretender censurar... Na verdade, ha, muitas vezes, casos que, em nosso entender, parece podemos julgar pelas nossas, as acções alheias.

No emtanto, não podemos affirmar com certeza, embóra comprehendamos mais ou menos a identidade dos factos que se desenrolam e que tomamos por base no nosso breve estudo psychologico d'aquelles que julgamos por nós mesmos, que os seus actos sejam praticados da mesma maneira que o são os nossos.

Todos os homens, sabemos, são eguaes exteriormente, já pela fórma natural, já pela similhança; porém no interior muitos são de tal modo deseguaes, que mal podemos julgar o seu modo de pensar pelo que mostra no seu trato e relações sociaes!

Quantos homens vivem muitas vezes alegres, com uma alegria e amabilidade fingidas, parecendo aos nossos olhos o cunho da seriedade, a fronte do civismo, o vaso da sinceridade, revelando a pureza do seu ideal, a grandeza do seu affecto, sem comtudo comprovar aquillo que mostram na parte externa com o que no fundo interno do seu coração se manifesta secretamente, traiçoeiramente, insondavel ao atilamento do nosso espirito e imaginação!?

... São os acréos !... são os infidos e falsetas !...

Assim é que se não póde manifestar todos os actos alheios, porque tambem

(como somos todos imperfeitos e ás vezes não temos momentaneamente a certeza do que fazemos) pódem ser manifestados os nossos, e a censura recahir mais pesadamente sobre nós do que aquella que por nós foi dirigida a outrem.

PEDRO PINTO D'AZ^do.

Cima da Serra, R. G. S. — Azulega.

Agua morta

Num recanto de serra, ao sol que arde e fuzila,
Prêsa a um verão brutal, terrifico e disforme,
Num recanto de serra, a agua soturna dorme
Indifferente a tudo, e estanque, erma e tranquilla.

Nem uma arvore perto ao vento dobra e oscilla!
E só no alto tristor do seu retiro enorme,
Vê os dias passar, e as noites vê, conforme
De dia fulge o sol, ou á noite o luar scintilla.

E assim distante, immota e assim, triste e parada,
Sempre em seu frio leito apathico e profundo,
Vê radiantes passar a natureza e a vida...

Vendo-a, crê-se estar vendo uma alma condemnada,
Condemnada a viver assim, longe do mundo,
Do rumor, das paixões, dos homens, esquecida!...

ULYSSES SARMENTO.

Judas

Ninguem ha, que ao lembrar o teu nome execrando,
Dentro d'alma não sinta um furor de procella...
Tamanho nojo inspira aos corações aquella
Traição que praticaste, ó Judas miserando!

Em tanto, experimento uma extranha e singela
Piedade pelo teu destino amargo quando
Pelas ruas eu vou, tranquillos, encontrando
Judas de chapéo alto e de flôr á lapella...

Esses, não soffrerão as maldições da Historia
E attingirão, alguns, aos pincaros da Gloria,
Sem que provem o fel da desgraça tyranna!

E tu, menos traidor do que esses Judas novos,
Para sempre serás na memoria dos povos
A synthese fatal da hypocrisia humana!...

AGRIPINO NAZARETH.

A tua mão

A tua mão, a tua mão pequena,
leve como uma penna
de ave sonora e mansa,
que vai a saltitar de França em França,
cantando alegremente
uma canção que ameiga o coração da gente.

Poisa essa mão divina,
quando a magoa feral, ás vezes, me assassina
e a descrença cruel os meus sonhos, consome,
sobre minha cabeça atormentada,
sobre meu coração, onde qualquer pancada,
por muito de vagar,
é uma letra bem clara de teu nome
que eu vivo a todo instante a murmurar.

Quando eu a vejo assim
branca, subtil e pura,
lembro-me d'outra, igual que vi numa esculptura
de uma Nossa Senhôra de marfim.

E' tão fina, é tão bella, é tão mimosa,
tanto perfume exhala
que eu tenho, ao vel-a, a idéa de uma rosa
delicada e aberta,
que a gente não aperta
para não machucal-a.

Uma vez — bem me lembro! —
fôra em pleno verão, pleno mez de novembro :
num dos ramos
verdes do bosque em flôr, por onde caminhamos,
encontraste a piar, mal ferida, uma ave
que fechaste, a sorrir, na tua mão suave.

E ella, subitamente,
tão de leve e de mansinho
nesse aconchego terno e quente,
vai se calando e se calou de vez,
porque na tua mão teve a idéa talvez
do seu macio e delicado ninho.

Quando eu a vejo assim
branca, subtil e pura,
lembro-me d'outra igual que vi numa esculptura
de uma Nossa Senhôra de marfim.

THEODORO RODRIGUES.

Sonhando...

Deserto é o leito e o coração deserto!...
Sonho... e o teu vulto no meio sonho vejo —
Paraizo de carne que antevejo
Da minha bocca palpitando perto!...

Abro os braços no ar num longo adejo,
Teu corpo em flôr contra o meu corpo aperto,
Tremo agitado, dos lençóes coberto,
Ardendo em febre no calor de um beijo.

Vejo-te branca... desnatada a coma,
A premer o teu seio no meu peito
Cheio de vivo e sensual aroma!...

Beijo-te o corpo e os teus cabellos soltos,
E exhausto accordo a sós, vendo no leito
Os travesseiros e os lençóes revoltos.

VIEIRA DA SILVA.

DO CRIME DE AMOR

. . . . . .
. . . . . .

Tomando subita resolução, intelligente como era, apóz a conversa que ouvira no dia antecedente entre o homem com quem sympathisava e que era o noivo de sua irmã, achando-o um desclassificado perante o seu conceito, ferida no seu amor proprio de rapariga educada, simples e circumspecta, notando a antipathia e desdem que lhe votava a espoza de seu pae, mesmo ãs vezes sua irmã, mais moça do que ella dous annos, uma especie de irritação intima fel-a seguir para o escriptorio de seu pae e bater discretamente á porta, gelada como se estivesse em pleno inverno europeu, rude e agreste.

— Posso entrar? perguntou suavemente.

Que sim. Ella obedeceu.

— Que desejas tu, Virginia?

Ainda muito impressionada, o advogado notando a sua pallidez, inquiriu o que havia.

A sua figurinha de *biscui*, muito mimosa, loura, fina, elegante, com a plastica digna de um pincel de Watteau, mais um typo ideal digno de uma vitrina, um *bibelot* de salão, com dignidade e orgulho respondeu mostrando, os dentinhos brancos como aljofares : « Quero saber quem sou; qual a verdade da minha situação!... »

Coube a vez de, ao Dr Alberto, julgar-se humilhado, empallidecer ligeiramente titubeando : « E's minha filha!... o que queres tu mais ? »

— Não basta!... quero, insisto, peço, rogo, inteira explicação que neste instante o senhor busca evazivamente descartar-se, não sei por quê. Nervoza rasgava o leque que tinha na mão, ao posso que viva contrariedade notava-se lhe no todo. Elle olhava-a surprezo, por nunca tel-a visto por tal fórma.

— Qual o direito de me arguires assim, como um juiz ao réu?

— O de, como primogenita, querer eu saber minha situação nesta casa, ou então retirar-me della!...

Altonito, quazi sem achar palavras, sophismou: Não vejo razão para tal desespero.

Uma rizadinha nervoza como espada ferina, doeu-lhe no coração.

— O que houve? E's amada, adulada, adorada por mim... o que queres mais? E's feliz na tua situação. Por que insistir em crer o contrario?

— Franqueza meu pae; cartas na banca. Quem era minha mãe? Verdade é verdade.

Engulindo em secco não podia responder de chofre.

Mediou-se um silencio breve, que a ella pareciam seculos.

— Diga!... implorou a moça sempre na mesma attitude. Sua actual mulher casou com o senhor já viuvo ou quando foi? Esta disse ao advogado mineiro que eu nascera de umas tantas travessuras, e que embora legitimada não tinha os direitos de minha irmã, visto ter eu nascido antes do seu casamento... Então... não passo de uma filha natural, sem familia, sem sorte, sem reverencia social, emfim, que, se ella ficasse viuva, a casa alheia seria a minha casa!... Que sina triste, pois não é? Que futuro me espera?...

Elle passou a mão pela cabeça grisalha e, procurando tornar-se senhor de si, assim fallou-lhe:

— Todo ser humano quando novo, é fallivel; desde que apaixonado, só vê o alvo de seus amores. Eu pequei; hoje tu és o remorso de meu acto, sobretudo neste momento. Eu porém legitimei-te, minha mãe era a tua melhor amiga, e ao casar-me com Suzana, ella nada ignorava a teu respeito. Tractava-te bem, embora se yisse a differença que fazia entre tu e Odette. Pobre filha!... Como eu te peço perdão por fazer-te passar como filha de minha mulher, quando a ella nada te prende, nada!... O ocaso pôz-te ao nivel das conveniencias de familia, pois bem, ella não é tua mãe!... Tua progenitora morreu ao dar-te a luz. Oh!... não me evoques tristezas infinitas... Ama-lhe a memoria e condóe-te de teu pae... Vês?... estou afflicto, nervoso, frio... Eu perfilhei-te antes de casar-me.

— Quem o affirma? perguntou tristemente.

— Eu!... a religião e a lei com a tua certidão de idade.

— E no caso de me faltar o senhor?

— Terás o dote garantido por mim que ali está n'aquelle cofre.

— Ella reflectiu e a sorrir replicou.

— Eu sou rica, meu pae... a educação que me deu constitue um dote... depois, se ficar orphã, trabalharei. Commovido, elle chegou ao peito aquella cabeça loura e beijou-a repetidos vezes a dizer: E's digna de mim... e sentindo que d'aquelle peito joven sahia um soluço oppresso, apertou-o ao coração com ternura enorme.

— Perdoa, filha, o mal que te hei feito deixando-me governar por tua

madrasta. Há espiritos como o meu, que fraco, e timidos para a familia, sintem-se sem coragem para reagir. Insensivelmente os olhos estavam humidos, e, desprendendo-se d'aquelle abraço divino, foi ao *movel* de onde trouxe uns envelopes. Um delles tinha estes dizeres : *Dóte de Virginia Acçôes* da *Divida Publica, ouro 30 contos.* Outro envelope guardava a sua certidão de idade já amarellecida.

Ella seguia-lhe os movimentos ainda com as palpebras molhadas.

— Tome, tudo isto, meu amor, do contrario se souberem do conteúdo, talvez desappareça. Aqui ella não se atreverá a pôr as mãos... guarda... guarda, no emtanto, póde advinhar.

Ella aceita a certidão delicadamente, não toca nas apolices.

— São tuas, é dinheiro teu, guarda.

— Sei!... basta-me, porém, a garantia de que tenho um pae, por tanto, sou rica, millionaria até !...

Elle olhou-a surprezo; o rosto trahia a grande commoção que algumas scenas de familia acentuam n'alma neste estudo psycollogico em que todos nós somos modêlos mais ou menos fieis. Mas ainda assim, o mundo é cruel, e escarninho. Diz como se não tivesse culpas: « E' uma filha legitimada. » Comtudo, dando por finda a conferencia, ella ergueu-se, e apertando ao peito o precioso documento sahiu com nobreza, ao passo que elle dizia vendo-a fechar a porta : « *Quanto ella é grande e eu pequeno !* »

INEZ SABINO.

MACHADO DE ASSIS, A. AZEVEDO E JOÃO PINHEIRO

De perdas grandes para o Brazil têm sido os ultimos tempos. Andamos infelizes.

Em primeiro lugar — Machado de Assis, dias depois Arthur Azevedo e João Pinheiro.

As letras e a politica foram atacadas de assalto pela morte.

De Machado de Assis, podemos dizel-o hoje, como o dissemos em nosso livro — foi um grande prosador. Pelo verso, pelo jornalismo, pelo conto, pelo romance, andou elle, mas conscienciosamente, a sua caracteristica principal — foi o manejo correcto, elegante e pessoal, da lingua.

Em todos os departamentos intellectuaes por onde perlustrou não foi, é claro, um mediocre. Não o podia ser. Mas, manda a verdade se diga, elle não teve um cunho determinativo, seguro, em nenhum d'elles.

No conto, dada a superficialidade de sua visão psychologica, dada a maneira leve e ligeira de apanhar e descrever os assumptos, Machado de Assis hombreia com os melhores da nossa lingua; no romance, não.

Não é, assim dizer, desconhecermos o seu grande talento, mas é ter-se amor á verdade, e melhor ainda — ter-se honestidade nas apreciações.

Para uma individualidade da ordem de Machado de Assis não são necessarios encomios exagerados : a critica justa exalta-lhe a valia.

Para que andarmos a conclamar que elle foi um genio; que foi elle um mestre em litteratura? Além de inveridico é soberanamente ridiculo. Deixemos aos estreitados por horizontes intellectuaes pequeninos, por covardia moral, a desfructavel mania do exagero. Este, em regra, só serve para provocar uma reacção, sempre perniciosa, por parte dos que não lhes acompanham os encomios.

Examinando com criterio, com logica, a obra de Machado de Assis; estudando-a no seu feitio e nas causas sociaes que determinou, vê-se claramente quão longe da verdade andam os seus thuriferarios.

Que se vê nella? Que psychologia della resalta? Como encarou elle os phenomenos de toda a ordem em que andou envolvido?

E estas perguntas difficilmente serão respondidas pelos seus exagerados admiradores.

Alheio a paixões inferiores, um critico que se não limite a ver se os pronomes estão bem collocados, se o verbo concorda com o sujeito, se os adjuntos adverbiaes estão elegantemente empregados, maneira apertada do commum da critica, ou que se não perca em affectar erudição, a maior parte das vezes de catalogo, um critico honesto só poderá responder ás perguntas acima postas de modo contrario ao que a maioria tem dito. De facto, leiamos com attenção a obra de Machado de Assis; analysemol-a com imparcialidade e teremos de dizer que nella só ha correcção e elegancia no dizer. A psychologia, Machado de Assis a tem, qual uma solteirona bisbilhoteira que está a par do que vae pela casa alheia.

Nenhum traço forte sobre as paixões humanas, individuaes ou collectivas, só e só, pequenas referencias aos achaques, aos *tics*, aos costumes dos seus personagens. E isto é a psychologia que se requer em um mestre? Aliás só a podem ter os que dispõem de cultura scientifica, e esta Machado não tinha.

Não é, pois, Machado de Assis um psychologo no rigor do termo. Da psychologia elle teve rudimentos, e com estes, e com o longo conviver dos homens, que a sua intensa vaidade e o seu scepticismo faziam-n'o delles apiedar-se, Machado de Assis, com seu talento grande de dizer, conseguiu parecer ser á maioria, aquillo que de facto não era.

Quanto aos phenomenos moraes e sociaes que em todas as cerebrações actuam, e especialmente nas mais desenvolvidas, Machado de Assis não mostra, em nenhum livro, delles ter siquer conhecido a existencia. Dir-se-hia que longe delles, isento de sua influencia, o escriptor se achava.

Ora, quando é sabido como a litteratura, as artes, reflectem o estadio de civilisação; quando é sabido que pelas obras d'este se póde até certo ponto reconstituir um periodo social, não se deve admittir que um escriptor da nomeada de Machado de Assis não deixe entrever em sua vasta obra nenhum signal do momento em que elle viveu.

Os factos sociaes são postos á margem, nem indirectamente mesmo elles se fazem sentir. Não será, como poderão allegar, propositadamente que o escriptor assim fez — primeiro, porque um espirito superior não foge calculadamente á corrente de seu tempo, ao contrario, procura dirigil-a; segundo, porque, admittindo-se que houvesse proposito em assim fazer, aqui ou acolá, Machado de Assis se trahiria, deixando entrever que lhe não era extranho o movimento que se operava.

Semelhante conducta seria condem-

navel em um individuo que houvesse attingido á culminancia, mas denotaria que por falta de mais larga concepção philosophica, por ausencia de maior descortino intellectual, assim elle agia.

Outro ponto de importancia é a philosophia de Machado de Assis. Houve quem o chamasse philosopho, pensador. Essa gente não sabe que é philosophia nem que é ser pensador. Barateiam os qualificativos. Será por *smartismo* ?

Agora é philosopho, pensador, estheta, espirito antigo, espirito grego, a torto e a direito.

Ora, philosopho, Machado de Assis, é o cumulo da toleima. Até com isto offendem o talento do notavel escriptor.

Para que elle seja annexado, como o será fatalmente, ao acervo dos bons escriptores da lingua portugueza, não é preciso esse ridiculo e desrespeitoso excesso.

Por sua grande cultura litteraria, por sua inegualavel maneira de dizer, por seu impeccavel amor á lingua, Machado de Assis será admirado pelos posteros. Suas obras serão lidas com cuidado, com carinho, pelos que prégarem a boa linguagem. E mais nada.

De seus romances não ha typos que fiquem, como os deixou Eça de Queiroz; não ha costumes de um povo, porque estes não os descreveu o escriptor; não ha paysagens a admirar porque estas não as pintou elle. Só e só, boa linguagem.

De Arthur Azevedo póde-se dizer, que morreu o mais conhecido dos escriptores brazileiros. Ninguem como Arthur gozou de tão vasta popularidade sendo sómente homem de letras. A leveza, a despretensão, a bonhomia, sem excluir a correcção, porque Arthur foi um dos mais correctos de nossos escriptores, fizeram delle amado do povo, que o lia com prazer, que o festejava.

Arthur, que era um talento forte, que dispunha de sentimento, de imaginação, podia ter dado mais, muito mais.

Como poeta, Arthur poderia concorrer com os mais acclamados hodiernamente. Quizesse-o elle, trabalhasse com amor e com constancia o verso, e sem duvida seu nome seria collocado entre os melhores. Como *conteur* tambem Arthur poderia mais ter feito. A facilidade de assimilação, a clareza de exposição, a elegancia sobria de linguagem, certo espirito de synthese, faziam de Arthur um *conteur* primoroso. Entretanto, o bello poeta lyrico, o *conteur* gracioso, foram suffocados pelo comediographo. Esta era a mania de Arthur. Por ella deixou de produzir o que era de esperar de seu talento.

A constante preoccupação do theatro, entidade morta, prejudicou assaz o Arthur. Querer dar vida a uma instituição em plena decadencia; por ella bater-se ininterruptamente, sacrificando por vezes seus creditos de estheta, foi o grande erro de Arthur.

Elle, que toda a gente affirma um bom, foi, entretanto, máo para si, para o seu nome.

Si todas as energias que elle empregou, improficuamente, fossem dirigidas no bom sentido, no sentido da fina e sã litteratura, Arthur Azevedo, com as grandes qualidades de espirito e de coração de que era dotado, ter-nos-ia deixado um espolio literario superior.

E sua obra não seria, como a de tantos outros, exclusivamente lida pelos intellectuaes.

A sua maneira, toda sua, natural, espontanea, insinuativa, maneira que lhe deu todo um povo como apreciador, teria delle feito o mais acclamado dos escriptores nacionaes.

João Pinheiro é o outro morto illustre. O abalo produzido pelo desapparecimento deste é muito mais intenso. Si no mundo das letras somos um povo rico de mentalidades pujantes, no terreno politico o inverso se dá. Não faltam a muitos de nossos politicos capacidade, mas lhes falta geralmente, orientação segura, vontade de agir e amor ao trabalho. A muitos de nossos politicos, se lhes pedirmos um bom discurso, um bem elaborado parecer sobre determinado assumpto, naturalmente os teremos, mas esses mesmos serão incapazes de uma acção governativa firme e util.

João Pinheiro, ao talento, ao estudo alliava uma vontade tenaz, uma força coordenadora, um destino social.

Sentia elle muito bem quanto tem sido desvirtuada a Republica, quanto os homens que a têm dirigido não a têm amado, provocando o estado de desanimo que os timidos, os irresolutos e os sem crenças affirmam diariamente.

João Pinheiro, que outra coisa não fóra que republicano, que á Republica tinha o amor dos convencidos, não podia sentir bem estar vendo o ideal politico de toda a sua vida conspurcado pelos que não o amam, pelos que o exploram.

A elle, papel importante estava destinado na politica nacional em breve, mas a fatalidade que nos vem esmagando atrozmente, o abateu.

Cegueira do acaso! Quanto individuo nefasto por ahi anda a fingir de director da opinião, mascarado de politico, prejudicando a Republica!

Companheiro de Julio de Castilhos na Constituinte, seu seguidor na politica de seu Estado, onde procurou applicar os preceitos basicos de nosso codigo politico, João Pinheiro teve destino egual ao do seu eminente correligionario.

No vigor da edade, quando as suas eminentes qualidades de espirito e de caracter se iam exercer em campo mais vasto, salvando a Republica do descalabro a que a tem levado uma politica de competições estreitas e de gastos loucos, o grande republico morre.

O abalo que a morte de João Pinheiro produz é consideravel.

A nós outros, republicanos radicaes, que maguadamente assistimos á deturpação do regimen republicano, a falta é consideravel.

Necessitavamos, em uma epoca de revivencia de habitos aristocraticos, supinamente ridiculos; em uma época, em que o clericalismo torvo e hypocrita tudo avassalla; em uma epoca, em que o esbanjamento dos dinheiros publicos está na ordem do dia, necessitavamos de João Pinheiro como o salvador da Republica em sua essencia.

São de hontem ainda os seus actos, moralisados, honestos e liberaes, interpretativos da letra e de espirito da Constituição, concernente á liberdade de consciencia. São de hontem ainda os actos referentes á elevação intellectual do cidadão, dando-lhe instrucção primaria, facultando-lhe dest'arte horizontes mais nitidos.

Destino implacavel persegue a Republica!

Não desanimemos; retemperemo-nos. Os fortes se fazem luctando. E os republicanos devem ser fortes para salvar a Republica.

As provações grandes por que vimos passando são uteis: fazem-nos mais decididos em sua defeza.

Sintamos a morte de João Pinheiro; choremol-o; mas prosigamos.

A Republica precisa de dedicações.

PEDRO DO COUTTO.

Minha mãe

Ha quanto tento, mãe, como em marmore grego,
Teu amôr entalhar no bronze de um soneto;
E embalde empunho o escopro e toda a força emprego
Para escodar poder o teu immenso affecto.

E luto e luto mais; luto impaciente e inquieto
Para alcançar o fim a que com amor me entrego,
E na febre voraz de que, então, me accommetto,
Saio extenuado enfim, vencido, exhausto e cego.

E ante o blóco disforme e tosco da Poesia,
Cae-me o rude cinzel da mão nervosa e fria,
Se o teu santo perfil a burilar me inclino.

Não consigo esculpir o teu amor augusto :
— Mas dentro da alma tenho erigido o teu busto
Como a esculptura ideal de um archanjo divino !

Fortaleza. MARIO LINHARES.

I

Tenho um desejo que até
Parece mais um gracejo :
Temperar o meu café
Com a doçura do teu beijo.

II

Roubaste-me o coração;
O coração te roubei.
Não peccaste, não pequei :
— Ladrão que rouba ladrão...

III

O céo é longe; é coberto
Por um segredo; — eu assim
Não penso : tendo-te perto,
Tenho o céo perto de mim.

IV

Amizade que começa
Com muito ardor, já se vê :
Logo se acaba, de pressa,
Como fogo de sapê.

V

Durmo : teu labio risonho
Dá-me um beijo... e dois... e trez...
Acordo : finda-se o sonho;
Tento dormir outra vez...

VI

Choras, choro; ris, eu rio.
E' facil a explicação :
— Ha telegrapho sem fio
Dos olhos ao coração.

FRANKLIN COUTINHO.

COMMERCIO EXTERIOR DO BRASIL

São do Serviço de Estatistica Commercial os seguintes algarismos, referentes á importação do Brasil, de Janeiro a Novembro de 1908, em comparação com os de igual periodo dos dous annos anteriores.

IMPORTAÇÃO

	MIL RÉIS PAPEL			EQUIVALENTE EM £		
	1906	1907	1908	1906	1907	1908
	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias
Janeiro	30.747:192$	49.554:341$	59.104:893$	2.123.211	3.151.992	3.697.904
Fevereiro..	31.282:286$	43.833:026$	48.901:151$	2.160.162	2.788.077	3.059.506
Março	37.798:073$	53.929:622$	53.677:327$	2.610.101	3.391.667	3.358.327
Abril	40.098:063$	50.892:593$	49 279:927$	2.631.435	3.184.100	3.083.204
Maio	38.196:903$	53.342:606$	42.460:389$	2.506.672	3.347.804	2.656.539
Junho	36.470:750$	48.472:726$	43.170:185$	2.393.393	3.035.857	2.700.947
Julho.....	38.581:800$	56.641:852$	46.150:487$	2.658.360	3.554.866	2.887.410
Agosto	42.571:473$	56.490:515$	44.198:682$	2.933.256	3.541.690	2.765.296
Setembro..	42.188:443$	55.402:266$	43 258:790$	2.906.864	3.473.462	2.706.490
Outubro ...	50.858:110$	59.866:055$	46 203:953$	3.240.438	3.753.321	2.890.756
Novembro .	49.026:453$	54.908:293$	46.570:011$	3.916.415	3.862.273	2.913.658
11 mezes ..	437.819:546$	583.333:895$	522.975:795$	30 .080.307	37 .085.109	32.720.036
Especies metallicas e notas de banco extrangeiras						
Jan. a Nov.	20.261:417$	66.485:753$	2.003:922$	1.373.733	4.201.861	125.375

EXPORTAÇÃO

	MIL RÉIS PAPEL			EQUIVALENTE EM £		
	1906	1907	1908	1906	1907	1908
	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias
Janeiro	63.039:413$	74.181:826$	63.101:306$	4.392.327	4.718.049	3.947.975
Fevereiro ..	59.235:414$	87.252:659$	61.511:837$	4.151.708	5.582.014	3.848.644
Março	63.760:017$	86.525:481$	57.635:409$	4.240.185	5.418.540	3.602.913
Abril	53.140:916$	82.575:569$	35.925:517$	3.374.956	5.170.916	2.247.932
Maio	44.624:177$	76.283:462$	49.366:571$	2.890.172	4.786.493	3.088.719
Junho	35.919:990$	62.916:524$	32.874:448$	2.167.137	3.941.688	2.056.734
Julho.....	40.902:340$	73.354:298$	42.345:846$	2.813.784	4.599.149	2.649.372
Agosto	63.245:426$	61.725:678$	64.861:896$	4.391.382	3 870.107	4.058.092
Setembro..	74.823:749$	64.471:062$	43.898:569$	5.051.056	4.062.106	2.746.519
Outubro ...	98.024:517$	74.867:196$	96.174:196$	6.252.433	4.708.583	6.017.149
Novembro .	118.356:546$	59.332:776$	76.534:270$	7.629.327	3.719.962	4.788.375
11 mezes ..	715.072:535$	803.486:531$	624.229:865$	47.654.467	50.577.607	39.052.424
Differença da exportação sobre a importação						
Jan. a Nov.	277.252:989$	220.152:636$	101.254:070$	17.574.160	13.492.498	6.332.387

EXPORTAÇÃO DOS SETE PRINCIPAES ARTIGOS

	NOVEMBRO			
	QUANTIDADE		VALOR EM £	
	1907	1908	1907	1908
Café, sacca	1.115.012	1.444.837	1.972.980	2 558.928
Borracha seringa, kilo	3.123.706	3.325.268	1.028.654	1.438.727
Fumo, idem	208.416	177.454	9.602	7.838
Assucar, idem	48.250	14.335.156	858	128.707
Herva-matte, idem	4.634.063	4.677.940	146.146	143.595
Cacáo, idem	2.560.591	2.722.357	214.150	112.501
Algodão, idem	593.686	525.840	38.063	26.385
Total dos sete artigos	—	—	3.410.453	4.416.681
Diversos	—	—	309.509	371.694
Total geral	—	—	3.719.962	4.788.375

	JANEIRO A NOVEMBRO			
	QUANTIDADE		VALOR EM £	
	1907	1908	1907	1908
Café, sacca	14.486.193	11.880.963	26.387.253	20.505.145
Borracha seringa, kilo	31.327.688	30.915.242	12.222.501	9.757.543
Fumo, idem	29.477.485	14.449.555	1.272.250	820.526
Assucar, idem	12.473.811	23.865.057	126.361	227.926
Herva-matte, idem	47.442.610	41.882.433	1.461.373	1.401.701
Cacáo, idem	21.146.473	27.696.584	1.770.445	1.791.062
Algodão, idem	26.474.800	2.815.414	1.634.611	175.657
Total dos sete artigos	—	—	44.874.794	34.679.560
Diversos	—	—	5.702.813	4.372.864
Total geral	—	—	50.577.607	39.052.424

Chá estrangeiro e chá nacional — Exportação de bananas

(*Paulo R. Pestana*).

Embora inunde todo o mundo com café, o Brasil não dispensa o chá para seu consumo, que augmenta de anno para anno. E' o que se verifica por estes mais recentes algarismos da importação em nosso paiz:

Annos	Kilos	Valores
1906	240.812	513:652$000
1907	271.450	637 254$000

Ora, porque havemos de mandar vir do Exterior esses 271 mil kilos de um producto que podemos obter das nossas fertilissimas terras? Porque havemos de despender no estrangeiro esses 637 contos de réis, quando com elles poderiamos enriquecer algumas regiões nossas, onde se dá bem a *Camellia theifera*?

Datam dos tempos coloniaes os primeiros ensaios de cultura dessa planta em nossa patria. Em fins do seculo dezoito, foi ella introduzida nos jardins botanicos de Ouro Preto e da capital de S. Paulo, por ordem do governo metropolitano. Desses logares se propagou por varias localidades mineiras e paulistas, aliás sem obter os resultados que singular fortuna garantiu ao café.

Segundo o chronista Azevedo Marques, as primeiras plantações regulares de chá em S. Paulo, devem-se ao marechal Aronche. Na sua chacara, situada no largo que ainda hoje conserva o seu nome, esse paulista illustre preparava tão apreciado producto, colhido das suas culturas.

Esse mesmo Estado de S. Paulo, que agora importa 48 mil kilos de chá por anno, já produziu bem regulares quantidades desse valioso genero. Itú enviava para os nossos mercados um excellente chá bem cotado. E no municipio de S. Bernardo ficou famoso o « chá da fazenda Murumby », que até 1890 se encontrava á venda na capital paulista.

Mas os paulistas não só possuiam tal producto para consumo interno, como tambem exportavam alguns milhares de kilos. Em 1878-79 chegaram a sair pelo porto de Santos, por cabotagem, nada menos, de 7.603 kilos, no valor official de 15:206$. Em 1886-87 essa quantidade já estava reduzida a mil kilos, no valor de 2:000$. Emfim, depois de 1890 o chá desapparecia da exportação do Estado, sob o peso da irresistivel avalanche de café, que monopolizou todos os esforços.

Quanto ao Estado de Minas Geraes, a cultura do precioso arbusto ainda existe. Tivemos a prova na Exposição Nacional : ahi figuravam dois expositores com amostras bem acondicionadas. Um delles era monsenhor Pereira de Vasconcellos, de Cattas Altas do Matto Dentro; o outro, o senador estadoal Ferreira Velloso, que mandou em bonitas latas quatro qualidades.

Mas em Minas não ha sómente culturas : ha tambem exportação. Em 1905 esta não passou de 222 kilos. Em 1907, porém, elevou-se a 11.807 kilos, segundo verificou a Recebedoria Mineira estabelecida na Capital Federal, que recebeu toda a quantidade mencionada. E' um facto que merece a attenção de quantos se preoccupam com o nosso desenvolvimento economico.

***

Conviria consagrarmos cuidados maiores a esse artigo, de largo consumo no universo. Elle poderia fazer a fortuna de muitas regiões, actualmente pobres, por falta de culturas rendosas.

Não pretendemos que, desde logo, nos tornemos grandes exportadores de chá, em competencia com a China, a India, Ceylão, etc. Simplesmente entendemos que podemos produzil-o para o nosso consumo. Este já se eleva a 13 1/2 grammas annuaes por pessoa — média bem notavel num paiz que é o principal productor de café, cacáo e matto, competidores do chá. Portanto, já temos ahi uma base

segura para a nossa actividade agricola dotar-nos com o unico producto que nos falta, d'entre os que encerram o mesmo precioso alcaloide — a cafeina.

Os direitos aduaneiros em vigor asseguram os mercados nacionaes ao chá que viermos a produzir. Um kilo desse artigo, importado, paga nas alfandegas 3$840, incluindo a quantia em ouro. Entretanto, o valor delle, a bordo, é de 2$362, papel, em média. Sommadas, porém, estas duas parcellas e accrescentadas as demais despezas, o preço commercial sóbe a 10$000 e 14$000, para a referida unidade de peso.

Mas, concedamos que um kilo de chá nacional não alcançasse mais de 2$000, como, antigamente, succedia em S. Paulo, quando não vigoravam as tarifas protecccionistas. Pois ainda, de tal arte, valeria mais do que um kilo de café torrado e moido, que, no varejo, se oblem por 1$000.

Ora bem! Si assim é, plantemos chá! Sim, plantemos chá! E' um negocio da China... em pleno Brasil. Mas si não fosse, pelo menos seria melhor do que plantar... batatas, como gaiatamente já nos aconselha todo o mundo, farto de tanto café...

***

Exportar bananas não será propriamente um negocio da China, porque não consta que façam isso os ceremoniosos filhos do Celeste Imperio. Mas é excellente negocio de *macaquitos*, como dizem os nossos zeballescos amigos da outra banda do Prata, grandes apreciadores de tal fructa brasileira.

Nos ultimos annos tem crescido extraordinariamente a exportação de bananas em todo o Sul do Brasil. E' o que mostram estes algarismos, extrahidos das estatisticas do nosso commercio com o exterior :

Portos	1903	1907
Santos.....	93.791 cachos.	339.505 cachos.
Paranaguá.....	182.486 —	692.537 —
Florianopolis.....	552.015 —	747.435 —
Outros.....	861.236 —	103.427 —
Total.....	959.528 —	1.882.904 —

De tal modo, a quantidade de cachos triplicou no Brasil todo. No porto que mais exporta, Florianopolis, o augmento foi menos de duzentos mil cachos. Em Santos, porém, as saidas multiplicaram-se por cinco, no curto espaço de quatro annos.

Nos dois annos mais proximos verificam-se estas alterações na exportação por Santos.

	1906	1907
Cachos.....	231.297	339.505
Valor	184:471$.....	372:010$

O municipio de Santos tem a sua principal riqueza agricola constituida de bananeiras, geralmente da qualidade chamada « anan ». Pela estatistica agricola

de 1904-1905, ahi existiam nada menos de 971.800 pés dessa musacea, que produziram 896.712 cachos. Em 1907 calculou-se que a producção montou a 1.601.600 cachos avaliados em 1,892:240$000.

Quasi todas as bananas que são remettidas do nosso paiz para o Exterior vão para a Republica Argentina e para o Uruguay. No emtanto, poderiam achar tambem bôa collocação na Europa, onde encontrariam preços convidativos.

Para mostrar a importancia que póde adquirir o commercio dessa fructa tropical, lembramos que, hoje, é ella o primeiro artigo de exportação da Republica de Costa Rica. Figura com um valor superior ao que cabe ao café, aliás bem cotado. Este, foi mesmo desthronado pela banana, passando para o segundo logar.

Em 1907, essa pequena nação centro-americana exportou 10.165.759 cachos, que, ao preço médio de 1$000 cada um, em vigor entre nós, formariam um valor total de 10.165 contos.

Tudo isso destinou-se principalmente aos Estados Unidos e á Inglaterra, que são os melhores freguezes das bananas costa-riquenses.

E' uma outra fonte de riqueza que precisamos regularizar e desenvolver, conquistando mercados na Europa. Nada mais facil. A Allemanha e a Italia, por exemplo, estão em condições de nos offerecerem um importante consumo, de sorte a assegurar a prosperidade de extensas porções do nosso litoral maritimo.

Notas *sobre o movimento do Correio brazileiro*. Temos os seguintes dados apurados em 1908.

As **linhas postaes** em 1907 eram 1691 com 2.934 estafetas, 126.704 kilometros de extensão, e 332.856 viagens annuaes. Funccionaram nesse anno 3.033 *agencias*.

O nº de objectos distribuidos foi de 265.160.000. Em 1896 esse nº foi de 40 milhões — a porcentagem de augmento foi de 653 0/0. — O nº de objectos postados subiu a 144.350.000 (mais 18 milhões que no anno anterior). O dos objectos em transito foi de 110 milhões (mais 12 milhões que em 1906).

As malas expedidas attingiram 2.220.000, as recebidas a 2.490.000 e as em transito 18.295, verifica-se um augmento de 1.380.000, sommando 6.090.000 ou 16.682 em média por dia.

Valores. — O total dos incluidos nos objectos distribuidos attingiu a 93.500 contos, isto é, quasi 160 por cento sobre o do anno anterior (47.000 contos) e 610 por cento sobre o de 1896 (14.500 contos).

Os objectos postados com valor continham 110.800:000$ ou mais 31.600:000$ que no anno de 1906.

Vales postaes. — Foram emittidos 152.700 vales internos na importancia de 24,249:000$ e pagos 140.600 no valor de 20.247:000$. Comparados esses algarismos com os do anno anterior (17.180 contos e 18.295 contos) verifica-se um augmento de 44 por cento na emissão e 10 por cento no pagamento.

Em 1896 a emissão não passou de 1.200 contos e o pagamento de 3.200 contos sendo as porcentagens do augmento snperiores respectivamente a 1.900 por cento e 540 por cento.

A importancia dos vales internacionaes emittidos attingiu a 1.800 contos e a dos pagos a 109 coutos.

No primeiro caso ha uma diminuição de 16 por cento e no segundo um augmento de 10 por cento.

Encommendas (colis) — O numero das expedidas (537) foi superior 10 por cento e o das recebidas (61.100) foi inferior 75 por cento ao do anno anterior.

LIVRARIA GARNIER

Obras de CONAN DOYLE, de WALTER SCOTT, de BALZAC, de WELLS.

Calalogos gratis

A uma desconhecida

Não sei se ephemero, ou perenne... Ignoro
Qual a longevidade do meu sonho...
Lyrio, que a tarde morna como um tóro,
Pende á propria haste, languido e tristonho,

De onde surgiste assim, triste e pendida,
Do varandim, que leva a tarde cuteira
Bebendo-te o ar dos labios, onde a vida
Se sorri como a flôr de larangeira

Desabotoa o calice de neve :
Cheio de sonhos, suggestões e aromas;
Serena abelha de aza rubra e breve
Sobre o favo nupcial das tuas pomas.

De onde te abriste ao sol, em ti parado
Como um beijo de luz voraz e immenso,
Tu a quem o thurybulo doirado
Da tarde queima todo o seu incenso?

Em que pensas, que queres, ó creatura?
Debruçada em teu sonho, o olhar absorto,
Como uma garça extatica na amura
De um batel ancorado em manso porto...

Quem te deu á scismatica belleza
A luminosidade alva dos luares,
Essa entre humana e mystica tristeza,
Essencia de recónditos scismares?

Audorinha do idyllio, acaso pensas
Noutros caramancheis, noutras estancias,
Onde haja um culto para os tuas crenças,
E haja uma bocca pàra as tuas ancias?

Tardio e melancolico viajeiro,
Chego, e ao lumiar da porta hoje te espero...
Apenas presentido, esse teu cheiro
Já me abranda o cansaço de Ashavero.

Como a estrellinha do Pastor, sorrindo
No alvo sorriso tremulo de prata,
Aos olhos dos tres Reis, que a estão pedindo
A esta ideal, a esta azul cupola abstracta;

A' orla da estrada, espero-te o levante,
Como o da Vesper no cairel da esphera;
Venho de longe, célere e offegante,
Só por ti, só por ti, ó primavera...

Cae a somha... vasqueja o azul... desmaia...
Na hypertrophia de oiro do poente, arde
E rola vagaroso o sol... Da praia
Do horizonte a luz vaza e foge á tarde...

O' creatura intangivel... utopia,
Que eu vejo, sinto, amo e quero presa;
Que me lacéra e que me acaricia
Em todas as feições da natureza;

Fica assim, debruçada e pensativa,
Resumindo em ti todo esse infinito...
Deixa, como num céo, minha alma esquiva
Adormecer no teu silencio afflicto...

Como um budha fechado em sua prece,
Como um lyrio a scismar dentro do luar,
Fitando-te, minha alma permanece,
E tu te ficas a cheirar... a olhar...

Antes que a auréola irial da venus nasça,
Coife a faiscas o vértice do monte;
Antes que a prónuba e sonhadora graça
Do luar prateie todo aquelle horizonte...

E, num amplexo de oiro, o alto Cruzeiro
Recline o céo nos luminosos braços,
Antes qne, á noite, o orvalho alviçareiro
Mitigue ás flores os vernaes cansaços;

Cruzeirinho de lyrios e sorrisos
Pões-te a tremeluzir, pões-te a brilhar...
Em pensamentos vagos e indecisos,
Em desejos, que a tarde faz lembrar...

Num extasis piedoso de madona,
Ahi ficas á varanda... Nem escutas
O gemido da terra, que resomna
Sob o manto das flores e das fructas...

Em que scismas? que aspiras? ó creatura,
Enigma de ti mesma... Inquiro... Ignoro...
Que sei? Tu és toda a minha desventura,
E a unica illusão que eu quero e adoro.

Como os austeros bhramanes do Oriente
O olhar no azul perpetuamente fito,
Na minha ancia de ver-te — ancia demente —
Hei de ser tempo afóra um infinito...

THEODORICO DE BRITO.

Vicente de Carvalho

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flor das ondas nos parceis do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surgis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente cresce;
Passa; afasta-se; e como appareceu, assim
Desapparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da agua no açude de um pomar,
Passais desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai! Quasi cousa alguma:
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de alguns flocos de espuma
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

(*Poemas e Canções*).

Cartões postaes

Móra no seu olhar o fluido mysterioso.
Que a deusa do Prazer ha muito, em vão, procura:
Fital-a é, não ha duvida, extraordinario goso,
Mas possuil-a seria a suprema ventura.

***

Acho este postal pequeno;
Pois nem espaço lhe vejo
Para dizer-vos sem pejo
(Oh! moço de olhar sereno),
O que contem de veneno
A eterna historia do beijo
Que este chromo representa...
A verdade não se inventa,
Não é, pois, conto inventado: —
— Um beijo dado *na hora* (1).
E' perigoso, senhora,
Por tanto, muito cuidado.

***

Pela *Fé* o soffrer olvidamos,
Nossos sonhos embala a *Esperança*,
E a suprema ventura se alcança
Quando em gosos o mundo ideamos.

E p'ra os homens de bôa vontade,
Para os que a virtude praticam,
Suas almas, oh! sim, dignificam
Quando fazem qualquer *Caridade*.

(1) Locução popular, equivalente a *com correcção* (nota do poeta).

***

Chamais-me em vossa missiva
Poeta, e versos meus pedis.
Vossa ordem imperativa,
Crêde, tornou-me feliz.

Para attender vosso mando
Percorreria o universo,
Bellas rimas procurando
Para enfeitar o meu verso.

Porêm, máo grado a vontade
De vos servir a contento
Não sahe um verso, quem ha-de
Curar-me deste tormento?

Perdão, senhora, eu supplico
Com os joelhos no chao,
De não ter um verso rico
Para enviar-vos, perdão.

***

Neste cartão postal, talvez, minha senhora,
Com flôres de setim e fundo assaz dourado,
Sinto que se desprende o sonho enamorado
Dos vossos ideaes, ridentes como a aurora.

***

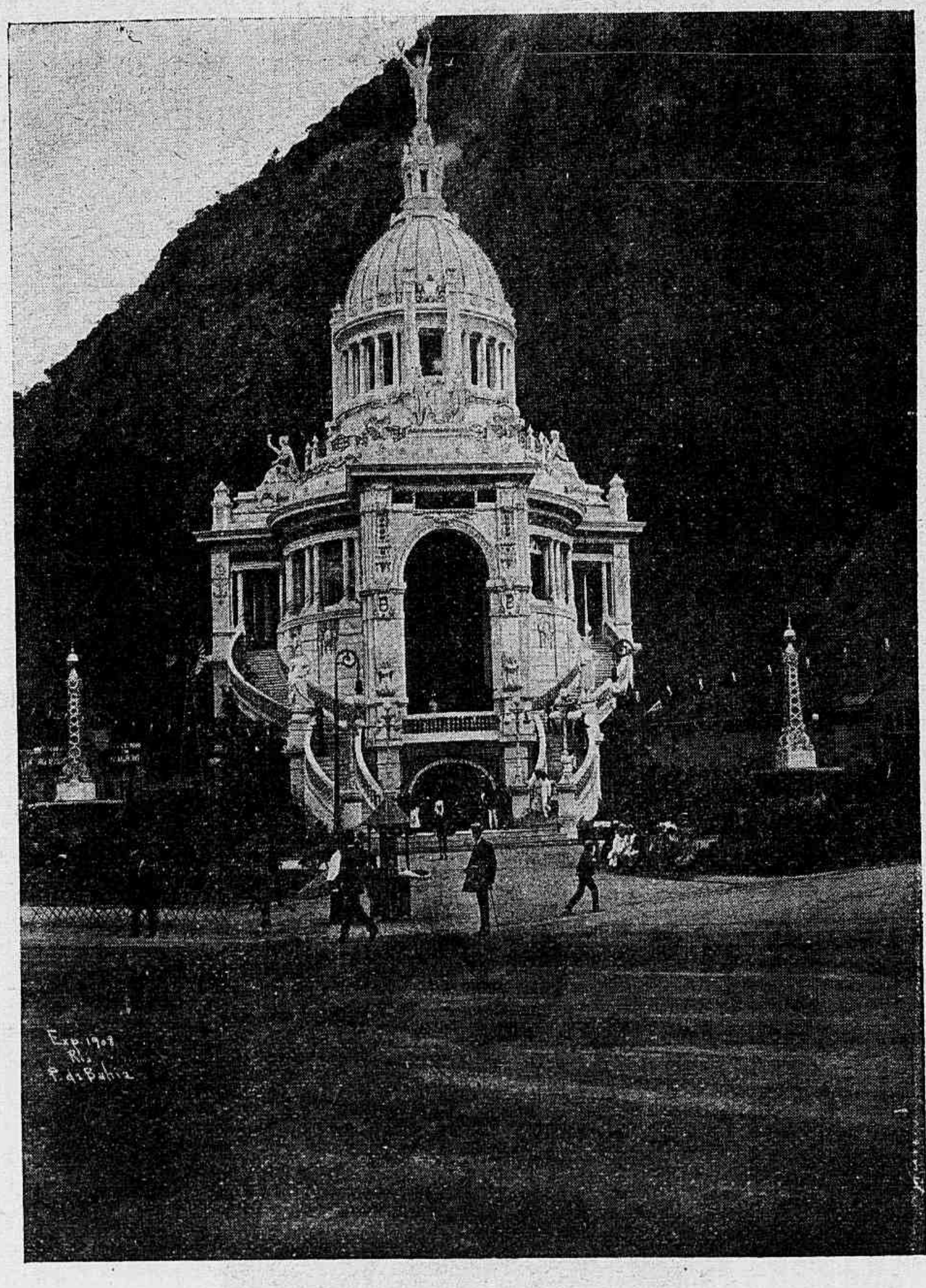
Em todos os postaes que se me enviam
Arguta observação pude fazer:
— E'que aquelles que mais sobresahiam
Tinham sempre uma effigie de mulher!

ADHERBAL DE CARVALHO.

Adherbal de Carvalho.

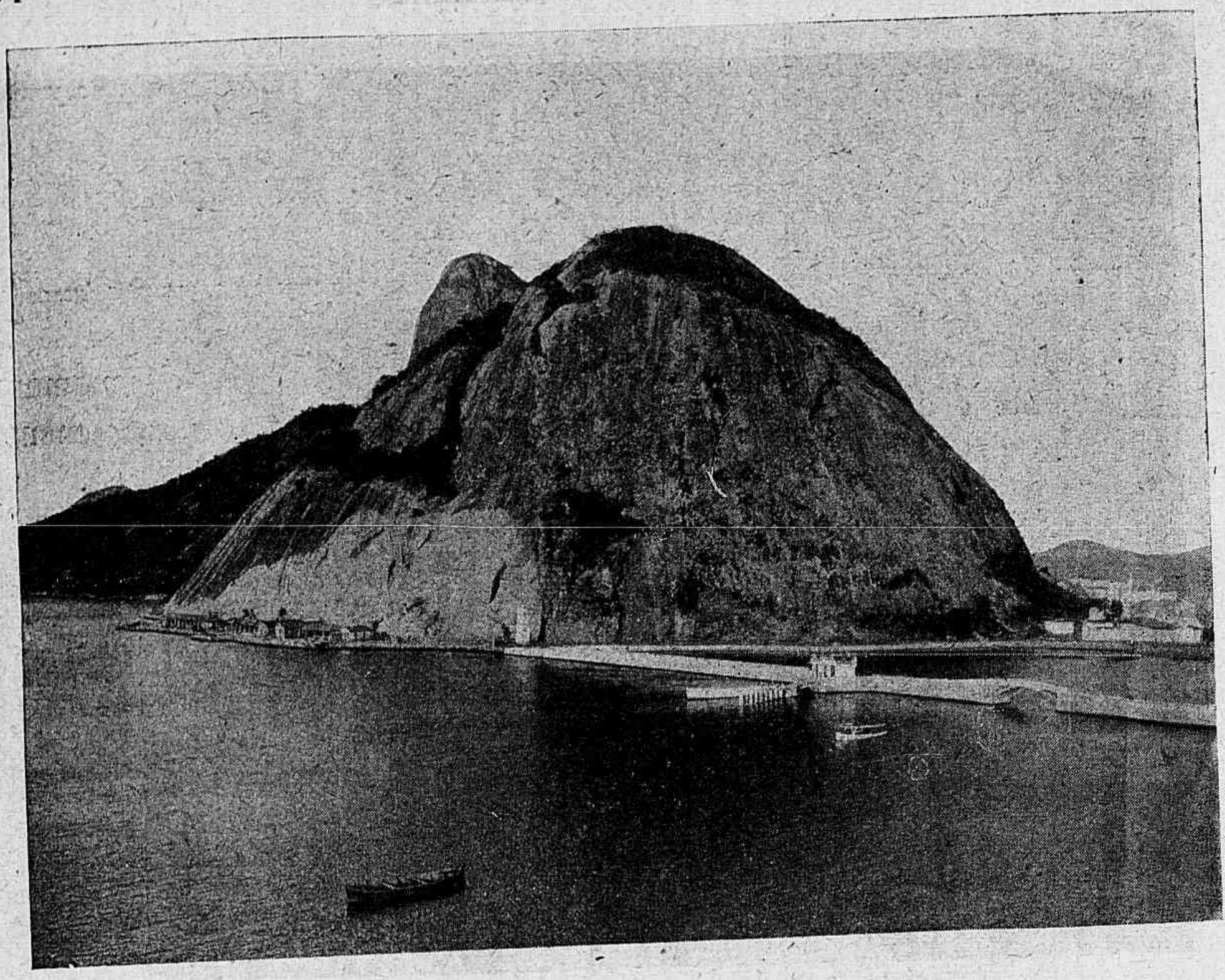
Exposição nacional de 1908

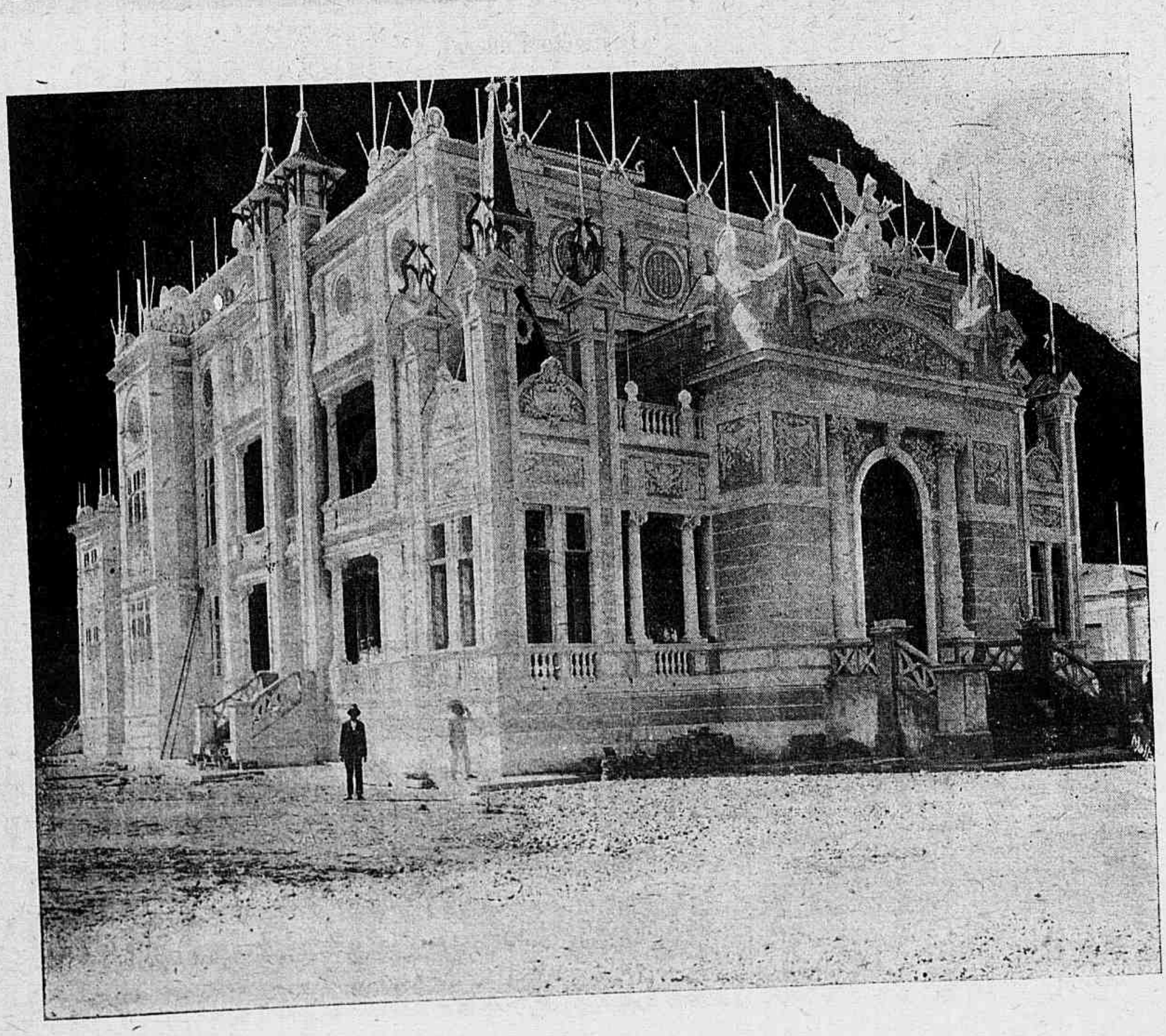
A idêa da Exposição Nacional de 1908 nasceu da desejo de commemorar solemnemente o centenario da abertura dos portos brazileiros, data memoravel e acto que devemos ao ministro de D. João VI, o immortal Cayrú.

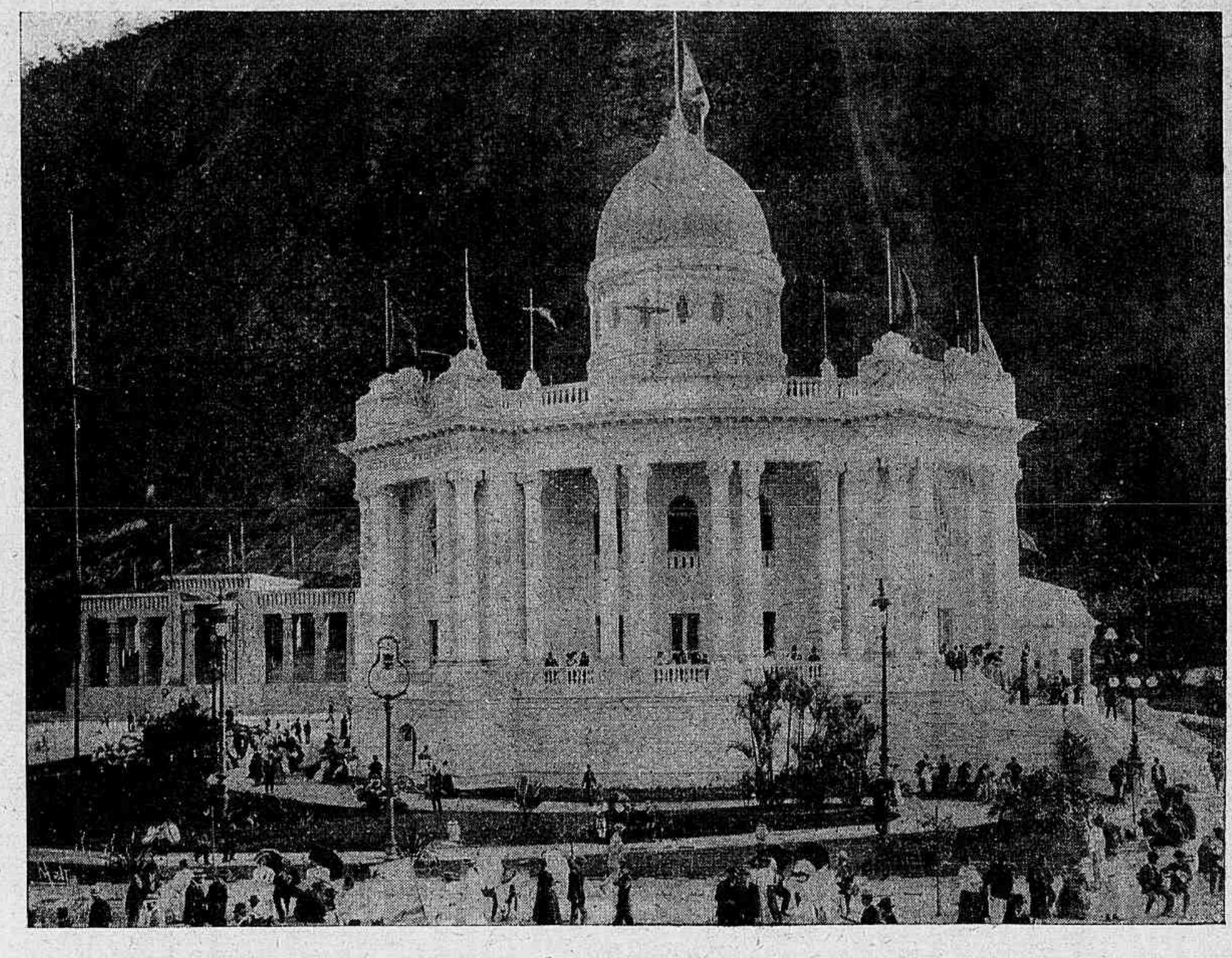


Palacio da Bahia.

Era esse o ensejo mais conveniente e opportuno de verificar os nossos progressos realizados em um seculo de vida autonoma em todos os ramos da actividade nacional.







Districto Federal.

Palacio de Portugal.

Foi escolhido, apoz maduro estudo, um dos mais bellos locaes no formoso bairro aristocratico de Botafogo. A pequena planicie que se estende entre a bahia de Botafogo e o oceano, limitada pelas alturas pittorescas da Urca, Pão de Assucar e Babylonia, era o lugar, de facto, indicado pelos condições que em conjuncto offerecia á realização do grande certamen.

A Exposição foi exclusivamente nacional, abrindo-se todavia uma excep-

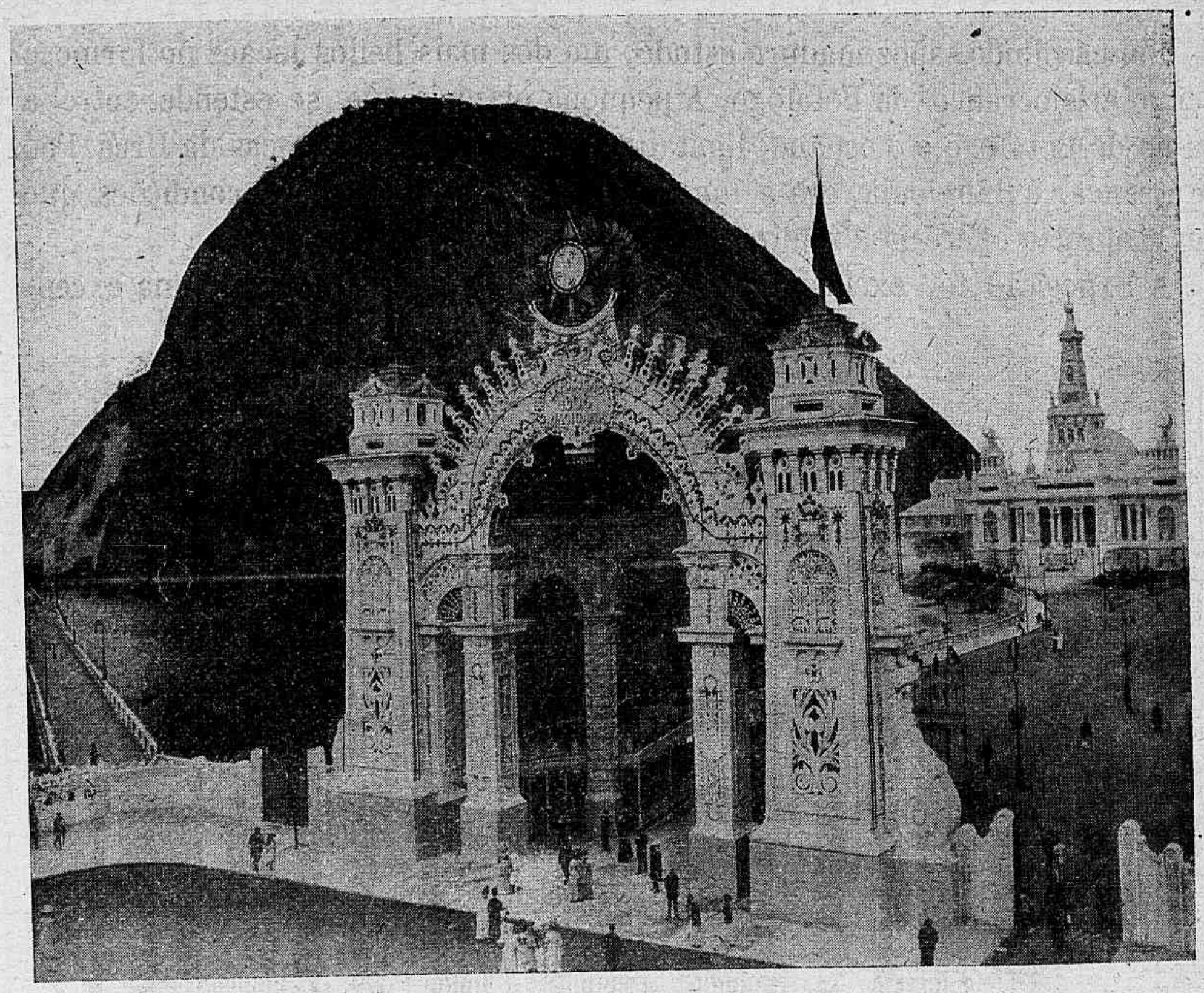
Theatro Municipal.

ção unica para a antiga metropole a quem deviamos as origens da nossa civilização e o proprio acto cujo centenario commemoravamos.

Assim ao nosso lado figurou a secção portugueza em dois pavilhões, um dos quaes em architectura gothica manuelina era uma das joias architectonicas da Exposição.

Alguns dos mais ricos Estados da Federação fizeram construir pavilhões especiaes que contribuiram para a magnifica perspectiva do local.

O edificio principal ou *Palacio* é uma soberba construcção, e outra elegantissima foi o edificio das *Industrias* aproveitado da antiga Escola Militar,

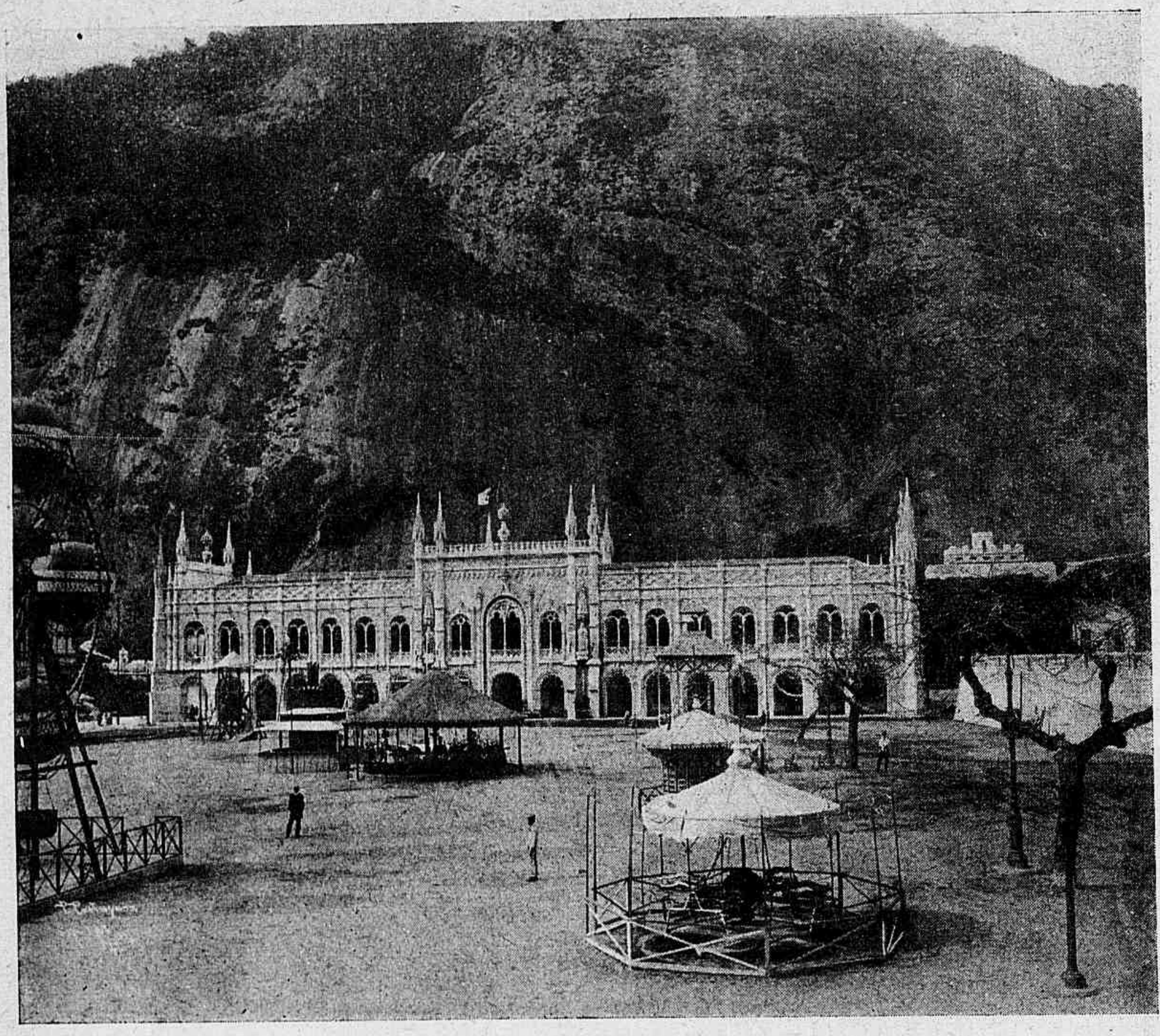


Exposição de 1908. Vista da Entrada.

Palacio das Exposições.

adaptado com grande felicidade á exhibição das industrias textis; na parte central, deste ultimo, ficára um dos grandes attractivos da feira nacional, uma bella fonte luminosa de 23 metros de altura.

Restaurants, mirantes sobre o mar, jardins, cafés, rinks, diversões multiplas populares entre os relvados graciosos de jardins, exerciam grande fascinação sobre o povo, que principalmente aos domingos acorria aos mais longi-



Palacio de Portugal.

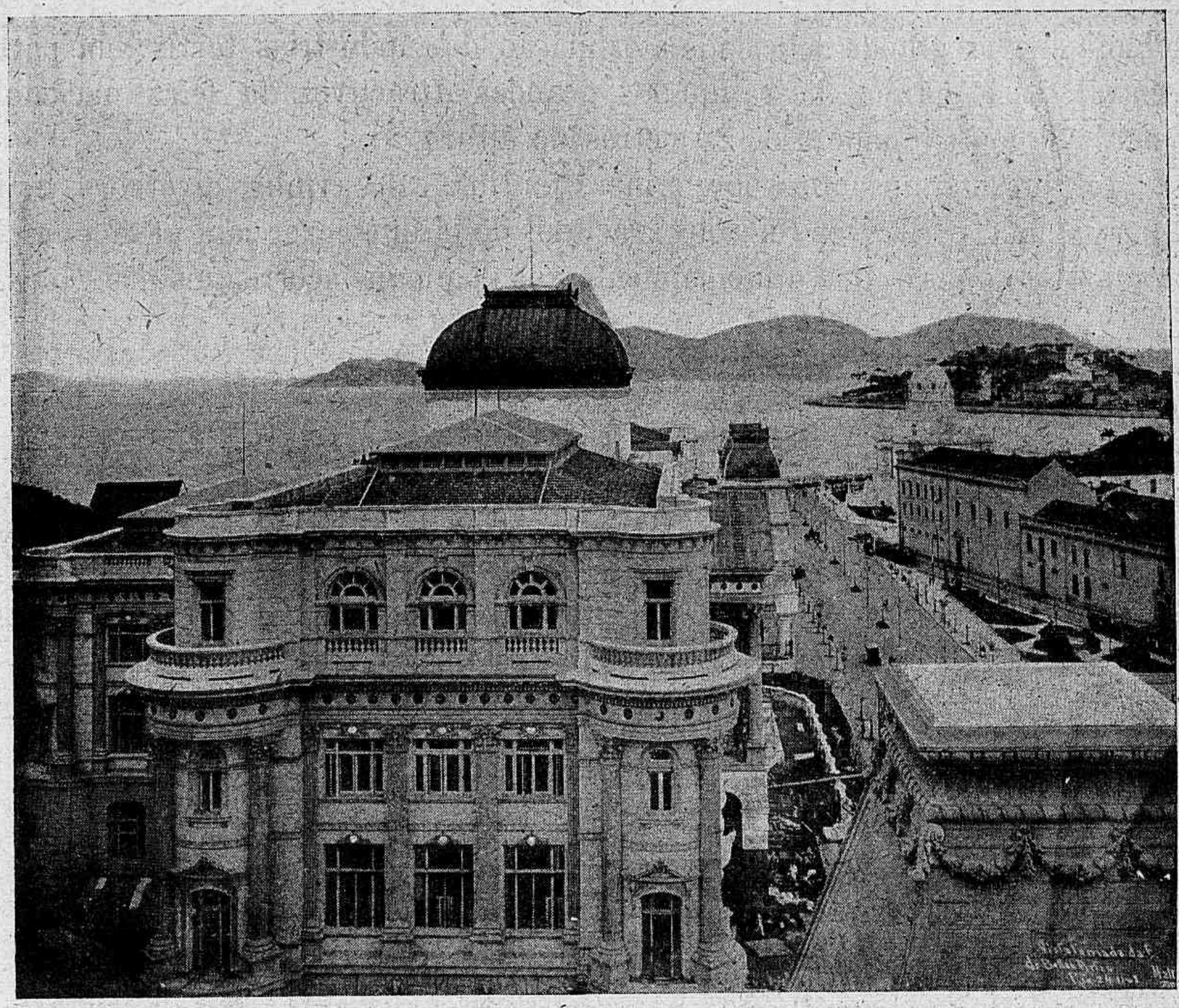
quos arrabaldes para o espectaculo deslumbrante da illuminação a mais bella que jamais viram os cariocas.

Exibiam-se sempre fogos de artificios inglezes e japonezes, que em verdade não corresponderam ao reclamo que delles fizeram a principio.

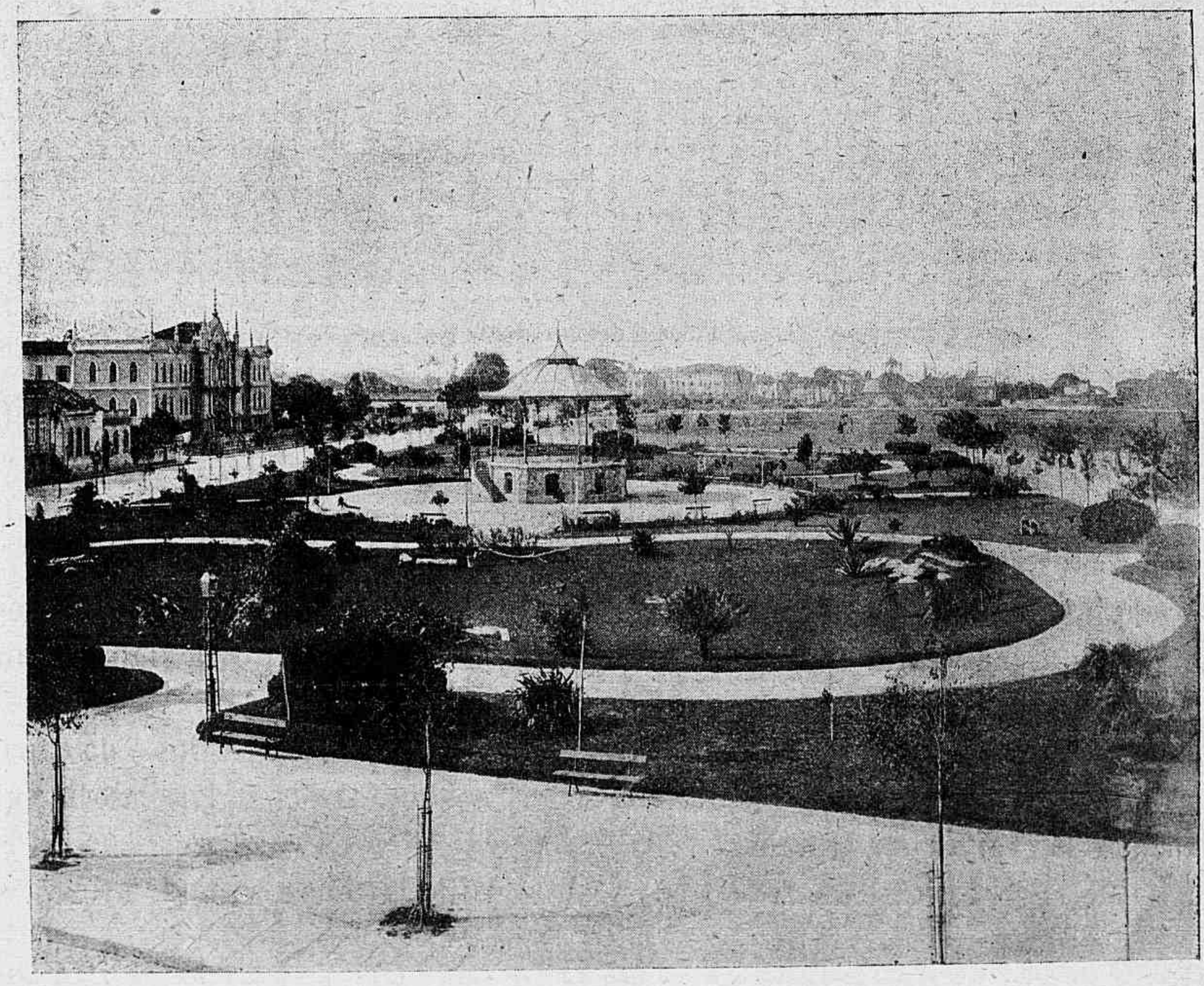
Pouco a pouco se foram installando os pavilhões dos Estados de bella ou graciosa architectura. O do Districto Federal, o de S. Paulo, o da Bahia, o de Minas Geraes ostentavam as suas cupulas, torres e agulhas.

A Exposição Nacional foi uma revelação de forças desconhecidas e da capacidade ainda obscura do que podemos fazer nas industrias e na valorização das nossas riquezas naturaes.

Não eram raras as surprezas na exhibição de artefactos e industrias que



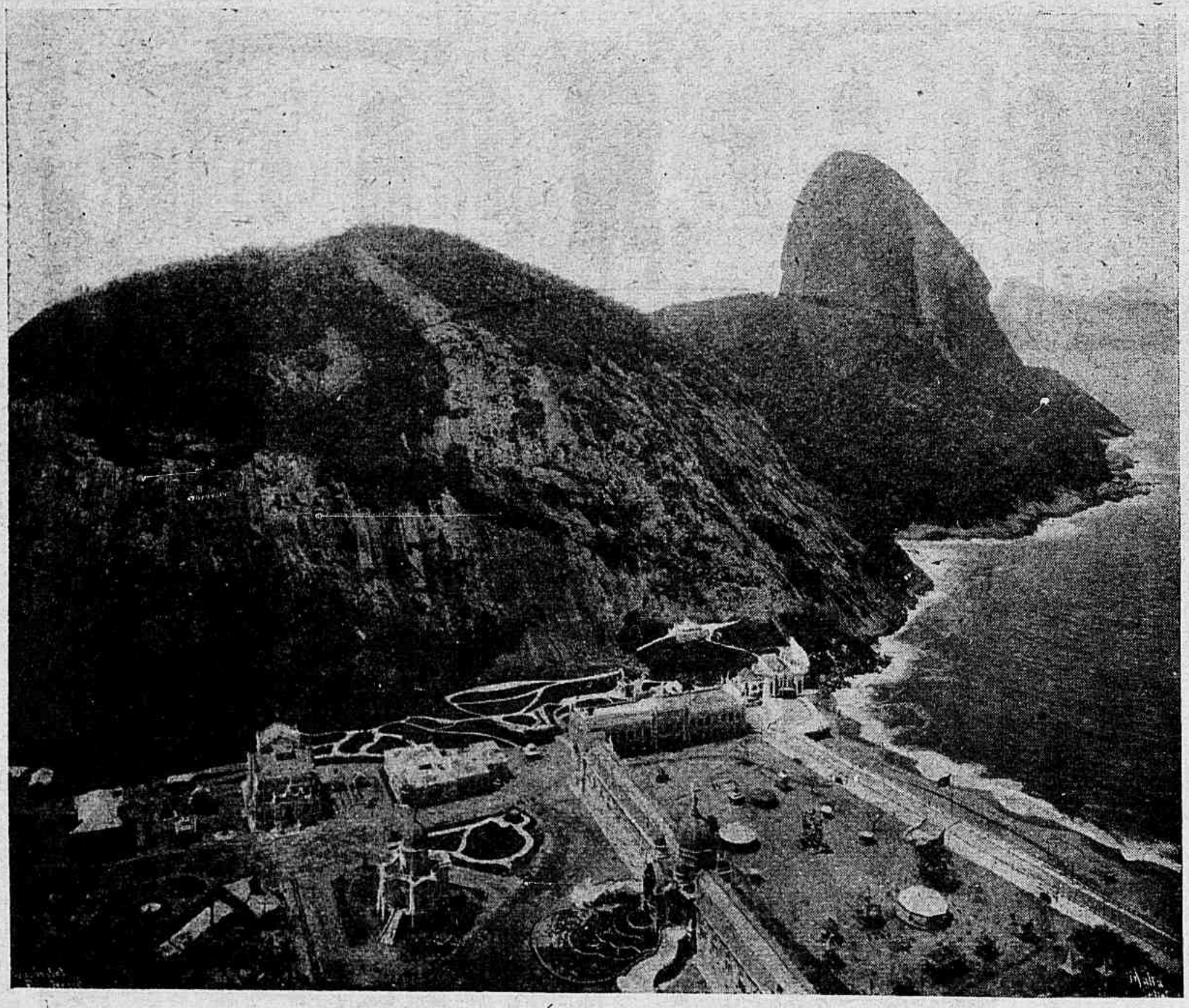
Vista tomada da Exposição de Bellas Artes.



nem sequer eram conhecidas na capital e já prosperavam em estados longinquos.

A mineração, a agricultura sob todos os seus aspectos, a pecuaria, as industrias alimentares, os lacticinios, a utilização de fibras e de outras riquezas vegetaes do extensissimo Brazil vinham demonstrar a potencia quasi infinita do colosso ainda infante que é o Brazil.

Pavilhões essenciaes facilitavam o estudo e exame : o do Jardim Botanico,



Vista da Exposição (1908).

o da Sociedade Nacional de Agricultura, o da Inspecção das Matas e Jardins, o dos Correios e Telegraphos, o da Hygiene e outros de fabricas particulares.

Certo caracter nacional foi dado a grande numero de festas e diversões. O lindo theatro nacional, decorado com grande primor e belleza, reprezentava varias peças de autores nossos, e ouviam-se em magnificos concertos producções de artistas brazileiros já consagrados pelo publico.

Os serviços de transito e conducção foram bem organizados, já por bonds electricos da Companhia Jardim Botanico, já pelas barcas Ferry que encostavam no magnifico molhe construido no litoral da Exposição do lado da bahia,

Palacio de S. Paulo.

Palacio dos Estados.

e traziam, com o concurso da companhia Light, os passageiros dos longinquos bairros do norte e noroeste da cidade.

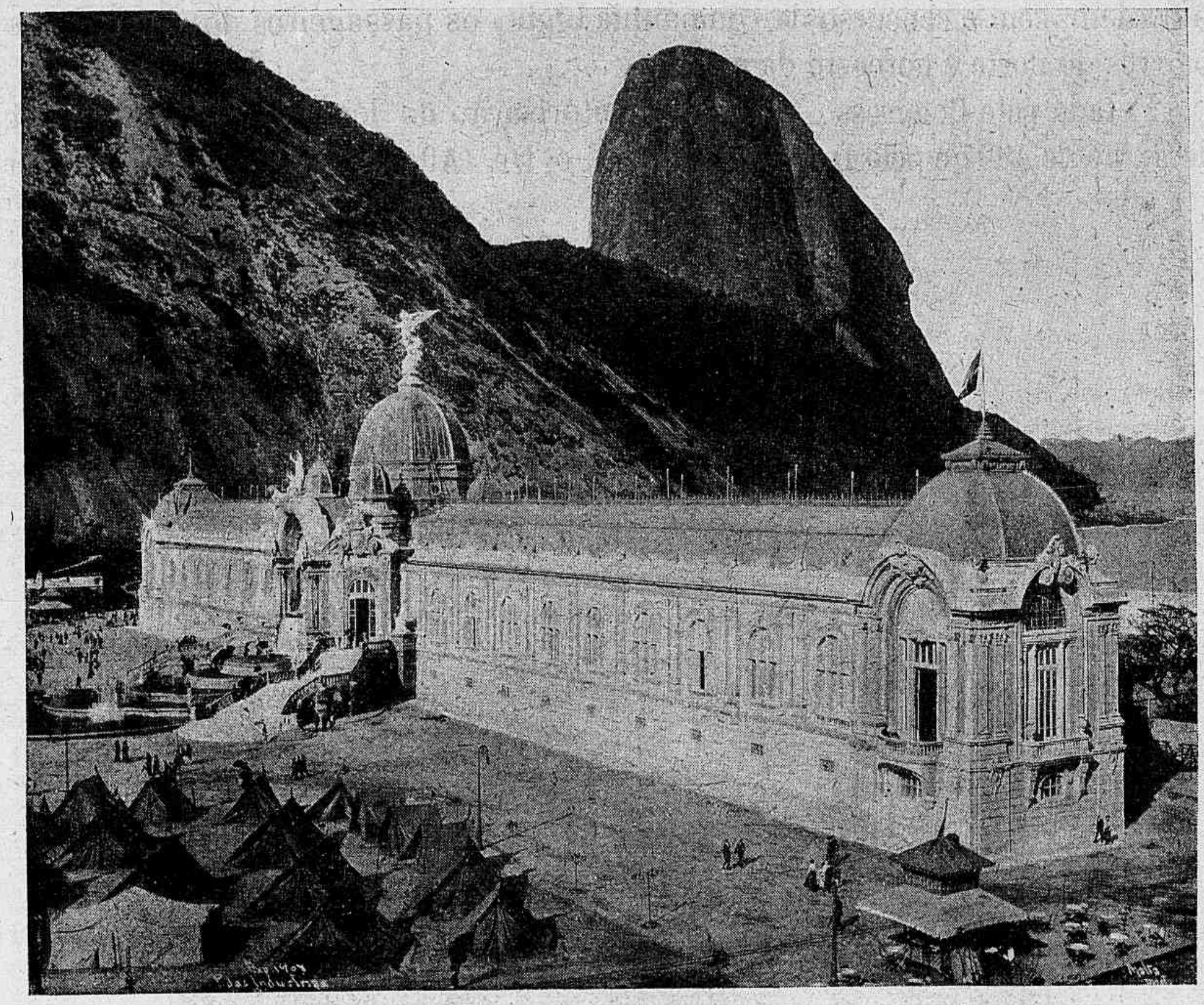
Votada pelo Congresso Nacional a autorisação na lei do Orçamento, em 4 de Julho de 1907 e pelo Decreto nº 6544, o Dr. Affonso Penna, presidente da

Districto Federal.

Republica, approvou as bases organizadas pelo Ministro da Industria Viação e Obras Publicas Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Em 10 de Outubro foi nomeada a Commissão Superior composta de 41 membros sob a presidencia do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ex-ministro da Viação, provecto lente da Escola de Minas de Ouro Preto nosso delegado em S. Luiz.

Tres vice-presidentes, os Drs. Luiz Raphael Vieira Souto, Arthur Getulio



Palacio das Industrias.

Vista da Exposição (1908).

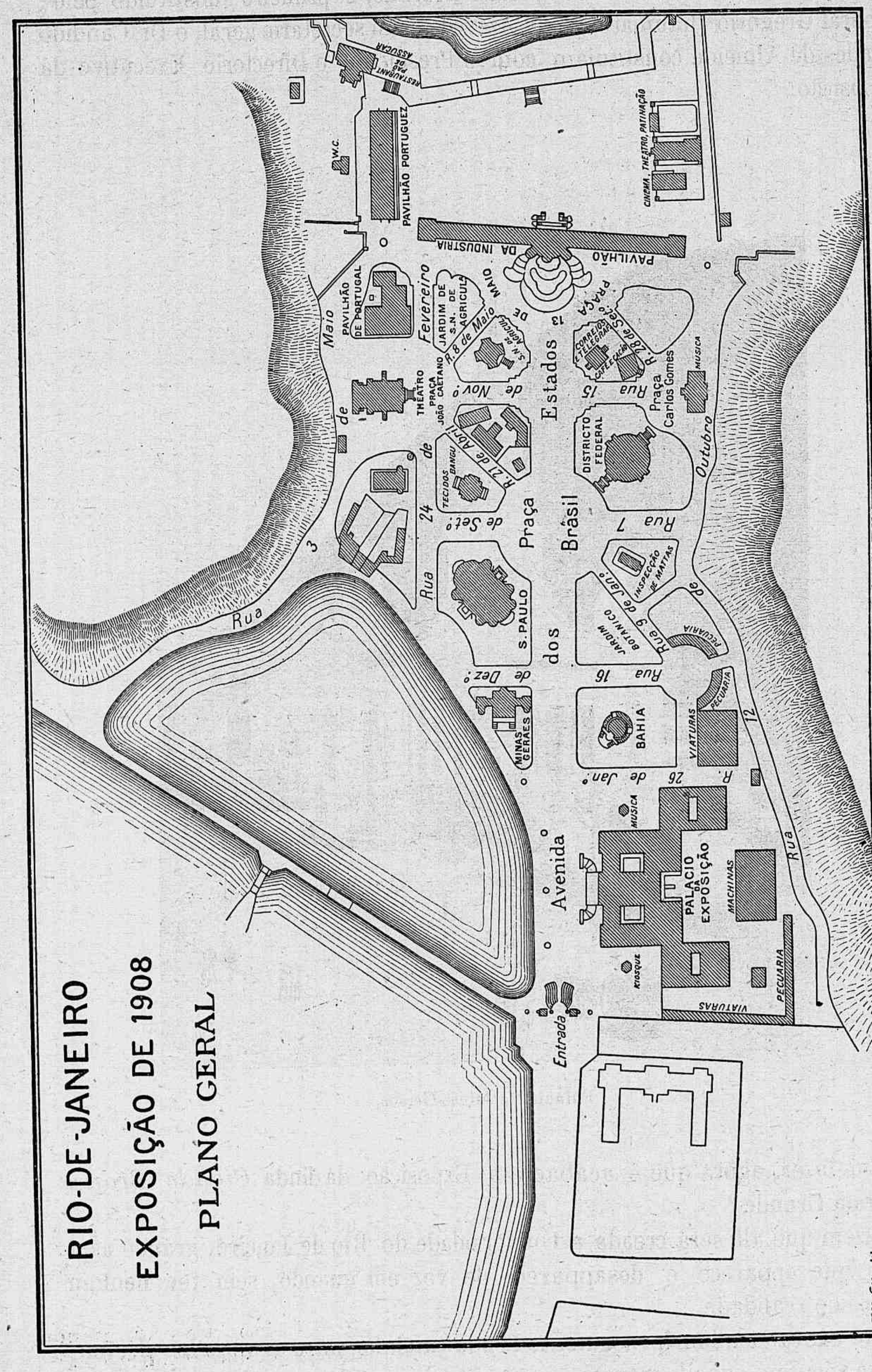
das Neves e Antonio de Padua, Assis Rezende, o primeiro substituido pelo; general Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e um secretario geral, o Dr. Candido Mendes de Almeida constituiam com o Presidente o Directorio Executivo da Exposição.

Palacio de Minas-Geraes.

Que fazer, agora que é acabada a Exposição, da linda *Cidade Branca* da Praia Grande?

Dizem que alli será creada a Universidade do Rio de Janeiro, grande aspiração que apparece e desapparece de vez em quando, sem ter nenhum começo de realidade.

Até agora nenhum pensamento achou caminho entre os variados destinos que se apontam áquelle recanto, tranquillo agora e despovoado.


RIO-DE-JANEIRO
EXPOSIÇÃO DE 1908
PLANO GERAL
Avenida
Entrada
PALACIO DA EXPOSIÇÃO
MACHINAS
PECUARIA
VIATURAS
KIOSQUE
MUSICA
Rua
Praça
Brasil
Estados
Unidos
Fevereiro
Maio
Outubro
de Nov.o
de Set.o
de Dez.o
de Jan.o
Rua 7
Rua 15
Rua 16
Praça Carlos Gomes
Praça 28 de Set.o
DISTRICTO FEDERAL
JARDIM BOTANICO
INSPECÇÃO DE MATTAS
BAHIA
MINAS GERAES
S. PAULO
TECIDOS BANGU
THEATRO
PAVILHÃO DE PORTUGAL
JARDIM DE S.N. DE AGRICULT.
R. 8 de Maio
R. 21 de Abril
PRAÇA JOÃO CAETANO
RESTAURANT PAO DE ASSUCAR
W.C.
PAVILHÃO DA INDUSTRIA
CINEMA, THEATRO, PATINAÇÃO
CORREIOS E TELEGRAPHOS
CAFE-CHOCOLATE
3
12
13
15
16
24
26

Eterno culto

Ave, intangivel bello, infinito sublime
Onde vão convergir as artes! Nobre é a scena
Em que a humana anciedade, aspirando-te, exprime
Que a grandeza da terra ante a tua é pequena.

Nesse teu culto extremo é que o homem se redime,
Esquecendo a materia e a torpeza terrena.
De saudar-te, ó belleza, o meu ser não se exime
A ti que na pessôa esplendida de Helena,

Um povo destruiste e ergueste uma epopéa
E que attráes como o abysmo, a miragem e o mal.
Jaz minh'alma a teus pés: Salve, altissima déa!

Salve! Que irei na vida eu, misero mortal,
Olhos plenos de luz, alma dada a essa idéa,
Arrastado á attracção da belleza immortal!

1907

HEITOR BELTRÃO.

Do « Brazil Activo » por Joaquim Vianna (1)

ESTRADAS DE FERRO EM TRAFEGO EM 1 DE JANEIRO DE 1909

I

De propriedade e administração da União.

Designação das Estradas.	Kiloms.
Central do Rio Grande do Norte	56
Rio do Ouro	114
Central do Brasil	1.738
Ramal de Ferros	25
Minas e Rio	170
Muzambinho	248
Oeste de Minas	915
D. Theresa Christina	116
Lorena a Coronel Barreiros	20
	3.402

(1) Joaquim Vianna, joven escriptor que allia aos dotes da imaginação um espirito pratico e energico e uma verdadeira comprehensão dos nossos destinos politicos e economicos.

II

De propriedade da União e arrendadas.

	Designação das Estradas.	Kiloms.
Baturité		345
Sobral		216
Great-Western.	Natal a Independencia	171
	Conde d'Eu	165
	Timbaúba ao Pilar	39
	Recife ao S. Francisco	125
	Sul de Pernambuco	194
	Central de Pernambuco	245
	Central de Alagoas e ramal	150
	Ribeirão a Cortez	29
	Paulo Affonso	116
	Ramal da Campina Grande	80
Bahia ao S. Francisco		123
Ramal do Timbó		83
S. Francisco		452
Central da Bahia e ramaes		317
Paraná		416
Compagnie Auxiliaire.	Porto Alegre a Uruguayana e ramaes	877
	Porto Alegre á Taquara	88
	Santa Maria a Passo Fundo	356
	Rio Grande a Bagé	302
		4.889

III

Concedidas pela União com garantia de juros.

	Designação das Estradas.	Kiloms.
Alcobaça a Praia da Rainha		43
Caxias a Cajazeiras		78
Victoria a Minas		279
Leopoldina.	Prolongamento da Barão de Araruama	51
	Central de Macahé	43
	S. Eduardo ao Itapemerim	929
S. Paulo Rio Grande.	— Linha de Itararé	567
Noroeste do Brasil		301
Mogyana.	— Jaguára a Araguary	282
Quarahim a Itaquy		176
Sorocabana e Ituana.	Capão Bonito a Ourinhos	196
	Tatuhy a Lagôa Grande	159
	Formiga a Porto real	63
		3.167

IV

Concedidas pela União sem garantia de juros.

Designação das Estradas.		Kiloms.
Recife ao Limoeiro e Timbaúba		141
Leopoldina Railway.	Leopoldina e ramal	381
	Sumidouro	93
	Carangola e ramaes	223
	Norte	45
	Sul do Espirito Santo	79
	Caravellas e ramal	71
Corcovado		4
União Valenciana		63
Bananal		28
Rezende a Bocaina		39
Paulista.	Rio Claro a Araraquara	128
	Ramal de Jahú	143
Mogyana.	Ribeirão Preto a Jaguára	193
	Ramal de Caldas	77
Santos a Jundiahy		139
		1.847

V

Estadoaes.

Designação das Estradas.		Kiloms.
Bragança-Pará.	Linha principal	236
	Ramal do Pinheiro	16
Ribeirão a Barreiros (Pernambuco)		46
Santos Dias (Pernambuco)		26
Recife ao Caxangá (Pernambuco)		25
Canhoeira Lisa (Pernambuco)		25
Recife a Olinda e Beberibe (Pernambuco)		13
Nazareth a S. Ignez (Bahia)		159
Ramal de Amargosa (Bahia)		27
Bahia e Minas		376
Santo Amaro ao Jacú (Bahia)		36
Centro. — Oeste da Bahia		52
Leopoldina Railway (Rêde fluminense).	Mauá a S. José do Rio Preto	92
	Areal a Entre Rios	26
	Entre Rios a Parahybuna	13
	Nitherohy a Macuco	179
	Cordeiro a Portella	78
	Porto das Caixas a Macahé	146
	Imbetiba a Campos	97

Leopoldina Railway (Rêde fluminense).	Campos a Miracema	143
	Araruama a Triumpho	40
	Campos a Saturnino Braga	24
	Linha Campista	54
	Santa Maria Magdalena a Trajano de Moraes	28
Sapucahy.	Santa Izabel ao Rio Preto	93
	Sant'Anna ao Passa Tres	33
	Soledade a Eleuterio	273
	Soledade a Ribeirão das Furnas	39
	Rio Preto a Carvalhos	95
Rio das Flores (Rio de Janeiro)		53
Maricá (Rio de Janeiro		61
Therezopolis (Rio de Janeiro)		34
Agricola de Quissamã		34
Usina Barcellos a S. Bento		23
Usina das Dôres a S. Sebastião		11
Ramal do Porto da Madama		2
Vassourense (Rio de Janeiro)		6
Campo Limpo a Bragança (São Paulo)		52
Paulista (S. Paulo).	Jundiahy a Descalvado	224
	Ramal de Santa Verediana	39
	— Rio Claro	17
	Araraquara a Bebedouro	149
	Ramal de Agua Vermelha	63
	— Riberão Bonito	40
	— Agudos	121
	— Mogy-Guassú	93
	— Santa Rita	27
	— Descalvense	14
Mogyana (S. Paulo).	Ramal de Serra Negra	41
	— Amparo	62
	— Sertãosinho	33
	— Santa Rita do Paraiso	156
	— Guaxupé	44
	— Mocóca	72
	— Pinhal	37
	— Itapira	50
	Campinas a Ribeirão Preto	317
Sorocabana e Ituana (S. Paulo).	Tronco. — S. Paulo a Bahurú	438
	Ramal de Boituva a Tatuhy	22
	— Cerquilho a Tieté	8
	— Pirajú	26
	— Porto Martins a Araquá	37
	Tronco. — Mayrinck a S. Pedro	227
	Ramal de Jundiahy	43
	— João Alfredo	17

Sorocabana e Ituana (S. Paulo). Ramal de Santa Cruz do Rio Pardo....		24
Louveira a Itatiba (S. Paulo).....		20
Ramal Dumont (S. Paulo).....		23
Araraquara a Candido Rodrigues (S. Paulo).....		106
Ramal Ferreo Campineiro (São Paulo).....		41
Funilense (S. Paulo).....		42
Santo Amaro (S. Paulo).....		16
Dourado (S. Paulo).....		86
Ibitirama a Monte Alto (S. Paulo).....		9
Curityba a Rocinha (Paraná).....		43
Leopoldina Railway (Rêde mineira).	Ramal de Pirapitininga.....	31
	Recreio a Santa Luzia.....	149
	Entroncamento a São Paulo.....	18
	Paraokena a Cysneiros.....	18
	Guarany ao Pomba	27
	Serraria a Ligação.....	150
	Ramal do Rio Novo.....	7
	Cataguazes a Mirahy.....	35
	Ramal de Sereno.....	13
	— do Travessão.....	19
	— de Poço Fundo.....	2
Juiz de Fóra ao Rio Novo (Minas).....		58
Paraopeba (Minas).....		12
Palmyra a Livramento (Minas).....		27
Total.....		6.159

Resumo.

Designação das Estradas.		Kiloms.
Pertencentes á União.	Administradas pela União.....	3.402
	Arrendadas.....	4.889
Concedidas pela União.	Com garantia de juros.....	3.167
	Sem garantia de juros.....	1.847
Estadoaes.....		6.159
Total.....		19.464

Extensão das linhas inauguradas em 1908.

I. — *Administração da União*:

	Km.	
E. F. Central do Brazil. — Minas Geraes.	—	
Contrias a Lassance.....	44	
Sabará a Caheté.....	25	
E. F. Oeste de Minas. — Minas Geraes.		
Ramal de Mattosinhos.....	3	
Total.....		72 km.

II. — *Administração e fiscalização. — Repartição Fiscalizadora :*

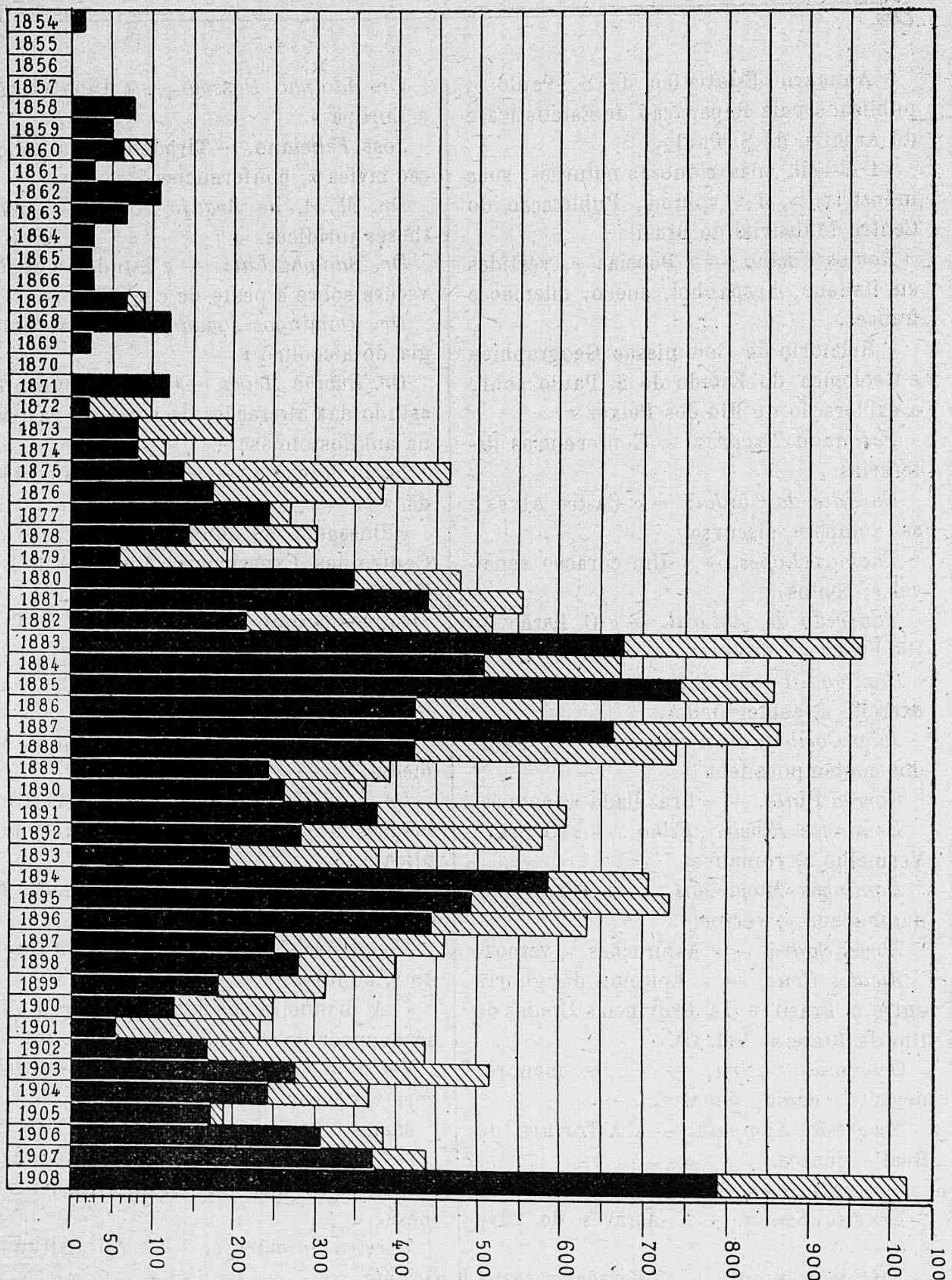
	Km.	
E. F. Muzambinho. — Minas Geraes.		
Areado a João Pinheiro	10	
E. F. de Baturité. — Ceará.		
Girau a Miguel Calmon	18	
E. F. Victoria a Minas. — Minas Geraes.		
Natividade a Lajão	71	
E. F. São Paulo-Rio Grande. — Paraná e Santa Catharina.		
Jaguariahyva a Itararé	98	
Porto da União a São João	52	
E. F. Noroeste do Brazil. — S. Paulo.		
Lauro Muller e Corrego Azul	209	
E. F. Sorocabana. — S. Paulo.		
Mandury a Ourinhos	71	
Engenheiro Hermilo a Lagôa Grande	62	
E. F. de Goyaz. — Minas Geraes.		
Formiga a Porto Real	63	
E. F. Great Western. — Pernambuco.		
Ligação da Central Pernambuco com a Recife a São Francisco.	6	
Ligação da Central Pernambuco com a Recife a Limoeiro	10	
E. F. Norte do Brazil. — Pará.		
Alcobaça a Breu Branco	43	
Total		713 km.

III. — *Estadoaes* :

	Km.	
E. F. de Bragança. — Pará.		
Capanema a Bragança	56	
E. F. de Nazareth. — Bahia.		
Areia a Santa Ignez	28	
E. F. de Therezopolis. — Rio de Janeiro.		
Barreira a Therezopolis	6	
E. F. Sorocabana. — São Paulo.		
Bernardino de Campos a Santa Cruz do Rio Pardo	24	
E. F. de Araraquara. — São Paulo.		
Jurema a Candido Rodrigues	24	
E. F. do Dourado. — São Paulo.		
Ponte Alata Nova Europa	27	
E. F. Funilense. — São Paulo.		
Guanabara a Carlos Botelho	2	
E. F. Monte Alto. — São Paulo.		
Ibitirama a Monto Alto	9	
E. F. Mogyana. — S. Paulo.		
Carlos Norberto a V. Soutello	14	
E. F. Leopoldina. — Minas Geraes.		
Ramal de Poço fundo	2	
E. F. Norte do Paraná. — Paraná.		
Curytiba a Rocinha	43	
Total		235 km.
Total geral		1.020 km.

1.020 kilometros. — O *record* de inauguração na Viação Ferrea do Brazil.

Diagramma do desenvolvimento annual da rêde ferro-viaria do Brazil desde 1854 até 31 de dezembro de 1908.



O ANNO LITTERARIO E BIBLIOGRAPHICO

« Annuario Estatistico de S. Paulo », publicado pela Repartição de Estatistica e do Archivo de S. Paulo.

« O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias », 1.º volume. Publicação do Centro Industrial do Brasil.

Ramos Coelho. — « Poesias », vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez.

« Relatorio da Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo sobre a exploração do Rio dos Peixes ».

Fernando Tavares. — Conferencias litterarias.

Euclides da Cunha. — « Castro Alves e seu tempo », discurso.

Thomaz Lopes. — « Um coração sensivel », contos.

Tancredo do Amaral. — « O Barão do Rio Branco », discurso.

Capitão Liberato Bittencourt. — « Pelo exercito », conferencia.

João Coelho Gomes Ribeiro. — « Estudos contemporaneos ».

Corrêa Pinto. — « Braziliada », epopéa.

Domingos Ribeiro Filho. — « O Cravo Vermelho », romance.

Domingos Magarinos. — « Terra Pernambucana », versos.

Abreu Sodré. — « Aspirações », versos.

Alcides Cruz. — « Epitome da guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata ». Vol. 1.º.

Octaviano Vieira. — « Os menores perante o codigo penal ».

Sebastião Sampaio. — « A Tortura do Real », contos.

Santos Moreira. — « Chimera ».

Ernesto Senna. — « Através do Carcere ».

« Hygiene infantil », conferencias realisadas no dispensatorio Moncorvo por diversos medicos.

Dr. Adolpho Possolo. — « Uma viagem á Europa ».

José Feliciano. — Tiradentes e a educação civica », conferencias.

Dr. M. A. de Araujo Jorge. — « Syntheses juridicas ».

Dr. Adolpho Lutz. — « Estudos e observações sobre a peste de cocheiras ».

Dr. Domingos Jaguaribe. — Psychologia do alcoolico ».

Dr. Rubião Meira. — « Contribuição ao estudo das alterações da secreção gastrica na ankilostomiase ».

Lucio Mansilla. — « Um paiz sem cidadãos ».

« Dosagem de adubos », publicação do Centro das Experiencias Agricolas de Kolisyndekat.

Carlos Ottoni. — « A' memoria de Teophilo Benedicto Ottoni ».

Dunshes de Abranches. — « Actas e Actos do Governo Provisorio ».

Filinto de Almeida. — « O Beijo », comedia.

Dr. José Tavares Bastos. — « As attribuições do promotor publico na Republica ».

Carmen Dolores. — « Um drama na roça ».

Magalhães Carneiro. — « Galdino Cupido », contos.

« A bandeira nacional », moção dos academicos de S. Paulo a Ruy Barbosa.

Vitruvio Marcondes. — « Baladas e Orações », versos.

Mayer Garção. — « Excelsior ».

Dr. Augusto Bernacchi. — « Regimen alimentar normal e matadouros modelos », these.

Moreira Guimarães. — « No Extremo-Oriente ».

Armando Paiva. — « Paginas ao vento ». contos.

Alberico Lobo. — « Ex-Corde », versos phantasias e contos.

Leopoldo de Freitas. — « O Prefeito de S. Paulo ».

Oliveira Lima. — « Panamericanismo ».

Dr. Alvaro de Lemos Barros. — « Syndroma do Dercum », these.

José Pereira de Mattos. — « Organisação Municipal do Estado de S. Paulo ».

Dr. João Pereira da Silva Continentino. — « Estudos, Doutrinas e Julgados ».

Dr. Lourenço Balta Neves. — « Abastecimento d'agua e esgotos de Caxambú ».

Pedro Julio Barbuda. — « Estylistica ».

Almachio Diniz. — « Pavões », romance.

Lima e Silva. — « A Cartilha Progressiva ».

Joaquim Ignacio Porta. — « Renuncia de mandato », discurso.

Abdias Neves. — « A guerra de Fédié ».

Dantas Barreto. — « A expedição de Matto Grosso ».

« A Revolução de 1906 ».

Jeronymo Gueiras. — « O Espiritismo analysado ».

Dr. Sampaio Vianna. — « Annuario de Estatistica Demographico-Sanitaria ».

Henrique Lisboa. — « Les Fonctions Diplomatiques en temps de paix ».

Dias Martins. — « A B C do Agricultor ».

Norival de Lemos. — « *Piraustas* », versos.

Murinelly. — « A industria do leite, do queijo e da manteiga na Suissa ».

Padre Contente. — « Coração de Amigo ».

Carmen Dolores. — « Lendas brasileiras ».

Themistocles Savio. — « Curso elementar de geographia ».

Gonzaga Filho. — « Affectivas ».

Coelho Netto. — « Fabulario ».

L. A. Cunha Junior. — « Pae », peça em 1 acto, verso.

João Ribeiro. — « Frases feitas ».

Pereira Barreto. — « Selvas e Céus ».

« Annuario », publicado pelo Observatorio do Rio de Janeiro.

Francio Fontes. — « Traças ».

Dr. Alberto de Carvalho ». — « Leis inconstitucionaes e reaccionarias ».

João Motta Filho. — « Primeiras Poesias ».

Mendes de Aguiar. — « Traducção de Lucrecio ».

Barão de Villa da Barra. — « A Divina Comedia », traducção.

Oliveira Góes. — « O Sonho da Virgem », poemeto.

Itiberé da Cunha. — « Expansão Economica Mundial ».

Estevão de Oliveira. — « Chronicas e traducções ».

Felippe Garcia. — « Guatemala e seu governo ».

Antonio Martins de Azevedo Pimentel. — « O Brasil Central ».

Fonseca Moreira. — « O Reino da Loucura », magica.

« Guia Postal da Republica dos Estados Unidos do Brasil ».

Bispo de Olinda. — « Oração funebre », pronunciada por occasião das exequias d'El-Rei D. Carlos e do Principe.

D. Presciliana Duarte. — « Paginas infantis », livro de leitura.

Clodomiro Rodrigues de Vasconcellos. — « O Estado do Rio de Janeiro », 1.º vol.

Catullo Cearense. — « O Cancioneiro Popular ».

Annibal Barbosa Borges. — Methodo para o plantio do cacáo ».

Benedicto Raymundo da Silva. — « Contribuição para a historia natural dos lepidopteros do Brasil ».

F. Valladares. — « A mineração ».

Dr. João Baptista de Azevedo Lima. — « Educação Physica », these.

João Baptista de Moraes. — « Revolução de 1842 ».

Tenente Ptolomeu de Assis Brasil. — « Papel da Cavallaria em Campanha », conferencia.

Thomaz Williams. — « Physica Transcendental », traducção.

Dr. Manoel Gomes Tarlé. — « Causa da cegueira no Rio de Janeiro », these.

Dr. Francisco Motta de Almeida. — « A Carne na Alimentação ».

Dr. Gonçalo Moniz. — « Contribuição ao estudo clinico da peste ».

« Conferencias », realisadas no Museu

Commercial do Rio de Janeiro pelos Snrs. Eduardo Cotrim, J. A. de Mattos Pitombo, J. J. Carneiro da Silva e Francisco Alves Vieira, (diversos *in-folios*).

Belfort Mattos. — « Dados climatologicos do Estado de S. Paulo ».

José Carvalhaes Filho. — « Estudos grammaticaes ».

« A volta de Christo nesta Geração », publicação da Sociedade Internacional de Tratados.

« Carta Modelo », para aprender a ler e a escrever, propriedade da pharmacia e drogaria Ramos.

« Trafego do porto de Manáos », mappas e quadros demonstrativos.

Sabino Magalhães. — « Heras », versos.

Hermes Fontes. — « Apotheoses », versos.

Drs. Bruno Lobo e Gaspar Vianna. — « Estructura da celula nervosa ».

Mario de Lima. — « Ancenubios », versos.

Dr. Luciano Gualberto. — « Protecção ao operario », these.

Dr. Sá Pinto. — « Hygiene do trabalho », these.

Dr. M. J. Carvalho de Mendonça. — « Doutrinas e Pratica das Obrigações ou Tratado geral dos Direitos de Credito ».

Luiz Edmundo. — « Poesias », 2.ª edição.

Alfredo de Carvalho, « Annaes da Imprensa Periodica Pernambucana ».

Moyrés Marcondes. — « Poesias ».

Recamera Junior. — « Um artista brasileiro », á memoria de Sant' Anna Gomes.

José Senna. — « O noivado de Lucia », novella.

Armenio Jouvin. — « Codigo do Processo Civil e Commercial do Rio Grande do Sul », annotado de accordo com a doutrina, legislação e jurisprudencia nacional e estrangeira.

Eulalio da Silva Oliveira. — « Construcções metallicas ou applicação da resistencia dos materiaes a estructuras metallicas de pontes, viaductos e coberturas ».

Arthur Orlando. — « Porto e cidade do Recife ».

M. H. Coelho da Rocha. — « Instituições do Direito Civil Portuguez, nova edição ».

David Martins de Lima. — « A Campanha dos Cuamatos ».

« A Sogra », collecção de sortes.

« Exploração do rio Ribeira de Iguape », pela Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo.

Clovis Bevilaqua. — « Theoria Geral do Direito Civil ».

Antonio Monteiro de Souza. — « Educação physica », abertura de curso.

« Relatorio do movimento Espiritual da Igreja Evangelica Presbyteriana do Rio de Janeiro ».

« O Calendario Mariano », offerecido á Santissima Virgem.

« Historico do Primeiro Regimento de Cavallaria do Exercito », por uma commissão de officiaes.

A. Moreau de Tours. — « Le Mate », estudo historico, chimico e physiologico, escripto em francez.

Garcia Redondo. — « A intelligencia dos animaes e das plantas », conferencia.

« Estatistica do commercio do porto de Santos com os paizes estrangeiros ».

Adherbal de Carvalho. — « O fundamento dos interdictos possessorios », traduzido de Rudolf von Ihering.

Fortunato Duarte. — « Methodo facil para aprender o latim ».

« Annuario Brasileiro Commercial Illustrado ».

Dr. Nascimento Gurgel. — « Sobre a etiologia da cirrhose hepathica na infancia », memoria.

Leopoldo de Freitas. — « Centenario de Osario », conferencia.

Machado de Assis. — « Memorial de Ayres », romance.

Machado de Assis. — « A mão e a luva », 2.ª edição.

Dr. Masson da Fonseca. — « Guia Pratico da mulher gravida e da mulher mai ».

Dr. Zepherino Meirelles. — « A tuberculose e as moscaes ».

Dr. Augusto de Sá. — « Da encerostase », these.

Theophilo de Carvalho. — « General Pinheiro Machado », perfil politico.

Olavo Bilac e Carlos Parlagreco. — « Il cacciatore de Smeraldi ».

Dilermando Cruz. — « Poesias ».

« Relação das Plantas expostas pelo Jardim Botanico na Exposição Nacional ».

D. Maria Clara da Cunha Santos. — « America e Europa, impressões de viagens ».

Lassance Cunha. — « O Rio Grande do Sul ».

Brasilino Moura. — « A viti-vinicultura na America do Sul ».

Moreno Brandão. — « O Baixo S. Francisco ».

Alcibiavee Furtado. — « No meio do Caminho », versos.

Alfredo Polly. — « Os Borunes ».

José Verissimo. — « Que é literatura? ».

« Almanak da Exposição Brasileira ».

Emile Vlieberg. — « Conferencia », em sessão do Congresso de Agricultura.

Wenceslão Bello. — « A previdencia e o credito », estudo apresentado ao Congresso de Agricultura.

Dr. Cunha Gruz. — « Ensino anti-alcoolico ».

Belfort Mattos. — « O serviço meteorologico e o clima do Estado de S. Paulo ».

Oliveira Sampaio. — « A marinha japoneza », conferencia.

Branca de Villa-Flor. — « O Signal dos Quatro », traduzido de Conan Doyle.

Branca de Villa-Flor. — « A Volta de Sherlock Holmez », traduzido de Conan Doyle.

Branca de Villa-Flor. — « Um estudo de Vermelho », traduzido de Conan Doyle.

Fernando Nunes. — « Café ». Synopse 1894-1898.

Bossuet. — « Discurso sobre a Historia Universal » (traduzido).

Augusto de Souza Lobo. — « Catalogo de uma collecção de moedas ».

Dr. Daniel Henninger. — « Unificação dos methodos de Analyse e Apreciação da Cerveja ».

« Almanak Laemmert ».

Dr. Eduardo Espindola. — « Indice do Systema do Direito Civil Brasileiro ».

Dr. Alfredo Brito. — « A Medicina Brasileira », conferencia.

« Estatistica Agricola e Zootechnica » de diversos municipios de S. Paulo.

Dr. Metton de Alencar. — « Do Trachoma no Estado do Ceará », memoria.

Frederico Villar. — « Estudo sobre a escolha de um typo de submarino para a Marinha do Brasil ».

Carlos de Cerqueira Pinto. — « Borrachas Brasileiras », aperfeiçoadas pelos processos sem defumação.

Dr. João Chaves. — « Memoria Historica da Faculdade de Direito do Estado do Pará ».

Dr. Antonio Fiuza de Pontes. — « Memoria Historica da Faculdade Livre de Direito do Estado do Ceará ».

Fonseca Moreira. — « Satanaz e C.º », lenda-phantasia.

Fonseca Moreira. — « Reino da loucura », magica.

« Formulario Pratico », organisado pelo *Brasil Medico*.

Magalhães Rodrigues Peixoto. — « Cultura da Canna de Assucar e porto de S. João da Barra ».

« Estatistica do Commercio do Porto de Santos com os paizes estrangeiros ».

« Conselheiro Dr. Saturnino Soares de Meireilles », notas biographicas.

Xavier Marques. — « Joanna e Joel », romance, 2.ª edição.

Paulino de Brito. — « Portugal e Brasil, Salve », versos.

Sharffenberg de Quadros. — « Canções Nataes ».

Pinheiro Viegas. « Poesia Lyrica ».

C. da Matta e Bibiano Junior. — « O crime da Mala ».

Luiz Jacome. — « O Livro do Ferrador ».

Craveiro Filho. — « O Pará manufacturreiro ».

« Estatistica das Estradas de Ferro da União e das fiscalisadas ».

Dr. Manoel Netto Carneiro Campello. — « Direito Romano », prelecções.

Carlos Porto Carreiro. — « Os Romanescos », traduzido de Edmond Rostand.

Cavalleiro Lago. — « Arte de ser correcto ».

Joacquim Vieira Ferreira Sobrinho. — « Auxiliar Geographico ».

Dr. Firmino Rodrigues Silva Junior. — « Da invariabilidade do Cyclo Evolutivo », theses biologicas.

D. Marianna Coelho. — « O Paraná Mental ».

Othoniel Motta. — « O pronome « Se ».

Augusto Ramos. — « Ensino agricola », conferencia.

Cunha Neves. — « Sombras », contos e phantasias.

Julio Pompeu. — « O Album do Estado do Rio ».

Theodoro Sampaio. — « Atlas dos Estados Unidos do Brasil », para uso das escolas primarias.

D. Guilhermina Barradas. — « Guia Pratico de Exercicios de Composição », para uso das escolas primarias.

M. Saïd Ali. — « Difficuldades da lingua portugueza ».

Diogo Cavalcanti. — « Regimen Hypothecario Brasileiro ».

« De algumas questões sobre os submersiveis modernos », de Cesare Laurenti, mandado traduzir pela Liga Maritima Brasileira.

« Estatistica Agricola e Zootechnica do Estado de S. Paulo », no anno de 1904-1905.

« Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria », do municipio de Nitheroy.

Fonseca Moreira. — « Mas !... », comedia vaudeville.

Godofredo Mendes Vianna. — « Formas processuaes ».

Domingos Jaguaribe. — « La commune. Base de gouvernement, suivi du catéchisme municipal ».

Vicente de Carvalho. — « Poemas e Canções ».

« Illuminação e balisamento da Costa ».

« A Escola de Commercio Alvares Penteado e o seu bemfeitor ».

J. Caiuby. — « Resenha historica do municipio de S. Pedro de Piracicaba ».

D. Julia Lopes. — « A Intruza », romance.

Dr. Armando Frazão. — « Um caso de analogia anatomo-phisiologica entre animal e vegetal ».

« Bibliographica Jornalistica », publicada pelo Instituto Historico.

Aurelio Pires. — « Homenagem ao Dr. João Pinheiro da Silva ».

Dr. Eduardo Espindola. — « Systema do Direito Civil Brasileiro », 1.º vol.

« Annaes da Biblotheca Nacional do Rio de Janeiro ».

« Resumo Historico da Veneravel O. T. da Conceição e Boa Morte ».

« Praga de Gafanhotos no Districto Federal », publicado pela Sociedade Nacional de Agricultura.

« O café », idem.

« Ao « Paiz » e á Lavoura », idem.

Dr. Sá Vianna. — « Elementos de Direito Internacional ».

Gentil de Assis de Moura. — « Mappa do Sul do Brasil ».

« Repositorio de Jurisprudencia », por um advagado.

« A Jaula », traduzido de Benjamin Rabier.

« Centenario da Fundação do Ensino Medico no Brasil », discursos.

Padre Santos Loureiro. — « Por Deus e Santa Maria », sermão.

« O Apostolado Positivista no Brasil », circular dirigida aos cooperadores do subsidio positivista brasileiro.

Teixeira Mendes. — « Ainda a Republica e o Militarismo ».

« Uma decisão do Poder Judiciario contra o despotismo hygienico », publicação do Apostolado Positivista.

Alfredo Valladão. — « Parecer sobre o projecto do codigo das aguas da Republica ».

Romeu Mariz. — « Chronicas Sertanejas ».

Enrico de Goes. — « Os Symbolos Nacionaes ».

Xavier de Maistre. — « Propaganda do Esperanto».

« Almanak Illustrado das Familias Catholicas Brasileiras ».

Alberto Rangel. — « Inferno Verde », scenas e scenarios do Amazonas .

« Almanaque Brasileiro Garnier ».

Vivaldo Coaracy. — « A Rampa », romance.

Vivaldo Coaracy. — « A Dor da Terra », versos.

Dario Velloso. — « Hellicon », versos.

Julio Pernetta. — « Missões Jesuiticas no Brasil ».

« O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias », 2.º vol., organisado pelo Centro Industrial do Brasil.

Franscisco de Paula Bicalho. — « Exposição do plano para a realisação do melhoramento dos portos da Republica ».

Souza Pinto. — « A regulamentação do serviço domestico perante a Constituição da Republica ».

« Breve noticia sobre a estação agronomica de Alagoas ».

B. Rabier. — « A Jaula ».

Macedo Soares. — « Codigo Penal » (4.ª edição).

Horacio Flacco. — « Satyras e Epistolas ».

Conan Doyle. — « O cão dos Barkevilles ».

« As Memorias de Sherlock Holmes ».

Sunto Affonso de Ligorio. — « Gloria a Maria », 2 vols.

H. G. Wells. — « A Machina de explorar o tempo ».

« O Homem invisivel ».

Dante. — « A Divina Comedia », fielmente vertida do texto pelo Barão da Villa da Barra, com illustrações de Yan d'Argent.

Oscar Wilde. — « Salomé », illustrações de Beardsley.

Arthur Azevedo. — « Contos e Poesias ».

Brisset. — « A Natação ou a Arte de nadar ».

Leopoldo Noronha. — « Terceiro livro de leituras correntes ».

A. Larbaletrier. — « Tratado pratico de Saboaria e perfumaria ».

Condessa de Tramar. — « O Breviario da mulher ».

Mme de Bienvres. — « A Tapeçaria ».

« O Bordado ».

Paulo Feval. — « O Corcunda, ou os Dramas da Regencia ».

Walter Scott. — « Os Puritanos da Escossia », 2 vols,

Tavares Bastos. — « Repertorio do Registro especial de Titulos e das leis da Republica ».

Ch. Dickens. — « O Abysmo seguido do Homem e o espectro », 1 vol.

O' Galop. — « O Dirigivel Caça-Mosca n. 1 ». Album illustrado para creanças, 1 vol. cart.

Almeida e Oliveira. — « A Assignação dos dez dias no fôro civil e commercial » (2.ª edição), 1 enc. vol.

Poussart. — « As cem paciencias ou sortes ».

Oliveira Lima. — « Pan-Americanismo, Monroe, Bolivar, Roosevelt ».

P.e Bossuet. — « Discurso sobre a Historia Universal ».

Coelho da Rocha. — « Instituição de Direito Civil ».

P.e Constante. — « Coração de Amigo ». 1 vol. enc.

Dilermando Cruz. — « Poesias ».

João do Rio. — « A alma encantadora das ruas ».

João do Rio. — « O momento literario ».

Arthur Azevedo. — « Contos fóra da moda ».

José de Alencar. — « Incarnação ».

Cardoso de Oliveira. — « Versos ».

P.e Teschauer. — « A flora nos costumas e lendas brazileiras ».

« Os Indios do Brazil ».

« Vida e Obras do veneravel P.e Roque Gonzales de Santa Cruz, primeiro apostolo do Rio Grande do Sul ».

Dr. José Gomes de Faria. — « Estudo do carbuncudo symptomatico ».

Damasceno Vieira. — « Albatrozes » novas poesias.

« O descobrimento da America ». Hommagem a Rui Barbosa.

Saïd Ali. — « Difficuldades da lingua portugueza ».

« Jardim das Oliveiras ».

« Esphinge ».

Alb. Gervais. — « La Republica degli Stati Uniti del Brasile ».

Costa Silva. — « Sangue », versos.

Azambuja. — « Annuario do Rio Grande do Sul ».

Correa de Araujo. — « Pela patria », poemeto.

Almachio Diniz. — « Zoilos e esthetas ».

Wilemann. — « Brazilian Yearbook ».

Joaquim Vieira Ferreira Sobrinho. — « Auxiliar Geographico ». O Estudo de São Paulo.

« Almanak popular », Pelotas.

José Carvalhaes Filho. — « Estudos grammaticaes ».

Tito de Barros. — « Accordes », poesias.

Matheus de Albuquerque. — « Visionarios », versos.

Paulo Tavares. — « Questões de ensino ».

Joaquim Nabuco. — « Saint-Gaudens », discussão.

Domingos Barbosa. — « Contos ». Prefacio de Antonio Lobo.

Arthur Cardoso. — « Chimica organica » (2.ª ed.).

José Carvalho. — « Historia de Nhamundá ».

George Cromwell. — « Sinteze grammatical. » *Maranhão.*

Maranhao. « Dr José Gomes Faria ». Estudo do Carbunculo symptomatico.

Prado Sampaio. — « A literatura sergihana ». *Maraivo.*

Alencastro Veiga. — « Album. — Lembranças de Goyaz ».

Roque Callage. — « Prosas de hontem ».

Porto Alegra. — « Benedito Silva. — Lapidopteros do Brazil ».

Fregoli por dentro a sua historia e o seu bastidor

Naquella roda elegante, ás 3 da manhã, Frégoli, o extraordinario, era a graça imprevista. O salão do club suavemente illuminado de lampadas roseas estralejava de riso, porque Frégoli faz no Rio a sua vida de toda a parte, a de Paris ; — deita-se ao nascer da manhã, accorda á tarde, almoça ás cinco, vae para o theatro, é uma companhia inteira, assombra divertindo, empolga o publico, sae, vae jantar em companhia que ceia e só se deita quando de novo a treva empallidece.

Como homem, não ha homem mais simples, menos cabot e mais gentleman. E a sua alegria é contagiosa, é uma alegria de garoto genial, de « enfant-terrible » amado do mundo. Começa um homem a falar-lhe sério, acostumado á inaudita filaucia dos comicos que se julgam seres predestinados por fazer meia duzia de peças e uma duzia de operetas e dentro em pouco está a rir, inteiramente conquistado pelo traquinas do houmorismo e pelas suas partidas continuas. Eu tenho um respeito temeroso de todos os *foot-liglet* em tournée e entretanto admiro Frégoli, — Frégoli, o autor do vivo cinematographo caricatural da vida. Frégoli o protheu, Frégoli o cumulo da frivolidade no assombro da chronometria. Frégoli só Frégoli e todo o mundo. E naquella roda elegante um cavalheiro de casaca disse de repente :

— Frégoli, andam a dizer por ahi que você tem outro homem parecido.

— Ah ! dizem?

— Sim, porque é impossivel ser você só a representar peças inteiras, a fazer um programma inteiro de espectaculo, para depois apparecer calmo e sorridente.

Um outro, chegado de Paris, riu :

— Era a opinião de Waldeck Rousseau. O grande homem de estado de França chegou a apostar como era impossivel a arte de Frégoli. Veio até o caso no *Dail Mail.*

— Mas Waldeck foi ao bastidor e viu.

— Que impressão curiosa deve ser...

— Quérem vir, vocês?

Houve um côro geral de approvação. E hontem, á hora em que ia começar o espectaculo de Frégoli, lá estavamos todos nos bastidores do velho S. Pedro.

Toda a gente sabe como Frégoli começou a sua arte ultra pessoal. Foi instinctivamente. O garoto, em pequeno, ao sair de um espectaculo reproduzia em casa todos os papeis das operetas e dos dramas. Depois em rapaz, deu-lhe para fazar pilherias aos amigos e aos parentes. Uma vez vestiu-se de mulher e foi bater á porta de casa: — Poldo está? indagou ao velho pae. — Aquelle patife ainda não chegou! — Meu Deus, como sou desgraçada! — Quem é a menina? — Deixe-me entrar que tenho o direito. — Direito? — Sou uma pobre rapariga abandonada pelo monstro que é seu filho. — Ah! patife! Pobresita! Entre. Conte-me como isso foi... E só quando Frégoli quiz é que o pae deu pela pilheria.

Nessa occasião um mestre de canto, admirando a sua excellente voz de barytono, quiz aproveital-o. Mas Frégoli era rebelde, e pouco depois de estrear numa opera de Donizetti seguia para o serviço militar em Africa. Na Abyssinia, o seu genio alegre organisou um theatro para divertir o acampamento. Não havia peça. Frégoli fez a peça, o *Camaleonte*. Não havia ensaaidor, Frégoli ensaiou os companheiros. A ultima hora os companheiros não queriam representar. — Ah! elle é isso? indagou Frégoli. Pois represento eu sósinho. Foi para o palco improvisado, preparou as roupas com dois adjudantes e fez só o *Camaleonte*. A sua força de vontade admiravel descobrira um genero novo que lhe ia dar a gloria e a fortuna.

Pouco depois apparecia na Italia. O exito foi brusco, foi immediato, foi instantaneo.

Quem era esse homem? Que arte era aquella? O sublime? O palhaçal? O estupendo? O ridiculo? Era novo, era um producto do seculo. Era uma arte de troça que vinha directamente de um systema de philosophia, que estava no ambiente e que agradava ruidosamente. De um momento para outro as tres syllabas sonoras do seu nome foram conhecidas e acclamadas. No dia seguinte tinha imitadores, um alluvião de imitadores.

Eu tenho imitadores? Logo tenho algum valor!

Os homens de successo tem dois mezes para preoccupar o publico: no primeiro, divertem-no; no segundo, aborrecem-no. Frégoli, porém, percebeu, elle, o homem-protheu, que era preciso renovar-se, e com a sua força de vontade phenomenal, o seu indiscutivel talento, a observação superaguda de que é dotado, e o dom, só delle e por elle descoberto, revelou-se o mais fecundo autor de pochades, o libretista, o musicista, o pantomimista, o cantor, lançou-se ao mundo como o inaudito Frégoli e a sua carreira tem sido uma ascensão perpetua para a gloria e para a fama. Onde não esteve Frégoli, que não fosse acclamado? Na Italia, na Hespanha, na Allemanha, nas republicas da America, no Perú e no Rio-Grande do Sul, no Mexico e no Cairo, junto ao sultão da Turquia, ou perto do negus João, a acclamação das turbas segue-o. Londres fez-lhe uma apotheose identica á que fez à Duse; em Bruxellas foi o homem do dia; e Paris, por duas vezes, o tem applaudido com delirio, a ultima das quaes mais de quatro mezes, com espectaculos consecutivos. As receitas são sempre enormes. Ha uma cifra perpetua que o emprezario Paradossi, com a sua fleugma britannica, mostra sempre, e que um chronista, dado ao tro-

cadilho, já denominou paradoxal. Essa cifra é de um milhão para cima: um milhão de libras, um milhão de francos, um milhão de marcos... E Frégoli gasta a rodo e Frégoli, a rir e a divertir-se, sustentando, elle só, uma companhia de 70 pessoas — é quasi pobre.

Seria realmente curioso ver aquelle theatro por dentro e todos nós estavamos anciosos...

O scenario de Frégoli é arranjado por elle e com invenções de presteza suas. O scenario estava preparado. A orchestra, um dos attractivos da noite, toçava a ouverture da sua escolha. Por trás do scenario estavam seis homens, dois ou tres em mangas de camisa, um de calção de seda, e uma senhora. Em cima da mesa varias cabelleiras com as deformações das physionomias juxta-postas. Em cadeiras todos os fatos que Frégoli iria mudar. Houve um retinir de campainha e Frégoli appareceu:

— Vão vocês ver, fez elle a rir. E entrou em scena como si entrasse num restaurant.

Cantou, representou, entrou no bastidor por um lado. Sem o menor açodamento abrio os braços, continuando a dialogar a duas vozes emquanto um dos ajudantes tirava-lhe o casaco e a cabelleira, deu mais dois passos emquanto o outro lhe enfiava outra cabelleira e outra fatiota e appareceu em scena transformado. Não houvera nem da parte delle nem da parte dos seis homens que o acompanham a menor precipitação. Parecia nada e demorára dez segundos no maximo. Eu vira complicações e trapalhadas tragicas na bilionesima representação do *Tim Tim*. Via agora um homem só fazendo o impossivel com o ar de quem descançadamente toma um vermouth. Aquella arte frenetica e delirante, aquelle kaleidoscopio vertiginoso, aquelle maelstron de typos, um homem só o conseguia passando por trás de um biombo. Era espantoso. Frégoli dava-me a impressão de uma grande machina de que fosse o motor, e a intelligencia. Do mundo reduziria a complicação a formula mais simples, e da propria creação já ninguem acharia uma obra fatigante vendo a sua caricatura traçada por aquelle satanaz eternamente joven. No fim havia uma peregrinação tremenda, uma corrida de varios typos. Em scena elles appareciam de segundo a segundo, e Frégoli não correu, não apressou o passo no bastidor uma só vez, nem os seus ajudantes tiveram um momento de hesitação. Era um relogio o bastidor e o palco a montra da vida.

— Então? indagava o transformista para nós outros, entre duas tonalidades de voz. E os ajudantes riam da nossa surpreza.

Quando acabou, em uma hora Frégoli tinha feito mais de duzentas transformações, e vinha para nós com os olhos vivos, a bocca intelligente aberta num sorriso, o ar calmo.

— Mas isto é de estoirar, Frégoli! Ninguem dirá!

— Oh! eu descanço em scena quando quero. E' simples. Augmento a scena ou diminuo-a. Aqui o que preciso é a calma chronometrica. Os resultados maravilhosos são tirados da simplicidade maxima e da maxima ordem de trabalho.

— Mas os teus imitadores cançam, botam os bofes pela bocca...

— Os imitadores! Os imitadores tem na cabeça a obcessão de Frégoli, e eu sou eu! Nem elles podem ser como eu, nem o publico os admitte como tal. Entre o publico e os imitadores ha sempre Frégoli e esses rapazes são a minha melhor *reclame*.

Nós sahimos com Frégoli, que exigia

não se fallar mais a respeito de Frégoli. Mas deante dos nossos olhos passavam todos aquelles multiplos typos, desdobramentos de um só ser, brilhavam os scenarios, composição de uma só creatura, nos nossos ouvidos harmoniosamente se juxtapunham a vista de cada gesto das innumeras figuras comparsas de musicas da sua escolha, e aquella irresistivel caricatura viva do mundo era só Frégoli...

Frégoli! Como vão admirar Frégoli? Frégoli é eminentemente popular em toda a parte da terra porque inventou para uma hora a *charge* da vida. Frégoli é admiravel porque o seu excentrecismo é feito de realidades, Frégoli é o espantoso porque evolue e muda na propria arte da transformação; Frégoli é inimitavel porque nenhum outro sabe como elle o que elle inventou.

E eu amo Frégoli, a vida, o relampago creador, como toda a gente na terra que repete o seu nome: — Frégoli!

JOÃO DO RIO.

D. SYLVANA (1)

(**Collecção Icks** por ALEXINA DE MAGALHÃES)

Um pae tinha seis filhos, — tres filhas e tres filhos.

A mais bonita das tres filhas era a do meio. E o nome della era — Sylvana.

Um dia o pae veio e pedio a D. Sylvana em casamento. Ella disse que não. Mas o pae queria muito e tornou a pedir. Então ella disse assim: « Só si papae me dér um vestido côr do céo com todas as estrellas. »

O pae, como tinha muita vontade de casar com a filha, procurou, procurou o vestido; afinal achou e trouxe.

A filha ficou muito desapontada; não esperava de todo que o pae pudesse encontrar um vestido como aquelle. Mas disse: « Agora, papae, eu quero lhe pedir mais uma cousa. »

O pae disse: « Pois peça. »

(1) NOTA. A xácara de *D. Sylvana* ouvi em Minas (E. F. C. B. — B. Constant; fazenda da Constancia) em 1906, de uma creada mineira quasi branca, que a aprendera de uma preta cearense aqui no sul.

No original nota-se, como em todos os outros, grande parcimonia de pronome complemento e mistura de pessoas grammaticaes — aqui, porém, *vós* o *você* e não *você* e *tu*, como de ordinario. Note-se mais — *Vosso* — empregado por si só como termo de deferencia. Si bem que como tal nunca o *visse* sinão reforçando outros (Vª Exª; Vª Magestade, mais ceremoniosos que Exª, Magestade, etc.) entendi respeitar a expressão popular, pois absurda não é.

Absurdo, á luz da moral codificada, seria o proprio enredo da xácara ou romance; entretanto, esse mesmo thema — casamento de pae com filha — apparece: (*a*) Na historia da Pelle de Burro, muito contada no interior do Brazil e em meios em que a lingua franceza é ignorada. (*b*) Na franceza (?) « Peau d'Ane (Contes Perrault). (c) Na ingleza (?) Princess in Disguise (The Reign of King Cole, pg. 54), etc., etc.

Cf. Th. Braga. *Rom. geral*, nota 12; Garrett — *Rom.* II, 103.

E ella: « E' que papae me traga um vestido côr do mar com todos os peixinhos. »

O pae saio; andou, andou, andou; procurou, procurou, procurou; afinal trouxe o vestido e disse: « Aqui está o vestido. Agora vamos para a egreja casar. »

A filha ficou muito triste; mas vestio-se e foi.

Quando chegaram á egreja, o pae disse:

« Dá-me a tua mão direita. »

Ella disse: « Não dou. »

Elle: « Dá-me a tua mão esquerda. »

Ella disse: « Não dou. »

O pae ficou muito zangado. Agarrou a filha, levou lá para o alto de uma torre que elle tinha mandado fazer no alto de uma montanha e deixou-a lá, sem nem uma gotta d'agua para beber.

Quando foi o fim do anno, Nossa Senhora appareceu lá na montanha e achou a moça quasi morta.

Perguntou o que ella estava fazendo alli.

Ella respondeu: « Foi meu pae que me poz aqui, porque elle queria casar commigo e eu não quiz. Estou morta de sêde. »

Então Nossa Senhora, segurando a moça pela mão, desceu com ella da montanha, chegou perto de um corregozinho, deu-lhe uma gotta d'agua a beber, e disse: « Agora eu não posso dar mais. »

Vae lá para sua casa; quando você chegar, ha de achar todos os seus irmãos nas janellas.

Na primeira janella você achará seu irmão mais velho: na segunda sua irmã mais velha; na terceira seu irmão do meio; na quarta sua irmã mais moça; na quinta seu irmão mais moço; na sexta janella sua mãe; na setima seu pae.

Pois bem; chegando lá, você peça agua, a cada um por sua vez, cantando assim...

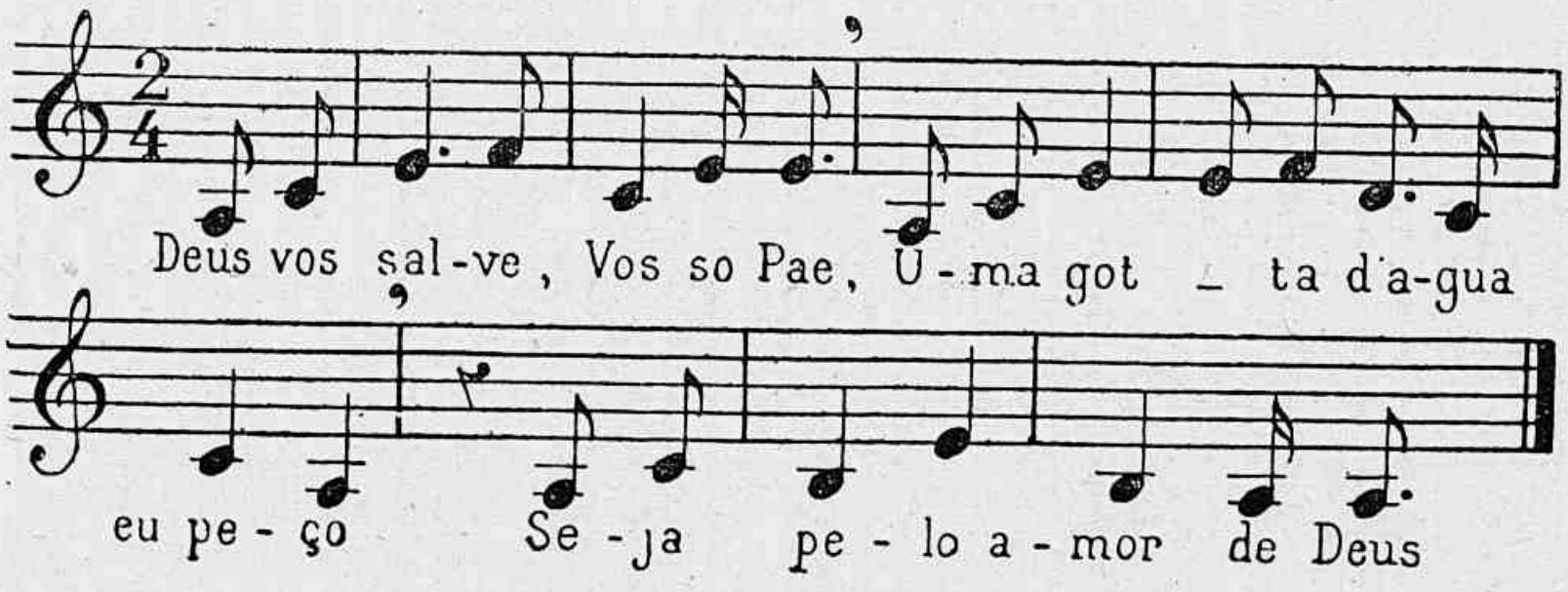
E Nossa Senhora ensinou como ella havia de cantar.

D. Sylvana aprendeu, beijou a mão á Nossa Senhora, e foi.

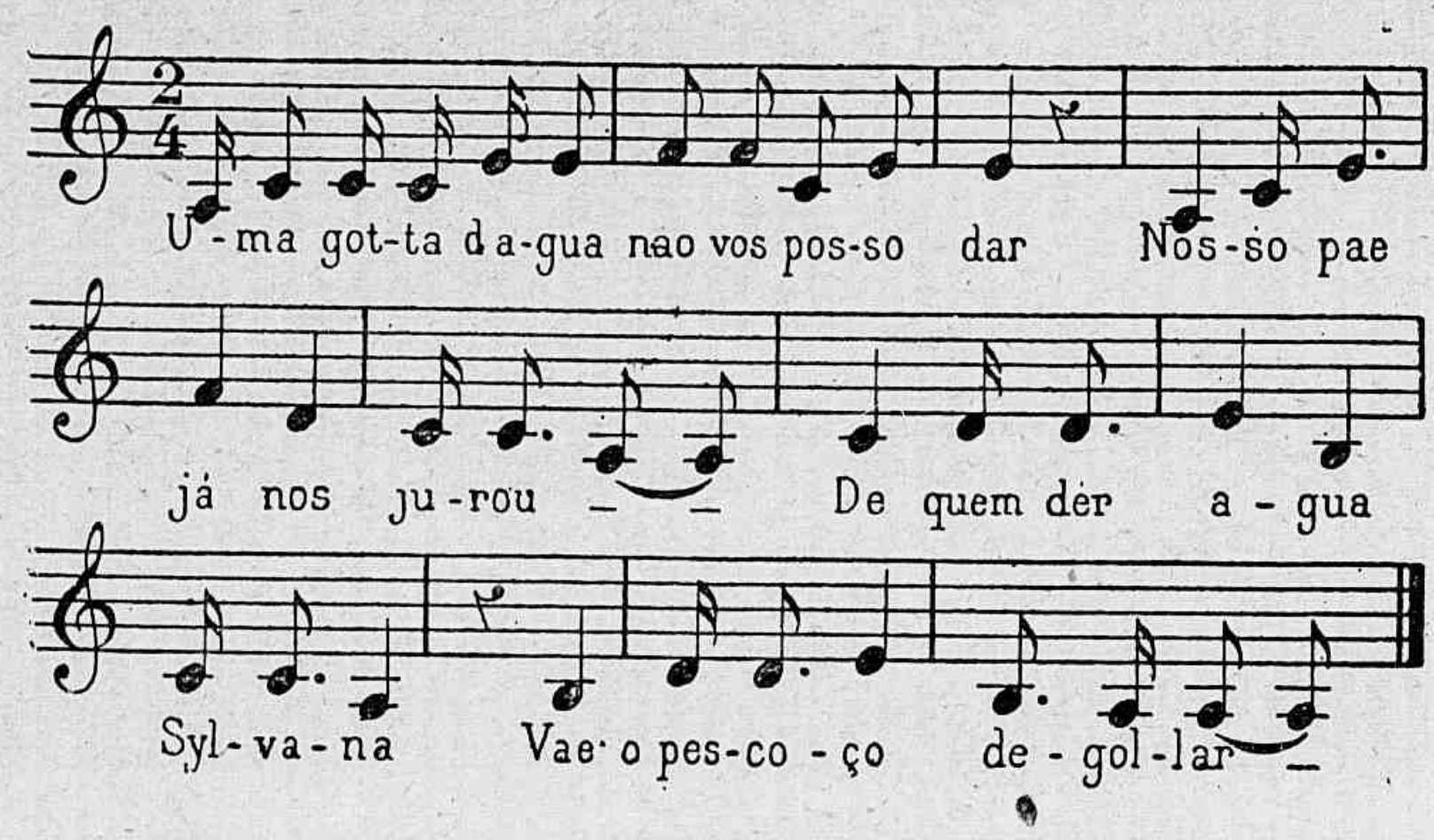
Chegando lá, achou todos nas janellas, tal qual como Nª Sª tinha dicto.

E fez tal qual como Nª Sª tinha ensinado.

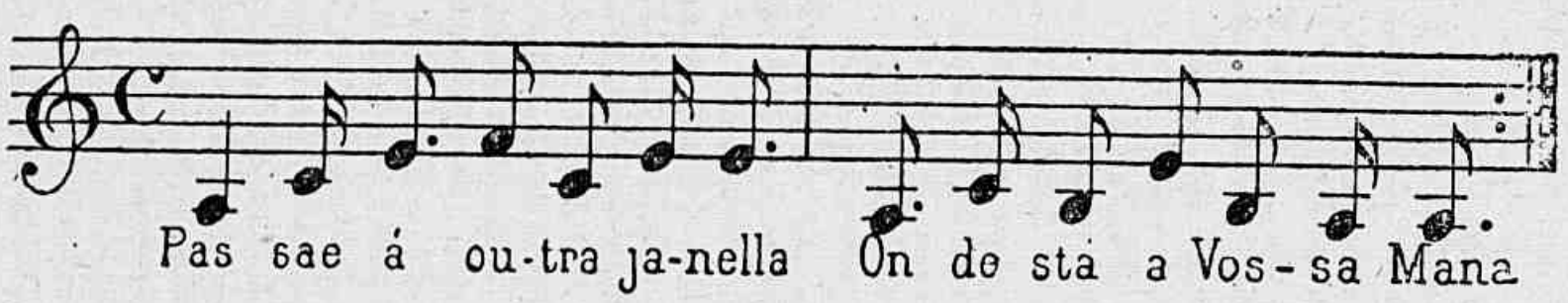
Parou primeiro em frente á primeira janella, áquella em que estava o irmão mais velho, e cantou assim:



O irmão respondeu :



E depois continuou :



Ella passou á outra janella e cantou :

« Deus vos salve, Vossa Mana,
Uma gotta d'agua eu peço,
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

A irmã mais velha respondeu :

« Uma gotta d'agua
Não vos posso dar,
Nosso pae já nos jurou
De quem der agua á Sylvana
Vae o pescoço degollar. »

Depois disse :

« Passae á outra janella
Onde está o Vosso Mano. »

D. Sylvana passou á outra janella, em que estava o irmão do meio, e cantou :

« Deus vos salve Vosso Mano
Uma gotta d'agua eu peço,
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

O irmão do meio respondeu:

« Uma gotta d'agua
Não vos posso dar,
Nosso pae já nos jurou
De quem der agua a Sylvana
Vae o pescoço degollar. »

E depois:

« Passae á outra janella,
Onde está a Vossa Mana, »

Ella passou para a frente da janella em que estava a irmã mais moça, e cantou:

« Deus vos salve, Vossa Mana,
Uma gotta d'agua eu peço,
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

A irmã respondeu:

Uma gotta d'agua
Não vos posso dar,
Nosso pae já nos jurou
De quem der agua Sylvana
Vae o pescoço degollar. »

Depois disse:

Passae a outra janella
Onde está o Vosso Mano. »

Ella passou para em frente á janella, em que estava o irmão mais moço, e cantou:

« Deus vos salve, Vosso Mano,
Uma gotta d'agua eu peço,
Dae-m'a, pelo amor de Deus. »

O irmão mais moço respondeu:

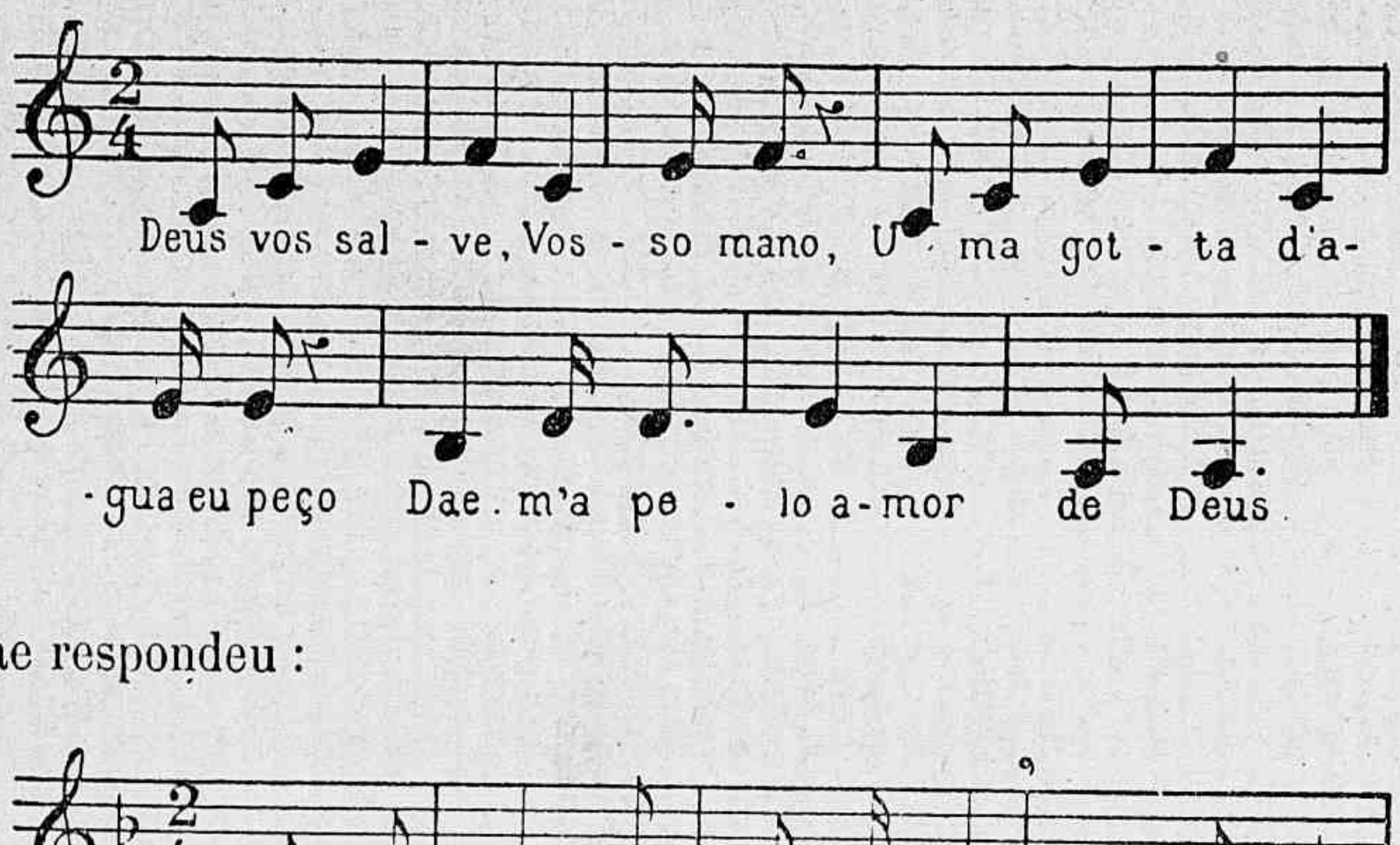
« Uma gotta d'agua
Não vos posso dar,
Nosso pae já nos jurou
De quem der agua Sylvana
Vae o pescoço degollar. »

E depois:

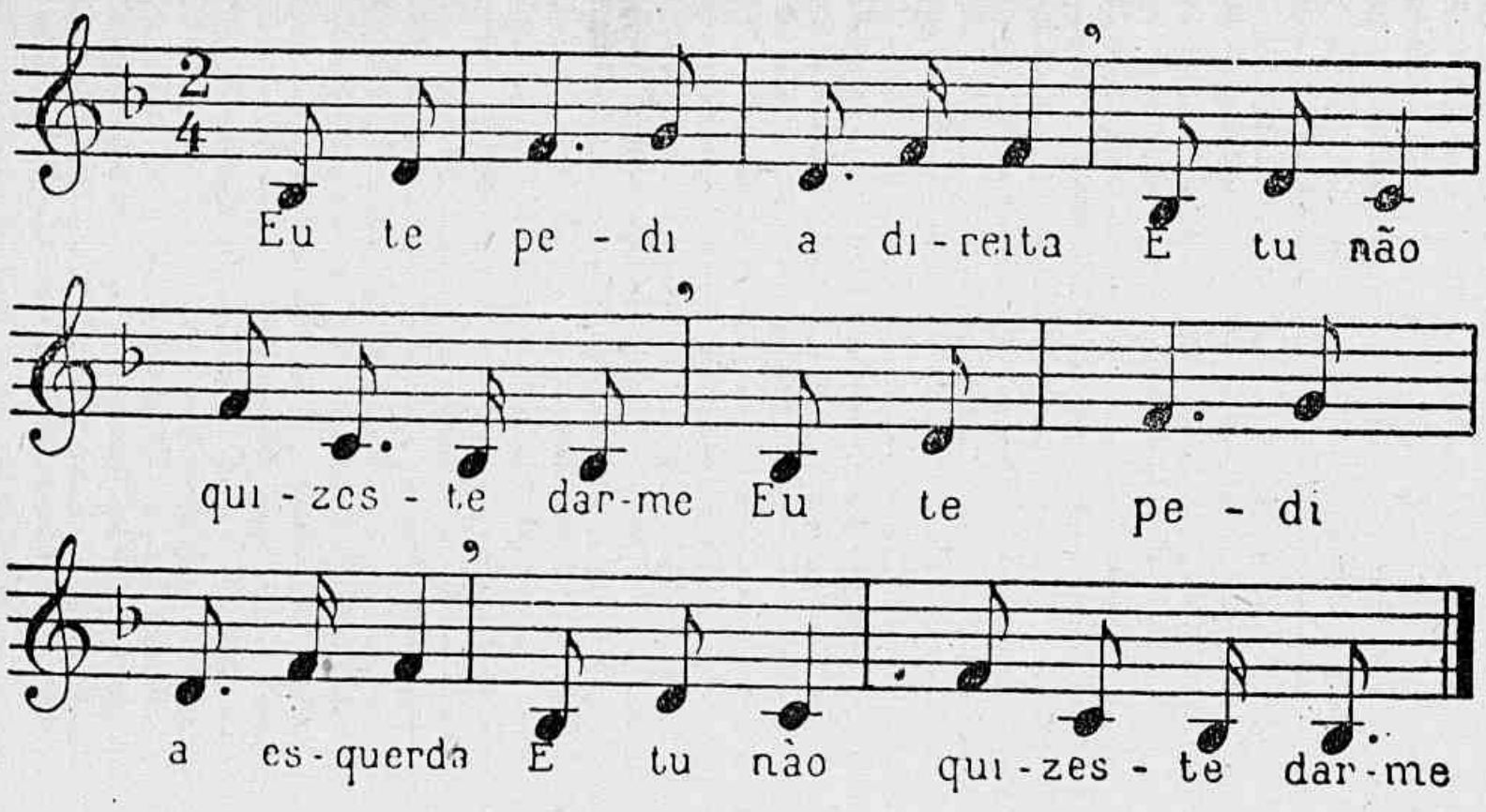
« Passae a outra janella
Em que está a vossa mãe »

E ella passou e cantou. A mãe tambem respondeo que não podia dar, e e mandou que ella passasse á outra janella em que estava o pae.

E ella obedeceu e cantou :



O pae respondeu :



« Então a filha cantou assim :

Eu vos dou a mão direita
E a esquerda, si quizerdes,
Uma gotta d'agua eu peço,
Dae-m'a pelo amor de Deus. »

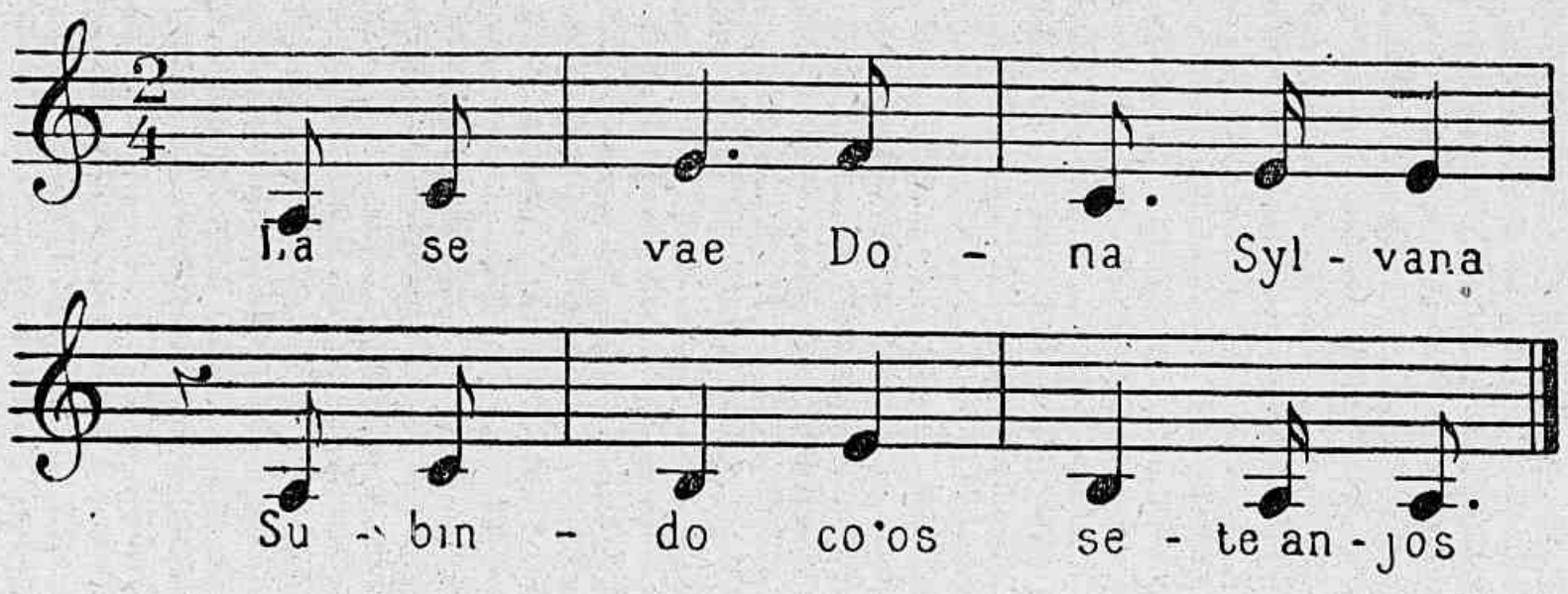
E o pae respondeu depressa :
(*Cantando* :)

« Corram, corram meus creados
Mais depressa que puderem,
Tragam uma salva d'agua
Para a senhora Sylvana. »

Quando os creados vinham chegando com a salva d'agua, o pae caio para traz morto do lado de dentro, e D. Sylvana pr'a traz morta do lado de fóra.

E appareceram logo sete anjos trazendo um lençol branco. Embaixo do lençol estava uma cadeira. Elles sentaram D. Sylvana naquella cadeira de braços forrada com aquelle lençol muito clarinho e foram levando para o céo.

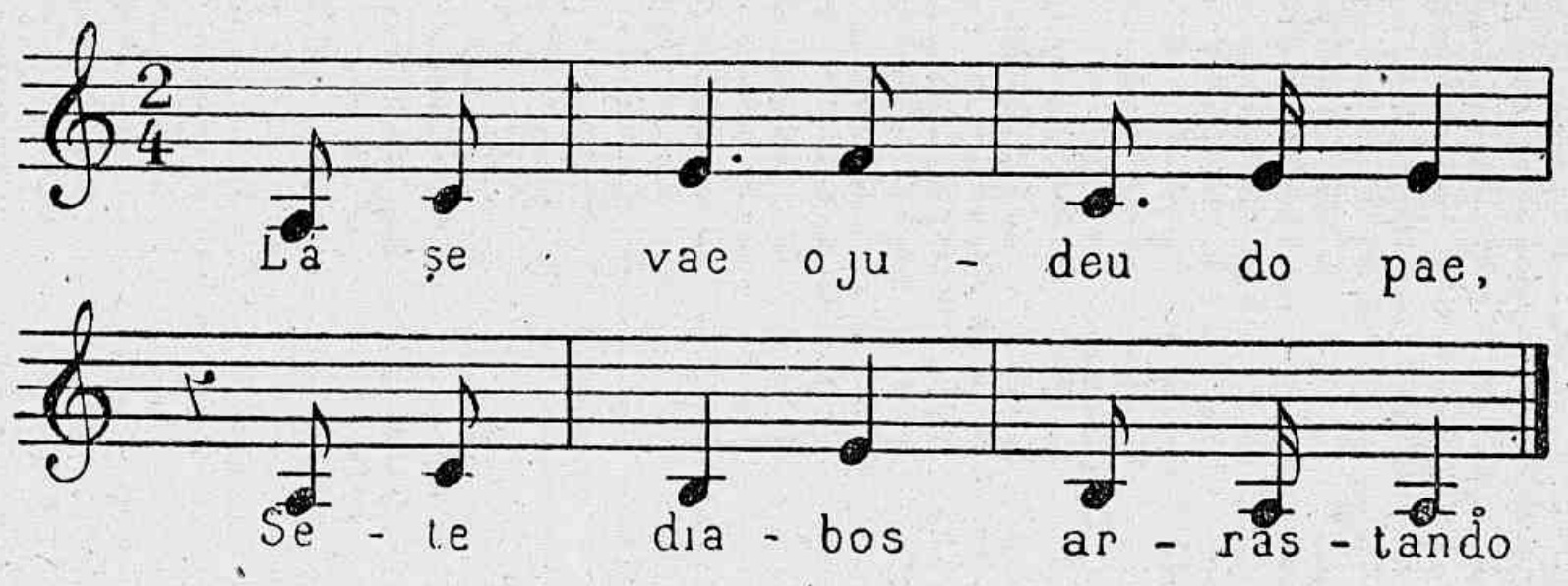
A mãe e os irmãos cantaram assim :



Lá se vae dona Sylvana
Subindo co'os sete anjos.

Depois vieram sete diabinhos, com espetos, e foram arrastando o pae para o inferno.

E os que estavam presenceando aquella scena: cantaram assim :



Lá se vae o judeu do pae
Sete diabos arrastando

DIALOGO ENTRE SOGRA E GENRO :

— Minha senhora !

— Meu senhor!

— Vossa filha é insuportavel !

— Ah !

— Tem crises de nervos trez vezes por dia.

— E depois ?

— E'exigente, colerica, entrega-se demasiado á garridice !

— E que mais ?

— Pois a senhora julga que não é bastante ?

A sogra apruma-se :

— Então o senhor julga que se não fosse isso eu lh'a tinha dado ?

Vinte naufragos salvos pelo « Benjamin Constant »

Chegavava-nos a 3 de Junho a muito grata noticia, enviada telegraphicamente pelo commandante do « Benjamin Constant », capitão Gomes Pereira, de que o seu navio se demorara dois dias na deserta ilha de Wake, salvando vinte naufragos que ha um anno ali se achavam.

A ilha Wake fica a meio caminho dos archipelagos de Sandwich e Magalhães, ao norte do archipelago allemão de Marschall e um pouco ao nordeste de Gaspar Rico, no mesmo pararello de Revilla Gigedo e do Mauna Loa, o tremendo vulcão da maior Hawaii. Está, por assim dizer, isolada nessa amplidão marinha. Em um largo raio para a norte, para léste e para o occidente os mappas não trazem indicação de terra insular e os raros pontos que emergem mais longe nessas direcções são indicados como lugares ermos, regiões sem dono e que nenhuma nação pensa occupar.

Mais tarde, por correspondencia epistolar, que só pôde ser aqui publicada na ultima quinzena do mez de Julho é que chegaram noticias mais minuciosas do facto, que felizmente o vieram confirmar por completo.

Pas-ando o « Benjamin Constant » por aquella ilha, pertencente aos Estados-Unidos, para depois desfechar o rumo para o sul do Japão, o commandante desejou fazer um reconhecimento, em vista da divergencia que existe na sua marcação nos differentes roteiros.

Como fosse muito forte a corrente de N. E., o cruzador approximou-se muito da ilha, e, depois de satisfeitos os fins em vista, ja se preparava para seguir derrota quando o capitão-tenente Alvaro de Carvalho, lobrigando uma bandeira que tremulava no tope de um improvisado mastro, communicou o facto ao commandante e propoz-se ir á terra levar soccorro, caso fosse necessario, pois não restava duvida que ahi existia gente, o que pouco depois foi confirmado por todos os officiaes que para lá dirigiam seus binoculos.

Aceita a proposta, preparou-se um escaler equipado com 12 homens escolhidos, que levaram armas e alimento. De bordo foi dado um tiro com o fim de chamar a attenção de quem existisse na ilha, e o escaler largou.

Logo á approximação do escaler surgiram da relva varios homens que, ora estendendo-se em linha, ora unindo-se, levantavam os braços, como para indicar que havia gente e que anciosos esperavam soccorro; depois, dous se destacaram do grupo e, correndo para a parte W. da ilha, indicaram o melhor ponto para a atracação, emquanto o mesmo fazia o capitão-tenente Carvalho, chefe da expedição.

Era, porém, impossivel transpôr a tal arrebentação, o que o levou a largar o ancorote por fóra desta e aproar as vagas.

Foi justamente por essa occasião que um dos naufragos lançou-se ao mar para ver se transpunha a arrebentação. Não conseguio nada. Pouco depois, outro mais audacioso, já subindo na crista duma onda, já furando a que se succedia, logrou com o auxilio de uma boia dada pelo escaler chegar até este, onde foi reconhecido como Japonez, e por mimica deu a perceber que restavam 20 em terra e que eram naufragos de um navio de pesca japonez, que mais tarde se soube chamar-se *Hokiu Maru*.

Cahiu a noite e novamente de bordo deu-se um tiro, o qual, segundo a convenção, serviria para chamar o escaler; e assim ficava terminada esta expedição.

Chegado a bordo, foi o japonez levado á presença do commandante, a quem repetiu o mesmo que antes havia dito.

Depois de convenientemente vestido e alimentado, levaram-no para o tombadilho, onde muitos officiaes curiosos lhe faziam uma série de perguntas e procuravam aprender algumas palavras japonezas.

Logo ao romper da aurora do dia im-

mediato, antes mesmo do sol surgir no horizonte para dourar as arêas e fazer reluzir os crystaes das rochas dessa ilha, partia de bordo uma segunda expedição composta de dous escaleres e uma chalana, todos nas mesmas condições que no dia precedente, tendo como chefe ainda o mesmo official e mais tres outros auxiliares.

Um tiro fôra dado e nos topes dos mastros içaram-se as bandeiras brasileira e japoneza.

O instincto de conservação é sem duvida commum a todas as raças e ninguem poupa esforços para se salvar.

Ainda a meia distançia, os escaleres encontraram uma velha canôa, que durante a noite elles haviam conseguido collocar fôra da arrebentação. Vinham embarcados nella tres Japonezes. Um delles estava munido de um diccionario « inglez-japonez », e, fallando um poucochito a primeira dessas linguas, fazia-se comprehender perfeitamente, dando assim informações sobre o lugar melhor para a atracação e o croquis da ilha.

Foram todos então para terra e como o vento augmentasse de intensidade e peiorasse a arrebentação, grande tempo perdeu o escaler para encontrar posição favoravel. Por fim chegados ao lugar escolhido, com o auxilio de um destemido japonez, conseguiu-se passar um cabo de *vai e vem*, que aguentava uma jangada, permittindo então que esta, ora alada de terra, ora de bordo, transportasse para o escaler grande numero de naufragos.

Esta segunda expedição terminou os seus trabalhos ás 4 horas da tarde e, embora corôada de melhor exito, não foi completa, porquanto ainda ficaram em terra seis naufragos.

Grande alegria manifestaram os recem-vindos, o que alias não é commum ao japonez, devido ao seu temperamento frio.

Dous officiaes que foram nessa expedição saltaram em terra, conseguindo com grande risco de vida transpor a arrebentação.

Apezar dos insistentes pedidos destes officiaes, não quizeram os seis homens restantes vir para bordo. Receiavam transpôr a arrebentação e além disso não queriam deixar os objectos que possuiam na ilha, objectos estes que eram da carga do navio e mais alguns trabalhos feitos por elles durante a estadia alli. Semelhante resolução, porém, era baseada na ignorancia de que se achassem a 2.000 milhas de Yokohama, e tanto assim que um delles entregou uma carta ao tenente Aarão Reis para que este official mandasse leval-a a uma companhia de vapores em Yokohama, na persuação que esta companhia providenciaria no sentido de rapatrial-os.

Os officiaes que foram á terra narraram ter encontrado uma casinha coberta com palha e duas janellas, havendo no interior um estrado de palhinha caracteristico dos habitos japonezes, uma cozinha, um deposito de kerozene e phosphoros; depois algumas plantações de arroz e as sepulturas dos 20 naufragos que não resistiram ás difficuldades daquella vida de sacrificios.

Conforme lhes disseram os Japonezes essas plantações de arroz e essa casa já existiam na ilha quando elles chegaram.

Alimentavam-se sómente de peixes e aves e bebiam agua da chuva que recolhiam em depositos por elles feitos.

Os alludidos naufragos offereceram aos officiaes muitas pedras curiosas e passaros embalsamados, que elles, entretanto, não puderam trazer para bordo, obrigados como se viram a atiral-os n'agua quando atravessavam a linha da arrebentação.

Por occasião da despedida combinaram deixar uma bandeira que serviria de marco ao navio que depois fosse buscal-os.

Na tarde desse mesmo dia seguiu para terra uma terceira expedição pilotada pelo capitão-tenente Annibal Gama, com o intuito de tentar conduzir os naufragos restantes. Infelizmente, essa expedição, como já estivesse bastante escuro e de bordo fosse dada ordem de regresso, teve de voltar, trazendo apenas mais dous Japonezes.

E assim viam os nossos compatriotas com immenso pezar, terminada sua espi-

nhosa tarefa, sem a salvação de todos.

Mas, por deliberação tomada em commum, passou-se mais uma noite naquelle perigoso posto, e no dia seguinte enviou-se uma outra e ultima expedição, que trouxe comsigo os japonezes restantes, seguindo então o navio.

São acções como esta, praticadas por simples e puro espirito humanitario, com sacrificio e risco que se não podia anticipadamente medir, que caracterisam a grandeza do coração brasileiro e que por-isso merecem geraes applausos de nossa parte quando praticados por aquelles a quem cabe tornar-nos conhecidos fóra da patria como somos.

O lançamento do "Minas Geraes"

A 10 de Setembro, em presença do chefe e demais membros da Commissão Naval Brasileira e de numerosos officiaes da nossa Armada, foi lançado ao rio, dos estaleiros Armstrong, em New-Castle on Tyne, o couraçado *Minas Geraes*, da marinha de guerra nacional.

O *Minas Geraes* é o primeiro dos tres couraçados de 19.280 toneladas encommendados pelo Governo em substituição aos de 13.000 toneladas do programma naval de 1904.

Pelo modelo que figurou na Exposição Nacional, já é conhecido do publico o que representa esse navio como poder militar. Elle não é excedido por nenhum dos couraçados actualmente em construcção para as diversas marinhas.

Quem observar o desenvolvimento da Marinha nestes ultimos vinte annos verificará que os tres grandes couraçados que temos em construcção não representam uma addição numerica para a nossa esquadra, mas unicamente uma substituição de varias unidades tornadas obsoletas e inserviveis.

Em 1900, dispunha a esquadra de quatro couraçados — *Riachuelo*, *Aquidaban*, *Deodoro* e *Floriano*, constituindo a sua força de combate.

O *Aquidaban*, perdeu-se em Jacuacanga; o *Riachuelo* tornou-se inservivel por sua grande idade e os dous guarda-costas revelaram-se improprios para o serviço no alto mar.

E'muito natural, pois, que o Brasil procurasse manter a força numerica de sua esquadra, substituindo os navios velhos ou desapparecidos.

Assim é que o *Minas Geraes* vem substituir o *Aquidaban;* o *S. Paulo*, o *Riachuelo*, que terá baixa brevemente, e o *Rio de Janeiro*, um dos dous guarda-costas, que será provavelmente enviado para servir no rio Amazonas.

Para mantermos a mesma força numerica de que dispunha a esquadra couraçada em 1900, seria ainda necessario encommendar mais um couraçado, para substituir o outro guarda-costa. A encommenda feita pelo Governo, está, pois, ainda aquem do numero que seria necessario para effectuar a completa substituição dos navios existentes, e manter em navios o mesmo numero.

Não é, porém, sómente o numero dos couraçados que temos em construcção o motivo da agitação feita em torno da reconstituição que estamos realizando na nossa esquadra.

E' principalmente no seu poder militar que esse motivo reside.

Mas do facto de ter o Brasil preferido, em lugar de navios de valor secundario, possuir navios iguaes em poder aos seus similares extrangeiros, não se póde razoavelmente deprehender outra cousa senão o desejo de provêr a sua defesa maritima de modo tão efficaz como o permittam os recursos do paiz e as condições actuaes das construcções navaes.

São interessantes os seguintes dados comparativos entre o *Minas Geraes*, primeiro

dos couraçados brasileiros, e os demais couraçados extrangeiros actualmente promptos, em construcção e projectados :

Minas Geraes. — Brasil. — Armamento grosso, 12 canhões de 12 poll.; armamento secundario, 22 de 4,7 poll.; marcha, 21 knts.; deslocamento, 19.280 tons.

Dreadnought. — Inglaterra. — Armamento grosso, 10 canhões de 12 poll.; armamento secundario, 27 de 18 linhas (3 poll.); marcha, 21 knts.; deslocamento, 17.900 tons.

Danton. — França. — Armamento grosso, 4 de 12 e 12 de 9,4 poll.; armamento secundario, 16 de 3 poll.; march, 18 knts.; deslocamento, 18.000 tons.

Erzatz Bayern. — Allemanha. — Armamento grosso, 14 de 11 poll.; armamento secundario, 18 de 3,4 poll.; marcha, 19 knts.; deslocamento, 18.000 tons.

Pacificator. — Estados Unidos. — Armamento grosso, 10 de 12 poll.; armamento secundario, 12 de 4,7 poll.; marcha, 20 knts.; deslocamento, 20.000 tons.

Aki. — Japão. — Armamento grosso, 4 de 12 poll. e 12 de 10 poll.; armamento secundario, 12 de 3 e 4,7 poll.; marcha, 20 knts.; deslocamento, 19.200 tons.

X. — Russia. — Armamento grosso, 4 de 12 poll. e 12 de 10 poll.; armamento secundario, 12 de 3 e 4,7 poll.; marcha, 20 knts.; deslocamento, 19,200 tons.

Desta tabella verifica-se que o *Minas Geraes* excede todos os demais couraçados em poder de artilharia, pois os seus doze canhões de 12 pollegadas constituem um armamento mais formidavel do que os dez dos inglezes e americanos, os 14 de 11 pollegadas dos allemães e os do armamento composto de dous calibres dos fracezes, russos e japonezes. E' o *Minas Geraes* o *unico* navio que póde disparar uma banda de 12 canhões de 12 pollegadas por qualquer dos bordos, contra oito dos inglezes e americanos e contra quatro dos demais. Só o couraçado allemão póde apresentar 12 canhões pelo través; mas esses são apenas de calibre de 11 pollegadas — de poder inferior aos de *Minas Geraes*. Os canhões de 9,4 pollegadas dos francezes e 10 pollegadas dos russos e japonezes, em numero de seis pelo través, que eleva a dez o numero de grossos canhões disparados por elles pelo través, não podem equilibrar os 10 de 12 pollegadas do *Minas Geraes*.

No que respeita ao armamento secundario, é ainda superior o *Minas Geraes*, pois apresenta 22 canhões de 4,7 pollegadas, contra 12 canhões do mesmo calibre dos japonezes e russos e 16 e 18 de tres dos demais.

A marcha do *Minas Geraes* é igual á do mais veloz dos couraçados extrangeiros, que é o *Dreadnought*, e superior á de todos os outros.

Tambem no que respeita ao couraçamento, sua superioridade é incontestavel, pois é elle revestido de uma couraça uniforme de nove pollegadas de alto a baixo, acima da linha d'agua, tendo os extremos protegidos até 10 pés de altura, ao passo que nos extrangeiros a espessura da couraça não é maior de sete a oito pollegadas, acima do cinto da linha d'agua, e nos extremos não vai acima de cinco pés.

Os caracteristicos do *Minas Geraes* foram fixados pelo proprio Sr. Ministro e approvados por numerosos officiaes de todas as patentes, chamados para emittir parecer, entre os quaes todos os engenheiros navaes.

Em relação ao preço do *Minas Geraes*, comparado com o do *Dreadnought*, reproduzimos aqui os elementos que serviram para uma comparação — (Brassey, pg. 194,07).

O *Dreadnought* desloca 17.900 toneladas e custou £ 1 813.100, com o armamento, o que dá £ 101 por tonelada.

O *Minas Geraes* desloca 19.280 toneladas e custa £ 1.821.400, com armamento, o que perfaz £ 95 por tonelada.

Essa differença de preço foi obtida pelo Governo nas suas negociações com a casa Armstrong, para a substituição dos tres couraçados de 13.000 toneladas encommendados pelo Governo passado, por tres de 19.000 toneladas. Ella foi obtida sem prejuizo da efficiencia dos nossos navios, pois o *Minas Geraes* desloca mais 1.380 to-

neladas que o *Dreadnought*, tem mais dous canhões de 12 pollegadas, tem um armamento secundario mais poderoso 200 por cento, suas couraças são mais extensas e tem igual marcha.

Tambem em relação aos couraçados primeiramente encommendados de 13.000 tons, a construcção dos couraçados encommendados pelo actual Governo, sahio por menor preço. Os couraçados de 13.000 custaria £ 96 por tonelada contra £ 95 do *Minas Geraes*.

Dr. George Dumas

Como em 1907 tivemos a honra da visita de dois homens illustres, os Snrs. Paul Doumer e Guglielmo Ferrero, hospedamos em 1908 outros importantes personagens, entre os quaes o Snr. Dr. George Dumas, notavel professor da Sorbonne e autor de varios livros que lhe valeram a reputação mundial de que goza.

O Dr. Dumas veiu ao Brasil accedendo ao convite que lhe foi feito pela sociedade de Psychiatria, Neurologia e Medicina legal.

Aqui chegado em principio de Setembro, realisou uma serie de interessantes conferencias, sempre concorridas por numeroso e escolhido auditorio. « O cheiro de santidade », « A abstinencia nos santos e nos fakires », « O diabo em Paris », « Psychologia dos muribundos », « O espiritismo », « Augusto Comte », assim intitulou as que foram feitas no salão da Associação do Commercio, e que, principalmente pela curiosidade do assumpto, attrahiram um publico maior, merecendo os mais vivos e francos applausos.

Como homem de sciencia o Dr. Dumas impõe-se pela seriedade de suas intenções, pelo seu forte preparo, pela sua admiravel arte de exposição, ao mesmo tempo engenhosa e simples. Nelle se vê um homem de real valor, mas completamente despido de irritantes pretenções ou de um dogmatismo intolerante e estreito. Como cavalheiro de fino trato e facilmente accessivel, sempre attento a não ferir susceptibilidades individuaes ou devidas ao sentimento nacional, elle conquistou a boa amizade dos que tiveram a ventura de sua convivencia, deixando no Brasil um pugillo de affeiçoados e sympathias geraes as mais sinceras.

O Snr. Dr. George Dumas partiu para S. Paulo a 25 de Setembro, seguindo dahi novamente para Europa.

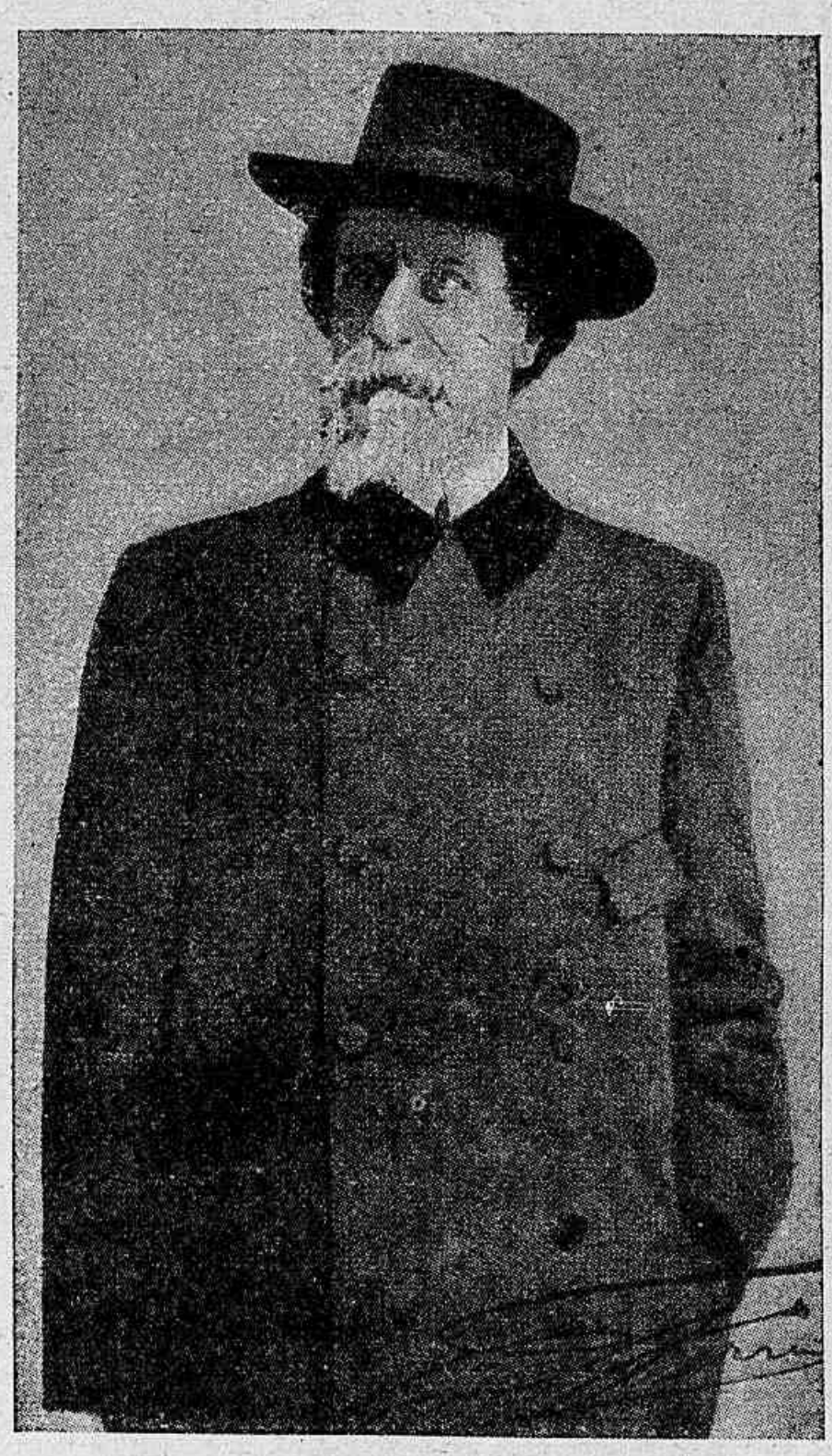
Enrico Ferri

Foi um verdadeiro acontecimento no Brasil a vinda do glorioso mestre italiano Enrico Ferri, chefe da escola positiva do direito penal, — doutrina revolucionaria que vale por uma nova crença, pelo apostolado de uma nova fé, — e, além disso, figura de primeira ordem tanto na imprensa como na tribuna do seu paiz.

De quantos illustres hospedes o Brasil tem se honrado em acolher, até hoje nenhum ainda houve que ja offerecesse como este as condições de um homem cuja obra, tão consideravel pela sua extensão, e na verdade eminente, ja se

pudesse dizer acabada, valendo assim por uma carta de recommendação que se não pode jamais annullar em favor daquelle que a produziu e que por conseguinte tem direito incontestavel á admiração do mundo, tanto como si ja houvesse pago á morte o tributo que pagaremos nós todos.

Felizmente a cultura juridica é das mais desenvolvidas que haja no Brasil, de modo que entre nós existia um nucleo de espiritos perfeitamente conscientes do valor do grande professor italiano e portanto capazes de honrar a nossa terra preparando-lhe uma recepção condigna e dando-lhe a carinhosa hospedagem que lhe é devida em todo paiz que mereça os foros de civilisado. Deu-se ainda mais que esse nucleo de espiritos é representado por homens que, pela posição social ja effectivamente conquistada, pelo seu predominio sobre a opinião publica, dispunham de força moral e dos meios necessarios para dar vulto e grandeza á manifestação dos seus sentimentos, para transformar numa verdadeira apotheóse, como transformaram, o acolhimento que se fez em nossa terra áquelle alto representante do genio latino contemporaneo.



Enrico Ferri.

Não cabe nos limites de uma despretenciosa noticia como deve ser esta referir, siquer ligeiramente, todas as manifestações que aqui se fizeram a Enrico Ferri, contar a historia dos seus triumphos em nossa terra toda vez que assomou á tribuna e produziu uma das suas electrisantes conferencias, registar o desusado movimento intellectual a que a sua palavra veiu dar motivo e estimulo, não só no Rio, como em differentes outras cidades do Brasil.

Nosso fim é unicamente deixar nestas linhas o rapido registo do facto, que não podia ser esquecido numa publicação desta ordem sem implicar numa falta injustificavel da nossa parte.

Concluiremos dizendo que bastaria sómente o facto dessa visita, tendo passado entre nós duas semanas o nosso eminente hospede, — de 15 a 30 de Novembro, — para já não considerarmos como um anno vasio o de 1908, no que respeita á nossa vida intellectual.

Charles Richet

Outro homem de excepcional valor que veiu conhecer de perto o Brasil, attrahido pela grande e multipla curiosidade que caracterisa o seu espirito eminentemente indagador, foi o Snr. Charles Richet, professor de physiologia da Faculdade

de medicina de Paris. Elle aportou ao Rio de Janeiro a 24 de Novembro, e depois de uma breve estada na Capital da Republica emprehendeu uma viagem ao Amazonas, de onde regressou para a Europa em principios de Janeiro de 1909.

O eminente professor que nos quiz honrar com a sua visita tem uma grande bagagem, não só scientifica como literaria, pois que tambem cultiva a poesia e é autor de contos e romances de feição social e moral. E' dos primeiros nomes que figuram entre os scientistas actuaes da França, gozando de uma reputação solida e invejavel no mundo inteiro.

Actualmente consagra uma grande parte da sua actividade intellectual a uma nova sciencia, de que é o fundador e que elle proprio intitulou a metapsychica.

Além disso se acha inscripto na fileira dos generosos espiritos que formam a moderna corrente dos chamados pacifistas, dos que acreditam, sinão na possibilidade de acabar-se definitivamente com as guerras no mundo, pelo menos na efficacia dos esforços por tornal-as de cada vez menos frequentes, por limitar o seu terreno e a extensão dos seus males, por converter o processo violento que ellas representam em outros processos mais racionaes, mais intelligentes, mais justos e perfeitamente incruentos, sempre que seja possivel fazel-o.

Embora pouco se demorasse no Rio, sua passagem entre nós ficou assignalada por varias e interessantes conferencias que aqui realisou, dando-nos occasião de conhecel-o por differentes prismas do seu espirito e conquistando uma immediata sympathia da parte de quantos tiveram occasião de conhecel-o. O professor Richet é um homem chão, simples e ao mesmo tempo encantador. Seu semblante respira bondade e induz-nos desde logo a tomar-nos de uma perfeita confiança por elle.

Os fluminenses foram solicitos em lhe dar todas as provas de consideração e apreço possiveis, movimentos estes a que elle correspondeu pela fórma a mais captivante, dando mostras inequivocas de haver comprehendido perfeitamente o espirito respeitoso e affectivo com que o acolhemos e o tratamos emquanto se demorou entre nós.

A visita da Esquadra Americana

Foi uma occasião excepcional para darmos prova da nossa sympathia e apreço aos Estados-Unidos da America do Norte a que se nos offereceu com a visita que nos foi feita no mez de Janeiro pela poderosa esquadra de couraçados daquelle paiz que contorneou o continente pelo estreito de Magalhães, em direcção ao Pacifico.

Chegada a 12 daquelle mez ao porto do Rio de Janeiro, a imponente força naval dos nossos amigos yankees, composta de dezeseis couraçados, seis torpedeiras e quatro navios auxiliares, ao todo vinte e quatro vasos de guerra, demorou-se onze dias entre nós, offerecendo um espectaculo nunca visto na formosa bahia de Guanabara.

Durante esse tempo não cessaram reciprocas manifestações, verdadeiramente affectuosas, da nossa parte e da parte dos nossos hospedees, que dentro em pouco commungavam comnosco como velhos e conhecidos amigos que fossem, estabele-

cendo-se assim nesses dias uma atmosphera de regosijo e animação geraes em toda a cidade como ainda não se dera em casos desta natureza.

O governo brasileiro foi o mais solicito possivel em cumular de honras e finezas os viajantes que representavam um povo amigo e irmão, procurando todos os meios de tornar commoda e agradavel sua estada em terra brasileira. Mas sentia-se perfeitamente que não se limitavam á esphera official essas mostras de boa vontade e de cordeaes sentimentos; o povo inteiro alliou-se ao goveron numa admiravel e instinctiva harmonia de vistas, tormando desse modo completas taes effusões como ellas não poderiam ser si obedecesse a frias vistas diplomaticas ou simplesmente calculistas.

Os nossos hospedes tiveram perfeitamente o sentimento do facto. Em outras terras poderão ter sido mais apparatosas as manifestações por elles recebidos; em nenhuma foram mais sinceras, mais legitimamente enthusiastas.

Quando na tarde de 22 de Janeiro os possantes couraçados americanos fenderam de novo as aguas em demanda do Oceano, na esteira dos navios dessa esquadra ia effectivamente uma viva saudade. Quer os almirantes, pelo seu prestigio e pelo seu invejavel cultivo, quer os officiaes pelo seu fino trato e apurada educação, quer os marinheiros pela sua cordura, pelo seu bom comportamento e sobretudo pela sua alegria, deixavam atraz de si a recordação de onze dias de pleno contentamento para a cidade do Rio e sua população.

" SELVAS E CEUS "

Livro de versos de Pereira Barreto

Com a publicação de seu livro « Selvas e Céus », que figura na bibliographia de 1908, Pereira Barreto firmou nome na literatura brasileira, entrando para a lista dos nossos verdadeiros e legitimos poetas.

De vôo largo, sentimento e rythmo, e além disso fortemente suggestivo, — qualidade essencial áquelles a quem o verso é o seu legitimo instrumento de expressão, — elle nos offerece, no emtanto, o espectaculo de uma dessas almas que ainda mais vivem o sonho do que o expressam, em opposição a outras naturezas cuja capacidade idealisadora mais se reflecte no que expressam por palavras do que no que realisam por seus actos humanos.

Quem volva as paginas deste livro com a sympathia indispensavel á communhão dos espiritos, principalmente no caso de obras de emoção e esthesia, ficará para sempre com o sentimento de haver encontrado mais uma alma em seu caminho, alma vibratil e heroica, cheia de coleras de leão, mas tambem conhecendo os delicados instantes em que o sentimento só poderia ser traduzido pelo arrulho da pomba e a meiguice da ovelha.

Nossos leitores vão agradecer-nos de lhes proporcionarmos a leitura dos versos que se seguem, — duas paginas arrancadas ao acaso da forte e brilhante collectanea que as « Selvas e Céus » representam.

A MARIA

O mar, o monstro azul de escamas de aço e de oiro,
Amanhecera triste, e em derredor das fragas,
Na ancia eterna e febril do fundo sorvedoiro,
Quebravam surdamente os impetos das vagas.

Dir-se-ia, ao vêr-lhe a face azulea socegada,
Que um secreto pezar as ondas confrangia :
Tinha a aparencia atroz de uma fera enjaulada
A aparencia do mar na manhã desse dia...

Houvera um coração feito da heroicidade,
Do indomito valor das antigas heroinas,
Que rira, contemplando a glauca imensidade,
E afagando do oceano as espumantes crinas.

O grande monstro azul de escamas de oiro e de aço
Se afizera á mulher que lhe afrontara as iras,
E, quando a presentia, arqueava o alto espinhaço,
E tombava na praia espumando safiras.

Seu corpo virginal, que ela rindo entregava
Ás caricias sensuaes e inconcientes do oceano,
Lhe dava a sensação de uma volupia brava,
De um sentimento vago, estranho e quasi humano!

O mar lhe amava a carne e lhe conhecia a alma :
Quando ela um triste olhar nas aguas estendia,
Contendo logo a furia, e recobrando a calma,
Humilde como um cão, ele a seus pés gemia.

Eu que o vira apanhal-a e rolar sem esforço,
Aos clarões matinaes, como se acazo fôra
Orgulhozo tritão que levasse no dorso
A figura imortal de sua domadora....

Eu perguntei ao mar : Que é que têm tuas aguas?
Porventura, afinal a tua indiferença,
Por que Mary partiu, rebenta contra as fragoas,
E geme, e se desfaz nessa tristeza imensa?

Mary, que foi de um poeta a risonha esperança,
Nunca mais ha de rir á luz do sól, ó amor,
Alegre como uma ave ou como uma creança,
Com a pequenina mão tua grenha afagar!

Por isso entristeceste e a bruta natureza,
Que te cinge de céu e explende em derredor,
Contempla nossa enorme e sombria tristeza
Sem saber distinguir qual dellas é maior!

Eu, porém, que nutri minha alma da ternura
Que havia em seu tranquilo e sugestivo olhar,
Sinto bem que é maior do que a tua a amargura
Que ha no meu coração, ó desgraçado mar! »

Versos como estes só um poeta é que os faz.

N. V.

Theotonio Freire

Theotonio Freire. — Como se assigna, ou como é todo o seu nome, Manoel Theotonio Freire. — Filho legitimo de Manoel Theotonio Freire (já fallecido), e dona Leonilla Fausta Freire, nasceu na frequezia de S. José da cidade do Recife, Pernambuco, a 6 de outubro de 1863.

Em 1881 diplomou-se pela Escola Normal desta cidade e aqui exerce o cargo de primeiro escripturario do Hospital Militar, desde 29 de Abril de 1890.

Romancista, poeta, critico e tambem jornalista, é socio honorario do Lyceu de Artes e Officios e do Atheneu Musical Pernambucano (que já não existe); é socio correspondente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e socio effectivo da Academia Pernambucana de Letras, onde occupa a *cadeira de Paulo de Arruda.*

Tem publicado as seguintes obras literarias :

A Republica, poesia. Recife. 1884, in-4º (edição exgottada). 1 folheto.

Ritornellos Lyricos : versos. Recife, 1889, in-8º. Escripto com França Pereira. 1 vol.

A Patria Nova : Estudo literario, critico e historico do Brazil, sob o dominio da Republica : prosa, de collaboração com França Pereira. Recife, 1890. in-8º. 1 vol.

Lavas : versos modernos. Recife, 1890, in-8º. 1 vol.

Relevos : phantasias em prosa. Recife, 1894 (edição exgottada). in-8º. 1 vol.

Stelos : versos. Recife, 1896, in-8º. 1 vol.

Passionario : romance. (1ª edição exgottada). Recife 1897, in-8º. 1 vol.

Regina : romance. Recife, 1899, in-8º. 1 vol.

A Esmola da Justiça (carta ao Prefeito do Recife), versos. Recife, 1902, in-8º. 1 folheto.

Cartas e Chronicas : em prosa. Recife 1903, in-8º. 1 vol.

Flammulas : contos em prosa. Recife, 1904, in-8º. 1 vol.

Passionario : romance. (2ª edição). Porto, 1906, in-8º. 1 vol.

De relance : Estudos literarios. Recife, 1907, in-8º. 1 vol.

Bronze de Corintho, poesia. Porto, 1907. 1 folheto.

Patria, poesia. Recife, 1908, in-4º. 1 folheto.

Tem a publicar :

Syntheses literarias (ensaios de literatura e critica, de collaboração com França Pereira.)

Bronzes : volume de versos (talvez o seu melhor livro).

Em 1887, escreveu tambem um drama em 5 actos, de propaganda abolicionista, — *Clothilde* — cujo original perdeu-se no Club dramatico Familiar, desta cidade, antes de ter sido levado á scena.

Viu o seu nome, pela primeira vez, em *lettra de fórma*, assignando um artigo em prosa, n'*O Atheneu* (orgão do Club dos Estroinas) em 1882.

D'ahi para cá tem collaborado para a *Folha do Norte*, para a *Revista do Norte*, para a *Gazeta da Tarde* e para *O Norte*, *A Epocha*, o *Jornal do Recife*, *A Provincia* e *Diario de Pernambuco*, e redigiu :

Revista Contemporanea, Recife, 1894 a 1896. Desta revista foi fundador com França Pereira e Marcellino Cleto.

O Philartisto, Recife, 1888-1889. Recife.

O Commercio de Pernambuca, Recife, 1900.

Collaborou mais para a *Revista Pernambucana*, 1903, e para a *Revista do Academia Pernambucana de Letras*, e agora para *Evolução* e para a *Quizena*.

Além destes periodicos todos do Recife, tem collaborado em varios jornaes, revistas e almanachs de outros estados do Brazil, inclusive « *a Quizena* » do Rio de Janeiro.

E' collaborador fundador do *Almanach de Pernambuco*, do Dr Julio Pires Ferreira.

Entre os varios pseudonymos de que tem usado, são conhecidos os seguintes :

Oscar : — *n'O Norte*,

Nemo : — *n'A Epocha*,

Castor : — *n'A Provincia*,

Laura da Fonseca : — no Diario de Pernambuco.

Nas charadas o mais conhecido é *Caçador Indiano*.

Nunca publicou, porém, livro ou folheto algum com pseudonymo.

Hymno á noite

I

Que Genio d'Arte illuminado
Faria o Céo vasto e profundo?
O' meio-circulo sagrado,
    Illuminado,
Eternamente debruçado
Como um zimborio sobre o mundo!

II

Lendario azul de aguas ionias
D'onde, ó real concavo azul!
A lua tinge — aguas ionias —
    Ondas ionias!
Da tinta fria das insomnias
As noites álgidas do Sul.

III

Lua augural das noites bellas,
Tão pura e branca que parece
Uma corôa de donzellas,
    O' noites bellas!
Para um noivado das estrellas
Banhado em luz, deluido em prece.

IV

Que ourives d'oiros eucharisticos
Vos lavrou, estrellas, quem?
Como somnamb'los olhos mysticos,
De olhares mysticos,
De hymnarios d'oiros eucharisticos
Por onde nos contempla o ALÉM?

V

Via-lactea, ó luar de opala!
Que deuses calcam teus caminhos?
Ah! que eu não possa mais que olhal-a,
Luar de opala!
Para, noivando, desdobral-a
N'um grande leito d'oiro e arminhos,

VI

Seára de luz de idas origens,
Quem as estrellas semeou
Nesse de rutilas vertigens,
De idas origens,
Brilho cruél de olhares virgens
Que o ar da noite congelou?

VII

Caminho astral de São Thiago,
São maravilhas teus ballastros;
Mas só os alcança o olhar preságo,
O olhar preságo.
O' algidez brumal do Vago!
O' prata biblica dos astros!

VIII

São muito longe, e a Terra chumba
A alma que vive a olhar o Céo.
Antes, de vez, a alma succumba.
Que a alma succumba!
Cerrae, ó Noite, a minha tumba!
Erguei, ó Lua, o maosoléo!

SILVEIRA NETTO.

DIAMANTES BRASILEIROS

Os primeiros diamantes de Minas Geraes foram descobertos em 1729, no Tijuco, hoje cidade da Diamantina. Acerca do descobrimento ha um grande numero de lendas. Diz-se em versões populares que os mineradores do ouro se serviam dos diamantes brutos, que achavam, como de tentos, para marcação do jogo, ignorando o valor dos calhaos que manuseavam.

A lenda não é impossivel, mas é pouco provavel.

Garimpo da Bagagem. — Garimpeiros trabalhando na celebre mina da Bagagem.

E não se sabe si foi um frade, cujo nome ficou ignorado, ou se foi Bernardo da Fonseca Lobo, quem descobriu a grande riqueza que os mineradores tinham em mãos. O certo é que em 1729 já se sabia no Tijuco que aquellas pedras eram diamantes.

Em 1730, a noticia chegou a Portugal. E póde fazer-se uma idéa do enthusiasmo e da alegria que a noticia despertou no reino. Escreve Pereira da Silva : « Para Roma enviou o Rei as primeiras amostras de diamantes que do Brazil lhe foram remettidas. Acções de graças solemnes se deram ao Todo-Poderoso da capital do mundo catholico. O papa e os cardeaes felicitaram o rei de Portugal. Cumprimentaram-no todos os monarchas da Europa. Não se occuparam os povos da terra com outro objecto e noticia. Dir-se-ia que se descobrira cousa que devia regenerar o Universo! »

Cerca de 1849, segundo os que se acham melhor informados n'esta materia, é que se fez a descoberta de diamantes no rio Bagagem, que banha a cidade de Estrella do Sul (antiga Bagagem), situada no Triangulo mineiro. Actualmente sem vida, a cidade, que se divide em dous bairros, (Joaquim Antonio e Cachoeira), separados um do outro por tres kilometros, já foi de grande movimento, nos primeiros annos da descoberta da mineração de diamantes, que os possue, quer no leito do rio, quer nas gopiaras ou *catas*, em abundancia, e notaveis pelo brilho e belleza, que os faz tão procurados. Infelizmente são poucos os que se dedicam á extracção de diamantes, ali, notando-se um ou outro que arrisca pequenos e insignificantes capitaes, á guisa de *sport*. Entre estes, está o juiz municipal, que deu uma *cata* ultimamente, obtendo resultado relativamente satisfatorio, pois tirou um lindo diamante de cinco quilates. O processo empregado ainda é o rotineiro, do qual damos a gravura acima, julgando de interesse para os nossos leitores ver o grupo de lavadores de cascalho no seu afanoso trabalho de garimpeiros. Descrevamos summariamente o processo ainda hoje usado em Minas.

Em primeiro lugar, *cerca-se* o rio, cavando, perto delle um vallo, ou construindo *bicame*, ou leito artificial, feito de taboas unidas e calafetadas. Desvia-se para o vallo ou bicame a agua do rio, e por meio de bombas se auxilia o esvasiamento do leito. Quebram-se então a pancadas ou á polvora as rochas do fundo, e começa-se a *catear*, ista é : a separar a camada inutil de terras e areias.

Abaixo dessa camada é que está o cascalho, cuja existencia indica sempre a presença de diamantes.

Frequentemente, porém, o trabalho é perdido, e não se encontra cascalho.

Grandes desastres, horrorosas catastrophes têm assignalado em Minas a exploração dessa industria.

Dessas catastrophes, a do *Acabamundo* ficou celebre. Deu-se no Jequitinhonha em, 1768, numa exploração que se fazia por ordem do contractador dos diamantes desembargador João Fernandes de Oliveira.

Já estava *cercado* o rio, e descobrira-se um cascalho riquissimo, de excellente formação. Houve necessidade de reforçar a represa, e, por impericia dos trabalhadores, o bicame se partiu, e as aguas tumultuosas do rio se despenharam no pôço onde estavam trabalhando mais de 200 pessoas, que, quasi todas, morreram.

Paginas de Retratos e Illustrações

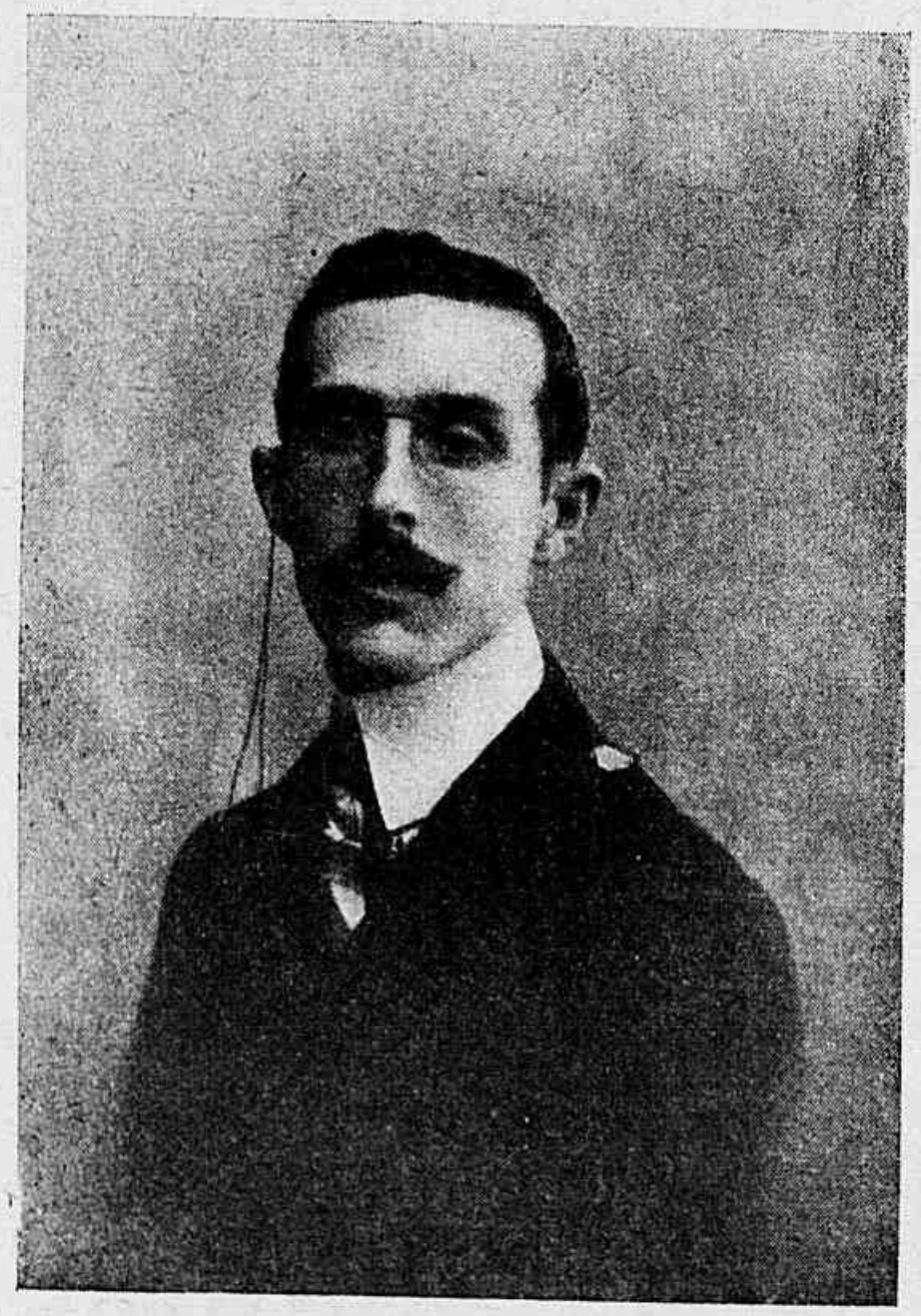
Como de costume publica o *Almanaque* os retratos de varios escritores, poetas e artistas, registro que de futuro poderá ser util aos historiadores e criticos. E'certo que entre as phisionomias que n'este lugar sempre apparecem, algumas e raras são apenas risonhas esperanças ou promessas ainda um pouco longe da realização, e já se nos tem censurado a extrema liberalidade que praticamos.

Entendemos, porém, que é sempre coisa incerta avaliar o merito dos que começam, e é proprio do egoismo ou de orgulho descabido estabelecer distincções que provavelmente a opinião do futuro não reconhecerá legitimas nem aceitaveis.

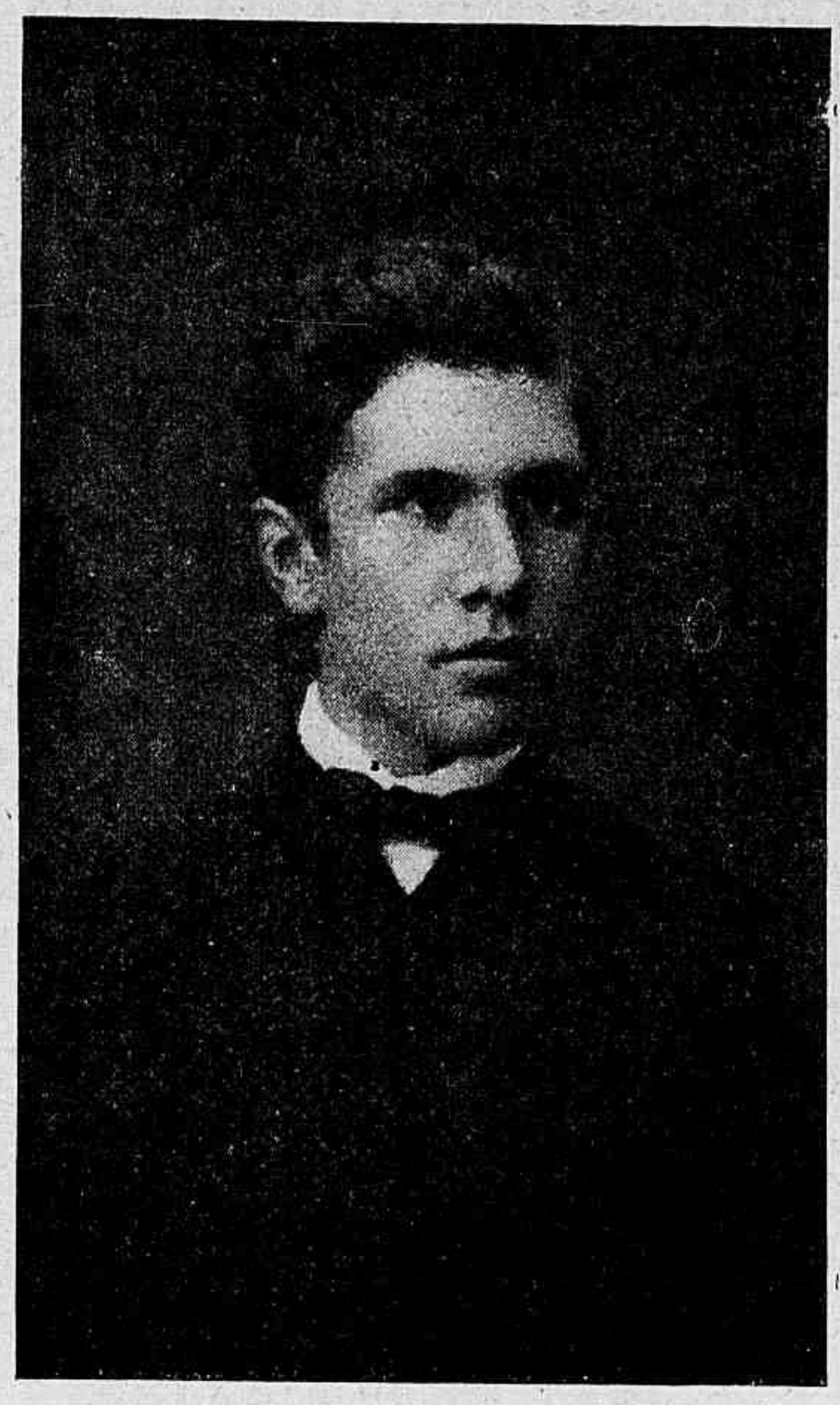
D. Clotilde Barcellos (Branca de Villa Flor).

Alves de Amorim (Alagoas)

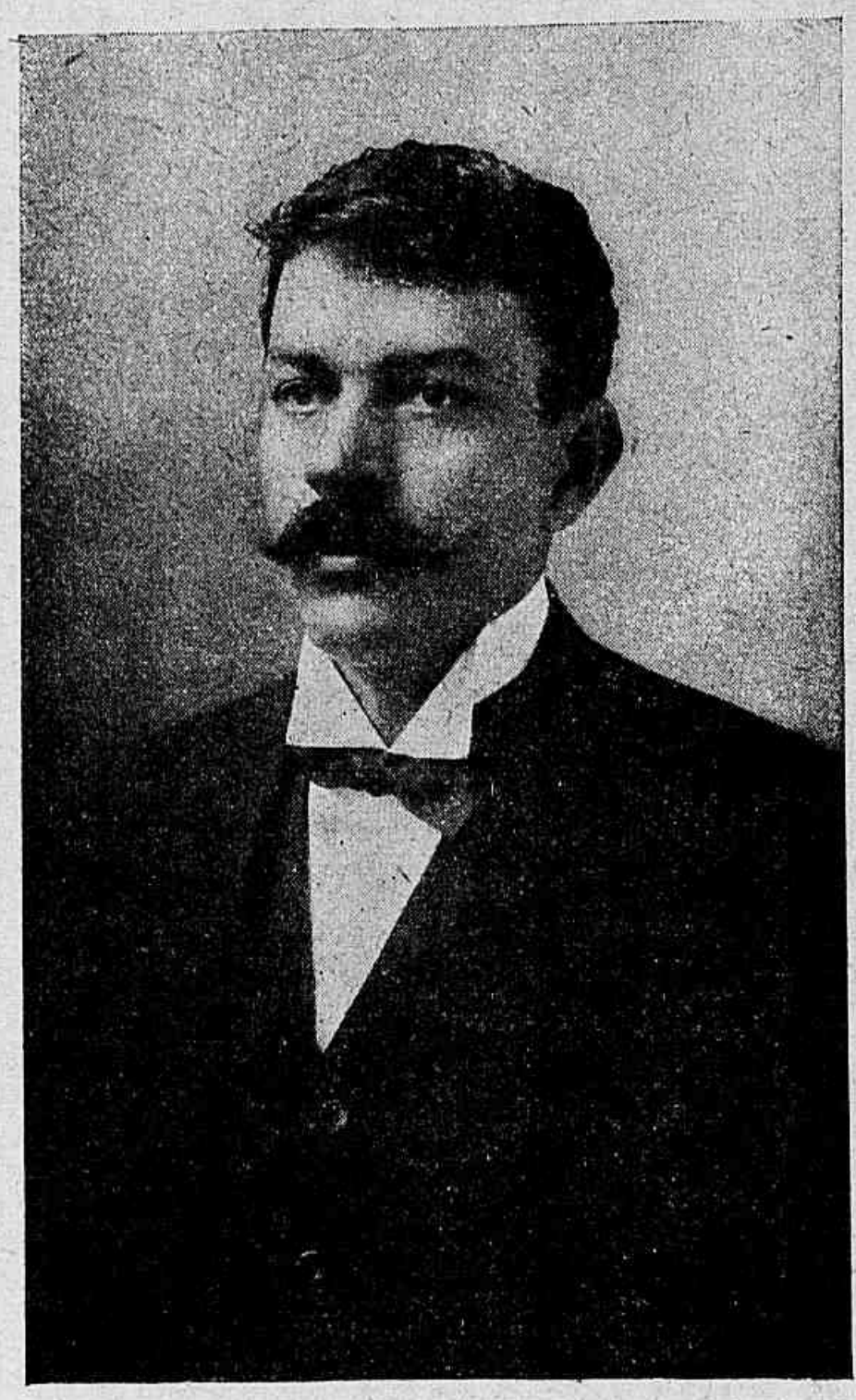
Dr Mendes de Aguiar.



Gustavo T. ixeira (poeta).



Costa Silva.

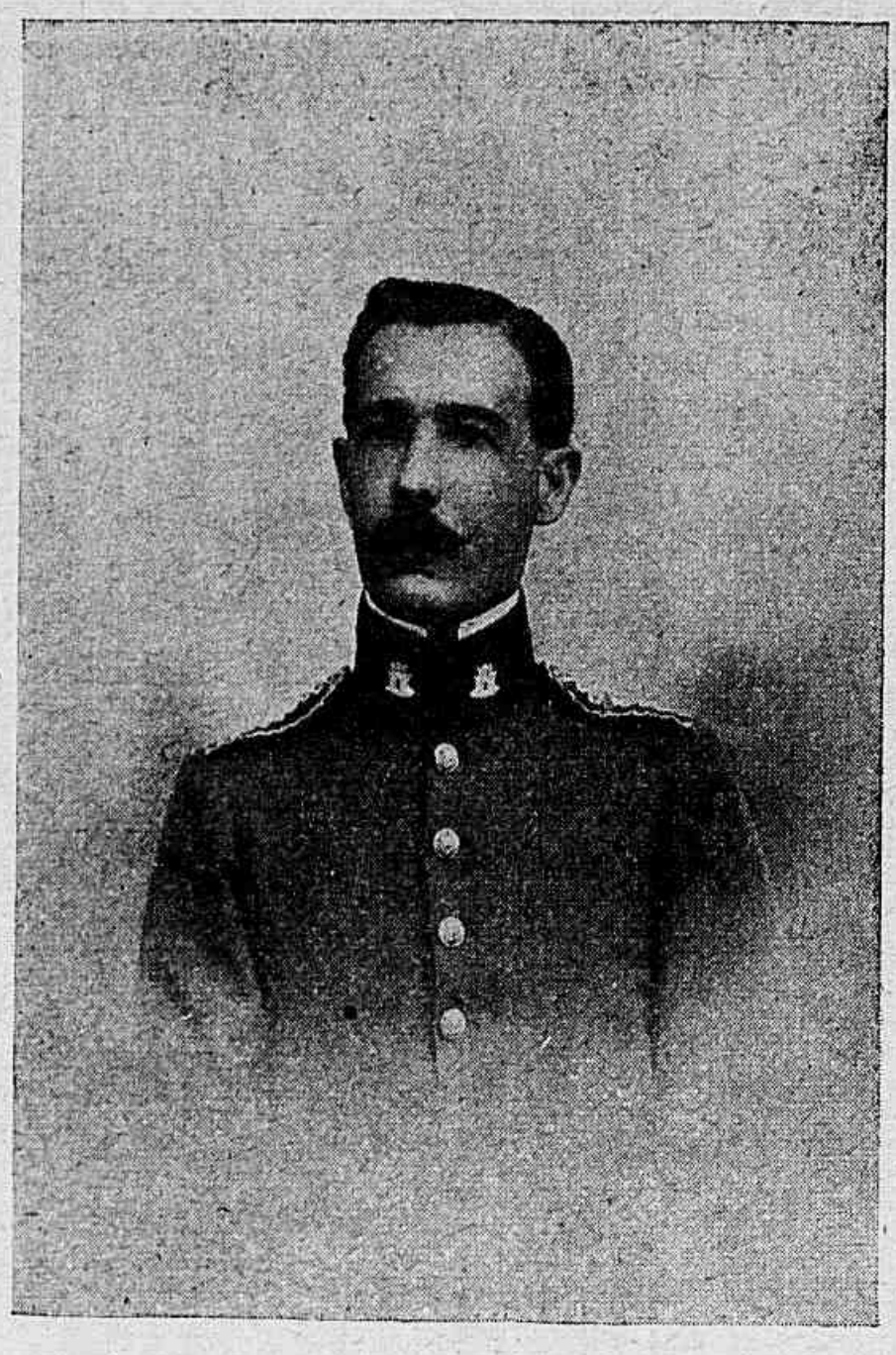


Pereira Barreto.

Theotonio Freire.

Professor Said-ali (Escriptor ephilogo).

BAPTISTA CAPELLOS.



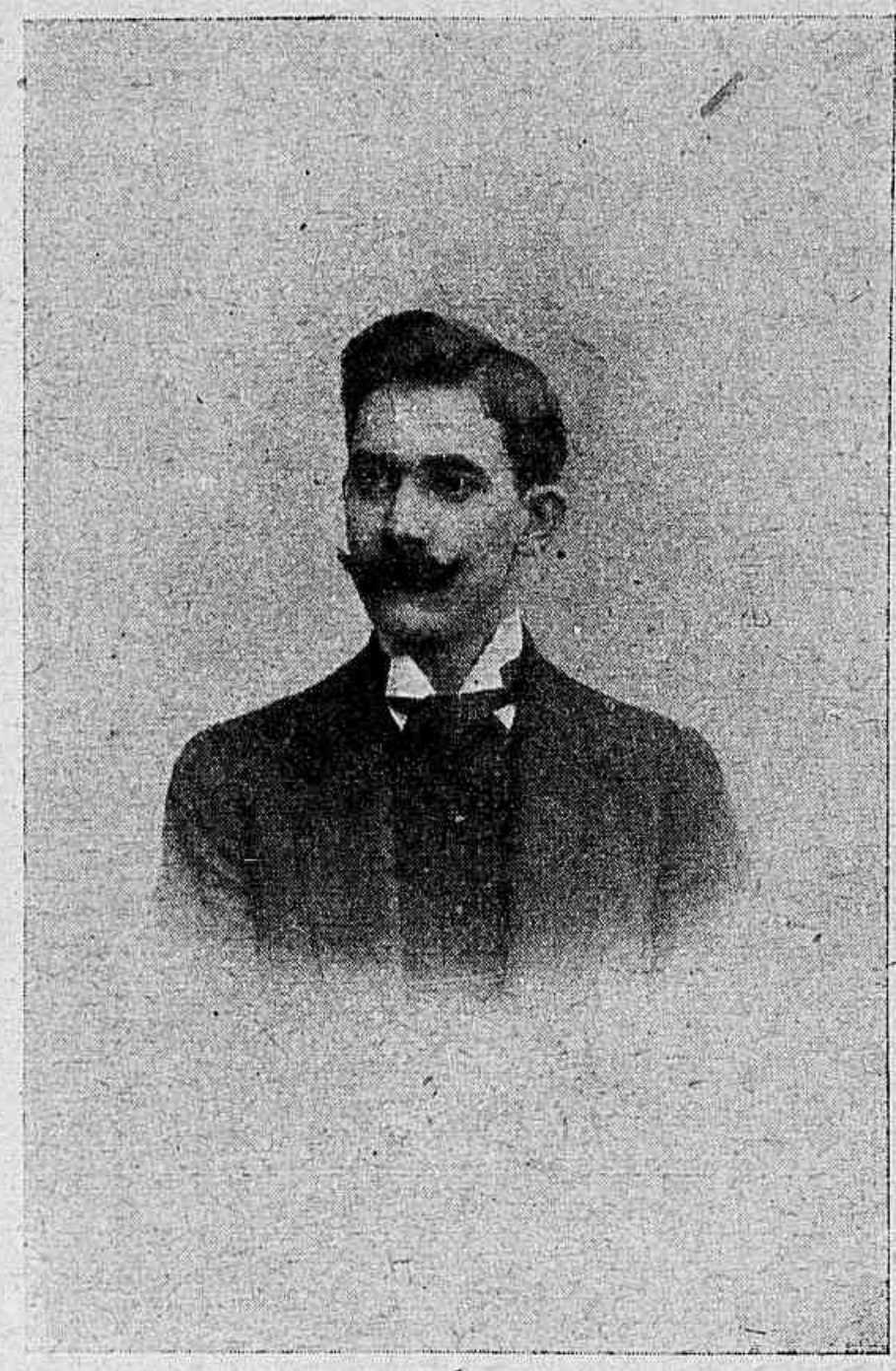
SALVIANO MAGALHÃES.

DAMASCENO VIEIRA.

ALEA VALDEZ.

A Escola Evolucionista

AMARAL ORNELLAS.



O. MUNIZ.

ALBERTO MUÑOZ.

J.-C. DELPINO.

ARNALDO PEREIRA.

A.-V. de PAULA FARIA.

THEMUDO LESSA.

LÉON-F. CLÉROT.

Incognito Mal

Desconhecido Mal que vais minando
Meu organismo fragil... Derruindo
As esperanças que me vêm mentindo
E meu corpo do esquife approximando...

Mais um dia que val? Que val o bando
De chymeras, se todas vão partindo?
Se afinal nos não fica um sonho lindo
De tantos sonhos que nos vêm cantando?!...

Corróe esta materia sem valia,
— Prisão grosseira obra de fancaria —
Onde vive a gemer um'ave exul!

Desconhecido Mal, rompe a cadeia!
Deixa voar minh'alma — ave que anceia
Soltar as azas no infinito azul!

ROSALIA SANDOVAL.

Rosalia Sandoval.

Viuva

Ha na ametysta roxa das olheiras
Dessa bella e franzina creatura
Um occaso de mystica doçura,
O vestigio aromal das larangeiras...

Ri, esse riso angelical das freiras
Na alvorada mortiça da clausura;
E quando fita a celica planura,
Segue, chorando, as nuvens forasteiras.

Bella, no emtanto, pallida, vestida
De um tecido crivado de martyrios
Sobre um fundo de aurora amortecida;

Enchendo os olhos do pallor dos cirios,
Vai, bella e triste, sepultada em vida,
Trajando a roxa viuvez dos lirios.

RODRIGUES DE CARVALHO.

Fazenda velha

Como um ser mysterioso, ou uma ficção de lenda,
Sempre em seu fundo leito, absorta e recolhida,
Sem que a desperte alguem, dorme agora esquecida,
Dorme esquecida e inerte, a ignorada fazenda.

Como um peito onde a dôr, a dôr sinistra e horrenda,
Gloria, amor, tudo emfim, levasse de vencida,
Veio o tempo; e eil-a assim, sem que uma alma querida,
Entenda o seu pezar, e o seu torpor entenda!...

Nao mais de antigamente o esplendor se revéla!
Solitaria, em seus ais clamorosos e insanos,
Triste, resmunga ao vento a assombrosa cancella!...

Certo, não são talvez passados muítos annos,
Que surgiram rasgando o vasto seio della,
A força e a intrepidez dos braços africanos!...

ULYSSES SARMENTO.

JURAMENTO

(AMELIA BEVILAQUA).

Desde a vespera que o sr. Paulo chorava em silencio ao pé do leito daquella que elle tinha amado apaixonadamente. Na brancura lactea que transparecia dos lençóes, dos cortinados e fronhas rendadas, apparecia a formosa imagem da querida morta, dormindo placidamente o seu ultimo somno sem um traço de angustias no semblante meigo e mimoso, arrodeado de flores muito lindas que as mãos de seu marido tinham piedosamente semeado sobre ella.

Estava divina a morta, sob essa pallidez que a enrijecia como uma estatua de cera! Os cabellos sedosos, quasi louros, encaracolando-se em cachos muito longos, lhe cahiam pelos hombros misturando-se graciosamente com a profusão de petalas de rosas. Quando o vento soprava mais forte, elles se baloiçavam alegremente enchendo de vida o rosto da joven Lyce, onde fluctuava sempre um sorriso adoravel como se ella fosse falar.

O marido comprehendia que a hora da separação eterna tinha chegado. Muito triste, olhava a sua amada sorrir entre as flores. Debulhado em prantos, mergulhado numa immensa dor, se admirava como os annos se tinham passado rapidos! E, agora, neste momento augustioso, elle pensava no seu amor que se despertava mais ardente e mais vivo. Amaldiçoava a sorte, chegando ás vezes até a arrimar-se na esperança louca de um milagre imprevisto. Não podia absolutamente conformar-se com a lembrança de que essa mocidade e belleza cheia de graças e seducções fóra do commum pudessem ser inexoravelmente arrebatadas de seus braços. Seria possivel que, de toda a sua grande felicidade, não lhe restasse mais do que essa estatua de belleza fria e inanimada?!

Muito tremulo e perturbado segurava-a pela fronte, beijava-a ardentemente nos olhos, pedindo que despertasse, repetindo, entre beijos, a mais ternas palavras que lhe vinham do coração.

Meu Deus! Como ella estava fria! Era a primeira vez que recebia com indifferença as suas caricias! Não falaria mais; tudo era inutil; nem o seu coração ali todo desfeito em lagrimas teria o poder de reanimal-a.

Minha querida Lyce adorada, murmurava elle, foste melhor do que eu, e tu me amaste mais, porque me sacrificaste a tua mocidade e a tua innocencia, a mim que te fui perjuro tantas vezes!

De ti, Lyce mimosa, eu não tive jamais senão ciumes da tua belleza que eu não queria ver profanada. A vida não te foi bôa talvez, mas foi a mim que tu déste tres annos de embriaguez completa e de um amor tão puro e absoluto que eu não poderei esquecer mais nunca.

Repousa em paz, Lyce formosa! Nunca mais pertencerei a ninguem, eu o juro minha querida, adeus... perdôa... — E, apontando para o berço cheio de fitas como um naviozinho, onde se baloiçava o seu primeiro filho, sacudindo as pernas gordas, mordendo os dedos e rindo alto, olhando a claridade desse dia cheio de sol, de brilhos e bellezas que entravam em plena força pela janella a dentro, elle disse: ficaremos os dois aqui na terra a guardar a lembrança da tua imagem de santa. Beijando nesse momento os labios descorados da pobre Lyce, que ia ser para sempre encerrada no seu esquife negro, pareceu ao desconsolado marido que ella dizia, cheia de hesitações e duvidas, porém, ainda mais meiga e mais risonha, acolhendo essa promessa solemne, que não se realizaria talvez:

Agradecida! Agradecida!

(Das *Silhouettes*).

Romance

Em baixo, no vale passa um cavalleiro;
Leva o gibão rôto, o pôtro vae ligeiro.

O pôtro ligeiro, lá rompe a vêreda;
Pallido é o mancebo, no gibão de sêda!

São azul e branco da gualdrapa as côres,
E arneios de prata, com lindos lavôres.

Chega á portaria, pede um caldo quente;
Vae a bebel-o, vae tomba, de repente.

Correm á abbadessa, pelo caso, á cella;
Mas, a abbadessa, onde é que anda ella?

Chega-se uma soror; a mão aconcheia;
Toma d'agoa á fonte, deita-lhe a mão cheia...

Deita-lhe a mão cheia no moço, coitado,
E pena de o vêr só, e ai, desaccordado...

Mais, eis que, baixinho, talvez que delira,
Palavras ardentes o donzel suspira:

Doralinda! Doralinda! para te vêr,
Me vim de tão longe, e me vou a morrer... »

Disse taes palavras; tomba, quasi morto.
E a pobre da soror chora sem conforto.

II

Noite de festa de Santa Catharina;
A madre abbadessa vae reger o côro.
Luz de madrugada o vellario illumina.

Ardem cêras bentas em castiçaes d'ouro.
Nos nichos do altar S. João e Santa Anna,
E Santa Maria, com o filhinho louro.

Rompe o lindo solo a voz argentina:
E nunca voz humana
Disse a matinas como aquella voz.
Nem o rouxinol, á noite, no balsedo...
Em gorgeando a sós,
Tão brando exhala o musical segredo.
Ai, pena de amorosa,
Ai, solitaria pena!
Quem vae a professar,
Não te ouça, pena doce...
Pois quem te ouvindo fosse,
Ardêra, ainda no altar.

III

Vae pela estrada um cavalheiro
Ligeiro.
E sobre o arção da séla
Leva uma bella,
Leva uma bella soror desmaiada.
Soltos ao léo
E brancos e unidamente,
O véo de gase e a pluma do chapéo.

IV

A abbadessa, em narrando,
Com os olhos rasos d'agua,
Tamanha magoa,
Tinha o accento brando
De resa, ao mar;
Pallor no rosto,
Tremor na voz
E um morrer no olhar,
Que era penar.

ALCIBIADES FURTADO.

MADRIGAL DE UM LOUCO

(DA COSTA E SILVA)

. .

Lua!
Camelia
Que fluctua
No azul. Ophelia
Serena e dolente,
Fria, vagando pelas
Alturas, serenamente,
Por entre os lyrios das estrellas.
Santelmo acceso para a Saudade.
Luz etherea, symphonica, perdida
Entre os astros de ouro pela immensidade.
Esphinge da Illusão no deserto da vida!
Lampada do sonho, livida, suspensa...
Vaso espiritual dos meus scismares
Sacrario pulchro da minha crença.
O' rosa mystica dos ares!
Unge o meu ser na apotheose
Da tua luz, e eu frúa,
Scismando, a pureza
Da luz e gose
Toda a tua
Tristeza,
Lua!

. .
.

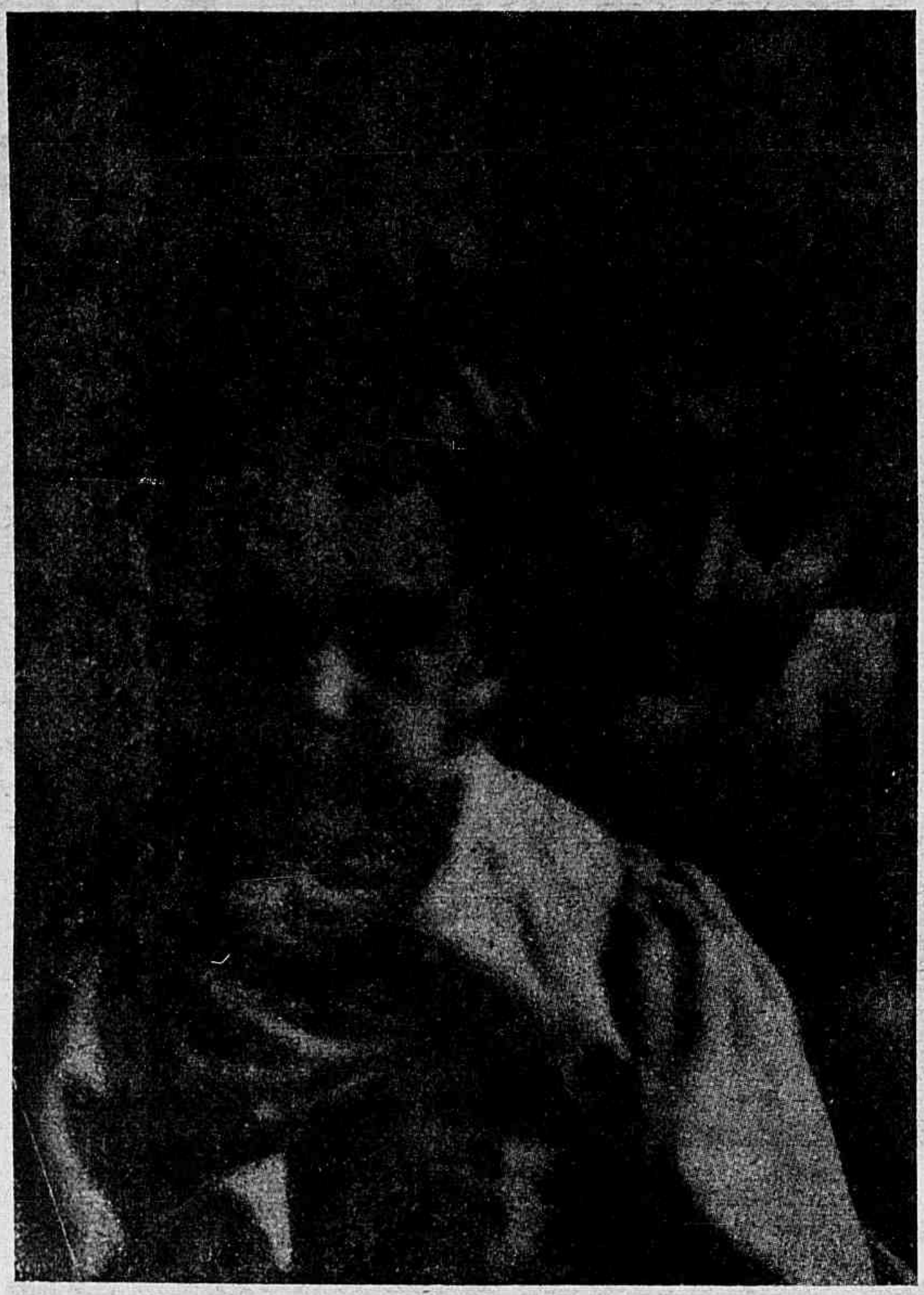
(*Sangue*, 1909)

A Casa GARNIER tem o maior sortimento de livros nacionaes e estrangeiros.

109, rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

PAGINA DE ILLUSTRAÇÕES

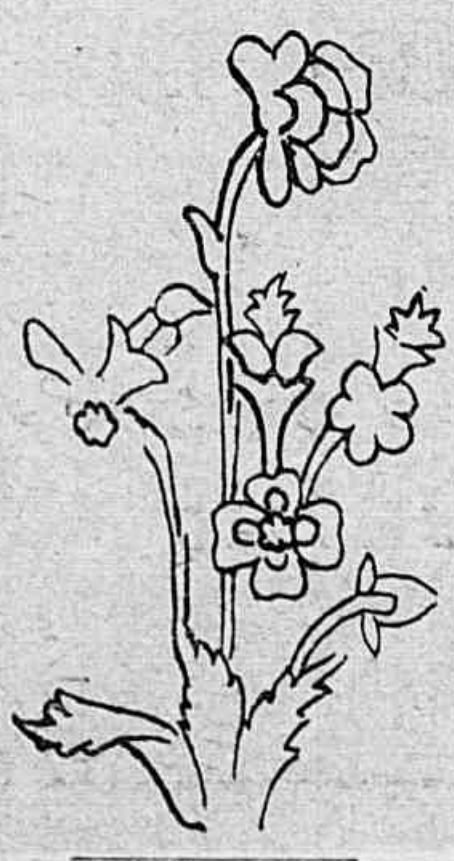


Exposição do Photo-Club do Rio de Janeiro.
MÃE E FILHO.
Fotographia de Barrozo Netto.

N'esta pagina de arte damos as illustrações, infelizmente poucas, da exposição artistica do foto-club. Sentimos não nos ser possivel publicar as reproducções do *Salão* de pintura e de outras exposições parciaes de artes, por não termos alcançado as fotografias que solicitamos.

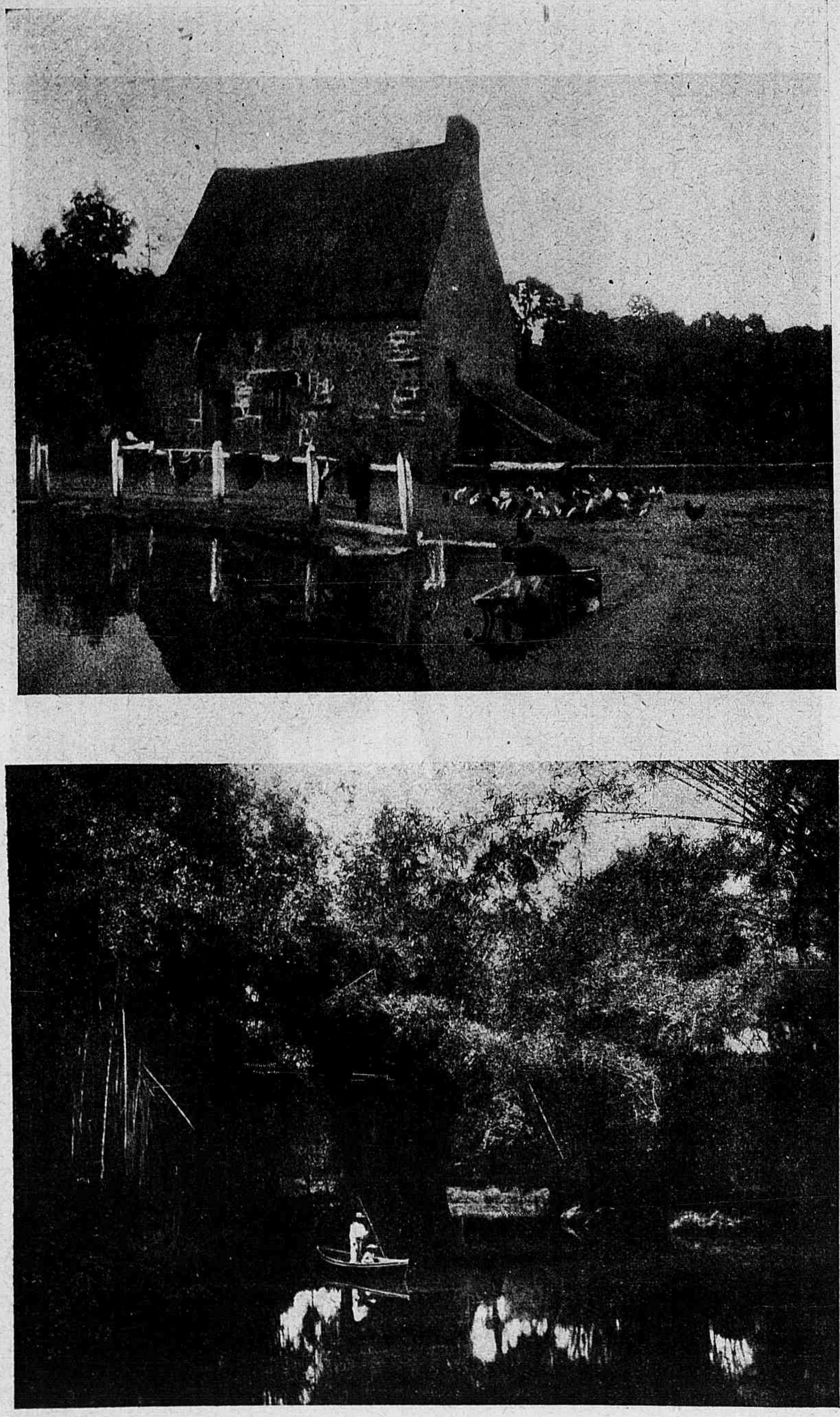
Podemos dar, porém, gravuras de algum interesse para o geral dos leitores. Seria curioso e de importancia reproduzir de futuro n'esta secção alguns trabalhos que, sabemos, são produzidos nos Estados, onde tantas vocações artisticas se acham em evidencia. Temos noticias de artistas educados e premiados em varios institutos do interior, mas apenas chega á capital o echo dos seus nomes.

Senhorita GUIOMAR DA NOBREGA BELTRÃO.
(Primeiro premio de Canto *Instituto Nacional*).

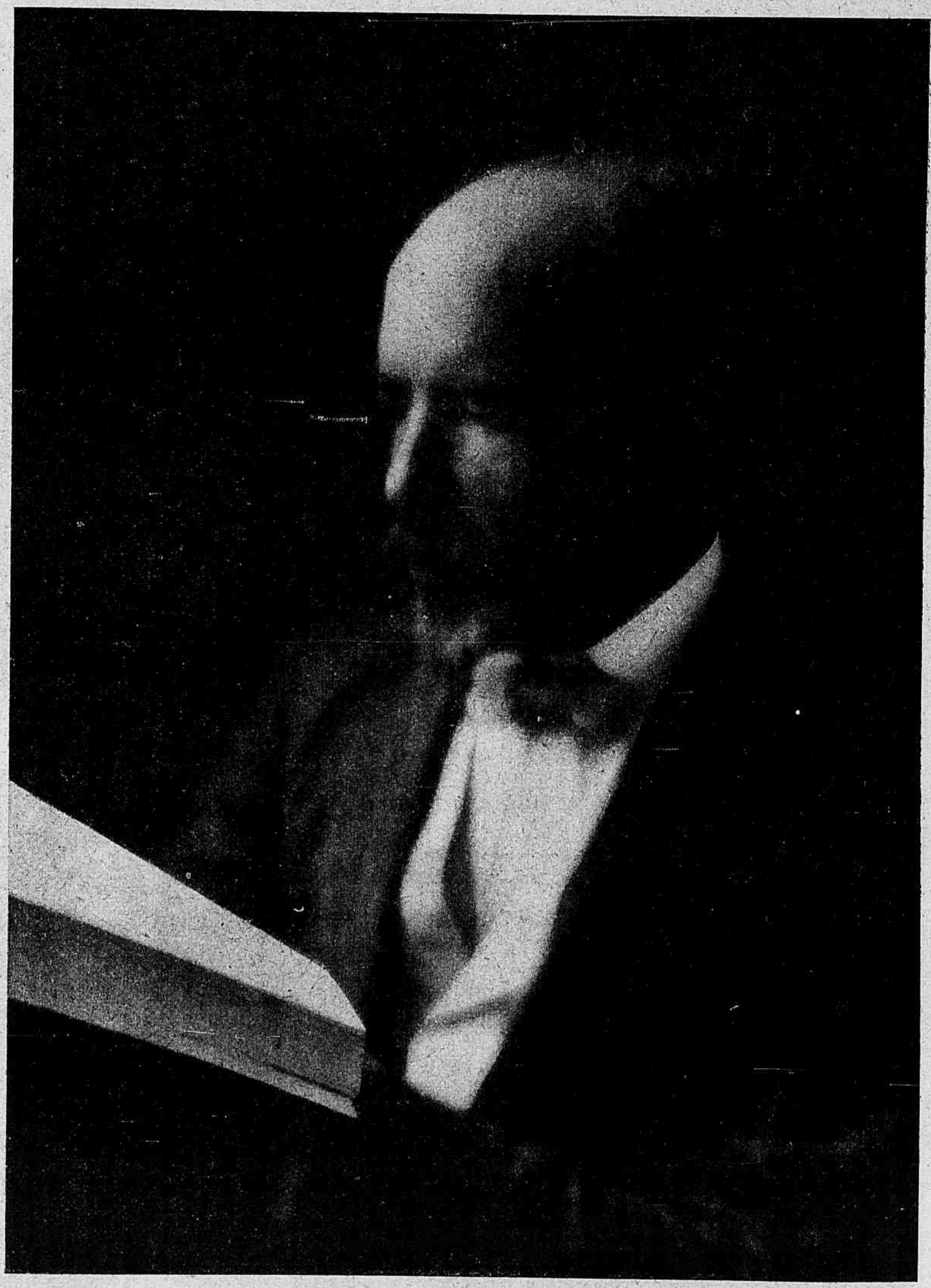


A illustre artista brasileira NINA SANZI, que foi lembrada para inaugurar o Theatro Municipal, em via de conclusão.

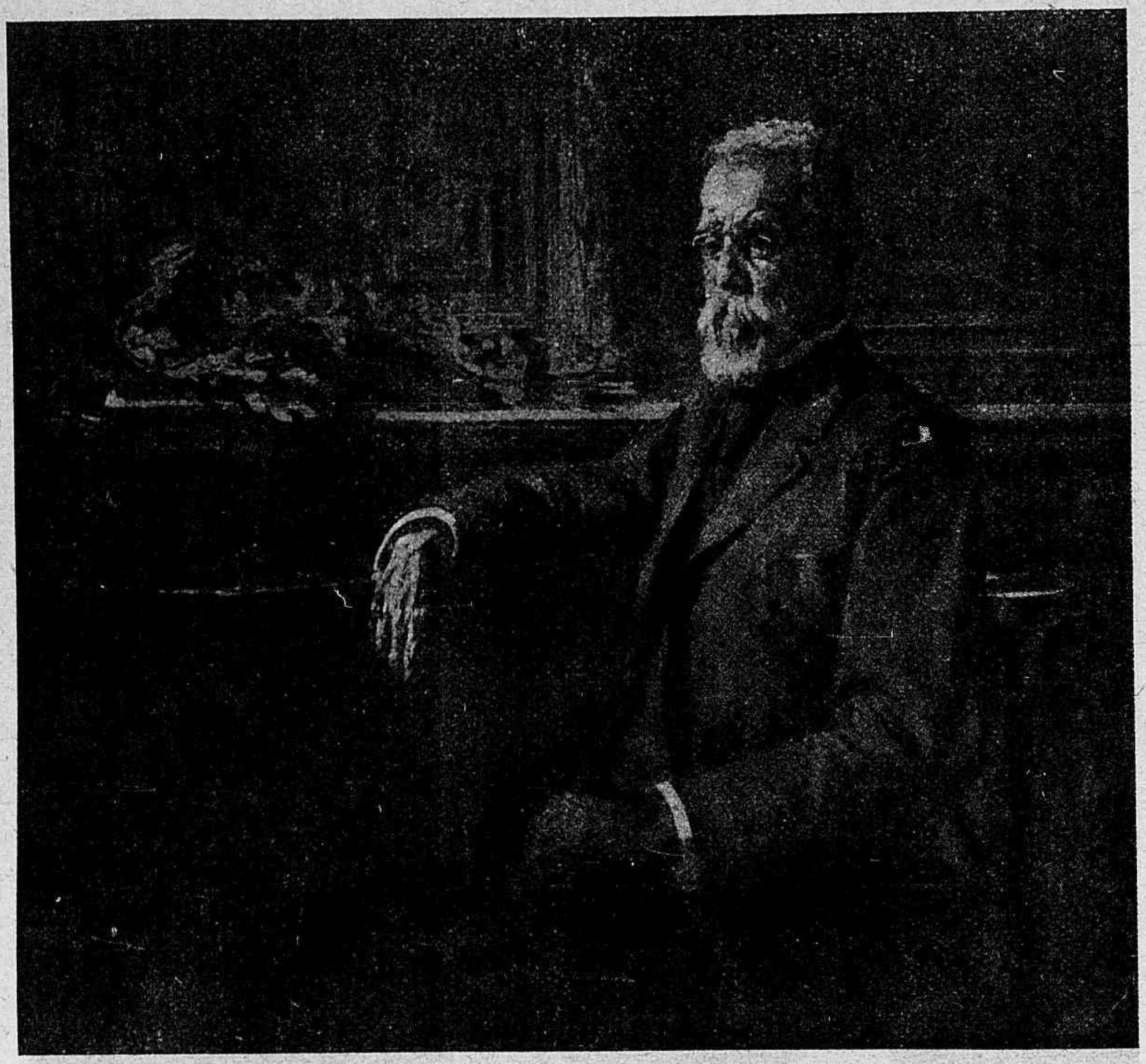
Exposição do Photo-Club. — Occupação agradavel. — ALFREDO F. LAGE.



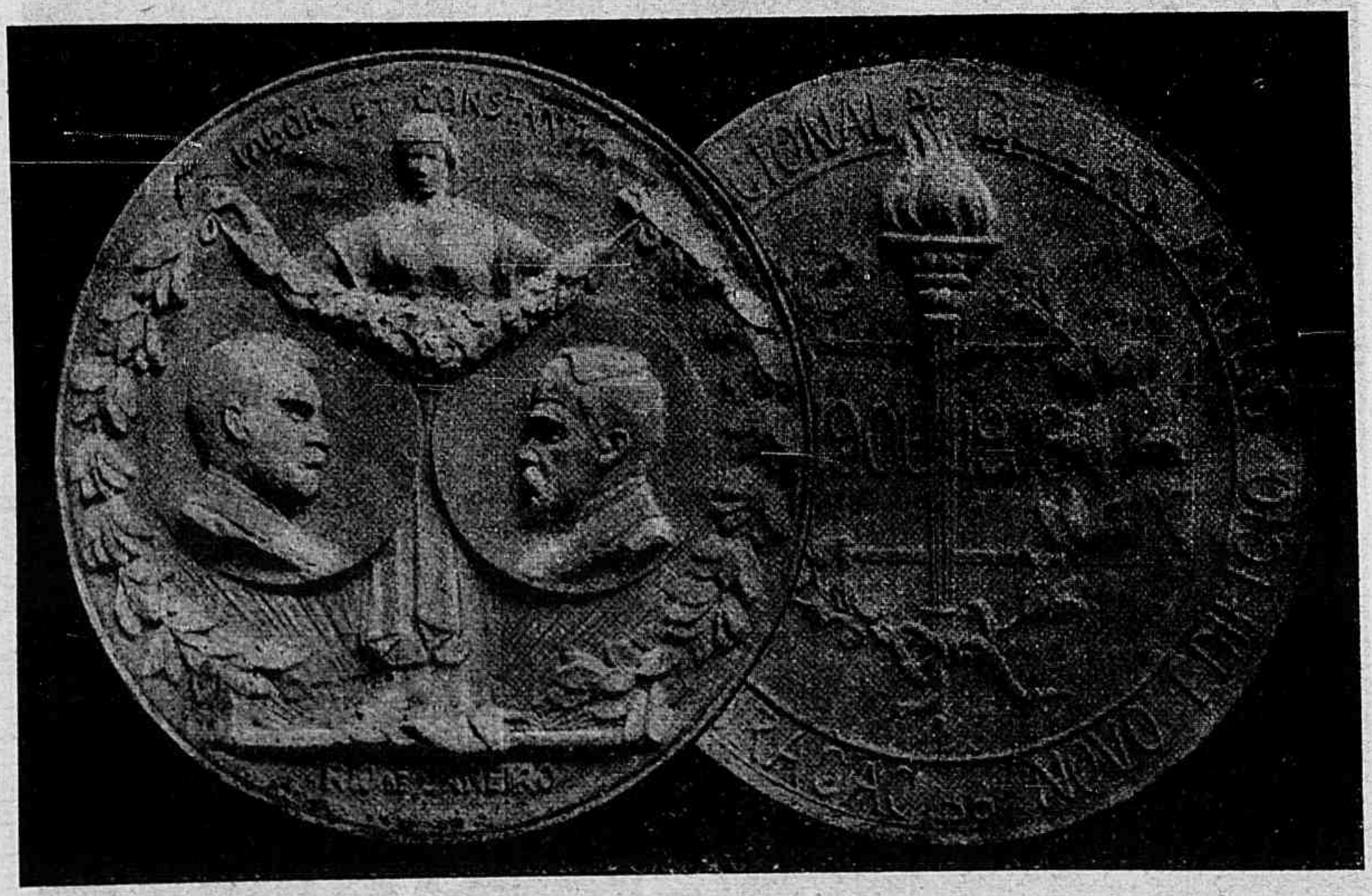
Exposição Photo-Club. — Afredo F. Lage, Canto da Chacara de Mariano Procopio. (Estudo a Carvão.)



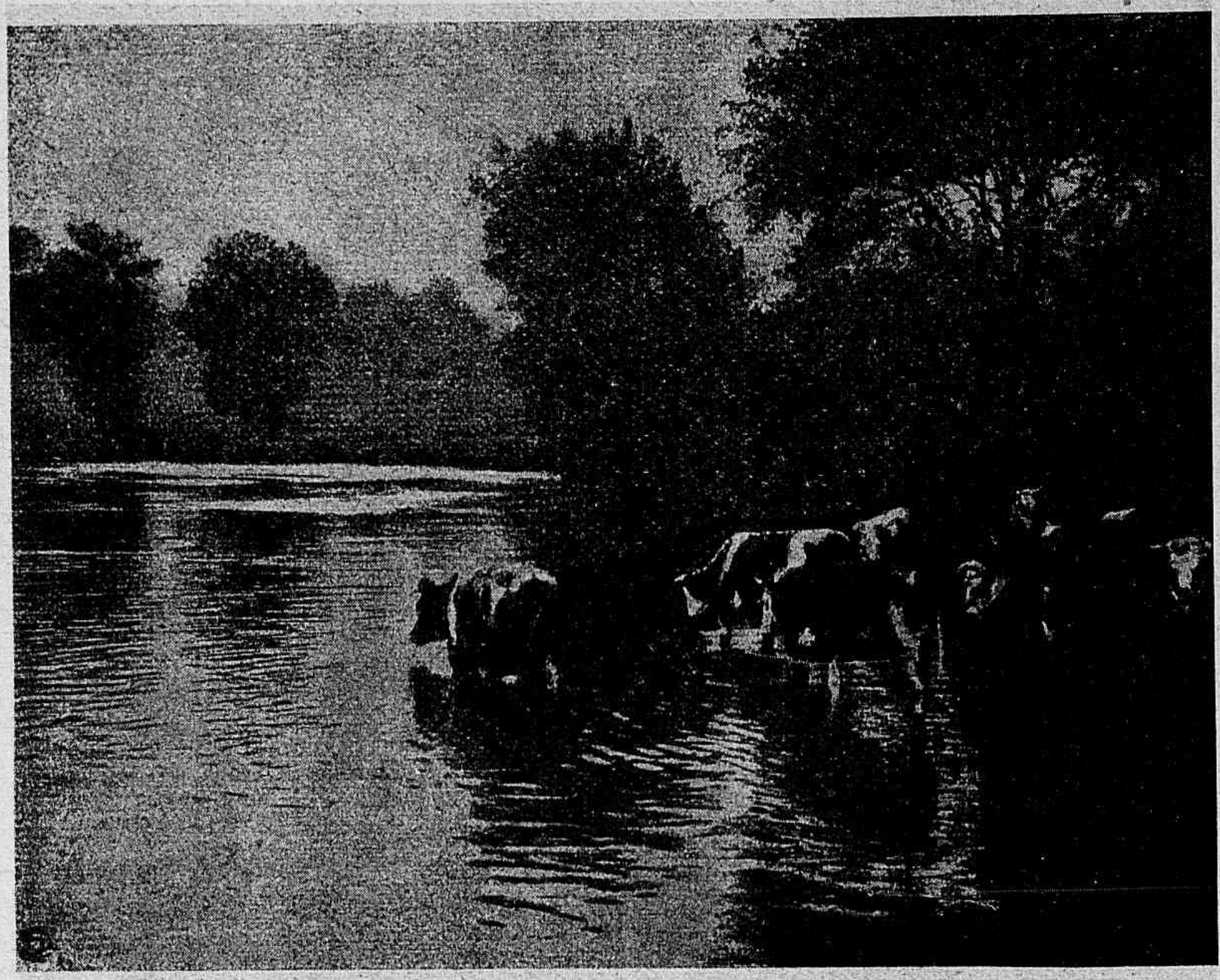
Retrato do Professor João Ribeiro. — Fotographia do Dr Silvio Bevilaqua.



Machado de Assis, quadro de H. Bernardelli.



Adalberto Mattos.
(Projecto de medalha commemorativa á inauguração do novo edificio da escola de Bellas-Artes.)
Menção Honrosa de 1º grão no salão de 1908.



No lebedouro. — Exp. Photo-Club. — F. Guerra Duval.

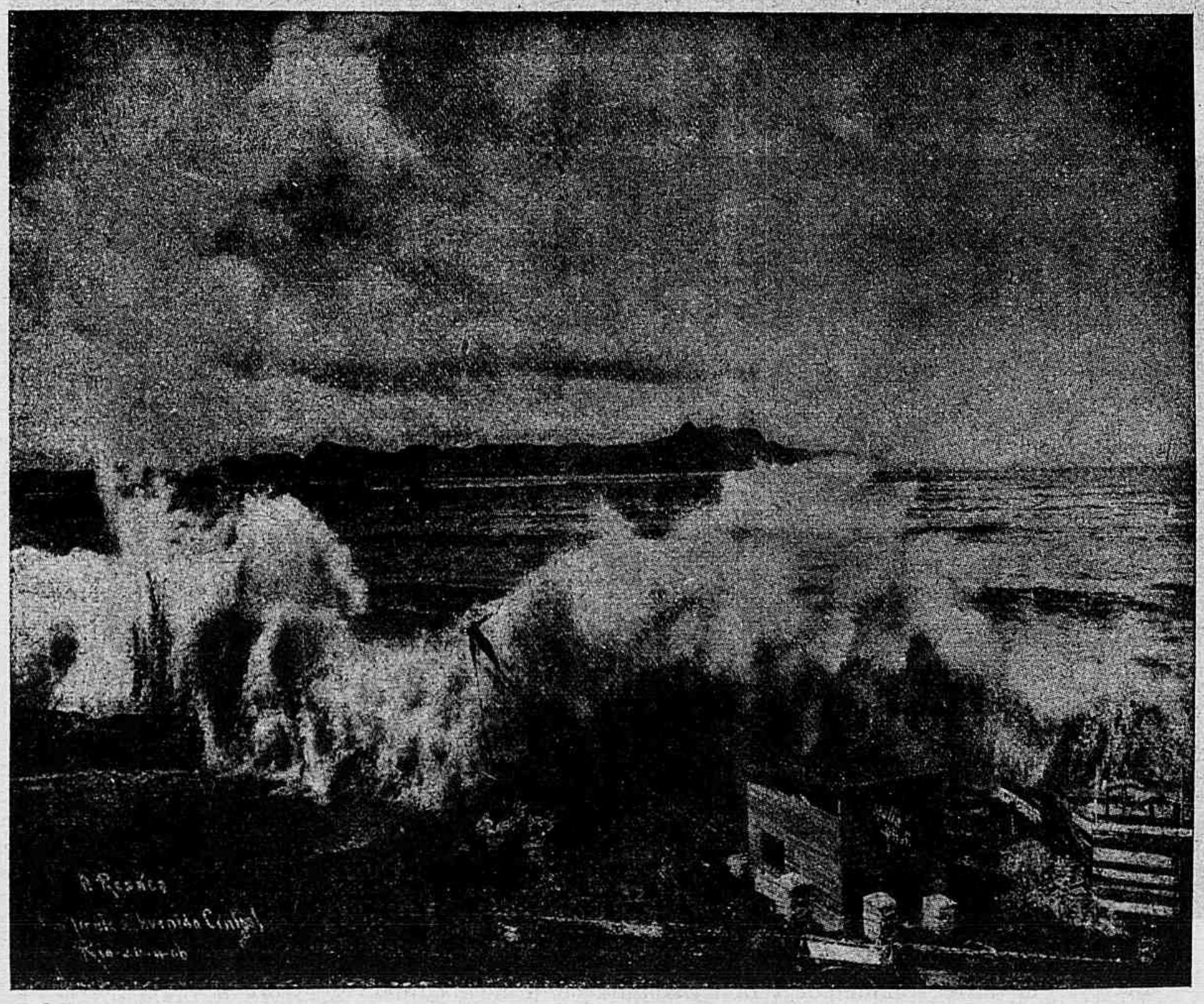


Photo-Club. — Effeito da resaca. — Augusto Matta.

Terremotos no Brazil

Em valiosissima contribuição scientifica do dr. Arrojado Lisboa para o estudo dos tremores de Terra, publicada a proposito da tremenda catastrophe de Messina, encontram-se os seguintes topicos que interessam especialmente ao Brazil :

« Qual a importancia dos movimentos sismicos no Brasil? Tal é a pergunta que occorre naturalmente, ao fim deste resumo. Satisfactoriamente ella não póde ser respondida. Quando os abalos sismicos são fracos e limitam-se a leves tremores de terra, sem damno algum de ordem material, passam despercebidos e muito communente são attribuidos a outras causas.

O nosso paiz é um dos que menos movimentos têm experimentado desde as primeiras épocas geologicas. As nossas cadeias de montanhas são muito limitadas e de idade certamente bem antiga; a maior parte do paiz é constituida por planaltos medianamente elevados ou por extensas e baixas planicies alluviaes. Esses factos, segundo as idéas geologicas actuaes, prenunciam, até um certo ponto, uma terra muito pouco abalada pelos movimentos sismicos. O Brasil é, pois, o que se póde chamar um paiz estavel.

Ha 50 annos, tambem dizia o mesmo o recentemente fallecido Barão de Capanema, solidamente agarrado aos principios scientificos do seu tempo, que então davam os sismos como dependentes do vulcanismo, obedecendo assim á formidavel influencia humboldteana.

A ausencia de negasismos ou terremotos destruidores, tem, pois, o seu apoio na constituição do nosso sólo. Mas o principal elemento para um juizo absoluto é a observação prolongada e essa é falha.

Tremores de terra de origem evidentemente sismica e de pequena amplitude foram assignalados no paiz, sem que nunca a sua intensidade tivesse excedido os gráos IV e V da escala de Mercalli, isto é, apenas chegaram a ser percebidos por um grande numero de pessoas, mesmo na rua, accôrdando as que dormiam.

Da memoria do Barão de Capanema, escripta em 1854, e publicada em 1859 no Vol. XXII, do Inst. Hist., com segurança, apenas se póde deprehender a verificação de tres abalos sismicos, não fallando da referencia de Ayres de Casal.

A 24 de Fevereiro de 1744, um abalo de consideravel amplidão fez-se sentir em Cuyabá e em uma enorme extensão de Mato Grosso. Ayres faz delle mensão e nos *Annaes* da Camara de Cuyabá conservavam-se documentos comprobatorios dessa referencia. O abalo ter-se-hia produzido ao meio dia e foi acompanhado de retumbos e de réplicas ou choques successivos. Não é possivel collocal-o na escala; não ha referencias a damnos materiaes e o seu gráo será inferior ao V de Mercalli.

Nos sertões do Assú houve um tremor tambem de regular repercussão, no dia 8 de Agosto de 1808, pelas 8 horas da manhã. Foi acompanhado de retumbo e fortes réplicas que chocalhavam a louça dos armarios, abalando as pessoas que não podiam suster-se em pé. Repercutiu por mais de 20 leguas do sertão e pela cósta do Rio Grande do Norte até ao Piauhy.

Nessa mesma regiãu repetiu-se um

abalo sismico, em 10 de Janeiro de 1854, pelas 7 horas (?), que foi sentido no litoral da villa de Louros, á beira mar. Foi seguido de retumbos e réplicas durante um minuto (?), chegando a fazer tremer as telhas das casas. Seria do gráo IV da escala.

Ainda nesse districto sismico, a 2 de Dezembro de 1852, de 1 para 2 horas da tarde, na cidade de Aracaty houve um sismo com tremor e retumbo, que chegou a produzir fendas nas casas.

Franklin Massena, nas suas « Investigações scientificas », Vol. XLVII, da Rev. do Inst. Hist., refere-se a dous tremores, sem precisão de data, o que muito diminue o valor da referencia. Um ter-se-hia dado na Mantiqueira, em 1824. O outro na cósta do Rio de Janeiro, em Paraty, em Junho de 1861. Ambos teriam tido uma grande área de propagação, mas os dados são por demais vagos.

A actual geração conhece o sismo sentido aqui, no Rio de Janeiro, em 9 de Maio de 1886, que repercutiu em S. Paulo e Minas. Elle foi objecto de uma communicação do Dr. Cruls á Academia de Sciencias de Pariz, que figura nos seus *Compte Rendus* (n. 102, 1883).

Não produziu nenhum estrago material, mas o abalo foi geralmente percebido, acompanhado de retumbo relativamente forte e de trepidações que tambem chocalharam a louça. No maximo será classificado no gráo V da escala.

De data muito recente são os tremores de terra de Bom Successo, cidade mineira, que fica na linha da E. F. Oeste de Minas. Em 1901 ahi occorreram tremores sismicos acompanhados persistemente de retumbos. Notaveis nesses tremores sismicos foram, em primeiro lugar a sua restricta repercussão e depois a persistencia e o prolongamento dos abalos durante todo o anno de 1901 e ainda parte de 1902. A região foi então visitada por Alvaro da Silveira que relatou os factos observados. Os tremores começaram no dia 4 de Abril, á 1 hora da tarde, com um abalo sufficientemente forte para produzir o chocalhar da louça. Foi acompanhado de retumbo. Este primeiro abalo póde ser classificado no gráo IV da escala de Mercalli. No dia 5, ás 5 horas da manhã, repetiu-se o phenomeno sempre com retumbo, despertando as pessoas que dormiam — gráo V da escala. Até Junho continuaram os retumbos independentes de abalos que reappareceram a 1º; ás 11 horas da noite, e continuaram-se irregularmente até 4 de Setembro, dia em que se repetiram abalos iguaes aos do dia 4 de Abril. Segundo o Engenheiro Luiz Ferraz elles continuaram algum tempo ainda até 1902.

Esses sismos de Bom Successo, conforme verificou Alvaro da Silveira, não causaram damno material algum á população, apezar do panico que então se estabeleceu, principalmente pelo tolo receio da imminencia de uma erupção vulcanica. Segundo Silveira, a superficie de propagação foi muito pequena, apenas os seus effeitos foram sentidos sob uma zona de 4 leguas de raio, em alguns sentidos. Aquelle geologo reconheceu a natureza sismica do phenomeno attribuindo-o ao deslocamento das camadas profundas do sólo e repelliu energicamente toda e qualquer idéa de vulcanismo segundo era a concepção popular.

E' importante notar que elle encontrou no local a tradição de phenomenos semelhantes occorridos 60 annos atraz, approximadamente. Diante dessas observações parece impossivel poder negar-se que a região de Bom Successo seja um centro de instabilidade, embora fraco, provavelmente o unico entre os districtos sismicos Brasileiros.

Esses estudos nunca despertaram maior attenção no nosso paiz e como a intensidade desses phenomenos tem sido muito pequena, ha seguramente uma tendencia geral para se attribuir a outras causas, principalmente metereologicas, os ruidos sismicos e as fracas trepidações. Assim, não será de surprender que a observação e um cuidadoso inquerito, estendidos a todo o paiz, venham recolher dados mais amplos sobre os phenomenos sismicos do nosso paiz.

Como prova irrefutavel dessa presumpção eu apresento o facto de, na minha recente viagem a Mato Grosso, ter adquirido a convicção de que as terras do baixo Paraguay brasileiro são frequentemente sujeitas a sismos (de gráo tambem não superior aos IV e V da escala de Mercalli). Esses tremores se fazem sentir em Miranda, Nioac, Aquidauana, Porto Murtinho, Coimbra, etc. Muito provavelmente elles tambem repercutem no alto Paraguay de Cuyabá á antiga cidade de Mato Grosso. Em Novembro de 1906 elles foram mais intensos na região do sul. Nas indagações que fiz obtive sempre a affirmação de que elles nunca alcançam o planalto, facto que a ser verdadeiro tem sua explicação clara na occorrencia geologica.

Trata-se de uma extensa planicie alluvionar limitada por um planalto de arenite eruptiva, formando, portanto, um sólo compacto que domina de algumas centenas de metros o sólo fôfo daquella formação sedimentaria ainda em continuo processo de elaboração.

Os sismos do Rio Grande do Sul, vagamente referidos aos annos de 1812 e 1813, não podem por emquanto ser levados em consideração. Provavelmente elles estarão dependentes dos centros mais instaveis de Montevidéo e Buenos Aires.

Assim, apezar da deficiencia das observações, é innegavel a existencia no Brasil de certas regiões periodicamente affectadas por sismos. Será incorrecto consideral-as como centros de instabilidade sismica, salvo para o caso de Bom Successo, onde trata-se de um phenomeno perfeitamente localizado, persistente, sem relação possivel com outras regiões sismicas, embora a sismicidade alli seja de fraca importancia.

Eu direi que podem-se reconhecer no Brasil diversos *districtos sismicos*, pois essa expressão não implica a necessidade de conter a região uma zona propria de emanação sismica, podendo o phenomeno ser apenas a repercussão de movimentos sismicos de regiões circumvisinhas, terrestres ou submarinas.

Podemos desde já reconhecer os *districtos sismicos* seguintes: Bom Sucesso, em Minas, constituindo indubitavelmente a unica região de instabilidade propria reconhecida no paiz; o Estado do Rio de Janeiro, onde o phenomeno se manifesta no littoral e repercute no interior; a região Aracaty-Assú, no Ceará e Rio Grande do Norte, onde tambem o phenomeno se manifesta no littoral, repercutindo igualmente no interior; a baixada do Rio Paraguay, em Mato-Grosso.

Deve notar-se que, salvo Bom Successo, os districtos referidos são caracterizados primeiramente por uma extensa superficie de propagação, depois, por serem districtos situados ou na visinhança do Atlantico ou na baixada alluvionar, que, ultrapassando as lindes do paiz, encosta-se aos Andes. Vejamos que interpretação póde dar se a esses factos.

O districto Aracaty-Assú fica justamente em face á região sismica submarinha do Atlantico equatorial e está perfeitamente situado para receber a propagação dos sismos mais violentos que ahi se originarem. Notemos apenas, incidentemente, que o littoral ahi af-

fectado é justamente constituido por aquella linha singular da costa brasileira que ao norte do Cabo de S. Roque toma uma inflexão tão notavel.

Cousa semelhante póde dizer-se da baixada do rio Paraguay. E' uma extensa região alluvial, das mais caracteristicas, offerecendo condições muito favoraveis para a repercussão de tremores partidos da instavel região andina proxima.

Quanto ao Estado do Rio de Janeiro é certo não ha região sismica submarinha reconhecida em face ao Atlantico, mas não repugna a idéa de se procurar ahi a causa ou origem desconhecida desses movimentos sismicos. A região do Atlantico situada entre a Africa e o Brasil, pelas visinhanças do tropico, está muito pouco estudada. Tambem, até hoje, não tiveram explicação satisfactoria os *tsunamis* do Cabo, os sismos e *tsunamis* de Santa Helena e tão pouco os sismos fracos, semelhantes aos do Brasil, que como o de 14 de Agosto de 1857 affectam raramente a costa Africana e meridional e em cuja origem Rudolph vio tambem o reflexo de sismos submarinhos ainda não localizados.

Assim é perfeitamente plausivel que os tres districtos sismicos do Rio, Mato-Grosso e Ceará-Rio Grande sejam unicamente affectados pela repercussão de sismos submarinhos ou andinos. Elles terão, pois, assim empregando a expressão incorrecta, os seus fócos sismicos fóra dos limites territoriaes do paiz.

Essa localização das zonas originarias de abalo, sem estar em desaccôrdo com os principios modernos da sismologia, amolda-se perfeitamente á constituição geologica do nosso paiz, justamente considerado o mais estavel do mundo. A excepção, por emquanto unica de Bomsuccesso, tambem se ajusta perfeitamente á moderna concepção sismologica da verdadeira causa dos sismos; ainda mais, ella é uma confirmação das vistas actuaes, pois, se os sismos provêm realmente dos movimentos tectonicos e orogenicos dos diversos compartimentos da crosta terrestre, da observação geologica deve-se presumir que parte alguma da superficie da terra goze de uma estabilidade absoluta e muito menos continua através dos tempos. Essa estabilidade do paiz é, pois, relativa, mas, em qualquer caso, a sufficiente para afastar a previsão de uma aggravação da intensidade dos sismos por um futuro remoto, pois os processos geologicos se elaboram com tamanha lentidão, que nem mesmo o seculo se aceitaria como unidade de medida do tempo. »

CIDADE DE S. PAULO

(Dados historicos e estatisticos).

« Em tosca e humilde casa de páo a pique e cobertura de sapé, levantada em agreste collina que se alteava nos extensos campos de Piratininga, nasceu para a civilização, a 25 de Janeiro de 1554, a ambiciosa e afortunada aldeia que, com as solemnidades do ritual catholico, recebeu o nome do venerado Apostolo das Gentes. Na sua marcha victoriosa, não tardou conseguisse o primeiro triumpho : a 5 de Abril de 1560 adorna-se com o titulo de villa em

seguida ao arrazamento de Santo André, sua temivel rival. No seculo seguinte, a 22 de Março de 1681, já prestigiada e enriquecida pelas aventuras dos bandeirantes, conquista a São Vicente a posição de cabeça de capitania, determinando a decadencia da mais antiga povoação paulista. E a 11 de Julho de 1711 obtem as regalias de cidade, tanto prosperára e influira na vida colonial.

Successivamente capital de provincia em 1822 e de Estado em 1889, em virtude de acontecimentos em que tivera magna parte, S. Paulo de Piratininga firma definitivamente sua supremacia como centro director de uma grande e gloriosa região brasileira. Mas não lhe basta : quer mais ! E' então que, a datar de 1870, se transforma em magnifica metropole moderna, graças á Industria, potentissima e creadora; á Industria, que respira o negro fumo das chaminés e labuta ao fogo das fornalhas; á Industria, que, com o ruido dos seus complicados machinismos, canta o hymno triumphal da intelligencia humana.

Deve o primitivo burgo do Padre Anchieta a sua incontrastavel fortuna ao local propicio onde ficou situado, na confluencia natural dos caminhos que communicavam o interior com o litoral maritimo. Mais tarde, as vias-ferreas vieram robustecer tão privilegiada e feliz situação, tornando a cidade um centro forçado da passagem das mercadorias que se exportam e importam em toda uma larga zona do paiz.

Foi esse o segredo dos rapidos progressos desta maravilhosa « cidade-cogumelo », segundo a caracteristica expressão « yankee ». E' elle que explica como num vintennio a população da « urbs » paulistana pôde sextuplicar e a edificação quadruplicar. E' elle, emfim, que esclarece todo o surprehendente evoluir desta nova Chicago, exemplo raro no Brasil.

Volvidos 355 annos, S. Paulo póde orgulhar-se de se ter convertido em segunda capital brasileira, em terceira sul-americana e numa das maiores cidades do mundo. Das proporções que já adquiriu, far-se-ha uma idèa pelos algarismos que passamos a alinhar, para estudo da vida municipal na actualidade.

Avalia-se a área total da cidade em 30.000 kilometros quadrados, incluindo-se os bairros e suburbios. Mas a cidade propriamente dita, não se levando em conta os espaços pouco edificados, comprehende uma superficie de 594 hectares, mais ou menos. Cêrca de 169 hectares são occupados pelo calçamento das vias publicas. As habitações, por sua vez, devem cobrir 30 hectares, approximadamente. O resto fica para jardins, quintaes, etc.

A área calçada media exactamente 1.693.458 metros quadrados em 1907. Em 1898 não contava senão 857.816 metros quadrados. Portanto, duplicou nos ultimos dez annos.

Não se conhece qual o numero exacto de vegetaes que enfeitam nossas ruas e praças com uma arborisação superior á de qualquer outra cidade brasileira. Sabe-se, porém, que, de 1900 a 1907, se plantaram nas vias publicas 19.010 arvores ornamentaes, cujo bello estado faz inveja ás avenidas cariocas.

A Capital paulista possue 32 alamedas, 41 avenidas, 893 ruas, 32 travessas, 4 beccos, 11 ladeiras, 10 villas (ruas particulares), 4 caminhos e 5 estradas. Os largos são 33, as praças, 20 e os jardins publicos 3, sem contar os parques particulares.

A edificação, em 1907, constava de 23.031 casas, ou mais de um terço das que existem na Capital da Republica. O

valor locativo annual desses predios monta a quantia de 33.314:520$000.

A população que, pelo recenseamento de 1900, não passava de 239.820 individuos, em 1 de Janeiro de 1908 attingio a 348.865 habitantes, com um crescimento vegetativo de 30.514 almas e de 78.531 por movimento migratorio. Só no anno de 1907 augmentou de 4.945 por excesso de nascimentos sobre os obitos.

Em 1907 casaram-se 1.903 pessoas, ou cinco por dia. Os nascimentos foram 10.707, nascendo na média 29 crianças por dia, contra 28 em 1906. Os obitos, em comparação com este anno, baixaram a 5.762; o que dá o coefficiente de 16,51 por mil habitantes — um dos mais favoraveis que se conhecem.

Intellectualmente, S. Paulo é uma das cidades brasileiras mais adiantadas. Em 1907 a instrucção publica primaria estava representada por 129 escolas isoladas, 17 grupos escolares, duas escolas modelo e um jardim da infancia, todos com 12.198 alumnos matriculados—total aliás pequeno se considerarmos a população. Além disto, existiam uma escola complementar, um gymnasio estadoal, uma escola normal, quatro escolas superiores, uma de pomologia, etc.

Quanto aos outros elementos de cultura intellectual, notam-se treze jornaes diarios, dez bibliothecas, um museu e uma pinacotheca.

A viação urbana é feita pela Companhia Light and Power, cuja rêde mede cerca de 120 kilometros de trilhos, e pelo tramway da Cantareira, com 25 kilometros de linhas. Os bondes daquella em 1907 transportaram 23.863.166 passageiros e os carros desta 310.672. Taes algarismos, embora maiores do que os dos annos anteriores, não correspondem ainda á importancia da cidade, que podia proporcionar movimento mais consideravel.

Para o serviço de transporte nas vias publicas, havia, ao todo, 7.324 vehiculos de varias especies. Os automoveis eram 100, as bicycletas 1.430, os motocyclos 15 e os tricyclos 6, conforme os registros da Prefeitura. Os carros de praça e particulares attingiam a 243 e os tilburys e aranhas a 436. Os restantes eram carroças para diversos fins.

Nos rios faziam o trafego 168 botes e barcas, comprehendidas as embarcações de regatas.

A illuminação a gaz corrente, proporcionada desde 1872 pela "S. Paulo Gaz Company", exigiu, em 1907, 26.001 toneladas de carvão. Fabricaram-se 8.620.690 metros cubicos de gaz, sendo 1.718.771 consumidos na illuminação publica. O total de combustores nas ruas e praças subia a 4.492.

O serviço de abastecimento de agua, começado em 1883, tem hoje uma rêde distribuidora com 416.366 metros de canos. As ligações della ás habitações elevam-se a 25.973, havendo 2.003 predios abastecidos indirectamente.

A rêde de esgotos possue 874.548 metros de extensão. Serve a 24.217 predios a ella ligados, até 1907.

O movimento do matadouro municipal, sempre em augmento, em 1907 constou de 63.286 bovinos, 29.964 suinos, 7.549 ovinos e 849 caprinos.

O municipio da Capital conta 1.033 propriedades agricolas, sendo 629 pertencentes a Brasileiros, 188 a Italianos, 141 a Portuguezes, etc. O valor de todas attingia a 10.445 contos, segundo a estatistica agricola de 1904-1905. A área que ellas occupam é de 22.981 alqueires, dos quaes 1.777 cultivados com cereaes, videiras, café, algodão, fumo, etc.

Os principaes generos agricolas pro-

duzidos são as batatas, com 32 milhões de litros; o milho com 352 mil litros; 67 mil de feijão; e 45 mil de arroz. De uvas colhem-se annualmente cerca de 24 mil arrobas, sendo estas frutas um dos principaes productos do municipio.

Embora a maior parte das terras do municipio sejam pastos, a riqueza pastoril está representada sómente por 3.232 cavallos, 2.106 muares, 12.318 vaccuns, 1.518 lanigeros e 2.432 suinos. As aves domesticas existentes não excedem de 26.471; o que não chega sequer para o consumo de um anno. A producção animal consiste apenas em 2.800 mil litros de leite e 2.880 kilos de manteiga.

Se os recursos agricolas são pequenos, enormes são os da industria, que fizeram de S. Paulo um activo centro fabril. Conforme estatisticas da Recedeboria de Rendas, nada menos de 713 emprezas industriaes pagaram o imposto estadoal, accusando capitaes no valor de 21.677 : 448$440 réis, sem incluir nisto os que têm capital inferior a seis contos. Com estes pequenos estabelecimentos, as fabricas chegam a ser 828, de accôrdo com os registros da Prefeitura Municipal para pagamento de imposto de industria e profissões.

Pelo que verificou a Collectoria de Rendas Federaes, em 1907 havia 729 fabricas sujeitas ao pagamento do imposto de consumo. Dessas, 648 tinham menos de seis operarios, 16 de seis a doze e 65 mais de doze.

Das fabricas com mais de doze operarios, 17 eram de calçado, 10 de chapéos, 7 de tecidos, 11 de bebidas, 12 de fumo, 3 de phosphoros, 2 de perfumarias, etc.

Quanto ao commercio, basta dizer que S. Paulo possue 3.604 casas commerciaes com o capital de 55.748 : 887$337 réis. Demais, conta 83 sociedades anonymas com o capital de 235.852 : 842$000 réis.

Taes, em rapida descripção, as forças da metropole paulista no 355º anniversario da sua fundação. Que serão ellas amanhã? Facil é imaginar pelo que se tem observado nos ultimos trinta annos, que tanto impulsionaram o glorioso ninho dos "Bandeirantes" para os formosos destinos que o futuro lhe preserva".

(S. Paulo.) P. P.

AINDA S. PAULO

Ao fechar-se o balanço do inter-cambio commercial do Estado de S. Paulo com os paizes extrangeiros no anno de 1908, pelo porto de Santos, verificou-se um movimento total de 390.821 : 033$, havendo assim uma diminuição de 86.542 : 201$ em relação ao exercicio de 1907.

Effectivamente, a importação diminuio em 20.877 : 138$ e a exportação em 65.665 : 063$, o que quer dizer que houve no movimento total uma reducção superior a 22 %.

O excesso da exportação sobre a importação foi de 163.225 : 573$, notando-se assim uma diminuição de 44.787 : 793$ sobre a differença havida em 1907.

O movimento de importação das principaes mercadorias, no anno de 1908, foi o seguinte :

Por mil réis papel — Algodão em

bruto e em manufacturas diversas, 7.791 :872$; aço e ferro em bruto e em manufacturas diversas, 13.350:876$; machinas para a industria, 2.981 : 231$; machinas para a lavoura, 603 : 457$; outras machinas, apparelhos e utensilios diversos, 8.583 : 112$; productos chimicos, drogas e especialidades pharmaceuticas, 2.445 : 662$; pelles e couros preparados e curtidos, 2.619 :905$; juta em fio, 2.787 : 822$; carvão de pedra, 4.093 : 868$; kerozene, 2.329 : 129$; arroz, 27 : 942$; bacalháo, 2.239 : 305$; farinha de trigo, 4.204 : 374$; trigo em grão, 11.390 : 134$; vinho, 7.804 : 886$; generos alimenticios diversos, 3.792 : 774$; moeda metalica e fiduciaria, 113 : 113$000.

Movimento por paizes — Allemanha, 19.202 : 414$; Argentina, 16.136 .500$; Austria Hungria, 1.464 : 387$; Belgica, 4.231 : 273$; Estados Unidos, 11.860 : 182$; França, 8.156 : 253$; Grã-Bretanha, 28.699 : 612$; Italia, 11.446 : 582$; Portugal, 4.706 : 279$; outros paizes, 7.894.218$000.

As mercadorias cujo valor mais avulta na exportação são as seguintes :

Café, 275.094 : 110$; couros salgados, 193 : 492$; borracha mangabeira, 99 : 774$; farello, 1.051 : 813$000.

A quantidade de café exportada no anno de 1907 foi de 11.470.116 saccas e 8.940.149 em 1908.

Movimento por paizes — Allemanha, 60.384 : 027$; Argentina, 3.624 : 102$; Austria-Hungria, 19.255 : 974$; Belgica, 10.431 : 613$; Estados Unidos, 111.676 : 159$; França, 24.192 : 237$; Grã-Bretanha, 6.396 : 592$; Hollanda, 30.210 : 852$; Italia, 4.822 : 022$; outros paizes, 6.030 : 157$000.

Movimento maritimo — Entradas : inglezes, 351 toneladas, 1.147.970; italianos, 190, 586.908; brasileiros, 540, 354.686; allemães, 120, 334.139; francezes, 125, 316.779; diversos, 126, 321.559, total, 3.062.041.

Sahidas : inglezes, 351 toneladas, 1.149.083; italianos, 190, 186.908; brasileiros, 538, 353.920; allemães, 123, 343.565; francezes, 125, 316.779; diversos, 136, 321.436, total, 3.070.794.

O movimento dos vapores entrados em Santos em 1908 foi maior em 93 embarcações que o de 1907 e o de sahidas tambem teve um augmento de 99.

A tonelagem em 1908 foi superior á de 1907 em 352.001, nas entradas e em 377.747 nas sahidas.

Foi menor o movimento de mercadorias e maior o de vapores, signal evidente de que no serviço maritimo a concurrencia se fez sentir cada vez mais e que o porto de Santos augmenta os seus elementos de attracção. (*Est. de S. Paulo.*)

Construcções navaes

Em 1847 tinha a Bahia 14 estaleiros, em trafego 1.176 embarcações com 2.547 tripolantes.

Em 1867, vinte annos depois, o numero de embarcações era 5.652 e o de tripulantes 20.528.

Hoje, comparados os dados actuaes com aquelles, ha grande decadencia.

O Dr Elpidio de Mesquita escreveu recentemente um livro — *Aspectos de um problema economico* — em que estuda a questão das communicações internas do paiz, condição indispensavel ao seu progresso e povoamento.

Algumas industrias da cidade do Rio de Janeiro

Em 1907 a producção de phosphoros no Districto Federal foi de 189.559.000 de caixinhas de phosphoros de madeira e 12.482.400 de caixinhas de phosphoros de cêra, correspondente á renda de 4.061.280$ de imposto.

A producção é assim repartida :

Companhia « Fiat Lux », phosphoros de madeira.	122.082.000
Companhia « Fiat Lux », phosphoros de cêra....	12.482.400
M. M. Ferreira, phosphoros de madeira.....	54.000.000
John Doyle e C., phosphoros de madeira.....	9.770.000
Oscar Pereira e C., phosphoros de madeira.....	3.707.000

A producção das 95 fabricas de bebidas, desta Capital, foi, em 1907, a seguinte :

Cerveja de baixa fermentação, garrafas.....	5.571.398 1/2
Cerveja de baixa fermentação, em chopps, litros.....	410.162
Cerveja de alta fermentação, garrafas.....	12.960.996
Vermouths, bitters e semelhantes, litros.....	100.982 1/3
Bebidas constantes do n. 130, da classe 9ª, Tarifa, licores, aniz e semelhantes, litros...	157.896.1/3
Idem do n. 131, da classe 9ª, da Tarifa, cognac, laranjinha e semelhantes, litros...	192.393
Syphão ou soda, litros..	1.560.340
Aguas mineraes artificiaes, litros.....	8.189 2/3

A receita do imposto sobre essas bebidas foi de 1.054:104$825

A carne que comem os cariocas

No anno ultimo os cariocas consumiram 175.000 bois, 15.000 carneiros e 18.000 porcos e leitões. De aves e peixes nada se sabe. Mas ainda áquella cifra convem juntar outras avultadas de xarque, carne de vento, conservas, peixe salgado, bacalháo.

A vida é como um theatro onde não ha senhas de sahida, os que sahem não voltam...

.˙.

E' melhor ser esmagado pela evidencia que por um bond...

.˙.

Os chapeus de chuva são como os homens politicos, viram-se nas tempestades...

CALINO.

População da Capital

E' curioso o seguinte quadro, synthese do censo de 1906 em que se determinam as divisões da Capital federal, a area de cada uma d'ellas em metros quadrados e a população.

DIVISÕES	AREA-METR.²	POPULAÇÃO
1 Candelaria	302.000	4.454
2 Santa Rita	1.117.000	45.929
3 Sacramento	596.000	24.612
4 São José	995.000	42.980
5 Santo Antonio	1.330.000	38.996
6 Santa Thereza	4.928.000	7.971
7 Gloria	5.688.000	54.477
8 Lagôa	12.071.000	47.992
9 Gavea	34.685.000	12.570
10 Santa Anna	1.280.000	37.266
11 Gambôa	1.517.000	42.049
12 Espirito Santo	4.481.000	57.682
13 São Christavão	4.901.000	45.098
14 Engenho Velho	6.440.000	36.595
15 Andarahy	15.282.000	48.556
16 Tijuca	40.561.000	7.708
17 Engenho Novo	8.286.000	28.422
18 Meyer	13.856.000	34.476
19 Inhaúma	43.039.000	67.478
20 Irajá	129.094.000	27.406
21 Jacarépaguá	215.786.000	14.980
22 Campo Grande	245.822.000	31.248
23 Guaratiba	181.100.000	17.928
24 Santa Cruz	110.326.000	15.380
25 Ilhas	33.110.000	8.982
	1.116.593.000	805.335
26 No mar		6.108
		811.443

Vê-se d'aqui o inesperado dos algarismos : Santa Tereza, como a Tijuca, não chega a ter 8.000 habitantes. A Gloria e Lagoa fazem juntas 100.000. A Gamboa campeia com 42.000, tanto como São José e mais que Santo Antonio. O nucleo mais denso é S. José e Sacramento, attenta a pequena area.

Pelos dados estatisticos da Sub-Directoria de Estatistica municipal, sobre o imposto precial, durante o anno de 1907, se verifica o seguinte :

Predios existentes no districto Federal, 69.631, sendos sujeitos ao imposto 66.763 e isentos 2.868.

Deste são proprios municipaes 124 e federaes 622.

O valor locativo foi de 105.095 : 812$150 e o imposto, 13.143 : 694$356.

Os predios vagos por diversos motivos attingiram ao numero de 2.125.

Quantidade dos volumes entrados e sahidos na alfandega do Rio de Janeiro durante o anno de 1908.

MEZES	QUANTIDADE de VOLUMES ENTRADOS	QUANTIDADE de VOLUMES SAHIDOS
Janeiro	81.580	76.707
Fevereiro	91.034	79.543
Março	92.874	79.404
Abril	78.142	86.300
Maio	83.821	98.115
Junho	75.130	60.115
Julho	87.370	95.220
Agosto	68.558	88.721
Setembro	86.664	83.606
Outubro	83.599	71.800
Novembro	87.301	73.515
Dezembro	76.329	86.090
	992.362	982.136

RECAPITULAÇÃO

Entraram	992.362
Sahiram	982.136
Saldo	10.226

Quantidade e especie de embarcações descarregadas na alfandega do Rio de Janeiro durante o anno de 1908.

MEZES	CHATAS	LANCHAS	BOTES	CATRAIAS	BALEEIRAS	TOTAL
Janeiro	109	—	15	31	1	156
Fevereiro	231	11	19	37	—	298
Março	299	12	23	50	—	384
Abril	239	3	20	36	—	298
Maio	249	11	18	41	—	319
Junho	190	—	12	37	1	240
Julho	173	6	19	23	—	221
Agosto	221	5	16	26	—	268
Setembro	262	10	12	44	—	328
Outubro	222	7	15	38	—	282
Novembro	212	6	16	45	2	281
Dezembro	255	11	19	49	1	335
	2.662	82	204	457	5	3.140

RECAPITULAÇÃO

Media mensal de embarcações descarregadas	284
Média diaria	9

Quantidade de volumes descarregados para a alfandega do Rio de Janeiro com indicios de avaria, durante o anno de 1908.

MEZES	QUANTIDADES	MEZES	QUANTIDADES
Janeiro	13.890	*Transporte*	78.901
Fevereiro	10.766		
Março	10.324	Agosto	9.875
Abril	11.435	Setembro	11.421
Maio	12.123	Outubro	13.730
Junho	8.900	Novembro	9.785
Julho	11.463	Dezembro	10.491
A transportar	78.901		134.203

RECAPITULAÇÃO

Media mensal de volumes descarregados com indicio de avaria	11.185
Media diaria de volumes descarregados com indicio de avaria	366

Os dados seguintes são mais completos que os referidos nas paginas preliminares do *Almanaque*.

São do serviço de estatistica commercial os seguintes algarismos, referentes á importação e á exportação do Brasil no anno proximo findo, em comparação com os dos dous annos anteriores :

IMPORTAÇÃO

	MIL RÉIS PAPEL			EQUIVALENTE EM £		
	1906	1907	1908	1906	1907	1908
	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias
Janeiro	30.747:192$	49.554:341$	59.104:893$	2.123.211	3.151.992	3.697.904
Fevereiro	31.282:286$	43.833:026$	48.901:151$	2.160.162	2.788.077	3.059.506
Março	37.798:073$	53.929:622$	53.677:327$	2.610.101	3.391.668	3.358.327
Abril	40.098:063$	50.892:593$	49.279:927$	2.631.435	3.184.100	3.083.204
Maio	38.196:903$	53 342:606$	42.460:389$	2.506.672	3.347.804	2.656.539
Junho	36.470:750$	48.472:726$	43.170:185$	2.393.393	3.035.857	2.700.947
Julho	38.581:800$	56.641:852$	46.150:487$	2.658 360	3.554.866	2.887.410
Agosto	42.571:473$	56.490:515$	44.198:682$	2.933.256	3.541.690	2.765.296
Setembro	42.188:443$	55.402:266$	43.258:790$	2.906.864	3.473.462	2.706.490
Outubro	50.858:110$	59.866:055$	46.203:953$	3.240.438	3.753.321	2.890.756
Novembro	49.026:453$	54.908:293$	46.570:011$	3.123.734	3.442.493	2.913.657
Dezembro	61.467:430$	61.603:849$	44.295.841$	3.916.415	3.862.273	2.771.374
12 mezes	499.286:976$	644.937:744$	567.271:636$	33.204.041	40.527.603	35.491.410
Especies metallicas e notas de banco extrangeiras						
Jan. a Dez.	45.211:689$	69.815:327$	2.265:429$	2.963.446	4.410.621	141.736

EXPORTAÇÃO

	MIL RÉIS PAPEL			EQUIVALENTE EM £		
	1906	1907	1908	1906	1907	1908
	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias	Mercadorias
Janeiro....	63.039:443$	74.181:826$	63.101:306$	4.392.327	4.718.049	3.947.975
Fevereiro..	59.235:414$	87.252:659$	61.511:837$	4.151.708	5.582.014	3.848.644
Março.....	63.760:017$	86.525:481$	57.635:409$	4.240.185	5.418.540	3.602.913
Abril.....	53.140:916$	82.575:569$	35.925:517$	3.374.956	5.170.916	2.247.932
Maio.....	44.626:177$	76.283:462$	49.366:571$	2.890.172	4.786.493	3.088.719
Junho.....	35.919:990$	62.916:524$	32.874:448$	2.467.137	3.941.688	2.056.734
Julho.....	40.902:340$	73.354:298$	42.345:846$	2.813.784	4.599.149	2.649.372
Agosto....	63.245:426$	61.725:678$	64.861:896$	4.391.382	3.870.107	4.058.092
Setembro..	74.823:749$	64.471:062$	43.898:569$	5.051.056	4.062.106	2.746.519
Outubro...	98.024:517$	74.867:196$	96.174:196$	6.252.433	4.708.583	6.017.149
Novembro.	118.356:546$	59 332:776$	76.534:270$	7.629.327	3.719.962	4.788.375
Dezembro .	84.597:760$	57.404:351$	80.597:832$	5.405.003	3.599.291	5.042.568
12 mezes..	799.670:295$	860.890:882$	704.827:697$	53 .059.470	54 .176.898	44.094.992
Differença da exportação sobre a importação						
Jan. a Dez.	300.383:319$	215.953:138$	137.556:061$	19 .855.429	13 .649.295	8.603.582

EXPORTAÇÃO DOS SETE PRINCIPAES ARTIGOS

	DEZEMBRO			
	QUANTIDADE		VALOR EM £	
	1907	1908	1907	1908
Café, sacca.....	1.193.979	1.379.181	2.171.810	2.534.086
Borracha seringa, kilo.....	2.054.993	3.371.772	605.425	1.464.441
Fumo, idem.....	214.499	416.810	11.786	20.764
Assucar, idem.....	384.088	5.366.766	9.339	61.968
Herva-matte, idem.....	4.610.137	7.215.451	148.941	227.142
Cacáo, idem.....	3.250.776	3.370.806	242.351	186 395
Algodão, idem.....	1.561.481	623.403	99.896	30.501
Total dos sete artigos....	—	—	3.289.148	4 525 297
Diversos.....	—	—	310.143	517.271
Total geral.....	—	—	3.599.291	5.042.568

	JANEIRO A DEZEMBRO			
	QUANTIDADE		VALOR EM £	
	1907	1908	1907	1908
Café, sacca.....	15.680.172	13.260.144	28.559.063	23.039.231
Borracha seringa, kilo.....	33.382.681	34.287.014	12.827.926	11.221.984
Fumo, idem.....	29.691.984	14.866.365	1.284.036	841.290
Assucar, idem.....	12.857.899	29.231.823	135.700	248.894
Herva-matte, idem	52.052.747	49.097.884	1.609.914	1.628.843
Cacáo, idem.....	24.397.249	31.067.390	2.012.796	1.977.457
Algodão, idem.....	28.036.281	3.438.817	1.734.507	206.158
Total dos sete artigos....	—	—	48.163.942	39.204.857
Diversos.....	—	—	6.012.956	4.890.135
Total geral.....	—	—	54.176.898	44.094.992

Analysada a estatistica precedente decorram as observações que fez um dos orgãos da nossa imprensa :

« O valor de nosso commercio exterior, em 1908, excluidas as especies metallicas e notas de banco, elevou-se á quantia de 1.272.099 : 333$, contra 1.505.828 : 626$ em 1907 e 1.298.957 : 271$ em 1906.

A importação de mercadorias foi no valor de 567.271 : 636$, menos 78.000 contos do que no anno anterior.

O valor da exportação foi na importancia de 704.827: : 697$, o que representa uma reducção de 156«000 contos em relação á de 1907.

A differença da exportação sobre a importação foi de 137.556 : 061$, ou sejam 24 por cento.

A porcentagem em 1907 foi de 33 por cento e em 1906 de 60 par cento.

A importação de especies metallicas e notas de banco extrangeiras soffreu enorme reducção, sendo de 2.265 : 429$, contra 69.815 : 327$ em 1907 e 42.211 : 689$ em 1906.

Quanto aos principaes productos de exportação merece ser notado o facto de que as quantidades exportadas de borracha e de cacáo augmentaram, ao passo que os seus valores diminuiram, dando-se o inverso com a herva-matte, que apresenta diminuição na exportação e augmento no valor.

O café, o fumo e o algodão accusam reducção, tanto na quantidade exportada como no seu valor, e o assucar — augmento em uma e outro. »

Livraria Garnier

Livros de:

JOSÉ de ALENCAR,

MACHADO de ASSIS,

ALUIZIO de AZEVEDO,

ARTHUR de AZEVEDO,

SYLVIO DINARTE,

BERNARDO GUIMARÃES,

JOAQUIM MARIA de LACERDA,

JOAQUIM MANOEL de MACEDO,

D. J. G. de MAGALHÃES,

MELLO MARAES,

PEREIRA da SILVA,

etc. etc.

NECROLOGIOS DO ANNO DE 1908

Conselheiro Costa Barradas

Falleceu a 31 de Janeiro nesta Capital o Sr. Conselheiro Joaquim da Costa Barradas, um dos jurisconsultos mais respeitaveis do nosso paiz.

Formado em direito pela Faculdade do Recife foi nomeado promotor publico para uma das comarcas do Estado do Maranhão, onde nascera, tendo ahi occupado com brilho, talento e hombridade todas os cargos da magistratura.

Presidiu no passado regimen as Provincias do Pará e do Ceará, mostrando-se um administrador probo, justo e zeloso.

No novo regimen foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, sendo aposentado em 1893. Ultimamente era advogado do Banco do Brasil e mordomo da Santa Casa de Misericordia.

O Conselheiro Barradas deixou numerosos trabalhos de jurisprudencia publicados em jornaes desta Capital e dos Estados, revelando sempre notavel erudição e grandes conhecimentos.

Dr. Furquim Werneck

Inesperadamente, e causando pena geral, falleceu a 18 de Fevereiro, victima de uma congestão cerebral, o Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida.

Natural do Estado do Rio, era o finado bacharel em lettras pelo antigo Collegio D. Pedro II e doutor pela Faculdade de Medicina desta Capital.

Quando estudante ainda tomou parte na campanha do Paraguay, onde prestou bons serviços.

Regressando ao Rio de Janeiro e havendo conquistado o seu diploma de medico, estabeleceu a sua clinica nesta Capital, onde se tornou conhecido e apreciado como especialista de partos e molestias de senhoras.

Escreveu e publicou diversos trabalhos interessantes.

Proclamada a Republica foi eleito deputado á Constituinte, e mais tarde, no Governo do Dr. Prudente de Moraes, exerceu o cargo do Prefeito desta Capital.

O Dr. Furquim Werneck era um eximio atirador e, como tal, muito acatado nas rodas sportivas tanto do paiz como do estrangeiro.

Dezembargador Lima Santos

O finado era natural da Bahia e contava cêrca de 73 annos de idade, dos quaes 37 de magistratura.

Tendo-se formado em 1858, no Recife, percorreu, á feição de quasi todos os magistrados daquelles tempos, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, nada menos de oito provincias, ora na sua carreira de magistrado, ora em differentes commissões provinciaes ou geraes.

Entre outros cargos, foi inspector geral da instrucção publica na Provincia do Paraná, e depois Procurador Fiscal, mais tarde Inspector da Thesouraria Provincial da dita Provincia. Foi Chefe de Policia no Piauhy. Exerceu igual cargo, immediatamente depois, na Provincia da Parahyba.

Estava em iguaes funcções interinamente na Provincia do Paraná, quando, a 4 de Março de 1882, foi nomeado Presidente da Provincia de Santa Catharina, de cuja commissão se passou para as funcções de Juiz de Direito da comarca de Porto Alegre.

Da Capital do Rio Grande do Sul foi removido para a comarca de Curityba como Juiz de Direito e pouco depois era nomeado Juiz de secção no mesmo Estado, e quasi em seguida Sub Procurador do Districto Federal.

Alguns mezes depois foi o Dr. Lima Santos nomeado Juiz do Tribunal Civil e Criminal e a 21 de Março de 1892 Juiz da Côrte de Appellação. Neste ultimo cargo permaneceu até 5 de Janeiro de 1898, quando, por motivo de molestia, requereu a sua aposentadoria.

O finado era o typo do juiz, por sua rectidão e probidade. Nas antigas provincias em que teve occasião de funccionar nesse caracter deixou um nome honrado e saudoso.

Marechal Cantuaria

Era uma figura de verdadeiro destaque em nosso exercito a do velho Marechal João Thomaz de Cantuaria, de longas barbas alvinitentes, e apezar disso ainda de um bello porte militar, com seus quasi 73 annos de edade. O Marechal Cantuaria nasceu no Rio Grande do Sul a 24 de Setembro de 1835 e falleceu a 20 de Março de 1908.

Deixou uma brilhante fé de officio e uma lembrança verdadeiramente grata a todos quantos com elle privavam.

Marechal João Thomaz de Cantuaria.

Ainda bem moço, quando tivemos de sustentar luta com a Paraguay, para onde seguiu como 2º tenente de artilheria, na commissão de engenheiros, voltou da campanha coberto de louros, tendo tomado parte em diversos combates, com calorosos elogios do commando em chefe, e merecendo duas distincções honorificas.

Voltando como capitão, pouco tempo depois lhe eram concedidas varias outras distincções, ainda como recompensa aos seus serviços de guerra.

Do posto de tenente-coronel em diante, Cantuaria exerceu commissões as mais honrosas, entre outras como commandante geral do corpo de policia da Corte, como commandante da Escola Militar, ja na Republica, como director do Arsenal de guerra, como commandante do 6º e depois do 3º districto militar, como ajudante general do exercito, como ministro da guerra, como ministro do Supremo Tribunal Militar e finalmente como Chefe do Estado Maior do exercito. Reformou-se a 15 de Julho de 1905.

O enterro do Marechal Cantuaria foi dos mais sumptuosos e concorridos que tem havido aqui nestes ultimos tempos.

Senador Cleto Nunes

Falleceu a 1° de Abril o Sr. Senador Cleto Nunes Pereira, representante do Estado do Espirito Santo.

Nascido na cidade da Victoria a 3 de Maio de 1855, de pais abastados, o finado era alli, como em todo o Estado, geralmente estimado, e occupava desde longos annos posição saliente na politica espirito-santense, tendo no seu partido voz autorizada.

Devotado com entranhado amor á sua terra, exerceu nella, quer no Imperio, quer na Republica, diversos cargos em que foi sempre grangeando a estima de que se via cercado. Deputado provincial em diversas legislaturas, Thesoureiro da Alfandega, Secretario do Governo do ultimo Presidente do Imperio, o seu valor politico accentuou-se no actual regimen, durante o qual teve a honra de presidir o Congresso constituinte espirito-santense, e o Governo Municipal da Victoria em dous quatriennios successivos, prestando em ambas essas posições, principalmente na ultima, serviços que tornarão inesquecivel o seu nome.

Em 1894 foi pela primeira vez eleito Deputado ao Congresso Federal, sendo na legislatura seguinte trazido pelos votos dos seus conterraneos ao Senado da Republica, do qual continuava a ser membro, por lhe ter sido o mandato renovado em 1902 pelo periodo de nove annos, que a morte veio deixar incompleto.

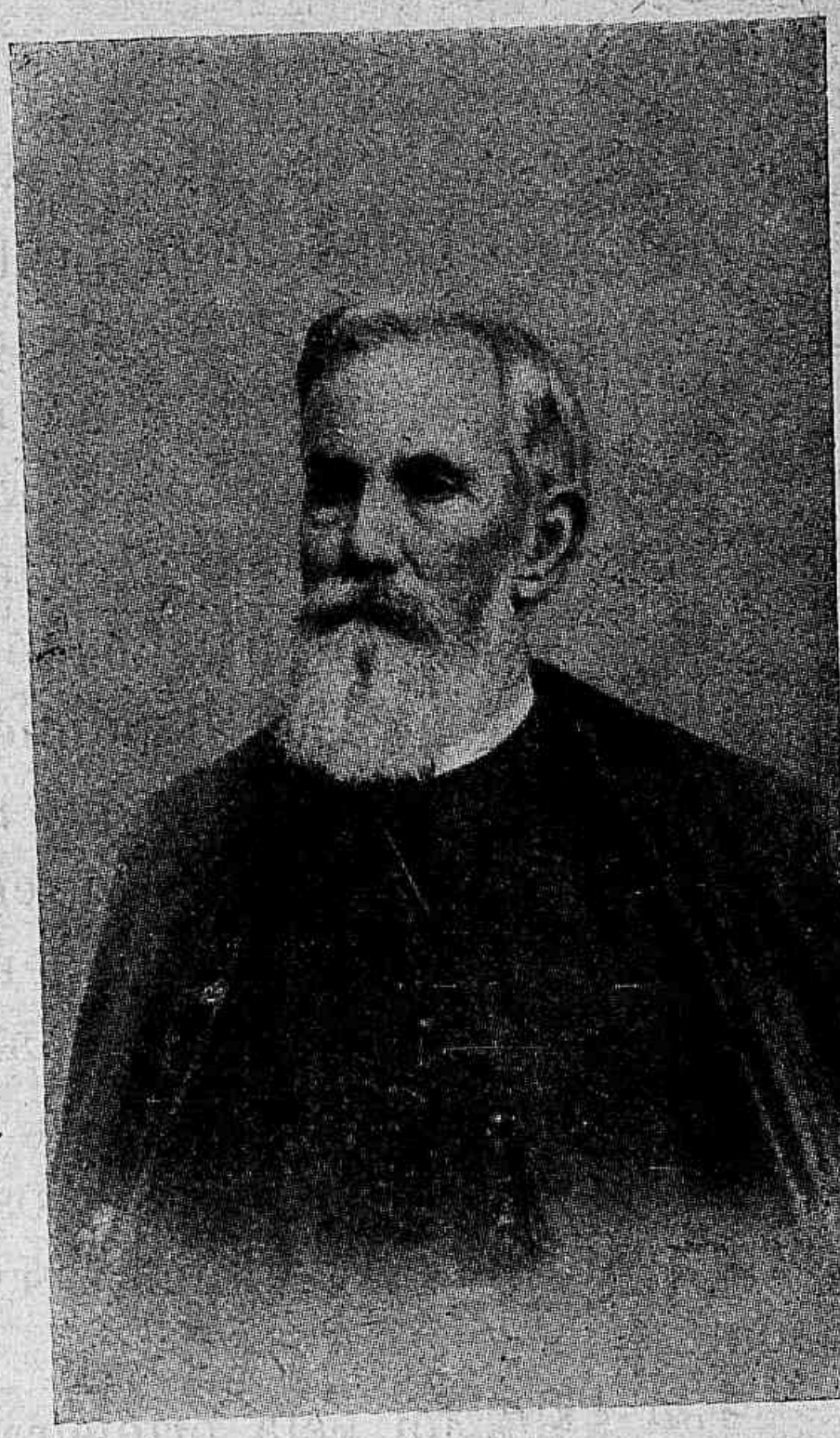
Intelligente, criterioso e bastante culto, elle era entretanto extraordinariamente timido para as lutas da tribuna; mas foi sobretudo na imprensa que a sua capacidade teve largos ensejos de revelar-se, e a ella, no Estado, o seu nome ficou indelevelmente ligado. Companheiro de Peçanha Povoa por muitos annos, na redacção da *Gazeta do Commercio* e da *Gazeta da Victoria*, mais tarde com o Dr. Moniz Freire, seu collega de representação, fundou a imprensa diaria no Espirito Santo, cujo primeiro orgão foi *A provincia do Espirito Santo*, que redigiu durante longos annos com fervorosa dedicação.

Dr. Piza e Almeida

Falleceu a 23 de Abril o presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida.

Foi um juiz de primeira ordem que desappareceu, uma figura modelar que se extinguiu.

Houve um momento em que a sua personalidade assumiu em nosso paiz proporções excepcionaes. Foi quando começou a reacção contra os excessos da dictadura. A guerra civil, com o seu cortejo de violencias, suspendera as liberdades publicas. O poder militar, forte da sua victoria, prolongava a situação anormal autorisada pelo estado de sitio. O juiz precisava ter então grande robustez moral para arrostar por vezes, como este arrostou, as iras dos triumphadores no cumprimento do seu dever. Em tal phase elle não foi só um juiz incorruptivel; foi um patriota abnegado e resoluto.



Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida.

Piza e Almeida nasceu a 19 de Outubro de 1842, no Estado de S. Paulo, e formou-se a 17 de Novembro de 1866, tendo mais de quarenta annos de serviços ao seu paiz, quer na magistratura, quer em outras funcções a que a sua vida honrada e operosa o levou.

1º. tenente Juventino da Fonseca.

Tenente Juventino da Fonseca

A chronica deve duas palavras commemorativas ao nome de um nosso official, ainda de modesta patente, mas que morreu corajosamente no cumprimento do seu dever por um modo tragico, causando consternação em todo o paiz. Referimo-nos ao 1º tenente Juventino da Fonseca, que se despenhou de grande altura com os destroços de um balão espherico militar, logo á

primeira ascensão que realisava como experiencia, diante do ministro da guerra, no campo dod Realengo. A morte do intrepido militar foi immediata, com a vertigem da descida e a terrivel violencia do choque sobre o sólo.

Antes dessa experiencia official elle realisára, no emtanto, varias outras com feliz exito. Desta vez o cabo a que ficara preso o balão partiu, não se sabe como, deixando livre, e sem governo a aéronave, que perdeu o hydrogeneo a cerca de dois mil metros de altura, cahindo por isso vertiginosamente, de modo a não offerecer possibilidade de salvação.

O tenente Juventino chegara recentemente de Europa, onde passara algum tempo em commissão do governo estudando aerostação, e fez ascensões ali por mais de uma vez.

O joven e lamentado official deixou viuva e uma filha ás quaes o Congresso Nacional resolveu conceder uma pensão, além dos demais direitos que lhes cabem como parentas de militar fallecido.

Conselheiro Araripe

Succumbiu a 3 de Julho, nesta capital, o venerando conselheiro Tristão de Alencar Araripe, contando oitenta e quatro annos de edade.

Foi um homem de dotes de espirito e qualidades de caracter excepcionaes. No seu tempo poucas actividades houve, principalmente, que se pudessem comparar á do grande trabalhador que elle era.

Formando-se em direito, procurou desde logo encarreirar-se na magistratura, obedecendo ás tendencias do seu espirito recto e justiceiro. Foi juiz municipal no Ceará, depois juiz de direito no Pará, juiz do commercio no Recife, desembargador na Relação da Bahia, em seguida na de S. Paulo e por ultimo na desta capital, de onde passou para o Supremo Tribunal de Justiça em 1875. Neste posto encontrou-o a Republica, que o aproveitou na organisação do Supremo Tribunal Federal. Aposentou-se em 1894, com 72 annos de edade.

Além destes cargos, exerceu o de Chefe de Policia do Espirito Santo, tendo em seguida desempenhado as mesmas funcções em Pernambuco, sendo mais tarde Presidente da antiga Provincia do Rio Grande do Sul e dez annos depois da do Pará.

O conselheiro Araripe exerceu egualmente funcções politicas, em que se salientou como herdeiro de uma familia de politicos que era, entre os quaes, no primeiro Imperio, houve homens de grande valor. Foi deputado á Assembléa Provincial do Ceará, e depois, por nove annos seguidos, representante da mesma provincia no Parlamento nacional. Durante as renhidas e incandescentes discussões que precederam a promulgação da lei de 28 de Setembro, foi um dos oradores mais pugnazes e mais obstinados na defeza dessa refórma. No jornalismo politico figurou não poucas vezes, com incisiva energia no dizer e no rebater os golpes dos adversarios. A ultima commissão politica que lhe foi dada foi a de ministro de Estado, no governo do Marechal Deodoro.

Era um fecundo e distincto escriptor juridico, contando-se na sua obra livros importantes, sob este aspecto, como a « Consolidação do Processo Criminal »; « Relações do Imperio »; Codigo Criminal do Imperio, completado com as leis penaes subsequentes »; Classificação das leis do processo criminal e civil »; etc., etc.

Deixa um sulco de grande e valioso trabalhador tambem como cultor da historia, quer em obras de folego, quer em numerosas memorias, discursos e differentes escriptos. Deve-se-lhe a « Historia da Provincia do Ceará até 1850 », a « Historia da guerra civil do Rio Grande do Sul », em 3 volumes, « Patriarchas da Independencia », « Cidades Petrificadas e Inscripções Lapidarias no Brasil », « Independencia do Maranhão », « Como cumpre escrever a Historia Patria », etc., etc. Quando ainda nos bancos academicos, traduziu os vinte volumes da obra de Plutarcho, e entre os seus papeis, redigidos mais tarde, deixou materia para mais vinte volumes impressos, de traducções que fez, de Kant, de Demosthenes, de Erasmo, de Eutropio, de Aristoteles, etc.

Tal é, em linhas muito perfunctorias, o vulto do illustre brasileiro cujo passamento aqui registamos.

Eugenio de Magalhães

Num leito do hospital da Benificencia Portugueza finou-se a 16 de Junho o primeiro galã dramatico que conheceu o nosso tão pouco animado theatro. Finou-se envelhecido, desilludido e quasi que já inteiramente ignorado do nosso publico actual.

A epoca de gloria do nosso sympathico e inditoso artista foi a do tempo de Furtado Coelho e de Lucinda. Eugenio representou ainda, ha cerca de dez annos, na companhia Dias Braga, o *Gran Galeoto*. Mas os que o viram representar nessa occasião notaram logo que alli não estava o mesmo galã dos tempos de Furtado Coelho e da Lucinda. Esse mesmo papel do *Gran Galeoto*, peça traduzida para elle, a elle dedicada pelos traductores, e que havia sido nos seus bons tempos um dos seus melhores e mais brilhantes triumphos, esse mesmo galã Eugenio o representou já sem voz, deselegante, com um hombro cahido e uma perna tarda.

De então para para cá Eugenio não mais representou. Convenceu-se. Tudo estava mudado : a sua saude, o gosto do publico, o genero das peças... Antes disso tinha ido a Lisboa, onde se não demorou. Chegou lá a representar no theatro D. Maria, o theatro normal portuguez, mas achou que os papeis que lhe distribuiam não estavam na altura de seu merecimento artistico, e regressou.

Regressou e não poude rehaver aqui o seu logar. Isso não porque houvesse outros galãs, porque os tempos eram outros já, alguma coisa se tinha mudado : era outro o gosto do publico, o criterio artistico era outro, o theatro se começava a rebaixar — e Eugenio poude verificar que já não era homem deste tempo. Não transigira, entretanto. Essa virtude poude-a elle levar comsigo na sua derradeira viagem. Convencido da nobreza da sua arte e do seu merecimento artistico, nunca quiz o recurso que tantos outros procuraram ; e não foi nunca bater ás portas do *theatro ligeiro*, então triumphante, pedir o pão do seu sustento. Abnegadamente resistia e poude morrer dignamente como artista dramatico.

Eugenio de Magalhães na intimidade era um bom, sincero, sem dissimulações, affectuoso e alegre.

Felix Bernardelli

Falleceu no Mexico a 16 de Junho o sympathico pintor Felix Bernardelli, irmão de Rodolpho Bernardelli e de Henrique Bernardelli, outros artistas como elle, tão conhecidos e bem reputados entre nós.

Felix era o Benjamim da familia. Nascera aqui no Rio e aqui se creára.

Os antigos frequentadores do Club Beetoven hão de se lembrar delle, ainda joven, e já fazendo parte do famoso quartetto de musica de camara, e estreando alli como violinista de talento incontestavel e promissor.

Mais tarde, foi para a Italia, fazer, como os irmãos, a excursão artistica á velha Roma.

Ahi, a par dos seus estudos de musica, aperfeiçou-se na pintura que aqui havia começado com Henrique, e de lá enviou-nos uns quadrinhos do genero, em que revelava talento de colorista a par de uma boa technica.

Deixando Roma, antes de vir para o Brasil, quiz ir ao Mexico abraçar a velha mãi e a irmã, que alli residiam; e tantos foram os attractivos que lá encontrou, que não voltou para o Brasil.

No Mexico casou-se e dedicou-se á pratica das duas artes que professava, adquirindo posição honrosa no novo meio em que se fixou. Mas não se esquecia da patria, e raras foram as exposições annuaes da nossa Escola em que elle se não fez representar, com interessantes notas de paizagem, a oleo e a aguarella.

Agora fallece aos 40 annos, deixando desolados os seus distinctos irmãos e quantos o conheceram e apreciavam o seu talento e as suas excellentes qualidades de coração.

Dr. Luiz Cruls

Telegramma de Paris, de 22 de Junho, nos trouxe a triste noticia do passamento do distincto homem de sciencia Dr. Luiz Cruls, estrangeiro de nascimento, mas de ha muito associado á vida do Brasil, em que foi um bom e productivo elemento.

Soffria de cruel enfermidade, que o afastara ha bastante tempo da vida activa e ha mezes seguira para a Europa em procura de lenitivo ao seu mal.

O Dr. Luiz Cruls era de origem belga, sendo filho da cidade de Drest, onde vira a luz no dia 21 de Janeiro de 1848.

Cursara a Escola da Engenharia Civil da cidade de Gand, e servira no Exercito do seu paiz, do qual pediu demissão no anno de 1874, no posto de 1° Tenente.

Vindo para este paiz, entrou para a Commissão da Carta Geral do

Imperio, e em 1876, foi admittido no nosso Observatorio, como addido voluntario.

Quando o Sr. Emanuel Liais se retirou para a França, o Dr. Luiz Cruls foi nomeado successor na direcção do Observatorio Astronomico, cargo vago agora com o seu fallecimento.

Foi elle quem fez o plano da expedição de tres commissões para observarem a passagem de Venus pelo disco solar, em 6 de Dezembro de 1882, uma nas Antilhas, outra em Pernambuco e a terceira em Puenta Arenas, da qual foi elle o chefe.

Foi nomeado delegado do Brasil no Congresso Internacional de Washington, em 1884, para a adopção de um primeiro meridiano e foi o chefe da commissão exploradora do planalto central do Brasil, para escolha de local da futura Capital do Brasil.

A Academia de Sciencias de Paris havia-o laureado com o premio Vaix, de astronomia; e elle fazia parte de muitas sociedades scientificas, tanto do paiz como do extrangeiro.

O Dr. Luiz Cruls foi um escriptor prolifico e deixa numerosas obras scientificas de grande valor, quasi todas relativas ao Brasil.

Barão de Capanema

Na avançada idade de 84 annos, falleceu a 27 de Junho o Dr. Guilherme Schuch de Capanema, Barão de Capanema.

Natural do Estado de Minas Geraes, era filho do Dr. Roque Schuch e de D. Cecilia Bors.

Formado em sciencias physicas e mathematicas pela antiga Escola Militar desta Capital, era tambem engenheiro pela Escola Polytechnica de Vienna d'Austria.

Dotado de grande cultura intellectual e de variados conhecimen tos scientificos, foi o Barão de Capanema o organizador do estabelecimento do telegrapho no Brasil, por elle installado e inaugurado com grande exito ha mais de 50 annos.

Construiu grande numero de linhas telegraphicas nos Estados brasileiros e no Paraguay, por occasião da guerra, e fez parte da commissão scientifica que pelo Governo do antigo regimen foi encarregada de explorações na então provincia do norte.

Director Geral da Repartição dos Telegraphos, seu nome ficou

vinculado a essa repartição pelos inestimaveis serviços que a ella prestou.

Quando ha pouco se celebrou o jubiléo do telegrapho no Brasil, foi tambem ïnaugurado no vestibulo daquella repartição do Estado o busto em bronze do illustre scientista, cuja perda é geralmente sentida.

O Barão de Capanema publicou muitos trabalhos de alto valor que mereceram lisongeira apreciação de notabilidades extrangeiras, entre as quaes os concernentos aos Sambaquis, Decomposição dos penedos no Brasil, Apontamentos sobre a secca do Ceará e outros.

Era lente jubilado da Escola Polytechnica, professor honorario da Academia das Bellas Artes, Major honorario do Exercito, Commendador das Ordens da Rosa e de Christo, possuia o titulo de Conselho, era socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Instituto Fluminense de Agricultura, fundador da Sociedade de Estatistica do Brasil.

Foi lente de physica e minerologia da Escola Militar, depois Central, e hoje Polytechnica.

Longa seria a enumeração dos alevantados serviços que o Barão de Capanema prestou em diversas commissões que exerceu, sobresahindo-se sempre pela sua intelligencia, dedicação e lealdade.

Conselheiro Mac Dowell

Os que se lembram da vida politica dos ultimos tempos do segundo Imperio, por força que não esqueceram o nome do Conselheiro Samuel Wallace Mac Dowell, que representou naquella epoca um papel notavel em tal esphera de acção.

Membro proeminente do partido conservador, foi Deputado geral pela provincia do Pará em mais de uma legislatura e Ministro da Justiça no gabinete Cotegipe.

Fez brilhante figura na Camara, distinguindo-se principalmente quando se discutiu o projecto de reforma judiciaria apresentado pelo partido liberal, reforma que extinguia os juizes municipaes.

Homem de forte caracter, depois da Republica não se quiz mais immiscuir na vida politica, e entregou-se á advocacia, tornando-se a sua banca uma das mais importantes do Pará.

Chegou a 16 de Agosto a noticia de haver fallecido em Paris esse distincto brasileiro, cuja morte teria tido echo muito maior si os annos passados fóra da vida publica já não tivessem trazido para o seu nome o relativo esquecimento em que cahira.

Mario Cattaruzza

Accomettido havia cerca de dois mezes por um insulto apopletico, ainda em plena robustez e vigor da edade, finou-se a 27 de Agosto o jornalista eximio cujo nome nos serve de epigraphe.

Mario Cataruzza era uma forte organisação intellectual e uma actividade que, ao menos entre nós, podia-se contar como rara. A sua apparição no nosso meio jornalistico se fez sem alardes, mas dentro em pouco o seu nome começou a ser conhecido e a impôr-se como o de um jornalista de raça, dotado de faculdades excepcionaes, com um bom preparo, uma grande força de apprehensão das questões, um espirito rijamente trabalhado para os debates mais graves e uma curiosidade que tudo rebuscava e sobretudo lhe permittia ter uma idéa e uma opinião. A par disso, Mario Cattaruzza era um temperamento de combativo, sem embargo de ter uma alma de creança, prompta a reprimir as suas coleras e a comprehender e cultivar as virtudes da brandura e da bonhomia.

Desse modo Mario Cattaruzza tinha de impor-se, e impoz-se como um dos mais brilhantes jornalistas entre o que assistem á actual evolução do nosso paiz. Italiano de nascimento, vindo á aventura numa companhia de comicos japonezes, como secretario, teve por isso opportunidade de percorrer grande parte dos nossos Estados, sobretudo os do norte, e penetrar na nossa vida politica, aprendendo com phenomenal rapidez o nosso idioma, que elle escrevia com uma perfeição rara em estrangeiros e que elle admirava como um dos mais bellos.

O jornalismo, que já professára na Italia, empolgou-o de vez e nelle se deixou ficar para se tornar o activo, intelligente e alegre companheiro que a todos os collegas se impunha pelo seu espirito de bohemia sadia e robusta, pela sua alegria e despreoccupação de homem forte, pela sua actividade multiplicada ás vezes simultaneamente por quatro e cinco jornaes, e pela sua illustração. De todo

esse, trabalho que abrange mais de dez annos dispersados na imprensa do Pará e do Amazonas, na de São Paulo e na daqui fica apenas uma obra visivel, um livro sobre a Argentina, um estudo brilhante que elle compoz depois de uma estadia de um mez na visinha Republica. Mas esse unico documento basta para attestar a robustez e o brilho do seu talento.

Conselheiro Antonio Paulo de Mello Barreto

Falleceu a 12 de Setembro nesta Capital o Sr. Conselheiro Antonio Paulo de Mello Barreto.

A actividade profissional do Conselheiro Mello Barreto está patente na extensa rêde que fórma actualmente o systema ferro-viario da Leopoldina Railway.

Foi elle o primeiro concessionario de estrada de ferro no Estado de Minas.

A sua primeira concessão foi para uma estrada de ferro de Porto Novo do Cunha a Cataguazes com o ramal da Leopoldina.

Organizada a companhia e eleito seu presidente assistiu á construcção de estrada e do seu prolongamento até o actual ponto terminal em Saude, municipio de Alvinopolis, a 369 kilometros de Porto Novo.

Encorporou á Leopoldina a antiga Companhia do Pirapitinga com 31 kilometros e a Alto de Muriahé, cujos serviços de construcção começaram então.

Activou essa construcção e levou os trilhos até a cidade de Santa Luzia do Carangola, ainda ponto terminal, por emquanto, na extensão de 150 kilometros.

Fez construir o sub-ramal para a cidade de S. Paulo do Muriahé com 18 kilometros e adquiriu a antiga União Mineira com 110 kilometros, fazendo a ligação desta com a Leopoldina em Ubá, construindo 40 kilometros e mais 28 de um ramal para a cidade do Pomba.

Adquiriu tambem o ramal do Rio Novo e mais tarde a Piau, levando, assim, os trilhos da Leopoldina á cidade de Juiz de Fóra.

Terminada a rêde ferrea mineira e antes de encetar os seus prolongamentos para o Manhuassú e Caratinga, tratou de ligar aquella

rêde ás linhas do Estado do Rio de Janeiro de propriedade de companhias diversas.

Assim é que adquiriu do Estado a antiga Estrada de Ferro Cantagallo e a Companhia Estrada de Ferro do Sumidouro, fazendo a ligação desta com aquella e trazendo os trilhos a Nitherohy.

Prolongou a Cantagallo a Muriahé, adquirio a linha de Imbitiba a Campos, construiu o trecho de Campos a S. Fidelis, 50 kilometros, ligou a linha de Imbetiba á de Padua e com um ramal de 18 kilometros, a partir de Paraguna, fez a ligação de todas estas linhas com as mineiras na estação de Cruzeiro.

Adquirio a Estrada de Ferro de Campos a Carangola, ligando esta ás linhas mineiras em Patrocinio e Porciuncula e iniciou o seu prolongamento com destino ao Estado do Esprito Santo.

Ainda sob a sua administração, na Leopoldina, foram adquiridas as linhas Grão-Pará e Norte, sendo seu projecto ligar estas linhas ás mineiras por Areal, Entre Rios e Serraria, como mais tarde se realizou.

Emfim, o plano da viação-ferrea da Leopoldina foi por elle traçado e circumstancias alheias á sua vontade impediram que se realizasse tão bem delineado programma.

A' sua tenacidade, aos seus esforços se deve a construcção de milhares de kilometros de estradas de ferro.

Coronel Placido de Castro

Recebeu-se a 15 de Setembro, com geral pezar, a noticia de ter sido assassinado no Acre, a 8 do mesmo mez, o Coronel José Placido de Castro, que andava envolvido em lutas com os representantes da administração daquelle nosso territorio.

Typo de aventureiro, como os tivemos na epoca colonial, era a infeliz victima dessa luta lamentavel um patriota decidido e de grande valor naquellas paragens, onde por vezes ainda temos tido necessidade de fazer valer o nosso direito pela bravura pessoal dos nossos patricios contra as pretensões de estrangeiros audazes. Todos ainda se lembram da luta heroica que elle travou contra a dominação boliviana no Acre até forçar a capitulação de Puerto Alonso, depois de nove dias de renhido combate. Deve-se, póde-se dizer, á essa bri-

lhante acção inicial do nosso corajoso patricio a situação privilegiada de que devia resultar, como de facto resultou, a incorporação daquella rica zona ao territorio nacional.

Coronel Placido de Castro.

Placido de Castro era rio-grandense de origem, e na sua terra, como militar, carreira que abraçou depois de uma serie de vicissitudes, devida á orphandade em que ficára e ao seu caracter voluntarioso e sedento de aventuras, já havia dado brilhantes provas de seu valor, quando se deu a revolução que ali por dilatado periodo se sustentou, depois da fundação da Republica.

Deixando a vida militar, pouco a pouco veiu elle se approximando do destino que o chamava para as terras do norte, onde afinal chegou, e, graças ao conjunto de condições que offerecia sua natureza combativa e o seu espirito arguto, intelligente, firmou-se em brilhante situação, inclusivé pelo lado da fortuna.

Uma individualidade assim não desapparece sem que a sua morte echoe por toda a parte, causando verdadeira commoção.

Dr. Vicente de Souza

O Dr. Vicente de Souza, fallecido a 18 de Setembro, exerceu com brilho a carreira do magisterio secundario, sendo lente de latim e de logica no Gymnasio Nacional, materias sobre que deixou publicados trabalhos de merecimento.

Além, disso porém, era um ardente patriota, cujo nome ficou sem macula, nestes tempos em que a ambição pelas posições e pela fortuna arrasta por invios caminhos tanta actividade que começara cheia das melhores promessas e aureolada de excellente reputação. O Dr. Vicente de Souza foi um esforçado propagandista das idéas republica-

nas, pela imprensa e da tribuna, nos tempos do Imperio. A Republica não lhe fez a justiça de que era merecedor, sem que isso, no emtanto, arrefecesse suas crenças pela instituição, pela causa dos humildes em geral, até os ultimos dias de sua vida. Elle era dos politicos de idéas mais avançadas que se contam entre nós. Votava ao socialismo uma sympathia, não somente platonica, mas tambem militante, como o provou nas suas tentativas de organisação do partido operario no Brasil. Ainda não era tempo para fructificarem os seus esforços, mas a lembrança delles ahi fica, honrando a memoria do honesto e puro brasileiro que cedo ainda foi colhido pela morte.

Machado de Assis

Com o fallecimento de Machado de Assis, occorrido a 25 de Setembro, perdeu a literatura brasileira o seu chefe incontestavel, aquelle que dentre os contemporaneos offerecia a obra mais eminente e o exemplo mais digno que nos era possivel apontar.

« Joaquim Maria Machado de Assis era filho desta cidade, onde nasceu na antiga chacara do Livramento, no morro do mesmo nome, de pais obscuros e pobres, Francisco José de Assis e D. Maria Leopoldina Machado de Assis, a 21 de Junho de 1839. Tinha, pois, 69 annos, tres mezes e alguns dias de vida.

« A mesquinhez do seu nascimento fez-lhe naturalmente difficil e duro o começo da vida, não lhe permittindo os estudos regulares, sem duvida desejados pela sua intelligencia nativa. Dizem-nos que a sua primeira occupação ao sahir da escola primaria, foi de sacristão da igreja da Lampadosa. Depois fez-se typographo e como tal trabalhou na Imprensa Nacional, de 1856 a 1858.

« Certamente, nesta profissão se lhe despertou a vocação litteraria latente. No decennio de 1860, apparecem os primeiros ensaios litterarios de Machado de Assis, versos principalmente, em jornaes e revistas do tempo, como a *Marmota fluminense* de Paula Brito, a *Revista Popular* e o *Jornal das Familias*, do Garnier, e o *Diario do Rio de Janeiro*.

« Da redacção deste jornal fez depois parte com Saldanha Marinho. Quintino Bocayuva e outros notaveis jornalistas do tempo, tendo sido tambem mais tarde um dos redactores do *Diario Official*.

« Em 1873, começa a carreira de funccionario publico de Machado de Assis, como primeiro official do Ministerio da Agricultura. Essa carreira a percorreu elle toda nesse Ministerio, hoje da Industria e Viação, onde chegou ao cargo de Director de Contabilidade, e onde serviu até os seus ultimos dias, com assiduidade exemplar, grande capacidade, muito zelo e intemerata probidade. Tanto no Imperio, como na Republica, mais de um Ministro honrou-se, chamando-o para seu Secretario.

« Em 1863, sahiu da typographia do *Diario do Rio de Janeiro* o seu primeiro livro, *Theatro de Machado de Assis*, com duas comedias em um acto *O caminho da porta* e o *Protocollo*, prefaciado por Quintino Bocayuva. Mas é em 1864, com as *Chrysalidas*, que elle começa verdadeiramente a sua vida litteraria, que devia ser uma das mais bem preenchidas na nossa litteratura. Neste jornal, Luiz de Castro, pouco prodigo de elogios, recebeu com grandes encomios os versos do joven poeta, augurando-lhe um grande futuro. Desde então a producção de Machado de Assis, sem ser nunca de improviso ou apressada, é continua, e cada vez mais trabalhada e aperfeiçoada. Modesto por indole, timido por temperamento, mas de uma timidez que recobria uma singular energia moral, Machado de Assis, extranho desde logo a toda a petulancia da juventude, estuda, trabalha, medita, lê e relê os classicos da nossa lingua e as obras primas de todas as litteraturas, e cada obra sua é, póde-se affirmar, um progresso real sobre a precedente. Publica successivamente *Os deuses de casaca*, fina e engraçada comedia em verso, em alexandrinos dignos de Castilho (1866). *Os trabalhadores do mar*, traducção de Victor Hugo (1866), *Phalenas*, outra collecção de poesias (1869). 1869 ou 1870 marca a sua estreia de grande prosador que viria a ser com os *Contos fluminenses*.

Com o seu verso, a sua prosa começa logo a distinguir-se pelas raras e eminentes qualidades nativas do seu genio litterario, a graça contida, que deixa alguma cousa á intelligencia do leitor, a sobriedade e, mesmo em antes de ser elle o admiravel escriptor vernaculo que foi, a propriedade, a riqueza, a justeza da expressão.

« Ainda em pleno romantismo, o seu genio ponderado como o de um Gœthe, não cede aos excessos da escola, como nunca se deixou offuscar e desvairar pelo brilho ephemero das modas litterarias. Não que elle ficasse jámais alheio aos movimentos e aos interesses do seu

tempo. A sua curiosidade intellectual era grande, e a sua sensibilidade tanto espiritual como moral extraordinaria. Tudo lhe interessava na vida, tudo repercutia nelle, sómente se não reflectia sem ser temperado e afinado conforme o diapasão proprio ao seu genio, feito de força moderada, de emoção profunda, mas de expressão sempre elegante-mente contida e sobria.

« Por isso Machado de Assis é, com Garrett, e mais talvez que Garrett, que foi um dos mestres do seu espirito, porventura o unico escriptor da nossa lingua, a quem se pudesse, sem inexactidão, cha-mar de attico, o unico que realizou plenamente o ideal de graça e bel-leza, sem esforço nem os falsos brilhos das nossas litteraturas mestiças.

« Litteraria se não chronologicamente, os *Contos fluminenses* são no Brasil os iniciadores de um genero em que Machado de Assis fica-ria talvez sem par na lingua portugueza, e que seria um dos mais abundantes da nossa litteratura. E o são não só pelos processos de psychologia litteraria applicados já com segurança á representação ficticia da nossa vida e sociedade, como pela novidade da imaginação, sciencia da composição e belleza litteraria da expressão.

« E assim como foi aqui, sem bulha nem matinada, o criador do conto litterario, e o seu mais eminente escriptor, foi tambem o inicia-dor do culto da fórma e da belleza no verso. Elle é o nosso primeiro poeta artista, vinte annos antes do parnasianismo. E se como poeta elle não contentou plenamente o nosso exagerado e ás vezes mal são gosto de sentimentalismo descomedido, de eloquencia em vez de poesia, de gritos e arroubos em verso, de condoreirismo ou de emphase, não é impossivel que um dia o gosto nacional mais apurado o venha a preferir a muitos poetas que hoje lhe antepômos. Mas desde já quem tiver este gosto e o souber ler achará nos seus versos emoções não communs expressas em uma fórma singularmente bella, realçada pela fina malicia e graça discreta, que eram uns dos elementos do seu genio.

« Em 1873 as *Historias da meia noite* juntaram-se aos *Contos fluminenses* na sua obra de contador, que elle devia continuar em muitos outros volumes até os ultimos annos da sua vida: *Papeis avul-sos* em 1882, *Historias sem data* em 1884, *Varias historias* em 1895, *Paginas escolhidas* e *Reliquias de casa velha*, nos ultimos annos. Porventura estão nestes livros, principalmente nos de 1880 para cá, as mais formosas e distinctas paginas de Machado de Assis.

« O seu primeiro romance, curto como uma novella, é *Resurreição*, com que elle introduz na nossa litteratura o romance psychologico e o trata já segundo um conceito muito pessoal do genero, sem quasi nada do sentimentalismo romantico, então aqui ainda em toda a sua força. São do mesmo genero *Helena*, publicado em folhetins no *Globo*, *Yayá Garcia*, que é de 1878, e onde, como em alguns contos de antes, já aponta o pessimismo disfarçado em ironia de *Braz Cubas* e da série posterior.

« Com as *Memorias de Braz Cubas*, sahidas primeiro na *Revista Brasileira* de Nicoláo Midosi, em 1879, e publicadas em volume em 1881, Machado de Assis attinge ao apogeu do seu talento e á culminancia da sua obra de escriptor.

« *As Memorias Posthumas de Braz Cubas* são um grande livro solido e immortal, pela originalidade da concepção, riqueza da imaginação e singular excellencia da execução. Notaram-lhe o arranjo material da factura, como falto de novidade, como se não fosse o mesmo autor quem talvez ensinou aos seus censores que a tirou « de um Sterne, de um Lamb ou de um de Maistre ». O que desde o principio distinguiu a ficção de Machado de Assis foi o haver nella, admiravelmente disfarçada nas suas fórmas artisticas, os sentimentos, as idéas, as sensações que a contemplação aguda e a acção pessimista da vida lhe deram della, e, portanto, serem, sem propositos ou presumpções de nenhuma especie, que as puramente estheticas, admiraveis representações da vida. Da vida em geral e da vida brasileira em particular, porque nenhum dos nossos romancistas, nem os escriptores systematicos de « romances brasileiros » dão da nossa vida, do nosso caracter, das nossas idiosincrasias, de certos typos indigenas representações tão profundas e exactas como Machado de Assis.

« Ao *Braz Cubas* seguiram-se *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacób* e ultimamente o *Memorial de Ayres*. Continuavam todos, mais ou menos, a maneira do primeiro, mas cada um com a sua feição e caracter proprio, e todos com a mesma distincção do pensamento ou sentimento litterario e excellencia de estylo e lingua. »

Taes são as palavras com que o « Jornal do Commercio » deu uma synthese da sua obra e uma idéa da sua individualidade no dia seguinte áquelle em que o illustre brasileiro desapparecia dentre os vivos para começar a viver na historia.

Sua morte foi um verdadeiro acontecimento para todo o paiz.

De sul a norte commemorou-se esse acontecimento do modo mais condigno que era possivel esperar. Aqui na Capital da Republica, o Congresso Nacional, differentes corporações, academicas, juridicas, administrativas, comparticiparam do interesse que tal facto despertou, dando provas do seu apreço á individualidade do primeiro d'entre os nossos homens de letras actuaes.

O « Almanaque Brasileiro », desde o seu apparecimento teve a honra de merecer a collaboração do glorioso mestre, a quem por sua vez rende agora nestas despretenciosas linhas a sua homenagem respeitosa e sentida.

Dezembargador Henrique Dodsworth

Telegramma de Paris, para onde seguira o dezembargador Henrique Dodsworth, em tratamento de saude, deu-nos a 20 de Outubro a noticia do seu fallecimento.

O Desembargador Dodsworth era magistrado austero, de procedimento illibado, de costumes purissimos e de grande illustração. A magistratura fôra sempre para elle um sacerdocio que se devia praticar como elle a praticou, sem quebra minima do dever e da honra.

Formando-se, muito moço, na Faculdade de S. Paulo, seguiu logo carreira da magistratura, cujos gráos percorreu todos.

Foi juiz de direito em S. Paulo por muitos annos e mais de uma vez teve de arrostar perigo de vida, em uma região remota e entre gente semi-barbara, para fazer cumprir a lei e applicar a justiça. A severidade nelle não excluia a bondade; os seus jurisdiccionados o estimavam e o amavam como se estimam e se amam os juizes justos e integros.

Sob a sua austeridade não disfarçava se quer um caracter jovial, que era o encanto e a seducção dos seus amigos.

Vindo do regimen monarchico com as suas honradas tradicções, o Dr. Henrique Dodsworth continuou na Republica a servir o seu paiz e á sociedade. Juiz da Côrte de Appellação e por fim seu presidente, na justiça local a nenhum outro posto mais poderia aspirar e a nenhum outro, certamente, aspirava.

General Marinho

O general Marinho, fallecido a 2 de Dezembro, era positivamente um homem bom, tanto na vida intima como na vida publica, em que a sua acção criteriosa estava sempre ao serviço da justiça. Por isso o

General de divisão José-Maria Marinho da Silva.

seu fallecimento foi recebido com grandes demostrações de pezar, quer nas classes militares, quer nas classes civis, onde elle tambem contava grande numero de affecções sinceras.

O temperamento affectivo e alegre do general Marinho, a sua esmerada educação, o conhecimento das cousas, adquirido por uma longa pratica, e o seu caracter recto davam-lhe destaque na sociedade,

conquistando elle com esses predicados em cada um que o conhecesse um amigo ou ao menos uma sympathia real.

A sua passagem pelo Superior Tribunal Militar representa bem um reflexo da sua vida honrada e da sua consciencia pura.

O general José Maria Marinho da Silva fez a campanha do Paraguay, tendo tomado parte na travessia do rio Uruguay em 2 de Março de 1869, na Marcha do Passo da Patria, no combate do Potreiro Pires, onde foi gravemente ferido, no combate de Curupaity, nos bombardeios de janeiro, Fevereiro e Março de 1867, desembarcando em Maio com a 5ª brigada em Passo de Patria, seguindo depois para Tuyuty, acampando em 31 de Julho em Tuy-Cué, entrando no combate contra o forte do estabelecimento e no reconhecimento feito á viva força pelo 3º corpo sobre o entrincheiramento de Passo Pacú. Assistio aos reconhecimentos de Humaytá e Angustura e á rendição do Chaco, tomando depois parte no sanguinolento combate de Ito roró, batalha de Avahy e escaramuças de Lomas Valentinas, presenciando á rendição de Angustura.

Fez toda a marcha de Luques, assistindo ao reconhecimento de Ascurras, tomando parte no combate de Serra Leôa, fazendo a marcha e contra-marcha de Valencianos e Peribebuhy, exercendo com grande realce o cargo de adjuncto do deputado ao quartel general do commando em chefe das forças, tambem executando uma missão secreta á villa Barreira Grande.

Durante essa longa campanha foi o bravo militar elogiado varias vezes, pelo seu sangue frio e bravura, pelo marquez de Caxias e outros chefes do exercito nacional em operações de guerra.

Terminada essa tremenda lucta, o bravo militar recolheu-se ao seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, matriculando-se em 1871 na Escola Militar.

Muitas são as commissões de caracter militar desempenhadas com brilho pelo finado, entre as quaes a de mestre de equitação, de commandante de alumnos, inspector ia Invernada do Saycan, commandante do 9º regimento de cavallaria, seguindo em 1894 para o Paraná como commandante de 1ª de cavallaria.

Commandou o 2º, 4º e 6º districtos militares, sendo em 1904 nomeado para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Militar, funcção essa que exerceu com grande isenção de animo.

Possuiu as medalhas de merito, commemorativas da terminação

da guerra do Paraguay, as concedidas pelas Republicas Argentina e do Uruguay, e de serviço militar, de ouro, sendo tambem cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz.

Arthur Azevedo

Victima de uma violenta septicemia, succumbiu a 22 de Outubro este illustre homem de letras brasileiro.

Além de poeta, novellista, comediographo e critico, Arthur Azevedo foi um jornalista infatigavel, desses que mourejam nos valles da imprensa sem affrontar jámais as cumiadas escabrosas das graves questões politicas. Elle fundou com outros companheiros *A Gazetinha*, que viveu pouco tempo, guardando um attrahente aspecto literario; depois publicou a revista *O Album*, em que se encontra um precioso repositorio de informações acerca dos homens de talento daquelle momento historico. Escreveu constantemente na imprensa diaria — ora no *Diario de Noticias*, onde creou uma secção interessante com o titulo *De Palanque;* ora na *Noticia*, onde escrevia semanalmente um folhetim registrando a vida dos nossos theatros ; ora no *Paiz*, onde mantinha de ha annos a *Palestra*, e durante muito tempo subscreveu com o pseudonymo de Gavroche umas quadrinhas em que dava a nota do acontecimento ou do facto principal do dia.

Desse modo, o seu nome era dos mais conhecidos no Brasil, e verdadeiramente popular, gozando elle de uma geral sympathia em todas as classes, mas principalmente no theatro e entre os homens de letras e da imprensa, pois, quer entre os artistas, quer entre os autores poucos haveria que lhe não devessem palavras de animação e de estimulo, de que sempre foi prodigo, guiado pela sua natural bondade de coração.

Si outro fosse o nosso meio, talento de sobra tinha Arthur Azevedo para produzir uma obra bem mais resistente á acção do tempo do que aquella que lhe foi permittido deixar. Seja como fôr, versos, livros de contos e comedias elle produziu de valor inteiramente fóra do commum. Principalmente no theatro constituira-se um mestre incontestado e como não houve superior até hoje no Brasil.

E' esta a relação de seus trabalhos: *Carapuças*, S. Luiz, 1872, Poesias satyricas, *Na rua do Ouvidor*, Epistola a Alfredo de Queiroz, Rio de Janeiro, 1875. *Sonetos*, Rio de Janeiro, 1876. *Um dia de*

finados, satyra, 1880. *Contos Possiveis*, *Contos Ephemeros*, Obras de theatro. Revistas: *O Mandarim*, *O Bilontra*, *Mercurio*, *Viagem ao Parnaso*, *Gavroche*, *O Tribofe* (remodolado mais tarde na burleta *A Capital Federal*). *Fritzmack*, *Pum! O Major*, *A Fantasia*, *Cocotta*, *O Homem*, *O Jagunço*, *Guanabarina* (em collaboração com Gastão Bousquet), *Comeu!*

Comedias: *A Joia*, *Amor por annexins*, *Liberato*, *Casa de Orates*, *O oraculo*, *Entre o vermouth e a sopa*, *Vespera de Reis*, *Os noivos*, *A almanjarra*, *Os doidos*, *A pellc do diabo*, *O retrato a oleo*, *O Badejo*, *A fonte Castalia*, *Entre a missa e o almoço*, *O dote*, *Vida e Morte*.

Operetas: *Princeza dos Cajueiros*, *Donzella Theodora*, *O Mambembe*, *Barão de Pituassu'*, *Viuva Clark*.

Parodias: *A filha de Maria Angu'*, *Abel-Helena*, *Casadinha de fresco*, *Mascotte na roça*.

Monologos: *O alfacinha*, *Keller e Fagundes*, *A Exposição Portugueza*, *A terra das maravilhas*.

Dramas: *O anjo do mal*, *As duas irmãs*, *O anjo da vingança*.

Magica: *A filha do fogo*.

Traducções: *Niniche*, *Gillette de Narbonne*, *Fatinitza*, *Falka*, *Flor de lys*, *Genro e sogra*, *Coquelicot*, *Tres boticarios*, *O dia e a noite*, *Filho de Coralia*, *Mascaras de bronze*, *Mulheres do mercado*, *Perola Negra*, *Proezas de Richelieu*, *A Consciencia dos filhos*, *A Princeza Colombina*, *O herdeiro do throno*, *Jerusalem libertada*, *Nhonhô*, *O Pimpolho*, *A mulher do papá*, *Surcouf*, *A Camargo*, *Quasi...*, *O rei das areias de ouro*, *O pato de tres bicos*, *Pilulas de Hercules*, etc.

Póde-se dizer que quasi que só a Arthur Azevedo se deve a obra de propaganda feita em favor da construcção de um edificio onde se pudesse instituir o theatro brasileiro, propaganda de que é fructo o bello e sumptuoso Theatro municipal, de que infelizmente elle não poude assistir á inauguração, que dentro em pouco se deve realisar.

Burocrata com longos serviços ao Estado, poucos dias antes de fallecer, rodeado de amigos, elle tomava posse do cargo de Director Geral de Contabilidade da Secretaria de Estado da Industria, Viação e Obras Publicas, a que fôra promovido na vaga de Machado de Assis. Pouco depois deixava a repartição, á qual não mais voltaria, e, sempre acompanhado de amigos, subia a rua do Ouvidor, no seu andar

pesado e vagaroso, a receber felicitações de quantos o encontravam e para cada um tinha uma phrase de agradecimento e de affecto.

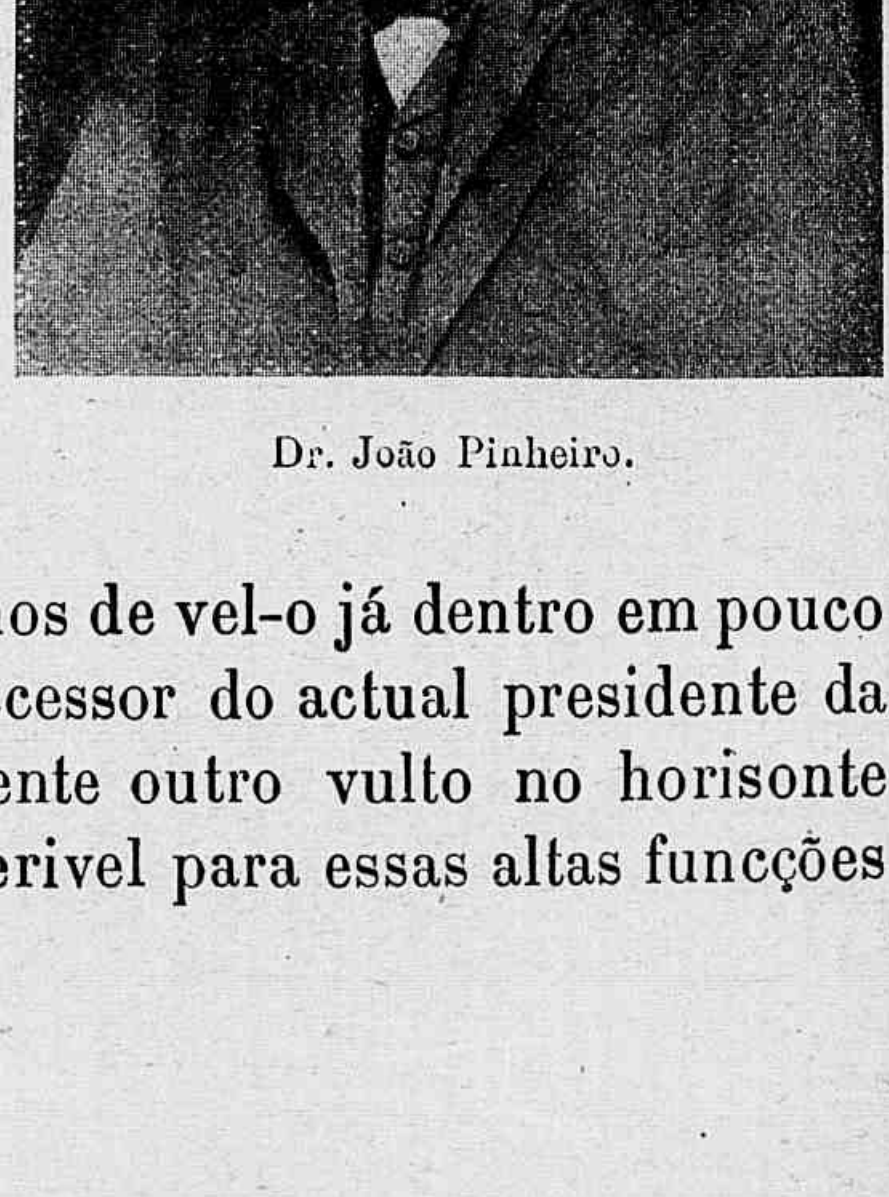
Foram muitas e geraes as provas de pezar dadas por occasião de sua morte, desde os votos expressos no Congresso Nacional até á noticia do mais modesto dos orgãos de imprensa e a moção do mais obscuro dos gremios dramaticos que existem no interior do paiz.

Arthur Azevedo nasceu no Maranhão a 7 de Julho de 1855. Era filho do consul portuguez em S. Luiz. Começou a vida como empregado do commercio, carreira que abandonou pela sua irresistivel tendencia para as letras. Achava-se no Rio de Janeiro desde 1875.

Dr. João Pinheiro

A morte do Dr. João Pinheiro, presidente de Estado de Minas, luctuoso facto occorrido a 25 de Dezembro, foi o que se póde chamar uma fatalidade, não só para sua terra natal, como para todo o Brasil.

Elle ainda não representára um papel no scenario geral do paiz, tendo feito toda a sua carreira politica no Estado cujos destinos se achava agora dirigindo. Tal destaque, porém, mesmo nesse circumscripto scenario, ganhára, que ja se impuzera como uma individualidade nacional, offerecendo o seu futuro as maiores e mais bem fundadas esperanças áquelles que amam esta terra e desejam vel-a administrada por quem na verdade o mereça, sendo capaz de oriental-a para os altos destinos de que é digna.



Dr. João Pinheiro.

Não seria um facto imprevisto termos de vel-o já dentro em pouco nas culminancias do poder, como successor do actual presidente da Republica, e não se divisa presentemente outro vulto no horisonte de quem se possa dizer que seja preferivel para essas altas funcções

áquelle que a morte colheu antes de tempo, causando verdadeira consternação a todo o paiz.

O Dr: João Pinheiro da Silva nasceu a 16 de Dezembro de 1860, na cidade do Serro, norte de Minas, de pais pobres e de humildes condições.

Fez seus estudos de preparatorios com sacrificio, emquanto não obteve uma cadeira no seminario de Marianna, em que professou o latim, até se achar prompto para a matricula da Escola de Minas.

Em Ouro-Petro abriu um curso propedeutico para fazer face á sua manutenção. Depois de frequentar, porém, os tres primeros annos da Escola de Minas, entendeu abandonar o curso de engenharia e seguir o de sciencias juridicas, vindo matricular-se na faculdade de S. Paulo.

Manteve-se com grande difficuldade na capital paulista até obter um lugar de preparador na Escola Normal, em que se conservou até formar-se em 1887 e voltar para Ouro-Petro, onde abriu banca de advogado.

Na sua terra salientou-se sobremaneira dentro em pouco na propaganda republicana, de modo que quando cahiu o Imperio foi convidado immediatamente para secretario do Dr. Cesario Alvim, primeiro governador de Minas.

Eleito para a Constituinte, fez parte da famosa commissão dos 21 incumbida de elaborar o projecto da Constituição.

Recusando-se a ser reeleito foi para Caéthé, onde se consagrou á exploração da industria ceramica.

Dirigiu em 1903 os trabalhos do Congresso Agricola Commercial e Industrial e mais tarde foi indicado para Senador Federal na vaga do Dr. Carlos Vaz de Mello.

Suffragado nas urnas pelo povo mineiro, foi reconhecido representante da Nação e tomou assento na Camara Alta em Maio, e dahi foi chamado pelos directores da politica mineira, cercado das esperanças dos seus conterraneos, para presidir aos destinos do Estado no quatriennio de 1906 a 1910.

Os seus dois annos de governo foram assignalados pelos mais brilhantes e excepcionaes serviços. Fez renascer e animou a iniciativa particular, que parecia completamente morta. Auxiliou as industrias de modo que estas tiveram notavel desenvolvimento, e tomou medidas beneficas em favor da lavoura, que teve assim extraordinario pro-

gresso. O ensino mereceu-lhe todas as attenções, sendo a sua diffusão cuidada com extraordinario zelo.

Mas, alem disso, como republicano convicto e consciente dos verdadeiros principios, por mais de uma vez elle teve occasião de dar bellos exemplos de coragem e civismo em actos que foram recebidos com verdadeiro enthusiasmo pelo paiz inteiro, numa epoca como esta, em que os animos mais alevantados parecem ter arrefecido ao sopro de um funesto e dissolvente scepticismo.

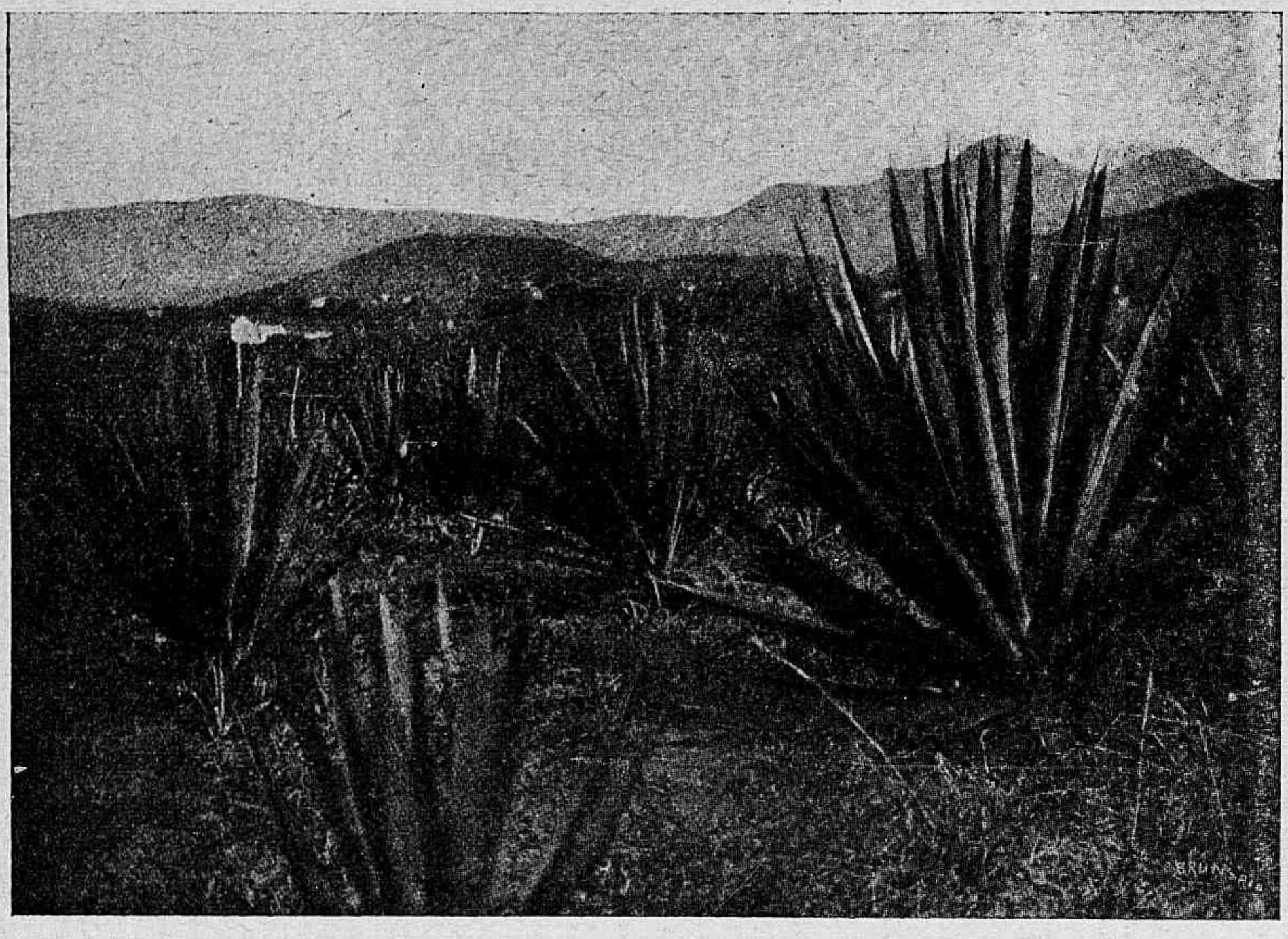
Por tudo isso é que o Dr. João Pinheiro tão rapidamente se impuzera á attenção e á confiança do paiz, sendo recebida com profundo pezar, por toda a parte, a noticia do seu prematuro passamento.

A LAVOURA

A Lavoura é a publicação official da nossa *Sociedade de Agricultura*, hoje dirijida pela competencia e actividade do Dr. Wenceslau d'Oliveira Bello.

A *Sociedade de Agricultura* fundada em 1897 pelo Dr. Ennes de Souza e outros dedicados companheiros, ainda que precedida por outras associações mais uo menos do mesmo genero, é o verdadeiro orgão dos interesses da agricultura, á qual tem prestado grandes e inolvidaveis serviços, na propaganda da vulgarização das nossas riquezas florestaes, das industrias agrarias, a criação e a cultura do solo, o aperfeiçoamento dos productos indigenas ou de adaptação. Tem realizado exposições de viticultura, fundado campos de exploração e de ensino, museu, biblioteca, hortos e viveiros de plantas uteis, emfim, um sem numero de beneficios que, em geral, são pouco conhecidos ou não o são como deviam ser na grande capital que se compraz em só fazer politica, e outras intrigas parasitarias e estereis. Sob a actual direcção, a *Sociedade de Agricultura* floresce e diffunde largamente os seus constantes beneficios, e d'esse nucleo de actividade patriotica e de talento é que se deve esperar a regeneração dos nossos costumes ainda infelizmente atrazados e rotineiros.

Dr. Wenceslao de Oliveira Bello.



Plantação de piteiras.

Deposito de machinas agricolas.

Foram successivamente directores desde 1897 os benéméritos brazileiros Drs Eunes de Sousa, Moura Brasil (varias vezes reeleito), Antonino Fialho, e W. Oliveira Bello, desde 1905.

O *Horto fructiculo* da Penha de que damos duas gravuras tem uma area de cerca de 11 hectares, onde se installaram viveiros de plantas fructiferas e industriaes, apiario, pocilga e curral, uma estação sericicola. Contam-se por milhares as enxertias, sementes, bacellos e mudas fornecidas aos agricultores.

ANATOLE FRANCE

Em um dos mais bellos dias de mais passou pelo Rio de Janeiro, em viagem para Buenos Aires, o maior dos estylistas fracezes contemporaneos, *Anatole France*.

Grande curiosidade havia de conhecel-o ao genio predilecto das nossas rodas intellectuaes. O governo, obedecendo a esse mesmo prestigio, convidou o ephemero hospede a que descesse a terra em passeio pela nossa capital.

Anatole France apenas teve tempo de vizitar a Academia brazileira e almoçar no ministerio das Relações Exteriores, onde o Sr. Barão de Rio Branco que havia tomado a iniciativa e concertado o plano d'uma rapida hospedagem o cumulou de gentilezas que bem exprimiam o sentimento nacional.

Na Academia recebeu-o o Prezidente d'ella com o discurso que adiante reproduzimos. Ao escrever estas linhas, á ultima hora, nada podemos adiantar quanto á possivel demora de *Anatole France* no Rio de Janeiro no seu regresso, em junho ou julho, de Buenos Aires.

E presumivel que, entre nós, passará alguns dias; e fará talvez algumas conferencias. A 31 de maio em Buenos Aires foi-lhe offerecido un banquête pelo nosso ministro ahi rezidente, o Sr Domicio da Gama, que é tambem da nossa Academia de Letras. Dias antes, passando por S. Paulo prometera o grande escritor, em sua volta do Prata, uma visita de alguns dias a S. Paulo e a Rio de Janeiro, cujas bellezas naturaes tanto o commoveram nas poucas horas em que esteve entre nós.

O discurso de Ruy Barbosa na Academia foi recebido pelo estylista

francez com frazes de espontaneo louvor que muito nos lisongearam, e que infelizmente não pudemos aqui publicar por falta de texto authentico.

No seu numero vindouro o *Almanaque Garnier* dará mais completa e circumstanciada noticia d'esse acontecimento verdadeiramente excepcional na historia anecdotica das nossas letras academicas, as unicas que na verdade elle terá povido apreciar ; e já não é pouco quando se reflecte na ignorancia do mundo a respeito do que somos.

ACADEMIA BRASILEIRA

Sessão de 17 de Maio.

Discurso de recepção de ANATOLE FRANCE pelo Sr. RUY BARBOSA

Mr. Anatole France:

Mon courage serait inconcevable, si j'avais eu la liberté du choix, en acceptant la mission de vous adresser la parole en français devant cet auditoire. La langue des affaires, dont j'ai eu à me servir, par la force du métier, pendant une carrière diplomatique de quelques mois, dans un milieu très éminent sans doute mais pas fort difficile en matière d'art, n'est pas précisément l'instrument littéraire qu'il me faudrait ici, pour vous entretenir des sentiments de mes collègues et de nos compatriotes sur votre compte, dans un cercle de gens de lettres, où, d'ailleurs, je ne me trouve que par un excès de complaisance ou par un caprice de la gentillesse de ceux qui m'environnent. Il est bien plus aisé, certainement, de faire une pointe sur la diplomatie, que d'empiéter sur ce domaine des élus, où vous exercez, Mr. Anatole France, l'autorité formidable d'un modèle sans tache.

Dans la correspondance de Frédéric le Grand avec Voltaire, qui est en train de se publier en Allemagne, on voit que le monarque prussien, écrivant des vers français pour faire la cour au poète de Cirey, s'excusait un jour de cette outrecuidance, en lui disant: « Je vous réponds en bégayant dans une langue qu'il n'appartient qu'aux dieux et aux Voltaires de parler. » Cette langue de Voltaire, que vous écrivez aussi naturellement qu'un homme de son siècle, avec pas moins de goût et plus de couleur, c'est un délice que de l'écouter, lorsqu'elle chante sous la plume des maîtres, c'est un plaisir que de s'y essayer dans la causerie, mais c'est une frayeur à glacer que d'avoir à s'y exprimer en public, du haut d'un fauteuil présidentiel, avec les responsabilités d'une académie et la charge de recevoir le prince de la prose française.

Tout académicien que vous êtes, vous avez été quelque part un peu sévère à l'égard des académies, dans vos louanges aux naturels des îles de Fidji, où c'est l'usage, dans les familles, de tuer leurs parents, quand ils sont vieux, pour mettre une limite à ce penchant ou à cette habitude, qui porte les vieillards à tenir

beaucoup trop à leurs idées. D'après vous, ils facilitent ainsi l'évolution, tandis que nous en retardons la marche en faisant des académies. Je n'ose pas vous assurer, Mr. Anatole France, que ce soit une expiation de cette petite médisance l'épreuve que vous subissez dans ce moment. On y pourrait soupçonner une subtile vengeance d'académie déguisant sous des fleurs l'idée bizarre d'envoyer en orateur au plus aimable des sceptiques un de ces vieillards tenaces, qui n'auraient pas trouvé grâce devant ces bons fidjiens, et au plus élégant joailler de la prose française un mauvais barbouilleur de votre bel idiome.

Me voici déjà bien loin, avec ce long préambule, des règles du bon goût et de la convenance. Mais ce n'est pas à moi la faute, si j'y manque, avec la conscience d'y manquer. Vous me ferez à coup sûr, Mr. Anatole France, la part de mes difficultés, en acceptant cet aveu de mon impuissance, cet acte d'obéissance et d'humilité, comme le premier de mes hommages.

Le rapide passage que vous faitès ici ne nous accorde que des heures de votre présence chez nous. Ainsi nous n'avons que des moments dont profiter, pour vous recevoir en hôte sous ce toit modeste, qui ne vous rappellera point la coupole ou la fille de Richelieu, et n'aurait pas défrayé le blâme de Jacques Tournebroche ou l'apologie de Jérôme Coignard. Heureusement pour nous tous qu'il ne m'incombe pas de vous présenter au public, ou de lui dire à votre sujet quoi que ce soit de nouveau. Ce ne serait nullement possible. Vous êtes tout à fait des nôtres, des plus connus et des plus intimes à notre société. Dans votre tour aux rives de La Plata, où vous allez révéler à la curiosité sud-américaine quelques veines précieuses de la mine de Rabelais, entrevues par un mineur qui s'y connaît bien, vous vous trouverez au milieu d'une civilisation florissante et pleine d'avenir. Mais vous n'y rencontrerez nulle part, dans cette nouvelle Europe, où le niveau intellectuel est des plus hauts, vous n'y rencontrerez pas une culture, chez laquelle votre célébrité et vos écrits soient plus familiers que parmi nos intellectuels.

Nous avons parcouru sans cesse toute la gamme infinie de vos enchantements, depuis les *Noces Corynthiennes* et *La vie littéraire* jusqu'à *l'Ile des Pingouins*. Oh! que j'aimerais à y revenir maintenant en votre compagnie! Mais le temps presse et m'entraîne. Laissons donc le *Jardin d'Épicure*; *Thaïs*, avec ses anachorètes du temps où s'accomplissait la parole du prophète: « Le désert se couvrira de fleurs »; *Balthasar* à l'âme simple, qui cherchait la vérité et avait découvert une étoile nouvelle dans le ciel; cet angélique *Sylvestre Bonnard*, qui ne prend au feu que la place laissée par Hamilcar couché en rond sur son coussin de plumes, le nez entre ses pattes. Vous rappelez-vous le tableau de cette intimité? « Un souffle égal soulevait sa fourrure épaisse et légère. A mon approche il coula doucement ses prunelles d'agate entre ses paupières mi-closes qu'il referma presqu'aussitôt, en songeant: « Ce n'est rien, c'est mon ami. »

La rôtisserie de la reine Pedauque? On ne peut pas s'y rendre, sans y revenir maintes fois. comme un client de la maison. L'impiété n'y est pas contagieuse. On l'y sent comme une subtibilité ambiante, qui n'empoisonne pas l'assistance, ainsi que les vapeurs d'un bon cigare, en en répandant l'arome, n'en laissent des traces que dans les poumons du fumeur. Qui pourrait jamais oublier *Jérôme Coignard*, *M. d'Astarac* et la famille *Tournebroche*? Le dénouement en est

triste, comme celui de toutes les choses humaines. On en garde, comme un parfum de souvenir, l'impression de la dernière visite. « L'air était embaumé d'herbes et plein du chant des grillons. La belle nuit! « L'abbé avait rendu l'âme. » Son éditeur le tient « pour le plus gentil esprit qui ait jamais fleuri sur la terre. » On ne pourrait mieux dire de l'esprit de M. Anatole Fsance.

Nous nous sommes assis sous *L'orme du Mail*, sur ce banc, où l'on faisait, dans une ville de province, la politique du pays; et depuis lors nous avons fait connaissance avec toute cette société de fonctionnaires et de magistrats, de dames et de gens d'Eglise, qui fait votre roman de *L'Histoire Contemporaine*, dans le *Mannequin d'Osier*, *L'Anneau d'Améthyste* et *Monsieur Bergeret à Paris*. Il n'y manque jamais de science, d'observation, d'intérêt. La sévérité, cependant, en est parfois effrayante, mais presque toujours d'une humeur aimable, avec un grain d'amertume. Et puis, *L'Étui de Nacre*, et *Pierre Nozière*, et *Crinquebille* et d'autres. J'en passe, et des meilleurs. Il faut s'arrêter. Votre œuvre coule de source; elle est intarissable. La pensée en déborde à plein, enonde calme et limpide, quelquefois azurée et opaline, souvent grise et mélancolique, au gré des cieux et des nuages qu'elle reflète, rarement gonflée, jamais trouble.

On s'émerveille de la finesse de votre analyse. Votre scalpel étincelle. L'anatomie que vous pratiquez abonde en surprises. Vous maniez votre microscope avec la subtilité des investigateurs les plus rares. Dans les laboratoires d'histologie sociale on ne vous trouverait, peut-être, un rival. Il n'y a rien, de la cellule, de tissu nerveux, de la substance organique des faits humains, qui échappe à votre coup d'œil génial. C'est partout un sans nombre de miniatures étonnantes de vérité partielle et circonscrite.

On dirait le détail, le relief et la précision de l'art flamand, mais avec la légèreté, le sourire, le jour de votre atmosphère. Et aussi, parfois, de loin en loin, de grands tableaux, qui par leur vigueur et leur coloris deviennent de véritables obsessions pour la mémoire du spectateur, le suivent hors de la galerie et lui hantent le sommeil. Que de réalité, quelle puissance, quelle vie dans ces créations indélébiles! Ce n'est pour vous toutefois qu'un coup de baguette. Vos bagatelles mêmes sont des bijoux. Il y a des évocations de votre pinceau qui ne vous coûtent qu'un moment. Il nous arrive de les rencontrer de temps à autre, à l'improviste, au milieu d'un fouillis d'étrangetés et de paradoxes, comme des choses vivantes. On ne peut que vous pardonner tous les péchés de votre âme payenne comme celle des chrétiens de la Renaissance, lorsqu'on voit jaillir de votre palette ces miracles d'inspiration créatrice. Je n'ai jamais pu oublier ce vieillard hirsute et robuste qui, dans *Le Puits de Sainte-Claire*, après avoir fixé le ciel à travers le feuillage, en souriant, arrêta sur Fra Mino, un regard ingénu. « Dans les rides profondes de son visage, ses yeux bleus et limpides brillaient comme l'eau d'une source entre l'écorce des chênes.» Qu'est-ce qui manque à cette apparition pour qu'elle nous parle ? Y a-t-il rien de plus saisissant dans la peinture?

Ce serait assez pour emplir une toile magnifique dans l'atelier d'un maître d'Italie. Et cependant ça n'a pas été pour vous qu'un bref épisode, l'affaire de quelques mots. C'est la gloire de la parole humaine ce privilège de peindre continuellement, instantanément, où qu'elle se pose, comme le soleil, dont les

musées ne comporteraient pas les tableaux, par cela même qu'ils sont innombrables et fuyants dans leur inénarrable beauté.

Mais, ne m'en veuillez pas de vous le dire, on peut ne pas éprouver la même admiration et les mêmes sympathies pour les inductions, pour les généralisations, pour les synthèses de la philosophie de quelques personnages de vos romans. Je ne dis pas de la vôtre; car ce n'est pas mince la distance entre la bonhomie optimiste de l'abbé Jérôme Coignard et l'acerbe misanthropie de Mr. Bergeret, dans le *Mannequin d'Osier*. J'aime plutôt la souriante indulgence de cet abbé, grand pécheur, mais cœur plein de bonté, «dont vous avez recueilli avec zèle les propos ». Il répandit sans solennité les trésors de son indulgence »; et, s'il a subtilisé, toute sa vie durant, sur le bien et sur le mal, la mort en est sainte et belle, par le pardon et par l'humilité qu'il a sur les lèvres en expirant. La légère ironie qui se répand sur toute son existence et en teint encore la fin, ne ressemble aucunement à cet aigre pessimisme, qui définit la vie sur notre planète comme une « lèpre ». « Mon dictionnaire est plein d'erreurs », disait Mr. Bergeret. « Amélie contient une âme injurieuse dans un corps épaissi. C'est pourquoi il n'y a guère à espérer qu'une éternité nouvelle crée enfin la science et la beauté ». Mr. Bergeret avait mis les deux extrémités de l'axe de notre destin dans son dictionnaire et dans sa femme. Ni l'un ni l'autre n'ont répondu à son mérite. Mais ça ne prouverait pas ni l'universalité du mal, ni l'éternité de l'injustice. Autour du malheur et de la souffrance, qui ont une si grande part dans notre lot, il y a un rayonnement de joie, qui enveloppe les choses et les âmes, en nous donnant à savourer le bonheur de vivre. On ne peut pas s'y soustraire, en voyant la magnificence de l'univers, en rencontrant la bonté, en éprouvant l'amour, en se sentant caressé par la douceur ambiante des choses. C'est bon de vivre, quand on croit, quand on espère, quand on bienfait, quand on s'éprend de la beauté dans les œvures de ses grands interprètes, dont vous êtes, monsieur Anatole France, un des plus exquis et des plus séduisants.

Si M. Bergeret vous avait lu, il ne regretterait pas les fautes de son dictionnaire, dont vous n'avez point eu besoin pour composer des chefs-d'œuvre de style et de langage sans reproche. L'angoisse de son infortune domestique lui voila le sens de la réalité autour de lui-même, dans cet honnête pays de France, où les tares de la politique, de la civilisation, de l'ordre social ne sont pas venues à bout de tuer l'amour, la fidélité et l'honneur.

Notre dernier président, le principal fondateur de cette Académie, dont vous avez eu la bonté de prononcer le nom à Paris avec estime, avait été conçu, nous semble-t-il, sous la prédestination de la souffrance. On le dirait né pour la douleur. Sa femme, cependant, l'en a préservé en lui faisant de sa tendresse et de son dévouement un abri tranquille, qui l'entoura d'affection toute sa vie. Il était aussi un philologue et pratiquait la philosophie. Mais il se consola bien de n'avoir même pu commencer notre dictionnoire en écrivant des livres qui en tiendront lieu avec avantage, pour ceux qui voudront boire notre idiome dans une source vivante.

Votre œuvre littéraire s'est mêlée beaucoup de la politique. C'était bien naturel de s'y faire des ennemis. La politique, tout le mal que l'on en dise, ne remplira jamais la mesure de la réalité. Moi, je suis un de ses détracteurs convaincus.

Mais je ne vous brouillerai pas avec les gens d'esprit combattant chez nous, en leur racontant les opinions hétérodoxes de vos personnages.

Il ne faut pas leur déceler que ces messieurs voient dans le suffrage universel un attrappe-nigaud et dans le gouvernement populaire un système de fictions et d'expédients. Je ne dirai pas que vous ayez tort. Mais notre ami l'abbé Coignard ne serait pas si dur à certains égards s'il n'avait pas l'habitude vulgaire de la rôtisserie. C'est pourquoi il soutient que « les ministres ne sont considérables que par leur habit et leur carrosse ». C'est pourquoi il vante la sagesse de la vieille de Syracuse, dont l'expérience lui enseignait que le plus détestable des tyrans est toujours plus désirable que son successeur. C'est pourquoi après Dubois et Fleury il redoute le gouvernement de Jean Hibou. C'est pourquoi il pense que « les gouvernements despotiques ne sont que l'enveloppe des peuples imbéciles. » Je suis sûr, monsieur Anatole France, que vous n'avez étalé ces théories scandaleuses de ce bizarre abbé que comme des erreurs fatales, inspirées à un prêtre égaré par l'esprit de sédition. Il avait néanmoins dans son fond l'étoffe d'un politique achevé, cet abbé de province. De ce côté et de celui de l'esprit, il recélait en lui du de Retz et du Talleyrand de bonne souche. L'Eglise a été toujours fertile en diplomates et en connaisseurs d'hommes. C'est pour ça que le gentil oracle de la *Rôtisserie de la reine Pédauque* a laissé dans ses conversations des choses dignes du bréviaire de l'homme d'Etat. Il a eu la compréhension de cette science d'une manière pénétrante dans ce qu'il y a de plus fin, de plus intime et de plus réel : le sentiment de l'infériorité nécessaire des personnalités gouvernantes. « Un gouvernement qui, sortant de la médiocre et commune honnêteté, scandalise les peuples, doit être déposé », nous dit-il. C'est parler d'or; et ce fut bien dommage de voir finir dans un coin inconnu l'âme d'où se déversaient des conseils aussi salutaires aux institutions conservatrices. Il était la tolérance même et la transaction en personne. Et c'est dire qu'il était né politique. « J'absous volontiers les fripons », avouait-il tout bonnement, « et même je ne garde pas rancune aux gens de bien ». Voici enfin la perle des leçons de choses dans l'art d'être poli, qui n'est pas certes, oh! non, celle de flatter : « Apprenant qu'un de ses chanoines était au plus mal, l'évêque de Séez l'alla voir dans sa chambre et le trouva à toute extrémité : « Hélas! dit le chanoine, je demande pardon à Votre Grandeur d'être obligé de mourir devant elle. — Faites, faites! ne vous gênez point, — répondit monseigneur avec bonté. » Mais débarrassons-nous de ce sujet. Vous l'avez embelli, mais il n'est pas gentil.

Politique, morale, philosophie, tout ce qui subit l'influence de votre plume, reçoit l'empreinte de votre originalité. C'est elle qui a parsemé de fleurs d'élégance les pages de vos livres. Voilà comment l'incompatibilité de votre distinction naturelle avec le vulgaire vous attire au paradoxe, un de ces raffinements d'artiste, qui s'égrènent en scintillant sous vos doigts, insignes dans la magie littéraire. Dans la féerie de nos régions tropicales, chez la famille excentriqne des orchidées, qui peuplent de fantaisie l'ombre silencieuse de nos forêts, l'on rencontre de même l'aristocratie du paradoxe embaumé, le royaume fleuri de l'absurde, sous des formes étranges, d'une gentillesse imprévue et ravissante. Erudit, humaniste, bouquineur, vous aimez le rare de ces émaux, de ces camées de ces gemmes exotiques. Je ne vous en blâme. C'est souvent un péché

d'une saveur voluptueuse. Les natures grossières en sont incapables.

Je ne cherche pas en vous le moraliste ou le sociologue. C'est plutôt sur l'art immortel que vous régnez. Ce n'est pas à dire que vos spéculations scientifiques jurent avec l'ordre ou la morale. Tout simplement celles-ci ne sont pas leur affaire. De la hauteur de votre œuvre il y a des horizons sur tous les problèmes qui intéressent l'intelligence humaine; et, si vous ne vous proposez pas à les résoudre, ou si vos solutions nous déplaisent, vos dénégations, vos hétérodoxies, ves réticences même sont de celles qui élèvent le débat et stimulent la pensée. Mais ce n'est pas là certes, la sphère de votre vocation. Une splendide, une glorieuse galerie d'art, voilà ce que c'est que votre œuvre finement délicate. Dans ce domaine de la beauté terrestre on ne détrône pas de leur Olympe les dieux de la gentilité. Phidias fait bonne compagnie à Michel-Ange.

Du reste, même sous les mouvements les plus rebelles de votre incrédulité, il y a des percées d'une douce lumière, qui sourient à l'âme des croyonts, des traits d'innocence, de bonté ou d'expiation dans les chutes les plus sombres. Vous souvenez-vous de ce religieux des thébaïdes de la vallée du Nil, possédé « d'orgueil, de luxure et de doute »? Il renia Dieu et le ciel, enlaçant dans ses bras le corps de Thaïs mourante. Mais lorsque les paupières de la maheureuse se fermèrent pour toujours, tandis que les vierges entonnaient le cantique sacré, la face du moine s'était faite noire et difforme comme son cœur. « Il était devenu si hideux qu'en passant la main sur son visage, il sentit sa laideur. » Dans votre *Histoire Comique* vous en avez mis vous-même la moralité dans ce gémissement final de Félicie Nauteuil : « Qu'est-ce que ça fait que je sois une grande artiste si je ne suis pas heureuse? »

D'ailleurs, si votre œuvre est imbibée d'ironie, elle ne l'est pas moins de pitié : à côté de l'ironie « douce et bienveillante », qui « nous fait la vie aimable », la pitié, qui, en pleurant, « nous la rend sacrée ». On ne peut pas être méchant avec cette philosophie tempérée de commisération et de bonne humeur.

Dans votre production ondoyante et diverse, parmi tant de figures animées de votre haleine, il serait bien malaisé de reconnaître celle qui réflète le plus votre image intérieure. Me permettrez-vous, pourtant, la témérité d'une conjecture? C'est dans ce type de Jérôme Coignard, un Protée d'esprit comme vous-même, que l'on croirait voir passer le plus fréquemment votre silhouette intime, ou la réflexion de ce disque serein dont la lueur irise doucement vos écrits de nuances harmonieuses. Ce subtiliseur, aussi habile à effleurer les choses qu'à les approfondir, ce professeur de nonchalance et d'à-propos, d'extravagance et de raison, dont la langue, de fois à autre parle comme l'Ecclésiaste, disait un jour à son cher élève Tournebroche : « Rien n'étonne l'audace de ma pensée. Mais prenez bien garde, mon fils, à ce que je vais vous dire. Les vérités découvertes par l'intelligence demeurent stériles. Le cœur est seul capable de féconder ses rêves. Il verse la vie dans tout ce qu'il aime. C'est par le sentiment que les semences du bien sont jetées sur le monde. La raison n'a point tant de vertu. Et je vous confesse que j'ai été jusqu'ici trop raisonnable dans la critique des lois et des mœurs. Aussi cette critique va-t-elle tomber sans fruits et se sécher comme un arbre brûlé par la gelée d'avril. Il faut, pour servir les hommes, rejeter toute raison, comme un bagage embarrassant, et s'élever sur les ailes de

l'enthousiasme. Si l'on raisonne, on ne s'envolera jamais. » Les *Opinions* de ce sage finissent par cet hymne au cœur et à l'enthousiasme. Et voilà comment votre scepticisme s'envole vers l'idéal, en s'appuyant sur les ressorts les plus puissants de la vie. N'est-ce pas, du moins ici, la philosophie la plus humainement vraie?

Mais votre philosophie n'est pas votre force. Votre force, l'empire de votre vocation, consiste dans le charme et la noblesse de cet art inimitable, immarcessible, dont vous possédez en France le secret plus que personne. C'est là que se trouve l'essence de votre pensée, dans une transparence lumineuse comme le lit vert de nos plages sous les vagues dormantes. Ceux qui s'éloignent le plus de vos idées morales, s'éblouissent tout de même de l'ampleur, de la pureté, de l'harmonie de votre forme, dont la correction nous rappelle souvent les marbres immaculés. Et la forme, dans l'idéalité de ses lignes, c'est presque toujours ce qui reste de la pensée, comme une amphore ancienne d'un arome perdu. Vos ouvrages nous élèvent souvent à l'intuition de la beauté parfaite, qui n'est pas tout à fait le vrai et le bien, mais qui en est un élément adorable. Fait simplement de clarté et d'esprit, votre style, d'un cristal fluide, frappé toujours d'un rayon de soleil, s'épanche et se meut, dans la langue de Rabalais et de Montaigne, de Voltaire et de Pascal, de Sévigné et de Renan, avec l'aisance de vos grands devanciers, de ces ancêtres impérissables. Maître de l'expression littéraire, arbitre de de la grâce et du bon goût, vous avez droit, entre tous, aux hommages des hommes de lettres.

Ces hommages, l'Académie brésilienne vient de vous les rendre bien émue.

Mous tenons à vous remercier vivement de votre haute bienveillance envers l'intellectualité brésilienne, en présidant, à Paris, la séance consacrée à la mémoire de notre illustre maître Machado de Assis.

C'est encore avec la plus sincère effusion d'âme et la reconnaissance la plus profonde que nous venons vous exprimer à quel point nous sommes sensibles à l'honneur de votre visite. Nous en sommes touchés comme d'une distinction royale. Toute cette maison rayonne de bonheur. L'humble toit s'en souviendra longtemps. Votre présence ici nous donne à sentir vivante, à notre côté, la splendeur solaire de cette grande France, qui a été la mère intellectuelle à nous tous, les peuples de cette race, et au sujet de laquelle on a pu dire sans excès d'apologie : « tant qu'elle existera, il émanera d'elle de la lumière. » Cela étant, nous ne saurions vous en parler davantage, pour vous traduire notre émotion et notre révérence.

Nous voyons en vous, dans ce moment, l'incarnation même de ce génie latin, dont vous avez redit l'autre jour la gloire, de ce génie latin dont les ailes, s'étendant du côté de l'avenir, abritent la partie la plus glorieuse de votre continent et la plus grande partie du nôtre. Si vous revenez un jour sous ce climat, qui n'est pas hostile, vous le voyez bien, vous écouterez alors des voix plus dignes de vous, celles de nos écrivains, de nos orateurs, de nos poètes. Mais, si nos désirs sont destinés à ne pas se voir exaucés, si vous ne revenez jamais chez nous, nous espérons tout au moins, qu'en racontant un jour en Europe les merveilles de notre nature, vous pourrez y ajouter quelques mots d'un bon témoignage à l'égard de notre civilisation.

RUY BARBASA.

Tabellas == Notas == Informações

GOVERNO DA REPUBLICA

(Até 15 de Novembro de 1910.)

Presidente. — Dr. Nilo Peçanha.

Casa civil do presidente. — Secretario Dr. Alcibiades Peçanha; official de gabinete, tenente-coronel Francisco José Alvaro da Fonseca.

Casa militar. — Chefe coronel Bento Ribeiro Carneiro; sub-chefe capitão de corveta Pedro Velloso Rebello; ajudantes de ordens capitães-tenentes Galvão Bueno e José Maria Penido e capitães do exercito João Baptista Neiva de Figueredo e Affonso Monteiro.

Ministros de Estado:

Do Interior e Justiça, Dr. Esmeraldino de Torres Bandeira.

Da Fazenda, Dr. José Loeopoldo de Bulhões Jardim.

Da Industria e Viação, Dr. Francisco Sá.

Do Exterior, barão do Rio Branco.

Da Guerra, general de divisão Carlos Eugenio de Andrada Guimarães.

Da Marinha, Contra Almirante Alexandrino de Faria Alencar.

Da Agricultura, Dr Antonio Candido Rodrigues.

GOVERNADORES DOS ESTADOS

AMAZONAS (1904-1908)
Coronel Bittencourt.

PARÁ (1905-1909)
Dr. Augusto Montenegro.

MARANHÃO (1906-1910)
Dr. Arthur Moreira.

PIAUHY (1908-1912)
Dr. Anisio Auto de Abreu.

CEARÁ (1904-1908)
Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

RIO-GRANDE DO NORTE (1908-1914)
Dr. Alberto de Albuquerque Maranhão.

PARAHIBA (1908-1912)
Affonso Alves Machado.

PERNAMBUCO (1904-1908)
Dr. Herculano Bandeira.

ALAGÔAS (1909-1912)
Dr. Euclides Malta.

SERGIPE (1906-1909)
Dr. Rodrigues Doria.

BAHIA (1908-1912)
Dr. Araujo Pinho.

ESPIRITO-SANTO (1908-1912)
Dr. Jeronymo Monteiro.

RIO DE JANEIRO (1907-1910)
Dr. Alfredo Backer.

S. PAULO (1908-1912)
Dr. Albuquerque Lins.

PARANÁ (1908-1912)
Dr. Xavier da Silva.

SANTA CATHARINA (1906-1910)
Dr. Ricardo Richard.

RIO-GRANDE DO SUL (1908-1913)
Dr. Carlos Barbosa.

MINAS-GERAES (1906-1910)
Dr. Wenceslão Braz.

GOYAZ (1905-1909)
Coronel José da Silva Baptista.

MATTO-GROSSO (1908-1911)
Coronel Pedro Celestino.

SENADO FEDERAL

SENADORES

Alagôas. — Manoel de Araujo Góes, Barão de Traypú e Joaquim Vieira Malta.

Amazonas. — Jonathas de Freitas Pedrosa, Jorge de Moraes e Silverio José Nery.

Bahia. — Ruy Barbosa, José Marcellino e Severino Vieira.

Ceará. — Francisco Sá, Pedro Augusto Borges e Thomaz Accioli.

Capital Federal. — Augusto de Vasconcellos, Lauro Sodré e Milciades Mario de Sá Freire.

Espirito Santo. — José de Mello Carvalho Muniz Freire, João Luiz Alves e Bernardino Monteiro.

Goyaz. — Braz Abrantes e Urbano Coelho de Gouveia.

Maranhão. — Urbano Santos da Costa Araujo e José Eusebio Carvalho de Oliveira.

Matto Grosso. — Antonio Francisco de Azevedo, José Maria Metello e Joaquim Martinho.

Minas-Geraes. — Feliciano Augusto de Oliveira Penna e Francisco Salles.

Pará. — Arthur Indio do Brazil, José Paes de Carvalho e Arthur Lemes.

Parahyba. — Alvaro Lopes Machado, Walfrido Leal e Castro Pinto.

Paraná. — Candido Ferreira de Abreu, Manoel de Alencar Guimarães e Generoso Marques dos Santos.

Pernambuco. — Antonio Gonçalves Ferreira, Francisco de Assis Roza e Silva e Sigismundo Gonçalves.

Piauhy. — Firmino Pires Ferreira, Gervasio de Brito Passos et Joaquim Ribeiro Gonçalves.

Rio-Grande do-Norte. — Joaquim Ferreira Chaves, Francisco de Salles Meira e Sá e Antonio de Souza.

Rio-Grande-do-Sul. — José Gomes Pinheiro Machado e Victorino Monteiro.

Rio de Janeiro. — Lourenço Maria de Almeida Baptista, Carlos Augusto de Oliveira Figueredo e Quintino Bocayuva.

Santa Catharina.— Hercilio Pedro da Luz, Lauro Müller e Felippe Schmidt.

São Paulo. — Francisco Glycerio, Joaquim Lopes Chaves e Alfredo Ellis.

Sergipe. — José Luiz Coelho e Campos e Manoel P. Oliveira Valladão.

SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA
DA JUSTIÇA E DOS NEGOCIOS INTERIORES

Director geral da justiça, dr. Pelino da Costa Guedes.
Director geral do interior, Candido Augusto Coelho da Rosa.
Director geral da contabilidade, João Carlos de Sousa Bordini.
Funcciona na Praça Tiradentes, nº 65.

DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Director geral, interino, Frederico de Carvalho.
Funcciona na rua Marechal Floriano Peixoto nº 150.

DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Director do Expediente, Alfredo Regulo Valdetaro.
Director de Contabilidade, Francisco Ferreira da Costa junior.
Director do Contencioso, dr. Pedro Teixeira Soares.
Director de Rendas publicas, Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.
Funcciona na rua do Sacramento nº 17.

DOS NEGOCIOS DA GUERRA

Director geral, dr. Francisco Manuel das Chagas.
Funcciona no quartel-general á praça da Republica, nº 56.

DOS NEGOCIOS DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

Director geral da industria, dr. José Francisco Soares Fº.
Director geral de obras e viação, dr. José Freire Parreiras Horta.
Director geral de contabilidade, Joaquim Maria Machado de Assis.
Funcciona na praça Quinze de Novembro.

DOS NEGOCIOS DA MARINHA

Director geral, Henrique Rodrigues Nobrega, cap. de mar e guerra.
Funcciona na rua Visconde de Inhaúma, praia dos Mineiros.

TRIBUNAL DE CONTAS

(R. do Sacramento, 17.)

Presidente. — Dr. Didimo Agapito da Veiga.
Directores. — Alvaro Arthur Ewerton, Drs. Thomaz Wallace da Gama Cochrane, Augusto Olympio Viveiros de Castro.

CONSULADOS NO RIO

AMERICA :

Argentina, Alfandega, 1.
Bolivia, Ouvidor, 54.
Colombia, Alfandega, 107.
Costa Rica, Praça do Commercio.
Cuba, S. Pedro, 33.
Chile, S. Pedro, 2.
Dominicana, Hospicío, 105.
Estados Unidos da America, Rua Primeiro de Março, 99.
Equador, Primeiro de Março, 39.
Guatemala, Flamengo, 72.
Honduras, Flamengo, 32.
Mexico, São José, 102.
Nicaragua, Flamengo, 32.
Perú, Ouvidor, 130.
Paraguay, Rozario, 29.
Uruguay, Ouvidor, 42.

EUROPA :

Alemanha, Avenida Central, 146.
Austria-Hungria, Primeiro de Março, 27.
Belgica, Alfandega, 140.
Dinamarca, General Camara, 88.
França, Alfandega, 83.
Grecia, Ouvidor, 130.
Hespanha, Primeiro de Março, 39.
Hollanda, General Camara, 38.
Inglaterra, General Camara, 2.
Italia, Caes Pharoux, 7.
Noruega, São Pedro, 72.
Portugal, General Camara, 1.
Russia, Primeiro de Março, 69.
Suecia, São Pedro, 72.
Suissa, Quitanda, 19.
Turquia, Ouvidor, 130.

ASIA :

Persia, Quitanda, 141.
Japão, Petropolis.

DIAS DE SESSÕES E AUDIENCIAS, SÉDE DOS TRIBUNAES, ETC.

O Snr. Presidente da Republica despacha collectivamente com os seus ministros todas as quintas-feiras. Dá audiencia publica aos sabbados, de 1 ás 3 horas da tarde.

O Snr. Ministro do Exterior dá audiencias publicas ás quartas-feiras; o da Justiça, aos sabbados; o da Industria e Viação, ás segundas-feiras ; o da Guerra, todos os dias; o da Marinha, ás terças-feiras ; o da Fazenda, ás terças-feiras.

REPARTIÇÕES PUBLICAS E ECCLESIASTICAS :

Prefeitura Municipal. — Prefeito. — General Francisco Marcellino de Souza Aguiar; Secretario, Dr. Moitinho Dosia. Dá audiencia publica ás terças e sextas-feiras em sua Secretaria na praça da Acclamação.

Camara dos Senadores, rua do Areal, 2.

Camara dos Deputados, rua da Misericordia, 1.

Procurador Geral da Republica, rua Primeiro de Março, 26. Dr. Oliveira Ribeiro, Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Tribunal do Thesouro, rua do Sacramento, 17, ás quintas-feiras, ás 11 horas da manhã.

Tribunal de Contas, no Thesouro, rua do Sacramento, 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Thesouro Federal, rua do Sacramento, 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Supremo Tribunal Militar, rua Marechal Floriano, 154, ás segundas, quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã.

Commando Superior da Guarda Nacional, rua da Constituição, 41.

Auditoria da Guerra, rua Marechal Floriano, 154, ás segundas, quartas e seixtas-feiras, ás 10 horas da manhã, Dr. Olegario Moura.

Auditoria da Marinha, rua D. Manoel, 3, ás quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã, juiz Dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva.

Conselho Naval, Carta Maritima. — Rua da Misericordia n. 1, antigo edificio do Club Naval. As audiencias do Conselho Naval realizam-se ás terças e sextas-feiras.

Club Naval. — Provisoriamente na rua Conselheiro Saraiva, 8. E' seu presidente o Contra-Almirante José Porfirio de Souza Lobo.

Junta Commercial, Praça do Commercio. Edificio da Bolsa, ás segundas e quintas-feiras, ás 10 horas da manhã.

Chefe de policia e seus delegados, rua Lavradio, 88 e 90, todos os dias, das 10 da manhã ás 3 horas da tarde.

Vigararia Geral do Arcebispado, monsenhor Pires de Amorim, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã.

Juizo Ecclesiastico, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, á 1 hora da tarde.

Directoria Geral do Serviço de Povoamento. — Avenida Central, 23. Director Dr. Joaquim Gonçalves Junior; Sub-Directores Drs. João Carlos Greenhalgh e Silvino Faria; Secretario Dr. Nicoláo Tolentino dos Santos; Consultor Juridico Dr. Mesquita Barros; Chefe do serviço de informações Dr. Mário Brant; Chefe do escriptorio de immigração Dr. Alfredo Pirajá.

Funcciona todos os dias das 10 horas da manhã em diante.

Justiça federal.

Supremo Tribunal Federal. — Sessões, ás quartas-feiras e sabbados, ao meio dia. — Avenida Central, n. 241.

Presidente, Dr. Pindahyba de Mattos.

Procurador Geral de Republica, Avenida Central, nº 241, Dr. Pedro Antonio Oliveira Ribeiro. — Secretario Dr. João Pedreira do Couto Ferraz.

Juizes Federaes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Godofredo Xavier da Cunha, audiencias, ás terças e sextas-feiras ao 1/2 dia, Avenida Central, n. 241, Escrivão, Alfredo Prisco Barbosa. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Antonio Pires de Carvalho Albuquerque, audiencias, ás segundas, quintas-feiras, ao 1/2 dia, Avenida Central n. 241. Escrivão, Hemeterio José Pereira Guimarães.

Juizes substitutos. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Henrique Vaz Pinto Coelho da Cunha. — Da 2.ª *Vara*, Dr. J. Metello.

Distribuidor, Contador e Partidor, João Luiz de Paula Azevedo.

Procuradores Seccionaes da Republica. — 1.º Dr. Cesario Pereira, 2.º Dr. Antonio Joachim de Albuquerque Mello, 3.º Dr. Carlos Olyntho Braga. Todos funccionam á avenida Central, nº 241.

JUSTIÇA DO DISTRICTO FEDERAL.

Côrte de Appellação. — Rua do Lavradio nº 72.
Presidente, Dr. Souza Pitanga.
Procurador Geral do Districto, Dr. Luiz Guedes de Moraes Sarmento.
Secretario, Dr. Evaristo da Veiga Gonzaga.

1.ª *Camara.* — Sessões ás segundas e quintas-feiras, ás 11 horas
Presidente, Dezembargador Miranda Montenegro.
Escrivão, Dr. José Piza.

2.ª *Camara.* — Sessões ás terças e sextas-feiras, ás 11 horas.
Presidente, Dezembargador E. Muniz Barreto.
Escrivão, Antonio Geraldo Ferreira Coelho.
Contador. — Delphim Erasmo Valente Sadock de Sá — Invalidos n. 64.
Distribuidor Geral. — Rua dos Invalidos nº 105 — Dr. Adalberto Dias Ferraz de Abreu

Tribunaes do Jury. — 1.º Rua da Relação, no pavimento terreo da Côrte de Appellação ; 2.º Rua dos Invalidos nº 108.

Promotores Publicos. — 1.º Dr. Estevam Lobo Leite Pereira; 2.º Dr. Honorio Pinheiro Teixeira Coimbra; 3.º Dr. Renato Carmil ; 4.º Dr. Luiz Pio Duarte Silva ; 5.º Dr. Francisco Cesario Alvim.

Adjuntos dos Promotores. — Dr. José Saboia Viriato de Medeiros, José de Souza Lima Rocha, José Joaquim da Silva Santos, José Antonio de Souza Gomes e Dr. Alfredo Machado Guimarães.

Escrivães do Jury. — 1.º Luiz Marcondes de Andrade Figueira ; 2.º José Caetano Machado; 3.º Alberto Pinto da Costa; 4.º José Balduino de Albuquerque, o 1.º, 2.º e 4.º têm cartorio á rua da Relação, na casa onde funcciona o 1.º Tribunal do Jury. O 3.º na rua dos Invalidos nº 118, 2.º andar.

Juizes de Direito. — Despacham todos diariamente das 11 horas ás 2 da tarde, na rua dos Invalidos n. 108.

Da Provedoria e Residuos. — Dr. Diogo José de Andrada Machado. — Audiencias, ás terças e sabbados, ás 11 3/4 horas.

Escrivães : Do 1.º Officio, José Senra da Oliveira, rua dos Invalidos n. 113, nos fundos do pavimento terreo ; Do 2.º Officio, Dr. Luiz Murat, no sobrado.

Orphãos e Ausentes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Virgilio de Sá Pereira, audiencias ás terças e sabbados, ao meio dia. Escrivães : Do 1.º Officio Dr. Joaquim Ferreira Velloso, rua dos Invalidos nº 113, pavimento terreo : Do 2.º Officio Dr. Camões dos Santos Luna Thompson, rua dos Invalidos nº 110.

2.ª *Vara*, Dr. Pedro Augusto Moura Carijó, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia.

Escrivães. — Do 1.º officio, Dr. Augusto da Cunha; Do 2.º Officio, Coronel Dr. Augusto Bizerra. Ambos á rua dos Invalidos nº 108.

Cartorio do 1.º Officio de Ausentes : Escrivão, Dr. Arthur Bellegarde Muniz

Maracájá, rua dos Invalidos nº 110. *Do 2.º Officio* : Escrivão, Antonio Nunes de Aguiar, rua dos Invalidos nº 110.

Distribuidor e Contador do Juizo de Orphãos e Ausentes, Delphino Erasmo Valente Sadock de Sá, rua dos Invalidos nº 64.

Partidores Serventuarios Vitalicios : Julio Pimentel e Lourenço da Silva Oliveira, rua dos Invalidos nº 104.

Varas do Commercio. — Da 1.ª Dr. Cicero Seabra, audiencias, ás terças e sextas-feiras, ao meio dia. Escrivão, Francisco de Borja de Almeida Côrte Real. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Torquato Baptista de Figueiredo, audiencias ás terças e sextas-feiras, ás 11 1/2 horas. — Escrivão, Coronel Dario Teixeira da Cunha. — Da 3.ª *Vara*, Dr. J. Affonso Lamounier Junior, audiencias ás terças e sextas-feiras, ás 11 3/4 horas. — Escrivão, João de Souza Pinto Junior.

Varas Civeis. — Da 1.ª Dr. Pedro Francelino Guimarães Filho, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, Vicente de Paula Bastos. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Geminiano da Franca, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, José Candido de Barros. — Da 3.ª *Vara*, Dr. José Calheiros de Mello, audiencias, ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, Manoel Estanislau da Cruz Galvão.

Juiz dos Feitos da Fazenda Municipal. — Dr. Joaquim José Saraiva Junior, audiencias ás terças e sextas-feiras, ao meio dia, na rua dos Invalidos n. 108. Escrivão, Dr. Tobias Nunes Machado, cartorio rua de S. Pedro nº 328 A.

Procuradores dos Feitos da Fazenda Municipal. — 1.º João Carneiro de Souza Bandeira, rua do Rosario n. 68. — 2.º José de Miranda Valverde, rua do Rosario n. 68. — 3.º José de Siqueira Alvares Borgerth, rua do Rosario nº 68.

Juizes de Direito das Varas Criminaes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. João Rodrigues da Costa, audiencias ás quartas e sabbados, ao meio dia. — Escrivão, Frederico de Castro. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Elviro Carrilho da Fonseca e Silva, audiencias ás quartas e sabbados, ás 11 1/2 horas. — Escrivão, Domingos Iorio. — Da 3.ª *Vara*, Dr. Antonio Marques da Costa Ribeiro, audiencias, ás quartas e sabbados, ao meio dia. — Escrivão, Ozéas Esteves de Jesus. — Da 4.ª *Vara*, Dr. Pedro Francelino Guimarães Filho, audiencias, ás quartas e sabbados, á 1/2 hora da tarde. — Escrivão, José Accioly Cavalcante de Albuquerque. — Da 5.ª *Vara*, Dr. Raymundo da Motta Azevedo Corrêa, audiencias, ás quartas e sabbados, á 1 hora. — Escrivão, Alberto Lima da Fonseca.

Pretorias (Juizes) :

1.ª Candelaria e ilha de Paquetá, rua do Rosario nº 54, audiencias : ás quartas-feiras e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Coelho Rego Barros.

2.ª Santa Rita e ilha do Governador, rua da Prainha, 20, sobrado, ás quartas-feiras e sabbados, ás 11 horas da manhã, pretor Dr. Leopoldo Augusto de Lima.

3.ª Sacramento, Praça Tiradentes nº 75, ás quartas e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Baptista de Campos Tourinho.

4.ª S. José, rua de Santa Luzia, 5, ás quartas-feiras e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Auto Barbosa Fortes.

5.ª Santo Antonio, rua do Rezende nº 2, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Alfredo de Almeida Russell.

6.ª Gloria, Praça Duque de Caxias nº A 1, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Edmundo de Almeida Rego.

7.ª Lagôa e Gavea, rua Farani, A-2, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Buarque de Lima.

8.ª Sant'Anna, praça da Republica, 10, Palacio da Justiça, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Luiz Augusto de C. e Mello.

9.ª Espirito Santo, rua Haddock-Lobo n.º 10, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. José Jayme de Miranda.

10.ª S. Christovão, rua S. Januario nº 2 ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor, Dr. Luiz Augusto Sampaio Vianna.

11.ª Engenho Velho, rua do Mattoso nº 80, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Enéas Carrilho de Vasconcellos.

12.ª Engenho Novo, rua Archias Cordeiro (antiga Goyaz) n. 28 no Meyer, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. José Ovidio Marcondes Romeiro.

13.ª Inhaúma, Engenho de Dentro, rua Manoel Victorino n. 71, ás quartas-feiras e sabbados, ás 11 1/2 horas da manhã, pretor Dr. José Augusto de Oliveira.

14.ª Irajá e Jacarépaguá, rua Campinho, 56 A, Cascadura, ás quartas e sabbados, ás 12 horas, pretor Dr. Joaquim Alberto Cardoso de Mello.

15.ª Santa Cruz, Guaratiba e Campo Grande, Largo da Matriz de Campo Grande, ás quartas e sabbados, ás 11 horas da manhã, pretor Dr. Alfredo Machado Guimarães.

Juizo dos Feitos da Saude Publica. — Praça da Republica nº 17, Juiz Dr. Eliezer G. Tavares. — Escrivão, Francisco M. de Moraes.

Curador Geral de Ausentes — Dr. Eugenio de Barros Falcão de Lacerda, Rua do Rosario, 25.

Curador Geral de Orphãos — Dr. Antonio Baptista Pereira, Rua do Rosario, 74.

Curador de Residuos — Dr. João Maximiniano de Figueiredo, Rua do Rosario, 98.

Curador de Massas Fallidas. — Dr. Luiz Teixeira de Barros Junior, Rua General Camara nº 32.

Contador Geral do Civel Crime e Commercio. — Dr. Sizenando Carneiro da Cunha, rua dos Invalidos nº 108.

OFFICIAL DO REGISTRO ESPECIAL:

Registro especial de titulos e documentos — Official Dr. José Mariano, rua do Rosario n. 36.

REGISTRO GERAL DE HYPOTHECAS:

1.º Districto — Dr. João Kopke, rua Marechal Floriano Peixoto nº 142.

2.º Districto — Major Quintino Bocayuva Junior, rua da Uruguayana nº 74, sobrado.

3.º Districto — Dr. Lopes Trovão, rua do Hospicio, nº 65, sobrado.

TABELLIÃES

1.º Cartorio. — Dario Teixeira da Cunha. Rua do Rosario n. 111.
2.º Cartorio. — Carlos Guimarães, rua do Rosario n. 94.
3.º Cartorio. — Evaristo Valle de Barros, rua do Rosario, n. 56.
4.º Cartorio. — Antonio Joaquim de Catanheda Junior, rua do Rosario n. 70.
5.º Cartorio. — Dr. Ibrahim Carneiro da Cruz Machado, rua do Rosario 23.
6.º Cartorio. — Gabriel Ferreira da Cruz, rua do Rosario 69.
7.º Cartorio. — Belmiro Corrêa de Moraes, rua do Rosario 36.
8º Cartorio. — José Affonso de Paula e Costa, Hospicio 134.
9.º Cartorio. — Dr. Fonseca Hermes, rua do Rosario, 105.
10.º Cartorio. — Dr. João Roquette Carneiro de Mendonça, Rosario 42.

Delegacias de policia.

1.º Districto. — Candelaria — Rua da Assembléa, 35.
2.º Districto. — Santa Rita — Rua da Prainha, 49.
3.º Districto. — Sacramento — Rua do Hospicio, 157.
4.º Districto. — Tiradentes — Rua Senhor dos Passos, 120,
5.º Districto. — S. José — Rua Senador Dantas, 29.
6.º Districto. — Gloria — Rua do Cattete, 14.
7.º Districto. — Lagôa — Rua 19 de Fevereiro, 53 C.
8.º Districto. — Gambôa — Rua Commandante Maurity, 12.
9.º Districto. — Espirito Santo — Rua Catumby, 47.
10.º Districto. — S. Christovão — Rua Coronel Figueira de Mello, 28.
11.º Districto. — Saude — Rua da Harmonia, 279.
12.º Districto. — Santo Antonio — Rua do Lavradio, 164.
13.º Districto. — Santa Thereza — Rua Taylor, 10.
14.º Districto. — Sant'Anna — Rua Nova do Alcantara, 27.
15.º Districto. — Engenho Velho — Rua Haddock Lobo, 137.
16.º Districto. — Andarahy — Rua Barão de Mesquita, 9.
17.º Districto. — Tijuca — Rua Conde de Bomfim. 124.
18.º Districto. — Engenho Novo — Estação do Rochá, 178.
19,º Districto. — Meyer — Rua Lucidio Lago, 7.
20.º Districto. — Piedade — Estação do Engenho de Dentro.
21.º Districto. — Gavea — Rua Marquez de S. Vicente, 24.
22.º Districto. — Inhauma — Estação de Bom Successo.
23.º Distèicto. — Irajá — Na Estação de Madureira.
24.º Districto. — Jacarepaguá — Rua Candido Benicio, 60.
25.º Districto. — Campo Grande — Largo da Matriz.
26.º Districto. — Guaratiba — Estrada da Matriz.
27.º Districto. — Santa Cruz — Rua Felippe Cardoso, 10.
28.º Districto. — Ilhas — Rua Formosa do Zumbi (Ilha do Governador).

PAGAMENTO DE IMPOSTOS

Janeiro. — Fóros vencidos, federaes e municipaes. Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença até Fevereiro, sem multa; e na Recebedoria Federal tiram-se neste mez e no seguinte os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo; na falta, a multa de 300$000.

Fevereiro. — Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença, sem multa, até o fim de mez. — Na Recebedoria Federal tiram-se os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo e paga-se a 2ª prestação do imposto do consumo de agua, do exercicio anterior, por hydrometro, e a 1ª do imposto de industrias e profissões, sendo essa cobrança feita de uma só vez, se o imposto computado annualmente não exceder de 200$ e se exceder será metade cobrado nesta época e a outra em Agosto.

Março. — Na Prefeitura Municipal a 1ª prestação do imposto predial e da taxa sanitaria.

Abril. — Na Recebedoria Federal paga-se o imposto sobre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Dec. 432; pena : multa correspondente a um anno do imposto.

Maio. — Na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Decr. 432; pena : multa correspondente a um anno de imposto.

Junho. — Na Recebedoria Federal o imposto sobre pennas de agua.

Julho. — Neste mez, e durante todo o anno pagam-se, na Recebedoria Federal, os impostos de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc.; e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As licenças tiradas depois de Fevereiro, pagam multa.

Agosto. — Na Recebedoria Federal, 1ª prestação do imposto de consumo de agua, por hydrometro e a 2ª prestação do imposto de industrias dos estabelecimentos que pagam mais de 200$ por anno.

Setembro. — Na Prefeitura Municipal, a 2ª prestação do imposto predial e a da taxa sanitaria.

Outubro. — Na Prefeitura Municipal o imposto territorial.

Novembro. — Na Recebedoria Federal, a 2ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma e local, devem requerer, communicando esta occurencia no prazó de 8 dias, seb pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta do pagamento á bocca do cofre dos impostos federaes supra, é o contribuinte obrigado á multa de 10 °/₀ sobre o valor devido nas precisas epocas e a 15 °/₀ o que realizar o dicto pagamento depois do dia 20 de Março do trimestre addicional de cada exercicio, e não realizando o pagamento dos impostos municipaes tambem á bocca do cofre incorre o contribuinte na multa de 25 °/₀

dentro de seis mezes e d'ahi por diante na de 50 % além da pena que lhe possa caber.

Os impostos sobre industrias e profissões e de transmissão de propriedade não se pagam mais na Recebedoria Federal, porém na Prefeitura Municipal; mas continuam ainda a servir para indemnizar, por intermedio do Thesouro Federal. as despezas feitas pela União com o Corpo de Bombeiros, Gaz e Esgotos da Capital Federal.

OBSERVAÇÃO

Pagam-se durante todo o anno, na Recebedoria Federal, os impostos não especificados acima, como os de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc., e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As renovações de licenças, tiradas depois de Fevereiro, pagam multa, como está determinado.

As companhias (sociedades anonymas) são obrigadas ao imposto de 2 ½ 0/0 sobre o total dos dividendos a distribuir semestralmente, o que deve ser effectuado na Recebedoria Federal, *dentro de 3 dias, depois da primeira publicação pela imprensa do annuncio para pagamento*, e na falta a multa de 20 a 50 0/0.

Não confundir este imposto com o do sello, que pagam as acções e obrigações (*debentures*), na razão da taxa fixada na tabella A § 7 (300 réis), imposto que deve ser pago dentro de 30 dias contados da primeira publicação de annuncio.

E' ainda muito conveniente ter em vista:

Que os adquerentes de predios estão obrigados a transferir para si as pennas de agua que os mesmos tiverem, no prazo de 30 dias, a contar da data da escriptura, sob pena de multa de 20$ a 50$000.

IMPOSTO DO SELLO

Resumo do regulamento approvado em 22 de Janeiro de 1900

TABELLA A

Papeis sujeitos ao sello proporcional

§ 1º DIVERSOS

Sello de estampilhas

Letras de terra; e as de cambio, mesmo quando estas forem sacadas em paiz estrangeiro, desde que sejam aceitas, protestadas ou exequiveis no paiz; bilhetes á ordem, pagaveis em mercadorias (Decretos nº 165 A. de 17 de Janeiro e nº 370 de 2 de Maio de 1890); cartas de ordens e escriptos á ordem; facturas ou

contas assignadas (art. 219 do Codigo Commercial); contas correntes de commerciante a commerciante e de commissario a committente, assignadas ou reconhecidas pelo devedor do saldo, quando tenham de ser demandadas; creditos ou titulos de emprestimo de dinheiro; escripturas de hypothecas; contractos de sociedade, não comprehendida a anonyma, e os actos de sua dissolução ou liquidação; contractos de aforamento ou emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse ou sub-locação e outros não designados especialmente, em que se transmittam o uso e goso de bens immoveis, moveis e semoventes, titulos de emphyteuse e sub-emphyteuse de terrenos nacionaes; transferencia de titulos da divida publica interna da União, excepto por transmissão *causa motis* ou doação *inter vivos* (Reg. art. 12 nº 1); transferencias de acções de sociedades anonymas e em commandita, nacionaes e estrangeiras; actos translativos de embarcações, excepto por doação *inter-vivos*, por compra e venda, dação *in solutum* e actos equivalentes; (Reg. art. 12 n. 1), actos translativos embarcações estrangeiras, quando adquiridas por nacionaes (Lei nº 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 35); contractos de fiança por escriptura publica ou particular: contractos de fiança e outros quaesquer por termos lavrados do juizo federal ou estadoal ou nas repartições publicas federaes; cartas de credito e abono; bilhetes definitivos de deposito de metaes preciosos, emittidos pela Casa da Moeda (Reg. nº 5,536 de 31 de Janeiro de 1874, art. 45, § 2º); titulos de garantia de mercadoria (*warrant*) emittidos pelas Alfandegas, por companhias de docas, pelos armazens geraes, armazens ou trapiches alfandegados e pelos armazens das estradas de ferro (Decr. nº 2.502, de 24 de Abril de 1897, art 16 e Lei nº 559 de 31 de Dezembro de 1898, art. 3º, IX, § 6º); recibos de generos recolhidos a armazens de deposito, com valor declarado; (Cod. Comm., art. 88 III); endosso dos titulos sem prazo, o dos que o tiverem, quando elle se verificar depois do vencimento, o dos que forem sacados á vista, desde o momento de sua apresentação ao pagamento (Reg. art. 13); titulos de deposito extra judicial; recibos que declarem valor recebido por conta de pessoa differente da que ordena o pagamento, excepto os que forem *duplicata* dos passados no documento, em que o pagamento é ordenado: termos de responsabilidade, assignados nas Alfandegas, para despachos de reexportação (Lei nº 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 30, paragrapho unico); contas de venda de leiloeiro (Lei nº 559 de 31 de Dezembro de 1808, art. 8º); papeis em que houver promessa ou obrigação de pagamento ou traspasso, ainda que tenham a fórma de recibo, carta ou qualquer outra; os que contiverem distracto, exoneração, subrogação ou garantia e liquidação de sommas ou valores:

Até ao valor de 200$000.....	$300
De mais de 200$000 até 400$.....	$440
» » » 400$000 » 600$.....	$660
» » » 600$000 » 800$.....	$880
» » » 800$000 » 1.000$.....	1$000

E assim por diante, cobrando-se sempre mais 1$100 por conta ou fracção desta quantia.

Dias em que não se vencem letras e obrigações Commerciaes

JAN.	FEV.	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUN	JULHO	AGOS.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
1	7	7	4	2	6	4	1	5	3	2	5
3	14	1	11	3	13	11	8	7	10	7	12
10	21	21	18	9	20	14	15	12	12	14	19
17	24	28	21	13	27	18	22	19	17	15	26
20	28		25	16		25	29	26	24	21	
24				23					31	28	
31				30							

Quando o vencimento cahir em algum destes dias a obrigação vence no dia util antecedente.

BANCOS E ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

Banco Alliança do Porto. — Rosario, 104.
Banco Brasil e Norte-America. — Hospicio, 38.
Brasilianische Bank für Deutschland. — Quitanda, 109.
British Bank of Sud America. — Primeiro de Março, 31 *A*.
Braco Commercial do Porto. — Visconde de Inhauma, 4.
Banco Commercial do Rio de Janeiro. — Primeiro de Março, 57.
Banco Credito Movel. — Rosario, 24.
Caixa Economica. — Marechal Bittencourt, 9.
Banco do Commercio. — General Camara, 4.
Banco de Depositos e Descontos, — Rosario, 43.
Banco do Estado do Rio de Janeiro. — Primeiro de Março, 65.
Banco Italia-Brasile. — Primeiro de Março, 41.
Banco do Minho. — Primeiro de Março, 89.
Banco di Napoli. — Primeiro de Março, 19.
Banco da Lavoura e do Commercio. — Primeiro de Março, 61.
London Brasilian Bank. — Candelaria, 11.
Monte de Soccorro. — Marechal Bittencourt, 9.
Banco Nacional Brasileiro. — Alfandega, 20.
Banco Popular Brasileiro. — Primeiro de Março, 33.
Banco Real de Minas Geraes. — Primeiro de Março, 97.
Banco da Republica do Brasil. — Alfandega, 9.
River Plate Bank. — Alfandega, 19 e 21.
U. A. do Brasil de Credito Real. — Hospicio, 50.
Banco União do Commercio (em liquidação). — Primeiro de Março, 43.

TAXAS DO CORREIO

Cartas ordinarias. — 100 rs. para a capital 200 rs. para o interior e 300 rs. para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

Cartas-bilhete. — 200 rs. por cada uma com circulação geral dentro do paiz. Para o extrangeiro 300 rs.

Bilhetes-postaes. — 50 rs. os bilhetes simples, 80 rs. os bilhetes duplos (circulação em todo o paiz). Para o extrangeiro 100 rs. os simples, e 200 rs. os com resposta paga.

Manuscriptos, autos, cópias, desenhos, partituras de musicas, guias, etc. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder ao peso de 2 kilogr. cada maço, nem apresentar dimensões maiores de 45 centimetros; em rôlo, porém, podem ter o comprimento de 75 centimetros sobre 10 de diametro. Os autos judiciaes são recebidos sem limitação alguma. Para o extrangeiro pagam 100 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso (porte minimo 250 rs.)

Impressos, preços correntes, livros, brochuras, felicitações, participações de casamento, photographias, gravuras, etc. — 20 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro pagam 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes e revistas (publicações diarias ou periodicas, não excedendo o periodo de um trimestre) 10 rs. por 100 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 50 rs. por 50 gramma ou fracção d'este peso.

Amostras de mercadorias. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 100 rs. por 50 grammas ou fracção de 50 grammas (porte minimo para o extrangeiro 150 rs.). Não devem exceder as dimensões de $0,^{m}30 \times 0,^{m}20 \times 0,^{m}10$, nem passar do peso de 250 grammas.

Encommendas (com registo obrigatorio). — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder o peso de 3 kilogr. nem ter dimensões superiores a $0,^{m}40 \times 0,^{m}22 \times 0,^{m}16$. Para o extrangeiro não são expedidas encommendas.

Encommendas com valor declarado (além da taxa relativa ao peso). — Até 10$000 rs. pagam 500 rs. De 10$ a 15$000 pagam 750 rs. De 15$ a 20$000 pagam 1$000 rs., e assim por diante na razão de mais 250 rs. por cada 5$000 rs. ou fracção d'esta quantia.

Avisos de entrega. — Nacional 100 rs., extrangeiro 200 rs.

Registo de correspondencia. — A taxa do registo é de 200 rs. além do porte respectivo. Para o extrangeiro 400 rs.

Registo com valor declarado. — Pela remessa de um valor declarado dentro de uma carta paga-se, além da taxa do porte da carta, o premio de 2 % sobre o valor do seguinte modo: até 10$ rs. 300 rs.; de 10$ a 15$ — 450 rs.; de 15$ a 20$ — 600 rs. e assim por deante até o maximo de 300$000 rs., crescendo sempre 150 rs. por 5$000 rs. ou fracção de 5$000 rs. As cartas com valor devem ser registadas e pagar taxa de registo.

Vales postaes. — Estes vales podem ser nominaes ou ao portador á vontade dos tomadores. Pagam o premio de: 400 rs. até 25$ rs., 700 rs. até 50$ rs.;

1$200 até 100$ rs., 1$750 rs. até 150$ rs. e assim por diante mais 500 rs. por 50$000 rs. ou fracção de 50$000 rs. até o maximo de 1:000$000 rs.

Os vales postaes ao portador não podem exceder a 200$ rs. quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações de 1.ª classe; de 100$000 rs. nas outras administrações, e de 50$000 rs. nas agencias de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

Os vales nominaes poderão ir até 1:000$000 rs., quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações; até 200$000 rs. para as agencias de 2. e 3.ª classe para isso autorizadas.

Os vales postaes devem ser remettidos em cartas registadas.

Expedem-se vales postaes para Portugal até o maximo de 180$000 rs. não se aceitando fracções de 1$000 rs. Taxa de 2 %.

Correspondencia official. — Expedida por auctoridades e repartições estaduaes e municipaes, officios até 25 grammas ou fracção 100 rs.; maços e manuscriptos até 50 grammas ou fracção de 50 grammas 50 rs.; impressos até 100 grammas ou fracção de 100 grammas 20 rs.

Exempções. — São exemptas de taxa as correspondencias dirigidas ás auctoridades federaes, serviço eleitoral, judicial, saúde publica, hygiene, estatistica e impressos relativos á Instrucção Publica.

Sómente as correspondencias trocadas entre as autoridades e repartições federaes ou dirigidas por estas ás autoridades e repartições estadoaes ou municipaes e vice-versa ficam isentas da franquia postal.

A correspondencia relativa ao serviço postal é a unica isenta de taxa para o exterior da Republica.

Toda e qualquer outra correspondencia, embora emanada de autoridades ou repartições federaes e representantes seus, fica sujeita ás taxas communs.

Saques e encommendas para Portugal. — O Correio se incumbe de enviar encommendas até 5 kilos e de remetter qualquer quantia, desde 1$000 até 180$000.

Vales postaes nacionaes. — Os tomadores de vales postaes nacionaes pagarão, além da taxa e registro : até 25$, 400 rs.; até 50$, 700 rs.; até 100$, 1$200; até 150$, 1$750; até 200$, 2$250; e 500 rs. por 100$ ou fracção excedente de 200$.

E' obrigatorio o registro de cartas remettendo vales.

Assignatura de caixas. — Preços por semestres adiantados : na Capital Federal : 25$; nas administrações e agencias de 1ª classe, 20$; nas outras administrações e nas sub-administrações, 16$; nas demais agencias, 10$000.

Encommendas postaes com Portugal. — O Correio executa o serviço de permutação de encommendas postaes, sem valor declarado, com Portugal. As encommendas são recebidas nos dias uteis das 8 horas da manhã ás 5 da tarde, e pagam :

Portugal (continente).....	4.25	francos
Ilha da Madeira.....	4.75	»
Ilha dos Açores.....	5.25	»

por volume até 3 kilos.

O pagamento é feito em moeda brazileira, sendo a respectiva reducção feita pela cotação official da vespera do registro, affixada na Camara Syndical dos Corretores.

A entrega das encommendas vindas de Portugal effectua-se nos dias uteis, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Nesta capital a entrega é feita em um dos armazens da Alfandega, em frente ao Correio.

Permutação de fundos com Portugal. — O Correio desta Capital, Campos e Petropolis e de outros estados do Brazil incumbe-se de remetter qualquer quantia para Portugal, desde 1$000 até 180$000, cobrando o premio de 2 °/₀. Esse serviço é executado todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, na Thesouraria dos Correios.

Vales postaes internacionaes. — Executa ainda o Correio o serviço de permutação de fundos por meio de vales postaes que firmaram o accôrdo de Washington relativo a esse serviço.

O valor maximo de cada vale é de 500 francos ou seu equivalente.

As importancias entregues para conversão em vale postal internacional serão sempre em moeda brazileira, e essa conversão será effectuada ao cambio official do ultimo dia util anterior á operação.

Esses vales pagam os premios de 25 centimos por 25 francos ou fracção até 100 francos e para o que exceder de 100 francos 25 centimos por 50 francos ou fracção até 100 francos.

A emissão de vales é effectuada nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

O telegramma urgente paga o triplo da taxa variavel.

O telegramma cotejado paga mais 25 °/₀ sobre a taxa variavel.

O telegramma de imprensa, em linguagem clara, paga 50 °/₀ da taxa variavel.

O telegramma urbano paga a taxa de 500 réis até 20 palavras e mais 200 réis por cada 10 ou fracção de 10 palavras.

Contagem das palavras. — Tudo quanto escreve o expeditor na minuta do telegramma entra no calculo da taxa, inclusive qualquer caracter isolado, letra, algarismos, aspas, parentheses ou alineas.

Exceptuam-se os signaes de ponctuação, traços de união e apostrophos.

O logar do destino conta-se sempre por uma palavra, embora se componha de duas ou mais palavras, por exemplo : *Rosario-Norte, Rosario-Sul.*

O maximo limite de uma palavra é fixado em quinze caracteres; os excedentes de quinze caracteres são contados como mais uma palavra.

Nos numeros escriptos em algarismos conta-se cada grupo de 5 por uma palavra, os excedentes até cinco são contados como mais uma palavra.

O maximo da extensão de um telegramma é de 200 palavras.

Os telegrammas com resposta paga estão sujeitos a duas taxas fixas.

Os de mais de 100 palavras pagam igualmente duas taxas fixas.

Os despachos escriptos em cifra são contados em grupo de cinco letras por uma palavra, do mesmo modo que os escriptos em algarismos.

Os vales de resposta prescrevem dentro de seis semanas da data de sua expedição, não cabendo nenhum direito ao reembolso.

Os telegrammas devem ser escriptos de modo bastante claro, para evitar duvidas na transmissão, correndo por conta do expeditor os erros originados por calligraphia illegivel.

TARIFA PARA O SERVIÇO TELEGRAPHICO "INTERIOR" DA UNIÃO

TAXA POR PALAVRA

ESTADOS DE PROCEDENCIA	ESTADO DE DESTINOS																		
	Pará	Maranhão	Piauhy	Ceará	Rio Grande do Norte	Parahyba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Bahia	Espirito-Santo	Rio de Janeiro	S. Paulo	Paraná	Santa-Catharina	Rio Grande do Sul	Minas-Geraes	Goyaz	Matto Grosso
Pará	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Maranhão	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Piauhy	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Ceará	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Rio Grande do Norte	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Parahyba	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Pernambuco	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Alagôas	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Sergipe	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300
Bahia	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300
Espirito-Santo	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	200	300	300
Rio de Janeiro	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	200	200	300
S. Paulo	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	200	200	200
Paraná	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	200	300
Santa-Catharina	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	300	300	300
Rio Grande do Sul	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	200	**100**	300	300	300
Minas-Geraes	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	200	300	300	300	**100**	300	300
Goyaz	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	200	300	300	300	**100**	200
Matto Grosso	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	300	300	300	300	200	**100**

Na taxação dos telegrammas de e para Goyaz e Matto Grosso não se considera como um Estado a travessia do Triangulo Mineiro. (Aviso n. 187, de 10 de Dezembro de 1907, do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas.)

TARIFA PARA O TRAFEGO COM A "WESTERN"

Preço por palavra do Rio de Janeiro para :

BRASIL (*)

Pará	1$000
Maranhão	1$000
Ceará e Piauhy R. G. Norte	$850
Parahyba	$600
Recife e Alagôas	$600
Bahia, Sergipe, E. Santo	$400
Santos, S. Paulo	$200
Desterro	$500
R. Grande	$600
Paraná	$400
Goyaz	$500
M. Grosso	$600

ASYLOS

Asylo do Bom Pastor, rua do Bom Pastor, na Fabrica das Chitas.
Asylo dos Invalidos da Patria, na Ilha do Bom Jesus.
Asylo Isabel, rua Mariz e Barros, 32.
Asylo de Mendicidade, rua Visconde de Itaúna, 299.
Asylo das Orphãs da Sociedade Amante da Instrucção, rua Ipiranga, n. 20.
Asylo das Orphãs de S. Francisco de Paula, collegio dos Santos Anjos, á rua Barão de Mesquita.
Asylo de S. Luiz, ponta do Cajú.
Asylo de S. Cornelio, rua do Cattete n. 2.
Asylo da Santa Casa da Misericordia, rua de S. Clemente, 166.
Asylo de Santa Maria, rua da Passagem, 107.
Asylo Gonçalves de Araujo, campo de S. Christovão, 102.
Escola Correccional Quinze de Novembro, rua de S. Christovão n. 168.
Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora, rua Humaitá, 56.
Casa dos Expostos, rua Evaristo da Veiga 60 e 62.
Recolhimento de Santa Theresa, rua General Severiano.
Asylo Santa Leopoldina, Icarahy (Nitheroy).
Casa de S. José, rua General Canabarro, 50.
Instituto Profissional do Sexo Masculino, Boulevard 28 de Setembro, em Villa Izabel.
Instituto Profissional Feminino, rua S. Francisco Xavier, 15.
Recolhimento das Velhas da Immaculada Conceição, rua General Camara, 182.
Recolhimento das Orphãs da Santa Casa de Misericordia.

(*) Mais a taxa fixa de 600 rs. por telegramma.

HOSPITAES PARTICULARES

Hospital da Santa Casa da Misericordia, praia de Stª. Luzia.
Hospicio de S. João Baptista, rua da Passagem, esquina da de Copacabana.
Hospicio de N. S. do Soccorro, praia de S. Christovão, 165.
Hospicio de N. S. da Saúde, rua da Gamboa, 215.
Hospicio de N. Sª das Dôres, Cascadura.
Hospital da Beneficencia Portugueza, rua de Santo Amaro, 24.
Hospital da O. S. Francisco de Paula, rua Duque de Saxe, 33.
Hospital dos Lazaros, praia dos Lazaros, em S. Christovão.
Hospital da Ordem 3º do Carmo, rua do Riachuelo.
Hospital da Ordem 3º da Penitencia, Largo da Carioca.
Casa de Saúde S. Sebastião, dr. Simões Corrêa, rua Bento Lisboa, 104.
Casa de Saúde do dr. Eiras, fim da rua Marquez de Olinda, Botafogo.
Casa de Saúde do dr. Catta Preta, rua Fresca, 3.
Hospital Evangelico, rua do Bom Pastor.

JARDINS E PASSEIOS

Jardim Botanico, na estrada da Gavea, aberto das 7 horas da manhã ás 6 da tarde.

Passeio Publico, rua do Passeio em frente á das Marrecas; está aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça da Republica (antigo Campo de Sant'Anna), aberto das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

Praça Tiradentes (antigo largo do Rocio), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça Quinze de Novembro (antigo largo do Paço).

Praça Duque de Caxias (antigo largo do Machado), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Parque da Bôa Vista, na Quinta da Bôa Vista, em São Christovão, onde se acha o Museu Nacional.

Pedregulho, no alto do Pedregulho, onde existe a Caixa d'Agua.

Praça Onze de Junho (antigo Rocio Pequeno.)

Praça da Penha, na freguezia de Irajá.

Jardim Zoologico, em Villa-Isabel, para onde ha bondes a todas as hóras do dia.

Floresta da Tijuca, servida pelos carros da Estrada de Ferro Electrica.

Morro do Corcovado. Tem um bom restaurante, nas Paineiras.

Silvestre, morro de Santa Thereza.

Sumaré pelomosso de Santa Thereza.

Praça Septe de Março, no fim do Boulevard Villa-Isabel.

Praça da Gloria, Avenida Beira Mar.

Jardim da Praia de Botafogo, Avenida Beira Mar.
Jardim da Praia do Russell. Avenida Beira Mar.
Jardim da Praia de Flammengo. Avenida Beira Mar.
Jardim do Vallongo, na rua Camerino.
Avenida Central.
Avenida do Mangue.
Jardim do Campo de S. Christovão.
Leme e Ipanema, na Praia de Capacabana.

PARTIDA E CHEGADA DOS TRENS RAPIDOS E NOCTURNOS

Da Central para Minas.

O Diurno parte ás 5 da m. e chega a Burnier ás 8.35 da n.
O Rapido parte ás 6.15 da m. e chega a General Carneiro ás 8.13 da n.
O Nocturno parte ás 7 da n. e chega a General Carneiro ás 10.07 da m.

De Minas para a Central

O Diurno parte de Burnier ás 6.45 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte de G. Carneiro ás 6.28 da m. e chega ás 8.40 da n.
O Nocturno parte de G. Carneiro ás 3.32 da t. e chega ás 7.00 da m.

Da Central para S. Paulo.

O Diurno parte ás 5.00 da m. e chega ás 8.25 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 h. da t.
O Nocturno parte ás 8 h. da n. e chega ás 7.50 da m.

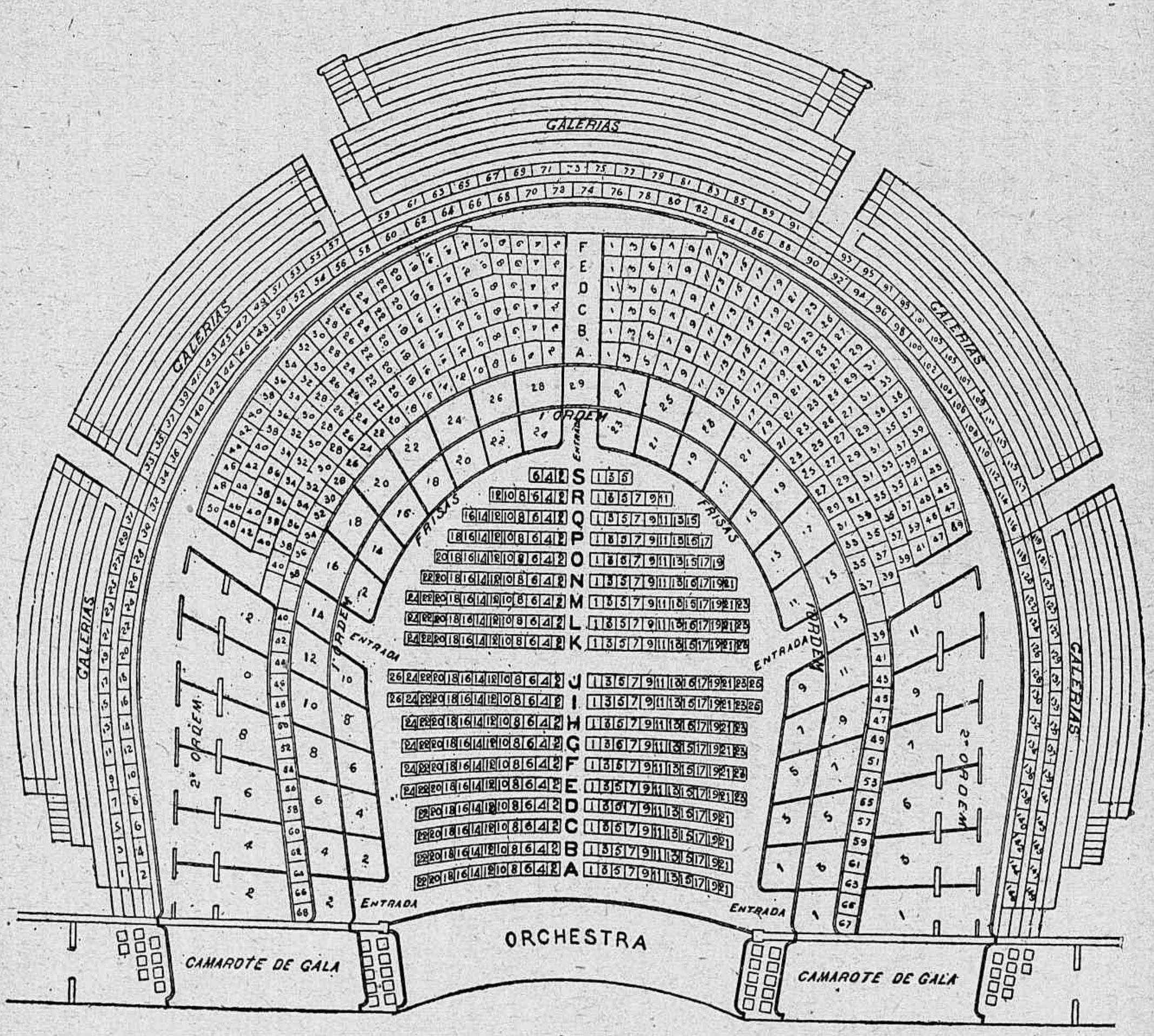
De S. Paulo para a Central.

O Diurno parte ás 5.15 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 da t.
O Nocturno parte ás 8.00 da n. e chega ás 8 h. da m.

THEATROS

Theatro Municipal (Avenida Central); *Eden Theatro* e *Theatro Appollo*, rua do Lavradio; *S. Pedro de Alcantara* e *S. José*, Praça Tiradentes; *Lyrico*, na rua 13 de Maio; *Carlos Gomes*, *Lucinda*, *Recreio dramatico*, *Moulin Rouge* e *Maison Moderne*, na rua do Espirito Santo; *Parque Fluminense*, na Praça Duque de Caxias; *Palace Theatre*, na rua Joaquim Nabuco (ex do Passeio).

THEATRO MUNICIPAL

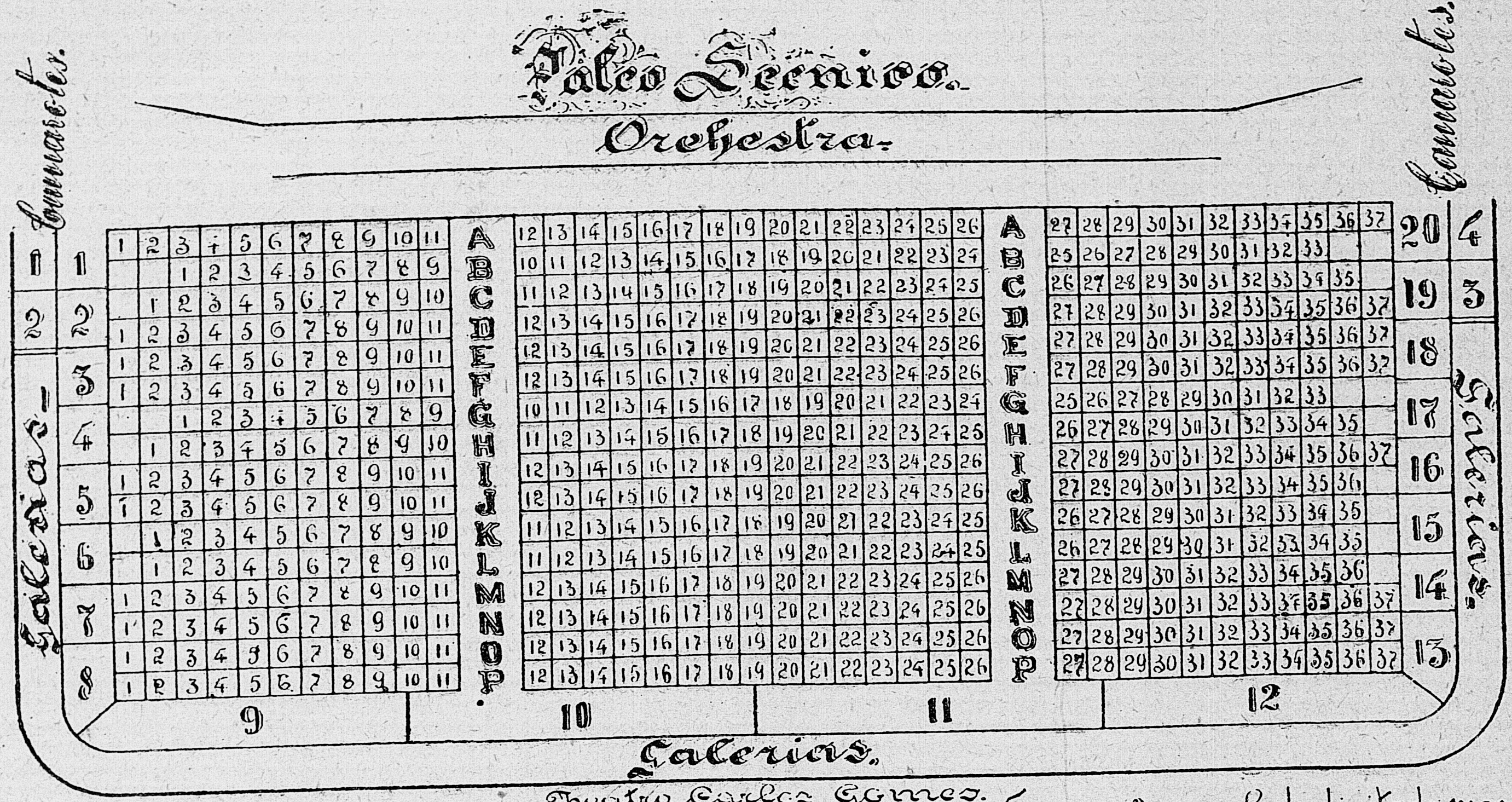


PLATEA

Construcção do Dr. Francisco de Oliveira Passos

THEATRO CARLOS GOMES

Rua do Espirito Santo



Theatro Carlos Gomes.

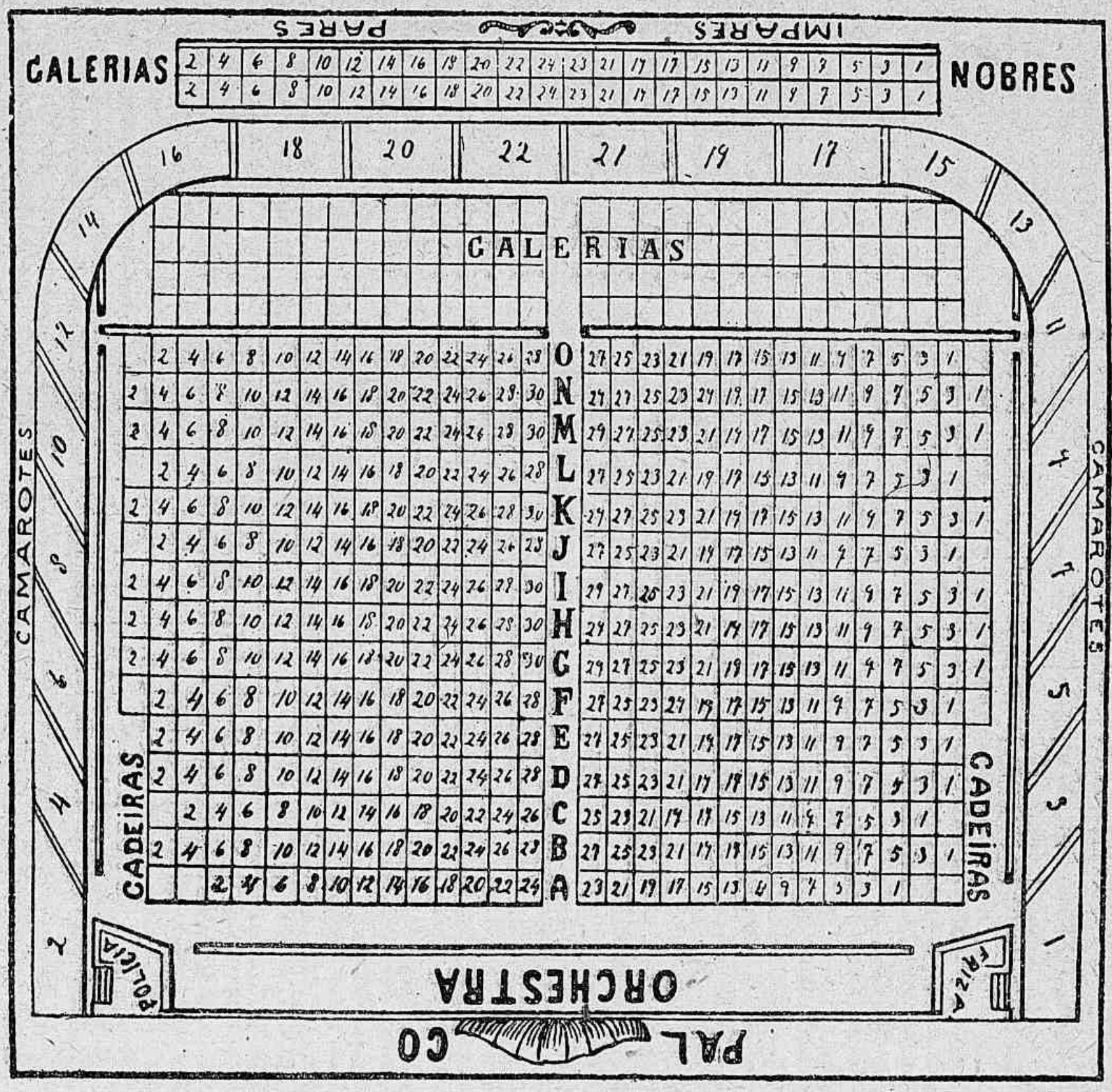
CB. A galeria que tem 2 camarotes por cada lado corre por cima dos camarotes. - Tem uma fuza ao lado direito do proscenio que não figura nesta planta.

Dimensões: Comprimento da Platéa - 14,90 = Largura - 17,00 = Altura do tecto - 9,20 - Largura da bocca de scena - 10,40 = Altura - 8,00 - Comprimento do Palco. scenico — 10,30 = Largura - 22,00.

Logar: Luzes - 1. Camarotes de 1ª 20. de 2ª - 4 = . Cadeiras - 537 = Galerias - 250 = Entradas Geraes - 500. -

THEATRO LUCINDA

Rua do Espirito-Santo, 45



PLANTA DAS LOCALIDADES

Um noivo bom catholico, que acabava de se confessar volta ao confessionario e lembra ao confessor que lhe não tinha dado penitencia.

O sacerdote tranquilliza-o : « Não me dissesteis que ias casar-vos ? »

Uma linda rapariga escorrega na rua e cae, deixando ver aos transeuntes varias coisas...

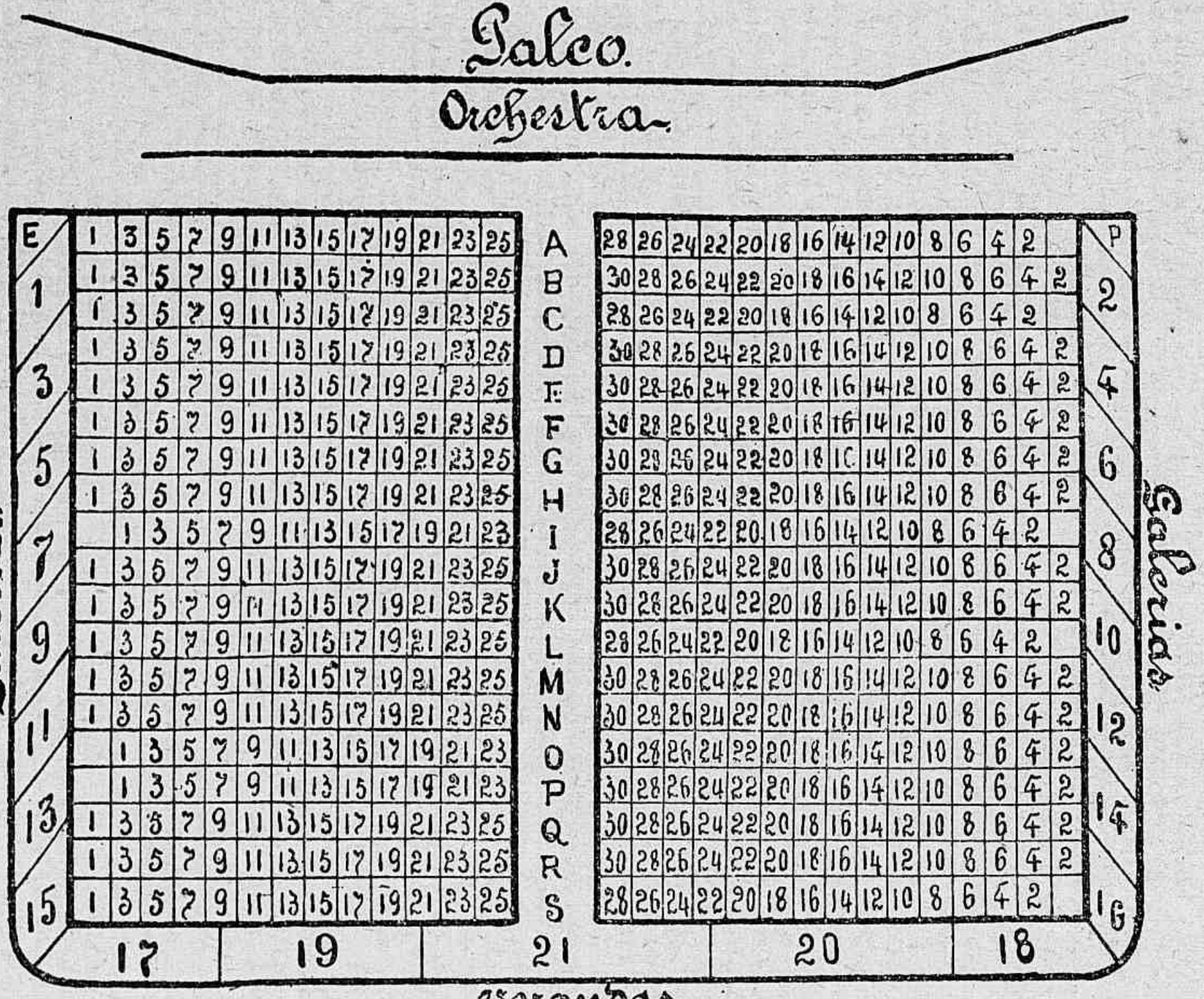
Levanta-se rapidamente e diz a uma pessoa que a acompanhava :

— Viu você a minha agilidade ?

Um transeunte que vira o desastre exclama ao ouvir esta phrase :

— E'a primeira vez que ouço dar-lhe tal nome!

THEATRO S. JOSÉ



Varandas

1ª Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
2ª Fila	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1		
3ª Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1.

Dimensões do Theatro S. José = Comprimento da Platéa 19,10. Largura 14,30. Altura do tecto 9,50
Largura da bocca de scena 7,90. Altura = 7,10 = Comprimento do Palco Scenico 14,90 = Largura 13,00.

Lotação: Cruzas 2 - Camarotes 21 - Cadeiras 324 - Varandas 67 - Galerias 250 - C. Geraes 500

Um passeio de trem durante uma hora é ordenado a Calino que está em convalescença.

O cocheiro fustiga os cavallos que partem ao trote.

— Mais devagar, grita Calino, por este andar a hora se passará muito depressa.

TABELLA DE PREÇOS DOS CARROS E DOS TILBURYS

NOTA. — Para os pontos não designados nesta tabella, ou não incluidos nas zonas pelas mesmas indicadas, o preço será previamente ajustado. — A hora principiada será contada por inteira.

	TILBURYS		CARROS	
	Das 6 da manhã ás 10 da noite	Das 10 da noite ás 6 da manhã	Das 6 da manhã ás 10 da noite	Das 10 da noite ás 8 da manhã
1.º Praça do mercado da Gloria, Rua do Visconde de Sapucahy, desde o canto da rua do Conde até á subida do Sacco do Alferes, praça da Harmonia e rua Nova do Livramento :				
Para largar o passageiro.	1$000	2$000	3$000	4$000
Cada hora.	1$500	3$000		
Cada uma das horas que se seguirem. . .			2$500	3$000
2.º Ponte do Cattete, ponte do Guanabara nas Larangeiras, praia do Flamengo, ponte do Engenho Velho, na entrada do Rio Comprido, rua do Itapirú, do canto da rua do Conde até no ponto terminal dos bonds de Catumby :				
Para largar o passageiro.	1$500	2$500		
Cada hora.	2$000	3$000		
Pela 1.ª hora			5$000	6$500
Pelas que se seguirem			3$000	4$000
3.º Ponto dos bonds no fim da praia de Botafogo, Jardim das Larangeiras, Cova da Onça até á primeira subida, Rio Comprido, rua da Bella pista, ponte da Segunda-feira, no Engenho Velho, rua da Babylonia, canto da de S. Francisco Xavier, campo de S. Christovão e igrejinha de S. Christovão :				
Para largar o passageiro.	2$500	3$000		
Cada hora.	$500	4$000		
Pela 1.ª hora			7$000	9$000
Pelas que se seguirem.			4$500	5$000
4.º Rua da Real Grandeza, Cemiterio de S. João Baptista, Escola Militar, Aguas Ferreas nas Larangeiras, rua de S. Januario, Portão Vermelho, no Andarahy, Alto do Pedregulho, Cemiterio de São Francisco Xavier, morro de Santa Thereza até ao largo do Guimarães :				
Para largar o passageiro.	4$000	5$000		
Cada hora.	3$000	3$500		
Pela 1.ª hora			9$000	10$000
Pelas que se seguirem.			5$000	5$000
5.º Do Alto do Pedregulho até a estação do Engenho Novo :				
Para largar o passageiro.	6$000	8$000		
Cada hora.	3$000	4$000		
Pela 1.ª hora			10$000	12$000
Pelas que se seguirem.			5$000	5$000

6.º Da rua da Babylonia ao boulevard de Villa Isabel até ao ponto terminal dos bonds :				
Para largar o passageiro	5$000	6$000		
Cada hora	3$000	3$000		
Pela 1.ª hora			7$000	8$000
Pelas que se seguirem			3$000	4$000
7.º Lagôa Rodrigo de Freitas, rua do Jardim Botanico, Jardim até as Tres Vendas, rua Conde de Bomfim até ao ponto dos bonds da Tijuca :				
Para largar o passageiro	7$000	9$000		
Cada hora	4$000	5$000		
Pela 1.ª hora			12$000	15$000
Pelas que se seguirem			5$000	6$000

TABELLA PARA ALUGUEL DE AUTOMOVEL

(Provisoria).

Uma volta na Avenida Central 3$000 | Corridas . . . . . 5$000

Limites das corridas : Largo do Matadouro; Largo do Estacio, Rua dás Larangeiras, esquina da rua Guanabara; Avenida Beira-Mar, até á esquina da rua Senodor Vergueiro.

VIAGENS :

Primeira hora . . . . . 15$000 | As demais que se seguirem . 10$000

Limites das viagens : Largo da Segunda-Feira, Ponte de Maracanã, Campo de S. Christovão, Leme, Gavea, Igrejinha, Santa Thereza, Ipanema.

VIAGENS PARA O ALTO DA BOA VISTA :

Primeira hora . . . . . 20$000 | Pelas demais que se seguirem . 15$000

Observações. — A primeira hora será sempre contada por inteiro, do ponto de partida ao de chegada, e as demais, por fracção de meia hora. Quando a lotação do automovel fôr maior de quatro pessoas será cobrada mais a quantia de 3$000, por hora ou fracção de meia hora.

ENTERROS

O serviço de enterros é feito por intermedio da Empresa Funeraria (commettida á Santa Casa da Misericordia) e estabelecida em um dos salões do edificio da mesma Santa Casa, na praia de Santa Luzia.

O expediente principia ás 9 horas da manhã e termina ás 5 horas da tarde de todos os dias.

A pessoa que tiver de tratar de um enterro deve munir-se do attestado de obito passado pelo medico e dirigir-se á pretoria respectiva, onde obterá a certidão necessaria para ir então ao escriptorio da Empresa. Ahi, mediante prévio pagamento (ou fiança de pessoa conhecida), se encarregam do fornecimento de tudo pelos preços estabelecidos nas tabellas seguintes.

Si a pessoa fallecida pertencer a alguma das corporações religiosas que têm cemiterio privativo, deverá o encarregado do entêrro dirigir-se (munido do diploma ou outro documento comprobatorio) á secretaria da respectiva ordem, onde lhe darão a guia para o cemiterio.

A

TABELLA DOS PERÇOS PARA OS FUNERAES DE ADULTOS

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura	Certidão	TOTAL	Carneiro
1ª	380$000	180$000	30$000	1$000	591$000	250$000
2ª	214$000	94$000	30$000	1$500	339$000	250$000
3ª	128$000	82$000	30$000	1$000	241$000	250$000
4ª	76$000	58$000	16$000	1$000	251$000	250$000
5ª	42$000	47$000	16$000	1$000	106$000	250$000
6ª	18$000	16$000	7$000	.....	41$000	250$000
7ª	9$000	8$200	7$000	.....	24$200	250$000
8ª	5$000	8$200	7$000	.....	20$200	250$000

B

TABELLA DOS PREÇOS PARA OS FUNERAES DE MENORES DE 7 ANNOS.

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura	Certidão	TOTAL	Carneiro
1ª	176$000	100$000	22$000	1$000	299$000	130$000
2ª	119$000	71$000	22$000	1$000	213$000	130$000
3ª	69$000	58$000	22$000	1$000	150$000	130$000
4ª	41$000	42$000	12$000	1$000	96$000	130$000
5ª	29$000	24$000	12$000	1$000	66$000	130$000
6ª	12$000	14$000	5$000	.....	31$000	130$000
7ª	7$000	8$200	5$000	.....	20$200	130$000
8ª	3$000	8$200	5$000	.....	16$200	130$000

Observações

1.ª Os preços não soffrerão alteração, quando fôr preferida a côr rôxa para os funeraes de donzellas.

2.ª Os serviços de funeraes extra-tabellas, serão feitos mediante convenção com a Santa Casa.

3.ª Continuam em vigor todas as disposições não alteradas do Regulamento de 3 de Agosto de 1861.

Combinações

ADULTOS

1.ª Caixão n. 3. — Carro n. 2. — Carneiro. — Certidão. . . . . 473$000
2.ª Caixão n. 4. — Carro n. 3. — Sepultura raza. — Certidão. . . . 189$000
3.ª Caixão n. 6. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão. . . . 82$000
4.ª Caixão n. 7. — Carro n. 6. — Sepultura raza. . . . . 32$000

ANJOS

1.ª Caixão n. 3. — Carro n. 2. — Carneiro. — Certidão. . . . . 271$000
2.ª Caixão n. 3. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão. . . . 106$000
3.ª Caixão n. 6. — Carro n. 5. — Sepultura raza. — Certidão. . . . 49$001
4.ª Caixão n. 7. — Carro n. 6. — Sepultura raza. . . . . 26$000

Livraria GARNIER

Alphabetos. — Leituras elementares.
Escripta. — Leitura de letra manuscripta.
Noções de arithmetica e systema metrico.
Ensino de doutrina Christã. — Catechismos — Historia sagrada.
Ensino intuitivo. — Leitura. — Redacção e estylo.
Albuns e livros para premios.
Desenho linear e architecturo.
Educação physica.
Estudo da lingua portugueza.
Estudo das linguas estrangeiras.
Estudo da lingua latina.
Geographia.
Chorographia.
Cosmographia e physica.
Historia (Obras classicas).
Mathematicas.
Sciencias naturaes.
Chimica.
Rhetorica. — Litteratura. — Poetica.
Philosophia.
Musica.
Pedagogia.
Religião e moral.
Sciencias economicas.
Medicina. — Hygiene.
Jurisprudencia.
Litteratura.
Astronomia. — Espiritismo. — Magnetismo.
Artes e Officios.

CAIXA DA CONVERSÃO

Quadro demonstrativo dos equivalentes das notas conversiveis em moedas extrangeiras e as fracções destas pagaveis em prata

Libra—16$000
Menor moeda ouro—10 shillings

Nota conversivel	Shillings	Fracção menor de 10 shillings.	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,6	2,6	2$000
20$000..	25,0	5,0	4$000
50$000..	62,6	2,6	2$000
100$000..	125,0	5,0	4$000
200$000..	250,0	—	—
500$000..	625,0	5,0	4$000

Réis fortes—3$560,90814
Menor moeda ouro — 5 000

Nota conversivel	Réis fortes	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	2$308,273	2$808,273	10$000
20$000..	5$616,546	$616,546	2$195
50$000..	14$041,355	4$041,355	14$391
100$000..	28$082,710	3$082,710	10$977
200$000..	56$165,420	1$165,420	4$150
500.000..	140$413,550	$413,550	1$473

Marco—$785,11850
Menor moeda ouro — 10 marcos

Nota conversivel	Marcos	Fracção menor de 10 marcos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,73706	2,73706	2$149
20$000..	25,47412	5,47412	4$298
50$000..	63,68530	3,68530	2$893
100$000..	127,37060	7,37060	5$787
200$000..	214,74120	4,74120	3$722
500$000..	636,85300	6,85300	5$380

Francos—635,94270$
Menor moeda ouro 10 francos (*)

Nota conversivel	Francos	Fracção menor de 10 francos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,72469	5,72469	3$641
20$000..	31,44938	1,44938	$922
50$000..	78,62345	8,62345	5$484
100$000..	157,24690	7,24690	4$609
200$000..	314,49380	4,49380	2$858
500$000..	786,23450	6,23450	3$965

Peso argentino — 3$179,71332
Menor moeda ouro—5 pesos

Nota conversivel	Pesos argentinos	Fracção menor de 5 pesos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,144938	3,144938	10$000
20$000..	6,289876	1,289876	4$101
50$000..	15,724690	0,724690	2$304
100$000.	31,449380	1,449380	4$609
200$000..	62,898760	2,898760	9$217
500$000..	157,246900	2,246900	7$144

Corôa austriaca—$666,66666
Menor moeda ouro — 10 corôas

Nota conversivel	Corôas	Fracção menor de 10 corôas	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,00	5,00	3$333
20$000..	30,00	—	—
50$000..	75,00	5,00	3$333
100$000..	150,00	—	—
200$000..	300,00	—	—
500$000..	1,500,00	—	—

Dollars — 3$295,80306
Menor moeda ouro — 5 dollars

Nota conversivel	Dollars	Fracção menor de 5 dollars	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,034162	3,034162	10$000
20$000..	6,068324	1,068324	3$521
50$000..	15,170810	0,170810	$563
100$000..	30,341620	0,341620	1$126
200$000..	60,683240	0,683240	2$252
500$000..	15,1708100	1,708100	5$629

Mil réis ouro (ao cambio de 27 d.)—1$800,000
Menor moedo ouro — 5$000

Nota conversivel	Mil réis ouro	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	5$555,555	$555,555	1$000
20$000..	11$111,111	1$111,111	2$000
50$000..	25,777,777	2$777,777	5$000
100$000..	55$555,555	$555,555	1$000
200$000..	111$111,111	1$111,111	2$000
500$000..	277$777,777	2$777,777	5$000

(*) O franco belga, suisso, a lira italiana e a peseta hespanhola são iguaes ao franco francez.

PESOS E MEDIDAS

Synopse do Systema metrico decimal

UNIDADES LINEARES

ITINERARIAS

Myriametro	Mm	10000m	= 10km
Kilometro	km	1000	= 1
Hectometro	hm	100	= 0.1
Decametro	Dm	10	= 0.01

GEOMETRICAS

Metro (1)	m	1m	= 0km001
Decimetro	dm	0.1	
Centimetro	cm	0.01	
Millimetro	mm	0.001	

UNIDADES DE SUPERFICIE

AGRARIAS

Myriametro quadrado	Mm²	100000000 M²	= 100km²
Kilometro »	km²	1000000	= 1
Hectare (hectom. quad.)	ha (hm²)	10000	= 0.01
Are (decam. »)	a (Dm²)	100	
Centiare (metro »)	ca (m)	1	

GEOMETRICAS

Metro quadrado	m²	1m²
Decimetro quadrado	dm²	0.01
Centimetro »	cm²	0.0001
Millimetro »	mm²	0.000001

UNIDADES DE VOLUME OU CAPACIDADE

Metro cubico	m³	1m³
Decimetro cubico	dm³	0.001
Centimetro »	cm³	0.000001
Millimetro »	mm³	0.000000001

PARA LIQUIDOS E SECCOS

Hectolitro	hl	100 l
Decalitro	Dl	10
Litro	l	1
Decilitro	dl	0.1
Centilitro	cl	0.01

PARA LENHA

Decastere.	Ds	10s
Stere.	s	1m3
Decistere.	ds	0.1

UNIDADES DE PESO

MÉDIO OU GRANDE

Tonelada.	t	1000kg	
Quintal.	q	100	
Myriagramma.	Mg	10	= 10000g
Kilogramma	Kg	1	= 1000
Hectogramma.	Hg	0.1	= 100
Decagramma	Dg	0.01	= 10

PEQUENO

Gramma (1).	g	0kg001	= 1g
Decigramma	dg		= 0.1
Centigramma	cg		= 0.01
Milligramma	mg		= 0.001

Medidas itinerarias e topographicas independentes do systema metrico

MILHA NAUTICA

O comprimento da milha nautica sendo definido como a sexagesima parte de um grau, tomado em um círculo maximo da esphera póde assumir diversos valores, conforme o círculo maximo fôr um meridiano ou o equador. A repartição hidrographica americana *Coast and Geodetic Survey*, com o fim de impedir inevitaveis confusões, adoptou officialmente para a *milha nautica* o valor de *uma sexagesima parte do comprimento de 1º do circulo maximo de uma esphera, cuja superficie fosse igual á da terra.*

Este valor calculado com os elementos de Clarke para o espheroide terrestre dá para *uma milha : 1853 m. 248.*

Eis como comparação, differentes valores da milha deduzidos de outras definições :

Comprimento de 1' de longit. no Equador.	1855m34
Comprimento de 1' de latitude no Equador	1842.79
Comprimento de 1' de latitude a 45º. . . .	1852.18
Comprimento de 1' de latitude no pólo . .	1861.65

(1) Theoricamente deveria ser o *metro* $\frac{1}{1.000,000}$ da quarta parte do meridiano terrestre, praticamente adoptou-se como valor fundamental do metro o comprimento da regua denominada *mètre des archives*, medido na temperatura de 0ºC.

(1) Peso *normal* (isto é, no vacuo e na temperatura de 4 graus centigrados) de 1 cm³ d'agua distillada.

Medidas itinerarias independentes do systema metrico

Milha geographica de 15 ao grau equatorial.	7422m
Legua de 18 ao grau meridiano médio . . .	6174
Legua de 25 ao grau meridiano médio . . .	4145
Milha maritima de 60 ao grau (M)	1852
Legua marit. de 20 ao grau merid. m. (3M).	5557
Milha maritima quadrada (M²).	3km².4366
Legua maritima quadrada (9M²).	30km².8776

MEDIDAS BRASILEIRAS ANTIGAS

Por lei de 26 de Junho 1862, o systema metrico foi tornado obrigatorio a contar de 1 de Janeiro de 1874 ; entretanto tem-se conservado no interior o uso de muitas das medidas antigas, que por essa razão é ainda util conhecer.

Tonelada (54 a)	13 1/2 (1)	793kg.2384
Quintal	4	58 . 7584
Arroba a	32	14 . 6896
Arroba metrica em uso no commercio .		15 kg.
Libra (lb)	2	458 g. 050
Marco.	8	229 g. 825
Onça (on)	8	23 g. 691
Oitava.	3	3 g. 586
Escropulo	24	1 g. 195
Grão.		0 g. 04981

MEDIDAS

DE COMPRIMENTO

Braça (b)		2m. 20
Vara (5 pm)		1m. 10
Pé (12 pl)	1 1/2	0m. 33
Palmo (pm)	8	0m. 22
Pollegada (pl)	12	0m. 0275
Linha (ln)	12	0m. 00228
Ponto		0m. 000191
Covado		0m. 68
Passo geometrico		1m. 65

ITINERARIAS

Legua.	3	6km.600
Milha		2km.200
Legua geometrica		6 km
Milha geometrica		2 km

(1) Relação entre cada unidade e a seguinte, a não ser esta irregular.

DE SUPERFICIE AGRARIA

Legua quadrada	9	$43^{km2}.56$
Milha quadrada		$4^{km2},84$
Alqueire de Minas Geraes e do Rio de Janeiro (10.000 b^2)		$4^{ha}.84$
Alqueire de S. Paulo (5.000 b^2)	25	$2^{ha}.42$
Geira (400 b^2)		$19^{a}.36$
Tarefa (na Bahia, 900 b^2)		$43^{a}.56$

DE SUPERFICIE

Braça quadrada (100 pm^2)		$4^{m2}.84$
Pé quadrado (1.44 pm^2)		$0^{m2}.1089$
Palmo quadrado		$0^{m2}.0484$
Pollegada quadrada	65	$7^{cm2}.5625$
Linha quadrada	144	$5\ ^{2}.2533$
Ponto quadrado	144	$0\ ^{2}.0365$

DE VOLUME

Braça cubica (100 pm^3)		$10^{m3}.648$
Pé cubico (1 pm^3. 728)		$35^{dm3}.957$
Palmo cubico		$10^{dm3}.648$
Pollegada cubica	512	$20^{cm3}.796875$
Linha cubica	1728	$12^{mm3}.040481$
Ponto cubico	1727	$0^{mm3}.006968$

DE CAPACIDADE PARA SECCOS

Moio	15	$21^{hl}.762$
Fanga	4	1451.08
Alqueire	8	$36^{l}.27$
Quarta	8	$9^{l}.0675$
Selamim		$1^{l}.1334$

DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

Tonel	2	$840.^{l}$
Pipa		$420.^{l}$
Almude	12	$31^{l}.944$
Canada	4	$2^{l}.662$
Quartilho		$0^{l}.6655$

Quilate para peso dos diamantes : $0^{dg}.1922$

MEDIDAS INGLEZAS E SUA CONVERSÃO

TABELLAS PARA A CONVERSÃO DAS MEDIDAS INGLEZAS EM MEDIDAS METRICAS, VICE-VERSA (COAST Y GEODETIC SURVEY, 1893 REPORT)

Medidas lineares

INCHS	MILLIMETROS	FEET	METROS	YARDS	METROS	MILES (*)	KILOMETROS
1	25.4051	1	0.304 801	1	0.914 402	1	1.609 35
2	50.8001	2	0.609 601	2	1.828 804	2	3.218 69
3	76.2002	3	0.914 402	3	2.743 205	3	4.828 04
4	101.6002	4	1.219.202	4	3.657 607	4	6.437 39
5	127.0003	5	1.524 003	5	4 572 009	5	8.046 74
6	152.4003	6	1.828 804	6	5.486 411	6	9.656 08
7	177.8004	7	2.133 604	7	6.400 813	7	11.265 43
8	203.2004	8	2.438 405	8	7.315 215	8	12.874 78
9	228.6005	9	2.743 205	9	8.229 616	9	14.884 12

Medidas de superficie

SQ. INCHS	CENT. QUADR.	SQ. FEET	DEC. QUADR	SQ. YARDS	MET. QUADR.	ACRES	HECTARES
1	6.452	1	9.290	1	0.836	1	0.4047
2	12.903	2	18.581	2	1.672	2	0.8094
3	19.355	3	27.871	3	2.508	3	1.2141
4	25.807	4	37.161	4	3.344	4	1.6187
5	32.258	5	46.452	5	4.181	5	2.0234
6	38.710	6	55.742	6	5.017	6	2.4281
7	45.161	7	65.032	7	5.853	7	2.8328
8	51.613	8	74.323	8	6.689	8	3.2375
9	58.065	9	83.613	9	7.725	9	3.6322

(*) Para transformar rapidamente qualquer numero de milhas inglezas *Statute miles* em seu valor equivalente em kilometros e subdivisões lança-se mão da *seguinte regra prática* muito approximada :

Addiciona-se ao numero dado de milhas, sua metade, mais a decima parte e mais a centesima parte ; a somma é em kilometros o equivalente do numero de milhas :

Exemplo : sejam 9 milhas a transformar em kilometros.

1/2 de 9 = 4.50 ; 1/10 = 0.9 : 1/100 = 0.09.

Somma 9.0 + 4.5 + 0.9 + 0.09 = 14 k. 490 em logar de 14 k. 484, valor rigorosamente exacto

Medidas de volume

CUBIC. INCHS.	CENT CUBCS.	CUBIC. FECT.	METS. CUBCS.	CUBIC. YARDS.	METS. CUBCS.	BUSH	HECTOLITROS
1	15.387	1	0.02832	1	0.765	1	0.35239
2	32.774	2	0.05663	2	1.529	2	0.70479
3	49.161	3	0.08495	3	2.294	3	1.05718
4	65.549	4	0.11327	4	3.058	4	1.40957
5	81.936	5	8.14158	5	3.823	5	1.76196
6	98.323	6	0.16990	6	4.587	6	2.11436
7	114.710	7	0.19822	7	5.352	7	2.46675
8	131.097	8	0.22654	8	6.116	8	2.81914
9	147.484	9	0.25485	9	6.881	9	3.17154

Medidas de capacidade para liquidos

FLUID. DRACHMS	CENTS. CUBCS.	FLUID. OUNC.	CENTS. CUBCS.	QUARTS.	LITROS	GALLONS AMER.	LITROS
1	3.70	1	29.57	1	0.94636	1	3.78543
2	7.39	2	59.15	2	1.89272	2	7.57087
3	11.09	3	88.72	3	2.83908	3	11.35630
4	14.79	4	118.29	4	3.38543	4	15.14174
5	18.48	5	147.87	5	4.73179	5	18.92717
6	22.18	6	177.44	6	5.67815	6	22.71261
7	25.88	7	207.02	7	6.62451	7	26.49804
8	29.57	8	286.59	8	7.57087	8	30.28348
9	33.27	9	266.16	9	9.51723	9	34.06891

Medidas de peso

GRAINS	MILLIGRAMMAS	AVOIR DU POIDS OUNCES	GRAMMAS	AVOIR DU POIDS POUNDS	KILOGRAMMAS	TROY OUNCES	GRAMMAS
1	64.7989	1	28.3499	1	0.45359	1	31.10348
2	129.5978	2	56.6991	2	0.90719	2	62.20696
3	194.3998	3	85.0486	3	1.36078	3	93.31044
4	259.1957	4	113.3981	4	1.81437	4	124.41392
5	323.9946	5	141.7476	5	2.26796	5	155.51740
6	388.7635	6	170.0972	6	2.72156	6	186.62088
7	453.5924	7	198.4467	7	3.17515	7	217.72437
8	518.3914	8	226.7962	8	3.62874	8	248.82785
9	583.1903	9	255.1457	9	4.08233	9	279.93133

Medidas lineares

METROS	INCHS	METROS	FEET	METROS	YARDS	KILOM.	MILES
1	39.37	1	3.28083	1	1.093611	1	0.62137
2	78.74	2	6.56167	2	2.187222	2	1.24274
3	118.11	3	9.84250	3	3.280833	3	1.86411
4	157.48	4	13.12333	4	4.374444	4	2.48548
5	197.85	5	16.40417	5	5.468056	5	3.10685
6	236.22	6	18.68500	6	6.561667	6	3.72822
7	275.59	7	22.96583	7	7.655278	7	4.34959
8	314.96	8	26.24667	8	8.748889	8	4.97096
9	354.32	9	29.52750	9	9.842500	9	5.59233

Medidas de superficie

CENT. QUADR.	SQ. INCHS	MET. QUADR.	SQUARE FEET	MET. QUADR.	SQUARE FEET	HECT.	ACRES
1	0.1550	1	10.764	1	1.196	1	2.471
2	0.3100	2	21.528	2	2.392	2	4.942
3	0.4650	3	32.292	3	3.588	3	7.413
4	0.6200	4	43.055	4	4.784	4	9.884
5	0.7750	5	53 819	5	5.980	5	12.355
6	0.9300	6	64.583	6	7.176	6	14.826
7	1.0850	7	75.347	7	8.372	7	17.297
8	1.2400	8	86.111	8	9.568	8	19.768
9	1.3950	9	96.875	9	10.764	9	22.239

Medidas de volume

CENT. CUB.	CUB. INCHS	LITROS	CUB. INCHS	METROS CUB.	CUB. FEET	METROS CUB.	CUB. YARDS
1	0.0610	1	61.023	1	35.314	1	1.308
2	0.1220	2	122.047	2	70.629	2	2.616
3	0.1831	3	183.070	3	105.943	3	3.924
4	0.2441	4	244.094	4	141.258	4	5.232
5	0.3051	5	305.117	5	176.572	5	6.540
6	0.3661	6	366.140	6	211.887	6	7.848
7	0.4272	7	427.164	7	247.201	7	9.156
8	0.4882	8	488.187	8	282.516	8	10.464
9	0.5492	9	549.210	9	317.830	9	11.771

Medidas de capacidade

CENT. CUBICOS	FLUID DRACHMS	CENTILITROS	FLUID OUNCES	LITROS	QUARTS	DECALITROS	GALLONS (AMERIC)	HECTOLITROS	BUSHELLS
1	0.27	1	0.338	1	1.0567	1	2.6417	1	2.8377
2	0.54	2	0.676	2	2.1134	2	5.2834	2	5.6755
3	0.81	3	1.014	3	3.1700	3	7.9251	3	8.5132
4	1.08	4	1.353	4	4.2267	4	10.5668	4	11.3510
5	1.35	5	1.691	5	5.2834	5	13.2085	5	14.1887
6	1.62	6	2.029	6	6.3401	6	15.8502	6	17.0265
7	1.89	7	2.367	7	7.3968	7	18.4919	7	19.8642
8	2.16	8	2.705	8	8.4535	8	21.1336	8	22.7019
9	2.43	9	3.043	9	9.5101	9	24.7753	9	25.5397

Medidas de peso

MILLIGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	OUNCES AVOIR DU POIDS	KILOGRAMMAS	POUNDS AVOIR DU POIDS
1	0.01543	1	15432.36	1	0.35274	1	2.20462
2	0.03086	2	30864.71	2	0.70548	2	4.40924
3	0.04630	3	46297.07	3	1.05822	3	6.61387
4	0.06173	4	61729.43	4	1.41096	4	8.81849
5	0.07716	5	77161.78	5	1.76370	5	11.02311
6	0.09259	6	92594.14	6	2.11644	6	13.22773
7	0.10803	7	108026.49	7	2.46918	7	15.43236
8	0.12346	8	123458.85	8	2.82192	8	17.63698
9	0.13889	9	138891.21	9	3.17466	9	19.84160

1 kilogramma = 32.1507 Ounces troy.
1 tonelada metrica = 2204.6 Pounds avoir du poids
1 tonelada ingleza (20 cwts) = 1016.0 kilogrammas.
1 quintal (cwt), 112 lbs. = 50.8024 kilogrammas.
1 braça ingleza (fathom) = 1.829 metros.
1 milha nautica 1853.25 metros.
1 imperial gallon (inglez) = 4.5435 litros.
1 imperial bushell (inglez) = 33.3477 litros

Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e vice versa

POR

C. W. HUNT, M. Am. Soc. M. E., e completada por H. M.

PARA PASSAR DAS UNIDADES METRICAS PARA AS INGLEZAS

Millimetros × 0.039937 = polleg. inglez.
Centimetros × 0.3737 = idem idem
Metros × 35.37 = idem idem
Metros × 3.281 = pés inglezes
Metros × 1.094 = jardas
Kilometros × 0.621 = milhas terrestr.
Kilometros × 3280,7 = pés
Millimet. quad. × 0.0155 = polleg. quad.
Centimet. quad. × 0.155 = polleg. quad.
Metros quadr. × 10.764 = pés quadrad.
Kilometros quadrados × 247.1 = acres
Hectaros × 247.1 = acres
Centimetr. cub. × 0.0610 = polleg. cubic.
Cent. cub. × 0.271 = fluid drachms U.S.P.
Cent. cub. × 0.0338 = fluid ounces U.S.P.
Metros cubicos × 35.315 = pés cubicos
Metros cubicos × 1.308 = jardas cubicas
Metr. cub. × 264.2 = gallões (de 231 inchs³)
Litros × 61.022 = pollegadas cubicas
Litros × 34.84 = fluid ounces
Litros × 0.2642 = gallões (de 231 inchs³)
Grammas × 15.432 = grãos
Gramma × 981 = dynes (C. G. S.)
Joule × 07.373 = pés-libra
Kilos × 2.2046 = libras
Kilos × 35.3 = ounces avoir du poids
Kilogrammetros × 7.223 = pés libra
Kilos por cent. quad. × 14.223 = libras por poll. quadrada
Kilos por metro × quadrado × 0.672 = libras por pé quadrado.
Kilowatts × 1.34 cavallos vapor inglezes
Cavallos vapor francezes × 0.986 = cavallos vapor inglezes.

PARA PASSAR DAS UNIDADES INGLEZAS PARA AS METRICAS

Pollegadas inglezas × 25.4 millimetros
Pollegadas × 0.0254 = metros
Pés × 0.30479 = metros
Jardas × 0.91438 = metros
Milhas × 1.609 = kilometros
Pés × 0.000305 = kilometros
Pollegadas quadradas × 645.1 = millimetros quadrados
Pollegadas quadradas × 6.451 = centimetros quadrados
Pés quadr. × 0.0927 = metros quadr.
Acres × 0.004047 = kilometros quadr.
Acres × 0.40479 = Hectaros.
Pollegadas cubicas × 16.387 = cent cubic.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid ounces × 29.57 = idem idem
Pés cubicos × 0.02832 = metros cubicos
Pés cubicos × 28.316 = litros.
Galões americanos × 3.785 = litros
Bushells (americanos) (210.4 inchs³,) × 0.3521 = Hectolitros.
Bushells inglezes × 0.3635 = Hectolitr.
Ounces (avoir du poids) × 28.35 = gram.
Libras × 0.4536 = kilos.
Toneladas × 1016.05 = kilos
Quintaes × 50.80 = kilos
Pés-Libra × 0.13826 = kilogrametros
Libras por pollegada quadrada × 0.0703 = kilos por centimetro quadrado
Libras por pé quadrado × 1 488 = kilos por metro quadrado
Cavallos vapor inglezes × 1.01386 = cavallos vapor francezes
Kilowatts × 1.3596 = caval. vapor franc.

TABELLAS DE JUROS

I

Juros simples

NUMEROS	3 °/.	3 ½ °/.	4 °/.	4 ½ °/.	5 °/.	5 ½ °/.	6 °/.
1	0.008	0.009	0.011	0.012	0.014	0.015	0.016
2	0.016	0.019	0.022	0.025	0.027	0.030	0.033
3	0.025	0.029	0.033	0.037	0.041	0.045	0.049
4	0.033	0.038	0.044	0.049	0.055	0.060	0.066
5	0.041	0.048	0.055	0.062	0.068	0.075	0.082
6	0.049	0.057	0.066	0.074	0.082	0.090	0.099
7	0.057	0.067	0.077	0.086	0.096	0.106	0.115
8	0.066	0.077	0.088	0.099	0.110	0.121	0.132
9	0.074	0.086	0.098	0.111	0.123	0.136	0.148
10	0.082	0.096	1.110	0.123	0.137	0.151	0.164
20	0.164	0.192	0.219	0.247	0.274	0.301	0.329
30	0.247	0.288	0.329	0.370	0.411	0.452	0.493
40	0.329	0.384	0.438	0.493	0.548	0.603	0.658
50	0.411	0.479	0.548	0.616	0.685	0.753	0.822
60	0.493	0.575	0.658	0.740	0.822	0.904	0.986
70	0.575	0.671	0.767	0.863	0.959	1.055	1.151
80	0.657	0.767	0.877	0.986	1.096	1.206	1.315
90	0.740	0.863	0.986	1.110	1.233	1.356	1.480
100	0.822	0.959	1.096	1.233	1.370	1.507	1.644
200	1.644	1.918	2.192	2.466	2.740	3.014	3.288
300	2.466	2.877	3.288	3.699	4.110	4.521	4.932
400	3.288	3.835	4.383	4.931	5.479	6.027	6.575
500	4.110	4.794	5.479	6.164	6.849	7.534	8.219
600	4.931	5.753	6.575	7.397	8.219	9.041	9.863
700	5.753	6.712	7.671	8.630	9.589	10.548	11.507
800	6.575	7.671	8.767	9.863	10.959	12.055	13.151
900	7.397	8.630	9.863	11.096	12.329	13.562	14.795
1.000	8.219	9.589	10.959	12.329	13.699	15.068	16.438
2.000	16.438	19.178	21.918	24.657	27.397	30.137	32.877
3.000	24.657	28.767	32.877	36.986	41.096	45.205	49.315
4.000	32.877	38.356	43.835	49.315	54.794	60.274	65.753
5.000	41.096	47.945	54.794	61.644	68.493	75.342	82.192
6.000	49.315	57.534	65.753	73.973	82.192	90.411	98.630
7.000	57.534	67.123	76.712	86.301	95.890	105.120	115.068
8.000	65.753	76.712	86.671	98.630	109.589	120.548	131.507
9.000	73.973	86.301	98.630	110.959	123.288	135.616	147.945
10.000	82.192	95.890	109.589	123.288	136.986	150.685	163.383

Modo de usar. — Multiplica-se o capital pelo numero de dias durante os quaes venceu juros. Tira-se ao producto a fracção (si elle a tem) e mais dous algarismos. O numero que resta divide-se em milhares, centenas, dezenas e unidades. Procuram-se na tabella os juros d'estas partes (conforme a columna da taxa) e sommando-se estes juros parciaes, tem-se o juro total procurado. Exemplo: Qual o juro de 6:252$000 rs. em 125 dias a 5 ½ °/.? O producto do capital pelo n.º de dias é 781.500. Tirando-se dous algarismos, resta 7.815. Procurando-se na tabella o juro de 7.000, de 800, de 10 e de 5, acha-se 115.068; 13.151; 0.164 e 0.082. Sommando estas parcellas, tem-se 128$.65, o juro desejado.

Para os multiplos de 10.000, para 70 ou 80 mil (por exemplo) toma-se o juro de 7.000 ou 8.000 e multiplica-se por 10. Para várias quantias durante numeros de dias differentes com a mesma taxa de juro, obtem-se primeiro os *numeros* (producto das quantias pelos numeros de dias). Sommam-se os varios numeros e com a sua totalidade vai-se á tabella em busca dos juros.

Juros compostos

II

Mostra o valor do capital 1$000 réis collocado a juro composto capitalizado annualmente, a diversas taxas, no fim de annos.

ANNO	a 1 %	a 1 ½ %	a 2 %	a 2 ½ %	a 3 %	a 3 ½ %
10	1,105	1,161	1,219	1,280	1,343	1,411
20	1,220	1,347	1,486	1,638	1,806	1,990
30	1,348	1,563	1,811	2,098	2,427	2,807
40	1,489	1,814	2,208	2,564	3,262	3,960
50	1,644	2,105	2,692	3,437	4,384	5,586
60	1,817	2,443	3,281	4,400	5,891	7,879
70	2,007	2,835	4,010	5,632	7,918	11,122
80	2,217	3,291	4,875	7,210	10,640	15,677
90	2,449	3,819	5,943	9,229	14,300	22,112
100	2,705	4,432	7,245	11,814	19,220	31,190
110	2,990	5,144	8,831	15,122	25,829	44,016
120	3,305	5,971	10,765	19,356	34,714	62,106

ANNO	a 4 %	a 4 ½ %	a 5 %	a 5 ½ %	a 6 %	a 6 ½ %
10	1,480	1,553	1,629	1,708	1,790	1,877
20	2,191	2,412	2,653	2,918	3,207	3,524
30	3,243	3,745	4,322	4,984	5,743	6,614
40	4,801	5,716	7,040	8,513	10,286	12,416
50	7,107	9,033	11,467	14,542	18,420	23,307
60	10,520	14,027	18,679	24,840	32,988	43,750
70	15,571	21,784	30,426	42,430	59,077	82,124
80	23,050	33,830	49,561	72,476	105,780	154,159
90	34,120	52,537	80,730	123,800	189,470	289,377
100	50,505	81,589	131,499	211,469	339,312	543,200
110	74,760	126,709	214,202	361,218	607,638	1:019,662
120	110,662	196,780	348,912	617,007	1:088,188	1:914,048

ANNO	a 7 %	a 8 %	a 9 %	a 10 %	a 11 %	a 12 %
10	1,967	2,159	2,367	2,593	2,839	3,105
20	3,870	4,661	5,604	6,728	8,062	9,646
30	7,612	10,063	13,267	17,450	22,892	29,960
40	14,974	21,724	31,410	45,260	65,001	93,050
50	29,357	46,902	74,360	117,391	184,565	289,002
60	57,946	101,257	176,030	304,482	524,058	897,596
70	113,989	218,606	416,730	789,744	1:488,017	2:787,795
80	224,234	471,954	986,552	2:048,401	4 225,108	8:658,430
90	441,103	1:018,914	2:335,526	5:313,024	11:996,879	26:891,925
100	866,716	2:199,757	5:529,038	13:780,603	34:064,173	83:522,308
110	1:706,925	4:749,120	13:089,247	35:743,306	96:722,590	259:407,485
120	3:357,784	10:522,980	30:987,730	92:708,936	274:635,720	805:680,963

DIVISORES FIXOS

Para calcular juros a diversas taxas

TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS	TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS
1	—	36000	9½	—	3789
1⅛	—	32000	9¾	—	3692
1¼	—	28800	10	5/6	3600
1½	⅛	24000	10¼	—	3512
1¾	—	20571	10½	⅞	3428
2	1/6	18000	10¾	—	3349
2¼	—	16000	11	—	3273
2½	—	14400	11¼	—	3200
2¾	—	13091	11½	—	3130
3	¼	12000	11¾	—	3064
3¼	—	11077	12	1	3000
3½	—	10285	12½	—	2880
3¾	—	9600	13	—	2769
4	1/3	9000	13½	1⅛	2667
4¼	—	8471	14	1⅙	2571
4½	⅜	8000	14½	—	2483
4¾	—	7579	15	1¼	2400
5	—	7200	15½	—	2323
5¼	—	6857	16	1⅓	2250
5½	—	6545	16½	1⅜	2182
5¾	—	6261	17	—	2118
6	½	6000	17½	—	2057
6¼	—	5760	18	1½	2000
6½	—	5538	18½	—	1946
6¾	—	5333	19	—	1895
7	—	5143	19½	1⅝	1846
7¼	—	4965	20	1⅙	1800
7½	5/8	4800	20½	—	1756
7¾	—	4645	21	1¾	1714
8	4/6	4500	21½	—	1674
8¼	—	4364	22	1⅚	1636
8½	—	4235	22½	1⅞	1600
8¾	—	4114	23	—	1565
9	¾	4000	23½	—	1532
9¼	—	3892	24	2	1500

Explicação. — Torna-se facil por meio d'esta tabella calcular os juros de uma quantia durante qualquer numero de dias. Basta muliplicar o capital ou a quantia pelo numero de dias e dividir o producto pelo divisor fixo correspondente á taxa. O quociente da divisão é o juro procurado. Convém não confundir as taxas annuaes com as taxas mensaes, que são dadas em columnas separadas.

MOEDAS

I

Moedas brasileiras : especies, valores, pesos, titulos e modulos

ESPÉCIE	VALOR em reis	PESOS em grammas	TITULO em millesimos	METAL puro em grammas	MODULO em millim.ros	DECRETOS
Ouro..	20$000	17,930	917	16,441	30	Decreto n.º 6143 de 10 de Março 1876.
	10$000	8,965	917	8,220	22,5	
	5$000	4,482	917	4,110	—	Está desmonetizada.
Prata.	2$000	25,500	917	23,383	37	Decreto n.º 4822 de 18 de Novembro 1871.
	1$000	12,750	917	11,691	30	
	500	6,375	917	5,845	25	
Nickel	400	12,000	25 °/. de nickel e 5 °/. de cobre com a tolerancia de 1 °/. para mais ou para menos.		—	Estão desmonetizadas as antigas moedas de nickel.
	200	8,000			—	
	100	5,000			—	
Cobre.	40	12,000	95 partes de cobre		30	Decreto n.º 5469 de 19 de Novembro 1873.
	20	7,000	5 partes de estanho		25	Decreto n.º 4019 de 20 de Novembro 1867.
	10	3,500	1 parte de zinco		20	

NOTA. A *tolerancia* no peso das *moedas de ouro* é : de 5 centig. para mais ou para menos nas de 20$; e de 25 *millig.* nas de 10$; — no peso *das moedas de prata* é : de 10 centig. para mais ou para menos nas de 2$; de 5 centig. nas de 1$ e de 25 millig. nas de 500 reis ; — no peso *das moedas de nickel* é de 2 °/. para mais ou para menos. — A *tolerancia no titulo* tanto das moedas de ouro como das de prata é de dous millesimos. — As moedas de prata são acceitas em pagamento nas estações públicas sem limitação alguma ; os particulares não são obrigados a receber em pagamento mais de 20$. As moedas de nickel são dadas e recebidas em pagamento até 1$; as de cobre até a quantia de 200 reis. A relação legal entre o ouro e a prata é de 1 : 14,22. — As moedas de prata cunhadas no periodo de 30 de Sept. 1867 a 3 de Sept. 1870 têm o peso : de 25 gram. as de 2$; de 12.5 gr. as de 1$; de 6,25 gr. as de 500 reis e de 2,5 gr. as de 200 reis; as duas primeiras, do titulo de 900, as duas últimas, do título de 835 ; as do titulo de 900 têm menos 4 °/. de valor entrinseco, e as do titulo de 835 menos 10,5 °/. do que as actuaes. — A lei de 3 Sept. 1870 mandou desmonetizar todas as moedas de prata do titulo de 900 e as de valor de 200 reis do mesmo metal.

II

Principaes moedas extrangeiras

ALLEMANHA

Leis monetarias de 4 de Dezembro de 1871 e 9 de Julho de 1873.

Relação de ouro á prata 1 : 13.95.

Unidade : Reichsmark de ouro — 1fr.23457.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 900 .	20 marcos ou dupla corôa.	7.965	24.69	8,719
	10 marcos ou corôa	3.982	12.35	4,359
	5 marcos.	1.991	6.17	2,179
Prata a 900 .	5 marcos.	27.777	5.555	1,972
	2 marcos.	11.111	2.222	786
	Marco, dividido em 100 pfennig	5.555	1.111	393
	1/2 marco, ou 50 pfennig	2.777	0.555	197
	1/5 de marco, ou 29 pfennig.	1.111	0.222	78

Nickel . . .	10 pfennig.	0.111	93
	5 pfennig.	0.055	19
Cobre. . . .	2 pfennig	0.022	7
	1 pfennig	0.011	4

Por decisão de Junho de 1888, a circulação das moedas extrangeiras, no Imperio Allemão, ficou prohibida a contar de 1 de Junho do mesmo anno.

A circulação fiduciaria da Allemanha é regulada pela lei de 30 de Janeiro de 1875.

ARGENTINA (REP.)

Lei de 5 de Novembro de 1881.

Unidade : Peso de prata = 5 fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro 900	Argentino	8.064	25.00	8.829
	Médio Argentino.	4.032	12.50	4.414
Prata a 900	Peso dividido em 100 centavos . . .	25.000	5.00	1.765
	50 centavos	12.000	2.50	882
	20 centavos	5.000	1.00	353
	10 centavos	2.500	0.50	176
	5 centavos	1.250	0.25	88
Cobre	2 centavos		0.10	35
	1 centavo.		0.05	17

Quasi toda a circulação metalica compõe-se de soberanos inglezes, de moedas de 20 francos de França, de Hespanha e dos Estados hispano-americanos.

Na provincia de Buenos-Aires conta-se em *peso-papel*. Este peso, na época da sua creação representava uma piastra forte : hoje não vale sinão **72** reis (ouro) do Brasil, valor determinado por um decreto do governo da provincia em 1866. Divide-se o papel em 8 reaes.

Nas outras provincias conta-se por piastras fortes, de 1.910 reis (ouro) do Brasil.

Em Buenos-Aires, as mercadorias e os titulos são pagos em peso-papel. No commercio por atacado não é raro servirem-se de barras de ouro ou de prata para os pagamentos.

FRANÇA

Lei monetaria de 7 de Abril e 15 de Agosto de 1795, 28 de Março de 1803, 25 de Maio de 1864, 27 de Junho de 1866, 2 de Agosto de 1872, 31 de Julho e 31 de Outubro de 1879.

Unidade : Franco 1 = fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro a 900	100 francos	32,258	100.00	35.316
	50 francos	16,129	50.00	17.658
	20 francos	6,452	20.00	7.063
	10 francos	3,226	10.00	3.352
	5 francos	1,613	5.00	1.766

Prata a 900	5 francos	25,000	5.00	1.766
Prata a 835	2 francos	10,000	1.86	657
	Franco, dividido em 100 centesimos.	5,000	0.93	328
	50 centesimos	2,500	0.46	164
	20 centesimos	1,000	0.19	67
Bronze	10 centesimos	10,000		37
	5 centesimos	5,000		13
	2 centesimos	2,500		5
	1 centesimo	1,000		3

ESTADOS-UNIDOS

Leis monetarias de 12 de Fevereiro de 1873 e 28 de Fevereiro de 1878.

Relação de ouro a prata, 1 : 15.98.

Unidade : Dollar de ouro = 5 fr. 1825.

Ouro a 900	Fifty Dol (California)	80,718	259.130	91.510
	Aguia dupla, 20 dollars	33,436	103.655	36.607
	Aguia, 10 dollars	16,718	51.827	18.303
	Meia aguia, 5 dollars	8,359	25.913	9.151
	3 dollars	5,015	15.548	5.491
	Quarto d'aguia 2 1/2 dollars	4,179	12.956	4.575
	Dollar (Lei de 12 de Abril de 1873)	1,672	5.182	1.830
Prata a 900	Dollar de 100 cent. (Lei de 28 de Fev. 1878)	26,729	5.345	1.888
	1/2 dollar, 50 cents	12,500	2.50	883
	3/4 de dollar, 25 cents	6,250	1.25	441
	2/5 de dollar, 20 cents	5,000	1.00	453
	Dime. 10 cents	2,500	0.50	176

INGLATERRA

Leis monetarias de 1816, 4 de Abril de 1870 e 17 de Maio de 1887.

Unidade : Libra esterlina, soberano ou pound = 25 fr. 22128.

A libra esterlina divide-se em 20 shillings, cada shilling em 12 pence e cada penny em 4 farthings.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 916.66	5 soberanos	39,940	126.107	44.536
	2 soberanos	15,976	50.442	17.813
	Soberano (sovereign)	7,988	25.221	8.906
	Meio soberano	3,994	12.610	4.453

Prata a 926	Corôa, 5 shillings	28,276	5.811	2.052
	Meia corôa	14,138	2.905	1.006
	Duplo florim, 4 shillings	22,620	4.648	1.640
	Florim, 2 shillings.	11,300	2.325	820
	Shilling.	5,655	1.161	410
	6 pence.	2,828	0.580	205
	4 pence (groat) (*).	1,885	0.387	137
	3 pence.	1,414	0.291	101
	2 pence.	0,942	0.195	21
	Penny	0,471	0.097	25
Prata a 893	Escudo de banco ou dollar de Jorge III.	28,717	5.22	1.860
	5 shillings	13,030	3.19	1.127
	1 shilling	8,015	1.59	562

(*) Essas moedas são cunhadas exclusivamente para a distribuição da *caridade real*, no dia da quinta-feira santa de cada anno. O lord grão esmoler e a deão de Windsor, seguidos de numeroso pessoal da aristocracia e do alto clero, distribuem, em nome do soberano, vestuarios e dinheiro a tantos pobres de ambos sexos quantos são os annos do monarcha; o numero de peças de moeda em cada bolsa, é tambem igual ao dos dictos annos. Cunham-se cada anno 198 libras d'essas moedinhas; as sobras, depois da distribuição, são remettidas á rainha, Este uso remonta a Carlos II, 1666.

O principe fulano deve visitar-nos muito brevemente, elle viaja incognito acompanhado de 300 pessoas que formam o seu sequito.

Como se ignora precisamente o dia e hora da sua chegada rogamos a todos que desejem saúdar sua Alteza, o favor de se reunirem na gare, na vespera, meia hora antes da chegada.

Um patrão dá ordem ao cocheiro de ir comprar um litro de leite.

— Mas meu senhor, responde este isso é serviço d'uma creada!

— Ah! e o vosso qual é?

— O meu é tratar os cavallos apparelhal-os e conduzir o carro.

— Muito bem, replica o patrão, queira preparar o carro para conduzir uma das creadas buscar o leite.

CAMBIO

Valor dos metaes e das moedas dos principaes paizes que têm relações commerciaes com o Brasil segundo o estado do cambio entre o Brasil e a Inglaterra.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Repub. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do shilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
6—	40$000	2$000	1$589	8$899	1$962	8$235	8$510	7$945	350,00	77,78
1/16	39$587	1$979	1$572	8$807	1$941	8$151	8$422	7$863	345,36	77,55
1/8	39$183	1$959	1$556	8$717	1$921	8$067	8$335	7$770	340,82	77,31
3/16	38$787	1$939	1$541	8$629	1$902	7$986	8$252	7$704	336,36	77,08
1/4	38$400	1$920	1$525	8$543	1$883	7$906	8$170	7$627	332,00	76,85
5/16	38$019	1$900	1$510	8$458	1$864	7$828	8$089	7$552	327,72	76,62
3/8	37$647	1$882	1$495	8$375	1$846	7$751	8$010	7$478	323,53	76,39
7/16	37$281	1$864	1$481	8$294	1$828	7$676	7$932	7$405	319,42	76,16
1/2	36$923	1$846	1$466	8$214	1$811	7$602	7$855	7$334	315,38	75,93
9/16	36$571	1$828	1$452	8$136	1$793	7$530	7$781	7$264	311,43	75,69
5/8	36$226	1$811	1$439	8$059	1$776	7$458	7$707	7$195	307,55	75,46
11/16	35$887	1$794	1$425	7$984	1$760	7$389	7$635	7$128	303,74	75,23
3/4	35$555	1$777	1$412	7$910	1$744	7$320	7$565	7$062	300,00	75,00
13/16	35$229	1$761	1$399	7$837	1$728	7$253	7$495	6$997	296,33	74,77
7/8	34$909	1$745	1$386	7$766	1$712	7$187	7$423	6$934	292,73	74,54
15/16	34$594	1$729	1$374	7$696	1$696	7$122	7$360	6$871	289,19	74,31
7—	34$285	1$714	1$362	7$627	1$681	7$059	7$292	6$810	285,71	74,07
1/16	33$982	1$699	1$350	7$560	1$666	6$996	7$230	6$750	282,30	73,84
1/8	33$684	1$684	1$338	7$493	1$652	6$935	7$166	6$690	278,95	73,61
3/16	33$391	1$669	1$326	7$428	1$637	6$875	7$104	6$632	275,65	73,38
1/4	33$103	1$655	1$315	7$364	1$623	6$815	7$043	6$575	272,41	73,15
5/16	32$820	1$641	1$303	7$301	1$609	6$757	6$983	6$519	269,23	72,92
3/8	32$542	1$627	1$292	7$239	1$596	6$700	6$923	6$464	266,10	72,68
7/16	32$268	1$613	1$282	7$179	1$582	6$644	6$865	6$409	263,02	72,45
1/2	32$000	1$600	1$271	7$119	1$569	6$588	6$808	6$356	260,00	72,22
9/16	31$735	1$586	1$260	7$060	1$556	6$534	6$752	6$303	257,02	71,99
5/8	31$475	1$573	1$250	7$002	1$543	6$480	6$696	6$252	254,10	71,76
11/16	31$219	1$560	1$240	6$945	1$531	6$428	6$642	6$201	251,22	71,53
3/4	30$967	1$548	1$230	6$889	1$518	6$376	6$588	6$151	248,39	71,30
13/16	30$720	1$536	1$220	6$834	1$506	6$325	6$536	6$102	245,60	71,06
7/8	30$476	1$523	1$210	6$780	1$494	6$275	6$484	6$053	242,86	70,83
15/16	30$236	1$511	1$201	6$726	1$483	6$225	6$433	6$006	240,16	70,60
8—	30$000	1$500	1$191	6$674	1$471	6$176	6$382	5$959	237,50	70,37
1/16	29$767	1$488	1$182	6$622	1$460	6$129	6$333	5$912	234,88	70,14
1/8	29$538	1$476	1$173	6$571	1$448	6$081	6$284	5$867	232,31	69,91
3/16	29$312	1$465	1$164	6$521	1$437	6$035	6$236	5$822	229,77	69,68
1/4	29$090	1$454	1$155	6$472	1$426	5$989	6$189	5$778	227,27	69,45
5/16	28$872	1$443	1$147	6$423	1$416	5$944	6$143	5$734	224,81	69,22
3/8	28$656	1$432	1$138	6$375	1$405	5$900	6$097	5$692	222,39	68,98
7/16	28$444	1$422	1$130	6$328	1$395	5$856	6$052	5$650	220,00	68,75
1/2	28$235	1$411	1$121	6$281	1$384	5$813	6$007	5$608	217,65	68,52
9/16	28$029	1$401	1$113	6$235	1$374	5$771	5$963	5$567	215,33	68,29

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas e suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Norddeutscher Lloyd, Bremen

Sahidas dos paquetes quinzenalmente do Rio de Janeiro para

BAHIA, MADEIRA, LISBOA e LEIXÕES

ANTUERPIA e BREMEN

tocando um vapor por mez em ROTTERDAM

PAQUETES : *Erlangen* *Crefeld* *Bonn* *Halle*
Aachen *Würzburg* *Coblenz* *Heidelberg*

Todos os paquetes têm boas e modernas accomodações para passageiros têm medico, creada e cosinheiro portuguez a bordo.

A Companhia fornece conducção gratuita aos Srs. passageiros e suas bagagens.

Os vapores acceitam cargas directamente para MADEIRA, LISBOA e LEIXÕES.

Preços das Passagens

	1.ª classe	3.ª classe		1.ª classe	3.ª classe
Madeira	Lb. 17	Rs. 63$000	Rotterdam	M. 500	Lb. 10
Lisboa			Antuerpia		
Leixões			Bremen:		

Excluindo o imposto de transporte

Para passagens e mais informações trata-se com os agentes geraes para o Brasil **Herm. Stoltz & C.**

Avenida Central 66 a 74 – Rio de Janeiro

AGENTES NOS ESTADOS :

Pernambuco	Neesen e C.ª	**Bahia**	Behrmann e C.ª
Maceió	Herm. Stoltz e C.ª	**Santos**	Zerrener, Bulow e C.ª
S. Francisco do Sul . .	Carl Hoepcke e Cª.		

BANCO ALLIANÇA

Fundado em 1863

Capital Reis Fortes 4:000$000$000

Caixa Filial no Rio de Janeiro

106, RUA DO ROSARIO, 106

Saques, cartas de credito e de ordens sobre :

Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, França, Londres, Allemanha, Hollanda, Belgica e Suissa.

ques telegraphicos sobre Portugal, Hespanha, Paris e Londres

ENCARREGA-SE DO RECEBIMENTO DE JUROS DE PAPEIS DE CREDITO E ADMINISTRAÇÃO DE PREDIOS

O Banco Alliança não tem outras succursaes no Rio de Janeiro.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reisch-mark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
8 5/8	27$826	1$391	1$105	6$190	1$364	5$729	5$920	5$527	213,04	68,06
11/16	27$625	1$381	1$097	6$146	1$355	5$688	5$877	5$487	210,79	67,83
3/4	27$428	1$371	1$089	6$102	1$345	5$647	5$835	5$448	208,57	67,59
13/16	27$234	1$361	1$082	6$058	1$335	5$607	5$794	5$409	206,38	67,36
7/8	27$042	1$352	1$074	6$016	1$326	5$567	5$753	5$371	204,22	67,13
15/16	26$853	1$342	1$066	5$974	1$317	5$529	5$713	5$334	202,10	66,90
9—	26$666	1$333	1$059	5$932	1$308	5$490	5$673	5$296	200,00	66,67
1/16	26$482	1$324	1$052	5$891	1$298	5$452	5$634	5$260	197,93	66,44
1/8	26$301	1$315	1$044	5$851	1$290	5$415	5$596	5$224	195,89	66,21
3/16	26$122	1$306	1$037	5$811	1$281	5$378	5$557	5$188	193,88	65,97
1/4	25$945	1$297	1$030	5$772	1$272	5$342	5$520	5$153	191,89	65,74
5/16	25$771	1$288	1$023	5$733	1$264	5$306	5$483	5$119	189,93	65,51
3/8	25$600	1$280	1$017	5$695	1$255	5$271	5$446	5$085	188,00	65,28
7/16	25$430	1$271	1$010	5$657	1$247	5$236	5$410	5$051	186,09	65,05
1/2	25$263	1$263	1$003	5$620	1$239	5$201	5$375	5$018	184,21	64,82
9/16	25$098	1$254	$997	5$583	1$231	5$167	5$340	4$985	182,35	64,59
5/8	24$935	1$246	$990	5$547	1$223	5$134	5$305	4$952	180,52	64,35
11/16	24$774	1$238	$984	5$511	1$215	5$100	5$271	4$921	178,71	64,12
3/4	24$615	1$230	$977	5$476	1$207	5$068	5$237	4$889	176,92	63,89
13/16	24$458	1$222	$971	5$441	1$199	5$036	5$203	4$858	175,16	63,66
7/8	24$303	1$215	$965	5$407	1$192	5$004	5$171	4$827	173,42	63,43
15/16	24$150	1$207	$959	5$373	1$184	4$972	5$138	4$797	171,70	63,20
10—	24$000	1$200	$953	5$339	1$177	4$941	5$104	4$767	170,00	62,96
1/16	23$850	1$192	$947	5$306	1$169	4$910	5$074	4$737	168,32	62,73
1/8	23$703	1$185	$941	5$273	1$162	4$880	5$043	4$703	166,67	62,50
3/16	23$558	1$177	$935	5$241	1$155	4$850	5$012	4$679	165,03	62,27
1/4	23$414	1$170	$930	5$209	1$148	4$821	4$981	4$650	163,41	62,04
5/16	23$272	1$163	$924	5$177	1$141	4$791	4$951	4$622	161,82	61,81
3/8	23$132	1$156	$919	5$146	1$134	4$762	4$921	4$594	160,24	61,58
7/16	22$994	1$149	$913	5$115	1$127	4$734	4$892	4$567	158,68	61,34
1/2	22$857	1$142	$908	5$085	1$121	4$706	4$863	4$540	157,14	61,11
9/16	22$721	1$136	$902	5$055	1$114	4$678	4$834	4$513	155,62	60,88
5/8	22$588	1$129	$897	5$025	1$107	4$650	4$806	4$486	154,12	60,65
11/16	22$456	1$122	$892	4$995	1$101	4$623	4$777	4$460	152,63	60,42
3/4	22$325	1$116	$886	4$966	1$095	4$596	4$750	4$434	151,16	60,19
13/16	22$196	1$109	$881	4$938	1$088	4$570	4$722	4$408	149,71	59,95
7/8	22$068	1$103	$876	4$909	1$082	4$543	4$695	4$383	148,27	59,72
15/16	21$942	1$097	$871	4$881	1$076	4$518	4$668	4$358	146,86	59,49
11—	21$818	1$090	$866	4$854	1$070	4$492	4$642	4$333	145,45	59,26
1/16	21$694	1$084	$861	4$826	1$064	4$466	4$615	4$309	144,07	59,03
1/8	21$573	1$078	$857	4$799	1$058	4$441	4$590	4$285	142,70	58,90
3/16	21$452	1$072	$852	4$772	1$052	4$417	4$564	4$261	141,34	58,57
1/4	21$333	1$066	$847	4$746	1$046	4$392	4$539	4$237	140,00	58,33
5/16	21$215	1$060	$842	4$719	1$040	4$368	4$513	4$214	138,67	58,10
3/8	21$098	1$054	$838	4$693	1$034	4$344	4$489	4$190	137,36	57,87
7/16	20$983	1$049	$833	4$668	1$029	4$320	4$464	4$168	136,07	57,64

1) A columna relativa ao valor do franco de França, serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Brasilianische Bank für Deutschland

FUNDADO EM HAMBURGO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1887

PELA

Direction der Disconto Gesellschaft em Berlin

E

NORDDEUTSCHE BANK IN HAMBURG (EM HAMBURGO)

Capital realisado 10.000.000 -- Marcos

CAIXA MATRIZ EM HAMBURGO

CAIXAS FILIAES

RIO DE JANEIRO ..... **Rua da Quitanda, n. 109**
CAIXA DO CORREIO 108

S. PAULO ..... **Rua Quinze de Novembro, n. 42**
CAIXA DO CORREIO 520

SANTOS ..... **Rua Quinze de Novembro, n. 57**
CAIXA DO CORREIO 185

PORTO ALEGRE ..... **Rua dos Andradas**
CAIXA DO CORREIO 27

BAHIA ..... **Rua das Princezas**
CAIXA DO CORREIO 152

Tem correspondentes em todos os portos do Brazil assim como em todas as praças mais importantes do Interior

Endereço Telegraphico para a caixa matriz *NORDBANK* e para todas as filiaes *ALLEMABANK*

Sacca sobre Banqueiros na:

ALLEMANHA, FRANÇA,
INGLATERRA, ITALIA,
HESPANHA, PORTUGAL,
AMERICA DO NORTE

e sobre outro qualquer paiz

O Banco abre contas correntes sem e com previo aviso, bonificando juros conforme fôr convencionado, paga juros sobre depositos a prazo fixo, encarrega-se de compra e venda de acções, titulos, etc., e executa transacções bancarias de qualquer especie.

Informações mais detalhadas serão fornecidas a pedido pelas Directorias das diversas filiaes.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do shilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
11½	20$869	1$043	$829	4$642	1$023	4$297	4$440	4$145	134,78	57,41
9/16	20$756	1$037	$824	4$617	1$018	4$273	4$416	4$122	133,51	57,18
5/8	20$645	1$032	$820	4$593	1$012	4$250	4$392	4$100	132,26	56,95
11/16	20$534	1$026	$815	4$568	1$007	4$228	4$369	4$078	131,02	56,71
3/4	20$425	1$021	$811	4$544	1$001	4$205	4$345	4$057	129,79	56,48
13/16	20$317	1$015	$807	4$520	$996	4$183	4$322	4$035	128,57	56,25
7/8	20$210	1$010	$802	4$496	$991	4$161	4$300	4$014	127,37	56,02
15/16	20$104	1$005	$798	4$472	$986	4$139	4$277	3$993	126,18	55,79
12—	20$000	1$000	$794	4$449	$981	4$117	4$248	3$972	125,00	55,56
1/16	19$896	$994	$790	4$426	$975	4$096	4$233	3$952	123,83	55,33
1/8	19$793	$989	$786	4$403	$970	4$075	4$211	3$931	122,68	55,10
3/16	19$692	$984	$782	4$381	$965	4$054	4$189	3$911	121,54	54,86
1/4	19$591	$979	$778	4$358	$960	4$033	4$168	3$891	120,41	54,63
5/16	19$492	$974	$774	4$336	$956	4$013	4$147	3$871	119,29	54,40
3/8	19$393	$969	$770	4$314	$951	3$993	4$126	3$852	118,18	54,17
7/16	19$296	$964	$766	5$293	$946	3$973	4$105	3$833	117,09	53,94
1/2	19$200	$960	$762	4$271	$941	3$953	4$085	3$813	116,00	53,71
9/16	19$104	$955	$759	4$250	$937	3$933	4$064	3$794	114,93	53,47
5/8	19$009	$950	$755	4$229	$932	3$914	4$044	3$776	113,86	53,24
11/16	18$916	$945	$751	4$208	$927	3$894	4$024	3$757	112,80	53,01
3/4	18$823	$941	$747	4$187	$923	3$875	4$005	3$739	111,76	52,78
13/16	18$731	$936	$744	4$167	$918	3$856	3$985	3$721	110,73	52,55
7/8	18$640	$932	$740	4$147	$914	3$838	3$966	3$702	109,70	52,32
15/16	18$550	$927	$737	4$127	$909	3$819	3$946	3$685	108,69	52,09
13—	18$461	$923	$733	4$107	$905	3$801	3$927	3$667	107,69	51,85
1/16	18$373	$918	$729	4$087	$901	3$783	3$909	3$649	106,69	51,62
1/8	18$285	$914	$726	4$068	$896	3$765	3$890	3$632	105,70	51,38
3/16	18$199	$909	$723	4$048	$892	3$747	3$872	3$615	104,73	51,15
1/4	18$113	$905	$719	4$029	$888	3$729	3$853	3$598	103,77	50,92
5/16	18$028	$901	$716	4$010	$884	3$711	3$835	3$581	102,81	50,69
3/8	17$943	$897	$712	3$992	$880	3$694	3$817	3$564	101,86	50,46
7/16	17$860	$893	$709	3$973	$876	3$677	3$800	3$547	100,93	50,23
1/2	17$777	$888	$706	3$955	$872	3$660	3$782	3$531	100,00	50,00
9/16	17$695	$884	$703	3$936	$867	3$643	3$765	3$515	99,07	49,76
5/8	17$614	$880	$699	3$918	$864	3$626	3$747	3$499	98,16	49,54
11/16	17$534	$876	$696	3$900	$860	3$610	3$730	3$483	97,26	49,30
3/4	17$454	$872	$693	3$883	$856	3$593	3$713	3$467	96,36	49,07
13/16	17$375	$868	$690	3$865	$852	3$577	3$696	3$451	95,47	48,84
7/8	17$297	$864	$687	3$848	$848	3$561	3$680	3$436	94,59	48,61
15/16	17$219	$860	$684	3$830	$844	3$545	3$663	3$420	93,71	48,38
14—	17$142	$857	$681	3$813	$840	3$529	3$647	3$405	92,85	48,14
1/16	17$066	$853	$678	3$796	$837	3$514	3$631	3$390	91,99	47,91
1/8	16$991	$849	$675	3$780	$833	3$498	3$615	3$375	91,15	47,68
3/16	16$916	$845	$672	3$763	$829	3$483	3$599	3$360	90,30	47,45
1/4	16$842	$842	$669	3$746	$826	3$467	3$583	3$345	89,47	47,22
5/16	16$768	$838	$666	3$730	$822	3$452	3$565	3$331	88,64	46,99

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

BANCO COMMERCIALE

Italo Brasiliano

SOCIEDADE ANONYMA

Capital Social : 5:000$000$000

Fundo de Reserva : 1:000$000$000

Rio de Janeiro, S. Paulo,
Santos, Botucatú, Espirito Santo, Ribeirão Preto,
S. Carlos do Pinhal.

Dinheiro em conta corrente — Descontos — Lettras
Vales para a Italia
e para todos os paizes do mundo.

Remessas telegraphicas, Cambio, Cobranças,
Depositos a prazo fixo.

45, Rua Primeiro de Março, 45

RIO DE JANEIRO

31, Rua 15 de Novembro, 31

S. PAULO

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguay	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
14 3/8	16$695	$834	$663	3$714	$818	3$437	3$552	3$316	87,82	46,75
7/16	16$623	$831	$660	3$698	$815	3$422	3$536	3$302	87,01	46,52
1/2	16$551	$827	$657	3$682	$811	3$407	3$521	3$287	86,20	46,29
9/16	16$480	$824	$654	3$666	$808	3$393	3$506	3$273	85,40	46,06
5/8	16$410	$820	$651	3$650	$804	3$378	3$491	3$259	84,61	45,83
11/16	16$340	$817	$649	3$635	$801	3$364	3$476	3$246	83,82	45,60
3/4	16$271	$813	$646	3$619	$798	3$350	3$461	3$232	83,05	45,37
13/16	16$202	$810	$643	3$604	$794	3$336	3$447	3$218	82,27	45,13
7/8	16$134	$806	$641	3$589	$791	3$322	3$432	3$205	81,51	44,90
15/16	16$066	$803	$638	3$574	$788	3$308	3$418	3$191	80,75	44,67
15—	16$000	$800	$635	3$559	$784	3$294	3$404	3$178	80,00	44,44
1/16	15$933	$796	$633	3$544	$781	3$280	3$390	3$165	79,25	44,21
1/8	15$867	$793	$630	3$530	$778	3$267	3$376	3$152	78,51	43,98
3/16	15$802	$790	$627	3$515	$775	3$253	3$362	3$139	77,77	43,75
1/4	15$737	$786	$625	3$501	$771	3$240	3$348	3$126	77,04	43,51
5/16	15$673	$783	$622	3$486	$768	3$227	3$334	3$113	76,32	43,28
3/8	15$609	$780	$620	3$472	$765	3$214	3$321	3$100	75,60	43,03
7/16	15$546	$777	$617	3$458	$762	3$201	3$307	3$088	74,89	42,82
1/2	15$483	$774	$615	3$444	$759	3$188	3$294	3$075	74,18	42,59
9/16	15$421	$771	$612	3$430	$756	3$175	3$281	3$063	73,49	42,36
5/8	15$360	$768	$610	3$417	$753	3$162	3$268	3$051	72,80	42,13
11/16	15$298	$764	$607	3$403	$750	3$150	3$255	3$039	72,11	41,89
3/4	15$238	$761	$605	3$390	$747	3$137	3$242	3$027	71,42	41,66
13/16	15$177	$758	$603	3$376	$744	3$125	3$229	3$015	70,75	41,43
7/8	15$118	$755	$600	3$363	$741	3$112	3$216	3$003	70,07	41,20
15/16	15$058	$752	$598	3$350	$738	3$100	3$204	2$991	69,41	40,97
16—	15$000	$750	$595	3$337	$735	3$088	3$191	2$979	68,75	40,74
1/16	14$941	$747	$593	3$324	$732	3$076	3$179	2$968	68,09	40,50
1/8	14$883	$744	$591	3$311	$730	3$064	3$166	2$956	67,44	40,27
3/16	14$826	$741	$589	3$298	$727	3$052	3$154	2$945	66,79	40,04
1/4	14$769	$738	$586	3$285	$724	3$040	3$142	2$933	66,15	39,81
5/16	14$712	$735	$584	3$273	$721	3$029	3$130	2$922	65,51	39,58
3/8	14$656	$732	$582	3$260	$718	3$017	3$118	2$911	64,88	39,35
7/16	14$600	$730	$580	3$248	$716	3$006	3$106	2$900	64,25	39,12
1/2	14$545	$727	$577	3$236	$713	2$994	3$094	2$889	63,63	38,88
9/16	14$490	$724	$575	3$223	$710	2$983	3$083	2$878	63,01	38,65
5/8	14$436	$721	$573	3$211	$708	2$972	3$071	2$867	62,40	38,42
11/16	14$382	$719	$571	3$199	$705	2$961	3$060	2$856	61,79	38,19
3/4	14$328	$716	$569	3$187	$702	2$950	3$048	2$846	61,19	37,96
13/16	14$275	$713	$567	3$175	$700	2$939	3$037	2$835	60,59	37,73
7/8	14$222	$711	$565	3$164	$697	2$928	3$026	2$825	60,00	37,50
15/16	14$169	$708	$562	3$152	$695	2$917	3$014	2$814	59,40	37,26
17—	14$117	$705	$560	3$140	$692	2$906	3$003	2$804	58,82	37,03

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

THE BRITISH BANK
OF
South America, Ltd.

Casa Matriz :

2-A, MOORGATE STREET (London, E. C.)

Capital subscripto. £ 1,300,000 | Capital realisado.... £ 450.000
Fundo de Reserva..... £ 600,000

Filiaes : S. Paulo, Bahia, Buenos Ayres, Montevidéo e Rosario.

Agentes em Santos : F. S. Hempshire e C. Limited,

Correspondentes em : Manáos, Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Maceió, Curityba, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre.

Sacca sobre a « Casa Matriz » de Londres e tambem sobre : The London Joint Stock Bank Limited=London e cidades principaes da Inglaterra.

Heine e Co . . . . . Paris.
Banque de Bordeaux. . . . . Bordeus.
J. Berenberg, Gossler e Co. . . . . Hamburgo.

e Correspondentes na Allemanha.

Ressi e Co . . . . . Milão.
Banca Commerciale Italiana . . . . . Genova.
Societá Bancaria Italiana. . . . . Genova.

e Correspondentes na Italia.

E. Sainz e Hijos. . . . . Madrid.
Garcia Calamarte e Co. . . . . Madrid.

e Correspondentes na Hespanha.

Crédit Franco-Portugais . . . . . Porto.
Banco de Portugal. . . . . Lisboa.

e Correspondentes em Portugal.

The Bank of New-York N. B. A. . . . . New-York.

Tambem sacca sobre « Africa do Sul » — Australia — Nova Zelandia e as principaes cidades da costa Occidental da America do Sul.

Abre Contas Correntes — Recebe depositos em Conta Corrente e a prazo fixo e faz qualquer outra operação bancaria.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
17	705,882	14$117,647	561,125	692,744	2$908,061	31$764,705	314$197,923	2$805,629	58,82	37,03
1/32	704,587	14$091,743	560,096	691,473	2$902,725	31$706,422	313$621,413	2$800,481	58,53	36,92
1/16	703,296	14$065,934	559,070	690,207	2$897,409	31$648,351	313$047,015	2$795,352	58,24	36,80
3/32	702,010	14$040,219	558,048	688,945	2$892,112	31$590,493	312$474,721	2$790,242	57,95	36,68
1/8	700,729	14$014,598	557,030	687,688	2$886,834	31$532,846	311$904,508	2$785,150	57,67	36,57
5/32	699,453	13$989,071	556,015	686,435	2$881,576	31$475,409	311$336,375	2$780,077	57,38	36,45
3/16	698,181	13$963,636	555,004	685,187	2$876,337	31$418,181	310$770,309	2$775,022	57,09	36,34
7/32	696,914	13$938,294	553,996	683,943	2$870,935	31$361,141	310$206,100	2$769,984	56,80	36,22
1/4	695,652	13$913,043	552,993	682,704	2$865,917	31$304,347	309$644,330	2$764,968	56,52	36,11
9/32	694,394	13$887,884	551,993	681,470	2$860,733	31$247,739	309$084,394	2$759,968	56,23	35,99
5/16	693,140	13$862,815	550,997	680,240	2$855,569	31$191,335	308$526,480	2$754,986	55,95	35,87
11/32	691,891	13$837,837	550,004	679,014	2$850,424	31$135,135	307$970,577	2$750,022	55,67	35,76
3/8	690,647	13$812,949	549,015	677,793	2$845,297	31$079,136	307$416,673	2$745,076	55,39	35,64
13/32	689,407	13$788,150	548,029	676,576	2$840,189	31$023,339	306$864,758	2$740,148	55,12	35,53
7/16	688,172	13$763,440	547,047	675,364	2$835,099	30$967,741	306$314,821	2$735,237	54,84	35,41
15/32	686,940	13$738,819	546,068	674,155	2$830,027	30$912,343	305$766,852	2$730,344	54,56	35,30
1/2	685,714	13$714,285	545,093	672,952	2$824,974	30$857,142	305$220,840	2$725,468	54,29	35,18
17/32	684,491	13$689,839	544,122	671,752	2$819,938	30$802,133	304$676,774	2$720,610	54,01	35,06
9/16	683,274	13$665,480	543,153	670,557	2$814,920	30$747,330	304$134,644	2$715,769	53,73	34,95
19/32	682,060	13$641,207	542,189	669,366	2$809,920	30$692,717	303$594,441	2$710,945	53,46	34,83
5/8	680,851	13$617,021	541,227	668,179	2$804,938	30$638,297	303$056,153	2$706,139	53,19	34,72
21/32	679,646	13$592,920	540,269	666,996	2$799,974	30$584,070	302$519,770	2$701,349	52,92	34,60
11/16	678,445	13$568,904	539,315	665,818	2$795,027	30$530,035	301$985,283	2$696,576	52,65	34,49
23/32	677,248	13$544,973	538,364	664,643	2$790,097	30$476,190	301$452,681	2$691,820	52,39	34,37
3/4	676,056	13$521,126	537,416	663,473	2$785,185	30$422,535	300$921,955	2$687,081	52,11	34,25
25/32	674,868	13$497,363	536,471	662,307	2$780,290	30$369,068	300$393,093	2$682,359	51,84	34,14
13/16	673,684	13$473,684	535,530	661,145	2$775,413	30$315,789	299$866,088	2$677,653	51,57	34,02
27/32	672,504	13$450,087	534,592	659,987	2$770,552	30$262,697	299$340,928	2$672,964	51,31	33,91
7/8	671,328	13$426,573	533,658	658,834	2$765,708	30$209,790	298$817,605	2$668,291	51,04	33,79
29/32	670,157	13$403,141	532,726	657,684	2$760,882	30$157,068	298$296,109	2$663,634	50,78	33,68
15/16	668,989	13$379,790	531,798	656,538	2$756,072	30$104,529	297$776,429	2$658,993	50,52	33,56
31/32	667,826	13$356,521	530,873	655,396	2$751,279	30$052,173	297$258,557	2$654,369	50,26	33,44
18	666,666	13$333,333	529,952	654,258	2$746,502	30$000,000	296$742,483	2$649,761	50,00	33,33
1/32	665,511	13$310,225	529,033	653,124	2$741,742	29$948,006	296$228,197	2$645,168	49,74	33,21
1/16	664,359	13$287,197	528,118	651,995	2$736,999	29$896,193	295$715,692	2$640,592	39,48	33,10
3/32	663,212	13$264,248	527,206	650,868	2$732,271	29$844,559	295$204,957	2$636,031	49,22	32,98
1/8	662,068	13$241,379	526,297	649,746	2$727,561	29$793,103	294$695,933	2$631,487	48,96	32,87
5/32	660,929	13$218,588	525,391	648,628	2$722,866	29$741,824	294$188,761	2$626,957	48,70	32,75
3/16	659,793	13$195,876	524,488	647,513	2$718,188	29$690,721	293$683,292	2$622,444	48,45	32,63
7/32	658,662	13$173,241	523,589	646,403	2$713,525	29$639,794	293$179,537	2$617,945	48,19	32,52
1/4	657,534	13$150,684	522,699	645,296	2$708,879	29$589,041	292$677,516	2$613,463	47,94	32,40
9/32	656,410	13$128,205	521,799	644,115	2$704,249	29$538,461	292$177,214	2$608,995	47,69	32,29
5/16	655,290	13$105,802	520,908	643,094	2$699,633	29$488,054	291$678,616	2$604,543	47,44	32,17
11/32	654,173	13$083,475	520,021	641,998	2$695,034	29$437,819	291$181,721	2$600,106	47,18	32,06
3/8	653,061	13$061,224	519,136	640,906	2$690,451	29$387,755	290$686,514	2$595,684	46,93	31,94
13/32	651,952	13$039,049	518,255	639,818	2$685,883	29$337,860	290$192,988	2$591,277	46,68	31,83
7/16	650,847	13$016,949	517,377	638,734	2$681.331	29$288,135	299$701,136	2$586,885	46,44	31,71
15/32	649,746	12$994,923	516,501	637,653	2$676,794	29$238,578	289$210,948	2$582,508	46,19	31,59
1/2	648,648	12$972,972	515,629	636,576	2$672,272	29$189,189	288$722,416	2$573,146	45,94	31,48
17/32	647,554	12$951,096	514,759	635,502	2$667,766	29$139,966	288$235,531	2$573,709	45,70	31,36
9/16	646,464	12$929,292	513,893	634,432	2$663,275	29$090,909	287$750,287	2$569,465	45,45	31,25
19/32	645,378	12$907,563	513,029	633,366	2$658,799	29$042,017	287$266,682	2$565,147	45,21	31,13
5/8	644,295	12$885,906	512,168	632,303	2$654,338	27$993,288	286$784,682	2$560,843	44,96	31,01
21/32	643,216	12$864,321	511,310	031,244	2$649,891	28$944,723	286$304,305	2$556,551	44,72	30,90
11/16	642,140	12$842,809	510,455	630,189	2$645,460	28$896,321	285$825,535	2$552,278	44,48	30,78

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
18 23/32	641,068	12$821,368	509,603	629,137	2$641,044	28$848,080	285$348,364	2$548,017	44,24	30,67
3/4	640,000	12$800,000	508,754	628,088	2$636,642	28$800,000	284$872,784	2$543,770	44,00	30,55
25/32	638,935	12$778,702	507,907	627,043	2$632,255	28$752,079	284$398,786	2$539,538	43,76	30,43
13/16	637,873	12$757,475	507,063	626,001	2$627,882	28$704,318	283$926,362	2$535,319	43,52	30,32
27/32	636,815	12$736,318	506,223	624,963	2$623,524	28$656,716	283$455,506	2$531,115	43,28	30,20
7/8	635,761	12$715,231	505,384	623,929	2$619,181	28$609,271	282$986,229	2$526,924	43,04	30,09
29/32	634,710	12$694,214	504,549	622,897	2$614,852	28$561,983	282$518,463	2$522,747	42,80	29,97
15/16	633,663	12$673,267	503,716	621,869	2$610,537	28$514,851	282$052,261	2$518,584	42,56	29,86
31/32	632,619	12$652,388	502,887	620,845	2$606,235	28$467,874	281$587,595	2$514,435	42,33	29,74
19	631,578	12$631,578	502,060	619,824	2$601,949	28$421,052	281$124,458	2$510,300	42,10	29,62
1/32	630,541	12$610,837	501,235	618,806	2$597,677	28$374,384	280$662,841	2$506,178	41,87	29,51
1/16	629,508	12$590,163	500,414	617,792	2$593,420	28$327,868	280$202,738	2$502,071	41,63	29,39
3/32	628,477	12$569,558	499,594	616,780	2$589,174	28$281,505	279$744,141	2$497,974	41,40	29,28
1/8	627,450	12$549,019	498,778	615,773	2$584,943	28$235,294	279$287,043	2$493,892	41,17	29,16
5/32	626,427	12$528,548	497,984	614,768	2$580,726	28$189,233	278$831,436	2$489,824	40,94	29,05
3/16	625,407	12$508,143	497,153	613,767	2$576,523	28$143,322	278$377,313	2$485,769	40,71	28,93
7/32	624,390	12$487,804	496,345	612,769	2$572,334	28$097,589	277$924,667	2$481,727	40,48	28,81
1/4	623,376	12$467,532	495,539	611,774	2$568,158	28$051,948	277$473,491	2$477,698	40,25	28,70
9/32	622,366	12$447,325	494,736	610,783	2$563,995	28$006,482	277$023,776	2$473,683	40,02	28,58
5/16	621,359	12$427,184	493,936	609,794	2$559,847	27$961,165	276$575,518	2$469,680	39,79	28,47
11/32	620,355	12$407,108	493,138	608,809	2$555,711	27$915,993	276$128,708	2$465,690	39,57	28,35
3/8	619,354	12$387,096	492,342	607,827	2$551,589	27$870,967	275$683,394	2$461,713	39,35	28,24
13/32	618,357	12$367,149	491,549	606,848	2$547,480	27$826,086	275$239,404	2$457,749	39,13	28,12
7/16	617,363	12$347,266	490,759	605,873	2$543,381	27$781,350	274$796,897	2$453,798	38,90	28,00
15/32	616,372	12$327,447	489,971	604,900	2$539,302	27$736,757	274$355,821	2$449,851	30,68	27,88
1/2	615,384	12$307,692	489,186	603,931	2$535,233	27$692,307	273$916,138	2$445,933	38,47	27,77
17/32	614,400	12$288,000	488,403	602,965	2$531,176	27$648,000	273$477,872	2$442,019	38,24	27,66
9/16	613,418	12$268,370	487,623	602,001	2$527,133	27$603,833	273$041,007	2$438,118	38,01	27,54
19/32	612,440	12$248,803	486,846	601,041	2$523,102	27$559,808	272$605,534	2$434,230	37,80	27,43
5/8	611,464	12$229,299	486,070	600,084	2$519,085	27$515,923	272$171,449	2$430,354	37,58	27,31
21/32	610,492	12$209,856	485,298	599,130	2$515,080	27$472,178	271$738,744	2$426,490	37,35	27,19
11/16	609,523	12$190,476	484,527	598,179	2$511,088	27$428,571	271$307,413	2$422,638	37,14	27,08
23/32	608,557	12$171,156	483,759	597,231	2$507,111	27$385,103	270$877,427	2$418,799	36,92	26,96
3/4	607,594	12$151,898	482,994	596,286	2$503,141	27$341,772	270$447,345	2$414,972	36,70	26,85
25/32	606,635	12$132,701	482,231	595,344	2$499,187	27$298,578	270$021,596	2$411,157	36,49	26,73
13/16	605,678	12$113,564	481,470	594,405	2$495,245	27$255,520	269$592,572	2$407,354	36,27	26,62
27/32	604,724	12$094,488	480,712	593,469	2$491,315	27$212,598	269$171,134	2$403,562	36,06	26,50
7/8	603,773	12$075,471	479,956	592,536	2$487,398	27$169,811	268$742,909	2$399,783	35,84	26,38
29/32	602,825	12$056,514	479,203	591,606	2$483,493	27$127,158	268$359,013	2$396,016	35,63	26,27
15/16	601,880	12$037,617	478,452	590,678	2$479,601	27$084,639	267$955,439	2$392,260	35,42	26,15
31/32	600,938	12$018,779	477,703	589,754	2$475,720	27$042,253	267$486,181	2$388,517	35,21	26,04
20	600,000	12$000,000	476,957	588,833	2$471,852	27$000,000	267$068,235	2$384,785	35,00	25,92
1/32	599,063	11$981,279	476,212	587,914	2$467,996	26$957,878	266$651,592	2$381,064	34,78	25,81
1/16	598,130	11$962,616	475,471	586,998	2$464,151	26$915,887	266$236,246	2$377,355	34,57	25,69
3/32	597,200	11$944,012	474,731	586,085	2$460,319	26$874,027	265$823,043	2$373,658	34,37	25,57
1/8	596,273	11$925,465	473,994	585,175	2$456,499	26$832,298	265$409,426	2$369,972	34,16	25,46
5/32	595,348	11$906,976	473,259	584,268	2$452,690	26$790,697	264$997,938	2$366,298	33,95	25,34
3/16	594,427	11$888,544	472,527	583,363	2$448,893	26$749,226	264$587,725	2$362,635	33,74	25,23
7/32	593,508	11$870,170	471,796	582,462	2$445,108	26$707,882	264$178,779	2$358,983	33,54	25,11
1/4	592,592	11$851,851	471,068	581,563	2$841,335	26$666,666	263$771,096	2$355,343	33,33	25,00
9/32	591,679	11$833,590	470,342	580,667	2$437,573	26$625,577	263$364,669	2$351,714	33,12	24,88
5/16	590,769	11$815,384	469,619	579,794	2$435,640	26$584,615	262$959,492	2$348,096	32,92	24,76
11/32	589,861	11$797,235	468,897	578,883	2$430,085	26$543,778	262$555,561	2$344,489	32,71	24,65
3/8	588,957	11$779,141	468,178	577,995	2$426,358	26$503,067	262$152,868	2$340,893	32,51	24,53
13/32	588,055	11$761,102	467,461	577,110	2$422,642	26$462,480	261$750,409	2$337,308	32,31	24,42

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
20 7/16	587,155	11$743,119	466,746	576,228	2$418,938	26$422,018	261$351,177	2$333,734	32,10	24,30
15/32	586,259	11$725,190	466,034	575,348	2$415,244	26$381,679	260$952,168	2$330,171	31,90	24,18
1/2	585,365	11$707,317	465,323	574,471	2$411,563	26$341,463	260$554,385	2$326,619	31,70	24,07
17/32	584,474	11$689,497	464,615	573,596	2$407,892	26$301,369	260$157,793	2$323,078	31,50	23,95
9/16	583,586	11$671,732	463,909	572,725	2$404,233	26$261,398	259$762,417	2$319,547	31,30	23,84
19/32	582,701	11$654,021	463,205	571,856	2$400,584	26$221,547	259$368,240	2$316,028	31,10	23,72
5/8	581,818	11$636,363	462,503	570,989	2$996,947	26$181,818	258$975,258	2$312,518	30,90	23,61
21/32	580,937	11$618,758	461,804	570,125	2$393,321	26$142,208	258$583,428	2$309,020	30,71	23,49
11/16	580,060	11$601,208	461,106	569,264	2$389,706	26$102,719	258$192,855	2$305,532	30,41	23,37
23/32	579,185	11$583,710	460,411	568,405	2$385,918	26$063,348	257$803,424	2$302,055	30,32	23,26
3/4	578,313	11$566,265	459,717	567,549	2$382,508	26$024,096	257$415,166	2$298,588	30,12	23,14
25/32	577,443	11$548,872	459,026	566,696	2$378,925	25$984,962	257$028,077	2$295,131	29,92	23,03
13/16	576,576	11$531,531	458,337	565,845	2$375,353	25$945,945	256$642,147	2$291,685	29,73	22,91
27/32	575,712	11$514,242	457,649	564,997	2$371,792	25$907,046	256$257,376	2$288,246	29,53	22,80
7/8	574,850	11$497,005	456,964	564,151	2$368,241	25$868,263	255$873,758	2$284,834	29,34	22,68
29/32	573,991	11$479,820	456,281	563,308	2$364,711	25$829,596	255$491,246	2$281,408	29,14	22,56
15/16	573,134	11$462,686	455,600	562,467	2$361,172	25$791,044	255$109,955	2$278,003	28,95	22,45
31/32	572,280	11$445,603	454,921	561,629	2$357,634	25$752,608	254$729,762	2$274,608	28,76	22,33
21	571,428	11$428,571	454,244	560,793	2$354,145	25$714,285	254$332,023	2$271,223	28,57	22,22
1/32	570,579	11$411,589	453,569	559,960	2$350,647	25$676,077	253$972,764	2$267,849	28,38	22,10
1/16	569,732	11$394,658	452,896	559,129	2$347,159	25$637,982	253$596,106	2$264,484	28,19	21,99
3/32	568,888	11$377,777	452,225	558,300	2$343,682	25$600,000	253$220,252	2$ 61,129	28,00	21,87
1/8	568,047	11$360,946	451,556	557,475	2$340,215	25$562,130	252$845,666	2$257,784	27,81	21,75
5/32	567,208	11$344,165	450,889	556,651	2$336,758	25$524,372	252$472,186	2$254,449	27,62	21,64
3/16	566,371	11$327,433	450,224	555,830	2$333,311	25$486,725	252$099,808	2$251,124	27,43	21,52
7/32	565,537	11$310,751	449,561	555,011	2$329,875	25$449,189	251$728,527	2$247,809	27,24	21,40
1/4	564,705	11$294,117	448,900	554,195	2$326,449	25$411,764	251$358,338	2$244,503	27,05	21,29
9/32	563,876	11$277,533	448,241	553,381	2$323,032	25$374,449	250$989,236	2$241,207	26,87	21,18
5/16	563,049	11$260,997	447,584	552,570	2$319,626	25$337,243	250$621,217	2$237,921	26,68	21,06
11/32	562,225	11$244,509	446,928	551,761	2$316,230	25$300,146	250$254,275	2$234,644	26,50	20,94
3/8	561,403	11$228,070	446,275	550,954	2$312,844	25$263,157	249$888,407	2$231,377	26,31	20,83
13/32	560,583	11$211,678	445,624	550,150	2$309,467	25$226,277	249$523,606	2$228,120	26,13	20,71
7/16	559,766	11$195,335	444,974	549,348	2$306,101	25$189,504	249$159,869	2$224,872	25,94	20,60
15/32	558,951	11$179,039	444,326	548,548	2$302,744	25$152,838	248$797,191	2$221,633	25,76	20,48
1/2	558,139	11$162,790	443,680	547,751	2$299,397	25$116,279	248$435,567	2$218,404	25,58	20,37
17/32	557,329	11$146,589	443,037	546,956	2$296,060	25$079,825	248$074,993	2$215,185	25,39	20,25
9/16	556,521	11$130,434	442,394	546,163	2$292,732	25$043,478	247$715,464	2$211,974	25,21	20,13
19/32	555,716	11$114,327	441,754	545,373	2$289,414	25$007,235	247$356,976	2$208,773	25,03	20,02
5/8	554,913	11$098,265	441,116	544,585	2$286,106	24$971,098	246$999,523	2$205,581	24,85	19,90
21/32	554,112	11$082,251	440,479	543,799	2$282,807	24$935,064	246$643,103	2$202,398	24,67	19,79
11/16	553,314	11$066,282	439,845	543,016	2$279,517	24$899,135	246$287,709	2$199,225	24,49	19,67
23/32	552,517	11$050,359	439,212	542,234	2$276,238	24$863,309	245$933,338	2$196,061	24,31	19,56
3/4	551,724	11$034,482	438,581	541,455	2$272,967	24$827,586	245$579,986	2$192,905	24,13	19,44
25/32	550,932	11$018,651	437,951	540,678	2$269,706	24$791,965	245$227,647	2$189,764	23,96	19,32
13/16	550,143	11$002,865	437,325	539,904	2$266,454	24$756,446	244$876,316	2$186,622	23,78	19,21
27/32	549,356	10$987,124	436,698	539,131	2$263,212	24$721,030	244$525,994	2$183,494	23,60	19,09
7/8	548,571	10$971,428	436,074	538,361	2$259,979	24$685,714	244$176,672	2$180,374	23,43	18,98
29/32	547,788	10$955,777	435,452	537,593	2$256,755	24$650,499	243$828,345	2$177,264	23,25	18,86
15/16	557,008	10$940,170	434,832	536,827	2$253,540	24$615,384	243$481,012	2$174,163	23,08	18,74
31/32	546,230	10$924,608	434,214	536,061	2$250,334	24$580,369	243$134,666	2$171,070	22,90	18,63
22	545,454	10$909,090	433,597	535,302	2$247,138	24$545,454	242$789,304	2$167,986	22,72	18,51
1/32	544,680	10$893,617	432,982	534,543	2$243,951	24$510,638	242$444,922	2$164,911	22,54	18,40
1/16	543,909	10$878,186	432,368	533,786	2$240,772	24$475,920	242$101,516	2$161,844	22,37	18,28
3/32	543,140	10$862,800	431,757	533,031	2$237,603	24$441,301	241$759,081	2$158,787	22,20	18,17
1/8	542,372	10$847,457	431,147	532,278	2$234,442	24$406,779	241$417,504	2$155,737	22,03	18,05

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Millesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
22 5/32	541,607	10$832,157	430,539	531,527	2$231,293	24$372,355	241$077,109	2$152,697	21,86	17,93
3/16	540,845	10$816,901	429,933	530,779	2$228,149	24$338,028	240$737,662	2$149,666	21,69	17,82
7/32	540,084	10$801,687	429,328	530,032	2$225,014	24$303,797	240$398,973	2$146,642	21,51	17,70
1/4	539,325	10$786,516	428,725	529,288	2$221,889	24$269,662	240$061,334	2$143,627	21,34	17,59
9/32	538,569	10$771,388	428,124	528,545	2$218,773	24$235,624	239$724,642	2$140,620	21,17	17,47
5/16	537,815	10$756,302	427,524	527,805	2$215,665	24$201,680	239$388,894	2$137,622	21,00	17,36
11/32	537,062	10$741,258	426,926	527,067	2$212,567	24$167,832	239$054,084	2$134,632	20,83	17,24
3/8	536,312	10$726,256	426,330	526,331	2$209,476	24$134,078	238$720,210	2$131,651	20,67	17,12
13/32	535,564	10$711,297	425,735	525,597	2$206,395	24$100,418	238$387,267	2$128,678	20,50	17,01
7/16	534,818	10$696,378	425,142	524,865	2$203,322	24$066,852	238$055,251	2$125,713	20,33	16,89
15/32	534,075	10$691,502	424,551	524,135	2$200,245	24$033,380	237$723,851	2$122,757	20,17	16,78
1/2	533,333	10$666,666	423,961	523,407	2$197,202	24$000,000	237$393,986	2$119,809	20,00	16,66
17/32	532,593	10$651,872	423,373	522,681	2$194,154	23$966,712	237$064,730	2$116,868	19,83	16,55
9/16	531,855	10$637,119	422,787	521,957	2$191,115	23$933,518	236$736,385	2$113,936	19,66	16,43
19/32	531,120	10$622,406	422,202	521,235	2$188,085	23$900,414	236$408,949	2$111,013	19,50	16,31
5/8	530,386	10$607,734	421,619	520,515	2$185,062	23$867,403	236$082,417	2$108,097	19,33	16,20
21/32	529,655	10$593,103	421,037	519,797	2$182,048	23$834,482	235$756,786	2$105,189	19,17	16,08
11/16	528,925	10$578,512	420,457	519,081	2$179,043	23$801,652	235$432,052	2$102,289	19,00	15,97
23/32	528,198	10$563,961	419,879	518,367	2$176,046	23$768,913	235$108,212	2$099,398	18,84	15,85
3/4	527,472	10$549,450	419,302	517,655	2$173,056	23$736,263	234$785,261	2$096,514	18,68	15,74
25/32	526,748	10$534,979	418,727	516,945	2$170,076	23$703,703	234$463,525	2$093,638	18,51	15,62
13/16	526,027	10$520,547	418,154	516,237	2$167,103	23$671,232	233$142,014	2$090,770	18,35	15,50
27/32	525,307	10$506,155	417,582	515,530	2$164,138	23$638,850	233$821,789	2$087,910	18,19	15,39
7/8	524,590	10$491,803	417,011	514,826	2$161,182	23$606,557	233$502,281	2$085,058	18,03	15,27
29/32	523,874	10$447,489	416,442	514,124	2$158,233	23$574,351	233$183,924	2$082,213	17,87	15,16
15/16	523,160	10$463,215	415,875	513,423	2$155,293	23$542,234	232$866,035	2$079,376	17,71	15,04
31/32	522,448	10$448,979	415,309	512,725	2$152,361	23$510,204	232$549,211	2$076,547	17,55	14,93
23	521,739	10$434,782	414,745	512,028	2$149,436	23$478,260	232$233,247	2$073,726	17,39	14,81
1/32	521,031	10$420,624	414,181	511,333	2$146,520	23$446,404	231$918,141	2$070,912	17,23	14,69
1/16	520,325	10$406,504	413,621	510,641	2$143,611	23$414,634	231$603,889	2$068,106	17,07	14,58
3/32	519,621	10$392,422	413,061	509,950	2$140,711	23$382,949	231$290,497	2$065,407	16,91	14,46
1/8	518,918	10$378,378	412,503	509,260	2$137,818	23$351,351	230$977,932	2$062,516	16,75	14,35
5/32	518,218	10$364,372	411,946	508,573	2$134,933	23$319,838	230$656,221	2$059,733	16,59	14,23
3/16	517,520	10$350,404	411,391	507,888	2$132,055	23$288,409	230$355,355	2$056,957	16,44	14,12
7/32	516,823	10$336,473	410,837	507,204	2$129,186	23$257,065	230$045,316	2$054,189	16,28	14,00
1/4	516,129	10$322,580	410,285	506,523	2$126,324	23$225,806	229$736,116	2$051,428	16,12	13,88
9/32	515,436	10$308,724	409,734	505,843	2$123,470	23$194,630	229$427,745	2$048,674	15,96	13,77
5/16	514,745	10$294,906	409,185	505,165	2$120,623	23$163,538	229$120,201	2$045,928	15,80	13,65
11/32	514,056	10$281,124	408,637	504,488	2$117,785	23$132,530	228$813,481	2$043,189	15,65	13,54
3/8	513,368	10$267,379	408,091	503,814	2$114,953	23$101,604	228$507,580	2$040,457	15,50	13,42
13/32	512,683	10$253,671	407,546	503,141	2$112,130	23$070,761	228$202,586	2$037,733	15,35	13,31
7/16	512,000	10$240,000	407,003	502,470	2$109,313	23$040,000	227$898,227	2$035,016	15,20	13,19
15/32	511,318	10$226,364	406,461	501,801	2$106,505	23$009,320	227$594,767	2$032,306	15,05	13,07
1/2	510,638	10$212,765	405,920	501,134	2$103,704	22$978,723	227$292,114	2$029,604	14,89	12,96
17/32	509,960	10$199,203	405,381	500,468	2$100,910	22$948,207	226$990,262	2$026,909	14,74	12,84
9/16	509,283	10$185,676	404,844	499,805	2$098,123	22$917,771	226$689,217	2$024,220	14,59	12,73
19/32	508,609	10$172,185	404,307	499,143	2$095,344	22$887,417	226$388,967	2$021,539	14,44	12,61
5/8	507,936	10$158,730	403,773	498,482	2$092,573	22$857,142	226$089,511	2$018,865	14,28	12,50
21/32	507,265	10$145,310	403,239	497,824	2$089,809	22$826,948	225$790,845	2$016,198	14,13	12,38
11/16	506,596	10$131,926	402,707	497,167	2$087,052	22$796,833	225$492,968	2$013,538	13,98	12,26
23/32	505,928	10$118,577	402,177	496,512	2$084,302	22$766,798	225$195,870	2$010,886	13,83	12,15
3/4	505,263	10$105,263	401,648	495,859	2$081,559	22$736,842	224$899,566	2$008,240	13,68	12,03
25/32	504,599	10$091,984	401,120	495,207	2$078,824	22$706,964	224$604,034	2$005,601	13,53	11,92
13/16	503,937	10$078,740	400,593	494,557	2$076,096	22$677,165	224$309,278	2$002,969	13,38	11,80
27/32	503,276	10$065,530	400,068	493,909	2$073,375	22$647,444	224$015,295	2$000,344	13,23	11,68

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Millesimos de Reis papel.

Peso especifico de algumas substancias

(*O peso da agua distillada na temperatura de + 4º C. é tomado como unidade*)

Acido carbonico	0,00152	Ferro fundido	7,207
Aço	7,820	Ferro forjado	7,788
Agua distillada	1,000	Flint glass	3,329
Agua do mar	1,026	Gallio	5,950
Aguardente 18º	0,947	Gêlo	0,930
Aguardente 22º	0,923	Graxa de vacca	0,923
Aguardente, 36º	0,848	Hydrogenio (gaz)	0,00089
Alcool absoluto	0,715	Iridio	22,400
Aluminio	2,560	Latão	8,395
Ammoniaco	0,897	Leite de vacca	1,032
Antimonio	6,712	Leite de cabra	1,034
Ar atmospherico	0,00129	Manteiga	0,942
Arêa de rio	1,880	Magnesio	1,740
Argilla	1,930	Marfim	1,917
Arsenico	5,670	Marmore de Carrara	2,716
Assucar	1,606	Mercurio	13.598
Azeite de oliveira	0,915	Mel	1,450
Azoto (gaz)	0,00125	Nickel	8.279
Batata	0,940	Oxygenio (gaz)	0,00143
Banha de porco	0,936	Ouro puro	19,258
Bismutho	9,822	Oleo de amendoas	0,917
Borracha	0,973	Oleo de linhaça	0,940
Calcio	1,570	Osmio	22,470
Cal viva	0,840	Palladio	12.050
Canfora	0,996	Pedra pomes	0,914
Carvão vegetal	0,250	Phosphoro	1,770
Carvão de pedra	1,329	Platina laminada	21,450
Cêra branca	0,968	Platina batida	23,000
Cêra amarella	0,974	Porcellana	2,150
Centeio	0,740	Prata pura	10,475
Cerveja	1,024	Rhodio	12,410
Cevada	0,633	Sebo	0,942
Chloreto de sodio	2,260	Selenio	4,320
Chumbo	11,352	Tellurio	6,115
Coke	0,340	Terra argillosa	1,240
Clara d'ovo	1,041	Tungstenio	17,600
Cobre fundido	8,788	Uranio	18,350
Diamantes leves	3,501	Vapor d'agua	0,00080
Diamantes pesados	3,531	Vidro de garrafa	2,732
Espirito de vinho 33º	0,863	Vidro de vidraça	2,527
Espirito de vinho 36º	0,848	Vinagre	1,019
Estanho	7,292	Vinho de Bordeus	0,993
Enxofre	2,033	Vinho de Malaga	1,030
Ether sulfurico	0,712	Vinho do Porto	0,997
Farinha de trigo	1,035	Zinco	7,100

Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas

POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS
26,0	660,39	27,7	703,57	29,4	746,75
1	662,93	8	706,11	5	749,29
2	665,47	9	708,65	6	751,83
3	668,01	28,0	711,19	7	754,37
4	670,55	1	713,73	8	756,91
5	673,09	2	716,27	9	759,45
6	675,63	3	718,81	30,0	761,99
7	678,17	4	721,35	1	764,53
8	680,71	5	723,89	2	767,07
9	683,25	6	726,43	3	769,61
27,0	685,79	7	728,97	4	772,15
1	688,33	8	731,51	5	774,69
2	690,87	9	734,05	6	777,23
3	693,41	29,0	736,59	7	779,77
4	695,95	1	738,13	8	782,31
5	698,49	2	741,67	9	784,85
6	701,03	3	744,21	31,0	787,39

CONVERSÃO DE CENTESIMOS DE POLLEG. INGL. EM MILLIMETROS

CENTES.os DE POLLEGADA	MILLIMETROS
1	0,254
2	0,508
3	0,762
4	1,016
5	1,270
6	1,524
7	1,778
8	2,032
9	2,286
10	2,540

Relação entre as unidades de pressão

ATMOSPHERAS	KILOG. POR CENTIM.2	LIBRAS INGL. POR POLLEG.2	LIBRAS INGL. POR POLLEG.2	KILOG. POR CENTIM.2	ATMOSPHERAS
1	1,033	14,697	1	0,070	0,068
2	2,066	29,394	2	0,141	0,136
3	3,100	44,091	3	0,211	0,204
4	4,133	58,788	4	0,281	0,272
5	5,166	73,485	5	0,352	0,340
6	6,200	88,182	6	0,422	0,409
7	7,233	102,879	7	0,493	0,477
8	8,267	117,576	8	0 563	0,545
9	9,300	132,283	9	0,633	0,613
10	10,333	146,970	10	0,704	0,681
20	20,667	293,940	20	1,408	1,363
30	31,000	449,910	30	2,112	2,044
40	41,333	587,880	40	2,816	2,726
50	51,667	734,850	50	3,520	3,408
60	62,000	881.820	60	4,224	4,089
70	72,333	1.028,790	70	4,928	4,769
80	82,667	1.175,760	80	5,632	5,452
90	93,000	1.322,830	90	6,336	6,133
100	103,333	1.469,700	100	7,039	6,815

Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur

FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR
5	—15,00	—12,00	50	+10,00	+8,00	95	+35,00	+28,00
6	14,44	11,56	51	10,56	8,44	96	35,66	28,24
7	13,89	11,11	52	11,11	8,89	97	36,11	28,89
8	13,33	10,67	53	11,67	9,33	98	36,67	29,33
9	12,78	10,22	54	12,22	9,78	99	37,22	29,78
10	22,22	9,78	55	12,78	10,22	100	37,78	30,22
11	11,67	9,33	56	13,33	10,67	101	38,33	30,67
12	11,11	8,89	57	13,89	11,11	102	38,89	31,11
13	10,56	8,44	58	14,44	11,56	103	39,44	31,56
14	10,00	8,00	59	15,00	12,00	104	40,00	32,00
15	9,44	7,56	60	15,56	12,44	105	40,56	32,44
16	8,89	7,11	61	16,11	12,89	106	41,11	32,89
17	8,33	6,67	62	16,67	13,33	107	41,67	33,33
18	7,78	6,22	63	17,22	13,78	108	42,22	33,78
19	7,22	5,78	64	17,78	14,22	109	42,78	34,22
20	6,67	5,33	65	18,33	14,67	110	43,33	34,67
21	6,11	4,89	66	18,89	15,11	111	43,89	35,11
22	5,56	4,44	67	19,44	15,56	112	44,44	35,56
23	5,00	4,00	68	20,00	16,00	113	45,00	36,00
24	4,44	3,56	69	20,56	16,44	114	45,56	36,44
25	3,89	3,11	70	21,11	16,89	115	46,11	36,89
26	3,33	2,67	71	21,67	17,33	116	46,67	37,33
27	2,78	2,22	72	22,22	17,78	117	47,22	37,78
28	2,22	1,78	73	22,78	18,22	118	47,78	38,22
29	1,67	1,33	74	23,33	18,67	119	48,33	38,67
30	1,11	0,89	75	23,89	19,11	120	48,89	39,11
31	—0,56	—0,44	76	24,44	19,56	121	49,44	39,56
32	0,00	0,00	77	25,00	20,00	122	50,00	40,00
33	+0,56	+0,44	78	25,56	20,44	123	50,56	40,44
34	1,11	0,89	79	26,11	20,89	124	51,11	40,89
35	1,67	1,33	80	26,67	21,33	125	51,67	41,33
36	2,22	1,78	81	27,22	21,78	126	52,22	41,78
37	2,78	2,22	82	27,78	22,22	127	52,78	42,22
38	3,33	2,67	83	28,33	22,67	128	53,33	42,67
39	3,89	3,11	84	28,89	23,11	129	53,89	43,11
40	4,44	3,56	85	29,44	23,56	130	54,44	43,56
41	5,00	4,00	86	30,00	24,00	131	55,00	44,00
42	5,56	4,44	87	30,56	24,44	132	55,56	44,44
43	6,11	4,89	88	31,11	24,89	133	56,11	44,89
44	6,67	5,33	89	31,67	25,33	134	56,67	45,33
45	7,22	5,78	90	32,22	25,78	135	57,22	45,78
46	7,78	6,22	91	32,78	26,22	136	57,78	46,22
47	8,33	6,67	92	33,33	26,57	137	58,33	46,67
48	8,89	7,11	93	33,89	27,11	138	58,89	47,11
49	9,44	7,56	94	34,44	27,56	139	59,44	47,56

EXPEDIENTE

Aos nossos Collaboradores

Toda a correspondencia relativa ao Almanaque, á sua redacção e administração, deve ser dirijida ao Almanaque Brasileiro Garnier. — Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 71. *Para ahi devem ser encaminhados os impressos e manuscriptos dos nossos collaboradores e assim tambem as illustrações, photographias e outros documentos de interesse geral que solicitamos. A collaboração deve-nos ser remettida até 1º de Dezembro de cada anno, sendo que qualquer antecedencia, quanto áquelle prazo, é sempre desejavel e conveniente.*

Desde a edição de 1908 a feição do Almanaque *tornou-se totalmente outra e tem agora certo caracter mais geral e popular, encyclopedico e ao mesmo tempo facil, variado, mais leve pela substancia, mas sempre util pela importancia de muitos dos assumptos tratados.*

O novo programma é vasto e mira agradar a quasi todos que se utilizam d'esse genero de publicações. Além das secções proprias e caracteristicas do Calendario, *das noticias astronomicas e dados estatisticos geraes e da parte final de* Informações, *instituimos perfeita variedade de materias que podemos, para sciencia dos nossos estimaveis collaboradores, distribuir mais ou menos nos seguintes grupos :*

I. — Recreações. — Jogos. — Diversões. — Problemas, enigmas. — Anecdotas.

II. — Musicas populares. — Cantigas.

III. — Dados estatisticos da vida material ou moral do Brasil. — Noticias e cartas topographicas dos lugares e dos estados. Assumptos geographicos.

IV. — Anno biographico, e bibliographico. — Necrologia.

V. — Critica e literatura. — Prosadores e poetas. — Paginas inéditas ou raras. — Escolas e academias.

VI. — Interesses da vida nacional. — Melhoramentos e progresso das cidades. — Embellezamento e hygiene. — Construcções novas. — Obras publicas. — Portos e estradas.

VII. — Curiosidades varias. — Linguistica. — *Folklore*; literatura popular.

A arte nacional: a pintura, a esculptura, a architectura, a photographia.

Com esse programma realisado apenas em suas primeiras linhas é intento nosso tornar o Almanaque *cada vez mais popular e augmentar o circulo dos seus leitores pela profusão e variedade dos assumptos que devem ser tratados sempre como convem á natureza e genero d'esta publicação.*

Alguns pontos do nosso programma deverão ser desenvolvidos á medida do auxilio e favor sempre crescente com que nos honram os amigos do Almanaque Garnier.

Os artigos dos nossos collaboradores devem ser enviados á redacção do Almanaque brasileiro *até* 31 *de dezembro. Originaes que foram recebidos tardiamente em Janeiro de* 1908 *não poderam ser aproveitados. Aqui agradecemos á gentileza dos autores que nos remetteram os seus livros a tempo de serem registrados no* Anno literario e bibliographico, *que é certamente a relação mais completa que temos no Brazil das publicações literarias de cada anno; infelizmente, não abrange ainda todo o movimento bibliographico dos Estados.*

Agradecemos egualmente aos seus directores a remessa das revistas R. de Educação (*Rio*) R. da Faculdade de Direito (*Recife*). A Escola (*Paraná*), *as publicações do* Archivo do Estado de S. Paulo, *alem de outras já citados anteriormente, e que nos chegam com certa regularidade. Deixamos de receber, e lamentamos, a Revista do* Instituto Archeologico e Geographico *de Pernambuco, a dos* Institutos historicos *de S. Paulo e do Ceará, que só nos visitaram uma unica vez; os* Annaes da Escola de Minas *e a do* Instituto Historico (*do Rio*) *constituem publicações de primeira ordem, e d'estes só recebemos um ou outro numero pela gentileza dos seus colaboradores. Recebemos sempre os* Annaes da Bibliotheca Nacional, *cujo grande valor é inutil encarecer nestas linhas.*

INDICADOR DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

e seus arredores.

A

Adriano (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro, e fin. na rua Magalhães Couto, na Bocca do Matto.

Adro de S. Francisco (ladeira do) na rua da Saude.

Affonso (travessa) princ. na rua Conde de Bomfim e vai ter ao morro, atravessando o rio.

Affonso Ferreira (rua) no Engenho de Dentro.

Agostinho (rua) princ. na rua Conde de Bomfim, o fin. na da Serra.

Agua (ilhota) de fronte da ilha do Governador.

Aguas Brancas (lugarejo) Campo Grande.

Aguas Ferreas. Existe com este nome uma fonte, no Cosme Velho (Freg. da Gloria, outra em Andarahy-Pequeno outra na estrada da Tijuca, e outra na Rua do Riachuelo.

Aguiar (travessa do) é a que vai da travessa do Bom Jardim no morro do Pinto.

Aguiar (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. no morro da chacara do Vintem.

Aida (rua) princ. na rua Alice e fin, na rua Flack, Estação do Riachuelo.

Ajuda (largo da) no fim da rua do mesmo nome, hoje rua Chile.

Alagôas (rua de) antiga Izabel, princ. na rua dos Coqueiros, subindo o morro á esquerda.

Alberto (avenida) aberta na rua Assumpção, em Botafogo.

Alberto Campos, em S. Christovão.

Alberto Campos (rua) princ. na rua Quatro de Dezembro e fin. na rua Montenegro, na Villa Ipanema.

Aldeia Campista (bairro).

Alegre (rua) no Andarahy Grande, princ. na fralda do morro do Instituto Profissional, e fin. na rua Major Avilla.

Alegria (rua da) princ. na praia do Retiro Saudoso, no Cajú e fin. no trecho da rua S. Luiz Gonzaga.

Alegria (travessa) princ. na praia do Retiro Saudoso e fin. na rua da Alegria.

Alfandega (rua da) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na Praça da Acclamação.

Alfredo Reis (rua) princ. na rua Assis Carneiro.

Alice (ladeira) no 7º Districto.

Alice (rua) corta a rua Nazareth, na chacara Tolentino, Engenho Novo.

Alice (travessa) na cancella de S. Christovão, rua Chaves Faria.

Alice Figueiredo (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco, Estação do Riachuelo.

Alliança (rua) princ. na rua das Laranjeiras.

Alliança (villa), nas Larangeiras.

Almeida Bastos (rua) Inhauma.

Almeida Carvalho (rua) Meyer.

Almerinda (rua) 15º districto.

Almirante Delamare (rua) outr'ora das Laranjeiras, princ. no Largo do Machado e fin. no Cosme Velho.

Almirante Gonçalves (rua) princ. na praia de Copacabana e fin. na rua deste nome.

Almirante Mariath (rua do) outr'ora S. Luiz Durão, princ. na praia de S. Christovão e fin. na praia do mesmo nome.

Almirante Tamandaré (rua) antiga rua Santo Ignacio, princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Almirante Wandelkok (rua) outr'ora Real Grandeza, princ. na rua S. Clemente e fin. na subida do morro.

Alto (rua do) princ. na rua Dr. Manoel Victorino, antiga Goyaz, Cancella da Padilha e fin. na rua Zepherina.

Alto da Fé (largo do) no morro do Retiro da America. Sobe-se pelas ruas Esperança e Curuzú.

Alto do Sá (no morro) no fim da rua Carvalho de Sá, entrada por um grande portão de ferro.

Alvarez de Azevedo (rua) antiga rua da Mangueira, no lugar denominado Jacaré.

Alvaro (rua) princ. na rua Barão de Bom-Retiro, e fin. na rua Bella Vista.

Alves (avenida) na rua Presidente Barroso.

Alves de Brito (rua) princ. na rua Conde do Bomfim e fin. na rua Dezoito de Outubro.

Alves do Monte (rua) princ. na rua Caruzú, e fin. na rua Esperança, no Retiro da America.

Alves da Silva (rua) no Meyer.

Alzira Brandão (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de Pereira de Siqueira.

Alzira Valdetara (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco, Estação do Sampaio.

Amalia (ruá) na estação do Dr. Frontin, princ. na estrada de Santa Cruz.

Armando (rua) princ. na estrada Nova da Pavuna e fin. na rua Fereira Leite.

Ambrosina (rua) estação de Cascadura.

Amaral (rua do) princ. na rua Barão de Mesquita, e fin. na rua Maxwel e Villa-Izabel.

Amazonas (rua) princ. na rua Abilio e fin. na Caixa d'Agua em S. Christovão.

Amazonas (rua do) no morro da Nova-Cintra (Gloria).

Amelia (rua) princ. na rua Esperança e fin. no alto do morro no Retiro da America.

Amelia (rua) princ. na rua Leopoldo, no Andarahy Grande e fin. na rua Dr. Ferreira Fontes.

America (rua) princ. na rua do Santo Christo dos Milagres e fin. na rua General Pedra.

Americana (rua) estação de Todos os Santos.

Amor (rua do) no morro de Santa Thereza.

Amorim (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na de Fagundes Varella.

Amparo (rua) prin. na estrada de Santa Cruz e fin. no campo dos Cardosos.

Andarahy (serra do) no bairro do Andarahy Grande.

Andarahy Grande (bairro).

Andrada (rua) princ. na rua Durão e fin. na rua Oscar, estação Dr. Frontin.

Andradas (rua dos) princ. no largo de S. Francisco de Paula e fin. na pedreira da Conceição.

Andradas (Morro do) Santa Cruz.

Andrada (ladeira do) no arrabalde das Laranjeiras.

Andrade (travessa do) em Catumby, princ. na rua do Itapiru'e vai ao Papa-Couve.

Andrade (travessa) princ. na rua do Padre Lapa, fin. na rua Vital, Estação Dr. Frontin.

Andrade de Araujo (rua) princ. na rua João Vicente, no rio das Pedras e fin. no Matto.

Angelica (rua) em Inhauma.

Angelica (rua) 4.º Districto.

Angelina (rua) estação do Encantado.

Angelina da Silva (rua) princ. na rua dos prazeres e fin. na do Aqueducto.

Angostura (travessa da) princ. na rua do Mattoso, e fin. na rua do Cabido.

Anna Barbosa (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz, e fin. na rua Medina.

Anna Leonidia (rua) Engenho de Dentro.

Anna Quintão (rua) princ. no Campo da Botija e fin. no becco do Espinheiro.

Anna Rosa (rua) princ. na estação de Meyer.

Annapolis (avenida) situada na Fabrica Cruzeiro, no fim da rua Barão de S. Francisco Filho, em Villa Izabel.

Anna Telles (rua) 15.º districto.

Antonia (rua) princ. na rua Conselheiro Antonio Ferraz.

Antonio Abreu (rua) no 16.º districto.

Antonio Badajós (rua) em Madureira.

Antonio Badaró (rua) no 15.º districto.

Antonio Carlos (rua) princ. na rua Vasconcellos e fin. no morro da Babylonia.

Antonio de Padua (rua) Estação do Riachuelo.

Antonio dos Santos (rua) princ. na rua Conde do Bomfim e fin. na de Dr. José Hygino.

Antonio Vargas (rua) princ. na rua da Serra e fin. na de Arthur Vargas, estação de Cascadura.

Antunes Garcia (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio, em frente a cancella do Sampaio e fin. no morro do Macaco.

Apicu' (estrada do) no Meyer.

Apicu' (praia do) no 12.º districto.

Apparecida (praça da) no Meyer.

Aprazivel (rua) princ. na rua do Aqueducto em Santa Thereza e fin. na mesma rua.

Aqueducto da Carioca (rua do) princ. no fim da rua Instituto Kneipp, o fin. na Lagoinha.

Aquidaban (travessa) princ. na rua Dr. Lins Vasconcellos e fin. na rua do Aquidaban.

Aquidaban (rua do) estação do Meyer.

Araujo (rua) princ. na rua da Estação em Cascadura e fin. na rua do Marechal Rangel.

Araujo Leitão (rua) no Engenho Novo, princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua do Cabuçu'.

Araujo Leite (rua) em Villa-Izabel, proximo ao Jardim Zoologico.

Araujo Lima (rua) princ. na rua Barão de Mesquita, e fin. na Aldea Campista.

Araujo Vianna (rua) no 5.º districto.

Araujos (rua dos) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de D. Bibiana.

Araujos (travessa dos) princ. na rua dos Araujos e termina no morro.

Arda (rua) princ. na rua Julieta e fin. na de Teixeira Carvalho estaçao de Cascadura.

Areal (rua do) princ. na praça da Republica e fin. na rua Frei-Caneca.

Argentina (rua) princ. na rua Senador Alencar, e fin. na rua de S. Januario.

Argentina Reis (rua) princ. na rua José dos Reis, em Inhauma e fin. na de Furtado de Mendoça estaçao Dr. Frontin.

Arpoador (praia do) ao lado da de Copacabana.

Arraial dos Biblias (rua) princ. na rua Elias Silva e fin. na rua Dr. Prudente de Moraes, estaçao Dr. Frontin.

Arraial de S. Salvador de Mattosinhos, no Andarahy Grande.

Arsenal (rua do) fica em frente ao novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Arthur Sawer (villa) situada atraz do Jardim Botanico, na rua Dona Castorina.

Arthur Vargas (rua) princ. na rua do Cattete e fin. na rua Engenho do Matto, em Cascadura.

Artistas (rua dos) princ. na rua Alegre e fin. na Villa Senador Soares, na Aldeia Campista.

Ascuna (ladeira do) no morro do Inglez, princ. na rua Senador Octaviano, nas Larangeiras e fin. no Sylvestre, no morro de Santa Thereza.

Assembléa (largo da) pequeno largo ao lado da praça Quinze de Novembro até a rua de Misericordia.

Assembléa (rua da) princ. na rua da Misericordia em frente ao Paço da Camara dos Deputados Federaes, e fin. no largo da Carioca.

Assis (rua do) aberta nos terrenos da chacara Jorge Rudge em Villa Izabel.

Assis Bueno (rua) princ. na rua General Polydoro e finda na de Dona Marciana.

Assis Carneiro (rua) na estação da Piedade, princ. na rua D. Pedro e fin. no morro do leiloeiro Assis Carneiro.

Assis Carneiro (avenida) do boulevar Vinte e Oito de Setembro, Villa Izabel.

Assumpção (rua da) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. na pedreira.

Assumpção Cabral (avenida) na rua Phelippe Camarão n. 15.

Asylo (praça do). Veja praça D. Constança.

Ataliba (becco do) em Inhauma.

Ataliba (rua) na cidade Nova, princ. na rua Orestes e fin. na rua Sara.

Ataliba (travessa) princ. na rua Vidal Negreiros e fin. na de Orestes.

Augusta (rua) em frente a rua Monte Alegre, Santa Thereza.

Augusta (rua) princ. rua dos Felizes e fin. na rua Aurea, morro de Santa Thereza.

Augusta (rua) princ. na rua Isolina e fin. na rua Dr. Joaquim, no Meyer.

Augusta (rua) princ. na rua 13 de Maio e fin. da rua D. Maria, (Inhauma).

Augusto Nunes (rua) princ. na rua Archias Cordeiro, e fin. na rua Honorio em Todos os Santos.

Augusto Severo (rua) na praia atraz da Igreja da Gloria.

Aurea (rua) princ. na rua Petropolis e fin. na do Aqueducto, Santa Thereza.

Aurelia (rua) princ. na rua Eulina e fin. na rua Lachamby (Meyer).

Avenida Alves é a situada na rua Presidente Barroso, Cidade Nova.

Avenida Beira Mar, começa na rua Chile e termina na Praia de Botafogo.

Avenida Central princ. á Beira Mar á rua Lins de Vasconcellos e segue em linha recta com a largura de 33 metros e arborisada até ao Caes da Prainha.

Avenida 12 de Dezembro, Engenho Novo.

Avenida Liberdade (15° districto) Avenida Men de Sá, começa no Largo da Lapa, indo terminar na rua Frei Caneca.

Avenida Passos (outr'ora rua do Sscramento) princ. na praça Tiradentes e vai terminar na rua Marechal Floriano.

Avenida de Salvador de Sá fica entre as ruas Frei Caneca e o Estacio de Sá.

Avenida de S. Salvador de Mattosinhos (rua) no Andarahy Grande.

Avila (rua) princ. no Pedregulho e fin. na rua da Alegria em São Christovão.

Avintes (avenida) na rua das Laranjeiras n. 52, hoje Almirante Delamare.

Ayres Gomes (rua) Quitanda da Boa Vista.

Ayres Pinto (travessa) na rua Bella de S. João em S. Christovão, não tem sahida.

Azamor (rua) princ. na rua Dr. Lins de Vasconcellos e fin. na de Lopez da Cruz.

Azevedo (rua) princ. na Caixa d'Agua da Quinta e fin. na rua Emerenciana.

Azevedo (travessa) no Engenho Novo.

Azinhaga (rua da) princ. na rua D. Castorina e fin. na rua do Cabeça.

B

Babilonia (morro da) na ladeira do Leme, junto ao arco do Leme e fin. na praia de Copacabana.

Bahia (rua) no morro da Quinta da Boa Vista.

Bairro da Graça, Veja Doutor Moura Brazil rua.

Balaio (becco do) na Pedra do Sal, Santo Christo dos Milagres.

Balbina (rua) S. Christovão Veja Mello e Souza rua.

Baldracco (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na rua Oito de Setembro, Meyer.

Bambina (rua) princ. na rua Marquez de Olinda, Veja Commandante Tamborim, rua.

Bambina (travessa) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na de Santo Henrique.

Bambús (rua dos) princ. na rua de Dona Romana e fin. na rua do General Bellegarde.

Bandeira (travessa da) princ. na ladeira do Castro, e fin. na rua Monte Alegre, Santa Thereza.

Bandeira Junior (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na rua Barão de Itapagipe.

Barão (rua do) no 15 districto.

Barão do Amazonas (rua do) princ. na rua Conde do Bomfim, e fin. na de S. Francisco Xavier.

Barão de Angra (rua do) princ. na rua Saldanha Marinho e fin. nas Officinas de S. Diogo.

Barão do Bom Retiro (rua do) do Engenho Novo ao Jardim Zoologico.

Barão de Capanema (rua do) na Cidade Nova. Veja S. Leopoldo rua.

Barão de (Caravelas rua) princ. na rua Conde de Irajá, largo dos Leões em Botafogo.

Barão de Cotegipe (rua) princ. na praça Sete de Março e fin. no caminho que vai ter o Jardim Zoologico.

Barão do Flamengo (rua do) antiga travessa, vai da praça do Cattete á praia do Engenho.

Barão da Gamboa (rua do) princ. na rua da Gamboa e fin. no morro do Livramento.

Barão de Guaratiba (rua do) princ. na rua do Cattete e fin. no morro da Gloria.

Barão de Guaratiba (travessa do) princ. e fin. na do mesmo nome.

Barão de Icarahy (rua) princ. na rua Senador Vergueiro e fin. na de Maria Emilia.

Barão de Iguatemy (rua do) princ. na rua S. Christovão, attravessa a do Mattoso e não tem sahida.

Barão de Ipanema (rua) na Copacabana, princ. na praia e fin. no morro dos Cabritos.

Barão de Itamby (rua do) princ. na rua de Nossa Senhora da Piedade e fin. na rua Farani.

Barão de Itapagipe (rua do) antiga rua da Bella Vista princ. na rua Aristides Lobo, e fin. na travessa S. Salvador.

Barão de Itapemerim (rua) na rua da Passagem, em Botafogo.

Barão do Ladario (rua) princ. na rua do Passeio em frente ao portão do Passeio Publico e fin. na rua Evaristo da Veiga.

Barão de Lages (rua do) Veja Barão de Santo Angelo, rua do.

Barão de Loreto (rua) em Santa Thereza.

Barão de Mesquita (rua do) antiga da Babylonia, princ. na rua S. Francisco Xavier e fin. na rua do Barão do Bom Retiro.

Barão Nogueira da Gama (rua do) prin. na rua Matto Grosso e fin. na antiga do Principe do Grão Para.

Barão de Paranapiacaba (rua do) Veja Areal, rua do.

Barão de Petropolis (rua do) princ. na rua do Estrella e fin. na do Aqueducto, Santa Thereza.

Barão do Pilar (rua do) aberta nos terrenos da Gabrica da Chita.

Barão de Pirassununga (rua do) princ. na rua do Dezembargador Izidro e fin. na rua do Bom Pastor.

Barão do Rio Bonito (rua do) princ. na praia da Saudade, e fin. na rua da Passagem.

Barão de S. Felix (rua do) princ. na rua do Camerino e fin. na do General Caldwel antiga Formosa.

Barão de S. Felix (rua do) Veja Pernambuco rua, Engenho de Dentro.

Barão de S. Francisco Filho (rua do) em Villa Izabel.

Barão de Santa Leocadia (praça) fica entre as de nossa Senhora de Copacabana, Guimarães Caipora, Barão de Ipanema e Doutor Domingos Ferreira, Copacabana.

Barão de Santo Angelo (rua do) Engenho Velho.

Barão de Sertorio (rua) princ. na rua Barão de Itapagipe e fin. na do Conselheiro Sampaio Vianna.

Barão da Taquara (rua do) princ. no Tanque e fin. na Porta d'Agua.

Barão de Ubá (rua do) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de Haddock Lobo.

Barata (becco ou travessa da) em S. Christovao, Veja Santa Catharina travessa da.

Barata Ribeiro (rua) na Copacabana princ. na rua do Barroso e fin. na praia Suzano Leme.

Barqeiros (becco dos) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na da Julio Cezar.

Barbonos (rua dos) Veja Evaristo da Veiga, rua do.

Barbosa (travessa do) princ. na rua Visconde Sapucahy e fin. na do Senhor do Mattosinho.

Barboza (rua) princ. na rua Itaquaty e fin. na rua Florentino em Cascadura.

Barboza (travessa) princ. na travessa Onze de Maio e fin. na rua Presidente Barroso.

Barboza Alvarenga (rua) antiga Leopoldina, princ. na praça Tiradentes em frente á Escola Nacional de Bellas Artes.

Barbosa Braga (avenida) é situada n rua General Severiano.

Barcellona (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na de Miguel Angelo.

Barcellos (rua do), princ. na rua Lopes de Souza e fin. nas cocheiras da companhia Villa Izabel.

Barcellos (rua do), princ. na praia de Copacabana e fin. na rua Doutor Bulhões de Carvalho.

Baroneza do Engenho Novo (rua da) princ. na rua Dois de Maio e fin. na Ortigão.

Baroneza da Taquara (rua da) Jacarépaguá, princ. no Tanque e fin. no largo do Rio Grande.

Baroneza de Uruguayana (rua da), princ. na rua do General Bellegarde e fin. na rua Zizi, no Engenho Novo.

Barra da Lagoa (caminho da) princ. na praia do Pinto e finalisa na barra da Lagoa.

Barra da Tijuca (caminho da) princ. em Jacarépaguá e fin. na Barra Tijuca.

Barreira (travessa da) Freg. do Sacramento. Veja Silva Jardim, rua.

Barro Vermelho (travessa do), Veja Ponseca Telles, rua.

Barros Leite (travessa), princ. na rua Srudente de Moraes e fin. na rua Elias de Filva.

Barroso (ladeira do) princ. na ladeira do Faria, e fin. no morro do Livramento.

Barroso (ladeira do) princ. no fim da

rua Almirante Wandenkolk e fin. na Copacabana.

Barroso (rua do) princ. na rua Toneleros e fin. na praia do Copacabana.

Bastos (travessa do) princ. na rua Miguel de Frias e fin. no boulevard de S. Christovão.

Bastos (travessa do) no morro da Nova Cintra.

Batalha (becco da) princ. no portão do antigo Arsenal de Guerra e fin. no largo da Misericordia.

Batalha (largo da) entre a rua da Misericordia e largo do Moura.

Bazilio (rua) na estação do Meyer, princ. na rua do Engenho de Dentro e fin. em frente a casa do Dr. Guilherme Guimarães

Bazilio de Brito (rua) princ. na rua Cachamby e fin. na de Miguel Angelo.

Belfort Roxo (rua) princ. na rua Suzano e fin. na praia de Copacabana.

Bella (rua) princ. na rua Curupaity e e fin. na de Nossa Senhora das Dores.

Bella da Princeza (rua), Veja Nunes Machado.

Bella do Principe (rua), Veja Commandante Silveira, rua.

Bella de S. João (rua) princ. no Campo de S. Christovão e fin. na rua Alegria.

Bella de S. Luiz (rua) no Andarahy-Grande, princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na rua Gonzaga Bastos.

Bella Vista (rua da) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Alvaro.

Bella Vista (rua da) no Engenho Velho, Veja Barão de Itapagipe.

Bellas-Artes (travessa das) princ. na Avenida Passos e fin. na rua de São Jorge.

Belmira (rua) princ. na rua Silvania e fin. na estrada de Santa Cruz, na Piedade.

Bemfica (praça do) no fim da rua de S. Luiz Gonzaga.

Bemfica (rua de) vai do largo do Pedreguelho até ao largo de Bemfica sómente.

Bemfica (rua) princ. no largo de Bemfica e fin. na praia pequena.

Bemfica (travessa de), Veja Jockey-Club, rua do.

Benedictinos (rua dos), Veja Eduardo de Lemos, rua.

Benedicto Hypolito (rua) na Cidade Nova, princ, na rua das Flores e fin. na rua D. Laura de Araujo nos fundos do Asylo de Mendicidade.

Benjamin Constant (praça) situada nos terrenos da antiga fazenda imperial no Curato de Sta. Cruz.

Benjamin Constant (rua) antiga Santa Izabel, princ. na rua da Gloria e fin. na de Sta. Christinia.

Bento do Amaral (rua) princ. na praia de Christovão Colombo e fin. na fortaleza do Vigia em Copacabana.

Bento Barbosa (Becco de) princ. na rua de D. Feliciana.

Bernardes (rua) no antigo Campo do Padilha, no Eng. de Dentro.

Bernardo (rua) no Encantado.

Bernardo (travessa) princ. na rua Sá e fin. na rua Bernardo no Encantado.

Bernardo de Vasconcellos (rua do) princ. na rua do Barroso e o fin. na rua Anchieta em Copacabana.

Bercó (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro, e fin. na Estrada de Santa Cruz na Piedade.

Bethencourt Silva (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Antonio de Padua.

Bexiga (lugarejo), Freguezia de Jacarépaguá.

Bezerra de Menezes (rua), no Morro de Pinto V. Mont'Alverne, rua do.

Beeerra de Menezes (travessa) princ. na travessa Marquez de S. Vicente e fin. na rua Theodoro da Silva.

Bicca (praia da) na ilha do Governador.

Bica da Rainha no fim da rua das Laranjeiras.

Bispo (largo do) no fim da Rua Malvino Reis, hoje Rio Comprido.

Bispo (rua do) princ. na praça do Rio comprido, e fin. na rua Haddock Lobo.

Bittencourt (rua) princ. na rua Amelia e fin. na de Maria Vargas estação de Cascadura.

Blandina (rua) é situada na rua Presidente Barroso, na Cidade Nova.

Boaventura (avenida) é situada na rua Presidente Barroso, Cidade Nova.

Bôa-Morte (becco da) na rua da Misericordia. Veja D. Manoel travessa de.

Bôa-Vista (avenida) é situada na rua Nogueira, estação do Copertino.

Bôa-Vista (morro da) entre as Laranjeiras e Botafogo.

Bôa-Vista (rua da) hoje Marquez de S. Vicente princ. no largo de Nossa Senhora da Conceição e fin. na subida da Serra da Gavea.

Bôa-Vista (rua da) em Todos os Santos. Veja Elias de Albuquerque.

Bôa-Vista (rua da) ou Ladeira da Saude. Veja Conselheiro Zacharias, rua.

Bôa-Vista (rua da), no alto da Tijuca.

Bôa-Vista (rua da) princ. na rua Conselheiro Magalhães e termina na rua D. Alice, estação do Riachuelo.

Bôa-Vista (travessa da) na Gamboa.

Bôa-Vista (travessa da) no morro de Pinto, princ. na rua Deolindo e fin. na de Bezerra de Merezes.

Bomfim (rua do) princ. na praia de S. Christovão e vai findar na rua Bella de S. João.

Bom-Jardim (rua do). Veja Visconde de Sapucahy, rua.

Bom-Jardim (travessa) na Freg. de Sant'Anna.

Bom-Jesus (travessa do) a que da rua

General Camara vai sahir na rua de S. Pedro.

Bom-Pastor (rua) princ. na rua Dona Bibiana e fin. na rua Dezembargador Izidro.

Boqueirão (praia do) na ilha do Governador.

Boqueirão do Passeio. Veja Luiz de Vasconcellos, rua.

Borges (travessa) princ. na rua Medina e nao tem fim, estaçao de Todos os Santos.

Borges (rua) princ. na rua Honorio e fin. na Estrada de Santa Cruz em todos os Santos.

Borges Monteiro (rua) princ. na rua Dr. Manoel Victorino e fin. na rua Vinte e Cinco de Março.

Botafogo (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na rua da Capella da Piedade.

Botafogo (praia de) tem principio no morro da Viuva.

Botafogo (praça de) princ. no caminho dos pilares, rua D. Laura e rua Padre Januario.

Botelho (morro do) na Piedade nelle termina a rua Botelho.

Boticario (largo do) no fim da rua Cosme Velho, hoje rua do Senador Octaviano, a direita.

Boulevard Dr. Celso Reis (avenida) é situada entre a rua Marquez de S. Vicente e a praia do Arpoador.

Boulevard Ferreira Nobre (rua) princ. na rua Marques de Leão e fin. na de Goyaz, Engenho Novo.

Boulevard de S. Christovão antigo Boulevard do Imperador princ. no fim da Rua Senador Euzebio e fin. na de S. Christovão.

Boulevard Villa-Izabel em Villa-Izabel. Veja Boulevard Vinte e Oito de Setembro.

Boulevard 28 de Setembro princ. na rua de S. Francisco Xavier na ponte Maracaña e fin. na praça 7 de Março em Villa-Izabel.

Braço de Ouro (rua do) no Andarahy-Grande.

Braga (avenida) é situada na rua Goyaz, Estação da Piedade.

Bragança (becco de) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na rua da Quitanda.

Bragança (rua de). Veja Conselheiro Saraiva, rua do.

Brandão (avenida) é situada no Campo S. Christovão, praça D. Pedro I, hoje praça do Marechal Deodoro.

Braulio Cardeiro (rua) princ. na rua Viuva Claudio antiga do Engenho de Dentro e fin. na do Dr. Lino Teixeira.

Braz de Pinna (estrada de) em Irajá.

Brazilina (rua) princ. na rua Barboza e fin. na rua Cardoso, estação de Cascadura.

Brito Teixeira (trauessa do) princ. na rua Attilia e fin. na rua Carlos Gomes no morro do Pinto.

Brown (rua) princ. na rua Bazilio e fin. na de Anna Barboza, em Todos os Santos.

Buarque (rua) na Copacabana princ. na rua Rodolpho Dantas e fin. na de Salvador Correa, Leme.

Buarque de Macedo (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Bulhões de Carvalho (rua) princ. na Igrejinga em Copacabana e fin. na esquina da rua Barcellos.

C

Cabido (rua do) princ. na rua do Mattoso e fin. na travessa de S. Valentim.

Caboclas (rio) na Laranjeiras.

Caboclo (morro do) no Campo Grande.

Cabra (ilha das) pertence á Freg. da Inhauma.

Cabritos (morro dos) na Copacabana.

Cabaçu (rua do) princ. na rua Barao do Bom Retiro e fin. no Meyer.

Cabuçu (travessa), Veja General Bellegarde rua Freg. do Engenho Novo.

Cachamby (rua do) princ. na rua Eulina, antiga da Gloria no Meyer, e fin. na estrada real de Sta. Cruz.

Cachoeira (rua da) no Engenho Novo.

Cachoeira Grande ou Cachoeira da Tijuca (caminho da) é além do Alto da Boa Vista e fin. no Quebra-Cangalhas.

Cachorro (becco dos), Veja travessa de Santa Rita.

Cadea Nova (largo da) era assim conhecido o pequeno largo na rua de Sant'Anna em frente a matriz de Sant'Anna.

Caes Novo da Gloria (rua do) Veja Lapa, rua da.

Caixa d'Agua (rua da) na cancella de S. Christovão, princ. na rua de Fonseca Telles e fin. no morro.

Cajú (caes do) na praia de S. Christovão.

Cajú (praia do), Veja Ponta do Cajú.

Cajueiros, da praça da Acclamação até a rua Barão de S. Felix.

Cajueiros (rua dos) princ. na rua General Caldwel, antiga Formosa e tem sahida para a do Barão de S. Felix.

Calçada (rua da) na rua Vinte e Quatro de Maio, Veja Gregorio Neves, rua.

Calçado (rua do) no Engenho Novo.

Camarista Meyer (rua do) princ. na rua Dr. Dias da Cruz na Bocca do Matto e fin. na da Serra.

Camerino (rua) outr'ora rua da Imperatriz, princ. na praça Municipal e fin. no largo de S. Domingos.

Caminha (travessa) na rua Leopoldo no Andarahy Grande.

Camingo do Jardim, princ. na descida do Alto da Boa Vista, da Tijuca e fin. na Mesa do Imperador.

Campinho (largo do) em Cascadura.

Campinho (rua do) princ. na rua Nova

de D. Pedro II, junto a ponte de Cascadura e fin, no largo do Campinho.

Campo Alegre (rua do) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na do General Canabarro.

Campo dos Frades (becco do) princ. no largo da Lapa e fin. na praia, entre o Passeio Publico e o Convento do Carmo.

Campo do Padilha, veja villa Thereza.

Campo de S. Christovão, hoje praça Marechal Deodoro, acha-se entre a praia de S. Christovão e o principio da Cancella.

Campo de Marte é o terreno de mangue comprehendido entre a Caixa d'Agua do Estacio Sá e a rua Visconde de Itauna.

Cancella (largo da) está comprehendido entre as ruas Paraná e Chaves Faria.

Cancella (rua da) no principio da rua Capitão Salomão, Pedregulho desde o Campo de S. Christovão até ao portão da Quinta.

Cancellas (becco das) princ. na rua do Ouvidor e fin. na de Hospicio.

Candelaria (rua da) princ. na rua do Hospicio e fin. na do Conselheiro Saraiva.

Candida Bastos (rua) princ. na rua Itaquaty e fin. na do Commendador Telles, Cascadura.

Candido Benicio (rua) Freg. de Jacarepaguá.

Caniços (praia dos) princ. na barra da Lagoa de Rodrigo de Freitas e fin. na praia Funda.

Canôa (rua da) no Jardim Botanico, princ. no caminho da Gavea e fin. no matto do morro.

Canôas (becco), Veja Cleto becco do.

Canos da Carioca (morro dos) é a continuação da ladeira de Santa Thereza ou rua do Aqueducto.

Canos da Carioca (rua dos) aberta em terreno do Navarro, em Catumby.

Cantagallo (morro do) princ. no fim da rua Conselheiro Bento Lisboa e fin. nos Canos da Carioca.

Cantagallo (pedreira do) Freg. da Gloria.

Capão do Bispo (travessa do) na Estrada de Santa Cruz.

Capella (rua da) em frente a estação da Piedade e fin. na rua Muriquipary.

Capim (Largo do), Veja General Osorio Praça do.

Capim Mellado (serra do) Freg. de Guaratiba.

Capitão Amador Barbosa (rua) é situada no Rio Comprido, entre as ruas Dr. Costa Ferraz hoje Dr. Campos da Paz, e Leste.

Capitão Barrão (travessa) na Villa Guarany, communica a rua Mello e Souza com a do Consultorio.

Capitão Felix (rua do) princ. na rua Tenente Coronel Silva Veiga e fin. na rua da Alegria.

Capitão Rezende (rua) antiga da Gloria em Todos os Santos.

Capitão Salomão (rua) princ. no Campo de S. Christovão e fin. no largo do Pedregullo.

Capitão Senna (rua do) princ. no morro do Barro Vermelho e fin. na Quinta.

Capitão Senna (rua do) no morro de S. Diego.

Capitão Senna (travessa do) princ. na rua do mesmo nome, no morro de S. Diogo.

Capitão Tiberio (praça) em Jacarépaguá.

Capitolino (rua do) princ. na rua Doutor Garnier e fin. na de D. Anna Guimaraes.

Capitolino (rua) princ. na rua Itamaraty e fin. na de Iguassú.

Caramurú (rua do) nos fundos do novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Cardoso (rua) princ. na rua Felicia e fin. na do Amparo.

Cardoso (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro e fin. na de Cachamby.

Cardoso Junior (rua) antiga União princ. na rua das Larangeiras e no alto do morro do Mundo Novo.

Cardoso de Mesquita (rua) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. na de Fontoura Chaves.

Cardoso Quintão (rua) em Inhauma.

Caridade (rua da) em S. Christavão no Retiro da America.

Carioca (becco da) princ. na travessa Silva Jardim e não tem sahida.

Carioca (largo da) é o que existe lado direito da ladeira de Santo Antonio.

Carioca (rua da) princ. no largo da Carioca o fin. no praça Tiradentes.

Carlos Gomes (rua de) princ. na rua Sara e tem sahida para o caminho velho de Santa Thereza.

Carlo Gomes (rua de) na estação de Sampaio. Veja S. Paulo, rua.

Carlos de Sá (travessa) princ. na rua Henrique de Sá e fin. na do Commandante Silveira.

Carmelitas (becco dos) princ. na praia da Lapa e fin. na travessa do Desterro.

Carmo (becco do) princ. na rua do Carmo hoje Julio Cesar e fin. na rua Quitanda.

Carneirinho (praça) em Paula Mattos.

Carneiro (travessa do) fica no fim da rua D. Maria Lacerda, no morro Santos Rodrigues.

Carneiro (travessa) princ. na rua D. Elisa e fin. na villa Senador Soares.

Carneiro de Campos (rua) na rua S. Januario.

Carneiro Leão (travessa do) princ. na rua Saldanha Marinho no morro do Pinto e fin. na de Mariana Procopio.

Carolina (rua) princ. na rua José dos Reis e fin. na rua Guimarães.

Carolina Machado (rua) princ. na entrada do Rio das Pedras.

Carolina Meyer (rua) princ. na rua Archias Cordeiro e fin. na rua Lucidio Lago, no Meyer.

Carolina Reydner (rua de Dona) princ.

na rua Frei Caneca e fin. na de D. Emilia Guimarães.

Carolina dos Santos (rua) princ. na rua Engenho de Dentro e fin. na rua Dr. Lins Vasconcellos.

Carvalhaes (rua) no Engenho Novo.

Carvalho Alvim (travessa) princ. na rua Uruguay e term. na pedreira no fim desta travessa.

Carvalho de Sá (rua de) princ. na praça Duque de Caixas e fin. nas Laranjeiras.

Carvalho de Sá (travessa do) princ. na rua Carvalho de Sá e fin. na rua das Laranjeiras.

Carvalho de Sá (travessa do) princ. na rua Carvalho de Sá e fin. na rua das Laranjeiras.

Cascadura (Lago de) entre a estação de Cascadura e a rua da Estação.

Cascadura (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. em Muriquipary.

Cascata Grande. Veja Cachoeira da Tijuca.

Casimiro (rua do) no Meyer.

Cassiano (rua do) na Gloria. Veja Chefe de Divisão Salgado, rua do.

Cassiano (travessa do) princ. na rua do mesmo nome, hoje Chefe de Divisão Salgado, a esquerda, Freg. da Gloria.

Castello (ladeira do) é a que pela rua do Carmo, hoje Julio Cesar, dá subida para aquelle morro. Além desta ha mais duas principiando uma no largo da Misericordia e a outra no largo da Ajuda, outr'ora Mãi do Bispo, hoje praça Ferreira Vianna, que vai desapparecer pois fica comprehendida na Avenida Central, Freg. de S. José.

Castello (morro do) entre o largo da Sé Velha e o morro do Castello.

Castello (praça do) entre o largo da Sé Velha e rua do Castello.

Castro (ladeira do) princ. na rua do Riachuelo e fin. no largo dos Guimarães em Santa Thereza.

Castro (travessa do) em Monte-Alegre, no morro de Santa Thereza.

Castro Alves (rua) antiga rua Leopoldina em Todos os Santos.

Castro Velho (ladeira do) no morro de Santa Thereza. Veja Castro, Ladeira.

Cattete (praça do) outr'ora Ferreira Vianna no fim da rua do Cattete.

Cattete (rua do) princ. no largo da Gloria e fin. na praça José de Alencar.

Cattete (caminho do) em Inhauma.

Cattete (rua) na Piedade.

Cattete (avenida) é situada na rua Ferreira Vianna.

Catumby (largo de) na rua de Catumby em frente ao cemiterio da Ordem Terceira de São Francisco de Paula.

Catumby (rua de) ou Catumby-Grande princ. na rua Frei Caneca e fin. na rua Itapirú.

Cavado (morro do) em Guarativa.

Cavalcanti (rua) princ. na rua da Capella e fin. na do Assis Carneiro na Piedade.

Cavalcanti (rua) em S. Francisco Xavier. Veja Costa Lobo, rua.

Cayrú (becco) princ. na rua do Chile e fin. no de Manoel de Carvalho.

Ceará (rua) princ. na esquina da rua do S. Felippe e fin. na travessa Souza Dantas, em S. Francisco Xavier.

Cecilia (rua) princ. na rua do morro do Vintem e fin. na rua Angelica.

Cecilia Nunes (rua) princ. na rua Doutor Lins de Vasconcallos e fin. na rua Abuidabam.

Cemiterio (rua do) na Saude. Veja, Harmonia, rua da.

Cerqueira Lima (travessa) Estação do Riachuelo.

Cerqueira Lima (rua) prin. na cancella da estação do Riachuelo e fin. na Serra do Macaco.

Cesaria (rua) no Meyer.

Cesaria (rua) princ. na rua 13 de Maio e fin. na rua Silvana.

Cesaria Pires (rua) em Todos os Santos.

Cesario Machado (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na rua Moura Piedade.

Chá (morro do) Freg. de Santa Cruz.

Chacara da Floresta (avenida) na rua da Ajuda.

Chacara das Palmeiras (avenida) na rua Thobias Barreto 48.

Chacarinha (avenida) na rua do Cattete n. 70.

Chaves Faria (rua de) fica na rua de S. Luiz Gonzaga.

Chefe de Divisão Salgado (rua e travessa), antiga do Senador Gassiano princ. na rua D. Luiza e fin. em Santa Thereza.

Chichorra (caes da) na Saude.

Chichorra (praia da) no fim da praia da Gamboa.

Chichorro (rua do) princ. na rua de Catumby e fin. no Cemiterio de S. Francisco de Paula.

Chico Diabo (rua) princ. na rua Marietta e fin. na do Progresso.

Chile (rua) outr'ora rua da Ajuda princ. na rua de José, em frente á Igreja do Parto e fin. na Avenida Central.

Chiquita (travessa) na Villa Ruy Barbosa, á rua dos Invalidos, 24.

Christina (travessa) princ. na rua Baldracco.

Christovão Colombo (rua) princ. na rua Miguel Fernandes e fin. na rua Miguel Angelo.

Christovão Colombo (rua) outr'ora Dous de Dezembro princ. na praia do Flamengo e fin. na rua Conselheiro Bento Lisboa.

Christovão Monteiro (rua) perpendicular a Copacabana.

Christovão Penha (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na rua Alfredo Reis na Piedade.

Cidade Velha, ou Districto da praça da Acclamação para o mar.

Clapp (rua) princ. na praça 15 de Novembro e finaliza no largo do Moura.

Clarisse (rua) no Engenho Velho.

Claudina (rua) princ. na rua Dias de ilva, no Meyer.

Claudio Manoel (rua de) nos fundos do novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Cleto) becco do) na rua da Saude.

Club Athletico (rua) princ. na rua Conde de Bonfim 6.ª casa e fin. no morro.

Club-Gymnastico (rua do) na Freg. do Sacramento.

Coelho (travessa do) em Santa Thereza.

Coelho do Castro (rua de) na Saude entre a praça Municipal e a rua da Pedra do Sal.

Coimbra (rua do) princ. na rua do Visconde de Itauna e fin. na Caixa d'Agua.

Collegio (campo do) Freguezia de Guaratiba.

Collegio (ladeira de), Veja Misericordia, ladeira da.

Collina (rua) princ. na rua São Luiz e fin. na do Doutor Aristides Lobo.

Commandante Maurity (rua do) antiga do Porto, princ. na travessa do Bom Jardim e fin. na rua de S. Leopoldo.

Commandante Silveira (rua do) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Commandante Tamborim (rua do) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. na de S. Clemente.

Commendador Correa de Oliveira (rua) princ. na rua Conselheiro Auran et fin. na rua Barão do Bom Retiro.

Commendador Evora (rua) fica na travessa Commendador Leonardo, na Gamboa.

Commendador Ferreira Sampaio (rua princ. na Estrada de Santa Cruz e fin. na de Ernesto Nunes.

Commendador Frederico Durval (praça) Freg, de Inhauma.

Commendador João Alfredo (rua do) em Villa-Izabel.

Commendador João Ventura (rua do) princ. na rua de Catumby e fin. na de D. Carolina.

Commendador Leonardo (rua do) na Gamboa, princ. na rua da União e fin. no morro.

Commendador Lisboa (rua) em Irajá.

Commendador Oliveira (travessa) princ. na rua Sergipe e fin. na mesma rua no morro.

Commendador Teixeira de Azevedo (rua) princ. na rua Trezes de Maio e fin. na rua Vista Alegre, Encantado.

Commendador Telles (rua) em Cascadura. Veja Dr. Silva Gomes, rua.

Commorcial (avenida) na rua Christovão Colombo.

Commercio (travessa) princ. na praça 15 de Novombro e fin. na rua de Ouvidor.

Conceição (fortaleza da) no morro do mesmo nome.

Conceição (ladeira da) prin. no fim da rua dos Ourives.

Conceição (morro da) no fim da rua dos Ourives.

Conceição (travessa). Veja Coronel Julião, travessa.

Conciliação (rua da) em Santa Thereza.

Concordia (rua da) princ. na rua Padre Miguelinp e fin. na do Oriente.

Concordia (rua da) detraz do quartel dos Bombeiros no Cattete.

Condo (Rua do) Veja Visconde do rio Branco, rua do.

Conde de Baependy (rua do) no Cattete.

Conde de Bomfim (rua do) princ. no fim da rua Haddock Lobo e vai terminar na Estrada Velha da Tijuca.

Conde d'Eu (rua do) na Cidade Nova. Veja Frei Caneca, rua.

Conde de Herzberg (rua do) Veja Major Suckow, rua.

Conde de Irajá (rua do) princ. na rua dos Voluntarios da Patria e fin. na de Pinheiro Guimarães.

Conde de Lages (rua do) princ. na rua da Gloria a fin. na de Dr. Joaquim Silva. Santa Thereza.

Conde de Leopoldina (rua) em S. Christovão. Veja Pau Ferro rua.

Conde de Leopoldina (avenida) é situada na rua da Alegria.

Conde de Porto Alegre (rua do) princ. na rua Dr. Garnier e fin. na de Tavares Ferreira, estação do Rocha.

Condessa de Belmonte (rua) princ. na rua General Bellegarde e fin. na rua D. Romana.

Conselheiro Affonso Celso (rua do) no Engenho Velho. Veja, Luiz Barbosa rua.

Conselheiro Agostinho (rua do) princ. na rua José Bonifacio em Todos os Santos e fin. na rua Goyaz no Engenho de Dentro.

Conselheiro Andrade Pertence (rua) fica além da rua Conselheiro Bento Lisboa, no Cattete.

Conselheiro Autran (rua do) em Villa Izabel.

Conselheiro Barros (rua) no Rio Comprido, princ. na rua Barão de Sertorio e fin. na do Bispo.

Conselheiro Bento Lisboa (rua do) princ. na rua Pedro Americo e fin. na praça Duque de Caxias.

Conselheiro Buarque de Macedo (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Conselheiro Corrêa de Oliveira (rua do) princ. em Villa Izabel e fin. na rua Barão de Bom Retiro.

Conselheiro Costa Pereira (rua do) princ.

na rua Pereira Nunes e fin. na rua Major Avila.

Conselheiro Ferraz (rua do) princ. na rua do General Bellegarde, no Cabuçú e fin. na rua D. Antonia.

Conselheiro Freire Allemão (largo do) em frente ao novo Arsenal de Guerra no Realengo.

Conselheiro João Cardoso (rua do) princ. na praia Formosa e fin. na rua Sara.

Conselheiro Jobim (rua do) prin. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua de Bella Vista.

Conselheiro Junqueira (rua do) parallela a face do Arsenal de Guerra no Realengo.

Conselheiro Leonardo (rua) princ. na rua D. Joaquina e fin. na rua Saldanha Marinho no morro do Pinto.

Conselheiro Magalhães Castro (rua do) princ. na estação do Riachuelo e fin. na rua Dr. Lino Teixeira.

Conselheiro Mayrink (rua) princ. na rua de Dona Alice e fin. na praia pequena.

Conselheiro Moraes e Valle (rua) princ. na rua da Lapa e fin. na do Dr. Joaquim Silva.

Conselheiro Paranaguá (rua do) em Villa Izavel princ. na rua Souza Franco e fin. na rua Sete de Março.

Conselheiro Pereira Franco (rua) princ. na rua Visconde Itauna e fin. na de Estacio de Sá.

Conselheiro Pereira da Silva (rua) na rua do Rio Comprido.

Conselheiro Saldanha Marinho (rua do) no morro do Pinto.

Conselheira Sampaio Vianna (rua) princ. na rua do Bispo e não tem sahida.

Conselheiro Saraiva (rua do) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na Quitanda.

Conselheiro Souza Bastos (rua do) princ. a d reita da rua Barão de Mesquita e fin. em Villa Izabel.

Conselheiro Thomaz Coelho (rua do) princ. nã rua Barão de Mesquita.

Conselheiro Torres Homem (rua do) em Villa Izabel.

Conselheiro Vieira da Silva (rua) Veja Acre, rua.

Conselheiro Werna Magalhães (rua) princ. na rua do Bom Retiro e fin. na do General Bellegarde.

Conselheiro Zacharias (rua do) no Engenho de Dentro. Veja Rio de Janeiro, rua.

Conselheiro Zacharias (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na rua da Gamboa.

Conselheiro Zenha (rua do) princ. na rua Conde de Bomfim e fin, na antiga chacara do Aragão.

Constança (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Bazilio, Todos os Santos.

Constança Barbosa (rua) princ, na rua Lia Barbosa e fin. na rua Manoela Barbosa, Meyer.

Constituição (praça) Veja Tiradentes praça.

Constituição (rua da) princ. na praça Tiradententes e fin. na praça da Acclamação.

Consultorio (rua do) princ. na rua Pedro Ivo e fin. no rio Joanna.

Copacabana (praia da) tem princ. a beira mar, e fin. na egreja do mesmo nome.

Copacabana (rua da) Veja Passagem, rua.

Coqueiros (rua dos) parallela á rua de Catumby, em frente ao Cemiterio de S. Francisco de Paula.

Corcovado) caminho (do) no fim do Cosme Velho.

Corcovado (morro do) princ. no Cosme Velho.

Cordeiro (travessa do) princ. na rua Treze de Maio no Engenho de Dentro.

Cornelio (rua) em Cascadura, prin. na rua do Cattete e fin. no Engenho do Matto.

Cornelio (rua) aberta nos terrenos de João Martins Cornelio dos Santos, na rua Bomfim.

Coronel Alfredo de Almeida (rua) princ. na rua Engenheiro Nazareth e fin. na de Thereza Cavalcanti.

Coronel Borjas Reis (rua) no Engenho de Dentro, princ. na rua Dr. Dias da Cruz.

Coronel Cabrita (rua do) princ. na praça do Visconde do Rio Branco e fin. na da Esperança.

Coronel Carneiro de Campos (rua do) princ. na praça do General Pinto Peixoto e fin. na rua S. Januario.

Coronel Carvalho (rua), Veja Matriz, rua.

Coronel Figueira de Mello (rua do) princ. no boulevard de Villa Izabel e fin. no Campo de S. Christovão.

Coronel João Francisco (rua) princ. na rua Barão de Iguatemy e fin. na travessa do Dr. Araujo Faria.

Coronel Julião (travessa do) outr'ora da Conceição, princ. na rua do Senador Pompeu e vai terminar no morro da Conceição.

Coronel Magalhães (rua) em Cascadura.

Coronel Moreira Cesar (rua) antiga do Ouvidor, princ. na praça das Marinhas e fin. na praça do Coronel Tamarindo.

Coronel Oliva Maia (rua) Freg. da Irajá.

Coronel Olympio (rua) Freg. de Santa Cruz.

Coronel Pedro Alves (rua) outr'ora praia Formosa, princ. na ponte do Boticario, Sacco do Alferes.

Coronel Rangel (Rua) antiga estrada do Campinho.

Coronel Soares (rua) na estação do Sampaio, princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Luiz Soares.

Coronel Souza Valente (travessa do) prin. na rua Escobar e fin. na do Coronel Figueira de Mello.

Coronel Tamarindo (praça) antigo largo de S. Francisco de Paula, no fim da rua Coronel Moreira Cesar, antiga do Ouvidor.

Corrêa Dutra (rua) princ. na praia do Flamengo e fin. na rua Pedro Americo.

Corrêa de Oliveira (rua do) em Villa Izabel.

Corrêa de Sá (rua) no morro de Santa Thereza, princ. na rua do Aqueducto e não tem sahida.

Corretor Figueira (rua) na rua Ypiranga nas Laranjeiras.

Cortume (rua do) princ. na rua Mello e Souza e fin. na rua Coronel Figueira de Mello.

Coruja (rua do) no Retiro da America.

Cosme (rua do) no morro de S. Diogo.

Cosme-Velho (rua do), Veja no Senador Octaviano, rua.

Costa (rua do) Freg. do Campo.

Costa (rua do) hoje General Gomes Carneiro, princ. na rua Marechal Floriano Peixoto e finalisa adiante da rua Senador Euzebio. Veja General Gomes Carneiro.

Costa Barros (rua do) no morro da Madre de Deus princ. no fim da rua do Monte e fin. na rua do Costa.

Costa-Bastos (rua do) na rua do Riachuelo. Veja Mario, rua.

Costa Guimarães (rua do) no Retiro da America.

Costa Guimarães (travessa do) princ. na rua Caruzú e fin. na rua das Tres Bocas.

Costa Junior (rua) princ. na rua Botafogo e fin. na rua Muriquipary.

Costa Lima (rua do) princ. na rua do Rio Comprido e tem uma sahida particular para o da Estrella.

Costa Lima (travessa do) a que da rua do Rio Comprido vai ao terreno dos Soares.

Costa Lobo (rua) princ. na rua de Dona Anna Nery e fin. na do Jockey-Club.

Costa Lobo (rua) no Engenho Novo, princ. na rua Miguel Fernandes e fin. na de Miguel Angelo.

Costa Pereira (rua do) princ. na rua Haddock Lobo, antes, da rua S. Francisco Xavier.

Costa Pereira (rua do) em Villa Izabel, princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na Serra do Andarahy.

Costa Pereira (rua do) Veja Hospicio, rua do.

Costa Sá (rua) fica entre as ruas Conselheiro Andrade Pertence e Commandante Silveira, no Cattete.

Costa Velho (becco do) na rua da Misericordia. Veja Dr. Costa Velho, travessa.

Cotegipe (travessa) começa junto á casa em que falleceu o Barão de Cotegipe e fin. na praia de Botafogo.

Cotovelo (rua do) outr'ora becco, princ. no caes del Vecchio e fin. na ladeira.

Cova da Onça (rua da) no Rio Comprido.

Cruz (rua do) no Andarahy-Grande. Veja Souza Cruz, rua.

Cruz (rua) princ. na rua dos Araujos e fin, na rua Barão de Iguatemy.

Cruz Lima (travessa do) entre a rua Senador Vergueiro e a praia do Flamengo.

Cruz e Souza (rua) no Encantado.

Cruzeiro (rua do) no Andarahy Grande, antes da rua Pereira Nunes.

Cruzeiro (rua do) junto á Igreja de Nossa Senhora de Copacabana.

Cruzeiro (avenida) é situada junto a rua Pereira Siqueira, junto a fabrica de cerveja Babylonia.

Cruzeiro (praça do) entre as ruas de Mar de Hespanha, Guttemberg e Miguel Angelo.

Caruzú (rua do) princ. na praça do Visconde do Rio Branco e fin. na rua da Caridade.

Cruzeiro do Sul (rua do) no morro da Nova Cintra.

Cunha (rua do) no Andarahy-Grande.

Cunha (rua do) princ. em Catumby e vai terminar na ladeira do Vianna.

Cunha Barbosa (rua do) princ. na rua Monte e fin. na de João Alvares.

Cunha Mattos (travessa do) princ. na rua do Livramento e fin. na do Cunha Barbosa.

Curral Falso (lugarejo) Freg. de Santa Cruz.

Curapaity (rua) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro e fin. na rua Zepherino em Todos os Santos.

Curvelo (rua do) ao lado da rua do Acqueducto, no morro de Santa Thereza.

D

Daniel Carneiro (rua do) princ. na rua Borges Monteiro e fin. na rua Luiz Carneiro no Encantado.

Dario (rua) em Todos os Santos.

Dario da Silva (rua) Freg. da Lagoa.

Dehoul (becco) na rua do Barão de Pirassinunga, Fabrica das Chitas.

Delgado de Carvalho (rua) Veja General Delgado de Carvalho, rua.

Delphim (rua) no Engenho Velho princ. na rua Conde de Bomfim e não tem sahida.

Delphim (rua) princ. na rua do General Polydoro e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Delphina (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. no rua Desembargador Carvalho.

Del Velchio (cáes) antiga praia de Dom Manoel entre a praça 15 da Novembro e o largo de Moura.

Demetrio (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na rua Prudente de Moraes, estação de Cupertino.

Deolinda (rua) princ. na rua Carlos Gomes no morro do Pinto.

Deolinda (travessa) na Gambôa. Veja Boa-Vista, travessa da.

Deposito (largo do) entre as ruas da Conceição, Camerino, Senador Pompeu e Barão de São Felix.

Desembargador Borges Monteiro (rua do) no Campo do Padilha, Engenho de Dentro.

Desembargador Castello Branco (rua do) no Rocha, princ. na rua Bella-Vista e fin. na rua do Conselheiro Agostinho.

Desembargador Izidro (rua do) princ. na do Conde de Bomfim e fin. na Serra da Fabrica das Chitas.

Desembargador Jaguaribe (rua do) em S. Francisco Xavier princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.

Desembargador Viriato (travessa do) princ. no mar e fin. na rua da Santa Luzia.

Desterro (travessa do), Veja Conselheiro Moraes e Valle, rua do.

Dezenove de Fevereiro (rua) outr'ora rua de S. Luiz, princ. na rua de S. Clemente e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Dezesseis de Maio (travessa) princ. na rua D. Amalia hoje dos Proletarios e fin. na Avenida Ferreira em Cascadura.

Dezoito de Outubro (rua) princ. na rua Alves de Brito e fin. no rio do Trapicheiro.

Diamantina (travessa) princ. na rua 24 de Maio e fin. no morro do Macaco.

Dias da Costa (becco do) outr'ora becco dos Afflictos prin. na rua da Alfandega e fin. na rua General Camara.

Dias da Silva (rua do) no Campo do Padilha, Engenho de Dentro, princ. na rua do Matheus e fin. na rua Claudina no Meyer.

Dias da Silva (rua do) princ. na rua D. Anna Nery e fin. na do Ouro no morro do Figueiredo.

Didimo (rua) no interior da Villa Ruy-Barbosa.

Dina (rua) hoje Visconde de Duprat.

Dionysio Fernandes (rua princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. na Serra de Ignacio Dias, Engenho de Dentro.

Direita (rua) na Freg. de Candelaria. Veja Primeiro de Março, rua.

Dom Affonso (rua de) no Andarahy-Grande.

Dom Carlos (rua) princ. na rua de S. Januario e fin. na rua Abilio.

Dom José (rua) no Engenho Novo. Veja Maranhao, rua.

Dom Manoel (praia de) á esquerda da rua do mesmo nome entre a praça Quinze de Novembro e o largo do Moura.

Dom Manoel (rua de) entre a praça 15 de Novembro e o Largo do Moura.

Dom Manoel (travessa de) outr'ora becco da Boa Morte princ. na praia de D. Manoel e fin. na rua da Misericordia.

D. Pedro (praça de), Veja Marechal Deodoro, praça.

D. Pedro II (praça de), Veja Quinze de novembro, praça.

D. Pedro II (rua) no Engenho Novo e Inhauma.

Domingues Vidal (rua) antiga de Sant'-Auna.

Dona Adelaide (rua de) na bocca do Matto, no Meyer.

Dona Adelaide (rua) em Cascadura, princ. no estrada da Santa Cruz e fin. na Serra dos Urubús.

Dona Adelaide (rua) no Engenho de Dentro, princ. na rua Cornelio e fin. na rua Henrique Scheid.

Dona Adriana (rua) princ. no Meyer e fin, na bocca do Matto.

Dona Albina (rua de), Veja Pinto de Azevedo, rua.

Dona Alice (rua) em Cascadura princ. na rua Souza Cerqueira e fin. na rua da Serra.

Dona Alice (rua) princ. na rua D. Anna Nery e fin. na Conselheiro Mayrink.

Dona Alzira Brandão (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Pereira de Siqueira.

Dona Alzira Valdetaro (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro.

Dona Ambrosina (rua) na estação de Cascadura, princ. na rua Brazilina e fin. na de Florentino.

Dona Amalia (rua) na rua do Mottoso adiante do Collegio São Vicente de Paula.

Dona Amalia (rua) em Doutor Frontin, princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua do Cattete, em Cascadura.

Dona Amelia (rua) princ. na Estação do Meyer e fin. na rua José Bonifacio.

Dona Angelina (rua) princ. na rua da Serra de Ignacio Dias e fin. na rua Antonio Vargas, Cascadura.

Dona Anna (rua de) princ. na rua Nossa Senhora da Piedade et fin, na rua Farani.

Dona Anna (rua de) em S. Cristovão.

Dona Anna (travessa de) Fabrica das Chitas.

Dona Anna Guimarães (rua) princ. na rua D. Anna Nery e fin. na rua Cotia, estação do Rocha.

Dona Anna Leonida (rua de) no Campo do Padilha no Engenho de Dentro.

Dona Anna Marinho (rua de) no morro da Madre de Deus.

Dona Anna de Mascarenhas na ladeira da Madre de Deus.

Dona Anna Nery (rua de) do largo do Pedregulho pela estação do Riachuelo até à do Sampaio.

Dona Anna Nery (rua de) no Castello.

Dona Anna Rosa (rua) princ. na rua Joaquim Meyer.

Dona Antonia (praça de) no princ. da rua Paula Mattos.

Dona Augusta (rua) princ. na rua José dos Reis e fin. na rua Guineza.

Dona Antonia (rua de) princ. no fim da rua Conselheiro Ferraz.

Dona Balbina (rua de) em S. Christovão. Veja Mello Souza, rua.

Dona Bibiana (rua de) princ. na rua dos Araujos e fin. na rua do Dezembargador Izidoro.

Dona Brasiliana (rua) em Cascadura, princ. na rua Barbosa e fin. na rua Cardoso.

Dona Candida (rua). Veja Lopes Ferraz, rua.

Dona Carlota (rua de) princ. na praia de Botafogo et fin, na rua da Assumpção.

Dona Carolina (rua de), Veja General Bento Gonçalves.

Dona Carolina (rua) em Botafogo princ. na rua D. Polycena e fin. na rua Marciana.

Dona Carolina (rua de) na Tijuca, ponto dos bonds.

Dona Carolina (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.

Dona Castorina (estrada) princ. na rua do Jardim Botanico e fin. na Tijuca.

Dona Castorina Pires (travessa) Veja Dr. Ezequiel, rua.

Dona Catharina (travessa de) na rua do Mattoso.

Dona Cecilia (rua de) princ. na rua da Paz e fin. na da Estrella.

Dona Cecilia Guimarães (rua) entre a rua Aurora et ladeira de Santa Thereza.

Dona Clara (rua de) princ. na rua do Livramento e fin. na rua Honorio em Todos os Santos.

Dona Clara (rua) começa no fim da rua S. Luiz Gonzaga e fin. na rua Lopes da Silva.

Dona Clara de Barros (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na travessa Vinte e Seis de Maio.

Dona Constança (praça) na praia de Santa Luzia.

Dona Constança (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Bazilio em Todos os Santos.

Dona Constança (travessa) antiga Sorocaba, na rua General Polydoro.

Dona Delphina (rua de) aberta na rua General Pedra.

Dona Elisa (rua de) em Catumby Veja Laura, rua.

Dona Elisa (rua), Veja Doutor Augusto Pinto, rua.

Dona Elisa (travessa de) na rua de Senador Euzebio.

Dona Elisa Guimarães (rua de) no fim da rua do Chichorro, em Catumby.

Dona Elvira (rua) princ. rua Eugenia e fin. na rua Adelia, Engenho de Dentro.

Dona Elvira Machado (rua) princ. rua Dona Thereza Guimarães e fin. na do Delphim.

Dona Emerenciana (rua de) princ. na rua Fonseca Telles em S. Christovão.

Dona Emilia (rua) princ. na rua Souza Cerqueira e fin. na rua Julieta, Cascadura.

Dona Emilia Guimarães (rua de) no fim da rua Dr. Franklin do lado de cemiterio da Ordem de S. Francisco de Paula.

Dona Ermelinda (rua de) em Catumby no fim da rua Gonçalves.

Dona Estelvina (rua) princ. na rua Honorio e fin. na estrada de Santa Cruz, Todos os Santos.

Dona Eugenia (rua) princ. na rua Carolina e fin. na rua Dr. Luiz Silva Engnho de Dentro.

Dona Eugenia, (rua de) na rua do Estrella.

Dona Felicia (rua) princ. ao lado da igreja de Nossa Senhora do Amparo e fin. na estrada de Santa Cruz.

Dona Feliciana (rua de) princ. na travessa do Bom Jardim e fin. na rua Frei Caneca.

Dona Feliciana (rua de) na Fabrica das Chitas.

Dona Felicidade (travessa de) no fim da rua Senador Pompeu.

Dona Felicidade (travessa de) Veja Aguiar, travessa.

Dona Firmina (travessa) aberta em S. Christovão, no morro em frento ao do Barro Vermelho.

Dona Florinda (rua de) em Vila Izabel.

Dona Francisca (rua de) princ. na rua Visconde de S. Salvador de Mattosinhos.

Dona Francisca (rua de) no Engenho Novo.

Dona Fracisca Meyer (rua) no Engenho de Dentro.

Dona Gloria (rua) no Meyer.

Dona Guilhermina (rua de) princ. na rua do Ouro e fin. na de Dona Honoria, na rua Dona Anna Nery.

Dona Guilhermina (rua de) no morro da Nova Cintra.

Dona Henriqueta (rua de) em Villa Izabel.

Dona Honoria (rua de) na rua de Dona Guilhermina,

Dona Ida (rua de) no Engenho Novo.

Dona Idalina (rua de) em Catumby.

Dona Ignez (rua) princ. na rua Dr. Lino Teixeira e fin na rua Silva Rego.

Dona Izabel (rua de) em Catumby Veja Alagôas, rua.

Dona Izabel a Redemptora (praça de), Veja Lapa do Desterro, largo da.

Dona Isolina (rua) no Meyer.

Dona Januaria (rua de) Veja General Canabarro, rua.

Dona Jeronima (praça de) princ. na rua do Engenho de Dentro e fin. no morro.

Dona Joanna (rua) no Rio Comprido.
Dona Joaquina (rua de) princ. na praia Formosa e fin. na rua General Pedra.
Dona Joaquina (rua) no Meyer.
Dona Josephina (rua de) parallela á de João Caetano e fin. nas Officinas de S. Diogo.
Dona Julia (rua de) princ. na rua S. Martinho e fin. na do Senhor de Mattosiuhos.
Dona Julieta (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na serra dos Urubús, Cascadura.
Dona Laura (ruo) no Jardim Botanico.
Dona Laura (rua) princ. na rua Maxwel e fin. na rua do Senador Soares.
Dona Laura (rua) princ. na rua Cornelio e fin. na rua Adelia, Engenho de Dentro.
Dona Lauza de Araujo (rua de) ao lado do Asylo de S. Francisco de Assis.
Dona Leopoldina (rua de) em Villa Izabel. Vcja Dr. Augusto Pinto, rua.
Dona Lucia (rua) na ladeira do Faria.
Dona Luiza (rua de) princ. na rua da Gloria e vai findar no largo dos Guimarães.
Dona Luiza (rua de) no Engenho Novo.
Dona Luiza (rua de) em Villa Izabel.
Dona Luiza (rua de) no Meyer.
Dona Manoela (rua) no fim da rua de S. Januario.
Dona Manoela Barbosa (rua) em Todos os Santos.
Dona Marciana (rua de) princ. na rua de Passagem e fin. na de Assis Bueno.
Dona Margarida (rua) princ. na rua Dona Julieta et fin, na rua Teixeira de Carvalho.
Dona Maria (rua) no Andarahy Grande.
Dona Maria (rua de) na Aldêa Campista.
Dona Maria Adelaide (rua de) em Catumby.
Dona Maria de Amaral (travessa de), Veja Dr. Rodrigues dos Santos, rua do.
Dona Maria Antonia (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na rua General Bellegarde.
Dona Maria Flora (rua) princ. na rua do Engenho de Dentro e fin, rua Dous de Fevereiro.
Dona Maria Justina (rua) na Estação de Sampaio.
Dona Maria Lopes (rua) em Cascudura.
Dona Maria Magdalena (rua) em Todos os Santos.
Dona Maria Paula (rua) no Engenho de Dentro.
Dona Marianna (rua de) princ. na rua de S. Clemente e fin. na do General Polydoro.
Dona Minervina (rua de) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Conseilheiro Pereira Franco.
Dona Polyxena (rua de) em Botafogo.
Dona Rita (rua de) entre Villa Izabel e Andarahy Grande.
Dona Romana (rua de) no Engenho novo.
Dona Rosa (travessa de) princ. na rue Visconde de Sapucahy e fin. na rua Presidente Barroso.
Dona Rosa da Conceição (rua) na Estação do Meyer.
Dona Rosa Sayão (rua) princ. na rua Dona Anna Mascarenhas et fin. na rua do Monte.
Dona Silvana (rua) princ. na Piedade.
Dona Sophia (rua) no Rocha.
Dona Thereza (rua) em Todos os Santos.
Dona Thereza Guimarães (rua) princ na rua General Polydoro e fin. na de Todos os Santos.
Dona Umbelina (rua) princ. na rua Chaves Faria e fin. na rua de Paula e Silva.
Dona Zepherina (rua de) em Todos os Santos.
Dona Zulmira (rua) princ. na rua S. Francisco Xavier e fin. na rua Felippe Camarão.
Dores (rua) princ. na estação de Todos os Santos e fin. no Meyer.
Dous de Dezembro (rua) no Cattete. Veja Christovão Colombo.
Dous de Fevereiro (rua) no Engenho de Dentro.
Dous de Maio (rua) princ. na rua Souza Barros e fin. na rua de Engenho Novo.
Doutor Affonso Cavalcanti (rua) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Miguel de Frias.
Doutor Agra (rua) em Catumby.
Doutor Amaral (travessa do) princ. na rua da Redempçao.
Doutor Araujo (travessa do) princ. na rua Mattoso, e não tem sahida.
Doutor Araujo Gondim (rua) na Copacabana.
Doutor Archias Cordeiro (rua) antiga Goyaz até a rua Padilha no Engenho de Dentro.
Doutor Aristides Lobo (rua) antiga Rio Comprido, princ. na rua Haddock Lobo e fin. na praça do Rio Comprido.
Doutor Augusto Pinto (rua) antiga Bispo de Crysopolis. princ. na rua Visconde de Abaeté e fin. na rua Souza Franco em Villa Izabel.
Doutor Bandeira de Gouvea no Riachuelo.
Doutor Barbosa da Silva (rua do) na rua Dona Anna Nery.
Doutor Bulhões (rua do) aberta nas Officinas do Engenho de Dentro.
Doutor Bulhões de Carvalho (rua) na Copacabana.
Doutor Campos da Paz (rua) no rio Comprido.
Doutor Candido Benicio (rua) em Cascadura.

Doutor Carmo Netto (rua) outr'ora Dona Feliciana, Cidade Nova.

Doutor Constante Jardim (rua) em Santa Thereza.

Doutor Costa Ferraz (rua do) no Rio Comprido. Veja Doutor Campos da Paz.

Doutor Costa Lobo (rua do) princ. na rua Miguel Angelo e fin. na de Santa Rita no Engenho Novo.

Doutor Costa Velho (travessa do) princ. na praia de D. Manoel hoje caes del Vecchio e fin. na rua da Misericordia.

Doutor Demetrio (rua) princ. na rua Elias da Silva e fin. na de Prudente de Moraes.

Doutor Dias da Cruz (rua do) princ. na estação do Meyer e fin. na rua do Engenho de Dentro.

Doutor Dias Ferreira (rua) na Gavêa.

Doutor Domingos Freire (rua) princ. na rua Barão de S. Felix no Engenho de Dentro, e fin. no Encantado.

Doutor Duque Estrada Meyer (rua) no Meyer.

Doutor Ezequiel (rua) princ. na rua General Pedra e fin. na rua do Senador Euzebio.

Doutor Fabio da Luz (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Aquidabam.

Doutor Farme de Amoedo em Copacabana.

Doutor Ferreira Pontes (rua) no Andarahy-Grande.

Doutor Felippe Cardoso em Santa-Cruz.

Doutor Garnier (rua do) princ. na rua Dona Anna Nery, Rocha e fin. na rua Conselheiro Mayrink.

Doutor Gomes Braga (rua) no Andarahy.

Doutor Gusmão (rua) em São Christovão.

Doutor Jesuino Ferreira (rua do) princ. na rua do Ouro, e fin. no morro dos Telegraphos.

Doutor João Ricardo (rua) outr'ora rua de Sant'Anna, princ. na rua Barão de S. Felix.

Doutor Joaquim Meyer (rua) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Lopes da Cruz.

Doutor Joaquim Silva (rua do) princ. nos cáes da Gloria e fin. na rua de Evaristo da Veiga.

Doutor José Felix (rua) princ. no Riachuelo.

Doutor José Hygino (rua) princ. na rua Conde de Bonfim e fin. na do Barão de Mesquita.

Doutor Laurindo Rabello (rua do) no alto do morro de Santo Rodrigues.

Doutor Leal (rua) princ. na rua D. Pedro e fin. na rua Vinte e Cinco de Março.

Doutor Leitão (rua do) no Engenho Novo.

Doutor Lino Teixeira em Riachuelo.

Doutor Lins Vasconcellos (rua) no Engenho Novo.

Doutor Luiz da Silva (rua) no Engenho de Dentro.

Doutor Maciel (rua) princ. na rua do Consultorio e fin. na rua de S. Christovão.

Doutor Maia Lacerda (rua) no Estacio de Sá.

Doutor Manoel Terra (travessa) princ. na Dous de Maio e fin. na rua Ortigão.

Doutor Manoel Victorino (rua) princ. no Engenho de Dentro e fin. na Piedade.

Doutor Mattos Rodrigues (rua) princ. na rua Malvino Reis e fin. no morro.

Doutor Mesquita Junior (rua) princ. na rua Senador Euzebio e fin. na pedreira de S. Diogo.

Doutor Monteiro da Luz (rua do) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. no Encantado.

Doutor Moura Brazil (rua) princ. na rua Guanabara e fin. no Retiro de Guanabara.

Doutor Muniz Barreto (travessa) em Botafogo.

Doutor Nabuco de Freitas (rua) princ. á direita da rua Visconde Sapucahy e fin. na rua Farnése no morro do Pinto.

Doutor Niemeyer (rua) no Engenho de Dentro.

Doutor Padilha (rua do) no Engenho de Dentro.

Doutor Peçanha da Silva (travessa) princ. na rua Dr. Peçanha da Silva.

Doutor Peçanha da Silva (rua do) é parte da antiga rua do Engenho de Dentro.

Doutor Pedreira (rua) princ. na rua Conselheiro Magalhães Castro e fin. no Campo da Raposa.

Doutor Pedro Americo (rua do) princ. na rua do Cattete e fin. no morro do Cantagallo.

Doutor Pedro Domingues (rua) na Piedade.

Doutor Pedro Rodrigues (rua) princ. na pedreira de S. Diogo e fin. na rua do Senador Euzebio.

Doutor Pereira Lopes (rua do) na rua S. Luiz Gonzaga, em São Christovão.

Doutor Pereira Passos (rua) princ. na rua Constante Ramos e fin. na rua Guimarães Caipora.

Doutor Pessoa de Barros (rua) princ. na rua Machado Coelho.

Dr. Pinheiro Guimarães (rua do) princ no Sergipe.

Doutor Piragipe (rua do) no alto do morro do Pinto.

Doutor Regos Barros (rua) antiga da Providencia, princ. na rua da America e fin. no largo da Providencia.

Doutor Rodrigues dos Santos (rua do) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Conselheiro Pereira Franco.

Doutor Rufino de Almeida (rua do) em Villa Izabel.

Doutor Saldanha da Gama (rua do), Veja Coronel João Francisco, rua.

Doutor Silva Gomes (rua) em Cascadura.

Doutor Silva Rabello (rua do) no Engenho de Deutro.

Doutor Silva Valle (rua) que vai da Tabôa do Engenho do Matto.

Doutor Souza Neves (rua do) princ. na rua Machado Coelho e fin. na do Conselho Pereira Franco.

Doutor Tavano (ladeira) na ladeira do Faria.

Doutor Viera Souto (rua) em S. Francisco Xavier.

Drumond (rua) no Andarahy Grande.

Duque de Caxias (praça do) outr'ora largo do Machado.

Duque de Caxias (rua do) em Villa Izabel.

Duque Estrada (rua) princ. na rua Marquez de S. Vicente e fin. no Sanatorio da Gavea.

Duque Estrada Meyer (rua do) antiga Bocca do Matto no Meyer.

Duque de Saxe (rua do), Veja General Canabarro.

Duqueza de Bragança (rua no) Andarahy Grande.

Durão (ladeira do) no fim da rua de D. Luiza á direita. Gloria.

Durão (rua) no Cupertino.

Duvivier (rua) na Copacabana.

E

Eduardo de Lemos (rua) antiga Benedictinos, princ. na rua Visconde de Inhaúma e fin. na rua da Prainha.

Eduardo de Sá (rua) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. no alto do morro.

Eleone de Almeida (rua) princ. na rua de Catumby e fin. na rua do Cunha.

Elias (rua do), Veja Barão de Nogueira da Gama, rua.

Elias de Albuquerque (rua) em Todos os Santos.

Elias da Silva (rua) princ. na rua Amazonas e fin. na estação de Cupertino.

Elisa (rua) em Catumby.

Elvira (rua) no Engenho de Dentro.

Elvira Machado (rua) em Todos os Santos.

Emancipação (rua da) princ. na rua S. Luiz Gonzaga e fin. na praça do Visconde do Rio Branco.

Emerenciana (rua) princ. na rua Fonseca Telles no morro da Caixa d'Agua e fin. na Quinta.

Emilia Guimarães (rua) princ. na rua do Chichorro em Catumby.

Emma (rua) na estrada de Dona Castorina, Jardim Botanico.

Engenheiro Araujo Vianna (rua do) no morro do Pinto.

Engenho de Dentro (rua do) princ. em frente as Officinas e fin. na rua Vinte Cinco Março, hoje Coronel Borja Reis.

Engenho de Dentro (travessa do) no Jacaré.

Engenho Novo (arrabalde) Começa da estação do Sampaio até á Freguezia de Inhaúma no Engenho de Dentro.

Engenho Novo (praça do) no Engenho Novo.

Engenho Novo (rua do) princ. na Cancella do Sampaio, e fin. na de Souza Barros.

Engenho Novo (travessa do) no Rocha.

Engenho Velho desde a rua de S. Christovão até ao Andarahy.

Engenho Velho (rua do), Veja Haddock Lobo.

Ermelinda (rua) en Santa Thereza.

Ermelinda (rua) princ. na rua Laura em Catumby.

Ernestina (rua) na Serra do Engenho Novo.

Ernesto Nunes (rua) na estação do Encantado.

Ernesto de Souza (rua) antiga Justino.

Escadinhas (becco das) princ. no mar e fin. na rua da Saude.

Escadinhas da Conceição (becco das) princ. na rua Matto Grosso e fin na do Jogo da Bola.

Escadinhas da Conceição (travessa das) princ. na rua do Escorrega e fin. no morro da Conceição.

Escadinha do Livramento (rua das) princ, na rua de Saude e fin. na ladeira do Livramento.

Escadinhas do Livramento (becco das) princ. no morro do mesmo nome e fin. no mar.

Escadinhas do Livramento (ladeira das) na ladeire do Livramento.

Escadinhas do Livramento (travessa das) ao lado direito do começo da rua da rua do Monte.

Escadinha de Oliveira na rua Doutor Nabuco de Freitas.

Escobar (rua do) princ. na rua S. Christovão e fin. no Campo do mesmo nome.

Escola Central (travessa da) entre o theatro S. Pedro e Escola Polytechnica.

Escorrega (ladeira do) na Saude.

Escorrega (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na de Matto Grosso.

Escrivão (rua do) em todos os Santos.

Esperança (rua) no Meyer.

Esperança (rua da) princ. na rua Coronel Cabrita e fin. na rua Tuyuti.

Espinheiro (travessa do) na estrada de Santa Cruz.

Espirito Santo (rua do) princ. na praça Tiradentes e fin. na rua do Senado. Veja Luiz Gama, rua.

Estação (rua) em Cascadura.

Estacio de Sá (lago do em frente á Igreja matrtz do Espirito Santo.

Estacio de Sá (rua de) princ. no fim da rua do Frei caneca e fin. na Igreja matriz do Espirito Santo.

Estacio de Sá (travessa de) na Freg. do Espirito Santo.

Estella (rua) no Jardim Botanico.

Estrada de Dona Castorina, princ. na rua do Jardim Botanico, e fin na Caixa d'Agua.

Estrada Novo de Tijuca, princ. no fim da rua do Conde Bomfim.

Estrada de Santa Cruz princ. na estação da praia pequena e fin. no Matadouro de Santa Cruz.

Estrcda Velha do Jardim, no Jardim Botanico.

Estrada Velha da Tijuca, princ. no fim da rua Conde de Bomfim e fin. uo alto da Serra da Tijuca.

Estrella (rua da) princ. na rua Barão de Petropolis e fin. na esquina da praça de Rio Comprido.

Etelvina (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua Honorio.

Eugenia (rua), Veja rua João de Moraes.

Eulina (rua) em Todos os Santos.

Evaristo da Veiga (rua de) outr'ora rua dos Barbonos, princ. na Avenida Central e fin. na ladeira de Santa Thereza.

Evora (travessa) princ. na rua de Santo Christo dos Milagres e fin. na travessa Leonardo.

F

Fabrica das Chitas (becco da) princ. na rue Conde de Bomfim e fin. na rua Desembargador Izidro.

Fabrica das Chitas (rua da) no Andarahy Pequeno.

Fagundes Varella (rua) no Encantada.

Faleiro (rua) princ. na Estrada de Santa Cruz.

Farani (rua) princ. na praia de Botafogo e fin. no morro além da rua Dona Anna.

Faria (ladeira do) no morro do Barroso.

Faria (rua) em Cascadura.

Faria (rua) princ. na rua Visconde de Itauna e fin. na rua Frei Caneca.

Faria Braga (rua) no morro da Caixa d'Agua em S. Christovão.

Farnése (rua) no morro do Pinto.

Faro (rua) princ. na rua do Jardim Botanico.

Felicio (rua) em Cascadura.

Felippe (travessa) princ. na travessa Senador Dantas e fin. na Pedreira.

Felippe Camarão (rua) princ. no Boulevard 28 de Setembro e fin. na rua Barão de Mesquita.

Felippe Camarão (rua de) de em Copacabana.

Felippe Nery (ladeira do) começa na esquina da rua da Prainha et fin. na Saude.

Felizes (rua dos) no morro de Santa Thereza.

Fernandes (rua), Veja Desembargador Castello Branco, rua do.

Fernandes (travessa do) princ. na rua Visconde de Caravellas e fin. na do Visconde de Silva.

Fernandes Guimarães (rua) em Botafogo.

Fernandes Vieira (rua) em Villa Izabel.

Fernandinha (travessa) na Gloria.

Ferraz (rua) em Cascadura.

Ferreira (rua) entr'ora travessa de S. João Baptista, princ. na ladeira de S. Diogo e fin. na rua Senador Euzebio.

Ferreira de Almeida (rua de), Veja Concordia, rua da.

Ferreira de Andrade (rua) princ. na rua da Redempção e fin. na rua de S. João.

Ferreira de Araujo (rua) Muda da Tijuca.

Ferreira Franca (rua de) em Todos os Santos.

Ferreira Leite (rua) na Freg. de Inhauma.

Ferreira Nobre (boulevard). Veja morro do Vintem, rua do.

Ferreira Vianna (praça) outr'ora largo da Mãi do Bispo e do.

Ferreira Vianna (rua) princ. na rua do Cattete e fin. na praia do Flamengo.

Ferreiros (becco dos) princ. no rua do Cotovelo e fin. na de Dom Manoel.

Ferreiros (travessa dos) princ. na rua General Pedra et fin. na do Senador Euzebio.

Fialho (rua) princ. na rua da Santo Amaro et fin. na de Dona Luiza.

Fialho (rua) no Copacabana.

Fidalga (becco da) princ. na rua Dom Manoel e fin. na rua da Misericordia.

Figueira (avenida) no Ypiranga.

Figueira (travessa) em S. Francisco Xavier.

Figueira (rua do) entre Rocha e Riachuelo.

Figueira (travessa) nas Larangeiras.

Figueiredo (rua) princ. na rua Soares e fin. na praça da Gloria.

Figueiredo (travessa) Botafogo.

Figueiredo de Magalhães (rua) na Copacabana.

Figueiras (travessa do) princ. na rua Emerenciana.

Firmo de Moura (rua) em São Christovão.

Fisco (becco do) princ. na rua do Rosario e fin. na rua do Hospicio.

Floch (rua) na estação do Riachuelo.

Flamengo (cáes do) na rua do Flamengo.

Flamengo (praia do) entre o morro da Gloria e o da Viuva.

Flamengo (travessa do) vai da rua Senador Vergueiro a praia do Flamengo.

Flavia Branco (rua de) no Jardim Botanico.

Flôres (rua das) na Cidade Nova.

Flôres (travessa das) princ. na rua Pau Ferro e fin. na rua José Clemente.

Floresta (avenida) no rua do Chile hoje Avenida Central.

Floresta (rua da) em Catumby.

Floresta (rua) no Jardim Botanico.

Floresta Imperial, na Tijuca.

Floriano Peixoto (rua) em Copacabana.

Fluminense (rua) princ. na rua de Paula Mattos e fin. no largo das Neves.

Fluminense (travessa do) no morro de Paula Mattos.

Fogueteiro (rua do) nas Larangeiras.

Fonseca (rua) em. Christovão.

Fonseca Guimarães (rua do) princ. em Santa Thereza.

Fonseca Lima (rua do) princ. no Boulevard de S. Christovão.

Fonseca Telles (rua do) princ. na rua S. Christovão e fin. na de S. Luiz Gonzaga.

Fonte da Saudade (Praia e rua da) no Jardim Botanico.

Fontes Ferreira de Mello (rua) na rua Machado Coelho.

Fontoura Chaves (rua) na Piedade.

Fóra (praia de) na Lagoa do Rodrigo de Freitas.

Formiga (becco da) Veja Leandro, becco do.

Formiga (morro da) em Copacabana.

Formiga (morro da) sobe-se na rua Doutor Rego Barros e pela rua da America.

Formosa (praia). Veja Coronel Pedro Alves, rua.

Formosa (rua) na Cidade Nova.

Fortaleza de Joinville (rua) em Copacabana.

Fortunato de Brito (rua) princ. na rua Doutor Diaz da Cruz e fin. no Aquidaban.

Fraga (rua) em frente ao Barro Vermelho em S. Christovão.

França (largo do) em Santa Thereza.

Francisco Andrade (rua) em Sta. Thereza.

Francisco Belisario (rua) antiga dos Arcos, princ. na rua Evaristo da Veiga e fin. na rua Lavradio.

Francisco Eugenio (rua e praça) em frente ao chafariz da Joanna, S. Christovão.

Francisco Fragoso (rua) no Encantado.

Francisco Manoel (rua de) Freg. do Engenho Novo.

Francisco Muratori (rua de) no morro de Santa Thereza.

Franco (rua), Veja Duque Estrada, rua.

Franklin (rua) Catumby.

Frei Caneca (rua) princ. na praça da Acclamação e fin. na Caixa d'Agua.

Freitas (becco do) entre a rua da Saude e o mar.

Freitas Castro (rua) princ. perto da Caixa d'Agua de Estacio de Sá, e fin. no Campo Marte.

Fresca (rua), Veja Clapp. rua.

Frolick (rua), Veja José Frolick rua.

Funda (rua) princ. na rua da Saude e vai ter ao morro da Conceição.

Furquim Wernerck (rua) na Copacabana.

Furtado de Mendonça (rua) no Copertino.

G

Galileu (rua) no Meyer.

Galvao ou do Trem (becco do) na rua do Trem.

Gambôa (praça da), Veja Santo Christo dos Milagres, praça de.

Gambôa (caés da) na praia da Gambôa.

Gambôa (rua da) princ. na do Lazareto, e vai finalizar na praia da Chichorra.

Gambôa (travessa da) princ. na praia da Gambôa e fin. na do Sacco do Alieres.

Garibaldi (rua), Veja Ferreira de Araujo, rua.

Gavea (caminho da) princ. no fim da rua Barão da Boa Vista, e fin. na barra da Tijuca.

Gavea (rua da) princ. na ponta grossa e fin. na barra da Tijuca.

General Argolo (rua do) Campo de S. Christovão e fin. na rua de S. Januario.

General Arthur Oscar (rua) princ. na rua Muriquipary e fin. na de Pernambuco.

General Bellegarde (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na de Dona Romana.

General Bento Gonçaves (rua) no Encantado.

General Bruce (rua do) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de S. Januario.

General Caldwel (rua do) princ. na Pedreira do Paim e S. Diogo e fin. na rua do Senado.

General Camara (rua) princ no portão da Alfandega e fin. na praça da Republica.

General Canabarro (rua) princ. na rua de S. Christovão e fin. na de S. Francisco Xavier.

General Carvalho (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. no morro do Macaco.

General Delgado de Carvallo (rua) no Engenho Velho.

General Gomes Carneiro, (rua) princ. na rua Marechal Floriano Peixoto e fin. na rua do Senador Pompeu.

General Gurjão (rua do) princ. na praia do Cajú e fin. na do General Sampaio.

General Nenna Barreto, (rua) princ. na rua D. Marianna e fin. na rua Rea Grandeza.

General Osorio (praça do) entre ruas da Uruguayana e Andradas.

General Pedra (rua do) outr'ora rua de

S. Diogo, princ. na praça da Republica e fin. na travessa do Ferreira.

General Pinto Peixoto (praça do) no Retiro da America.

General Polydoro (rua do) princ. na rua da Passagem e fin. na rua Sergipe.

General Raposo (rua do) no Realengo.

General Sampaio (rua do) princ. na praia de S. Christovão e fin. no Retiro Saudoso.

General Severiano (rua do) princ. na praia da Saudade e fin. na da Passagem.

General Silva Telles (rua) no Andarahy-Grande.

General Silva Telles (rua) em Copacabana.

General Tiburcio (rua) princ. na rua Ayres e fin. na rua Quarta, na Quinta de Boa-Vista.

Georgina (travessa) princ. na Avenida Galdino na rua do General Polydoro e fin. na mesma rua.

Getulio (rua) em Todos os Santos.

Gloria (cáes da), Veja Augusto Severo, rua.

Gloria (largo da), Veja Rio Branco.

Gloria (ladeira da) princ. no largo do mesmo nome e fin. na praia do Flamengo.

Gloria (praça). Veja Pedro Alvares Cabral.

Gloria (rua da) princ. na rua da Lapa e fin. no largo da Gloria.

Gloria (rua da) em Todos os Santos.

Gloria (praça) no Meyer.

Gloria (travessa) no Meyer.

Gomes Braga (rua) princ. no fim da rua Barão de Mesquita.

Gomes Serpa (rua) na Piedade.

Gonçalves (rua) princ. em Catumby.

Gonçalves (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na rua Figueira.

Gonçalves Dias (rua de) princ. na largo da Carioca e fin. na rua do Rosario.

Gonzaga Bastos (rua de) no Andarahy.

Goulart (rua) na Copacabana.

Goulart (travessa) em Catumby.

Gouvêa (travessa) em Santa Thereza.

Goyaz (rua) princ. na praça do Engenho Novo e fin. em Cascadura.

Graça (morro) na rua Guanabara.

Grande (praia) no principio da estrada de Santa Cruz.

Grande da Restinga (praia) na lagôa de Rodrigo de Freitas.

Grão Bem (rua) princ. na rua Silva Rabello e fin. na rua Manoel Barbosa.

Grão Pará (rua) no Engenho Novo.

Gratidão (rua) na Tijuca.

Gregorio das Neves (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e termina na rua Visconde de Santa Cruz.

Grunewald (rua) no Rocha.

Gruta de Camões (rua da) em Santa Thereza.

Guanabara (rua) princ. na rua das Laranjeiras e fin. na pedreira.

Guapymirim (rua do) na praia da Saudade.

Guarany (rua) no Cupertino.

Guararapes (ladeira dos) princ. na rua do Cosme Velho, Laranjeiras.

Guarda Velha (rua da) Veja Treze de Maio, rua.

Guedes, (travessa do) em Botafogo.

Guedes (travessa do) na rua Machado Coelho.

Guerra (rua) no Doutor Frontin.

Guilhermina (rua) aberta nas Officinas do Engenho de Dentro e fin. no Encantado.

Guimarães (largo dos) no morro de Santa Thereza.

Guimarães (rua do) princ. na rua Conde de Porto Alegre e fin. na de Dr. Lino Teixeira.

Guimarães (travessa do) em S. Francisco Xavier.

Guimarães Caipora (rua) na Copacabana.

Guindaste (travessa do) na rua da Misericordia.

Guineza (rua) no Engenho de Dentro.

Gustavo Sampaio (rua) na Copacabana.

Gustavo Sampaio (rua) em Botafogo.

Guttemberg (rua de) no Engenho Novo.

H

Haddock Lobo (Espirito Santo).

Haritoff (rua) na praia de Copacabana.

Harmonia (praça da) no fim da rua da Saude.

Harmonia (rua) princ. na rua da Saude e fin. na praia da Gambôa.

Henrique (rua) no Jardim Botanico.

Henrique Dias (rua do) Cattete.

Henrique Dias (rua do) no Rocha.

Henrique Dias (rua do) na praia de Copacabana.

Henrique Guimarães (rua) começa na rua do General Polydoro e termina na rua de Todos os Santos.

Henrique de Sá (rua do) no Cattete.

Henrique (rua) no Engenho de Dentro.

Herculano (rua) em Catumby.

Hermengarda (rua) princ. na rua Dr. Duque Estrada Meyer e fin. na do Dr. Dias da Cruz.

Herminia (rua) no Meyer.

Hespanha (rua) no Engenho Novo.

Hilario Gouvêa (rua) princ. na rua Toneleros, na praia de Copacabana.

Honorio (rua do) em Todos os Santos.

Honorio de Barros (rua) princ. na rua do Senador Vergueiro e fin. na rua Maria Emilia.

Honorina (rua) em Botafogo.

Hospicio (rua do) princ. na rua Primero, de Março e fin. na praça da Acclamação hoje praça da Republica.

Humaytá (rua) princ. no largo dos Leões e fin. no princ. da rua do Jardim Botanico.

I

Ida (rua) no Rocha.
Idalina (rua) em Catumby.
Idalina Senra (rua) na Villa Guarany.
Ignacio Goulart (rua) na estação do Sampaio.
Ignez (travessa) no Riachuelo.
Igrejinha (rua) na Copacabana.
Igrejinha (caes da) na praça de S. Christovão.
Igrejinha (praça) na Copacabana.
Igrejinha (rua da) princ. na praça de S. Christovão e fin. na praça Marechal Deodoro.
Iguassú (rua) na Freguezia de Inhauma.
Immaculada Conceição (praça da) no Engenho Novo.
Immaculada Conceição (rua da) Veja Minas, rua.
Imperador (rua do) em S. Christovão. Veja Pedro Ivo, rua.
Imperatriz (caes da) na praça Municipal.
Imperatriz (largo da) na Saude.
Imperatriz (rua da) Veja Camerino, rua.
Imperatriz Leopoldina (rua da) perto da capella de Nossa Senhora de Copacabana.
Imperial (rua) no Meyer.
Imperial (travessa) no Meyer.
Imperial do Principe (rua) em S. Christovão.
Imperial Quinta (rua da) em S. Christovão.
Imperio (becco do) Veja Theotonio Regadas, rua.
Imperio (travessa do) Veja Alegria, becco da.
Indiana (rua) princ. na rua Senador Octaviano e fin. no morro.
Industria (rua da) princ. na rua Abilio e fin. na do Progresso. Veja Amazonas, rua.
Industrial (rua) Veja General Delgado de Carvalho, rua.
Inglez (caminho do) nas Larangeiras.
Inglez (morro do) sobe-se pela rua no Cosme Velho.
Inhanga (rua) na Copacabana.
Instituto Kneipp (rua) no morro de Santa Thereza.
Invalidos (rua dos) na Freg. de Santo Antonio. Veja Dr. Menezes Vieira, rua.
Ipanema (rua) na Copacabana.
Iracema (rua) em Catumby Grande.
Irineu (travessa) no morro de Santa Thereza.
Irineu Silva (rua) na Villa Ipanema, em Copacabana.
Isolina (rua) no Meyer.
Itacurussá (rua) proxima do Conde de Bomfim.
Itamby (rua de) princ. na rua da Piedade e fin. na rua Farani em Botafogo.
Itanhanga (rua) em Paquetá.
Itapemerim (rua de) princ. na praia da Saudade em Botafogo e fin. na rua da Passagem.
Itapirú (rua) princ. na rua de Catumby e fin. na do Estrella.
Itapuaty (rua) em Cascadura.
Itororó (rua do) no fim da rua do Mattoso.
Itororó (rua do) em Copacabana.
Isabel (rua) em Catumby. Veja Alagoas, rua.

J

Jacaré (rua do), Veja Conselheiro Magalhães Castro.
Jacques (rua) princ. na rua Goyaz e fin. na do Torres Sobrinho.
Jansen Muller (rua) no Sampaio.
Januaria (travessa) princ. na rua do Barão de Icarahy e fin. na rua Umbellina.
Jannuzzi (rua) princ. na praia de S. Christovão e fin. na rua Mourão do Valle.
Jardim Botanico (rua do) princ. no fim da rua Humaytá, a fin. no largo Tres Vendas.
Jequitinhonha (morro) no Rio Comprido.
Jequitinhonha (rua) princ. na rua da Estrella e fin. na Doutor Costa Ferraz.
Joanna (travessa da) na rua do General Canabarro, fin. na de S. Francisco Xavier.
Joanna Correa (rua do) no Engenho Novo.
João Affonso (travessa) na rua de Humaytá.
João Alvares (rua de) princ. na rua da Harmonia, e fin. na do Cunha Barbosa.
João Baptista (rua de) no Engenho Novo.
João Baptista (largo de) existente na rua de Theophilo Ottoni.
João de Barros (rua) no Engenho Novo.
João Caetano (rua de) princ. na rua do Visconde de Sapucahy e fin. na rua do Senador Euzebio.
Joãe Cardoso (rua de) na praia Formosa.
João de Gatinhas (ladeira do) segue até ao morro do Valongo.
João Homem (ladeira de) princ. no largo da Prainha e vai ter ao morro da Conceição.
João Ignacio (becco de) princ. na rua de S. Francisco da Prainha, fin. na travessa de Matto Grosso.
João José (becco de) princ. no Adro de S. Francisco da Prainha e fin. no becco de João Ignacio.
Jeão de Mattos (travessa) em Cascadura.
João Moraes (rua de) Engenho de Dentro.
João Pereira (rua de) Veja Dr. Pessoa de Barros, rua do.

João Pereira Nunes (rua de) no Andarahy Grande.

João Rodrigues (rua) em São Francisco Xavier.

João Ventura (rua de) princ. na rua de Catumby e fin. na de D. Carolina Reydner.

Joaquim Freire (rua) em Todos os Santos.

Joaquim Meyer (rua) no Meyer.

Joaquim Soares (rua) na Piedade.

Jockey-Club (rua) princ. no largo de Bemifica e fin. na estação de San Francisco Xavier.

Jogo de Bola (rua do) no morro da Conceição.

Jorge Rudge (rua de) em Villa Isabel.

José de Abreu (rua) em Cascadura.

Jose de Alencar (rua de) no morro de Paula Mattos.

Jose de Alemcar (praça) no fim da rua do Cattete.

José Anchieta (rua da) na Copacabana.

José Bernardino (rua de) em Catumby.

José Bonifacio (rua) na Copacabana.

José Bonifacio (rua) em Todos os Santos.

José Bonifacio (travessa) em Todos os Santos.

José Clemente (rua de) princ. na praia de S. Christovão e fin. na rua Bella de S. João.

José Domingues (rua) no Encantado.

José Eugenio (rua) em S. Christovão.

José Frolick (rua) na rua Coronel Figueira de Mello em S. Christovão.

José de Magalhães (rua de) em Villa Isabel.

José de Oliveira (rua) em Cascadura.

José do Patrocinio (rua), Veja Livramento, rua do.

José dos Reis (rua de) princ. no Engenho de Dentro e fin. na estrada de Santa Cruz.

José Vicente de Faria (rua) princ. na Barão de Mesquita e fin. na rua Theodoro da Silva.

Julio Cesar (rua) antiga rua do Carmo, princ. na rua de S. José e fin. na do Ouvidor.

Junqueira (rua do) Campo Grande.

Junquilhos (rua dos) em Santa Thereza.

Justino (rua) na Freg. do Engenho Novo.

L

Lagôa (estrada da), Veja Jardim Botanico, rua do.

Lagôa (travessa da) começa na rua Carlota, em Botafogo.

Lagôa Rodrigo de Freitas, existente no fim da rua de Humaytá.

Lagôinha (caminho da) princ. no fim da rua do Aqueducto.

Lapa (becco da) princ. na ruã do Ouvidor e fin. na rua do Rosario.

Lapa Praia da) tambem chamada rua do Cáes Novo da Gloria.

Larangeiras (rua das) princ. na praça Duque de Caxias e fin. no Cosme Velho.

Larga de S. Joaquim (rua), Veja Marechal Floriano Peixoto, rua.

Laura (rua) no fim da rua dos Coqueiros em Catumby.

Laura de Araujo (rua) na Cidade Nova.

Laurinho Rabello (rua de) princ. na rua do Visconde do Rio Branco e fin. na do Riachuelo.

Lazaros (praça dos) no fim. da rua de S. Christovão.

Lazaros (praia dos) em S. Christovão.

Leal (travessa) em todos os Santos.

Leandro (becco do) em Botafogo na rua Real Grandeza.

Leandro (Travessa do) princ. na rua da União e fin. na praia do Sacco do Alferes.

Leandro Pinto (rua do) Engegnho de Dentro.

Leão (rua do) princ. na rua dos Larangeias e fin. na de Leite Leal.

Leblon (caminho) princ. no largo da Memoria e fin. no campo do mesmo nome.

Leite (rua) princ. na rua Doutor Aristides Lobo e fin. no morro.

Leite Leal (rua) princ. na rua das Larangeiras e fin. no morro.

Leme (ladeira do) no fim da ruo do Passagem.

Lemgruber (rua) na Tijuca.

Leões (largo dos) fin. no princ. da rua Humaytá.

Leonina (rua), Veja Barão de Sertorio, rua.

Leopoldina (rua) na praça Tiradentes.

Leopoldina (rua) em Todos os Santos.

Leopoldina (rua) na Piedede.

Leopoldina (rua) na rua Barão de Mesquita, no Andarahy Grande.

Liberal (becco do) em S. Christovão.

Liberdade (becco da) Freg. de S. Christovão.

Lima Barros (rua do) princ. na rua do Bomfim e fin. na rua Bella de S. João.

Lina (rua) princ. na Pedreira do Vintem.

Lino Teixeira (rua) na estação de Riachuelo.

Lins de Vasconcellos (rua) princ. na rua Vinte Quatro de Maio e fin. na subida da Serra.

Livramento (ladeira do) princ. na praça Municipal, e vai ter ao morro do Livramento.

Livramento (morro do) á esquerda da rua da Saude.

Livramento (rua do) princ. na rua da Saude.

Livramento (rua do) princ. na rua Etelvina e fin. na do José Bonifacio.

Lomas Valentinas (rua) na Copacabana.

Lopes (travessa do) na rua do Visconde Sapucahy.

Lopes da Cruz (rua) no Engenho de Dentro.

Lopes Ferraz (rua) no morro da Caixa d'Agua em frente o Barro Vermelho.

Lopes Quintas (rua do), antiga do Antonio Monteiro, no Jardim Botanico.

Lopes Silva (rua) princ. na rua Alegria e fin. na rua de Dona Ctara.

Lopes de Souza (rua) princ. na rua de S. Christovão e fin. na rua Francisco Eugenio.

Lourenço Tavares (rua), Cascadura.

Lucidio Lago (rua do) princ. na rua Doutor Archias Cordeiro e fin. na praça da Gloria, Freg. do Engenho Novo.

Luiz (avenida), no Copertino Freg. de Inhauma.

Luiz Barbosa (rua) em Villa Isabel.

Luiz de Camões (rua de) princ. no largo de S. Francisco Paula e fin. na rua Tobias Barreto.

Luiz Carneiro (rua de) no Campo do Padilha Engenho de Dentro.

Luiz Gama (rua) princ. na praça Tiradentes e fin. na do Senado.

Luiz Soares (rua) no Sampaio.

Luiz Vargas (rua) em Cascadura.

Luiz de Vasconcellos (rua de) princ. na rua do Passeio e fin. na praia.

Luz (rua e travessa) princ. na rua do arão de Itapagipe, no Rio Comprido.

M

Macaco (caminho do) no Jardim Botanico.

Macaco (rua do) princ. na rua de S. Francisco Xavier e fin. em Villa Isabel.

Macena (ilha do) pertence á Freg. de S. Christovão.

Machadinho (avenida) é situada no fin. da rua Guanabara.

Machado (largo do) no Cattete.

Machado Coelho (rua) princ. na rua Visconde de Itauna e fin. na de Estacio de Sá.

Machado Corrêa (avenida) é situada na rua Felipe Camarão.

Maciel (rua do) princ. no Engenho Novo.

Madre de Deus (ladeira da) no sopé do morro de Livramento.

Madre de Deus (rua da) na estação do Engenho Novo.

Magalhães (avenida), é situada na rua Haddock Lobo Freg. do Engenho Velho.

Magalhães Castro (rua) na estação do Riachuelo.

Magalhães Couto (rua) Freg. do Engenho Novo.

Magdalena (rua) princ. na rua José Bonifacio e fin na rua das Saudades Freg. do Engenho Novo.

Mai do Bispo (largo da), está comprehendido na Avenida Central.

Maia (travessa do) no fim da rua da Ajuda.

Maia (travessa) no Meyer.

Maia Lacerda (rua) no Copacabana.

Major Avila (rua do) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Visconde de Itamaraty.

Major Fonseca (rua do) princ. na praça Visconde do Rio Branco e fin. na rua das Tres Bicas.

Major Freitas (rua) no morro de Santos Rodrigues.

Major Mascarenhas (rua do) princ. na rua José Bonifacio e fin. na das Saudades.

Major Pinto Sayão (rua do) no morro Livramento.

Major Susckw (rua do) na rua Jockey-Club e fin. na rua do Dr. Garnier.

Malvina (rua) em S. Francisco Xavier.

Malvino Reis (praça) na Copacabana.

Malvino Reis (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na praça do Rio Comprido.

Mangueira (rua da) no Retiro das Paraguayas, no Jacaré.

Mangueira (travessa da) princ. na rua Nova do Livramento e fin. atravessando a rua da Harmonia, na ladeira da Saude.

Mangueiras (avenida) é situada na rua Itapirú n. 111.

Mangueiras (becco das) em São Christovão.

Mangueiras (rua das) na rua dos Arcos.

Manoel Alves (rua) princ. na rua da Gloriá e fin. na rua Oito de Setembro.

Manoel de Carvalho (becco de princ. na rua da Ajuda e fin. na rua da Guarda-Velha.

Manoel Matheus (rua) no Meyer princ. na rua Dona Cecilia Nunes e fin. na rua Lopes da Cruz.

Manoel de Paiva (rua do) no Botafogo.

Manoel Victorino (rua) em Inhaúma.

Manuela Barbosa (rua) princ. na rua Doutor Dias da Cruz e fin. na rua Medina.

Manuelita (avenida) nos terrenos da Fabrica de Tecidos Cruzeiro.

Maranhão (rua) princ. na Aquidaban e fin. na rua Doutor Dias da Cruz.

Marcilio Dias (rua do) princ. na rua Visconde da Gavea e fin. na rua Doutor João Ricardo.

Marechal Carlos Bittencourt (rua) princ. na praça Quinze de Novembro.

Marechal Deodoro (rua) em Copacabana.

Marechal Deodoro da Fonseca, acha-se entre a praia de S. Christovão e o principio da rua de S. Luiz Gonzaga.

Marechal Floriano (praia), em Paquetá.

Marechal Floriano (praça) em Copacabana.

Marechal Floriano Peixoto (rua) outr'ora

denominava-se rua Estrella de S. Joaquim desde a rua da Uruguayana até a esquina da de Camerino.

Marechal Machado Bittencourt (rua) princ. na Cancella da estação do Riachuelo.

Marechal Niemeyer (rua) princ. na rua General Polydoro em frente ao cemiterio de S. João Baptista da Lagôa.

Marechal Rangel (estrada) princ. em Cascadura e fin. no Campinho.

Maria Adelaide (rua de) em Catumby.

Maria Amalia (rua) princ. na rua Uruguay e fin. no morro da Cruz.

Maria do Amaral (rua de) princ. na rua Machado Coelho e fin. na rua Nova do Alcantara.

Maria Angelica (rua) princ. na rua do Jardim Botanico e fin. no aterro da lagôa Rodrigo de Freitas.

Maria Antonia (rua), Veja Dona Maria Antonia, rua.

Marla Augusta (travessa) no interior da Villa Ruy Barbosa, á rua dos Invalidos.

Maria Emilia (rua) em Botafogo.

Maria Eugenia (rua) proximo á rua Humaytá.

Maria Flora (rua) em Inhaúma.

Maria José (rua de) segunda rua que princ. em Estacio de Sá e fin. na rua Haddock Lobo.

Maria Vargas (rua) em Cascadura.

Mariano (rua) no fim da rua da Passagem.

Mariano Procopio (rua do) no morro do Pinto.

Marieta (rua) princ. na rua Firmo de Moura e fin. na rua Dona Anna.

Marieta (rua) princ. na rua do Riachuelo.

Marieta (travessa) em Catumby.

Marillia de Dirceu (travessa) em Cachamby.

Marinhas (cáes de) na praça das Marinhas.

Marinhas (praça das) entre a praça Quinze de Novembro e Alfandega.

Marinho (rua) na Copacabana.

Marinho (rua) no Meyer.

Mario (rua) princ. na rua do Riachuelo e fin. na do Progresso em Paula Mattos.

Mariz e Barros (rua de) princ. no mangue do antigo Matadouro e fin. na rua S. Francisco Xavier.

Marques (rua) princ. no largo dos Leões e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

Marques (rua do) princ. na rua da Assumpção e fin. na rua Bambina.

Marques de Carvalho (travessa) na rua de Santa Luzia.

Marques de Castro (rua do) em Santa Thereza.

Marques de Leão (rua do) proxima á estação do Engenho Novo.

Marquez de Abrantes (rua) princ. na praça de José de Alencar.

Marquez do Herval (praça do) em Todos os Santos.

Marquez de Olinda (rua do) princ. na praia do Botafogo.

Marquez do Paraná (travessa ou villa) vai da rua Marquez de Abrantes a rua Senador Vergueiro.

Marguez do Pombal (rua do) princ. na rua General Pedra e fin. na de S. Leopoldo.

Marquez de S. Vicente (travessa) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. em Villa Izabel.

Marqueza de Lages (rua da) á direita da rua Haddock Lobo.

Marqueza de Santos (rua) na rua Carvalho de Sá, no Cattete.

Marrecas (rua) em frente ao portão do Passeio Publico.

Marte (campo de) entre a rua Visconde Itauna e a Caixa d'Agua do Estacio de Sá.

Marte (praça) no antigo campo do Realengo.

Martha (rua) nas Larangeiras.

Martim Affonso (largo de) na Copacabana.

Martim Affonso (rua) na Copacabana.

Martinho (rua) no Mundo Novo, nas Larangeiras.

Martins Ferreira (rua do) em Botafogo.

Martins Lage (rua do) princ. na praça do Engenho Novo.

Martins Pinheiro (becco de) no Cattete.

Martins Ribeiro (rua) começa no Cattete.

Martins dos Santos (rua do) aberta no largo denominado Jacaré.

Martins Vianna (avenida) é situada na rua Jorge Rudge junto ao predio n. 15.

Maruhy (rua do) em S. Christovão.

Matacavallos (rua de) na Freg. de Santo Antonio.

Mataporcos (rua de) na Freg. do Espirito Santo.

Mataporcos (largo de) na Freg. do Espirito Santo.

Mataporcos (travessa de) na Freg. do Espirito Santo.

Matheus (rua) no Meyer.

Matriz (rua) princ. no largo da Matriz e fin. na estrada de Ferro.

Matriz (largo) pequena praça em frente a Igreja de N. Sra da Conceição do Engenho Novo.

Matriz da Lagôa (rua da) princ. na rua de S. Clemente e fin. na dos Voluntarios da Patria.

Matta Machado (villa) é situada no começo da estrada Nova e Velha da Tijuca.

Matto (becco do) Freg. do Engenho Novo.

Matto Grosso (rua do) princ. no fim da rua do Escorrega e fin. na do Jogo da Bola.

Matto Grosso (travessa do) princ. na rua de Matto Grosso, no morro da Conceição.

Matto Grosso (rua) no morro da Quinta da Boa Vista.

Mattosinhos (rua do) na Freg. do Espirito Santo.

Mattoso (travessa do) na rua do mesmo nome.

Mattoso (rua do) princ. na rua Barão de Itapagipe e fin. na de Mariz e Barros.

Mauá (travessa do) princ. na rua de Monte Alegre, em Santa Thereza.

Mauá (rua) no Meyer.

Maxwell (rua) na Aldêa Campista em Villa Izabel.

Maxwell (villa) Freg. de N. Sra de Lourdes.

Mayrink (rua) no Rocha.

Medina (rua) em Todos os Santos.

Medina (villa) é situada na rua de S. Christovão n. 241.

Meira (rua) na Piedade.

Meirelles (ladeira do) princ. na rua do Aqueducto, no morro de Santa Thereza.

Mello e Souza (rua) á praia, nos fundos do quartel do Cortume entre Lazaros e o Rio Joanna.

Melões (ilha dos) em frente á praia formosa.

Memoria (largo da) no fim da rua do Sapé.

Mendes (rua) no Cupertino.

Mendonça (ladeira do) princ. na praia do Sacco do Alferes.

Mercado (rua do) princ. na praça Quinze de Novembro.

Mercado (praça do) entre a praça das Marinhas e rua do Mercado.

Mercado da Gloria (praça do) entre ás praças existentes no bairro da Gloria onde se acham as estatuas de Pedro Alvares Cabral e o Visconde do Rio Branco.

Mesquita (avenida) na rua Ipiranga entre o n. 3 4.

Miguel Angelo (rua do) na estrada geral de Santa Cruz.

Miguel Cervantes (rua) princ. na rua Ferreira de Andrade e fin. na rua Guttemberg.

Miguel Dantas (avenida) é situada na rua Visconde de Itauna n. 94.

Miguel Fernandes (rua) princ. na praça da Gloria.

Miguel de Frias (becco ou travessa) princ. na rua Miguel de Frias entre os numeros 26 e 28.

Miguel de Frias (rua do) princ. no fim da rua Visconde de Itauna.

Miguel de Paiva (rua) em São Christovão.

Miguel de Paiva (rua do) princ. na rua dos Coqueiros.

Miguel Rangel (rua) Cascadura.

Minas (rua) princ. no largo da Matriz do Engenho Novo.

Mineira (rua) princ. na rua do Parque e fin. na Caixa d'Agua de S. Christovão.

Mineiro (cáes dos) na praia dos Mineiros.

Mineiros (praia dos) entre a Guarda-Moria da Alfandega e o Arsenal de Marinha.

Miranda Evora (travessa) princ. na rua Santo Christo dos Milagres.

Mirante (morro do) á esquerda da rua Haddock Lobo.

Misericordia (ladeira da) a que pelo largo deste nome vai ter ao Castello.

Misericordia (largo da) no fim da rua do mesmo nome.

Misericordia (rua da) princ. na praça 15 de Novembro e fin. no largo da Misericordia.

Moças (ilha das) em frente a praia do Sacco do Alferes.

Moema (rua) nos fundos da Escola Preparatoria e Tactica no Realengo.

Moncorvo (rua do) no morro do Pinto.

Monte (rua do) princ. na ladeira do Livramento e fin. na travessa do Moreira.

Monte Alegre (rua do) princ. na rna do Riachuelo.

Mont'Alverne (rua do) no morro do Pinto.

Monte Caseros (rua do) princ. na forte do Leme em Copacabana na Freg. da Lagôa.

Montenegro (rua) Copacabana.

Monte Serrat (morro) é a continuação do morro do Nheco.

Moraes (avenida) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua Medina.

Moreira (rua) princ. na Estrada de Santa Cruz e fin. na Serra.

Moreira (travessa do) princ. na rua Nova do Livramento 1.ª ladeira.

Moreira (rua) princ. na rua General Bellegarde.

Morro (caminho do) princ. na rua Dr. Aristides Lobo e fin. no morro de Santa Thereza.

Morro Barro Vermelho, assim chamado o terreno onde se acha a Caixa d'Agua em S. Christovão.

Morro da Graça (caminho particular) tem entrada pela rua Guanabará no n. 12.

Morro do Rio Comprido (rua do) ao pé do largo da Estrella, no largo do Rio Comprido.

Morro de S. Diogo (rua do) no principio da rua Visconde de Sapucahy.

Morro do Vintem (rua do) princ. na rua Marques Leão e finalisa na rua Goyaz.

Morundó (rua do) em S. Christovão.

Mosqueira (travesso do) antigo becco, princ. na rua Visconde de Maranguape e fin. na do Dr. Joaquim Silva.

Motta (becco do) á esquerda da rua Mattoso.

Moura (becco do) princ. no largo da Batalha.

Moura (largo do) no fim da praia, hoje Cáes del Vecchio.

Mouro (rua do) em Todos os Santos.
Moura (rua) na Piedade.
Moura Brazil nas Larangeiras.
Moura Brito (rua) princ. na rua Conde de Bomfim.
Mourão Valle (rua) em S. Christovão.
Moutinho (rua do) nas Larangeiras.
Mundo Novo (morro do) a esquerda da rua das Laranjeiras.
Mundo Novo (rua) princ. na rua Marquez de Olinda e fin. no morro.
Municipal (praça) na rua da Saude.
Municipal (rua) princ. na rua de S. Bento e fin. no largo de Santa Rita.
Muriquipary (rua) na Piedade.
Musica (becco da) princ. no largo do Moura.

N

Narciso (travessa) em Santa Thereza no França.
Nascimento Silva (rua) na villa Ipanema.
Natalina (rua) no Andarahy-Pequeno.
Natividade (travessa da) princ. na rua D. Manoel e fin. na rua da Misericordia.
Navarro (rua do) nos terrenos dos Navarros, em Catumby.
Navarro (travessa do) em Catumby.
Nazareth (rua) princ. na rua Dr. Lins Vasconcellos,
Nazario (rua) princ. na rua de S. Felippe em S. Francisco Xavier.
Nery Ferreira (rua) princ. na rua Ypiranga.
Nery Pinheiro (rua) no Estacio de Sá.
Nery Teixeira (rua) no Andarahy Grande.
Neves (morro das) junto ao de Paula Mattos e deste a Catumby.
Neves (rua das) no morro das Neves.
Neves (largo das) no alto do morro das Neves.
Neves (travessa das) em Paula Mattos.
Nhéco (morro do) Freg. de Sto. Christo dos Milagres.
Nicoláo Moreira (rua) antiga de Santos Rodrigues.
Niemeyer (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.
Nobrega (rua do) lugar denominado Bocca do Matto no Engenho Novo.
Noemia (rua) no morro do Barroso.
Nogueira (rua) na estação Dr. Frontin.
Nogueira da Gama (rua) Freg. do Engenho Novo.
Nogueira (avenida) é situada junto a rua Guarany em Inhauma.
Nora (rua) princ. na rua de S. Luiz Gonzaga e fin. no morro do Retiro da America.
Nossa Senhora da Conceição. (largo de) no fim da estrada do Jardim Botanico.
Nossa Senhora da Copacabana (rua) princ. na rua da Igrejinha de Copacabana e fin. na rua Padre Antonio Vieira, no Leme.
Nossa Senhora das Dôres (rua de) no Andarahy Grande.
Nossa Senhora das Dores (rua de) princ. em frente a estação de Todos os Santos.
Nossa Senhora das Neves (avenida) na rua do Cunha em Catumby.
Nossa Senhora da Piedade (rua de) princ. na rua Marquez de Abrantes.
Nova (rua) antiga rua do Barão Ibituruna.
Nova (rua) princ. na rua Honorio e fin. na Estrada de Santa Cruz.
Nova (rua) princ. na rua Barão do Bom Retiro e fin. na de José Vicente, na Andarahy Grande.
Nova (rua) na Piedade.
Nova do Alcantara (rua) princ. na rua Machado Coelho e fin. na de Miguel de Frias.
Nova da Alfandega (rua) na praça da Acclamação, ao lado da Casa da Moeda.
Nova no Andarahy Grande (rua) em Villa Izabel.
Nova de Cachamby (rua) no Meyer.
Nova Cintra (morro da) antigo morro da Pedreira da Candalaria.
Nova do Conde (rua) na Cidade Nova.
Nova das Flôres (travessa) em S. Christovão.
Nova da Guanabara (rua) princ. na rua Guanabara e fin. no morro do Fogueteiro.
Nova Herculano (rua) em Santa Thereza.
Nova do Imperador (rua) no Engenho Velho.
Nova das Laranjeiras (rua) no Cattete.
Nova do Livramento (rua) na Saude.
Nova do Lopes (rua) em Todos os Santos.
Nova de Maruhy (rua) princ. na praia de S. Christovão.
Nova do Ouvidor (rua ou travessa).
Nova do Principe (rua) na Freg. de Sant'Anna.
Nova do Rio Comprido (rua) princ. no largo onde existem dous grandes chalets.
Nova do Sabão (rua) na Cidade Nova.
Nova de Santa Thereza (rua) princ. no fim da rua do Pinto no morro do Nhéco, e não tem sahida.
Nova de Santos Rodrigues (rua na Freg. do Espirito Santo.
Nova de S. Bento (rua) na Freg. de Santa Rita.
Nova de S. Francisco da Prainha (rua).
Nova de S. João (rua) em frente ao Hospital dos Lazaros.
Nova de S. Joaquim (rua) na Freg. da Lagoa.
Nova de S. Leopoldo (rua) princ. na rua de Machado Coelho e fin. na travessa do Guedes.
Nova de S. Pedro (rua) na Cidade Nova.

Nova de Sorocaba (rua) prolongamento da rua Sorocabana Freg. da Lagoa.

Nove de Fevereiro (rua) princ. na rua Toneleiros e fin. na praia de Copacabana.

Nove de Março (praça) na estação dos Bonds de Villa Izabel.

Novo de Botafogo (caminho) em Botafogo.

Nuncio (rua do) Freg. do Sacramento.

Nunes Machado (rua) Freg. da Gloria.

O

Occidental (rua) princ. na travessa do Navarro, em Catumby.

Octavio Silva (rua) na Villa Ipanema.

Odorico Mendes (rua) na Fabrica de Chitas, Freg. do Engenho Velho.

Oito de Setembro (rua) princ. na rua Christovão Colombo e fin. na rua Manoel Alves.

Oito de Dezembro (rua) princ. na estação da Mangueira e fin. além da rua Jorge Rudge.

Oitava (rua) na Quinta da Boa Vista.

Olaria (travessa) princ. na rua das Mangueiras e fin. na travessa do Pinheiro.

Olaria (travessa) na estação do Meyer.

Olinda (rua) no Engenho Novo.

Olinda (rua) em Botafogo.

Oliveira (rua) no Jardim Botanico.

Oliveira (travessa do) princ. no fim da rua dos Andradas e fin. na da Conceição.

Oleiveira (travessa da) em frente a travessa do Bom Jardim.

Oliveira (rua) do Cupertino.

Oliveira (travessa) em Botafogo.

Oliveira Andrade (rua) em Cascadura.

Oliveira Fausto (rua) na Villa Guarany.

Oliveira Fausto (rua do) em Izabelopis, em Botafogo.

Oliveira Rosario (rua) em Santa Thereza.

Oliveira Silva (rua) no no Andarahy Pequeno.

Olympio Imperial em S. Christovão.

Onze de Maio (travessa) na rua Visconde de Sapucahy.

Onze de Junho (praça) Freg. de Sant'-Anna.

Orestes (rua) princ. na rua Sara e fin. na rua Attilia.

Oriente (rua do), na praia do Sacco do Alferes.

Oriente (rua do) em Paula Mattos.

Ortigão (rua) Freg. de Engenho Novo.

Oscar (rua) na estação Doutor Frontin.

Otto Simon (rua) princ. na rua Toneleros, na Copacabana.

Ourives (rua dos) princ. na rua S. José e fin. na ladeira da Conceição.

Ouro (rua do) em S. Francisco Xavier.

Outeiro (rua do), no Andarahy Grande.

Ouvidor (rua do). Veja Coronel Moreira Cesar, rua.

Ouvidor (travessa do).

P

Paço (cáes do). Veja Pharoux, cáes.

Paço (largo do). Veja 15 de Novembro, praça.

Paço (travessa do) princ. no largo da Assembléa e fin. na rua do Cotovello.

Padilha (rua). Veja Doutor Padilha, rua.

Padre (travessa do) Freg. do Engenho Velho.

Padre Antonio Vieira (rua) princ. na rua N. Sra de Copacabana e fin. na praia da Copacabana.

Padre Januario (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. nos Pilares.

Padre José Mauricio (rua) princ. na rua Visconde do Rio Branco e fin. na rua Marechal Floriano Peixoto.

Padre Lapa (rua) no Copertino.

Padre Miguelino (rua) antiga da Floresta, ultima rua á esquerda de Catumby.

Pacheco (villa) é situada na rua Paysandú entre os nºs. 51 e 51 B.

Paim Pamplona (rua do) princ. na rua do Engenho Novo, no Sampaio.

Paineiras (caminho das) no morro de Santa Thereza.

Paineiras, na subida do Corcovado.

Paiva (rua) no Copertino.

Palmas (travessa das) princ. na rua de S. Christovão, antes do antigo Matadouro.

Palmeiras (praia das) ao lado da praia de S. Christovão desde a rua Pedro Ivo até a Igreja Matriz.

Palmeiras (rua das) princ. na rua de S. Clemente, em Botafogo.

Papa-Couvé (rua do) em Cascadura

Pará (rua do) em Botafogo.

Paraguasú (rua) nos fundos do Arsenal de Guerra.

Parahyba (travessa) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na rua Piauhy.

Paraiso (rua) no morro de Paula Mattos.

Paraná (rua de) no Encantado.

Paraná (travessa) na Piedade.

Paraná (rua) princ. no portão da Quinta da Boa Vista e vai fin. dentro della.

Paranaguá (rua do) na Freg. da Gloria.

Parque (rua do) no Barro Vermelho.

Parque Imperial (rua do) no Engenho Velho.

Partilhas (travessa das) princ. na rua Senador Pompeu e fin. no morro do Barrozo.

Pasmado (largo do) o pequeno largo que existe na rua da Passagem em frente ao morro do Pasmado.

Passagem (rua da) princ. na praia de Botafogo e fin. na esquina da do Barão do Rio Bonito.

Passeio (rua do) princ. no largo da Ajuda,

Passeio Publico na rua do mesme nome, desde o largo da Ajuda hoje praça Ferreira Vianna na Avenida Central até ao da Lapa.

Passos (avenida). Veja Avenida Passos.
Passo Manoel (rua do) na rua das Larangeiras.
Patriota (becco do) princ. na rua Matto Grosso.
Patrocinio (rua do) no Andarahy Grande.
Patrocinio (travessa do) no Andarahy Grande.
Pau (rua do) princ. na rua Leblon e fin. na praia do Pinto.
Pau Ferro (rua do) princ. na praia de S. Christovão.
Paula Brito (rua de) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na Serra do Andarahy.
Paula Candido (ladeira do) no cáes novo da Gloria.
Paula Freitas (rua) princ. na rua dos Toneleros e fin. na praia de Copacabana.
Paula Matto (morro do) o que existe ao ado esquerdo e no fim da rua do Riachuelo.
Paula Mattos (rua de) no morro do mesmo nome.
Paula Ramos (rua de) princ. na rua Santa Alexandrina.
Paula e Silva (rua de) em S. Christovão.
Paulina (rua) na Praia Formosa.
Paulino Fernandes (rua) princ. na dos Voluntarios da Patria e fin. na do General Polydoro.
Paulino Marques (rua) na Freg. da Lagôa.
Paulo Bulhões (rua) no fim da rua do Mattoso.
Paysandú (rua do) Freg. da Gloria.
Paz (rua da) no Rio Comprido.
Paz (travessa) princ. na rua da Estrella, e fin. na rua da Paz.
Peçanha (rua) no Engenho de Dentro.
Pedra da Babylonia (morro da) em Villa Izabel.
Pedra do Bahiano (rua da) princ. na praia do Pinto.
Pedra do Sal (rua da) princ. na rua da Saude, e fin. na rua do Jogo da Bola, no morro da Conceição.
Pedregaes (travessa do) princ. na rua do Visconde de Sapucahy e fin. na rua do Presidente Barroso.
Pedregulho (largo do), hoje Capitão Salomão, Freg. de S. Christovão.
Pedregulho (morro do) princ. na rua de S. Januario Freg. de S. Christovão.
Pedregulho (rua do), Veja Capitão Salomão, rua.
Pedreira (rua da), no Copertino Freg. do Engenho Novo.
Pedreira (travessa do) na Freg. de Santa Rita.
Pedreira de Botafogo (rua da) princ. no fim da praia de Botafogo.
Pedreira da Candelaria (morro da) no Cattete.
Pedreira da Candelaria (rua) no Cattete.
Pedreira da Gloria (rua da) no Cattete.
Pedreira Imperial (rua da) na Quinta da Boa Vista.
Pedreira do Machadinho (rua da) fica na rua Guanabara nas Larangeiras.
Pedro Alvares Cabral (praça) trecho da praça da Gloria, em cujo meio acha-se a estatua do glorioso navegador portuguez.
Pedro Alvares Cabral (rua de) no Engenho Novo.
Pedro Antonio (travessa do) fin, na rua do Jogo da Bola.
Pedro Ivo (rua), princ. na praia das Palmeiras, e fin. no portão da Quinta.
Pedro Segundo (rua) no Engenho Novo.
Pedro Silva (rua) na villa Ipanema.
Peixe (Praia do) na Freg. da Candelaria.
Pelotas (rua) princ. na rua Araujo Leitão e fin. na de Dona Romana, no Cabuçú, Freg. do Engenho Novo.
Penha (praça da) lugar ameno e aprazivel na freguezia de Irajá, planicie que circumda a pittoresca collina da Penha.
Pepe (travessa) em Botafogo.
Pequena (praia) principia na 2.ª ponte da Estrada de Santa Cruz e fin. na Estrada da Penha, Estação da E. de F. do Rio de Ouro.
Pereira de Aguiar (travessa do) no morro do Pinto.
Pereira de Almeida (rua do) princ. na rua do Cabido, e fin. na do Barão de Ubá.
Pereira Franco (rua) na Freg. do Espirito Santo.
Pereira Lopes (rua) em S. Christovão.
Pereira Nunes (rua do) Andarahy Grande.
Pereira de Siqueira (rua) princ. no morro da Babylonia.
Pereira Terra (rua) princ. na rua Dous de Maio.
Pernambuco (rua) no Engenho de Dentro.
Perseverança (rua) em Riachuelo.
Pescador (travessa do) em Paquetá.
Petrocochino (rua) em Villa Isabel.
Petropolis (rua) princ. no fim da rua de Monte Alegre e fin. na do Aqueducto, no morro de Santa Thereza.
Pharoux (caes do) entre a praça das Marinhas e a ponte das Barcas Ferry.
Piauhy (rua) em S. Christovão.
Piauhy (rua) Freg. do Engenho Novo.
Piedade (rua) na rua Marquez deAbranches, na Freg. da Gloria.
Piedade (rua) no Encantado.
Pilar (rua do) princ. na rua Dona Feliciana no Andarahy Pequeno.
Pilares (rua dos) entre Todos os Santos e Cascadura.
Pindahis (ilha do) pertence a Freg. de Inhauma.
Pinheiro (ilha do) pertence á Freg. de Inhauma.
Pinheiro (becco do) princ. na rua do Christovão Colombo, e fin. na do Pinheiro.
Pinheiro (ladeira do) em Catumby.

Pinheiro (rua do) principia na praia do Flamengo e fin. na rua do Cattete.

Pinheiro (rua do) em Riachuelo.

Pinheiro (rua do) princ. na rua das Mangueiras e fin. na rua Martins Santos.

Pinheiro (travessa do) no morro do Pinto.

Pinheiro Guimarães (rua de) em Botafogo.

Pinto (morro do) é a continuação do morro do Nhéco.

Pinto (praia do) Freg. da Gavea.

Pinto (rua do) princ. na rua da America.

Pinto (travessa) na Estação do Encantado.

Pinto de Azevedo (rua) principia na rua Visconde de Itauna.

Pinto de Figueiredo (rua) fin. no antigo Hospital Militar.

Pinto Guedes (rua) no Andarahy Pequeno.

Pinto Sayão (ladeira) na rua do Major Pinto Sayão.

Pirahy (travessa) na rua Santo Christo dos Milagres.

Pirassinunga (rua do) na Fabrica das Chitas.

Pombas (ilha das) antigo deposito de polvora.

Pombeba (ilha da) pertence á freguezia de S. Christovão.

Pompilio de Albuquerque (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Ponta do Cajú (praia da) em continuação a de S. Christovão.

Porciana (rua) em Isabelopolis, em Botafogo.

Porto d'Agua (estrada) em Jacarépaguá.

Portão do Trem (rua do) fin. no portão do arsenal de Guerra.

Portão Vermelho (rua do) Veja Conde de Bomfim (rua do).

Porto (rua do) na Cidade Nova.

Porto (travessa do) á direita da rua do Senador Eusebio.

Porto Alegre (avenida de) é passando o Prado Fluminense, terceira rua a esquerda.

Possolo (rua) no Andarahy Grande e passando o antigo Hospital Militar.

Praça da Republica. Veja Acclamação (praça da).

Praia da Copacabana (rua) princ. na praça da Igrejinha e fin. na praça da Vigia no Leme.

Praia Formosa na Freguezia de Sant'-Anna.

Praia Grande (rua) é a continuação da rua de Bemfica.

Praia Vermelha (fortaleza da) Pertence á freguezia da Lagôa.

Prainha (caes da) na freguezia de Santa Rita. Veja Saude (caes da).

Prainha (largo da) na Saude, Veja Vinte e Oito de Setembro (praça).

Prainha (rua da) princ. na rua Acre, fin. na rua Camerino.

Prazeres (rua dos) no Rio Comprido.

Prazeres (ladeira dos) no Rio Comprido.

Presidente Barroso (rua do) princ. na rua de S. Leopoldo e fin. na rua Senhor Mattosinhos.

Primeira (rua) em S. Christovão.

Primeiro de Março (rua) outr'ora rua Direita, princ. na praça 15 de Novembro e fin. na ladeira de São Bento.

Primo Teixeira (rua) na freguezia de Inhauma.

Princeza dos Cajueiros (rua da) na Freguezia de Sant'Anna.

Princeza do Cattete (rua da). Veja Correa Dutra (rua).

Princeza Imperial (rua da). Veja Tavares Bastos (rua).

Princípe dos Cajueiros (rua do) na Freg. de Sant'Anna. Veja Senador Pompeu (rua do).

Principe do Cattete (rua). Veja Commandante Silveira (rua).

Principe do Grão Pará (rua do) no Engenho Velho.

Progresso (rua do) princ. no largo das Neves.

Progresso (rua do) no alto do morro da chacara do Vianna, em São Christovão.

Proletarios (rua dos) na estação do Dr. Frontin.

Propicia (rua) princ. na rua do Souza Barros e fin. no morro do Vintem.

Proposito (becco do) entre as ruas Chile e Treze de Maio.

Proposito (rua do) princ. na rua da Saude e fin. na Gamboa.

Providencia (morro da) o que fica á esquerda da rua deste nome e rua da America.

Providencia (rua da) freguezia do Santo Christo dos Milagres.

Prudente de Moraes (rua) em Dr. Frontin.

Prudente de Morues (rua) em Copacabana.

Q

Quarteis (rua) em. S. Christovão

Quarteis (travessa dos). Veja Escobar (rua do).

Quarta (rua) na Quinta da Boa Vista :

Quatro de Dezembro (rua) em Copacabana.

Quatro de Setembro (rua) em Copacabana.

Quebra Bunda (becco do) no morro da Saude.

Quebra Cangalhas (caminho do) princ. na descida da Cachoeira Grande da Tijuca e fin. na Vargem.

Quinta (rua) no interior da Quinta da Boa Vista.

Quinta da Bôa Vista em São Christovão,

antiga residencia da ex-familia imperial e onde se acha o Museu Nacional.

Quinta Imperial (rua da) em São Christovão.

Quintão (rua) em Cascadura.

Quintino Bocayuva (largo) é situado em frente a estação do Dr. Frontin.

Quinze de Novembro (praça de) antiga de D. Pedro II, e primitivamente largo do Paço.

Quintanda (rua da) princ. na rua S. José e fin. na de S. Bento.

R

Rademaker (rua) no Andarahy Pequeno, princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua Pinto Guedes.

Raphael Urbini (rua de) no Engenho Novo.

Rato Molhado (rua do) é a que parte do Aqueducto em Santa Thereza e fin. na do Aprazivel.

Real Grandeza (rua da) na freguezia da Lagoa.

Rebouças (rua) na Saude.

Redempção (praça) fica na rua Camerino.

Redempção (praça da) na Freg. de Sant'-Anna.

Redempção (rua da) princ. na rua Dr. Archias Cordeiro, freguezia do Engenho-Novo.

Regente (rua do) entre as ruas do Visconde do Rio Branco e Marechal Floriano Peixoto.

Rego Barros (rua). Veja Doutor Rego Barros (rua).

Relação (rua da) princ. na rua do Lavradio e fin. na dos Invalidos.

Republica (rua) na estação do Dr. Frontin.

Restinga (praia da) na barra da Tijuca.

Retiro da America (bairro) á rua S. Luiz Gonzaga e S. Januario.

Retiro da Ameriea (rua) princ. ao lado direito da rua S. Luiz Gonzaga.

Retiro da Gratidão entre o Pedregulho e a Quinta da Boa Vista.

Retiro do Guanabara (rua do) princ. na rua do Guanabara e fin. no morro do Mundo Novo.

Retiro Saudoso (rua do) princ. na Ponta Cajú.

Rezende (rua do) princ. na rua do Lavradio.

Riachuelo (rua do) princ. na rua Evaristo da Veiga e fin. nã rua Frei Caneca.

Ribeiro (avenida) na rua Frei Caneca.

Ribeiro (avenida) é situada na rua S. Christovão n. 167.

Ribeiro (rua do) nas Laranjeiras.

Ribeiro Guimarães (rua do) Andarahy-Grande, Aldêa Campista.

Ricardo Machado (rua) princ. na rua Bella de S. João.

Rio (becco do) princ. na praça da Gloria e fin. na rua Barão de Guaratiba.

Rio Branco (praça) outr'ora largo da Gloria no principio da ladeira do morro da Gloria.

Rio Comprido (morro do) em continuação do de Paula Mattos.

Rio Comprido (praça do) em frente ao Seminario de S. José.

Rio Comprido (rua do) antiga Malvino Reis.

Rio Comprido (travessa do) princ. na Rua Haddock Lobo.

Rio Grande (largo) em Jacarépaguá.

Rio Grande do Norte (travessa do) princ. na rua da Redempção, Freguezia do Engenho Novo.

Rio Grande do Sul (rua) junto á Capella de Nossa Senhora de Copacabana.

Rio de Janeiro (rua) no Engenho de Dentro.

Rocha (rua) princ. na rua Dona Anna Nery.

Rocio (largo do) Veja Tiradentes, praça.

Rocio-Pequeno (largo do) Veja Onze de Junho, praça.

Rodolpho Dantas (rua) na Copacabana.

Rodrigo Silva (rua) na Freguezia do Sacramento.

Romana (rua Dona) princ. na rua Barão Bom Retiro.

Rosario (becco do) princ. no largo de S. Francisco de Paula.

Rosario (largo do) ao lado esquerdo da igreja do mesmo nome.

Rosario (rua do) princ. na rua do mercado e fin. na rua da Uruguayana.

Rosario (travessa do) princ. na rua da Uruguayana e fin. no becco do Rosario.

Roso (rua do) no morro do Mundo Novo.

Rufino (avenida) no Copertino.

Rufino de Almeida (rua) na Aldêa Campista.

Russel (praia) entre o cáes da Gloria e a rua Russel.

Russel (ladeira) princ. na praia do mesmo nome.

Russel (rua do) princ. na rua do Silva e fin. na praia do Flamengo.

Ruy Barbosa (villa) sita na esquina da rua dos Invalidos.

Ruy Filho (travessa) no interior da Villa Ruy Barbosa.

S

Sá (rua do) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Sá (rua do) no morro da Nova Cintra.

Sá Ferreira (rua) na Copacabana.

Sabão (rua do) Veja General Camara, rua.

Sabão da Cidade Nova (rua do) Veja Visconde de Itauna, rua.

Sabão do Mangue (rua do) Veja Visconde de Itauna, rua do.

Sacopemapam (praça) na Copacabana.

Sacco do Alferes (praia do) Veja Santo Christo dos Milagres, rua.

Sacco do Alferes (rua do) Veja America, rua da.

Sacco da Raposa (praia do) por detrás da ponta do Cajú.

Sachet (rua) antiga travessa do Ouvidor.

Sacramento (rua do) Veja Avenida Passos.

Saldanha da Gama (rua) em S. Christovão.

Saldanha Marinho (rua) no morro do Pinto.

Salgado Zenha (rua) na Fabrica das Chitas.

Salgueiro (becco do) na rua da Floresta em Catumby.

Salvador Corrêa (rua do) na Copacabana.

Salvador Pires (rua) princ. na rua Cardoso e fin. na do Getulio.

Sampaio (villa) na rua Vinte e Quatro de Maio.

Sampaio Vianna (rua) na Freg. do Engenho Velho.

Sanches (avenida) é situada na rua Dezembargador Izidro.

Saneada (praia) na Copacabana.

Santa Alexendrina (rua de) princ. na praça do Rio Comprido e fin. na caixa d'Agua da Lagoinha no morro de Santa Thereza.

Santa Amelia (rua de) princ. na rua do Barão de Ubá.

Sant'Anna (morro de) no princ. da rua do General Caldwel.

Sant'Anna (rua) no Engenho Velho.

Sant'Anna (rua de) na Freg. de Sant'Anna.

Sant'Anna (rua de) princ. na rua do General Pedra e fin. na do Frei Caneca.

Sant'Anna (avenida) na rua São Leopoldo.

Sant'Anna (rua) na Quinta da Boa Vista.

Sant'Anna (travessa) princ. na rua Dr. Lins de Vasconcellos.

Sant'Anna (rua de) na estrada de Santa Cruz.

Sant'Anna (rua de) no Meyer.

Santa Barbara (ilha de) na Freguezia de Santa Rita.

Santa Carolina (largo de) na rua da Harmonia.

Santa Carolina (rua de) no fim da rua do Conde de Bomfim.

Santa Catharina (rua) Veja Dr. José Hygino, rua.

Santa Catharina (travessa de) princ. no campo de S. Christovão.

Santa Catharina (travessa de) na rua Haddock Lobo.

Santa Cecilia (travessa de) em Todos os Santos.

Santa Christina (rua de) Freg. da Gloria.

Santa Christina (travessa de) princ. na rua do mesmo nome.

Santa Christina (travessa) no Engenho Novo.

Santa Cruz (fortaleza de). Na entrada da barra de Rio de Janeiro.

Santa Cruz (rua de) em Bemfica.

Santa Izabel (rua de) na Gloria.

Santa Izabel (avenida de) em Villa Izabel.

Santa Izabel (rua de) em Catumby.

Santa Justina (rua de) no Andarahy Grande.

Santa Luzia (rua) princ. na rua de S. Francisco Xavier.

Santa Luzia (rua ou praia de) princ. na travessa de Santa Luzia a fin. na praça Ferreira Vianna.

Santa Luzia (travessa de) princ. no Largo da Misericordia.

Santa Maria (rua de) no Retiro da America.

Santa Maria (largo de) fica no fim da rua de S. Leopoldo.

Santa Maria (rua) em Paquetá.

Santa Philomena (rua) Freg. do Engenho Velho.

Sauta Philomena (rua) na Piedade.

Santa Rita (largo de) princ. na rua Visconde de Inhauma.

Santa Rita (becco de) Veja Municipal, rua.

Santa Rita (travessa de) princ. na rua Visconde de Inhauma.

Santa Rosa (ilha de). Pertence a Freg. de Inhauma.

Santa Rosa (rua de) na Cidade Nova.

Santa Rosa (travessa de) Campo do Marte.

Santa Thereza (ladeira) de na rua Evaristo da Veiga.

Santa Thereza (morro de).

Santa Thereza (rua de) Veja Dr. Joaquim Silva, rua do.

Santa Thereza da Gloria (rua de) Veja Paysandú, rua.

Santa Thereza do Nhéco (rua de) princ. na rua da America.

Santo Alexandre (rua de) no Rio Comprido.

Santo Alfredo (rua de) em Catumby.

Santo Amaro (rua de) na Gloria.

Santo Amaro (travessa de) é a que segue da rua Babylonia ao Andarahy Grande.

Santo Antonio (ladeira de) é a que do largo da Carioca vai ter ao convento de Santo Antonio.

Santo Antonio (morro de).

Santo Antonio (rua de) princ. na rua Chile e fin. no largo da Carioca.

Santo Antonio (rua de) em São Christovão.

Santo Antonio (rua de) no Copertino.

Santo Antonio dos Pobres (rua) no Encantado.

Santo Antonio (rua de) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na do Figueira.

Santo Christo (largo de) Veja Santo Christo dos Milagres praça.

Santo Christo dos Milagres (rua de) princ. na ponta da Chichorra e fin. na ponta do Boticario.

Santo Christo (praça do) na praia do Sacco do Alferes.

Santo Henrique (rua de) princ. na rua dos Araujos e fin. na rua Dezembargador Izidro.

Santo Henrique (travessa de) na Fabrica das Chitas.

Santos (rua dos) em Todos os Santos.

Santos Lima (rua do) princ. no largo da Igrejinha e fin. na praça Marechal Deodoro.

Santos Mello (rua) em S. Francisco Xavier.

Santos Rodrigues (morro de) á esquerda da rua do Frei Caneca.

Santos Rodrigues (travessa) na rua do mesmo nome.

Santos Rodrigues (rua de) na rua do Estacio de Sá.

Santa Titara (rua) em Todos os Santos.

São Bento (ladeira de) no fim da rua Primeiro de Março.

São Bento (morro de) onde existe o mosteiro desta Ordem.

São Bento (rua de) princ. no fim da rua da Quitanda.

São Braz (rua) em Todos os Santos.

São Carlos (rua de) princ. no Estacio de Sá.

São Carlos (travessa de) princ. na rua do mesmo nome e fin. na de Laurindo Rabello.

São Christovão (rua de) princ. no largo do Estacio de Sá.

São Christovão (praça de) na praia do mesmo nome.

São Christovão (praia de) princ. na praça do mesmo nome.

São Christovão (travessa de) Veja Igrejinha, rua da.

São Claudio (travessa) princ. na rua S. Claudio e fin. na rua Leste.

São Claudio (rua) princ. na rua Colina e fin. na rua Leste.

São Clemente (rua de) princ. na praia de Botafogo e fin. no princ. da rua Humaytá.

São Diniz (rua de) princ. no morro de Santo Rodrigues e fin. na rua Laurindo Rabello.

São Diogo (morro de) princ. partindo com o do Nheco na rua do Visconde Sapucahy.

São Diogo (praça de) faz parte da rua de João Caetano.

Sao Diogo (rua de) Veja General Pedra e João Sampaio.

Sao Diogo (travessa de) princ. no fim da travessa Bom Jardim.

São Domingos (largo de) na rua do General Camara.

São Domingos (avenida) é situada a rua Conde Baependy.

São Domingos (travessa de) em Botafogo.

São Domingos (travessa de) princ. na rua da Alfandega.

São Fellipe (rua de) em São Francisco Xavier.

São Francisco (rua de) fica á esquerda da rua da Saude.

Sao Francisco de Assis (rua de). Veja Carioca, (rua da).

São Francisco de Paula (largo de) Freg. do Sacramento.

São Francisco de Paula (travessa de) princ. na rua da Carioca.

São Francisco da Prainha (adro) no morro da Conceição.

São Francisco da Prainha (rua de) Veja S. Francisco, rua.

São Francisco Xavier (rua de) princ. na Haddock Lobo.

São Francisco Xavier (travessa de) Veja Jockey-Club, rua.

São Frederico (rua e travessa de) princ. no morro de Santo Rodrigues.

São Gabriel (rua de) na rua do Cachamby.

São Geraldo (rua de) em Todos os Santos.

São Januario (rua de) Freg. de S. Christovão.

São Januario (ladeira) a direita da rua do mesmo nome.

São Januario (travessa de) em S. Christovão.

São João (fortaleza de) Pertence a Freg. da Gloria.

São João (morro de) no Andarahy Grande.

São João (rua de) no Aterrado do Cidade Nova.

São João (rua de) princ. na rua Cachamby.

São João (rua de) na estação do Rocha.

São João (travessa de) Veja Dr. Carmo Netto.

Sao João (avenida) é situada na rua de Sant'Anna n. 56.

São João Baptista (rua de) princ. na rua General Polydoro e fin. na rua dos Voluntarios da Patria.

São João Marcos (rua de) nos terrenos do Navarro.

São Joaquim (rua larga e estreita de), Veja Marechal Floriano Peixoto, rua.

São Joaquim (rua de) em Todos os Santos.

São Joaquim (rua de) Freg. de Engenho Novo.

São Jorge (rua de) princ. na praça Tiradentes.

São José (avenida) é situada na rua de S. Christovão n. 161.

São José (rua de) princ. na praça 15 de Novembro e fin. na da Carioca.

São José (rua de) em Riachuelo, Vejo Henrique Dias, rua.

São Justino (rua de) no Andarahy Grande.

São Lazaro (villa) é situada na praia de S. Christovão.

São Leopoldo (rua de) princ. na rua de Sant'Anna e fin. na de D. Laura de Araujo.

São Lourenço (morro do) é a parte do morro do Livramento voltada para a praça da Acclamaçõo.

São Lourenço (rua de), Veja Visconde de Gavea, rua.

São Luiz (rua de) em Botafogo.

São Luiz (rua de) no Andarahy.

São Luiz (rua) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na rua Santo Rodrigues.

São Luiz (travessa de) em São Christovão.

São Luiz Durão (rua de), Veja Almirante Miriath, rua.

São Luiz Gonzaga (rua de) fin. no largo de Pedregulho esquina da rua D. Anna Nery.

São Luiz Gonzaga (travessa de) princ. na rua do mesmo nome e fin. na de Matto Grosso.

S. Manoel (rua de) em Isabelopolis, Botafogo.

S. Martinho (rua de) princ. na rua D. Feliciana e fin. na do Presidente Barroso.

S. Martinho (travessa de) na rua Senador Euzebio.

S. Miguel (rua) princ. na rua Conde de Bomfim e fin. na rua de S. Raphael.

S. Miguel (villa) é situada na rua do General Pedra.

S. Martinho (rua de) na rua Presidente Barroso.

S. Nicolau (rua de) no Estacio do Sá.

S. Paulo (becco de) na rua General Bruce em S. Christovão.

S. Paulo (rua de) princ. na rua Dr. Dias da Cruz e fin. na rua do Aquidaban.

S. Paulo (rua) princ. na rua 24 de Maio e fin. na rua Valentim da Fonseca.

S. Pedro (rua) princ. na rua Visconde Itaborahy e fin. na praça da Acclamação.

S. Pedro de Avintes (rua) na rua de D. Anna Nery.

S. Pedro da Cidade Nova (rua de), Veja Senador Euzebio, rua.

S. Raphael (rua de) no fim da rua Conde do Bomfim.

S. Roberto (rua de) no morro de Santo Rodrigues.

S. Roque (campo de) em Paquetá.

S. Salvador, na Freg. da Gloria.

S. Salvador (travessa) na Freg. do Engenho de Dentro.

S. Salvador de Mattosinhos (avenida de) no Andarahy Grande.

S. Sebastião (rua de) nos terrenos do Navarro.

S. Sebastião (rua de) em Paula Mattos.

S. Sebastião (travessa de) no morro do Castello.

S. Sebastião do Castello (praça) no fim da ladeira do Seminario.

S. Valentim (rua de) Freg. do Engenho Velho.

S. Vicente (rua de) no Andarahy Grande.

S. Vicente de Paula (travessa de) princ. na rua Haddock Lobo e fin. na da Santa Amelia.

Sapé (rua do) princ. no largo de Nossa Senhora da Conceição da Gavea.

Sapucaya (ilha de). Pertence a Freg. de Inhauma.

Sara (rua) princ. na praia Formosa, fin. na rua Mont'Alverne.

Saravathá (ilha do). Pertence á Freg. de Irajá.

Saudade (praia da) que vai da foz do rio Berquó até ao portão da Escola Militar do Brazil, em continuação da praia de Botafogo.

Saudade (rua da) em Todos os Santos.

Saudades (travessa das) princ. na rua do Senador Euzebio.

Saude (cáes da) praia da Saude.

Saude (ladeira da), Veja Boa-Vista, ladeira da.

Saude (morro da) no Andarahy Grande.

Saude (morro da) sobe-se pela rua da Boa Vista.

Saude (rua da) princ. na praça Vinte Oito de Setembro e fin. na do conselheiro Zacharias.

Saude (rua da) no fim da rua da Braça de Ouro, no Andarahy Grande.

Sé Velha (largo da) no Castello, ao lado direito da ladeira do Seminario.

Sebastião de Pinho (avenida) é situada na rua Marqueza de Santos, freg. da Gloria.

Segunda (rua) em S. Christovão, veja General Tiburcio.

Segunda (rua) pequena rua no Morro da Saude.

Segunda-Feira (largo) na rua Conde de Bomfim.

Seminario (ladeira do) a que do largo da Ajuda, antiga da Mãi do Bispo, vai ter ao Castello.

Sem Sahida (becco) na praça da Harmonia, pelo lado da Saude.

Senado (becco do) principia na rua do Senado, em frente á travessa do mesmo nome, e não tem sahida.

Senado (rua do) princ. na rua do Espirito Santo e fin. na rua do Riachuelo.

Senado (ladeira do) princ. na rua do Riachuelo.

Senado (morro do) o que fica á esquerda da rua do mesmo nome.

Senado (travessa do) princ. na praça da Acclamação e fin. na rua do Senado.

Senador Alencar (rua do) princ. na praça Marechal Deodoro e fin. na rua de Bomfim.

Senador Bernardo de Vasconcellos (rua) Veja Senado.

Senador Cassiano (rua do) Veja Chefe de Divisão Salgado.

Senador Cassiano (travessa) princ. na rua do Chefe de Divisão Salgado e fin. na rua Curvello.

Senador Candido Mendes (rua) no Cattete.

Senador Correa de Oliveira (rua do) em Villa Izabel.

Senador Dantas (rua de) princ. na rua do Passeio e teamina na da Guarda Velha.

Senador Dantas (ladeira) junto ao theatro Lyrico, na rua do mesmo nome.

Senador Eusebio (rua do) princ. na praça da Acclamação e fin. na rua Miguel Frias.

Senador Furtado (rua) fin. nos fundos da Estação de S. Christovão.

Senador Jaguaribe (rua) antiga Malvina na Estação de S. Francisco Xavier.

Senador Jobim (rua do) princ. na rua Barão do Bom Retiro.

Senador José Bonifacio (rua do) princ. na rua Goyaz e fin. na rua Zeferino.

Senador Nabuco (rua do) fica na muda dos bonds da Villa Izabel.

Senador Octaviano (rua) nas Larangeiras,

Senador Octaviano (rua do) em Villa Izabel.

Senador Pompeu (rua do) princ. na rua da Conceição e vai terminar na rua da America.

Senador Soares (villa).

Senador Soares (rua) na villa Senador Soares, Aldêa Campista.

Senador Vergueiro (rua do) princ. na praça do Cattete.

Senhor Bom Jesus do Monte (praça) em Paquetá.

Senhor do Bomfim (rua do) em S. Christovão.

Senhor de Mattosinhos (rua do) princ. na rua Visconde Sapucahy.

Senhor de Mattosinhos (becco) fica na rua Senhor de Mattosinhos.

Senhor de Mattosinhos (travessa) na Cidade Nova.

Senhor dos Passos (rua do) princ. na rua dos Andradas e fin. na praça da Acclamação.

Seraphim (rua) hoje D. Joanna, princ. na rua do Estrella.

Sereno (travessa do) princ. no becco do João José e fin. na indicada rua Pedra do Sal.

Sergipe (rua) Veja Almirante Wandelkok, rua.

Sergipe (rua) princ. na travessa Piauhy e fin. na rua de S. Christovão.

Serpa (rua) em Cascadura princ. na rua dos Proletarios.

Serpa Pinto (rua do) fin. no morro do Livramento.

Serra (rua da) no Engenho Novo.

Serra (rua da) em Cascadura.

Serra dos Pretos Forros (rua) Freg. do Engenho Novo.

Serra Corá (ladeira) princ. na rua do Cosme Velho.

Zerzedello Corrêa (rua) Copacabana.

Sete de Março (praça) na antiga estação da Companhia Villa-Izabel.

Sete de Setembro (rua) princ. na praça Quinze de Novembro e fin. na de Tiradentes.

Sete de Setembro (rua) em Paquetá, princ. na rua Dr. Pinheiro Freire.

Setembrina (rua), Veja Coronel Cabrita, rua.

Setima (rua) na Quinta da Boa Vista.

Sexta (rua) na Quinta da Boa Vista.

Silva (rua do) em Todos os Santos.

Silva (rua do) princ. no começo da ladeira da Gloria.

Silva (travessa do) no fim da rua Senador Vergueiro.

Silva (rua) no Meyer.

Silva (rua) no Encantado.

Silva Bayão (rua do) no morro do Pinto.

Silva Bayão (travessa do) no morro do Pinto.

Silva Gomes (rua) em Cascadura.

Silva Guimarães (travessa do) na Freg. do Engenho Novo.

Silva Guimarães (rua) na Freg. do Engenho Velho.

Silva Jardim (rua) na Freg. do Sacramento.

Silva Manoel (ladeira do) em frente á rua do Aqueducto em Santa Thereza.

Silva Manoel (rua do) princ. na do Rezende e fin. no Morro de Santa Thereza.

Silva Mourão (rua do) em Todos os Santos.

Silva Salles (rua) na Copacabana.

Silva Pinto (rua do) em Villa Izabel.

Silva Rabello (rua do) outr'ora parte da rua do Engenho de Dentro.

Silva Rego (rua) no Riachuelo.

Silva Velho (rua) antiga do Cattete, na Piedade.

Silvana (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Silveira Martins (rua), Veja Commandante Silveira, rua.

Sitio da Mangueira (becco) no morro de Paula Mattos.

Soares (rua) no morro do Vintem.

Soares (travessa do) no rio Comprido.

Soares (avenida) é situada no n. 13 da rua do Dezembargador Izidro.

Soares Cabral (travessa) Freg. da Gloria.

Soares da Costa (rua) Freg. do Engenho Velho.

Soares da Costa (travessa do) na Fabrica de Chitas.

Soledade (travessa) princ. na travessa do Doutor Araujo e fin. na rua Barão de Iguatemy.

Sophia (rua) princ. na rua Grunewald e fin. na rua Alice.

Sorocaba (rua) na Freg. da Lagôa.

Sorocaba (travessa) na Freg. da Lagôa.

Souto (rua) na estação de Cascadura.

Souto (rua do) princ. na rua Mariz e Barros e fin. na do General Canabarro.

Souto Carvalho (rua) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio e fin. na do Visconde de Santa Cruz.

Souza Barros (rua do) princ. na rua Dous de Maio e fin. na praça do Engenho Novo.

Souza Bastos (travessa do) na rua do Dezembargador Izidro.

Souza Cerqueira (rua) na estação de Cascadura.

Souza Costa (travessa) princ. no cáes novo da Gloria e fin. na travessa do Desterro.

Souza Cruz (rua e morro) no Andarahy Grande.

Souza Dantas (travessa) princ. na rua de S. Francisco Xavier e fin. na do Ceará.

Souza Franco (rua) em Villa Izabel.

Souza Pinto (travessa) no morro do Pinto.

Souza Siqueira (rua) princ. na estrada de Santa Cruz e fin. na rua Dona Cecilia

Souza Valente (travessa do) fica entre as ruas Coronel Figueira de Mello e S. João em S. Christovão.

Stella (rua) na Gavea.

Suspiro (becco do) na Saude.

Suzano (praça do) na Copacabana.

Suzano (rua) na Copacabana.

T

Tamoyos (travessa dos) princ. na rua Marquez de Abrantes e fin. na do Senador Vergueiro.

Tuaquaty (rua) em Cascadura.

Tavares (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Tavares Bastos (rua) princ. na rua Conselheiro Bento Lisboa e fin. no alto do morro da Nova Cintra.

Tavares Ferreira (rua) na estação do Rocha.

Tavares Guerra (rua) princ. na praia do Cajú.

Tavares Guerra (rua) no Cupertino.

Taylor (rua) princ. na rua da Lapa.

Tebyricá (rua) na Copacabana.

Teixeira (rua) princ. na rua Marques Leão e fin. na rua Soares.

Teixeira de Azevedo (rua) no Encantado.

Teixeira de Carvalho (rua) em Cascadura.

Teixeira Junior (rua) princ. na rua do Sen. Alencar e fin. na do Abilio.

Teixeira Junior em Villa Izabel.

Teixeira Leite (rua) na rua Conde de Bomfim.

Teixeira Leite (rua) em Cascadura.

Teixeira Pinto (rua) no Encantado.

Telegrapho (rua do) junto a Capella de N. Sra de Copacabana.

Tenente Coronel Madureira (rua) antiga rua Terceira.

Tenente Coronel Silva Veiga (rua do) do largo do Pedregulho ao de Bemfica.

Tenente Costa (rua) princ. na rua da Redempção Freg. do Engenho Novo.

Tenente Faria (rua do) en Todos os Santos.

Tenente França (rua do) princ. na rua Honorio e fin. na rua Zeferino.

Tenente Valim (rua do) em São Christovão.

Tenente Zeferino (rua do) princ. na rua Tenente Faria e fin na de José Bonifacio.

Tehatro (becco do) o que vai da praia de D. Manoel á rua Marechal Carlos Bitencourt.

Theatro (rua do) princ. no largo de S. Francisco de Paula e fin. no Theatro S. Pedro Alcantara.

Theatro (travessa do) a que fica entre o Theatro S. Pedro de Alcantara e os fundos da Escola Polytechnica.

Theodoro da Silva (rua de) em Villa Izabel.

Theophilo Ottoni (rua de) princ. na praia dos Mineiros e fin. na rua da Conceição.

Theotonio Regadas (rua) princ. no largo da Lapa e fin. na rua Dr. Joaquim Silva.

Thereza Cavalcanti (rua) na estaçâo da Piedade.

Thereza (rua) e mTodos os Santos.

Thereza Guimarães (rua) em Botafogo, princ. na rua General Polydoro.

Therezina (rua) em Santa Thereza.

Thomaz Antonio (rua) nos fundos do Arsenal de Guerra, no Realengo.

Thomaz Coelho (rua de) no Anearahy Grande.

Thomaz Coelho (rua do). Veja Menezes Vieira, rua.

Thomaz Rabello (rua). Veja Onze de Maio, travessa.

Thomé de Souza (rua) na Copacabana.

Thuanga (rua) na Copacabana.

Tijolo (rua do) na Piedade.

Tljuca (serra) está ao poente do rio a 15 kilometros de distancia.

Tinoco (travessa do) princ. na rua do Mercado e fin. na rua Visconde Itaborahy.

Tiradentes (praça de) onde foi suppliciado Joaquim José da Silva Xavier.

Tobias Barreto (rua) princ. na rua Visconde do Rio Branco e fin. na do Marechal Floriano Peixoto.

Tocantins (travessa) princ. na rua Primeiro de Março e fin. na de Visconde do Itaborahy.

Todos os Santos (rua de) na Lagôa.

Todos os Santos (rua de) no Engenho Novo.

Toneleros (rua) na Copacabana.

Torquato Couto (rua) no Andarahy Grande.

Torres (travessa do) princ. na rua Rezende e fin. na do Riachuelo.

Torres Homen (rua) em Villa Izabel.

Torres Homem (rua) no Meyer.

Torres Sobrinho (travessa) princ. na rua do mesmo nome no Meyer.

Trapiche da Ordem (becco do) na rua da Saude.

Trem (becco do), Veja Galvão, becco do.

Trem (rua do), Veja Portão do Trem, rua do.

Tres Bocas (rua das) princ. no fim da rua Major Fonseca e fin. no Retiro da America.

Tres de Maio (becco) princ. no Largo de Santa Rita, e fin. na rua Theophilo Ottoni.

Tres Vendas, no Engenho de Dentro.

Treze de Maio (rua) princ. no largo da Carioca e fin. na praça Ferreira Vianna.

Triumpho (rua do) princ, na casa da machina do Plano Inclinado em Santa Thereza.

Tuyuty (rua de) princ. na rua Esperança e fin. no alto do morro no Retiro da America.

U

Umbelina (rua) em S. Christovão.

Umbelina (travessa) em Botafogo.

União (rua da) na Freg. de Espirito Santo.

União (rua da) princ. na rua da Gambôa e fin. na do Sacco do Alferes.

União (rua da) á esquerda das Larangeiras.

União (rua) no Engenho Novo.

Universidade (travessa da) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. na rua Visconde de Itamaraty.

Uruguay (rua do) princ. na rua Barão de Mesquita e fin. no morro.

Uruguayánua (rna da) princ. no laago da Carioca e fin. na rua da Prainha.

V

Valdetaro (largo do) entre as ruas Commandante Silveira e Corrêa Dutra.

Valença (rua de) em Catumby.

Valentim da Fonseca (rua do) princ. na rua Victor Meirelles e fin. na de Carlos Gomes.

Valerio (rua) em Cascadura.

Valongo (ladeira do) na Saude.

Valengo (morro do) no fim da rua Camerino.

Valongo (praia do) na Suade.

Valladares (praça do) na Copacabana.

Valladares (rua) na Copacabana.

Vapor (becco do) na Gambôa.

Vasco da Gama (rua) antiga do Nuncio.

Vasca (rua) princ. na rua da Lampadosa e fin. na rua do Principe.

Vasconcellos (travessa) no Andarahy Grande.

Vaz Toledo (rua) antiga rua do Pinto.

Velha de S. Diogo (rua) depois rua de S. Diogo.

Velha de S. Francisco da Prainha (rua). Veja S. Francisco.

Velhacos (becco dos) em Cascadura.

Velho de Botafogo (caminho).

Velho de Nheco (caminho).

Venancio Ribeiro (rua) princ. na rua Vinte e Cinco de Março e fin. no Encantado.

Venda Grande na estrada de Santa Cruz.

Vermella (praia) onde existe a fortaleza deste nome e a Escola Militar do Brazil.

Vianna (ladeira do) princ. na rua do Cunha e vai finalisar no morre das Neves.

Vianna (rua e largo) princ. na rua do Senador Alencar e fin. na de S. Januario.

Vianna (rua do) no morro de Paula Mattos.

Vianna Drummond (rua do) em Villa Izabel.

Vicente (ladeira do) em Paquetá.

Victor Meirelles (rua do) princ. na rua Vinte e Quatro de Maio.

Victoria (rua da) na praia do Flamengo.

Victoria (rua da) no morro de Santa Thereza.

Vidal Negreiros (rua) no morro do Pinto.

Vidigal (rua do) na praia do Flamengo.

Vieira (avenida) é situada na rua Felippe Camarão.

Vieira (morro) no fim da rua Pedro Americo.

Vieira (rua) no Cupertino.

Vieira Bueno (rua) princ. na rua Abilio e fin. na do Progresso.

Vieira da Silva (rua) na Saude.

Vieira da Silva (rua) princ. na rua do Engenho Novo.

Vieira Souto (rua), na Copacabana.

Vieiras (avenida) é situada na rua Sergipe antica Real Grandeza.

Vigia (praça da) na Copacabana.

Villa Arthur Sawer, no Jardim Botanico.

Villa Formosa. São assim chamados os terrenos situados no morro do Pinto.

Villa Izabel, com este nome são conhecidos os terrenos que outr'ora constituian a fazenda denominada do Macaco.

Villa Izabel (rua de) em São Francisco Xavier.

Villa Rica. Assim são chamados os terrenos que ficam á esquerda da Copacabana.

Villa Rica (largo da) Andarahy Grande.

Villa Ruy Barbosa, rua dos Invalidos.

Villeta (rua) nas Officinas do Engenho de Dentro.

Villeta (rua de) princ. no Retiro da America.

Vinte e Cinco de Março (rua) no Campo praia de S. Christovão e fin. na praça Marechal Deodoro.

Vinte e Cinco de Março (rua) princ. na do Padilha.

Vinte de Março (rua) princ. na rua Doutor Lins de Vasconcellos, fin. na do Conselheiro Ferraz.

Vinte de Novembro (rua) na Copacabana.

Vinte e Oito de Setembro (praça) no princ. da rua da Prainha.

Vinto e Oito de Setembro (rua) princ. na muda da Tijuca.

Vinte e Oito de Setembro (boulevard) princ. na rua de S. Francisco Xavier.

Vinte e Oito de Agosto, em Villa Ipanema.

Vinte e Quatro de Maio (rua) princ. na esquina da rua de São Francisco Xavier.

Vinte e Seis de Janeiro (praça) na Copacabana.

Vinte e Seis de Maio (rua) termina no morro do Paim.

Vinte e Tres de Agosto (rua) na Copacabana.

Vinto e Tres de Novembro (rua) na estação Meyer.

Violas (rua das). Veja Theophilo Ottoni.

Virginia (avenida) na rua Gonzaga Bastos.

Visconde de Abaeté (rua) em Villa Izabel.

Visconde de Abaeté (rua do) Freg. da Lagôa.

Visconde de Amoroso Lima (rua) na Freg. do Espirito Santo.

Visconde de Caravellas (rua do) em Botafogo.

Visconde de Duprat (rua) no Campo de Marte.

Visconde Ferrira de Almeida) (rua na Tijuca.

Visconde de Figueiredo (rua) princ. na rua Conde de Bomfim.

Visconde de Gavea (rua) princ. na praça da Acclamação.

Visconde de Inhauma (rua do) princ. na praia dos Mineiros.

Visconde de Itaborahy (rua do) princ. na rua do Rosario e fin. no Arsenal de Marinha.

Visconde de Itamaraty (rua do) princ. na rua S. Francisco Xavier.

Visconde de Itaúna (rua do) princ. na praça da Acclamação.

Visconde de Maranguape (rua do) princ. no largo da Lapa.

Visconde de Mauá (rua do) no Engenho Novo.

Visconde de Ouro Preto (rua) na estação de Mangueira.

Visconde de Paranaguá (rua) Freg. da Gloria.

Visconde de Pirapetinga (rua) em uma avenida no Cattete.

Visconde de Rio Branco (praça do) Freg. de S. Christovão.

Visconde do Rio Branco (rua do) princ. na praça Tiradentes.

Visconde de Santa Cruz (rua do) princ. na praça Tiradentes.

Visconde de Santa Cruz (rua do) Freg. de Engenho Novo.

Visconde de Santa Izabel (rua do) em Villa Izabel.

Visconde de S. Vicente (rua do) em Villa Izabel.

Visconde de Sapucahy (rua do) princ. na rua da America e fin. na rua Frei Caneca.

Visconde de Sapucahy (travessa do) na rua do Visconde de Sapucahy.

Visconde de Silva (rua do) princ. na rua Sergipe, e atravessa a do Conde de Irajá.

Visconde de Tocantins (rua do) em Todos os Santos.

Viscondessa de Pirassinunga (rua) na Cidade Novo.

Vista Alegre (rua da) princ. na rua da Floresta e fin. na da Concordia.

Vista Alegre (travessa da) princ. na rua da Floresta.

Vista Alegre (travessa da) no Andarahy Grande.

Vista Alegre (rua) princ. na rua Treze de Maio e fin. na rua Guilhermina.

Vital (rua) no Cupertino.

Vital de Oliveira (rua) Freg. de S. Christovão,

Viuva (morro da) entre as praias do Flamengo e de Botafogo.

Viuva (travessa da) na fralda do morro do mesmo nome.

Viuva Claudio (rua da) princ. na esquina da Praia Pequena.

Voluntarios da Patria (rua dos) princ. na praia do Botafogo e fin. na rua Humaytá.

W

Wenceslau (rua) no Meyer.
Werna Magalhães (rua). Veja Conselheiro Werna Magalhães (rua).

Y

Ypiranga (rua) Freg. da Gloria.

Z

Z (rua) princ. na rua Catumby.
Zepherina (rua) em Todos os Santos.
Zepherina (travessa) princ. na rua Souza Barros.
Zepherino (rua) em Todos os Santos.
Zig-Zag (ladeira do) no morro de Paula Mattos.
Zig-Zag do Teixeira. Veja Teixeira Zig-Zag do.
Zizi (rua) princ. na rua da Baroneza de Uruguayana e não tem sahida.
Zizinha (avenida) na rua Pinheiro Guimarães, em Botafogo.
Zulmira (rua) princ. na rua de São Francisco Xavier.

A (morro do) na freguezia do Campo Grande.
Abilio (rua) principia na rua da Esperança, e finalisa na esquina da de Maria do Amaral.
Abreu (avenida) é situada na rua de Sant'-Anna.
Acclamação (praça da) outr'ora Campo de Sant'Anna.
Acre (rua) outr'ora da Prainha, princ. na praça Vinte Oito de Setembro e fin. na rua larga de S. Joaquim.
Adalgiza (rua) princ. na rua da Piedade e fin. na rua D. Maria, E. da Piedade.
Adelaide (rua) princ. na rua Redempção, e fin. na rua Cardoso, em Todos os Santos.
Adelaide (rua) na estação do Engenho de Dentro.
Adelia (travessa) é situada na Villa Ruy Barboza, rua dos Invalidos.
Adelia (rua) em Todos os Santos. Açude (rua) princ. no Alto da Boa Vista, e fin. na Floresta da Tijuca.

INDICE

	Paginas
Chronologia — Calendario	7
Quadro das festas moveis	8
Calendario gregoriano	9
Calendario ecclesiastico	10
O anno de 1910	17
Festas nacionaes brasileiras	18
Festas estaduaes	18
Festas nacionaes dos principaes paizes estrangeiros	20
Eclipses de 1910	23
Festas officiaes observadas nas legações e nos consulados estrangeiros.	24
Calendario perpetuo	25
Aspecto do Céu	26
Mezes do anno	38
Geographia. — Estatistica	63
A população do Brasil em 1906	64
Altitude das principaes montanhas do Brasil	66
Rios principaes com a sua extensão approximada	67
Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto Alegre	68
Administraçao, Presidentes, Governadores, Prefeitos	69
Forças militares	69
Navegação	70
As estações	71
A hora no Brasil	72
Climas do Brasil	72
Receita e despeza das provincias do Imperio do Brasil em 1889	74
Receita e despeza dos Estados da Republica em 1904	74
Exportação de productos mineraes do Brasil	75
A producção de assucar do Brasil	75
Nosso Commercio internacional	75
Importação e exportação	78
Ouro	79
Consumo annual do café em diversos paizes (1908)	80
Anno financeiro. — Exercicio de 1909.	81
Immigração em 1908	81
O Brasil no seculo XX	83
Guerra do Paraguay	90
Ultimas trincheiras	96
O rio Xingù	97
De um poeta japonez	100
Psychologia do bacharelismo	101
De Marco Aurelio	106
Livraria Garnier	106
O ideal Americano	113
S. Christovão	114
Nocturno	118
Notas sobre os Estados	121
Estado de Maranhão	121
A poezia no Japão	123
Estado da Alagôas	124
O general Osorio	125
Adeus	125
Rapto	127
Municipio de Araguary. — Jazida Carbonifera	132

	Paginas
Paisagens do Sul	134
Ferri : sua construcção scientifica	137
Cancioneiro de Leão XIII	155
Estado do Rio	156
Em nome da disciplina	160
Ideal	163
Subindo o Paraguay	163
Separaçao dos sexos	164
Constantinopla	166
Cartan de Gonçalves Dias	170
Uma poesia antiga	184
Versos Castelhanos	186
Peccavi	187
Estado do Rio Grande do Sul	188
Colonias italianas	195
Estado de S. Paulo	198
A cigarra, a formiga e a abelha	202
Estado de Pernambuco	205
O lugar de Camões na litteratura	207
Um pouco de filolojia comparada	218
Modelo pagão	222
Exegere dos psalmos	227
O plano dos Lusiadas	233
O nome Maranhão	246
Formulas militares	251
Ortografia da Academia	253
Cartas filolojicas	255
O San João	259
O Natal	263
Folk-Lore infantil	265
Poesias populares	271
Folk-Lore do Norte	272
Linguagem popular	277
Locuções populares brasileiras	279
No dominio do folk-lore, o Ceará	281
Folk-loristas brasileiros	287
A cidade	290
A cidade (Congresso dos Americanistas)	292
O novo abastecimento de agua da cidade	301
A variola	305
Hermes Fontes	305
Dois neologismos de Coelho Neto	307
Presença de espirito	308
Brazil	309
Escola de commercio Alvares Penteado	311
Estradas de ferro	312
Peregrinações	313
Thermometros	316
Estado de Minas Geraes	317
Versão de um epigrama de Sannazzaro	319
Machado de Assis (soneto)	319
Academia Brasileira	323
Alberto de Oliveira e Augusto de Lima	324
Lirios brancos	326
A madrugada	327
Consolatus afflitorum	327
Joaquim Nabuco	329
Duas irmãs	331
Pyramide	331
Canindé	332
Baccalaureato	337
Espirito Santo	338
Manto de Stella	339
No Golgotha	339
Dolce ricordo	340
A parasita	340
Nupcias	341
Alves de Amorim	342
Notas meteorologicas de varios lugares do Brasil	349
Nota sobre a representação politica	350
Matança do Gado no Rio Grande	350
População	351
Homens de côr no Brasil	352
A Cidade de São-Paulo	361
A linha telegraphica de Mato-Grosso ao Acre	362
Idolo Santo	366
O refem	366
Sonho desfeito	368
Machado de Assis	369
A censura	374
Agua morta	375
Judas	375
A tua mão	376

Paginas

Do Crime de Amor..... 377
Machado de Assis, A. Azevedo e João Pinheiro..... 379
Minha mae..... 383
Commercio exterior do Brasil..... 384
Exportação dos sete principaes artigos 385
Chá estrangeiro e chá nacional. Exportação de bananas..... 385
A uma desconhecida..... 389
Vicente de Carvalho..... 391
Cartões postaes..... 391
Exposição nacional de 1908..... 393
Eterno Culto..... 406
Estradas de ferro em trafego em 1 de Janeiro de 1909..... 406
O anno litterario e bibliographico... 413
Fregoli per dentro, a sua historia e o seu bastidor..... 419
D. Sylvana..... 422
Vinte naufragos salvos pelo *Benjamin Constant*..... 428
O lançamento do *Minas Geraes*..... 430
Dr. George Dumas..... 432
Enrico Ferri..... 432
Charles Richet..... 433
A visita da Esquadra Americana..... 434
Selvas e Ceus..... 435
Theotonio Freire..... 437
Hymno á noite..... 438
Diamantes brasileiros..... 440
Paginas de retratos e illustrações.... 442
A Escola Evolucionista..... 445
Incognito mal..... 447
Viuva..... 447
Fazenda velha..... 448
Juramento..... 448
Romance (poesia)..... 449
Madrigal de um louco..... 451
Pagina de illustrações..... 452
Terremotos no Brasil..... 458
Cidade de São-Paulo..... 461
Ainda S. Paulo..... 464
Construcções navaes..... 465
Algumas industrias da cidade do Rio de Janeiro..... 466

Pag

A carne que comem os Cariocas..... 4
População da Capital.....
Quantidade de volumes entrados e sahidos na alfandega do Rio de Janeiro durante o anno de 1908... 468
Quantidade e especie de embarcações descarregadas na alfandega do Rio de Janeiro durante o anno de 1908. 468
Quantidade de volumes descarregados para a alfandega do Rio de Janeiro com indicios de avaria, durante o anno de 1908..... 469
Importação (continuação)..... 469
Exportação (continuação)..... 470
Exportaçao dos sete principaes artigos (continuação)..... 470
Necrologios do anno de 1908..... 473
A Lavoura..... 499
Anatole France..... 501
Visita de Anatole France a Academia Brasileira..... 502

TABELLAS. — NOTAS. — INFORMAÇÕES.

Governo da Republica..... 509
Governadores dos Estados..... 509
Senado Federal..... 510
Secretarias de Estado..... 511
Tribunal de Contas..... 511
Consulados no Rio..... 512
Dias de sessões e audiencias, e séde dos tribunaes..... 512
Repartições Publicas e Ecclesiasticas..... 512
Justiça Federal..... 513
Justiça do Districto Federal..... 514
Pretorias (juizes)..... 515
Official do Registro Especial..... 516
Registro Geral de Hypothecas..... 516
Tabelliães..... 517
Delegacias de Policia..... 517
Pagamento de impostos..... 518
Imposto do sello..... 519
Dias em que não se vencem letras e obrigações commerciaes.....

INDICE

	Paginas
...ncos e estabelecimentos de credito	521
...xas do correio	522
...as telegraphicas	525
...a para o trafego com a « Western »	526
	526
Asylos	527
Hospitaes particulares	527
Jardins e passeios	528
Partida e chegada dos trens rapidos e nocturnos	529
Theatros	533
Vehiculos publicos	537
Tabella para aluguel de automovel	534
Enterros	537
Caixa de conversão	538
Pesos e medidas	542
Medidas inglezas e sua conversão	
Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e *vice versa*	546
Tabellas de juros	547
Moedas	550
Cambio	554
Peso especifico de algumas substancias	566
Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas	567
Relação entre as unidades de pressão	567
Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur	568
Expediente	569
Indicador das ruas do Rio de Janeiro	571

ALIMENTO DAS CRIANÇAS

LA SANTÉ RENDUE A TOUS

NÉVRALGIES

MIGRAINES, NEURASTHÉNIE et toutes MALADIES NERVEUSES. Guérison certaine par les PILULES antinévralgiques du Dr CRONIER

PRIX : 3 fr. LA BOITE avec Notice. *Franco poste.*

Dépôt : SCHMITT, Pharmacien, 75, rue La Boétie, PARIS, et toutes bonnes pharmacies.

LES PILULES ANTINÉVRALGIQUES DU Dr CRONIER SONT TRÈS RECOMMANDÉES

ANÉMIE PILULES CRONIER

A l'Iodure de Fer et de Quinine
Toniques, Fébrifuges et reconstituantes
Le plus efficace des ferrugineux

Le flacon avec notice 4 fr.; 1/2 flac 2 fr. En

PARIS. — Typ. H. GARNIER.

VENEZUELA
COLOMBIA
BOGOTÁ
ECUADOR
PERÚ
BOLIVIA
LA PAZ
GUIANA INGLEZA
GUIANA HOLLANDEZA
GUIANA FRANCEZA
Cayenna
OCEANO ATLANTICO
Equador
AMAZONAS
PARÁ
MARANHÃO
PIAUHY
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAHYBA
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
BAHIA
GOYAZ
MATTO GROSSO
MINAS GERAES
ESPIRITO SANTO
RIO DE JANEIRO
S. PAULO
PARANA
SANTA CATHARINA
RIO GRANDE DO SUL
TERRITORIO DO ACRE
ARGENTINA
URUGUAY
CHILI
OCEANO PACIFICO
Manaos
Belém
S. Luiz
Fortaleza
Natal
Recife
Maceió
Aracaju
S. Salvador
Cuyabá
Goyaz
Bello Horizonte
Victoria
Nictheroy
RIO DE JANEIRO Districto Federal
S. Paulo
Curityba
Florianopolis
Porto-Alegre
BUENOS-AYRES
MONTEVIDÉO
SANTIAGO
Manáos
Rio Branco
Villa Bella
Cuzco
Arequipé
Sucre
Potosi
Cochabamba
Oruro
Tacna
Antofagasta
Salta
Tucuman
Mendoza
Valparaiso
Rio Purús
Rio Juruá
Rio Madeira
Rio Tapajoz
Rio Xingú
Rio Tocantins
Rio Parnahyba
Rio S. Francisco
Rio Paraguay
Rio Paraná
Rio Uruguay
Rio Negro
Rio Jurua
Rio Solimões
Rio Orenoco
Rio Uraricoera
Rio Branco
Rio Içá
Rio Javary
Rio Jamary
Rio Gy-Paraná
Rio Beni
Rio Madre de Dios
Rio Mamoré
Rio Guaporé
Rio Tapajós
Rio Arinos
Rio Paranahyba
Rio Grande
Rio Pardo
Rio Jacuhy
Rio Ibicuhy
Rio Ibicuhy-merim
Rio Negro
Rio Chuy
Rio Tramandahy
Rio Jaguarão
Rio Parahyba do Sul
Rio Doce
Rio Pardo
Rio Mucury
Rio Jequitinhonha
Rio Francisco
Rio Grande do Norte
Rio Parnahyba
Rio Gurupy
Rio Capim
Rio Tocantins
Rio Xingú
Rio Tapajós
Rio Madeira
Rio Purús
Rio Juruá
Rio Solimões
Rio Orenoco
Rio Uraricoera
Rio Branco
Rio Içá
Rio Javary
Rio Jamary
Rio Gy-Paraná
Rio Beni
Rio Madre de Dios
Rio Mamoré
Rio Guaporé
Rio Tapajós
Rio Arinos
Rio Paraguay
Rio Paraná
Rio Uruguay